

Dom Bosco
padre dos jovens
no século da liberdade



Pietro Braido

**Dom Bosco
padre dos jovens
no século da liberdade**

Segundo Volume



Direção geral: Ailton A. dos Santos
Direção administrativa: Edson Donizetti Castilho

Coordenação editorial: Alex Criado
Equipe editorial: Luiz Eduardo Baronto
Ana Cláudia Ramacciotti Vieira
Ageda Cristina Guijarro
Deborah Quintal

Equipe de arte: Gledson Zifssak
Luciene Cardoso

Equipe de comunicação: Ana Cosenza
Elisa Rodrigues

Tradução: Geraldo Lopes e José Antenor Velho

Preparação de originais e revisão de tradução: João Luís Fedel Gonçalves

Capa: Gledson Zifssak

Diagramação: Ana Totaro

Secretaria editorial: Graciela Naliati

Impressão e acabamento: Escolas Profissionais Salesianas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)	
Braidó, Pietro Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade : segundo volume / Pietro Braidó ; [tradução Geraldo Lopes]. – São Paulo : Editora Salesiana, 2008.	
Título original: Don Bosco, prete dei giovani nel secolo delle libertà.	
1. João Bosco, Santo, 1815-1888 2. Santos cristãos - Biografia I. Título.	
08-05699	CDD-282.092
Índices para catálogo sistemático:	
1. Santos : Igreja Católica : Biografia 282.092	

Todos os direitos reservados:

EDITORA SALESIANA
Rua Dom Bosco, 441 - Mooca
03105-020 São Paulo - SP
Fones: (11) 3274-4906 / 3274-4953
Fax: (11) 3209-4084
vendaslivros@editorasalesiana.com.br
www.editorasalesiana.com.br

INTRODUÇÃO

Em um momento particularmente delicado do processo pela beatificação e canonização de Dom Bosco, dom Giuseppe Francesco Re (1848-1933), bispo de Alba de 1889 a 1933, negava decididamente que Dom Bosco pudesse ter tido qualquer parte nos opúsculos anônimos sob a responsabilidade de dom Gastaldi e divulgados como circular entre 1878 e 1879. Entre as várias razões, aduzia uma totalmente inédita. “É minha convicção – iniciava – que Dom Bosco não tenha de nenhum modo tomado parte, porque sua delicadeza não teria certamente aprovado certas frases muito fortes contra o arcebispo, tendo apresentado, ao contrário, recurso à Santa Sé em caso de se sentir atingido por algumas disposições do mesmo arcebispo”. Imprevisivelmente, prosseguia: “Há ainda outra causa sobre a qual se apoia minha convicção, que diz respeito ao estado de saúde de Dom Bosco na época da publicação de tais opúsculos. *Após a morte de Dom Bosco, soube pelo teólogo Giulio Barberis, salesiano, que nos últimos anos a direção efetiva da Pia Sociedade Salesiana já estava nas mãos do padre Rua, a quem Dom Bosco costumava endereçar os sacerdotes e jovens que a ele recorriam procurando conselho. Ouvi do cardeal Alimonda que, conforme relação que lhe fora feita pelo doutor Fissore, Dom Bosco estava afetado de paralisia cerebral progressiva causada por lenta calcificação do cérebro. Parece-me que, se o venerável não podia ocupar-se de coisas mais importantes da Sociedade Salesiana, muito menos podia ainda ocupar-se das coisas de que tratavam os opúsculos*”.¹

Parece arriscado tirar conclusões apressadas e sumárias sobre a saúde de Dom Bosco de tais informações atravessadas. Problemas de saúde temporários, certamente não exclusivos do final dos anos 70, e os mais freqüentes do decênio sucessivo, não deveriam criar dúvidas sobre o extraordinário e agitado ativismo que caracteriza a fase mais intensa da biografia de Dom Bosco. Essa fase precede, mas não encobre, a última, a fase do efetivo e lento declínio físico iniciado em dado momento de 1883, pelo que se mostra infundada a tentativa de circunscrever em uma só análise dois tempos notavelmente diferentes.²

Entre o padre Barberis que falava e dom Re que ouvia era extremamente fácil o equívoco. Nos anos 70, com rápido desenvolvimento, as obras se estendiam além de

¹ Taurinen. *Beatificationis et canonizationis Ven. Servi Dei Joannis Bosco Sacerdotis Fundatoris Piae Societatis Salesianae, Positio super dubio: An Adducta contra Ven. Servum Dei obsten, quominus in Causa procedi possit ad ulteriora?* Roma, Tipografia Augustiniana, 1921, p. 135. Itálico nosso.

² Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. III, p. 179-180.

Turim e do Piemonte. Tornava-se sempre mais complexo o governo, em nível administrativo, disciplinar e de assistência formativa, e a presença de Dom Bosco no Oratório mostrava-se necessariamente menos contínua. Paralelamente, crescia o envolvimento dos membros do Capítulo Superior, encarregados de atividades específicas: disciplinares e administrativas, pelo prefeito ou substituto, padre Rua; espiritual e formativa, pelo catequista ou diretor espiritual geral, padre Giovanni Cagliero; edilícia, jurídica e contábil, pelo ecônomo geral, padre Ghivarello ou padre Boldrato ou padre Savio ou padre Sala; cultural e escolar, pelo padre Durando; de formação direta dos noviços, pelo padre Giulio Barberis. As exigências da busca do indispensável sustento financeiro, o cuidado dos benfeitores e dos cooperadores, as relações com as autoridades civis e eclesíásticas faziam com que, em ritmo crescente, o dinamismo de Dom Bosco se exprimisse por freqüentes, e por vezes prolongados, espaços de tempo fora do Oratório, ainda mais após a abertura das casas de Nice e Marselha. Era igualmente inevitável que o governo cotidiano e imediato do Oratório ficasse sempre mais e com aumentada visibilidade a cargo do pessoal diretamente delegado, sob a guia do prefeito geral padre Rua, vice-diretor da casa-mãe até 1875, substituído depois pelo padre Lazzero. É bem provável que, em suas conversas com dom Ré, padre Barberis, espectador atento e cronista escrupuloso de tudo o que acontecia no centro da Congregação, se referisse antes de tudo e sobretudo a essa série de situações completamente mudadas em relação aos decênios precedentes.

Na realidade, será possível verificar que, nos anos 70 e não somente, Dom Bosco não cede nada de sua autoridade suprema e imediata sobre tudo o que diz respeito às suas obras, a começar pela primeira, e que as inúmeras iniciativas são quase sempre solicitadas e promovidas por ele mesmo, e que as decisões são tomadas diretamente por ele ou então por ele analisadas e aprovadas. Dom Bosco se torna ainda governante primário e inquestionável nas freqüentes visitas a cada casa, mesmo quando o padre Rua vai na condição de “visitador” oficial, como prefeito da Congregação, e transmite ao superior local normas precisas, vinculantes sob o plano da disciplina e da administração. O superior-fundador, quando muito, acentua sobretudo a parte “paterna” da direção e a função de animador, não sem repartir, conforme as ocorrências, as oportunas disposições.

O mesmo acontece quando são instituídos os “inspetores” ou provinciais, encarregados de determinados grupos de obras localizadas em espaços geográficos homogêneos. O governante, a quem pertencem as decisões importantes, era obviamente sempre Dom Bosco, salvo os casos em que, por norma do direito, era necessário o parecer ou o voto dos membros do Conselho Geral ou Capítulo Superior, geralmente presidido por ele, mesmo nos anos de saúde precária. Longe ou perto ele é mestre e superior, também dos “superiores” e dos “mestres”. Demonstra isso em modo tangível a inequívoca “diretividade” que exercita nas Conferências Gerais, nos Capítulos Gerais, nas inúmeras sessões do Capítulo ou Conselho Superior, nos quais a última palavra é sempre a sua, não somente exortativa e animadora, mas resolutiva e decisória. Mesmo quando será nomeado canonicamente vigário com plenos poderes, padre Rua continuará a informá-lo, a escutar seu parecer, naturalmente sem se eximir da própria responsabilidade pessoal em relação aos colegas e a questões do mundo.

Bem diverso torna-se o discurso se a expressão “os últimos anos”, à qual pode ter-se referido padre Giulio Barberis, interpretados com inexatidão por seu interlocutor, se estendendo ao quinquênio 1883-1888. “Desde o início da viagem” de 1883 para a França, Dom Bosco “parecia tão cansado que não podia celebrar a missa da comunidade”, informa Eugenio Ceria, falando da breve parada no Colégio de Alassio.³ Oneroso e fatigante, em particular pela cansativa *corvée* de Paris, isso influíu bastante para tornar mais sensível o precoce envelhecimento de Dom Bosco, já em curso, parecendo aos que o viam pela primeira vez ainda mais pronunciado do que era a seus familiares na convivência diária de Valdocco. Já em 13 de maio de 1881 o cronista do jornal romano *L’Aurora*, informando sobre a Conferência dos cooperadores, ocorrida no dia precedente, em Tor de’ Specchi, com introdução de Dom Bosco e discurso do cardeal Alimonda, escrevia como se lhe apresentava Dom Bosco: “um homem quebrado pelos anos, mas vigoroso pelo fogo do zelo”. Mais adiante, porém, acrescentava que “sua palavra era calma como seu aspecto”⁴. Tal imagem era familiar a salesianos e jovens que freqüentemente, e por muito tempo, tinham oportunidade de vê-lo e ouvi-lo, mas ninguém entre eles colocava em dúvida a integridade de suas energias físicas, mentais e operativas. De resto, o fraterno amigo, cardeal Gaetano Alimonda devia estar bem persuadido disso. Com efeito, em março de 1880 ousava sugerir ao papa Leão XIII de convidar justamente Dom Bosco a assumir a empresa à qual tinha se empenhado com tanta fé e zelo o jovem barnabita Antonio Maria Maresca (1831-1891): a construção da Igreja Sagrado Coração de Jesus. E o próprio Leão XIII, que depois, quatro anos mais tarde, vendo as condições de saúde de Dom Bosco na audiência de 9 de maio de 1884, se mobilizaria para que o fundador cedesse o lugar a um sucessor ou vigário com plenos poderes, não tinha nenhuma hesitação em dar andamento ao conselho recebido.⁵ Porém, como se viu, o cardeal não deixou sozinho o venerado cireneu e, já no dia 12 de maio de 1881, estava em Tor de’ Specchi a fazer um ardente *sermon de charité* em favor das muitas empresas do apóstolo de Turim, igualmente operante na Urbe.⁶ Era prelúdio de posteriores e concretos sinais de amizade e de relevante iniciativa da qual se falará adiante.⁷ Mas também no último quinquênio qual é o ser e o agir de Dom Bosco? Ele “vive”, vive tão intensamente até que reste um pequeno respiro, segundo um princípio de sabedoria humana e cristã que enuncia com absoluta simplicidade no curso da última doença. Entristecido, anota o fiel secretário. Referindo-se às 11 horas de 29 de

³ MB XVI 35. “Dom Bosco pôde fazer um pequeno repouso, do qual sentia extrema necessidade”, anota com relação à noite de 13/14 de fevereiro passada em Mentone, hóspede de um lorde inglês amigo (MB XVI 38).

⁴ BS 5(1881) n. 6, junho, p. 6.

⁵ Cf. o testemunho do padre Francesco Cerruti no processo de beatificação e canonização: *Positio super virtutibus. Summarium*. Roma, Tipografia Agostiniana, 1923, n. III: De operibus et foundationibus, p. 137.

⁶ Cf. “La conferenza dei cooperatori a Roma”, BS 5(1881) n. 6, junho, p. 6-7.

⁷ Cf. cap. 30, § 2.

dezembro de 1887, um dos dias críticos de fim de mês, recorda: “Às 11 horas ele pede de beber. Era-lhe negado por causa dos muitos e freqüentes vômitos: – Aquam nostram, disse, pretio bibimus. – É necessário aprender a viver e a morrer, uma coisa e outra”.⁸ O enunciado é novo, mas é, desde sempre, seu programa. Ele pode ser visto, delineado nos traços essenciais, em um “sonho”, mais que nunca existencialmente diurno, da noite de 17 a 18 de janeiro de 1883. Fato significativo, ele deixou o manuscrito autógrafa. Na realidade é um auto-retrato involuntário, mas lúcido e consciente, hipoteca da breve e intensa biografia no futuro. Torna-se eloqüente pelo diálogo que se instaura entre ele e o padre Francesco Provera, já no paraíso, o qual, após breve colóquio, pretende despedir-se. “Não, lhe disse, não vai embora, mas fala-me, dize-me e dize-me alguma coisa a meu respeito. – O senhor contitue a trabalhar. Muitas coisas o esperam. – Ainda por muito tempo? – Não muito. Mas trabalhe com todo os esforços possíveis como se tivesse que viver sempre: mas... Mas sempre bem preparado – (...).⁹ É possível subcrever, acentuando-as ainda mais e integrando, as impressões conclusivas de um ensaio de Francis Desramaut sobre os últimos anos de vida de Dom Bosco.¹⁰ Dom Bosco aceitou e viveu sua velhice com singular energia psicológica e moral, embora sofrendo intimamente separações, momento da mais aguda solidão e de forçada inação. Não se entregou jamais ao enfraquecimento progressivo no plano físico. Até os últimos meses, semanas e dias antes da morte trabalhou com tenácia, viajou, caminhou, conversou; sentiu-se envolvido ativamente no presente e no futuro das obras juvenis e dos institutos religiosos aos quais tinha dado vida e dos quais desejava e favorecia os desenvolvimentos posteriores; fez e recebeu visitas, e esteve à disposição dos seus, dos outros, da Igreja e do mundo; escreveu cartas, rezou e olhou com fé firme e esperança lúcida o fim supremo, que tinha dado sentido à toda a sua existência.

⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di D. Bosco. Dal 23 dicembre 1887 ao 31 gennaio 1888*, p. 19.

⁹ C. ROMERO, *I sogni di Don Bosco*, p. 76-77.

¹⁰ Cf. F. DESRAMAUT, “Don Bosco negli ultimi anni della sua vita (1885-1887)”, in: C. SEMERARO, (org.), *Invecchiamento e vita salesiana in Europa*, Leumann (Turim), Elle Di Ci, 1990, p. 175-195.

Segunda seção

O PERÍODO DA MÁXIMA INTENSIDADE DE AÇÃO (1870-1882)

Introdução

No decênio 1879-1882 Dom Bosco atingiu o ápice de seu empreendedorismo e operosidade. A *Exposição* sobre o estado da Congregação de 1879 e a entrada dos salesianos no território das missões patagônicas em janeiro de 1880 assinalavam o cumprimento do conjunto de suas iniciativas institucionais. O resto seria expansão quantitativa, integração, aperfeiçoamento, consolidação.

O primado absoluto na atividade de Dom Bosco dizia respeito absolutamente ao fim primordial assumido desde o início como missão de vida: a salvação dos jovens, a assistência, a educação. Para aí convergiam, direta ou indiretamente, todas as energias profusamente: para a criação de internatos e colégios e para sua gestão, para a construção de igrejas ou sua recuperação, para a fundação do Instituto das FMA, para o esforço de dar consistência jurídica permanente à Sociedade Salesiana, para a qualificação religiosa do governo e da animação, para a incessante busca de subsídios financeiros e o alargamento do grupo de benfeitores e benfeitoras, para a promoção da imprensa religiosa, educativa e escolar, para o próprio serviço prestado ao papa e à Igreja por meio de atividades formalmente não juvenis. Estava empenhado igualmente na consolidação espiritual e pedagógica das comunidades consagradas à educação dos jovens e do povo, no ministério de confessor e diretor espiritual entre os jovens, na promoção das vocações eclesiais, religiosas, salesianas, e, enfim, nas conferências, cartas, circulares, encontros individuais e comunitários. Aos mesmos objetivos convergiam as batalhas sustentadas contra os que eram considerados como freios, pedras no caminho ou barreiras, mesmo que se tratassem de autoridades legítimas, civis ou eclesiais, e a busca de apoios externos: junto do papa, do secretário de Estado, de cardeais e bispos, de ministros e homens políticos, de administradores da coisa pública e homens da finança.

Os anos a seguir assinalam a consecução, com diferentes níveis de plenitude, de dois grandes desejos. Ao primeiro Dom Bosco chega através da silenciosa incubação de vários anos, durante os primeiros ainda incerto, depois realidade que talvez supera amplamente as expectativas: é a fundação do Instituto das FMA. O segundo, ao contrário, é certamente notável – a aprovação das Constituições da Sociedade Salesiana –, mas representa o redimensionamento de tudo o que Dom Bosco teria desejado para sua completa estruturação jurídica e autonomia funcional, mediante a obtenção dos “privilégios” e, sobretudo, da isenção liberadora. De qualquer forma, sobre essas bases torna-se mais ágil o lançamento internacional da obra salesiana com o advento na França e na América do Sul, enquanto contemporaneamente toma forma a original

associação leiga e eclesiástica dos cooperadores e das cooperadoras. Na segunda parte do sexênio sobressai-se pela intensidade de compromissos o ano de 1877, caracterizado pela celebração do Primeiro Capítulo Geral da Sociedade Salesiana, enquanto Dom Bosco se mostra incansável promotor de novas obras na Europa e na América do Sul, defensor dos direitos próprios e da Sociedade Salesiana no âmbito leigo e eclesiástico.

Trata-se, portanto, de uma ampla gama de acontecimentos que assinala o máximo de intensidade da biografia do protagonista, o qual, sempre ativo, não será poupado de momentos altamente dramáticos, também nos albores do decênio que se segue, o último.

Capítulo XVIII

A EXPANSÃO INTERREGIONAL DOS COLÉGIOS E A GESTÃO DAS OBRAS (1869-1874)

- 1869 27 de maio: nova lei restritiva sobre o serviço militar
outono: assunção do colégio civil de Cherasco (Cuneo)
- 1870 outono: início do colégio civil de Alassio
novembro-dezembro: nova edição da *História eclesiástica* (LC)
- 1871 outono: início do Colégio Civil de Varazze
início do Pequeno Internato de Marassi (Gênova)
- 1871 3 de junho: toma a responsabilidade da construção da Igreja paroquial São Segundo (assumida pela arquidiocese em maio de 1873)
início do envolvimento de Dom Bosco na questão dos *exequatur* para os bispos
- 1872 início das tratativas para a reestruturação do Oratório São Luís e a construção da Igreja São João Evangelista (abençoada em 1882)
outono: transferência da pequena obra de Marassi no Internato de Sampierdarena (Gênova)
outono: elevação do Colégio dos Nobres de Valsalice (Turim)

Dom Bosco não é, certamente, um mestre de oratória: comportamentos, gestos e palavras são inspirados com reserva, simplicidade e concretude. Esses traços, porém, não facilitam a tarefa do biógrafo. Seu agir, com efeito, é decididamente complexo e intrincado. No mesmo dia ele é o padre que escuta as confissões dos jovens, fala com eles em público e em privado, dirige, decide, e também o que, como superior religioso de seus colaboradores, promove a unidade da ação educativa; e, ainda, é o que administra, preocupa-se com faturas vencidas, escreve cartas, sai para pedir esmolas aos benfeitores, e também o que elabora projetos a curto e médio prazo.

Nos primeiros anos da década de 70 expõe-se simultaneamente a despesas milionárias para ampliar e reestruturar as obras existentes, adquirir terrenos e edifícios para o novo colégio de Borgo San Martino, abrir novos colégios. Simultaneamente cuida da consolidação do espírito religioso dos sócios da Sociedade, presidindo pessoalmente, entre verão e outono, seus exercícios espirituais e dos jovens aspirantes e noviços [inscritos]. Visita os colégios e escreve a seus habitantes. Não falta o apaixonado envolvimento na questão do *exequatur* aos bispos.

O presente capítulo trata disto, recordando que outra importantíssima iniciativa também o ocupava, como se dirá no próximo capítulo: o empenho sempre maior para a fundação do Instituto das FMA.

1. A expansão dos colégios (1869-1873)

O fenômeno mais notável, interna e externamente, é a dilatação do processo de colegialização. Dom Bosco não é levado a esse processo, mas explicitamente o quer e promove. Este se alarga e se qualifica posteriormente, de modo a aprofundar sua missão e a dos seus, ao lado da idade que cresce em todas as condições de expectativas, de aspirações e, às vezes, de mal-estar. Acontecem sucessivamente os convênios com os municípios de Cherasco (1869-1871), Alassio (1870) e Varazze (1871) para gestão de colégios civis, e a aceitação do Colégio dos Nobres, de Valsalice-Turim (1872). A experiência de Cherasco foi transitória, somente de um biênio. Funcionou por um ano (1871-1872) o Pequeno Internato de Marassi (Gênova), transferido sem solução de continuidade a Sampierdarena. Essas novas instituições juvenis têm particular importância para a biografia do padre dos jovens, seja porque são as que, junto com o Oratório de Valdocco, Mirabello (depois Borgo San Martino) e Lanzo, ele dirigia por meio dos primeiros colaboradores de maior confiança, seja porque, no contato com elas, Dom Bosco elaborava e aperfeiçoava seu sistema educativo, marcado pelo ambiente colegial. A partir de 1875 passaram a fazer parte desse grupo as primeiras fundações francesas de Nice e de Marselha, seguidas no ano seguinte da significativa presença em Vallecrosia, na Ligúria.

1.1 Cherasco (1869-1871)

Dom Bosco fora chamado a Cherasco pelos irmãos Lissonne, um deles pároco da igreja abacial e vigário forâneo, o outro prefeito. Ambos desejavam reativar na ilustre cidadezinha da diocese de Alba um instituto que já fora gestido pelos padres somascos, dispersos em força da lei de 7 de julho de 1866. O convênio estipulado com o município, em 18 de agosto de 1869, era análogo ao de Lanzo, com as mesmas finalidades e condições a respeito da disciplina e da moralidade. Dom Bosco se comprometia a manter classes elementares e ginasiais, com programas estatais e professores “idôneos”, pagos com a soma cumulativa de 10 mil liras anuais.¹

¹ Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*, p. 145-146; nas p. 430-432 encontra-se o texto do convênio.

Ao convênio seguiam o pedido das necessárias autorizações às autoridades escolares² e a súplica ao papa para o uso de um edifício que fora de outra ordem religiosa.³ O jornal *L'unità cattolica* anunciava início das atividades e informava a respeito dos dois respectivos níveis de pensão, 24 e 35 libras ao mês. Fazia do colégio boa publicidade: “os bons sucessos obtidos nas outras escolas dirigidas por Dom Bosco dão ampla garantia de que no novo colégio nada faltará do que pode contribuir para a moralidade, a saúde e o proveito científico dos alunos”.⁴

Quase no final do ano escolar, porém, surgiam dissensos entre as partes em relação à equiparação e a reformas necessárias, sobre as quais, além disso, Dom Bosco pedia uns meses depois para que se reunissem a fim de resolver os graves problemas de higiene que tinham surgido.⁵ O dissídio colocava-se, posteriormente, sobre a questão dos títulos legais dos professores. Dom Bosco sustentava que no convênio se falava de professores “idôneos”, e não “de títulos nem de equiparação”. Permanecia, em todos os casos, o problema da insalubridade do local, causa de doenças entre os jovens.⁶ Esta última era invocada, enfim, como “único motivo” pelo distrato do convênio, que ele enviava ao prefeito em 11 de março de 1871, e que confirmava em outra carta, de 29 de julho.⁷

Segundo o convênio, o aviso prévio, de uma parte ou de outra, devia ser dado cinco dias antes da retirada. Dom Bosco era chamado em juízo pelo tribunal, que, em 17 de outubro, obviamente acolhia a tese da autoridade municipal. Após recurso de apelação da parte de Dom Bosco, a Corte pedia um suplemento de pesquisa. A controvérsia terminava em agosto de 1878, com uma negociação: Dom Bosco versava 6.500 libras [19.600 euros] e renunciava aos salários atrasados dos professores, não pagos pelo município.⁸

Já em outono de 1871 o pessoal ocupado em Cherasco era enviado a iniciar o novo Colégio Civil de Varazze.⁹

² Carta de 14 de setembro de 1869; Em III 134-135. Cf. a carta a correspondente não identificado, de 29 de agosto; Em III 130. Para a continuação da negociação se servia do neo-diretor, padre G. B. Francesia, 9 de novembro de 1869; Em III 152. A ele escrevia também de Roma no dia 9 de fevereiro, 1870; Em III 178-179.

³ Carta de 30 de setembro de 1869; Em III 141. Cf. também carta a dom E. Galletti, bispo diocesano, com um memorial a ser enviado à Congregação dos Bispos e Religiosos, para idêntica autorização.

⁴ “Collegio-convitto di Cherasco”, *L'Unità Cattolica*, n. 223, domingo, 26 de setembro de 1869, p. 1041.

⁵ Ao novo prefeito, 9 de fevereiro de 1871; Em III 306-307.

⁶ Ao prefeito, 9 de fevereiro de 1871; Em III 306-307.

⁷ Em III 315-316 e 350-351.

⁸ ASC F 680, mcr 2575 C12-D5; cf. Em III 351, lin. 25.

⁹ Ao provedor dos Estudos de Gênova, Giov. Daneo, 8 de agosto de 1871; Em III 352.

1.2 Alassio (1870)

A iniciativa de dar nova vida ao colégio municipal de Alassio, na Ligúria, era do cônego Francesco Della Valle (1830-1898). Para tanto, empenhavam-se imediatamente, valendo-se da sua mediação, o prefeito e o Conselho Municipal.¹⁰ Na verdade, já em 1863 Della Valle tinha pedido a Dom Bosco a implantação de uma obra juvenil na cidadezinha ligure, recebendo então somente o convite para que fosse falar-lhe em Turim. Das novas tratativas diretas com a administração municipal eram prelúdio três cartas do preboste a Dom Bosco: de 7 de julho, de 20 de agosto e de 17 de setembro de 1869. Nestas formulava-se uma proposta bem precisa, isto é, a gestão das classes elementares e ginasiais e de um eventual curso técnico. As conversas visando a um acordo tinham começado na metade de 1869 e prosseguiram com muita ponderação, em clima de mútua confiança, conduzindo em menos de um ano à desejada conclusão. Em 22 de setembro era lida e discutida no Conselho Municipal a carta de Dom Bosco, de 26 de agosto, contendo uma proposta de convênio. Dificuldades financeiras não permitiram a decisão imediata, sem interromper, no entanto, a continuação das tratativas. Em 29 de novembro Dom Bosco estava em Alassio com o padre Rua, ocupando os dois dias seguintes para conhecer os lugares disponíveis, principalmente o ex-convento e a Igreja Nossa Senhora dos Anjos, antes das supressões napoleônicas dos menores reformados, e o Palácio Durante. Em 2 de dezembro, na reunião do Conselho Municipal, realizado com a participação de Dom Bosco, chegava-se a um acordo de princípios. Nos meses seguintes cuidava-se das exigências da lei: com o Conselho Escolar de Gênova para a abertura das escolas e do internato,¹¹ e com o Patrimônio para a aquisição do ex-convento.¹² A compra dos edifícios, por norma da lei, lembrada pela resposta do intendente de Finanças, de 27 de abril, não podia se efetuar somente com contrato privado, mas mediante edital público. Na sessão de 1º de junho de 1870, estando Dom Bosco presente, o Conselho Municipal decidia a atualização da deliberação de 2 de dezembro de 1869, aprovada pelo Conselho Escolar em 30 de março. O convênio era então assinado por ambas as partes.

Dom Bosco se movia imediatamente em várias direções. Antes de tudo, enviava ao provedor dos Estudos a documentação exigida: o plano dos locais, a declaração sobre o estado de higiene, o pedido de abertura das escolas, a lista dos professores.¹³ Além

¹⁰ Para a breve síntese dos fatos segue-se a monografia de A. Miscio, *Da Alassio Don Bosco e i Salesiani in Italia e nel mondo*. Turim, SEI, 1996, p. 2-56. Infelizmente, das cartas de Dom Bosco que eram guardadas no arquivo paroquial de Alassio, permaneceu somente o catálogo redigido pelo mesmo Della Valle.

¹¹ Cf. carta de Dom Bosco ao cônego F. Della Valle, 7 de abril de 1870; Em III 197.

¹² Ao intendente de Finanças de Gênova, 17 de abril de 1879; Em III 200-201. Pedido semelhante já fora feito no dia 9 de abril pela Junta Municipal; MB IX 845.

¹³ Cf. carta ao cônego F. Della Valle, 21 de junho de 1870 (Em III 220-221), e ao provedor, G. Daneo, 26 de julho de 1870 (Em III 232-233).

disso, uma vez que a assunção da obra implicava também a fundação de uma casa religiosa, Dom Bosco, por norma das Constituições Salesianas, pedia as necessárias faculdades ao papa, imediatamente concedidas.¹⁴ O edital para a aquisição do ex-convento acontecia em 12 de setembro, entre dois concorrentes da mesma parte: à pedido de Dom Bosco, o benfeitor cônego Francesco Ampugnani (1818-1895)¹⁵ e o padre salesiano Angelo Savio, que nela participava com procuração formal de Dom Bosco.¹⁶ O edital se encerrava em 25 mil libras, com vitória do cônego. Embora ele esperasse algum razoável reconhecimento, que não se deu, mantinha a promessa, feita em 2 de setembro, a Dom Bosco: versava com absoluto desinteresse toda a soma.¹⁷ Permanecia, porém, irremediavelmente ferido pelo comportamento do padre Savio, agravado pelas maldosas e ofensivas interpretações dadas em Alassio à sua participação no edital público. Não o acalmou a carta que Dom Bosco lhe enviava no dia 1º de outubro: estava convencido que os acontecimentos teriam tido outro desenvolvimento se Dom Bosco estivesse pessoalmente presente, “ou outros menos desconfiados”.¹⁸

Os salesianos chegavam em Alassio na primeira metade de outubro, capitaneados pelo diretor, padre Francesco Cerruti (1844-1917), homem de especiais dotes intelectuais e práticos,¹⁹ auxiliado pelo prefeito ou vice-diretor e ecônomo, o experiente padre Bodrato (1823-1880). A comunidade compreendia, além disso, outro sacerdote, padre Giovanni Garino, autor da *Gramática grega para o ginásio e o liceu* (1888), muito utilizada, além de cinco clérigos professores e sete inscritos ou noviços, dos quais cinco clérigos e dois coadjutores.

Já em 17 de outubro, Dom Bosco escrevia ao diretor, prometendo enviar-lhe “em breve um regulamento especial”, ou seja, um impresso com as condições de aceitação dos jovens internos. No primeiro ano devia limitar-se a abrir “as quatro elementares e a primeira do ginásio”. As outras, por enquanto, deviam ser somente esboçadas. Prometia-lhe uma visita assim que o colégio estivesse encaminhado e assegurava-lhe o sustento: “faze o que podes; pede o que é preciso e faremos tudo para que nada lhes falte”.²⁰ As escolas tiveram bom início, também quanto ao número de alunos. Não

¹⁴ A Pio IX, 20 de agosto de 1879; Em III 239.

¹⁵ Cf. Em III 508, carta não encontrada 1879/11.

¹⁶ Cf. carta de Dom Bosco ao cônego F. Della Valle, 6 de setembro de 1879 (Em III 243), e ao padre A. Savio, 13 de setembro de 1879 (Em III 251).

¹⁷ Cf. carta a Dom Bosco de 2 de setembro de 1870; ASC F 381, *Fondo don Bosco*, mcr 189 D3-4, transcrita em MB IX 914.

¹⁸ Cf. carta a Dom Bosco, 4 de outubro de 1870, in: A. MISCIO, *Da Alassio*, p. 37-38.

¹⁹ Desde 1885 até à morte foi empreendedor e enérgico diretor geral dos estudos da Sociedade Salesiana. Entre os muitos escritos, sobressaem o citado *Nuovo Dizionario della lingua italiana in servizio della gioventù* (1879) e *Storia della pedagogia in Italia dalle origini a' nostri tempi* (1883). Cf. J. M. PRELLEZO, “Francesco Cerruti Direttore generale della scuola della stampa salesiana”, RSS 5 (1986), p. 127-164.

²⁰ Em III 264-265; cf. A. MISCIO, *Da Alassio*, p. 44-45.

obstante alguma observação do vice-prefeito de Albenga sobre o número insuficiente dos professores, Dom Bosco cedia ao padre Cerruti, em agosto de 1871, antes com resistência e depois de bom grado, e autorizava o início, em outubro, do liceu. Dessa forma consentia que sua obra se orientasse para a educação secundária superior, além da juventude abandonada e periclitante dos inícios ou da classe média dos primeiros colégios. Embora permanecesse válido o fim primário de ação, novas perspectivas se abriam em face de outras formas concretas de abandono e de perigo para a juventude.

Naturalmente se colocava a exigência de espaços mais vastos seja para as aulas escolares seja para o internato. Em 1875 foi construído, ao lado da linha férrea, um grande bloco do edifício, que, além da amplitude, conferia à obra maior unidade funcional. Tornou-se realidade graças à generosidade de um benfeitor, cômego Eduardo Martini, a quem encontraremos disposto a ajudar na casa-mãe das FMA, em Nizza Monferrato.²¹

Em 12 de outubro de 1875 aí chegavam as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora, acompanhadas da madre, Maria Domenica Mazzarello.

1.3 Borgo San Martino (1870)

Em 18 de junho de 1879, Dom Bosco, com decisão já tomada, procurava, com alguma dificuldade, justificar à condessa Callori, uma das mais beneméritas “mamães”, particularmente afeiçoada ao Colégio de Mirabello, uma mudança que certamente não lhe agradou. “Estou para dar-lhe uma notícia estranha – escrevia –: trata-se de transferir o seminário de Mirabello a Borgo San Martino, no palácio do marquês Scarampi. As razões seriam: local adaptado para recreio, horta, proximidade da ferrovia, local grande e espaçoso para ser adquirido. Em Mirabello, frieza glacial na cidade; edifício quase sem espaço para recreação. Por isso, não muito salubre: longe da ferrovia. Para completar, o local atual, para poder continuar, compreendendo-se uma capela, devemos exceder a despesa de 120 mil francos. Na nova aquisição teríamos a despesa de 114 mil francos [377.066 euros], mas com 15 hectares de terreno, onde é possível cortar as árvores, que podem render até 20 mil francos”.²²

Não podia resumir melhor as motivações do abandono e as vantagens do novo deslocamento da obra para uma cidade servida pela ferrovia Gênova-Alessandria-Casale-Vercelli, a 7 quilômetros de Casale, 25 de Alessandria, 10 da sede precedente. O ambiente era verdadeiramente incomparável com relação ao pequeno espaço de Mirabello. A *villa* estava sendo vendida pelo rico e parcimonioso marquês Fernando Scarampi, de Villanova, naturalmente “excetuando os espelhos fixos, as *consoles*, as tapeçarias em tela e os outros móveis de elegância. Ainda as frutas e as outras flores que, de acordo, se poderão retirar”. Versou-se 25 mil liras no ato da compra e o restante,

²¹ Cf. cap. 20, § 8.

²² Em III 217-218.

89 mil, seria dividido em parcelas anuais não menores de 18 mil libras, com juros semestrais de 6% , enquanto o vendedor se acautelava com a “hipoteca legal sobre o estabelecimento vendido”. “O comprador se obriga[va], apenas efetuada a venda de dois estabelecimentos [sic] de sua propriedade em Chieri, de destinar a soma de 50 mil francos para extinção do débito”.²³ Não se tratava de presente. Nem, como se verá adiante, estavam previstos descontos.

A condessa mostrara-se contrariada, mas, com sapiente gradualidade, Dom Bosco a preparava para o golpe final. Expunha-lhe de novo, ordenadamente, as motivações da imprevista transmigração, assegurava-lhe que levaria em consideração “suas reflexões” e, todavia, insistia em afirmar que a nova solução “mere[cia] consideração”.²⁴ Mas ao diretor, padre Bonetti, já havia anunciado um mês antes que, de fato, já se havia chegado ao acordo e já se estava próximo do ato notarial: “o instrumento [de compra e venda] deve ser feito o mais tardar nos primeiros dias de agosto. No momento do ato notarial, não menos de 25 mil francos”.²⁵ Em 24 de julho convidava-o a levar a Turim uma contribuição financeira, e avisava: “O dia para o instrumento da casa de Borgo San Martino será no sábado, 30 do corrente. Tu, pois, prepara-me uns 10 mil francos, e mesmo mais, se podes, e traze-mo aqui quinta ou sexta-feira”, isto é, 28 ou 29 de julho. “Se podes, ficarás até depois do ato notarial; se pois, por ser sábado, não pudes ficar, eu te deixarei partir”.²⁶ Depois preparava a condessa Callori para a inevitável conclusão da negociação, mesmo que, diplomaticamente, não estivesse ainda decidida: “sábado se decidirá a respeito do contrato de Borgo San Martino. Em casa se reza; Deus disponha para que se conclua aquilo que Ele vê melhor para sua glória”.²⁷ Na realidade não tinham sido analisadas as razões a favor ou contra a decisão, mas esta seria simplesmente sancionada com ato público. “Sábado concluiu-se o contrato de Borgo San Martino”, anunciava-lhe em 3 de agosto, fazendo parecer que o golpe de graça tinha dado quem estava mais informado da situação insustentável do Colégio de Mirabello: “O que prevaleceu a toda reflexão contrária foi a vinda e a presença do padre Bonetti, que dizia que seus alunos, que eram 180, estavam reduzidos a 115 por causa da doença; e estes, assustados pelo medo de cair doentes. Fez-se tudo para promover a maior glória de Deus”.²⁸

Em Borgo San Martino não faltaram dificuldades por parte do prefeito do lugar²⁹ e do provedor dos estudos de Alessandria, superadas com mil expedientes pelo diretor, guiado pelo superior e munido de duas cartas para o companheiro de estudos em

²³ Cf. Em III 214-215, à linha 3.

²⁴ Carta de 13 de julho de 1870; Em III 226.

²⁵ Carta de 16 de junho de 1870; Em II 214.

²⁶ Ao padre Bonetti, 24 de julho de 1870; Em III 230.

²⁷ Carta de 27 de julho de 1870; Em III 233.

²⁸ Em III 235.

²⁹ Ao padre Bonetti, 2 de janeiro de 1871; Em III 289-290.

Chieri, Gioachino Rho, funcionário no Provedorado.³⁰ Aparecia ainda um litígio com o vendedor, Scarampi, por causa de um erro na avaliação da qualidade dos muros do estabelecimento, não de tijolo mas de barro.³¹ O marquês não cedeu, e prometeu uma oferta “a título de graciosidade”, assim que Dom Bosco tivesse saldado as prestações do pagamento.

Junto ao colégio, naturalmente, funcionava desde o começo o oratório para os externos. E não faltavam salesianos que, na véspera dos dias festivos, dirigiam-se a Casale, Vignale e Montemagno para dar catequese às crianças e animar suas recreações. A filodramática teve grande fama por decênios.

Dom Bosco dirigiu-se várias vezes a Borgo San Martino, como nos outros colégios, quer para recolher dinheiro quer, sobretudo, para sustentar, encorajar e aconselhar. “Se Deus quiser – anunciava compendiosamente ao diretor – quarta-feira próxima, às 11 horas da manhã, estarei em Borgo San Martino. Prepara, pois, um prato de lamentações e uma bolsa de dinheiro: eu pegarei um e outro”.³² Mas existia também a sensibilidade do educador tarimbado, quando, por exemplo, convidava para festejar o 25º do pontificado de Pio IX: “Sexta-feira [16 de junho] é dia solene. De manhã, comunhão geral pelo papa. Ao almoço, um prato a mais. Feriado durante todo o dia. À tarde, pregação de ocasião, bênção e, se possível, um pouco de fogos”.³³

Em 1875 chegaram aí as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora, com a primeira transmigração da casa-mãe de Mornese.

1.4 Varazze (1871)

Em 2 de outubro Dom Bosco escrevia ao *cavaliere* Tommaso Uguccioni Gherardi: “Parei em Florença somente nas horas do dia (...). Minha viagem a Roma saiu bem (...). Eu estava muito abatido e sobrecarregado de coisas. Para organizá-las e repousar um pouquinho, retirei-me alguns dias para a casa paterna em Castelnuovo d’Asti”.³⁴ Uma explicação parcial para tanto cansaço seria dada, em 2 de dezembro, à mulher do nobre florentino, “a boa e caríssima Mamãe” condessa Girolama: “neste ano abrimos duas novas casas. Uma na cidade de Varazze, perto de Savona, e outra em Gênova, de onde escrevo esta carta”.³⁵ Quatro dias depois Dom Bosco era atingido por grave doença, que o detinha no colégio, iniciado há poucos meses, até 15 de fevereiro, com um intervalo de repouso em Alassio, de 30 de janeiro a 10 de fevereiro.

³⁰ Cf. ao padre Bonetti, 23 de abril e 8 de maio de 1872; Em III 427 e 432.

³¹ Cf. carta ao mediador, cônego Francesco di Viancino, junho de 1873; Em II 283-284.

³² Ao padre Bonetti, 27 de julho de 1871; Em III 349.

³³ Ao padre Bonetti, 13 de junho de 1871; Em III 337.

³⁴ Em III 375.

³⁵ Em III 389.

Efetivamente, em 22 de julho, tinha sido assinado com o município de Varazze, cidadezinha há pouco mais de 30 quilômetros de Gênova, um convênio semelhante aos que tinham sido estipulados com as municipalidades de Lanzo e Alassio.³⁶ As tratativas tinham começado entre o final de 1870 e o início de 1871, quando Dom Bosco já estava determinado a deixar o Colégio Internato de Cherasco, situado, a seu parecer, em zona longe do centro, sem perspectiva e insalubre, assim como Mirabello. As autoridades municipais tinham se servido da mediação do preboste, cônego Paolo Bonora, para oferecer a gestão de escolas elementares, ginasiais e técnicas,³⁷ uma vez que pedido semelhante feito aos somascos e aos escolópios obtivera resposta negativa. Já em 8 de agosto Dom Bosco enviava ao provedor dos Estudos de Gênova a “Planta do pessoal dirigente e professores”, composta de três sacerdotes: o diretor, G. B. Francesia, o prefeito, Francesco Cuffia, e o diretor espiritual, Giuseppe Cagliero. Eram coadjuvados por seis clérigos, dos quais quatro com diploma para as elementares. Em setembro Dom Bosco fazia espalhar folhetos de propaganda. Os salesianos começavam as atividades na segunda metade de outubro.³⁸

1.5 Em Gênova: de Marassi (1871) a Sampierdarena (1872)

Em 1871 Dom Bosco retornava às origens turinenses com a abertura de um internato, que teria reproduzido na Ligúria o Oratório de Valdocco, como outras sucessivas, em Nice, em Marselha e alhures. O internato para meninos órfãos teve início humilde, com o apoio das Conferências de São Vicente de Paula, em Marazzi ou Marassi, subúrbio na parte oriental do interior de Gênova, no vale do Bisagno, em uma casa de férias, alugada por 500 liras ao ano [1800 euros], do senador e banqueiro Giuseppe Cataldi. Dom Bosco enviou para lá padre Paolo Albera com dois clérigos e três noviços coadjuvadores como mestres profissionais. Os inícios foram duros, mas dado o escopo da obra, não faltaram pessoas generosas, a começar dos agricultores da zona. De sua parte, Dom Bosco munia o diretor, padre Albera, de cartas dirigidas aos benfeitores, entre os quais as marquesas Nina Durazzo Pallavicini e Giulia Centurioni.³⁹

Logo a casa mostrou-se inadequada. Podia receber somente uns quarenta jovens artesãos, que eram iniciados à profissão de alfaiate, sapateiro e marceneiro, e de alguns estudantes. Além do mais, estava isolada em uma periferia, então com escarsas possibilidades de desenvolvimento. Bem depressa Dom Bosco se dirigia para uma obra mais extensa. Para tal, ele precisou fazer importantes contatos em Gênova, desde o início de dezembro de 1871. Com efeito, em 13 de fevereiro de 1872, dois dias antes do retorno a

³⁶ O texto está em MB X 148-152.

³⁷ Cf. o texto da carta de 30 de dezembro de 1879 em MB IX 959.

³⁸ Ao bispo de Savona, G.B. Cerruti, início de outubro de 1871; Em III 574.

³⁹ Cartas de 21 e de fim de março de 1872; Em III 409 e 414.

Turim, depois da grave doença, escrevia à condessa Carolina Gambaro Cataldi, pedindo que agradecesse em seu nome à mãe Luigia Parodi, mulher de Giuliano Cataldi, “por suas santas disposições em relação a Sampierdarena”.⁴⁰

Com o apoio do arcebispo, dom Magnasco, ele pôde adquirir em Sampierdarena a Igreja São Caetano com a antiga casa dos teatinos em anexo, propriedade do marquês Martorelli d’Effivaller Centurione. O complexo edifício se encontrava em uma zona periférica ao ocidente de Gênova, que se preparava para se tornar zona industrial e, com a construção da nova estação ferroviária, centro comercial importante, ligado com a região costeira ocidental e com o interior piemontês e lombardo. Para a aquisição, Dom Bosco devia desembolsar 37 mil liras, e outro tanto para restaurar a igreja e tornar habitável os ambientes. Comprava bem depressa um terreno para futuras ampliações, a começar por um edifício que permitia elevar o número de jovens dos 40 do primeiro ano, a 70 e 120 entre 1872 e 1875, e a 200 em 1876. Não podia faltar, além disso, um amplo espaço para a recreação, o indispensável pátio, lugar clássico da educação salesiana.

Em 11 de junho, Dom Bosco podia escrever ao senador Giuseppe Cataldi, informando e pedindo: “o projeto de uma casa em Sampierdarena parece próximo de realizar-se. O arcebispo me escreveu que está fixado para 20 deste mês o dia em que se fará o instrumento da igreja e da casa anexa em São Caetano. Ora se trata de recolher dinheiro (cerca de 37 mil francos). Se neste caso excepcional puder ajudar-me, se realizaria um projeto idealizado no ano passado em sua *villa*, em Sestri”.⁴¹ No mesmo dia escrevia uma carta de conteúdo análogo à condessa Carolina Gambaro Cataldi: “Amanhã irei a Varazze e sexta-feira estarei em Gênova, se Deus quiser, e nos veremos em sua casa. Diga à senhora Mamãe que o local para Sampierdarena foi comprado, não nos falta nada além do dinheiro para fazer o instrumento, mas sobre isto espero poder falar pessoalmente com a senhora”.⁴² O ato de aquisição era lavrado pelo escrivão Martini, em 16 de julho de 1872.

Na primeira circular, de final de julho, Dom Bosco acenava a uma população de “vinte mil almas”, assistida por pouco clero, e às necessidades de tantos “pobres juvenzinhos”. O arcebispo estava de acordo sobre a aquisição da Igreja São Caetano e do convento dos teatinos: “a igreja, para conservá-la para o culto em benefício de todos; o convento, para instituir as escolas vespertinas e dominicais; e também um internato para as crianças mais pobres e abandonadas”. Devia-se também “comprar ainda um pouco de terreno para um pátio de recreação onde entreter os jovens especialmente nos dias festivos”.⁴³ O apelo era retomado e ampliado, em novembro, por outro *Aos bons católicos da cidade de Gênova e Sampierdarena*. No posfácio se elencava uma série de benfeitores e se indicava a soma por eles doada: 4 mil liras pelo arcebispo

⁴⁰ Em III 399-400.

⁴¹ Em III 439.

⁴² Em III 440.

⁴³ Circular de julho de 1872; Em III 450.

Salvador Magnasco, 20 mil pela baronesa Luigia Cataldi Parodi, 2 mil pela senhora Fanny Ghigliani Poleri, 1 mil pelo reitor da igreja local, padre Angelo Righini, e pelos comerciantes Giovanni Rivara e Domenico Varetto,⁴⁴ primeiro diretor, em 1877, da fábrica de papel de Mathi Torinese⁴⁵ etc.

Em 20 de agosto Dom Bosco podia escrever de Nizza Monferrato, onde se encontrava hóspede dos condes Corsi, ao padre Rua: “Foi concluída a casa para Gênova; por isso, padre Albera [até então diretor de Marassi] prepare a mala”.⁴⁶ A obra pôde começar as próprias atividades na segunda metade de outubro com os aprendizes de marcenaria, sapataria e alfaiataria. Estes seriam seguido de perto pelos de encadernação de livros, tipografia, construção civil, mecânica e escultura em madeira. Para as sucessivas ampliações do internato, Dom Bosco informava e pedia: “os acolhidos no momento superam o número de oitenta; mas o número seria muito maior se a estreiteza do atual edifício não impedisse de atender às incessantes demandas de crianças que a cada momento pedem para serem tiradas do iminente perigo de ruína espiritual e temporal”.⁴⁷ Ao diretor geral das Ferrovias, a quem pedia o transporte gratuito ou com o maior desconto possível de 70 toneladas de pedra britada, escrevia que a ampliação tornaria o internato “capacitado para cerca de duzentos e cinqüenta alunos”.⁴⁸ “O edifício encontra-se em bom estágio”, escrevia ao senador Cataldi, falando dos trabalhos em curso e sublinhando a necessidade de uma soma de 3 mil francos para pagar com urgência um fornecedor.⁴⁹ Mais de dez anos depois, a marquesa Nina Durazzo Pallavicini cedeu um pedaço de terra para o oratório. Com a aquisição de propriedades próximas, a obra pôde alargar-se, quintuplicando nos decênios sucessivos os edifícios, dando acolhida a trezentos jovens, e depois a quinhentos, entre artesãos e estudantes.⁵⁰

Com o Educandário de São Vicente de Paula, em Sampierdarena, Dom Bosco reafirmava a dignidade igual das três principais instituições juvenis por ele realmente queridas e realizadas: o oratório festivo e cotidiano com as escolas festivas e vespertinas em anexo; as escolas diurnas para a instrução secundária e, eventualmente, elementar, geralmente ministradas nos colégios-internato; e a formação profissional, preferivelmente em internatos.

⁴⁴ Circular de novembro de 1872; Em III 483-484.

⁴⁵ Cf. cap. 27, § 1.2.

⁴⁶ Em III 364.

⁴⁷ Cf. circular, assinada pelo padre Albera, mas redigida por Dom Bosco: janeiro de 1875; E II 448-449.

⁴⁸ Carta de 22 de abril de 1875; E II 474.

⁴⁹ Carta de 26 de janeiro de 1876; E III 13.

⁵⁰ Preciso, além de histórica e tecnicamente apreciável, é o estudo de E. BOSIO, C. PASTOR e A. RINALDINI, *Il “Don Bosco” nella storia urbana di Sampierdarena: evoluzione architettonica degli edifici nel contesto socio-economico della città rapportata alle finalità educative*. Gênova-Sampierdarena, Istituto Don Bosco, 1997. Cf. os exuberantes anais de A. MISCIO, *La seconda Valdocco: i salesiani di Don Bosco a Genova Sapierdarena*, 2 vol. Leumann (Turim), LDC, 2002 (para o tempo de Dom Bosco, cf. vol. I, p. 13-144).

1.6 Turim-Valsalice (1872/1873)

Menos convicta foi a resposta positiva de Dom Bosco à solicitação de assumir a gestão do “Colégio Internato dos Nobres” de Valsalice, localizado na região do Além Pó turinense, sobre as primeiras fraldas da colina.⁵¹ O colégio surgira com a finalidade de “educar os jovens das classe ricas e de condição civil à religião, às ciências e às carreiras civis, militares e comerciais”.⁵² Tivera início, com todos os carimbos legais, em outubro de 1863, por obra de uma sociedade de sacerdotes turinenses, capitaneados pelos cônegos Frezia e Berisi, em um grande complexo edilício “de poucos pavilhões, com capela, pátio e outras adjacências”, construído nos últimos anos 50 pelos Irmãos das Escolas Cristãs. Ele devia servir de residência da primavera ao outono para os alunos do Colégio San Primitivo. Tendo sido fechado com decreto do ministro da Instrução Pública, Amari, em abril de 1863, era oferecido em aluguel para nova destinação. A iniciativa não teve o sucesso esperado. As mensalidades eram altas: 90, 100, 120 liras mensais respectivamente para os alunos do curso elementar, ginásial e técnico, e liceal. Os matriculados foram em número inferior às previsões: 42 em 1864-1865 e 80 em 1867-1868. O colégio continuava a acumular débitos. Não tinha tido melhor sorte a nova sociedade, financeiramente menos precária, que em 1868 tinha substituído o comitê originário: em 1871-1872 os alunos tinham chegado a apenas 22.

O novo arcebispo, dom Gastaldi, contava com uma revitalização por obra de Dom Bosco. Este, porém, na resposta não somente sublinhava o péssimo estado da situação econômica, mas punha em primeiro lugar uma questão de princípio. “O que desencoraja meus companheiros – explicava – são duas coisas: 1) nosso escopo é de ater-nos à classe média, e não à nobreza; 2) se personagens tão respeitáveis, como são os atuais administradores, não podem ir adiante, conseguiremos nós, pobres pigmeus?”.⁵³ Todavia, após poucos dias o Capítulo Superior, sob pressão de Dom Bosco, dava voto positivo à assunção da obra. Uma vez mais, após a abertura do Colégio Internato de Alassio e início do curso liceal, a assunção do Colégio dos Nobres de Valsalice evidenciava a disponibilidade de Dom Bosco a uma interpretação mais ampliada do conceito de “classe média”, destinatária da missão salesiana.

Em 3 de julho aparecia no jornal *L'unità cattolica* o anúncio da nova gestão, apresentada como totalmente confiável: “As provas que os colégios de Dom Bosco têm feito e e continuam fazendo no Piemonte e na Ligúria dão garantia tal que os pais podem

⁵¹ Cf. R. ROCCIA, “Il Collegio-convitto Valsalice sul colle di Torino”, in: G. BRACCO (ed.), *Torino e Don Bosco*, vol. I, p. 239-275; F. PEDERZANI, “Valsalice: dagli inizi alla sepoltura di Don Bosco”, in: Liceo Valsalice, *Don Bosco a Valsalice: un contributo per il centenario*. Valsalice, maio de 1987, p. 11-41; O. GIRINO, fsc, “I Fratelli sulla collina torinese”, *Rivista Lasalliana* 42 (1975), p. 279-290.

⁵² P. BARICCO, *Turim descritta*. Turim, Tipografia G. B. Paravia, 1869, p. 705.

⁵³ A dom L. Gastaldi, 22 de março de 1872; Em III 411.

certamente confiar os próprios filhos ao Colégio de Valsalice com ânimo tranqüilo”.⁵⁴ No verão distribuiu-se o programa. As “mensalidades” permaneciam intactas. Assumia a direção padre Francesco Dalmazzo, acompanhado por uma dezena de colaboradores, entre eles quatro coadjutores, dos quais dois simples noviços. Davam aulas reconhecidos professores universitários ou de escolas secundárias superiores: Giuseppe Allievo para filosofia, Vincenzo Lanfranchi para italiano e latim, Carlo Bacchialoni para grego, Giovanni Domenico Roda para ciências, Luciano Pich para francês.

Com o desembolso de 22 mil liras foram pagos aos gestores precedentes a mobília e a organização. Nos primeiros sete anos foi pago aos Irmãos das Escolas Cristãs um aluguel anual de 7 mil liras. Por fim, em 22 de novembro de 1879 foi concordada a aquisição definitiva de todo o complexo pela soma de 90 mil liras, na realidade 130 mil, para a extinção também dos débitos antigos. O documento foi lavrado pelo escrivão V. Pavesio na presença do irmão Giovanni Battista Andorno, de Dom Bosco, do padre Rua e do padre Francesca. Os contraentes foram depois almoçar no Colégio São José, iniciado há quatro anos.

Também para os salesianos a gestão foi financeiramente deficitária e várias vezes Dom Bosco e os seus lamentaram que dinheiro recebido da generosidade pública para os jovens pobres devesse contribuir para aplainar as contas de um instituto de educação destinado aos filhos dos ricos. De qualquer modo, como esclarecia em 1874, na circular que acompanhava o envio do programa, também para os filhos de “famílias senhoris” Dom Bosco não se afastava dos fins de suas outras instituições colegiais: “dar aos jovens uma educação literária segundo as leis da Instrução Pública, mas ao mesmo tempo assegurando-lhes o mais precioso dos tesouros, a moralidade e a religião”.⁵⁵

No ano escolar 1887-1888 o colégio foi transformado em “Seminário para as Missões Estrangeiras”. Tornava-se, assim, casa de formação de salesianos pós-noviços estudantes de filosofia que se preparavam para as missões, internas e externas. Em Valsalice foram guardados os restos mortais de Dom Bosco até sua transladação para a Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, em 1929, ano da beatificação.

1.7 Refundação do colégio de Lanzo

Não obstante as escarsas possibilidades de uma pequena cidade como Lanzo, o colégio teve desenvolvimento florescente. Além disso, a partir de 1870, no período das férias de verão e de outono a casa se tornava sede dos cursos de exercícios espirituais sempre mais numerosos dos salesianos, dos noviços e dos aspirantes. Tem-se notícia pela primeira vez em carta de Dom Bosco ao ecônomo geral, padre Angelo Savio, que fora seu procurador

⁵⁴ “Il Colegio di Valsalice nella *Cronaca Italiana*”, *L’Unità Cattolica*, n. 153, quarta-feira, 3 de julho de 1872, p. 611-612.

⁵⁵ Circular de julho de 1874; E II 393.

na negociação de Alassio: “estamos em Lanzo para os exercícios espirituais, em número de oitenta. O outro grupo será menor; portanto, impossível em Trofarello”.⁵⁶

Para Lanzo fora enviada, no início de 1871, a reedição sensivelmente ampliada da carta ao padre Rua, de outubro de 1863, com o título *Recordações confidenciais aos diretores*,⁵⁷ também remetida ao padre Bonetti, diretor em Borgo San Martino, com carta de acompanhamento de 1º de fevereiro.⁵⁸

Em face do empenho das autoridades municipais nas indispensáveis ampliações edilícias, Dom Bosco imprimia à obra um decisivo salto adiante, pondo as bases para a futura gestão autônoma. Na primeira parte de 1870 ele dava andamento à construção do novo edifício de três andares, combinando com o teólogo Albert, entre as formas de financiamento, a organização de uma rifa.⁵⁹ Ao mesmo tempo corria atrás para impedir o fechamento das escolas por causa da carência de professores com títulos legais.⁶⁰ O novo edifício, orçado em 200 mil liras [605 mil euros], estava pronto no verão de 1873. Isso permitia a Dom Bosco enfrentar, em 1875, o distrato com o município. Por norma do convênio ele tinha cinco anos para deixar o velho ex-convento capuchinho. Assim fazia em 1879, levando a obra à plena autonomia, como colégio internato privado com cursos elementares – as três classes previstas pelo ordenamento escolar então vigente – e ginasiais completos.

Com a inauguração do último trecho de ferrovia no verão de 1876, o percurso de 32 quilômetros até Turim tornou-se mais rápido.⁶¹

2. Construtor

A experiência adquirida com a edificação de casas e igrejas, em particular a de Nossa Senhora Auxiliadora, induzia Dom Bosco a aventurar-se com maior segurança em outras análogas e dispendiosas iniciativas. Incluíam-se entre elas as novas ampliações no Oratório de Valdocco e uma tentativa, ainda que incompleta, de erigir em Turim uma igreja com oratório em anexo. Da construção, em zona não distante, da Igreja São João Evangelista e da ampliação do Oratório de São Luís se tratará em outro capítulo, dedicado aos anos 1877 e 1878,⁶² quando poderá realizar, após oito anos de extenuantes negociações, os projetos finalmente aprovados.

⁵⁶ Carta de Lanzo, 13 de setembro de 1870; Em III 251.

⁵⁷ Em III 297-301.

⁵⁸ Em III 302-303.

⁵⁹ Ao teólogo Albert, 1º de abril de 1870 (Em III 194-195); em Biagio Foeri, 15 de fevereiro de 1871 e 13 de março de 1872 (Em III 313 e 406).

⁶⁰ Cf. carta ao prefeito da província, V. Zoppi, 5 de junho de 1872; Em III 437-438.

⁶¹ Tratar-se-á disso, pelo “caso político” que suscita, no cap. 23, § 3.

⁶² Cf. cap. 27, § 1.4.

2.1 Ampliações no Oratório de Valdocco

O ativismo edilício de Dom Bosco partia ainda do Oratório. Perto dos anos 70 o já citado Serafino Biffi, após a visita ao Oratório de 1867, descrevia o *Instituto Bosco* de Valdocco como “um amontoado irregular de velhos e novos edifícios, sobre os quais se eleva a nova igreja”, e, após ter assinalado a composição heterogênea dos habitantes, notava: “Toda essa mistura de jovens de toda idade e condição e de tão variadas tendências, com um contínuo vai-e-vem de gente que entra livremente no instituto, é um espetáculo curioso, e deixa a suspeita que alguma desordem esteja por vir, não obstante a supervigilância dos superiores e dos clérigos. De minha parte, restrinjo-me a notar que existem diversas lacunas em relação à higiene, às vestes dos alunos, à educação da pessoa, à limpeza, à ventilação dos dormitórios, dos refeitórios e das escolas”.⁶³ Para diminuir a super-população, nos anos 70 Dom Bosco colocava à disposição novos espaços. Em 1871 comprava um terreno à noroeste do Oratório, aquele que em anos longínquos fora “a horta do Oratório”, tão querido à padeira e cozinheira mãe Margherita.⁶⁴ Além disso, encarregava o empresário Buzzetti de executar trabalhos para além de 80 mil liras e, em 4 de outubro de 1873, adquiria por 15 mil liras “a pequena casa e o terreno do senhor Coriasco”, que se encontrava entre os edifícios do Oratório e a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, o mesmo lote que Dom Bosco tinha vendido a ele em 1851. Dom Bosco o procurava desde o início do ano para fazer negócio,⁶⁵ mas somente em setembro o proprietário decidia-se pela venda.⁶⁶ O superior logo encarregava o padre Rua para iniciar os trabalhos de construção, dando indicações sobre um dos objetivos principais do edifício: “Procura preparar para que no dia 1º de março se possa dar início ao trabalho na casa Coriasco e terminá-lo a todo vapor. Em geral, olha para que tenha muitas celas, isto é, o andar do sótão seja todo de celas”.⁶⁷ Em setembro de 1872, pela significativa soma de 2 mil liras, tinha também feito colocar no campanário da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora um grande relógio, que teria escandido “com precisão as horas, as meias e os quartos como o do Palácio Municipal”.⁶⁸ Continuava nos anos seguintes com outras aquisições fora do perímetro do Oratório, em direção à ex-casa Moretta, além de outros edifícios e terrenos a ela ligados, para sistemar a casa e o oratório das Filhas de Maria Auxiliadora, que vieram habitar aí em 1876. À condessa Carlotta Callori, em 21 de julho de 1875, anunciava: “Hoje, finalmente, fez-se o contrato da famosa casa”.⁶⁹ Era a casa Catellino, definida por ele como

⁶³ S. BIFFI, *Riformatori per giovani*, p. 117-118. Já fora publicado nas *Memorie del R. Istituto Lombardo di Scienze e Lettere*, série III, vol. II. Milão, 1870.

⁶⁴ Cf. carta ao prefeito, 18 de janeiro de 1871; E II 146.

⁶⁵ Cf. carta à condessa C. Callori, 17 de janeiro de 1873; E II 252.

⁶⁶ Ao conde Francesco di Viacino, 20 de setembro de 1873; E II 307.

⁶⁷ Carta de 11 de janeiro de 1874; E II 335.

⁶⁸ Circular de março de 1872; Em III 407.

⁶⁹ E II 487.

“casa de imoralidade”, “casa de satanás”, sobre a qual já tinha escrito outras vezes.⁷⁰ Adquiriria mais adiante também a casa Morino.⁷¹

2.2 Igreja São Segundo em Porta Nuova

O empenho para a construção da Igreja São Segundo, no lado oeste da estação de Porta Nuova, tinha breve duração, mas é significativo pela firme vontade de Dom Bosco de colocar uma igreja paroquial, portanto destinada prevalentemente para adultos, ao lado do oratório juvenil, com espaços que a tornassem possível. Isso lhe parecia tanto mais indispensável em um bairro em rápido desenvolvimento.⁷² A intenção frustrada o teria induzido a retirar-se da empresa e a restituí-la aos responsáveis diocesanos.

Em 24 de maio de 1867 o presidente do Comitê do Bairro iniciava as tratativas junto das autoridades municipais, em vista da aprovação da construção de uma igreja para a paróquia que ainda deveria ser definida e erigida. Após exames e propostas de modificações, em parte aceitas, a Junta Municipal aprovava, em 2 de janeiro de 1868, o projeto do arquiteto Luigi Formento. No entanto, após mais de três anos, na sessão de 14 de junho de 1871, o Comitê do Bairro deu-se conta de que a soma até então recolhida não permitia nem mesmo o início dos trabalhos.

Entretentes, Dom Bosco, juntamente com o pároco da Igreja São Carlos, em cujo território deveriam surgir a igreja e a nova paróquia, e com o pároco vizinho da Crocetta, enviava ao prefeito o pedido para poder abrir no local da futura igreja um oratório para os jovens da região, os quais, “abandonados tanto nos dias festivos quanto nos dias da semana, permaneciam, com efeito, privados de educação moral, com o perigo de um triste futuro para eles e para a sociedade civil”. Uma pequena construção serviria de capela provisória, que poderia transformar, posteriormente, na sacristia da igreja projetada.⁷³ O Comitê, envolvido também no pedido, ia além e obtinha finalmente que Dom Bosco, de acordo com o vigário capitular Giuseppe Zappata, assumisse para si o encargo da “construção da igreja e da casa anexa”. Assim escrevia ele mesmo, no dia 3 de junho, na carta de aceitação ao prefeito, não esquecendo de associar tal construção com o inseparável cuidado dos jovens. Não por acaso que, justamente por isso, deixasse envolta em certa indeterminação as condições de aceitação: “apenas o edifício permita, se começará logo a recolher os meninos que vagam, a fazer catecismo, além das pregações também para os adultos sobre o que diz respeito ao culto religioso”.⁷⁴

Entre desencontros e esclarecimentos aproximava-se ao fim do ano, enquanto Dom

⁷⁰ Cf. circular de 20 de janeiro de 1875 e as cartas às senhoras Dupraz e Clara, de 21 de janeiro de 1875; E II 446-447.

⁷¹ Ao padre Rua, 20 de novembro de 1875; E II 526.

⁷² Para essas informações e a delineação de todo o desenvolvimento, cf. F. MOTTO, “Don Bosco e la costruzione della Chiesa di San Secondo”, in: G. BRACCO (ed.), *Turin e don Bosco*, vol. I, p. 195-215.

⁷³ Cf. F. MOTTO, “Don Bosco e la costruzione della Chiesa di San Secondo”, p. 199.

⁷⁴ Carta de 3 de junho de 1871; Em III 334-335.

Bosco, em Varazze, ficava doente por longo tempo, do fim de dezembro de 1871 a fevereiro de 1872. Ele retomava o diálogo em 27 de março de 1872, por meio de carta ao prefeito, pedindo que colocasse à sua disposição o terreno para realizar a “construção já projetada e aprovada”.⁷⁵ Em carta posterior declarava que se empenharia em executar o projeto do arquiteto Formento, “aprovado pela Junta Municipal em 2 de janeiro de 1868”.⁷⁶ Além disso, há um mês já se movia para obter das Ferrovias facilidades para o transporte dos materiais.⁷⁷ Tendo recebido a autorização municipal em 3 de maio, dava início aos trabalhos, realizados pelos irmãos empresários Carlo e Giosuè Buzzetti.

Para fazer frente às despesas, Dom Bosco espalhava a circular *Aos senhores proprietários e habitantes da nova paróquia de São Segundo em Turim*, com data de 16 de julho de 1872, solicitando ajuda. Nesta exprimia com firmeza a idéia que brotava da missão por ele constantemente considerada e proclamada como prioritária, o cuidado dos jovens pobres e abandonados: “julgou-se oportuno de se manter a Igreja igualmente espaçosa e de regular o edifício de forma que, ao lado da igreja, se forme um pequeno pátio para a recreação das crianças, e sob a igreja haja locais para as escolas vespertinas e diurnas nos dias da semana, assim como nas festas de preceito”. “Os trabalhos já começaram – prosseguia –, e com vosso auxílio tenho plena confiança de poder continuá-los e conduzi-los a termo. O desenho é substancialmente o mesmo do senhor engenheiro Formento, já aprovado da outra vez”. O “substancialmente” ocultava o fato que seria diversa a localização da Igreja.⁷⁸ As escavações colocavam em evidência sua intenção: erigir a igreja não no centro da área concedida, mas em um dos lados da mesma, de forma a unificar os espaços livres e aí criar um pátio para o recreio dos jovens. A administração municipal não admitia nenhuma mudança e impedia, em todas as sedes, a modificação do projeto desejado por Dom Bosco, modificação que não tocava no desenho da igreja, mas previa localização diferente. Em 8 de agosto o prefeito o convidava a executar o projeto original: um problema de urbanismo, antes que de arquitetura. Talvez convencido que um movimento de surpresa pudesse atenuar a oposição das autoridades, Dom Bosco comunicava a desistência do empenho assumido. Não podia renunciar a “seu objetivo”, repetia por bem duas vezes, colocando a responsabilidade sobre o município. “Ora – explicava – mudando-se as coisas substancialmente, e a deliberação tomada pela Junta, que torna inviável haver um local para os pobres jovens, frustra-se minha finalidade, que foi sempre de erigir um oratório e um lugar de recreação para as crianças, de forma a ter também a igreja paroquial para os adultos”. Esperava que a própria Junta mediasse junto ao Conselho Municipal; ao invés, foi deixado só em seu apelo. “Nesse estado de coisas – concluía –, não podendo conseguir minha finalidade principal, não me resta senão renunciar à empresa há muito tempo desejada, e da qual, infe-

⁷⁵ Ao prefeito Felice Rignon, 27 de março de 1872; Em III 413-414.

⁷⁶ Ao prefeito Felice Rignon, 28 de abril de 1872; Em III 429-430.

⁷⁷ Ao diretor geral, maio de 1872; Em III 431-432.

⁷⁸ Em III 449. Itálico do autor.

lizmente, sente-se gravemente a necessidade”.⁷⁹ Os passos seguintes acabam chegando à resposta negativa por parte da autoridade municipal. Em maio de 1873 o arcebispo Gastaldi suspendia a obra. Somente em 1877 chegava-se a um acordo para reembolsar Dom Bosco por boa parte das despesas iniciais que precisou sustentar, calculadas pelos empresários, os irmãos Buzzetti, em 27.293,50 liras.⁸⁰

3. Gestor e provedor das obras (1870-1874)

Com a expansão das obras o governo de Dom Bosco se estendia geograficamente e nas modalidades em relação ao controle mais direto que até esse momento ele tinha podido manter sobre o Oratório e sobre as casas vizinhas.

Quanto ao estado das obras e dos salesianos adidos a elas, para o setenário tem-se boa referência no catálogo oficial da Sociedade Salesiana de 1870. Nesse ano estavam registrados 28 salesianos professos perpétuos, dos quais 18 sacerdotes, 7 clérigos e 3 coadjutores; 33 professos trienais, dos quais 8 sacerdotes; e 42 noviços. Em 1874 os salesianos eram 251: os professos perpétuos eram 42, dos quais 30 sacerdotes, 3 clérigos e 9 coadjutores; os professos trienais, 106, dos quais 16 sacerdotes, 4 diáconos ou subdiáconos, 57 clérigos e 28 coadjutores; e os noviços eram 103.

Até novembro de 1875 as obras juvenis permaneciam as mesmas, fixadas em 1872: o Oratório São Francisco de Sales, em Turim-Valdocco, assim como o Oratório São Luís; e os colégios São Carlos Borromeu em Borgo San Martino, São Filipe Neri em Lanzo Turinês, Nossa Senhora dos Anjos em Alassio, São João Batista em Varazze, São Vicente de Paula em Sampierdarena-Gênova, e Imaculada Conceição em Turim-Valsalice.

O ponto de comando continuava a ser a casa-mãe de Valdocco, da qual Dom Bosco permanecia o diretor ou, do ano escolar 1879-1880, “reitor” coadjuvado por um diretor. Era seu endereço normal para as numerosas correspondências, muitas vezes também quando escrevia longe de Turim. Na realidade se tratava de uma base móvel de apoio. As ausências do diretor de Valdocco se tornavam sempre mais frequentes. As viagens a Roma ocupavam largos espaços de tempo, muitas vezes com paradas intermediárias nas linhas de Bolonha e Florença, Milão ou Gênova. No quinquênio foram bem cinco: 20 de janeiro a 25 de fevereiro de 1870, por ocasião do Concílio Ecumênico; 22 de junho a 4 de julho de 1871, para a celebração do 25º aniversário do pontificado de Pio IX; 9 a 16 de setembro de 1871, para a questão das nomeações episcopais; 18 de fevereiro a 29 de março de 1873 para o problema dos *exequatur*; 29 de dezembro de 1873 a 15 de abril de 1874, para a aprovação das Constituições e novamente o problema do *exequatur*.

Outras ausências deviam-se a visitas às casas salesianas do Piemonte e da Ligúria,

⁷⁹ Ao prefeito conde Felice Rignon, agosto de 1872; Em III 454-455.

⁸⁰ Cf. F. MORRO, “Don Bosco e la costruzione della Chiesa di San Secondo”, p. 210-214.

e à sede das Filhas de Maria Auxiliadora em Mornese. Várias eram dedicadas a visitar os benfeitores fora de Turim para os muitos pedidos de ajuda, em particular nos meses de verão e outono. Acrescentem-se cada ano as duas semanas de julho dedicadas aos exercícios espirituais dos padres e dos leigos em Santo Inácio em Lanzo, e os quinze ou vinte dias passados em setembro de 1870 na casa de Lanzo para os exercícios espirituais dos salesianos. A doença em Varazze manteve-o longe de Valdocco por dois meses e meio, de onde tinha partido para a Ligúria em 2 de dezembro.

Também por isso, o epistolário oferece material bastante rico e heterogêneo sobre a arte de governo de Dom Bosco, espelho da atividade de um homem que, mesmo longe, estava atento para as mais diversas práticas de ofício, capaz passar rapidamente, em poucas dezenas de linhas de cartas, sempre concisas, de um problema ao outro: espiritual, educativo, organizacional, financeiro, disciplinar, administrativo, caritativo. Isso fica ainda mais evidente se se examinam em particular as cartas endereçadas ao padre Michele Rua, prefeito da Congregação, isto é, encarregado da disciplina geral e da administração, e até 1875 vice-diretor do Oratório: ele vigia, administra e sabe interpretar com inteligência a vontade do superior, com uma participação no governo da Sociedade Salesiana bem longe de ser simples sombra.

O ativismo de Dom Bosco aparece nas cartas ditado por qualidades congênicas, reforçadas pela típica percepção do tempo e da sociedade na qual se move. Ele pode ser considerado um liberal em campo sócio-político e eclesiástico, sempre à vontade para se mover nas estruturas existentes. Escarsamente social, o Estado liberal deixa espaço livre para as iniciativas assistenciais e caritativas privadas e olha com simpatia determinadas atividades de suplência. Dom Bosco insere-se aí, sublinhando a governantes e administradores a relevância social e também política de sua obra educativa e religiosa. É, portanto, óbvio para ele exigir auxílios concretos, isenções de encargos fiscais, colaborações úteis.

Nessa perspectiva sentia-se autorizado também a pedir à administração das Ferrovias bilhetes ou viagens gratuitas para si, para os salesianos e para os jovens, em particular os recomendados pela polícia, e a insistir em recuperá-los no caso de desistência por causa de irregularidades da parte dos beneficiados.⁸¹ Como se viu, ele ousava dirigir-se até mesmo ao rígido ministro das Finanças, Quintino Sala, para obter “se não o perdão total, ao menos o parcial, da taxa sobre a moagem”, obviamente recusado.⁸² A Cesare Correnti, ministro da Instrução Pública de 1869 a 1872, pedia que viesse em socorro, da forma que melhor lhe parecesse, às excepcionais dificuldades que premiam o Oratório,

⁸¹ Cf. cartas ao ministro do Interior, Giovanni Lanza, antes de 22 de abril de 1870 (Em III 202), e documentação em MB IX 851-857; ao comendador B. Bona, 13 de setembro de 1870 (Em III 248-249); ao ministro dos Trabalhos Públicos, 20 de novembro de 1874, (E II 421); ao diretor das Ferrovias da Alta Itália, 6 de janeiro de 1875 (E II 438-439); de 15 de janeiro de 1875 (E II 443: indica onze percursos nos quais pretendendo usufruir do bilhete).

⁸² Carta de 15 de agosto de 1870; Em III 236.

já densamente populoso: “perto de quinhentos jovens acolhidos pertencentes à classe mais pobre do povo, que procuram os estudos clássicos; além disso – escrevia –, perto de quinhentos outros, entre internos e externos, que freqüentam as escolas elementares que são ministradas em favor do juventude pobre tanto nos dias da semana como nos festivos, não somente de dia, mas até mesmo de noite”.⁸³

Ao mesmo tempo, mostrava-se escrupuloso administrador de dinheiro, não seu mas dos jovens, embora tivesse o total reconhecimento de suas razões por parte dos doadores, ao final, amigos. No verão de 1870, devendo saldar débitos contraídos com a tipografia do Oratório pelos trabalhos por ela executados, o bispo de Mondovì, dom Ghilardi, reclamava do preço de 16 mil liras que lhe fora debitado pelo *cavaliere* Oreglia em 1868, por uma tipografia.⁸⁴ O bispo fazia disso caso de consciência, que Dom Bosco, após os esclarecimentos, consentia fosse resolvido em base às avaliações dos teólogos Golzio e Bertagna. A controvérsia terminou em 1º de dezembro de 1871, com a transação de comum acordo, favorecida pela generosidade do *cavaliere* Oreglia, então jesuíta em Bressanone, que versou a soma de 3 mil liras.⁸⁵

Dom Bosco continuava a pedir. Pelas escolas elementares dos externos, instituídas no ano escolar de 1871-1872, ele se dirigia ao prefeito de Turim para solicitar subsídios.⁸⁶ Como malabarista dos números, – “cerca de um milhar” de jovens externos e 850 internos –, voltava à carga em 1875, juntando “escolas diurnas e vespertinas, bem como escolas outonais”.⁸⁷

Para recolher dinheiro organizava inclusive uma lista, uma rifa camuflada, colocando entre os prêmios a cópia do quadro *Madonna di Foligno* de Raffaello, pendurada na sacristia da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, com outros cem prêmios, e espalhava-a ao preço de 10 liras o bilhete, a ser sorteado entre os que compravam. Durante um ano distribuía uma grande quantidade pessoalmente ou pelo correio, chegando a recolher a considerável soma de 64 mil liras [193 mil euros], em parte enviada diretamente pelos compradores ao Colégio de Sampierdarena.⁸⁸ Embora Dom Bosco falasse de “cartelas de beneficência”,⁸⁹ o intendente de Finanças acabava por configurar a operação como “rifa pública” ilegal e ordenar o sequestro do quadro,

⁸³ Carta de 11 de dezembro de 1870; Em III 279.

⁸⁴ Cf. cap. 16, § 9.

⁸⁵ Cf. carta ao teólogo Golzio e a dom Ghilardi, 6 e 12 de fevereiro de 1871; Em III 305 e 311. Veja-se a reconstrução de toda a situação em MB X 191-203.

⁸⁶ Ao conde Felice Rignon, 26 de agosto de 1872; Em III 463. Insistia ainda em 12 de setembro 1874; E II 403-404.

⁸⁷ Ao conde Felice Rignon, janeiro de 1875 (E II 440), e ao presidente do Conselho Escolar Regional, 8 de janeiro de 1875 (E II 440-441).

⁸⁸ Cf. circular sem data (E II 255-256); carta ao prefeito de Turim, 5 de abril de 1872 (Em III 420); circular de 25 de março de 1873 (E II 266).

⁸⁹ Ao comendador F. Belletrutti, 26 de abril de 1873; E II 273. Três dias depois, ao senador G. Cataldi, fala de “pequena rifa”; E II 273.

mandando apor os selos. Dom Bosco o anunciava aos doadores, convencido – dizia – “não haver sombra de violação da lei, uma vez que se tratava de obra de caridade”,⁹⁰ enquanto continuava a distribuir e a expedir as “folhazinhas”.⁹¹ “A necessidade cria a virtude e a fome faz os lobos saírem da toca”, era sua justificativa.⁹² “As misérias deste ano são grandes, e para poder dar pão a nossos pobres jovens, iniciamos uma espécie de rifa”, escrevia à senhora Calosso.⁹³ Em outubro, comunicando os números extraídos, Dom Bosco creditava 4 mil libras ao vencedor do quadro.⁹⁴ Não obstante a defesa assumida pelo escritório de advocacia do doutor Tommaso Villa, o tribunal determinava uma pena pecuniária e o confisco do quadro. Na sentença, por outro lado, o juiz reconhecia que o fim a que se propunha o imputado “era, mais do que nunca, louvável” e “digno de elogio”. Por fim, em resposta a um pedido de graça, enviada através do advogado Vincenzo Demaria, o rei concedia a anistia, cujo decreto chegava ao Oratório em 11 de novembro de 1875, dia de despedida dos primeiros salesianos que partiam para a América.⁹⁵

Durante 1873 multiplicavam-se os pedidos de socorro pelas “agudas necessidades” “por causa do aumento dos preços de todos os gêneros comestíveis e pela notável diminuição de ofertas por parte dos particulares”: por exemplo, ao prefeito de Turim⁹⁶ e a um conselheiro da Câmara dos Deputados Provincial.⁹⁷ De outro lado, não se alarmava nem alarmava outros pelo desaparecimento de um testamento no qual havia um legado para o resgate de seus clérigos da incorporação, ainda que tivesse procurado caminhos tão razoáveis quanto infrutuosos para recuperar o irrecuperável.⁹⁸

Mais longa foi a controvérsia por causa do testamento do conde Filippo Belletruti, falecido em 17 de setembro de 1873, que tinha feito de Dom Bosco herdeiro universal e executor testamentário. Os sobrinhos contestaram o testamento. Concluiu-se com a negociação em 10 de janeiro de 1875.⁹⁹

⁹⁰ Circular de 5 de maio de 1873; E II 274.

⁹¹ Circulares não datadas; E II 288 e 288-289.

⁹² Carta aeclesiástico, Roma, 31 de janeiro de 1873; E II 255.

⁹³ Carta de 10 de fevereiro de 1873; E II 258. O *Epistolário* é rico de pedidos e de anotações do gênero: E II 258-259, 261, 263, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273.

⁹⁴ Circular transcrita em MB X 288-289.

⁹⁵ Cf., a respeito de todo o acontecimento, MB X 1127-1156.

⁹⁶ Carta de 3 de janeiro de 1873; E II 249-250.

⁹⁷ Carta ao comendador Vittorio Villa, 4 de janeiro de 1873; E II 250-251.

⁹⁸ Cf. carta de 8 de maio de 1873 e de 24 de abril de 1874 à senhora Eurosia Golzio, viúva Monti, executora testamentária do irmão, teólogo Golzio, ex-confessor de Dom Bosco; E II 275 e 379-380, MB X 1156-1164.

⁹⁹ Cf. MB X 1199-1207.

4. Governante sagaz e decidido

Dom Bosco, no entanto, também se mostrava um dirigente nada condescendente em relação às autoridades civis e políticas.

No caso da epidemia de varíola, a Comissão Municipal para a Higiene desaprovava a ação dos médicos do Oratório, Giovanni Gribaudo e Alessandro Musso. Dom Bosco a questionava com firmeza, amenizava a situação e, ao fim, fazia “respeitosa, mas calorosa súplica para que agisse de tal forma – escrevia – que as inspeções sanitárias não se tornem prejudiciais ao estabelecimento”, colocando-se sob a “paterna proteção” do prefeito.¹⁰⁰

Reagia tempestivamente, por meio de carta ao prefeito de Turim, ao fechamento das escolas elementares de Lanzo, ameaça feita pelo Conselho Escolar Provincial após inspeção de certo Rota. Obtinha o envio de uma comissão presidida pelo provedor dos Estudos, Vincenzo Garelli, que, ao final, escrevia uma relação na qual anulava os efeitos da relação do inspetor.¹⁰¹

Em outra ocasião um grupo de tipógrafos e livreiros turineses acusava as tipografias dos institutos privados e governamentais, entre as quais a de Valdocco, de concorrência desleal. Dom Bosco enviava aos promotores um relatório, no qual refutava ponto por ponto as motivações aduzidas. Ele se preocupava antes de tudo em evidenciar que sua posição não era privilegiada, nem a de suas obras. “Esta casa – afirmava – não é pio instituto, mas casa privada como qualquer outra tipografia, como esta única diferença: na tipografia os ganhos vão, ordinariamente, em proveito do padrão, e aqui, voltarão para o bem dos próprios pobres aprendizes”.¹⁰²

Reacendia-se, também, a batalha em torno dos títulos legais dos professores. Bom exemplo disso era a atitude em relação ao Colégio de Mirabello, e depois ao de Borgo San Martino, para o qual Dom Bosco desejava conservar o reconhecimento da qualificação de pequeno seminário, ou ao menos esperava certa largueza quanto aos professores. Em carta a pessoas de confiança não deixava de exprimir seu parecer a respeito de certas posições que considerava vexatórias, mais da parte do Conselho Escolar que do provedor dos estudos, pessoalmente benévolo. “Falei com o Provedor de Alessandria – escrevia ao padre Bonetti –, e nos despedimos em boa harmonia (...). Assegurou-me que enquanto estiver no posto não haverá dificuldades para nós. Acenou-me à possibilidade de uma inspeção para observar se as camas não estão muito próximas umas das outras; isto me disse confidencialmente, embora o Conselho Escolar não tenha feito ainda qualquer proposta. Contou-me que foi feita uma visita ao Colégio Municipal de Acqui por causa de imoralidades entre alunos (...). Acrescentou ainda como se encontrou com pessoas sem princípios religiosos, as quais teriam muito prazer se pudessem comprometê-lo”.¹⁰³

¹⁰⁰ Ao prefeito Felice Rignon, 23 de dezembro de 1870; Em III 281-282.

¹⁰¹ Ao senador Vittorio Zoppi, prefeito de Turim, 5 de junho de 1872; Em III 437-438.

¹⁰² Carta de outubro de 1872; Em III 479-481.

¹⁰³ Ao padre Bonetti, de Alessandria, 19 de junho de 1873 (E II 289); e 14 de fevereiro de 1876 (E III 18).

Mirava além, isto é, à defesa da liberdade da escola, enquanto, em todos os casos, promovia a aquisição dos títulos legais para os professores. “Nossas dificuldades escolares estão *suspensas* – escrevia a um bispo –, mas exponho todas as coisas para que sejam conhecidos os abusos do poder e, como V.Ex.cia disse, para que os que se encontram na mesma situação possam ter algum parâmetro. Agora estou estudando e faço estudar a questão acuradamente. Posteriormente será impresso um opúsculo à parte que será expedido a todos os bispos. Eles poderão legalmente livrar-se de muitas humilhações por parte dos provedores”.¹⁰⁴ Até aquele momento nada tinha saído a respeito. Embora reconhecido ao provedor de Alessandria, que fora seu companheiro em Chieri, estava empenhado ainda em 1876 em obter a qualificação de pequeno seminário para o Colégio de Borgo San Martino. “Escrevi ao *cavaliere* Rho agradecendo – informava ao diretor –, assim como me indicaste, mas recordando-lhe as antigas promessas que repetidamente me fez”.¹⁰⁵ Era o prelúdio de uma defesa mais radical da escola livre, levada avante, como se verá, nos anos de 1878-1881. Mas na “controvérsia” escolar daqueles anos Dom Bosco verá o provedor sob outra luz.¹⁰⁶ No entanto, não faltavam as medidas para remediar as dificuldades, como demonstra a instrução dada ao diretor do novo Colégio de Alassio nos primeiros dias de sua missão: “Presta atenção, pois devemos, para todo efeito, ter pessoal legalizado, e outro grupo efetivo que trabalhe em nome daquele”.¹⁰⁷ Mas em março de 1873, em carta ao padre Rua, enviada de Roma, escrevia: “Após o exame semestral, quero que todos os filósofos [os jovens clérigos estudantes de filosofia] se preparem para o exame do curso elementar: por isso se avisem os professores e se pense a forma para dar conta dos programas”.¹⁰⁸

Outro obstáculo a ser superado era a lei de 27 de maio de 1869, que abolia a isenção do serviço militar dos candidatos ao estado eclesiástico, até então garantida pela lei piemontesa de 1854. A lei de 1868, porém, permitia ainda, mediante o pagamento de 3.200 liras [cerca de 12 mil euros], a sub-rogação de um alistado por um soldado já em serviço, isto é, que este continuasse o serviço militar no lugar do outro mediante determinada compensação financeira. As leis mais severas de 1871 conservavam ainda a sub-rogação entre irmãos e, para as classes mais abastadas, o privilégio de liberação parcial, ou seja, estando o contingente coberto, os cidadãos com posse podiam, mediante o pagamento de 2.500 liras [cerca de 6.050 euros] passar para a segunda categoria e, assim, ficar isentos da convocação militar. Finalmente, com a lei de 1876 era suspensa toda e qualquer forma de isenção ou exoneração, seja total ou parcial.¹⁰⁹

¹⁰⁴ A dom Sciandra, bispo de Acqui, 16 de julho de 1873; E II 292.

¹⁰⁵ Ao padre Bonetti, 14 de fevereiro de 1876; E III 18.

¹⁰⁶ Cf. cap. 28, § 2. 2.

¹⁰⁷ Carta de 17 de outubro de 1870; Em III 264-265.

¹⁰⁸ E II 264.

¹⁰⁹ Cf. F. SCADUTO, *Diritto ecclesiastico vigente in Italia: manuale*. Vol. I. Turim, Fratelli Bocca, 1892, p. 173-175.

Dom Bosco saberia, então, usar a teoria moral das “leis meramente penais”, que não obrigavam em consciência, mas simplesmente a sofrer as conseqüências no caso de as inadimplências serem descobertas. Em 7 de novembro de 1875 ele considerava providencial a instalação dos salesianos em Nice, na França, “especialmente – explicava – para livrar-nos, de algum modo, do peso do serviço militar, que agora é realmente inexorável na Itália”. Na França podia-se sair facilmente e permanecer seguros, uma vez que não havia extradição para o renitentes.¹¹⁰ Ele se serviria desse artifício para o expatrio de jovens missionários que ainda não tinham cumprido com as obrigações do serviço militar.¹¹¹

Para o resgate dos clérigos do serviço militar por sub-rogação onerosa, 3.200 libras até 1871 e 2.500 em seguida [dos 10.330 aos 6.217 euros], Dom Bosco acrescentava às já numerosas incumbências a solicitude para obter em prazos ineludíveis a necessária cooperação financeira. Entre os ofertantes ocupavam lugar de destaque famílias profundamente religiosas: Callori, Uguccioni, Brancadoro, Fassati. À condessa Callori recorria urgentemente para o pagamento de um dos dois clérigos de segunda categoria que tinha recebido o cartão de serviço, já que o outro podia ainda ser revisto: era iminente o fatídico 20 de setembro. “A necessidade está fora da lei”, justificava-se o “pobre pedinte”.¹¹² A condessa não dispunha da soma pedida, e Dom Bosco recorria à marquesa Fassati, a qual, parece, também não pôde resolver o problema.¹¹³ Voltava a carga em termos mais gerais com a marquesa C. M. Gondi, com a premissa: “as calamidades públicas recaem sobre os particulares”. Expunha a calamidade privada: “o serviço militar que se está efetuando golpeia muitos de meus melhores clérigos, os quais, a menos que venha em auxílio à Divina Providência, devem largar o breviário pelo fusil. Pensei muitas vezes comigo mesmo: quem sabe se a senhora condessa Gondi não possa dar-me u’a mão nessa minha empresa? Explico: cada clérigo pode suprir-se com 3.200 francos”.¹¹⁴ Pedia auxílio também a um de seus diretores, o padre Bonetti: “temos que resgatar dois clérigos do serviço militar; a chamada será no próximo dia 1º de maio. Se tens dinheiro disponível manda-me tudo; caso contrário vamos à falência”.¹¹⁵ À condessa Uguccioni comunicava ter “devido resgatar dois clérigos do serviço militar com a enorme soma de 3.200 francos”, e comentava: “veja que flagelo. Agora, no entanto, já está feito, e nos preparamos para outros desastres, se a Deus aprouver enviar-nos”.¹¹⁶ Em 12 de

¹¹⁰ *Capitoli Superiori – Verbali*, do padre Barberis (agosto-novembro de 1875); ASC D 868, FdB 1879 D5.

¹¹¹ Cf. cap. 21, § 4.

¹¹² Carta de 12 de setembro de 1870; Em III 245.

¹¹³ Carta de 17 de setembro de 1870; Em III 252. Cf. carta de 9 de novembro de 1870 ao prefeito de Turim, C. Radicati Talice di Passerano; Em III 270.

¹¹⁴ Carta de 19 de outubro de 1870; Em III 266.

¹¹⁵ Carta de 19 de abril de 1870; Em III 324.

¹¹⁶ Carta de 30 de abril de 1871; Em III 328.

julho falava de quatorze clérigos, cujo resgate devia acontecer no final do mês: pedia, “desejando vivamente conservar para a Igreja esses ministros de Jesus Cristo”, com a consolação para o benfeitor de que “esses clérigos, ordenados sacerdotes, ganharão almas para Deus” e rezarão “ao longo de toda a vida” pelas pessoas que os ajudaram.¹¹⁷ À marquesa Fasatti expunha em forma convincente o sentido de tal caridade: “A Congregação nossa é nascente e tem necessidade de operários. Ora, a senhora, ao nos ajudar no resgate de clérigos do serviço militar, ajudou-nos, de certo modo, a fundar da melhor forma e sobre bases mais estáveis este instituto, e, ao mesmo tempo, colocou operários para trabalhar na vinha do Senhor”.¹¹⁸ A senhora Emma Brancadoro di Fermo dizia-se disponível para o resgate de um clérigo, agora no valor de 2.500 liras.¹¹⁹ A mesma soma era discretamente indicada ao barão Carlo Ricci des Ferres.¹²⁰ Escrevia ao padre Francesco Triboni e à condessa G. Ugucioni sobre onze clérigos que deviam ser resgatados.¹²¹ Para outra grande leva, com resgates chegando a 113 mil euros, pedia auxílio ao secretário de dom Ferrè, padre Santo Masnini: “neste ano, às outras misérias acrescenta-se a de ter que resgatar quinze clérigos do serviço militar. Poderia V.S. me ajudar? Qualquer que seja a soma, ajuda-me muito. V.S. tem tempo, uns dois meses. Eis como este pedinte vai perturbar as pessoas pacíficas. Seja benévolo comigo!”.¹²² Para cinco noviços, talvez parte do grupo precedente, estendia a mão para pedir ao advogado Galvagno di Marene.¹²³ Citava um provérbio popular a uma benfeitora, que tinha feito chegar uma soma de 200 liras por meio da condessa Gabriella Corsi: é melhor uma vela na frente durante a vida, que por detrás das costas depois de morto,¹²⁴ enquanto se dirigia à marquesa Bianca Malvezzi de Bologna em favor de cinco clérigos.¹²⁵

5. Busca de beneficência e espiritualidade

Indubitavelmente, o centro das preocupações de Dom Bosco era constituído, permanentemente, pelas exigências assistenciais e educativas dos jovens. Todas as outras se subordinavam a elas ou, de qualquer forma, a elas estavam estreitamente ligadas. No entanto, como sua intransferível possibilidade e condição continuava a ser a busca incansável de suporte financeiro, com a administração perspicaz e inteligente

¹¹⁷ À senhora Lucini, 12 de julho de 1871; Em III 347.

¹¹⁸ Carta de 12 de agosto de 1871; Em III 357.

¹¹⁹ Cartas de 14 de novembro e de 2 de dezembro de 1871; Em III 386 e 388.

¹²⁰ Carta de 28 de abril de 1872; Em III 429.

¹²¹ Cartas de 22 de agosto e 9 de outubro de 1872; Em III 463 e 471.

¹²² E II 309.

¹²³ Carta de 29 de outubro de 1874; E II 4414.

¹²⁴ À condessa Teresa Corsi, 7 de novembro de 1874; E II 416-417.

¹²⁵ Carta de 8 de novembro de 1874; E II 417.

de quanto tinha recolhido: ofertas em dinheiro, pensões, herança, legados, vitalícios. A isso se acrescentavam os proventos dos colégios mais rentáveis, as atividades pastorais dos salesianos sacerdotes, o trabalho dos aprendizes e dos coadjutores. Era sobretudo cansativa a beneficência mobilizada para a dispendiosa gestão ordinária da Sociedade e do Oratório de Valdocco, super-povoado, com entradas respeitáveis, mas insuficientes. Essa beneficência era solicitada e oferecida também em vista de graças a serem obtidas por intercessão de Nossa Senhora Auxiliadora, se bem que não existia um liame automático entre pedido e consecução da graça:¹²⁶ “é a fé que tudo faz; se não for contrário à maior glória de Deus, obteremos seguramente a graça”.¹²⁷

A enorme atividade de Dom Bosco como buscador de beneficência, porém, tornava-se ela própria educativa. Antes de tudo com relação aos jovens e a seus educadores: eles sabiam que seu presente e futuro dependiam da generosidade de quem oferecia, assim como da dedicação de quem pedia, administrava e não cessava de convidar à austeridade e à economia. A beneficência tornava-se ainda mais formativa em relação aos próprios benfeitores, sobretudo os crentes, levados, alguma vez quase assediados, por certa pedagogia da caridade que se fundava sobre a concepção da existência como alteridade, como dom. “Deus nos criou para os outros”, axiomático para Dom Bosco, era o princípio capital da espiritualidade cristã de quem tinha e podia em relação a quem não tinha e não podia. Não é, portanto, de se admirar, que o insistente pedido de ajuda econômica, em diferentes medidas, acabasse deslizando, no caso de muitos dos colaboradores, para a direção espiritual. Isso acontecia sobretudo quando quem mandava alguma oferta pedia também orações, conforto e conselho. Alguns desses elementos serão explicitados a seguir. Mas o tema mereceria busca acurada e exaustiva, entre outras coisas, colocando em confronto as cartas recebidas por Dom Bosco e suas respostas a elas.

5.1 Diretor espiritual dos benfeitores

Um indício poderia ser colhido na carta a uma senhora que nos é desconhecida, como inumeráveis outras. Dom Bosco agradecia a oferta de 20 liras para uma missa e prometia preces, bem como as dos jovens, “para algumas necessidades espirituais”, às quais acenava a ofertante, e acrescentava: “Quando Deus permitir que possamos nos falar, talvez poderei sugerir-lhe alguma coisa a propósito, que prefiro não confiar ao papel”.¹²⁸ Mais familiar e direta era a sugestão à condessa Alessi di Camburzano, de família profundamente ligada a Dom Bosco. Estavam fazendo assíduas orações pela

¹²⁶ Ao diácono P. Casetta e ao padre R. Cianetti, 8 e 18 de julho de 1871; Em III 346 e 348.

¹²⁷ Ao padre R. Cianetti, 18 de julho de 1871; Em III 348.

¹²⁸ Carta de 31 de março de 1870; Em III 194.

cura da nobre senhora – escrevia-lhe – e poderia surpreender que Nossa Senhora não a escutasse, caso não se refletisse “que essa celeste Mãe, muito satisfeita com sua paciência, muda a terra em ouro, concedendo graças espirituais em lugar das graças temporais por que nós suplicamos. Mas, pela força da batida é difícil que não nos escute (...) Já fez o testamento?”.¹²⁹

Confortador e tranquilizador era o que, com prudente equilíbrio, sugeria a um jovem militante católico genovês, Luigi Corsanego Merli (1842-1924), que se tornaria uma das eminentes figuras do movimento católico lígure e que, por razões de saúde, não podia então se ocupar dos pobres e dos doentes tanto quanto teria desejado: “Não se entristeça pelo fato de não poder fazer muitas coisas. Diante de Deus muito faz aquele que, no pouco, respeita sua santa vontade (...). Nestes tempos é necessário que se propague a boa imprensa. É um vasto campo: cada um fazendo o que pode, se conseguirá obter muito”.¹³⁰

De particular intensidade – sustentada por uma lógica teológica imbatível, mas dura na expressão, se consideramos as distintas sensibilidades hodiernas – era a participação ao difícil luto da marquesa florentina Carmes Maria Gondi (1846-1885), de 23 anos, que em outubro de 1869 ficara viúva com a filha de 3 anos e o filho de 18 meses. A primeira carta era escandida por um perentório “*Cremos (...). Portanto (...)*” repetido três vezes como início de outras tantas proposições: primeiro, “no céu se goza de uma vida infinitamente melhor que a terrena. Portanto, por que sofrer se seu marido foi tomar posse dela?”; segundo, “a morte, para os cristãos, não é separação, mas dilação da visão. Portanto, paciência”, uma vez que quem nos precede “não faz outra coisa senão preparar-nos o lugar”; terceiro, “cremos também que V.S., a cada momento, com as obras de piedade e de caridade, pode fazer o bem à alma do defunto. Portanto (...)”, alegria por uma vida cheia de amor: “a assistência das crianças”, o conforto do sogro, “a prática da religião”, a difusão dos bons livros, “dar bons conselhos a quem precisa”. E isso não era tudo: “há ainda outros motivos – acrescentava – que, por hora, julgo dever não manifestar ainda”.¹³¹ Após um mês e meio, recebendo o pedido de revelar “algumas razões providenciais a seu respeito”, pedia que ela as escutasse diretamente da “voz do Senhor”: “1) Penso que seu marido foi chamado porque estava preparado para ele um lugar muito melhor do que o que tinha na terra. Com efeito, muitos perigos espirituais e temporais aguardavam-no nesta terra. 2) Você também tinha necessidade disso. Se você tivesse que morrer antes dele, a separação e o afastamento teriam sido muito amargos e cruéis; ao contrário, quando chegar o último dia você terá grande conforto com o pensamento de que o objeto mais querido já está esperando-a no seio do Criador. 3) O pão que você mistura com lágrimas e dor há um ano, embora a falta de resignação diminua um pouco o mérito, é todavia um grande tesouro para aliviar seu

¹²⁹ Carta de 6 de abril de 1870; Em III 196.

¹³⁰ Carta de 13 de julho de 1870; Em III 228.

¹³¹ Carta de 28 de maio de 1870; Em III 211-212. O itálico é nosso.

marido, para fazê-la conhecer o nada das coisas da terra e também para dar-lhe possibilidade de fazer um pouco de penitência das coisas passadas. E, ainda mais, para evitar uma longa série de perigos espirituais que cairiam sobre você. 4) Para dar exemplo no mundo de uma mãe que, na flor dos anos, renuncia a toda idéia terrena para se ocupar dos próprios filhos. Ao contrário do que fazem tantas mães desnaturadas, as quais, passando a outras núpcias, abandonam suas criaturas em mãos de pessoas pagas que, com educação servil, dão a beber o vício antes que o possam conhecer etc.”. Concluída: “Não sei se essas coisas vão perturbá-la; queria tê-las dito antes. Muitas outras haveri de escrever-lhe à medida que seu coração estiver preparado. Note bem que lhe falo com a mais segura confiança. Essas coisas demonstram a bondade do Senhor para com a senhora”.¹³² Na carta de 19 de outubro, já citada, de pedido de auxílio para o resgate dos clérigos, pedia desculpas de não poder se encontrar “com aqueles – escrevia – que na sexta-feira [21 de outubro, primeiro aniversário da morte do marido] rezam sobre o túmulo do saudoso consorte”, e reafirmava o forte pensamento de fé, já evidenciado na primeira carta: “Consolemo-nos, como diz são Paulo, na esperança de que logo veremos nossos caros, porque a morte, para os cristãos, não é separação, mas simples dilação da visão. E V.S. tenha fé, e verá, melhor, veremos, em condições bem melhores todos os que foram instrumentos de solicitude para conosco, e que nós podemos aumentar sua felicidade na vida presente”.¹³³

À condessa de Cambuzano, por ocasião de uma desilusão, Dom Bosco recordava o mandamento de Cristo sobre o amor do próximo, pelo qual – escrevia – “devemos fazer indistintamente o bem a quem se pode, sem olhar a parentes nem à gratidão que se tem direito de esperar”.¹³⁴ Isso não lhe impedia, poucos dias depois, de exprimir, sobre um instituto de educação, um juízo drástico que, entre outras coisas, deixava claro seu pensamento sobre a educação leiga: “Democracia, *optime*; Moralidade, ruim; Ensino, medíocre; Vaidade, muitíssima”.¹³⁵

Ele prometia ainda, “qual filho amoroso para com sua ótima mãe”, um “serviço religioso” juvenil e salesiano, nos dias 3, 6 e 8 de dezembro, à condessa Girolama Uguccioni e à toda a família, introduzindo a exposição de uma necessidade – no caso, o resgate dos clérigos do serviço militar – e a urgência de algum auxílio,¹³⁶ à marquesa Carmes Maria Gondi¹³⁷ e à condessa Carlotta Callori.¹³⁸ Sua delicadeza de atenção o inspirava ao recordar ao filho as promessas feitas pela mãe gravemente adoentada: “Se mamãe está bastante tranqüila, recorde-lhe a renovação da promessa feita em Retorbido,

¹³² Carta de 17 de julho de 1870; Em III 229.

¹³³ Carta de 19 de outubro de 1870; Em III 266. Cf. ainda carta de 3 de dezembro de 1870; Em III 273-274.

¹³⁴ Carta de 16 de outubro de 1870; Em III 263.

¹³⁵ Carta de 28 de outubro de 1870; Em III 267.

¹³⁶ Carta de 2 de dezembro de 1870; Em III 272.

¹³⁷ Carta de 3 de dezembro de 1870; Em III 273-274.

¹³⁸ Carta de 6 de dezembro de 1870; Em III 274.

quando se encontrava doente, promessa feita e que deve ser cumprida caso se levante do leito. Se, contudo, estiver a situação for muito grave, nada diga sobre isso”.¹³⁹

Alguns meses depois, ao ver a condessa Uguccioni preocupada com a divisão entre os irmãos e as respectivas famílias, dava prudente conselho: “aflija-se somente no caso de ofensa ao Senhor, e não por outros motivos. Seja mediadora de paz enquanto há uma só família; na divisão, e nas duas famílias, caso estas últimas coisas não acontecessem. Abraão e Ló eram dois santos e se dividiram para ter, cada um, o cuidado da própria família, de seus pastos e de seu gado”.¹⁴⁰

Escrevendo à condessa Corsi, dava duas simples normas de vida à jovem condessa Maria,¹⁴¹ com 19 anos e que festejava a Assunção: “Duas coisas, uma espiritual, outra temporal. *Espiritual*: celebrarei nesse santuário a missa em sua intenção e pedirei ao Senhor três grandes S, isto é, que seja saudável, sábio e santa. *Temporal*: mamãe procurará fazê-la estar alegre à mesa, ao passeio, no jardim etc.”.¹⁴²

A permanente confiança na medalha de Nossa Senhora Auxiliadora voltava na carta ao duque Tommaso Scotti, o qual, tendo superado um perigo mortal, tinha enviado 500 liras. Para encorajar o destinatário, Dom Bosco se abandonava a reminiscências autográficas: “Digo-lhe também em confidência que me encontrei no mesmo estado de apreensão. Minha salvaguarda foi a medalha de Nossa Senhora Auxiliadora. Por três vezes o raio caiu próximo de mim, a ponto de jogar minha cama, comigo em cima, para o outro lado do quarto; nada sofri. Agora nada temo, qualquer que seja a ameaça de temporais, de borrascas, de raios. Creio poder assegurar-lhe em nome do Senhor que nada mais vai lhe acontecer se tiver a medalha no peito e a confiança em Nossa Senhora”.¹⁴³

Serenas eram as palavras que dirigia, em 6 de dezembro de 1872, à condessa Girolama Uguccioni, uma nobre dama, de fé inquebrantável, que acabara de perder o irmão: “Choremos a morte temporal, mas agradeçamos a Deus que tenha concedido uma graça tão evidente de ter uma morte tão preciosa aos olhos da fé”.¹⁴⁴

5.2 Pedinte itinerante

O pedinte de profissão não somente escrevia, mas viajava e, em certo sentido, como os mendicantes, não hesitava em passar de casa em casa. Pode-se colher alguns desses momentos.

¹³⁹ Ao jovem marquês G. Durazzo, em 9 de dezembro de 1870; Em III 277.

¹⁴⁰ Carta de 30 de abril de 1871; Em III 328.

¹⁴¹ Em junho de 1872 casava-se com o conde Cesare Balbo. Cf. carta ao conde, 12 de agosto de 1872; Em III 458.

¹⁴² Carta do Santuário de Santo Inácio em Lanzo, 12 de agosto de 1871; Em III 356.

¹⁴³ Carta de 9 de setembro de 1873; E II 306.

¹⁴⁴ Em III 496-497.

Convalescente da doença de Varazze, poucos dias antes de retornar a Turim, para justificar-se como um “indisciplinado” que não seguiu os “conselhos” da “boa mãe”, escrevia à condessa Carlotta Callori: “certamente teria passado algumas semanas nessa amena cidade, mas devo renunciar a isso, visto que, estando entre nós o único pedinte Dom Bosco, tendo se ausentado por algum tempo, as finanças reduziram-se de muito”.¹⁴⁵

Pode-se considerar típica a carta que enviou a uma das mais assíduas benfeitoras dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, a condessa Gabriella Corsi, em cujo palácio passaria os últimos dez dias de agosto de 1871: “V.S. aja assim: os que vêm para trazer dinheiro ou tratar de coisas que dizem respeito ao bem das almas, podem vir em qualquer dia, pois serão sempre acolhidos com grande prazer. Quem vem para cumprimentar, se agradece e se dispensa”.¹⁴⁶

Sua viagem pelas zonas do Langhe e Monferrato, no ano seguinte, tinha objetivo semelhante. Começou no domingo, 19 de agosto, com a viagem de Turim a Nizza Monferrato, na casa dos Corsi. Dali, no epílogo de uma carta ao padre Rua, lançava um alarme: “Reservas públicas e privadas em grande baixa”.¹⁴⁷ Em 8 de setembro estava em Valdocco para as premiações. Dali se dirigia a Vignale, na casa dos Callori e, então para os exercícios espirituais em Lanzo, onde, entre 16 e 28 de setembro, pregava, recebia e confessava. Depois deixava Turim em direção a Bricherasio, hóspede dos conde di Viancino, e retornava novamente a Turim, de onde partia para Costiglione de Saluzzo, em casa dos conde Giriodi: “Nesta manhã saí do Oratório nada bem de saúde, mas à tarde senti-me melhor e assim continuo. *Deo gratias*”, confiava ao padre Rua.¹⁴⁸ De Costiglione se dirigia a Peveragno, em contato com várias famílias, como o amigo e benfeitor padre Pietro Vallauri, e às localidades limítrofes, entre as quais Mondovì. De Peveragno escrevia ao padre Rua: “Domingo, o barão Carlo Ricci deve vir tomar o *déjeuner* ao meio-dia no Oratório, e o fará com os outros no refeitório. Mas a dificuldade é que não poderei estar. Tenho várias coisas encaminhadas e me parecem úteis para a glória de Deus e pelo bem material de nossas casas, e não posso fazer às pressas (...). Casa Vallauri, Campana etc. o saudam”.¹⁴⁹ De Mondovì, em 19 de outubro, comunicava ao padre Rua: “De Fossano te escrevo se estarei em Turim terça ou quarta-feira”; e de Mondovì, no mesmo dia, ao barão Carlo Ricci: “A chuva continua e danificou as estradas de Mondovì a Fossano. Escrevi ao padre Rua sobre a missa: ele espera V.S. ao meio-dia de domingo. Recomendo às suas orações a condessa di Camburzano, que está gravemente doente. Segunda-feira, de manhã, se as estradas estiverem praticáveis, irei visitá-lo”.¹⁵⁰ De novo, em agosto e setembro de 1873, se pode reconstruir, por meio das cartas, outra breve peregrinação

¹⁴⁵ Carta de Alassio, 9 de fevereiro de 1872; Em III 394.

¹⁴⁶ Carta de Santo Inácio em Lanzo, 18 de abril de 1871; Em III 360.

¹⁴⁷ Carta de 20 de agosto de 1872; Em III 462.

¹⁴⁸ Carta de 11 de outubro de 1872; Em III 472.

¹⁴⁹ Carta de Peveragno, no dia 16 de outubro de 1872; Em III 476.

¹⁵⁰ Em III 477.

como esmoler, semelhante à anterior, saindo de Turim e passando por Montemagno, em casa Fassati, por Racconigi, por Cuneo, junto do bispo e da família Ricci des Ferres, por Peveragno, junto do padre Vallauri, e por Nizza Monferrato, em casa dos Corsi. De Nizza não deixava de recordar ao ecônomo geral, que se encontrava em Roma, de trazer para casa “alguns centavos” e augurar-lhe “boa viagem”.¹⁵¹

Semelhantes giros de esmoler se repetiam entre o verão e o outono de 1875, para fazer frente às despesas com os salesianos que partiam para a Argentina. De 10 a 30 de agosto anunciava que estaria ausente de Turim.¹⁵² Encontrava-se em Mornese e arredores: “Aqui tudo esteve bem. O corpo do Instituto é composto por 120 membros. Era preciso que eu prolongasse minha estadia aqui”, explicava ao padre Rua no dia 28/29 de agosto de 1875.¹⁵³ De 19 a 31 estava em Ovada, hóspede de um sacerdote amigo e benfeitor.¹⁵⁴ Após o mês de setembro, depois de passar em Turim e Lanzo, para os exercícios espirituais, em 5 de outubro estava em Vignale, na casa dos Callori, e, a seguir, em Nizza Monferrato, junto dos Corsi-Balbo, de onde escrevia à Callori: “Amanhã viajo para Cunico. Segunda-feira, (17) espero estar em Turim para ocupar-me exclusivamente dos missionários argentinos”.¹⁵⁵

É óbvio que, além disso, Dom Bosco se esforçasse sempre, também nesses anos, para, em benefício de todos, obter favores espirituais, bênçãos e indulgências papais, e, em benefício dos ricos e generosos burgueses sem títulos, honorificências civis e pontifícias. Várias cartas referem-se a isso.¹⁵⁶

5.3 Cooperadores ante litteram e “mães” e “pais” de um “filho indisciplinado” e “dissipado”

Em abril de 1871, Dom Bosco perguntava ao padre Bonetti, diretor em Borgo San Martino: “quando me escreveres, dize-me se as ameixas já floriram”.¹⁵⁷ Era pergunta interessada. As ameixas da localidade monferratina faziam parte do menu do café da

¹⁵¹ Ao padre Angelo Savio, 8 de setembro de 1873; E II 304. Cf. ao padre Rua, s.d.; E II 315.

¹⁵² À Marquesa M. Fassati, 14 de agosto de 1875; E II 500.

¹⁵³ E II 505.

¹⁵⁴ E II 505.

¹⁵⁵ Carta de 11 de outubro de 1875; E II 514.

¹⁵⁶ Cf. cartas ao comendador L. Cibrario, setembro-outubro de 1870 (Em III 256-258, 259); ao secretário da Ordem Mauriciana, 6 de dezembro de 1870 (Em III 275-276); ao arcebispo de Vercelli, 27 de junho de 1875 (E II 481); ao senhor Boassi, 21 de julho de 1875 (E II 486-487); ao ministro da Casa Real e a Vitória Emanuel II, 16 de novembro de 1875 (E II 521-522); quatro súplicas a Pio IX, 9 de abril de 1876 (E III 33-37). Cf. também ao padre Cagliari, 27 de abril de 1876 (E III 51); ao padre Ronchail, 20 de julho de 1876 (E III 75); e ao bispo de Vigevano, 21 de novembro de 1876 (E III 117).

¹⁵⁷ Carta de 19 de abril de 1871; Em III 324.

manhã para o qual Dom Bosco convidava algumas famílias de benfeitores mais assíduos nas proximidades da festa de Nossa Senhora Auxiliadora. À festa de 1873 se referia o bilhete enviado aos esquivos condes Viancino, em 21 de maio, convidando-os para a festinha de Valdocco do dia seguinte, solenidade da Ascensão: “Amanhã, alguns amigos, seus conhecidos, vêm ao Oratório para comer as ameixas de [Borgo] San Martino. Os comensais serão a família Fassati, a priora condessa Callori, a condessa Corsi e o barão Bianco. Meu desejo é que V.S. caríssima e sua senhora queiram participar. Que me diz, senhor conde? Será às 12h30. Nada de preocupação, nem pelo lugar nem pelas pessoas que vão estar presentes”.¹⁵⁸ Era sinal de amizade e meio de agregar à família salesiana pessoas e famílias, em parte já unidas por vínculos de parentesco, natural ou adquirido, como Fassati, de Maistre, Callori, Corsi, Balbo, Ricci de Ferres.

A certo ponto ele deu o título de “mamãe” a quatro benfeitoras. Em ordem cronológica: as condessas Ugucioni, Callori, Corsi e Viancino di Viancino. E ao marido de duas, das condessas Ugucioni e Viancino, deu o título de “pai”. Das três cartas à condessa Viancino, duas eram destinadas à “minha boa mamãe”, e na segunda chamava o marido de “meu bom papai”.¹⁵⁹ Em 1870 já havia enviado à família Ugucioni os votos de Páscoa, não querendo que fosse esquecida “uma Mamãe tão boa e um Pai tão afetuosos”;¹⁶⁰ “o caro papai”, “meu bom papai”, confirmava em seguida.¹⁶¹

Das “mamães”, a condessa Ugucioni tinha nascido dois anos antes de Dom Bosco, as outras, doze anos depois. Geralmente, em forma declarada, Dom Bosco aparecia como beneficiário exclusivo do título. Implícita e, alguma vez, explicitamente eram também os salesianos e os jovens: “A mamãe [era hóspede dos conde Corsi] os saúde, não está muito bem, rezem por ela”.¹⁶² Em outra ocasião escrevia à condessa: “A senhora é a vovó de todos, não é verdade?”.¹⁶³ As expressões de relação filial superabundavam e eram mais imediatas e confidenciais nas cartas às condessas Ugucioni (9 vezes) e Callori (25 vezes). A partir de 1862 Carlotta Callori era a “benemérita condessa” e Dom Bosco, “seu reconhecido servidor”. Somente em dezembro de 1870 ele começava a enviar votos de boas festas natalícias “à sua caridosa e boa mamãe”. No ano seguinte, em outubro, iniciava: “Excelência? Caríssima? Benemérita? Mamãe caríssima?”, consagrando-a definitivamente “mamãe”, dele e dos seus.¹⁶⁴ Mas, como já se viu, já tinha estado próximo dela antes, premuroso, nos lutos e nos sofrimentos físicos e morais. “Senhora condessa – escrevia-lhe ainda no dia 27 de julho de 1870 –, em sua breve estada em Turim observei na senhora um misto de resignação, de saúde frágil,

¹⁵⁸ Ao conde Francesco Viancino di Viancino, 21 de maio de 1873; E II 280-281.

¹⁵⁹ Cartas de 9 de fevereiro e 30 de setembro de 1872; Em III 396 e 467.

¹⁶⁰ Carta de 15 de abril de 1870; Em III 199.

¹⁶¹ À condessa Ugucioni, 30 de abril de 1871 e 14 de fevereiro de 1872; Em III 327 e 401.

¹⁶² Ao padre Rua, de Nizza Monferrato, 20 de agosto de 1872; Em III 461.

¹⁶³ Carta de 9 de outubro de 1872; Em III 471.

¹⁶⁴ Em III 376.

de pensamentos e de desejos do paraíso”. Ele, ao invés, lhe desejava saúde, vida longa e, interessado, possibilidade de obras boas.¹⁶⁵ Com as famílias Uguccioni a relação era inspirada em profunda veneração e afeição. Conheceu os cônjuges e as três filhas casadas em sua primeira viagem a Florença, em dezembro de 1865.

A relação não era menor com a condessa Gabriella Pelletta, de Cossombrato, a qual, viúva em 1856 e com uma filha, Maria, casava-se com o conde Giacinto Corsi. Nas primeiras duas cartas de agosto de 1871 ela era ainda “Benemérita senhora condessa”. Tornava-se, a partir de março de 1873, “Minha boa Mamãe”, “Minha boa e caríssima Mamãe”.¹⁶⁶ Para ela, “Condessa Gabriella Corsi”, considerada sempre “nossa boa Mamãe em Jesus Cristo”, Dom Bosco deixava um bilhete para ser entregue após a própria morte. Ao invés, ela morria antes, em 8 de abril de 1887.¹⁶⁷

De sua parte, no corpo das cartas ou na assinatura, após ter usado por algum tempo com as “condessas” a fórmula “Seu reconhecido servidor”, dava asas à fantasia em definir-se às “mamães”. Como “Reconhecidíssimo filho”, “reconhecidíssimo filho indisciplinado” e “reconhecidíssimo, afeçoadíssimo indisciplinado” se declarava à condessa Uguccioni.¹⁶⁸ Em outras se abria mais livremente: “É preciso justamente dar uns gritos para mover este dissipado à cumprir seu dever para com a melhor das mães! Farei tudo para me corrigir”.¹⁶⁹ “Se o corpo voasse com o pensamento, a senhora receberia deste pequeno indisciplinado ao menos uma visita por dia; uma vez que na santa missa não me esqueço jamais de fazer uma lembrança especial pela senhora, nominalmente, e por toda a sua família e famílias”.¹⁷⁰ Mais familiarmente se exprimia com certa pessoa de seu Piemonte, a condessa Callori. Pedia-lhe para rezar “especialmente pelo pobre indisciplinado, mas sempre reconhecidíssimo filho, Sacerdote Giovanni Bosco”.¹⁷¹ Assinava “humilde filho indisciplinado”, “Reconhecidíssimo indisciplinado”.¹⁷² De Varazze, convalescente, após a grave doença, dedicava-lhe dez quadras “à minha boa mamãe que mandou-me um casaco vermelho e um delicioso consômê”. “É tão benéfica / a minha mãe / que para fazer o bem / nada se opõe”, era a primeira quadra.¹⁷³ Em 9 de fevereiro, atribuindo-lhe o mérito do próprio repouso em Alassio, assegurava: “Embora um pouco indisciplinado, estimo e tenho como tesouro os conselhos da minha boa mamãe”.¹⁷⁴ “É preciso que eu lhe confesse – escrevia no início de setembro de 1872 –: já faz muito

¹⁶⁵ Em III 233. A condessa morreu em 1914, com 87 anos.

¹⁶⁶ E II 265-266.

¹⁶⁷ Cf. “Memorie dal 1841”, RSS 4 (1985), p. 113.

¹⁶⁸ Em III 328, 389, 415, 471.

¹⁶⁹ À condessa Uguccioni, de Gênova, 2 de dezembro de 1871; Em III 389.

¹⁷⁰ À condessa Uguccioni, 9 de outubro de 1872; Em III 470.

¹⁷¹ Carta de 14 de novembro de 1871 (Em III 387); de Varazze, 7 de janeiro, e de Alassio, em 1872 (Em III 391 e 394).

¹⁷² Carta de 4 e 15 de outubro de 1872; Em III 469 e 475.

¹⁷³ Carta da metade de janeiro de 1872; Em III 392.

¹⁷⁴ Em III 394.

tempo que não recebo mais nem perucas, nem avisos, nem conselhos; por isso, eu me torno muito dissipado”, com a assinatura “Humilde dissipadinho”.¹⁷⁵ Dá-se o prêmio Nobel também aos arlequins. Permite-se assim ser a quem, com desinibida alegria, não pede para si, mas tudo faz e dá para socorrer o jovem do abandono e da pobreza.

6. Atividade literária e editorial

“Se pode, promova as *Leituras Católicas* e a *Biblioteca Italiana*. Eu vivo e trabalho por esses livros: o santo padre os abençoa e recomenda sua difusão. As pessoas com as quais conferir: casa Vitalleschi, marquesa Villarios, condessa Calderari e a presidente de Torre de’ Specchi”, escrevia Dom Bosco a dom Masnini, que participava do Concílio Vaticano I com seu bispo Ferrè.¹⁷⁶ Era campanha que não tinha descanso. Na carta a um sacerdote não deixava de acrescentar: “PS. Recomendo-te a difusão das *Leituras Católicas*”.¹⁷⁷ E ainda, enviando a diversos bispos quarenta cópias do pequeno volume de Stefano Francesco Sartorana, *Questões de geografia*, anexava o “programa” de assinatura à *Biblioteca da Juventude Católica* e às *Leituras Católicas*.¹⁷⁸ Em dezembro de 1875 enviava aos correspondentes e leitores uma circular solicitando a renovação da assinatura de ambas: “as *Leituras Católicas* são destinadas ao bem da religião; enquanto os *Clássicos* italianos, expurgados, têm utilidade tão somente à juventude estudantil”.¹⁷⁹ Nesses anos ele pensava também na reedição de seus escritos. Embora totalmente ocupado, seguia com atenção e meticulosidade os próprios livros. Vinha em primeiro lugar a reedição da *História eclesiástica*.¹⁸⁰ Projetava também uma grande história eclesiástica em três partes, correspondentes às épocas *Antiga*, *Média* e *Moderna*, “a ser realizada com ajuda de pessoas cultas”,¹⁸¹ ao redor da qual, porém, padre Bonetti – que tinha colaborado na reedição melhorada e aumentada, em 1870 e 1871, da *História eclesiástica* – tinha começado a trabalhar há vários anos e que Dom Bosco seguia, lendo e corrigindo os manuscritos que aquele lhe enviava.¹⁸²

A respeito das reedições da *História eclesiástica*, escrevia em várias cartas a seu colaborador, padre Bonetti, e aos benfeitores, sobretudo à condessa Carlotta Callori. A esta, com efeito, escrevia em maio, a propósito da edição de 1870: “Nos primeiros dias de junho começarei a *História eclesiástica*, ou melhor, iniciar-se-á a impressão,

¹⁷⁵ Em III 465.

¹⁷⁶ Carta de 11 de março de 1870; Em III 193.

¹⁷⁷ Carta de 8 de julho de 1871; Em III 346.

¹⁷⁸ Carta de setembro de 1873; E II 308.

¹⁷⁹ E II 535-536.

¹⁸⁰ Ao padre Rua, 20 de janeiro de 1870; Em III 166.

¹⁸¹ Ao teólogo A. Bosio, 20 de outubro de 1871; Em III 382.

¹⁸² Cf. cartas ao padre Bonetti, de janeiro de 1871; Em III 286-288.

tendo-se já terminado o trabalho.”¹⁸³ Agradecia ainda ao arcebispo de Urbino as observações formuladas pelo professor de história eclesiástica do seminário, assegurando: “Tais observações agradaram-me muito, e levá-las-ei em consideração na próxima edição”.¹⁸⁴ À condessa Callori fazia ainda aceno de um acréscimo sobre a infalibilidade, estando próxima a definição conciliar de 18 de julho: “Recebi o dinheiro de mil francos que, em sua caridade, enviava para a *História eclesiástica*, à qual não falta outra coisa senão o *cânon da infalibilidade* para colocá-la na impressão”.¹⁸⁵ “A famosa *História eclesiástica* sai num grande fascículo; estamos no final. Antes do Santo Natal a terá”, anunciava à condessa Callori.¹⁸⁶ Tratava-se do fascículo duplo de novembro-dezembro das *Leituras Católicas*, de 464 páginas, que obviamente esgotou-se rapidamente. Menos de um mês depois Dom Bosco podia anunciar: “Esta História, até o momento, encontra-se bem. Apenas começada a distribuição, quase terminou a edição de 15 mil cópias. Já se começou outra”.¹⁸⁷ Repetia a notícia em 23 de janeiro de 1871: “a nova edição da pequena *História eclesiástica*, de 15 mil cópias, esgotou-se em menos de um mês. *Deo gratias*. Preparamos outra edição”.¹⁸⁸

Em vista da nova edição de 1871 agradecia o conde Francesco di Viancino pelas observações enviadas sobre a precedente: “Recebi suas reflexões sobre o pequeno vocabulário e as levarei em consideração para a nova edição que faremos talvez antes do final do ano. Se pudesse agir da mesma forma para o resto da História, far-me-ia grande favor”. O conde colaborava, de várias formas, também como tradutor, para as *Leituras Católicas*.¹⁸⁹

Ao padre Bonetti dava informações idênticas com o encargo de cooperar na reedição do *Jovem instruído* em 1871 e, posteriormente aumentada, em 1873: “Entreguei na tipografia a *História eclesiástica*, por isso posso deixar-te nesta semana o *Jovem instruído*. Procura acrescentar um breve capítulo sobre a comunhão freqüente e sobre a devoção a são José. Para o primeiro [o capítulo sobre a comunhão freqüente], se não tens outro, pode-se dizer como feito aquele do *Mês de Maria*”, o *Mês de maio*.¹⁹⁰

Para a nova edição da *História sagrada* de 1874 escrevia ao secretário, padre Berto, empenhado na revisão do *Pequeno dicionário geográfico*: “O trabalho realizado está bom. Não precisa colocar a explicação dos nomes das cidades. Se te parece bem colocar o nome moderno correspondente a eles, podes colocar. É coisa já feita: procura deixar cópia da *História sagrada* em minha mesa; os vocábulos já existentes sejam omitidos”.¹⁹¹ Mais adiante solicitava a um dos responsáveis do jornal *L’Unità*

¹⁸³ Carta de 15 de maio de 1870; Em III 208.

¹⁸⁴ Carta de 3 de junho de 1870; E II 95.

¹⁸⁵ Carta de 18 de junho de 1870 (Em III 217), e de 13 de julho do mesmo ano (Em III 226).

¹⁸⁶ Carta de 6 de dezembro de 1870; Em III 274.

¹⁸⁷ À condessa Carlotta Callori, 2 de janeiro de 1871; Em III 289.

¹⁸⁸ À condessa Callori; Em III 295.

¹⁸⁹ Carta de 16 de janeiro de 1876; Em III 291.

¹⁹⁰ Carta de 5 de março de 1871; Em III 313-314.

¹⁹¹ Carta de 8 de agosto de 1872; Em III 453-454.

Cattolica, padre Eugenio Reffo, para que escrevesse sobre a segunda edição do *Mês de maio* de 1873.¹⁹²

Seu interesse pela imprensa católica ia além. Em 1873, escrevendo ao jovem conde Cesare Balbo, filho do conde Prospero e sobrinho do outro Cesare, autor de *As esperanças da Itália*, dizia estar interessado à empresa de um novo jornal católico. Desejando a ele e à jovem esposa, filha da condessa Corsi, “o precioso dom da saúde, e a outra graça ainda mais preciosa, de poder empregar essa saúde toda e sempre em coisas que sejam para a maior glória de Deus”, acrescentava: “Tanto mais que teremos que sustentar uma nada pequena fadiga pelo jornal do qual falamos, e do qual chegaremos à conclusão, quando, se Deus quiser, irei a Casino”, o Palácio Corsi em Nizza Monferrato.¹⁹³

E ainda solicitava ao padre Barberis para compor um manual de *História oriental e grega* e a propor os cadernos ao professor Lanfranchi, com quem já conversara a respeito.¹⁹⁴

7. Outro intermezzo de política eclesiástica (1871-1874)

Do final de 1871 aos inícios de 1874 Dom Bosco se encontrava envolvido, de várias formas, no problema do *exequatur* que, na Itália, os novos bispos deviam pedir ao governo, caso quisessem obter a temporalidade – a sede e a mesa – anexas a seu cargo. A questão, que permaneceu sem solução mesmo depois da missão Tonello de 1867, chegaria a seu cume nos primeiros meses de 1874, quando Dom Bosco estava em Roma para a aprovação das Constituições. Ele aí se deixava envolver com zelo apaixonado, não sem perceber alguma possível vantagem paralela. O serviço prestado à Igreja e à sociedade civil podia certamente atrair benevolência e apoio às suas obras juvenis e facilitar o *iter* de aprovação das Constituições da Sociedade Salesiana, que tinha a peito.¹⁹⁵

Em 22 de junho de 1871 partia para Roma a fim de participar dos festejos do 25º de pontificado de Pio IX. Em Florença fazia breve parada de duas horas, talvez utilizada para um contato preliminar com o presidente do Conselho, Giovanni Lanza. Já em Roma, no dia 28 tinha audiência com o papa. Em 1º de julho de 1871, ainda em Roma, escrevia ao padre Rua: “Tive duas audiências com o santo padre e tratei de forma mais satisfatória cada coisa (...). Agora se trata de uma realidade que interessa todo o mundo, cujo bom êxito depende das preces e da guerra contra o pecado”.¹⁹⁶ Não é improvável

¹⁹² Carta de 18 de abril de 1873; E II 271.

¹⁹³ Carta de 12 de agosto de 1873; E II 222.

¹⁹⁴ Carta de Alassio, 5 de março de 1876; E III 26.

¹⁹⁵ Sobre o argumento são utilizados os seguintes estudos: F. MORTO, “L’azione mediatrice di Don Bosco nella questione delle sedi vescovili vacanti”, p. 302-328; F. MORTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e Governo per la concessioni degli *Exequatur* ai vescovi”, RSS 6 (1987), p. 3-79; F. DESRAMAUT, “L’audience imaginaire du ministre Lanza (Florence, 22 juin 1871)”, RSS 11 (1992), p. 9-34.

¹⁹⁶ Em III 344.

que nos dois encontros se tenha tocado também a questão das nomeações dos bispos e da “temporalidade”, e que a Dom Bosco fosse pedido que fizesse indicações de nomes dos candidatos.

Na carta de 21 de agosto de 1871 o papa propunha ao rei, que se encontrava no Piemonte, a retomada das tratativas para a nomeação dos bispos na Itália. “No entanto, querendo eu exercitar a missão que me veio diretamente de Deus, penso de nomear novos sujeitos para cobrir ao menos uma parte das muitas sedes vacantes na Itália”.¹⁹⁷ Cardeal Antonelli se empenhava para que chegasse em Turim, por meio do ministro geral dos frades menores, para ser entregue a dom Tortone. A este, Antonelli confiava “o cuidado de se dirigir ao sacerdote Dom Bosco em seu nome e acertar com ele a forma mais rápida e conveniente para que a mesma folha chegasse com segurança às mãos do alto personagem”.¹⁹⁸ Dom Bosco estava em Nizza Monferrato, hóspede dos condes Corsi, e, embora solicitado por dom Tortone, não se moveu. Por isso dom Tortone confiava o encargo ao abade Gazelli, de Rossana, que era então o mediador da resposta do rei a Pio IX, esta obviamente redigida pelo ministro Lanza. Sobre a nomeação dos bispos o rei escrevia: “Eu e meu governo estaremos bem felizes em secundá-lo, na confiança de que a escolha de Vossa Santidade recairá sobre pessoas que saberão conciliar os deveres do próprio ministério com o respeito às leis do Estado. E onde Vossa Santidade quisesse o ofício de um delegado, para eliminar todo perigo de possíveis dificuldades, meu governo se apressará em concedê-lo”.¹⁹⁹

No entanto, eram expedidas do Vaticano cartas a arcebispos e bispos da Itália para que indicassem possíveis candidatos ao episcopado. Davam-se critérios orientadores para a escolha: doutrina sólida, prudência, firmeza.²⁰⁰ De sua parte, Lanza colocava em ação os procedimentos mais idôneos para que a Santa Sé pudesse chegar às nomeações com pareceres oficiosos convergentes. Em 10 de setembro dom Tortone informava Antonelli: “Hoje o senhor Dom Bosco confiou-me que, no dia de ontem, esse senhor prefeito mandou chamá-lo para comunicar-lhe o telegrama do ministro Lanza, convidando-o a ir a Florença o mais depressa possível para tratar de assunto já conhecido dele. Dom Bosco partiu esta noite para Florença, e creio que tal assunto tenha relação com a carta que, por meio indireto, foi entregue ultimamente ao conhecido personagem”.²⁰¹ De fato, em 9 de setembro Lanza tinha pedido por telegrama ao prefeito de Turim: “Se o sacerdote Dom Bosco encontra-se aí, chame-o e lhe peça para se dirigir o mais depressa a Florença, a fim de conversar comigo sobre assuntos que ele conhece. Aguardo

¹⁹⁷ P. PIRRI, S.J., *Pio IX e Vittorio Emanuele II dal loro carteggio privato*. Parte II (Documenti), III: La Questione romana. Roma, PUG, 1961, p. 317.

¹⁹⁸ Carta datada de 14 de agosto de 1871, in: P. PIRRI, *Pio IX e Vittorio Emanuele II*, p. 317-318.

¹⁹⁹ Carta de 12 de setembro de 1871, in: P. PIRRI, *Pio IX e Vittorio Emanuele II*, p. 319-320.

²⁰⁰ Cf. F. MOTTO, “L’azione mediatrice di Don Bosco nella questione delle sedi vescovili vacanti”, p. 309.

²⁰¹ Citado por F. MOTTO, “L’azione mediatrice di Don Bosco nella questione delle sedi vescovili vacanti”, p. 308.

resposta”.²⁰² Em 11 de setembro Dom Bosco conversava com ele em Florença. O núcleo do encontro era lembrado por Dom Bosco na carta que teria enviado ao presidente do Conselho em 11 de fevereiro de 1872, no final de sua doença em Varazze. Escrevia: “Quando eu tive a honra de falar com V.S. no dia 9 [11] de setembro, pareceu-me que estivesse de pleno acordo que o governo deixava livre ao papa a escolha dos bispos, nem o governo teria colocado dificuldade para a consecução da temporalidade”.²⁰³ A carta, portanto, supunha que tivesse existido um acordo de princípios sobre problemas pendentes. Naquele setembro de 1871, com efeito, chegado em Roma, proveniente de Florença, em audiência seja com o papa, seja com o cardeal Antonelli, Dom Bosco tinha submetido à atenção deles certo número de nomes. O Arquivo Secreto Vaticano conserva quatro folhas autógrafas suas com a indicação de candidatos ao episcopado. Em 3 de setembro estava já de retorno a Turim e outros nomes eram exigidos pela Santa Sé a várias dioceses, nos dias 14, 18 e 20 desse mês, enquanto, do outro lado, jornais de posicionamentos diferentes informavam, polemizavam e revelavam indiscrições sobre as tratativas e sobre os nomes. No concistório de 27 de outubro de 1871 Pio IX preconizava 41 bispos para o mesmo número de dioceses italianas, entre os quais Balma para Cagliari, Gastaldi para Turim, Fissore para Vercelli, De Gaudenzi para Vigevano, Siboni para Albenga. Seguiam outros nomes nos dias 14 e 27 de novembro (entre os quais dom Manacorda para Fossano), e 16 e 22 de dezembro.²⁰⁴

Permanecia ainda sem solução o problema das temporalidades, ao qual – segundo a “lei das Garantias”, de 13 de maio de 1871 –, os bispos não podiam aceder sem o *exequatur*. O governo não pretendia concedê-lo a não ser com a condição de que a Santa Sé lhe pedisse formalmente e apresentasse a bula de nomeação. O Vaticano acreditava não poder acolher tal condição, uma vez que esse pedido equivalia a reconhecer um governo considerado ilegal e prevaricador. Na carta ao presidente do Conselho, Dom Bosco oferecia os próprios préstimos, precisamente para tentar chegar a alguma fórmula aceitável para ambas as partes. Nela afirmava sua sincera imparcialidade de “sacerdote católico, afeiçoado ao chefe da católica religião”, e de cidadão, que se mostrara “sempre afeiçoadíssimo ao governo”, dedicando as próprias “substâncias e as forças e a vida” ao bem de seus súditos. Se acreditavam que ele pudesse “servir em alguma coisa vantajosa ao governo e à religião”, bastava que lhe indicassem como.²⁰⁵ À carta anexava uma anotação, *Pensamentos de um sacerdote piemontês sobre a questão vigente entre o Ministério dos Cultos e os novos bispos eleitos por Sua Beatitude em 1871*, certamente redigida por um competente.²⁰⁶ Em 3 de março o governo tinha reduzido a quatro as

²⁰² Transcrito por C. de VECCHI, “Don Bosco e Giovanni Lanza: nuovi documenti sulla questione della temporalità dei vescovi dopo il 1870”, *Rassegna Storica del Risorgimento* 21(1934), p. 213.

²⁰³ Em III 398.

²⁰⁴ Cf. F. MOTTO, “L’azione mediatrice di Don Bosco nella questione delle sedi vescovili vacanti”, p. 310-315; G. MARTINA, *Pio IX (1867-1878)*, p. 261.

²⁰⁵ Ao ministro G. Lanza, 11 de fevereiro de 1872; Em III 398.

²⁰⁶ O texto é transcrito por F. MOTTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, *RSS* 6 (1987), p. 59-60.

possíveis fórmulas, sob cujas condições concederia o *exequatur*. Nenhuma fora considerada admissível pela comissão cardinalícia *ad hoc*. A única modalidade aceitável, segundo circular, de 10 de março, do cardeal Antonelli aos bispos, era a pura e simples comunicação à autoridade civil da eleição do bispo e de sua entrada em sede. Dom Bosco não se resignava e, em 8 de abril de 1872, informava ao papa dos passos por ele dados sobre a “questão da *temporalidade*”. Tinha escrito ao ministro Lanza recordando a promessa formal que este fizera, assim como os outros colegas dele e o próprio soberano, de remover qualquer obstáculo à consecução das *temporalidades*. Tinha recebido garantias de que nada fora mudado por parte do governo e do rei. Vendo, porém, que a questão não se desbloqueava, tinha escrito “outras cartas, às quais não se deu mais nenhuma resposta”. Notava: “sei, positivamente, que o governo deseja retirar-se dessa dificuldade, mas responde sempre que não sabe como fazer”.²⁰⁷ Não se têm essas cartas a que Dom Bosco acena. Na resposta de 1º de maio, o papa, embora louvando a astúcia de Dom Bosco, reconhecia o emperramento das tratativas, mas não favorecia seu desbloqueio: “Louvamos o zelo e a solicitude – assegurava com destacada benevolência –; de outro lado, tu vês a que ponto estão as coisas. Por isso é melhor rezar a Deus, o único que pode mover os corações das pessoas e que, tendo prometido perene proteção à sua Igreja, não pode faltar com o que prometeu”.²⁰⁸

De qualquer forma, a título pessoal, em carta ao ministro Lanza, de 21 de maio de 1872, Dom Bosco, embora professando-se “estranho à política e às coisas públicas”, propunha uma fórmula que imaginava poder ser aceita pelos dois lados: “creio que o governo possa estar satisfeito com uma nota autêntica da Santa Sé, com a qual se declare ao mesmo governo que no Concistório tido em data n.n. foram divulgados os bispos às sedes vacantes n.n.”.²⁰⁹ Mas a fórmula “nota autêntica da Santa Sé” não ajudava, por certo, a superar a questão de princípio colocada pelo Vaticano. No entanto, em três sucessivos concistórios, de 23 de fevereiro, 6 de maio e 23 de setembro de 1872, Pio IX anunciava para a Itália 38 novos bispos. Dom Bosco, então, interveio junto a Antonelli, propondo nomes cujo êxito estaria de qualquer maneira assegurado.²¹⁰

Dom Bosco ainda se interessava do problema do *exequatur* na breve estada romana entre 24 de fevereiro e 22 de março de 1873, destinada a fazer deslanchar a negociação para aprovação das Constituições. Quanto às tratativas sobre o *exequatur*, era encorajado por uma nota do jesuíta Sebastiano Sanguineti, da linha possibilista quer sobre a questão da participação dos católicos às eleições políticas quer sobre a questão do *exequatur*.²¹¹ A partir 26 de fevereiro Dom Bosco se colocava em contato com o

²⁰⁷ A Pio IX, 8 de abril de 1872; Em III 422-423.

²⁰⁸ Citado por F. MOTTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 17.

²⁰⁹ Em III 434.

²¹⁰ Cf. F. MOTTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 69-76; G. MARTINA, *Pio IX (1867-1878)*, p. 261.

²¹¹ Cf. o texto em F. MOTTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 61-62.

cardeal Antonelli e com Pio IX, e a partir de 4 de março, com o ministro Lanza e outros membros do governo. A certo ponto podia comunicar ao cardeal Antonelli quatro possíveis fórmulas de apresentação das nomeações ao governo, sem envolver diretamente a Santa Sé. Uma pareceu agradar. Entre 15 e 16 de março, Dom Bosco acreditou que se tivesse chegado ao acordo. Partia de Roma no dia 22 e chegava em Turim no dia 30.²¹²

A situação se complicou com a aplicação em Roma, em junho de 1873, das leis da supressão e da aplicação de impostos, de 1866 e 1867, resguardadas as casas generalícias, exceto a dos jesuítas.²¹³ Em 5 de julho caía o governo Lanza. No dia 10 sucedia o gabinete presidido por Marco Minghetti, com Paolo Onorato Vigliani, ambos anti-jurisdicionalistas convictos, contrários ao *placet* e ao *exequatur*. Dom Bosco foi convidado pelo Vaticano para confirmar se era ainda válida a fórmula concordada com Lanza.²¹⁴ Em 14 de julho recordava a Minghetti o desenvolvimento das coisas acontecidas precedentemente entre Santa Sé e governo italiano, assegurando a própria disponibilidade para ser porta-voz, acrescentando poucas linhas sobre duas possíveis fórmulas.²¹⁵ Tendo recebido de Minghetti um acordo de princípios, Dom Bosco escrevia ao cardeal Antonelli, pedindo que ele dissesse, “ainda que com palavras vagas: 1) Se esse caso está sendo tratado por alguma outra pessoa. 2) Se devo deixar ou continuar sobre bases outrora estáveis”.²¹⁶ Antonelli não via dificuldade que Dom Bosco mantivesse os contatos, indicando contudo limites precisos além dos quais não se poderia “prometer novamente cooperação ou aquiescência por parte da Santa Sé”: o ônus de pedir o nome dos bispos indicados às respectivas dioceses era atribuído ao governo, não vice-versa.²¹⁷ Era uma “nova proposta” com relação à precedentemente concordada com Lanza, lembrava Dom Bosco a Antonelli. O cardeal as acentuava concretamente; e Dom Bosco propunha os termos ao ministro Vigliani. Este, pessoa “muito religiosa” segundo Stefano Jacini, respondia mostrando disponibilidade e pedindo a Dom Bosco, “ótimo sacerdote e bom cidadão”, “para que – dizia – queira usar seus melhores préstimos a fim de persuadir a Santa Sé a fornecer ao governo os meios que são indispensáveis para conciliar a observância da lei, superior à vontade de todos os ministros, com todas as facilidades possíveis para a concessão do *exequatur*”. Antonelli, contudo, permanecia rígido em sua fórmula,²¹⁸ sem perceber que o governo se encontrava em grandes dificuldades com a precária maioria que o sustentava. Consentia, contudo, que Dom Bosco continuasse na sua voluntariosa inerte diplomacia.²¹⁹ Ele a retomava no

²¹² Cf. F. MORTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 19-26. O texto da nota a Antonelli está transcrito na p. 63.

²¹³ Cf. cap. 1, § 9.

²¹⁴ F. MORTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 26-35.

²¹⁵ Cf. F. MORTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 63-64.

²¹⁶ Citado por F. MORTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 65.

²¹⁷ Citado por F. MORTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 65-66.

²¹⁸ Cf. cartas de 25 de agosto, 13 de setembro e 12 de outubro de 1873 in F. MORTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 66-69.

²¹⁹ Cf. F. MORTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 26-37.

último dia de 1873, no curso da sua estada em Roma nos primeiros meses de 1874, dedicada sobretudo à fatigante negociação em vista da aprovação das Constituições. Na crônica do padre Berto, de 31 de dezembro até a metade de fevereiro, muitas vezes se registram encontros de Dom Bosco com os cardeais Antonelli e Berardi, de um lado, e com o ministro Vigliani, do outro, decididos a chegar a uma fórmula de comum acordo. A imprensa de tendência oposta não deixava de trazer indiscrições e de fazer avaliações e críticas, com várias estocadas contra Dom Bosco. A imprensa católica reacionária terminava por dar-lhe o golpe da graça, que provavelmente não desagradava nem ao Vaticano, firme em seu princípio, nem ao governo, assoberbado por problemas de estabilidade e absorvido pelo enorme problema de equiparação do balanço.²²⁰

A ruptura definitiva e a subida ao poder da Esquerda, em 1876, constrangeriam a Santa Sé a atitudes sempre mais possibilistas na questão dos bispos que pediam o *exequatur*. Após circular vexatória do ministro da Justiça, Stanislao Mancini, intransigente jurisdicionalista, muitos bispos se viram constrangidos a pedir à Congregação da Inquisição se era lícito apresentar ao governo as bulas de suas nomeações, a fim que pusesse o régio *exequatur*. A resposta de 29 de novembro de 1876 era esta: “tendo presente o estado das coisas, podia-se tolerar”. Giacomo Martina fala de “lento cedi-mento ao discernimento da Santa Sé”.²²¹

De Dom Bosco restava o esforço generoso feito para conciliar de modo realista as competências e as responsabilidades respectivas da Igreja e do Estado, em nome do princípio superior *lex suprema, salus animarum*. Era o mesmo que induzia, pouco a pouco, também o episcopado a dobrar-se a uma outra *lex*, embora incôngrua, mas férrea, em um estado jurisdicionalista.

²²⁰ F. MOTTO, “La mediazione di Don Bosco fra Santa Sede e governo”, p. 37-55.

²²¹ G. MARTINA, *Pio IX (1867-1878)*, p. 582.



Capítulo XIX

FUNDAÇÃO DO INSTITUTO DAS FMA E CONSOLIDAÇÃO CONSTITUCIONAL DOS SDB (1870-1874)

- 1837 9 de maio: nascimento de santa Maria Domenica Mazzarello
- 1862 6 de julho: um presságio, “Jesus Cristo remiu somente os jovens?”
- 1864 8 de outubro: em Mornese o primeiro encontro com as Filhas da Imaculada
- 1867 transferência das congregadas para a Casa da Imaculada
dezembro, conferência de Dom Bosco às congregadas
- 1871 24 de abril, carta à beata Enrichetta Dominici para uma adaptação das
Constituições Salesianas “a um instituto de religiosas”
“Constituições Regras do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora”
- 1872 23 de maio: entrada no colégio, sede definitiva
5 de agosto: vestição e profissão religiosa das primeiras onze Filhas de Maria
Auxiliadora e vestição de quatro
24 de outubro: carta do arcebispo Gastaldi sobre a admissão às ordens dos
candidatos salesianos
- 1873 18 de fevereiro: viagem de Dom Bosco a Roma
22 de março: retorno a Turim via Florença, Bologna e Modena
verão: chegam as *animadversiones* sobre as Constituições
30 de dezembro: em Roma para a aprovação das Constituições dos SDB
- 1874 março: padre Giovanni Cagliari, diretor geral do Instituto das FMA
3 a 13 de abril: aprovação das Constituições dos SDB e rescrito de concessão
da faculdade das dimissórias *ad decenium*
15 de maio: morte do padre Pestarino
15 de junho: eleição como superiora geral de Maria Domenica Mazzarello,
a madre
outono: diretor espiritual local, padre Giacomo Costamagna
8 de outubro: Filhas de Maria Auxiliadora em Borgo San Martino

Os primeiros anos da década de 70 assinalam dois momentos capitais na história de Dom Bosco: o aumento e a consolidação da ação juvenil, com a extensão ao mundo feminino mediante a fundação do Instituto das FMA, e a obtenção da aprovação das Constituições da Sociedade Salesiana. Diferentes foram tanto as modalidades pelas quais foram obtidos os dois resultados fundamentais como suas dimensões. No primeiro

caso Dom Bosco conseguia talvez mais do que tivesse esperado; no segundo, ao invés, certamente menos do que tinha pedido, com dolorosas conseqüências para a vida da congregação que nascia, segundo ele ainda incompleta.

1. Convergência de duas experiências autônomas para o Instituto das FMA

Nos anos em que Dom Bosco começava a dar forma à Sociedade Salesiana, cuidando do espírito salesiano dos primeiros jovens aderentes também por meio da narração de sonhos, aparecia um destes, singular, como se fosse prelúdio longínquo de uma iniciativa análoga para as jovens. Dom Bosco colocou-o na noite entre 5 e 6 de julho de 1862, reduzindo-o à rápidas pinceladas. “Eu me encontrava numa grande planície. Via os jovens do Oratório correndo e saltando, recreando-se alegremente. Eu caminhava com a marquesa Barolo, que me dizia: ‘deixe a mim somente o cuidado das meninas; o senhor cuide apenas dos meninos’. Eu lhe respondia: ‘Mas me responda: Jesus remiu somente os jovens, e não as jovens?’’. ‘Eu sei’, ela me respondia, ‘que remiu a todos’. ‘Então eu devo esforçar-me para que seu sangue não tenha sido espargido inutilmente tanto para os jovens como para as meninas’”.¹

Assim, do horizonte de Dom Bosco não estavam ausentes a possibilidade e a necessidade de iniciativas em favor da juventude feminina semelhantes às masculinas. Esse compromisso, porém, não teria seu início do zero, mas a partir do encontro com um grupo já constituído de jovens, de alguma forma consagradas ao serviço de Deus e do próximo em determinada missão. Por isso, embora não sendo tarefa do biógrafo de Dom Bosco escrever a história das origens e dos primeiros desenvolvimentos do Instituto das FMA, é seu dever relembrar papel dele na constituição e primeira consolidação, tornando-se também seu fundador. Com efeito, deve-se tomar em séria consideração a base relevante que o grupo de jovens associadas ofereceu à fundação. Elas constituíram o primeiro núcleo, com a direção e a animação de Maria Domenica Mazzarello (1837-1881) e o comum pai espiritual, padre Domenico Pestarino (1817-1874). Mas é necessário ainda aprofundar as razões históricas que fizeram de Dom Bosco o fundador para todos os efeitos,² e não apenas pelos aspectos formalmente jurídicos.³

¹ G. BONETTI, *Annali III 1862*, p. 31-32. Cf. também D. RUFFINO, *Cronaca 1861 1862 1863 1864 Le doti grandi e luminose*, 5 de junho [= julho] 1862, p. 23.

² Sobre a complexa interação, cf. P. STELLA, “Le Figlie di Maria Ausiliatrice”, in: *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. I, p. 187-208; M. E. POSADA, “Significato della validissima cooperatio di Santa Maria Domenica Mazzarello alla fondazione dell’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice”, in: M. E. POSADA (ed.), *Attuale perchè vera: contributi su Santa Maria Domenica Mazzarello*. Roma, LAS, 1987, p. 53-68; P. CAVAGLIÀ, “Il rapporto stabilitosi tra santa Maria Domenica Mazzarello e san Giovanni Bosco: studio critico di alcune interpretazioni”, in: *Attuale perchè vera*, p. 69-98; A. DELEIDI, “Don Bosco e Maria Domenica Mazzarello: rapporto storico-spirituale”, in: *Don Bosco nella storia*, p. 205-216;

De fato, o Instituto surgia e se plasmava graças a dois movimentos autônomos e convergentes, ambos historicamente necessários para sua existência e fisionomia própria.

Nessa perspectiva não parece que possam criar problemas historiográficos os testemunhos, embora diferentes e nem sempre exatos, dados pelos padres Francesco Cerruti e Michele Rua no Processo Informativo para beatificação e canonização de Dom Bosco, sobre a ação por ele desenvolvida na implantação do Instituto FMA. No fundo, ambos testemunhos podem ser considerados complementares.

Francesco Cerruti se referia ao que, segundo ele, teria ouvido do próprio Dom Bosco. A Pio IX, que lhe perguntava por que não pensava de estender às meninas o que fazia para os meninos, ele respondia que já tinha pensado, ou melhor, queria que a futura “associação religiosa” fosse “um monumento falante” de “filial reconhecimento” a Nossa Senhora Auxiliadora. “Circunstância propícia” seria o encontro, em 1872 [uma evidente imprecisão cronológica], com padre Pestarino e com “as ótimas jovens congregadas da Companhia da Imaculada, fundada e dirigida pelo mesmo padre Pestarino, as quais passaram posteriormente a ser chamadas Filhas de Maria Auxiliadora, segundo regras dadas por Dom Bosco e aprovadas por dom Sciandra, bispo de Acqui, de forma que se estabelece assim que foi realmente Dom Bosco o fundador das Filhas de Maria Auxiliadora”.⁴

O testemunho do padre Rua nasce de conhecimentos pessoais. Além da Sociedade Salesiana – atestava – Dom Bosco “fundou também a das Filhas de Maria Auxiliadora”. À morte da mãe, Margherita, ele entreviu a oportunidade de uma congregação religiosa ocupada com questões domésticas; “porém não se decidiu até o momento em que a Providência lhe abriu, ela mesma, evidentemente, o caminho”. Ele tomou tal decisão quando padre Pestarino, que em Mornese, na diocese de Acqui, “costumava reunir e cultivar na piedade moças solteiras de sua terra natal”, “com calorosa insistência conse-

M. E. POSADA, “L’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice in rapporto a don Bosco”, in: *Don Bosco nella storia*, p. 217-229; M. E. POSADA, “Don Bosco fondatore dell’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice”, in: M. MIDALI (ed.), *Don Bosco fondatore della Famiglia Salesiana*. Atti del Simposio – Salesianum, 22 a 26 janeiro de 1989. Roma, Editrice S.D.B., 1989, p. 281-303; A. DELEIDI, “Il rapporto tra Don Bosco e Madre Mazzarello nella fondazione dell’Istituto delle FMA (1862-1870)”, in: *Don Bosco fondatore della Famiglia Salesiana*, p. 305-321; P. CAVAGLIÀ e A. COSTA, *Orme di vita tracce di futuro: fonti e testimonianze sulla prima comunità delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1870-1881)*. Roma, LAS, 1996.

³ Sobre esses aspectos veja-se o problema colocado pelo promotor geral da fé, Salvatore Natucci, ao Processo Apostólico de Beatificação e Canonização de Maria Domenica Mazzarello: cf. SACRA CONGREGATIO RITUUM, *Aquen. Beatificationis et canonizationis Servae Dei Mariae Dominicae Mazzarello. Primae Antistitae Instituti Filiarum Mariae Auxiliatricis. Nova Positio super virtutibus*. Roma, Guerra e Belli, 1935, p. 1-2; L. FIORA, “Storia del titolo di ‘Confondatrice’ conferito dalla Chiesa a Santa Maria Domenica Mazzarello”, in: M. E. POSADA, (ed.), *Attuale perché vera*, p. 39-47; no prosseguimento da Causa o *Factum Concordatum*, sem data, que contém as *Novissimae Animadversiones* do promotor, de 27 de novembro de 1935 (p. 5-10) e a *Responsio* dos advogados (p. 2 e 13): in: L. FIORA, “Storia del titolo di ‘Confondatrice’”, p. 47-51.

⁴ *Taurinen. Beatificationis et Canonizationis..., Positio super virtutibus*, 1920, p. 141.

guiu que ele a adotasse também como sua família espiritual”. Dom Bosco, “vendo o bom espírito, a piedade e a caridade recíproca que ali reinava”, deixou padre Pestarino como diretor, “não sem lhe prestar alguma assistência de conselho e de meios”. Depois, quando ele morreu, “enviou um de seus sacerdotes, coadjuvado por algum bom irmão leigo, para tomar a direção espiritual dessa família. Então, essa congregação, com o nome de *Filhas de Maria Auxiliadora*, começou a desenvolver-se, assim como todas as suas obras”, “em benefício da juventude feminina”.⁵

Padre Rua sublinhava uma realidade histórica incontestável. Sob a direção de um padre espiritual de alto perfil, o grupo de Mornese não era apenas matéria-prima bruta para a constituição de instituto religioso de consagradas. Na realidade, as jovens que o compunham, tendo como guia Maria Domenica Mazzarello, eram virtuais consagradas a Deus e ao próximo, no mundo, particularmente dedicadas à juventude feminina, disponíveis a uma forma estável e estruturada de vida comum. A superiora, verdadeira monja em casa e depois na comunidade, tinha todas as cartas em regra para receber o título oficial de co-fundadora e ainda mais, reforçada depois pela intensa colaboração com Dom Bosco para dar forma e substância ao instituto.

Do ponto de vista formal Dom Bosco é certamente o fundador, enquanto promove sua constituição como verdadeira e própria comunidade religiosa, e propõe, leva à reelaboração, controla e promulga as Constituições idôneas, capazes de garantir as estruturas organizativas e a espiritualidade. Contudo, sua ação de fundador, numa perspectiva histórica concreta, foi diversa da que atuou em relação à Sociedade Salesiana. Para esta Dom Bosco partiu de jovens que não tinham nenhuma idéia de vida religiosa, até mesmo de alguém como o jovem Cagliari, alérgico “a tornar-se frade”. Todavia, esses jovens provinham, em grande parte, de boas famílias cristãs e com propensão mais ou menos clara para a vida eclesial. Do fato de estarem em sua casa, Dom Bosco foi gradualmente induzindo neles o desejo de viver e de trabalhar estavelmente, em comunidade, com ele, até à decisão de dividir a mesma missão e ligar-se a ela mediante os votos religiosos, tornando-se membros de uma verdadeira e própria sociedade de consagrados. A realidade de Mornese, ao invés, estava já potencialmente à espera de uma convocação, e que se tornou oferta efetiva quando a intenção fundacional prévia de Dom Bosco, ainda não concretizada, colocou-se em movimento. O próprio Dom Bosco iniciava, com palavras significativas, a súplica para a aprovação diocesana do instituto, apresentada a dom Sciandra, bispo de Acqui. “V. S. sabe como em Mornese se iniciou, através do padre Domenico Pestarino, cuja memória é sempre querida, um instituto com o título de casa ou Colégio de Maria Auxiliadora, com a finalidade de educar cristãmente as meninas de poucas posses, ou pobres e abandonadas, de modo a encaminhá-las à moralidade, à ciência e à religião sob a direção das irmãs chamadas Filhas de Maria Auxiliadora”, evidente substituição da fórmula “Maria Imaculada”.⁶

⁵ *Taurinen. Beatificationis et Canonizationis..., Positio super virtutibus*, 1920, p. 279-281.

⁶ Carta de 14 de janeiro de 1876; E III 11.

Padre Francesco Cerruti, em seu testemunho, embora não falando de oferta por parte do padre Pestarino, contava que Dom Bosco, levado a imaginar um projeto de congregação feminina, tinha se deparado com um grupo preparado pelo padre mornesino que seria, de fato, a pedra angular desse projeto. Padre Pestarino tinha encontrado Dom Bosco por volta de 1862, e provavelmente em 1863 foi aceito como “sócio externo” da Sociedade Salesiana, assim como o padre Giovanni Ciattino.⁷ A partir de 1865 esteve sempre presente nos anuários da Conferência de São Francisco de Sales, nos quais cada diretor escrevia sobre a obra da qual era responsável. Por vários anos, portanto, ele encontrou-se nas condições de assimilar traços significativos da mentalidade e do espírito de Dom Bosco e de transmiti-lo mais ou menos conscientemente ao grupo das Filhas de Maria Imaculada de Mornese. Com efeito, a partir de 1870, mais explicitamente, ele agiu em perfeita harmonia com Dom Bosco a fim de fazer convergir ao mesmo ponto de chegada a realidade de Mornese e os projetos de Turim. Na apresentação das Constituições impressas, em 1878, Dom Bosco não deixava de “recomendar a alma” do padre Pestarino, “primeiro diretor das Irmãs de Maria Auxiliadora, da qual o Senhor se serviu para lançar os fundamentos deste Instituto”.⁸

É óbvio então que, para a reconstrução de tudo o que fez Dom Bosco em benefício do Instituto, não se possa prescindir de uma rápida evocação do fatos do grupo que, com sua superiora, terminaria por constituir-se o núcleo essencial do Instituto.

2. Comunidade devotada a Deus e ao próximo no mundo

Maria Domenica Mazzarello é realmente a co-protagonista em dar vida, forma e desenvolvimento ao Instituto. Como fundamento de sua ação pessoal e fundacional está, da infância até a adolescência (1837-1852), a exemplar educação familiar e eclesial, permeada do senso de Deus e do trabalho, aperfeiçoada pela primeira direção espiritual do padre Domenico Pestarino, que a conduziu à vida interior mais elevada, ao hábito da mortificação também externa, à intensa vida sacramental. Essa espiritualidade aprofundava-se e se caracterizava em três momentos capitais de seu itinerário biográfico, indenticáveis nos anos 1852-1855, 1860-1869 e 1870-1871.

No quadriênio 1852-1855 dava-se a adesão consciente e livre, primeiro secreta e depois oficial, à fundação da Pia União das Filhas de Maria Imaculada, promovida pela jovem Angela Maccagno. Esta escrevia o primeiro esboço de regulamento, praticado no primeiro biênio, revisto e estruturado pelo beato José Frassinetti em 1855 e aprovado

⁷ Eles aparecem como tais entre os “Membros da Sociedade de São Francisco de Sales pertencentes à casa-mãe de Turim, no ano de 1865”; cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*, p. 296, 318, 524.

⁸ *Regole o Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria SS. Ausiliatrice aggregate alla Società Salesiana*. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana, 1878, p. 5.

pelo bispo diocesano, dom Modesto Contratto (1798-1867), com o decreto de 20 de maio de 1857. Padre Frassinetti publicava-o como apêndice de seu livro *A monja em casa*⁹ e acenava a ele no opúsculo saído nas *Leituras Católicas* em setembro de 1860, *O modelo da jovem pobre Rosina Pedemonte, falecida em Gênova, na idade de 20 anos, em 30 de janeiro de 1860*.¹⁰ Rosina tinha transcorrido em Mornese o verão de 1858, hóspede de Angela Maccagno, que anteriormente tinha sido sua hóspede em Gênova entre 1857 e 1858, quando freqüentara a escola de método para conseguir o diploma de professora elementar. “Por este Apêndice, portanto – informava Frassinetti –, tomou-se conhecimento do Regulamento da Pia União, e pela vida da Rosina mostrou-se que ele é apto para conduzir à perfeição todas as moças solteiras que nele pautam sua vida”.¹¹

O estilo de vida de Mazzarello e das companheiras era o início de uma experiência parcial de monja em casa, a qual, primeiro sem saber, depois ciente, inspirava-se nas Ursulinas originárias, ideadas e fundadas por santa Angela Merici. Alguns elementos fundamentais, com efeito, já se encontravam no esboço de Maccagno. São três os pontos sólidos: intensa vida interior ascética e contemplativa, exercício de caridade para com o próximo, obediência à guia espiritual comum, padre Domenico Pestarino. Do primeiro Regulamento se podem retirar estas indicações: “Estar unidas de coração, de espírito e de vontade em Jesus Cristo”; “confirmemos e queiramos manter essa vontade e Pia União com voto temporário de castidade, segundo o conselho do diretor”; “fazer do bem a glória de Deus e a vantagem e bem do próximo”; “se alguma das irmãs se encontrasse abandonada pelos pais, ou sem algum auxílio dos mesmos, não pode ficar sozinha sem o conselho do diretor, e se unirá a alguma outra das irmãs que lhe indicará o diretor”. Como “finalidade geral” era indicado: “Cooperar para a glória de Deus e da religião nestes tempos e sempre: com o bom exemplo, com a freqüência aos santos sacramentos; devoção à paixão de N.S.J.C.; devoção terna e particular à nossa Mãe virgem santíssima, e isto seja a divisa e a finalidade da Pia União (...)”.¹²

À *Pia União das Filhas de Maria Santíssima Imaculada*, Frassinetti dedicava, em 1863, um apêndice do opúsculo *Vida e Instituto de Santa Angela Merici*, no qual recordava a origem mornesina da União e resumia os pontos qualificadores da regra por ele redigida.¹³ Começava afirmando que muitas “moças solteiras que não podem ou não querem professar num claustro se entregariam a Deus quando tivessem uma forma

⁹ *La monaca in casa*, Oneglia, Tasso, 1859.

¹⁰ *Il modello della povera fanciulla Rosina Pedemonte morta in Genova in età di 20 anni il dì 30 gennaio nel 1860*, por Giuseppe Frassinetti Priore a Santa Sabina in Genova. Turim, Tipografia G. B. Paravia e Comp., 1860, VIII-95 p.

¹¹ G. FRASSINETTI, *Vita e istituto di Santa Angela Merici*, Turim, Tipografia dell’Oratorio di San Francesco di Sales 1863, “Letture Cattoliche”, a. XI. fasc. 5, julho, p. 119.

¹² *Il primo Regolamento delle Figlie dell’Immacolata (abbozzo di Angela Maccagno) – 1853*, in: *Cronistoria I*. Roma, Istituto FMA, 1874, p. 321-323.

¹³ Cf. G. FRASSINETTI, *Vita e istituto di S. Angela Merici*, p. 109-138. A regra de Frassinetti tornou-se ponto de referência de inúmeras uniões surgidas no séc. XIX na Itália.

que lhes permitisse mais facilmente a obtenção da perfeição cristã permanecendo no mundo”. A isso visava a companhia idealizada por Angela Maccagno em Mornese. “Sua divisa” era: que as associadas “vivessem separadas afetivamente dos bens da terra, praticando assim a verdadeira pobreza de espírito; que, acima de tudo, não tivessem vontade própria, amantes da mais perfeita obediência; além disso, que tivessem o mais firme propósito de conservar perpétua castidade e destacar-se nessa virtude, o mais que pode a criatura humana, em modo angélico, e que estivessem mesmo prontas a fazer o voto, caso o confessor lhes permitissem; e, dizendo em uma palavra, que essas jovens, permanecendo em meio ao mundo, aspirassem à perfeição desejada pelas boas religiosas nos claustros. Além disso, queria que se exercitassem nas obras de misericórdia, sobretudo ajudando e assistindo as enfermas do lugar, empenhando-se para que não falte a instrução cristã às meninas, promovendo as obras de piedade, em geral cada coisa concernente ao serviço de Deus e à salvação das almas. Finalmente, era sua intenção que se considerassem como verdadeiras irmãs, e não somente se empenhassem pela recíproca vantagem do espírito, mas até mesmo se ajudassem nas necessidades temporais”. Acenava, enfim, às primeiras cinco [entre as quais Mazzarello] que tinham dado início oficial à Pia União no domingo sucessivo à festa da Imaculada de 1855.¹⁴ Recapitulando os dez artigos da regra, ele explicava alguns pontos menos conhecidos no regulamento original e que se encaixavam perfeitamente nos compromissos do pequeno grupo cuja animadora era Maria Mazzarello. No § 3º – escrevia – “fala-se de seus deveres”, que “são, em geral, exercitar-se nas obras de misericórdia corporal e espiritual”, entre as quais, “empenhar-se para que as jovens deixadas por seus pais freqüentem os sacramentos e a doutrina cristã”, e “cultivar o espírito das que são maiores para que tomem gosto pelas coisas santas e se entreguem a uma vida devota”. “No § 7º fala-se das reuniões espirituais que devem fazer as filhas da Pia União para ajudar-se mutuamente no crescimento do fervor, no exercício das obras de piedade e no zelo pela salvação das almas”. “No § 9º fala-se do método de vida, no qual se prescreve de fazer a oferta de si mesma a Deus, de manhã e de tarde, de escutar a Missa todos os dias, de dedicar-se à oração vocal e mental, de freqüentar os santíssimos sacramentos e de ter uma verdadeira devoção a Maria Santíssima”. Em conclusão, “esta Pia União – observa Frassinetti – em sua substância, e geralmente também em seus acessórios, é uma única coisa com a Companhia da Santa Úrsula”, antiga instituição “que floresceu novamente entre nós”.¹⁵

De fato, no primeiro período da União das Filhas da Imaculada, a espiritualidade dominante e familiar em Mornese, mediada pelo padre Pestarino, que fora aluno de Frassinetti, e pelo próprio Frassinetti, podia assim ser definida: espiritualidade semelhante a de Cafasso, benigna, ligoriana, com todos os conteúdos que aproximavam a experiência mornesina à de Turim do Convitto e de Dom Bosco.¹⁶ É significativo que,

¹⁴ G. FRASSINETTI, *Vita e istituto di S. Angela Merici*, p. 109-113.

¹⁵ G. FRASSINETTI, *Vita e istituto di S. Angela Merici*, p. 115-117.

¹⁶ Cf. M. E. POSADA, *Giuseppe Frassinetti e Maria D. Mazzarello: rapporto storico-spirituale*. Roma, LAS, 1966.

em suas reuniões, as Filhas lessem páginas de *A monja santa* de santo Afonso Maria de Ligório, do *Exercício de perfeição e de virtudes cristãs* do padre Alfonso Rodríguez, e de *A monja em casa* de Giuseppe Frassinetti, do ano de 1859,¹⁷ além de traços da vida de Teresa de Ávila. Exceto este último, eram todos livros que nos últimos anos da década de 60 Dom Bosco utilizava na formação religiosa dos salesianos.¹⁸

Na segunda fase, que começa na doença de 1860 e na intensificação do empenho ascético e educativo, Mazzarello se abria realmente a uma experiência muito próxima à de Dom Bosco. Sinais disso eram a progressiva e acentuada dedicação espiritual e apostólica às meninas, com intuito de dar-lhes encaminhamento profissional e educação religiosa, e, por causa desta, alguns elementos incipientes de vida comum com as jovens apóstolas. Muito depressa padre Pestarino tornava-se o grande mediador entre o grupo das Filhas da Imaculada e Dom Bosco. O primeiro encontro pessoal das Filhas de Maria Santíssima Imaculada com o futuro fundador acontecia em 8 de outubro de 1864, ano em que Maria e Petronilla Mazzarello tinham reforçado a separação da família, formando uma comunidade germinal. “Saiba que – escrevia Angela Maccagno ao padre Frassinetti, em 4 de dezembro de 1864 –, quando Dom Bosco veio a Mornese, uma tarde nos reunimos todas na Igreja, isto é, todas as Filhas da União, e ele nos disse algumas coisas. E eu, advertida pelo diretor, pedi-lhe que nos recomendasse a nosso bispo, que estava em Acqui, e ao mesmo tempo lhe disse que, quando fosse a Roma, intercedesse por nós junto do santo padre. Ele respondeu que não deixaria de fazê-lo. Perguntou-nos se tínhamos alguma indulgência e se gostaríamos de obtê-las. Dissemos-lhe que tinha todas as licenças de consegui-las para nós”.¹⁹ Nos mesmos dias, de acordo com Dom Bosco, padre Pestarino começava a dar forma ao projeto que o teria conduzido à construção do colégio, idealizado para os jovens, o qual, em 1871, por indicação de Dom Bosco, seria transformado em colégio para meninas.

Chegava-se a uma escolha vocacional mais precisa em outubro de 1867, quando educadora e educandas se transferiam para a casa da Imaculada, que lhes deixara padre Pestarino. Maria Mazzarello se tornava a diretora ou responsável. Enquanto isso, o minúsculo grupo da Filhas, solidárias com Mazzarello, intensificava a própria atividade, que orientava-se ainda mais para formas de apostolado semelhantes ao de Dom Bosco: o trabalho de costureiras, dedicadas à formação profissional e à educação cristã das meninas, o educandário germinal para meninas órfãs ou necessitadas, e a ação de prevenção oratoriana, religiosa, catequética e recreativa. Na segunda-feira, 9 de dezembro de 1867, Dom Bosco chegava a Mornese, onde permaneceria alguns dias para receber oficialmente da comunidade mornesina, reunida em assembléia no dia 10,

¹⁷ Oneglia, Tasso, 1859.

¹⁸ Cf. cap. 15, § 11.

¹⁹ Citado em G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1872-1885)*. Edição crítica aos cuidados de irmã Cecilia Romero. Roma, LAS, 1983, p. 24, n. 15

o dinheiro das rifas prometidas para a construção da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora.²⁰ Fez uma conferência às Filhas de Maria Imaculada e, no dia 13, abençoou a capela do novo colégio, celebrando aí a santa missa.²¹ Retornou a Mornese por convite do padre Pestarino, em 19 de abril de 1869, permanecendo até o dia 22. “Falou às Filhas”, informa a *Cronistoria*, falando ainda de uma espécie de horário-programa, que Dom Bosco teria enviado depois às jovens. Desse programa, contudo, não se tem rastro nem se conhece o conteúdo, o que o torna ainda mais problemático, visto que se sabe que as Filhas de Maria Imaculada já tinham o próprio regulamento.²²

Dom Bosco esteve ainda em Mornese em 9 de maio de 1870, no segundo dia do tríduo de celebrações para a primeira missa do sobrinho do padre Pestarino na cidade, padre Giuseppe. Mencionava isso à condessa Callori, em 15 de maio, elogiando a temperatura espiritual que se respirava no lugar e na comunidade das Filhas: “Sua carta chegou às minhas mãos em Mornese, que é o paraíso terrestre da província de Acqui”.²³ Provavelmente nesse momento estava amadurecendo a terceira fase, 1870-1871, que conduziria à data da “fundação” oficial, 5 de agosto de 1872. O bispo não era favorável à abertura do colégio para meninos. Padre Pestarino procurava envolver Dom Bosco no ato de determinar a nova destinação. Pode-se deduzir tal fato do aceno contido na carta em que Dom Bosco assegurava a própria presença em Mornese, em 9 de maio de 1870: “veremos ainda o que fazer com a casa e a escola de Mornese”.²⁴ Mais explícito, mas somente para o destinatário da carta, não para quem a lê hoje, é o que escrevia ao padre Pestarino em 10 de julho, convidando-o a ir a Turim para as quarenta horas, de 20 a 22 do mês: “se V.S. pode vir nessa ocasião será um grande prazer para mim, e teremos tempo para falar de nossos interesses (...). Poderia vir no dia 18 e passar conosco a semana e encontrar-se no sábado na paróquia, se assim quiser. Assim, terei um pouco de tempo para comunicar-lhe algumas coisas que não convém confiar a uma carta”.²⁵ Tornava-se explícita, finalmente, a decisão sobre o destino do colégio, concordada com o padre Pestarino no final de janeiro de 1871, quando o sacerdote mornesino estava em Valdocco para as conferências dos diretores. Em 28 de fevereiro escrevia este ao sobrinho, padre Giuseppe: “Estive em Turim e se decidi absolutamente pela abertura do colégio, em um sentido grandioso. Dom Bosco tem pensamentos muito grandes, e será necessário ainda construir, pelo que soube. Falta somente a licença, estamos atrás dela, mas o que fazer?”.²⁶ Aos “pensamentos muito grandes” sobre a abertura do colégio não deviam estar alheias, ainda elas que o ignorassem, as Filhas da Imaculada.

²⁰ Cf. carta de Dom Bosco ao padre Pestarino, 4 de outubro, e 3 e 25 de dezembro de 1867; Em II 440-441, 453-453 e 464-465.

²¹ Cf. MB VIII 1012-1018.

²² Cf. *Cronistoria* I 224-225.

²³ Em III 208.

²⁴ Ao padre Pestarino, 2 de maio de 1870; Em III 205.

²⁵ Em III 224.

²⁶ Citado em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA, (org.), *Orme di vita tracce di futuro*, p. 21.

3. Dom Bosco fundador do Instituto FMA

Mais que a confidências particulares, é preferível ater-se aos fatos, já analisados de forma breve mas aguda, por outros. Dom Bosco, além disso, como observava nos anos 50 seu diretor espiritual, padre Cafasso, não costumava exteriorizar os pensamentos e projetos que ainda estavam em gestação. Quando os manifestava, estes já se encontravam em fase de execução. Só então podia haver algum confidente, embora raro: aquele que era chamado diretamente a colaborar, salesiano ou benfeitor.

Algo de semelhante deve ter-se verificado com relação ao início de seu empenho direto na fundação do Instituto das FMA. Sua proverbial reserva inclui, contudo, convincentes certezas sobre eventuais soluções alternativas, que possam ter precedido a opção em relação às Filhas de Maria Santíssima Imaculada.

Assim, não parece que ele jamais tenha pensado em partir da obra educativa e apostólica estabelecida por madre Luigia Angelica Clarac na Via Pio V, pouco distante do Oratório São Luís.²⁷ É mais crível que o conhecimento da iniciativa de madre Clarac, mais que “hipotética possibilidade de fundação”, lhe tenha servido de “forte estímulo no amadurecimento de uma obra em favor das meninas necessitadas, que ia se delineando no espírito do santo”.²⁸

Ainda mais problemática parece a tentativa precoce, lá pelos anos de 1860, muito embora sem êxito, narrada pelo biógrafo do beato Giuseppe Allamano. “Quando Dom Bosco pensou em fundar a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora – teria afirmado padre Allamano –, a primeira pessoa em que pensou para ser a primeira superiora foi precisamente Benedetta Savio. Para tal finalidade tinha convidado a ir a Castelnuovo dois de seus sacerdotes, a fim de persuadi-la a ir a Turim”.²⁹ Aconselhada por Cafasso “a ser monja em casa”, Benedetta Savio (1825-1896), professora primária de 1849 a 1856, depois por quase cinquenta anos diretora do Asilo Pescarmona, em sua cidade natal, por vontade própria ou dissuadida pelos familiares, teria declinado da proposta de Dom Bosco para que “se tornasse co-fundadora das Irmãs de Maria Auxiliadora”.³⁰ Não obstante a autoridade do testemunho, imprecisões e incongruências levam a redimensionar bastante o fato, tanto mais problemático quando se pensa na data, realmente difícil de se aceitar, se “se pretende ligar aos fatos de Mornese”.³¹

²⁷ Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. I, p. 189-192.

²⁸ Cf. M. E. POSADA, “Alle origini di una scelta: Don Bosco, fondatore di un Istituto religioso femminile”, *Salesianum* 50(1988), p. 157; M. E. POSADA, “Don Bosco fondatore dell’Istituto”, p. 291; M. TREACY, “Mother Marie-Louise-Angelique Clarac and Don Bosco”, *Journal of Salesian Studies* 5(1994), n. 1, p. 152-159.

²⁹ Cf. I. TUBALDO, *Giuseppe Allamano: il suo tempo, la sua vita, la sua opera*. Vol. I: 1851-1891. Turim, Edizioni Missioni Consolata, 1982, p. 11.

³⁰ Cf. M. E. POSADA, “Alle origini di una scelta”, p. 157-159.

³¹ Cf. M. E. POSADA, “Alle origini di una scelta”, p. 152; M. E. POSADA, “Don Bosco fondatore dell’Istituto”, p. 292.

O cuidadoso e lento caminho de Mornese parece o único aceitável. Esse caminho foi gradativamente se configurando em Dom Bosco por volta de 1870 e tornando-se progressivamente desígnio revelado a partir de 1871: talvez ao padre Pestarino, e, abertamente, a uma imprevisível protagonista, que era também benfeitora do Oratório.³² Madre Enrichetta Dominici (1929-1894), proclamada bem-aventurada em 1978, era, desde 1861, superiora geral das Irmãs de Santana da Providência, fundadas pelos marqueses Tancredi e Giulia di Barolo. A ela, após um prévio colóquio, Dom Bosco enviava, em 24 de abril, uma carta extremamente empenhativa, com cópia das Constituições Salesianas em anexo. “Entrego em suas mãos – escrevia – o Regulamento de nossa Congregação, para que a senhora tenha a bondade de lê-lo e ver se é possível adaptá-lo a um instituto de religiosas segundo o que tive a honra de expor-lhe pessoalmente. Deverá começar pelo nº 3 – *Finalidade desta instituição Filhas da Imaculada* – e depois suprimir e acrescentar o que em sua sabedoria julgar necessário para fundar um instituto cujas filhas, em face da Igreja, sejam verdadeiras religiosas, mas, em face da sociedade civil, sejam igualmente cidadãs livres. Os capítulos ou artigos das Regras de Santana que puderem ser adaptados, far-me-ia muito prazer se o fizer. O que achar que devemos conversar, a senhora poderá avisar-me por algum de nossos clérigos ou empregados que muitas vezes passam por aí. É certamente um incômodo novo, mas acredito que se reverterá na maior glória de Deus. Pois, se conseguirmos ganhar-lhe alguma alma, a senhora terá a maior parte”.³³ Na carta se pressupõe explicitamente quer a intenção de fundar um Instituto religioso para a educação das meninas quer o desígnio já amadurecido de iniciá-lo a partir da União das Filhas da Imaculada. Já se encontra delineado um instituto idêntico, em sua fisionomia religiosa e “civil”, com a Sociedade de São Francisco de Sales. Como se depreende da carta da madre Dominici, de 4 de dezembro de 1872, a seu diretor espiritual, dom Pellegrino Tofoni, secretário do arcebispo de Fermo, cardeal de Angelis, a superiora tinha aceito o pedido, fazendo com que sua secretária, irmã Francesca [nome civil: Caterina] Garelli redigisse o Regulamento. Esta o retira, “em grande parte”, da Regra das Irmãs de Santana.³⁴

Conforme testemunho do padre Paolo Albera no Processo Apostólico, no mês seguinte ocorria um desenvolvimento significativo. “Em maio de 1870 [mas é 1871] – atestava – Dom Bosco, tendo reunido o Capítulo, recomendou que se rezasse durante um mês a fim de obter as luzes necessárias para saber se devia também ocupar-se das meninas, como de tanto em tanto era solicitado a fazer. Terminado o mês, reuniu de novo o Capítulo, pedindo a cada um o próprio parecer. Todos estiveram de acordo que convinha fazer também esse bem, e então ele pensou em confiar a obra ao padre Pestarino, sacerdote secular da diocese de Acqui e residente em Mornese, que, vivendo em sua casa, se ocupava da direção das almas, mas especialmente da Congregação

³² Cf. carta de Dom Bosco, 21 de setembro de 1869; Em III 137.

³³ Em III 325.

³⁴ A carta é transcrita em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 60.

das Filhas de Maria, que tinha sido fundada a exemplo da que fora erigida em Gênova pelo padre Frassinetti, de quem era amigo íntimo (...). Eu atesto o que disse acima com conhecimento direto, pois pertencia ao Capítulo quando Dom Bosco tratou dessa instituição”.³⁵ O testemunho é alternativa confiável à ata da reunião do Capítulo de 24 de abril de 1871, e que não foi encontrada até agora. Nessa reunião, segundo padre Angelo Amadei, Dom Bosco teria manifestado a intenção acerca da fundação do novo instituto.³⁶ Sabemos que é inexata a afirmação de que a União das Filhas da Imaculada seguisse Gênova; a ordem é claramente inversa. Em sua *Memória*, redigida há pouca distância dos fatos, padre Domenico Pestarino transmitia, quase que por ata, a viragem decisiva que, nestes meses, levava Dom Bosco a ser novamente fundador. “Pela metade de junho” de 1871 – escrevia – Dom Bosco “expunha ao padre Pestarino de Mornese, em conversa privada que teve com ele no Oratório de Turim, seu desejo de pensar na educação cristã das meninas do povo e declarava que Mornese seria o lugar que conhecia mais adaptado para tal Instituto, pela salubridade do ar, pelo espírito religioso que aí reina, porque, tendo começado já de vários anos a Congregação das Filhas sob o nome da Imaculada e das Novas Ursulinas, poder-se-ia facilmente escolher entre essas as que fossem mais dispostas e chamadas a levar vida comum em tudo e retirada do mundo, visto que, tendo já alguma idéia de vida mais regulada e de espírito de piedade, poder-se-ia facilmente iniciar o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que auxiliasse com o espírito, com o exemplo e com a instrução salutar a cultivar maiores e pequenas, e, a exemplo dos oratórios que o mesmo Dom Bosco instituiu na cidade de Turim e dos colégios de jovens que sob sua direção encontram-se em várias partes, fazendo-se as poucas exceções e correções indispensáveis a seu sexo, a promover o bem e a instrução cristã em tantas pobres meninas do povo”. Dom Bosco tinha solicitado o parecer do padre Pestarino, que dava seu pleno assentimento, com a condição de que Dom Bosco aceitasse a “direção e a proteção imediata e absoluta”.³⁷

Em outra *Memória*, mais longa, redigida após 5 de agosto de 1872, padre Pestarino colocava junto com sua relação sobre os fatos, quase idêntica à precedente, uma crônica do que tinha acontecido durante a doença de Varazze, e rápidos acenos sobre a vida interna das congregadas até a constituição oficial do instituto em agosto. De fato, durante a doença de Dom Bosco em Varazze, “padre Pestarino foi visitá-lo várias vezes”. Particularmente importante foi a visita no dia da Epifania, junto com um grupo de mornesinos. Dom Bosco pediu que o diretor espiritual das Filhas as reunisse e, segundo a norma das Constituições já disponíveis, passasse à eleição do Capítulo, ou seja, da superiora e das assistentes.³⁸ É provável, com efeito, que já de muitos meses padre

³⁵ *Summarium, Substantialia Causae*, p. 68.

³⁶ MB X 594.

³⁷ A memória encontra-se em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 42-43.

³⁸ Segunda *Memória* do padre Pestarino, in: P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 45-46.

Pestarino tenha recebido de Dom Bosco o *Esboço de regra*, constituído pelo manuscrito original das *Constituições Regras do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*. Parece, com efeito, que se possa dividir os fatos narrados pela *Cronistoria*, referindo-se ao verão de 1871: “No mesmo verão e provavelmente em casa da condessa Corsi, em Nizza Monferrato ou em Lanzo, durante os exercícios espirituais, Dom Bosco entregava ao padre Pestarino o primeiro esboço de regras que ele tinha já anunciado, pedindo-lhe que desse uma olhada: era somente uma espécie de rascunho”.³⁹ O sacerdote mornesino corrigia e integrava o título como segue: “1871, 24 de Maio. *Constituições e Regras do Instituto das Filhas da Imaculada e de Maria Auxiliadora. Sob a proteção de São José, de São Francisco de Sales e de Santa Teresa. 1872, 29 Janeiro. Começou-se a formar o Capítulo*”. Os conteúdos serão comentados mais adiante.

As eleições queridas por Dom Bosco em Varazze aconteceram realmente em 29 de janeiro, festa de São Francisco de Sales. “Voltando à cidade” – continua o protagonista na *Memória* mais extensa –, padre Pestarino “executou o que lhe tinha sugerido Dom Bosco. Sem nada dizer a ninguém, reuniu as que viviam na casa próxima da igreja e todas do lugar no belo dia de São Francisco de Sales”. “Tendo rezado o *Veni Creator Spiritus* com o crucifixo exposto sobre a mesa com duas velas acesas, procedeu à votação, sendo em número de 27. Depois, os votos entregues ao padre Pestarino foram lidos por Angela Maccagno, professora do lugar, e até então superiora das que viviam em suas famílias. Pelo escrutínio resultou eleita, com 21 votos, Maria Mazzarello, filha de Giuseppe, de Valponasca; [receberam ainda] votos Petronila 3, Felicina 2, Giovannina 1”. Maria Mazzarello declarava que não se “sentia capaz de suportar tamanho peso”. Padre Pestarino não queria pronunciar-se sem antes escutar Dom Bosco. Todas aderiram à sugestão da eleita de “deixar nas mãos de Dom Bosco a escolha da primeira superiora”. Enquanto se esperava, concordou-se que ela “permanecesse como primeira assistente, com o nome de vigária”. Continuando as votações, como “segunda assistente saiu Petronilla, com 19 votos”. A seguir, as duas assistentes “nomearam Felicina como mestra das noviças, Giovanna [Ferretino] como ecônoma, e por vigária, ou vice-superiora para as da cidade, professora Maccagno”.⁴⁰

O dia 5 de agosto de 1872 foi o início oficial, com a vestição religiosa das primeiras quinze Filhas de Maria Auxiliadora e a profissão dos votos de onze delas. O bispo diocesano, dom Giuseppe Maria Sciandra (1808-1888) presidiu a celebração. Dom Bosco estava presente. Cansado de uma viagem na Ligúria e não gozando de boa saúde, parecia não querer ir. Decidiu-se somente por causa da insistência do bispo, que tinha mandado seu secretário a Valdocco para buscá-lo. O hábito nas novas irmãs era de cor marrom e a cabeça era coberta de amplo véu azul da Filhas da Imaculada. Quatro

³⁹ *Cronistoria* I 250. Dom Bosco tinha chegado na residência dos Corsi em 21 de agosto de 1871 e saía no dia 29.

⁴⁰ Segunda *Memória* do padre Pestarino, in: P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 46-47.

receberam a medalha de noviças. As outras onze, ao invés, professaram os votos trienais e receberam o crucifixo. Solicitado pelo bispo, Dom Bosco dirigiu às irmãs breve discurso, cujo tema está registrado na ata do rito: “As novas religiosas tiveram a consolação de receber de sua boca as advertências mais importantes para corresponder à graça da vocação no Instituto religioso que abraçaram”.⁴¹

Às 17 horas voltava a Turim. No dia seguinte saía para Santo Inácio em Lanzo, para os exercícios espirituais e para um pouco de repouso. “Minha saúde parece ter melhorado, e aqui consegui despachar algumas coisas muito antigas”, escrevia ao padre Rua no dia 12.⁴² No entanto, em Mornese, os exercícios espirituais, iniciados na tarde de 31 de julho, prosseguiram até 8 de agosto. Essa data está transcrita na ata das vestições e profissões. Nela, contudo, falta a assinatura de Dom Bosco. Escrito “por ordem do S. E. Reverendíssima, dom Giuseppe Maria Sciandra” – teria colocado Dom Bosco na margem do texto –, iniciava-se com certa solenidade: “Há bastante tempo o muito reverendo padre Giovanni Bosco, fundador e diretor de muitos colégios para a educação cristã da juventude, desejava abrir uma casa que fosse o princípio de um instituto pelo qual se estendesse igual benefício às jovens, precipuamente da classe do povo, e finalmente um de seus desejos foi realizado. No dia 5 do corrente mês (...)”.⁴³

4. Primeira modelação do Instituto

A partir de 5 de agosto de 1872 a vontade fundacional de Dom Bosco torna-se mais intensa e evidente, paralela e entrelaçada com a obra cotidiana tangível de direção prática e de animação religiosa da vigária, em breve superiora geral.

A ação de Dom Bosco exprimia-se com intervenções pessoais diretas e com medidas comunicadas ao diretor geral, primeiro padre Pestarino e depois, após sua morte, desde 1874, padre Giovanni Cagliero, ou ao diretor salesiano local, que eram seus intérpretes junto à superiora, às irmãs e às alunas. Além disso, mantinha-se em contato com o bispo diocesano e com a administração municipal.

Obviamente, tudo isso acontecia enquanto as superiores e as religiosas do Instituto agiam cotidianamente segundo as respectivas responsabilidades e competências. Via de regra prescinde-se disso, voltando a atenção, sobretudo, ao que se refere a biografia de Dom Bosco.

O interesse de Dom Bosco pelo Instituto exprimia-se, antes de mais nada, no cuidado de dotá-lo do melhor texto constitucional possível. O texto *Constituições e Regras do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora* tinha como base o texto elaborado pela irmã

⁴¹ “Verbale relativo alla Fondazione dell’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice eretto in Mornese, Diocesi di Acqui”, in: P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 40.

⁴² Em III 459.

⁴³ O texto está transcrito em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 38-41.

Francesca Garelli, uma combinação entre as regras do Instituto de Santana, nitidamente predominante, e as da Sociedade de São Francisco de Sales, modificado por dupla intervenção, inicial e intermédia, de Dom Bosco. Tendo desaparecido o original da irmã Garelli, é extremamente árduo estabelecer a medida exata das intervenções do fundador, que seriam as mais interessantes para nossa história. Tentou-se um exame comparativo entre o *Esboço FMA*, ou seja o texto consignado ao padre Pestarino e por ele modificado, as Regras do Instituto de Santana, as Constituições Salesianas dos anos 60 e o Regulamento das Filhas da Imaculada.⁴⁴ Resultaram duas conclusões principais bastante confiáveis: 1) entre os vários textos “existe uma relação real e intrínseca a respeito da estrutura e do conteúdo”, “mediado pelo *Original-Garelli*”; 2) contudo, “artigos mais elaborados e empenhativos, como os artigos sobre a “finalidade do Instituto”, a dependência “do ordinário” do lugar, a dependência do “superior geral da Sociedade de São Francisco de Sales”, e títulos novos, como “Da ecônoma e da mestra das noviças” e “A mudança da denominação do Instituto” “induzem a pensar que, entre o *Original Garelli* e o *Esboço FMA*, tenha existido alguma intervenção de certo relevo. A forma e o conteúdo dessa intervenção induzem a crer que se possa atribuí-la a Dom Bosco, fundador das FMA”.⁴⁵ Além disso, “parece que o *ms. A* [o *Esboço FMA* ou *Constituições e Regras*] seja o que foi dado por Dom Bosco ao padre Pestarino” e por este retocado já no título.⁴⁶

De fundamental importância é o título 1º, *Finalidade do Instituto*, que delinea a fisionomia religiosa e, ao mesmo tempo, assistencial e educativa do novo Instituto. É evidente a presença de um retoque ao mesmo tempo mornesino e bosquiano. A finalidade “é buscar não somente a própria perfeição, mas de auxiliar na salvação do próximo, dando às jovens do povo uma educação moral e religiosa” (art. 1). As Filhas “terão especialmente o cuidado de ensinar as juvenzinhas das povoações e cidades pobres, e de cultivar o espírito das que, vivendo em meio ao mundo, anseiam por levar uma vida espiritual e por conseguir a perfeição cristã”, reunindo-as “em congregações”, predispondo a melhor admissão delas “à Pia União das Filhas da Imaculada e de Maria Auxiliadora”. Estarão ainda “dispostas a prestar assistência aos pobres enfermos e a dar ao próximo qualquer outra ajuda de caridade conforme ao próprio estado” (art. 2). “Poderão, além disso, receber em sua casa filhas de baixa condição, às quais, porém, não ensinarão jamais as ciências e artes próprias da educação nobre e senhoril. Todo o empenho será o de formar à piedade e a tudo o que poderá servir para torná-las boas cristãs e boas mães de família” (art. 3). As filhas “professam vida comum em tudo: fazem os votos temporais de três em três anos: não existirá clausura estrita” (art. 4). Enfim, “todas as casas e estabelecimentos do Instituto dependerão da casa central e obedecerão imediatamente à superiora, a qual poderá destiná-las, mudá-las, empre-

⁴⁴ Cf. G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 38-48.

⁴⁵ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 48-49.

⁴⁶ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 59.

gá-las conforme julgar bem diante de Deus, e nenhuma poderá recusar-se a obedecer; assim como não será lícito, sob qualquer pretexto, recusar qualquer trabalho ou cargo para o qual forem escolhidas” (art. 5). Porém, a autoridade da superiora não se exercita sem uma instância superior. Com efeito, segundo o primeiro artigo do título 2º, *Sistema geral do Instituto*, esta “está sob a imediata dependência do superior geral da Sociedade de São Francisco de Sales, a quem dão o nome de superior maior, que poderá fazer-se representar, onde julgar necessário, por um sacerdote a quem delegará, sob o título de superior ou diretor das irmãs. A superiora da casa recorrerá a esse diretor em todas as necessidades, e não fará jamais uma coisa importante sem seu conselho, máxime no que concerne à religião e à moralidade”. Evidentemente é de Dom Bosco também o art. 5: “as irmãs, entrando no Instituto, não perdem os direitos civis, mesmo depois de ter feito os votos. Portanto conservam a propriedade de suas coisas e a faculdade de suceder ou de receber herança, legados e doações, mas não poderão administrar seus bens, a não ser no limite estabelecido pelo superior maior”. Ao invés, o título 8º, *Virtudes principais propostas ao estudo das noviças e à prática das professoras*, resseme do espírito das irmãs do Instituto de Santana e das Filhas da Imaculada: “Simplicidade e modéstia virginal, espírito e rigorosa observância da pobreza. Caridade paciente e zelosa pela salvação não somente da infância, mas ainda das jovens. Espírito de oração com o qual as irmãs se encontrem perpetuamente na presença de Deus e abandonadas à sua providência. Obediência de vontade e de juízo”. Semelhante impressão deixa o amplo título 14º, *Regras comuns a todas as irmãs*, semelhantes, em vários artigos, às idéias e práticas de Dom Bosco: a modéstia, a caridade recíproca, os livros para a leitura espiritual, além dos indicados pela superiora, a Imitação de Cristo, o Rodríguez, *Monja santa* de Santo Afonso, as vidas dos santos e santas que se dedicaram especialmente ao apostolado e à educação da juventude.⁴⁷

Com fundamento – e talvez pelo que ouviu de Dom Bosco – marquesa Maria Fassati, em 3 de novembro de 1872 [ou 1874?], escrevia à sua mãe, Azelia de Seyès, viúva de Rodolfo De Maistre: “Há mais ou menos dois anos existe em Mornese certo número de jovens que se formam à vida religiosa e ao espírito *bosquiano*. Dom Bosco deu-lhe Regras, que estuda e aperfeiçoa; em seguida mandará construir para elas uma casa na praça Maria Auxiliadora, e elas farão para as jovens o que os *bosquianos* fazem para os jovens. Além disso, cuidarão das roupas da casa de Dom Bosco”.⁴⁸

5. O “espírito bosquiano” na ação do fundador (agosto de 1872 – primavera de 1874)

A especificidade “bosquiana” ou salesiana mostrou-se determinante sobre o novo instituto, sobretudo no primeiro biênio de existência, no cuidado de Dom Bosco em

⁴⁷ Os textos são citados no manuscrito retocado pelo padre Pestarino, guardado em Roma no AGFMA.

⁴⁸ Transcrita por P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 58-59.

amalgamar a fidelidade às finalidades religiosas e apostólicas da União das Filhas de Maria Imaculada, o preciso estado radical de consagradas a Deus e a missão educativa apostólica segundo o espírito de São Francisco de Sales, mediado pelo fundador. Tal operação conduziria, entre o final de 1873 e o início de 1874, à nítida distinção e à separação, pacífica e amigável, de natureza e de estrutura das duas instituições, as Novas Ursulinas e as Filhas de Maria Auxiliadora.

O fim educativo se exprimia imediatamente, durante o ano de 1872-1873, com a organização, no amplo edifício construído pelo padre Pestarino, de um curso elementar de disciplinas escolares variadas e práticas. O jornal *L'unità cattolica* de 1º de outubro de 1873 escrevia a respeito: “os frutos recolhidos neste ano superaram a expectativa geral, e disso foram testemunhas os professores que se dirigiram no final deste mês, desde Turim, para tomar o exame das alunas. Dom Sciandra, bispo de Acqui, quis honrar com sua presença esse instituto, examinando as alunas na língua francesa e assistindo à distribuição dos prêmios. Essa distribuição foi animada com poesias, cantos e sons, que deram também ótima prova do progresso feito por essas meninas na música”.⁴⁹ Em 11 de dezembro de 1873 o delegado da circunscrição escolar de Castelletto d’Orba dava a aprovação oficial, a partir do ano de 1873-1874, do educandário e dos cursos escolares.⁵⁰ Fora concedida depois do pedido efetuado pela responsável da escola, Emilia Mosca, ainda não professora. Mas tornara-se possível após concreta intervenção de Dom Bosco, que tinha enviado de Turim a Mornese duas jovens professoras, uma com o diploma para o ensino na escola elementar e a outra habilitada pela Universidade de Turim para o ensino da língua francesa e que se diplomaria mestra em 1874. Eram Angela Jandet, de Novara, com 24 anos, que chegava em 10 de maio de 1872, entre as primeiras onze professoras no dia 5 de agosto, e que se retirava no início de 1875, e Emília Mosca, com 20 anos (1851-1900), que chegava a Mornese em 30 de dezembro de 1872, professora no dia 14 de junho de 1874, diretora da escola e do educandário, e depois, até à morte, assistente geral do Instituto com o encargo das escolas. Elas davam início à atividade educativa escolar fundamental, típica do Instituto.⁵¹

Na mesma época Dom Bosco tinha dado um passo igualmente importante. Colocava à disposição da comunidade em formação e de sua superiora pessoas experimentadas, para que coadjuvassem as jovens neo-consagradas a levar vida religiosa regular. Na carta citada, de 4 de dezembro de 1872, a dom Pellegrino Tofoni, madre Enrichetta Dominici, ao que já era conhecido, acrescentava: “Agora o senhor Dom Bosco gostaria que uma de nós, dizendo uma entende-se duas, fosse a Mornese, assim é o nome do

⁴⁹ “Un buon istituto per le ragazze”, *L'Unità Cattolica*, n. 229, quarta-feira, 1º de outubro de 1873, p. 919-920. O texto, redigido por Dom Bosco ou pelo padre Durando, provavelmente se referia a um curso privado com exames externos, efetuados por salesianos vindos de Turim.

⁵⁰ Cf. P. CAVAGLIÀ, “La scuola di Mornese (1872-1878) : alle origini di una scelta per la promozione integrale della donna”, *Riviste di Scienze dell'Educazione* 26(1988), p. 159-162; P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 95-96.

⁵¹ P. CAVAGLIÀ, “La scuola di Mornese (1872-1878)”, p. 151-186.

lugarejo onde surgiu o novo instituto, para encaminhar essas boas religiosas à vida comum e ajudar a colocar em prática as regras que lhe foram dadas”.⁵² Para inteirar-se da situação, ela própria fazia uma visita a Mornese, onde era acolhida “com muita cordialidade e gentileza”, dando conta da razão do pedido de Dom Bosco e da oportunidade de acolhê-lo. Com efeito, “a casa em apreço – escrevia a dom Tofoni em 26 de janeiro de 1873 – era já bem organizada como instituto escolar, mas como casa religiosa falta muito de regularidade e de meios para conservá-la”. De outro lado, “o terreno parece muito bem disposto; cultivado diligentemente, promete bons frutos”.⁵³ Eram enviadas as irmãs Francesca Garelli, secretária da madre e segunda assistente geral, e Angela Alloa, com diploma de professora elementar de grau superior. Chegadas no início da Quaresma de 1873 (o dia de Cinzas fora o 26 de fevereiro e o de Páscoa, 13 de Abril), voltaram a Turim para as festas pascais, retornando a Mornese depois de 15 de abril e aí permanecendo até setembro. É interessante um particular sublinhado na biografia de irmã Francesca (1838-1896): “de espírito sumamente ordenado, preciso, exato na observância e nas formas de atitude religiosa que são o decoro da religião e a tornam recomendável junto aos seculares, nossa cara madre Francesca não podia aceitar com facilidade o modo de viver mais solto e livre com o qual Dom Bosco, de veneranda memória, queria formar suas novas filhas”. Sob esta luz poderiam se redimensionar também as primeiras impressões sobre a comunidade de Mornese da irmã Enrichetta Dominici. Os dois institutos diziam respeito a personalidades bem distintas e, inevitavelmente, espelhavam suas diferenças de mentalidade, de método e de estilo. O próprio Dom Bosco pensava imprimir ao Instituto que fundara um espírito bem distinto, tanto é que se diz de irmã Francesca que, “tendo iniciado as noviças segundo a idéia do fundador”, voltou de bom grado à casa-mãe.⁵⁴

Após o retorno a Turim das duas irmãs de Santana, em outubro, Dom Bosco enviava a Mornese, para uma colaboração suplementar, a viúva do advogado Matteo Blengini, um dos benfeitores do incipiente Oratório.⁵⁵ Nas intenções do fundador a distinta senhora, que fora filha espiritual do padre Cafasso, educada em um mosteiro de Turim, deveria sustentar a superiora, hesitante em aceitar o peso do cargo, e ajudar a conferir uma face religiosa à comunidade, temperando as austeridades e favorecendo certo estilo nas relações inter-pessoais, tanto no interior como no exterior. Provavelmente um tanto invasiva, ao voltar a Turim para as festas natalícias, não queria mais retornar a Mornese, mas Dom Bosco insistiu. “Se madre Blengini não foi ainda para Mornese – escrevia de Roma ao padre Rua nos primeiros dias de janeiro de 1874 –, diga-lhe que esteja tranqüila, pois as coisas se ajustarão um pouco por vez. Já escrevi a respeito; uma carta a

⁵² Transcrita em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 60-61.

⁵³ Texto transcrito em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 62-63.

⁵⁴ *Libro delle suore defunte*, vol. II, p. 86-87, Arquivo das Irmãs de Santana, citado por P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 61, n. 6.

⁵⁵ Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale*, p. 79, 416, 551; cap. 7, § 1.

espera lá”.⁵⁶ Parece, contudo, que o zelo indiscreto da boa senhora tenha feito com que também Dom Bosco mudasse de idéia. No verão ela se retirava definitivamente de uma missão incôngrua e desorientadora.⁵⁷

Dom Bosco, no entanto, continuava a dirigir e plasmar, principalmente com intervenções diretas e com a presença pessoal. Ele estava em Mornese no início de julho de 1873, de onde escrevia satisfeito ao padre Rua: “Aqui se respira um ar muito puro, embora exista muito fogo de amor de Deus”.⁵⁸ Aí voltava nos primeiros dias de agosto, enquanto estava em curso, desde 29 de julho, os exercícios espirituais em preparação à vestição das noviças e à profissão das que terminavam o noviciado. Desde a metade de julho estava aí hospedado o bispo diocesano, dom Sciandra. Os pregadores eram dom Andrea Scotton e o padre jesuíta Luigi Portaluri, chamados expressamente por Dom Bosco, que tinha convidado também cerca de dez senhoras, desejosas de fazer um retiro. O fundador recebeu irmãs e postulantes, falou privadamente e esteve à disposição para as confissões. Voltava junto com padre Cagliari, que o acompanhara, na véspera do encerramento dos exercícios, para subir, também naquele ano, a Santo Inácio em Lanzo. Em 5 de agosto, após a pregação conclusiva dos dias de retiro das irmãs, dom Sciandra assumia para si o ônus e a honra da cerimônia das vestições e das profissões.

No mesmo mês Dom Bosco movia-se uma vez mais em favor de Mornese, no fronte da missão. Mandava imprimir um programa para o pequeno educandário, quase idêntico ao de seus colégios, e o enviava a párocos e sacerdotes, junto com uma circular: “Tomo a liberdade – escrevia – de apresentar a V.S. o programa do educandário feminino que há um ano funciona em Mornese. V.S. compreenderá que o escopo desse instituto é educar na religião e na moralidade as meninas cristãs; por isso confio muito em sua bondade e peço, respeitosamente, que dê a conhecer o presente programa e consiga, dessa forma, alguma aluna para a nova casa”.⁵⁹ O artigo já citado sobre o primeiro ano escolar de 1872-1873, aparecido em *L'Unità Cattolica*, era de 1º de outubro.

No final de 1873 acontecia, de modo inevitável e inicialmente provocado por Dom Bosco, o esclarecimento definitivo da situação associativa das pertencentes à União das Filhas de Maria Imaculada, já em parte professoras no Instituto das FMA. Isso se deduz de uma carta do pároco padre Carlo Valle a dom Sciandra, bispo de Acqui. “Convidado pela senhora diretora do Instituto Dom Bosco – informava –, as filhas do Instituto de Santa Angela Merici dirigiram-se à residência da senhora diretora para escutar o que ela desejava comunicar-lhes. A senhora diretora leu às congregadas um trecho da carta do reverendíssimo senhor Dom Bosco, com a qual este lhes manifestava o desejo de que as

⁵⁶ E II 327.

⁵⁷ Cf. *Cronistoria* I 50-53, 74-75; II 51,54 e 596.

⁵⁸ Carta de 3 de julho de 1873; E II 292.

⁵⁹ Circular sem data, mas de agosto de 1873; E II 303-304. *Programma, Casa de Maria Ausiliatrice per educazioni femminile in Mornese*. Turim, Tip. dell'Oratorio di San Francesco di Sales, 1873: o texto está transcrito em P. CAVAGLIÀ' e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 81-85.

adeptas de Santa Angela se unissem às irmãs de Maria Santíssima Auxiliadora para as conferências dominicais, sublinhando depois com suas palavras que era desejável que os dois Institutos formassem um só, antes, que só a freqüência às conferências já seria indício de adesão e submissão à direção de Dom Bosco”. Tal fato produziu surpresa nas Filhas de Santa Angela, “pouco dispostas a abandonar as próprias regras para sujeitar-se às de Dom Bosco, que pareciam adaptadas unicamente a uma comunidade” (de religiosas). Muitas tinham se dirigido ao pároco, pedindo conselho. “Em meu parecer – prosseguia sabiamente padre Valle – nada impediria que em Mornese existissem dois institutos e que se ajudasse e promovesse o de Santa Angela, o qual ajudaria muitíssimo a cultivar a pureza e a piedade das donzelas, que, educadas na piedade, estariam mais dispostas a deixar o mundo e aninhar-se no santo asilo de Dom Bosco”. A resposta do bispo era cristalina: “eu reputo oportuno, para não dizer indispensável, que se deixe a mais plena liberdade às filhas do Instituto de Santa Angela de Merici para unir-se ao Instituto das Irmãs de Maria Auxiliadora aí estabelecido. Ou, então, que vivam completamente separadas, como se o instituto assim chamado não existisse. Parece que o convite do senhor Dom Bosco, por ora, se limite ao convite para a assistência às conferências dominicais para as Filhas de Santa Angela, a serem feitas no supracitado colégio: essa conferência não é identificação dos dois institutos; de qualquer forma, também sobre esse ponto se deixe plena liberdade de adotá-lo ou não. O fato de obrigar é origem de dissensão, escrúpulos etc. E além disso se conhece o *nitimur in vetitum* e o quanto isso contraria nosso modo de ver. Eu me ocuparei da nomeação do diretor geral de todas as Filhas de Santa Angela existentes na diocese”.⁶⁰

Os dois institutos, das Novas Ursulinas e das Filhas de Maria Auxiliadora, conviveram em harmonia, respeitando as diferenças de finalidades, espírito e estruturas, também graças à sabedoria das duas responsáveis, Maria Mazzarello e Angela Maccagno.

Deve-se colocar nas primeiras semanas da estada de Dom Bosco em Roma, em 1874, em vista da aprovação definitiva das Constituições Salesianas, a audiência na qual o papa teria formulado as cinco recomendações, com as quais todos concordam, se não sugeridas ou reformuladas por Dom Bosco, e por ele transmitidas a Mornese: “Uniformidade na comida, uniformidade no vestir-se, uniformidade nas permissões, fuga das exceções, prática das Regras”.⁶¹ A unidade-uniformidade, como se viu, era também o tema central de uma das primeiras circulares aos salesianos.⁶²

Nos mesmos dias foi certamente Dom Bosco quem fez inserir no *Compêndio da Pia Sociedade de São Francisco de Sales* o documento n. 15 da *Positio* para a aprovação das Constituições Salesianas, uma explícita referência ao Instituto. O elenco das “Casas da Congregação” encerrava-se com uma indicação que pode ser considerada a primeira

⁶⁰ As duas cartas, respectivamente de 2 e de 7 de dezembro, estão transcritas em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 90-94.

⁶¹ Elas se encontram, sem a respectiva documentação, na *Cronistoria* II 61.

⁶² Circular do final de abril de 1868; Em II 529-531. Cf. cap. 15, § 11.

apresentação do Instituto das FMA às autoridades eclesiásticas romanas: “16. Como apêndice e dependente da Congregação Salesiana está a *Casa de Maria Auxiliadora*, fundada com aprovação da autoridade eclesiástica de Mornese, diocese de Acqui. Sua finalidade é realizar para as pobres jovens tudo o que os salesianos fazem para os jovens. As religiosas já são em número de quarenta e cuidam de duzentas meninas”.⁶³ Como confirmação do sólido liame que, na mente do fundador, unia as duas congregações, quase a fazer uma única e articulada família, enviava na segunda metade de março uma circular a Mornese, semelhante a que fora endereçada aos salesianos, para empenhar as “Filhas de Maria Auxiliadora e as alunas da Divina Providência a elas confiadas” com preces especiais para obter a aprovação das Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales.⁶⁴

Na carta de 17 de abril de 1874 ao sobrinho, após ter acenado ao cancelamento do encontro de Alessandria com Dom Bosco, que voltava de Roma, padre Pestarino confirmava e esclarecia a idéia que o fundador tinha das relações jurídicas entre o Instituto das FMA e a Sociedade Salesiana. Chegando a Turim para as Conferências de São Francisco de Sales – escrevia padre Pestarino –, “encontrei-o no quarto com todos os diretores; tendo-os feito sair, conversamos muito entre nós. Disse que o Instituto de Maria Auxiliadora foi enxertado na Congregação aprovada de São Francisco de Sales”.⁶⁵

Dois meses após um incidente desagradável, Dom Bosco precisou ir a Mornese. Em 15 de maio morria repentinamente padre Pestarino. Para o funeral, fixado para o dia 18, chegaram, no dia 16, o padre mornesino Francesco Bodrato e, no dia 17, padre Giovanni Cagliero, acompanhado pelo padre Giuseppe Lazzerio e por Carlo Gastini. Dom Bosco se dirigia a Mornese em junho, com o padre Giovanni Cagliero, alguns dias antes da missa de trigésimo dia, acolhido pelas saudações filiais de uma irmã, de uma postulante e de uma educanda. Aí pregou algumas instruções em preparação à vestição das futuras noviças e à profissão das novas irmãs, entre as quais Emilia Mosca e Enrichetta Sorbone. No dia 15, após a missa fúnebre, tendo reunido toda a comunidade das professoras, as irmãs realizaram a eleição da superiora geral e de seu Conselho. Foi eleita por unanimidade Maria Domenica Mazzarello. Também foram eleitas suas colaboradoras: como vigária irmã Felicina Mazzarello, irmã de Maria Domenica, e como mestra de noviças irmã Maria Grosso. Após breve homilia, o fundador anunciava ter designado padre Giovanni Cagliero seu representante ou diretor geral. Como diretor salesiano local tinha já nomeado padre Giuseppe Cagliero (1847-1874), primo do padre Giovanni. O jovem sacerdote chegava em Mornese em 23 de maio: morria prematuramente em 4 de setembro.

⁶³ *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari... Torinese sopra l'approvazione delle Costituzioni della Società salesiana. Relatore... Nobili Vitelleschi... Segretario*. Roma, Tipografia Salesiana, 1874, p. 46; OE XXV 382.

⁶⁴ O texto está transcrito em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 110-111. Cf. circular aos salesianos *Diletissimi figli in G. C.*, 16 de março de 1874; E II 365-367.

⁶⁵ Carta transcrita em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 113-114.

O Instituto lançava-se em sua autonomia de ação, sustentada e promovida, além de vigiada e controlada. O fato é confirmado pela carta enviada por Dom Bosco, no mesmo 15 de junho, a uma benfeitora de sua máxima confiança, Francesca Pastore de Valenza Po. A irreparável perda do padre Pestarino – escrevia – era compensada pela confiança em Deus e no Instituto: “Confiamos em Deus. Há, porém, grande fervor nas professoras, nas jovens e nas próprias educandas, e isso nos dá esperanças”; “estou empenhado nessa obra e, com o auxílio do Senhor, tenho confiança de poder conduzi-la a um estado regular”. Acrescentava no pós-escrito: “Ontem tivemos treze vestições e nove profissões”.⁶⁶

Durante o verão e o outono de 1874 vários fatos confirmavam a constância do interesse real de Dom Bosco pelo Instituto. Em julho enviava uma circular a senhoras e jovens para um curso de exercícios espirituais na Casa Maria Auxiliadora de Mornese.⁶⁷ Mais adiante o bispo regularizava a posição dos sacerdotes salesianos quanto ao ministério sacerdotal exercitado na paróquia e na casa educandário das irmãs.⁶⁸ Dois acontecimentos particularmente importantes verificaram-se nos primeiros dias de outubro. Em 6 de outubro de 1874 chegava a Mornese, como diretor espiritual local, padre Giacomo Costamagna (1846-1921), que permaneceria até fins de outubro de 1877, quando partia para a Argentina com as primeiras irmãs missionárias. Em Mornese ele era também diretor de uma pequena comunidade de salesianos, formada no ano de 1874-1875 por jovens clérigos e coadjutores professores e por algum noviço. Para dois clérigos, professores na escola municipal, Dom Bosco pedia ao bispo de Acqui, no mês de maio, a admissão à tonsura e às ordens menores.⁶⁹ O dia 8 de outubro de 1874 se tornava para a comunidade mornesina das irmãs uma data histórica. Um grupo de Filhas de Maria Auxiliadora, acompanhadas pelo padre Giovanni Cagliero, dava origem à segunda comunidade no Colégio Salesiano de Borgo San Martino, onde as irmãs estavam empenhadas na cozinha e na rouparia, mas também nos catecismos e na instrução elementar das meninas do lugar. Eram Felicina Mazzarello, Felicina Arecco, Angiolina Deambrogio e Carlotta Pestarino. No final do mês madre Mazzarello acompanhava até ali uma noviça, Agnese Ricci, continuando a viagem para Turim com duas irmãs que deviam prestar o exame de reparação em matemática, a fim de obter o diploma de professora elementar: todas as três foram hóspedes das Irmãs de Santana.

A carta que Dom Bosco enviava de Roma ao padre Bonetti, diretor do Colégio de Borgo San Martino, era confirmação do que ele pensava da continuidade religiosa e apostólica das Filhas de Maria Auxiliadora e a Sociedade Salesiana. Essa carta fazia eco a uma audiência que lhe concedera o papa Pio IX: “Todos os favores espirituais devem também

⁶⁶ E II 388-389.

⁶⁷ Cf. P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 127-128.

⁶⁸ Troca de cartas entre o bispo de Acqui e o pároco de Mornese, 10 e 12 de setembro de 1874, transcrita em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 130-133.

⁶⁹ Carta de 11 de maio de 1875; E II 477-478.

ser comunicados às Filhas de Maria Auxiliadora, sobre o que escreverei posteriormente. Cada um dos salesianos, dos noviços, alunos, das Filhas de Maria Auxiliadora deverá comunicá-los aos próprios familiares. Essa é a intenção de Pio IX”.⁷⁰ Os bens espirituais de uns eram também das outras, incluindo os respectivos familiares.

6. Para a aprovação das Constituições da Sociedade Salesiana (1872-1874)

Armado de temerária esperança e de tenacidade ilusória, Dom Bosco esperava obter tudo de uma vez, desde o início das negociações romanas: a aprovação da Congregação e das Constituições e, com estas, a faculdade da isenção e das demissórias, condições de liberdade e agilidade na ação. Contudo, precisou resignar-se a obtê-las gradualmente: após a aprovação da Sociedade, era a vez das Constituições; após estas, era a vez da concessão dos assim chamados “privilégios”.

Nas três estadas romanas, entre 1871 e 1872, aparentemente jamais se tocou no problema da aprovação das Constituições. Dom Bosco preparava sua solução. Os muitos contatos deveriam fazer a solução mais viável. De qualquer forma, enquanto esperava, ele não se cansava de pedir cada vez, diretamente ao papa ou através de intermediários,⁷¹ a concessão da faculdade das demissórias para casos não contemplados pelo decreto de 1º de março de 1869. Ele apresentava uma lista de onze nomes em uma súplica a Pio IX anterior a 13 de agosto;⁷² para alguns destes, Bodrato e Guidazio,⁷³ tinha pedido à parte; para Berto e Barberis faria depois.⁷⁴

Por fim, por solicitação de Dom Bosco, em 27 de agosto de 1872, cardeal Berardi lhe comunicava que o papa afirmava “não haver dificuldade” para que o fundador pudesse “dar segundo as vias ordinárias e regulares livre curso ao pedido” de aprovação das Constituições da Sociedade.⁷⁵

Dom Bosco se apressava, além da negociação, para colocar em foco três documentos: 1) o texto parcialmente modificado das Constituições de 1867;⁷⁶ 2) um breve memorial *De regulis Societatis Salesianae aliqua declaratio*, no qual ilustrava e motivava a aceitação ou recusa das treze *animadversiones* enviadas pela Congregação dos

⁷⁰ Carta de 15 de março de 1875; E II 469.

⁷¹ Entre estes emerge o hábil e solícito cardeal Giuseppe Berardi; cf. por exemplo, cartas do cardeal de 9 de junho e de 15 de julho de 1871; MB X 669-670.

⁷² Em III 122-123; cf., já dois anos antes, carta ao padre Marietti, 5 de maio de 1869; Em III 84.

⁷³ A Pio IX, maio e julho de 1869; Em III 90 e 111.

⁷⁴ A Pio IX, 19 de fevereiro e 8 de novembro de 1870; Em III 187, 268-269.

⁷⁵ Carta de 27 de agosto de 1872, transcrita em MB X 673.

⁷⁶ Cf. *Regulae Societatis S. Francisci Salesii*, Turim, Ex officina Asceterii Salesiani, 1873, 32 p.; OE XXV 35-72.

Bispos e Regulares em 1864 e explicadas no decurso das negociações para a aprovação da Sociedade no biênio 1868-1869⁷⁷ na *Declaratio*, que era uma forma de resposta às *animadversiones* mais sintética que a do documento *Super animadversiones in Constitutiones*, Dom Bosco insistia em defender os pontos essenciais do texto constitucional ; 3) a nota informativa *De Societate S. Francisci Salesii brevis notitia et nonnulla decreta ad eamdem spectantia*⁷⁸ era o texto de 1868, atualizado com o acréscimo do decreto de aprovação da Sociedade Salesiana, de 1º de março de 1869, e um relatório sobre *Salesianae Societatis praesens conditio*, isto é, os quatro oratórios e as sete casas.

No texto das Constituições, Dom Bosco mantinha os pontos que considerava irrenunciáveis em relação à especificidade de sua sociedade religiosa e às exigências de obras juvenis em constante crescimento, necessitadas de pessoal assistente e de professores.⁷⁹ Eram principalmente quatro: 1) a faculdade ao superior geral de conceder as cartas dimissórias para as ordenações *ad quemcumque episcopum*, já que ele estava, de fato, convencido de que o decreto de aprovação da Congregação de 1º de março de 1869 já desse via livre à inserção dessa faculdade no texto constitucional o mesmo decreto já previa isso para os candidatos admitidos em uma casa salesiana antes de 14 anos; para os outros, Dom Bosco considerava automática a concessão pontifícia prévia apresentação das listas dos candidatos ;⁸⁰ 2) a exclusão de todas as referências canônicas que pudessem tornar seu Instituto conventual e, assim, ao menos hipoteticamente, em contraste com as leis de supressão de 7 de julho de 1866 o que teria acontecido, segundo Dom Bosco, se fosse sancionada explicitamente no texto constitucional a necessidade do beneplácito da Santa Sé para determinadas operações econômicas ou para a abertura de novas casas ou a aceitação de seminários ; 3) a possibilidade de “afiliação” à Sociedade dos “externos”, regulamentada em um capítulo posto em apêndice ao texto da colaboração de tais membros, segundo ele, alcançariam grandes benefícios seja a Sociedade Salesiana seja a Igreja ; 4) a omissão da prescrição formal do relatório trienal à Santa Sé, removendo o perigo que o poder civil pudesse considerar a Sociedade *ente moral* e que seus bens caíssem sob o controle dos seculares.⁸¹

Quanto à importância que Dom Bosco teria dado às treze inquietantes *animadversiones*, o novo consultor, o padre dominicano Raimondo Bianchi, após ter examinado o texto das Constituições em 1873, observava cruamente: “causou-me bastante surpresa descobrir que a maior parte delas foi omitida ou supressa, sob pretextos mais ou menos

⁷⁷ Cf. o texto in *Cost. SDB* (Motto) 248.

⁷⁸ Cf. o texto em OE XXV 103-121 e em *Const. SDB* (Motto) 248.

⁷⁹ A sucessão das variantes interferentes no texto de 1867 a 1873 (do doc. *Ls* ao doc. *Ns*) é minuciosamente reconstruída na edição crítica cuidada por Francesco Motto, *Cost. SDB* 18-19, 58-211.

⁸⁰ Cf. conferência feita aos salesianos na tarde de 7 de março de 1869, MB IX 564-566.

⁸¹ *De regulis Societatis salesianae aliqua declaratio*, in: *Cost. SDB* 232-234.

especiosos aduzidos pelo superior geral em uma assim dita *declaração das regras* [a *Declaratio* supracitada] anexada à súplica”.⁸²

Mas a luta ao redor das *animadversiones* se deslocava para Dom Bosco também no plano prático, ao qual o conduzia, com amarga surpresa, o ordinário de Turim, dom Lorenzo Gastaldi. Em carta de 24 de outubro de 1872, o arcebispo professava-se profundamente “afeiçoado à Congregação” fundada por seu coetâneo e amigo, julgava-a “obra inspirada por Deus” e se declarava “bastante alegre por continuar assistindo-a, para que, de fato, pudesse chegar a obter do vigário de Jesus Cristo a plena aprovação”. Contudo, “lembrando que o bem deva ser feito bem e que *bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu*”, impunha condições taxativas para a admissão dos candidatos salesianos à tonsura e às ordens, menores e maiores. Ele considerava tais exigências totalmente legítimas, queridas pelo Concílio de Trento e em harmonia com as limitadas faculdades concedidas pelo decreto de aprovação da Sociedade. A apresentação ao ordinário dos candidatos à tonsura e às ordens sagradas era condicionada ao cumprimento de algumas obrigações bem precisas: apresentar-se pessoalmente ao arcebispo quarenta dias antes da ordenação; exibir alguma certidão de nascimento, na qual estivesse incluído também o ano de entrada no Oratório; precisar o lugar e os anos de estudo, tanto de latinidade e belas letras como de filosofia e teologia; indicar o ano e o dia de profissão ou renovação dos votos trienais; e, ao fim, “prestar o exame ao menos sobre dois tratados inteiros de teologia”, diversos para cada ordenação, “sobre tudo o que diz respeito às ordens a serem recebidas”. O ordinário – acrescentava –, poderia exigir dos alunos de Dom Bosco também a frequência das lições no seminário, mas confiava “que, no exame, darão provas de tais estudos e proveito nas disciplinas teológicas, de tal forma que não seja necessário obrigá-los à observância dessa prescrição”.⁸³ Na resposta, escrita a duas semanas de distância, com o “coração amargurado e a mente agitada” – no final da carta confessava mesmo: “escrevi quase sem saber o que escrevi” –, Dom Bosco mostrava não ter percebido que as orientações dadas pelo arcebispo não diziam respeito propriamente a episódios particulares, mas espelhavam um programa de governo episcopal pautado na normalização da disciplina eclesial na diocese e nas congregações religiosas, conforme uma ótica eclesiológica bem precisa. O superior eclesial, portanto, devia maravilhar-se da pergunta que Dom Bosco lhe dirigia: “eu lhe peço por quanto sei e posso que escreva ou diga ou mande dizer o que observa de incorreto entre nós, a fim de que saibamos como regular-nos”. Muito mais devia inquietá-lo a observação final: “permita-me a ousada expressão: se continuar assim com outros, o senhor chegará ao ponto de ser temido por muitos e amado por poucos”.⁸⁴ Supondo descontadas as orientações dadas quanto

⁸² *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari... sopra l'approvazione della Società Salesiana...* Roma, Tip. Poliglotta della S. C. di Propaganda, 1874, p. 28; OE XXV 364. O texto todo se encontra nas p. 28-36, OE XXV 364-372.

⁸³ Carta de 24 de outubro 1872, transcrita em MB X 683.

⁸⁴ A dom Gastaldi, 9 de novembro de 1872; Em III 488-489.

aos ordenandos, o arcebispo respondia no mesmo dia, explicitando o próprio pensamento sobre as condições em base às quais teria apoiado em Roma a aprovação das Constituições Salesianas. Ele se inspirava em uma teologia da Igreja bem precisa e, a partir dessa, também uma teologia dos bispos, dos institutos religiosos e das relações recíprocas. De resto, as instâncias eram idênticas às solicitadas pela Congregação dos Bispos e Regulares e pelas condições *sine qua non* da aprovação das Constituições: a ereção do noviciado, a contenção entre confins bem precisos da “isenção da autoridade episcopal”, a não admissão no texto constitucional da faculdade das dimissórias. “*In primis et ante omnia* – afirmava o arcebispo –, “a manutenção e o florescimento da Congregação de São Francisco de Sales” “depende de um bom noviciado”: “ora, esse noviciado falta no momento nessa Congregação”; “portanto, não poderei promover a aprovação [completa e definitiva] pontifícia dessa Congregação, a não ser com o pacto estabelecido, isto é, que se estabeleça um tal noviciado”.⁸⁵

Além disso, embora admitindo ser conveniente para as ordens religiosas o instituto da isenção, ele se declarava “inimigo das isenções desnecessárias, especialmente se danosas, como a meu juízo – esclarecia – é a que desejaria que o bispo não examinasse diligentemente os ordenandos, enquanto o Concílio de Trento e o Pontifical dos Bispos dão a eles essa ordem”. Era sua “intenção edificar e não destruir, cooperar para o bem e não impedi-lo”. Pedia, pois, que o destinatário examinasse se nas “queixas” “haja algo de verdade” e começasse “a corrigir”.⁸⁶ Na resposta, Dom Bosco se referia a um encontro com Pio IX por ocasião das negociações para a aprovação da Sociedade. Nesse encontro o papa parecia ter legitimado o que se fazia no Oratório para a formação dos seus. “Se o noviciado não existe de nome, existe de fato”, era a substância do discurso. Mas era improvável que essas afirmações confiadas ao *vivae vocis oraculo* fossem persuasivas a Gastaldi, ou, de qualquer modo, capazes de fazê-lo mudar convicções teológicas, jurídicas e pastorais profundamente enraizadas.⁸⁷

Exatamente um mês depois, como tinham concordado, Dom Bosco enviava ao arcebispo, para serem vistas, o esboço da *Brevis notitia*, prometendo submeter a ele também o esboço das Constituições. As últimas linhas da carta mostravam sua insatisfação, perceptível na motivação tautológica da proposta, provavelmente considerada ofensiva pelo destinatário: “Se deseja que na *Brevis notitia* se imprima sua recomendação, será uma grande facilitação para que se possa ler com maior facilidade”.⁸⁸

Em 10 de fevereiro de 1873 dom Gastaldi entregava sua recomendação em língua latina. Nela traçava história extremamente benévola da obra de Dom Bosco e de sua

⁸⁵ Carta de 9 de novembro de 1872, transcrita em MB X 684-685. De fato, do noviciado não se falava nem mesmo no texto das Constituições que, em 1º de março, Dom Bosco estava pronto para anexar no pedido de aprovação.

⁸⁶ Carta de 9 de novembro de 1872, transcrita em MB X 685.

⁸⁷ Carta de 23 de novembro de 1872; Em III 494.

⁸⁸ Carta de 23 de dezembro de 1872.

Sociedade em favor dos jovens, julgando-a “muito digna de ser munida da proteção da Santa Sede Apostólica”. Acrescentava, porém, seis condições previsíveis: o fundador deveria apresentar as regras definitivas e introduzir nelas as regras para o noviciado que garantissem a formação duradoura de ótimos membros, uniformizando-as o mais possível às regras em vigor na Companhia de Jesus; nenhum membro da Sociedade Salesiana seria promovido às ordens sagradas antes de ter professado os votos perpétuos; os que estavam para ser promovidos às ordens, quer menores quer maiores, deveriam se submeter, segundo as prescrições do Concílio de Trento, a um *diligente exame* do bispo ordenante; seria mantido o direito do bispo de visitar as igrejas públicas e os oratórios da Congregação; à Congregação seria concedido o tanto de isenção da jurisdição dos bispos suficiente para sua conservação, e nada mais, enquanto para o resto deveriam permanecer intactos os direitos e os deveres dos bispos.⁸⁹ O arcebispo comunicava as mesmas idéias aos bispos do Piemonte e de outras dioceses nas quais se encontravam institutos salesianos, com o desejo de que em suas cartas de recomendação fossem introduzidas exigências conforme as que estava solicitando, de modo a “manter depois a boa harmonia entre os bispos e as obras dessa Congregação, quando ela – dizia –, como espero, for aprovada”.⁹⁰

Em 8 de fevereiro de 1873 Dom Bosco partia para Roma. Voltava em 22 de março, após ter apresentado ao papa o pedido formal de aprovação da Congregação. A súplica, em língua latina, era datada de “Turim, 1º de março de 1873”. O exórdio era um ensaio de destreza: “A Sociedade Salesiana, que Vós, Beatíssimo Padre, com a ação e o conselho fundastes, dirigistes e fortificastes, implora de vossa grande benignidade novos favores”. Seguia o duplo pedido: “a aprovação definitiva das Constituições e a plena faculdade de dar as Dimissórias”. Listava os anexos: a *Brevis notitia*, várias cópias das Constituições na última edição e “algumas declarações sobre diversas pequenas variantes que a experiência mostrou assaz úteis ao desenvolvimento e à consolidação da Congregação”, isto é, a *De regulis aliqua declaratio*.⁹¹ Dom Bosco transmitia a dom Salvatore Nobili Vitelleschi, secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, as cartas de recomendação que, entre fevereiro e março de 1873, chegaram-lhe dos bispos de Casale, Savona, Vigevano, Abenga, Gênova e Fossano.⁹² Entre estes, o único que acolhia algumas instâncias de Gastaldi era o arcebispo de Gênova, dom Salvatore Magnasco: os votos perpétuos exigidos dos ordenandos, o exame prévio à ordenação e o direito de visita das igrejas e capelas.⁹³ De excepcional consistência era a carta de

⁸⁹ A carta de recomendação é transcrita em *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari*, p. 9-11; OE XXV 345-347.

⁹⁰ A dom P. De Gaudenzi, bispo de Vigevano, 11 de janeiro de 1873; MB X 694.

⁹¹ MB II 260-261, também com a tradução italiana. Cf. na seqüência dos textos, latino e italiano, da carta, as indicações das modificações introduzidas nas Constituições em MB X 701-703, 894-895.

⁹² Os textos se encontram em *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari*, p. 18-27; OE XXV 354-363.

⁹³ *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari*, p. 26-27; OE XXV 362-363.

recomendação em defesa enviada por dom Manacorda, o qual, jovem sacerdote, tinha entrado na Cúria Romana também por mérito de Dom Bosco e, com 38 anos, ainda sob sua indicação, em novembro de 1871, fora nomeado bispo de Fossano.⁹⁴

Dom Gastaldi, porém, não se limitava à carta de recomendação. Ilustrava as condições aí elencadas, sem cujo cumprimento não achava oportuna a aprovação, em duas cartas endereçadas ao cardeal Prospero Caterini, prefeito da Congregação do Concílio, e ao cardeal Andrea Bizzarri, prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, datadas respectivamente de 19 de fevereiro e de 20 de abril de 1873. Na primeira manifestava o temor de que Dom Bosco, por causa das condições postas por seu ordinário, pensasse, por ora, em não apresentar o pedido de “aprovação definitiva” da Congregação. Gastaldi, com efeito, considerava “provisória” a obtida até o momento. A eventual renúncia de Dom Bosco em apresentar o pedido provavelmente podia levar alguém a buscar o porquê das “condições” colocadas pelo arcebispo: noviciado regular, estudos filosóficos e teológicos sólidos e sérios, votos perpétuos antes das ordens sacras. Por isso as explicava brevemente, para que cardeal Caterini examinasse e proferisse seu juízo. Quanto às dimissórias, de qualquer modo, era do parecer que fosse mantida a Dom Bosco a faculdade de concedê-las para os que tivessem entrado no Oratório antes dos 14 anos e já tivessem feito os votos perpétuos.⁹⁵ Mais articulada e preocupada com o presente e o futuro da Sociedade Salesiana era a carta ao cardeal Bizzarri, de 20 de abril. O arcebispo perguntava, antes de tudo, se essa devesse “olhar-se como *já aprovada pela Santa Sé*, e por isso já admitida a usufruir dos *direitos e privilégios dos regulares*”, ou então se devesse “ser considerada como uma congregação que – desejava isso esclarecido – somente usufrui da *benevolência* da Santa Sé, e que essa questão dos privilégios já concedidos deve ser considerada somente como coisa provisória, *ad experimentum*, e jamais estender-se aos *privilégios dos regulares*”. Entrava depois no mérito de alguns conteúdos das Constituições, que, no mais, jamais tinham sido aprovadas, nem por ele nem por seus predecessores: 1) antes de tudo, faltavam “as regras necessárias para um bom *noviciado*, não bastando o que Dom Bosco fazia com certa educação que podia formar ótimos cristãos, mas não “bons religiosos”; 2) era “grande empecilho para a disciplina eclesiástica” na diocese o fato de o superior ter “a faculdade de apresentar às ordenações” jovens que possuíam patrimônio eclesiástico e que tinham emitido somente os votos trienais; 3) ainda mais grave e sério era o distúrbio “em relação à outra faculdade”, que Dom Bosco dizia “ter, de apresentar à ordenação jovens que entraram na Congregação também depois dos 14 anos, e pior, também depois dos 20 anos”, em alguns casos retirados do seminário e enviados a um instituto existente em outra diocese para ser ordenado; algum deles – informava –, terminados os votos trienais, voltavam à diocese “e se tornam sacerdotes sem que seu bispo diocesano tenha tomado consciência disso, e pior, que o tivesse julgado inábil” narrava, a respeito, o

⁹⁴ *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari*, p. 23-25; OE XXV 359-361.

⁹⁵ Carta de 19 de fevereiro de 1873; MB X 697-698.

caso de um sacerdote da Diocese de Saluzzo, Luigi Chiapale, intemperante na bebida, ex-professo salesiano, expulso da Congregação e inserido na diocese ; 4) era, enfim, difícil que aí se formassem eclesiásticos bem instruídos nas ciências filosóficas e teológicas, candidatos às ordens empenhados em “dar aula de latinidade ou de outras artes ou ciência”. Seguiam-se algumas propostas práticas, substancialmente já conhecidas. A única novidade estava na primeira delas: “As regras dessa congregação sejam logo examinadas pelo arcebispo de Turim e dele obtenham a aprovação. Se o arcebispo se recusa a aprová-las, exponha suas razões aos bispos de Casale, Savona e Alberga e ao arcebispo de Gênova, onde o senhor Dom Bosco tem atualmente casas, e entre tudo [sic] se chegue a uma aprovação”.⁹⁶

Era um golpe duro para Dom Bosco, que temia perder seu mais alto protetor. Nos primeiros dias de abril, com efeito, na imprensa nacional e estrangeira, tinha-se difundido a notícia do imprevisto agravamento das condições de saúde de Pio IX, então com 80 anos. Um preocupante declínio, ainda que transitório, era anunciado ainda em maio, seguido do nítido melhoramento em junho e da recuperação definitiva, após breve recaída, no final de agosto”.⁹⁷

Entre o final de abril e início de maio de 1873 o arcebispo dava uma exemplificação prática de suas convicções a partir de casos particulares. Por meio do secretário, cônego Tommaso Chiuso, comunicava a Dom Bosco que não admitiria às ordenações membros da Sociedade Salesiana enquanto continuassem a hospedar-se em suas casas dois clérigos saídos do seminário de Turim, Borrelli e Rocca, e Dom Bosco não tivesse feito uma declaração formal de que não receberia mais nas casas da Congregação como clérigo quem tivesse estado em um seminário da Diocese de Turim.⁹⁸ Dom Bosco respondia com firmeza, considerando drásticas as condições impostas pelo arcebispo e injustamente punitivas em relação aos que saíam do seminário, necessitados, quando muito, de acompanhamento particular. Quando à exigência da declaração, considerava-a juridicamente ilegítima e danosa, tanto aos sujeitos como à diocese. Não se sentia, de qualquer modo, autorizado a concedê-la, a menos que estivesse em questão “alguma prescrição da Igreja”, ignorada por ele.⁹⁹ Além do mais, no final da carta, abandonava-se a uma referência desconcertante e decididamente contraproducente sobre a elevação ao episcopado e à trasladação a Turim de Gastaldi: “Desejo ainda – escrevia – que Vossa Excelência seja informado de como certas anotações, fechadas nos gabinetes do governo por obra de alguém, correm por Turim. Dessas anotações consta que, se o cônego Gastaldi foi bispo de Saluzzo, isso foi proposta de Dom Bosco. Se o bispo torna-se arcebispo de Turim, é ainda por obra de Dom Bosco. Tem-se ainda

⁹⁶ *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari*, p. 12-17; OE XXV 348-353.

⁹⁷ Cf. C. M. FIORENTINO, “La malattia di Pio IX nella primavera del 1873 e la questione del conclave”, *Rassegna storica del Risorgimento* 78(1991), p. 175-204.

⁹⁸ Cf. Carta de 29 de abril e de 7 de maio de 1873, citada em MB X 716-717.

⁹⁹ A dom Gastaldi, 14 de maio de 1873; E II 277 -279.

lembrança das dificuldades que se deveu superar a esse respeito. Aqui são anotadas as razões pelas quais eu estava a favor de Vossa Excelência, entre outras, pelo grande bem que tinha feito à nossa casa, à nossa Congregação”.¹⁰⁰ Idêntica, lapidar, direta, a afirmação voltaria na carta do dramático 28 de outubro de 1875, do qual se falará.¹⁰¹ Expressões menos agradáveis o arcebispo poderia encontrar em outra missiva de 12 de agosto de 1873, na qual Dom Bosco defendia o próprio modo de agir em favor de alguns ex-seminaristas. Nela ousava escrever a propósito de uma carta a seu respeito, enviada por Gastaldi ao bispo de Vigevano: “Se não fosse escrita por um bispo, diria que foi escrita por raiva. Ao invés, contudo, é séria”; “posso afirmar que em minha vida terei culpas para dar contas ao Senhor, mas não conheço nenhuma a respeito de Vossa Excelência”; “Sei que Vossa Excelência procura a maior glória de Deus, e eu faço o quanto posso com esse mesmo objetivo: por que, então, não podemos estar de acordo? Procure dizer o que deseja de mim”.¹⁰² Sem dúvida, não obstante a amizade passada, Gastaldi, enquanto bispo, não compreendia como um de seus padres se fizesse seu diretor e conselheiro espiritual. Queria obediência e submissão pura e simplesmente, do mesmo modo como queria a de seus irmãos como superior desiludido da comunidade rosminiana em Cardiff.¹⁰³ Como quer que seja, quinze dias após a traumática carta de 14 de maio, Dom Bosco tinha considerado oportuno aderir à exigência da problemática declaração, mas excetuando dois itens, e com uma reserva. Continuará a aceitar sujeitos que tivessem estado em casas salesianas antes dos 14 anos ou tivessem solicitado entrar para aprender alguma arte ou profissão. Entendia, por fim, que a declaração fosse “feita com a reserva e os limites prescritos pelos sagrados cânones estabelecidos para tutelar a liberdade das vocações religiosas”.¹⁰⁴ Naturalmente, a reserva, que deixava caminho livre a Dom Bosco para se comportar segundo a própria consciência, não seria admitida pelo arcebispo, que recusava a declaração.

Todos esses motivos explicavam o quanto Dom Bosco confiava no amigo bispo de Vigevano, dom De Gaudenzi: “O referido P [= prelado, Gastaldi] tem raiva de mim. Nossas relações se restringem a coisas estritamente oficiais. Paciência”.¹⁰⁵ Era desencontro entre dois homens de caráter forte e de convicções tenazes. Um bispo reformador lutava com determinação *pro aris et focis*, pela diocese, pela Igreja, pela seriedade da vida religiosa e eclesial, e tentava ganhar outros irmãos no episcopado para a própria causa. De resto, “o bem deve ser feito bem”, dizia ao mais jovem Dom Bosco, já nos anos 50, também o austero e, ao mesmo tempo, o benévolo e benfeitor padre Cafasso. Em outro fronte, se defendia e contra-atacava um homem de ação, deci-

¹⁰⁰ Carta de 14 de maio de 1873; E II 277-279.

¹⁰¹ Carta de Dom Bosco ao arcebispo, 28 de outubro de 1875; E II 514.

¹⁰² E II 299-300.

¹⁰³ Cf. G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, vol. I, p. 112-115.

¹⁰⁴ A dom L. Gastaldi, 29 de maio de 1873; E II 281-282.

¹⁰⁵ A dom P. De Gaudenzi, 16 de julho de 1873; E II 293.

dido a consolidar a própria sociedade religiosa, suas obras juvenis e o pessoal que delas cuidada, e a resolver o urgente problema da *salus animarum*, conduzido com diferente enfoque funcional: “o bem, basta fazê-lo um pouco mais ou menos em meio a tantas misérias”, como replicava ao mestre vinte anos atrás.

7. Atingindo o ponto de chegada (3 a 13 de abril de 1874)

A negociação junto à Cúria Romana não parava. Em carta de 19 de maio de 1873, o secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, dom Salvatore Nobili Vitelleschi, comunicava a Dom Bosco que o consultor da Congregação, o padre dominicano Raimundo Bianchi, tinha depositado seu “voto” sobre o texto das Constituições, propondo “muitas modificações”. Anunciando o envio de seu compêndio oficial, antecipava a informação que deveria alarmar e tornar mais condescendente o destinatário: “O que posso adiantar é que a questão das dimissórias foi contrariada por quase todas as partes”.¹⁰⁶ No final de julho chegava a Dom Bosco o compêndio previsto com 28 *animadversiones* retiradas das 38 que o consultor tinha formulado.¹⁰⁷ Vitelleschi sugeria, com amigável franqueza, de se aderir a elas de bom grado. De resto, homem de Cúria e cuja nobre família era simpatizante de Dom Bosco, o secretário era o mais indicado para informá-lo sobre os termos jurídicos além dos quais não era concedido nem produtivo aventurar-se. “Sou da opinião – escrevia – que o senhor deveria aceitá-las sem dificuldade, inseri-las nas Constituições, e depois, novamente, enviá-las à Sagrada Congregação. Fundamentalmente, essas *animadversiones* são a aplicação das normas estabelecidas por Roma para os novos institutos: eu sustento ainda que o que se quer para os noviciados, para os estudos e para as ordenações é o que se desejaria que o senhor modificasse ou eliminasse; mas, de outra parte, é precisamente tudo o que os ordinários insistem sempre e que a Santa Sé tem como ponto estabelecido e indiscutível”.¹⁰⁸

Qual fosse a posição da Congregação dos Bispos e Regulares sobre os vínculos jurisdicionais entre o ordinário diocesano e a Sociedade Salesiana emergia da resposta – datada justamente de 26 de julho – ao quesito colocado por dom Gastaldi: a Congregação de São Francisco de Sales “está sujeita diretamente à Santa Sé e imune da jurisdição do bispo, sim ou não?”. A Congregação dos Bispos e Regulares estava em condições de dizer – era a resposta de 8 de agosto – que a Sociedade Salesiana “não é senão um instituto de votos simples, e que tais institutos não estão isentos da jurisdição episcopal, salvo quando as Constituições foram aprovadas pela Santa Sé, e obtidos os privilégios

¹⁰⁶ Carta citada em MB X 276.

¹⁰⁷ Cf. o texto em *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari*, p. 37-40; OE XXV 373-376; *Cost. SDB* (Motto) 244-245.

¹⁰⁸ Carta de 26 de julho de 1873; MB X 728.

particulares”; “contudo, não se deve esconder que o sacerdote Bosco recebeu de Sua Santidade mais de um privilégio sobre as demissórias que deve dar a um certo número de alunos; e ultimamente, na audiência de 8 do corrente agosto, obteve outra semelhante para seis alunos”.¹⁰⁹

Dom Bosco não conhecia nem a pergunta nem a resposta quando, em 4 de agosto, respondia à sábia carta de dom Vitelleschi, de 26 de julho. Não lhe escondia as “graves dificuldades” que estava encontrando para modificar as Constituições no sentido indicado, retomando argumentos já superados, fora de tempo ou pouco críveis; deveria suprimir coisas “que em geral já foram aprovadas em outras ordens religiosas e congregações eclesíásticas”, ou seja, jesuítas, redentoristas, oblatos, rosmilianos;¹¹⁰ deveria, “além disso, modificar radicalmente – assegurava – as bases que me foram estabelecidas pelo santo padre, a quem procurei coordenar todas as Regras Salesianas”; a Congregação – prosseguia – “não existiria como tal, porque tendo casas em diversas dioceses, deve depender somente dos ordinários no exercício externo no que diz respeito à religião”; “além disso – concluía – eu procurei não variar nem destruir o que parecia já estabelecido nas duas datas dos decretos 1864-1869”.¹¹¹ Naturalmente não tinha interesse em mencionar as *animadversiones* que tinham acompanhado o decreto de 1864, jamais esquecidas pela Congregação dos Bispos e Regulares. É óbvio que algumas das *animadversiones* do verão de 1873 contrastavam radicalmente com as antigas isenções essenciais esperadas por Dom Bosco, ou melhor, as agravavam com novas exigências: em particular, a 4ª (direitos civis), a 5ª (voto de pobreza), a 16ª (noviciado), a 17ª (tempo e lugar para os estudos filosóficos e teológicos), a 25ª (aquisições e alienações, processos civis) e a 28ª (faculdade das dimissões). A *Consulta* preparada para os membros da Congregação Particular de 1874 sublinharia esses mesmos pontos, considerados fundamentais pelo postulante e inadmissíveis pelos destinatários.¹¹²

As novas observações, mais amplas e obrigatórias, levavam Dom Bosco a preparar a defesa sobre um fronte mais estendido e à elaboração de documentos suplementares. Tratava-se das *Observações sobre as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales e sua aplicação*¹¹³ e do *Esboço histórico*, que deveria constituir-se a justificação histórica e jurídica.¹¹⁴ Em Roma Dom Bosco seria desaconselhado a anexar o *Esboço* à negociação oficial; porém, o distribuiria aos membros da Congregação Particular em forma privada.

¹⁰⁹ Carta transcrita em MB X 729-730.

¹¹⁰ Da crônica romana do secretário de Dom Bosco, Gioachino Berto, resulta que, na primeira década de fevereiro de 1874, Dom Bosco encontrou redentoristas, passionistas e Padres da Missão.

¹¹¹ Carta de 4 de agosto de 1874, publicada somente em parte em *Cost. SDB* (Motto) 19, n. 41.

¹¹² Cf. *Consultazione per una Congregazione particolare*, p. 7-13; OE XXV 393-399.

¹¹³ São transcritas em *Cost. SDB* (Motto) 245-247.

¹¹⁴ Sobre a redação do *Cenno istorico* e de seus conteúdos, cf. P. BRAIDO, “L’idea della Società Salesiana nel *Cenno istorico*”, RSS 6(1987), p. 245-331.

Em 30 de dezembro estava em Roma com o secretário, padre Giochino Berto, para seguir as últimas fases da demorada negociação. Logo encontrava-se com dom Vitelleschi e com o cardeal Berardi, considerados amigos confiáveis e influentes. Recebido em audiência pelo papa em 5 de janeiro de 1874, falava entre outras coisas de tratativas para uma iminente fundação em Hong-Kong e de outras coisas concernentes à vida da Congregação. Era um discurso um tanto quanto forçado, que procurava fazer emergir a necessidade da aprovação das Constituições e da concessão da faculdade das dimissórias. A referência à difusão das obras da Sociedade em dioceses longínquas, por exemplo, em Hong-Kong e em Savannah, nos Estados Unidos, simplesmente propostas, aparecia em vários textos.¹¹⁵

No entanto, chegava ao cardeal Bizzarri uma carta particularmente forte do arcebispo de Turim, que reafirmava a necessidade de “tornar obrigatório um noviciado de dois anos”, com séria formação à *humildade* e à *submissão*. Acrescentava duas propostas inéditas: dar aos ordinários onde se encontram obras salesianas a faculdade de intrometer-se na promoção às ordens sagradas dos membros da Sociedade, “de tal forma que nenhum dos membros pudesse ser aí promovido sem o assentimento positivo e explícito do bispo diocesano”; e, ainda, dar aos mesmos bispos “a faculdade de examinar os membros antes de admiti-los aos *votos perpétuos*”. Além disso, eram repetidas e tornadas mais pesadas as acusações sobre as carências na formação eclesial oferecida no interior da Sociedade Salesiana, com a denúncia da situação problemática de dois eclesialistas, um da diocese de Saluzzo, outro da arquidiocese turinense, formados no Oratório de Dom Bosco.¹¹⁶ Com relação às cartas precedentes, dom Gastaldi dava um significativo passo adiante: parecia propor-se como colaborador de Dom Bosco para ajudar a dar estabilidade e consistência cultural e espiritual à Sociedade Salesiana, quase como tutor de um organismo sem pai ou com um pai tão inadequado à formação de religiosos quanto excepcional educador de jovens.

Deve-se notar que, entretanto, Dom Bosco estava se ocupando com extraordinária solicitude também no problema dos *exequatur*.¹¹⁷ Nos primeiros dois meses da estada romana, ele informava seu arcebispo a respeito das sucessivas mudanças da questão, desejando que pudesse fruir da solução tão controvertida em primeira mão. As quatro cartas enviadas a Gastaldi de 11 de janeiro a 8 de fevereiro são espelho do tortuoso caminho na busca das fórmulas que agradassem seja ao governo italiano seja à Santa Sé: “a negociação sobre a conhecida situação progride bem”;¹¹⁸ “o conhecido trabalho está

¹¹⁵ Cf. [G. Bosco], *Cenno storico sulla Congregazione di S. Francesco di Sales*, p. 20 (OE XXV 250); P. BRAIDO, “L’idea della Società Salesiana nel *Cenno storico*”, p. 309-310, 318; “Riassunto della Pia Società di San Francesco di Sales nel 23 Febbraio 1874”, in: *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari*, p. 47 (OE XXV 383); carta a Pio IX, março de 1874 (E II 370).

¹¹⁶ Carta de 9 de janeiro de 1874, citada em MB X 757-758.

¹¹⁷ Cf. cap. 18, § 7.

¹¹⁸ Carta de 11 de janeiro de 1874; E II 334.

terminado. Um formulário foi aceito por ambas as partes”;¹¹⁹ “parecia tudo concluído: hoje, um entrave”;¹²⁰ a solução parecia alcançada, mas a “publicidade das coisas”, atribuída ao arcebispo de Turim, tinha suscitado muitas contrariedades; “mas isso tudo era um marco para recordar a realidade” – considerava Dom Bosco –. “O fato verdadeiro – explicava – consiste no fato da chegada, no dia anterior, de uma virulenta carta de Bismarck protestando contra as vozes de conciliação, e especialmente contra os bispos que, etc. A negociação não foi rompida, mas está suspensa”.¹²¹

Semanas depois, Dom Bosco teve conhecimento da carta do arcebispo ao cardeal Bizzarri, de 9 de janeiro, mas em tempo para redigir a própria defesa. Esta, contudo, era copiada, e assumida e assinada por um dos acusados, padre Giovanni Battista Anfossi, ex-aluno do Oratório, e tinha como destinatário o próprio Dom Bosco, o qual, por sua vez, fazia com que cada um dos cardeais da Congregação Particular tivesse cópia.¹²² Em janeiro encaminhava para impressão na Poliglota Vaticana o texto das Constituições. Nele não foram mudados os artigos que tocavam os direitos civis e a inexistência da Congregação como ente moral. Foram acrescentados dois capítulos: o XIV, sobre o noviciado, concebido, porém, como tirocínio de vida ativa (art. 8º); e o XV, *De studio*, com quatro artigos genéricos e evasivos. Permanecia sem mudança o que fora estatuído sobre as dimissórias e os externos. Em março, esperando atenuar as oposições, Dom Bosco mandava reimprimir um texto constitucional do qual desaparecia o apêndice sobre os externos e que acolhia algumas correções antes de tudo formais.¹²³

Por conselho do padre sommista Carlo Menghini, que tinha projetado o documento ilustrativo do pedido de aprovação, Dom Bosco preparava o *Compêndio da Pia Sociedade de São Francisco de Sales em fevereiro de 1874*, que devia ser unido, no lugar do *Esboço histórico*, aos quatorze documentos da “posição da causa”. No dia 7 de março foram enviados a cada um dos cardeais da Congregação Particular – Patrizi, De Luca, Bizzarri e Martinelli – o texto da edição de março das Constituições, a *Consulta* e o pedido de Dom Bosco ao papa feito em 1º de março do ano precedente.¹²⁴ Não era tudo. Em 18 de março Dom Bosco enviava, de forma privada, a cada um dos membros da Congregação Particular, ao secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, ao cardeal Berardi e a Pio IX um lembrete com o eloqüente título *Alguns pensamentos que movem o sacerdote Giovanni Bosco a suplicar humildemente pela aprovação definitiva*

¹¹⁹ Carta de 6 de janeiro de 1874; E II 336.

¹²⁰ Carta de 24 de janeiro de 1874; E II 342.

¹²¹ Carta de 8 de fevereiro de 1874; E II 350.

¹²² Cf. MB X 759-760.

¹²³ Ambos os textos são reproduzidos anastaticamente em OE XXV 253-292, 295-333. Análise particularizada das modificações introduzidas em um e outro encontra-se em MB X 746-755, 784-785 e 915.

¹²⁴ Toda a documentação sobre a negociação se encontra impressa anastaticamente em OE XXV 295-400: *Regulae Societatis S. Francisci Salesii*, p. 295-333; *Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari... Relatore Nobili Vitelleschi*, p. 335-385; *Consultazione per una Congregazione particolare*, p. 387-400.

das *Constituições da Sociedade Salesiana*. Militavam em favor da plena legitimação jurídica da Sociedade Salesiana com a aprovação definitiva das Constituições fatos antigos e novos: “a experiência feita das Constituições durante 33 anos” [uma vez mais 1841!], “as cartas de recomendação de 44 bispos”, “os frutos de bênção” até agora obtidos, “16 casas abertas em diversas dioceses”, “o número dos congregados que [era] 330, e dos jovens (cerca de 7 mil) a eles confiados, as tratativas quase concluídas para abrir obras na América, na África e na China”, “a necessidade de um diretório prático das Constituições quer para a parte moral, quer para a parte material”, “o vivo desejo de que este grande ato, o mais importante para uma congregação eclesiástica, fosse efetuado pelos atuais piedosos, doutos e caridosos cardeais”, e fosse sancionado pelo “santo e maravilhoso” Pio IX. Dom Bosco pensava, talvez, que um pouco de incenso não fizesse mal, dado que se dirigia a pessoas eclesiásticas. Mas podia parecer totalmente extemporânea e evasiva a proposta adiantada para fugir da insídia das *animadversiones*; “Sentindo a necessidade de modificar algum artigo das Constituições, isso se poderá fazer na avaliação que a Santa Sé faz, a cada três anos, sobre o estado moral, religioso e material do Instituto, ou então nos Capítulos Gerais que se realizam a cada três anos”.¹²⁵

A longa reunião da Congregação Particular de 24 de março permanecia indefinida. Os trabalhos eram retomados em 31 de março. Indômito e incansável, entre 29 e 30 de março Dom Bosco tentava as últimas defesas em relação à carta de Gastaldi ao cardeal Bizzarri, de 20 de abril de 1873: endereçava aos cardeais da Congregação um breve *Lembrete sobre uma carta do arcebispo de Turim a respeito da Congregação Salesiana*. Pretendia que fosse uma confutação pontual sobre questões de direito e de fato. Mas, se não era muito exata a carta de Gastaldi, não era mais a resposta de Dom Bosco.¹²⁶ Em 31 de março, após longo debate, à pergunta colocada no final da *Consulta*, “Se, e como devam ser aprovadas as recentes Constituições da Sociedade Salesiana em apreço?”, a Congregação respondia: *Affirmative et ad mentem*. O *ad mentem* significava simplesmente “que se introduzisse nas Constituições as *animadversiones* feitas pelo consultor, padre Bianchi”; quanto à faculdade de conceder as dimissórias para as ordenações, que se implore do santo padre este Privilégio por um decênio”; “que se possa suplicar do santo padre a aprovação das Constituições propostas, assim emendadas e redigidas, cuja aprovação os três dos eminentíssimos padres opinaram conceder de forma definitiva e perpétua”.¹²⁷

Era a solução inevitável. De resto, o próprio Dom Bosco a tinha favorecido. Talvez esperando que os membros da Congregação não o levariam muito a sério, ele tinha concluído a *Consulta* com uma declaração – de praxe? – que era um rendimento à discrição: “Finalmente o sacerdote Bosco, repetindo assim as súplicas, pede a absoluta

¹²⁵ E II 371-372.

¹²⁶ E II 374-375.

¹²⁷ Ata das duas reuniões da Comissão Cardinalícia, de 24 e 31 de março, redigida por dom Nobili Vitelleschi; MB X 795.

aprovação após vários anos de tratativas e, para tal finalidade, declara expressamente *que levará em consideração toda correção, modificação e conselho que, em sua alta e iluminada sabedoria, se dignarem propor ou simplesmente aconselhar, para a maior glória de Deus e a vantagem das almas*. Assim, espera colocar-se em regra com os respectivos ordinários e prosseguir pacificamente suas tratativas em prol das Missões estrangeiras”.¹²⁸

Na audiência a dom Nobili Vitelleschi, de 3 de abril, sexta-feira santa, Pio IX confirmava e aprovava o parecer da Congregação Particular, ordenando a preparação do decreto para a aprovação definitiva das Constituições e, à parte, à concessão do indulto *ad decennium* para as dimissórias às ordens sagradas.¹²⁹

O decreto de 13 de abril e o rescrito sobre as dimissórias conferiam aos dois atos o selo da publicidade jurídica.¹³⁰ No mesmo dia, Dom Bosco, de Roma, informava o arcebispo de ter retirado “o decreto da aprovação definitiva de nossas regras”.¹³¹ O destinatário anotava no verso da folha, sublinhando as últimas palavras: “1874 – 13 de abril – Dom Bosco – notícia da aprovação definitiva de seu Instituto, *que porém não é definitiva*”.¹³² Estava errado – era, com efeito, definitiva – e tinha um pouco de razão – não era totalmente “completa” –, pois as faculdades de isenção e das dimissórias a qualquer bispo estavam excluídas do texto constitucional. Por isso seriam necessárias concessões específicas. Para obtê-las, Dom Bosco continuaria a lutar de 1875 a 1884.

Voltando a Turim, escrevia uma carta familiar de agradecimento a dom Salvatore Nobili Vitelleschi, a quem atribuía por primeiro o mérito da feliz conclusão da negociação: pedia que estendesse a gratidão à toda a nobre família, “pela grande cortesia e benevolência” que lhe foi concedida no curso da estada romana.¹³³ Dom Bosco logo lhe escreveria de novo para resolver uma questão levantada pelo arcebispo Gastaldi. O ordinário diocesano – escrevia – queria ver “o decreto de concessão das dimissórias”: era condição inapelável para a admissão às ordens dos salesianos apresentados por Dom Bosco. Em longa carta, Dom Bosco informava não somente que tinha respeitado todas as exigências do arcebispo, mas ainda ter apresentado o decreto de concessão das dimissórias. Mas o arcebispo exigia cópia autêntica para a Cúria turinense, o que Dom Bosco acreditava ser seu dever recusar. Aproveitava dessa, que ele considerava uma punhalada de seu superior, para renovar a velha pergunta: “Não seria muito ardiloso o pedido de dimissórias *ad quemcumque episcopum*?”.¹³⁴ O paciente interlocutor lhe respondia em 21 de maio, aconselhando-o que pedisse à Congregação dos Bispos e Regulares a segunda cópia do rescrito. Dom Bosco assim fazia e, na metade de junho,

¹²⁸ *Consultazione per una Congregazione particolare*, p. 13; OE XXV 399.

¹²⁹ Declaração de dom Vitelleschi no rodapé da Ata precedente; MB X 796.

¹³⁰ Cf. MB X 802-805.

¹³¹ E II 380.

¹³² Cf. MB X 808, 821-827 e carta a dom Vitelleschi, maio 1874; E II 383-385.

¹³³ Carta de 28 de abril de 1874; E II 381-383.

¹³⁴ Carta de maio de 1874; E II 383-385.

podia enviar o documento ao secretário do arcebispo, afastando igualmente a idéia de que teria em mente, como pensava o arcebispo, publicar as cartas enviadas por este a Dom Bosco.¹³⁵ Insistia sobre isso no dia seguinte: “Digo uma vez mais que jamais pensei ou sonhei em publicar algum escrito de tal gênero. Creio que pensar tal coisa não tem outro apoio senão a má consciência. Desejaria ter um só argumento para provar o contrário, mas este ninguém poderá jamais produzir”.¹³⁶

Nesse clima é possível imaginar com que ânimo dom Gastaldi tenha lido o hino que, nesse ano, padre Lemoyne compôs para a tradicional festa de 24 junho. Dom Bosco aí aparecia como novo Moisés que, no final do caminho permeado de obstáculos, recebia do anjo, sobre um outro Sinai, em Roma, a lei “sobre lâminas de ouro esculpida”: “este Anjo de Deus / de Cristo é o Vigário, chama-se Pio. / Chamando-te sobre o monte, deu-te a lei (...) guerreiro do céu, / antes de tudo inclinai-vos diante do novo Moisés”. No esboço de impressão, apresentadas para o *Nihil obstat*, o arcebispo glosava: “Não se impeça a impressão, mas se lamentam os exageros, que jamais poderão conduzir a algum bem”.¹³⁷

No decurso de 1874 Dom Bosco publicava o texto latino das Constituições, revisto e retocado quer por ele quer pelo professor Vincenzo Lanfranchi.¹³⁸ De particular relevo era a nota que seguia o art. 12 do cap. XIV, *Dos noviços, ou seja do mestre de noviços e seu regime*. Era uma verdadeira reviravolta em relação ao que a Congregação romana queria com a modificação do ditado das Constituições apresentadas para a aprovação. Na nota se dizia que, em base a uma concessão do papa a Dom Bosco em 8 de abril de 1874 *vivae vocis oraculo*, os candidatos à Sociedade Salesiana sujeitos à segunda prova, ou seja, o noviciado, podiam se ocupar das atividades previstas no período da primeira prova.¹³⁹ Na edição italiana de 1875 – e, depois, nas traduções em outras línguas –, acessível também a quem não sabia latim, era adotada uma solução mais drástica: os artigos do capítulo XXV eram reduzidos de 17 a 7. Naturalmente, eram omitidos os que diziam respeito aos diversos períodos de prova, à instituição canônica das casas de noviciado, à separação entre noviços e professos. Várias notas de relevância jurídica eram também espalhadas em vários contextos.¹⁴⁰ O texto latim integral das Constituições chegariam às mãos dos salesianos somente em 1902.

¹³⁵ Ao teólogo Tommaso Chiuso, 17 de junho de 1874; E II 389.

¹³⁶ Ao teólogo Tommaso Chiuso, 18 de junho de 1874; E II 390.

¹³⁷ Cf. P. BRAIDO e R. ARENAL LLATA, “Don Giovanni Battista Lemoyne”, RSS 7 (1988) 130.

¹³⁸ Cf. G. PROVERBIO, “La prima edizione latina ufficiale delle Costituzioni salesiane dopo l’approvazione pontificia”, RSS 3(1984), p. 93-109.

¹³⁹ “Pius Papa IX benigne annuit tyrones, tempore secundae probationis, experimentum facere possit de iis, quae in prima probatione sunt adnotata, quoties ad maiorem Dei gloriam id conferre iudicabitur. *Vivae vocis oraculo dia 8 aprilis 1874*” (*Regulae seu Constitutiones Societatis S. Francisci Salesii Juxta Approbationis decretum die 3 aprilis, 1874*. Augustae Taurinorum, Ex officina asceterii salesiani, An. MDCCCLXXIV, p. 45; OE XXV 455).

¹⁴⁰ *Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il decreto di approvazione del 3 aprile 1874*. Turim, Tip. dell’Orat. di S. Franc. di Sales, 1875, XLII-49; OE XXVII 51-99 (o texto das Constituições).



Capítulo XX

TENAZ DEFESA DA LIBERDADE INSTITUCIONAL ENTRE INSEGURANÇAS E CONTESTAÇÕES (1874-1878)

- 1875 29 de janeiro: anúncio das propostas da Argentina
18 fevereiro a 22 de março: em Roma na tentativa de obter os privilégios
Obra de Maria Auxiliadora para as vocações ao estado eclesiástico
16 de setembro: decisão cardinalícia negativa sobre os privilégios
11 de novembro: função de adeus aos primeiros missionários
segunda metade de novembro: sede em Nice
- 1876 21 de abril: obtenção de alguns privilégios
- 1876 23 de janeiro: aprovação diocesana do Instituto das FMA
9 de fevereiro: sede em Vallecrosia das FMA
29 de março: sede em Turim-Valdocco
junho: assistência à colônia balneária di Sestri Levante
outubro: sede em Biella (7), Lu Monferrato (8), Alassio (12)
- 1877 novembro: partida das primeiras FMA missionárias
- 1878 22 de junho: sede das irmãs em Chieri (Turim)
setembro: abertura da casa-mãe do Instituto FMA em Nizza Monferrato
com educandário
- 1879 apresentação oficial das Constituições impressas (1878) do Instituto das FMA
- 1881 14 de maio: morte de santa Maria Domenica Mazzarello
12 de agosto: eleição da nova madre geral, Caterina Daghero

Tendo conseguido posições indubitavelmente positivas com relação aos dois institutos, Dom Bosco podia dedicar-lhes, com paixão crescente, suas solitudes organizativas e formativas. A diocese de Acqui, lugar em que está imersa a fervorosa comunidade de Mornese, não criava nenhum problema relevante. De outro lado, Dom Bosco tinha o cuidado de manter a congregação religiosa nascente e o fundador ao reparo da complicação jurídica com as autoridades romanas, associando-a à Sociedade Salesiana já aprovada e mantendo-a no âmbito diocesano, com aprovações mais ágeis por parte de bispos, geralmente benévolos, mesmo porque, muitas vezes, eram eles os primeiros beneficiários das obras das irmãs.

Já a aprovação das Constituições, em certo sentido imperfeita – ao menos em relação aos pedidos e às expectativas de Dom Bosco – criava não poucas dificuldades à

Sociedade Salesiana. Formada em grande parte por sacerdotes e aspirantes ao presbiterado, esta se ressentia bastante das dificuldades de relacionamento que de fato existiam com a arquidiocese turinense e com alguns setores da Cúria Romana. A reconstrução biográfica deverá levar em consideração também essas situações.

1. Dos dissensos jurisdicionais às advertências disciplinares (1874-1876)

Não há razões para se pensar que a aprovação das Constituições e o rescrito sobre as dimissórias, embora com faculdades limitadas, tenham sido consideradas ou proclamadas por Dom Bosco como uma vitória sobre seu superior eclesiástico. Sem dúvida, era para ele uma grande conquista. Ele a tinha pago, contudo, com notáveis renúncias, traduzidas em subtrações e acréscimos ao texto constitucional, que o privavam das concessões desejadas e o carregavam de ônus até então superados. O *ad mentem* que acompanhava o *affirmative* do parecer cardinalício impunha variantes de significativo peso. Retirava-se o artigo sobre a faculdade das dimissões na apresentação dos ordenandos ao bispo da diocese. Caíam ou eram introduzidas determinações que, no parecer de Dom Bosco, anulavam a justa insistência sobre os direitos civis dos sócios e o caráter privado da sociedade religiosa. Quanto ao voto de pobreza, era imposta a fórmula contida nas Constituições da Sociedade de Maria (padres maristas). Para alienar bens ou contrair débitos dever-se-ia proceder “juxta SS. Canones et Constitutiones Apostolicas”. Suprimia-se a referência às leis civis quanto à herança e aos legados. Os artigos que estabeleciam um biênio para os estudos filosóficos e um quadriênio para os teológicos representavam uma verdadeira reviravolta, bem como o fato de os alunos deverem ser liberados, exceto em casos de necessidade, das atividades próprias da Sociedade. Assim também eram as precrições sobre o noviciado, que devia ser feito em uma casa apropriada, deixando aos períodos de prova precedentes ou sucessivos o tirocínio na vida ativa própria da Sociedade Salesiana.

Por parte de dom Gastaldi, ao invés, o sucesso romano de Dom Bosco, não conhecido em toda a sua extensão, podia ser percebido como um desmentido, ao menos parcial, de suas idéias sobre jurisdição episcopal e sobre as sérias exigências de um instituto religioso, e até mesmo sobre as relações do bispo com a Cúria Romana. No fundo, ele podia pensar que Dom Bosco tinha sido escutado e tinha encontrado credibilidade, enquanto sua carta de recomendação, com as condições e conclusões, e as outras cartas que enviou não pareciam ter encontrado igual audiência.

Unia-se ainda um elemento, inconsciente e secundário num primeiro momento, mas que em seguida surgia com força: a auto-complacência, e o dissabor, de que Dom Bosco pudesse ter contribuído para sua ascensão ao episcopado e, posteriormente, à cátedra da capital subalpina, bem como a percepção por parte do beneficiário de que o benfeitor tivesse excessivo conhecimento desse fato, alguma vez declarando-o a alguém. Pode-se deduzir essas afirmações de uma carta pacificadora de dom Eugenio Galletti (1816-1879), bispo de Alba, amigo de ambos, que deixava transparecer a lamentação que o

correspondente lhe fizera. “Por amor de Deus – escrevia ao arcebispo – não lhe negue, *in charitate Dei et patientia Christi*, que ele te exponha, com seu lento fazer e falar, de modo razoável, sobre os motivos especiais que parecem poder desculpá-lo de seu modo de agir. Nem tampouco é conveniente lançar-lhe em rosto que tenha se gabado do fato de ter cooperado a fazer-te arcebispo, e tanto pior, que ele queira se fazer de eminência parda”.¹ Não se deve ficar maravilhado, portanto, se em seu governo episcopal, sem colocar em discussão a realidade da Sociedade de São Francisco de Sales, dom Gastaldi estivesse bem decidido a reivindicar a própria autoridade episcopal, na qual legitimamente acreditava e cuja responsabilidade não pretendia delegar. Tal fato comportava um método de governo, que ele adotava imparcialmente para com todos na diocese, sem pesar ou dar descontos a Dom Bosco e à sua sociedade religiosa, a qual, de outro lado, o présule professava amar e desejar irrepreensível.

1.1 Dissensos sobre a negociação

Não faltaram ocasiões de dissenso, e mesmo mais. Após 13 de abril de 1874, contudo, as divergências se deslocaram do plano da legítima diferença de atitude em relação à aprovação das Constituições ao plano dos fatos, embora nem sem liame com os princípios. Com efeito, como pano-de-fundo restaram o plano jurídico da Sociedade Salesiana e a dimensão das normativas constitucionais, complicados pelo modo diferente de entender as faculdades especiais conseguidas em abril de 1874. Tudo bem que Dom Bosco, em junho, tenha feito chegar ao secretário do arcebispo, teólogo Chiuso, a “cópia autêntica” do decreto sobre as dimissória *ad decennium*.² Não estava, porém, ainda disponível a cópia impressa das Constituições, menos ainda a “confrontada com o verdadeiro original” e autenticada pela Congregação dos Bispos e Regulares, que seria impressa vinte e oito anos depois.³

O primeiro incidente, que dava lugar a uma abundante troca de cartas, era ocasionado por uma circular na qual Dom Bosco anunciava um curso de “Exercícios Espirituais para senhores professores e mestres de escola”, que devia acontecer no Colégio de Lanzo, de 7 a 12 de setembro de 1874. O jornal *L'unità cattolica* informava seus leitores no número de 23 de agosto. No mesmo dia, o arcebispo, que por antigo privilégio era, entre outras coisas, titular da paróquia de Lanzo, lhe fazia escrever, lamentando não ter sido nem mesmo informado, enquanto era necessário seu consentimento. Dom Bosco – misturando tipos heterogêneos de exercícios espirituais realizados em

¹ Carta de E. Galletti a dom Gastaldi, 3 de setembro de 1874, citada em MB X 834.

² Carta de 17 de junho de 1874; E II 389.

³ Cf. cartas de Dom Bosco a dom Gastaldi, 3 de maio de 1874 (E II 382), e do arcebispo ao cardeal Bizzarri, 24 de maio de 1875 (MB XI 550-551).

tempos e circunstâncias diferentes – contestava o fundamento jurídico da exigência do “consentimento” do ordinário sobre uma prática realizada há decênios “em Turim, em Moncalieri, em Giaveno e em Lanzo”, “em Valdocco e em Trofarello”, confirmada e legitimada – segundo ele – pelo decreto de 31 de março de 1852, prorrogada em base a concessões do vigário geral Ravina e do pro-vigário Fissore.⁴ Era uma evidente amplificação extemporânea do decreto com o qual Fransoni tinha designado Dom Bosco “diretor chefe espiritual” dos oratórios e tinha conferido a ele “todas as faculdades necessárias e oportunas” a seu desenvolvimento.⁵ O arcebispo chamava ainda a atenção do teólogo Albert – “vigário” em Lanzo –, que tinha aceitado fazer as pregações, esclarecendo seu modo de pensar: “V.S. não deveria jamais auxiliar uma obra boa, em si mesmo ótima, e de grande agrado do arcebispo, mas viciada pelo espírito de *insubordinação* pelo fato de o senhor arcebispo não ter sido advertido de maneira alguma”.⁶

Outro caso menos relevante suscitava problemas mais numerosos. Um pároco da diocese, a convite de Dom Bosco e por desejo dos familiares de um jovem aluno do Oratório que desejava entrar no Seminário Diocesano, celebrava o rito da vestição clerical desse jovem. Também nos anos 70, com efeito, continuava o afluxo de alunos do Oratório e do Colégio de Lanzo para o seminário, em vista do clericado.⁷ Ao arcebispo, que protestava pela vestição sem prévio acerto, Dom Bosco reivindicava, mais uma vez, as faculdades que lhe foram concedidas pelo decreto de 31 de março de 1852 e trazia o exemplo de conhecidos sacerdotes diocesanos cuja vestição seguiu o mesmo procedimento, “os quais, a seu tempo, fizeram exames regulares antes de serem admitidos ao Seminário”.⁸ Era lógico que o arcebispo encarregasse o secretário de relembrear “a enorme diferença entre os tempos dos vigários gerais Ravina e Fissore”, quando os jovens educados no Oratório “eram todos incorporados” na arquidiocese, e a situação atual.⁹

Em 23 de setembro o arcebispo repropunha ao secretário da Congregação dos Bispos e Regulares questionamentos sobre o *status* jurídico da Sociedade Salesiana, questionamentos já feitos no ano precedente e aos quais tinha respondido cardeal Bizzarri, em 18 de agosto de 1873: as Constituições estavam definitivamente aprovadas? A Congregação Salesiana é considerada ordem religiosa, gozando de todos os privilégios e, portanto, “imune da jurisdição episcopal?” O reitor podia admitir ao noviciado e aos votos clérigos que estavam “no elenco dos clérigos diocesanos, sem o *prévio beneplácito* e também contra o *dissenso do bispo*? Era-lhe lícito acolher na Congregação clérigos, aos quais o bispo tinha ordenado depor o hábito clerical, sem tal *beneplácito* e contra o *dissenso do bispo*?”¹⁰ Vitelleschi escreveu que daria a resposta após

⁴ Carta de 10 de setembro de 1874; E II 402.

⁵ [G. Bosco], *Notitia brevis Societatis Sancti Francisci Salesii*, 1968, p. 4; OE XVIII 574.

⁶ Carta ao teólogo Albert, 17 de setembro de 1874; MB X 836-837.

⁷ Cf. G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, vol. II, p. 392.

⁸ Ao teólogo T. Chiuso, 27 de setembro de 1874; E II 405.

⁹ Carta do teólogo Chiuso a Dom Bosco, 28 de setembro de 1874; MB X 846.

¹⁰ Texto transcrito em MB X 842-843.

as férias da Congregação dos Bispos e Regulares.¹¹ No dia anterior o arcebispo tinha redigido um longo memorial dirigido ao mesmo papa, colocando como premissa que tinha recorrido, como de costume, para os problemas inerentes ao governo da diocese, segundo parecer do cônego Luigi Anglesio, sucessor de Cottolengo, e que tinha recebido dele plena aprovação. Reafirmava seu incondicionado favor à Sociedade Salesiana como *congregação regular*. Lamentava, porém, a falta de um verdadeiro noviciado e o abuso no acolher clérigos afastados pelo bispo, considerados inaptos ao estado eclesiástico. Acenava ainda ao caso dos exercícios espirituais de Lanzo, submetendo ao juízo do papa a *irreverente* carta de Dom Bosco de 10 de setembro. Pedia-lhe “viva, humilde e de forma premente”, que ele desse, sobre o conflito, “uma *palavra decisiva*”.¹²

Informado de modo reservado sobre as duas cartas, em 12 de outubro, Dom Bosco endereçava ao prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares um memorial bem estruturado, na qual pedia esclarecimentos sobre a legitimidade de algumas perguntas do arcebispo sobre certas matérias que lhe pareciam privadas de fundamento canônico: as condições para a admissão às ordenações de clérigos salesianos, a aceitação na Sociedade de São Francisco de Sales de clérigos egressos do Seminário; a organização de exercícios espirituais para leigos e eclesiásticos em casas salesianas.¹³ Concluía a articulada refutação das queixas do arcebispo com cinco questões sobre sua efetiva autoridade em pontos controvertidos.

Perto das *tempora* de Advento o arcebispo repetia a Dom Bosco que não ordenaria nenhum clérigo apresentado por ele até que não lhe enviasse uma declaração escrita de que não aceitaria mais clérigos egressos do Seminário. Era a velha posição de maio de 1873.¹⁴ “V.E. sabe – respondia o fundador ao arcebispo – quanto seja estrito o dever de um superior de prover ao bem de seus religiosos, que é o da Igreja, e sabe também quais devam ser os casos nos quais um ordinário possa recusar tais ordenações”. Por isso apresentava-lhe algumas “reflexões” – dizia – “antes de pedir a Roma como eu deva agir”,¹⁵ como certamente já tinha feito em outubro, provavelmente sem resultados significativos.

Enviada, efetivamente, o pedido ao cardeal Berardi,¹⁶ depois ao próprio Pio IX.¹⁷ As duas cartas tinham um efeito imprevisto. Cardeal Berardi, a pedido de Pio IX, pedia a dom Celestino Fissore, arcebispo de Vercelli, de fazer um trabalho de mediação entre ambas as partes. Este solicitava aos interessados seu parecer. O de Dom Bosco resu-

¹¹ Carta de 5 de outubro de 1874; MB X 844.

¹² O texto encontra-se em MB X 847-854.

¹³ Ao cardeal A. Bizzarri, 12 de outubro de 1874; E II 409-412. Pedia também esclarecimentos sobre a legitimidade da aceitação de clérigos da diocese ao benévolo cardeal Giuseppe Berardi, em carta de 7 de novembro; E II 415-416.

¹⁴ Cf. cap. 19, § 7.

¹⁵ A dom L. Gastaldi, 10 de novembro de 1874; E II 417-418.

¹⁶ Carta de 18 de novembro de 1874; E II 420-421.

¹⁷ Carta de 30 de dezembro de 1874; E II 432-434.

mia-se ainda a previsíveis páginas de queixas. Entre estas aparece, pela primeira vez, o nome do beato Luigi Guanella, próximo de entrar para os salesianos. Também ele era objeto inconsciente do rigor do arcebispo. “Certo padre, pároco de Como – escrevia ao mediador –, foi aceito em nossa Congregação. Ao saber disso, escrevi imediatamente uma carta ao seu ordinário, na qual lhe dizia: previna padre Guanella (é seu nome) que, chegando nesta arquidiocese, jamais obteria nem o *maneat* nem a faculdade de pregar”. Interessante a interpretação demonológica do conflito: “Se tivesse que dizer o que penso, é que o demônio, prevendo o bem que dom Gastaldi teria podido continuar fazendo à nossa Congregação, semeou cizânia secretamente e conseguiu fazê-la crescer. Distúrbio imenso, falação de todas as partes, diminuição dos padres e de confessores entre nós, grave incômodo ao próprio bispo, que por trinta anos foi meu melhor confidente: eis o fruto”.¹⁸

Fissore foi a Turim em 3 de fevereiro. Encontrou Dom Bosco e dom Gastaldi, antes separadamente, depois juntos, no palácio arquiépiscopal. De uma carta de Dom Bosco ao cardeal Berardi, de 7 de fevereiro de 1875, e do relatório enviado a Roma por dom Fissore, resulta que o ponto mais sensível da discussão e do entendimento foi a declaração de não aceitação nas casas salesianas de sujeitos demitidos do Seminário Diocesano, a qual estava ligada a disponibilidade do arcebispo de admitir às ordens os candidatos de Dom Bosco.¹⁹ Era a simplificação de uma gama de problemas reais ou fictícios bem mais vasta, que se tornaram ainda mais confusos por causa de contextos ideológicos e afetivos, muitas vezes inconscientes ou não expressos. Não se deve admirar que, antes que terminasse o mês de fevereiro, Dom Bosco escrevesse a dom Fissore: “Ainda não nos entendemos”, referindo-se ao problema das aceitações – esta vez, de padres – e às ordenações.²⁰ O arcebispo de Vercelli não podia fazer muita coisa, embora estivesse consciente da necessidade de uma composição geral, sancionada por um documento escrito.²¹

1.2 Difícil entendimento entre duas personalidades igualmente responsáveis

O arcebispo de Vercelli precisou agir com dois homens de caráter firme, de inteligência incomum, de idêntica vontade de honrar até o fim as respectivas responsabilidades, semelhantes na paixão pela realização dos próprios projetos, mais explosiva em um, mais controlada no outro. De qualquer modo, duas personalidades igualmente

¹⁸ Ao arcebispo de Vercelli, 12 de janeiro de 1875; E II 443-445.

¹⁹ Ao cardeal G. Berardi, 7 de fevereiro de 1875; E II 451-453; cfr. relação de Dom Fissore, 12 de fevereiro de 1875, em MB XI 548-550.

²⁰ A Dom C. Fissore, de Roma, 23 de fevereiro de 1875; E II 460-461; ainda 1º e 26 de junho de 1875; E II 479-480 e 481.

²¹ Carta de Dom C. Fissore a Dom Bosco, 7 de março de 1875; E II 461, n. 5.

admiráveis na dedicação ao próprio sofrido serviço, provavelmente com maiores dificuldades por dom Gastaldi, ainda que bem determinado e extremamente ativo, altamente consciente da própria missão de pastor reformador e da correspondente autoridade superior.

“Peço-lhe, pois – admoestava o arcebispo na citada carta de 17 de setembro ao teólogo Albert – de ficar atento uma vez mais para não cooperar com o que não é segundo a ordem hierárquica estabelecida por Deus (...). Tomarei as providências para que a autoridade arquiépiscopal não seja diminuída por quem deveria dar aos outros exemplo de reverência à mesma”.²² Dois dias depois, vindo a saber que Dom Bosco tinha cancelado os exercícios espirituais marcados, repisava o conceito: não era questão de fazer ou não fazer, mas de fazê-lo bem, isto é, de acordo com o superior. “Por que deixar o bem apenas por causa da advertência? Não era meu estrito dever admoestá-lo? Minha autoridade não é talvez um depósito que devo conservar em sua integridade?”.²³

Dom Bosco, por seu lado, sentia com a mesma consciência aguda de ter particular responsabilidade na defesa e consolidação da identidade, da especificidade e da relativa autonomia da própria Congregação, ainda jovem e em árduo crescimento, enquanto estava envolvida em tarefas que não podiam esperar, para a maior glória de Deus e a salvação das almas. “O bem deve ser feito bem” continuava a desencontrar-se com o também legítimo “o bem deve ser feito como é possível” em relação às situações históricas concretas e às urgências. Temia uma autoridade que ultrapassasse os próprios limites diretos, uma proteção que, também em contingências secundárias, se transformasse num abraço sufocante. Por isso, de uma parte se defendia com grande energia, de outra, buscava uma conciliação operativa, jamais efetuada.

São sinais dignos de nota, em particular, o início – diplomático, mas considerado pelo destinatário “irreverente”, dir-se-ia objetivamente irônico – e a conclusão da carta já citada de 10 de setembro em resposta ao arcebispo. “A acuidade – era o exórdio – com a qual S. V. vigia o andamento de nossa pobre Congregação demonstra que quer a exata observância das regras e das prescrições eclesiásticas, e isso só pode fazer-nos bem, tornando-nos vigilantes em nossos deveres. Disso tudo agradecemos V. E. de todo coração. Há, contudo, certas coisas que não sei entender muito bem se são conforme o espírito da Igreja e se podem ser de alguma vantagem a outros”. Já para a conclusão, antes de pedir ao arcebispo que formulasse concreta e especificamente “o que deseja[va]” da Sociedade Salesiana, tocava a corda do sentimento, lembrando a antiga amizade. “Ora, eu lhe peço de deixar falar um momento com a linguagem do coração – era apelo que, buscando reduzir a distância hierárquica, seguramente a aprofundava ainda mais –. Parece-me que no tribunal do Senhor, V. E. e eu, que estou assaz mais próximo, estaremos muito mais contentes se, deixando de lado as preocupações

²² Carta ao teólogo Albert, 17 de setembro de 1874; MB X 836-837.

²³ Carta ao teólogo Albert, 19 de setembro de 1874; MB X 839.

com o melhor, nos puséssemos a combater o mal e a promover o bem, e fizéssemos retornar os tempos em que cada idéia do pobre Dom Bosco era para V.E. um projeto que devia ser colocado em execução”.²⁴ O arcebispo não podia aceitar aproximações formalmente diferentes, seguidos por duntas lições de direito canônico, muito menos, nesse caso, a “linguagem do coração”, fora de propósito em questões cujas únicas palavras apropriadas considerava fossem o devido exercício da autoridade, de um lado, e, de outro, a obediência e submissão. Com efeito, Dom Bosco recebia uma carta de admoestação do vigário geral, cônego Zappata.²⁵ Respondia com respeito, não sem antes colocar às claras aspectos de sua mentalidade e responsabilidade de fundador: “Peço-lhe de assegurar-lhe” “que tenho necessidade de promover a observância das Regras como foram aprovadas e que tenho o dever de consagrar os poucos dias que Deus misericordioso me conceder ainda a inumeráveis aperfeiçoamentos que a qualidade do instituto e os tempos que correm tornam assaz difíceis. Por isso a necessidade de ter dos ordinários toda a indulgência que é compatível com sua própria autoridade”. Acrescentava uma afirmação interessante, embora incontrolável, com conseqüência quase nula: “Enviei alguns dias atrás, estou em Roma – acrescentava com admirável inocência –, uma cópia impressa de nossas regras, para que se observe se concordam com o original. Ainda não recebi resposta, contudo mando-lhe uma cópia, pedindo que a aceite, e que entregue uma cópia a S.E. Em caso de alguma inexatidão com o original, procurarei avisar-lhe imediatamente”.²⁶

Seria superficial, porém, reduzir a litígio, acrimônia, hostilidade, arrogância e obstinação o dissenso sobre relevantes questões de jurisdição eclesiástica e religiosa, em base a distintos empenhos pastorais e a divergente consciência dos respectivos deveres e direitos, quadro complicado ainda mais por características de temperamento e estilos de ação, em parte diferentes – não certamente pela facilitadora oposição entre carisma e autoridade –, em parte muito próximos. Era, tratando-se de fé católica, também o confronto duro de duas espiritualidades, em seus aspectos teóricos e vivenciais. Gastaldí, assim como seus predecessores Moreno e Riccardi di Netro, e Dom Bosco eram homens de Deus, sacerdotes, os primeiros três no grau mais alto, consagrados sem reservas a agir para a maior glória de Deus e a salvação das almas. Todos celebravam, absolviam, pregavam, rezavam e sofriam pela mesma causa, o reino de Deus, a Igreja, a salvação das almas. Os caminhos e os meios concretos, porém, atraíam mentalidades, percepções da realidade e avaliações nem sempre homogêneas, com as conseqüentes atitudes e decisões prudenciais: os primeiros, mais rigorosos e inflexíveis na adesão aos princípios de uma teologia fortemente estruturada, posteriormente assistidos por uma precisa cultura jurídica; o segundo, menos fundamentado, teológica e juridicamente, formado no probabilismo e na casuística, portanto mais flexível, prag-

²⁴ Carta de 10 de setembro de 1874; E II 401-403.

²⁵ Cf. MB X 408.

²⁶ Ao cônego Zappata, 11 de outubro de 1874; E II 408-409.

mático e livre, ou, segundo o julgamento dos antagonistas, arbitrário e prevaricador. Quanto às condutas concretas, seria possível advertir em cada questão, por uma parte e outra, inevitáveis limites nos modos de ver e entender, conseqüentemente de compreender-se e conhecer-se, os erros de avaliação, os preconceitos, as desconfianças, a pouca inclinação ao acordo. Sobre o temperamento de dom Gastaldi foram escritas muitas coisas, nem sempre equilibradas, enquanto de Dom Bosco sublinha-se sobretudo os aspectos heróicos. Parece mais difícil do que deveria fazer história de um grande personagem, heróico em modo diverso, não canonizado, que teve, por agudo senso do dever, a sorte de medir-se em várias situações com um futuro santo canonizado.²⁷ Além disso, enfraquecia muito a posição de Gastaldi em Turim e em Roma seu convicto, coerente e indestrutível rosminianismo em filosofia e teologia, unido à inquebrantável solidariedade com o Instituto da Caridade. Sofria, mas conservava ferozmente fidelidade e lealdade, como demonstra o vibrante testemunho dado no discurso de abertura da primeira Reunião Regional Piemontesa da Obra dos Congressos.²⁸

2. Proteção de Nossa Senhora Auxiliadora para as vocações eclesíásticas

Em harmonia com o significado eclesial da devoção a Maria sob o título *Auxilium Christianorum*, Dom Bosco dava esse nome a uma obra que lhe estava fortemente a peito: a Obra de Maria Auxiliadora para as vocações ao estado eclesíastico.²⁹ O vasto mundo da juventude pobre e abandonada ou, melhor, da pobre e abandonada juventude e a penúria de sacerdotes eram para ele problemas conexos, que impunham à Igreja sérias tarefas operativas. Embora valorizando ao máximo os leigos, ele considerava impossível a educação cristã realizada sem a presença ativa do eclesíastico dispensador dos mistérios e guia espiritual. Por isso, intensificando na metade dos anos 70 a campanha para a busca de boas vocações estendida também à idade mais elevada,

²⁷ Cf. *Francesco Faà di Bruno (1825-1888). Miscellanea*, p. 109-110 e n. 117-118 e p. 157, n. 65; A. CASTELLANI, *Il beato Leonardo Murialdo*, vol. II, p. 151-157; G. DACQUINO, *Psicologia di Don Bosco*, Turim, SEI, 1988. Esta última é uma discutível interpretação psicanalítica mediada por fontes históricas parciais e selecionadas, em que emerge o confronto entre dois personagens diferentemente assinalados: “normal” o padre, e o arcebispo, sujeito de psicologia clínica (cf., em particular, p. 73-80).

²⁸ Cf. G. DOTTA, *La nascita del movimento cattolico a Torino e l’Opera dei Congressi (1870-1891)*. Casale Monferrato, Piemme, 1999, p. 204-208.

²⁹ Cf. [G. BOSCO], *Opera di Maria Ausiliatrice per le vocazioni allo stato ecclesiastico benedetta e raccomandata dal santo padre Pio IX*. Fossano, Tip. Saccone, 1875, 8 p. (OE XXVII 1-8); [G. BOSCO], *Opera di Maria Ausiliatrice ecclesiastico. Eretta nn’Ospizio di S. Vincenzo de’ Paoli in San Pier d’Arena*. Sampierdarena, Tip. e Libr. di San Vincenzo de’ Paoli, 1877, 28 p. As citações são dessa edição.

colocava a solução do problema sob a proteção de Maria. Entre Maria e a Igreja ele encontrava, com efeito, um vínculo indissolúvel: “Esta obra é colocada sob os auspícios da Santa Virgem Auxiliadora, porque Maria, sendo proclamada pela Igreja *Magnum et singulare in Ecclesia praesidium*, certamente dignar-se-á proteger uma obra que visa formas bons ministros para a Igreja”.³⁰

Também em vista dessa iniciativa Dom Bosco compilava um “estatuto” essencial, desorganizado mas límpido, com acréscimos na edição de 1877. Após denso próêmio, apareciam os seguintes títulos: *Primeiras experiências, Meios, Observações, Vantagens espirituais, Programa*. Este último estava subdividido nos quatro seguintes: *Finalidade da Obra, Aceitação, Estudo e Enxoval*.

No próêmio tentava-se uma análise do estado das vocações nas dioceses e dos institutos religiosos na Itália, na Europa e nas missões. Aumentavam as necessidades e diminuía as vocações. Em várias regiões havia surgido “obras de beneficência com essa finalidade e se obtiveram bons resultados, mas insuficientes para as muitas e urgentes necessidades”. Para tanto, ele propunha outra obra mais funcional e prática, isso é, “um curso de estudo *para jovens adultos que pretendiam consagrar-se no estado eclesiástico*”. As condições de aceitação estabeleciam que cada aluno devia “pertencer à família honesta e ser sadio, robusto, de bom caráter, na idade entre 16 aos 30 anos”.³¹ E demonstrava estatisticamente as vantagens: enquanto somente 20% das crianças “vocacionadas” chegavam ao sacerdócio, nele chegava 80% dos maiores, e em tempo mais breve. Resultava, pois, sumamente apropriado “um curso de estudos secundários” funcionais a “jovens adultos” que pretendiam “exclusivamente percorrer a carreira eclesiástica”.³² A *Finalidade* da Obra era “recolher jovens maiores que tenham decidida vontade de fazer os estudos literários através de cursos apropriados para abraçar o estado eclesiástico”.³³

Antes de propor as formas de colaboração – na maior parte de ordem financeira – Dom Bosco respondia à eventual (ou efetiva, como em Turim) objeção de algum bispo. “Esta obra – perguntava-se e respondia – não prejudica outras já existentes? Não somente não traz danos, mas as sustenta. Sem padres, sem pregação, sem sacramentos, que seria da obra da Propagação da Fé, da Santa Infância e de todas as outras obras piedosas?”³⁴ Na realidade – esta estabelecido –, “ao terminar os cursos literários cada aluno está livre para fazer-se religioso, ir para as missões estrangeiras ou retornar à respectiva diocese para pedir ao próprio bispo a faculdade de vestir o hábito clerical. Neste último caso o diretor da Obra procurará recomendar humildemente os candidatos ao respectivo ordinário para que, segundo o mérito, se digne tomá-los em

³⁰ [G. Bosco], *Opera di Maria Ausiliatrice*, p. 17.

³¹ [G. Bosco], *Opera di Maria Ausiliatrice*, p. 3-4 e 25.

³² [G. Bosco], *Opera di Maria Ausiliatrice*, p. 4.

³³ [G. Bosco], *Opera di Maria Ausiliatrice*, p. 25.

³⁴ [G. Bosco], *Opera di Maria Ausiliatrice*, p. 17.

benévola consideração”.³⁵ O suporte financeiro era assegurado por três categorias de “contribuintes”: *doadores*, que se obrigavam a dar 2 soldos (= 10 centésimos) ao mês ou, os sacerdotes, a espórtula de uma Missa; *correspondentes*, “chefes de uma dúzia ou mais de doadores”; e *benfeitores*, com ofertas mais consistentes, de até 300 libras por ano, com o direito de “enviar gratuitamente um aluno para o Instituto” (Educandário São Vicente de Paula, em Sampierdarena) ou até 800 libras, suficiente para todo o curso literário. Além da participação nos vários bens espirituais e indulgências, “o mérito de ter contribuído para uma grande obra de caridade” era considerado proeminente “vantagem espiritual”. Concluía: “*Não se pode fazer obra melhor, diz São Vicente de Paula, que contribuir para formar um padre*”.³⁶

Em um ano muito intenso, no qual Dom Bosco estava projetando a *Associação dos Cooperadores Salesianos* e preparando o lançamento da Congregação e de suas obras na França e na América, a implantação da iniciativa encontrava em Roma acolhida fácil e pronta. Apenas retornado da capital, após a estada de 1875, na reunião dos capitulares e dos diretores de 14 de abril, narra ter estado em longa conversa sobre a *Obra* com o papa em uma das audiências concedidas em 22 de fevereiro e em 22 de março. Em carta de 8 de agosto escrevia ao cardeal Antonelli como este conhecesse o projeto: “Falei inclusive com o santo padre, que aconselhou-me de lhe dar tudo por escrito, como fiz; e sua santidade encarregava o eminentíssimo cardeal Berardi a fazer relação, que foi do agrado do santo padre. Abençoando a finalidade, recomendou-o, exortando-me e fazendo-me ainda mais tarde exortar a colocá-lo, o quanto antes, em execução”.³⁷ Quando falava disso aos seus, Dom Bosco já tinha expedido a uma dezena de bispos o estatuto ou regulamento impresso, ou seja o fascículo *Obra de Maria Auxiliadora*, ainda não editado.³⁸ Entre 12 e 18 de abril de 1875 tinha recebido as cartas de recomendação dos bispos de Albenga, Vigevano, Acqui, Alessandria, Tortona, Casale e Gênova, que recomendavam ambas as iniciativas, a dos cooperadores e a das vocações adultas.³⁹ Enviava ao cardeal Berardi as quatro que tinham chegado a ele com o duplo projeto das vocações eclesíasticas e dos cooperadores, pedindo sua intermediação e a de dom Vitelleschi para obter do santo padre indulgências “apropriadas a cada projeto”.⁴⁰

Ambos asseguravam-lhe o apoio. Berardi, porém, recomendava “prudência e circunspeção” com dom Gastaldi e Vitelleschi pedia que aceitasse uma “sugestão”, isso é, de “considerar bem se fosse melhor implantar a obra para as vocações eclesíasticas fora da diocese de Turim”.⁴¹

³⁵ [G. Bosco], *Opera di Maria Ausiliatrice*, p. 25-36.

³⁶ [G. Bosco], *Opera di Maria Ausiliatrice*, p. 25-26.

³⁷ Carta de 8 de agosto de 1875; E II 493.

³⁸ O regulamento saiu nos primeiros dias de agosto no segundo número do *Bibliofilo*, um catálogo da Livraria Salesiana, prelúdio do *Bollettino salesiano*.

³⁹ *Documenti XV* 92-97, FdB 1028 B7-12.

⁴⁰ Ao cardeal Berardi, 18 de abril de 1875; E II 473.

⁴¹ Cartas de 7 e 11 de junho de 1876, *Documenti XV* 168-169, FdB 1029 C11-12; MB 37-38.

Gastaldi, com efeito, quis envolver todos os bispos das províncias eclesiásticas de Turim, Vercelli e Gênova para que a iniciativa fosse atentamente ponderada.⁴² Contemporaneamente escrevia ao cardeal Bizzarri para que impedisse um projeto inútil e prejudicial, uma vez que as dioceses já tinham seus seminários e existia o perigo que Dom Bosco lhes subtraísse os potenciais candidatos.⁴³ Ainda mais negativo se mostrava, em longa carta ao mesmo cardeal, dom Luis Moreno.⁴⁴

Dom Bosco se preocupava, antes de tudo, em esclarecer o estado das coisas com duas cartas próximas enviadas ao secretário do arcebispo: as indulgências concedidas não tinham sido ainda comunicadas, eram reservadas aos promotores da obra e, antes de se imprimir qualquer coisa, seria apresentada ao arcebispo;⁴⁵ nenhum órgão do Vaticano tinha pedido que Dom Bosco se colocasse de acordo com o arcebispo de Turim, sendo a Obra “endereçoada ao bem geral da Igreja”.⁴⁶ Na carta de 8 de agosto ao cardeal Antonelli, já citada, informava-o dos obstáculos postos por Turim e perguntava se fosse correta sua intenção “de arrancar toda dificuldade e começar a obra na diocese de algum dos muitos bispos que a recomendaram”.⁴⁷ No dia 10 confessava a dom Vitelleschi: “Tivesse seguido um pouco seu conselho e começado a Obra de Maria em outra diocese, teria ganhado na loteria”. Mas a solução já estava encaminhada: “coloquei-me de acordo com dom Manacorda e mandarei imprimir tudo em Fossano, e a primeira experiência vou fazê-la na Diocese de Gênova com pleno agrado desse bispo, com o qual já me tinha preventivamente posto de acordo”.⁴⁸ Da idéia de “transferir para outro lugar” “a implantação do projeto”, se tivesse acontecido, informava o teólogo Chiuso, reforçando o caráter universal da iniciativa: “Quem quisesse uma obra diocesana está livre de propô-la ao ordinário, de admiti-la, de modificá-la à vontade; mas aqui a coisa é geral”. Essa era uma obra que buscava “ir em auxílio das ordens religiosas, das missões, bem com criar alguma coisa para ser apresentada aos ordinários, sem dar aos mesmos algum distúrbio, nem material nem moral”. À comunicação que lhe fora feita de que na Arquidiocese de Turim não lhe seria “permitido nem impressão nem projeto ou programa, nem apelo à beneficência”, replicava defendendo o direito de imprensa, salva a revisão eclesiástica e de coleta. De qualquer forma, assegurava que se absteria de fazê-lo, se isso lhe fosse negado. Não esquecia, contudo, de recordar o quanto o Oratório tivesse merecido, na arquidiocese, em relação às vocações eclesiásticas e ao trabalho entre a juventude.⁴⁹ A dom Vitelleschi, que naqueles dias o infor-

⁴² Cf. carta do cônego Chiuso a Dom Bosco, 29 de julho de 1875, *Documenti* XV 209; FdB 1030 B4.

⁴³ Cf. carta de 25 de julho de 1875, *Documenti* XV 207-209, FdB 1030 B 2-4; MB XI 40-42.

⁴⁴ Cf. carta de 7 de agosto de 1875, *Documenti* XV 221-224, FdB 1030 C4-7; MB XI 42.

⁴⁵ Ao teólogo T. Chiuso, 29 de julho de 1875; E II 490-491.

⁴⁶ Ao teólogo T. Chiuso, 8 de agosto de 1875; E II 492.

⁴⁷ E II 494.

⁴⁸ Carta de 10 de agosto de 1875; E II 495.

⁴⁹ Carta de 14 de agosto de 1875; E II 499-500.

mava das cartas do arcebispo e de dom Moreno, aos quais a Congregação dos Bispos e Regulares teria devido dar resposta, em 24 de agosto Dom Bosco enviava um memorial, no qual reassumia a gênese e os sucessivos desenvolvimentos da Obra, reevocando as dificuldades postas pelo arcebispo e manifestando o propósito – “agora tomei a deliberação” – de iniciá-la em Gênova.⁵⁰ Em 29 de setembro informava o arcebispo Gastaldi da decisão já em andamento: “A fim de não ocasionar desprazeres ou distúrbios a V. Ex.cia Rev.ma, comecei a Obra de Maria Auxiliadora em outra diocese. Agora desejaria difundir alguns prospectos também na Arquidiocese de Turim, mas não farei tal publicidade enquanto não obtiver a permissão”.⁵¹

Em setembro de 1875 a Obra decolava felizmente, quer em Sampierdarena quer no Oratório de Valdocco. Padre Guanella, tendo chegado no final de janeiro em Turim, foi nomeado responsável em Valdocco. Dele há uma esplêndida carta de abril de 1876, escrita em nome de todos, entregue pessoalmente por Dom Bosco a Pio IX, que assinou, precedendo a assinatura com a data (*die 16 aprilis 1876*) e com as seguintes palavras de bênção: *Benedicat vos Deus et dirigat vos in viis suis*.⁵² Ao mesmo tempo, Dom Bosco pediu ao papa indulgências especiais para a Obra. Elas foram concedidas com um generoso breve.⁵³

A questão estava resolvida de fato e de direito. Dom Bosco mesmo provocou um pequeno incidente, um ano depois, enviando um artigo sobre a Obra ao *L'unità cattolica* sobre seu objetivo e a experiência do primeiro ano felizmente alcançada em Sampierdarena. O jornal o publicava em 17 de setembro de 1876.⁵⁴ Dom Bosco enviava um segundo artigo em 19 de setembro, mas o diretor, teólogo Margotti, respondia enviando-lhe a “paternal” que o arcebispo tinha feito chegar às mãos mediante o secretário, teólogo Chiuso, com precisões de fato e de direito, no conjunto correspondente à verdade. “Nesse artigo – estava escrito – publica-se um breve pontifício do qual não se comunicou nada ainda ao arcebispo de Turim, como era de obrigação, junto com uma cópia autenticada. Fala-se de uma associação de fiéis *canonicamente instituída* sobre a qual o arcebispo de Turim não conhece de forma nenhuma *a instituição canônica*. Publicam-se indulgências ignoradas pelo mesmo arcebispo, e isso contra o preceito do Concílio de Trento. Em suma desconhece-se a ordem hierárquica da Igreja, lesam-se as prerrogativas e as incumbências que a autoridade arquiépiscopal tem por direito divino e eclesiástico”. Retornava o princípio já conhecido, não se sabe se dirigido ao diretor do jornal ou a Dom Bosco ou a ambos: “Não basta – retrucava – *fazer o bem: este*

⁵⁰ E II 502-504.

⁵¹ E II 511.

⁵² A carta de Guanella é de 1º de abril de 1876; MB XI 60-61. Dom Bosco responde de Roma, na Páscoa de 1876.

⁵³ Súplica em data 4 de março de 1876, o Breve é de 9 de maio de 1876, MB X 533-535.

⁵⁴ Análogo artigo fora enviado a *Il Cittadino* de Gênova e talvez a outros jornais católicos (cfr. MB XI 62-63).

deve ser feito bem. Bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu".⁵⁵ Em 5 de outubro Dom Bosco enviava ao arcebispo uma carta de explicações, que dificilmente poderiam ser persuasivas, sobretudo quando se queria fazer passar por instituição canônica formal da Obra a simples concessão de indulgências.⁵⁶ O breve papal, de 9 de maio de 1876, supunha a instituição, não a criava: "Sendo canonicamente instituída, como nos foi exposto, uma associação de fiéis, ou seja, como dizem, Pia Obra, sob o título da Beata Virgem Maria Auxiliadora, (...) para que tal sociedade receba todo dia maior incremento (...) concedemos indulgência plenária (...)".⁵⁷

Não era o tempo mais propício para a obtenção dos privilégios e da faculdade das dimissórias, sobre as quais devia exprimir-se contemporaneamente a Congregação dos Bispos e Regulares. Podia-se privilegiar Dom Bosco em face do arcebispo, claramente contrário a essas e a outras concessões?

3. A não obtenção dos privilégios e da faculdade das dimissórias

Mas Dom Bosco pedia as faculdades especiais, precisamente, para superar tantas dificuldades e "escolhos" à sua ação sempre mais veemente. A Congregação crescia numérica e operativamente. Em 1875 superava os confins com a França e sediava-se em Nice. Poucas semanas depois chegava além do Atlântico, criando uma cabeceira de ponte na Argentina.⁵⁸ Os salesianos, segundo Dom Bosco, tinham necessidade de maior liberdade e elasticidade de ação. Jogar as cartas dos privilégios parecia-lhe urgente. O êxito seria, em uma primeira fase, totalmente negativo, mas restaria algum ganho em 1876.⁵⁹

O estado de ânimo dos dirigentes da Sociedade Salesiana sobre a oportunidade de obter os privilégios mais importantes que conduzissem a uma mais direta dependência do papa parecia evidente nas conferências de São Francisco de Sales, de janeiro de 1875. Já emergia das discussões sobre dois decretos pontifícios de 25 de janeiro de 1848, *Romani Pontifices* e *Regurali disciplinae*, sobre as testemunhas exigidas para a admissão ao noviciado, à vestição e à profissão religiosa. Entre os participantes prevalecia a opinião de que não se tinha levado em consideração a observância das testemunhas, seja pela posição particular dos jovens postulantes que moravam há anos em institutos salesianos, seja por aquilo que Dom Bosco tinha obtido do papa *vivae vocis oraculo*.⁶⁰ A posição era confirmada na reunião de 27 de janeiro, presidida por Dom

⁵⁵ Carta de 17 de setembro de 1876, in MB XI 65.

⁵⁶ Carta de 5 de outubro de 1876; E III 100-101.

⁵⁷ [G. Bosco], *Opera di Maria Ausiliatrice*, p. 11-12.

⁵⁸ Cf. cap. 21.

⁵⁹ Cf. MB XI 174-200 (capítulo IX: Privilégios e dimissórias) e 466-477 (capítulo XXI: Novo passo para os privilégios).

⁶⁰ Reunião dos diretores de 26 de janeiro, pela manhã, presidida pelo padre Rua; G. Barberis, Cronaca, quad. 18, p. 2-5.

Bosco.⁶¹ Ele falava da comunicação dos privilégios na reunião antes do meio-dia do dia seguinte. Sublinhava as dificuldades de obtê-los por comunicação dos privilégios já favorecidos por outra ordem ou congregação; “todavia haveria de estudar muito esse ponto e esperar poder sair-se bem”.⁶²

O espírito que o animara, três semanas depois, a estar em Roma, pode-se colhê-lo da conferência feita aos diretores, em 14 de abril, sobre a finalidade principal da viagem romana, da qual tinha retornado: “obter a comunicação dos privilégios para a Congregação, a faculdade de poder dar as dimissórias *ad quemcumque episcopum*”.⁶³ Após breve história dos privilégios em favor das ordens religiosas e de sua extensão às congregações modernas, considerava o caso salesiano: “o principal objetivo de minha viagem a Roma – repetia – foi justamente para ver como proceder a respeito desses privilégios, dos quais já vos falei outras vezes”; os privilégios em geral, e “especialmente os que dizem respeito ao poder de dar as dimissórias *ad quemcumque episcopum*”, precisava. À pergunta de dom Vitelleschi, de quais privilégios tivesse necessidade, tinha respondido: “de muitos, seja para o bom andamento interno, seja para as relações que se devem ter com as autoridades eclesiásticas e com os fiéis”. Tinha preparado cerca de oitenta deles.⁶⁴

De fato, Dom Bosco tinha dedicado boa parte da intensa permanência na capital ao encaminhamento oficial da negociação, onde estava de 18 de fevereiro a 16 de março de 1875 com o fiel secretário, padre Gioachino Berto, como sempre lacônico ao extremo em suas crônicas. Na agenda apareciam muitas questões: os privilégios, a Obra de Maria Auxiliadora, a Associação dos Cooperadores, a extensão americana da ação salesiana. Para isso tudo eram dedicados os encontros com os amigos cardeal Berardi e dom Fratejacci, mas sobretudo, em nível oficial, com o secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, dom Salvatore Nobili Vitelleschi, além de duas importantes audiências pontifícias, em 12 de fevereiro e 12 de março.

O papa fazia entender a Dom Bosco como a praxe da concessão de privilégios tivesse ficado mais difícil havia alguns anos. De qualquer forma, após febris pesquisas, foram dedigidas duas súplicas que diziam respeito à faculdade de dar as cartas dimissórias *ad quemcumque episcopum* e à comunicação dos privilégios já concedidos a outros institutos religiosos. À primeira petição estava unida uma instância de dom Vitelleschi. Este teria perorado a causa na pessoa de Dom Bosco, levando para as dimissórias as duas motivações recorrentes: a Sociedade Salesiana estava estendida em várias dioceses e os sócios podiam ser transferidos de uma a outra, criando obstáculos objetivos a que os respectivos ordinários pudessem ter adequado conhecimento ou não de sua idoneidade para as ordens sagradas; além disso, a concessão favoreceria

⁶¹ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 11-12.

⁶² G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 7-8.

⁶³ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 33.

⁶⁴ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 38-42.

principalmente a unidade de governo, elemento indispensável para a conservação da finalidade e do espírito do Instituto. As duas súplicas ao papa tiveram como efeito imediato a nomeação da Congregação Particular encarregada de formular o próprio voto. A composição tornou-se idêntica à da Congregação formada para a aprovação das Constituições. Preparou-se a respectiva *Consulta* com um *Sumário* de cinco documentos. Nela se elencavam as dificuldades surgidas com o ordinário de Turim desde quando, em março de 1874, Dom Bosco tinha obtido o rescrito sobre dimissórias *ad decennium*. “Em vista de tais colisões – era a motivação –, como também porque seu Instituto gozasse dos privilégios que já foram concedidos a muitas congregações, das quais não é inferior por prodigiosos feitos operados em vantagem da religião e da sociedade civil”, o fundador tinha apresentado as duas petições: com uma pedia a faculdade das dimissões *ad quemcumque episcopum* e o *extra tempus*; com a outra, a comunicação dos privilégios de congregações semelhantes à sua. No *Sumário* Dom Bosco tinha inserido dois *Esclarecimentos*. No primeiro colocava em evidência os progressos feitos pela Sociedade após a definitiva aprovação das Constituições. No segundo sublinhava a dificuldade de obter tempestivamente as graças e os privilégios, quando eram pedidos caso por caso, segundo as ocorrências. Enfim, na *Súplica pela comunicação das graças espirituais em favor da Congregação Salesiana* esclarecia de qual, entre as várias congregações, preferia a comunicação: “pede-se que se escolha preferentemente entre a dos redentoristas, ou a dos padres da missão, cujas constituições e finalidade podem dizer-se idênticas a dos salesianos”.⁶⁵

Na realidade não era fácil obter o parecer favorável, e Dom Bosco era capaz de ver o claro-escuro da cena. Antes de retornar a Turim, na espera do veredito – dizia aos diretores em 14 de abril – “fui encontrar o cardeal Berardi, o qual, junto com dom Fratejacci, benignamente se encarregou do caso. Eu lhes assegurei que estaria sempre pronto, bastando apenas chamar, a vir a Roma para oportunos esclarecimentos ou para a conclusão destes afazeres. Antes de voltar de Roma, fui visitar os cardeais encarregados para decidir a questão. Eles todos nos querem bem, vêm com bons olhos a Congregação, e todos disseram que, como o santo padre o desejava, não encontrariam graves dificuldades”.⁶⁶ Essa era “a parte clara do quadro”. Mas não escondia aos seus ouvintes “também a parte obscura”. Para precisá-la convidava o secretário e arquivista, padre Berto, a retirar do arquivo duas cartas do arcebispo Gastaldi ao cardeal Bizzarri

⁶⁵ Mês de agosto do ano de 1875, *Sacra Congregazione dei Vescovi e Regolari. Consultazione per la Congregazione speciale composta degli Eminentissimi e Reverendissimi cardinali Patrizi, De Luca, Bizzari, Martinelli. Relatore Illustrissimo e Reverendissimo Monsignore Vitelleschi arciv. di Seleucia Segretario. Taurinen., seu Societatis S. Francisci Salesii super literis dimissorialibus, et communicatione privilegiorum*, 25 + XVII p.; OE XXVII 101-143. O fascículo trazia no *Sumário* unicamente a carta de recomendação de dom Pietro De Gaudenzi, bispo de Vigevano.

⁶⁶ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 46-47.

e a Pio IX. “A leitura de ambas as cartas – continua o cronista – foi interrompida várias vezes para fazer observações análogas. Via-se justamente naquele escrito o ânimo agitado de quem escrevia, e o que mais entristece é que se elencavam justamente falsidades a nosso respeito”.⁶⁷

Para tornar ainda mais frágil a posição de Dom Bosco em face dos cardeais da Comissão Particular, chegava ao cardeal Bizzarri outra carta do arcebispo, de 24 de maio de 1875. Nela se denunciavam mais coisas desfavoráveis ao fundador da Sociedade Salesiana: o arcebispo jamais tinha recebido “comunicação alguma dos decretos pontifícios com os quais – declarava – tinha sido aprovada a dita Congregação, ou seja, aprovadas suas Constituições”; recebera somente cópia do rescrito sobre as dimissórias *ad decennium*; para saber em que coisa o Instituto estava sujeito às Constituições e em que coisas ao ordinário, este tinha necessidade de ter a cópia autêntica, e não simplesmente a impressa que tinha recebido, “e ainda mais – insinuava não sem fundamento – pelo fato de que há quem suponha que o que *está impresso não esteja plenamente de acordo com o original*”; nas casas da Congregação trabalhavam também eclesiásticos e leigos que não tinham nenhuma intenção de emitir votos perpétuos e foram acolhidos sem seu consentimento e até com desprezo de sua autoridade; além disso, outros que foram expulsos do seminário viviam em alguma casa da Congregação sem depor o hábito clerical, apoiados em sua desobediência a seu bispo.⁶⁸

Na iminência da Congregação Cardinalícia, Dom Bosco dirigia de Turim um apelo a cada um dos membros, “padre benévolo e insigne benfeitor na época da aprovação”, afirmando de novo as duas “grandes vantagens” que derivariam “dessa concessão: 1) a Congregação Salesiana seria colocada a nível das outras em face das autoridades eclesiásticas”; 2) com a ida dos salesianos para a Argentina, “seria de grande utilidade que também nossos religiosos gozassem dos privilégios e das graças espirituais das ordens religiosas e das congregações eclesiásticas existentes naquele vastíssimo Estado”. O acréscimo de uma terceira vantagem era provavelmente contraproducente: “dessa forma seria igualmente retirada a oposição que faz o ordinário da Arquidiocese de Turim, o qual não se persuade de que a Sociedade Salesiana seja definitivamente aprovada visto que *não lhe consta que ela goze dos privilégios das outras congregações*”.⁶⁹

A resposta da Congregação ocorrida em 16 de setembro foi negativa. Quanto à concessão da faculdade de conceder as dimissórias a resposta foi: *Negative et ad mentem*. E a *mens* era que se comunicasse ao arcebispo de Turim a dupla exigência feita por Dom Bosco e a negativa da Congregação, motivada também pelo fato de que o fundador em tal matéria gozava do indulto decenal desde abril de 1874. Acerca dos privilégios a resposta soava: *Communicationem, prout petitur, non expedire*. Na mesma tarde o secretário dom Vitelleschi levava a relação ao papa, que sancionava o parecer da

⁶⁷ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 47-48.

⁶⁸ *Documenti* XV 155-157, FdB 1029 B10-12; MB XI 550-552.

⁶⁹ Carta de 11 de setembro de 1875; E II 508-509.

Congregação dos Cardeais. Em 22 de setembro a Congregação dos Bispos e Regulares comunicava oficialmente o resultado ao arcebispo de Turim, pedindo-lhe também que se ativesse ao indulto papal sobre as dimissórias obtido por Dom Bosco em 3 de abril de 1874.⁷⁰

4. Recuperação parcial, entre novas e ainda mais graves dissensões (1875-1876)

Dom Bosco não se entregava. Aproveitando da nova situação criada pela partida dos primeiros missionários para a Argentina, em 5 de dezembro de 1875, voltava à carga, limitando-se a pedir treze dos privilégios, entre os quais o *extra campus* e a faculdade das dimissórias a qualquer bispo, graças espirituais e indulgências em favor, sobretudo mas não somente, dos missionários.⁷¹ No entanto foi mudado o secretário da Congregação dos Bispos e Regulares. A dom Vitelleschi, feito cardeal,⁷² sucedera, em 2 de outubro de 1875, dom Enea Sbarretti (1808-1884), feito cardeal em 1877. Por uma série de circunstâncias desfavoráveis, mas sobretudo pelas permanentes razões do *negative* de setembro, as faculdades especiais foram recusadas, também porque para as dimissórias estava em vigor o indulto de 3 de abril de 1874.⁷³

Nessa época não faltaram motivadas interferências por parte do arcebispo. Em 27 de outubro Dom Bosco tinha visitado o arcebispo para informá-lo da próxima partida dos seus para a Argentina. Outros problemas surgiram e audiência fez-se borrascosa, uma vez que, em carta ao arcebispo no dia seguinte, Dom Bosco começava: “V.E. Rev. ma, no dia de ontem, julgou dizer-me tudo o que lhe pareceu oportuno sem sequer deixar-me proferir uma palavra de desculpa ou de retificação de quanto me imputava. Fico triste mais por V.E. que por mim”. A breve missiva tornava-se assim sofrida e firme mensagem, com a sensação de que a antiga amizade se quebrasse irremediavelmente. “Tinha em mente – continuava – notificar a V.E. coisas que teriam ajudado a diminuir-lhe, talvez a liberar V.E. de sérios desgostos”. A seguir, “com todo o respeito devido à dignidade arquiépiscopal”, da qual a “Excelência” estava revestido, reabria a antiga ferida: “Creio poder-lhe dizer que, se foi feito bispo de Saluzzo e depois arcebispo de Turim, se foram aplainadas as graves dificuldades que se opunham a isso, e V.Ex. sabe, é por causa das propostas e solitudes do pobre Dom Bosco, a quem não é permitido nem mesmo que fale, e se manda embora, como V.E. sabe”. Era o início de

⁷⁰ *Documenti* XV 266, FdB 1031 B1.

⁷¹ Cf. texto da carta ao papa em MB XI 468-469.

⁷² Reservado em 15 de março, declarado em 15 de setembro, morria repentinamente em 15 de outubro de 1875.

⁷³ Carta do cardeal Berardi a Dom Bosco, 28 de dezembro de 1875; *Documenti* XV 384, FdB 1033 A10, MB XI 472.

outro nível de relações: “eu acreditava que podia, antes, que devia falar; agora, creio estar inteiramente exonerado”.⁷⁴

A esperança de amigável colaboração parecia extinta. O arcebispo, provavelmente, é levado a pensar que Dom Bosco tivesse escolhido percorrer o próprio caminho, preferindo o desencontro ao confronto. Dom Bosco, por sua vez, concluía que não sabia ou não podia fazer mais nada para aplainá-la, talvez, também temendo de ser fagocitado como fundador e superior religioso. Aprofundava-se a necessidade de liberdade para ir adiante, desenvolver, expandir as obras, para além de Turim, do Piemonte e, em perspectiva, da Itália: daí, novamente, a percepção da urgência dos instrumentos jurídicos adequados.

Pelo final de 1875 vinha à luz um incidente de significado ambíguo, rubricado por Eugenio Ceria sob o título: *Dom Bosco suspenso da confissão*.⁷⁵ A licença de confissão de Dom Bosco terminara em setembro sem que alguém cuidasse de pedir a renovação e ou de declará-la renovada sem pedido formal. Dom Bosco foi informado pelo padre Rua somente na véspera do Natal. O caso reentrava em poucas horas, com o esclarecimento por parte do secretário do arcebispo, teólogo Tommaso Chiuso, de que as faculdades “não teriam nunca sido interrompidas se se fizesse, no tempo devido, o que é costume fazer em casos semelhantes”.⁷⁶ Foi gesto ilustrativo ou puro fiscalismo curial? O arcebispo não ignorava o caso, e a desenvolva carta do teólogo Chiuso era a resposta a que fora endereçada a dom Gastaldi por Dom Bosco no dia precedente, com “o humilde pedido de querer renovar tal faculdade para evitar fofocas e escândalos”.⁷⁷ Não se tratava de uma suspensão, e a permissão era atualizada no giro de dois dias.⁷⁸ “O significado do gesto do arcebispo (ou de algum potente curialista) – conclui o histórico de Gastaldi – era claro: fazer entender ao ‘recalcitrante’ fundador de que parte estava a autoridade em matéria de disciplina eclesiástica. Humilhante para Dom Bosco, pouco dignitoso por parte da Cúria e, definitivamente, para o próprio arcebispo”.⁷⁹

O episódio não ocultava os crônicos dissídios devidos a diferentes interpretações de vários casos de disciplina eclesiástica. Desse tipo eram as observações contidas em uma carta do arcebispo de 31 de dezembro de 1875. Dom Gastaldi movia à Sociedade Salesiana cinco acusações: esta não podia receber postulantes que não tivessem “apresentado as cartas dimissórias de seu ordinário”; não tinha “direito de ter um colégio de jovens com veste clerical sem a permissão do bispo”; nem tinha “direito de impor o hábito clerical” a qualquer jovem, de tal forma que este pudesse “usá-lo fora do

⁷⁴ Carta de 28 de outubro de 1875; E II 514.

⁷⁵ MB XI 478-490.

⁷⁶ Carta de 27 de dezembro de 1875, MB XI 485.

⁷⁷ A dom Gastaldi, 26 de dezembro de 1875; E II 536-537.

⁷⁸ *Documenti XV* 383-384, FdB 1033 A9-10; MB XI 485.

⁷⁹ G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, vol. II, p. 271 e 276, n. 9. Cf. G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 4, p. 33-35 (com a data de 31 de janeiro de 1876).

colégio sem a permissão do bispo” da diocese de pertença, como tinha, ao invés, acontecido com um jovem da paróquia di Vinovo; a Sociedade Salesiana tinha aberto e mantinha “a rachadura” com a autoridade de Turim, tendo começado e “persistido a receber em suas casas, vestidos com veste clerical, indivíduos excluídos do Seminário Metropolitano, não somente sem alguma permissão, mas contra o explícito dissenso da autoridade Eclesiástica”, “o que – notava em seguida – foi uma subversão da ordem hierárquica e da boa disciplina do Seminário e, como consequência necessária, tinha aberto uma ferida no coração do arcebispo em uma das partes mais sensíveis”; “tal ruptura” se mantinha, “ainda faltando, quer por escrito, quer nos diálogos, a devida reverência ao caráter e à autoridade arquiépiscopal”, “e depois contentando-se em reparar” “começando com um *duvidoso e condicional se*”. Referia-se a uma dada, na tarde de 29 de dezembro, ao padre Rua, o qual tinha defendido com grande convicção seu superior e, no dia sucessivo, com uma carta ao arcebispo, tinha se excusado de um eventual levantamento de tom.⁸⁰ O arcebispo concluía com um chamado explícito: “A Congregação atenha-se aos extremos limites das leis canônicas, observe pontualmente suas Constituições, não se esqueça da reverência que deve ao arcebispo nem faça, nem procure fazer nada contra sua jurisdição”; não falte para com ele e para com a diocese a seus deveres de justiça”; “dê exemplo de humildade, que forma a primeira virtude das congregações religiosas”.⁸¹

Na resposta, redigida por Dom Bosco, mas assinada pelo padre Rua, as observações eram muito esquematizadas. Estava-se de acordo quer *de jure* quer *de facto* sobre as primeiras três observações: o caso de Vinovo devia-se à “pura inadvertência” do esquirente. Quanto aos jovens vestidos de clérigo, que desejavam inscrever-se na Sociedade Salesiana, esta se valia das faculdades obtidas com o decreto anexo à aprovação canônica de 1869. Eram feitas reservas sobre o poder de interdição do bispo quanto à aceitação de padre ou clérigos da diocese que pediam para inscrever-se na Congregação. Quanto às cartas e aos colóquios irreverentes, desejava-se conhecê-los “para detestá-los, fazer deles correção e reparação no modo mais formal”. Sobre a observação das leis canônicas pedia-se que se consentisse na invocação de compreensão para uma Congregação que – dizia-se – “é nascente e surge em tempos procelosos, portanto tem necessidade de tudo e de todos com a máxima indulgência que é compatível com a autoridade dos ordinários; por isso não se pedia “o rigor das leis canônicas, mas suma caridade e clemência na aplicação das mesmas”. Resultavam particularmente desagradáveis ao destinatário as coisas anotadas na última parte do documento, que tinham “consternado grandemente os pobres salesianos”: o decreto de 17 de novembro de 1874 com o qual o arcebispo tinha retirado os privilégios e favores concedidos pelos antecessores; a resposta negativa ao convite de ir “honrar com alguma função o setenário da festa da consagração da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora” e de administrar a crisma

⁸⁰ Cf. MB XI 485 e 487 e a carta do padre Rua em 30 de dezembro.

⁸¹ *Documenti* XV 389, FdB 1033 B3.

em Valdocco aos jovens do Oratório ou permitir que se convidasse outro bispo; a recusa da faculdade de pregar a dois sacerdotes salesianos. Isso, não obstante o fato de o superior não ter jamais falado, escrito ou, de alguma outra forma, ter promovido coisa não decorosa contra seu superior eclesiástico”; antes, ele não subscreveu coisas contra o arcebispo enviadas a Roma, dissuadiu “o colaborador de um péssimo jornal” de fazer publicar “uma série de artigos preparados e indiscretos” contra ele, em outubro passado tinha destruído com grave dano financeiro de sua parte o manuscrito de “uma infame biografia” do arcebispo, a fim de que não conseguisse ser impresso. Ele estava “sempre contente quando, com os sacrifícios de qualquer gênero,” podia chegar a coisas que pudessem tutelar “a honra do seu arcebispo, que sempre amou e respeitou”.⁸²

Não obstante a atmosfera pouco favorável, Dom Bosco, fazendo-se forte pela partida dos salesianos para a América, já acontecida, renovava o pedido para os eclesiásticos salesianos, principalmente os destinados às missões, de algumas faculdades que correspondiam, em parte, às contidas no pedido precedente. Não encontrou o arcebispo favorável a concedê-las, pois este não tinha motivos para mudar as enraizadas convicções de princípio nem os próprios convencimentos sobre o ambíguo estado jurídico da Sociedade Salesiana e o não convincente comportamento do fundador. Nos dias seguintes acontecia uma martelante série de intervenções.

Uma primeira série era dada por um *Postulatum*, que o arcebispo tinha inserido na *Relatio ad limina* de 21 de março de 1876, e que, em 11 de abril, o secretário da Congregação dos Bispos e Religiosos ordenava fosse transmitido ao advogado relator da mesma Congregação, para ter em síntese o conteúdo para a próxima audiência pontifícia. O documento tocava os temas do estado jurídico da Sociedade Salesiana e de suas interferência na vida diocesana. Colocando como premissa que a Sociedade “já tinha feito muitíssimo bem e muito deveria fazer no futuro”, o arcebispo lamentava que tivesse “a tendência de intrometer-se na disciplina do clero diocesano”; recebia clérigos demitidos do Seminário por que “considerados não hábeis para os sagrados ministérios, enviava-os em colégios de outras dioceses e os promovia às ordens sagradas”, com grave desdouro do arcebispo: com efeito, alunos do Seminário, ameaçados de demissão, *riam* da ameaça, respondendo que, no caso de demissão, *já sabiam* onde ir com segurança”. “Por isso – concluía – suplico à Sagrada Congregação que finalmente dê um remédio eficaz a este grave modo de agir”.⁸³

Em 24 de março de 1876, em uma carta ao cardeal Bizzarri intervinha com uma argumentação mais elaborada contra a concessão dos privilégios. Aduzia razões de princípio e de fato. O arcebispo declarava-se, desde o princípio, defensor das ordens religiosas” e reconhecia para eles a necessidade “de algum privilégio e isenção” para o governo interno, por exemplo, “a dependência, o traslado e a destinação de seus

⁸² E III 1-4.

⁸³ Cf. Carta e *Postulatum* in *Documenti XVI* 186-187, 188, FdB 1037 B1-3; MB XI 475, 599-600.

sujeitos”, e nas missões estrangeiras. Mas os “longos estudos” e as “repetidas observações práticas” tinham “corroborado” nele a opinião de que os privilégios concedidos aos institutos religiosos “em derrogação da autoridade dos bispos” serviam “somente para minar esta autoridade, a qual de outra forma – insistia – tem agora mais necessidade de ser sustentada e circundada de esplendor e força pela Santa Sé Apostólica, uma vez que a ela [a autoridade episcopal] falta a autoridade civil”. Quanto à concessão dos privilégios a Dom Bosco opunha-se também por uma situação particular: seu “espírito de *independência* e de *superioridade*”, que, além do mais, ele estava “infundindo em seus discípulos”. O arcebispo tirava daí uma espécie de *aut aut*, que não deixava, além disso, de criar embaraço nos cardeais da Sagrada Congregação Particular: “Se o senhor Dom Bosco mereceu e merece da Igreja, eu penso de não ter desmerecido ou desmerecer, e portanto não vejo o porquê se devam conferir privilégios a ele, pois estes tornam-se punição para mim”. A confissão, que concluía a carta, não era *pathos* retórico, mas tocante mensagem de íntimo sofrimento: “A autoridade arquiépiscopal em Turim, destituída com efeito de qualquer lustro civil, privada dos quatro quintos de suas rendas, destituída, chacoteada, insultada todo dia em quase todos os jornais de Turim, e isso porque o arcebispo, mantendo-se firmemente afeiçoado à Santa Sé e na exigência da observação da Lei de Deus e da Igreja, não deve receber diminuições por parte de Dom Bosco. Com efeito, Dom Bosco com suas cartas, suas palavras e seus fatos mostrou-se oposto de tal modo que o pior jornal de Turim mostrou satisfação, uma vez que considerava Dom Bosco *o único sacerdote de Turim capaz de resistir* ao arcebispo. Se se quer dar mais privilégio à Congregação Salesiana em Turim, com dano de minha jurisdição, que se espere minha morte, a qual não deve estar longe, senão de poucos anos; ou então, que eu tenha tempo de retirar-me deste posto, no qual, pelo acúmulo de novas dificuldades, não poderei permanecer por muito tempo”.⁸⁴ O secretário da Congregação ordenava que também dessa carta fizesse comunicação ao advogado que preparava a relação.

Em tom mais polêmico, dom Gastaldi fazia um último apelo para que Dom Bosco não fosse premiado com privilégios, na carta de dimissão enviada ao papa em 3 de abril de 1876. “Tenho a meu lado um eclesiástico – escrevia – o qual, se fez e faz grande bem à minha diocese, em nenhum modo trouxe ou traz à minha administração um grade mal falando mal de mim dentro desta diocese e aos bispos vizinhos. Devendo este adquirir novos privilégios, eu não quero ter com ele mais nenhum conflito”.⁸⁵ Era a voz do personagem de um verdadeiro drama, no qual era igualmente envolvido o antagonista. Dois crentes, consagrados ao bem, não somente não se compreendiam, mas se prejudicavam mutuamente por causa do bem. Podem existir incompreensões também entre os santos. Pode existir incapacidade de entender e de entender-se também entre os que acreditam no mesmo Deus que é Amor, antes que nele certamente se amam com sincera caridade, aquela que deseja o bem de Deus e do próximo.

⁸⁴ *Documenti* XVI 186-187, FdB 1037 B1-2; MB XI 472-474.

⁸⁵ Texto transcrito em MB XII 642.

As faculdades pedidas eram limitadas e faltavam as que Gastaldi temia. Pedida à Congregação do Índice a faculdade de ler e conservar livros proibidos, foram concedidas as outras, entre as quais: aos sacerdotes de confessar em qualquer diocese e em viagem, de erigir oratórios ou capelas, de exercitar o ministério pastoral em todas as igrejas da Congregação e o *extra tempus* para as ordenações.⁸⁶ Ao padre Cagliero, chefe da expedição argentina, Dom Bosco anunciava satisfeito: O santo padre concedeu “muitos privilégios e favores espirituais, entre os quais os direitos paroquiais a todas as nossas casas; os confessores aprovados em uma diocese podem confessar em qualquer uma de nossas casas também nas viagens. Concedido o *extra tempus*. Você vai receber um elenco de tudo”.⁸⁷

Chegava tarde a seu advogado curial Carlo Menghini, a carta, com a qual o arcebispo declarava não ter “nenhuma dificuldade a opôr aos privilégios que Dom Bosco” tivesse podido pedir à Santa Sé”, “uma vez que – dizia – não se prejudique a jurisdição episcopal”. Por isso ele contestava uma que soava: “Em todas as igrejas da Congregação possam celebrar a santa missa, administrar a sagrada eucaristia, expô-la à veneração dos fiéis, dar catecismo às crianças, e expor a Palavra de Deus”. Observava: “Essa jurisdição seria *gravemente* perturbada, quando se *subtraísse* do bispo uma parte da sua grei, para dá-la a Dom Bosco, e submetê-la a ele, tornando-a, sob certos aspectos, *independente* do bispo”; e argumentava: “Uma tal faculdade deve estar nas mãos do bispo, e concedida com os devidos limites mais ou menos amplos ou restritos segundo a sua prudência e as circunstâncias locais”. Ele, contudo, assegurava que a faculdade fora sempre dada por seus predecessores; e por ele próprio, com o decreto de 17 de novembro de 1874; porém, tinha devido restringir – declarava – “quando um pároco de Turim me viesse assegurar que, não obstante a pequenez da sua paróquia, ele pode tomar cuidado e o faz de fato, *de todos os seus paroquianos, as crianças e jovens adultos*; mas seus cuidados seriam *ineficazes*, quando se deixasse a estes seus paroquianos a liberdade acima mencionada”.⁸⁸ Nas audiências de 3 de maio e de 10 de novembro de 1876, Dom Bosco obtinha de Pio IX *vivae vocis oraculo* também a dispensa das testemunhais,⁸⁹ as quais, porém, teria dado conhecimento à Congregação dos Bispos e Regulares somente em 16 de dezembro, respondendo a uma severa carta de 28 de novembro do cardeal prefeito Innocenzo Ferrieri.⁹⁰

O que Dom Bosco tinha obtido era certamente útil, mas bem longe do que fora pedido na origem. Mas, objetivamente, o estado das relações no triângulo Roma Turim Dom Bosco não permitia a ruptura de um precário equilíbrio, confiado à sabedoria dos mais altos protagonistas romanos.

⁸⁶ Rescrito de 21 de abril de 1876, MB XII 646-647.

⁸⁷ Carta de 27 de abril de 1876; E III 51-53.

⁸⁸ Carta de 5 de maio de 1876; MB XI 600-601.

⁸⁹ Texto em MB XII 646.

⁹⁰ Cf. cap. 25, § 5.

Sucendiam ainda incidentes banais, que não contribuía para serenar o clima. Uma chamada disciplinar deu-se por ocasião da festa de Nossa Senhora Auxiliadora, quando o secretário do bispo de Casale celebrou a missa solene “*com distintivos prelatícios*” sem a autorização do arcebispo. Embora tal defesa da dignidade episcopal, na linha do direito, parecia antes de tudo fiscal.⁹¹ Desse tempo são duas cartas de Dom Bosco, diferentemente interessantes. Na primeira, de 12 de agosto, convidava o arcebispo ao Oratório para administrar a crisma aos jovens.⁹² Dom Gastaldi preferia que os jovens se dirigissem a recebê-la na igreja do arquiépiscopado. A outra era ao amigo bispo de Vigevano, Pietro Giuseppe De Gaudenzi. Comunicava-lhe que o professor de filosofia dos clérigos do Oratório, padre Giuseppe Bertello, tinha substituído o texto de endereço rominiano de Pier Antonio Corte, preferido por Gastaldi e usado no Seminário de Turim, por outro texto neo-escolástico. Fazia, ainda, reparos críticos sobre o término do ensino moral no Convitto Eclesiástico, do qual, em setembro, fora retirado Bertagna. Concluía com uma obscura predição: “É certo, contudo, que Deus ajustará as coisas, e talvez em breve tempo”.⁹³

Nessas semanas o arcebispo recebia uma séria afronta com a ordenação sacerdotal, em Roma, em 22 de outubro, do beato Francesco Faà di Bruno, com o aval direto de Pio IX, do Vicariado, e o sustento de Dom Bosco e de dom Moreno, graças às dimissórias do bispo de Alessandria, diocese de Faà di Bruno. No caso, o arcebispo tinha agido com muita retidão, procurando não criar disparidade de tratamento com relação a casos análogos existentes na diocese. Tinha pedido simplesmente preparação mais tranqüila com a dilação de poucos meses;⁹⁴ saía, por fim, com muita dignidade, terminando por fim com a incardinação do novo sacerdote na diocese de Turim em 1º de dezembro.⁹⁵

5. Constituições aperfeiçoadas e aprovação diocesana do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1874-1877)

A migração das primeiras irmãs de Mornese a Borgo San Martino abria estrada para a primeira rápida expansão de obras que caracterizaria o quinquênio sucessivo,

⁹¹ Cf. MB XII 236-237; e carta de justificação do cônego Santo Giuseppe Masnini, 8 de junho de 1876, p. 649-651.

⁹² E III 86.

⁹³ Carta de outono de 1876; E III 99.

⁹⁴ Cf. carta ao Faà de 26 de agosto de 1876. transcrita por M. CECCHETTO, *Vocazione ed ordinazione sacerdotale di Francesco Faà di Bruno*, in *Francesco Faà di Bruno (1825-1888). Miscellanea*, p. 148-149.

⁹⁵ Cf. G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, vol. II, p. 251-254; M. CECCHETTO, *Vocazione ed ordinazione sacerdotale di Francesco Faà di Bruno*, in *Francesco Faà di Bruno (1825-1888). Miscellanea*, p. 106-183; P. PALAZZINI, *Francesco Faà di Bruno scienziato e prete*, vol. II. Roma, Città Nuova, 1980, p. 74-185; G. MARTINA, *Pio IX (1867-1878)*, p. 149.

como resultaria do texto da *Exposição à Santa Sé do estado moral e material da Pia Sociedade de São Francisco de Sales em março de 1879*. Do aceno à casa-mãe de Mornese no Catálogo da Sociedade Salesiana de 1873 passava-se na *Exposição* ao elenco de 21 obras, das quais já 3 entre Uruguai e Argentina.⁹⁶ A vitalidade expansiva se tornava um dos fenômenos que contribuía a dar ao Instituto sua fisionomia de base. O forte liame operativo com Dom Bosco e com a Congregação Salesiana, não somente jurídico ou textual, parece ter-se revelado determinante para a primeira história e para os rápidos desenvolvimentos.

Quanto ao espírito não é possível desvalorizar a parte devida a Dom Bosco, diretamente ou por meio de colaboradores confiáveis, nas sucessivas reestruturações do texto constitucional de 1872 a 1885. Estes eram eco e fruto, naturalmente, também da experiência vivida e da reflexão amadurecida no interior do Instituto, da madre co-fundadora, da segunda que a sucedia em 1881, das assistentes, das comunidades, assim como das normas constitucionais que encarnavam vitalmente o ditado e o espírito.

No primeiro quinquênio as sucessivas modificações estatutárias conduziam ao texto, que em 1886 mereceu a aprovação diocesana do Instituto por parte dos bispos de Acqui e de Casale Monferrato, e, em uma segunda fase, levado ao primeiro texto impresso de 1878 (na realidade, 1879).

O trabalho ao redor das *Constituições* é documentado por nove manuscritos disponíveis sucessivos ao texto *Constituições Regras*, do qual já se falou (*ms A*), e que tinha disciplinado a vida do Instituto ao menos até 1875, se não além. No arco de tempo que compreendia entre 1872-1885, alguns manuscritos não fizeram história, outros, embora determinantes, não são encontráveis.⁹⁷ Permanecem altamente significativos, além dos impressos de 1878 (1879) e 1885, aprovados e promulgados por Dom Bosco, os *ms D* (1874-1875), *G* (1876-1877) e *K* (1884).

Nos dois primeiros são releváveis as significativas intervenções de Dom Bosco, no terceiro, sobretudo do padre Giovanni Cagliero, competente intérprete do pensamento do fundador e que mais de todos e por mais tempo viveu com ele as peripécias do Instituto. Os mais numerosos se encontram no *ms D* (1874), sobre o qual Dom Bosco interveio ao menos em dois momentos diversos. Eles – afirma Cecília Romero – “se encontram ao longo do texto das *Constituições*, no formulário para a vestição e para a profissão [é o único manuscrito que o traz] e até na ata relativa à fundação do Instituto há dois acenos com letra de Dom Bosco no rodapé”.⁹⁸ Eles têm apoio no *ms G* (1876),

⁹⁶ Sampierdarena, Tipografia Salesiana, 1879, 18 p.; OE XXXI 237-254. Dizem respeito ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora as p. 14-16; OE XXXI 250-252.

⁹⁷ O itinerário é seguido pelo excelente trabalho crítico de irmã Cecília Romero, ao qual nos atemos.

⁹⁸ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p.86. Todas as variantes, exceto duas, nesse manuscrito, são de Dom Bosco; cf. o reconhecimento analítico e as relativas considerações às p. 87-95, e as variantes com a sigla *D* no aparato da edição do *ms G*.

“o mais completo e pleno de autoridade entre os manuscritos que possuímos”. Com efeito, ele “recolhe todas as redações dos manuscritos precedentes; foi revisto e acuradamente corrigido por Dom Bosco e por fim é o que coincide quase que totalmente com o texto aprovado na diocese de Acqui”.⁹⁹ As variantes devidas a Dom Bosco, presentes em ambos, permitem ulteriores provas do que ele tivesse a peito dar forma e alma às estruturas do novo Instituto.

Ao *ms D* eram idênticos, com ligeiras variações, os dois manuscritos enviados em 1875 aos bispos de Casale Monferrato e Acqui para a aprovação diocesana. Dele Dom Bosco corrigia o título, introduzindo o que tivesse individuado definitivamente no Instituto: *Constituições para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*. O *ms G*, que recebia o *ms D*, com correções de Dom Bosco, do padre Rua e de outros, constituía depois a base do primeiro texto impresso de 1878 (1879). Convém sublinhar os artigos, nos quais, com relação ao *ms A*, *Constituições Regras*, estavam presentes traços que tornavam o texto mais nitidamente “bosquiano”, posteriormente qualificado neste sentido pelas modificações efetuadas por Dom Bosco no *ms G*.¹⁰⁰ Eles tocam, antes de tudo, o crucial título 1) *Finalidade do Instituto*. Primeiro, “é de buscar a própria perfeição e de colaborar na salvação do próximo [*add* especialmente *Gb*; e 1878] dando educação cristãs às meninas do povo. 2) Portanto, as Filhas de Maria Auxiliadora, antes de qualquer outra coisa, procurarão exercitar-se nas virtudes cristãs, depois esforçar-se-ão em benefício do próximo. Seu cuidado especial será o de assumir a direção das escolas, [*add* Educandários, *Gb*, Educatórios 1878], asilos infantis, casas de educação, congregações festivas, e também abrir oficinas em favor das jovens das vilas e cidades mais pobres. Onde haja necessidade prestarão também assistência aos pobres enfermos, e outros semelhantes serviços de caridade. 3) Poderão, além disso, receber em suas casas jovens sem condições, às quais, contudo, não ensinarão jamais as ciências e artes que são próprias de nobres e senhoris condições. Todo o seu empenho será o de formar à piedade e tudo aquilo que poderá servir para tornar boas cristãs, mas que estejam além disso capazes de, a seu tempo, ganhar honestamente o pão da vida. Veja-se programa do Instituto. 4) O Instituto será composto somente de jovens, as quais professem em tudo vida comum com votos temporários de três em três anos. O superior maior, de acordo com o Capítulo Superior, cumpridos os votos temporários, podem [*sic*] também admitir aos votos perpétuos, se assim se julgar [*sic*] tal coisa útil à religiosa e ao Instituto. Haverá clausura, mas nos limites compatíveis com o cumprimento dos próprios deveres”. Os poderes da superiora eram definidos como nas *Constituições Regras*¹⁰¹.

O segundo título, *Sistema Geral do Instituto*, resultava melhor estruturado em base a relações mais claras com o superior geral da Sociedade de São Francisco de Sales,

⁹⁹ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p.203.

¹⁰⁰ Cita-se da edição crítica do manuscrito *G* integrado pelas correções sobre ele efetuadas, contida no volume G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 209-252.

¹⁰¹ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 209-211.

com seu representante ou diretor geral, com o diretor particular ou local, com o ordinário da diocese, com o “diretor-pároco” e com os confessores. Além disso, quanto à obrigação dos votos, à perseverança e às defecções. “O Instituto –estabelecia-se – está sob a imediata dependência do superior geral da Sociedade de São Francisco de Sales, ao qual dão o nome de superior maior. Ele poderá fazer-se representar por um sacerdote que ele delegará sob o título de diretor das Irmãs. O diretor geral será um membro do Capítulo Superior da Sociedade Salesiana; diretor particular será aquele ao qual é confiada a direção de alguma casa ou instituto” (art. 1º); “Todas as casas do Instituto, naquilo que concerne à administração dos santíssimos sacramentos e ao exercício do culto religioso, estarão totalmente sujeitas à jurisdição do ordinário. As irmãs de cada casa terão por pároco seu diretor, proposto pelo superior maior e aprovado pelo bispo diocesano” (art. 2º).¹⁰²

Novo e da mão de Dom Bosco era o título 3º, *Regime Interno do Instituto*, que fazia deslocar de um número os títulos sucessivos, que passavam de 15 a 16: “O Instituto é governado pelo reitor-mor da Congregação Salesiana e dirigido pelo Capítulo composto pela superiora geral, da vigária, ecônoma, e duas assistentes” (art. 1º); “A superiora geral terá a direção de todo o Instituto e dela dependerá todo o material e o espiritual das casas das Filhas de Maria Auxiliadora”.¹⁰³ Isso comportava a reestruturação dos três títulos seguintes: o 4º, *Eleição da superiora geral, da vigária, ecônoma e das duas assistentes* (o precedente título 3º era *Da superiora e das assistentes*); o 5º, *Capítulo Superior, eleição da diretora das casas particulares e respectivo Capítulo* (o precedente era *Capítulo da casa central e Conselho*); e o 6º, *Da mestra das noviças* (o precedente era *Da ecônoma e da mestra das noviças*). Os três artigos dedicados à *Mestra das noviças* eram novos. Sobressaíam o segundo e o terceiro, que ofereciam quase uma síntese concentrada de “pedagogia espiritual”: “A mestra das noviças deverá ser uma irmã de provada virtude, e prudente; que tenha profundo e claro conhecimento das Regras, e seja conhecida por seu espírito de piedade, de humildade e de paciência a toda prova” (art. 2º); “fará o máximo esforço para ser afável e plena de bondade, para que suas filhas espirituais lhe abram a alma em cada coisa que possa ajudar a progredir na perfeição. Dirija-as, instrua-as na observância das Constituições, especialmente no que diz respeito ao voto de castidade, pobreza e obediência. De modo semelhante, lhes seja como modelo, para que as noviças observem e cumpram todas as práticas de piedade prescritas em sua Regra” (art. 3º).¹⁰⁴ Em 1878, a última parte do art. 3º aparecia assim modificada por Dom Bosco: “Seja-lhes de modelo em cada coisa, para que se cumpram todas as prescrições da Regra. É-lhe recomendável que as noviças sejam inspiradas ao espírito de mortificação, usando no entanto de grande discrição, para que não se enfraqueçam as próprias forças, a ponto de ficarem inúteis para as tarefas do Instituto”.¹⁰⁵

¹⁰² Cf. G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 212-215.

¹⁰³ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 316.

¹⁰⁴ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 225.

¹⁰⁵ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 266.

A última parte da redação do *ms G* e das impressas em 1878 não fazia nenhuma referência ao “Capítulo Geral”, o qual, todavia, de fato, existia. A eleição da superiora geral e dos componentes do Conselho Superior era da responsabilidade de um colégio composto pelo Capítulo Superior, da diretora e de uma irmã eleita de cada casa.¹⁰⁶ As Constituições de 1878 falavam somente de Capítulo Superior de cada casa.¹⁰⁷ Nos dois títulos sucessivos, 7º e 8º, se estabelecia a nítida distinção entre postulado (três meses *corr ex* três anos; seis meses, 1878) e noviciado (dois anos), com fortes analogias com as Constituições Salesianas recentemente aprovadas.¹⁰⁸

Distintivas da espiritualidade do Instituto eram as *Virtudes principais propostas ao estudo das noviças e à prática das professoras*, listadas no artigo único do título 9º, quase idênticas às já propostas pelo primeiro texto *Constituições Regras*.¹⁰⁹ Ainda no *ms G*, o precedente título 9º, *Distribuição das horas do dia*, era dividido nos títulos 10º, *Distribuição do tempo*, e 11º, *Particulares práticas de piedade*, passando de um total de 10 para 14 artigos.¹¹⁰ Não eram muitas as variantes com relação ao *ms A* nos títulos do 13º ao 15º, sobre votos, e no último, *Regras comuns a todas as irmãs*.¹¹¹ Desaparecia o título 15º e último, *Constituições Regras*, sobre a observância das regras e horário do dia.

6. Governo formativo em perspectiva missionária (1875-1877)

Nesses anos Dom Bosco não se limitava a precisar ou a analisar textos estatutários. Interessava-se ao mesmo tempo da interioridade religiosa do Instituto, em estreita conexão com a vida das instituições salesianas. Conforme se acenou, desde janeiro de 1875 ele movimentava para a aquisição da casa Catellino, adjacente à antiga casa Moretta. Porém, o precedente uso e a posição não a tornavam idônea para uma comunidade religiosa. “Sendo de má construção e de má posição, se deve demoli-la”, anunciava em circular a benfeitores,¹¹² enquanto pedia ao padre Rua para chegar logo à conclusão do contrato, estipulado depois em 21 de julho.¹¹³ Pensava numa casa com um pátio anexo que pudesse ser usado também como oratório festivo para as meninas.

Em 8 de agosto de 1875 escrevia a uma noviça madura, a turinense Maddalena Martini (1849-1883), encorajando-a a perseverar na escolha até mesmo heróica da vida religiosa, dada sua proveniência de família rica, que podia fazer mais árdua a pobreza

¹⁰⁶ Cf. tit. 4º, art. 4º e 6º, G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 219 e 220.

¹⁰⁷ Cf. G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 261, 262, 266.

¹⁰⁸ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 228 e 268.

¹⁰⁹ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 230.

¹¹⁰ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 231-236.

¹¹¹ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 239-252.

¹¹² Circular de 20 de janeiro de 1875; E II 446.

¹¹³ Carta de Roma de fevereiro, 8 de março e julho de 1875; E II 457, 464, 484-485.

de Mornese. A carta constitui expressão típica do estilo epistolar de Dom Bosco e documento exemplar de suas idéias sobre a “vida consagrada”. Tratava-se da formação que sabia dar como fundador. “*Dileta filha em J. C.* – escrevia –, vossa ida a Mornese deu um tapa no mundo, que enviou o inimigo de nossas almas para inquietar-vos. Mas escutastes a voz de Deus, que vos chama a salvar-se por um caminho fácil e plano, e desprezar toda sugestão contrária. Antes, estai contene dos distúrbios e das inquietudes que provais, pois o caminho da cruz é o que vos conduz a Deus. Ao contrário, se estivésseis imediatamente alegre e contente, aí haveria de temer algum engano do inimigo maligno. Portanto, considerai: 1) não se vai à glória senão com grande fadiga; 2) não estamos sós, pois Jesus está conosco, e são Paulo afirma que com seu auxílio nos tornamos onipotentes; 3) quem abandona pátria, parentes e amigos e segue o divino Mestre, tem assegurado um tesouro no céu, que ninguém poderá roubar; 4) o grande prêmio preparado no céu deve animar-nos a tolerar qualquer pena sobre a terra. Coragem. Jesus está conosco. Quando tiverdes espinhos, colocai-os como os da coroa de Jesus Cristo. Eu vos recomendo a Deus na santa missa, rezai por mim, que sou sempre em J. Vosso humilfssimo servidor Sac. Giov. Bosco”.¹¹⁴

Ela emitiu os votos em 24 de junho de 1876. Partiu para a Argentina em 1879, como inspetora das FMA, demonstrando-se superiora sábia e amada. Morreu em Almagro (Buenos Aires), em 27 de junho de 1883.

Em 24 de agosto, de Mornese, onde tinha chegado no dia 21 com o padre carmelita Emiliano para os exercícios espirituais das senhoras e irmãs, Dom Bosco escrevia para o secretário da Congregação dos Bispos e Regulares: “Escrevo esta carta da Casa de Maria Auxiliadora, onde acontece um turno de exercícios espirituais para 150 senhoras, dirigidas pelas monjas no que diz respeito à disciplina e à parte material. Estas são as Filhas de Maria Auxiliadora, das quais já se falou alguma vez, que aumentam bastante; já têm a escola de uma vila, um educandário, duas casas em outras dioceses”.¹¹⁵ Dos exercícios espirituais para as senhoras escrevia no dia seguinte à condessa Girolama Ugucioni.¹¹⁶ Dom Bosco recebia e confessava as que se apresentavam e anunciava a possibilidade para as que tinham terminado o tempo dos votos trienais de professar os votos perpétuos. No dia 28 impunha o hábito, não mais marron, mas preto com véu azul, a quinze postulantes, entre as quais Maddalena Martini, e recebia quatorze profissões trienais e outras tantas perpétuas: entre estas Maria Domingas Mazzarello, Emilia Mosca e Enrichetta Sorbone. No dia seguinte fazia um empenhativo discurso de encerramento a toda a comunidade, severo do ponto de vista religioso, flexível quanto às tarefas educativas. Entre outras coisas, acenava à “roda” já em uso na comunidade de Borgo San Martino.¹¹⁷

¹¹⁴ E II 491-492.

¹¹⁵ E II 503.

¹¹⁶ E II 504.

¹¹⁷ *Cronistoria* II 146-150.

Da feliz e frutuosa estada dava boas notícias ao padre Rua. “Aqui tudo funcionou bem. O corpo do Instituto é composto de 120 membros. Era indispensável que eu prolongasse minha estada aqui”.¹¹⁸ No dia 29 deixava Mornese, acompanhado pelo padre Giovanni Cagliero e pelo padre Giacomo Costamagna para uma destinação e finalidades, que tinha indicado ao padre Rua na carta de Mornese talvez no mesmo dia: “Para falar com bispos, com os quais tenho negócios, vou a Ovada e de lá te farei saber o dia de retorno a Turim”. Em Ovada, terra natal de São Paulo da Cruz (1694-1775), fundador dos passionistas, estavam reunidos naqueles dias vários bispos para a celebração da morte. Em Ovada se ocupava, entre outras coisas, da revisão das Constituições, em vista do texto a apresentar ao bispo de Acqui.

Em seguida, de Varazze insistia com o padre Rua sobre os trabalhos para a preparação da sede de Turim: “Promove os trabalhos para nossas Auxiliadoras”.¹¹⁹ Ao mesmo escrevia, dois dias depois, de Alassio: “Escreve também a Costamagna para a vestição das irmãs para [Borgo] San Martino. Acrescenta também que prepara Campi e Fassio (dois clérigos da comunidade salesiana mornesina, professores elementares) para as ordenações no próximo Natal”.¹²⁰ Ainda a ele, no dia 24, de Nice recordava: “Disponha para poder ir a Mornese no domingo depois da Conceição para fazer o que tem que ser feito”.¹²¹ O “que ser feito” se deduz de uma carta de Dom Bosco ao padre Cagliero de 4 de dezembro: “No dia 12 do corrente padre Rua com o senhor Mina [padre da missão] irá a Mornese para fazer algumas vestições e algumas profissões”.¹²²

Dom Bosco fora a Nice para dar início à obra salesiana na França.¹²³ Na citada carta ao padre Cagliero, de 4 de dezembro, anunciava também a próxima sede dos salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora em Vallecrosia, a 2 quilômetros de Bordighera. “Em meu retorno [de Nice] – escrevia – dei início à empresa contra os protestantes em Bordighera. A casa que deve cuidar de meninos e do culto religioso é confiada ao padre Cibrario, com alguns outros leigos. As Filhas de Maria Auxiliadora cuidarão da cozinha e das meninas (...). Seu número continua até agora aumentando. No começo de janeiro próximo um grupo irá tomar conta da nova casa de Alassio”.¹²⁴ A dupla comunidade começava seu trabalho em Bordighera em 10 de fevereiro, como comunicava uma vez mais ao padre Cagliero: “Ontem (10 de fevereiro) foram abertas as duas pequenas casas de Ventimiglia”.¹²⁵ A das Filhas de Maria Auxiliadora em Alassio, ao invés, deveria ter começado em 12 de outubro. Em pedido a Leão XIII de 15 de março de 1878, entre as

¹¹⁸ Carta de 28 ou 29 de agosto de 1875; E II 505.

¹¹⁹ Carta de 18 de novembro de 1875; E II 524.

¹²⁰ Carta de 20 de novembro de 1875; E II 526.

¹²¹ Carta de 24 de novembro de 1875; E II 528.

¹²² E II 530.

¹²³ Cf. cap. 21, § 1-2.

¹²⁴ Carta de 4 de dezembro de 1875; E II 530.

¹²⁵ Carta de 12 de fevereiro de 1876; E III 18.

obras necessitadas de auxílio, Dom Bosco incluía também as escolas de Vallecrosia, enfatizando os sucessos: “Quatro salesianos e três irmãs de Maria Auxiliadora trabalham e, graças a Deus, seus esforços foram frutuosos, de modo que os protestantes viram-se constrangidos a deixar suas escolas e suas conferências por falta absoluta de alunos e de pessoas que os procurassem”.¹²⁶ Nos mesmos termos exprimia-se em 12 de março de 1879 com o cardeal secretário de Estado, Lorenzo Nina (1812-1885).¹²⁷

No começo de janeiro de 1876, Dom Bosco também tinha feito uma promessa estupefaciente ao padre Cagliero: “Recorda-te que para outubro nós expediremos trinta Filhas de Maria Auxiliadora com uma dezena de salesianos; alguns até antes, se for urgente”.¹²⁸ Era um grande sonho. Ele se realizaria com um número bem mais modesto de irmãs, e no final de 1877.

Em 4 de janeiro de 1876 apresentava ao bispo de Acqui, dom Sciandra, “as regras do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora” com o pedido de “dar ao Instituto e às suas Constituições a aprovação diocesana”.¹²⁹ O bispo a concedia rapidamente, com decreto de 23 de janeiro.¹³⁰

Era a vez de Turim, com o pensamento sempre na América. Em 12 de fevereiro Dom Bosco escrevia ao padre Cagliero: “As Auxiliadoras virão a Valdocco no início de março. Devemos prepará-las para a América?”.¹³¹ Dom Bosco enviava para a sede de Turim, em 22 de março, um pedido ao arcebispo para poder abrir um oratório feminino, com respectiva capela, para as meninas do quarteirão de Valdocco. “O local estabelecido para a igreja – precisava – dista cerca de 100 metros da Igreja dedicada à Nossa Senhora Auxiliadora, em terreno plano, com um anexo público, e unido ao edifício destinado à habitação de algumas religiosas que, de bom grado, tomarão cuidado daquelas meninas em perigo”.¹³² Em 28 de março o arcebispo, com confiança na “singular prudência” de dom Sciandra, emanava o decreto de consentimento que “as ditas escolas, no local indicado, sejam confiadas a essas religiosas”, reservando-se de conceder a aprovação diocesana à sua Congregação após suficiente experimentação.¹³³ No dia 30, Dom Bosco anunciava ao padre Cagliero: “Hoje abençoou-se a capela para as irmãs na casa Catellino e já são sete, no momento. Irmã Elisa, madre superiora; está também a madre Giuseppina”.¹³⁴ Ao padre Cagliero, diretor geral do Instituto, em 5 de abril madre Mazzarello dava informações mais particularizadas sobre várias destinações de irmãs

¹²⁶ E III 319.

¹²⁷ E III 455-456.

¹²⁸ E III 11.

¹²⁹ Carta de Mornese; E III 12.

¹³⁰ Os textos do pedido e do decreto episcopal encontram-se em P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 160-166.

¹³¹ E III 18.

¹³² E III 30.

¹³³ Citado em MB XII 664-665.

¹³⁴ E III 32.

e seus respectivos trabalhos: “Irão a Turim irmã Elisa [Roncallo, 1756-1919] (diretora) e irmã Enrichetta [Sorbone, 1854-1942] (estas duas para estudar; após o exame, irmã Enrichetta, espero, voltará a Mornese), irmã Caterina Daghero e irmã David para dar aulas, irmã Carlotta para a cozinha, irmã Adele Ajra para limpar as túnicas, irmã Luigia di Lu para assistir as lavadeiras”.¹³⁵ Dom Bosco dava notícias suplementares ao padre Cagliero em 27 de abril: “Morreu a senhora Orselli Felicita; Teresa [a irmã] foi morar com nossas irmãs em Valdocco, que fazem muito bem”.¹³⁶ No início de 1877 dava uma simpática sugestão ao padre Rua, certamente agradável às irmãs, “donas de casa” em templo pleno: “Se as irmãs gostam do teatro, podem ir”.¹³⁷

No entanto, estavam em curso as tratativas com o bispo de Biella, Basilio Leto, para enviar algumas irmãs se ocupar da cozinha e da rouparia do seminário. Em uma carta ao padre Rua de 25 de abril Dom Bosco traçava as linhas para uma convenção, não sem uma referência à canônica “tarabacola” ou “roda”.¹³⁸ E com o padre Cagliero retomava a conversa sobre as virtuais candidatas ao vôo transoceânico, com outros sonhos incorporados e alguma realização em vista de breve termo: “Procura indicar-me qual pessoal seja necessário, salesianos e irmãs, e procurarei organizar logo a expedição para que, ordenadas as coisas, tu possas retornar em Valdocco e iniciar uma casa em Roma, depois um passeio nas Índias (...). Está também entendido que em outubro nossas irmãs irão tomar conta do Seminário de Biella, e três salesianos abrirão um orfanato no vilarejo de Trinità”.¹³⁹ No final de uma outra carta, cheia de fatos e de perspectivas, não podia reprimir sua emoção por tanta graça: “Nossas monjas já são 150; devemos realizar para elas turnos de exercícios espirituais. Sestri Levante, Trinità di Mondovì, Biella, terão nossas [dos salesianos ou das irmãs] casas etc. etc. Que movimento!”.¹⁴⁰ As Filhas de Maria Auxiliadora chegaram em Biella em 7 de outubro; no dia seguinte estavam em Lu Monferrato, para tomar conta da oficina, da escola, do oratório e asilo infantil, o primeiro aberto pelo Instituto. As irmãs tinham sido pedidas pelo casal Rota, pais do padre salesiano Pietro, que seria posteriormente inspetor [provincial] salesiano no Brasil. A propósito do tratamento econômico praticado em Biella, em carta ao padre Rua de 13 de outubro de 1876, Dom Bosco observava: “200 francos [anuais] para cada uma das monjas é pouco, enquanto a conde Callori dá 400 [para Lu Monferrato]. Ao menos 250 francos”.¹⁴¹

Um empenho totalmente imprevisto, aceitado de bom grado pelo governo central tanto em Mornese como em Turim, foi o que as irmãs desenvolveram em Sestri Levante, nos

¹³⁵ M. E. POSADA, A. COSTA, P. CAVAGLIÀ, *La sapienza della vita. Lettere di Maria Domenica Mazzarello*, Turim, SEI, 1994, p. 55.

¹³⁶ E III 52.

¹³⁷ Carta de 11 de janeiro de 1877; E III 136.

¹³⁸ E III 50.

¹³⁹ Carta de 27 de abril de 1876; E III 52.

¹⁴⁰ Ao padre Cagliero, 29 de junho de 1876; E III 69.

¹⁴¹ E III 105.

meses de junho-setembro de 1876, em uma colônia de verão de crianças tuberculosas da Lombardia. Irmã Enrichetta Sorbone foi de tal forma aceita, que cada noite dava a “boa-noite” avidamente escutada. A assistência nas colônias de férias, marítimas e montanhosas, tornar-se-ia uma forma permanente de apostolado das Filhas de Maria Auxiliadora.¹⁴²

Em setembro de 1877 as irmãs foram também para o colégio de Lanzo para os habituais serviços de cozinha e lavanderia. Dom Bosco tinha pedido permissão ao arcebispo de Turim, assegurando que sua presença não haveria de interferir na realidade religiosa local: “Note-se que as ocupações das religiosas seriam exclusivamente no colégio e que, pelo que diz respeito às práticas de piedade, participariam nas que são realizadas para os alunos do mesmo colégio”.¹⁴³

7. Primeira emigração para a América e migração da casa-mãe para Nizza Monferrato (1877-1878)

Em 8 de setembro de 1877 era comunicado à comunidade de Mornese a decisão de Dom Bosco de realizar o sonho seu e de Madre Mazzarello,¹⁴⁴ acariciado há tanto tempo, destinando algumas irmãs ao Uruguai. Do alegre evento Dom Bosco tinha feito o anúncio ao mais direto interessado, padre Lasagna – padre Cagliero já estava voltando à Europa –, em carta de 16 de julho de 1877. Tinha-lhe pedido, em particular, que concretizasse o número, porque a senhora Jackson, do Uruguai, tinha se oferecido para pagar as despesas da viagem.¹⁴⁵ Dois meses depois escrevia à benfeitora: “Padre Cagliero fez a escolha, e as seis designadas estudam alacremenente o espanhol e se preparam para a partida no próximo mês de novembro”.¹⁴⁶ No final do mês eram revelados os nomes das pré-escolhidas: Angela Vallese, diretora, Giovanna Borgna, nativa de Buenos Ayres, Angela Cassulo, a mornesina Angela Denegri, Teresa Gedda, Teresina Mazzarello. Em 25 de outubro, para substituir padre Costamagna, destinado à América, chegava em Mornese padre Giovanni Battista Lemoyne. As “missionárias” partiam em 6 de novembro para a função de adeus em Turim e, no dia 7, para a audiência pontifícia, marcada para o dia 9. Na metade de novembro já estavam navegando em direção da América, destinação Montevidéu Villa Colón. O *Boletim Salesiano*, iniciado poucos meses antes, dava notícias do adeus em Mornese e da partida.¹⁴⁷ Em 31 de dezembro

¹⁴² *Cronistoria* II 193-194, 225.

¹⁴³ Carta de 10 de setembro de 1876; E III 94.

¹⁴⁴ Cf. *Cronistoria* II 276 e carta já citada ao padre Cagliero de 5 de abril de 1876.

¹⁴⁵ E III 199.

¹⁴⁶ A Elena Jackson, em 13 de setembro de 1877; E III 213. Dava notícia disto, com carta de 30 de setembro, E III 220 e 223, também ao vigário apostólico no Uruguai, dom Vera, e a Enrique Fynn.

¹⁴⁷ “Partenza dei missionari salesiani e delle Suore di Maria Ausiliatrice per l’America”, BS 1(1877), n. 4, dezembro, p. 1-3.

Dom Bosco se apressava a comunicar o acontecimento ao cardeal Franchi, prefeito da Propaganda Fide, em um relatório, no qual elencava as obras salesianas na Argentina e no Uruguai: “(10) Pouco distante de Villa Colón, um educandário e um externato feminino para as meninas pobre e abandonadas, dirigido pelas Irmãs de Maria Auxiliadora, que pertencem também à Congregação Salesiana”.¹⁴⁸

Planejava-se também a contribuição das Filhas de Maria Auxiliadora em Chieri, para aí ativar um oratório feminino. Dom Bosco não previa as dificuldades às quais ia de encontro, mas num fronte bem diverso daqueles zelantes espectadores. Ao padre Rua escrevia em janeiro de 1877, empenhado na missão dos concepcionistas:¹⁴⁹ “Nosso arcebispo escreveu uma longa carta, na qual dá notícias de sua saúde, e mostrou-se satisfeito com o Oratório de Chieri etc., etc.”.¹⁵⁰ Ao arcebispo respondia: “Em Chieri farei o que puder para ativar um Oratório para as meninas e um outro para os meninos; a aprovação e o apoio da autoridade eclesiástica me dão muita coragem”.¹⁵¹ Mais concretamente mandava padre Rua interessar-se pelo seu futuro “viver”, o sustento, e “para o padre”;¹⁵² menos realisticamente, na carta de 13 de fevereiro de 1877 ao padre Cagliero, anunciava como acontecida a ida das irmãs para Chieri: “Nossas irmãs abriram um oratório feminino em Chieri”.¹⁵³

Neste período dava ainda normas de ação de caráter geral, que confirmavam o contínuo e concreto interesse pelo Instituto. Em 5 de março, de Marselha sugeria ao padre Rua esta regra: “Quando precisar enviar irmãs a alguma casa nova, não se deve tomá-las todas da casa-mãe; mas, como fazemos para os salesianos em Turim, procure-se alguma nas casas já abertas, mas que seja capaz e depois, fazendo substituir essa por alguma nova, enviá-la à direção da nova casa”.¹⁵⁴

Era momento de viragem para o Instituto, que chegara rapidamente à mudança da casa-mãe. Nela Dom Bosco teve parte relevante. Na primeira metade do mês de maio de 1877 escrevia ao mornesino padre Bodrato: “Comprou-se uma casa em Nizza Monferrato e para lá será transferida, com grande vantagem, assim espero, a casa de Mornese”.¹⁵⁵ Particularmente intenso foi seu empenho para fazer frente às grandes somas exigidas para a aquisição e para a reestruturação do novo edifício com a respectiva igreja, “reduzida a um horroroso depósito de vinho”, a ser recuperada. Sobressaem, entre outras, três cartas de maio de 1877 ao cônego Edoardo Martini, de Alassio, já grande benfeitor do colégio de sua cidade, que Dom Bosco procurava envolver na “grande empresa”. Entre o ex-convento e a igreja, a despesa para a aquisição orçava

¹⁴⁸ E III 258.

¹⁴⁹ Cf. cap. 25, §

¹⁵⁰ Carta de janeiro de 1877; E III 138.

¹⁵¹ Carta de janeiro de 1877; E III 142.

¹⁵² Carta de janeiro de 1877; E III 146.

¹⁵³ E III 149.

¹⁵⁴ Ao padre Rua, 5 de março de 1877; E III 154.

¹⁵⁵ E III 173.

180 mil liras [cerca de 543 mil euros]. O cônego declarava-se disponível a colocar à disposição as rendas dos títulos que possuía.¹⁵⁶ Uma vez que o edifício e a igreja eram de um ex-convento dos padres capuchinhos, destituído em 1855, pedia a Santa Sé autorização para comprá-los.¹⁵⁷ Tendo recebido a permissão, conforme as formalidades em uso, informava a condessa Gabriella Corsi, mobilizando a caridade da família e dos nicenses: “Agora temos que encontrar o dinheiro. Diga-me a quem poderei escrever; no entanto, excite a piedade do clero e dos fiéis de Nice. É glória para eles que retorne ao culto um edifício horrendamente profanado”.¹⁵⁸ Em março de 1878 espalhava ainda uma longa circular, redigida em Roma e impressa em Valdocco.¹⁵⁹ Foi preciso mais de um ano para que o edifício e a igreja anexa fossem reformados.

Em 1878 chegava-se à reta final para o oratório e as oficinas de Chieri. “Para as obras de Chieri vão adiante”, incitava de Roma lá pelo dia 20 de março.¹⁶⁰ Em 19 de maio enviava um pedido ao arcebispo de Turim, informando de ter preparado na cidade de Chieri “um edifício e uma capela dedicada à santa Teresa, na ex-casa Bertinetti”, e pedia que permitisse “que as religiosas chamadas Filhas de Maria Auxiliadora” “pudessem morar lá a fim de cuidar das meninas, como foi concedido às que já dão aula ao lado da igreja de Valdocco”, e delegasse uma pessoa para benzer a capela.¹⁶¹ O arcebispo emanava o decreto em 19 de junho. As irmãs assumiram a sede de Chieri em 22 de junho de 1878.

Ao mesmo tempo verificavam-se e se sucediam outros acontecimentos que diziam respeito à construção em sentido religioso e “salesiano” do Instituto. No primeiro, o Instituto é visto na ótica dos salesianos, reunidos no primeiro Capítulo Geral, de setembro a outubro de 1877.¹⁶² Sobre tudo por parte de Dom Bosco o discurso era fundamentalmente levado na defesa da moralidade, considerada quer em si mesma quer em sua visibilidade pública: referia-se, além disso, à sua missão de ser *sal terrae* entre os jovens. Era, também, constituída uma comissão, presidida pelo austero padre Cerrutti, encarregada de redigir um regulamento para isso, a fim de ser discutido e incorpo-

¹⁵⁶ Cartas de maio de 1877; E III 171-172, 174-175. A ele, como já à senhora Pastore di Valenza Po, falava da igreja “reduzida a um horrroso depósito de vinho” (E III 169 e 171).

¹⁵⁷ Cf. súplica a Pio IX, de 25 de agosto de 1877 (E III 210-211), e cartas à senhora Lansetti de 25 de agosto e de 8 de setembro (E III 211, 212). Os documentos sobre *Pratiche per ottenere dalle Autorità Ecclesiastiche facoltà di acquistare il sopradetto Convento e Santuario* são transcritos nas primeiras páginas do livro *Notizie storiche sul Convento e sul Santuario di Santa Maria delle Grazie presso Nizza Monferrato. Nell'occasione faustissima che il Santuario veniva riaperto al divin culto ed il convento tramutato in casa di educazione* pel sac. Francesco Arrigotti, Turim, Tipografia e Libreria Salesiana, 1878, p. 3-8; OE XXX 407-412.

¹⁵⁸ Carta à condessa Gabriella Corsi, 26 de setembro de 1877; E III 219.

¹⁵⁹ E III 306-307.

¹⁶⁰ Ao padre Rua; E III 324.

¹⁶¹ E III 343.

¹⁶² Cf. cap. 26, § 1.2 e 1.3.

rado.¹⁶³ Ele era sintetizado em 11 artigos *Das Irmãs*, que concluíam as *Deliberações do Capítulo Geral da Pia Sociedade Salesiana realizado em Lanzo-Torinese em setembro de 1877*, publicadas em 1878. O undécimo estabelecia: “O Capítulo aprova seu regulamento particular [as Constituições] já impresso, e aprovado pelo bispo da casa-mãe em Mornese e outros bispos”.¹⁶⁴

Em outubro algumas religiosas atravessavam os confins e se estabeleciam em Nice, para se ocupar do *patronato* feminino de Santa Anastácia.

O segundo acontecimento foi mais significativo para o Instituto: o primeiro encontro das diretoras das casas, a qual, em analogia com as “conferências dos diretores” salesianos, desenvolve funções semelhantes às de um Capítulo Geral. Aconteceu durante o curso de exercícios espirituais para as irmãs, de 13 a 20 de agosto de 1878. A partir do dia 16, Dom Bosco esteve presente,¹⁶⁵ mas as reuniões foram presididas pelo padre Cagliari.¹⁶⁶

No mês de agosto aceleraram os tempos para a transferência da casa generalícia de Mornese para Nizza Monferrato. No dia 23 Dom Bosco escrevia ao conde Cesare Balbo, genro da condessa Gabriella Corsi, impaciente para ver as Filhas de Maria Auxiliadora em Nizza Monferrato: “Não podemos ainda fixar o dia da abertura da casa de Nizza, porque os trabalhos de habitação para as monjas e para o capelão, ou melhor, para o diretor, ainda estão em curso. O programa para o educandário já está pronto, e o senhor o receberá em breve”.¹⁶⁷ Os condes Corsi foram os maiores sustentadores e benfeitores da obra, auxiliados pelo conde Cesare Balbo.

Em 16 de setembro aí se estabelecia o primeiro grupo de irmãs, chefiadas pela diretora, irmã Petronilla Mazzarello, e formado pela ecônoma geral, irmã Ferretino, e por outras cinco religiosas. Em dias sucessivos, seguia-se a gradual chegada de Mornese das irmãs e das educandas.¹⁶⁸ Madre Mazzarello aí chegava em 4 de fevereiro, festejada por uma sessão filodramática breve e alegre das irmãs e educandas. Em Mornese permanecia uma pequena comunidade de irmãs, de postulantes e de educandas.¹⁶⁹

Para o educandário de Nizza, após ter-se movimentado pelo verão,¹⁷⁰ Dom Bosco difundia o texto do *Programa*, calcado sobre o de Mornese e readaptado pelo padre Bonetti, acompanhando-o com breve circular, na qual precisava a finalidade do Instituto

¹⁶³ Cf. Conf. 14, 18 e 19, G. BARBERIS, *Verballi*, quad. 2, 143, 184, e quad. 3, 1-10.

¹⁶⁴ Turim, Tipografia e Libreria Salesiana, 1878, p. 94-95; OE XXXIX 470-471.

¹⁶⁵ Cf. carta ao padre Lemoyne, 6 de agosto (E III 373), e ao conde Cesare Balbo de 23 de agosto (E III 381).

¹⁶⁶ Cf. *Cronistoria* II 335-337; P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.) *Orme di vita*, p. 258-264.

¹⁶⁷ Carta de 23 de agosto de 1878; E III 381.

¹⁶⁸ Documento significativo da organização do Educandário é uma carta da diretora ao padre Cagliari, de 30 de setembro; cf. P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.) *Orme di vita*, p. 257-259.

¹⁶⁹ Cf. P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.) *Orme di vita*, p. 281-283.

¹⁷⁰ Cf. a já citada carta ao conde Balbo, 23 de agosto de 1878; E III 381.

com termos habituais: “educar na religião e na moralidade as meninas cristãs”.¹⁷¹ Dele se empenhava também o “Boletim Salesiano”, que no mês de setembro dedicava amplo espaço ao *Instituto Feminino sob a proteção da Senhora das Graças, em Nizza Monferrato e de Santa Teresa em Chieri*.¹⁷² Em pedido de 28 de setembro, enviado ao inspetor escolar de Acqui, o Conselho Escolar Provincial de Alessandria concedia em 3 de janeiro de 1879 o “Nada obsta” para a abertura da escola elementar feminina ativada no internato, “com a expressa condição” que aí dessem aula “as professoras Elisa Roncallo e Rosa Daghero”, que à primeira” fosse confiada “a direção”.¹⁷³ Em 22 de outubro Dom Bosco podia anunciar à sua “Boa e caríssima Mamãe”, condessa Gabriella Corsi, que, no domingo, dia 27 de outubro, seria abençoada a Igreja Nossa Senhora das Graças. Acrescentava: “Falaram-me que o senhor conde [Cesare Balbo] constituiu um comitê para promover uma coleta em suporte de nossas despesas. Agradeça-o muito de minha parte. Esse é, verdadeiramente cooperador salesiano”.¹⁷⁴ A casa geral e o educandário das Filhas de Maria Auxiliadora iniciavam uma longa história e densa de acontecimentos e de resultados.¹⁷⁵

Sobre *Uma esperança não desiludida, ou seja, o Oratório Santa Teresa em Chieri*, o redator-diretor do *Boletim Salesiano*,¹⁷⁶ padre Giovanni Bonetti, capelão da obra, entretinha os leitores. No mês de janeiro de 1879 devia experimentar sérias desventuras.¹⁷⁷ O número sucessivo acolhia um grande artigo-crônica sobre a partida para a América de outras dez Filhas de Maria Auxiliadora.¹⁷⁸

A ação de Dom Bosco para o Instituto de Maria Auxiliadora continuaria nos anos sucessivos, até à morte.¹⁷⁹

¹⁷¹ Cf. a carta e programa em P. CAVAGLIA e A. COSTA (org.) *Orme di vita*, p. 245-249. O programa foi impresso, em redação modificada, no ano seguinte: *Programma. Istituto Femminile sotto la protezione della Madonna delle Grazie in Nizza Monferrato*. Turim, Tipografia Salesiana, 1879, in P. CAVAGLIA e A. COSTA (org.) *Orme di vita*, p. 289-292.

¹⁷² BS 2(1878) n. 9, setembro, p. 11-13.

¹⁷³ Os dois documentos são transcritos em P. CAVAGLIA e A. COSTA (a cura di) *Orme di vita*, p. 253 e 267-268.

¹⁷⁴ E III 397. A igreja foi abençoada pelo padre Cagliero, estando presente a *Schola Cantorum* do Oratório de Valdocco.

¹⁷⁵ Sobre o educandário e a escola veja-se a ótima monografia de P. CAVAGLIA, *Educazione e cultura per la donna. La Scuola «Nostra Signora delle Grazie» di Nizza Monferrato dalle origini alla riforma Gentile (1878-1923)* n. 2, fevereiro, p. 5-7.

¹⁷⁶ BS 3 (1879) n. 1, janeiro, p. 8-9.

¹⁷⁷ Cf. cap. 28, § 5.

¹⁷⁸ *Le dieci vergini prudenti ossia la seconda schiera di Figlie di Maria Ausiliatrice partite per l'America*: BS 3 (1879) no. 2, fevereiro, p. 5-7.

¹⁷⁹ Cf. cap.29, § 3 e 4.



Capítulo XXI

A CAMINHO DO UNIVERSALISMO GEOGRÁFICO (1875-1877)

- 1874 10 e 26 de outubro: dom Espinosa e padre Cecarelli respondem ao comendador Gazzolo sobre os salesianos na Argentina
- 1875 28 e 29 de janeiro: Dom Bosco anuncia aos diretores e à comunidade de Valdocco o projeto missionário na América
- 1875 9 a 21 de novembro: chegada dos salesianos em Nice e abertura do Internato São Pedro
- 11 de novembro: cerimônia de despedida aos que partiam chefiados pelo padre Cagliero
- 14 e 21 de dezembro: chegada dos salesianos em Buenos Aires e a San Nicolás de los Arroyos
- 1876 9 de fevereiro: chegada dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora em Vallecrosia
- 14 de abril: discurso de Dom Bosco na Arcadia
- 7 de novembro: cerimônia de adeus aos salesianos para a Argentina, com o padre Bodrato e Uruguai, com o padre Lasagna
- 1877 retorno do padre Cagliero a Turim

O ano de 1875 assinalava o início da expansão da obra de Dom Bosco além dos confins italianos na Europa e na América Latina. Não constituía uma surpresa para quem tinha podido intuir seu temperamento e sua fé. Este novo salto adiante era condizente com sua índole, com sua impaciência e inquietude pastoral, que não lhe consentia parar nas etapas já alcançadas. Era resposta também em face de suas preocupações mais ou menos explícitas: a instituição, a Congregação, podia correr o risco do apagamento e da fossilização caso não se lançasse em novos objetivos, como acontece – segundo sua doutrina espiritual – em todo caminho de aperfeiçoamento moral e religioso que pare na satisfação de objetivos já alcançados: *non progredi regredi est*. Não se deve também excluir a vontade de se livrar dos muitos assédios locais e legalistas, em nível civil e canônico: de um lado, títulos acadêmicos, inspeções, regras paralisantes; de outro, as rigorosas normas sobre ordenações, a excessiva institucionalização da formação religiosa, a imposição de etapas e vínculos inflexíveis na formação cultural, as rígidas passagens na profissão dos votos, o acesso impedido aos “privilégios”. Desde a infância

era inclinado a subtrair-se dos espaços muito apertados e sufocantes, pairando acima de todos os sonho, solar mais que lunar, da vocação ao sacerdócio. Com o confidente padre Barberis, na tarde de 20 de maio, ele se abandonava a significativas reflexões, motivadas pelo globo terrestre que o interlocutor, professor de geografia, tinha colocado sobre a mesa da biblioteca. Falando de missões e de missionários a conversa acabou caindo sobre a Ásia: “Essa – observava – é povoada por cerca de 800 milhões de indivíduos e pouquíssimos são os católicos. Só a China, o império chinês, tem quase 500 milhões de almas, quase 200 milhões a Índia. Oh! quantas almas, quantos missionários seriam necessários. Já aqui na Europa quem sabe o que acreditamos. Pois bem, só o império chinês tem uma vez e meia mais habitantes que toda a Europa. Estamos acostumados a falar do Piemonte, contar e estudar sua história e observar todos os progressos e regressos, e o Piemonte, não é como um grãozinho de areia em meio a um lago? E ao redor do nosso Oratório aqui de Valdocco? retomou sorrindo o senhor Dom Bosco, ele dá tanto trabalho e desde este cantinho se quer mandar aqui, lá etc.”.¹

Nesse contexto, entre 1874 e 1875, amadureciam ao mesmo tempo a idéia dos cooperadores e das cooperadoras e a expansão da obra além dos confins italianos na França e na América do Sul. Ele conduzia pessoalmente a passagem para a nação vizinha, e as obras francesas tornar-se-iam objeto de suas solitudes pessoais privilegiadas e meta de freqüentes visitas, ao passo que podia dirigir, sustentar e animar somente de longe as obras na América.

1. Em direção ao eixo privilegiado Turim-Nice (1874-1877)

A abertura, em novembro de 1875, da primeira obra salesiana na França, em Nice, cidade que pertencia desde 1860 ao reino sardo, era acompanhada com muita cautela. Não se podia pensar num retorno à França de italianos nacionalistas na contenda passada em força de certo discurso político barato, concordado a Plombières em 1858, entre Napoleão III e Camillo Cavour, e legitimado por uma larva de plebiscito, fortemente manipulado por ambas as partes.² Ainda nos anos 1870-1871 existia forte oposição à anexação, intensificada com o fim do império e o advento da terceira república.³

Contudo, Dom Bosco e os salesianos chegavam em Nice totalmente alheios a esse tipo de sensibilidades, já superadas em 1875. A juventude pobre e abandonada não entrava nos jogos políticos, e os que chegavam pretendiam dedicar-se somente a ela, tendo sido chamados por pessoas que amavam a própria cidade e os filhos seus em situação de risco, e seguros da concordância das autoridades, não somente religiosas, mas também civis e políticas.

¹ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 1, p. 21.

² Cf. cap. 1, § 7.

³ Cf. E. COSTA BONA, “Echi italiani sulle elezioni a Nizza (1870-1871)”, *Rassegna Storica del Risorgimento*, 78 (1991), p. 161-174.

Era a primeira vez que Dom Bosco atravessava a fronteira francesa e a direção era Nice, capital da Região dos Alpes Marítimos, cidade que conhecia a indigência e a beneficência. Com mais de 50 mil habitantes, a cidade exibia a face da riqueza e os sinais da pobreza: como toda a Costa Azul, meta da primeira metade do século do turismo internacional, com grande afluência de ricos provenientes do Norte da França, da Rússia, da Alemanha e da Inglaterra. Essas pessoas contribuíam financeiramente para as atividades beneficentes e filantrópicas locais. A região circunstante, montanhosa e parca de recursos econômicos, provocava pobreza e miséria, com forte imigração urbana em busca de melhor sorte. Aparece, então, outra indigência local e a mendicidade generalizada, encorajada pela generosidade dos ricos que vinham para as estações de inverno. As confissões religiosas, em particular a católica, davam notável desenvolvimento à iniciativas organizadas de beneficência. A participação do clero era ativa, com os bispos à frente. O piemontês Giovanni Pietro Sola (1791-1881), bispo de Nice de 1857 a 1877, era chamado “pai dos pobres”. Também era florescente a ação do laicato, sobretudo por meio das Conferências de São Vicente de Paula, e das comunidades religiosas consagradas à assistência dos indigentes e doentes: as Filhas da Caridade, as Pequenas Irmãs dos Pobres, a Ordem dos Hospitaleiros de São João de Deus. Também grupos protestantes estavam dedicados a obras assistenciais, bem como a comunidade israelita e a generosa colônia russo-ortodoxa.⁴

Através do epistolário, pode-se percorrer todos os passos da cronologia dos primórdios do princípio efetivo da obra salesiana, assim como os do ano seguinte. Antes de tudo, temos a ajuda de uma carta enviada ao aspirante salesiano padre Luigi Guanella, com a indicação precisa, “Nice, 12-12-1874”: “seu lugar está pronto. O senhor pode vir quando puder”; “PS. Quinta-feira, [17 de dezembro] estarei [mas não estará] em Turim”.⁵ Essa carta foi precedida de outra, redigida em dois dias diversos, ao destinatário privilegiado, padre Rua, sem indicação de data: “Estou em Nice, de onde saio no sábado [12 de dezembro] em direção de Ventimiglia, Pigna [Imperia], depois a Alassio. Terça-feira estarei em Sampierdarena e quinta em Turim, *si Dominus dederit* (...). Neste momento saio de Nice”.⁶ No dia 15 escrevia de Alassio, novamente ao padre Rua: “Parto para Albenga e continuo a caminho, mas não sei se quinta-feira estarei em Turim. Provavelmente até sábado ao meio-dia não poderei chegar. A cada momento as coisas se multiplicam, reza e faz reza. Enderece todas as coisas a Sampierdarena”.⁷

No sábado, 19, estava de volta ao Oratório. Chegando a Turim, em 23 de dezembro, escrevia duas cartas: uma ao barão Aimé Héraud, outra à baronesa, agradecendo a hospitalidade que Dom Bosco e o companheiro, Giuseppe Ronchail, tinham recebido

⁴ Cf. O. VERNIER, *D'espoir et d'espérance; L'assistance privée dans les Alpes Maritimes au XIX^e siècle (1814-1914). Bienfaisance et entraide sociale*. Nice, Éditions Serre, 1993, 542 p.

⁵ E II 423.

⁶ E II 423-424.

⁷ E II 424.

em Nice, e declarando querer inscrever o barão “no catálogo de nossos benfeitores”. A ele comunicava também ter recebido “carta do advogado Michel, que por ora – escrevia – não pode responder”.⁸

De maio de 1874 a outubro de 1875, em um ex-estábulo de uma propriedade situada na praça *La Crois de Marbre*, um religioso de São Vicente cuidou, até a saúde permitir, de um centro de instrução catequética e de uma escola vespertina. No entanto, após contatos com algumas congregações religiosas, o bispo e os vicentinos dirigiram-se a Dom Bosco, cuja obra conheciam, dadas as relações entre Turim e Nice, entre as conferências nicenses e as lígures e piemontesas, entre personagens próximas de Dom Bosco – o conde Cays e o barão Feliciano Ricci des Ferres – e irmãos da Conferência de Nice, entre os quais o barão Héraud e o advogado Michel, vice-presidente das Conferências de Nice e presidente da Obra do Patronato dos aprendizes.⁹

O encontro de Nice, em dezembro de 1874, produziu frutos rapidamente. Como Dom Bosco considerasse insuficiente o ex-estábulo, os vicentinos alugaram a fiação Avigdor, situada no número 21 da rua Victor, e a mobiliaram. O térreo era destinado à vida comunitária dos acolhidos e dos salesianos, e o subterrâneo, ao conjunto das oficinas de sapataria e marcenaria.

O epistolário oferece indicações precisas dos deslocamentos de ida e volta da Ligúria a Nice na iminência do início da obra, em novembro de 1875. Em 15 de novembro, de Sampierdarena, onde tinha acompanhado os salesianos que partiam, no dia 14, de Gênova para a Argentina,¹⁰ Dom Bosco encarregava o padre Rua: “É bem que escrevas ao clérigo Perret, que está em Lanzo, para que faça a mala e venha acompanhar-me a Nice, onde somos esperados para o dia 20. Tudo está preparado. Ele pode ir diretamente a Alassio, onde irei encontrá-lo”.¹¹ Perret era ainda noviço. De Varazze, Dom Bosco, no dia 18, informava padre Rua sobre as duas últimas etapas: “Para o teu conhecimento, amanhã, 19, vou a Albenga; passarei a noite em Alassio. Na manhã seguinte, dia 20, partirei para Nice, onde, por seis dias, tu podes enviar-me a correspondência. Depois do dia ou melhor, pelo dia 26 estarei em Ventimiglia. De 27 a 30, de novo em Alassio, depois em Sampierdarena ou onde te informar”.¹²

⁸ Carta de 23 de dezembro de 1874; E II 425-426 e 426.

⁹ Para os precedentes, os inícios e os desenvolvimentos da obra salesiana de Nice é fundamental o estudo de F. DESRAMAUT, *Don Bosco à Nice: la vie d'une école professionnelle catholique entre 1875 et 1919*. Paris, Apostolat des Éditions, 1980. Para as relações entre a Conferência de São Vicente de Paula e iniciativas benéficas nicenas, com particular referência à obra salesiana, cf. [E. MICHEL], *Noces d'or de la Société de St-Vicent-de-Paul à Nice, 1844-1984*, Nice, 1984, 98 p.; [L. CARTIER], “Historique du Patronage St-Pierre à Nice”, *Bulletin Salésien* 33 (1901) n. 1, jan.-fev., p. 15-22, dedicado ao *Année jubilaire de l'oeuvre de Don Bosco en France*.

¹⁰ Cf. carta ao padre Rua, 15 de novembro; E II 521.

¹¹ E II 520.

¹² E II 523-524.

Ao conde Eugenio de Maistre, de Varazze, escrevia no dia 18 sobre a partida dos missionários e anunciava: “Agora continuo pela costa de Nice com três dos nossos padres para abrir uma casa nessa cidade”.¹³ De Alassio escrevia novamente ao padre Rua: “Se Deus quiser, te escreverei de Nice, para onde parto hoje, às 9 horas da manhã, com Perret, Cappellano e Ronchail”.¹⁴ Eram precedidos de dez dias pelo padre Enrico Guelfi. Dom Bosco acrescentava ao grupo, para a música e o canto, o clérigo Evasio Rabagliati. Em 24 de novembro, após a premissa, “aqui as coisas começaram e podemos iniciar a obra”, dava instruções ao padre Rua para que o clérigo de 20 anos, além de trazer “um pouco de música e a bagagem estritamente pessoal”, acompanhasse a Nice quatro dos oito argelinos enviados ao Oratório pelo arcebispo de Argélia, dom Bavigerie: ele chegaria, contudo, com todos os oito. Melhor se pudesse estar presente em Nice para o domingo 28, “porque nesse dia – explicava – será celebrada a primeira missa no *Patronage de St. Pierre, rue Victor 21*”; “muita benevolência, muita acolhida para nós e para o novo internato, que tem todas as bases do de Turim”.¹⁵ Em 1º de novembro padre Cagliari informava: “no dia 21 do mês passado foi aberto o jardim do Patronato em Nice com um internato de jovens pobres. Diretor o padre Ronchail, professor Perret, pianista Rabagliati, cozinheiro Cappellano”.¹⁶ Ao diretor, Dom Bosco tinha também feito chegar uma carta de recomendação em latim para ser apresentada ao bispo diocesano. Nessa carta declarava que Ronchail era sacerdote “dotado de boas qualidades morais, aprovado por vários bispos para a pregação da palavra de Deus e para escutar devidamente as confissões de ambos os sexos; além disso, tinha o título legal para o ensino das disciplinas clássicas e técnicas e da língua francesa”.¹⁷

A *Semaine de Nice: Revue Catholique*, de 27 de novembro, anunciava a presença na cidade, nos primeiros dias da semana, do “*abbé* Bosco de Turim, o apóstolo da juventude abandonada, o homem de Deus tão humilde quanto admirável por suas obras”. Em seguida dava algumas informações sobre os que o tinham convencido a vir: “É graças à iniciativa e às instâncias do bispo de Nice e de algumas pessoas respeitáveis que foi possível atrair a solicitude da grande alma de Dom Bosco para nossa cidade, onde cresce a cada dia o número dos meninos sem teto, perdidos ou abandonados”. Enfim, anunciava a inauguração do Patronato São Pedro no domingo, dia 28, com missa celebrada pelo bispo às 8h15.

O jornal *L'unità cattolica* informava em Turim a abertura do Patronato. Informava que “oito jovens argelinos, já acolhidos na casa, aí estavam inclusive vestidos como

¹³ E II 525.

¹⁴ E II 526.

¹⁵ Carta ao padre Rua, 24 de novembro de 1875; E II 527. Cf. carta ao mesmo, sem data; E II 528-529.

¹⁶ E II 530. Acentuava ao mesmo no pós-escrito de uma carta de 12 de fevereiro de 1876: “A casa de Nice vai muito bem. Padre Ronchail diretor, Rabagliati pianista, Per[r]et professor, Cappellano cozinheiro, Enrico Guardia assistente” (E III 18).

¹⁷ Atestado de 10 de dezembro de 1875; E II 533.

árabes”, e transcrevia as palavras que o papa tinha pronunciado durante a audiência concedida aos missionários, escutando deles a iminente abertura da obra de Nice: “Deus a abençoe, e que ela seja o pequeno grão de mostarda e se torne uma grande árvore, de tal forma que muitos pássaros possam encontrar abrigo sob seus ramos e que mantenha longe o predador”.¹⁸

2. Sempre presente na casa-mãe da França

Dom Bosco não confiava a obra aos seus sem se fazer presente, com as cartas e pessoalmente. Quatro dias após o retorno a Turim escrevia ao padre Ronchail, diretor em Nice, iniciando com estas palavras: “Os jornais deram um grande destaque à nossa casa de Nice, e nós temos que usar da máxima solícitude para que tudo corra bem”. Dispensava, depois, lembranças, preces e saudações para várias pessoas importantes: o príncipe Sanguwski e a princesa mãe, o advogado Michel, o barão Héraud, o conde e a condessa de la Ferté. Dava normas de governo das coisas pequenas: “Não reter dinheiro, a não ser que haja estrita necessidade; sobrando além disso, mande-o ao Oratório, endereçando-o ao padre Rua; esse dinheiro servirá para as expedições que se deverão fazer”. Mas assegurava: “se sobrevier alguma necessidade inesperada e não houver outra forma de prover, pede imediatamente e procuraremos prover-te. Anota sempre o nome e o endereço de quem dá esmolas, agradece e mantém relações com eles, especialmente os doentes. Creio que dom Sola viu o *Cittadino* de Gênova; se não, faz-me saber para que mande os números que falam dele. Vai visitá-lo de vez em quando. Distribui os bilhetes anexos com saudação a todos, especialmente a Cappellano”.¹⁹

No primeiro ano escolar os internos não passaram de dez, enquanto é incerto o número dos oratorianos. Provavelmente, alguns meses após o início da obra, o superior enviava ao diretor da casa instruções especiais, em resposta também a situações concretas. Isso se encontra em uma minuta de carta autógrafa sem data. Algumas advertências dizem respeito ao regime interno: “observar” os jovens que apresentem sinais de vocação salesiana, cuidar das relações familiares e cordiais “com os clérigos e com os irmãos”; estar atento sobre a frequência dos jovens aos sacramentos e à pregação, convidando para isso eclesiásticos externos; não deixar-se absolutamente envolver na controversa oficialização do santuário mariano local de Laghetto.²⁰

De qualquer modo, o problema mais grave a ser resolvido aparece quase subitamente sobre a localização e a inadequação do edifício do Patronato, realmente sem futuro. Dom Bosco e os seus buscaram logo outra solução. Chamado a Nice para assistir a um *sermon de charité*, feito por dom Gaspard Mermillod em 24 de fevereiro de 1876, Dom

¹⁸ *L'unità cattolica*, n. 284, domingo, 5 de dezembro de 1875, p. 2035.

¹⁹ Carta de 10 de dezembro de 1875; E II 532-533.

²⁰ E II 534.

Bosco pôs-se de acordo rapidamente pela aquisição de Vila Gauthier, place d'Armes, por 90 mil francos, 100 mil levando-se em conta as despesas acessórias. “Nosso contrato foi concluído nesse momento por 90 mil francos”, anunciava ao barão Aimé Héraud;²¹ “concluímos o contrato. A bagatela de 100 mil [cerca de 302 mil euros]. Mas é um belo edifício, prepara o dinheiro”, era o apelo ao fiel administrador, padre Rua.²² Dois meses depois mobilizava o diretor, padre Ronchail, projetando as mais diversas soluções engenhosas: comunicar as indulgências aos “coletores e benfeitores”, fazer um empréstimo mediante hipoteca “local ou de outra posse”, solicitar intervenções por parte do advogado Michel, do príncipe Sanguwski, do município, do prefeito da cidade. Ao mesmo tempo garantia a ajuda segura de Turim.²³ Muito depressa, em carta enviada de Alassio ao padre Ronchail, enquanto visitava as casas da Ligúria, definia os termos da solução: “Além do que te escreverá padre Rua de Turim, tu podes ter como base o seguinte: 1) Fazer um contrato para a aquisição da casa Gaut[h]ier com um mês de prazo para pagar todo o montante previsto no contrato. Franquia de hipoteca. 2) Nesse tempo arranjaréi o modo de colocar à tua disposição os 30 mil francos e até mais, se for necessário. Nesses termos reúnam-se, ou melhor, peça que se reúnam os senhores Advogado Michel e Barão Héraud e dize-lhes que, tendo-nos colocado em ritmo de comum acordo, é necessário que conduzamos a dança a termo a qualquer custo: fadiga, suor, bocejo e até mais. Deus quer e isso basta. Falei longamente com dom Sola, que se mostrou muito animado; disse-me que, chegando em casa, talvez hoje ou amanhã, se ocupará *totis viribus* da casa Gautier, que quer ajudar pessoalmente com outra soma, e espera também alguma coisa de outros, e me convidou a dizer estas coisas a ti, ao senhor Barão e ao Advogado Michel. Presta atenção, pois tínhamos o montante certo sobre o qual eu calculava. Estou certo, mas agora surgem dificuldades. Contudo, já tomei outras providências e, no tempo que te aceno, honraremos nosso compromisso. Agradece de modo especial a nossos dois campeões, para os quais preparei um diploma que lhes agradará, e que enviarei assim que tiver um portador. É bom prestar atenção para que, antes de pagar, se desvincule de qualquer hipoteca que pese sobre nossa propriedade. Cuida bem de tua saúde”.²⁴ Para o contrato padre Ronchail tinha à disposição 10 mil libras; ao padre Rua foi pedido que enviasse 20 mil de Turim.²⁵ A aquisição foi concluída em 9 de agosto. O edifício, dois andares mais o térreo, estava pronto para o novo ano escolástico. Às duas precedentes oficinas foi acrescentada a dos alfaiates. Os alunos internos chegaram logo a quarenta e cinco.

²¹ Carta de 1º de março de 1876; E III 21.

²² Carta de 2 de março de 1876; E III 21. A falta de dinheiro induzia-o a pressionar o destinatário para recuperar o dinheiro gasto nas fases prévias da construção da Igreja São Segundo (cf. cap. 18, § 2.2: “Quando chegar em Turim, falaremos da Igreja São Segundo”).

²³ Carta de 5 de junho de 1876; E III 66-67.

²⁴ Carta de 20 de julho de 1876. E III 74-75.

²⁵ Cartas ao padre Rua até fins de julho (E III 76-77) e ao mesmo, de Sanpierrez Sampierrez, 27 de julho de 1876 (E III 80-81).

A inauguração oficial da nova sede aconteceu solenemente em 12 de março de 1877. A ela acena-se mais adiante, porque é no fascículo sobre a inauguração que é publicado o texto do discurso feito por Dom Bosco, um arquétipo de seus *sermons de charité*, e, como apêndice, as páginas sobre o *Sistema preventivo na educação da juventude*. Na inauguração estiveram presentes o bispo, autoridades civis, o belo grupo dos principais benfeitores, com uma academia musical feita por jovens internos.²⁶ O Patronato de Nice tornou-se a casa-mãe e o protótipo das obras salesianas na França.

Entre os acontecimentos dos meses sucessivos deve-se notar um episódio que evidenciava a vontade de Dom Bosco de manter a própria obra longe, também na França, de grupos políticos. Nos locais do Patronato, como aparece também nas primeiras redações manuscritas do discurso de Dom Bosco durante a inauguração, estavam reservados alguns locais para a sede do Círculo Católico Operário promovido por nobres e burgueses legitimistas, aberta no dia 19 de março.²⁷ A situação criava problemas, visualizados por Dom Bosco ao padre Ronchail em carta de 22 de março, dez dias após a festa de inauguração: “O fato do Círculo Católico ocasionou rumores na cidade e fez nascer opiniões diversas a nosso respeito. O clero, em geral, e parte dos cônegos, não viu com bons olhos, e por isso falam dos padres de Dom Bosco, dizendo que são do partido de Chambord, que querem meter-se na política. Com os que me falaram disto procurei mostrar que não tínhamos nada com esse fato e que ocupavam agora nosso espaço provisoriamente. Provocou, também, má impressão o fato de estar no convite os nomes de Gignoux, Béthune, Michaud, La Ferté, Michel, e isto e aquilo outro porque estes senhores não aprovam os cônegos no problema do Laghetto”.²⁸ Dom Bosco deve ter mostrado aos interessados a incompatibilidade entre as duas obras, o que eles reconheceram de bom grado. Após alguns meses, se transferiram para a Vila Pauliani.²⁹ No opúsculo impresso sobre a inauguração do Patronato em referência ao Círculo, presente na redação manuscrita, não aparecia o texto do discurso de Dom Bosco.³⁰ Contudo, não obstante a fácil acusação de conluio com os legitimistas de França, Dom Bosco teria visitado o conde de Chambord em julho de 1883, na esperança da miraculosa recessão de uma doença incurável.³¹

²⁶ Cf. a primeira edição bilingüe, italiana e francesa, da *Inaugurazione del Patronato di San Pietro in Nizza a Mare*, p. 68; OE XXVIII 380-446.

²⁷ Cf. cap. 2, § 9.

²⁸ Cf. Carta ao padre Ronchail em ASC B 312.

²⁹ Cf. *Notice historique des Conférences et des Oeuvres de Saint-Vincent-de-Paul à Nice depuis la fondation en 1844 à 1883 année des noces d'or de la Société*. Nice, Imprimerie-Librairie du Patronage de Saint-Pierre, 1883, p. 57.

³⁰ Cf. GIOVANNI (s.) BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della giuventù*. Introdução e textos críticos aos cuidados de P. Braidó, RSS 4(1985), p. 179, 222, 236.

³¹ Cf. cap. 31, § 2.

3. Implantação efetiva entre imigrados e nativos, e tensões nas missões (1874-1876)

Nos anos 70 tornaram-se freqüentes os pedidos a Dom Bosco para que enviasse salesianos em diversas missões: Mangalore na Índia, Hong-Kong, Austrália, China, África e, em particular, Cairo no Egito e Estados Unidos. Além do número pequeno do salesianos, Dom Bosco hesitava em face das dificuldades criadas por países fora dos grandes fluxos migratórios italianos, com culturas e línguas notavelmente heterogêneas com relação às raízes neolatinas dos potenciais missionários. Por isso ele respondeu com singular rapidez às solicitações que lhe chegaram da Argentina.

3.1 Na contramão como protagonista

Dom Bosco assumiu pessoalmente para si as responsabilidades e as tarefas da grande iniciativa transoceânica: a escolha, aceitação, preparação e organização da primeira expedição e das outras que se seguiram imediatamente, a implantação, a busca e o fornecimento do pessoal, a incessante busca dos recursos financeiros indispensáveis. Teve constantemente no coração a animação e a reanimação, suscitando e alimentando a vontade de conquista evangelizadora que se dilatava do mundo civil em direção aos indígenas, e vice-versa, com a constante tensão, sempre insatisfeita, para a expansão ilimitada. De resto, essa era a idéia animadora que o tinha inspirado em seu primeiro empenho entre os jovens com o Oratório dos anos 40 em Turim, concebido e vivido como ação claramente missionária em favor sobretudo daqueles que, por vários títulos, estavam distantes.

Como chefes desses que se dedicariam ao longo do tempo à essa exigente empresa, Dom Bosco colocava homens de grande valor e confiabilidade: padre Cagliero (depois bispo e cardeal), o modesto mas tenaz trabalhador Francesco Bodrato, o criativo e empreendedor padre Luigi Lasagna (morto, aos 45 anos, num incidente ferroviário em 1895), o elétrico padre Giacomo Costamagna (depois vigário apostólico e bispo no Equador), o reflexivo e operoso padre Giuseppe Vespignani, grande personalidade no mundo salesiano americano e no interior da Direção Geral da Sociedade Salesiana.

A tudo e a todos dava inicialmente e continuaria a dar – embora com os tantos limites por causa da penúria de meios e de pessoal – o suporte necessário. Além disso, não faltava a direção efetiva e o acompanhamento espiritual, antes de tudo reservado aos principais responsáveis das obras, inspetores e diretores, mas estendido também a cada salesiano e às comunidades.

Competia a ele, por fim, o enorme trabalho de manter viva nos seus e nas relações com as autoridades eclesiásticas e civis, aquém e além do Atlântico, a qualidade missionária da empresa comum e de dar-lhe, enfim, a fundação jurídica com a ereção pontifícia de um vicariato apostólico e de uma prefeitura apostólica na Patagônia e na Terra do Fogo.

A grande aventura tinha início na central operativa do Oratório de Valdocco, na noite de 22 de dezembro de 1874, quando Dom Bosco lia aos membros do Capítulo Superior três cartas chegadas da Argentina com propostas concretas para duas fundações. Uma era em Buenos Aires, o cuidado da Igreja Mater Misericordiae, a pedido do arcebispo, dom Federico Asneiros, por meio do vigário geral da diocese, Mariano Antonio Espinosa; a outra, a gestão de um colégio em San Nicolás de los Arroyos, a cerca de 300 quilômetros da capital, capitaneado pelo pároco, padre Pietro Ceccarelli e pela Comissão Fundadora, presidida pelo rico octogenário José Francisco Benítez. Dom Bosco respondia positivamente, com o compromisso de tratar a questão em modo formal.³²

Os primeiros passos relativos a Buenos Aires foram propiciados pelo comendador Giovanni Battista Gazzolo, cônsul da República Argentina em Savona, com duas cartas: uma de 30 de agosto a dom Asneiros; outra de 10 de setembro a seu mais próximo colaborador, dom Espinosa. Este lhe respondia em 10 de outubro, solicitando que escrevesse ele mesmo à Confraria da Igreja Mater Misericordiae.³³

Ajuntava-se ao mesmo tempo outro suplicante. As cartas do padre Pietro Ceccarelli, de 26 de outubro, 11 de novembro e 2 de dezembro de 1874, enviadas de San Nicolás de los Arroyos, eram inspiradas por verdadeiro entusiasmo em relação aos salesianos. Ele declarava ter admirado Dom Bosco em Roma “nos anos 1867, 1868 ou 1869”³⁴. À carta de 2 de dezembro anexava três documentos oficiais: uma relação sobre a constituição e organização da Comissão, o ato de ereção do edifício do colégio e a descrição do mesmo.³⁵ Esses documentos estavam unidos às cartas, com as quais dirigia a Dom Bosco o pedido oficial de assunção da obra. Padre Ceccarelli, pároco, colocava à disposição dos salesianos a si próprio e seus bens. Giuseppe Francesco Benítez pedia cinco salesianos e assegurava sustento concreto: “colocaremos à disposição de V.S.R. cinco bilhetes de passagem válidos até o porto de Buenos Aires e também uma ordem para as despesas de viagem. A Comissão encarrega-se de prover os móveis necessários, de fixar uma renda de 800 francos por dois anos e de estabelecer uma fazenda com manada de ovelhas como princípio de renda”³⁶.

Na viagem entre Alassio e Sampierdarena, Dom Bosco recebia de Gazzolo toda a documentação. Após ter comunicado, em 22 de dezembro de 1874, os conteúdos ao Capítulo Superior, escrevia imediatamente aos que faziam o pedido, dom Espinosa, padre Ceccarelli, e Benítez. Oferecia uma disponibilidade superior aos pedidos.

³² Sobre os acontecimentos, cf. R. ENTRAIGAS, *Los salesianos en la Argentina*, vol. I: 1874 y 1875. Buenos Aires, Plus Ultra, 1969.

³³ Cartas em MB X 1294.

³⁴ Cf. carta de 11 de novembro de 1874; MB X 1296. O texto das três cartas ao comendador Gazzolo está transcrito em MB X 1296-1299.

³⁵ Textos em MB X 1373-1376.

³⁶ Cf. texto das cartas em MB X 1300-1302.

Na carta a dom Espinosa interpretava as duas diferentes propostas em modo unitário: “1) Enviarei alguns sacerdotes a Buenos Aires para aí formar um colégio central. A isso seria de muito apoio uma igreja para as funções sagradas, especialmente para dar catecismo às crianças mais abandonadas da cidade”. Podia servir tanto “a *Igreja Nossa Senhora da Misericórdia*” como outro local “apto de alguma forma para recolher e entreter os pobres meninos”. “2) Mandarei depois a San Nicolás o número de sacerdotes, clérigos e leigos necessários para o serviço religioso, o canto, e também para dar aula, onde for necessário. 3) Desses dois lugares os salesianos poderiam ser enviados a outros lugares, conforme parecer melhor ao ordinário”. Por fim, precisava que a Congregação era definitivamente aprovada pela Santa Sé, “e – explicava – embora a finalidade primeira seja a cultura da juventude pobre, contudo estende-se a todo ramo do sagrado ministério”.³⁷ Não havia nenhuma referência aos imigrantes ou às missões. Também na carta endereçada ao pároco de San Nicolás, originário de Modena, compreendia em sentido extensivo a proposta feita: “O senhor oferece sua casa, paróquia e seu apoio a estes meus filhos espirituais (...). Nosso único desejo é de trabalhar no sagrado ministério, especialmente para a juventude pobre e abandonada. Catecismos, escolas, pregações, pátios festivos para a recreação, internatos, colégios formam a nossa messe principal (...). Colocando-me, portanto, em suas mãos, enviarei o número de sacerdotes, clérigos, leigos, músicos, artesãos, no tempo e no número que o senhor me disse ser necessário”. Pedia somente que permanecesse em meio aos enviados até que se familiarizassem com a língua e os costumes do lugar. Antes, pedia um envolvimento ainda mais direto – de salesiano “externo” ou quem sabe, professor? –: “Quem sabe se, seguindo os salesianos seu exemplo e seu zelo, os seus conselhos, o senhor não se torne o seu superior efetivo?”.³⁸

Aos *Respeitáveis senhores* da Comissão tocava explicitamente o tema do colégio, partindo de um ponto do esboço de convênio, que lhe era particularmente favorável: “O colégio será confiado à Congregação Salesiana sem limitação de tempo, reservando somente o protetorado como propriedade do povo”. “Tais condições – prosseguia – fazem com que eu aceite de bom grado, e farei de tudo para preparar para o próximo mês de outubro as pessoas necessárias para a direção espiritual e material, os professores para o ensino, para a assistência dos alunos, para o serviço da igreja e do colégio. Seguirei também o programa de um colégio de condição civil. Mas, como a finalidade principal da Congregação Salesiana é o cuidado dos jovens pobres e periclitantes, espero que os salesianos sejam também livres para poder ministrar aos mesmos a escola vespertina, recolhendo-os nos dias festivos em qualquer parque de amena recreação, e desse modo instruí-los nas coisas de religião. Antes, tenho também esperança que encontrarão apoio na caridade dos cidadãos de San Nicolás para recolher os mais pobres

³⁷ Carta sem data; E II 428.

³⁸ Carta sem data; E II 429-430.

e abandonados em algum instituto de caridade a fim de ensinar-lhes uma profissão com a qual possam, a seu tempo, ganhar honestamente o pão da vida”.³⁹

As obras previstas eram análogas as em atividade na Europa. Muito depressa, contudo, inseria-se na conversa o termo “missões” em sentido próprio. Não afluía a referência aos imigrantes. Na perspectiva das missões Dom Bosco apresentava a empresa ultramar no curso das Conferências de São Francisco de Sales, seja na reunião privada de 28 de janeiro, como na solene assembléia, no dia seguinte, com a presença de toda a comunidade de Valdocco.

3.2 Lançamento e preparação febril

Não perdia tempo: em 5 de fevereiro, com uma circular, anunciava oficialmente a todos os sócios salesianos a empresa histórica, prelúdio da dilatada epopéia patagônica, pedindo-lhes disponibilidade para empenhar-se pessoalmente. Falava abertamente de missões. “Entre as muitas propostas – comunicava – que foram feitas para a abertura de uma missão nos países estrangeiros, parece de preferência poder aceitar a da República Argentina. Aqui, além da parte já civilizada, têm-se ainda extensões de superfície interminável habitadas por povos selvagens, entre os quais o zelo dos salesianos com a graça do Senhor poderá ser exercitado. No momento começamos a abrir um internato em Buenos Aires, capital da vasta República, e um colégio com igreja pública em San Nicolás de los Arroyos, não muito distante da capital. Ora, tratando-se de preparar o pessoal que deve ser enviado a fazer a primeira experimentação, desejo que a escolha caia sobre sócios que vão, não por obediência, mas com toda a livre eleição”. Propunha, portanto, este procedimento: fazer o pedido por escrito; o Capítulo Superior examinaria “a saúde, a ciência, as forças físicas e morais” de quem pedia; os pré-escolhidos reunir-se-iam juntos num lugar onde pudessem “instruir-se na língua e nos costumes dos povos, aos quais desejavam levar a palavra de vida eterna”; em linha geral a partida estava “estabelecida para o próximo mês de outubro”.⁴⁰

Era o início de uma mais vigorosa animação. As missões se tornavam tema dominante da propaganda, a começar pelas preleções domésticas e pela correspondência privada. Quarta-feira, dia 12 de maio de 1875, após as orações da noite – registrava Barberis na *Cronichetta* –, “Dom Bosco falou da missão e de Buenos Aires”, percorrendo de novo as negociações entre a Argentina e Turim e recordando que nas casas os salesianos tinham se mostrado “em massa todos muito dispostos a partir se fossem

³⁹ Carta sem data; E II 530-431. No dia 2 de fevereiro escrevia uma carta pessoal ao mais abastado entre os membros da Comissão, o senhor José Francisco Benítez, com o qual permanecerá em constante correspondência. Nela definia padre Ceccarelli como “meu antigo amigo” (E II 449), a quem conhecera, não sabemos como, na Itália.

⁴⁰ Carta de 5 de fevereiro de 1875; E II 451.

enviados, mas que não faziam pedido especial”. Depois anotava: “Viu-se nesses dias um verdadeiro fermento nos jovens do Oratório. Alguns queriam partir também, e logo; outros falavam enfaticamente; outros a se recomendar a algum padre ou membro do Capítulo que os propusessem e sustentassem”. Transcrevia as próprias palavras de animação missionária de Dom Bosco com particular referência a San Nicolás de los Arroyos. Lá haverá trabalho para toda espécie de pessoas”: pregadores para as igrejas públicas, professores para a escola, “cantores e tocadores visto que lá amam muito a música”, pastores de ovelhas, pessoas para os serviços da casa. Acentuava, sobretudo, que próximo da cidade começavam “as tribos dos selvagens os quais, porém – garantia aos menos propensos ao martírio –, são de índole muito boa e muitos já demonstram boa intenção de abraçar o cristianismo uma vez que tenham alguém que lhes ensinasse. Concluía: “enchamo-nos de coragem e procuremos de todo modo preparar-nos para ir fazer o bem naquelas terras”.⁴¹

Poucos dias depois, apresentando ao padre Ceccarelli o pessoal destinado a San Nicolás, confirmava que os salesianos se empenhariam “com boa vontade” quer na gestão do colégio quer nas escolas vespertinas; os cinco sacerdotes eram “todos professores aprovados e munidos de seus diplomas”; entre eles haveria ainda um mestre de música e dois coadjutores, para evitar pessoas de serviço não salesianas “a fim de poder estar sempre mais seguros de suas ações”. “O sacerdote doutor Giovanni Cagliero, inspetor ou vice-superior da Congregação – explicitava – conduzirá os sócios salesianos com plenos poderes para tratar ou concluir qualquer tarefa diante das autoridades civis ou eclesiásticas”. Os salesianos seriam acompanhados pelo comendador Gazzolo, “pessoa – assegurava – que goza de toda a nossa confiança, prático das situações de mar e conhecedor dos países e de muitas pessoas, entre as quais os nossos deverão estabelecer sua morada”. “Os viajantes são, portanto, dez” – sintetizava –, incluindo aí também que era destinado a Buenos Aires.⁴² Na carta seguinte pedia informações detalhadas sobre coisas que eventualmente deviam levadas: roupas, objetos para a Igreja e para a casa; livros litúrgicos e de oração, catecismos, livros escolares; sobre a habitação dos salesianos, o estado das escolas, o piano e os livros de música. Enviava ainda o regulamento das escolas vespertinas de Varazze e Turim e pedia que parte teriam os sacerdotes no ministério paroquial. Pedia, além disso, que fornecesse informações sobre as fórmulas locais das orações cotidianas, de forma a uniformizar-se no livro de piedade que se estava preparando. Concluía: “Neste tempo é necessário que o senhor se arme de paciência, me instrua e me ajude. Desejo que o senhor possa fazer bonito, e que ninguém possa dizer: *é uma mesquinharia*. E como está empenhada a honra de uma congregação nascente, eu não quero economizar nada de pessoal e também de despesa que possa contribuir ao bom êxito da nossa empresa”.⁴³

⁴¹ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. I, p. 9-13.

⁴² Carta de 28 de julho de 1875; E II 488-490.

⁴³ Carta de 12 de maio de 1875; E II 497-498.

No último dia do mês de agosto, informava de Ovada o cardeal Franchi, prefeito da Congregação de Propaganda Fide, das negociações concluídas com os argentinos, evidenciando, em particular, o caráter missionário da abertura do colégio de San Nicolás. Portanto, pondo como premissa que era a primeira vez que a Congregação salesiana abria “casas nas missões estrangeiras”, pedia a concessão de “todos os favores, graças espirituais e privilégios que a Santa Sé” costumava dar “aos religiosos” que iam às “missões estrangeiras” e suplicava ao cardeal para fornecer “os subsídios em dinheiro e em livros, especialmente em espanhol, para o uso da igreja ou da escola”, que julgasse úteis.⁴⁴

Suas intervenções intensificaram-se na iminência da partida. Em 29 de outubro o grupo dos missionários, tendo à frente padre Cagliero, dirigia-se a Roma, sendo recebido no dia 31 pelo cardeal Antonelli e em 1º de novembro pelo papa. Estavam de volta a Turim em 4 de novembro e, a pedido de Dom Bosco, foram recebidos no dia 8 pelo arcebispo,⁴⁵ que tinha lido dias antes sua dramática carta de 28 de outubro.⁴⁶ O convite público para presenciar a função vespertina do dia 11 trazia a data de 8 de novembro. Nele se dizia: “nossos missionários” fariam “sua consagração à augusta Rainha do céu para impetrar o eficaz patrocínio para a nova missão”.⁴⁷

L'unità cattolica, certamente por impulso de Dom Bosco, sublinhava fortemente a idéia de missão estrangeira propriamente entendida. Se o título do anúncio da partida, de 30 de outubro, era reticente, *Os Salesianos de Dom Bosco na República Argentina*, não o era o conteúdo: da Argentina pediam “sacerdotes professores, os quais, naquelas terra difundiriam as sementes da fé e da civilização”. Os primeiros “onze valorosos sacerdotes de Dom Bosco” “em Buenos Aires, capital do Estado”, abririam um “internato de instrução”, e colocariam “em San Nicolás de los Arroyos os fundamentos de um colégio das missões”; “passo a passo”, Dom Bosco saberia “encontrar a estrada da vizinha Patagônia, ou seja, terra de Magalhães, lugar quase estranho à Europa, onde, infelizmente, não entrou até o momento nenhum lume do Evangelho nem idéia de comércio ou de outro elemento civilizado”.⁴⁸ Em 5 de novembro o mesmo jornal falava de *Os missionários de Dom Bosco na audiência com o santo padre*⁴⁹ e intitulava a crônica da função de adeus *Partida dos missionários salesianos para a República Argentina*⁵⁰, reservando ainda um espaço do jornal para escrever os nomes e as funções dos dez missionários salesianos.⁵¹

⁴⁴ Carta de 31 de agosto de 1875; E II 506-507.

⁴⁵ Cf. carta do teólogo T. Chiuso, 7 de novembro de 1875; E II 515.

⁴⁶ Cf. cap. 20, § 4.

⁴⁷ E II 516.

⁴⁸ *L'unità cattolica*, n. 254, sábado, 30 de outubro de 1875, p. 1014.

⁴⁹ *L'unità cattolica*, n. 258, sexta-feira, 5 de novembro de 1875, p. 1030. Publicando o convite de Dom Bosco para a cerimônia de adeus do dia 11, terá como título na *Cronaca italiana*: “Partenza di missionari per Buenos Ayres”: *L'unità cattolica*, n. 163, quinta-feira, 11 de novembro de 1875, p. 1057.

⁵⁰ *L'unità cattolica*, n. 266, domingo, 14 de novembro de 1875, p. 1062.

⁵¹ *L'unità cattolica*, n. 267, terça-feira, 16 de novembro de 1875, *Cronaca italiana*, “I missionari salesiani”, p. 1068.

4. Entrega da missão

No rito de despedida, em 11 de novembro, na parte da tarde, Dom Bosco tomou como tema do discurso de despedida as palavras do Evangelho: “*Ite in mundum universum, docete omnes gentes, praedicate evangelium omni creaturae*”. Tratava-se de evangelização missionária. Começava: “Com essas palavras o divino Salvador dava uma ordem; não um conselho, mas uma ordem de ir às missões para pregar seu Evangelho”. Mais adiante insistia: para obedecer a esse preceito “idealizou-se esta missão. Antes desta, foram idealizadas e propostas, quer na China, quer na Índia, quer na Austrália, quer na mesma América; mas por vários motivos, especialmente por ser nossa congregação incipiente e tendo grande necessidade de membros, não foi possível concretizar. Esta se efetivou agora, seja porque apresentava especial conveniência seja porque nossa congregação, um pouco mais crescida e fortificada, podia agora dispor de membros aptos para essa finalidade”. Mais adiante prosseguia: “Dessa forma damos início a uma grande obra. Não porque tenhamos pretensões ou que, com isso, se creia poder converter o mundo inteiro em poucos dias, não. Mas quem sabe não seja essa partida e esse pouco como uma semente da qual brotará uma grande árvore, quem sabe como um grãozinho de milho ou de mostarda que pouco a pouco vai se estendendo pois está estabelecido de antemão para realizar um bem extraordinário? Assim espero”. Era, por certo, o início de um grande impulso missionário, que ele procurava suscitar entre os mesmos ouvintes, oferecendo dados mais ou menos precisos sobre a preocupante situação pastoral americana, seja entre os fiéis seja entre os “selvagens”. Com efeito, “nas regiões que circundam a parte civilizada – acrescentava – existem grandes bandos de selvagens entre os quais não penetrou ainda nem a religião de Jesus Cristo nem a civilização, nem o comércio, onde ainda não pisou o pé europeu, e esses países são de extensão muito grande. Seus costumes não são ferozes; escutando pregar, em várias partes, a religião de Jesus Cristo, cedem rapidamente; mas, que quereis?, não há quem lhes pregue a religião”. Passava, depois, a agradecer os artífices dessa empresa, os colaboradores e benfeitores. Dirigindo-se, posteriormente, aos que partiam, revelava um detalhe interessante sobre as *Lembranças* impressas, reservadas a eles: “A viva voz já disse a todos em particular aquilo que o coração me inspirava e que eu acreditava lhes fosse útil. Deixo a todos, por escrito, lembranças gerais que sejam como meu testamento para os que partem para países distantes”.⁵²

Na mesma tarde, Dom Bosco partia com o grupo para Sampierdarena. Aí entregava ao chefe da expedição, padre Giovanni Cagliero, uma carta com doze instruções sobre o melhor modo para guiar o grupo e assisti-lo no período da sistematização na América. Padre Cagliero, com efeito, permaneceria na Argentina até os inícios do verão de 1877. Hoje poderia aparecer singular a instrução dada ao chefe da expedição sobre dois dos

⁵² G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 3, p. 3-9. No mesmo caderno se encontra uma longa descrição da função de despedida (p. 11-25); cf. também *Documenti* XV 311-320, FdB 1039 B6-C3.

que partiam, os quais, sem passaporte por ter ainda satisfeito as obrigações do serviço militar, embarcariam em Marselha. Se a passagem clandestina da fronteira fosse bem sucedida, padre Cagliero teria comunicado do porto francês mediante telegrama com as seguintes palavras: *todos bem-vindos e com saúde*; se não, deveria omitir *todos*.⁵³ Obviamente, para Dom Bosco era moralmente lícito ultrapassar uma lei sobre o serviço militar, considerada injusta, que tinha suprimido a isenção dos eclesiásticos e, portanto, “somente penal”,⁵⁴ que não obrigava em consciência.⁵⁵

Ao padre Cagliero confiava ainda uma carta em latim de apresentação dos dez salesianos ao arcebispo de Buenos Aires, com o nome de cada um e o cargo desenvolvido: cinco sacerdotes, um clérigo, quatro coadjutores.⁵⁶

Em duas cartas de Sampierdarena ao padre Rua, de 15 e 16 de novembro, Dom Bosco dava notícias tranquilizadoras: “Ontem acompanhei a bordo nossos argentinos. Alojamento, comida, tudo principesco. Todos estavam alegres e partiram às 2 horas da tarde para Marselha, de onde darão notícias”,⁵⁷ “boas notícias dos nossos missionários. Padre Cagliero escreve de Marselha este telegrama: ‘estamos todos bem de saúde, viagem ameníssima’. Com as palavras ‘estamos todos’ alude a Gioia e a Allavena, que foram encontrar seus irmãos naquela cidade. Dê notícias aos outros irmãos. Agradecemos ao Senhor e continuemos a rezar”.⁵⁸ A operação de expatriação dos dois renitentes ao serviço militar, Giovanni (Pietro no Catálogo oficial da Sociedade) Allavena e Vincenzo Gioia fora realizada com sucesso e a lei italiana não poderia mais persegui-los, pois um morreu na Argentina em 1887, o outro no Chile em 1890.

Em 18 de novembro escrevia também ao conde Eugenio de Maistre, contando a partida de Gênova dos missionários, sua subida a bordo e o primeiro discurso do padre Cagliero aos viajantes e comentava: “Vi com os fatos que a nossa Santa Religião, pregada com clareza e franqueza, é respeitada e bem acolhida pelos mesmos não crentes”. Anunciava, pois, a abertura das obras de Nice na França e de Vallecrosia na Ligúria: “Agora continuo pela costa de Nice com três de nossos padres para abrir uma casa nessa cidade e outra em meio aos protestantes que fazem muita destruição em Bordighera”.⁵⁹ Na viagem de volta para a Itália, nos primeiros dias de dezembro, mandava ao padre Eugenio Reffo, dos *Artigianelli*, acreditado redator de *L'unità cattolica*, o texto do *Breve*

⁵³ Ao padre Cagliero, de Sampierdarena, 13 de novembro de 1875; E II 517-518.

⁵⁴ Sobre o tema, cf. G. PACE, “Le leggi mere penali”, *Salesianum* 9(1947), p. 297-317; 10 (1948) 29-42, 163-211, onde, entre outras coisas, em tempos mudados e em regime democrático, são colocadas em evidência as oscilações históricas e as fragilidades da teoria.

⁵⁵ Cf. cap. 18, § 4.

⁵⁶ Carta de 15 de novembro de 1875; E 519-520.

⁵⁷ Carta de 15 de novembro; E II 521.

⁵⁸ Carta de Sampierdarena ao padre Rua, 16 de novembro de 1875; E II 521. Idênticas notícias sobre a partida de Gênova e a chegada de “todos” em Marselha eram dadas à condessa C. Callori, de Varazze, em 17 de novembro de 1875; E II 523.

⁵⁹ E II 524-525.

de Pio IX de 17 de novembro de 1875, sobre os missionários e sobre os Filhos de Maria, pedindo que o publicasse no jornal e acrescentando: “Reitero os vivos agradecimentos pelo magnífico artigo sobre a função para a partida dos salesianos. De Roma, Florença, Veneza e de muitos lugares recebi cartas de pessoas respeitáveis que o recomendavam, e que derramaram não poucas lágrimas quando o leram”.⁶⁰

5. Lembranças para a missão

Dois dias depois Dom Bosco comunicava ao padre Cagliero que no dia 29 de novembro chegavam de Roma os documentos pedidos para aos salesianos que tinham partido para a Argentina:⁶¹ uma carta de recomendação do cardeal Antonelli ao arcebispo de Buenos Aires, datada de 1º de novembro de 1875; outra do mesmo cardeal a Dom Bosco, de 14 de novembro, que acompanhava dois decretos da Sagrada Congregação de Propaganda Fide sobre a atribuição da qualificação de “missionários apostólicos” ao padre Cagliero e a seus companheiros, assinada pelo cardeal Franchi, e as faculdades que lhes eram concedidas.⁶² Ao padre Cagliero fazia algumas advertências: “Quando você ou os outros escreverem, tenham cuidado de notar as menores particularidades que se referem a vocês. Todos desejam saber as notícias de vocês do modo mais minucioso. Todas as nossas casas estão cheias, todos querem mandar saudações aos missionários, antes, ir vê-los. Fiquem satisfeitos com os pensamentos e mandaremos a seu tempo a efetuação dos projetos”.⁶³

Entre os documentos, o mais próximo do coração dos missionários era, certamente, o folheto das *Lembranças* que lhes foram entregues no momento da despedida. Eram, se assim se quer, uma breve síntese de pastoral e de espiritualidade missionária.⁶⁴ Com os predominantes conselhos de vida espiritual entrelaçavam-se, com efeito, normas de prudência nos comportamentos e exortações ao zelo pastoral, às realidades mais verdadeiras, à salvação das almas, à conquista do Céu, à glória de Deus. Dom Bosco os considerava fundamentais e não teria jamais desistido de evocá-los, coletiva e singularmente. “Buscai as almas, mas nem dinheiro, nem honra, nem dignidade”, era o primeiro.

⁶⁰ Carta de Varazze, 2 de dezembro de 1875; E II 529. Datado de 17 de novembro de 1875, o *Breve* era publicado em italiano e latim no jornal *L'unità cattolica*, n. 285, terça-feira, 7 de dezembro de 1875, p. 2038, sob o título “Pio Nono ed i missionari salesiani”.

⁶¹ Ao padre Cagliero, 4 de dezembro de 1875; E II 530-531.

⁶² Transcritos nas MB XI 584-587.

⁶³ Ao padre Cagliero, 4 de dezembro de 1875; E II 531.

⁶⁴ Cf. A. MARTÍN, *Orígen de las Misiones Salesianas*, Guatemala, Instituto Teológico Salesiano, 1978, p. 167-195, cap. VIII, “Breves glosas a los recuerdos dados por don Bosco a la primeira expedición misionera”; J. BORREGO, “Recuerdos de San Juan Bosco a los primeros misioneros”, RSS 3(1984), p. 167-208.

Seguiam citações dos traços típicos da salesianidade bosquiana, antes de tudo a conservação da moralidade: “caridade e suma cortesia com todos”, mas fugir “da conversação e da familiaridade” com mulheres, fazer visitas “apenas por motivos de caridade e de necessidade”, não aceitar “convites de almoço somente por gravíssimas razões”, fugir do “ócio”, “grande sobriedade nos alimentos, nas bebidas e no repouso” (*Lembranças* 2, 3, 4, 5). Era recomendado, além disso, em nações novas, particular deferência para com qualquer autoridade, civil e eclesiástica, diocesana e religiosa (*Lembranças* 6, 7, 8, 10). Entre povos em pleno desenvolvimento, mas ao mesmo tempo crescidos pela imigração de pobres em busca de trabalho e de digno sustento e assediados pelos “selvagens”, era inevitável o chamado à pobreza e ao trabalho, embora bem dosado: cuidar “de modo especial dos doentes, das crianças, dos velhos e dos pobres”; cuidar da própria saúde; que os conheçam como “pobres nos alimentos, no modo de vestir, nas habitações”, porque a pobreza era a verdadeira riqueza “diante de Deus” e diante dos homens, em grau de conquistar o seu coração (*Lembranças* 5, 11,12). Tais comportamentos, contudo, podiam subsistir, se os evangelizadores retirassem sustento das duas fontes primárias: a caridade como amor a Deus e ao próximo, e a piedade. Elas seriam ainda o terreno fecundo para a promoção das vocações eclesiásticas e salesianas, que se tornava ainda mais prócio pelas habituais e típicas solitudes: sugerir o amor à castidade e o horror ao vício oposto, cuidar da separação dos jovens bons dos malvados, recomendar a comunhão freqüente, praticar “a caridade com sinais de *amorevolezza* e de benevolência” (*Lembranças* 13, 14, 15, 16, 17, 19). Por fim, “nas fadigas e nos sofrimentos” o coração crente do missionário devia voltar-se para o céu, onde estava preparado “um grande prêmio” (*Lembranças* 20).

Em 6 de dezembro de 1875, após vinte e cinco dias de ausência de Dom Bosco de Turim, no *Diario dell’Oratorio* do padre Chiala e padre Lazzero se anotava: “Dom Bosco volta. De noite, após as orações, conta aos estudantes e aprendizes reunidos no auditório a viagem a Sampierdarena com os missionários, a separação, a missão começada a bordo”;⁶⁵ além disso havia lembrado as várias etapas percorridas, acrescentando notícias recebidas dos navegantes desde Marselha, Barcelona, Gibraltar, até a ilha cabo-verdiana de São Vicente, e anunciando as etapas seguintes.⁶⁶

Seguia, nos meses sucessivos, a série de dezoito cartas dos *Missionários Salesianos*, publicadas em dezenove capítulos por *L’unità cattolica* no período entre 20 de janeiro e 24 junho de 1876.⁶⁷ Entrelaçavam-se outros títulos de teor similar: *Missão salesiana na República Argentina*, que iniciava: “Um dos motivos principais da expedição dos salesianos na República Argentina era de fazer nova prova de evangelizar os pata-

⁶⁵ J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell’Ottocento*, p. 40.

⁶⁶ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 4, p. 26-36. O discurso continuava na noite de 8 de dezembro com informações sobre a iminente fundação em Vallecrosia (*Ibid.*, p. 37-42).

⁶⁷ A única crônica não “missionária” era a relativa à “L’inaugurazione del Collegio dei salesiani in San Nicolás”, *L’unità cattolica*, n. 116, quarta-feira, 17 de maio de 1876, p. 462.

gões, que até então estavam obstinados a todo princípio de civilização e de religião”.⁶⁸ *As missões salesianas na Patagônia*, com ampla e, em parte, fantasiosa descrição – que correspondia às reais persuasões de Dom Bosco – da situação cultural e religiosa da “vastíssima região”, que juntamente com “os *pampas* – se afirmava – que estão ao sul e se estendem até quase ao Equador, e são também habitadas por selvagens, e as ilhas espalhadas aqui e ali ao seu redor, forma uma extensão quicá maior que a Europa. Não se conhece o número dos patagões: mas parece muito superior a quanto até o momento os geógrafos assinalaram para essas terras, uma vez que parecem chegar a vários milhões. Eles são inteiramente selvagens, sem leis, sem governo, sem casas”.⁶⁹ No imaginário de Dom Bosco as dezenas de milhares se tornavam milhões.

A idéia da *missio ad gentes* voltaria na despedida aos que partiam em novembro de 1876 e 1877, quando Dom Bosco falou ainda, já que nos anos seguintes foi substituído por outros. Em 7 de novembro de 1876, lembrando a função do ano precedente, voltava ao que tinham feito então os que partiam: “Foram antes a Roma para tomar a bênção do santo padre, encontrando no Vigário de Jesus Cristo a mais cordial acolhida, e dele receberam a missão. Voltaram a Turim e partiram em 11 de novembro daqui, dos pés de Maria Auxiliadora”. Também a seus sucessores, agora, faltava somente “ir a Roma, pedir a bênção especial do sumo hierarca da Igreja, do vigário de Jesus Cristo”. Terminava fazendo referência às *Lembranças*, que eles já tinham lido e teriam podido reler.⁷⁰

Uma explícita ponta de polêmica anti-protestante estava sugerida no discurso da “missão”, conferida em 7 de novembro de 1877. “Vejam um pouco – perguntava-se Dom Bosco –: o que significa a palavra missão?” e quem a podia legitimar e conferir? Respondia resolutivo: “Aquele que em nome de Deus está no meio de nós, o sumo pontífice. Dele devemos receber o *ite*. E agora, antes que se dirijam à América, passam por Roma. Não vão somente para receber uma bênção, para vê-lo, para prestar-lhe homenagens. Mas antes para receber dele a missão, como se fosse o mesmo Jesus Cristo: *Ite praedicate evangelium meum omni creaturae*”. “Os protestantes, quem os envia? (...) A Rainha da Inglaterra (...). De quem recebem a missão os missionários católicos? De Jesus Cristo representado pelo seu vigário, o sumo pontífice (...). Um para ganhar almas, o outro para ganhar dinheiro”.⁷¹

6. Implantação da obra americana com o padre Giovanni Cagliero

Dom Bosco acolheu prontamente as obras propostas. De outro lado, elas não diferiam das que já existiam na Europa, ainda que, muito rapidamente, fossem concebidas

⁶⁸ *L'unità cattolica*, n. 182, domingo, 6 de agosto de 1876, p. 726.

⁶⁹ “L'Unità Cattolica”, n. 195, Quarta-feira, 23 de agosto de 1876, p. 778.

⁷⁰ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 10, p. 14 e 22-23.

⁷¹ G. BARBERIS, *Cronaca*, quad. 16, p. 33-41.

como um ponto do qual desenvolvesse a iniciativa completamente nova das missões entre os assim chamados selvagens. Contudo, nem para as possíveis obras entre os civis nem para a ação missionária ele estava em grau de preparar planos operativos precisos. Os protagonistas dos primeiros anos de atividade tiveram que inventar quase tudo, em geral com falta pessoal e de meios: logo surgiram problemas pela inadequação de alguns, a não adaptação de outros e alguma defecção. Todavia, crescidos na escola de um homem corajoso e clarividente e sustentados pelo fascínio que ele continuava a exercitar sobre eles, imprimiram em sua ação um ritmo veloz, que conduziu muito rapidamente a desenvolvimentos imprevisíveis, graças ao trabalho sobre-humano e extenuante.

Os inícios da missão eram confiados à responsabilidade do padre Giovanni Cagliero, membro do Conselho Superior e representante *ad omnia* de Dom Bosco, que em fato de confiança podia ser considerado igual ao padre Michele Rua, o colaborador mais próximo, vigário de fato antes que de direito e, por fim, sucessor. Ao padre Cagliero sucederiam com a responsabilidade de inspetores ou provinciais padre Francesco Bodrato (1877-1880), padre Giacomo Costamagna (1880-1894) e, para o Uruguai e o Brasil, padre Luigi Lasagna (1882-1895).

Padre Giovanni Cagliero entrara com 13 anos no Oratório, em novembro de 1851. Forjado por Dom Bosco como aspirante à vida eclesiástica e religioso salesiano até tornar-se o segundo no Conselho que assistia Dom Bosco no governo da Sociedade Salesiana. Nos vinte meses de sua primeira permanência americana ele era destinatário de um número notável de cartas do superior, que o guiava e escutava, informava e era informado, em uma convergência de responsabilidades e de decisões extraordinariamente fecunda.

Esse clima de empreendimento regulado e livre em Buenos Aires, que ia além de quanto previsto em Turim e ao qual Dom Bosco se abria prontamente, permitia uma particular atenção às necessidades espirituais dos imigrantes italianos. O empenho se desenvolvia na Igreja da Confraria *Mater Misericordiae*, que o hábil chefe de missão obtinha bem logo em uso perpétuo. O cuidado pastoral de uma comunidade católica de imigrantes se revelava como missão mais urgente que a mesma *missio ad gentes*.⁷² Aí se empenhava em parte o próprio padre Cagliero, mas com zelo ilimitado o humilde Giovanni Baccino (1843-1877), arrancado muito rapidamente de seu trabalho sem respiro em 14 de junho de 1877. Ele não recebeu nenhuma carta de Dom Bosco, o qual, contudo, o relembra várias vezes nas cartas ao padre Cagliero. Vice-versa, suas cartas a superiores e companheiros salesianos na Itália e ao mesmo Dom Bosco revelam-se transbordante de amor pelo Pai, que o sustentava e incitava no seu trabalho: dirigidas ao superior distante contam-se oito sobre dezenove restantes.⁷³ Sua visão da situação

⁷² Cf. C. BRUNO, *Los salesianos e las hijas de María Auxiliadora en la Argentina*, vol. I (1875-1894), Buenos Aires, Instituto Salesiano de Arte Gráfica, 1981, p. 48-61.

⁷³ Cf. J. BORREGO, *Giovanni Battista Baccino: estudio y edición de su biografía y epistolario*. Roma, LAS, 1977.

religiosa e moral da cidade não era otimista, exigindo dele um empenho apostólico mais intenso. Pedia livros, mas sobretudo “bons e laboriosos padres” “visto que a messe era muita”: “temos necessidade de ajuda e rápida, se não esses argentinos nos matam de tanto trabalho”; “envie um bom e forte diretor”; não tire o padre Cagliari, “às Índias mande outros”; com reforços no pessoal “desafiaremos todos os diabos do inferno”; “a igreja é muito freqüentada”, repetia; estava-se desenvolvendo uma verdadeira ação “missionária”. “Desejo, ainda uma vez, ver meu querido Pai Dom Bosco”, era o último e incôscio pedido: escrevia em 20 de abril de 1877, morria em 13 de junho.⁷⁴

A primeira carta de Dom Bosco ao padre Cagliari é de janeiro de 1876, escrita após a primeira que recebeu da América. Ela mostra como Dom Bosco sonhava, longe do novo campo de trabalho, tendo insuficiente percepção das dificuldades das obras que apenas se iniciavam. Como já se viu, prometia para outubro o envio de “trinta Filhas de Maria Auxiliadora com uma dezena de salesianos”, e acrescentava, cheio de fantasia: “Visto a grave penúria de clero que existe no Brasil, não será o caso de ver a possibilidade de uma casa no Rio de Janeiro?”.⁷⁵ Na carta sucessiva acusava o recebimento de outra do padre Cagliari e de outros salesianos, entre os quais padre Fagnano, diretor do colégio de San Nicolás de los Arroyos. Tocava o problema “dos salesianos e das auxiliadoras, dos jardineiros etc.” a serem preparados. Esperava do padre Cagliari “disposições positivas” e lhe sugeria como bom pregador um tal padre Sammory. Manifestava, depois, desagrado por uma carta que o padre Tomatis tinha enviado de San Nicolás ao padre Francesia, diretor em Varazze, “na qual – explicava – ele diz não estar tanto de acordo com alguém e que em breve tempo retornará para a Europa”; e o encarregava de fazer-lhe uma lição básica de mentalização missionária: “Dize-lhe duas coisas: 1) Que um missionário deve obedecer, sofrer para a glória de Deus e dar-se máxima solicitude para observar os votos com os quais consagrou-se ao Senhor. 2) Que quando tivesse motivo de descontentamento, que o diga ao seu superior ou escreva imediatamente a mim, e assim se saberá como agir. Dava informações e transmitia saudações por parte de muitos conhecidos turineses e romanos, e pedia notícias do “estado financeiro”. Encarregava-o de obsequiar os colaboradores e os benfeitores, o arcebispo, dom Espinosa, padre Ceccarelli, “papai Benítez”, louvado pelos conhecidos de Turim por causa da carta escrita em perfeito latim.⁷⁶ De fato, o padre Tomatis, em carta de 28 de dezembro, após uma semana da chegada na cidade argentina, referia-se, sem nomeá-lo, ao coadjutor Molinari, mestre de música, em desarmonia com os outros seis membros da comunidade.⁷⁷ Dom Bosco escrevia novamente, dois dias depois, para manifestar ao

⁷⁴ J. BORREGO, *Giovanni Battista Baccino* p. 380, 388, 390, 393, 402, 403, 404, 405.

⁷⁵ Ao padre Cagliari, janeiro de 1876; E III 11.

⁷⁶ Ao padre Cagliari, 12 de fevereiro de 1876; E III 17-18.

⁷⁷ Cf. D. TOMATIS, *Epistolario (1864-1903)*, editado por J. Borrego, Roma, LAS, 1994, p. 60. Dom Bosco retomará, depois, diretamente o padre Tomatis (cf. carta de 7 de março de 1876; E III 26-27).

autor do *Filho do exílio* a profunda comoção tida no dia anterior, “ontem”, no teatrinho, onde fora representada a sua *Discussão entre um advogado e um ministro protestante* e executada a romança do Cagliero: “em todo o tempo do canto e da representação não fiz outra coisa a não ser pensar em meus caros salesianos de América”.⁷⁸ “Dá-me notícias positivas sobre o estado material, moral e sanitário de nossas casas e das pessoas”, pedia ainda no mês seguinte de Varazze.⁷⁹ “Saúda nossos caros salesianos e diz a todos: *Alter alterius onera portate et sic adimplebitis legem Christi*”, repetia duas semanas após.⁸⁰

No entanto, pouco realista para quem agia na parte de cá do oceano, Dom Bosco continuava a viver de fantasia, impossibilitado de constatar visivelmente a desproporção entre tanto trabalho e a exigüidade quantitativa e qualitativa das forças. Como prelúdio, em 16 de abril de 1876, apresentava ao ministro do Exterior, Luigi Amedeo Melegari (1805-1881), um moderado de Esquerda que subira ao poder em 25 de março, o projeto para o estabelecimento de uma colônia italiana na Patagônia oriental, do 40° ao 50° paralelo, onde – como ele acreditava –, “não existe nem habitação, nem porto, nem governo que tenha algum direito”. Ela poderia recolher – afirmava – “a imensa quantidade de italianos que atualmente vivem sem condições nos Estados do Chile, da Argentina, do Uruguai, do Paraguai etc.”, aí encontrando “língua, costumes e governo italiano”.⁸¹ Em duas cartas sucessivas ao onipotente secretário do ministério, Giacomo Malvano (1841-1922), um maçom favorável a Dom Bosco, e ao mesmo ministro, passava a pedir mais concretamente subsídios e sustento para os salesianos que se preparavam para partir e para a obra salesiana na América, “que, além de ser nacional – explicitava –, está direcionada a melhorar a classe mais necessitada da sociedade, os filhos periclitantes das famílias italianas”.⁸² O clima político e a função dos interpelados consentiam como resposta somente uma cortês carta elusiva de Malvano.

Os dezessete pontos da carta de 27 de abril de 1876, escrita de Roma ao padre Cagliero, variavam entre os temas mais diversos, todos concernentes à obra na Argentina e às missões do futuro, em particular a construção de circunscrições eclesiais missionárias na Patagônia, vicariatos ou prefeituras. Quando não existia nem mesmo sombra de verdadeira missão, Dom Bosco informava: “O santo padre manifestou grande consolação por causa de nossa missão argentina; comigo e com os outros louvou o espírito de catolicismo que se manifestou sempre entre os salesianos”. Ao salesianos na América “concedeu muitos privilégios e favores espirituais”. Condecorou Benítez com o título de comendador e o padre Ceccarelli de camareiro secreto. Dava indicações particularizadas sobre a festa que o padre Fagnano e o padre Tomatis deveriam preparar para a entrega solene das condecorações. Também para o

⁷⁸ Ao padre Cagliero, 14 de fevereiro de 1876; E III 19.

⁷⁹ Ao padre Cagliero, 12 de março de 1876; E III 29.

⁸⁰ Ao padre Cagliero, 30 de março de 1876; E III 32.

⁸¹ Carta de 16 de abril de 1876; E III 44-45.

⁸² Carta de 12 de agosto de 1876; E III 84-85.

arcebispo de Buenos Aires lhe parecia que o papa tivesse “algum projeto”, o cardinariato. Ainda mais, o papa tinha proposto aos salesianos três vicariatos apostólicos nas Índias, na China e na Austrália. Dom Bosco dizia ter aceito um nas Índias. Para tanto, tinha a previsão de aí empregar padre Cagliero e, portanto, a necessidade que retornasse na Europa: para abrir uma casa em Roma e depois partir para as Índias. Pedia-lhe que o informasse sobre o pessoal necessário, salesianos e irmãs, prometendo que enviaria logo. Sugeria-lhe que propusesse ao arcebispo de Buenos Aires, por parte do Santo Padre, a oportunidade da colocação dos salesianos na Patagônia, “considerando sempre para nossa base a implantação de colégios e de internatos”, “nas proximidades das tribos selvagens”. Pedia “um quadro do estado financeiro”. Quase como conclusão, dava vazão aos próprios sentimentos paternos: “Quando puderes falar aos salesianos, diz-lhes que os amo muito em Jesus Cristo e rezo cada dia por eles. Que se amem mutuamente, que cada um faça tudo o que pode para fazer-se amigos e diminuir *coram Domino* qualquer rixa ou desprazer com os outros”.⁸³

Em maio de 1876, em Roma, Dom Bosco apresentava ao cardeal Franchi, prefeito de Propaganda Fide, o projeto salesiano para a Patagônia, descrita com tintas tetricas: região habitada por cerca de um milhão de nativos; nela, com efeito, “seja pela vasta superfície, seja pela pequena população, seja pela índole feroz e a estatura gigantesca dos mesmos, seja ainda pela inclemência do clima”, “nem cristianismo nem civilização pôde até o momento penetrar, nem alguma autoridade civil ou eclesiástica conseguiu estender aí sua influência ou seu império”. Tinham aparecido – acrescentava – nos últimos tempos “alguns albores de esperança e de misericórdia divina”, graças à fundação nas vizinhanças de cidades e vilas de civilizados, com relações iniciais. As duas obras, em Buenos Aires e San Nicolás, eram o primeiro núcleo de institutos juvenis que deveriam estender-se “nos confins”, para fazer ponte entre os filhos aí educados e os “pais e portanto, pouco a pouco, fazer-se estrada no meio das tribos selvagens”. Era já um início de “evangelização entre selvagens”. Pedia, portanto, subsídios para a abertura de novas obras, para a preparação e o envio do pessoal, para a aquisição de tantos meios materiais indispensáveis. Pedia, enfim, que fosse estabelecida uma prefeitura apostólica pela qual seria possível “aí exercitar a autoridade eclesiástica sobre os Pampas e os Patagões, que por ora – dizia – não pertencem a nenhum ordinário diocesano nem a nenhuma região de governo civil”.⁸⁴ Conhecida-se, ao invés, a pertença da imensa região ao sul da capital argentina à arquidiocese dirigida por dom Aneiros, que não teria jamais admitido, nem no presente, nem no futuro, a existência de um vicariato apostólico retirado da jurisdição do ordinário.

Ao padre Cagliero falava ainda da disponibilidade de Pio IX a tentar alguma coisa na Patagônia e nos Pampas” e de sua vontade – que era sobretudo de quem escrevia – que se abrisse “o quanto antes um colégio ou internato em Dolores”, na região central, ao

⁸³ Ao padre Cagliero, 27 de abril de 1876; E III 51-53.

⁸⁴ Memorial de 10 de maio de 1876; E III 58-61.

sul de Buenos Aires, que Dom Bosco pensava, erroneamente, estar próximo das tribos dos índios. Falava também de outros assuntos: das propostas dirigidas à Propaganda Fide, uma delas feita pelo comendador Gazzolo, para a criação de uma prefeitura apostólica; da preparação da segunda expedição missionária; e do desejo de retornar urgentemente a Turim.⁸⁵ Um mês depois lhe anunciava a chegada dos dois diplomas para Benítez e Ceccarelli, e exortava-o a entrar em contato com o embaixador italiano em Buenos Aires, marquês Spinola, “bom cristão e bom católico”, a quem repetia o desejo do papa de que os salesianos se empenhassem “com os Pampas e Patagões”: “eu creio – acrescentava agora a título pessoal – que uma casa em Dolores seria muito oportuna. Uma outra em Córdoba e também mais em direção aos selvagens”; e informava, temerário: “No entanto, nesta semana, escrevo ao bispo de Conceição, no Chile, para ver a possibilidade de abrir outras instituições daquele lado. Isto quer o Senhor de nós neste momento! Podemos ter casa e colégios de baixa condição, abrigos nos quais sejam aceitos selvagens ou semi-selvagens. Grande esforço para cultivar as vocações”.⁸⁶ Não dizia com quem haveria de realizar isso tudo. Mas Dom Bosco esperava muito nas vocações locais, tanto é verdade que pedia formalmente a Pio IX a autorização, concedida em 6 de julho, de abrir na América uma casa de noviciado:⁸⁷ “ampla faculdade de Roma de abrir noviciado e estudantado na América, em qualquer lugar, mas de *consensu Ordinarii Dioecesiani*, como verás pelo Decreto aí anexo”, anunciava ao padre Cagliero.⁸⁸ No entanto, prosseguia, insistente, o incitamento para estender as obras em várias direções, enquanto pensava também nos outros continentes: “Não perder de vista *Dolores* – insistia, como se o padre Cagliero tivesse um exército de salesianos à disposição – e eu creio que seja de interesse do governo que se abra lá uma casa modelada sobre a de Turim ou de Sampierdarena. Trata em forma positiva com o senhor arcebispo e com o querido dom Ceccarelli”. Sonhador confesso, continuava: “Tu és músico, eu sou poeta de profissão; por isso faremos de modo que as coisas das Índias e da Austrália não atrapalhem as coisas da Argentina, e tu ficarás aí até que tudo esteja arranjado, e conforme a tua *sabedoria* julgarás quando podes retornar a Valdocco sem perturbação (...). Faze o que podes para recolher jovens pobres, mas dá preferência aos, se é que existem, de proveniência selvagem. E, se fosse possível enviar alguns a Valdocco, eu os receberei de bom grado”.⁸⁹

No entanto, os projetos estendiam-se às costas do Pacífico. Com carta em latim ao bispo de Concepción no Chile, Dom Bosco descrevia, misturando virtual e real, a presença dos salesianos na América e seu método de evangelização: “Montevideú, Buenos Aires, San Nicolás de los Arroyos e Dolores já têm colégios salesianos. A evan-

⁸⁵ Carta de 30 de maio de 1876; E III 64-65.

⁸⁶ Carta de 29 de junho de 1876; E III 68-69.

⁸⁷ E III 70-71.

⁸⁸ Carta de 1º de agosto; E III 81.

⁸⁹ Ao padre Cagliero, 13 de julho de 1876; E III 72-73.

gelização por meio dos internatos para jovens abandonados parece via segura e muito útil. Se V. E. aceitar, gostaria de tentar estender às terras ocidentais da Patagônia”. Pedia, no entanto, caso o projeto fosse tido como “digno de consideração e oportuno”, se o Governo chileno quisesse favorecê-lo e sustentar, qual língua se falava na república.⁹⁰ Retornava sobre temas precedentes em carta ao padre Cagliero, com autoridade diretiva, em vista da entrada no Uruguai: “Se se decide por Villa Colón – escrevia –, eu enviarei como diretor padre Daghero, ou padre Tamietti, ou padre Lasagna, ou padre Belmonte (...). Todos estão bem preparados”.⁹¹ Seria escolhido padre Lasagna.⁹² No entanto, acentuava ao padre Cagliero: “No geral, lembra-te sempre que Deus quer nossos esforços em direção aos Pampas e aos Patagões, e às crianças pobres e abandonadas. Não recebi ainda a resposta do senhor arcebispo [para a fundação em Dolores]; o cardeal Franchi espera com ansiedade esta carta; mas comodamente”. Confiava-lhe algumas tarefas: “Caríssimo padre Cagliero, quanto trabalho! Outros te escreverão outras coisas. Transmita afetuosa saudação ao padre Baccino e diz-lhe que estou muito satisfeito com ele, e que continue (...). Eu sou da opinião que ao menos um dos que estão em San Nicolás, desde que saiba bem o espanhol, possa transferir-se para Montevideu para o futuro colégio em projeto”. Sugeria-lhe outra idéia: “se por acaso acontecesse de poder enviar para a Europa uns dez dos Pampas ou da Patagônia ou algo semelhante, manda-os”.⁹³ Um mês depois escrevia: “Recebo neste momento tua carta de San Nicolás. Arranjarei. Mas não parece ser mais conveniente padre Daghero que padre Tamietti? Até 15 de setembro espero poder indicar-te o pessoal para Villa Colón”;⁹⁴ “no dia 1º de outubro terá a lista dos nomes e cargo. Para as irmãs, teremos que esperar até abril”.⁹⁵ Tinha comunicado ao padre Cagliero, em 13 de agosto, que o arcebispo estava concorde com uma obra em Carmen de Patagones,⁹⁶ acrescentando complacente e irradiante: “São duzentos que pedem para ir a Patagônia. Toda a Itália política e religiosa fala de nosso projeto para a Patagônia. Deus o deseja, e que nos ajude a fazer a nossa parte”.⁹⁷ Era verdadeiramente a fantasia no comando!

A pedido do cardeal Franchi, Dom Bosco enviava-lhe uma longa memória sobre a Patagônia, que tinha solicitado ao padre Barberis para compilar. A ele havia traçado um esquema e indicado as fontes de referência.⁹⁸ Aproveitava da ocasião para pedir auxílios

⁹⁰ Carta de 29 de julho de 1876; E III 79-80.

⁹¹ Carta de 1º de agosto de 1876; E III 81.

⁹² Em carta precedente, tinha estabelecido o padre Bodrato como “capitão salesiano” da segunda expedição (carta de 30 de maio de 1876; E III 65), mas repartida entre Argentina e Uruguai, a expedição teria dois distintos chefes.

⁹³ Ao padre Cagliero, 1º de agosto de 1875; E III 81-82.

⁹⁴ Ao padre Cagliero, 1º de setembro de 1876; E III 93.

⁹⁵ Ao padre Cagliero, 12 de setembro de 1876; E III 95.

⁹⁶ Cf. carta de dom Aneiros a Dom Bosco, 1º de julho de 1876; MB XII 667-668.

⁹⁷ E III 87.

⁹⁸ Ao padre Barberis, 14 de maio de 1876; E III 61-62. Cf. J. BORREGO (ed.), “La Patagonia e le terre australi del continente americano pel sac. Giovanni Bosco”, RSS 7(1988), p. 255-442.

para a segunda expedição, dinheiro e objetos para o culto, “especialmente para as casas que [os missionários] – dizia – estão por abrir nos confins da Patagônia” e para informar que “as vocações indígenas em San Nicolás e em Buenos Aires já começaram a se manifestar, e espero que daqui a alguns anos as expedições se tornem raras”.⁹⁹ Persistia a ilusão de que, para vocações, a Argentina fosse a Itália.

O discurso missionário continuava dilatado: “grande fermento para ir às missões: advogados, notários, párcos, professores pedem para ser salesianos *ad hoc*. Fazem todo esforço para ter alunos ou adultos que viveram em meio dos selvagens. Se alguns quisessem vir à Europa para estudar ou aprender alguma profissão, podem mandá-los. Vós escrever-me a visita que fará com o arcebispo em *Carmen* ou *Patagones*; a ele dirás que o Santo Padre deseja muito expedições para os selvagens e aplaude nossos esforços para abrir casas de educação em suas terras e colocando todos os nossos esforços para ter clero indígena”.¹⁰⁰ No mês seguinte informava: “os missionários estudam espanhol. Vários já estão bem; outros *secundum quid*; mas em breve tempo de estudo local creio que se tornarão capazes de entrar na sala de aula”, como professores. “Não tenho tempo para escrever mais. Dê notícias nossas a todos, dizendo que os amo em Jesus Cristo e rezo muito por eles, mas que permaneçam firmes como colunas, e sejam santos como o nosso Patrono etc.”.¹⁰¹

7. Extensão da ação na América

Importante para o consenso em relação às duas novas obras em Buenos Aires e aos outros projetos em 1877 era a carta de Dom Bosco, de 31 de outubro de 1876, escrita enquanto esperava notícias sobre a visita pastoral do arcebispo Asneiros a Carmen de Patagónes, que não aconteceu: “Já terás recebido meu consentimento para a *Boca do diabo* [Boca del diablo] e para a Paróquia São Carlos”; “para 1877, quero que venhas fazer um passeio na Europa para, posteriormente, fazer outro em *Ceilão* nas Índias, a fim de abrir ali outra missão assaz importante”, “contanto que as coisas em Buenos Aires estejam bem firmes e ordenadas”; “é indispensável um local ou parte de local para se destinar a um noviciado. Se for necessário, já tenho preparado o mestre dos noviços”.¹⁰²

A segunda expedição de salesianos para a América contribuiu muito para intensificar o motivo missionário, embora com a inexistência de centros missionários verdadeiros e próprios. Muitas são as notícias que se retiram das cartas ao padre Cagliero sobre a preparação dessa expedição. Em particular, insistia em pedir e em fazer pedir “passa-

⁹⁹ Ao cardeal A. Franchi, 23 de agosto de 1876; E III 88-89.

¹⁰⁰ De Lanzo ao padre Cagliero, 12 de setembro de 1876; E III 95.

¹⁰¹ De Vignale ao padre Cagliero, 13 de outubro de 1876; E III 103-104.

¹⁰² Ao padre Cagliero, 31 de outubro de 1876; E III 107.

gens” ou bilhetes gratuitos de viagens transoceânicas.¹⁰³ A expedição foi anunciada na circular de 15 de agosto, que dava informações sobre o trabalho até então realizado e pedindo às “pessoas caridosas” o socorro da beneficência.¹⁰⁴ Era composta de vinte e três integrantes: os destinados a Argentina eram chefiados por Francesco Bodrato, e os enviados para abrir a nova obra em Villa Colón, perto de Montevidéu, no Uruguai, pelo padre Lasagna. Em 4 de novembro se divulgava o convite para o rito de despedida.¹⁰⁵

O *Diário do Oratório* do padre Chiala e padre Lazzero, nos dias 14 e 15 de novembro, resume os fatos seguintes: “14, Dom Bosco acompanhou os missionários ao navio *Savoie*, tomou com eles o *déjeuné*; foi recebido de forma cordial pelo capitão do navio, que deu seu retrato de presente a Dom Bosco, demonstrando-se muito feliz em ter consigo, até Buenos Aires, seus filhos missionários. Lembrou que a do ano anterior foi uma das melhores viagens. Um vendedor de bíblias protestantes que começava a procurar briga com Dom Bosco no navio, foi imediatamente expulso por ordem severa do capitão. 15, a caravana salesiana destinada a Montevidéu partiu de Sampierdarena. Dirigiram-se para Bordeaux. Pensavam poder partir em 20 de novembro com o navio *Orenoch*. Este, ao invés, partiu no dia 18, e não acabaram não chegando a tempo. Tiveram que aguardar até o dia 1.12.1876. Hospedaram-se no seminário maior daquela cidade”.¹⁰⁶ No dia 14 dava algumas orientações ao padre Cagliero sobre a distribuição do pessoal guiado pelo padre Bodrato e lhe recomendava: “ao destinar o pessoal em cada casa, procura que os sócios ali estejam reunidos e se leiam as lembranças do ano passado com alguma palavra”. “Entre as coisas que não se podem perder de vista – acrescentava – estão uma casa ou lugar para um noviciado ou estudantado. Faze o que puderes para ter algum índio para ser educado no sentido de vocação eclesiástica. Se for necessário, eu te enviarei um bom mestre de noviços”. Pedia também informação interessante sobre o padre Ceccarelli: “ele conhece alguma coisa de inglês?”. Tinha revelado o motivo algumas linhas antes: “Aceitei definitivamente o Vicariado das Índias, e iremos para lá em 1878. O santo padre me disse que começasse a dispor sobre aquele que me parecia dever escolher para bispo da nova missão”.¹⁰⁷

Passados apenas dois dias enviava nova carta. Dizendo que o comendador Gazzolo – que definia *ajassin* [calo no pé] – acompanharia os salesianos para o Uruguai até Bordeaux, retomava o tema propriamente missionário: “O santo padre olha os Pampas e a Patagônia e está pronto para ajudar-nos também com meios materiais, se for necessário. Sobre o resto nos escreveremos. *I son mes ciouc* [estou meio tonto], mas não

¹⁰³ Cf. cartas ao padre Cagliero, 30 de maio, 29 de junho, 13 de julho, 1º e 13 de agosto, 1º de setembro, 13 de outubro (E III 65, 58, 72-73, 81-82, 87, 92-93, 103); ao comendador Malvano, 12 de outubro de 1876 (E III 101-102); etc.

¹⁰⁴ E III 89-90.

¹⁰⁵ E III 108.

¹⁰⁶ J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell’Ottocento*, p. 49.

¹⁰⁷ Ao padre Cagliero, de nSampierdarena, 14 de novembro de 1876; E III 111-113.

importa, Deus nos auxilia, e cada coisa procede de forma que os profanos dizem ser fabuloso, e nós dizemos que tem de prodigioso”.¹⁰⁸ No dia seguinte enviava a dom Giacinto Vera, delegado apostólico no Uruguai, depois bispo de Montevidéu, carta de apresentação do grupo de salesianos que foram “para iniciar o *Colégio Pio*, fundado pela sua caridade e zelo”. Manifestava a intenção “de abrir também uma casa de aprendizes, e para tal escopo, há nessa expedição – comunicava – também mestres de arte que poderão ensinar-lhes; mas o padre Cagliero verá a possibilidade para tal”.¹⁰⁹

Em 22 de novembro dirigia-se ao secretário de Propaganda Fide, que o prefeito da Congregação lhe tinha indicado como referência para a condução dos atos referentes aos “missionários salesianos na América”, para pedir que as faculdades já concedidas aos salesianos na Argentina fossem estendidas aos que agora partiam para o Uruguai e, em geral, “a todos os salesianos que partirão para as missões estrangeiras”. Pedia, além disso, que concedesse objetos de igreja e outros objetos para o culto para as cinco igrejas anexas a obras salesianas na América, incluída a de Montevidéu.¹¹⁰ Mais adiante escrevia ao padre Cagliero sobre vocações que entravam na Congregação para cobrir os vazios deixados por aqueles que partiam para a América, acenava ainda às Índias, falava de negociações para a aquisição de terrenos do comendador Gazzolo, adjacentes à Igreja Mater Misericordiae, “a Igreja dos Italianos”. Mostrava-se, porém, um tanto desiludido de Gazzolo; “afirmo-te que o astro do comendador Gazzolo vai-se, de alguma forma, obscurecendo. Parecia muito luminoso”.¹¹¹ E não faltavam razões. As negociações para os terrenos, aos quais apenas se acenou, faliam pelas excessivas exigências do hábil especulador. Isso se pode inferir de interessantes passagens de cartas ao Cagliero do aguerrido contraente de Turim. “Não pude ainda falar com o Cônsul Gazzolo sobre seu terreno – escrevia no dia 31 de dezembro –. Eu espero que queira vendê-lo quanto antes. Terás resposta lá pelo dia 15 de janeiro”.¹¹² “Não pude ainda concluir sobre o preço do terreno” – anunciava em 14 de janeiro de 1877 –. “Espero que isso aconteça no princípio de fevereiro”: “o cônsul parece bem disposto, mas é genovês e muito demorado nos negócios”.¹¹³ Pela metade de fevereiro anunciava desiludido: “O comendador Gazzolo, depois de uma semana de cálculos e de falações, reduziu a sua exigência a 60 mil francos para os 700 metros de terreno”; “está entendido que se limita a este preço para fazer-nos um benefício”; quando lhe falei sobre tua cifra de 18 mil francos, ficou espantado, dizendo: – Esse foi apenas o montante que paguei eu mesmo quando o comprei! –. Como vêes, ele pagou 19 e, para fazer-nos um benefício, no-lo dá agora por 60 mil. Ah *Rogna! Rogna!*”.¹¹⁴

¹⁰⁸ Ao padre Cagliero, de nSampierdarena, 16 de novembro de 1876; E III 113-114.

¹⁰⁹ Carta de 17 de novembro de 1876; E III 114-115.

¹¹⁰ Carta de 22 de novembro de 1876; E III 118.

¹¹¹ Ao padre Cagliero, 30 de novembro de 1876; E III 121-122.

¹¹² Ao padre Cagliero, 31 de dezembro de 1876; E III 129.

¹¹³ Ao padre Cagliero, 14 de janeiro de 1877; E III 141.

¹¹⁴ Ao padre Cagliero; E III 149-150.

Na espera do retorno do padre Cagliero, as cartas tornavam-se mais raras. No entanto, a presença viva e ativa de Dom Bosco permanecia constante, com ele e com os outros. Em 1º de janeiro escrevia ao padre Rua para que levasse ao preceptor de casa Pamparato, para um último controle antes da impressão, uma tradução em castelhano e adaptação para a América do *Jovem instruído*.¹¹⁵ Poucos dias depois manifestava uma perspectiva mais concreta de pensamentos e de projetos com relação ao Brasil. Declarava-se feliz que o destinatário de uma carta sua, senhor Andrea Boassi, estivesse “em relações familiares com Dom Pedro II e com sua esposa, imperatriz do Brasil”, acrescentando: “Se tiver facilidade, sugira-lhes uma de nossas casas naquele vasto império. Creio que muitos pobres jovens tornar-se-ão bons cidadãos e que, diversamente, terminam na prisão. Cada coisa, porém, no seu momento”.¹¹⁶ Grávido de futuro era “a ordenação” de um projeto apresentado, com não pouca imaginação, no dia 14 ao padre Cagliero, em base a duas propostas do papa – ou por ele apresentadas ao papa? –, obviamente aceitas: “Um vicariato apostólico na Patagônia, por exemplo em Carmen, ou em Santa Cruz, ou em Puntarenas, ou, melhor ainda, um só vicariato que se estenda a todos os três”; poder-se-ia começar “com uma casa de educação e seminário em Carmen, que ligasse também Patagones e Concepción”. Os meios seriam fornecidos pela Propaganda Fide, pela Obra da Propagação da Fé, pelo papa, pela Sociedade Salesiana. Prosseguia: “E o pessoal? Deve ser tudo farinha do nosso saco; e, entre outras coisas, passa-me pela cabeça convidar dom Ceccarelli para se colocar à frente dessa empresa, e tu podes falar pessoalmente com ele. É verdade que ele deveria ser consagrado bispo, mas poderia conservar o título paroquial, colocar um ou mais salesianos para ocupar seu lugar em San Nicolás. Mas, que é do padre Cagliero? Para as Índias. No início de 1878 iremos assumir o Vicariato Apostólico de Bangalore nas Índias, que possui uma população de cerca de três milhões de almas. Assim me diz o cardeal Franchi; padre Cagliero vigário apostólico, padre Bologna seu vigário geral etc. etc. Entre os indivíduos que existem e os que estão se preparando o pessoal será suficiente. Com facilidade podem-se preparar seis salesianos para a Patagônia, dez sacerdotes com dez catequistas para as Índias. O resto será feito por Deus”. Deixava ao padre Cagliero e colaboradores a tarefa de “tecer a tela”. No pós-escrito retornava, tenaz, sobre o tema da Patagônia, informando que dom Cesare Roncetti (1834-1881), nomeado em 18 de julho de 1876 núncio apostólico no Brasil e delegado apostólico na Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile (1876-1879), de passagem por Buenos Aires, teria “tratado também com o arcebispo sobre a possibilidade de chegar aos Pampas e Patagones!” Pensava alto: “Ele é benévolo a nós e eu coloquei o grão sobre a balança, visto que foi escolhido para esta missão”; “ao seu retorno será feito cardeal, coisa que ele ignora e que, vendo-o, tu poderás acenar-lhe”.¹¹⁷ Tal previsão estava destinada ao vazio. Dom Roncetti deveria

¹¹⁵ E III 132.

¹¹⁶ E III 136. Cf. cap. 8, § 8.

¹¹⁷ Ao padre Cagliero, 14 de janeiro de 1877; E III 140-141.

terminar sua carreira diplomática e terrena com a nunciatura na Baviera (1879-1881). Ao padre Bologna, “vigário geral” *in pectore*, Dom Bosco dedicava a quadra de uma carta em versos, de 22 de janeiro de 1877: “*O Ceilão está preparado, / Bangalore ansiosa espera, / Alguém reza e tem o braço estendido: / Vem logo às suas lides. / Traz contigo a longa fila / Dos seguidores de Xavier; / Também a vós o mesmo império / Deus piedoso destinou* [Il Ceilan è preparato, / Mangalor ansiosa attende, / Ognun prega e il braccio tende: / Vieni presto ai lidi eoi. / Porta teço lunga schiera / Dei seguaci del Saverio; / Anche a voi l’istesso impero / Dio pietoso destinò [Be]”.¹¹⁸

Em outra carta agradecia padre Cagliero pelo substancioso cheque que enviara, por seu intermédio, do padre Fagnano, diretor em San Nicolás, e recomendava a administração cuidadosa da “caridade de fiéis abastados” de Montevidéu. Propunha novamente seguir o problema da Patagônia, encarregando-o de entrar em contato com o arcebispo de Buenos Aires para informá-lo que “o santo padre desejava que se fizesse alguma coisa pela Patagônia”; “o cardeal prefeito da Propaganda Fide – acrescentava – lhe escreverá, quiçá por este mesmo correio, sobre a conveniência de estabelecer em Carmen uma prefeitura apostólica”. “O santo padre é especialmente movido a isso pelas notícias dolorosas que recebe dos países vizinhos dos selvagens, como a República Argentina, o Chile etc., os quais têm a intenção de combater os selvagens e não convertê-los”. Voltava, portanto, os olhos em várias direções, com projetos certamente desproporcionais às forças disponíveis e aos empenhos já assumidos, mas não à sua fantasia crente e criadora: “Se do Brasil ou do Paraguai te fazem pedido formal de missionários, tu podes aceitar com duas condições: 1) Auxílio para as muitas despesas que já encontramos, e que devemos sustentar todos os dias; 2) para o ano de 1878”. Não bastava: “O santo padre propõe um vicariato apostólico nas Índias e outro na Austrália. Por ora aceitei uma expedição no Ceilão para 1878”. No pós-escrito recordava: “é bom que me envie o nome dos cooperadores”.¹¹⁹

Tratava também questões internas às comunidades americanas, enquanto, ao mesmo tempo, pedia que ao padre Cagliero para voltar: “Prepara também para as ordenações os clérigos Allavena e Rizzo: a seu tempo terás as cartas dimissórias e as faculdades desejadas. Retém, porém, que tu tens a faculdade de conceder as dimissórias. Se podes mandar o estado da nossa Congregação na América do sul eu o encaminharei ao santo padre para o seu jubileu episcopal, para o qual toda a Europa e também a América estão em movimento. Será possível que possas participar do Capítulo Geral, que deverá começar em princípio de setembro próximo? Serão tratadas e resolvidas coisas muito importantes; por isso vê e dize-me, *si fieri potest*”.¹²⁰

Padre Cagliero, porém, tinha advertido: “A respeito da Patagônia não há necessi-

¹¹⁸ E III 147.

¹¹⁹ Ao padre Cagliero, 13 de fevereiro de 1877; E III 149-150.

¹²⁰ Ao padre Cagliero, 31 de março de 1877; E III 162.

dade de correr com a velocidade elétrica”. Nessa ótica, tanto ele como padre Fagnano criticavam a inoportuna e indevida publicidade que se fazia na Itália, nas palavras e nos escritos, do que os salesianos faziam na Argentina.¹²¹ Ao anúncio que o governo argentino tinha pedido aos salesianos um pároco, um professor e dois mestres leigos para Carhué, um dos centros criados na direção da Cordilheira diante dos índios, Dom Bosco reagia com moderado encorajamento: “O que escreves sobre a Patagônia vai ao encontro de meus desejos: avizinhar-se pouco por vez, e avizinhar-se mercê da abertura de casas nas cidades e vilas mais próximas dos selvagens. O resto o Senhor o fará”. Às observações sobre a publicidade indiscreta na Europa replicava: “Eu sei que se falou demais de nós: mas que fazer? Eu sempre retirei as coisas que pareciam ser de louvor para nós e modifiquei as que se referiam aos outros. Se, porém, tu podes mandar-me uma relação dos missionários da América do Sul, envie-me, e eu arranjaréi tudo”. E depois: “Receberás as dimissórias e, se for preciso, podes dá-las tu ou padre Bodrato. Já comecei os trâmites para as passagens sobre os navios franceses. O presidente da Sociedade dos Transportes Marítimos, senhor Bergasse de Marselha, promete-nos notáveis reduções; o governo de Paris, quiçá, nos dará alguns lugares totalmente gratuitos. Terminada a tramitação, logo dar-te-ei um aviso”. Por fim, fornecia uma contra-informação surpreendente: “Em vista das casas que vão se multiplicando, e portanto, reduzindo o pessoal, suspende-se, ao teu retorno, o projeto de *Ceilão, Bangalore, Austrália* etc. Mas não perco de vista uma dezena de boas lãs para enviar a Dolores, se me disser que são coisas necessárias”.¹²²

Sucediam-se depois duas cartas, uma ao principal responsável na Argentina, padre Francisco Bodrato, próximo a se tornar inspetor para as obras americanas, outra ao venerando Benítez, de San Nicolás de los Arroyos: “Tu me dizes que tens muito trabalho – escrevia ao padre Bodrato, o qual, mais que Cagliero, sentia a dramática insuficiência, e não somente quantitativa, do pessoal disponível –. Queria poder ajudar-te. Talvez possa consolar-te o fato de que nós estamos oprimidos pelas ocupações a ponto de não saber mais onde começar ou onde terminar. Já há vários meses que me sento à escrivaninha às duas da tarde e me levanto somente às oito e meia para ir jantar”. Contudo, lembrava que “a saúde é indispensável” e convidava a fazer somente o possível. Não faltariam os reforços: “Tereis apoio com os operários que mandaremos daqui e com os que encontrares aí”.¹²³ A Benítez, refinado latinista, invocando auxílio, repetindo e sublinhando *si poteris*. “Vivito et vale, anima electa, amice fidelis, Deus te sospitem diutissime servet in annos plurimos”.¹²⁴

Chegava, por fim, a última carta ao padre Cagliero, já prestes a retornar para a

¹²¹ Cf. A. DA SILVA FERREIRA, “Patagonia: I – Realtà e mito nell’azione missionaria salesiana. Il vicariato apostolico della Patagonia Settentrionale”, RSS 14(1995), p. 17 e n. 24.

¹²² Ao padre Cagliero, 12 de maio de 1877, /e III 170-171.

¹²³ Ao padre F. Bodrato, maio de 1877; E III 172-173.

¹²⁴ Carta de 14 de maio de 1877; E III 174.

Europa. Antes de tudo informava sobre as viagens na Itália junto com o arcebispo de Buenos Aires, dom Aneiros, e com seu séqüito, todos em peregrinação a Roma, sobre sua permanência em Turim de 26 a 30 de junho, sobre as festas em Valdocco, e anunciava sua partida da Itália em 14 de julho.¹²⁵ Continuava falando de América salesiana. “A nós. Eu te escrevi pedindo que fosses a Santa Cruz. É esse só um pensamento meu, mas se *pensatis pensandis* te parece melhor deferir este giro, *fiat sicut melius in Domino placuerit*. O pessoal existe; como o ano escolar chega ao fim, assim se nada obsta, se difere [a partida] segundo o costumeiro 14 de novembro próximo. Se precisar, anteciparemos a partida, e para as passagens haveremos de nos ajustar de alguma forma. Lê a carta ao marquês Spinola, depois coloca-a num envelope e a trará. O que te escrevo, escrevo ao padre Bodrato e aos outros. Para a partida do senhor bispo prepararemos cartas e comissões. Na próxima semana passará aqui dom Lacerda, do Rio de Janeiro, que não partirá sem ter consigo pelo menos cinco salesianos”.¹²⁶

É digno de nota como se movimentou para a visita do arcebispo. Tinha mobilizado os fiéis, o estro do padre Francesia,¹²⁷ a habilidade organizativa do padre Rua,¹²⁸ a fiel colaboração do secretário padre Berto para que se preparasse uma homenagem singular aos argentinos: “Uma caixa ou duas garrafas para o arcebispo de Buenos Aires: Bordeaux, Malaga, Barbera, Grignolino, Nebbiolo, Moscato di Strevi, em tudo cerca de quinze a vinte garrafas; para nobilitar o nascimento do vinho pode-se dar uma existência um tanto antiga, mercê duma terra. Esta caixa seja preparada e, a um meu aviso, seja enviada a Gênova”.¹²⁹

Dez dias depois escrevia também ao principal interlocutor no Uruguai, padre Luigi Lasagna. Dava-lhe algumas normas de governo: “Oração, firmeza, coragem, avisar. Contudo, não esquecer a história do padre Ubique e da caixa mágica (...). Olhe cada coisa com os próprios olhos, esteja em todos os lugares, fale com todos os seus dependentes: eis a chave de todo bem”. Era o que tinha feito “padre Emtodolugar [*Dappertutto*]”, o qual, abrindo a caixinha mágica aí estava escrito: “O olho do dono engorda o cavalo”.¹³⁰

Sem que alguém pudesse detê-lo em suas projeções para o futuro, ao passo que em Buenos Aires se trabalhava nos limites do impossível por penúria não somente quantitativa de pessoal, Dom Bosco avançava em todas as direções das vastas plagas ameri-

¹²⁵ Cf. cap. 25, § 1.

¹²⁶ Carta ao padre Cagliero, 30 de junho de 1877; E III 194-195. Sobre a visita de Aneiros informa também padre Lasagna na carta de 16 de julho de 1877; E III 199.

¹²⁷ Carta ao diretor de Varazze, 13 de junho de 1877; E III 186.

¹²⁸ Carta ao prefeito geral, 20 e 24 de junho de 1877; E III 192-193; cf. depois carta de 7 de julho; E III 196.

¹²⁹ Carta de Alassio de 7 de julho de 1877; E III 196.

¹³⁰ Carta de 16 de julho de 1877; E III 199.

canas, sul, norte, nordeste: um conquistador temerário e contagiante. Seria apoiado pelo maduro e incansável padre Bodrato e pelo jovem, criativo e clarividente padre Lasagna. E, embora repleto de experiência entre os jovens pobres e abandonados, permanecia incuravelmente confiante na própria disponibilidade interior para tudo o que é belo, bom e justo.



Capítulo XXII

PROJETO DE SOLIDARIEDADE CATÓLICA NA MISSÃO ENTRE OS JOVENS (1873-1877)

- 1854 *Introdução a um Plano de regulamento para o Oratório*
- 1872/74 *Associados à Congregação de São Francisco de Sales*
- 1874 *União cristã*
- 1876 *Cooperadores Salesianos, ou seja, um modo prático para formar ao bom costume e à sociedade civil*
9 de maio: Pio IX concede numerosas indulgências à *Unio seu Sodalitas Cooperatorum Salesianorum*
- 1877 texto definitivo de *Cooperadores salesianos* com o *Regulamento dos cooperadores salesianos*
agosto/setembro: sai o primeiro número do *Bibliófilo católico* ou *Boletim Salesiano mensal*
- 1878 janeiro: capa definitiva do *Boletim Salesiano*
- 1879 janeiro: primeira carta aberta anual de Dom Bosco no *Boletim* aos cooperadores e cooperadoras salesianos

Ao lado da iniciativa missionária, amadurecia em Dom Bosco outro tipo de extensão de seu império entre a juventude. Ele pretendia fazer participar nesse império, de forma organizada, um exército potencialmente ilimitado de pessoas, homens e mulheres, dotados de generosa fé evangelizadora e civilizadora, embora sem a profissão dos votos religiosos e a escolha da vida comum; e também homens e mulheres de boa vontade, persuadidos da determinante eficácia sobre o destino pessoal e social dos jovens, e da promoção cultural, profissional, moral e religiosa destes. Não se tratava de uma novidade absoluta, pois a Dom Bosco, padre dos jovens, jamais faltou a cooperação de eclesiásticos e leigos. Nova era a proposta de potenciar a ação com a possível adesão a uma *Associação* ou *União* eclesial, por sua vez, de alguma forma, “agregada” à Sociedade Religiosa Salesiana e plenamente aprovada. A idéia final, fixada nos documentos de 1876 e de 1877, após a gestação entre 1873, 1874 e 1875, e as variações em 1876, representava a plena maturação de intuições e concepções que brotaram do fenômeno das mais variadas formas de colaboração, espontâneas ou procuradas, nascidas nas primeiras experiências oratorianas dos anos 40 e 50. Eram as raízes longínquas,

reais e ideais, de uma iniciativa que conferia aos aderentes precisa configuração institucional (“salesianos”), jurídica (“quase ordem terceira”) e espiritual (“operadores”), mesmo que, em 1876, Dom Bosco tenha apresentado a União como desenvolvimento homogêneo de certa agregação de colaboradores já formalmente constituída no imaginário da maturidade desde os inícios dos anos 40.¹ É o que se encontra na *História dos cooperadores salesianos*, no número de setembro do *Boletim Salesiano*, a qual traça, em síntese, acumulando a partir de 1841 quase sincronicamente os mais heterogêneos grupos de auxiliares;² ela surgia do mesmo mecanismo mental que o levava a colocar em 1841 a origem quer do Oratório quer da Sociedade de São Francisco de Sales.

1. Projetos previstos ou apenas esboçados

Na *Introdução* de 1854 do *Plano do Regulamento para o Oratorio Masculino de São Francisco de Sales* Dom Bosco manifestava a esperança de que o regulamento pudesse “servir de norma – escrevia – para administrar essa parte do sagrado ministério, e de guia às pessoas eclesiásticas e seculares que aí consagram suas fadigas com caridosa solicitude e em bom número”.³ De fato, gostava de recordar como tinha sido grande o grupo dos colaboradores eclesiásticos e leigos.⁴ Dom Bosco relembra na Primeira Assembléia de Cooperadores e Cooperadoras de Turim, na tarde de 16 de maio de 1878, como se dera o progressivo dilatar das colaborações: primeiro, de eclesiásticos, em vista do cuidado pastoral dos jovens oratorianos; depois de “senhores”, para as escolas dominicais e vespertinas, para os catecismos e a assistência, e de senhoras, para consertar as roupas dos jovens abrigados no internato; por fim, de todos, para o sustento pecuniário.⁵ Ele tinha procurado realizar ao redor do *Amigo da juventude* uma mobilização ideal dos pastores de almas, dos párocos da cidade e dos campos, dos professores, dos pais de família, de todos os que amavam de coração a melhoria religiosa do povo.⁶ Tal fisionomia apresentava o pequeno exército de correspondentes e propagandistas organizado e animado para a difusão das *Leituras Católicas*⁷ e os adeptos da *Sociedade para a Difusão das Leituras Católicas* e à *Sociedade para a Difusão dos Bons Livros*, ambas projetadas entre 1858 e 1861, com finalidades em parte idênticas às propostas aos cooperadores.⁸ Também foram temporariamente orga-

¹ Cf. P. BRAIDO, “L’idea della Società Salesiana nel Cenno storico”, p. 254-258.

² Cf. BS 3(1877) n. 6, setembro, p. 1-2.

³ [G. BOSCO], *Introduzione al Piano di Regolamento*, in: *Don Bosco nella Chiesa*, p. 36-37.

⁴ Cf. cap. 7, § 1.

⁵ Cf. G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 13, p. 48-52.

⁶ É parte do *Programma* colocado no início do 1º número, de 21 de outubro de 1848. Cf. circular de janeiro de 1849; Em I 83.

⁷ Cf. cap. 8, § 7.

⁸ Cf. circular de 6 de março de 1860; Em I 397 (MB VI 487-489).

nizados os membros das Comissões, assim como os promotores e as promotoras das rifas. Não é de se excluir que, por vários anos, Dom Bosco tenha cultivado a idéia de alguma congregação ou associação, ao mesmo tempo articulada e com vínculo diferente, de agentes estáveis na obra dos oratórios, compreendendo-se também os pensionatos para trabalhadores.⁹ Os jovens, particularmente os formados entre 1848 a 1857, e dado momento vestidos do hábito clerical, provavelmente podiam ser previstos como plataforma desta construção.¹⁰

Quando, nos anos 60, a congregação ou associação era então pensada como sociedade religiosa, impunha-se a distinção entre sócios internos, ou seja, religiosos verdadeiros e próprios, e outros aderentes. Na realidade, no momento do primeiro pedido de aprovação da Sociedade em 1864, o texto das Constituições apresentava um último título sobre sócios *Externos*. Era constituído de quatro artigos: “1. Qualquer pessoa, mesmo vivendo no século, na própria casa, em seio à própria família, pode pertencer à nossa sociedade. 2. Ele não faz nenhum voto, mas procurará pôr em prática a parte do presente Regulamento que é compatível com sua idade e condição”. Em uma relação efetuada entre 1862 e 1864, Dom Bosco acrescentava na continuação: “como se poderia ministrar ou promover catecismos em favor das pobres crianças, buscar a difusão de bons livros, agir para que se promovam tríduos, novenas, exercícios espirituais e outras semelhantes obras de caridade especialmente dirigidas ao bem espiritual da juventude ou do baixo povo”.¹¹ “3. Para participar dos bens espirituais da sociedade é preciso que se faça ao menos uma promessa ao reitor de empregar suas substâncias e suas forças da forma que ele julgar redunde à maior glória de Deus. 4. Tal promessa, porém, não obriga sob pena de culpa, nem mesmo venial”. Na segunda redação do texto, Dom Bosco acrescentava outro artigo: “5. Todo membro da Sociedade que por qualquer motivo deixasse a mesma é considerado como membro externo e pode participar dos bens espirituais de toda a Sociedade, desde que pratique a parte do Regulamento prescrita para os externos”.¹² A Congregação dos Bispos e Regulares fazia próprias as considerações do consultor, padre Savini, entre as quais a relativa ao último título. “Não se deve aprovar que pessoas externas sejam inscritas ao Pio Instituto por afiliação”.¹³ Nas suas contra-observações Dom Bosco pedia que o título fosse aprovado ao menos como apêndice, uma vez que – fazia notar – “quase todas as congregações e as ordens religiosas têm terciários, que nós chamamos amigos e benfeitores, os quais aspiram a uma vida mais santa, particularmente promovendo o bem da sociedade, e procuram observar no mundo, enquanto é possível, as constituições religiosas”.¹⁴ Com efeito, o

⁹ Cf. cap. 6, § 5.2.

¹⁰ Cf. cap. 11, § 6.

¹¹ *Cost. SDB* (Motto), p. 210.

¹² *Cost. SDB* (Motto), p. 210.

¹³ *Cost. SDB* (Motto), p. 231.

¹⁴ *Cost. SDB* (Motto), p. 233-234.

título entrava, com os primeiros quatro artigos, como apêndice do texto latino impresso em 1867. Em 1869, ao procurador do rei de Turim, Lorenzo Eula, que, para o reconhecimento civil do decreto de aprovação da Sociedade Salesiana de 1º de março, nem útil nem desejado, exigia o pedido do *exequatur* régio, Dom Bosco respondia: A Sociedade é composta “por indivíduos [que] conservam os direitos civis”; antes, “seus membros, se quiserem, podem ficar em suas casas e agir para retirar das ruas e das praças os pobres meninos, a fim de conduzi-los à moralidade, a alguma arte ou profissão”.¹⁵ Mais adiante, mesmo que o consultor, padre Bianchi, tivesse confirmado a resposta negativa precedente,¹⁶ Dom Bosco conservava o texto ainda na edição de janeiro de 1874.¹⁷ Em face das insuperáveis barreiras, o eliminava da última edição impressa de março de 1874, antes da aprovação.

Essa era a pré-história mais evidente daquela que será formalmente a Associação ou União dos Cooperadores Salesianos. Como se viu, de “externos” formais se conhecem somente dois: o padre Ciattino, pároco de Maretto, província e diocese de Asti, e um padre de Mornese, Domenico Pestarino, depois, sem data precisa, religioso salesiano.¹⁸ Ao invés, foi imensa a lista dos que se ligaram, de forma conhecida ou não, recordados ou não, sem os quais a ação de Dom Bosco – toda baseada sobre a beneficência – teria permanecido um castelo de boas intenções, alma sem corpo, mesmo que não se tratasse somente de sustento financeiro, mas de envolvimento de pensamento, de coração, de ação. Aí se exprimiam, em diferentes medidas, as verdadeiras dimensões da colaboração, que Dom Bosco conseguiria reintroduzir, a pleno título, na figura do cooperador.¹⁹ Um ano antes de conceder específicas indulgências aos cooperadores, Pio IX, em 30 de julho de 1875, dava aos superiores gerais da Sociedade Salesiana *pro tempore* a faculdade “de comunicar as indulgências e as graças espirituais, concedidas à mesma Sociedade, aos benfeitores insignes da mesma Sociedade, não diferentemente que se fossem terciários”.²⁰ Era prelúdio das indulgências concedidas, em 9 de maio de 1876, à *Associação ou União dos Cooperadores Salesianos*, mas também à qualificação de

¹⁵ Carta de 10 de junho de 1869; E II 32.

¹⁶ Cf. *Cost. SDB* (Motto), p. 242.

¹⁷ *Regulae Societatis S. Francisci Salesii*. Romae, Typis S. C. Propagandae Fidei, 1874, p. 40; OE XXV 292.

¹⁸ Cf. *Società di S. Francesco di Sales. Anno 1875*. Turim, Tip. dell’Orat. di s. Franc. di Sales 1875, p. 31-36; *Brevi biografia dei confratelli salesiani chiamati da Dio alla vita eterna*. Turim, Tip. e Lib. Salesiana, 1876, p. 17-22. “Ouvindo falar de Dom Bosco, sentiu vontade de conhecê-lo; para tanto, dirigiu-se a Turim em 1862. Ficou de tal forma enamorado pelo espírito da Congregação Salesiana que quis imediatamente dar seu nome à mesma, começando a praticar suas regras. Pouco depois consagrou-se totalmente a essa congregação, e era um dos irmãos exemplares. O superior, ao qual prestava ilimitada obediência, em vista do grande bem que fazia no século, quis que ele continuasse a viver em sua pátria” (p. 20).

¹⁹ Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. I, p. 217-218.

²⁰ *Documenti* XV 216, FdB 1030 B 11; MB XI 546.

“terciário” dada muitas vezes a eles. A denominação estaria ilustrada em seguida pelo *Boletim Salesiano* quase como comentário da encíclica *Auspicato concessum* de Leão XIII, de 17 de setembro de 1882, sobre a Ordem Terceira Franciscana.²¹

2. Caminhando para uma quase ordem terceira das obras

Na data de 19 de fevereiro padre Barberis anotava o que Dom Bosco lhe tinha dito nesse dia sobre um projeto que estava amadurecendo há anos. “Agora que parecem estar sistematizadas todas essas escolas – confiava – estou trabalhando sobre outro tema também muito importante: a Associação Salesiana. Ela me ocupa há bastante tempo; é bem difícil estabelecer coisas positivas. Faz dois anos que ela me preocupa. Agora que parece estabelecida a Obra de Maria Auxiliadora, posso formular a Associação e, no fim do ano, torná-la pública. Serão necessários dois anos para consolidá-la. Já tenho outro projeto, que nestes dois anos farei amadurecer e consolidar a Associação Salesiana, e eu o publicarei”. O cronista anotava: “Dessa Associação Salesiana já falou outras vezes, especialmente no ano passado. Agora, porém, parece que, ao falar desse projeto, já tenha me dado o nome, um pouco diverso daquele de Associação. Contudo, eu não me recordo dele”. “O outro projeto – continuava Dom Bosco – seria o de fazer como que uma ordem terceira para as mulheres; mas não agregada diretamente à nossa ordem, e sim associada às Filhas de Maria Auxiliadora”.²² As escolas ou classes às quais se referia, considerando-as já quase sistematizadas, eram as destinadas às vocações adultas, às quais tinha em vista com a Obra de Maria Auxiliadora; eram chamadas escolas ou classes “de fogo” porque seguiam programas mais concentrados e rápidos; os alunos eram também chamados “filhos de Maria”.

A primeira idéia dos cooperadores estava confiada a cinco páginas de um caderno e a uma folha separada, em base aos conteúdos e às referências, com a data em torno de 1873, com o título *Associados à Congregação de São Francisco de Sales*.²³ O projeto se inspirava na figura do “cristão fiel no mundo”, desejoso de “atingir a perfeição e assegurar a própria salvação”, não podendo, por várias razões, deixar o mundo. “A Pia Associação de São Francisco de Sales” oferecia tríplice oportunidade: 1) “um meio

²¹ Cf. “I terziarii di S. Francesco d’Assisi e i Cooperatori salesiani”, BS 6(1882) n. 11, dezembro, p. 189-192.

²² G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 4, p. 81-82.

²³ O texto foi publicado por A. Amadei nas MB X 1310-1314 e reeditado com a indicação das variante por Francis Desramaut, no item referente aos documentos que dizem respeito aos cooperadores, redigidos por Dom Bosco entre 1873 e 1876, in F. DESRAMAUT e M. MIDALI (org.), *Il cooperatore nella società contemporanea*. 6º Colóquios Salesianos, Freiburg (Suíça) 26 a 29 agosto de 1974. Leumann(Turim), Elle Di Ci, 1974, p. 355-350; mss. di várias redações, ASC A 220.

de perfeição”; 2) a participação “nas obras de piedade e de religião” dos sócios salesianos; 3) a meritória “união em fazer o bem”. Dom Bosco antecipava conceitos que se tornariam motivo inspirador fundamental da cooperação cristã e salesiana, mas que lhe eram familiares desde os anos da difusão das *Leituras Católicas*. “É fato – escrevia – que as pessoas do século associam-se para a difusão da má imprensa, para espalhar máximas perversas no mundo, para propagar a instrução errada e espalhar falsos princípios na incauta juventude, e saem-se maravilhosamente bem. E os católicos permanecem inoperantes ou separados uns dos outros de forma que seu agir seja paralisado pelos maus? Que não seja jamais. Unamo-nos todos com as Regras da Congregação Salesiana, façamos um só coração e uma só alma com os associados externos. Sejamos verdadeiramente irmãos. O bem de um seja o bem de todos, o mal de um seja afastado como se fosse o mal de todos. Nós atingiremos esse grande objetivo mediante a Associação à Congregação de São Francisco de Sales”.²⁴ Todo o texto “É um fato... irmãos”, era seguido por uma expressão, que seria apagada, mas depois seria recuperada como motivo chave dos documentos sucessivos: “*Vis unita fortior, funiculus triplex difficile rumpitur*, diz o Senhor. Quer dizer: a força unida à força torna-se mais forte, e se uma só cordinha é facilmente rompida, unindo-se mais cordinhas, dificilmente se rompe”. As atividades, propostas sob o título *Finalidade desta Associação*, eram análogas às dispostas no primeiro capítulo das Constituições Salesianas: “1) fazer o bem a si mesmo com o exercício da caridade para com o próximo, especialmente para com as crianças pobres e abandonadas (...); 2) recolher crianças pobres, instruí-las na própria casa, adverti-las dos perigos, conduzi-las aonde possam ser instruídas na fé (...). Quem não pode fazer tais coisas por si, poderá fazê-las por meio de outras, tais como convidar ou aconselhar um companheiro, um parente, um amigo ou conhecido qualquer para fazer o que fosse capaz. Pode-se igualmente suprir esta necessidade rezando para os que trabalham ou auxiliando com meios materiais onde for necessário”; 3) o cuidado em “assistir esses juvenzinhos especialmente pobres que mostrarem” ter vocação eclesial; 4) ter o “máximo cuidado para impedir toda conversa, toda obra que seja contra o romano pontífice ou contra sua suprema autoridade”; 5) “os salesianos [sic] tenham todo cuidado para impedir a distribuição de livros maus, e difundir bons livros, folhetos, páginas, imagens de qualquer gênero”.²⁵ De igual modo, a vida de piedade e a prática religiosa, apresentadas no longo título *Regras para os associados salesianos*, não se diferenciavam sensivelmente das prescritas aos religiosos salesianos.²⁶

De pouca relevância era um simples esboço de *União de São Francisco de Sales*, confiado a uma página autógrafo de Dom Bosco, presumivelmente para ser colocado imediatamente antes ou depois do projeto da *União Cristã*. A ela era assinalada a *finalidade* de “reunir algumas pessoas leigas ou eclesialísticas para se ocupar das coisas que

²⁴ F. DESRAMAUT e M. MIDALI (ORG.), *Il cooperatore nella società contemporanea*, p. 355.

²⁵ F. DESRAMAUT e M. MIDALI (ORG.), *Il cooperatore nella società contemporanea*, p. 356-357.

²⁶ F. DESRAMAUT e M. MIDALI (ORG.), *Il cooperatore nella società contemporanea*, p. 357-359.

seriam consideradas da maior glória de Deus e vantagem das almas”; os *meios* – estava previsto – “serão o zelo para a glória de Deus e a caridade operante”; não deixando de lado “nenhum ramo de ciência”. Quanto aos membros dizia-se laconicamente: “todo fiel cristão pode ser membro desta União, contanto que esteja decidido a se ocupar conforme a finalidade e os meios acima mencionados”.²⁷

Esse projeto, menos assimilável ao tom religioso que o precedente, servia de prelúdio para os documentos sucessivos, nos quais o evidente caráter ativista e funcional da cooperação supunha a decidida assunção da centralidade do princípio: *vis unita fortior, funiculus triplex difficile rumpitur*. Isto se descobre imediatamente no primeiro regulamento impresso da *União Cristã* de 1874, que é fruto de uma reformulação mais concentrada e estruturada dos conteúdos do documento *Associados à Congregação de São Francisco de Sales*.²⁸ Ele começava com a afirmação: “*Vis unita fortior, diz Deus*”.²⁹ Seguiu o segundo título, que substituíra com a mais precisa denominação *Associação Salesiana* o título geral, mais genérico. A definição, não completamente exata do ponto de vista histórico, expressava conceitos bem radicados em Dom Bosco, que permaneceriam firmes também no futuro. A Associação – dizia – “pode-se chamar uma espécie de ordem terceira dos antigos com esta diferença: enquanto nestes se propunha a perfeição cristã no exercício da piedade, naqueles a finalidade principal é a vida ativa especialmente em favor da juventude periclitante”.³⁰ As *finalidades* eram idênticas às definidas para os *Associados*, mas reduzidas de cinco a três, concentradas e enriquecidas: “A primeira tarefa dos associados é a caridade para com as crianças periclitantes. Recolhê-las, instruí-las na fé, aconselhá-las nos perigos e reconduzi-las aonde possam ser instruídas”. “É ainda missão da Associação promover novenas, tríduos, exercícios espirituais e catecismos, sobretudo nos lugares onde faltam os meios materiais ou morais”. Em segundo lugar, “cada um terá cuidado especial dos juvenzinhos que por moralidade e hábito de estudo manifestassem também algum indício de ser chamados”. Por fim, “opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa, procurando propagar bons livros, páginas, folhetos, impressos de quaisquer gênero nos lugares e entre as pessoas que pareça prudente tal proposta”.³¹ Mais sensíveis eram as novidades no título *Constituição e governo* da *União cristã* com relação às *Regras para os associados salesianos* do documento *Associados à Congregação*. As *Regras para os associados salesianos* previam numerosos compromissos de oração, enquanto a *União Cristã* se interessava antes de tudo do aspecto organizativo da associação. Também diversas eram

²⁷ Cf. ms. autógrafo de Dom Bosco, ASC A 2300401, FdB 1886 A8, MB X 1309.

²⁸ Cf. *Unione cristiana*, Turim, Tip. dell’Orat. di S. Franc. di Sales, 1874, 8 p.; OE XXV 403-410.

²⁹ *Unione cristiana*, p. 1, XXV 403. A expressão não se encontra na Bíblia; o mote sobre “*funiculus triplex*” está em Ecl 4,12.

³⁰ *Unione cristiana*, p. 2, XXV 404.

³¹ *Unione cristiana*, p. 2-3, XXV 404-405; Cf. “*Associati alla Congregazione*”, in: F. DESRAMAUT e M. MIDALI (org.), *Il cooperatore nella società contemporanea*, p. 356-357.

as condições de aceitação. As *Regras* estabeleciam: “Qualquer um pode inscrever-se nesta Associação desde que tenha a idade de 16 anos, conduta honrada, bom católico, obediente à Igreja e ao romano pontífice”. O estatuto da *União Cristã* era mais lacônico: “Desde que tenha completado 16 anos, qualquer pessoa pode se inscrever nesta Associação, uma vez que se conforme com as regras por ela propostas”.³²

Fruto de elaboração um tanto mais orgânica, que conduzirá à que mais se aproxima da versão definitiva de 1876, o documento com o título *Associação de boas obras* era quase uma síntese “salesiana” dos títulos e conteúdos precedentes, plasmada sobre o módulo da Sociedade fundada por Dom Bosco. O documento articulava-se em oito títulos: I. *União cristã para o bem agir*, II. *Congregação Salesiana*, III. *Associação Salesiana*, IV. *Modos de cooperação*, V. *Constituição e governo da Associação*, VI. *Obrigações particulares*, VII. *Vantagens*, VIII. *Práticas religiosas*.³³ Isto expressava os traços essenciais do perfil do cooperador salesiano. Aí se encontravam, com efeito: 1) a explícita ligação com a vocação cristã, vivida exemplarmente na Igreja primitiva, mediante a atualizada união “no espírito de oração, de caridade e de zelo”; 2) a assunção das tarefas de suplência e de integração em relação às atividades dos salesianos, em grau de corresponder somente “em mínima parte” “à necessidade e às exigências cotidianas que se fazem deles”, na Itália, Europa, China, Austrália e América “especialmente na República Argentina”; “os pobres salesianos – explicitava – não podem socorrer tantas necessidades e, por isso, enquanto fazem o que podem de sua parte, dirigem-se aos que amam nossa santa religião católica e a salvação das almas, e os convidem, antes, os convençam por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo a querer dar u’a mão e colaborar com eles nas obras especiais de caridade, que formam a finalidade desta Congregação”; 3) a forte ligação com a Sociedade Salesiana “qual vínculo estável de união”, ainda mais garantido pelo fato de que ela se tornara “Pio Instituto” “definitivamente aprovado pela Igreja”;³⁴ 4) a fisionomia conexas de ordem terceira, no entanto com preeminente caráter de operacionalidade, que a diferenciava das ordens terceiras antigas, expressa em caridade para com o próximo e especialmente para com a juventude em perigo, “é o fim particular da Associação”;³⁵ 5) as “formas de cooperação” substancialmente iguais às indicadas na *União cristã*: promover novenas, tríduos, catecismos etc.; tomar cuidado especial dos jovens inclinados à vida eclesiástica, opor a boa imprensa à irreligiosa; “enfim” – síntese da prevalente finalidade juvenil –, “a messe, na qual se convidava cada associado a exercitar seu zelo”, isto é, “a caridade para com as crianças em

³² “Associati alla Congregazione”, in: F. DESRAMAUT e M. MIDALI (org.) *Il cooperatore nella società contemporanea*, p. 356; *Unione cristiana*, p. 3, XXV 405: os empenhos de oração são logo listados no título *Pratiche religiose*, p. 6-7; OE XXV 408-409.

³³ Cf. *Associazione di opere buone*. Turim, Tip. dell’Orat. di S. Franc. di Sales, 1875, 14 p.; OE XXV 481-485.

³⁴ *Associazione di opere buone*, p. 3-5; OE XXV 483-485.

³⁵ *Associazione di opere buone*, p. 6; OE XXV 486.

perigo”, de modo a “instruí-los na fé, conduzi-los às sagradas funções, aconselhá-los nos perigos e levá-los aonde possam ser instruídos na religião”. “Quem não pode prestar essas obras por si – sugeria –, poderia fazê-las por meio de outros, tais como animar um parente ou um amigo a querer realizá-las. Pode-se cooperar com a oração ou com a prestação de auxílio material onde fosse preciso. Os fiéis da Igreja antiga levavam seus bens aos pés dos apóstolos para que dele se servissem em favor das viúvas, dos órfãos e para outras necessidades urgentes”;³⁶ 6) as condições de agregação, transcritas literalmente da *União cristã*, com a modificação da modalidade ou da ficha de adesão. A *União cristã* apresentava uma *Fórmula de aceitação* na qual o candidato declarava: “O Signatário leu as regras da Associação Salesiana e de bom grado assina a mesma, seja para o bem da própria alma, seja para associar-se a outros, a fim de conseguir para o próximo as vantagens espirituais e temporais que são compatíveis com a sua condição”. Seguiu a assinatura com nome e sobrenome.³⁷ Ao invés, a *Associação de boas obras* previa mais simplesmente: “Todo associado preencherá a seguinte ficha e, após tê-la assinado, enviará ao superior: Eu que assino, habitante na rua ____, casa ____, li as regras da Associação Salesiana e com a graça divina espero observá-las fielmente em vantagem da minha alma”.³⁸ Esta última permanecia quase imutável na primeira edição de 1876 e tornara-se ainda mais formal nas edições de 1876 e 1877 por meio de uma “*Declaração de aceitação entre os cooperadores salesianos*. O subscrito declara que no dia ____ do mês de ____ de 187__ foi inscrito entre os cooperadores salesianos o sr. ____, o qual por consequência poderá, no futuro, gozar de todos os favores e de todas as indulgências e graças espirituais concedidas pelo sumo pontífice aos que fazem parte desta Associação e observam as Regras”.³⁹ Na prática, contudo, Dom Bosco se mostrava largo em acolher na grande família dos cooperadores, convidando para ela peregrinos franceses de passagem por Turim, admiradores e potenciais colaboradores.⁴⁰

Ainda na vigília do Primeiro Capítulo Geral, de setembro de 1877, acrescentava com sua letra ao fascículo de preparação para uma eventual segunda edição, não realizada, um novo título *Associação de Maria e dos Cooperadores Salesianos*, com a descrição da figura do cooperador mais flexível que a do Regulamento já publicado. “Uma Associação para nós muito importante – escrevia –, que é a alma [“braço forte”, na edição de 1878] de nossa Congregação e que nos serve de liame para operar o bem de acordo e com o auxílio dos bons fiéis que vivem no século, é obra dos coopera-

³⁶ *Associazione di opere buone*, p. 7-8; OE XXV 487-488.

³⁷ *Unione cristiana*, p. 7; OE XXV 409.

³⁸ *Associazione di opere buone*, p. 14; OE XXV 494.

³⁹ *Cooperatori Salesiani ossia un modo pratico per giovare al buon costume ed alla civile società*, Sampierdarena, Tipografia e Libreria di San Vincenzo de Paoli, 1877, p. 39; OE XXVIII 377.

⁴⁰ Cf. dois discursos a eles, 4 de junho de 1880 e 15 de setembro de 1882: BS 4(1880) n. 7, julho, p. 12 e 6 (1882) n. 1, p. 19.

dores salesianos”. Temos – precisava – os religiosos salesianos e as irmãs do Instituto FMA, que têm como destinatários de sua missão os “meninos em perigo” e as “meninas pobres e abandonadas”. “Agora – continuava – é necessário que tenhamos no século, amigos, benfeitores, gente que, praticando todo o espírito dos salesianos, vivam nas próprias famílias, como justamente fazem os cooperadores salesianos. Eles são nosso auxílio na necessidade, nosso apoio nas dificuldades, nossos colaboradores naquilo que se apresenta para ser feito para a maior glória de Deus e para o qual nos faltam as necessárias relações, ou para os quais não temos pessoas e materiais. Tais cooperadores devem multiplicar-se o quanto for possível”.⁴¹ No Capítulo Geral o texto foi abreviado, perdendo em espontaneidade e flexibilidade.⁴²

3. Ocorrências da instituição canônica

Dom Bosco falava da *Associação Salesiana*, pela primeira vez, a Pio IX na audiência de 22 de fevereiro de 1875. Por sugestão do papa ele pedia cartas de recomendação a vários bispos, seja para a Obra de *Maria Auxiliadora* seja para os salesianos associados, dois projetos “um distinto do outro”. Para ambos ele pedia ao cardeal Berardi de “suplicar que as indulgência e a bênção do santo padre” fossem “apropriadas a cada um dos projetos para poder comunicá-las conforme as oportunidades”⁴³.

Tendo obtido as cartas de recomendação de vários bispos, na data de 4 de março de 1876 ele se dirigia diretamente ao papa. “Vossa Santidade – recordava ele referindo-se aos cooperadores salesianos – dignava-se fazer examinar tal projeto, abençoá-lo e recomendá-lo”. “Muitos bispos foram solícitos acolhendo-os para as respectivas dioceses”⁴⁴. Pela abertura do “tesouro das santas indulgências” – acrescentava – “cada um pode estar assegurado que a Obra dos Oratórios é abençoada e recomendada por V.S.”⁴⁵. Os favores espirituais eram concedidos com um breve de 9 de maio de 1876. Antes que pela concessão das indulgências, o documento era fundamental, segundo Dom Bosco, para o conexo reconhecimento de fato da Associação. Na primeira conferência aos

⁴¹ O texto foi acrescentado nas páginas 8 e 9 do impresso com as matérias a serem tratadas no Capítulo Geral; foi copiado em folhas à parte pelo padre Berto, secretário de Dom Bosco, o qual, por sua parte, relê, revê e corrige.

⁴² Cf. *Deliberazioni del Capitolo Generale della Pia Società Salesiana tenuto in Lanzo-Torinese nel settembre 1877*. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana, 1878, p. 91-93; OE XXIX 467-469, apêndice, IV. “Associazione varie – I Cooperatori Salesiani”.

⁴³ Carta de 18 de abril de 1875; E II 473.

⁴⁴ Refere-se à primeira edição de 1876 do projeto *Cooperatori salesiani ossia un modo pratico per giovare al buon costume ed alla civile società*. Turim, Tipografia Salesiana, 1876, 16 p.; OE XXVIII 255-271.

⁴⁵ E III 25-26.

cooperadores em Turim, em 16 de maio de 1878, Dom Bosco proclamava abertamente: “Faleceu neste ano nosso incomparável benfeitor Pio IX que aprovou a Associação dos Cooperadores e a enriqueceu tanto de insignes indulgências, o Pio IX que quis ser inscrito como primeiro entre os cooperadores salesianos”⁴⁶. Na realidade o papa tinha concedido as indulgências porque – dizia-se no breve – “como se referiu, foi canonicamente erigido um Pio sodalício, denominado Associação ou União dos Cooperadores Salesianos”. Aos aderentes, no presente e no futuro, Pio IX concedia, antes de tudo, duas indulgências plenárias, a eles reservadas. Na segunda parte acrescentava: “Querendo dar um sinal de especial benevolência aos sobreditos sócios, concedemos-lhes todas as indulgências tanto plenárias quanto parciais, que os Terciários de São Francisco de Assis podem lucrar pela concessão apostólica”; eles poderiam conseguir nas festas de São Francisco de Sales e nas igrejas salesianas, como os Terciários lucravam nas festas de São Francisco e nas igrejas franciscanas.⁴⁷

Fortalecido pelo breve de Pio IX, Dom Bosco preparava uma nova edição, integrada e modificada, do precedente fascículo. Em 12 de julho de 1876 enviava uma cópia impressa ao arcebispo Gastaldi. Informava-o da iniciativa com o mínimo de palavras: “Nesta manhã terminou-se a impressão e composição do livrinho *Cooperadores salesianos*”. Em 12 de julho era precisamente assinada por Dom Bosco a apresentação *Ao leitor*. “É uma espécie de *terciário* – prosseguia – com o qual o santo padre concede a nossos benfeitores alguns favores espirituais”. Fazia, portanto, “humilde pedido de querer conceder também sua bênção como arcebispo da casa principal” e, “se não [lhe] desagradava”, ser colocado “após o santo padre” “no catálogo dos promotores”. Acrescentava com duvidoso afastamento: “Faço-lhe estas duas propostas por dever e se V.E. adere, deverei dois favores assinalados. Mas em todo caso peço que o Senhor acolha este escrito como sinal de alta estima e de profunda admiração por V. E.”⁴⁸.

A reação do superior eclesiástico não podia ser particularmente benévola diante de fatos consumados, para os quais pedia simplesmente a bênção. Duas coisas tinham desagradado o bispo – respondia o secretário, teólogo Chiuso –: que ele tivesse publicado “o livro *Cooperadores salesianos* sem lhe ter apresentado para a revisão eclesiástica e de ter publicado nele indulgências e uma Pia Sociedade, cuja instituição canônica era desconhecida para a autoridade eclesiástica de Turim”.⁴⁹ Dom Bosco não tomou conhecimento imediato da carta. De 20 a 29 de julho estava na Ligúria, provavelmente para poder dar uma resposta plausível. Interessava-lhe sobretudo Alassio, diocese de Albenga. Não faltavam motivos para ir lá: o novo grande prédio em construção (1875-1877), os contatos com o benfeitor cômego Edoardo Martini, a busca de pessoal para a segunda expedição missionária e, porque não?, a solução do

⁴⁶ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 13, p. 58.

⁴⁷ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 7-9; OE XXVIII 345-347.

⁴⁸ E III 71-72.

⁴⁹ Carta de 16 de julho de 1876; *Documenti* XVII 414, FdB 1041 A2.

problema da edição do fascículo *Cooperadores salesianos*. O bispo diocesano, dom Pietro Anacleto Siboni, um dos nomes que apareciam em listas propostas à Santa Sé por Dom Bosco,⁵⁰ podia dar e dava a cobertura da aprovação eclesiástica e do lugar de edição: com efeito, em 26 de julho a Cúria diocesana concedia o *Imprimatur*⁵¹. Voltando a Turim, em 1º de agosto fazia chegar às mãos do secretário do arcebispo a resposta da carta de 16 de julho, não sem algum momento dialético. “Tendo chegado da visita feita às casas da Ligúria – escrevia –, encontro tua carta de 16 do passado julho, a qual, embora com atraso, apresso-me em responder. A obra dos *Cooperadores salesianos* não foi publicada. A primeira cópia foi enviada a S. E. Rev.ma o Sr. Arcebispo, cópia que não era, então, totalmente publicada – explicava –, porque, se tu olhas a página 38, vais encontrá-la em branco, e lá eu queria que fosse impressa a bênção de nosso arcebispo, se tivesse julgado bem concedê-la”: na verdade, uma colocação anômala, entre o final do texto e o índice, para a bênção de um arcebispo que se queria associar a Pio IX entre os promotores da Associação. Seguiu a franca declaração: “A Obra dos Cooperadores não é diocesana, mas geral”. Acrescentava considerações gerais sobre o estilo que tinham assumido as recíprocas relações entre dom Gastaldi e ele: sobre a Obra ele teria falado com o arcebispo “se não tivesse sido constrangido – justificava-se – a tratar por pessoa intermediária, e dessa forma as coisas dificilmente podem fazer-se entender em seu verdadeiro sentido”; “enquanto pude abrir o meu coração a S.E., eu não movia um dedo sem o seu duto, prudente e culto parecer. Amargamente tive que parar de agir dessa forma, quando não tive mais liberdade de falar, ou então não gozava mais de confiança”.⁵²

No entanto, já havia proposto a associação aos primeiros grandes benfeitores, os marqueses Fassati: “Envio ao senhor e à senhora marquesa a agregação aos Cooperadores Salesianos, do qual já falamos tantas vezes. Desta forma o senhor poderá fruir das muitas indulgências e graças espirituais concedidas pelo benévolo reinante Pio IX”⁵³. Do opúsculo *Cooperadores salesianos*, então impresso, enviava cópias ao padre Cagliero e o encarregava de levar uma ao arcebispo de Buenos Aires, a quem desejaria que aparecesse com sendo o primeiro após o santo padre, e de dar também aos outros já conhecidos. Informava-lhe também que “todas as indulgências ali anotadas são também lucráveis por todos os salesianos”.⁵⁴ Mais adiante enviava-lhe os diplomas

⁵⁰ Cf. F. MOTTO, “L’azione mediatricce di Don Bosco nella questione delle sedi vescovili vacanti”, in: *Don Bosco nella Chiesa*, p. 312 e 314.

⁵¹ Cf. *Cooperatori salesiani ossia un modo pratico per giovare al buon costume ed alla civile società*. Albenga, Tip. vescovile di T. Craviotto, 1876, 34 [6] p.; OE XXVIII 255-271. Seguiu uma reimpressão com a indicação *Cooperatori salesiani ossia un modo pratico per giovare al buon costume ed alla civile società*. Sampierdarena/ Turim, Tipografia. e Libreria. Salesiana, 1876, 36 [4] p.

⁵² Ao cônego T. Chiuso, 1º de agosto de 1876; E III 83.

⁵³ Carta de 16 de julho de 1876; E III 73.

⁵⁴ Ao padre Cagliero, 1º de agosto de 1876; E III 81.

e recomendava a prudente promoção da Associação.⁵⁵ Pessoalmente, ao invés, fazia expedir e acompanhava com uma carta cópias do opúsculo às nobres senhoras benfeitoras de Florença: “Envio-lhes – escrevia à condessa Girolama Ugucconi – algumas cópias de colaboradores salesianos a serem distribuídas à senhora Gondi, marquesa Nerli, Digny e outros que conhece amar as nossas coisas. Os diplomas os receberá com as *Leituras Católicas*, e fará somente com que assinem a paginazinha vermelha”,⁵⁶ isto é, a ficha de 1876, da qual já se falou. A um jovem salesiano, professor na casa de Trinità di Mondovì, que desejava tornar-se terciário franciscano para usufruir das indulgências, respondia: “não é preciso fazer-se terciário franciscano, porque todas as indulgências dessa ordem são concedidas aos cooperadores salesianos, aos quais tu pertences. Portanto, lê nosso livreto, procura fazer com que o número aumente e terá mérito”.⁵⁷ Padre Rua era o responsável do envio dos diplomas em Valdocco. Ele se servia do padre Berto, que tinha a responsabilidade direta.⁵⁸ Em sua obra pessoal de propaganda, Dom Bosco continuava a pensar também no além-oceano. “Faze muitos cooperadores e cooperadoras salesianas – recomendava Dom Bosco de Marselha ao padre Lasagna, em 16 de julho de 1877 – e manda-me os nomes, para que possa enviar-lhes o *Boletim* mensal, que já se começa a publicar”.⁵⁹

Ainda mais dura que a precedente era a reação de dom Gastaldi à publicação da edição de 1877 do opúsculo sobre os cooperadores. Dom Bosco tinha feito preceder ao texto, semelhante ao que fora editado em Albenga em 1876, do breve pontifício de 9 de maio de 1876, em latim e em italiano, e do elenco das tantas indulgências concedidas aos cooperadores, entendidos no sentido mais largo, em 1876, mas também em 1875 e já em 1869 e 1870.⁶⁰ Dom Gastaldi ameaçava de tornar público junto aos padres da diocese o próprio dissenso sobre a publicação, segundo ele, fora do ritual. Dom Bosco, em uma carta que tocava outros pontos de controvérsia sobre os quais se voltará mais adiante, suplica-se que aja de forma a evitar um escândalo inútil, danoso a todos, sugerindo que ambos se submetam “aos juízos maduros e cheio de autoridade das Congregações Romanas”.⁶¹ Em compensação, em 12 de dezembro podia dar boas notícias ao cônego Clemente Guiol, pároco da Igreja São José em Marselha: os missionários de passagem e seus hóspedes “ficaram entusiasmados da sua benevolência; e unânimes escreveram: O pároco de São José é um verdadeiro cooperador salesiano; Deus o conserve”.⁶² Em 5 de dezembro, o arcebispo de Gênova, Salvatore Magnasco, aprovava oficialmente para sua diocese a União dos Cooperadores.

⁵⁵ Ao padre Cagliari, 14 de novembro de 1876; E III 112.

⁵⁶ Carta de 2 de dezembro de 1876; E III 122.

⁵⁷ Ao clérigo L. Deppert, 28 de maio de 1878; E III 177.

⁵⁸ Ao padre Rua, 6 de julho de 1877; E III 195.

⁵⁹ E III 199.

⁶⁰ *Cooperatori Salesiani*, 1877, 36 [4] p.; OE XXVIII 339-378.

⁶¹ A dom Gastaldi, 22 de novembro de 1877; E III 241.

⁶² E III 251.

4. A forma oficial e definitiva dos anos 1876/1877

Com o primeiro texto de 1876, refluído, por meio do texto integrado e definitivo do mesmo ano, no texto de 1877, fixava-se a forma e a denominação oficial da Associação ou União dos Cooperadores Salesianos. O frontispício permanecia idêntico nas diversas edições. Em todos, do texto doutrinal, precedido na edição de 1877 da titulação geral *Regulamento dos Cooperadores Salesianos*, com relação ao texto *Associação de boas obras*, eram modificados o segundo e o terceiro títulos: *A Congregação Salesiana vínculo de união e escopo dos cooperadores salesianos*. No texto de 1877 variava-se também o primeiro título, que soava *É necessário que os cristãos se unam para fazer o bem*. Os conteúdos, na maior parte idênticos à precedente *Associação de boas obras*, encontravam nos *Cooperadores salesianos* uma formulação mais linear e essencial.

O texto de 1877 abria com a citada apresentação *Ao leitor* assinada “Turim, 12 de julho de 1876. Sac. Giovanni Bosco”. Nela Dom Bosco utilizava elementos da súplica pelas indulgências pedidas ao papa em 1876. Dirigindo-se ao leitor, legitimamente ele ligava a estrutura codificada dos *Cooperadores salesianos* às experiências originárias de colaboração dos anos 40. Mas era já uma forção conduzi-la até 1841. Mais exato era atribuir aos “piedosos e zelantes sacerdotes e leigos” dos anos sucessivos – provavelmente entre 1847 e 1852 –, “colaboradores ou cooperadores”, dedicados à “classe de jovens periclitantes”, a exigência de um “regulamento que servisse de base e de liame para conservar a uniformidade e o espírito destas instituições populares”. “Tal desejo – afirmava – esperamos que agora fique satisfeito com o presente livrinho”. A conclusão era um compêndio de fórmulas familiares já no primeiro Dom Bosco: “O Senhor Deus, rico de graças e de bênçãos, espalhe seus copiosos favores celestes sobre todos os que prestam seu esforço para ganhar almas para Jesus Salvador, fazer o bem à juventude em perigo, preparar bons cristãos para a Igreja, honestos cidadãos para a sociedade civil, e assim todos possam se tornar um dia felizes habitantes do Céu”.⁶³

De qualquer forma, o texto de 1876/1877 é a visão esquemática do cooperador própria de um regulamento. A realidade efetiva apareceria sempre mais complexa: por exemplo, a cooperação à atividade também em igreja não salesiana e a acentuação em muitos contextos do auxílio financeiro. Todavia, constitui a referência básica para individuar os traços da figura característica de agente religioso e social, que merece ser mais precisamente analisada. Podem ser guias os títulos da edição definitiva de 1877.

Os primeiros acentuam com força o caráter dominante da nova associação eclesial: uma quase ordem terceira das obras.

“*É necessário que os cristãos se unam para agir bem*”, para a dupla finalidade: “auxiliar-se mutuamente para fazer o bem e afugentar o mal”, e “promover o espírito de oração, de caridade com todos os meios que a religião concede, e assim remover ou

⁶³ *Cooperatori salesiani*, 1877, “Al lettore”, p. 3-4; OE XXVIII 341-342.

ao menos mitigar aqueles males, que destroem o bom costume da juventude que cresce, em cujas mãos estão os destinos da sociedade civil”.⁶⁴

“*A Congregação Salesiana vínculo de união*”. Efetivamente a Associação “tem por fim primário trabalhar em benefício da juventude na qual se funda o bom ou o triste futuro da sociedade. Com essa proposta não entendemos dizer que este seja o único meio para prover a tal necessidade, uma vez que existem mil outros, que nós vivamente recomendamos sejam postos em ação. Nós, por nossa vez, propomos um, e é a Obra dos Cooperadores Salesianos, pedindo aos bons católicos que vivem no século, que venham em socorro dos sócios desta Congregação”.⁶⁵

“*Finalidade dos cooperadores salesianos*”. Está descrita no módulo constitucional salesiano, da santificação de si mesmos e salvação dos outros: “fazer o bem a si mesmo mercê de um teor de vida, por quanto se pode, semelhante àquele que se vive na vida comum”, ou própria de quem entra “em um claustro”; “continuar em meio às próprias ocupações ordinárias, no seio das próprias famílias, e viver como se de fato estivessem na Congregação”, como terciários que, diferentemente dos “antigos”, têm “por finalidade principal a vida ativa no exercício da caridade para com o próximo, especialmente para com a juventude periclitante”.⁶⁶

“*Forma de cooperação*”. Ela se exprime em atividades análogas às da Congregação Salesiana, com o acréscimo dos subsídios materiais: 1) “Promover novenas, tríduos, exercícios espirituais e catecismos, sobretudo nos lugares onde faltam meios materiais e morais”; 2) dada “a penúria de vocações ao estado eclesiástico”, se se está em condições, tomar “cuidado especial dos jovens, e também de adultos, que tendo as necessárias qualidades morais e os hábitos ao estudo, mostrassem indício de serem chamados”, e isto é também finalidade da Obra de Maria Auxiliadora; 3) “opor a boa imprensa à imprensa irreligiosa, mercê da difusão de bons livros, com folhetos e folhetins impressos de qualquer gênero”; 4) “a caridade para com os meninos periclitantes, recolhê-los, instruí-los na fé, conduzi-los às funções sagradas, aconselhá-los nos perigos, conduzi-los onde possam ser instruídos na religião”, tanto “por si” como “por meio de outros” com um acréscimo importante: “Tudo o que se recomenda para com os jovens periclitantes, se propõe também para as meninas que encontram em iguais condições” ; 5) integração na caridade apostólica de duas outras dimensões: a “oração” (compreendida, acreditamos, à do sofrimento) e a doação dos “meios materiais onde fosse preciso, a exemplo dos fiéis primitivos, que levavam seus bens aos pés dos apóstolos, para que os distribuíssem às viúvas, aos órfãos e em outras graves necessidades”.⁶⁷ A figura do cooperador atingia, nesse ponto, a do benfeitor, incluindo-a como dimensão não secundária em relação às outras: em mais de uma vez, a benfeitores especiais, Dom Bosco enviava ou fazia enviar o diploma de cooperador, sem referência à qualificação de terciário.

“*Constituição e governo da Associação*”. Está prevista uma estrutura que remete

⁶⁴ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 27-28; OE XXVIII 365-366.

⁶⁵ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 28; OE XXVIII 366 .

⁶⁶ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 29-30; OE XXVIII 367-368.

⁶⁷ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 30-31; OE XXVIII 368-369.

substancialmente ao documento *Associação de boas obras*, mais cuidada e atenta nos textos de 1876/1877. Por exemplo, a associação é sempre “humildemente recomendada à benevolência e proteção do sumo pontífice, dos bispos, dos párcos, mas se diz “*absoluta*”, não mais “*absoluta e ilimitada*”, a dependência “em todas as coisas que se referem à religião”.⁶⁸ Na Associação dá-se particular relevo à informação e à comunicação entre o superior e os sócios. Tal fato será providenciado por um “boletim ou folheto impresso”. À comunicação, à animação e à formação querem contribuir as reuniões dos membros “no dia de são Francisco de Sales e na festa de Nossa Senhora Auxiliadora”, “para animar-se reciprocamente à devoção desses protetores, invocando seu patrocínio, a fim de perseverar nas obras começadas conforme a finalidade da Associação”.⁶⁹

“*Obrigações particulares*”. É interessante a evolução do texto quer quanto à interpretação do empenho pecuniário com aspectos espirituais comunitários, quer quanto à clarificação do primeiro aspecto. *União cristã* se limitava a um artigo: “Os sócios não são obrigados a nenhum pagamento anual; são somente convidados a fazer uma oferta para sustentar as obras promovidas pela Associação”.⁷⁰ A *Associação de boas obras* era mais explícita e articulada: “1) Cada sócio, com os meios materiais próprios ou com beneficiência recolhida junto a pessoas caridosas, fará o que pode para promover e sustentar as obras da Associação. 2) Os sócios fazem cada ano uma oferta de 1 lira para as obras promovidas ou a serem promovidas pela associação. Essas ofertas serão endereçadas ao superior, ou então aos decuriões, aos prefeitos ou aos diretores, que lhe farão chegar ao destino. 3) Regularmente se fará uma coleta por ocasião das conferências e especialmente naquela de são Francisco de Sales. Quem não puder participar dessa conferência pode, de alguma forma, fazer chegar a oblação ao superior”.⁷¹ *Cooperadores salesianos* na primeira edição de 1876 alargava o horizonte com um artigo inicial que falava de comunhão fraterna entre os membros da Congregação Salesiana e os cooperadores, com um apelo recíproco de uns aos outros. Além disso, assumia integralmente o primeiro artigo da *Associação de obras boas* e repropunha com modificações os outros dois: “3) Os cooperadores não têm nenhuma obrigação pecuniária, mas farão mensal ou anualmente a oferta que será ditada pela caridade de seu coração. Essas ofertas serão endereçadas ao superior para o sustento das obras promovidas pela Associação. 4) Regularmente, pois, se fará uma coleta por ocasião das conferências na festa de Nossa Senhora Auxiliadora e na de são Francisco de Sales. Nos lugares onde o número não for suficiente para constituir uma Decúria, e quando alguém não pudesse participar da conferência, fará chegar à destinação a sua oferta

⁶⁸ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 9; OE XXVIII 263. Cf. *Associazione di opere buone*, p. 8; OE XXV 488.

⁶⁹ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 33; OE XXVIII 373.

⁷⁰ *Unione cristiana*, p. 5; OE XXV 407.

⁷¹ *Associazione di Opere Buone*, p. 10-11; OE XXV 490-491.

por um meio que lhe for mais fácil e seguro”.⁷² Finalmente, *Cooperatori salesiani* de 1877, como a segunda edição de 1876, concilia melhor os dois aspectos espiritual e pecuniário, derivando do primeiro, que se tornara imutável, o segundo enriquecido sob o sinal da fraternidade do crente: “Portanto todos os sócios, como todos os filhos do nosso Pai Celeste, todos irmãos em Jesus Cristo, com meios materiais próprios ou com beneficiências recolhidas junto a pessoas caridosas, farão o quanto podem para promover e sustentar as obras da Associação”. São, pois, reproduzidos os artigos 3º e 4º do documento precedente, este último modificado na parte inicial: “Cada ano se farão ao menos duas conferências: uma na festa de Nossa Senhora Auxiliadora, outra na de São Francisco de Sales. Em cada uma delas se fará uma coleta como no número 3 precedente”.⁷³

As *Vantagens* – como já na primeira edição de 1876 – consistem em uma copiosa chuva de indulgências e de graças especiais concedidas pelo pontífice e em uma ininterrupta e intensa participação nas preces dos salesianos, nas missas e preces que se fazem cotidianamente na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora de Turim, nos sufrágios pelos cooperadores defuntos, cada ano, no dia sucessivo à festa de São Francisco de Sales, às preces nas doenças e na morte.⁷⁴

As *Práticas de piedade* são reduzidas a algumas fundamentais: os exercícios espirituais anuais, o exercício mensal da boa morte, a frequência dos sacramentos da confissão e da comunhão, um cotidiano Pai-nosso e Ave-Maria a São Francisco de Sales. Mas é distinto da oração vital [a “oração atual”, isto é “agente” de Santa Catarina de Sena]⁷⁵ de Dom Bosco que pede o art. 1º: “Aos cooperadores salesianos não é prescrita nenhuma obra exterior, mas para que a sua vida se possa, em alguma forma, assemelhar-se à vida de quem vive em comunidade religiosa, recomenda-se-lhes a modéstia no vestir, a frugalidade na mesa, a simplicidade nos objetos domésticos, o cuidado no falar e a exatidão nos deveres do próprio estado, cuidando para que as pessoas dependentes deles observem e santifiquem os dias de guarda”.⁷⁶

Dom Bosco retornaria a idênticos motivos nas conferências, discursos, cartas, circulares, não sem insistente referência às rigorosas exigências da esmola. Os programas e regulamentos escritos – de resto, muito rústicos e de pouca elaboração – eram uma esqueleto sem carne no qual era impossível incorporar adequadamente a experiência vivida antes da institucionalização e ainda mais, a experiência particularmente rica em palavras e ações do último decênio. Com efeito, tornavam antes aproximativas as fórmulas que deveriam definir a relação entre santificação pessoal e empenho ativo na

⁷² *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 11-12; OE XXVIII 265-266.

⁷³ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 33-34; OE XXVIII 371-372.

⁷⁴ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 34-35; OE XXVIII 372-373. Cf. *Cooperatori salesiani*, 1876, p. 12-13; OE XXVIII 266-267.

⁷⁵ *Il dialogo della Provvidenza* LVI.

⁷⁶ *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 35-36; OE XXVIII 373-374.

caridade e suas variadas formas. Não parece nem mesmo tocado o caráter leigo da espiritualidade do cooperador não eclesiástico, enquanto sobre a dos cooperadores bispos, sacerdotes, religiosos, embora presentes de direito e de fato, há total silêncio.

De qualquer modo, o modelo de vida oferecido era o mesmo dos salesianos, padres religiosos. Nem se acenava à figura do coadjutor, o salesiano leigo, religioso a título pleno, com uma especial modalidade laical de viver a consagração e a missão, que o acomodavam ao sacerdote. Mas a personalidade jurídica e espiritual do coadjutor era, então, quicá mais indeterminada que a do cooperador, favorecendo confusões na identificação das duas figuras diversas e nas respectivas denominações.

5. O *Boletim Salesiano*

No título *Constituição e governo da Associação* o problema da comunicação sofria uma interessante evolução. *União cristã* estabelecia: “no final de cada ano o superior comunicará aos sócios as obras que, no decorrer do ano seguinte, pareçam dever ser promovidas e, ao mesmo tempo, dará notícias de todos os que, no decorrer do ano, forem chamados à vida eterna e recomendará às preces comuns”.⁷⁷ A *Associação de boas obras* conservava o mesmo texto, mas o fazia preceder de um empenho posterior: “Cada mês, com um boletim [ou] folheto impresso dar-se-á aos sócios uma visão das coisas propostas, feitas ou que se propõem fazer”.⁷⁸ *Cooperadores salesianos*, em todas as edições, adotava com ligeiras variantes o inteiro texto de *Associação de boas obras*: “Cada três meses e também mais vezes, com um boletim ou folheto impresso (...)”.⁷⁹

Na realidade, tornou-se imediatamente mensal.

Dom Bosco dava rápido encaminhamento ao *Boletim Salesiano*, periódico presente ainda em todo o mundo nas mais variadas vestes editoriais.⁸⁰ Dele falara a primeira vez, em público, na conferência geral de 7 de fevereiro de 1877, no âmbito das Conferências de São Francisco de Sales. Fazendo referência aos cooperadores salesianos, anunciava: “Estabeleceu-se, a esse propósito, de imprimir um *Boletim* que será como que o jornal

⁷⁷ *Unione cristiana*, p. 4-5; OE XXV 406-407.

⁷⁸ *Associazione di opere buone*, p. 9; OE XXV 489.

⁷⁹ *Cooperatori salesiani*, 1876, p. 10; OE XXVIII 264; *Cooperatori salesiani*, 1877, p. 32; OE XXVIII 370.

⁸⁰ Não existe uma desejável história do *Bollettino Salesiano*, mas somente estudos parciais sobre determinados conteúdos. Na celebração do centenário de fundação foram dedicados um artigo do fascículo de janeiro de 1976 do periódico: E. BIANCO, “Il Bollettino Salesiano “incompiuta” di Don Bosco” (p. 6-8), e todo o fascículo de setembro de 1977. Nada mais dedica à história além do mais recente trabalho programático de V. ORLANDO (org.), *Il Bollettino Salesiano: progetto di rinnovamento e di rilancio*. Roma, Editrice S.D.B. [edizione extra-commerciale], 1998, p. 19-32.

da Congregação, pois são muitas as coisas que se deverão comunicar aos ditos cooperadores. Será um Boletim periódico, como um liame entre os cooperadores e os irmãos salesianos”.⁸¹ Após alguns meses previa fazê-lo sair em julho, como se deduz de uma carta ao padre Rua: “Envio-te aqui mil coisas, entre as quais a carta para ser inserida no *Boletim Salesiano* que se deve solicitar *quoad fieri potest* para que possa sair no próximo mês. Enviem-me os impressos [os esboços de impressão].⁸² Mas adiante protelava de um mês: “Visto o atraso do *Boletim*, creio que seja melhor fazê-lo começar em agosto, e neste sentido envio o mês de agosto para as indulgências” [ou seja o elenco das indulgências lucráveis em agosto].⁸³ Na metade de julho escrevia ao padre Lasagna: “Faze muitos cooperadores e cooperadoras e envia-me os nomes, para que lhes possa enviar o *Boletim* mensal que já se começa a publicar”.⁸⁴ Ao padre Barberis, que entre julho e agosto estava em Lanzo em férias com os noviços, tinha escrito em julho um bilhete assim concebido: “É preciso que nos ocupemos do número futuro de *Boletim Salesiano*. Por isso, prepara-me a carta do padre Cagliari, da qual ficamos entendidos”. E efetivamente o destinatário se dirigia a Turim e aí se permanecia “alguns dias”, podendo “falar longamente com Dom Bosco”. A estes e a outros dias se refere, quando anotava pouco mais adiante: “Falou-se longamente do *Bibliófilo católico*, do modo de sustentá-lo e de como agora no princípio dava muito trabalho, seja porque não havia ninguém a frente seja porque, estando no começo, era bom que Dom Bosco mesmo lhe desse algum endereçamento que deseja possa continuar depois. Todavia é necessário estabelecer um. Espero [fala Dom Bosco] que entre pouco poderemos ter padre Bonetti no Oratório, e, entre as outras coisas, poderemos encarregar-lhe deste, no que diz respeito à direção. É preciso que tu penses sempre para as cartas dos missionários, etc., etc.”.⁸⁵

No Primeiro Capítulo Geral (1877) discutiu-se sobre os cooperadores e sobre o *Boletim*, tratando conjuntamente também da identidade pública do salesiano. As *Deliberações* dedicavam ao periódico um só artigo: “O *Boletim Salesiano* é o vínculo de união entre os cooperadores. Quando algum membro se tornasse indigno de ser cooperador, deixar-se-á de enviar-lhe o Boletim, sem outra formalidade”.⁸⁶ No Capítulo, contudo, dele se falara com várias digressões na sessão da tarde do dia 7 de setembro.⁸⁷ À objeção sobre o custo do envio gratuito “faz-se notar – diz a Ata – que

⁸¹ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 11, p. 78.

⁸² Ao padre Rua, de Roma 16 de junho de 1877; E III 187.

⁸³ Ao padre Rua, de Borgo San Martino, 6 de julho de 1877; E III 195.

⁸⁴ Carta ao padre Lasagna, 16 de julho de 1877; E III 199.

⁸⁵ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 12, p. 28029. No fascículo de agosto eram publicadas duas cartas do padre Cagliari.

⁸⁶ *Deliberazioni del Capitolo Generale della Pia Società Salesiana tenuto in Lanzo-Torinese nel settembre 1877*, p. 92; OE XXIX 468.

⁸⁷ G. BARBERIS, *Verbali* I 48-55.

até agora as despesas foram cobertas abundantemente, porque, embora custe, quase todos os que o recebem perguntam quanto é a associação [a assinatura] e, vendo que se envia sem quota fixa, fazem doação maior do que a que seria pedida. Há os que não dão nada, mas enviam depois alguma esmola em outra circunstância do ano, ou então ajudam de outra forma o Oratório”.⁸⁸

Em novembro, padre Bonnetti deixava a direção do Colégio de Borgo San Martino e assumia no Oratório o encargo de “prefeito do Clero”, com a missão de redator do *Boletim*. Isto se deduz também de uma carta em que Dom Bosco hipotizava a publicação parcial no periódico das cartas pastorais do amigo bispo de Vigevano: “padre Bonetti fará um estudo delas para reproduzi-las nas partes essenciais no *Bibliófilo*”.⁸⁹ Nos primeiros quatro meses de vida, com efeito, o periódico saía com a denominação *Bibliófilo católico ou Boletim Salesiano mensal*. O *Bibliófilo* era um catálogo de pequeno formato da Tipografia-livraria Salesiana. Tinha começado em 1875, totalizando quatro números. Por isso, o primeiro fascículo do *Bibliófilo católico ou Boletim Salesiano* saía com a indicação: “Ano III. N. 5. Agosto de 1877”. Tinha doze páginas e, quanto aos conteúdos, espelhava a dupla titulação com os seguintes títulos: *Aos cooperadores salesianos, Sobre os cooperadores, Cartas dos missionários salesianos na América do Sul, Coisas diversas, Primeiras provas de alguns cooperadores, Indulgências especiais para o mês de agosto, Colégio Internato de Valsalice, próximo de Turim. Programa*. Concluía-se com três páginas cheias de catálogo de livros, a primeira das quais consagrada às *Obras do padre Giovanni Bosco*.⁹⁰ Do fascículo de setembro foram feitas duas edições. A primeira continuava a série iniciada em agosto com os seguintes dizeres: “Ano III. N. 6. Setembro de 1877” e trazia os seguintes títulos: *História dos cooperadores salesianos, Breve biografia do padre missionário Gio. Battista Baccino pelo padre G. Barberis, Graça obtida por intercessão de Nossa Senhora Auxiliadora*, com as páginas seguintes dedicadas à publicidade de livros, precedida pela indicação das indulgências adquiríveis pelos cooperadores no mês de setembro. A segunda, ao invés, inaugurava a nova série de anos e meses com os dizeres “Ano I. N. I. Setembro de 1877”. Assim como o fascículo precedente dava o endereço: Via Cottolengo, nº 32, Turim. O fascículo continha apenas quatro páginas e trazia somente os primeiros três títulos do fascículo de agosto, e das cartas americanas reproduzia a primeira. As indulgências eram ainda as indicadas no número de agosto. A partir de outubro o periódico continuava a série dos meses, ignorando o fascículo de agosto: 1,2,3,4, de setembro a dezembro. Até o ano de

⁸⁸ G. BARBERIS, *Verbali* I 49-50.

⁸⁹ A dom Pietro De Gaudenzi, 24 de novembro de 1877; E IV 244. Ppadre Bonetti com o padre Cagliero, de 29 a 31 de outubro, tinham já pregado aos jovens o tríduo de introdução ao novo ano escolástico: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 60.

⁹⁰ O fascículo era impresso pela “Tipografia San Vincenzo de’ Paoli, Sampierdarena”, e assim será até o número de março de 1886. A partir do número de abril de 1886 reentrava como lugar de impressão a “Tipografia Salesiana, Turim”.

1881 inclusive, cada fascículo apresentava a numeração das páginas autônoma. A partir de 1882, a numeração tornava-se contínua de janeiro a dezembro. O número de páginas de cada fascículo ia do mínimo de oito ao máximo de vinte.⁹¹

No editorial do primeiro número eram definidas a função e o programa do periódico, em harmonia com o ser e o agir do cooperador. Isso se concluía com a implícita tomada de posição, que confirmava a atitude prudente ou difidente em campo político de Dom Bosco, também em relação ao movimento católico italiano da segunda metade do séc. XIX: “Alheios à política, estaremos constantemente longe de tudo o que possa pesar sobre qualquer pessoa constituída em autoridade civil ou eclesiástica. Nosso programa será inalteravelmente este: deixe-nos o cuidado dos jovens pobres e abandonados, e nós faremos todos os esforços para fazer-lhes o maior bem que podemos, pois assim cremos poder conduzir ao bom costume e à civilização”.⁹² Mais adiante tocava-se também no tema do cooperador como “terciário”, que manifestava “com as obras de caridade exercitadas em favor de qualquer classe de pessoas, sob qualquer forma a necessidade se apresente”, mas sobretudo “dos jovens”, uma vez que – se especificava – “a educação da juventude abandonada nestes tempos constitui uma necessidade que abraça todas as demais”.⁹³

A partir de janeiro de 1878 passava-se a usar exclusivamente o cabeçalho *Boletim Salesiano*. Um dos meios principais de coesão e de animação seria, cada início de ano, a partir de janeiro de 1879 a *Carta do Padre Giovanni Bosco aos cooperadores e cooperadoras salesianos*. Com ela os cooperadores eram informados sobre as obras realizadas no ano precedente e previstas para o ano em curso, além das urgências e possibilidades de cooperação com auxílios materiais. O periódico era o meio normal de propaganda das rifas com a tradicional pressão sobre os cooperadores e cooperadoras para a aquisição e a distribuição dos bilhete, bem como de promoção da “associação”, ou a assinatura das *Leituras Católicas*, e da subscrição à *Biblioteca da Juventude Italiana*: de resto, a difusão da boa imprensa era um dos fins da União dos Cooperadores.⁹⁴

Presente em cada fascículo e constante era a propaganda em favor das missões, sustentada por informações diretas e pontuais. Esse era o tema privilegiado do *Boletim* com a insistência sobre a urgência de auxílios em dinheiro, coisas para as casas, objetos religiosos e similares. Não faltavam as advertências sobre a vigilância em relação ao proselitismo protestante, à corrupção dos costumes e à imprensa irreligiosa e imoral, em dano sobretudo dos jovens.

⁹¹ Os fascículos continuavam, de vez em vez, a reservar um certo espaço para a publicidade de novidades livreas da Tipografia Salesiana, que por sua parte se servia, ao invés, de um catálogo saltuário do título *Bibliografia salesiana*.

⁹² *Bibliofilo Cattolico o Bolletino Salesiano mensuale*, A. III, n. 5, agosto, p. 1-2.

⁹³ *Bibliofilo Cattolico o Bolletino Salesiano mensuale*, A. I, 91877) n. 2, outubro, p. 1-2.

⁹⁴ Cf. BS 3(1879) n. 4, abril, p. 13; n. 7, julho, p. 1; 2 (1978) n. 12, dezembro, p. 4-5; 4(1880) n.1, janeiro, p. 4-5.

O periódico salesiano era enviado a todos os possíveis benfeitores, potenciais cooperadores. A possível cifra anual para concorrer às despesas de impressão e de expedição era de 3 libras. Contudo, aparecia no periódico, de quando em vez, a advertência de que não se tratava de uma quota de assinatura, e que a contribuição não era obrigatória, mas era simplesmente sugerida aos que pudessem e livremente quisessem”.⁹⁵

Sobre a relação de identidade e distinção entre cooperadores, benfeitores e destinatários habituais do *Boletim*, Dom Bosco fazia interessantes precisões no Terceiro Capítulo Geral de 1883: “Lê-se um Regulamento para a direção da Pia Sociedade dos Cooperadores Salesianos. Dom Bosco acentua: “Uns são os cooperadores salesianos, que são nossos benfeitores. Outros são os assinantes do Boletim como periódico. Ele não é senão um meio de comunicar as obras e unir os bons cristãos com um só espírito e fim. Não deve ser considerado somente como um periódico para difundir a verdade etc., e as notícias. As pessoas benfeitoras quase não sabem o que fazer com as próprias coisas para as obras piedosas, por motivos políticos. Portanto nossa finalidade do Boletim é fazer conhecer nossas obras onde Deus quer que se auxiliem as obras salesianas. Não deve ser promovido como um periódico. 1) Promover as duas conferências onde se faz a coleta e se mande a esmola. 2) Fazer conhecer a finalidade dos cooperadores: ajudar os catecismos, promover a boa imprensa, enviar aos bons colégios religiosos. A nós não importa receber 10 libras a mais ou a menos, mas conseguir a maior glória de Deus. Se os governos não colocarem dificuldade, o Boletim tornar-se-á uma potência, não para si, mas para as pessoas que reunirá”.⁹⁶

Por quase um século o *Boletim Salesiano* parece ter permanecido fiel às intenções originais, ainda que a ligação com os cooperadores tenha sofrido variações. Indício disso é a mesma mudança de subtítulo que se verificou nos inícios do séc. XX. Até setembro de 1903, o “boletim ou folheto”, com efeito, tinha saído na edição italiana com simples título, *Boletim Salesiano*. De janeiro de 1904 explicitava-se a ligação óbvia com os cooperadores com o subtítulo *Periódico* [a partir de 1915 acrescenta-se *mensal*] *da Pia União dos Cooperadores Salesianos de Dom Bosco*. A partir de janeiro de 1923, o subtítulo se tornava *Periódico mensal para os cooperadores das obras e missões de Dom Bosco*. A partir de 1946 o *Boletim* saía em duas edições distintas, uma no dia 1º e outra no dia 15 de cada mês, com o subtítulo comum *Periódico quinzenal das obras e missões de São João Bosco*: a primeira, com os dizeres *Edição para os cooperadores e cooperadoras salesianos*; a outra, *Para os reverendíssimos diretores diocesanos e decuriões*. A edição para todos, do 1º dia de cada mês, a partir de janeiro de 1957 a fevereiro de 1972, assumia um novo subtítulo *Órgão dos cooperadores salesianos*, que se tornava comum a ambos, de janeiro de 1965 a abril de 1967 (a edição de 15 de maio de 1967 tinha como subtítulo *Edição para os dirigentes* ou *Edição para os dirigentes*

⁹⁵ Cf. por ex. o “Avviso ai Cooperatori”, BS 3(1879) n. 1, janeiro, p. 9; “La Direzione del Bollettino Salesiano ai Cooperatori e Cooperatrici”, BS 5(1881) n. 1, janeiro, p. 6-7.

⁹⁶ G. MARENCO, *Verbali*, p. 16-17, FdB 1864 A10-11.

dos cooperadores desde o fascículo junho-julho de 1972). Desde 15 de março de 1972, o subtítulo se tornava *Órgão da Família Salesiana*. Em anos recentes o vínculo específico era ignorado com o subtítulo *Mensal de informação e cultura religiosa, editado pela Congregação Salesiana de São João Bosco*.

6. A figura do Cooperador nos fatos e nas palavras

Pelo rico material disponível se evidencia que a realidade do cooperador era mais rica e concreta da que resultava do regulamento sem carne. Integrações essenciais de sua identidade, das formas e dos significados de sua ação, eram dadas pelos fatos e imanentes, explícitos e implícitos, nas conferências e discursos feitos por Dom Bosco, particularmente numerosos no último decênio. Eles tinham como destinatários privilegiados os cooperadores-benfeitores, mas também pessoas empenhadas nas mais diferenciadas iniciativas de apostolado, autônomas ou inseridas nos diferentes espaços eclesiais. A caridade material, a esmola, que dispunha de indicações regulamentares mais ou menos reticentes, ocupava grandes espaços nos fatos e nas palavras, onde o apelo aos cooperadores-benfeitores fazia-se sempre mais insistente e exigente.

Na primeira solene conferência em Roma, em 29 de janeiro de 1878, Dom Bosco dedicava a maior parte de sua intervenção precisamente para traçar o perfil do cooperador salesiano. Fazia-o não com definições ou descrições abstratas, mas com a evocação de sua história a partir de 1841. Aí aparecia o vastíssimo número de eclesiásticos, de senhores e senhoras, que tinham contribuído para a obra do Oratório como colaboradores e promotores nas diferentes formas e com os meios mais variados, da catequese ao sustento financeiro.⁹⁷ Na mesma linha, pode-se considerar igualmente emblemático o discurso feito em San Benigno Canavese, em 4 de junho de 1880: os cooperadores, “com suas preces, com a unânime assistência e com os auxílios pecuniários, são como que outros tantos braços, que trabalham com a cabeça e com outros membros da Congregação Salesiana”.⁹⁸ Dom Bosco alargava mais livremente seus espaços, em uma breve saudação a peregrinos franceses em Roma, que faziam parada em Valdocco em 15 de dezembro de 1881. Esses peregrinos se interessavam pelas obras salesianas e desejavam levar às suas cidades semelhantes iniciativas em proveito da juventude aban-

⁹⁷ *Conferenza dei Cooperatori salesiani in Roma, 31.1.1878*, manuscrito autografado de Dom Bosco, ASC A 2260201, FdB 1888 C1-6; cópia manuscrita do secretário, padre Gioachino Berto, ASC A 0250214, FdB 443 D9-E4, e do mesmo uma relação da conferência enviada ao padre Rua, ASC A 0250213, FdB 443 E5-9; Cf. “Feste in Roma di S. Francesco di Sales”, *L'unità cattolica*, n. 30, domingo, 3 de fevereiro de 1878, p. 118; “La festa del Dottore S. Francesco di Sales e la prima Conferenza dei Cooperatori in Roma”, BS 2(1878) n. 3, março, p. 10-11. O discurso de Dom Bosco aí aparece, na maior parte, sem a seção narrativa.

⁹⁸ BS 4(1880) n. 7, julho, p. 12.

donada. “Pois bem – dizia Dom Bosco – nada vos falta para ser, vós também, cooperadores e cooperadoras salesianos. Já produzis as obras, não vos falta senão o título e a agregação formal para usufruir das indulgências e da comunhão de todo o bem”. “Vós deveis somente manifestar a vontade, não tendes senão que dar o nome e o endereço do domicílio”.⁹⁹ A extensão das tarefas características era acentuada em Turim, durante a vigília da festa externa de Nossa Senhora Auxiliadora, em 1º de junho de 1885. Dom Bosco – “seu aspecto era de um homem muito cansado e sua voz bastante rouca” – iniciava respondendo à pergunta: “que coisa significa ser cooperador salesiano?”. “Ser cooperador salesiano quer dizer concorrer, junto com outros, no sustento de uma obra fundada sob os auspícios de São Francisco de Sales e que tem por finalidade ajudar a Santa Igreja em suas mais urgentes necessidades, quer dizer, concorrer para promover essa obra tão recomendada pelo santo padre, porque educa os jovens [a juventude] que hoje em dia se torna o alvo dos maus, e porque promove em meio ao mundo, nos colégios, nos internatos, nos oratórios festivos, nas famílias, promove, digo, o amor à religião, o bom costume, as preces, a frequência aos sacramentos, e assim por diante”. Passava depois a falar das principais obras em atuação.¹⁰⁰

A associação tinha um campo operativo próprio, idêntico aquele dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, também fora de suas instituições, em todos os âmbitos eclesiais e civis que tivessem pedido: na partilha da caridade ativa em favor da juventude, na sociedade e na Igreja. Eram educadores e colaboradores de educadores e de educadoras congregados em institutos religiosos, cooperadores salesianos justamente, mas também quando não tivessem ajudado diretamente os salesianos e as salesianas, e tivessem se dedicado a obras análogas com o mesmo espírito. Vasta era, por exemplo, a gama dos modos propostos com muito realismo às cooperadoras turinenses na conferência do dia 23 de maio de 1879: “instilar de forma bela o amor da virtude e o horror do vício no coração das crianças e das meninas de vossas famílias, vizinhos, parentes, conhecidos e amigos”; se “alguma jovem inexperiente corre perigo da honestidade, vós procurai solicitamente afastá-la e tirá-la a tempo das garras dos lobos ávidos”; “se souberdes que alguma família tem juvenzinhos e juvenzinhas que devem ser educados ou levados ao trabalho, abri bem os olhos, e fazei, sugeri, aconselhai e exortai para que sejam colocados em colégios, em educandários, em oficinas ou em fábricas onde, com a ciência e com a arte, se ensina também o temor de Deus e onde florescem os bons costumes”; “fazei penetrar em vossas casas livros e folhetos católicos”, “fazei que passem no maior número de mãos possível”; “quando vindes a conhecer que alguma jovem não se pode salvar de outra forma dos perigos a não ser se for colocada em algum lugar retirado, fazei tudo o que puderdes para colocá-la ao seguro”. Enfim, “os que vos recomendo de modo mais intenso são os jovens de boa índole, amantes das práticas de

⁹⁹ BS 6(1882) n. 1, janeiro, p. 19.

¹⁰⁰ BS 9(1885) n. 7, julho, p. 94-95.

piedade, e que dão alguma esperança de ser chamados ao estado eclesiástico”.¹⁰¹ Outras indicações práticas eram dadas aos cooperadores de Turim, na conferência de 31 de maio de 1883, na tarde do dia do retorno da França, após a longa permanência em Paris: “enviar as crianças ao catecismo, ajudar os párocos a instruí-los e assisti-los na igreja, ou mesmo ensiná-los vós mesmos em casa”; “retirai-lhes das mãos os maus livros, se os têm, e fazei com que possuam os bons”; “afastai-os dos maus companheiros, ou de outros perigos de mal costume”; “escolher os colégios e os institutos que não se esquecem da alma, que não banem a religião e suas práticas, os colégios e institutos onde, com a ciência profana, se ensina também a sabedoria do santo temor de Deus”; tomar “cuidado especial dos jovens, vossos ou de outros, que mostrem inclinação “ao estado eclesiástico ou religioso.¹⁰²

Para se acender, ou reforçar, e se renovar a caridade operante, cuidava-se também da elevação espiritual e da animação apostólica dos associados. O *Boletim* era rico de avisos das festas a serem celebradas e das conferências feitas por ocasião das datas regulamentares: são Francisco de Sales, em 29 de janeiro, e, em 24 de maio, Nossa Senhora Auxiliadora. Bastante numerosas eram, nos meses seguintes, as crônicas a respeito do que fora feito pelos vários grupos nas mais diversas localidades. As conferências ligadas à primeira festividade tinham início com a leitura de um trecho da biografia do santo, alguma vez da biografia de Chantal caso a conferência era reservada às cooperadoras. Muitas vezes era precedida pela missa, com confissão e comunhão. As virtudes do santo eram propostas à imitação, pois era modelo de amor afetivo e efetivo.¹⁰³ A mesma organização, mas com maior intensidade, sobretudo em Turim e nas obras salesianas mais significativas, era dada à festa de Nossa Senhora Auxiliadora. As práticas do mês de maio e da novena preparavam-na com o chamado dos meios clássicos: o crescimento da devoção mariana e de Jesus Sacramentado do altar, a récita do rosário, a freqüência dos sacramentos da penitência e da eucaristia. O vértice eram

¹⁰¹ BS 3(1979) n. 6, junho, p. 3. Análogo era o discurso aos cooperadores de Borgo San Martino em 1º de julho de 1880; BS 4(1880) n. 8, agosto, p. 9.

¹⁰² BS 7(1883) n. 7, julho, p. 104.

¹⁰³ Cf. por exemplo, “La Conferenza e la Festa di S. Francesco di Sales”, BS 3(1879) n. 3, março, p. 9-10; “Un ricordo per la festa di S. Francesco”, BS 4(1880) n. 3, março, p. 2-5; “La conferenza a Lucca”, BS 4(1880) n. 6, junho, p. 9-10; “Prima conferenza dei cooperatori tenuta in Sampierdarena”, BS 4(1880) n. 6, junho, p. 10-11; “La festa di S. Francesco di Sales e la prescritta Conferenza”, BS 5(1881) n. 1, janeiro, p. 4-5; “Notizie e conferenze salesiane”, BS 5(1881) n. 7, julho, p. 7; “La Conferenza e la festa di S. Francesco di Sales”, BS 6(1882) n. 1, janeiro, p. 7; “Relazione sulla festa di San Francesco di Sales e sulle Conferenze dei Cooperatori”, BS 6(1882) n. 3, março, p. 41-42; “La immagine di S. Francesco di Sales”, BS 6(1882) n. 12, dezembro, p. 192-194; “Relazione intorno la Festa di S. Francesco e le Conferenze dei Cooperatori Salesiani”, BS 7(1883) n. 3, março, p. 40-44; “La festa e la Conferenza di S. Francesco di Sales”, BS 8(1884) n. 1, janeiro, p. 5; “La festa e la conferenza di S. Francesco di Sales”, BS 9 (1885) n. 1, janeiro, p. 16.

as celebrações da vigília e do dia, a procissão e a conferência aos cooperadores e cooperadoras, em data próxima.¹⁰⁴

7. Sustento financeiro e o severo preceito da esmola

Um amigo e cooperador, o funcionário estatal Carlo Canton, já conhecido ao leitor, em uma crônica enviada ao jornal *Apologista católico*, de Monregalese, resumia em uma breve fórmula a finalidade de quem se agregava à “cooperação salesiana”: “concorrer moral e materialmente para ajudar Dom Bosco nas obras que ele está realizando”.¹⁰⁵ Indubitavelmente, na efetiva realidade histórica, a cooperação material tornava-se muito mais evidente que nas normas estatutárias. Em vários modos Dom Bosco unia abertamente as denominações de cooperador e de benfeitor. Cooperadores e cooperadoras – declarava em Sampierdarena em 5 de maio de 1880 – embora não podendo levar a vida dos salesianos, “podem nada menos que ajudá-los e com a oração e com os auxílios materiais”.¹⁰⁶ Pedindo a franquia postal para o *Boletim* nos territórios do império austro-húngarico, Dom Bosco falava de “uma Pia Sociedade que se chama dos *Cooperadores Salesianos*, a qual (...) tem por finalidade ajudar com meio morais e pecuniários às numerosas obras de utilidade civil e religiosa”.¹⁰⁷ O sustento material era, como recordava no *Boletim*, um dos “requisitos necessários” para ser cooperador.¹⁰⁸ Alguma vez Dom Bosco falava disso com um realismo que se aproximava da ironia ou do humorismo. Urgiam necessidades muito concretas de jovens de bom apetite e legítimas insistências de fornecedores com crédito. Em uma conferência aos

¹⁰⁴ Cf. por exemplo, “Novena e solennità in onore di Maria SS. Ausiliatrice nella chiesa a Lei dedicata in Valdocco Torino”, BS 3(1879) n. 5, maio, p. 1-3; “Relazione della festa e novena di Maria SS. Ausiliatrice”, BS 3(1879) n. 6, junho, p. 1-5; “Il mese mariano nella Chiesa di Maria Ausiliatrice in Torino”, BS 4(1880) n. 4, abril, p. 8; “Tre mezzi di preparazione alla festa di Maria Ausiliatrice”, BS 4(1880) n. 5, maio, p. 5-6; “In preparazione alla festa di Maria Ausiliatrice”, BS 5(1881) n. 5, maio, p. 3-4; “La prossima novena e festa di Maria SS. Ausiliatrice”, BS 6(1882) n. 5, maio, p. 77-80; “Festa di Maria Ausiliatrice in Torino e sue particolarità”, BS 6(1882) n. 6, junho, p. 93-96; “La festa di Maria Ausiliatrice in Genova”, *ibid.*, p. 96-97; “Invito a ben celebrare la festa di Maria Ausiliatrice”, BS 7(1883) n. 5, maio, p. 75; “Aumento di fede e di pietà cristiana per mezzo di Maria”, BS 7(1883) n. 7, julho, p. 101-110; “Festa di Maria Ausiliatrice in Genova e in S. Pier d’ Arena”, *ibid.*, p. 110-111; “In preparazione alla festa di Maria Ausiliatrice”, BS 8(1884) n. 5, maio, p. 65-67; “I figli insieme colla Madre ossia la festa di Maria Ausiliatrice”, BS 8(1884) n. 6, junho, p. 82-83; “Relazione sulla festa di Maria Ausiliatrice”, BS 8(1884) n. 6, junho, p. 83-88.

¹⁰⁵ “La prima Conferenza dei Cooperatori e delle Cooperatrici Salesiane tenutasi in Torino”, BS 2(1878) n. 6, junho, p. 7.

¹⁰⁶ BS 4(1880) n. 6, junho, p. 11.

¹⁰⁷ Carta de fevereiro de 1883; E IV 213.

¹⁰⁸ Cf. “Un buon ufficio raccomandato ai Cooperatori e Cooperatrici”, BS 2(1878) n. 12, dezembro, p. 8; “Requisiti necessari per essere Cooperatore”, BS 4(1880) n. 1, janeiro, p. 1.

cooperadores do Oratório de Marselha, após ter recordado por cima as obras salesianas na França, “agora se trata de vir ao concreto – dizia, planando –, isto é, de satisfazer os credores, os quais não se adaptam a receber palavras; é preciso procurar os meios para esse fim”. “As preces não bastam, com estas vão unidas as obras. E não são somente os credores, mas nem mesmo nossos jovens se contentam com as preces. Eles comem pão, e comem muito, e por mais que se faça e se diga para que deixem esse hábito, não querem saber disto, nem mesmo um só dia. Não pretendem delícias, não; mas pão e sopa à vontade, eis a comida que pretendem, e que nós temos que dar-lhes”.¹⁰⁹ Sobre o apetite dos jovens Dom Bosco não economizava citações para tocar o coração e a bolsa dos cooperadores. “Ultimamente – confidenciava aos ex-alunos vindos a Valdocco em 24 de junho de 1883 –, como sabem, fui a Paris e falei em várias igrejas para perorar a causa de nossas obras e, digamos francamente, para conseguir dinheiro, de modo a prover o pão e a sopa de nossos jovens, que jamais perdem o apetite”.¹¹⁰ “É consolador – acrescentava na conferência aos cooperadores em Marselha, em 17 de março de 1884 – ver os bons resultados que se obtém em São Leão; de enorme consolação ver como os alunos procedem bem e gozam de boa saúde. Todos têm um ótimo apetite e é um prazer vê-los comer, embora fiquem para depois as contas do padeiro para pagar”.¹¹¹

Os cooperadores foram pensados por Dom Bosco para serem igualmente sua garantia no plano financeiro. “Talvez – continuava e resolvia a dúvida – alguém quisesse dizer: ‘Mas com tantas obras, que têm entre as mãos, Dom Bosco acabará falindo’. Não, senhor, nós não fracassaremos; isto não aconteceu até agora, e não acontecerá no futuro. Garante-nos isso a Divina Providência e a caridade dos nossos cooperadores”.¹¹² Fazer a caridade material era também para o cooperador e a cooperadora um requisito essencial para ser bons cristãos. Era consequência da idéia exata que Dom Bosco tinha da condição humana quanto à posse e ao uso dos bens materiais na sociedade, para um desígnio providencial de Deus, constituída de ricos e pobres.¹¹³ Existia uma relação salvífica de reciprocidade entre uns e outros, igualmente obrigados à observância do mandamento do amor e na disparidade das condições: “Deus fez o pobre para que ganhe o céu com a resignação e com a paciência; mas fez o rico, para que se salve com a caridade e a esmola”.¹¹⁴ Referindo-se a tantas conferências na Itália e na França, E. Ceria observa: “Nenhum santo gastou tamanha parte de suas forças e de seu tempo para persuadir as pessoas, em público e em particular, de que a esmola é um grande

¹⁰⁹ Conferência de 29 de março de 1883, BS 7(1883) n. 5, maio, p. 79.

¹¹⁰ BS 7(1883) n. 8, agosto, p. 128.

¹¹¹ MB XVII 51; “Dom Bosco falava com simplicidade, citando São Vicente de Paulo”, “ele pediu que o ajudasse a pagar as contas do padeiro e do pedreiro, uma vez que os jovens não podem viver sem comer e sem abrigo” (*Bulletin salésien*, ano VI. n. 5, maio de 1884, p. 44).

¹¹² Conferência aos Cooperadores em Casale Monferrato em 21 de novembro de 1883, BS 7 (1883) n. 12, dezembro, p. 202.

¹¹³ Cf. P. BRAIDO, “Il progetto operativo di Don Bosco e l’utopia della società cristiana”, p. 10-11 (“Un modelo vetusto di ‘società cristiana’”).

¹¹⁴ Conferência em Gênova, 30 de março de 1882; BS 6(1882) n. 4, abril, p. 78.

dever, e não a esmola em medida qualquer, determinada pelo egoísmo, mas até o limite consentido pelos próprios meios”.¹¹⁵

Dom Bosco seguia a doutrina que considerava a esmola não somente como um ato de caridade, mas como um grave dever de justiça distributiva, com evidente impacto social. Na conferência feita em Casale Monferrato em 17 de novembro de 1881, o discurso sobre a esmola tornava-se certamente severo sob o ponto de vista da teologia moral corrente.¹¹⁶ Ele reconhecia, na conferência feita em Gênova em 30 de março de 1882, que sua posição era, de certa forma, inspirada no rigor.¹¹⁷ Tinha proposto as mesmas graves reflexões na citada conferência de 23 de maio de 1879, às cooperadoras de Turim, embora, por vários anos, sempre generosas em relação aos oratórios. Após ter recordado as várias iniciativas de auxílio aos jovens e as despesas que estas comportavam, desaprovava “a cegueira de muitas pessoas de nossos dias”: gastam dinheiro em viagens de prazer, em ricas roupas, em carros e cavalos, em festas caríssimas, e “se se trata de fazer uma esmola, uma oferta para levantar ou embelezar a casa de Deus, para construir um refúgio ao órfão e ao esquecido, para prover o alimento e os vestimentos a uma criança pobre, para dar à Igreja um sacerdote a mais, ah!, eis então um ponto de mil desculpas”, “incapazes de sustentar as instituições, as obras mais úteis para a religião e para a sociedade”. Terminava, contudo, com palavras confortadoras: “Não pretendo colocar escrúpulos e ensinar que não seja lícito viver conforme vosso estado, segundo vossa condição. Quero somente dizer e inculcar para que não deixeis em vosso coração e em vossas casas a grande praga, o grande flagelo do luxo, nem grande nem pequeno”.¹¹⁸

Aí entrava o *Boletim*, no qual o redator, padre Giovanni Bonetti – a quem agradava aumentar o que Dom Bosco dizia nas suas conferências –, intervinha com dois artigos significativos sobre “bom uso” desse “poder” que é o dinheiro. “Torna claro – escrevia – que o empregar ao menos alguma parte de nossos bens temporais para a maior glória de Deus e para sustento dos pobres não é já um conselho, mas um preceito, de cuja observância depende a salvação eterna”.¹¹⁹ “A regra geral deveria ser esta: *Fazer para o bem, o que os maus fazem por mal*”. O alargar-se de uns no luxo mais desenfreado, para a difusão de folhetos e livros irreligiosos e imorais, na promoção de associações ou escolas sem Jesus Cristo, na construção de cassinos e teatros ou na organização de lojas maçônicas, deveria encontrar respostas generosas por parte dos bons em favor de iniciativas de espetaculares para a vitória do bem”.¹²⁰

¹¹⁵ MB XV 516.

¹¹⁶ BS 5 (1881) n. 12, dezembro, p. 5-7.

¹¹⁷ Cf. cap. 30, § 3.

¹¹⁸ BS 2(1879) n. 6, junho, p. 4.

¹¹⁹ “Una grande potenza e l’obbligo di bene impegarla”, BS 4(1880) n. 2, fevereiro, p. 2-3.

¹²⁰ “Regola pel buon impiego del danaro”, BS 4(1880) n. 4, abril, p. 7-8.

8. O prêmio prometido, temporal e eterno

Dom Bosco podia ser tão austero porque, coerente com sua pobre espiritualidade dos novíssimos, sabia estabelecer sábias proporções, ou melhor, a incomensurável distância entre o temporal e o eterno. Ele estava totalmente familiarizado com o dito evangélico “de que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier perder ou arruinar a si mesmo?” A salvação eterna era, verdadeiramente, a única coisa necessária. Desta mercê ele falava no final da primeira conferência aos cooperadores turinenses em 16 de maio de 1878, pensando que seus agradecimentos eram bem pequena recompensa às suas boas obras. “Deixarei – dizia – que o Senhor vos agradeça. Sim: ele mesmo disse várias vezes que considera feito a si próprio o que se faz pelo próximo; de outro lado, é certo que a caridade não é unicamente corporal, mas tem uma finalidade também espiritual, que merece um prêmio ainda maior. Quero dizer, não somente tem um preço maior, mas é divina. Os Santos Padres estão de acordo em repetir aquela máxima de são Dionísio, que diz: ‘Divinorum divinissimum est cooperari Deo in salutem animarum’. E explicando esta passagem com são Agostinho se diz que esta obra divina é um penhor absoluto da própria predestinação: ‘Animam salvasti, animam tuam praedestinasti’. Portanto, vós que concorreis em fazer esta grande caridade da qual vos falo, vós podeis estar seguros de pôr a salvo a vossa alma”.¹²¹

No entanto, fazendo própria a mentalidade dos seus benfeitores, não deixava de colocar em evidência também os bens temporais que a Providência geralmente costuma conceder a quem é generoso para com os pobres e os fracos, os prediletos de Deus. a dupla temática era desenvolvida em vários discursos, a começar do típico *sermon de charité* que fazia em Nice, em 12 de março de 1877, e que se pode considerar o modelo para semelhantes discursos proferidos nos anos seguintes. Entre outras coisas, o texto escrito foi tantas vezes visto, controlado e corrigido pelo próprio Dom Bosco. A terceira parte da exposição – após os dois pontos de *História e Finalidade deste Instituto* – era dedicada ao *Prêmio*, consagrado a recordar antes de tudo ao que Deus dirá para a consecução da vida eterna aos que o beneficiam na pessoa dos pobres: “Vinde, ó benditos do meu Pai Celeste”. Mas não se esquecia de acrescentar: “Mas Deus, pai de bondade, conhecendo que nosso espírito está preparado e a carne é assaz fraca, quer que nossa caridade tenha o cêntuplo, mesmo na vida presente”; e elencava as várias expressões.¹²² O prêmio era reservado a quem, embora cultivando os legítimos interesses terrenos, era generoso para com o mundo da pobreza. O castigo, ao invés, golpearia inexoravelmente os que eram desmesuradamente apegados às riquezas a ponto de ignorar o pobre, fechados em seu castelo dourado. “A estes sim – dizia no citado discurso em Gênova –, seria necessário fazer ressoar aos ouvidos as terríveis

¹²¹ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 13, p. 60.

¹²² Cf. G. BOSCO, *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare*, p. 36-41; OE XXVIII 414-419.

palavras de Jesus Cristo: O rico morreu e foi sepultado no inferno: *Mortuus est dives, et sepultus est in inferno*. A vós, ao invés, recordo as belas promessas que Deus fez a quem se mostra caridoso, a quem faz bom uso dos bens, a quem promove e sustenta as obras de beneficência. Dai e vos será dado, diz o Senhor: *Date et dabitur vobis*. E o que vos será dado? O cêntuplo neste mundo e a vida eterna no outro: *Centuplum accipietis, et vitam aeternam possidebitis*”.¹²³

A antecipação no tempo – advertia em diversas ocasiões – poder-se-ia verificar também para os castigos. Em decênios e em lugares onde havia a sensação de encontrar o clima social mais agitado, não deixava de mostrar perspectivas aos que possuíam a hipótese de um futuro violento, que deveria servir de provocação salutar para a caridade previdente. Para seus ouvintes ele chegava a prever jovens, ora pobres e abandonados, destinados, se não fossem tempestivamente auxiliados, a uma delinqüência agressiva, que poderia atentar contra a segurança dos bens e da vida dos ricos não generosos. Eram os potenciais “trombadinhas”,¹²⁴ ou jovens “prestes a se tornar o tormento dos cidadãos, o distúrbio das autoridades públicas”,¹²⁵ ou ainda “jovens que dispersos, privados de educação e de religião, tornar-se-iam na maior parte o flagelo da sociedade, e talvez não poucos os que iriam blasfemar contra o Criador nos cárceres”.¹²⁶ Em Lucca, em 1882, em Guillotière em Lião em 1883, em Barcelona em 1886, fazia temíveis previsões mais sombrias.¹²⁷

9. Comunidade unida por fé operante, reconhecimento e amizade

Dom Bosco não pensava, por certo, que a associação, a comunidade, se pudesse criar somente com os regulamentos e com os discursos. Para a Associação dos Cooperadores os encontros prescritos eram certamente agregantes. Mas a fraternidade salesiana formava-se sobretudo com as relações pessoais, feitas de atenção, reconhecimento, comunhão de fé, oração, obras. Nos pós-escrito da carta de 4 de dezembro de 1875 ao padre Cagliero, na Argentina, escrevia: “Fica claro que, cada vez que se escreve, se pretende enviar sempre especiais saudações a serem comunicadas ao senhor doutor Ceccarelli, Benítez, Espinosa, etc., etc.”.¹²⁸ A lembrança fazia-se particularmente intensa no caso do venerando senhor Benítez – escrevia a seu autorizado vigário na América – que eu agradeço a bondade que usa para consigo; desejo tanto vê-lo; se não tiver tal prazer na terra, marco, desde agora, um encontro no céu. *Amém*”.¹²⁹

¹²³ Conferência aos cooperadores de Gênova de 30 de março de 1882; BS 6(1882) n. 4, abril, p. 72.

¹²⁴ Ao doutor Eduardo Carranza, de Buenos Aires, 30 de setembro de 1877; E III 221.

¹²⁵ Circular aos habitantes de Nizza Monferrato, março de 1878; E III 333.

¹²⁶ Aos cooperadores, NS 4(1880) n. 1, janeiro, p. 3.

¹²⁷ Cf. cap. 30, § 3, e cap. 33, § 5.

¹²⁸ E II 531.

¹²⁹ Ao padre Cagliero, janeiro de 1876; E III 11.

Dava ainda mais espaço a uma verdadeira espiritualidade dos ricos e da riqueza à luz da caridade social, sobretudo em âmbito educativo. Escrevia assim com particular intensidade aos mais ativos cooperadores americanos. À uruguaia senhora Jackson desejava fazer compreender pessoalmente a irradiação social da sua beneficência em favorecer a tradução e a impressão de algumas suas publicações e em favorecer a introdução no Uruguai das Filhas de Maria Auxiliadora: “As almas que estes livros ganharão para o senhora – lhe assegurava – servirão para acrescer a lista das obras boas e a coroa de glória que os anjos já lhe têm preparado no céu”; “fundar um instituto educativo em um país significa fazer um assinalado benefício a todas as classes dos cidadãos que vivem agora e a todos os que viverão depois de nós”.¹³⁰ Idêntico era o pensamento que ilustrava, alguns dias depois, aos vicentinos em Buenos Aires: “A experiência nos faz persuadidos que este é o único meio para sustentar a sociedade civil: cuidar dos meninos pobres”; “aqueles que possivelmente iriam habitar as prisões e que seriam para sempre o flagelo da sociedade civil tornam-se bons cristãos, honestos cidadãos, a glória das cidades onde moram, decoro da família a qual pertencem, ganhando-se honestamente o pão da vida com o suor e com o trabalho”.¹³¹ Um hino à caridade, sentida, demonstrada, transbordante de afeto, que unia benfeitores-cooperadores e salesianos, era a carta aos sócios da Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia. Neles, os salesianos que desembarcaram em Buenos Aires, privados de tudo, “encontraram amigos, cristãos generosos”, que “os acolheram com bondade exemplar, ofereceram-lhes alojamento, igreja e pão; ofereceram comodidade para começar o sagrado ministério”. Para os que chegariam com a terceira expedição ele pedia: “Continuem a usar para com os mesmos caridade e benevolência. Tenham compaixão de seus defeitos, dêem-lhes bons conselhos, e aquele auxílio para que lhes oferecem, imaginem dar ao humilde escriba que vocês chamam de Pai, enquanto vocês se subscrevem com o doce nome de filhos. As palavras de afeto, de estima, de gratidão e de agradecimento ditas a vocês desejo que sejam comunicadas também a seus companheiros e a todos os que, de qualquer forma, fazem bem aos salesianos”.¹³² Saudações queridas, pedido de preces, “o encontro marcado no Paraíso”, com um “Ai de quem não se encontrar lá!”, enviava mais adiante aos mesmos por uma carta do padre Costamagna.¹³³

Nos anos 80, cheios de novos empenhos, primeiro entre todos a construção da Igreja Sagrado Coração em Roma, a mobilização dos benfeitores, mediante as cartas familiares, dirigia-se sobretudo aos cooperadores europeus. As mais assíduas eram destinadas aos maiores benfeitores dos últimos anos: à família Quisard de Lião (22 cartas), à mademoiselle Claire Louvert dell’Aire (58 cartas), aos cônjuges Colle de Toulon (76 cartas). O advogado Colle era feito por Leão XIII conde romano em 1882 por reco-

¹³⁰ A Elena Jackson, 13 de setembro de 1877; E III 213.

¹³¹ Carta ao doutor Carranza, 30 de setembro de 1877; E III 221.

¹³² Carta de 30 de setembro de 1877; E III 224-225.

¹³³ Carta de 12 de agosto de 1878; E III 378.

nhecimento de suas excepcionais beneficiências, computável hoje em vários milhões de euros. Dele Dom Bosco não era somente o escutado promotor da caridade, mas também o diretor espiritual, que guiava no caminho de um cristianismo operante e alegre. Exemplar era a intensidade das expressões à Louvet: “Terei a consolação de rezar a santa missa exclusivamente para vós. Para vós, para vossa saúde, para vossa santidade, vossa perseverança no caminho do paraíso, e tudo isso para dar-vos alguma recompensa pela caridade que nos fazeis e o auxílio que dais às nossas obras”;¹³⁴ seguiam-se outras análogas: “vossas boas obras”, “vossa generosa oferta”, “a caridosa oferta”; “vossa caridade”.¹³⁵ Totalmente confidencial foi a relação com o conde Fleury Louis Antoine Colle (1822-1888), que também condecorado com a Comenda de São Gregório Magno se auto-proclamava “Commandeur! [Comendador, Comandante] inteiramente disposto a deixar-se “comandar por Dom Bosco”, como caixa que esperava ordem do chefe, Dom Bosco, como administrador delegado da fazenda multinacional da caridade. O beneficiado, a certo ponto, deixava escapar a exclamação: “Mas por que não podemos encontrar benfeitores semelhantes na Itália? (...). A razão é clara. Na França e na Itália existe somente um conde Colle; e nós bendizemos mil vezes o bom Deus que o senhor conde e a senhora condessa Colle vivam para ajudar-nos, apoiar-nos, sustentar-nos em nossas dificuldades. Que Deus vos conserve a ambos por longo tempo em boa saúde e vos dê a graça de passar ainda anos e anos felizes como recompensa de vossas caridades sobre a terra e, enfim, na outra vida o verdadeiro prêmio, o grande prêmio da estada do paraíso, onde, tenho plena confiança, poderemos nos encontrar com Jesus, Maria, nosso querido Luís, a falar de Deus eternamente”.¹³⁶

Ele permanecia próximo de seus cooperadores, como dos salesianos, também nos anos que se aproximavam da passagem final do caminho terreno. Ao conde Eugenio De Maistre, que lhe tinha trazido uma soma de 6 mil libras por parte de uma tia anciã, não deixava de prometer preces e de evidenciar outras urgências: “Todos os nossos missionários, todos os nossos duzentos e cinquenta mil órfãos rezarão para que Deus se digne recompensar largamente todos no tempo e na eternidade. Nessa mesma ocasião devo cumprir meu dever de agradecer V.S. pelos benefícios que fez a toda a Congregação Salesiana e a seus alunos em várias circunstâncias. Sentimos nesse momento a grandeza de seus favores pelas dificuldades que vivemos e para a multidão de órfãos que, de toda a parte e incessantemente pedem salvação. Deus o abençoe, Sr. Conde Eugenio, e com o Senhor a Virgem proteja toda a sua família, guie a todos constantemente pelo caminho da virtude, até o Paraíso, mas junto com o Senhor e com este pobre escrevente”.¹³⁷

¹³⁴ Carta de 7 de outubro de 1885; E IV 469. Pelo que diz respeito à Clara Louvet, Cf. J. ITZAINA, “‘Charitable Mademoiselle’”: Don Bosco’s fifty-eight letters to Clara Louvet”, *Journal of Salesian Studies* 1(1990) n. 1, p. 35-46.

¹³⁵ Cf. à Louvet, carta de 17 de setembro de 1883 (; E IV 458); 20 dezembro de 1884 (; E IV 466); 21 de fevereiro 1885 (; E IV 468) etc.

¹³⁶ Carta de 29 de dezembro de 1884; E IV 510-511.

¹³⁷ Carta de 6 de março de 1887; E IV 373-374.

A uma senhora que pedia preces para vários doentes, respondia: “rezaremos e pediremos para rezar”, e acrescentava: “recomendo-lhe de querer fazer observar o que Deus disse muitas vezes: *Dai e vos será dado*, e que *a nossa fé sem obras de caridade é coisa morta em si mesma*”.¹³⁸ “O Senhor assegura o cêntuplo também na vida presente”, recordava a quem tinha oferecido 500 liras; e a um outro, que com as 600 liras por ele oferecidas tinha lançado “um pouco de água do cálido terreno”.¹³⁹ De janeiro de 1885 era uma circular aos cooperadores e cooperadoras de Paris, convidando-os a sustentar o *Patronato São Pedro*, aberto na capital da França. Terminava com a cláusula habitual: “Eu vos asseguro que cada dia rezarei e pedirei a nossos jovens que rezem no altar de Maria Auxiliadora, para que ela recolha sob seu manto a vós e a toda as vossas famílias, vos projeta, abençoe no corpo e na alma, nesta vida, e vos obtenha enfim, do seu Divino Filho Jesus a graça de ir receber a seu tempo o prêmio de vossa caridade no céu”.¹⁴⁰ Mais personalizada era a carta enviada aos cooperadores de San Nicolás de los Arroyos, próximos dos salesianos da cidade: “Sei que os ajudais – disse-lhes –, e o pouco que já fizeram é graças totalmente à vossa caridade. Continuai vossa obra”.¹⁴¹

Sua cruzada da caridade terminaria somente com o fim de sua existência no tempo.¹⁴²

¹³⁸ A Laura Bottagisio, 18 de junho de 1884; E IV 273.

¹³⁹ Ao padre Tullio de Agostini, 13 de agosto de 1884; E 286-287.

¹⁴⁰ Circular de 29 de janeiro de 1885; E IV 310-311.

¹⁴¹ Carta de 25 de julho de 1886; E IV 357-358; Cf. também circular traduzida em várias línguas e difundida em toda a Europa, redigida a partir de suas indicações e por ele corrigida, de 15 de outubro de 1886; E IV 360-363.

¹⁴² Cf. cap. 34, § 5.



Capítulo XXIII

ARTÍFICE DE COMUNIDADES JUVENIS VIVAS E VITAIS (1870-1877)

- 1870 em Valdocco: visibilidade dos ex-alunos como grupo
- 1875 29 de janeiro: entrada do padre Luigi Guanella no Oratório
- 1876 10 de fevereiro: abertura das escolas em Vallecrosia
6 de agosto: encontro com políticos da Esquerda histórica em Lanzo
outono: início da gestão das escolas em Ariccia e Albano
10/19 de novembro: início das escolas em Trinità di Mondovì
- 1877 outono: duplo empenho em Magliano Sabina

A dilatação das obras juvenis, a fundação do instituto religioso feminino e a consolidação jurídica do masculino, a extensão geográfica das obras, a instituição da Obra de Maria Auxiliadora para as vocações eclesiais, a organização operativa e espiritual dos cooperadores, os dissensos intra-diocesanos, tudo isso certamente não distraía Dom Bosco do primeiro e principal fim da missão: a educação humana e cristã dos jovens e a formação espiritual de todos os que se dedicam a ela, vinculados por meio de especial consagração a Deus.

Os acontecimentos e as cronologias apresentam um homem “consagrado inteiramente”, como queria o sistema preventivo, tanto aos jovens como a seus formadores, em resposta à originária paixão de padre dos jovens e à conseqüente solicitude de fundador, para a consecução da mesma finalidade: a salvação e a santificação. A um e outro tema são dedicados os dois capítulos seguintes.

1. Difusão de obras em 1876

O ano de 1876 assinalava a implantação de novas obras, todas italianas. A primeira tinha início em 10 de fevereiro de 1876, continuando até nossos dias, em Vallecrosia, perto de Bordighera, no extremo oeste da costa ligure. No meio do outono acrescentavam-se outras, que tiveram, porém, vida limitada: muito breve, as de Ariccia, Albano e Trinità di Mondovì; mais longa, alguns anos, a de Magliano Sabina.

As razões dos pedidos eram desiguais, e profundamente diferentes as motivações para a aceitação: de caráter tático para algumas, substanciais para outras. Dom Bosco se interessou em primeira pessoa de todas as obras, mas com absoluta predileção pela de Vallecrosia, que o levava de volta ao empenho popular e anti-protestante dos primeiros dois decênios de sua atividade como padre.

1.1 Vallecrosia: defesa da fé católica

Na carta ao padre Rua de novembro de 1875, na qual anunciava sua ida a Nice, Dom Bosco o informava que no retorno pararia em Ventimiglia.¹ Mais explícito era o anúncio feito em uma carta da mesma cidade, Varazze, no mesmo dia, ao amigo conde Eugenio de Maistre: abriria, além da de Nice, outra obra “no meio dos protestantes que fazem muito estrago em Bordighera”.² De Nice escreverá ainda ao padre Rua: “Depois de amanhã passarei em Ventimiglia para ver o que fazer para Bordighera”.³ Em Ventimiglia encontrava o bispo, Lorenzo Giovanni Biale (1785-1877), preocupado com o proselitismo protestante, de valdenses e evangélicos, particularmente ativo nos Planaltos de Vallecrosia, a zona costeira de 4 quilômetros, entre Bordighera e Ventimiglia, da antiga Vallecrosia Alta. Já nos primeiros anos da década de 70 o bispo tinha manifestado a Pio IX preocupação pelas estratégias adotadas pelos protestantes a fim de atrair a juventude com as escolas. O papa enviava uma carta de deploração e de encorajamento, com oferta que movesse também outros a ajudar para sustentar o projeto do bispo de opor escola à escola.⁴

Em 1875 dom Biale serviu-se da mediação do padre Cerruti para chegar a Dom Bosco. É “indubitável – tinha escrito ao diretor de Alassio, em 23 de fevereiro de 1875 –, que no plano entre Ventimiglia e Bordighera surgirá logo uma cidade, e isso é fácil entrever pelos preços fabulosos que se pagam pelos terrenos, pelas habitações de luxo, e outras mais modestas, que aí surgem a cada momento, pelos *Hôtels* que já existem, e que alojam as famílias senhoris da Inglaterra, da França e da Alemanha que vêm para invernar neste lugar tão delicioso”. Comunicava-lhe, ao mesmo tempo, já ter adquirido um terreno para aí construir igreja e locais para escolas, que deviam ser contrapostas àquelas muito próximas dos protestantes.⁵ Era um convite alentador para Dom Bosco. Significava continuar em outro sítio a batalha iniciada em Turim, com o Oratório São Luís e com os escritos. Em Vallecrosia ela deveria desenvolver-se quer no terreno da

¹ Ao padre Rua, 18 de novembro de 1875; E II 523-524.

² Ao conde Eugenio de Maistre, 18 de novembro de 1875; E II 525.

³ Carta de 24 de novembro de 1875; E II 527.

⁴ Cf. carta de Pio IX a dom Lorenzo Biale de 12 de agosto de 1872, *Pii IX pontificis maximi Acta*, p. I, vol. VI 67-68.

⁵ MB XI 592-594.

instrução popular da juventude masculina e feminina, quer na ação pastoral catequética e sacramental em igreja pública a ser construída. Para isso era rápida a assunção do empenho gratuito e generoso: a diocese era pobre de meios e de sacerdotes. Dom Bosco mobilizava velozmente os salesianos e, como se viu, as Filhas de Maria Auxiliadora.⁶ No curso da conferência pública, na parte da tarde do dia 3 de fevereiro, uma da habitual série das Conferências de São Francisco de Sales, Dom Bosco informava os diretores e a comunidade de Valdocco sobre o iminente início da obra.⁷

Em 10 de fevereiro de 1876 dirigiam-se ao campo de trabalho um salesiano sacerdote e dois noviços, um clérigo e outro leigo, e três Filhas de Maria Auxiliadora.⁸ “Antes de ontem (10 de fevereiro) foram abertas duas pequenas casas de Ventimiglia, padre Cibrario diretor, Cerruti professor, Martino encarregado da casa”, escrevia Dom Bosco ao padre Cagliero.⁹ Começaram logo, com lugares miseráveis e meios ao acaso, escolas elementares, dois oratórios, masculino e feminino, e os ofícios religiosos em uma capela apertada e sem nada. Poucos dias depois, de Nice, Dom Bosco enviava ao diretor, posto “à frente da pequena caravana, a qual, com a bênção do Senhor deverá tornar-se um exército ordenado”,¹⁰ carta de encorajamento, para uma empresa de inícios humildes e “assaz árdua”. Dez dias depois marcava encontro com ele em Ventimiglia para 2 de março, na casa do bispo, para “dar as ordens e ver como fazer”.¹¹ Durante a visita a Vallecrosia de 2 e 3 de março, via a necessidade de se construir uma igreja e, nas laterais, habitações para os salesianos e para as irmãs, com as respectivas escolas: um sonho que será realizado nos inícios dos anos 80. No entanto, Dom Bosco anunciava otimista ao padre Cagliero: “A casa nos arredores de Bordighera encaminha-se excelentemente. Já foram retiradas cem meninas e outro tanto de meninos das fauces dos protestantes. Há dois domingos que o templo deles recebe somente quatro ouvintes. Toda a população ocorre ao padre Cibrario. A fúria dos hereges volta-se toda contra Dom Bosco, que está em todos os lugares perturbando as consciências. Têm razão”.¹²

Voltou várias vezes a Vallecrosia para sustentar, consolidar e melhorar.¹³ No ano seguinte, na relação geral sobre as várias obras, feita no curso das Conferências de São Francisco de Sales, padre Rua relatava aos diretores e aos salesianos de Valdocco,

⁶ Cf. boa-noite de 8 de dezembro de 1875, G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 3, p. 40-41.

⁷ G. BARBERIS, *Cronaca*, quad. 5, p. 3-4; quad. 14, p. 23-24.

⁸ Cf. *Cronaca della Casa di Vallecrosia*, no Arquivo da Obra Salesiana de Vallecrosia; E. COLOMBARA, *Don Bosco a Vallecrosia (1876-1951): memoria dell'opera salesiana a Vallecrosia*. Ventimiglia, Arti Grafiche Silvestrini, 1951; P. CAVAGLIÀ; B. NOTO, “La Scuola Maria Ausiliatrice di Vallecrosia: origine e sviluppo de un'istituzione educativa fondata da Don Bosco (1876-1923)”, *Rivista di Scienze dell'Educazione* 36(1998), n. 1, p. 15-70.

⁹ Ao padre Cagliero, 12 de fevereiro de 1876; E III 18.

¹⁰ Ao padre Cibrario, 19 de fevereiro de 1876; E III 20.

¹¹ Carta de 29 de fevereiro de 1876; E III 20.

¹² Carta de 12 de março de 1876; E III 28-29.

¹³ Cf. carta ao padre Cibrario, 29 de novembro de 1876 e 20 de fevereiro de 1877; E III 120 e 152.

professos, noviços e aspirantes, também sobre Vallecrosia. Falava dos lugares baixos e sem adornos, da pobreza das duas pequenas comunidades salesianas, da generosidade do povo, da grande afluência nas escolas dos meninos e das meninas, da deserção geral das escolas dos protestantes.¹⁴

Em março de 1878, antes da audiência com o novo papa, Leão XIII, Dom Bosco procurava predispor-lo favoravelmente com uma carta sobre as obras recentemente iniciadas. Quanto a Vallecrosia, colocava em evidência a força empreendedora dos protestantes e o rápido declínio de suas escolas e de suas reuniões, assim como o encorajamento e o auxílio material dado por Pio IX e a intenção de adquirir um terreno, para ali construir escolas mais idôneas e capazes e uma igreja e “destarte prover estável e decentemente o culto católico”. Não por acaso sublinhava que “o santo pontífice [Pio IX] concedia subsídios nas mais graves necessidades”, que “essas obras feitas para sustentar os fiéis na fé” não tinham “nenhum meio para se sustentar”, por isso estavam “em verdadeiro perigo de decair e não mais alcançar sua finalidade. Vendo tal estado de coisas – concluía – eu as recomendo humildemente à caridade de V. S., que é pai universal e sustento dos católicos em perigo”.¹⁵ Dom Bosco também fazia um breve histórico da obra de Vallecrosia na citada conferência aos cooperadores de Turim, de 16 de maio de 1878. Ele a ligava com a campanha anti-protestante iniciada em Turim, com o Oratório São Luís, prosseguia em Sampierdarena, em Nice, em La Spezia, e com os problemas criados por espúrias formas de liberdade. A heresia – observava – “faz estragos nos vilarejos católicos e vai se dilatando à medida que cresce a liberdade no mundo político. Pois, quando com o título de liberdade se permite campo aberto para o mal agir, mas se atrapalha a obra dos bons, haverá sempre conseqüências funestas”. Em Vallecrosia o proselitismo protestante tinha feito fáceis conquistas entre a população que tinha aumentado rapidamente, privada de igreja e de escolas. Os salesianos e as irmãs tinham revertido rapidamente a situação: “as escolas dos protestantes são absolutamente fechadas”, e os que “tinham começado a freqüentar a igreja protestante” “tinham abandonado um lugar que se tornava centro da heresia na Ligúria”.¹⁶

Em 8 de novembro de 1878 perguntava ao diretor, empenhado em adquirir terrenos para melhor sistematização da obra: “Como estás de dinheiro? O terreno que viste basta para o que é preciso?”.¹⁷ O discurso sobre a utilidade da obra, sempre na ótica anti-protestante, retornava em 12 de março de 1879, na carta, redigida em Roma, ao secretário de Estado, cardeal Nina, protetor da Sociedade Salesiana.¹⁸ Em uma nova

¹⁴ Conferência na parte da tarde de 6 de fevereiro de 1877; G. BARBERIS, *Cronaca*, quad. 11, p. 19-22.

¹⁵ Carta de 15 de março de 1878; E III 319.

¹⁶ Cf. G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 13, p. 55-57.

¹⁷ Ao padre Cibrario, 8 de novembro de 1878; E III 411.

¹⁸ Cf. texto do decreto de nomeação assinado por dom Serafino Cretoni, pró-substituto da Secretaria de Estado, 26 de março de 1879, *Documenti XX* 163, FdB 1060 E 11; G. BERTO, *Appunti sui viaggi di Don Bosco a Roma 1879-80*, p. 27, 72, 84, 97.

ocasião, para elencar as obras mais recentes, conforme o escrevente, todas empenhadas na mesma batalha contra a heresia e a “irreligião”, iniciada com o Oratório São Luís em Turim: La Spezia, Vallecrosia, o Internato São Leão em Marselha, as colônias agrícolas de Saint-Cyr e Navarre, Nice, Sampierdarena, Lucca, Montevidéu e Buenos Aires. Era inevitável o pedido de auxílio material e de conselhos, em especial para as “igrejas e internatos” que se deviam construir “em Turim, em La Spezia e em Ventimiglia”.¹⁹ Na primavera de 1879 aperfeiçoava com a família Migone, de Gênova, a cessão gratuita de um terreno para a construção da igreja e de edifícios mais decentes para as escolas.²⁰

Teve pleno apoio do novo bispo de Ventimiglia, beato Tommaso Reggio (1818-1901), ex-coadjutor com direito a sucessão de dom Biale desde 25 de março de 1877, e arcebispo de Gênova a partir de 1892. Sensível aos problemas sociais e já promotor em Gênova de Sociedades Operárias Católicas, em 12 de junho emanava circular convidando os fiéis da diocese a dar a própria contribuição e criando uma comissão de sacerdotes e de leigos para a propaganda e a coleta das ofertas. Tratava-se de “edificar uma igreja e dar existência estável às escolas de ambos os sexos mantidas pelos salesianos”, em vista de se substituir “a pequena escola” e “a menos que modesta igreja-jinha”. A igreja se tornaria a “sucursal das três paróquias de Vallecrosia, de Borghetto e de Camporosso”. Em seu elevado apelo, inspirado na profunda paixão pela defesa da fé católica, o bispo elogiava o “intrépido Dom Bosco”, o qual tinha assumido com audácia a “nova empresa, em sua inextinguível caridade”.²¹ Com efeito, logo começava a agir: enviava ao diretor, padre Cibrario, esboços de cartas a setores governamentais e a outros para pedir subvenções e uma ficha para os ofertantes, dirigindo-se a eles com um apelo assinado por ele e pelos membros da Comissão. Dirigia também apelo a Leão XIII, que enviava com a bênção a notável soma de 500 liras.²²

No outono de 1880 iniciaram-se os trabalhos do novo complexo. O lançamento da primeira pedra angular da igreja foi soleníssimo. Era a tarde de 7 de março de 1880, domingo *Laetare*, com o discurso laudatório de dom Reggio, e com a presença dos bispos de Albenga, dom Allegro, e de Savona, dom Boraggini. Também Dom Bosco tomava a palavra. Suas breves considerações foram transcritas na ata e depostas na pedra.²³ No final da cerimônia, Dom Bosco, com uma bolsa na mão, colocou-se na saída do recinto para recolher as esmolas do povo, mais de mil pessoas. O *Boletim*

¹⁹ E III 455-456.

²⁰ Ao padre F. Migone, 6 de abril de 1879; E III 464-466.

²¹ *Erezione di una chiesa cattolica presso Ventimiglia*, com o texto da carta *Alle anime generose e pie*, de Tommaso dos marqueses Reggio, bispo de Ventimiglia; BS 3(1879), n. 8, agosto, p. 2-5.

²² Cf. carta ao padre Cibrario, a súplica a Leão XIII, o apelo aos benfeitores, o pedido ao Régio Economato, agosto e setembro de 1879; E III 511, 521-524.

²³ Na urna de vidro, colocada no ângulo da pedra com fotografias de várias personagens, foram também depositados dois artigos extraídos do *Boletim Salesiano*: “I valdesi o evangelici di Vallecrosia e la casa di Maria Ausiliatrice” e “Lettera di un Giovane convertito alla Fede cattolica ai Superiori dell’Asilo Evangelico di Vallecrosia”, BS 3(1879), n. 7, julho, p. 1-4, 4-8.

Salesiano deu extraordinário realce ao fato.²⁴ Na carta de início do ano de 1881, dirigida aos cooperadores, Dom Bosco escrevia: “Em Vallecrosia, próximo de Ventimiglia, está pronto o edifício para as escolas, para os professores e professoras. Os trabalhos da igreja anexa progridem também. Esperamos que em 1881 seja aberta ao culto divino”.²⁵ Dom Bosco parava de novo em Vallecrosia na viagem de retorno de Nice, em 27 de março de 1881 e em 1º de abril estava em San Remo, hóspede das Irmãs da Visitação até o dia 4, para aí organizar “um sermão de caridade”.²⁶ Era anunciado para domingo, dia 10 de abril, na Paróquia São Ciro, com circular de 5 de abril, dirigida aos “beneméritos cidadãos”, constituindo para tal um comitê de trinta e seis senhores e senhoras. Após a conferência ele mesmo girou pela igreja com a sacola na mão, recolhendo 80 liras. Tinha ainda ido pedir em Porto San Maurizio, hóspede por duas noites do cônego Fabre.²⁷

Muitos eram os problemas que o atormentavam e os ônus financeiros que o absorviam: o acabamento da Igreja São João Evangelista em Turim, a incipiente Igreja Sagrado Coração de Jesus em Roma, ampliações em Nice e em Marselha, o internato de Lucca, a igreja em La Spezia. Isto não o impedia de levar adiante com ardor, nas planícies de Vallecrosia, a construção, nos dois lados da igreja, de dois corpos do edifício, um para a habitação dos professores salesianos e para as escolas das crianças, outro para as irmãs professoras e suas alunas. O *Boletim Salesiano* de julho dava grande relevo à *Derrota da heresia em Vallecrosia*, com a crônica da festa de Maria Auxiliadora e da bênção da nova capela dedicada a Ela, em 12 de junho, na espera do acabamento da construção da Igreja.²⁸

Registram-se ainda intervenções notáveis nos anos sucessivos. Para fazer crescer o potencial de atração das escolas católicas, aí fazia uma parada, em 13 de fevereiro de 1883, como parte da preparação da longa viagem na França, e projetava com o diretor uma rifa em favor da obra.²⁹ Em Marselha, redigia circular para recolher os objetos para a rifa.³⁰ Porém, o pedido de autorização ao governador da província não teve resposta positiva.³¹ A Lei de 1881, com efeito, não permitia rifas a não ser para entidades legalmente constituídas, mesma situação que Dom Bosco experimentaria pessoalmente com a rifa romana. Mas, se para esta encontrou-se uma solução, não aconteceu igualmente em Ventimiglia.

Excepcional foi, enfim, sua intervenção quando a obra de Vallecrosia foi seriamente danificada pelo terremoto que, em 23 de fevereiro de 1887, atingiu gravemente a costa

²⁴ Cf. “Nuova chiesa e scuole di Maria Ausiliatrice”, BS 4(1880), n.4, abril, p. 1-7.

²⁵ BS 5(1881), n. 1, janeiro, p. 2.

²⁶ Cf. carta ao padre Dalmazzo, de Alassio, 6 de abril de 1881; E IV 42.

²⁷ Cf. carta a Maria Acquarona, de Roma, 27 de abril de 1881; E IV 48.

²⁸ BS 5(1881), n. 7, julho, p. 23-24. Dom Bosco dava notícia disso ao cardeal protetor Nina, carta de 30 de junho de 1881; E IV 64.

²⁹ Cf. carta ao padre Bologna, de Varazze, 5 de fevereiro de 1883; E IV 211.

³⁰ Circular de 20 de abril de 1883; E IV 217-218.

³¹ Carta de março-abril de 1884; E IV 254-255.

lígure, de Savona a Mentone. Os edifícios de Vallecrosia tiveram que ser destruídos. “A igreja, escolas, o internato de Vallecrosia, Ventimiglia, devem ser logo reparados ou refeitos”, escrevia à Anna Parodi Cataldi, de Gênova.³² Dom Bosco mandou para lá seu empresário de confiança, Carlo Buzzetti, que o informava que, para tornar habitáveis os edifícios, seria preciso 6 mil liras [cerca de 20 mil euros]. Para esta e para as outras obras lígures moveu-se imediatamente, fazendo redigir e assinando duas cartas circulares, datadas de 1º de março, uma aos cooperadores e cooperadoras, e outra aos salesianos.³³ As cartas pessoais de pedido e agradecimento aos benfeitores e benfeitoras eram autógrafas.³⁴

1.2 Em duas dioceses suburbicárias

Dom Bosco, para garantir possíveis apoios e benevolência em Roma, inicialmente mostrava vivo interesse por duas pequenas obras na região dos Castel Romanos, Ariccia e Albano, os quais, contudo, estavam destinados à vida breve, do outono de 1876 ao verão de 1879.

Em Ariccia, pelo interesse do príncipe Mario Chigi di Campagnano e de sua esposa, eram propostos o cuidado de uma igreja e a gestão de uma escola elementar: seriam necessários um sacerdote e dois professores.³⁵ Cardeal Di Pietro, bispo suburbicário de Albano, pedia a Dom Bosco que mandasse para cidadezinha *ao menos* dois professores autorizados a mais, para um ginásio no qual enviaria também os seminaristas.³⁶ Para o ginásio, a autoridade local dava rapidamente a aprovação. O papa autorizava a formação de uma comunidade religiosa com menos de seis membros.³⁷ Dom Bosco respondia a dom Francesco Latoni prometendo quatro professores para o ginásio, em conformidade com as leis, e assegurando-lhe ter escrito a respeito ao cardeal Di Pietro. De fato, no elenco oficial dos membros e das obras da Sociedade Salesiana para o ano escolar de 1876-1877 aparecia os dizeres: “Casa de Albano. Oratório de Nossa Senhora da Estrela e escolas municipais de Albano e Ariccia”. A obra era formada por quatro

³² Carta de 17 de março de 1887; E IV 373.

³³ *Documenti* XXXIV 96-98, 99-100; MB XVIII 758-762.

³⁴ Cf. carta à marquesa E. Nerli, 3 de março (E IV 371-372); ao conde E. De Maistre, 6 de março de 1887 (E IV 372-373); ao senhor O. Dufour, s.d. (E IV 374); ao barão R. Cataldi, s.d. (IV 374-375); à marquesa G. Tagliacarne, 30 de março e 4 de abril (E IV 376); aos condes Colle, 22 de março (E IV 525).

³⁵ Cartas do príncipe Chigi, 31 de maio e 10 e 24 de junho de 1876, *Documenti* XVII 470-472, FdB 1041 E10-12, MB XII 687-690.

³⁶ A Dom Bosco, 12 de agosto de 1876; *Documenti* XVII 472, FdB 1041 E 12; MB XII 691.

³⁷ Carta de dom Francesco Latoni, auditor de Santa Sé, 22 de agosto de 1876; *Documenti* 473, FdB 1042 A1, MB XII 690-691.

sacerdotes e por outros seis professores, dos quais cinco clérigos e um coadjutor; no elenco apareciam também dois coadjutores noviços. Habitavam todos em Ariccia numa casa não muito cômoda.

No elenco salesiano apareciam em seguida alguns “Adidos à escola de Magliano (Sabino)”: dois professores, um sacerdote e um clérigo, e dois noviços, os sacerdotes diocesanos Antonio Pagani e o cônego Francesco Ribaudi. Com efeito, o bispo suburbicário di Magliano Sabina, o barnabita piemontês cardeal Luigi Bilio (1826-1884), tinha pedido dois professores para seu seminário.

Entre o final de outubro e novembro de 1876 o pessoal já estava trabalhando em todas as três obras. Dom Bosco ia logo para lá, para ter uma idéia da sistematização dos salesianos e tomar contato com as autoridades eclesiásticas e civis. De Roma dirigiu-se para Albano e ali ficou três dias. Em 29 de janeiro ia a Magliano Sabina, recebido na estação de Borghetto pelo bispo auxiliar. Durante o trajeto cruzava com alunos, clérigos do seminário, internos do colégio e alunos externos das escolas e seus professores, que tinham ido encontrá-lo. Como em Albano, aí se fez também o exercício da boa morte. Partia de volta em 1º de fevereiro. Estava assim em condições de dar informações diretas na já recordada conferência de 6 de fevereiro, no âmbito das Conferências de São Francisco de Sales de fevereiro de 1877. Também em Ariccia as escolas elementares, “muito freqüentadas”, foram desejadas e iniciadas para fazer frente aos protestantes, que usavam todos os meios para atrair os alunos. Mas deve-se prever que farão “bancarota em pouco tempo”. Tinha-se procurado – acrescentava – abrir “as escolas vespertinas também para os adultos oratórios festivos”. “Em Albano – continuava – temos também que dar aulas no ginásio municipal e no seminário menor, e todos são muito afeiçoados aos salesianos”. Durante sua visita, grande número de estudantes o tinha assediado para se confessar com ele. A cena se repetia na visita a Magliano Sabina, onde tinha recebido acolhida particularmente cordial.³⁸

No verão de 1877 Dom Bosco procurava obter da autoridade eclesiástica e civil de Albano melhor sistematização dos salesianos adidos ao ginásio da cidade, obrigados duas vezes ao dia a fazer a viagem entre Ariccia e Albano. Ao prefeito pedia que pudesse “regularizar a habitação dos professores, bem como seu número e salário”.³⁹ Ao vigário geral pedia apoio para seus pedidos junto ao prefeito e acrescentava a proposta de “agregar um colégio ao atual seminário menor, mas sempre sob a responsabilidade do ordinário diocesano”.⁴⁰ Não se fez nada.

Com a transferência do cardeal Di Pietro, em 12 de março, e a morte, em 26 de abril de 1879, do sucessor, cardeal Morichini, afetuoso amigo de Dom Bosco e dos salesianos, o clima mudava com o cardeal Hohenlohe. Este, de idéias rosminianas, era amigo e informante de dom Gastaldi sobre humores romanos a respeito da posição

³⁸ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 11, p. 31-35.

³⁹ Carta de 12 de agosto de 1877; E III 206-207.

⁴⁰ Carta de 12 de agosto de 1877; E III 207-208.

do arcebispo quando se reacendia, nos anos 1876-1883, a “questão rosminiana”.⁴¹ Sobretudo evidenciava-se sempre mais o limite do campo de ação. Dom Bosco o sublinhava no verão de 1878, em carta ao cardeal vigário de Roma, Monaco La Valletta, que tinha convidado os párocos da capital para uma instrução sobre o proselitismo protestante na capital, publicado pelo jornal *L'unità cattolica* em 3 de agosto. Aproveitava a ocasião tanto para a suspirada sede em Roma quanto para se libertar de obras sem futuro. “Os salesianos – explicava, apresentando sua “visão” – que estão em Albano têm uma messe muito limitada. São doze professores munidos de seus diplomas, e têm somente trinta e cinco alunos entre seminaristas e externos. Portanto, colocarei, ou todos ou em parte, esse pessoal à disposição de V.Ex.cia. Pode valer-se deles para o ensino ou para o sagrado ministério, conforme julgar para a glória de Deus e vantagem das almas”. O problema do local não era insolúvel. Se tinha sido resolvido em tantos outros lugares – perguntava-se – “não conseguiremos abrir um internato em Roma com o apoio de V.E. e com o auxílio da Divina Providência, que jamais falhou?”. Declarava, por fim, ter informado de suas intenções a dom Domenico Jacobini, que iria até o cardeal para ouvir seu parecer, ao qual, de qualquer forma, Dom Bosco acolheria de bom grado.⁴²

Meses depois, padre Cagliero, no curso do longo giro na Itália com padre Durando para examinar diretamente muitos pedidos de fundação, de Acireale manifestava a Dom Bosco perplexidades semelhantes sobre a permanência em Albano. “Tendo em vista os urgentes pedidos para abrir internatos e nenhuma esperança de se abrir em Albano – escrevia em 3 de março de 1879 –, parece-nos isso um desperdício de pessoal. O pouco de bem que fazem os nossos nas duas colinas irmãs, poderiam fazer os próprios padres do lugar. E se reduz a pouco o fruto desse grupo, completo e bem disciplinado, que, se ocupado em outro lugar, em algum internato, conseguiria resultado bem maior”.⁴³ Conceitos idênticos desenvolvia o diretor da comunidade salesiana de Albano, padre Giuseppe Monateri, em carta ao padre Bonetti, publicada pelo *Boletim Salesiano*. Dizia: o bem que se pode fazer “reduz-se a pouco”; “a instrução literária poderia também ser dada por outros professores”; “nosso ministério não é necessário, nem de notável auxílio numa cidade como Albano, onde o clero secular e regular é numeroso e mais que suficiente para todas as necessidades das almas”. A conclusão era óbvia: “Se não nos sorri a esperança de mais trabalho, por certo será conveniente, não sem dor por ter que deixar tantas pessoas ótimas desta cidade, levantar nossas tendas e levá-las para se plantar numa vinha mais extensa e abandonada, talvez entre os Pampas e os Patagões”.⁴⁴ As mesmas motivações levavam nessas semanas a um rápido desligamento consensual de Ariccia. Em três anos a experiência dos Castelos Romanos estava consumada.

⁴¹ Cf. D. FRANCHETTI, *Alcune memorie intorno a monsignor Gio. Battista Bertagna*, Turim, P. Marietti Editore, 1916, p. 86-93.

⁴² Ao cardeal vigário, 6 de agosto de 1878; E III 375-376.

⁴³ MB XIV 326.

⁴⁴ “I Cooperatori e la Casa salesiana di Albano”, BS 3(1879), n. 8, agosto, p. 7-8.

Ao contrário, com a entrada do ano escolar de 1877-1878, o empenho em Magliano Sabina se enriquecia. Pedia-se a Dom Bosco para assumir a direção dos estudos e administração dos bens do seminário. Dom Bosco aceitava, pedindo alguns “esclarecimentos”. Enviava, a seguir, um projeto de convenção.⁴⁵ Chegava-se logo a um acordo e, de Roma, ele comunicava ao padre Rua: “A negociação a respeito do Seminário de Magliano terminou no sentido que pretendíamos. Será este o primeiro exemplo de seminário administrado deste modo. Eu te enviarei cópia do contrato, apenas padre Berto o passe a limpo”.⁴⁶ Tinha acrescentado, ao mesmo tempo, uma proposta que estendia ulteriormente o campo de ação: criar, ao lado do seminário, um internato para jovens estudantes, “com a obrigação de se ater estritamente à disciplina comum”, e admitir à frequência das escolas também jovens da cidade, “como simples alunos ou como semi-internos”.⁴⁷ De fato, no Catálogo Oficial da Sociedade Salesiana do ano escolar 1877-1878 os “adidos” do ano precedente eram substituídos por uma comunidade regular: “Casa de Magliano Sabino. Seminário – Colégio da Imaculada Conceição. Capítulo. Diretor: cônego Francesco Rebaudi. Prefeito: padre Stefano Chicco. Catequista: padre Antonio Pagani. Conselheiro escolar: padre Giuseppe Daghero. Conselheiro: clérigo Biagio Giacomuzzi”, sacerdote no ano sucessivo. Apareciam três sócios, dois coadjuutores e um clérigo, dois clérigos noviços, três aspirantes a coadjuutores. No catálogo de 1879 desapareceria, ligado à comunidade de Magliano, o professor padre salesiano Pietro Guidazio, “adido ao Seminário de Montefiascone”: denominação que desaparecia no ano seguinte. Padre Guidazio, excelente professor, acabou se tornando corpo estranho no sistema escolar de baixo perfil cultural e pedagogicamente antiquado.⁴⁸

Várias dificuldades apareceram e foram superadas graças à visita providencial de Dom Bosco nos dias 24 a 26 de março de 1879. Tanto o seminário como o internato funcionavam com a clara satisfação do cardeal Bilio.⁴⁹ Outras visitas aconteceram nos anos seguintes: em 1880, Dom Bosco aí esteve nos dias 20 a 23 de abril, gastos numa longa e alegre excursão com os jovens e os educadores, também em confissões e audiências; em 1882, ficou de 9 a 11 de maio; em 1884, fisicamente prostrado, recebeu clérigos e jovens durante uma parada na estação de Borghero, na viagem de Roma a Florença, em meados de maio. Com o início do ano escolar 1883-1884, surgiram diferenças entre cônego Pagani e padre Daghero, que se agravaram com a morte do cardeal Bilio, em 30 de janeiro de 1884, e com a sucessão do cardeal Martinelli, favorável a Dom Bosco na aprovação das Constituições e em 1884, para a obtenção dos privilégios. Entre outras coisas, cardeal Bilio tinha autorizado a fundação de um semi-internato,

⁴⁵ Cf. texto em MB XIII 982-983.

⁴⁶ Ao padre Rua, 12 de junho de 1877; E III 183; Cf. também cartas do cardeal Bilio a Dom Bosco em MB XIII 983-986.

⁴⁷ Ao vigário geral da diocese, 29 de maio 1877; E III 177-178.

⁴⁸ Cf. duas cartas a Dom Bosco, uma de 22 de abril de 1879, outra ao padre Durando, de janeiro do mesmo ano; MB XIII 979-982.

⁴⁹ Carta a Dom Bosco, 14 de outubro de 1879.

dirigido pelo padre Rebaudi, que retirava jovens do internato. Em maio de 1884, Dom Bosco dava a carta de retirada, recusada pelo papa e pelo cardeal Martinelli, uma vez que ela devia ter sido comunicada cinco anos antes.⁵⁰ Assim foi feito, e a recessão aconteceu no final do ano escolar 1888-1889.

O pessoal foi utilizado no promissor colégio-internato municipal de *Terracina*. Também este teve vida breve (1889-1893), parece que por inadimplência do município.

2. Padre Luigi Guanella, diretor em Trinità di Mondovì

Vida relativamente breve teve também uma obra atípica em Trinità di Mondovì, uma escolinha diurna para jovens e uma escola noturna para adultos. Colocada em um centro de 3 mil habitantes, imerso nos campos piemonteses ao sul de Turim, a 24 quilômetros de Cuneo, a nova obra teve o privilégio de ter como diretor o excepcional sacerdote, salesiano por um triênio, beato Luigi Guanella (1842-1915), fundador da Congregação das Filhas de Santa Maria da Providência e dos Servos da Caridade.⁵¹ Da Província de Sondrio e da Diocese de Como, sacerdote em 1866, antes ecônomo espiritual em Prosto, depois pároco em Savogno, padre Guanella entrou muito cedo em contato com as obras turinenses do Cottolengo e de Dom Bosco. Tinha, sobretudo, desenvolvido intensa atividade pastoral e caritativa, também com experiência escolar dinâmica. Para poder legalizá-la, tinha obtido o grau de professor para o grau inferior da escola elementar. A partir de 1870 tinha encontrado várias vezes Dom Bosco em Turim, e naqueles anos enviava, regularmente, meninos para o Oratório e meninas para Mornese, com as Filhas de Maria Auxiliadora. Em 1872 mandara imprimir na Tipografia do Oratório sua primeira obra, *Ensaio de admoestações familiares para todos, especialmente para o povo do campo*,⁵² que acabava por confirmar a convicção das autoridades civis a respeito da orientação intransigente das idéias e das atividades do pároco. Padre Guanella tinha se industriado também para que Dom Bosco abrisse um colégio com escolas elementares e médias em Chiavenna, projeto que foi considerado irrealizável.⁵³ Mas ele não abandonou jamais a idéia, repropo-a como salesiano, em 1876 para Ascona, e em 1877 para Mendrisio.⁵⁴

⁵⁰ As discussões sobre os pontos a favor e contra a recessão ocuparam as reuniões dos membros da Direção Geral da Sociedade Salesiana de 26 de janeiro, 19 de maio, 26 de agosto, 28 de outubro, 5, 9, 18 de dezembro de 1884 e 12 de junho de 1885; Cf. *Capitolo Superiore*, fol. 4r, 11v, 19v, FdB 1880 B7, C10, E2; fol. 44v-45r, 49r-v, FdB 1881 D4-5, E1-2.6.9-10, fol. 60r-61v, FdB 1882 A12-B1.

⁵¹ A respeito disso é fundamental o estudo de M. CARROZZINO, *Don Guanella e don Bosco*, p. 32-35.

⁵² *Saggio di ammonimenti famigliari per tutti, ma particolarmente per il popolo di campagna*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Francesco di Sales, 1872.

⁵³ Ao padre Guanella, 8 de agosto de 1873; E II 297-298. Cf. M. CARROZZINO, *Don Guanella e don Bosco*, p. 35-37.

⁵⁴ Cf. M. CARROZZINO, *Don Guanella e don Bosco*, p. 35-37.

Há anos cultivava o pensamento de entrar na instituição religiosa e educativa de Dom Bosco. Por fim, não obstante os obstáculos colocados por seu bispo, enviava ao fundador o pedido formal para ser acolhido. De Nice, Dom Bosco lhe anunciava: “Seu lugar está pronto. O senhor pode vir quando quiser. Aqui chegado conversaremos sobre o lugar e a casa que lhe será mais conveniente (...). Procure somente não deixar negócios sem resolver e que possam chamá-lo de novo à paróquia.”⁵⁵ Guanella chegava no Oratório na tarde da festa de São Francisco de 1875, quando Dom Bosco anunciava a toda a comunidade a aceitação das missões da América. Nos primeiros meses foi enviado em encargos variados. Em junho, encarregado do Oratório São Luís, no dia seguinte à festa de Dom Bosco levava cerca de 150 alunos, estudantes e escolares oratorianos, para fazer os augúrios ao superior. “Saiu uma coisa nem tão feia – anotava o cronista padre Barberis – em relação à audiência deles, do padre Guanella, há pouco feito diretor daquele oratório festivo e do clérigo Vigliocco, quase vice-diretor, e de mim”. “Dom Bosco os elogiava com um discursinho familiar, mas que me pareceu muito belo”: agradecia o que tinham feito e falado, mas observava: “Contudo, a boa vontade é toda dos que vos guiam”; “a eles, não a mim, deveis os sentimentos de reconhecimento e de gratidão que me expressastes. São eles que se ocupam de vós, eu não vos faço nada. Agradecei ao padre Luigi”. Exortava: “Ide sempre de boa vontade ao oratório nos domingos, seja de manhã que de tarde”. “Fico feliz quando vos divertis, quando joguais, estais alegres; é essa a forma para vos fazer santos como São Luís. Que procureis não cometer pecados. Se tendes, pois, alguma necessidade especial, ide ao padre Luigi”.⁵⁶ Após noviciado atípico, padre Guanella fazia os votos trienais em 25 de setembro. Em 31 de outubro “foi estabelecido o senhor padre Guanella” “professor de literatura para os estudantes de filosofia que estão mais fracos nesta”.⁵⁷ Um dia por semana ia a Valsalice para dar lições de teologia aos clérigos assistentes no Colégio dos Nobres. No meio tempo, escrevia uma exposição da doutrina cristã com parábolas e exemplos, que publicaria em 1883 com o título: *Vem comigo: a doutrina cristã exposta com exemplos de quarenta discursos familiares*.⁵⁸ Tal atividade continuaria no tempo da direção da pequena obra de Trinità, que lhe deixava espaço para pregações em paróquias e institutos de educação.⁵⁹

Nas Conferências de São Francisco de Sales de fevereiro de 1876, na tarde do dia 3, padre Guanella falava sobre o Oratório São Luís. A frequência festiva era de duzentos a trezentos jovens, “muito bons”, atraídos também com “algum pequeno presente”

⁵⁵ Carta de 12 de dezembro de 1874; E II 423.

⁵⁶ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 2, p. 20-22, sexta-feira, 25 de junho de 1875.

⁵⁷ “Conferenze Capitolari dell’Oratorio di San Francesco di Sales dal 28 Marzo 1875 al 4 Giugno 1876”, in: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell’Ottocento*, p. 210 (*Seduta delli 31-10-75*).

⁵⁸ *Viene meco: La dottrina cristiana esposta con esempi in quaranta discorsi famigliari*, Milão, Tip. Eusebiana, 1883, 350 p.

⁵⁹ Cf. M. CARROZZINO, *Don Guanella e don Bosco*, p. 74-75.

e “algum passeio”. Declarava-se agradecido aos “bons sócios, quer estudantes quer aprendizes [do Oratório de Valdocco], os quais também, com não pequeno incômodo, vão ensinar o catecismo para aqueles jovens”. No entanto, como pároco experiente, acrescentava “que seria desejável, o que espero se faça, que se fizesse um estudo próprio dos jovens” catequistas “sobre a doutrina cristã ou catecismo, explicando as diversas dificuldades ou fazendo-o compreender bem por eles, começando de mim por primeiro”. Concluía com um apelo: “Grande é a necessidade desses pobres jovens, não somente espiritual mas também temporal. Por isso, se tendes alguma pequena coisa para deixar cair de vossas mesas para esses pobrezinhas, eu a recolherei de boa vontade e disso tirarei o melhor proveito possível”.⁶⁰

A ele era também confiado o encargo do grupo dos Filhos de Maria que não tinha sido agregado ao outro grupo mais numeroso estabelecido em Sampierdarena. Na viagem a Roma, de abril de 1876, Dom Bosco levava consigo, para apresentá-lo ao papa, uma saudação escrita por eles. Em carta ao padre Rua e aos jovens do Oratório, informava sobre a audiência pontifícia: “Durou cerca de uma hora. Com bondade verdadeiramente paterna leu a saudação do marquês Fassati, do padre Barberis e de seus noviços, e também do padre Guanella e dos filhos de Maria. A última [assinatura] foi a de um certo Garrone, de quem o papa notou muitos erros de língua e de ortografia. Este, disse brincando o santo padre, tem necessidade de se preparar ainda um pouco antes de se apresentar ao exame de letras”.⁶¹ No mesmo dia – era Páscoa –, escrevia também ao padre Guanella: “Na última audiência de ontem (15) o santo padre, com grande bondade, dignou-se ler até a última linha a carta endereçada ao mesmo pelos filhos de Maria. Depois perguntou sobre o número deles, o estudo, as esperanças que se podem ter, a saúde; também se aparecem intenções para as missões estrangeiras etc.”. Concluía: “No entanto, caríssimo padre Luigi, trabalhe de bom grado: a graça divina não nos faltará. Calma, paciência e coragem. Muitas coisas falarei pessoalmente... Saúde a todos os filhos de Maria com muito carinho e escreva também ao padre Albera a bênção especial que o santo padre envia aos filhos de Maria que estão naquela casa”.⁶²

Em 10 de novembro fora nomeado diretor da pequena comunidade que ia abrir a casa de Trinità. A obra fora pedida pelo rico casal di Challonges, na Sabóia, os Dupraz, que em Trinità tinham sua casa de campo. Pretendiam contrapor ao ensino leigo das escolas elementares do município uma escola privada católica e um oratório. Quinta-feira, 30 de março, padre Barberis anotava na crônica: “Hoje mesmo soube que nestes dias (creio que segunda-feira passada) concluiu-se formalmente o contrato de abrir uma escola em Trinità perto de Mondovì; o que se procurava fazer de alguns meses para cá”.⁶³ No mesmo dia Dom Bosco anunciava ao padre Cagliero: “Hoje foi estabelecida

⁶⁰ G. BARBERIS, *Cronaca*, quad. 6, p. 25-27.

⁶¹ Carta de 16 de abril, Páscoa, 1876; E III 41.

⁶² Carta de 16 de abril de 1876; E III 39-40.

⁶³ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 6, p. 50, quinta-feira 30 de março de 1876.

uma nova casa a ser aberta aos Santos em Trinità. Dize-o ao padre Tomatis [que era de Trinità e se encontrava em San Nicolàs de los Arroyos, na Argentina]. É um abrigo com a escola”.⁶⁴ Em julho foi assinado o Ato de Convenção entre Dom Bosco e Angela Giusiana, esposa de Dupraz. Ela cedia em uso por vinte anos uma ala da casa para um pio instituto privado para a educação e a instrução dos jovens pobres e abandonados do município, território e província, e se empenhava em contribuir com 1500 liras anuais. Dom Bosco poderia dispor do local também para uma escola para jovens externos que não freqüentavam as escolas municipais e para não indigentes, que contribuiriam com taxa mensal. No primeiro momento Dom Bosco tinha destinado para diretor padre Luigi Porta, com 32 anos. O casal Dupraz, porém, considerava-no ainda inexperiente do mundo. Dom Bosco escolhia o mais experimentado padre Guanella.

No domingo, 19 de novembro, começava o oratório e no dia seguinte abriam-se as escolas diurnas do curso inferior, que se completava logo com o superior, chegando ao total de quatro classes elementares. Para poder ensinar no curso superior, em 17 de agosto de 1877 padre Guanella conseguia junto a Régia Escola Elementar de Mondovì a patente de professor do grau superior.⁶⁵ A seguir, vinham as escolas vespertinas. Em “Correspondência” para o jornal *L'unità cattolica*, de Mondovì Piazza, de 19 de dezembro de 1876, um visitante tinha visto as escolas vespertinas, com cem alunos distribuídos em três classes para as três faixas de idade 16-20, 20-30 e 30-50 anos; as escolas diurnas com cento e vinte alunos dos 8 aos 16 anos em três classes; o oratório e as escolas festivas com duzentos freqüentadores.⁶⁶ Para os jovens da zona rural, ao sul, havia ainda a refeição semi-gratuita.⁶⁷ O *Diário* de Chiala e Lazzero registrava na data de 12 de dezembro de 1876: “Dom Bosco vai a Trinità em visita à pequena casa lá aberta neste ano”.⁶⁸ Pelas cartas do padre Guanella têm-se notícias fragmentárias, porém interessantes, sobre a vida da comunidade e das obras. Dom Bosco não deixava faltar conselhos e orientações para uma vida religiosa observante e fraterna. Resumia em cinco “sugestões amigáveis” a arte de governo do diretor: “1) vigiar sobre a moralidade” dos salesianos e alunos, com meios privilegiados do rendiconto e do exercício mensal da boa morte; “2) *Age quod agis*”, não se disperse, dedique-se inteiramente ao seu trabalho; 3) buscar a autonomia econômica da obra, com alguma contribuição possível à casa-mãe; “4) preparar as pregações, escrevendo-as, e ajudar os salesianos em seus estudos, administrando ou indicando livros oportunos”; “5) ler, meditar, praticar e fazer que os outros pratiquem as regras da Congregação”.⁶⁹ Um ano depois dava velhas

⁶⁴ Ao padre Cagliero, no dia 30 de março de 1876; E III 32; a ela retornava na carta de 27 de abril, precisando que os salesianos seriam três (E III 52), a ainda em outras de 13 de julho e de 31 de outubro (E III 73 e 108).

⁶⁵ Cf. M. CARROZZINO, *Don Guanella e Don Bosco*, p. 76-79.

⁶⁶ *L'unità cattolica*, n. 296, p. 1182, sexta-feira, 22 de dezembro de 1876.

⁶⁷ M. CARROZZINO, *Don Guanella e Don Bosco*, p. 62-67.

⁶⁸ Diário do padre Chiala e padre Lazzero, in: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 52.

⁶⁹ Ao padre Guanella, 10 de abril de 1877; E III 165.

e novas regras: “1) suma vigilância para observar todas e cada uma das nossas regras” e o retiro mensal “para examinar o progresso e regresso na observância das mesmas”; 2) caridade mútua entre os salesianos; 3) “bom exemplo na conduta externa”.⁷⁰

Em setembro e outubro de 1877 padre Guanella participava do Primeiro Capítulo Geral da Sociedade Salesiana. Depois, no decurso do ano escolar de 1877-1878, aproximando-se do termo dos votos trienais, repensava sua escolha salesiana, em busca de outros espaços de caridade.⁷¹ As últimas cartas de Dom Bosco para fazer com que continuasse eram insistentes e prementes; o padre Guanella não comunicava ao superior turinês o tormento e as motivações profundas da escolha, correspondendo-se preferivelmente com o próprio bispo.⁷² De junho a julho Dom Bosco escreveu-lhe três cartas. A primeira era resposta a uma carta do dia precedente, na qual padre Guanella lhe pedia conselho sobre uma alternativa bastante singular, segundo uma vida consagrada tipicamente funcional: “Disse-lhe em outro lugar que desejo uma das duas, isto é, começar alguma instituição na diocese de Como ou, se isso for impossível, pedirei para ser inscrito nas missões salesianas americanas. Nesse teor escrevi também ao bispo de Como, o qual me apresentou um programa especial. Agora peço a V. E. que, em uma decisão de tanta importância, me ilumine e me ajude juntamente com o bispo de Como”.⁷³ Dom Bosco, ao invés, convidava-o a refletir seriamente diante do crucifixo sobre a fidelidade à consagração e fazia apelo à missão: “Caro padre Luigi, ajude-me a salvar almas. A Europa e a América chamam operários evangélicos. Não me abandone na batalha, mas combata como forte e terá assegurada a coroa de glória”.⁷⁴ Na segunda, em resposta a duas cartas, uma de augúrio pela festa de 24 de junho e a outra que se referia à comunidade de Trinità, Dom Bosco, interpretando a seu modo o pedido do padre Guanella de ser “inscrito nas missões americanas”, fazia-lhe uma proposta precisa: “o Santo Padre pediu para que eu prepare nesse ano uma missão para Santo Domingo, onde se trata de tomar a direção do seminário menor e maior, da catedral e da universidade. O senhor pensaria, caro padre Luigi, de fazer parte dessa nova expedição e missão de novo gênero? A língua é a espanhola. Creio que isso seja para si ocasião providencial. Eu peço: o senhor reze, de sua parte, para essa finalidade”.⁷⁵ A última carta era concisa, sentenciosa: “Com respeito à sua posição não se esqueça a sentença: quem está bem não mude, e quem faz bem não procure melhor. Muitos foram iludidos e, não levando em consideração essa máxima, procuraram o melhor e não puderam

⁷⁰ Ao padre Guanella, 8 de março de 1878; E III 311-312.

⁷¹ Cf. M. CARROZZINO, *Don Guanella e Don Bosco*, p. 88-97.

⁷² Cf. cartas de um e outro em M. CARROZZINO, *Don Guanella e Don Bosco*, p. 119.

⁷³ Carta do padre Guanella a Dom Bosco, 1º de junho de 1878, em M. CARROZZINO, *Don Guanella e Don Bosco*, p. 179.

⁷⁴ Carta de 2 de junho de 1878; E III 351.

⁷⁵ Carta de 15 de julho de 1878; E III 362-363.

nem mesmo fazer o bem; porque, como diz outro provérbio, o ótimo é inimigo do bom. Falo com o coração na mão, porque lhe quero bem e desejo sua felicidade, quer no tempo quer na eternidade”.⁷⁶

Padre Guanella retornava à diocese na segunda metade de setembro, no término dos votos trienais. Retomava as relações epistolares com Dom Bosco em agosto e setembro de 1880, exprimindo, sem êxito concreto, o desejo de ser novamente acolhido entre os salesianos.⁷⁷ Reviu Dom Bosco, sempre amado e admirado, para receber sua bênção no final de janeiro de 1887. No final de uma série de *Pensamentos sobre Dom Bosco*, enviados ao padre Lemoyne em abril de 1891, recordava assim o último encontro: “Dom Bosco pareceu-lhe então em grande majestade de bondade e de severidade: parecia o personagem que lutava, entre este e o século eterno: pareceu-me transparente. No rosto diáfano parecia-me descobrir um raio da graça divina. Ficou maravilhado que eu tivesse conseguido levantar três casas. Ajoelhei-me a seus pés e ele abençoou de todo coração a mim e minhas obras”.⁷⁸

A obra de Trinità, após dois anos de vida florescente vividos sob a direção do padre Guanella, sofreu progressiva decadência, até fechar no final do ano escolar de 1880-1881.⁷⁹

3. Episódio de liberdade para além dos alinhamentos (agosto de 1876)

Difícilmente Dom Bosco cortava as relações com alguém. No domingo, 6 de agosto, estava presente no Colégio de Lanzo, colocado à disposição das autoridades políticas e administrativas presentes na inauguração do completamento da ferrovia Turim-Lanzo. Os chefes de Esquerda, os quais, após a queda do governo Minghetti e após o voto da Câmara de 18 de março de 1876, tinham assumido o poder em 25 de março,⁸⁰ tinham transformado em acontecimento político de extensão nacional a realização de 11 quilômetros de estrada de ferro, o trecho que separa Ciriè de Lanzo: o trecho Turim-Ciriè, de 21 quilômetros, já funcionava desde fevereiro de 1869. Dom Bosco tinha dado liberdade ao padre Lemoyne, respondendo de Sampierdarena à pergunta: “Faze tudo o que sabes pela festa da Ferrovia (...). Arranja-te em Turim para a música, desde que o município convide. Se caso estiver em Turim nessa época, irei de boa vontade”.⁸¹ Ele chegava em Lanzo no dia anterior com a banda musical do Oratório. No dia seguinte o teólogo Albert abençoava o trem e a ferrovia, e depois os ministros, senadores, deputados e prefeitos se dirigiam ao colégio salesiano para o brinde oferecido pelo muni-

⁷⁶ Carta de 17 de julho de 1878; E III 369-370.

⁷⁷ Cf. M. CARROZZINO, *Don Guanella e Don Bosco*, p. 196-213; MB XV 76-77.

⁷⁸ *Pensieri intorno a Don Bosco*, p. 20, ASC A 1210728, FdB 687 E 8-9.

⁷⁹ Cf. M. CARROZZINO, *Don Guanella e Don Bosco*, p. 67-73.

⁸⁰ Cf. cap. 1, § 10.

⁸¹ Ao padre Lemoyne, de Sampierdarena, 25 de julho de 1876; E III 79.

cípio. Dom Bosco, com o padre Lemoyne, recebia na entrada do colégio o presidente do Conselho, Agostino Depretir, e os ministros do Interior e dos Trabalho Públicos, Giovanni Nicotera e Giuseppe Zanardelli, este último representante do rei, anti-clerical e maçom. A conversação, prolongada mais que o previsto, foi particularmente cordial, a ponto de suscitar grande simpatia por Dom Bosco e sua obra. Nem Dom Bosco nem outro salesiano tomaram parte na refeição servida depois em pavilhão erigido para tal no prado da Feira. As apresentações em Turim dos novos governantes, antes, depois e no mesmo acontecimento, não podiam passar desapercibido da intransigência católica, bem representada por *L'unità cattolica*, o qual, com uma série de artigos colocava em evidência a instrumentalização partidária de um acontecimento por si mesmo irrelevante em plano nacional.⁸² Do primeiro número após a festa a outros da semana apareciam, não certo com simpatia, artigos que atingiam ministros deputados, o colégio salesiano e Dom Bosco: *O triunfo em Turim dos triúmviros da Esquerda, Ingresso e estada em Turim e Lanzo di Nicotera, Depretis e Zanardelli, Recepção em Lanzo, Ao colégio-internato dos padres salesianos, Nicotera em um Colégio de Dom Bosco*.⁸³ O mal-estar causado pela presença de Dom Bosco, de quem se esperaria distância da manifestação, quiçá por meio de uma diplomática doença, o jornal manifestava dez dias depois com a publicação de uma carta enviada por “um salesiano” (cooperador? benfeitor?), que procurava redimensionar o envolvimento do superior. O periódico a apresentava com uma observação inicial não isenta: “De muito bom grado publicamos a seguinte carta que nos escreve um salesiano a respeito dos elogios do *Bersagliere* [jornal romano ligado à Esquerda] sobre Dom Bosco, de quem desejávamos, em 6 de agosto, uma dessas doenças momentâneas que, em tais circunstâncias, colhem sempre muito oportunamente os diplomatas, inclusive os núncios apostólicos”. O “filho afeiçoado do ótimo senhor Dom Bosco”, “muito mortificado dos incômodos elogios publicados por um jornal de Roma”, reconduzia a parte jogada por Dom Bosco ao simples fato que “o senhor Dom Bosco, consultado pelo Município de Lanzo a emprestar o local do Colégio para o *déjeuner* dos senhores ministros, não pôde por urbanidade recusar, tanto mais que uma parte do Colégio pertence até hoje ao município”.⁸⁴ De qualquer maneira, o diretor do jornal, teólogo Giacomo Margotti, sensível à obra de Dom Bosco, espontaneamente ou sob pressão de alguém, parece ter querido compensar logo o padre amigo da justificação não solicitada, reinterpretando seu comportamento à luz de diferentes nobres intenções. O número de 23 de agosto do jornal saía com um artigo sobre *Missões salesianas na Patagônia*, precedido por uma nota de rodapé muito

⁸² Cf. *L'unità cattolica*, n. 182, domingo, 6 de agosto de 1876, p. 725-726, “Da Roma a Lanzo dov'è l'epigrafe della vittoria di Pio Nono” (a epígrafe sobre um arco de Lanzo saudava as vitórias pacíficas do papa) e “Le due festa di Nicotera nell'agosto de 1860 e nell'agosto 1876”.

⁸³ Cf. *L'unità cattolica*, n. 183, terça-feira, 8 de agosto de 1876, p. 729-730; n. 186, sexta-feira, 11 de agosto de 1876, p. 742; n. 187, sábado, 12 de agosto de 1876.

⁸⁴ *L'unità cattolica*, n. 190, quinta-feira 17 de agosto de 1876, p. 758.

significativa: “*L’unità cattolica* é sempre cheio de afeto e de veneração por Dom Bosco, e sabe que seu modo de agir é movido somente pela glória de Deus, pelo amor da Igreja e do papa, e pelo desejo de ganhar almas para Jesus Cristo. Nós nos consideramos muito afortunados de poder, de vez em quando, favorecer seu trabalho verdadeiramente apostólico com nosso jornal”.⁸⁵

No encontro de Lanzo, o menos loquaz, mas o mais atingido pelo clima criado pelos salesianos, parece ter sido Giuseppe Zanardelli. Dom Bosco teve talvez ciência da coisa quando, em dezembro, pedia a ele, que era ministro dos Trabalhos Públicos, “um bilhete de favor” para as Ferrovias da Itália para si e para um companheiro, “para assim ir ao encontro de uma necessidade cada vez mais presente por causa do crescente número de crianças em perigo e abandonadas”.⁸⁶ O pedido encontrou resposta positiva da rede da Alta Itália.

4. Direção e animação das comunidades educativas

Com os colégios-internatos e as escolas que tiveram origem mediante convenções com os municípios quebrava-se, de modo mais nítido, a conformidade das obras com o modelo do Oratório de Turim, com o qual Dom Bosco mantinha relação privilegiada como diretor, ladeado pelo vice-diretor, primeiro padre Rua, e, desde 1876, padre Lazzeri. Nos colégios o tipo de jovens atingido, o serviço prestado, as finalidades buscadas comportavam uma gestão cultural, disciplinar e educativa mais flexível, e, portanto, orientações mais flexíveis em relação ao que não acontecia no Oratório de Valdocco, do qual se esperavam resultados específicos, como o florescimento de vocações ao estado eclesiástico e salesiano. Contudo, a substância das inspirações e das orientações propriamente educativas – disciplinares, morais e religiosas – permanecia idêntica, comunicada sobretudo por meio de cartas aos diretores e às comunidades, de visitas e, alguma vez, da vinda de jovens ou de seus representantes a Valdocco em solenidades particulares.

4.1 O Oratório, modelo educativo básico

A reevocação do governo de Dom Bosco, diretor, educador, confessor, diretor espiritual em seu Oratório mereceria estudo aprofundado à parte. Ali era sua casa, sua família e, quando estava longe, nele pensava com profunda saudade. “Embora aqui em Roma não me ocupe unicamente da casa e de nossos jovens – escrevia ao padre Rua –,

⁸⁵ *L’unità cattolica*, n. 195, quarta-feira, 23 de agosto de 1876, p. 778.

⁸⁶ A. G. Zanardelli, 4 de dezembro de 1876; E III 124.

contudo meu pensamento voa sempre onde tenho meu tesouro em Jesus Cristo, meus caros filhos do Oratório. Várias vezes ao dia faço-lhes visitas”.⁸⁷ Poucos dias antes do retorno a Turim, após as semanas de separação por doença em Varazze, confessava a seu mais próximo colaborador: “Quinta-feira próxima, se Deus quiser, estarei em Turim. Sinto-me no grave dever de voltar. Vivo aqui com o corpo, mas meu coração, meus pensamentos e até minhas palavras estão no Oratório, no meio de vós. Essa é uma fraqueza, e eu não a posso vencer”.⁸⁸ Ainda, no final da longa estada romana de 1874, no final de uma breve resposta do padre Rua, que lhe tinha comunicado em telegrama a morte do padre Provera, inseria esta mensagem aos jovens: “*Aos nossos filhos*. Vosso pai, vosso irmão, o amigo de vossas almas, após três meses e meio de ausência, parte hoje (14) de Roma, passa a noite com a quarta-feira em Florença e espera estar convosco na quinta-feira, às 8 da manhã. Não precisa fazer festa, nem música, nem acolhida. Eu vou à Igreja e, se Deus quiser, celebrarei a santa missa pelo nosso caro e sempre amado padre Provera”.⁸⁹

No Oratório ele se empenhava, de manhã à tarde, com a ação direta se presente e, se ausente, como inspirador e conselheiro de colaboradores dignos de confiança, que estavam mais imediatamente em contato com as várias categorias de hóspedes: estudantes, aprendizes, noviços, clérigos estudantes de filosofia (em parte, ainda noviços) e de teologia, jovens sacerdotes obrigados aos exames de teologia atrasados ou a estudos para obtenção do título de confissão, superiores de primeira nomeação para encaminhar à arte do governo como diretores, prefeitos, catequistas, conselheiros escolares ou profissionais, e ecônomos.

No correr do dia exercitava diferentes funções explicitamente formativas: logo cedo, confessor dos jovens e dos salesianos; diretor espiritual em seu escritório: “Muitos de vocês vêm se confessar, e vários também no quarto” – dizia aos aprendizes na boa-noite de 31 de março de 1876 –, “prestai bem atenção nisto, que eu fico sempre muito contente quando vocês vêm me encontrar, e não somente na igreja, mas também fora da igreja”;⁹⁰ muitas vezes entre os jovens no curso dos recreios, dispensando “palavrinhas ao ouvido”; de noite, para a clássica boa-noite. Cada mês estava presente no exercício da boa morte, no papel ainda de confessor e de educador espiritual, ministério a que dedicava particular intensidade nos dias dos exercícios espirituais no período da Páscoa. Seu envolvimento nos muitos momentos fortes da vida do Oratório era particularmente intenso: a acolhida dos jovens nos primeiros dias do ano escolar; as novenas, em particular de Maria Imaculada e do Natal, em dezembro, e de Nossa Senhora Auxiliadora, em maio; os meses de outubro (Nossa Senhora do Rosário), março (São José), maio (Nossa Senhora Auxiliadora), junho (Sagrado Coração); a quaresma e a

⁸⁷ Carta do início de fevereiro de 1870; Em III 169.

⁸⁸ Carta de 9 de fevereiro de 1872; Em III 395.

⁸⁹ Carta de 14 de abril de 1874; E III 378.

⁹⁰ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 6bis, p. 13.

semana santa; a despedida dos jovens para as férias de verão/outono, munidos das apropriadas “Lembranças”. Aí se acrescentavam as manifestações festivas particulares: as grandes solenidades litúrgicas e salesianas, muitas vezes marcadas por sessões lítero-musicais, em que não faltava a palavra do Pai; a festa onomástica de 24 de junho (ainda que o verdadeiro onomástico fosse são João Evangelista), com o início da vigília; e o aniversário, celebrado não mais no dia 16, mas em 15 de agosto.

Os pequenos sermões da boa-noite constituíam o mais repetido ponto de confluência de todo o seu ensinamento moral e religioso, indubitavelmente ecoado nas confissões, nos conselhos privados, nas prédicas, e, muitas vezes, nas cartas individuais e coletivas. Os sonhos não faziam outra coisa que transformar em narrativa, poesia ou drama, o que em outros contextos era doutrina, discurso e exortação. Nos pequenos sermões da noite encontravam expressão no cotidiano as ânsias e as idéias mais familiares a Dom Bosco sacerdote, formado na teologia e na moral prática do Convitto, enriquecida pela variada experiência do confessor e diretor de uma comunidade religiosa educativa modelada sobre idêntica visão. A boa-noite era serviço da palavra, essencialmente moral, polarizada ao redor dos deveres. Faltavam grandes motivações e perspectivas teológicas e bíblicas e, menos ainda, culturais e sociais, de fôlego mais amplo. Era central o apelo à vontade, ao empenho pessoal, aos propósitos, obviamente em sinergia com a ação primeira da graça, a graça operante e cooperante.⁹¹ Em síntese, cada discurso versava sobre a prática dos deveres, a freqüência dos sacramentos, as duras lutas para não cair no pecado, tudo convergindo para a consecução do fim último de toda ação assistencial, educativa e pastoral, o ideal ao qual todo cristão era chamado: *a vida na graça*, que devia ser defendida, conservada e, se necessário, recuperada; em definitivo, a *santidade*, prelúdio da glória do paraíso. A juventude era o tempo privilegiado para percorrer tal percurso acidentado até chegar à única realidade, a *santidade*, unívoca na essência, mas diferenciada nas formas e nos graus: “*Quae seminaverit homo, haec et metet*” (Gl 6,7).⁹²

O ideal era encarnado em diferentes modelos: entre os antigos, os santos, em especial são Luís e os que eram lembrados conforme as ocorrências do calendário litúrgico, com são Francisco de Sales, são José, são Carlos; entre os próximos e familiares, os jovens exemplos que viveram no Oratório, isto é, são Domingos Sávio, Miguel Magone, Francesco Besucco e outros.⁹³

Papel fundamental para a vida de graça, a santidade, era atribuído às virtudes – fé, caridade, obediência, mortificação e humildade –, com particular acento sobre a modéstia, ou pureza, entendida como sinônimo de castidade.⁹⁴ A castidade era, indubitavelmente, objeto das maiores solitudes e exortações: “se há esta, existe tudo.

⁹¹ Cf. boa-noite de 27 de outubro de 1876; *Documenti*, XVI 525-526; FdB 1042 D4-5.

⁹² Noite de 7 de julho de 1875; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 2, p. 39-42.

⁹³ Noites de 27, 28 de outubro e 3 novembro 1875; *Documenti*, XV, p. 292-293 e 304; FdB 1031 D3-4 e E5 27 de outubro e de 28 de novembro de 1876, G. BARBERIS, 2, p. 6-7 e 27-29.

⁹⁴ G. BARBERIS, *Cronaca*, Quad. 2, p. 44, pequeno sermão noturno de 22 de dezembro de 1876.

Se falta esta, não existe nada”.⁹⁵ Como suporte se propunha a oração e a confiança em Deus.⁹⁶ As virtudes constituíam a sólida fortaleza contra a violência das paixões, semelhantes a ondas desencadeadas pelo mar borrascoso, configuradas nos vários “monstros” que povoavam os sonhos.⁹⁷ Eram as paixões que levavam à impureza dos pensamentos, dos discursos e das ações, assim como ao escândalo e à insubordinação. Para ela concorriam também o ócio e a gula, e a desafeição das práticas de piedade. Para vencê-la era necessário a “sempre-viva da esperança” no esforço ascético. No lugar da batalha frontal, muitas vezes preferia-se o escondimento e a fuga: de pessoas, de livros, de lugares perigosos.⁹⁸ Sempre indispensável era a mortificação, sobretudo dos sentidos externos.⁹⁹

Não era suficiente o esforço humano. Nada era possível sem a ajuda da graça. Ela era garantida pelo remédio universal da freqüência aos sacramentos – confissão e comunhão –, recebidos com as devidas disposições e num intervalo adequado aos objetivos professados.¹⁰⁰

Associava-se o nome de Deus ao sentido do temor, que não era somente medo dos castigos, mas principalmente veneração, respeito, tremor de frágeis criaturas e de filhos confiantes. As sentenças bíblicas eram como axiomas: *Initium sapientiae timor Domini* e *Sapientia non introibit in animam malevolam et non habitabit in corpore subdito peccatis*.¹⁰¹ O jovem retamente temeroso de Deus agia conforme sua boa consciência, e não por medo dos castigos humanos ou da expulsão.¹⁰²

Não havia usualmente clara apresentação da figura de Cristo. Jesus de Nazaré, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém, era proposto com freqüência cotidiana como Redentor e Salvador, autor do resgate do pecado e doador do perdão e de graças. Jesus estava presente no mais alto grau no santíssimo sacramento, imolado no sacrifício da santa missa, recebido na comunhão e adorado no tabernáculo ou na solene exposição da hóstia consagrada.¹⁰³ Dava-se explícita atenção à devoção ao Sagrado Coração, na qual se queria “honrar o amor que Jesus trouxe aos humanos”.¹⁰⁴ Aí se integrava, como essencial, a proteção da Virgem Santíssima, sob os títulos privile-

⁹⁵ Noite de 18 de maio de 1875; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 1, p. 14-15. Cf. noites de 28 de maio de 1875, em referência a São Luís, *ibid.*, p. 34-35; e de 7 de julho de 1875, quad. 2, p. 39-42.

⁹⁶ Sonho narrado em 30 de junho de 1876; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 8 bis, p. 1-9.

⁹⁷ Noite de 13 de março de 1876; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 5, p. 18-22.

⁹⁸ Noite de 1º de agosto de 1875; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 2, p. 39-42; noites de 13 e 26 de março, *ibid.*, quad. 5, p. 18-22; quad. 6 bis, p. 19.

⁹⁹ Noite de 26 de março de 1876; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 6bis, p. 2-3.

¹⁰⁰ Noites de 20 de janeiro de 1876; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 4 bis, p. 1-6; 30 de outubro de 1876, *Cronaca*, 2, p. 1-3; 20 de dezembro de 1876, *ibid.*, p. 30-36.

¹⁰¹ Noite de 2 de novembro de 1876; G. BARBERIS, *Cronaca*, quad. 2, p. 18-21

¹⁰² Noite de 26 de outubro de 1875; *Documenti XV*, p. 291-292.

¹⁰³ Noite de 7 de dezembro de 1875; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 3, p. 67-68.

¹⁰⁴ Noites de 3 e 16 de junho de 1875; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 1, p. 44-46; quad. 2, p. 10-11.

giados de Imaculada e Auxiliadora, além de Assunta e do Rosário. Ela aparecia nos sonhos com o manto protetor e era invocada com maior evidência em suas festas, nos meses de maio e outubro.¹⁰⁵

Ns exortações noturnas aos jovens, de duração variável, Dom Bosco não veiculava seus pensamentos e sentimentos somente como pai espiritual, mas também e antes de tudo como diretor de casa de educação: enquanto tal se dirigia à grande comunidade juvenil, pobre, super populosa, heterogênea, na qual eram considerados relevantes os problemas de disciplina, de ordem, de regularidade e de moralidade. Por isso a máxima amabilidade devia e costumava conciliar-se com outro tanto de firmeza, até à seriedade das solicitações e das advertências e às inelutáveis punições. A estas se referia com especial força nos exercícios espirituais, nos retiros mensais, durante as novenas e em casos particulares de desordens, como palavrões e escândalos, furtos e graves manifestações de indisciplina.¹⁰⁶ A isso se ligava o pensamento do que poderia acontecer, ou que de fato acontecia, aos jovens fora dos ambientes da casa de educação, em particular no período das férias. Delas Dom Bosco falava várias vezes aos jovens, antes do retorno temporário em família, de modo a armá-los de graças e de lembranças, e, na volta, para exortá-los a uma operação de limpeza da alma e de corajosa retomada.¹⁰⁷

O tema do mundo externo, do viver no século, retornava várias vezes, na perspectiva do futuro, na recorrente insistência sobre o tema da escolha do estado de vida, da vocação leiga ou eclesiástica, no “mundo” ou em um instituto religioso. “É o ponto mais importante da vida”, sentenciava.¹⁰⁸ Insistia na exortação para que se pensasse, refletisse e rezasse para a solução mais idônea, a fim de garantir a vida feliz e, sobretudo, a eternidade beata. Dom Bosco era incansável promotor e animador vocacional, principalmente quando falava de obras para a juventude pobre e abandonada, de missões e de missionários, indicando os vastos campos abertos, nos quais eclesiásticos e leigos poderiam dar sentido pleno à própria vida, já neste tempo e para a eternidade. Sobre todas as coisas, enfim, perpassava constantemente o *respice in finem*, entendido no duplo sentido: o final do tempo com a morte e o fim da abertura de si para a eternidade, feliz ou infeliz. Insistia nos anos 70, como tinha feito nos anos 60, no evangélico *estote parati*,¹⁰⁹ acompanhado agora, e infalivelmente em 31 de dezembro, da lembrança da morte real que, no ano seguinte, golpearia vários moradores do Oratório, jovens e adultos. Essa não seria, naturalmente, a passagem final, pois conseguir o paraíso devia ser o verdadeiro

¹⁰⁵ Noite de 10 de maio de 1875; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 1, p. 1-3.

¹⁰⁶ Exemplares de várias outras são as boas-noites de 30 e 31 de março de 1876; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 6 bis, p. 4-10 e 11-19.

¹⁰⁷ Cf., por exemplo, *Ricordi per un giovanetto che desidera passar bene le vacanze*, Turim, Tip. dell’Orat. di S. Franc. di Sales, 1873, 4 p.

¹⁰⁸ Noite de 7 de julho de 1875; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 2, p. 252.

¹⁰⁹ Narração de um sonho com previsão de mortes, 23 de janeiro de 1876; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 4 bis, p. 12-15.

sentido da vida. O sonho acontecido em Lanzo, em 6 de dezembro de 1876, e narrado no Oratório na noite do dia 22, que tinha Domingos Savio como protagonista, fornecia a imagem mais cativante e fascinante do paraíso. As flores do buquê que o jovem trazia nas mãos, “a rosa, a violeta, o lírio, a genciana e o girassol”, simbolizavam “a caridade, a humildade, a violeta, a penitência e a obediência”.¹¹⁰

4.2 Cartas coletivas e individuais aos colégios

Por mais que fosse particularmente forte a ligação com o Oratório, Dom Bosco considerava todos os jovens dos colégios, internatos e oratórios como seus “caros filhos” em Jesus Cristo. Conhecia a muitos pessoalmente, e eram seus confidentes quando os visitava. Não se encontram, portanto, diferenças de tom entre as cartas que, de longe, enviava ao Oratório e as que endereçava aos outros institutos. A uns e outros não sentia próximos somente afetivamente, mas também quanto ao mundo espiritual que habitavam. Descrevia cenas alegres, grupos de jovens bons, mas dizia também ter visto “coisas que fariam horror a qualquer um a quem pudesse confiar as cartas”: “alguns que tinham forma de porco”, outros que tinham cravejadas sobre a língua rosas e lírios, ou uma “monstruosa serpente”. Exclamava: “meus caros jovens, recordemo-nos que na hora da morte recolheremos o que tivermos semeado na vida”, e prometia uma alegre festa de São Francisco de Sales em seu retorno.¹¹¹ Após a audiência pontifícia de 8 de fevereiro de 1870, enviava a bênção do papa ao padre Bonetti e aos alunos de Mirabello, “os primeiros a receber a especial bênção apostólica”, e, dirigindo-se ao diretor, exortava: “eu te peço de fazer com que os jovens estejam sempre alegres e, para que dêem um forte ‘viva’ a Dom Bosco, procura dar-lhes, nesse dia, uma pequena festa e um bom almoço. Mas dize-lhes que eu os quero todos saudáveis, robustos e alegres; que se feche a enfermaria e se abram as portas do refeitório”.¹¹² Sobre a audiência pontifícia, coisas semelhantes, porém mais gerais, reservava ao padre Francesia, que o papa tinha visto em 1867, em uma carta de 10 de fevereiro, concluindo: “Desejo que teus jovens estejam alegres e, no dia seguinte a esta notícia, e para que possam de coração gritar “Viva Dom Bosco!”, procura dar-lhes alguma coisa à mesa que faça a güela trabalhar”.¹¹³

Do Santuário de Santo Inácio em Lanzo, acrescentava, em carta ao padre Rua, breve mensagem *Aos nossos jovens do Oratório*, com clara referência às vocações: “Darás a boa-noite aos nossos queridos e amados jovens. Dize-lhes que estejam alegres e sejam

¹¹⁰ Noite de 22 de dezembro de 1876; G. BARBERIS, Cronaca, quad. 1, p. 20-31; quad. 2, p. 36-47.

¹¹¹ Ao padre Rua, de Roma, inícios de fevereiro de 1870; Em III 169-170.

¹¹² Ao padre Bonetti, de Roma, 8 de fevereiro de 1870; Em III 173.

¹¹³ Ao padre Francesia, 9 de fevereiro de 1870; Em III 179-179. Ao padre Lemoyne, diretor em Lanzo, enviava a bênção papal e prometia logo uma visita; carta de Roma, 17 de fevereiro de 1870; Em III 186.

bons. Que eu os recomendo todos ao Senhor e a cada um envio três S [saúde, sabedoria ou ciência, santidade], mas todos maiúsculos. No domingo rezarei a missa por todos vós, caros filhos, neste santuário; vós, se me quereis bem, fazei também por mim a santa comunhão. Rezo também pelos que fazem os exames. A propósito deles direis aos que não se resolveram ainda sobre a própria vocação que, se podem, me esperem para o dia 14 deste mês; de outro modo, que falem contigo ou venham para os exercícios em Lanzo, onde estaremos alegres. Para esses exercícios virão cento e dez senhores verdadeiramente exemplares. Não me deixam nem um momento em paz, e querem sempre falar comigo a todo momento”.¹¹⁴

O ano de 1874 abria-se com quatro cartas a outros responsáveis de comunidades: em 5 de janeiro, ao padre Lemoyne em Lanzo e ao padre Rua em Turim-Valdocco; no dia 6, ao padre Bonetti em Borgo San Martino e ao padre Dalmazzo em Turim-Valsalice; seguida por uma do dia 20 de janeiro, ao padre Lazzero e aos aprendizes do Oratório de Turim-Valdocco. Ricas de afetividade, traziam elementos comuns e referências diferenciadas. Em todas dominava a figura do papa, que implicitamente avaliava com sua autoridade as idéias morais e educativas queridas a Dom Bosco. Na carta ao *Caríssimo padre Lemoyne e a vós todos, ó queridos filhos de Lanzo* iniciava: “as primeiras palavras que escrevo de Roma às nossas casas as endereço a vós, ó meus caros e amados filhos de Lanzo. Dou-vos essa preferência porque sei que me tendes muita afeição, assim como tendes sempre demonstrado cada vez que aí estive em vosso meio”. Após ter falado do interesse que o papa teria demonstrado aos jovens de Lanzo, interrogava: “No entanto, meus amigos, começastes bem o ano? Estais todos com boa saúde? Tendes todos boa vontade de vos fazer bons, santos, e de serdes sempre minha consolação? Ouço a voz que vem de vossos corações e que me dá segurança de que todos respondeis *sim, sim*”. Terminava com um conselho, desejando que o diretor o explique aos jovens: “Se quereis ser felizes no tempo, e ser mais felizes na beata eternidade, procurai fugir do escândalo e freqüentar a santa comunhão”.¹¹⁵ Mais breve, mas não menos afetuosa, era a carta ao *Caríssimo padre Rua e a todos vós que morais no Oratório de Turim*: “Dir-vos-ei, portanto, que tenho por vós grande afeição e onde quer que eu esteja não cesso de pedir a Deus pelo vosso bem espiritual e temporal”. E ficava falando da audiência pontifícia e do interesse de Pio IX pelas coisas da Congregação e do Oratório, terminando com várias perguntas “de família” ao padre Rua.¹¹⁶ Na carta enviada ao *Caríssimo padre Bonetti e a vós todos, queridos filhos de San Martino*, mostrava como o papa estava ainda mais interessado por Borgo San Martino: “Falou muito em geral de nossos jovens e por fim começou a falar de vós, queridos filhos de San Martino. Pediu-me muitas particularidades: quais estudos se faziam, se todos eram muito bons, se freqüentavam a santa comunhão, se existia algum que pudesse comparar-se com Domingos Savio.

¹¹⁴ Carta de julho de 1873; E II 295-296.

¹¹⁵ Carta de 5 de janeiro de 1874; E II 328-329.

¹¹⁶ Carta de 5 de janeiro de 1874; E II 329-330.

Eu procurei satisfazê-lo da forma mais honrável para vós. Tendo-me depois deixado livre para perguntar alguma coisa a vosso respeito, ele encarregou-me de manifestar a vós a plena satisfação pelas boas esperanças que dais de uma vida cristã no meio deste mundo contaminado por tantos vícios”. “No entanto, estou para pedir-vos um grande favor, que reverterá em grande vantagem para vossas almas: que todos procureis afastar-vos das más conversas. A tal finalidade peço que o senhor diretor faça uma instrução a respeito, falando do grande mal que produzem as más conversas e as terríveis conseqüências das mesmas”. Terminava com uma longa citação latina inspirada em 2Tm 4,2: “*Tu vero, padre Bonetti, praedica verbum opportune, importune(...)*”.¹¹⁷

Mais breve era a mensagem de Roma ao *Caríssimo padre Dalmazzo e aos caríssimos alunos do colégio de Valsalice*, onde evidentemente havia perfeita sobreposição do pensamento do papa ao de Dom Bosco: “Pedi, posteriormente um pensamento especial para ser expresso em seu nome. Ele olhou o crucifixo e depois respondeu: Dize-lhes que os abençoe de coração e que não esqueçam jamais que o mundo é enganador; Deus somente é amigo fiel que não nos abandonará jamais. Amem esse bom Deus, que não os abandonará jamais. Amem esse bom Deus, que nunca os abandonará”.¹¹⁸ Mais personalizada e de conteúdo “pedagógico” mais relevante era a carta ao *Caríssimo padre Lazzero e meus caríssimos aprendizes* do Oratório, que Dom Bosco definia “como a pupila de meus olhos”: “Não é preciso que eu prove que vos tenho muita afeição. Não tenho necessidade que digais que me quereis bem, porque me tendes constantemente demonstrado. Mas essa nossa afeição recíproca sobre que é fundada? Sobre o dinheiro? Não sobre o meu, porque gasto por vós. Não sobre o vosso, porque, não vos ofendais, não o tendes. Portanto, minha afeição é fundada sobre o desejo que tenho de salvar vossas almas, que foram remidas pelo sangue precioso de Jesus Cristo, e vós me amais porque procuro conduzir-vos pela estrada da salvação eterna. Portanto, o bem de nossas almas é o fundamento de nossa afeição”. Convidava-os, por isso, a um exame de consciência sobre esse ponto essencial: estavam se empenhando pela salvação ou perdição da alma? estariam preparados para se apresentar ao tribunal de Deus? “Propósitos feitos e não mantidos, escândalos dados e não reparados, palavras que ensinam o mal a outros, são totas coisas sobre as quais devemos temer ser castigados”. Concluía: “Colocai em prática a palavra de são Paulo que aqui vos traduzo: Exortava os jovens para que sejam sóbrios, que jamais esqueçam que está estabelecido a todos a morte, e depois dela deveremos todos apresentar-nos diante do tribunal de Jesus. Quem não padece com Jesus Cristo na terra não pode ser com ele coroado de glória no céu. Fugi do pecado como se foge do mais terrível inimigo, fugi das fontes do pecado, isto é, as más palavras que são a ruína dos costumes. Dai mutuamente bom exemplo nas obras e nas palavras etc., etc. Padre Lazzero vos dirá o resto”.¹¹⁹ Ainda de Roma respondia ao *Caríssimo Cinzano e*

¹¹⁷ Carta de 6 de janeiro de 1874; E II 331-332.

¹¹⁸ Carta de 6 de janeiro de 1874; E II 332-333.

¹¹⁹ Carta de 20 de janeiro de 1874; E II 339-340.

todos os teus caríssimos estudantes, agradecendo-os o presente de “duas semanas de ótima conduta”, prometendo e assegurando: “demonstrarei minha gratidão assim que chegar em casa. Um copo do puro, uma boa comida, um bombom etc., etc., será o sinal de satisfação que darei a cada um. Em breve estarei de novo convosco, pois sois objeto de meus pensamentos e de minhas solitudes, convosco que sois os padrões de meu coração, e que, como diz são Paulo, onde quer que eu vá, sois sempre *gaudium meum et corona mea*”. Enfim, como ao padre Bonetti, mas com outras palavras, dirigia-se a um clérigo assistente de 20 anos com expressões inspiradas em 2Tm 4,2: “*Tu vero, Cinzane, fili mi, age viriliter ut coroneris feliciter (...)*”.¹²⁰

Para 1875 enviava a cada diretor a assim chamada “estréia”. Ao padre Bonetti, por exemplo, transmitia-a em versão diferente, segundo os destinatários: “A ti: faze de forma com que todos com os quais falas se tornem teus amigos. Ao prefeito: acumula tesouros para o tempo e para a eternidade. Aos professores assistentes: *In patientia vestra possidebitis animas vestras*. Aos jovens: comunhão freqüente. A todos: exatidão nos próprios deveres”.¹²¹ A carta *Aos meus caríssimos filhos, diretor, assistentes, prefeito, catequista, alunos e outros do colégio de Lanzo* trazia forte conteúdo programático-educativo. Exprimia sua tristeza por não ter podido fazer-lhes uma visita, assegurava a lembrança cotidiana, agradecia o “envio de bom augúrio”, saudava desejando-lhes “saúde do céu, estudo e moralidade”. Comentava então essas três palavras. A *santidade*, “precioso dom do céu”, devia ser salvaguardada de intemperanças e imprudências. O *estudo* devia ser cultivado olhando o futuro: “fazer-se uma bagagem de conhecimentos com os quais se poderá ganhar o pão da vida”; “ganhar-se o honesto alimento”; “jamais se diga de nós – concluía – que vivemos dos suores dos outros”. Demorava um pouco mais sobre a *moralidade*, “o liame que une ao mesmo tempo santidade e estudo, o fundamento sobre os quais eles estão pousados”, sobre o qual cada cada um joga sua honorabilidade social (“sereis amados e respeitados até pelos maus”, ou então, “desprezo geral”) além da salvação eterna. Não faltava, enfim, o apelo vocacional: “Escuto a voz que vem de longe e grita: ó filhos, ó alunos de Lanzo, vinde salvar-nos! São vozes de tantas almas que esperam a mão benéfica que vai tirá-los do precipício da perdição e colocá-los no caminho da salvação. Eu vos digo isso porque muitos de vós sois chamados à carreira sagrada, para ganhar almas. Criai coragem: há muitos que vos esperam. Recordai as palavras de santo Agostinho: *Animam salvasti, anima tuam praedestinasti*”.¹²² Ainda de Roma, em março, transmitia a alguns diretores pensamentos e palavras expressas na audiência do papa, ainda que fossem eco dos que tinha comunicado em 1874. Provavelmente eram mais próprios de quem escrevia que do mesmo papa, mas, de qualquer modo, não estranhos a este. Na carta que escreveu ao padre Dalmazzo em Turim-Valsalice confirmava a ele e seus alunos: “Recomendo-vos cada dia na santa missa,

¹²⁰ Carta de 7 de março de 1874; E II 361-362.

¹²¹ Carta de 30 de dezembro de 1874; E II 434.

¹²² Carta de 5 de janeiro de 1875; E II 436-438.

pedindo para cada um de vós os três conhecidos esses que nossos sagazes alunos logo sabem interpretar: Saúde, Sabedoria e Santidade”. Acrescentava: “Meu querido padre Dalmazzo, *mensis multa, mensis multa*. Dize a teus alunos que sejam todos valentes e santos missionários, mas de tal modo que um valha por cem, e então começaremos a satisfazer algumas das inumeráveis necessidades, das quais estamos cercados”.¹²³ Na iminência do retorno escrevia aos padres Rua, Francesia, Bonetti e Lemoyne comunicando a bênção do santo padre.¹²⁴ Ao primeiro dizia: “senti-me muito querido com o presente que me fez de um *optime* geral de procedimento”, merecido pelos jovens.¹²⁵ Ao padre Bonetti repetia coisas que, em parte, retomavam o que já tinha comunicado em 5 de janeiro de 1875, sempre em relação à audiência papal: “Teve a complacência de me fazer muitas perguntas, entre as quais se existem quem se possa comparar com Domingos Savio. Respondi que parece haver alguns que possam ser colocados ao lado de Domingos Savio, mas um grande número está verdadeiramente no caminho de superá-lo. Riu e então acrescentou: Deus abençoe os diretores, os outros superiores e todos os internos”.¹²⁶

A dois diretores de colégio escrevia também no início de 1876. A carta mais afetuosa era endereçada aos *Meus caros amigos diretor, mestres, professores e alunos* do Colégio de Lanzo, com uma expressão inicial de absoluta espontaneidade: “Deixai que eu vos diga, e ninguém se ofenda: vós sois todos ladrões. Eu vos digo e repito, vós me tirastes tudo. Quando estive em Lanzo, vós me encantastes com vossa benevolência e amabilidade e me amarrastes as faculdades da mente com vossa piedade. Mas tinha ficado ainda este pobre coração, do qual já me roubastes os afetos por inteiro. Agora, vossa carta assinada por duzentas mãos amigas e tão caras tomaram posse por inteiro deste coração, do qual nada ficou a não ser o vivo desejo de vos amar no Senhor, de fazer-vos o bem e salvar a alma de todos. Essa generosa mostra de afeição me convida a ir o mais rápido possível a fazer-vos nova visita, que espero não demorará tanto. Nessa ocasião quero que estejais alegres de alma e corpo e que façamos ver ao mundo quanto se possa estar alegres de alma e de corpo sem ofender ao Senhor”.¹²⁷ Sobre problemas de direção, ao invés, tratava sobretudo com o diretor do Colégio de Varazze, não sem uma mensagem para os alunos: “Dize a todos que os amo de coração no Senhor, que cada dia os recomento na santa missa, pedindo por sua santidade estável, pelo progresso nos estudos e pela verdadeira riqueza, o santo temor de Deus”.¹²⁸ Não se esquecia dos que também chamava de *Meus caros filhos de são Nicolau*, dos quais tinha recebido saudações e augúrios. No colégio – dizia – “espero que, com a ciência, apren-

¹²³ Carta de 8 de março de 1875; E II 465-466.

¹²⁴ E II 466-470.

¹²⁵ Ao padre Rua, 12 de março de 1875; E II 466.

¹²⁶ Carta de 15 de março de 1875; E II 469.

¹²⁷ Carta de 3 de janeiro de 1876; E III 5.

¹²⁸ Ao padre Francesia, 10 de janeiro de 1876; E III 6.

dais o santo temor de Deus. Vossos superiores me dizem que sois muito bons, e isso me consola grandemente. Continuai o caminho da virtude e tereis sempre a paz do coração, a benevolência dos homens e a bênção do Senhor”. Comunicava ao mesmo tempo a especial bênção do papa, a quem tinha falado deles, e concluía: “Deus vos abençoe a todos, ó meus queridos filhos. Sejais alegres, mas fugi da ofensa do Senhor, freqüentando a santa comunhão. Enviai-me alguma carta e rezai por mim”.¹²⁹ Escreveria-lhes de novo no ano seguinte. Fazia os agradecimentos pelos augúrios pelo onomástico e enviava a eles e aos seus pais a especial bênção do papa e sua mensagem: “tornem-se todos *muito ricos, muito ricos*, mas da verdadeira riqueza que é a virtude, o santo temor de Deus”. Esperava dos mesmos, enfim, a resposta a quatro perguntas: 1) sois bons? 2) Vós me escrevereis outras cartas bem longas? 3) Todos vos tornareis missionários? 4) Sereis todos santos?”.¹³⁰

4.3 Visitas

Uma carta ao diretor de Lanzo, padre Lemoyne, pode ser útil para conhecer a forma como preparava e efetuava as visitas aos colégios: “Quarta-feira próxima, pela manhã, espero estar contigo em Lanzo. Se me fizeres conhecer os melros que têm especial necessidade de ser depenados, me serviria de norma para cada um, que terei ocasião de encontrá-los no colégio”.¹³¹ Também o agradecimento pelos augúrios natalícios que lhe enviaram era indubitavelmente eco de coisas vistas e de palavras ditas e ouvidas no curso da visita: “Deus vos recompense pela benevolência que me demonstrastes. Uma palavra a todos. O senhor diretor não deixe jamais de dar os bons conselhos e os avisos salutareos quando é ocasião de dá-los. Os padres sejam solidários uns com os outros em tudo o que diz respeito à salvação eterna, a própria e a dos jovens do colégio. Os professores interroguem a todos na aula e tenham presentes os mais fracos. Os assistentes façam todo esforço para impedir as más conversas. Os padres e os clérigos se recordem que são *sal terrae et lux mundi*. Os alunos amem a virtude da modéstia e da sobriedade. A todos recomendo ilimitada confiança no diretor. Deus vos abençoe a todos e vos faça ricos da verdadeira riqueza que é o santo temor de Deus. Vós sois minha consolação; ninguém me transpasse o coração com os espinhos do mau comportamento”.¹³²

Não temos documentação detalhada sobre as visitas, faltando em cada casa crônicas apropriadas, que o próprio Dom Bosco recomendou vivamente, mas sem apreciáveis resultados. Podem-se fazer a reconstrução graças aos indícios de boas anotações feitas em Valdocco e do *Epistolário*. Em geral, para economizar tempo, Dom Bosco não dese-

¹²⁹ Carta de 1º de julho de 1876; E III 69-70.

¹³⁰ Carta de 16 de julho de 1877; E III 200-201.

¹³¹ Carta de 24 de novembro de 1872; Em III 496.

¹³² Carta de 26 de dezembro de 1872; Em III 500-501.

java excessivas manifestações externas. O trabalho se desenvolvia principalmente no interior com a máxima expressão de suas responsabilidades conjuntas de superior religioso, gestor de casas de educação, confessor, governante, educador, diretor espiritual, animador, padre, irmão e amigo dos educadores e dos alunos.

A visita a Mirabello, Cherasco e Lanzo o ocupava de 10/11 a 20 de março de 1870.¹³³ Outra, a Lanzo, estava prevista para a segunda semana da quaresma, de 14 a 20 de março, em carta, enviada de Roma, nos primeiros dias do mês. No pós-escrito recomendava: “Quando for a Lanzo, peço que não façam nenhum aparato festivo. Festa na igreja, e não outra coisa”.¹³⁴ Em Mirabello prometia nova visita para a “primeira quinzena de maio” do mesmo ano.¹³⁵ Aos jovens de Lanzo, em 11 de fevereiro de 1871, anunciava uma visita para segunda-feira de manhã, 13 de fevereiro, para “fazer carnaval” com eles.¹³⁶ Esteve em Borgo San Martino de 1 a 3 de agosto, como tinha anunciado em 27 de julho: “Se Deus quiser, na próxima terça-feira, às 11 da manhã, estarei em Borgo San Martino”.¹³⁷ Anunciava outra visita em Varazze e em Marassi para fins de junho de 1872: “Amanhã [12, quarta-feira] irei a Varazze, sexta-feira à tarde espero estar em Gênova”.¹³⁸ No final de novembro de 1872 visitava o Colégio de Lanzo e, poucos dias depois, o Internato de Sampierdarena. De 26 a 29 de abril de 1873 efetuava rápida visita a Alassio, Varazze e Sampierdarena. Em 26 de novembro estava ainda em Sampierdarena e, no dia 28, em Borgo San Martino. A partir de 6 de dezembro parava por alguns dias em Lanzo. De 10 a 13 de maio de 1874 se dirigia de Alassio para Varazze e Sampierdarena, visitando novamente os colégios de 9 a 12 de junho. De 25 a 29 de julho estava de novo em Sampierdarena, Sestri Ponente e Gênova. Como se viu, na volta da primeira viagem a Nice, parava em Alassio, de 15 a 19 de dezembro, e depois em Sampierdarena. Em 1875 Dom Bosco dedicava a primeira metade de junho aos colégios da Ligúria, Alassio, Varazze e Sampierdarena.¹³⁹ Por fim, do Internato de Sampierdarena programava a visita a Borgo San Martino de sexta, 18, até segunda-feira, 21 de junho de 1875, aí incluindo um almoço na casa do bispo de Casale e um na de um pároco da região.¹⁴⁰ Retornava pela metade de novembro.¹⁴¹ Por ocasião da fundação de Nice, em novembro de 1875, como já se viu, parava em Alassio, Varazze e Sampierdarena, na ida como na volta. Sobre isso falava em Valdocco nas tardes de 7 e 8 de dezembro. Na noite de 22 de dezembro levava aos estudantes do Oratório as

¹³³ De Mirabello existe uma carta ao secretário do bispo de Casale, 10/11 de março de 1870; Em III 193.

¹³⁴ Ao padre Lemoyne, 17 de fevereiro de 1870; Em III 186.

¹³⁵ Ao padre Bonetti, 17 de fevereiro de 1870; Em III 186.

¹³⁶ Ao padre Lemoyne e aos jovens, 11 de fevereiro de 1871; Em 308. Cf. E II 148.

¹³⁷ Ao padre G. Bonetti, 27 de julho de 1871; Em III 349.

¹³⁸ Ao barão Cataldi e à condessa Gambaro, 11 de junho de 1872; Em III 439-440.

¹³⁹ Cf. carta ao padre Chiatellino, 30 de junho de 1875; E II 484.

¹⁴⁰ Ao padre Bonetti, 16 de junho de 1875; E II 480.

¹⁴¹ Ao padre Bonetti, 13 de novembro de 1875; E II 519.

saudações dos companheiros de Lanzo, aos quais tinha visitado. A citada carta de 3 de janeiro de 1876 era extraordinário eco dessa visita.¹⁴² No dia 12 de janeiro, em circular aos salesianos, tomava como ponto de partida as visitas a essas casas, exprimindo a plena satisfação pelo seu andamento “material e moral”, quer em relação à “administração interna, quer nas relações sociais externas”.¹⁴³ Da última semana de fevereiro a 12 de março de 1876, como atestam as cartas das várias cidades, fazia uma longa visita desde Nice até Vallecrosia, Alassio, Varazze e Sampierdarena. “Estou em visita na costa – escrevia ao padre Cagliero em 3 de março –, e nossas casas continuam sua vida com a máxima satisfação”.¹⁴⁴

Essas visitas representavam uma peregrinação de grande riqueza espiritual e educativa, além de ter caráter orientador e diretivo. Em qualquer lugar, o empenho prioritário de Dom Bosco se exercitava em relação aos diretores e aos colaboradores. Informava-se sobre os diversos problemas, morais, pedagógicos, disciplinares e administrativos, e sobre as relações com as autoridades civis, escolares e religiosas; indicava possíveis soluções; dirimia contrastes internos e externos; encontrava-se com os benfeitores e os cooperadores mais acessíveis. Visitava os doentes da casa, dava a boa-noite todas as noites, confessava jovens e salesianos pela manhã e à noite, estava disponível para o exercício da boa morte, reunia os salesianos após as orações da noite, entretinha-se no pátio com os jovens e educadores, assistia a eventuais apresentações artísticas e peças teatrais. Privilegiava, em particular, os jovens das turmas mais adiantadas e recebia-os para colóquios particulares, tratando principalmente de vocação. Na boa-noite dava notícias e saudações dos outros colégios, narrava sonhos, exortava a manter-se na graça de Deus, a evitar o ócio, as conversas impróprias e as más ações, convidava à sinceridade nas confissões, encorajava à abertura com o diretor, admoestava os irrequietos e os descontentes. Com o diretor e o prefeito se informava sobre o estado financeiro da obra, ajudando as mais fracas e solicitando alguma contribuição das mais florescentes. Não deixava principalmente de conseguir eventual dinheiro disponível para ajudar a casa-mãe, constitucionalmente passiva, abrigo de beneficência mais que colégio, tendo a responsabilidade de toda a formação da maior parte do pessoal destinado à gestão de outras obras.

5. Festas juvenis em Valdocco

Dois acontecimentos polarizavam em torno de Valdocco não apenas os jovens residentes, mas também os que eram de outras obras mais próximas, ao menos alguns

¹⁴² Ao Colégio de Lanzo, 3 de janeiro de 1876; E III 5.

¹⁴³ E III 6-7.

¹⁴⁴ E III 28.

representantes, assim como os jovens de longe, até de muito longe, com mensagens de vários tipos: a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, em 24 de maio, e a celebração onomástica de Dom Bosco, convencionada em 24 de junho. Ambas produziam grande expectativa e arroubos de emoção que precediam e seguiam o evento de muitas semanas. Pode-se tomar como exemplo o que foi escrito em janeiro de 1871 ao diretor de Borgo San Martino, quando lhe enviou a estréia para o novo ano: “Podes renovar a nossos caros jovens a esperança de que, até o momento, tudo está bem para a vinda deles para a festa de Nossa Senhora Auxiliadora. Eles figurarão no programa como segue: em 23 de maio, à tarde, música dos alunos do Seminário Menor de Borgo San Martino. Para a comida e o alojamento, creio que não haverá dificuldade. Tem-se que pensar para dormir, mas a isso se providenciará (...). Em todo caso, quero, *dante Deo*, que façamos uma bela festa e que estejamos muito alegres. Para o vapor [o trem] temos já a metade do preço; espero que vamos conseguir mais”.¹⁴⁵

Da festa de Nossa Senhora Auxiliadora, indubitavelmente a mais popular de todas que se celebraram em Valdocco, acenou-se a propósito da consagração da igreja em junho de 1868 e do culto mariano irradiado por esta. O envolvimento dos jovens do Oratório, como se viu, era pleno. No entanto, os jovens eram co-protagonistas com a massa de devotos dela participavam, que vinham de fora e que, em algum modo, os anulavam.¹⁴⁶

A festa de São João Batista, destinada a celebrar o onomástico oficial de Dom Bosco, ao invés, era toda de família, dos jovens, dos salesianos, dos ex-alunos. No Arquivo Central Salesiano uma sessão particularmente rica está reservada às *Honras a Dom Bosco durante a vida*, em grande parte dedicada à festa onomástica, material significativo que mereceria ser estudado com esmero. Esse material coloca em particular evidência o fascínio que Dom Bosco conseguia suscitar e o potencial “educativo” e emotivo que a festa induzia e potenciava. Entre as tantas cartas de comunidades e de particulares, educadores e jovens, as composições em prosa e em poesia de jovens estudantes e aprendizes, de clérigos e de outros, sobressaem os textos dos hinos compostos pelo padre Lemoyne e musicados primeiro pelo leigo externo maestro Giovanni De Vecchi, em seguida do salesiano coadjutor Giuseppe Dogliani (1849-1934). Particularmente expressivo é o dedicado *Ao padre Giovanni Bosco celebrando-se pelos jovens do Oratório de São Francisco de Sales seu onomástico na ocasião do seu retorno de Roma*. Dom Bosco tinha celebrado na Basílica de São Pedro o 25º aniversário de eleição ao papado de Pio IX (1846-1871) e tinha retardado a festa onomástica para 8 e 9 de julho, e o poeta cantava: “E tudo ao redor ecoe / os aplausos ao diretor /, ao pai terníssimo /, ao rei dos nossos corações” [E tutt’intorno echeggino / I plausi al direttor, / Al padre tenerissimo, / Al re dei nostri cuor]. Mas não se deixavam superar em carga afetiva composições de alunos e salesianos, enquanto os ex-alunos, “os velhos jovens já educados nesta casa”, subscreviam uma mensagem. Os mais aparelhados eram os tipógrafos que podiam

¹⁴⁵ Ao padre Bonetti, s.d.; Em III 286.

¹⁴⁶ Cf. cap. 16, § 6.

oferecer impressa, com arte refinada, alguma poesia: *Ao padre Giovanni Bosco, quando se festejava seu retorno de Roma e se celebrava seu onomástico, como a tão meigo pai os tão afetuosos filhos, os jovens tipógrafos do Oratório ofereciam este tênue ensaio de frisos-floreais – Ao teu mérito é pouco; ao nosso afeto é nada.*

Um *intermezzo* imprevisto, mas particularmente alegre, foi a festa para o retorno de Dom Bosco após a doença de Varazze, celebrada no sábado e domingo, 17 e 18 de fevereiro de 1872, coincidindo com a solenidade de São Francisco de Sales. “A festa bendita / do dia no qual tu voltas / salvo do rio da doença / mudaste em vivo júbilo / a nossa áspera dor” [La festa benedetta / Del giorno in cui tu reduce / Salvo da rio malor / Mutasti in vivo giubilo / Il nostro aspro dolor], poetizava ainda o padre Lemoyne.

A celebração de 24 de junho de 1873 foi preparada acuradamente com bem duas reuniões do Conselho da Casa do Oratório, e em uma terceira foi criticamente examinado seu andamento.¹⁴⁷ Da festa de 1874 já se falou do épico hino no qual Dom Bosco era celebrado como novo Moisés. A crônica anotava justamente: “o arcebispo considerou um pouco de exageração”.¹⁴⁸ No mesmo ano se celebrava também, pela primeira vez, a festa do aniversário de Dom Bosco: reduzia-se, porém, a uma sessão lítero-musical acontecida no sábado, 15 de agosto.¹⁴⁹

Os festejos de 1877 chegavam a uma intensidade excepcional. Eles foram transferidos para os dias 28 e 29 de junho. No dia 28, com efeito, foi associado nas homenagens dom Federico Aneiros, arcebispo de Buenos Aires, assim como seu séqüito.¹⁵⁰ Nos discursos e cantos envolveram com homenagens distintas ambos os protagonistas. “Cantaram-se dois hinos, um dos aprendizes, musicado por De-Vecchi, e outro dos estudantes, musicado por Dogliani” sobre textos épicos do padre Lemoyne. No dia 29, pelas 6h30 recomeçaram a festa para Dom Bosco, tudo como no dia anterior. Maior número de forasteiros a assistia. A festa se encerrava às 10 horas da noite.¹⁵¹

Em 1878 as festas começaram na vigília de 24 de junho, domingo no qual se celebrava a festa externa de São Luís. “Após as funções – estava anotado – festa para Dom Bosco, começando perto das 6h30 até às 8h15. Fogos de artifício, ceia, repouso. No dia 24, solenidade de São João. Às 9h30 da manhã os antigos jovens do Oratório, agora externos, foram recebidos na porta pela Banda do Oratório. Eles entraram e apresentaram o costumeiro e sempre precioso presente a Dom Bosco, sempre muito afeiçoado a eles”. “Após as funções, às 6h30 começou a festa no pátio. Leitura de composições, canto, música. Apresentaram os seus buquês [maços de flores ou de preces, propósitos diários etc.] os oratórios externos de São Francisco de Sales e São Luís”. A chuva não permitiu a festa noturna completa, que foi postergada para o dia de São Pedro: mas

¹⁴⁷ J.M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 179-180.

¹⁴⁸ J.M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 190-191.

¹⁴⁹ J.M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 192.

¹⁵⁰ Cf. cap. 25, § 1.

¹⁵¹ J.M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 57.

também nesse dia, por causa novamente da chuva, foi preciso fazer a sessão lítero-musical no salão de estudo.¹⁵²

Em formas análogas as festas se desenvolveriam num crescendo nos anos sucessivos, até a última solenidade de São João celebrada por Dom Bosco em 1887.¹⁵³

6. Ex-alunos: salesianos pela educação recebida

Durante a vida de Dom Bosco não houve organização oficial dos ex-alunos em uniões e federações. A passagem de relações pessoais ou epistolares de ex-alunos do Oratório com Dom Bosco e vice-versa para certa visibilidade do grupo aconteceu pela primeira vez em 1870. Um discreto número deles, tendo à frente um encadernador, Carlo Gastini, reuniu-se em 24 de junho em local adjacente da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, convidando Dom Bosco para estar com eles. Dirigiram-lhe afetuosa saudação, ofereceram-lhe o presente e escutaram as palavras de agradecimento do festejado. O número aumentou nos anos seguintes, até que, em 1876, Dom Bosco mesmo propôs que se acrescentasse ao encontro de 24 de junho um dia do mês de julho a fim de se reunir para um almoço em comum: os leigos num domingo e, em dia de semana, os eclesiásticos.

O animador dos participantes do encontro continuou sendo Carlo Gastini (1833-1902), oratoriano de 1848, clérigo por alguns anos, depois mestre encadernador e, a partir de 1875, organizador do complexo de bandas dos ex-alunos de Valdocco. Ele se tornava chefe ou presidente do comitê que coordenava as iniciativas. Em 1871, pelo onomástico de Dom Bosco tornava-se promotor da homenagem padre Giacomo Bellia (1834-1908), companheiro de Gastini em Valdocco de 1848 a 1856. Algumas anotações de crônica oferecem informações interessantes sobre o papel de Gastini a respeito da festa onomástica de 1884. Fala-se de uma representação de mais de trezentos “antigos jovens do Oratório”, eclesiásticos e leigos de toda condição social e profissional, que, às 10 horas da manhã, foram apresentar sua saudação a Dom Bosco, e em sinal de reconhecimento ofereceram “um rico paramento para a igreja”. A certo ponto – continua a crônica – “apareceu o senhor Carlo Gastini, e como chefe da sociedade dos antigos alunos” fez-se intérprete do afeto dos presentes para com o festejado, a quem “com *inimitáveis versos* fez os mais cordiais augúrios de vida longa e muito feliz”.¹⁵⁴ No encontro sucessivo, em 13 de julho, com predominância de leigos, emergiam as figuras do secretário e do presidente da comissão organizada para a manifestação

¹⁵² J.M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 67-68.

¹⁵³ Para alguns anos se encontram acenos em J.M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 81(1880), 94 (1886), 169 (1872), 207 (1875), 216 (1876), 241 (1878), 247 (1881) e 250 (1882).

¹⁵⁴ “L’Onomastico di Don Bosco in Torino”, BS 8(1884) n. 7, julho, p. 98.

“nominal” (onomástica). O *Boletim Salesiano* não economizava elogios ao presidente, Carlo Gastino, que com sua exibição de doutor, parecia deixar em segundo plano a saudação do professor Fabre e o discurso do professor Germano. Em seguida, o secretário, Luigi Fumero, recordava os encontros quinzenais dos antigos alunos e “propunha uma coleta para a celebração de uma missa na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora em favor dos ex-alunos defuntos”. Dom Bosco encerrava, manifestando seu reconhecimento e consolação, entre outras coisas pelo fato de saber “que todos – afirmava – louvam esta nossa reunião, porque é o modo verdadeiro de recordar os avisos e os conselhos que eu vos dava quando fostes meninos”.¹⁵⁵

Em nome do comitê, Carlo Gastino e Matteo Alasia, secretário, em 31 de janeiro de 1888, anunciavam aos antigos alunos do Oratório a morte de Dom Bosco.¹⁵⁶

De fato, Dom Bosco sentia os ex-alunos pertencentes à mesma família, salesianos como seus irmãos maiores religiosos. Em força dessa persuasão ele lhes confiava a tarefa de prolongar no exercício de sua paternidade, física e espiritual, a missão educativa e o método preventivo do qual eles próprios tinham sido beneficiados. “Eu – punha quase como premissa em um discurso a ex-alunos sacerdotes –, com o nome de salesianos entendo significar todos os que aqui no Oratório foram educados com as máximas deste grande santo. Portanto, para mim vós sois todos salesianos”.¹⁵⁷ À convergência e ao envolvimento no empenho operativo comum tinha já exortado, nos dias 25 e 29 de julho de 1880, ex-alunos leigos e sacerdotes. Aos primeiros recomendava não somente de se mostrarem sempre e em toda parte “bons cristãos e homens honestos”, mas também, se pais de família, de fazer os próprios entes queridos participar da educação recebida no Oratório: “Somos salesianos e como tais esqueçamos tudo, perdoemos a todos, faremos o bem que pudermos e o mal a ninguém”. Por isso, mostrar-se “bons salesianos, verdadeiros filhos de Dom Bosco, cujo mais vivo desejo é o de povoar o céu de almas e esvaziar o inferno, se possível for”; “a educação que vós recebestes no Oratório de Dom Bosco, comunicai-a a vossos caros”.¹⁵⁸ A eles colocava também como perspectiva a possibilidade de inserção social específica. “Alguns – dizia no encontro de domingo, 23 de julho de 1882 – têm sugerido que se ressuscite em vosso meio a *Sociedade de Mútuo Socorro*”. “A partir desse tempo – observava – fundaram-se em quase todas as cidades e lugarejos as assim chamadas *Sociedade dos Operários Católicos*, os quais são verdadeira bênção para estes tempos”. Convidava para que entrassem nela, participando ativamente das vantagens espirituais e materiais que a isto comportava.¹⁵⁹ Em 13 de julho de 1884 louvava a reunião anual e afirmava: “Sinto que agora vos amo ainda ou mais que antes, porque vós, com vossa presença, me assegurais que estão sólidos

¹⁵⁵ BS 8(1884), n. 8, agosto, p. 112-113.

¹⁵⁶ Texto em MB XVIII 814-815.

¹⁵⁷ Discurso de 17 de julho de 1884; BS 8(1884), n. 8, agosto, p. 115.

¹⁵⁸ “La gratitudine filiale a lieta mensa colla bontà paterna”, BS 4(1880), n. 9, setembro, p. 10.

¹⁵⁹ BS 6(1882), n. 9, setembro, p. 150.

em vossos corações os princípios de nossa santa religião que eu vos ensinei, pois eles são o guia de vossa vida. Sinto que vos amo ainda mais porque me fazeis ver o quanto vosso coração vibra sempre por Dom Bosco. Vos me dizeis: Eis, Dom Bosco, estamos aqui para lhe confirmar que estamos sempre todos no caminho da salvação: e seus pensamentos são até agora os nossos. E vos digo que sou todo vosso no pensamento e na ação, e em todo o meu agir.¹⁶⁰

Mais pontual e comprometedor era o discurso a ex-alunos sacerdotes em 29 de julho de 1880. “Teria muitas coisas a vos dizer”, iniciava. “A principal – prosseguia – é que vos esforceis para fazer todo o bem possível à juventude de vossas paróquias, vossas cidades, vossas vilas, vossas famílias”. Indicava a seguir as formas, os meios e os métodos “para sair-se bem com os jovens”: “Fazei um grande esforço – inculcava, lembrando os princípios originais – para usar com eles o bom trato; fazei-vos amar, e não temer; mostrai-lhes e persuadi-os de que desejais a salvação de suas almas; corrigi com paciência e com caridade seus defeitos; sobretudo, evitai bater-lhes; em resumo, procurai que, ao ver-vos, corram até vós, e não fujam, como fazem infelizmente em muitos lugares e na maioria das vezes, porque têm razão: eles temem apanhar”.¹⁶¹ No ano seguinte falava do difícil processo sobre o qual tinha conseguido realizar seu projeto em benefício dos jovens, não obstante as dificuldades e as oposições, e enunciava um princípio tipicamente salesiano para fazer o bem: “O mundo nos cobre de vilanias e também de injúrias? Então vamos cobri-lo de benefícios, trabalhando para seu bem-estar religioso, moral, e, se puder, também físico e moral. Coloquemos em prática o conselho de são Paulo: *Noli vinci a malo, sed vince in bono malum*: não querer ser vencido pelo mal, mas vencer o mal com o bem. Quer dizer, com vossa bondade vencer a malícia e a perversidade de vossos adversários, e procurai conquistá-los para Deus com as boas obras. Sobretudo fazei o bem às crianças, aos pobres, aos enfermos, como o Mestre divino, e de tal forma fechareis a boca aos tristes, e o que é melhor, atraireis a proteção de Deus sobre vós e sobre as obras de vosso santo ministério, e o que é protegido e abençoado por Deus será invencível”.¹⁶² Ainda em 19 de julho de 1883 sublinhava aspectos novos e antigos do zelo apostólico. “Vivei – exortava – sempre como bons sacerdotes, como vos ensinou e inculcou este vosso velho amigo; zelai pela salvação das almas que se perdem miseravelmente; cuidai de modo especial da juventude dos vossos lugares, na qual está a esperança da sociedade; estai unidos ao chefe da Igreja, ao vigário de Jesus Cristo; queiramos sempre bem uns aos outros; rezemos uns pelos outros”.¹⁶³ A ouvintes sacerdotes propunha sempre, para o ano seguinte, um apostolado considerado atual, por causa da perda de vidas que se faziam de várias formas, em jogos de azar com armas ou com o suicídio: inculcar a preciosidade da vida. Com efeito, “a vida temporal bem empregada – dizia – é sementeira da vida eterna”.¹⁶⁴

¹⁶⁰ BS 8(1884), n. 8, agosto, p. 113.

¹⁶¹ BS 4(1880), n. 9, setembro, p. 11.

¹⁶² BS 6(1882), n. 9, setembro, p. 151.

¹⁶³ BS 7(1883), n. 8, agosto, p. 129.

¹⁶⁴ Discurso de 17 de julho de 1884, BS 8(1884), n. 8, agosto, p. 116.



Capítulo XXIV

FORJADOR DE COMUNIDADES RELIGIOSAS DEDICADAS À EDUCAÇÃO JUVENIL (1865-1877)

- 1865 Primeira Conferência Geral dos Diretores na Festa de São Francisco de Sales
- 1871 janeiro: *Lembranças confidenciais aos diretores*
- 1872 12 de outubro: normas para a distribuição do pessoal
- 1873 início da redação das *Memórias do Oratório*
3 de junho e 15 de novembro: duas importantes circulares sobre a vida religiosa
- 1874 3 de fevereiro: terceira circular sobre a vida religiosa
- 1875 janeiro: Dom Bosco resume o manuscrito sobre *As perquirições* de 1860 no Catálogo Anual, primeiras biografias de *Salesianos defuntos*
1º a 16 de abril: conferências gerais aos diretores
26 de maio: Dom Bosco narra os primórdios do Oratório
primavera-verão: *Aos sócios salesianos*, introdução à edição das *Constituições italianas*
18-26 de setembro: conferências capitulares e dos diretores
- 1877 últimas Conferências de São Francisco de Sales

A partir de 1875 Dom Bosco começava a organizar no Oratório espaços separados para os noviços e/ou jovens estudantes de filosofia. Depois, a partir de 1879, criava uma comunidade para um primeiro grupo em casa separada, em San Benigno Canavese, 18 quilômetros ao norte de Turim, seguida, em 1886, de outra, 8 quilômetros mais adiante, em Foglizzo Canavese, somente para clérigos noviços e estudantes de filosofia.

Conforme já se falou do Oratório, também nas outras obras os salesianos e os jovens formavam duas comunidades distintas, educativa e religiosa, mas não separadas. Por isso a substância da direção e da animação educativa dos colégios, internatos e oratórios, incluindo o magistério expresso das exortações noturnas e das outras formas de comunicação oral, envolvia totalmente também a vida dos religiosos educadores. Aos salesianos ficavam reservadas, quando possível, algumas práticas: meditação, conferências particulares, exercícios espirituais anuais – muitas vezes com grandes grupos de aspirantes e noviços –, circulares específicas, rendiconto mensal prescrito pelas Constituições. Assim, quando se fala de Dom Bosco formador e animador, em formas específicas, dos salesianos consagrados, não se pode esquecer de sua ação na comuni-

dade global, que oferecia elementos substanciais da personalidade deles, quer de religiosos quer de educadores.

1. Formação dos responsáveis de comunidades educativas

Sobre todos os canais de formação dos religiosos educadores, segundo o estilo salesiano, dominava o constante envolvimento no trabalho comum, tanto em nível local como geral, efetiva ou idealmente em sintonia com o fundador e superior geral, Dom Bosco. O seu ser e o seu agir constituíam a referência e o modelo mais atendível para a reinterpretação vivencial da salesianidade bosquiana, em ótica assistencial, educativa e religiosa.

1.1 Fazer como Dom Bosco

Do fundador e pai os colaboradores procuravam intuir e assimilar a fé, a caridade, o realismo, o senso do concreto, a clarividência, o empreendedorismo. Sua pessoa, o estilo de governo, a forte carga comunicativa constituíam-se escola, mais que implícita, de religiosos, de educadores, de dirigentes e de animadores com características peculiares. Ele se tornava, de alguma forma, o protótipo, com sua singular congênita mentalidade, ulteriormente amadurecida por sua típica percepção do tempo e da sociedade em que atuava. Tudo isso se explicitava nas articulações entre as linhas de ação sugeridas nos mais variados comportamentos: avesso à retórica, busca do essencial, recusa de burocracias atrapalhadoras, não aceitação dos formalismos, além de sábio distanciamento da interferência de autoridades consideradas ignorantes ou com prevenções, que pareciam limitar ou restringir atividades educativa e socialmente produtivas, como eram os ofícios de vigilância, os inspetores, os administradores municipais, os conselhos escolares e os provedores dos estudos, os responsáveis do alistamento militar e os guardiães de normas canônicas restritivas.

Era fácil para os colaboradores, próximos ou distantes, identificar-se com ele e com os que estavam mais próximos que os outros, em condições de ajudá-lo e de interpretá-lo, e aos quais Dom Bosco considerava autorizados com plenos poderes em muitos atos de direção delegada. Era o caso do padre Rua, que, como se verá mais adiante, por ocasião das Conferências ou reuniões anuais dos diretores atuava muitas vezes como presidente, mas principalmente como prefeito geral e vigário. Por isso esteve na condição, por decênios, de ser o eco fiel, dia após dia, dos pensamentos e intenções do superior fundador, e não apenas no setor disciplinar e administrativo, de sua competência específica.¹ Dom Bosco, ausente do Oratório na época decisiva para a

¹ Ao padre Rua, 18 de novembro de 1875; Em III 476.

redistribuição do pessoal para o novo ano escolar, recomendava ao padre Rua, que com destreza governava em Valdocco,: “Distribua o pessoal, mas age da melhor forma que pudes, para que as coisas se façam *sponte*, não *coacte*;² “ajusta pois as coisas que dizem respeito ao pessoal, como te disse, mas faz o que podes para contentar os dirigentes e professores”.³ Em outra circunstância concluía carta a ele com estas palavras: “In omnibus caritas. Faze com que todos com os quais falas se tornem teus amigos”.⁴ Era sinal de plena confiança no homem que se tornava cada vez mais seu *alter ego*, a quem repetidamente confiava também notícias da própria saúde: “minha saúde melhorou bastante; ontem, porém, pela tarde, tive um pouco de febre que durou cerca de quatro horas, mas sem conseqüências, exceto um pouco de cansaço”.⁵ Alguns dias antes tinha escrito: “minha saúde melhorou um pouco; a pequena febre, ao invés, fez-se sentir do meio-dia até à tarde, mas bem mais mansa e com menos dor de cabeça”.⁶

Os educadores e superiores, aprendizes ou já experientes, absorviam de Dom Bosco, quase por osmose, como devia ser o traço fundamental de sua profissão: a sabedoria, informada pela caridade. Tratava-se de moderação, que não diminuía a vontade de perfeição, mas respondia precisamente a certo realismo sábio e construtivo. O início da carta a um diretor manifestava isso com eficácia. Era um *tractatus minimus* de espiritualidade profissional: “Estou plenamente de acordo contigo. O *optime* é o que procuramos, mas infelizmente devemos nos contentar com o *mediocre* em meio a tanto mal. Os tempos são assim. Não obstante, os resultados que até agora obtivemos devem satisfazer-nos. Humilhem-nos diante de Deus, reconheçamos receber tudo dele, rezemos. Especialmente na santa missa, na elevação da hóstia, recomenda a ti, tuas fadigas, teus filhos”.⁷

1.2 Formação narrativa

“Fazer como Dom Bosco” dizia respeito tanto ao passado como ao futuro, ao qual ele se dirigia muitas vezes narrando e fazendo previsões. Nos anos 70 ele “contava” exatamente como fazia entre os anos 50 e 60. Os cadernos da *Cronichetta* do padre Barberis e de outras três crônicas redigidas ou promovidas por ele fornecem evocações de sua ação entre os jovens e os salesianos mais próximos, tomadas em vários contextos entre 1875 e 1879, em vista da formação e animação de aspirantes, noviços e

² Ao padre Rua, 16 de outubro de 1872; Em III 478.

³ Carta de 19 de outubro de 1872; E II 232.

⁴ Ao padre Rua, de Santo Inácio em Lanzo, em “um estupendo turno de exercícios espirituais”, 10 de agosto de 1873; E II 296.

⁵ Ibid.

⁶ Carta de julho de 1873; E II 295.

⁷ Ao padre Bonetti, 6 de junho de 1870; Em III 213.

jovens professores. Duas eram as formas principais de narrar: à viva voz e com a escrita. Em 26 de maio de 1875 estava calorosa a conversa à mesa sobre os *Primórdios do Oratório*, a instituição paradigmática que resumia as diversas iniciativas em favor dos jovens. Todas estas eram idealmente Oratório. Não faltavam as dramatizações, que não se preocupavam com a precisão histórica.⁸ A começar de 1873, faziam eco ao que já tinha confiado às *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. “Escrevi várias coisas – confiava – de grande instrução para nós”, ainda que algumas “não se possam publicar, ao menos por enquanto”. Com seus familiares, as recordações das origens nos anos 1845-1846 chamavam uma a outra em uma sortida série de extraordinária capacidade evocativa.⁹ Algumas vezes padre Barberis, mestre de noviços, o provocava, sendo guia e animador dos que iniciavam na vida salesiana, desejoso “de contar aos clérigos inscritos, nas noites, após as orações, alguma coisa da antigüidade do Oratório”.¹⁰ É dele o registro sobre os mais diferentes argumentos, ouvidos de Dom Bosco em Lanzo, entre o final de setembro e o início de outubro de 1876. Ali, face a face, afloravam as recordações sobre os acontecimentos dos primeiros tempos do Oratório, tendo Dom Bosco como protagonista absoluto no enfrentamento das situações juvenis mais difíceis, nas “lutas” e nas batalhas de rua, na habilidade em fazer brotar o sentimento religioso.¹¹ Outras reminiscências voltavam em novembro de 1878, quando Dom Bosco estava dando os últimos retoques nas *Memórias do Oratório*: diziam respeito às tempestades de 1848 e a difícil busca de colaboradores confiáveis.¹²

As *Memórias do Oratório* foram na maior parte redigidas no triênio 1873-1875. Cobriam por inteiro três décadas: 1825-1835, com acenos aos anos anteriores de 1815 a 1824, 1835-1845 e 1845-1855, incluindo os anos mais ricos de aventuras, de 1845 a 1850. As vinte ou trinta páginas seguintes, terminadas nos anos 1878-1879 e além, registram fatos conhecidos publicamente: a construção da Igreja São Francisco de Sales, a explosão da caldeira, o nascimento das *Leituras Católicas*, concluindo com a entrada em cena de um “estranho” não previsto, “o cão cinzento”.¹³ Eram “Memórias” – afirmava o autor no início de seu trabalho, desmentindo-se à distância de poucos anos –, que ele tinha pretendido reservar aos “salesianos, com a proibição de dar publicidade a essas coisas antes ou depois de minha morte”.¹⁴ Os destinatários, ignaros da utilização que dela se faria muito depressa, tomavam a proibição ao pé da letra, tanto

⁸ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 1, p. 27-30.

⁹ Conversação de sábado à tarde, 1º de janeiro de 1876; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 3, p. 46-56.

¹⁰ Reflexões de 1 de janeiro de 1876; G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 3, p. 46.

¹¹ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 11, p. 14-26, 40-41. Outras lembranças de 15 de novembro de 1878, quad. 12, p. 46-53.

¹² G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 14, p. 19-20.

¹³ MO (1991), p. 18-20. Cf. F. DESRAMAUT, *Les Memorie I de Giovanni Battista Lemoyne*, p. 115-119.

¹⁴ MO (1991), p. 30.

que a primeira edição do grosso manuscrito foi cuidada por Eugenio Ceria somente em 1946. O documento, com efeito, não tinha ficado completamente em segredo. Já em 1877-1878 estava nas mãos do padre Bonetti, que dele se serviria na composição da *História do Oratório de São Francisco de Sales*, saído em fascículos no *Boletim Salesiano*, de janeiro a agosto de 1886. Aí se versava mais da metade do texto, a parte que evocava os inícios e os desenvolvimentos do Oratório e das atividades paralelas, de 1841 a 1854.¹⁵ O próprio Dom Bosco, já no título esclarecia seu caráter formativo narrativo: suas memórias não eram auto-biografia, mas “*Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*”, ainda que, em certos aspectos, o autor pareça alguma vez identificar a gênese e os desenvolvimentos do Oratório com as próprias ações biográficas: o nascimento em 15 de agosto, o sonho dos 9 anos, as exibições nos prados dos Becchi etc. Era indubitavelmente – declarava no Proêmio – história normativa. Poderia se dizer a clássica *historia magistra vitae*, auxílio para “superar as dificuldades futuras retirando lição do passado”. Era também recreativa e evocativa, “ameno entretenimento” para os filhos e memória exemplar no futuro. A qualidade histórica estava necessariamente ligada ao conceito e à prática da história herdados por ele, segundo os quais a verdade objetiva é inseparável da interpretação teológica: “fazer conhecer como Deus tenha Ele mesmo guiado cada coisa a seu tempo”, que, de resto, era convicção milenar de todos os historiadores crentes.¹⁶ Em notável medida, eram memórias do futuro, e portanto, com muitas reservas, memórias histórico-teológicas do passado.¹⁷ Daí emergiam os traços inconfundíveis do educador salesiano, delineados continuamente por ele nas narrações, nas conferências e nas conversas familiares. A decisão de se dedicar com paixão e alegria aos jovens mais necessitados não era somente sinal de chamado divino, intensificado no momento da escolha definitiva: “minha propensão é de me ocupar da juventude”.¹⁸ Nos vértices das finalidades da assistência beneficente e educativa estava o convite cristão de sempre. Tratava-se da salvação eterna, garantida pela vida de graça, conservada ou recuperada com os meios apropriados: oração, sacramentos, catecismo e devoção a Maria Virgem e Mãe. “A religião fazia parte fundamental da educação”, recordava Dom Bosco sobre o Colégio de Chieri, e era também refúgio seguro da “moralidade” e “do exato cumprimento dos deveres”.¹⁹ O modo fundamental de relação com os jovens era a assistência educativa, vivida como premente exigência pessoal e social, fortemente experimentada desde o primeiro impacto com os meninos “abandonados a si próprios”.²⁰ Radicava-se, ao mesmo tempo, a convicção da necessi-

¹⁵ Cf. MO (1991), p. 115-230, contra as páginas precedentes 29-115.

¹⁶ MO (1991), p. 29-30.

¹⁷ Cf. P. BRAIDO, “*Memorie del futuro*”, RSS 11(1992), p. 97-127.

¹⁸ MO (1991), p. 112, 127.

¹⁹ MO (1991), p. 34, 36, 37, 44, 55, 60, 61, 63, 87, 89-90, 91, 92, 95, 100, 109, 111, 122, 124, 126, 129-130, 133, 137, 146, 158, 160, 162, 171, 177-178, 179, 191-192.

²⁰ MO (1991), p. 122-123.

dade de novos lugares de encontro e de agregação juvenil, o oratório, de muitos nomes e de formas variadas: não apenas lugar de catequese e de prática religiosa, mas também escola, internato, associação, atividade de tempo livre.²¹ Era coerente que a prevenção e a assistência suscitassem iniciativas de diferentes gêneros, de caráter social, religioso ou apologético: *Sociedade de Mútuo Socorro*, *Leituras Católicas*, *companhias religiosas*, livros e opúsculos.²² O interesse era sempre o jovem completo, com ampla abertura para todos os valores, eternos e temporais, espirituais e materiais, capaz de encarnar na plenitude máxima o ideal do fiel profundamente feliz, em harmonia com Deus, consigo mesmo e com os outros.²³ O educador que Dom Bosco aí apresentava e propunha à imitação dos seus era, fundamentalmente, armado de bondade amável e juvenil, capaz de restaurar desertos afetivos e povoar solidões dolorosas, na intensidade das relações amigáveis e comunitárias: precisamente a contra-figura de eclesiásticos, por certo muito dignos, mas pouco acessíveis à sensibilidade do jovem Bosco, na paróquia e no seminário.²⁴ Era ainda, indispensável que o educador fosse ao encontro da insuperável tensão juvenil em busca da felicidade e da necessidade da alegria. Os “objetos de igreja e de recreação” eram constantemente ligados às “funções de igreja” associadas aos “entretenimentos” recreativos e aos “jogos”. No texto apareciam com frequência os termos alegria, satisfação, felicidade, hilaridade, pular, rir; e literalmente: “cantar, correr, saltar e recrear-se”, “saltos, cantos, gritos, tempo livre”. Por isso os jovens encontravam no oratório “seu paraíso terrestre”.²⁵

Nos mesmos anos, além da compilação das *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, Dom Bosco se ocupava da revisão do velho manuscrito sobre *As perquirições*, de 1860. Delas já se falou com referência ao ano dramático para a história da Igreja na Itália. Dom Bosco afirmava tê-las escrito então, mas percebia que eram particularmente atuais para a formação dos seus, e as desenterrava no início de 1875, falando delas um ano depois a seus salesianos mais próximos.²⁶ No início de fevereiro de 1875 tinha escrito ao secretário, padre Berto: “Padre Savio trouxe-me, nesta manhã, os três cadernos [das *Memórias do Oratório*]. Talvez seja bom que reveja ainda uma vez a história das perquirições antes de copiá-la”.²⁷ Publicadas no *Boletim Salesiano* entre 1884 e 1886, com significativas ampliações e paráfrases, em cinco capítulos da *História do Oratório*, redigida pelo padre Bonetti, elas podiam se tornar, ainda em vida de Dom Bosco, magistério escrito sobre o que o superior e fundador tinha-lhes ensinado com palavras e com o exemplo.²⁸

²¹ MO (1991), p. 180, 182, 187-188.

²² MO (1991), p. 169, 212, 217, 219-220.

²³ MO (1991), p. 35, 71, 93, 123, 153, 159, 192, 200.

²⁴ MO (1991), p. 53, 91-92, 104-105, 110.

²⁵ MO (1991), p. 38, 39, 61, 62, 65, 70, 80, 81, 82, 94, 111, 121, 123, 131, 134, 135, 137, 145, 146, 155, 156, 157, 158, 159, 154, 165, 179, 193, 217.

²⁶ Conversa de 1º de janeiro de 1876, G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 3, p. 6-7.

²⁷ Carta do início de 1875; E II 455-456. Cf. cap. 13, § 2.1, 2.2 e 2.3.

²⁸ Cf. P. BRAIDO; F. MOTTO. “Don Bosco tra storia e leggenda”, p.143-144, 187-188.

1.3 Conferências e circulares

Veículo privilegiado de formação religiosa de superiores e súditos eram as alocuções e as conferências, periódicas ou ocasionais, e as cartas circulares.

Em 6 de abril de 1869, após a profissão dos votos trienais dos padres Giovanni Garino e Francesco Dalmazzo, Dom Bosco proferia um discurso em que desejava que cada membro da Sociedade fosse fundador, chamado a garantir o sólido enraizamento nas motivações das origens. Ponto fundamental era a castidade, da qual assinalava os clássicos inimigos: *Otia, vina, dapes*, o ócio e a intemperança no comer e no beber. Em seguida, passava em resenha precauções e cuidados: observar o horário da casa, fazer a visita ao santíssimo sacramento, freqüentar regularmente a confissão e a comunhão, colocar em prática as regras da Congregação, temperança no comer. Indicava as tarefas impostas pela aprovação pontifícia da Sociedade Salesiana: era preciso “reorganizá-la, dar-lhe estabilidade”. Era preciso “examinar quais candidatos” tinham as qualidades e quais não; religiosos e párocos do zona rural pediam para entrar, mas era preciso “ir muito devagar na aceitação deles, porque – dizia – eles gostariam de vir aqui para mandar”. Prosseguia: “Estamos atentos para que nada se mude das tradições. De outra forma, dificilmente se poderá retomar o antigo fervor”. Anunciava a eleição dos membros do Capítulo Superior, que deveria acontecer em dezembro, e concluía: “Procuremos fazer-nos de fato *dignos fundadores da Sociedade de São Francisco de Sales*, a fim de que aqueles que lerem nossa história possam encontrar em nós muitos modelos”.²⁹ A eleição acontecia em 10 de dezembro: a única variação era a entrada no Capítulo do padre Albera (1845-1921) em lugar do padre Francesia, nomeado diretor em Cherasco. Aos eleitos Dom Bosco relembra que o “cargo exigia paciência e sacrifício”. A todos não escondia que se estava no “princípio de uma vida repleta de espinhos” “tal como no princípio da Sociedade”. Deviam, contudo, sentir-se consolados, pois havia “de um lado Nosso Divino Salvador e do outro a Santa Virgem”. Anunciava que “antes do fim do ano” seria impressa “uma ficha ou catálogo” dos componentes da Congregação, tendo no final o nome dos salesianos defuntos. Deles – acrescentava –, seria feito à parte, “uma monografia”, na qual se acenaria às “virtudes principais nas quais se sobressaía o defunto”.³⁰

Eram notáveis também as reflexões que propunha em 12 de janeiro de 1873, após a reeleição do ecônomo e de três conselheiros: padres Savio, Provera, Durando e Ghivarello. Sublinhava que o crescimento da Congregação teria imposto a nítida distinção dos Capítulos, Superior e Particular de Valdocco, com o desejo de que o primeiro tivesse um espaço de habitação e de ação próprio. O crescimento da Sociedade Salesiana exigia, pois, – e Dom Bosco tinha como modelo os jesuítas – que seus membros “fossem zelantes ministros da mesma, filhos dignos de São Francisco de Sales, como os

²⁹ *Documenti*, XI 269-271, EdB 1014 A8-10. Itálico do autor.

³⁰ *Documenti* XI 314-316, FdB 1870 A 4-8.

jesuítas se demonstravam dignos filhos do valoroso santo Inácio de Loyola”, permanecendo unidos e solidários, ainda que atacados de todos os lados. Os salesianos, eclesiásticos ou leigos, em qualquer mansão ou lugar da terra, sozinhos ou juntos, deviam ter sempre “presente a finalidade desta Congregação, de instruir a juventude, e em geral nosso próximo, nas artes e nas ciências, e mais ainda na religião, isto é, numa palavra, a salvação das almas”. Por agora, em obséquio aos desejos de Pio IX, o trabalho seria desenvolvido tendo presente a finalidade indicada e suas urgências.³¹

No mesmo ano, em 1873, começava a série, programada e anunciada, de três circulares, que abordavam pontos de vida religiosa considerados essenciais. A primeira, de 4 de junho, dizia respeito ao *interesse material*, aguçado pelo fato de que “a aquisição, a construção, a readaptação e a preparação de novas casas foram causa de gastos assaz graves”, tais como Alassio, Varazze, Sampierdarena, Lanzo refundado: “o aumento de todo gênero de comestíveis” – inclusive a taxa sobre a farinha! – fazia com que “a saída mensal” fosse “muito superior às entradas”. Dava, portanto, as seguintes disposições: “não se empreenda nenhuma construção”, “não se façam viagens” com finalidades impróprias, observem-se os artigos 2, 3, 4, 5, 6 do capítulo das Construções relativo ao voto de pobreza, limitem-se as aquisições, façam-se economias nas coisas que dizem respeito à vestimenta”. Acrescentava, porém, uma nota muito delicada: “Mas é minha intenção de que nada se omita naquilo que pode contribuir para a conservação da saúde corporal ou à manutenção da moralidade, tanto entre os amados filhos da Congregação quanto entre os alunos que a Divina Providência confia às nossas solitudes”.³²

Seguia, em 15 de novembro, outra circular sobre a disciplina: neste caso não relativa aos alunos, mas aos salesianos enquanto religiosos, substancialmente como “*um modo de viver conforme às regras e costumeiro de um instituto*”. Por isso – explicava –, “para obter bons efeitos da disciplina, antes de tudo é preciso que todas as regras sejam observadas, e por todos”. Elas se distinguem – esclarecia – em regras gerais, “as regras da Congregação”, e em “regras próprias” de cada cargo. Em harmonia com o senso de concretude, ele se dirigia a cada um dos principais responsáveis pelo bom andamento de um colégio salesiano, omitindo a referência ao prefeito dos estudos ou conselheiro escolar. Antes de tudo reservava ao *diretor*, com imagens cativantes, as indicações mais gerais. “Nossas casas – escrevia – podem ser comparadas a um jardim”. O “jardineiro é o diretor, as tenras plantazinhas são os alunos, todo o pessoal são os cultivadores dependentes do chefe, ou seja, do diretor, que tem a responsabilidade das ações de todos.

O diretor, portanto, ganhará muito se não se afastar da casa a ele confiada, a não ser por razões e motivos graves”. “Com toda caridade visite com freqüência, ou ao menos pergunte sobre os dormitórios, a cozinha, a enfermaria, as escolas e o estudo. Seja constantemente o pai amoroso, que deseja saber tudo para fazer o bem a todos e o mal a ninguém”.³³ O *prefeito* era o “censor da disciplina”, o primeiro responsável pela ordem

³¹ Documenti XIII 140-141, FdB 1019 E4-5, MB X 1062-1063.

³² E II 285-286.

³³ E II 320.

da casa e nas relações com os externos. O *catequista* ou diretor espiritual da coletividade “recorde-se – admoestava – que o espírito e o proveito moral de nossas casas depende da promoção do *Pequeno Clero*, da *Companhia da Imaculada Conceição*, do *Santíssimo Sacramento* e de *São Luís*”.³⁴ Os *mestres* ou professores – exortava – “sejam os primeiros a entrar na sala de aula e os últimos a sair. Amem todos os seus alunos igualmente, encorajem a todos, não desprezem ninguém. Tenham compaixão dos mais ignorantes da classe, tenham grande cuidado deles, interroguem-nos muitas vezes, e se for preciso, falem com quem de direito para que sejam ajudados fora da sala de aula”.³⁵ Dos *assistentes* eram exigidos os trabalhos de vigilância, em particular para impedir as “murmurações” e, ainda mais, “as más conversas”.³⁶

A terceira e mais importante circular da série, de 5 de fevereiro de 1874, tinha como argumento a *moralidade*, entendida como irrepreensibilidade, interior e exterior, em campo sexual. Em mérito, Dom Bosco enunciava e desenvolvia dois temas: “1) necessidade da moralidade entre os sócios salesianos; 2) meios para difundi-la e sustentá-la em nossos alunos”. Atinha-se, sobretudo, ao primeiro. “Pode-se estabelecer como princípio invariável – afirmava –, que a moralidade dos alunos depende de quem os ensina, os assiste, os conduz”. Acenava, depois, à necessidade de que a “voz pública” denunciasse “fatos imorais acontecidos com ruína dos costumes e escândalos terríveis”. “É um mal enorme, é um desastre” – lamentava. A causa era clara: “a cessação da santidade em quem comandava forneceu ocasião aos desastres acontecidos entre seus dependentes”. Pedia ao Senhor que todas as suas obras desaparecessem antes que pudessem acontecer “semelhantes desgraças”. O rigor não era jamais excessivo em um mundo com prevenções, inclinado a inventar coisas inexistentes ou a dar corpo a simples suspeitas. Concluía enfaticamente: “Ó castidade, castidade, tu és a grande virtude! Enquanto tu brilhares entre nós, quer dizer, até que os filhos de São Francisco de Sales te conservarem praticando o afastamento, a modéstia, a temperança, e tudo o que tenham prometido a Deus, sempre terá lugar glorioso entre nós a moralidade e a santidade dos costumes, e resplandecerá como chama ardente em todas as casas que dependem de nós”. Dava, por fim, duas breves normas: fazer três “conferências, ou melhor, três exames práticos” “sobre a pobreza, a castidade e a obediência”; e reler, nas Constituições, “o capítulo que trata das práticas de piedade”.³⁷

Destinadas à edificação, eram finalizadas as primeiras biografias dos *Irmãos salesianos chamados à vida eterna no ano de 1874*, publicadas no elenco dos sócios e das casas salesianas de 1875, semelhante ao que faziam outros institutos religiosos. O objetivo principal era, conforme Dom Bosco, apresentar figuras exemplares a serem

³⁴ E II 320.

³⁵ E II 320.

³⁶ E II 319-321.

³⁷ E II 457-349.

imitadas: “enquanto eles viveram entre nós e praticaram exemplarmente as mesmas regras, sejam-nos de incitamento a segui-los na promoção do bem e na fuga do mal”.³⁸

Brevíssimas anotações, limitadas a uma página, já se encontravam nos pequenos fascículos de 1873 e de 1874. Elas prefiguravam o que se deveria lembrar no momento biográfico e os elementos exemplares a serem aprofundados: “a vida exemplar que eles – um coadjutor e um clérigo falecidos em 1872 – tiveram no tempo que viveram entre nós; seu vivo desejo de trabalhar para a maior glória de Deus; a paciência e resignação com que receberam os santos sacramentos”. “Procuremos, no entanto, imitá-los em seu afastamento das coisas da terra e na preciosíssima virtude da obediência; façamos o possível para observar fielmente as regras de nossa Congregação, para assim estarmos prontos para o grande chamado que Deus, em sua infinita misericórdia, julgar fazer a qualquer um de nós neste ano.”³⁹

A circular enviada no início do ano de 1876, após a visita às várias obras realizada durante o ano precedente, era rica de reflexões e de orientações operativas. O superior se declarava satisfeito de tudo, falava dos numerosos pedidos de fundação na Itália, no exterior e nas missões. Contava sobre o que se fazia e esperava fazer na América do Sul e insistia na urgência de vocações eclesiais e religiosas. Para seu cultivo e para crescer entre os salesianos e jovens o indispensável “espírito de piedade”, fazia algumas propostas. Em primeiro lugar estavam as companhias, “*chave da piedade, reservatório da moral, sustentáculo das vocações eclesiais e religiosas*”. Depois, precava-se “das relações, amizades e conversações geniais e particulares, seja por escrito e colóquios, seja por meio de livros ou de presentes de qualquer espécie”. Derivava daí a rigorosa proibição de todo tipo de manifestações ambíguas de familiaridade entre educadores, entre eles e os alunos, dos alunos entre si: “os apertos de mão, as carícias na face, os beijos, o caminhar abraçado ou passear com os braços um no pescoço do outro”. Em terceiro lugar, era inculcada a “fuga do século e de seus conselhos” com um colorário: “Portanto, não ir jamais à família, senão por graves motivos”. Fechava a série uma norma apenas aparentemente disciplinar, sobretudo garantia de “moralidade”: “À noite, após as orações, cada um vá imediatamente dormir”; “a pontualidade em ir dormir está ligada com a exatidão em levantar-se de manhã, a qual, com igual insistência, pretendo inculcar”.⁴⁰

O que Dom Bosco dizia da obediência na conferência de 26 de setembro de 1875 tinha tom marcadamente religioso, reforçando o vínculo com ela. A obediência “religiosa” dos consagrados era ponto firme que o fundador considerava essencial e que jamais deixaria de insistir até o fim da vida. “Até agora, – esclarecia – deve-se observar

³⁸ *Società di San Francesco di Sales. Anno 1875*. Turim, Tip. dell’Orat. di S. Francesco di Sales, 1875, p. 15-16.

³⁹ *Società di San Francesco di Sales. Anno 1873*. Turim, Tip. dell’Orat. di S. Francesco di Sales, 1873, p. 12.

⁴⁰ Circular de 12 de janeiro de 1876; E III 6-9.

que a obediência foi mais pessoal que religiosa. Evitemos esse grande inconveniente. Não se obedeça jamais porque é o tal que manda, mas justamente por princípio superior, porque é Deus quem manda, e manda por meio de qualquer um. Essa coisa é que se deverá buscar, começando nós a praticá-la, e depois inculcá-la um pouco por vez em todos. Até que não tenhamos chegado a esse ponto, teremos conseguido pouco. Não façamos as coisas porque agrada realizá-las ou agrada à pessoa ou o modo com o qual somos ordenados, mas se obedeça e de boa vontade apenas porque são mandadas. Isso se inculque nas conferências, nas pregações, nas confissões e de todo modo que seja possível”.⁴¹

1.4 Conselhos e “lembranças” para os diretores

Em um governo centralizado, no vértice e em cada uma das comunidades era óbvio que o principal responsável da prática efetiva das orientações dadas coletivamente, com a palavra e com os escritos, fosse o diretor de cada uma das obras. Como se viu, não faltava aos diretores o sustento das cartas e das visitas do superior. Em carta de 19 de abril de 1871, lembrava ao padre Bonetti: “Não omite o rendiconto mensal e entra em todos os particulares que possam tornar úteis ao indivíduo e à sociedade”.⁴² Mais adiante propunha um programa de direção religiosa da comunidade. Discorria sobre temas agora canônicos: “1) Rendiconto mensal, no qual se acentue o dever que o superior tem de falar claro e dizer tudo a seu súdito, e este, de sua parte, diga as coisas, e se não se dizem, as relembre. 2) Nesse rendiconto observar se houve melhora ou não, se foram levados em consideração os conselhos dados; além disso, insistir sobre a execução dos mesmos. 3) Não omitir jamais as duas conferências mensais, uma ascética e outra para explicar as regras. 4) Reunir o Capítulo, e alguma vez todos os professores, para estudar os meios que cada um julga oportunos para corrigir o que deve ser corrigido. 5) Recordai-vos que o diretor não deve fazer muito, mas cuidar para que os outros façam, vigiando a fim de que cada um cumpra os próprios deveres”. Por fim, convidava à leitura das “normas”, “dadas por escrito a cada um dos diretores de nossas casas”, ou seja, as *Lembranças confidenciais aos diretores*, enviadas a eles entre fim de janeiro e início de fevereiro de 1871.⁴³

Essas lembranças eram resultados significativamente ampliados em relação ao original, a já recordada carta enviada ao padre Rua entre outubro e novembro de 1863.

⁴¹ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 12, p. 52-53.

⁴² Em III 324.

⁴³ A carta ao padre Bonetti está publicada no *Epistolario*, cuidado pelo padre Ceria, com duas datas diversas: 17 de março de 1870 (E II 85) e 17 de março de 1873 (E II 270-271). Parece preferível a segunda.

Aí foram acrescentados dois títulos referentes à comunidade religiosa, enquanto os já existentes acabaram variados pelo acréscimo de conteúdos. O documento espelhava a organização mais madura dos educadores em congregação religiosa, de eclesiásticos e leigos, os “coadjutores”, estes ausentes na carta originária. Todos eram solicitados ao exercício mais rígido das normas preventivas de disciplina e de moralidade, em particular no colégio internato, e o diretor era chamado ao serviço mais assíduo de autoridade e de guia paterna em relação a eles. No título *Com os assistentes e chefes de dormitório* encontravam-se três normas novas: “Procura que tenham tempo e comodidade para estudar, desde que compatível com os próprios deveres”; “a parte mais importante de seus deveres está no fato de se encontrar pontualmente no lugar onde se congregam os jovens para repouso, escola, trabalho, recreio etc.”; “seja objeto da solicitude comum o esforço para descobrir alunos perigosos, e, quando descobertos, insiste para que sejam vigiados”. Ampliava-se o título *Com os coadjutores e [om. 1863] com as pessoas de serviço*, que colocava em evidência uma das missões dos salesianos leigos: “Às pessoas de serviço seja estabelecido por chefe um coadjutor de probidade reconhecida, que vigie sobre seus trabalhos e sobre sua moralidade, para que não aconteçam furtos nem se façam más conversas, mas se industrie constantemente a fim de impedir que alguém se assegure comissões, negócios que digam respeito a parentes ou a outros externos, quaisquer que sejam”. O título *Com os jovens alunos [ex estudantes, 1863]* era mais que duplicado. Era nova a afirmação fundamental, que espelhava uma praxe agora consolidada: “Em nossas casas o diretor é o confessor ordinário. Por isso procure mostrar que escuta de boa vontade cada um em confissão, mas dê-lhes liberdade de confessar-se com outros se o desejarem”.⁴⁴ Relações de serviço e de amizade com os párcos, e de intercâmbio de relações e convites com as “autoridades” e “todas as pessoas benévolas e beneméritas” eram solicitadas no título *Com os externos*, mas com a advertência: “Não assumi jamais empregos ou outro ofício que importe ausência do estabelecimento ou que possam impedir os ofícios confiados a cada um”: o compromisso na comunidade educativa devia ter absoluta precedência. O primeiro dos dois últimos difusos títulos, *Com os da Sociedade e No ato de mandar*, era articulado em vista da disciplina religiosa mais acurada, da observância da pobreza, da fuga do interesse individual e da vanglória, e da promoção da vida comum por parte dos salesianos educadores. A “ordem” era, de muitas formas, temperada: “jamais ordenar coisas superiores às forças dos subalternos”, não dar jamais “ordens repugnantes”, “não ordenar, jamais, coisas prejudiciais à saúde”, ao dar ordens usar “sempre jeitos e palavras de caridade

⁴⁴ No final do Elenco dos Sócios de 1875 os leitores encontravam esta disposição: “Para o bom andamento da Congregação, para conservar a unidade de espírito e seguir o exemplo dos outros institutos religiosos, está fixado um diretor ou confessor estável para os que pertencem à Sociedade. Em Turim: sacerdote Giovanni Bosco, suplente sacerdote Michele Rua. Nas outras casas: o diretor de cada uma delas, suplente o prefeito etc.” (*Società di S. Francesco di Sales. Anno 1875*, p. 14).

e mansidão”, ter muito tato “em caso de dever ordenar coisas difíceis ou repugnantes ao subalterno”; fazer “economia em tudo”, pois “devemos amar a pobreza e os companheiros da pobreza”, mas “de tal modo que não falte nada aos doentes”. “Isso – concluía – é como um testamento que envio aos diretores das casas particulares. Se esses avisos forem postos em prática morro tranqüilo, porque estarei seguro de que nossa Sociedade será certamente abençoada pelo Senhor e, sempre mais florescente, conseguirá atingir sua finalidade, que é a maior glória de Deus e a salvação das almas”.⁴⁵

2. Formação coletiva nas Conferências Gerais

Em um clima de governo paterno, recomendado a todos os titulares de alguma responsabilidade gerencial, Dom Bosco dava andamento à típica forma de breves encontros de formação permanente dos diretores em Valdocco. A iniciativa era prevista em um artigo inserido entre 1862 e 1864 no capítulo das Constituições sobre o *Governo interno da Sociedade*: “O reitor convoque uma vez por ano o Capítulo [o Conselho Superior] e os diretores das casas particulares para conhecer e prover às necessidades da Sociedade, e para tomar as providências que, segundo os tempos, os lugares e as pessoas, se julgarem oportunas”. Conforme o artigo seguinte, logo anexo, tal assembléia podia também realizar atos próprios de um Capítulo Geral, que as Constituições ainda ignoravam.⁴⁶

O tempo habitualmente escolhido eram os dias que precediam, ou mais freqüentemente seguiam, o dia 29 de janeiro, festa de São Francisco de Sales, com alguma mudança caso Dom Bosco, naqueles dias, estivesse fora de Turim. Em algum ano elas foram integradas pelas conferências outonais, por ocasião dos exercícios espirituais em Lanzo. Cessaram com a celebração, entre verão e outono de 1877, do Primeiro Capítulo Geral. Houve, ainda, uma breve série de conferências em Alassio, em 1879, com presença limitada de diretores.

Nestas, o mestre permanecia Dom Bosco, mas ele favorecia de vários modos a formação coletiva dos participantes: deixava a presidência de um número de reuniões para seu colaborador mais próximo, padre Rua, e em muitas questões limitava-se a controlar, uma verdadeira forma de não diretividade. As competências dos participantes se enriqueciam de vários elementos: o discipulado maduro em relação ao fundador, a troca de experiências, a animação recíproca, o afinamento da arte do governo, a arte da comunicação de informações sobre o desenvolvimento das obras e, sempre mais, sobre o estado da Sociedade Salesiana nas relações com a Santa Sé, as autoridades civis, os próprios protagonistas salesianos. A Conferência Geral de 1876

⁴⁵ Ao padre G. B. Lemoyne, 31 de janeiro de 1871; Em III 297-301.

⁴⁶ *Cost. SDB* (Motto), p. 126.

e 1877 – em que estavam presentes o pessoal salesiano de Valdocco, os noviços e os aspirantes –, revestia-se de particular importância, por causa da promoção e animação vocacional salesiana, eclesiástica e leiga, com particular acentuação missionária. Nessa Conferência, os momentos mais significativos eram constituídos pela relação que cada diretor fazia sobre o andamento das respectivas obras e do discurso integrador e conclusivo de Dom Bosco.

A documentação não é homogênea, nem quanto à quantidade nem quanto à qualidade: nula ou escassa para os primeiros anos, nos quais o encontro se consumava com uma só reunião, torna-se, em seguida, discreta, e mais abundante a partir de 1875.⁴⁷

À Conferência de São Francisco de Sales de 1865, estavam presentes, além de Dom Bosco, padre Rua, diretor de Mirabello Monferrato, padre Ruffino, diretor do Colégio de Lanzo, e, pela primeira vez, padre Pestarino, salesiano externo, que agia em Mornese entre as Filhas da Imaculada. Dom Bosco manifestava a intenção de organizar nova rifa.⁴⁸ A Conferência de 1866 aconteceu em 4 de fevereiro, festa externa de São Francisco de Sales, com a presença dos salesianos do Oratório. Foi presidida pelo padre Rua, porque Dom Bosco teve que ir a Borgo Cornalese para assistir, nas últimas horas de vida, ao conde Rodolfo de Maistre (20 de setembro de 1789 – 5 de fevereiro de 1866). Padre Pestarino relatava sobre o colégio para os jovens que estava construindo em Mornese. Padre Bonetti falava sobre o bem e sobre o mal existente no Seminário Menor de Mirabello: o bem, a habilidade do padre Provera, prefeito e ecônomo, e a presença dos irmãos na leitura espiritual cotidiana; o mal, a inobservância da regra por parte dos clérigos, que obviamente sentiram-se ofendidos. Padre Ruffino discorria sobre Lanzo, exprimindo a esperança de poder abrir ali também um oratório para os jovens externos. Padre Rua concluía, recomendando três coisas: unidade da comunidade ao redor do diretor, unidade material no trato com os jovens e cuidado da castidade, virtude angélica, “glória e coroa” dos salesianos.⁴⁹ Na Conferência Geral de 3 de março de 1867, domingo da quinquagésima, falaram padre Lemoyne, diretor do Colégio de Lanzo, padre Cerruti, do Seminário Menor de Mirabello, em nome do diretor, e padre Pestarino. Dom Bosco, chegado de Roma poucas horas antes, manifestava a esperança que a Congregação fosse logo aprovada e falava da oferta da colônia agrícola de Vigna Pia, em Roma, e dos favores espirituais concedidos por Pio IX.⁵⁰

Em 1868 a festa de São Francisco de Sales foi celebrada em 2 de fevereiro, e Dom Bosco fez a Conferência Salesiana ou Geral na tarde do dia seguinte. Após as relações dos diretores – informa a crônica –, “Dom Bosco aprova o que se faz em Mornese”, onde estivera entre 9 e 13 de dezembro precedente; “demonstra-se satisfeito com o zelo explicitado pelos superiores do Seminário de Mirabello”, em particular pelo cuidado

⁴⁷ Cf. ASC D 577, FdB 1869 E6-1873 D8.

⁴⁸ MB VIII 20.

⁴⁹ *Documenti* X 15-16, FdB 1033 B9-10; MB VIII 296-298.

⁵⁰ MB VIII 718-719.

das companhias do Santíssimo Sacramento e da Imaculada. “Tendo sido interrogado sobre a forma de corrigir alguns jovens indisciplinados, Dom Bosco diz que o superior os chame à parte e exponha-lhes amavelmente sua aflição pela má conduta deles”. Também em Lanzo dever-se-ia introduzir a Companhia da Imaculada. Quanto ao Oratório de Valdocco, recomendava a observância por parte de todos das “regras da casa”. Com esse intuito – continuava –, o “diretor dos estudos encontre forma de ler, cada semana, um trecho do regulamento da casa aos padres, clérigos e jovens reunidos juntos”. Não aprovava a proposta de não fazer conhecidos aos jovens os regulamentos dos clérigos e dos padres: “falar claro em fato de leis”, declarava. Informava sobre o pedido de duas obras, uma em Novara, outra em Roma, e sobre o decreto de aprovação da Sociedade Salesiana concedido pelo bispo de Casale. Narrava o sonho da estrada atapetada de rosas e ladeada de cercas da mesma flor. Indicava, enfim, como meio para suscitar vocações entre os jovens, o ato de “conseguir sua confiança”, “sua afeição”, e retirava daí o conselho aos superiores: “inspirar a confiança e conhecer a propensão de seus dependentes”.⁵¹

Em 1869 a festa de São Francisco de Sales aconteceu no domingo, 7 de março. Na “tarde daquele dia Dom Bosco reuniu os membros da Sociedade e narrou-lhes o êxito de sua viagem a Roma”, da qual voltara com o decreto de aprovação da Sociedade Salesiana. Nos dois dias sucessivos reunia o Capítulo Superior para verificar e precisar o elenco dos membros da Sociedade. No dia 10 falava novamente a todos os sócios salesianos, exortando-os e animando-os “à obediência, não só ao superior supremo, mas mesmo aos superiores subalternos”.⁵²

Em 20 de janeiro de 1879 Dom Bosco partia para Roma e estava de volta ao Oratório em 25 de fevereiro. Em 6 de março, primeiro domingo da quaresma, celebrava-se a festa de São Francisco de Sales. Na tarde do dia sucessivo aconteceu a costumeira Conferência anual. Dom Bosco falou do que acontecera em Roma, também da proposta de estabelecer uma casa em San Giovanni della Pigna, sem êxito, embora ele, de forma muito otimista, pensasse em enviar alguém em agosto ou em outubro e, para a aquisição, já desde o ano anterior tivesse colocado à parte algum dinheiro em moeda do Estado Pontifício. Falava de contatos com bispos que queriam os salesianos em suas dioceses e informava sobre obras que deviam ser realizadas: “De Roma eu trouxe ainda alguma coisa em dinheiro que servirá bem para as construções que estamos agora para começar, isto é, o pórtico daqui até a igreja, uma praça diante da mesma, uma construção não pequena em Lanzo, outra em Mirabello, e uma igreja em Porta Nuova”, a São João Evangelista. Convidava a procurar novos sócios e a qualificar sempre melhor os existentes. “Convém – insistia – que cada um se faça verdadeiramente pessoa de

⁵¹ *Documenti* XI 34-36; FdB 1010 B1-3. Ver também ms FdB 1869 E6-8, ampliado em MB IX 67-70.

⁵² M. RUA, *Cronaca*, in: P. BRAIDO, “Don Michele Rua precario ‘cronacista’”, p. 356-358; MB IX 598-600.

peso para ser sempre mais útil às almas dos jovens”. Exortava a não olhar tanto para os louvores humanos mas alegrar-se pela proteção do Senhor e colocar-se “com maior empenho para a observância das regras da Sociedade, e cuidar de dar-lhe o peso que merecem”. Anunciava, por fim, a abertura da casa de Alassio.⁵³

Na Conferência Geral de 30 de janeiro de 1871, no dia depois da festa de São Francisco de Sales, os diretores relatavam sobre seus respectivos colégios e padre Pestarino sobre as Filhas da Imaculada de Mornese. Dom Bosco escutava com complacência, afirmando com satisfação que a Congregação tinha crescido em quantidade, mas sobretudo “em boa vontade, unidade e amor ao trabalho”, e que também no Oratório tinha-se notado “notável melhoramento”, em particular entre os aprendizes, “os quais, em outros anos, constituíam verdadeiro flagelo para a casa”. Alegrou-se que em todas as casas os irmãos se prestavam para todas as incumbências ensinar, assistir, acompanhar ao passeio, fazer repetições, enquanto encontravam “ainda tempo para ler, estudar e preparar-se para dar aula”. Todos estavam ocupados ao máximo. De resto – observava –, ai das casas, se nelas tivesse entrado o ócio, ruína das congregações. Pedia que todos fizessem “dinheiro”, antes de tudo economizando. Com efeito, tinha-se entre as mãos “despesas bem custosas”, que importavam “pelo menos a soma de 200 mil francos” [687 mil euros]. Havia ainda “o flagelo do serviço militar”, dos noviços a resgatar, além das despesas para o pessoal em formação que não podia ainda trabalhar. Contudo, rebatia o princípio segundo o qual a Sociedade não devia reter bens imóveis, “campos” frutíferos, que afugentariam a Providência. O discurso versava, depois, longamente, sobre o teatro, do qual Dom Bosco corrigia energicamente certas inconveniências de linguagem. A base devia ser: *divertir e instruir*. Alguns meses depois saía, pela primeira vez impresso, um folheto de quatro páginas, *Regra para o teatro*.⁵⁴ O texto entraria, substancialmente, no *Regulamento para as casas*, de 1877 e, em 1877, nas deliberações impressas do Primeiro Capítulo Geral de 1877. Continuava sublinhando o “milagre” do “admirável incremento” da Sociedade, não obstante “a malignidade dos tempos, as grandes mudanças e a guerra sem tréguas que se fazia aos bons”. “Aqui se vê – assegurava – a presença do dedo de Deus e a proteção de Maria”. Muitas eram as forças hostis à vida religiosa: as “autoridades civis”, “as leis”, “a franco-maçonaria”, “um grande número de jornalistas”. Os salesianos deveriam continuar agindo com todas as forças e todos os meios. Chegando ao fim, não podia deixar de recomendar “a virtude que abraça todas as outras, quero dizer a obediência”; “em uma Congregação – declarava – a obediência é tudo; se falta a obediência, será uma desordem, e se caminhará para a ruína”.⁵⁵

⁵³ *Documenti* XII 15-18, FdB 1015 D10-E1; em parte resumido em MB IX 833-835.

⁵⁴ *Regola pel teatrino*. Turim, Tip. dell’Oratorio de S. Francesco di Sales, [1871].

⁵⁵ *Documenti* XII 129-132, FdB 1016 E8-11; ASC D 577, FdB 1870 A9-B8; MB X 1054-1059.

Sobre os conteúdos da Conferência Salesiana de 1872, realizada após o retorno de Varazze, não se têm documentações. Ela deveria ter acontecido na tarde de sexta-feira, 16 de fevereiro, em clima de simples confidências familiares após a recuperação da saúde.⁵⁶

Em 1873, a festa de São Francisco de Sales foi celebrada no domingo, 2 de fevereiro. No dia seguinte aconteceu a Conferência Geral, particularmente interessante pelas novidades introduzidas no ano precedente: a abertura do Colégio de Valsalice, a ampliação dos de Lanzo e de Alassio, a transferência para Sampierdarena do Internato de Marassi. Na abertura da reunião Dom Bosco pedia ao padre Rua para ler a lista dos membros do Capítulo Superior, distinto do Capítulo do Oratório, mesmo com algum pertencendo a ambos. Os diretores de cada casa sucederam-se fazendo a relação das próprias obras. Estava ausente padre Bonetti, de Borgo San Martino. Quanto a Mornese, padre Pestarino “disse que as coisas corriam bastante bem; somente que faltava uma superiora um pouco mais esclarecida [douta]”.⁵⁷ Dom Bosco ficou com três pontos: antes de tudo, a economia, “em tempos muito críticos para os mantimentos”; depois “a coisa mais importante” para a Sociedade, “a observância exata das regras”; por fim, uma exemplariedade que deveria induzir outros ao seguimento, “porque *si verba movent, exempla trahunt*”.⁵⁸ Fruto da Conferência de 1873 foi uma série de *Deliberações* enviadas às casas.⁵⁹ No outono, padre Ghivarello, ecônomo, convocava a Lanzo diretores e prefeitos para a discussão de problemas inerentes à regularidade de registros e o cumprimento dos deveres impostos pelos regulamentos de cada casa.⁶⁰

Em 1874 as Conferências aconteceram no retorno de Dom Bosco da longa estada romana, de 30 de setembro de 1873 a 14 de abril de 1874, com as Constituições aprovadas. Parece que tenham sido somente duas, uma de manhã e outra à tarde do dia 17 de abril.⁶¹ De uma anotação do padre Lemoyne se pode presumir os “pensamentos mais destacados”, expressos então por Dom Bosco. Estavam centralizados em dois conceitos, fundamentais após a aprovação das Regras: formar-se a mentalidade religiosa e sentir-se constituídos em “Congregação”. Daí derivavam sugestões coerentes: era preciso proceder com ordem precisa; fazer unidade ao redor do superior, que devia contar com a disponibilidade incondicionada dos irmãos; prestar “verdadeira obediência”; interpretá-la não para se eximir, mas para agir “com prontidão e alegria”; quanto à Congregação, “amá-la, defender sua reputação”, nada fazer que a desonrasse, “cansar-se pelo seu incremento e para sua prosperidade”; separar-se dos parentes; fidelidade, “ninguém volte atrás”. Concluía: “*Nemo quaerat quae sua sunt, sed quae Jesu*

⁵⁶ Cf. carta ao padre Bonetti, enviada de Varazze, 11 de fevereiro; Em III 397.

⁵⁷ *Documenti*, XIII 145; FdB 1019 E9. MB X retoca a fonte: “disse que também lá as coisas iam muito bem; somente faltava uma superiora, que ainda não fora eleita” (p. 1065).

⁵⁸ *Documenti*, XIII 143-146; FdB 1019 E7-10; ASC D 577, FdB 1870 C8-D1. Para as conferências particulares, ASC D 577, FdB 1870 D2-9.

⁵⁹ *Documenti*, XIII 142-143; FdB 1019 E6-7; ASC D 577, FdB 1870 C4-7 e 1870 D12-1.871 A 8.

⁶⁰ *Documenti*, XIII 207-208, FdB 1020 E11-12; MB X 1069-1070, 1111.

Christi. Façam-se freqüentes conferências, nas quais se leia Rodríguez ou o diretor trate verbalmente da matéria dos votos, da virtude da obediência, da separação das coisas da terra, da castidade e do modo de conservá-la, e do modo como relacionar-se com os parentes. Uma vez por semana faça-se uma conferência, e um capítulo cada quinze dias. Os jovens pobres, a difusão dos bons livros e a pregação são três vastos campos para exercitar as nossas forças”.⁶²

Em 1874 foi entregue também um manuscrito, redigido em parte pelo padre Barberis, com correções de Dom Bosco, com o título *Deliberações tomadas nas Conferências Gerais da Sociedade de São Francisco de Sales, ou Notas explicativas de nossas Regras*. Parece, contudo, mais razoável datá-lo de 1875.⁶³ Esses materiais confluíam, com a meditação das discussões do Primeiro Capítulo Geral de 1877, nas *Deliberações* impressas de 1878. Eles formariam o patrimônio normativo prático do qual brotariam os vários *Regulamentos* para os religiosos salesianos, cuja máxima extensão se daria em 1906. Ao mesmo ano de 1874 referem-se tanto o *Resumo das Conferências outonais do Capítulo Geral no ano de 1874* como o *Resumo das Conferências dos prefeitos*, acontecidas em Lanzo no outono, ambos redigidos pelo padre Rua.⁶⁴

Mais rica, devida à solicitude do padre Giulio Barberis, é a documentação referente às Conferências de São Francisco de Sales de 1875, 1876 e 1877. Após o acme do triênio 1875-1877, as Conferências acabaram por perder seu sentido original, quer pela sucessão dos Capítulos Gerais (1877, 1880, 1883, 1886) quer pela extensão das obras fora da Itália e além mar, que tornava impossível a presença de vários diretores.

O ano de 1875 era particularmente rico de encontros plenários: em São Francisco de Sales, em abril, no outono. Após a aprovação das Constituições, Dom Bosco parecia querer abreviar os tempos para forjar uma verdadeira congregação religiosa, de espírito excelente, regular, compacta no sentir e no agir, e preparada, no outono, por dois grandes vôos, além dos Alpes, na França, e além do Atlântico, na Argentina.

A primeira série de conferências tinha lugar nos três dias que precediam a festa de São Francisco de Sales, de 26 a 28 de janeiro. Quatro foram privadas, isto é, na presença dos capitulares, dos diretores das casas e do mestre de noviços, e duas públicas, ou melhor uma em dois tempos.⁶⁵ Nas primeiras três privadas, presididas pelo padre Rua, eram tratados problemas relativos à vida religiosa, entre eles a leitura e aplicação dos decretos da Santa Sé de 25 de janeiro de 1848, *Romani Pontifices e Regulari disciplinae*, e o decreto, geralmente omitido, sobre as cartas testemunhais do ordinário diocesano

⁶¹ *Documenti*, XIII 127, FdB 1024 A7; MB X 807.

⁶² MB X 1071-1072.

⁶³ O texto encontra-se manuscrito em ASC D 577, FdB 1871 A8-C2; impresso em MB X 1112-1120.

⁶⁴ ASC, *Conferenze generali*, FdB 1871 B11-C2 e C3-5; *Documenti* XIV 158, 160, FdB 1024 D2-3, D4; MB X 1072-1074, 1120-1122.

⁶⁵ Cf. *Conferenze tenute nell'occasione in cui all'Oratorio si celebrò la festa di S. Francesco di Sales – an. 1875*, G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 1-29; MB XI 21-30.

para a aceitação ao noviciado e à vestição religiosa e para a admissão à profissão dos votos.⁶⁶ “Memorável nos anais da Congregação”, assim era definida pelo cronista a Conferência Privada, presidida por Dom Bosco em 27 de janeiro, na segunda parte da manhã. O fundador iniciava falando dos privilégios, que o entretivera em Roma, de 17 de fevereiro a 15 de março, para consegui-los. Fazia referência, sobretudo, de cartas americanas, das quais já se falou.⁶⁷ Dava publicidade das cartas enviadas a Roma por dom Gastaldi e da designação de um “pacificador” entre ele e Dom Bosco, dom Celestino Fissore, arcebispo de Vercelli. Quanto às prescrições dos decretos de 1848, convidava para a observância relativa: “se comece a executar quando se puder”.⁶⁸

A Conferência Pública, “assistida solenemente por todos os diretores e por todos os outros sócios, quer professos quer noviços e aspirantes”, “realizou-se na Capela São Francisco de Sales”: “éramos perto de cento e cinquenta”, informa o cronista. A ela eram dedicados a tarde do dia 27, com os relatórios dos diretores e do padre Rua, e com a conferência de Dom Bosco. Cada diretor fez um rápido relatório sobre o “estado financeiro, sanitário, material, intelectual, moral e religioso do colégio que dirigia”. As informações, em geral, foram feitas com otimismo, destinadas a entusiasmar e animar. Os jovens acorriam numerosos e se estava ampliando os locais, ou se pensava em fazê-lo, como em Lanzo, Alassio e Sampierdarena. Até mesmo em Valsalice o número tinha quase duplicado com relação ao ano anterior. Do “espírito fervoroso e perfeito” das Filhas de Maria Auxiliadora falou o novo “diretor”, padre Costamagna, iniciando com o discurso sobre a desejável transferência do educandário para outro centro mais populoso e acessível. Padre Rua referia-se ao Oratório de Valdocco, detendo-se, em particular, sobre os “externos”, isto é, os oratorianos, para os quais tinham se instituído alguns meses antes as escolas vespertinas, que “atraíram muitos jovens maiores, os quais vêm, posteriormente, aos domingos”. Evidenciava, também, alguns melhoramentos na vida religiosa dos salesianos, professos e noviços: “Para os sócios da Congregação” ficava “estabelecida a meditação para todos”, feita “separadamente dos noviços”, os quais, além disso, dispunham de uma “sala de estudos à parte”, com escolas e conferências inteiramente para eles. No interior do Oratório estava-se destinado gradualmente um ambiente relativamente separado para o noviciado.⁶⁹

Em suas palavras Dom Bosco revelava as boas impressões retiradas pela recente visita aos colégios, “cheios de jovens, com saúde e bons”. Tinha-o atingido, em particular, o trabalho dos salesianos, trabalho “imenso”, feito de coração, em “espírito de obediência e de indiferença”, não obstante as angústias edilícias, que não permitiam dar a cada professor um “quarto confortável” e oferecer “aos noviços” “belos dormitórios arejados e saudáveis”. Recomendava, a seguir, a introdução na escola também dos clás-

⁶⁶ *Conferenze tenute*, G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 2-5.

⁶⁷ Cf. cap. 21, § 3.1.

⁶⁸ *Conferenze tenute nell'occasione*, G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 7-12.

⁶⁹ Cf. *Conferenze tenute nell'occasione*, G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 12-23.

sicos cristãos: não seria pouca coisa saber escrever em latim como escrevia Jerônimo, Agostinho, Ambrósio, Leão e Sulpício Severo”; não era necessário emular Cícero ou Tito Lívio. “Se assim se fizesse – afirmava –, não se introduziriam na mente dos jovens tantas idéias estranhas, inúteis e muito perigosas, que se encontram espalhadas em cada página dos “clássicos pagãos”. Não podia faltar, em conclusão, a referência à notícia da hora: as “missões da América”, preferidas em detrimento dos pedidos para a Ásia, a África e a Oceania, “seja pelas condições especiais, seja também pela língua”, a espanhola, “muito mais fácil que o inglês, falado na maioria dos demais lugares”.⁷⁰

Das discussões e das conclusões resultaram breves *Deliberações* sobre a eventual leitura e observância do decreto de 1848, *Regulari disciplinae*, sobre os examinadores provinciais das vocações e sobre o uso dos clássicos cristãos.⁷¹

Semelhantes conferências, cinco privadas e uma pública, aconteceram após a Páscoa (28 de março), de quarta-feira, 14 de abril, a sexta-feira, 16. As conferências privadas são consideradas pelo cronista “Capítulos Gerais”: três delas foram presididas por Dom Bosco, foram dadas informações e tratadas questões de relevância.⁷² Na primeira, na quarta-feira pela manhã, Dom Bosco informava sobre os objetivos que o levavam a Roma: obter a comunicação dos privilégios, sobretudo a faculdade das admissões *ad quemcumque episcopum*; com o santo padre, além disso, falara-se muito do projeto americano, “da Associação Salesiana e da Obra de Maria Auxiliadora”. Ilustrava, depois, cada ponto, passando por cima da “Associação Salesiana” (os cooperadores) – “da qual tratamos neste outono”, recordava. Entreteinha-se, ao invés, sobre a Obra de Maria Auxiliadora para as vocações adultas – “seriam aceitos dos 18 aos 30 anos” –, ilustrando sua inspiração original, fazendo referência ao encaminhamento das negociações para obter o Breve de aprovação da Santa Sé e acenando às dificuldades criadas em Roma por dom Gastaldi. Detinha-se longamente no pedido dos privilégios, abandonando-se a variações históricas; informava sobre os passos dados em Roma, sobretudo junto a dom Vitelleschi, ao santo padre e aos cardeais membros da Congregação Particular; e destacava certas dificuldades, não “graves”, visto que o santo padre era favorável à concessão.⁷³ Sabemos que as róseas esperanças fracassariam.⁷⁴

Na sessão matutina do dia seguinte se decidia pedir o parecer de Dom Bosco sobre duas questões: se o diretor de uma casa tinha o poder de mudar o encargo dos súditos e sobre a hora mais oportuna para as representações teatrais. Na manhã seguinte Dom

⁷⁰ Cf. *Conferenze tenute*, G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 23-29.

⁷¹ Cf. *Deliberazioni prese nelle Conferenze Generali della Società di San Francesco di Sales in occasione che i direttori delle diverse case si radurarono in Torino a festeggiare il loro titolare an. 1875*, FdB 1873 B 3.

⁷² *Conferenze o Capitoli Generali della Congregazione di San Francesco di Sales, tenutesi nell'Oratorio Salesiano di Torino in occasione delle venute di Don Bosco da Roma, 1875*, G. BARBERIS, Cronaca, quad. 18, p. 30-74; *Documenti XV 99-120*, FdB 1028 C2-D11.

⁷³ Cf. *Conferenze o Capitoli Generali*, p. 38-48.

⁷⁴ Cf. cap. 20, § 3.

Bosco respondia admitindo possíveis mudanças nos ofícios do pessoal nas casas, mas com prévio consenso do Capítulo Superior. Falou-se ainda da liberdade da correspondência entre sócios e superiores e das saídas da casa dos professores: perigosas, se sozinhos, conforme às Regras e lícitas se com um companheiro. Dom Bosco concluiu a discussão prometendo: “Daqui a pouco vou escrever uma carta circular a todas as casas, chamando a atenção dos diretores para que sigam esses pontos do Regulamento”. A busca do melhor horário para as representações teatrais ocupava grande parte da Assembléia. Dom Bosco propunha uma “via de acomodação”: comer à francesa, isso é, o *déjeuner* ou almoço às 11h30, jantar às 17, às 18h30 o teatro, depois as orações e todos para a cama. No período da tarde do mesmo dia, na reunião presidida pelo padre Rua, tratou-se sobretudo da preparação dos exames para obtenção do diploma de professor quer no instituto técnico quer no ginásio superior e inferior, e da escolha das cadeiras mais adaptadas.⁷⁵

A Conferência Privada de sexta-feira pela manhã, 16 de abril, mostrava-se cheia de informações, de problemas e de propostas. Dom Bosco dava informações particularizadas sobre a ida dos salesianos para a Argentina e do que, na questão missionária, tinha tratado em Roma com o papa e com o prefeito e o secretário da Propaganda Fide, cardeal Franchi e dom Simeoni. Falou-se de propostas de “novos colégios”: Bassano, Cremona, Crema, Como, Milano e Rho. Dom Bosco concluiu: “agora não temos grande necessidade de nos expandir, mas antes de tudo de nos fortalecer. Por isso, se não há conveniências especiais, nos dirigiremos para outro lugar”. Na Lombardia, com efeito – considerava –, não se encontrariam autoridades escolares favoráveis. O padre Rua, porém, fazia ver a importância de se estender “fora dos antigos Estados” sardos. Tratou-se, depois, da admissibilidade ou não de sócios somente com os votos trienais para a ordenação presbiteral, se com o patrimônio ou *titulo mensae communis*. Já no final, padre Albera perguntava quando se imprimiriam as Regras em italiano, esperadas por todos. Concluiu-se que seria feito o mais rápido possível, quando Dom Bosco tivesse podido fazer “um prefácio e alguma observação”.⁷⁶ Seria a introdução *Aos sócios salesianos*.⁷⁷

Significado pedagógico particular tinha tido a Conferência Geral da noite precedente, às 21 horas. A ela tinham assistido, na Igreja São Francisco de Sales, os capitulares, os diretores, os professores, os noviços e os aspirantes. Dom Bosco falou com admiração e afeto da audiência que lhe concedera Pio IX, dos favores e graças espirituais que lhe concedera, da benevolência que a Congregação encontrava em Roma, de seu estado atual: a posição jurídica, a qual faltavam somente os privilégios, a vida interna, o aumento dos sócios. Terminava com algumas recomendações: “primeiro”,

⁷⁵ Cf. *Conferenze o Capitoli Generali*, p. 49-68.

⁷⁶ Cf. *Conferenze o Capitoli Generali*, p. 75-84; *Documenti XV* 99-111, 117-120, FdB 1028 C2-D2, D8-11.

⁷⁷ Cf. mais adiante § 5.

“procurar trabalhar muito para fazer muito bem”; “acabar com as murmurações entre nós”; ter “cuidado com a própria saúde”; por fim, estar “de acordo em executar bem as práticas de piedade da (...) Congregação, especialmente o que diz respeito ao exercício da boa morte”.⁷⁸

Sobre os vários problemas discutidos foram formuladas catorze deliberações. Quanto às Constituições em italiano, “decidiu-se mandar imprimir o mais rápido possível a tradução italiana de nossas Regras”.⁷⁹

A grande parte das conferências tinha tido como protagonista padre Rua, que agia com autoridade de prefeito da Congregação, com mandato de Dom Bosco, à cuja aprovação eram submetidas as decisões mais importantes. “Ótimo método para adestrar ao governo”, observa Eugenio Ceria em referência a ele e aos outros participantes.⁸⁰ Para o padre Rua tratava-se de aprendizado prático não-intencional para futuro vigário e depois reitor-mor.

Em 1875, os encontros dos capitulares e diretores foram feitos ainda em Lanzo, nos dias 18, 23, 24, 25 e 26 de setembro, por ocasião dos exercícios espirituais. Foram discutidas, entre outras coisas, as nomeações de diretores, tendo presente em particular o chefe da dezena de salesianos pré-selecionados para a Argentina, além do padre Cagliero, que os acompanharia na primeira implantação. Foi decidido o movimento dos prefeitos e dos professores, começando pelas escolas de teologia, filosofia e ginásio no Oratório de Valdocco. A partir de 23 de setembro foram tratados sobretudo problemas de ordem interna: uma prática mais regular do exercício da boa morte, a autorização para os trabalhos edilícios nos colégios, o horário e a observância religiosa na comunidade. Após o almoço do dia 23, Dom Bosco presidiu, e aproveitou a ocasião para manifestar sua preferência para a admissão aos votos perpétuos, suplantando os trienais. Dom Bosco presidiu ambas as reuniões do dia 24, dedicadas a questões de disciplina religiosa, aos estudos de teologia dos candidatos ao sacerdócio ou dos que foram ordenados antes do estudo de todos os tratados, ao ensino da filosofia dos que, de idade avançada, abreviavam o ginásio. Para estes “estabeleceu-se que a repetição de filosofia consistisse em fazer traduzir o tratado em italiano, unindo aí as observações indispensáveis para o conhecimento da terminologia”.⁸¹

Na manhã do último dia, padre Rua, a convite do superior, lia uma carta do advogado Michel, que convidava os salesianos a Nice, na França. Na parte da tarde Dom Bosco expunha várias coisas para serem feitas: imprimir o modelo das “cartas de obediência” e comunicar às casas os nomes dos salesianos a elas destinados; e cuidar para que cada

⁷⁸ Cf. G. BARBERIS, *Conferenza pubblica del 15 aprile [1875]*, p. 1-14, *Conferenze generali ASC 04*, FdB 1872, C4-D5; *Documenti XV 112-116*, FdB 1028 D3-7.

⁷⁹ Cf. *Deliberazioni prese nelle generali Conferenze tenute in occasione dell'arrivo del Sig. D. Bosco da Roma (Aprile 1875)*, ASC D 577 *Conferenze generali*, FdB 1873 B 3-5.

⁸⁰ MB XI 339.

⁸¹ *Documenti XV 269-274*, FdB 1031 B4-9; MB XI 345-350.

obra prepare o próprio pessoal, conserve o bom relacionamento entre os superiores, use “de todo meio para obter, promover, propagar e assegurar a moralidade”; além disso, cuidar de fazer “as costumeiras conferências, duas por mês”, receber “pontualmente os rendimentos mensais” sem entrar em coisas de consciência, evitar familiaridades entre superiores e jovens e as “amizades particulares”; e que não existisse nenhum assinante de jornais fora o diretor. Como conclusão sublinhavam-se duas coisas visando fazer da Sociedade Salesiana verdadeira congregação religiosa: a obediência devia passar de pessoal à religiosa, não feita *intuitu personae*, mas pela fé, isto é, porque Deus mandava por meio do superior; e buscar, durante o ano, “unificar a Direção Geral da Congregação, retirando, por isso, do Capítulo Superior os cuidados do Oratório”.⁸²

As Conferências de São Francisco de Sales de 1876 foram realizadas da manhã de terça-feira, 1º de fevereiro, à manhã de sexta-feira, 4. Cinco foram privadas, sendo quatro presididas pelo padre Rua e a última por Dom Bosco, e uma foi pública, em dois tempos, presidida por Dom Bosco.⁸³

Na Conferência na tarde de 1º de fevereiro falou-se de estabelecer um “historiador da Congregação”, que deveria utilizar as crônicas de cada casa.⁸⁴ O tema foi retomado por Dom Bosco em conversa privada após o jantar, em 2 de fevereiro, revelando ter escrito a história do Oratório até 1854.⁸⁵ Além disso, no curso dessa Conferência “começaram-se a ler e a examinar as notas explicativas do Regulamento”,⁸⁶ o que se continuou a fazer na sessão da segunda parte da manhã do dia seguinte.⁸⁷

Na reunião matutina de 3 de fevereiro surgiam problemas relativos ao ofício do catequista, a um texto de religião para o liceu e o ginásio e a outros assuntos menos importantes.⁸⁸

Na tarde de 2 de fevereiro aconteceu a primeira fase da Conferência Pública, presidida por Dom Bosco. Ela continuaria na parte da tarde de 3 de fevereiro. Todos os diretores destacaram o aumento dos alunos internos e externos dos colégios, tanto nos cursos clássicos como nos elementares. Em Varazze acrescentaram-se as escolas vespertinas, principalmente para os adultos, e era florescente o oratório festivo, iniciado em 1875. Os salesianos ensinavam também nas escolas municipais. Em Alassio os internos eram cento e sessenta e com os externos as escolas chegavam a ter quinhentos alunos. Em Sampierdarena “iniciou-se um novo prédio muito amplo”,

⁸² *Documenti* XV 275-280, FdB B10-C3; MB XI 350-358.

⁸³ Cf. *Conferenze tenute in occasione della festa di San Francesco di Sales l'an. 1876 da Capitolo Superiore dell'Oratorio coi direttori dei collegi radunatisi in Torino*, G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14, p. 1-64; 14bis, p. 5-36; *Documenti* XVI 87-110, 123-132, FdB 1035 A1-e9; 1036 A10-B7; MB XII 52-94.

⁸⁴ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14, p. 12.

⁸⁵ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 4, p. 39.

⁸⁶ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14, p. 12-14.

⁸⁷ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14, p. 15.

⁸⁸ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14, p. 21-24.

com a previsão de um número mais que duplicado de jovens, entre estudantes e artesãos, acima de duzentos e cinqüenta. Na casa estavam também cinqüenta “Filhos de Maria Auxiliadora”. Em Mornese, as irmãs tinham passado de cinquenta a cem, entre tanta pobreza, com a pequena comunidade salesiana sustentada pela “capital”, o Oratório; “além das educandas internas” existiam “as escolas municipais para as jovens”, que “as freiras fazem em nossa casa”; para os jovens era professor “um irmão nosso, no local a isto destinado pelo município”. Em Nice tinha-se iniciado o *Patronage* com cinco jovens, dois clérigos, o diretor e um cozinheiro.⁸⁹ Na parte da tarde do dia seguinte continuou-se com o relatório do padre Guanella sobre Trinità di Mondovì, do padre Milanese sobre o oratório festivo de Valdocco, do padre Rua sobre a casa do Oratório. Dom Bosco fazia sua intervenção, fazendo referência a outras instituições educativas assistidas pelos salesianos: o Oratório São José, dirigido em Turim pelos senhores Ocelletti, a Família de São Pedro em Borgo San Donato e a Oficina São José. Falava, então, do desenvolvimento da Congregação, do aumento dos salesianos (330 sócios, dos quais 112 professos perpétuos, 83 trienais, noviços e aspirantes) e das Filhas de Maria Auxiliadora. Prognosticava futuro radioso para a Congregação, evidenciava as muitas necessidades financeiras, convidada à máxima economia e ao espírito de pobreza, e insistia, por fim, sobre a prática das Regras e sobre a obediência.⁹⁰

A última Conferência Privada reunia, em 4 de fevereiro, dezesseis participantes, entre capitulares e diretores. Antes da despedida Dom Bosco se dirigia sobretudo a estes: facilitar a Dom Bosco a visita às casas, fazendo-lhe ter com antecedência a lista dos irmãos, com eventuais informações idôneas para tornar frutuoso o encontro e estabelecer um horário preciso, de forma que quem desejasse pudesse falar-lhe; comunicar aos sócios que se estava tratando da nova expedição de salesianos para a América, convidando a manifestar eventual disponibilidade para fazer parte dela; cuidar das vocações ao estado eclesiástico, “o escopo precípua – declarava – para o qual tende nossa Congregação”. Dava então alguns critérios para reconhecer seus sinais: “propensão, estudo, *morum probitas*”. Os meios para cultivá-los nos jovens são: “1) grande freqüência aos sacramentos”; 2) grande *amorevolezza*; 3) “não somente tratá-los bem”, mas, aos “maiores e que dão alguma esperança, que o superior dedique muita confiança”; 4) “realizar bem as cerimônias”; 5) “promover o pequeno clero”; 6) “dar a um jovem muita familiaridade”. Depois continuava: induzir os jovens dos colégios a fazer a confissão geral; e trabalhar em favor da *Biblioteca da Juventude* e, especialmente, das *Leituras Católicas*. Seguiam-se interrogações e respostas sobre alguns problemas cruciais: era preciso que os salesianos conhecessem mais e melhor a vida e as obras de São Francisco de Sales, ao menos a *Filotéia*. As biografias de Gallizia e do Capello não eram adaptadas aos jovens nem aos tempos. Dom Bosco tinha desejado que padre Bonetti compusesse duas: uma breve, para os jovens e para o povo;

⁸⁹ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14bis, p. 5-21, 59-64.

⁹⁰ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14bis, p. 21-36.

outra mais empenhativa, em dois volumes, na qual – dizia – “será preciso levar em consideração o princípio católico, isto é, personificar em Francisco a religião católica, contra os princípios protestantes”; em suma, “a vida católica personificada em são Francisco”. Pela crônica se vê o aflorar das costumeiras apreensões sobre a “moralidade”. “A grande observação que se fez foi esta – registrava o cronista –: que a *Filotéia*, livro de tanto valor, não pode ser colocada nas mãos dos jovens e nem mesmo das jovens ou irmãs porque, tendo sido escrita para pessoas do mundo, tem muitas expressões e várias coisas que poderiam excitar pensamentos imodestos e, além disso, não é realmente adaptada à juventude: a maior parte das coisas valem para todos e é ouro fino. Propôs-se fazer uma edição mudando certas coisas e saltando outras. Mas como fazer isso com uma obra tão conhecida e tão apreciada? Pensou-se agir assim: notá-lo no frontispício e no prefácio. Intitulá-la: ‘A *Filotéia* de são Francisco de Sales endereçada à juventude e às casas de educação’. Que saia um belo volume, coisa um tanto simples, e terá saída. Imprimir, porém, também outra edição tal e qual está nas obras completas, para que, quem a deseje, encontre-a junto de nós salesianos”. Notou-se que os assinantes das *Leituras Católicas* aumentavam sempre, enquanto os da *Biblioteca da Juventude* eram somente dois mil. Por fim, propôs um livro de religião para os liceus e indicou no texto do Giovannini: para o ginásio, é suficiente no momento “o Grande Catecismo”, “uma vez que todo mundo espera de Roma o Catecismo Universal. Visto que este sairá, então se poderá tomar alguma decisão absoluta”.⁹¹ No início da reunião Dom Bosco tinha aceitado a proposta de mandar imprimir, após revisão, as deliberações tomadas nos anos precedentes, discutidas nas Conferências Privadas presididas pelo padre Rua, o que não teve seguimento.

Em 1877 as Conferências de São Francisco de Sales aconteceram na parte da tarde de segunda-feira, 5 de fevereiro, até quinta-feira, dia 8. Foram sete, das quais uma pública.⁹² A primeira, sob a presidência do padre Rua, tratou de problemas de gestão interna: nomeação do ecônomo geral após a partida para a Argentina do padre Bodrato, eventual constituição de armazéns regionais para as provisões, destinação do pessoal para algumas obras, proposta de novas fundações – Nizza Monferrato como casa-mãe das Filhas de Maria Auxiliadora, em lugar de Mornese, além de Rosignano, Noli Ligure, Caravate, Annecy etc. Segundo o desejo de Dom Bosco decidiu-se introduzir nos colégios a prática do tríduo de abertura do ano escolar; e recomendou-se também

⁹¹ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14bis, p. 39-57; para o texto de religião fazia referência ao manual do sacerdote E. GIOVANNINI, *I doveri cristiani esposti alla studiosa gioventù italiana*. 3ª ed. corrigida. Bologna, Tipografia Pont. Mareggiani, 1876. Ele seria proposto também nos Capítulos Gerais I de 1877 (G. BARBERIS, Verbali, quad. 1, p. 12) e II de 1880 (*Deliberazioni del secondo Capitolo generale* Turim, Tipografia Salesiana, 1882, p. 68; OE XXXIII 76).

⁹² *Conferenze tenute dal Capitolo Superiore Generale in occasione delle Feste di S. Francesco dell'anno 1877. Per cura del Sacerdote Giulio Barberis*. 1ª ed. original estereotipada). Turim, Tipografia del proprio pugno, Cronaca, quad. 13, p. 1-27; Documenti XVIII 51-68, 71-75, FdB 1045 C10-E3, E6-10; MB XIII 64-86.

a uniformidade dos registros. Na Conferência da manhã de terça-feira Dom Bosco, após ter confirmado as decisões tomadas na primeira sessão, anunciava novidades interessantes: o oferecimento aos salesianos da gestão do Hospital da Consolação em Roma, que não se concretizou; entrega a Dom Bosco da reforma religiosa dos irmãos concepcionistas; oportunidade de adquirir conventos expropriados de modo a protegê-los de usos profanos; projeto de transferência de Mornese para Nizza Monferrato da casa-mãe das Filhas de Maria Auxiliadora; e novos pedidos de colégios – a propósito dos quais insistia ainda sobre a “monografia”⁹³ – em Albano, Magliano Sabina, Ceccano e Ascona, na Suíça. Colocava, por fim, o problema do Colégio de Valsalice, cujo aluguel quinquenal acabava, e que apresentava um número insuficiente de jovens: convidava que se discutisse em vista de alguma decisão. “Aqui – anota o cronista – padre Guanella propôs outro colégio próximo ao Lago Maior. Dom Bosco muito espertamente mudou de assunto e chegou à conclusão”, dando três lembranças recebidas de Pio IX: “1) introduzir o espírito de piedade nos jovens e nos sócios; 2) espírito de moralidade; 3) espírito de economia”.⁹⁴

Após o almoço de terça-feira, 6 de fevereiro, aconteceu a Conferência Geral. Padre Rua falou de todas as obras, uma vez que a explanação de cada diretor teria alongado sobremaneira a reunião. Iniciando seu discurso, Dom Bosco falou de outras instituições, omitidas pelo relator: os oratórios São Luís e São José, os serviços prestados ao Refúgio e à Acolhida-Família São Pedro. Acenava rapidamente às obras da América: a mais recente, Colégio Pio IX em Villa Colón, em Montevidéu, e as primeiras, Igreja da Misericórdia, em Buenos Aires, e o Colégio, em San Nicolàs, onde em sete ou oito meses eram recolhidos 140 alunos. A seguir falava, em termos um tanto folclóricos, do esperado começo da missão entre os patagões; “alguns selvagens” já tinham sido acolhidos no Colégio de San Nicolàs. Em seu retorno, padre Cagliari, quem sabe, traria alguns para Turim. “Quem serão os corajosos – perguntava-se – que desejarão expor-se a tais perigos? Para ser comido por esses selvagens? Ver-se-á. Muitos já pediam para ser os primeiros a arriscar-se nesses lugares e levar a santa religião a esses povos. Eu louvo sua boa vontade, sua coragem. Todavia, é meu desejo, antes, é meu dever proceder com cautela para não sacrificar a vida de ninguém. Se depois, não obstante a paciência e a prudência, alguém se tornar mártir, temos que agradecer o Céu. Mas espero que, com prudência, faremos alguma coisa sem pagar o tributo de ser assassinados ou comidos”. Tinham chegado pedidos de Concepción, no Chile, do Paraguai e do Brasil. Mas era preciso esperar maior disponibilidade de pessoal. Em Roma e arredores tinha escutado que alguns afirmavam que “a juventude nesses lugares era diversa” e não se poderia implantar oratórios como em Turim. Quanto às escolas de Ariccia, “os protestantes estavam desesperados”. Também em Magliano Sabina, “há duas horas de vapor de Roma” (70 quilômetros de ferrovia”), os jovens se mostraram “dóceis e respeitosos”.

⁹³ G. BARBERIS, *Cronaca*, quad. 13, p. 16.

⁹⁴ G. BARBERIS, *Cronaca*, quad. 13, p. 4-14.

Os clérigos – afirmava – pedem “todos para se fazer salesianos. O diretor do seminário, o ecônomo e o diretor espiritual” “pedem, eles também, para entrar em nossa Congregação, e foram aceitos como noviços”. Com efeito, já os vimos como membros do Capítulo da casa⁹⁵ e veremos o diretor espiritual no Primeiro Capítulo Geral.⁹⁶ Acenava ainda ao cuidado dos irmãos concepcionistas, que lhe fora confiado pelo papa.⁹⁷ Dizia ainda que, se fossem aceitos todos os colégios propostos na área romana, no espaço de um ano seriam mais de vinte. Tinham sido iniciadas também tratativas para a Índia e para a Austrália, mas a conclusão estava longe de ser feita. Sobre os cooperadores revelava esperanças grandiosas, de propiciar “com calma e com prudência” as aceitações. “Imprimir-se-á a esse propósito – anunciava – um boletim, que será como o jornal da Congregação: com tantas casas, é necessário um periódico, que servirá de ligação entre cooperadores e irmãos salesianos. Espero que, se correspondermos à vontade de Deus, não passará muitos anos sem que populações, cidades inteiras, não se distinguirão dos salesianos senão pela habitação e, se agora são dez, serão milhares e milhares”. Ao final, repetia as elogiosas expressões do santo padre: “Ide, escrevei aos vossos filhos, começai agora e repeti sempre, que não tenhais dúvida de que é a mão do Senhor quem conduz vossa Congregação. Mas pesa sobre vós graves responsabilidades (...) Vós haveis de corresponder se promoverdes o espírito de piedade, se promoverdes o espírito de castidade, se tiverdes ministros zelosos. Vereis multiplicarem-se as vocações religiosas, quer para vós, quer para outras congregações e para as dioceses (...) Penso revelar-vos um mistério, que esta Congregação seja um segredo do Senhor, feita surgir nestes últimos tempos para que possa ser ordem religiosa e secular, que tenha voto de pobreza com posse, que participe do mundo e do convento, cujos membros sejam cidadãos e monges. A fim de que se veja o que disse Jesus Cristo ‘Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus’”.⁹⁸

As Conferências Privadas da parte da tarde de quarta-feira, 7 de fevereiro, e quinta-feira, 8, na parte da tarde, tiveram um argumento único: “acrêscimos, correções e observações” ao texto do Regulamento para as casas, em vista da impressão que seria feita em outubro.⁹⁹

3. Valdocco, escola de educadores: Capítulos e Conferências

No processo de formação no campo do pessoal diretivo, professor e educador, que depois se espalhava nas várias obras, a casa de Valdocco desenvolvia uma função capital. Acreditou-se poder defini-la “oficina pedagógica”, entendendo o termo em

⁹⁵ Cf. cap. 23, § 1.2.

⁹⁶ Cf. cap. 26, § 1.1.

⁹⁷ Cf. cap. 25, § 2.

⁹⁸ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 16, p. 7-22.

⁹⁹ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 13, p. 24-27.

sentido amplo.¹⁰⁰ Com efeito, com a constituição e o desenvolvimento da Sociedade Salesiana e de suas obras, o Oratório São Francisco de Sales tinha se tornado centro propulsor de irradiação e de referência de obras difundidas em espaços sempre mais vastos: em 1877, tornava-se, com o *Boletim Salesiano*, o centro de convocação e de animação dos cooperadores e benfeitores, e, de alguma forma, dos ex-alunos. Por isso ali se concentrava o mais alto percentual de professos salesianos e, antes de 1879, a maior parte dos noviços. Os superiores que ali atuavam tinham consciência de ter a responsabilidade de preparar nessa sede os que, em grande parte, sobretudo os dirigentes, eram destinados a dar feição salesiana às novas obras. O Oratório criava um estilo e originava e difundia um espírito. Por isso desejava-se que o pessoal enviado a fundar e a dirigir obras longínquas tivesse completado a própria formação em Valdocco. Quando, na reunião do Capítulo Superior de 15 de maio de 1878, era proposto como diretor da incipiente casa de Marselha padre Giuseppe Bologna, sublinhava-se em seu favor o fato de conhecer o francês e de o falar discretamente bem, mas sobretudo notava-se: “de outro lado, tendo já sido aqui prefeito por vários anos e estando sempre em contato com Dom Bosco, como alguém que foi aqui educado, conhece todos os costumes e o espírito da casa”.¹⁰¹

Nessa ótica eram lidos os vários documentos, aos quais já se acenou em parte, que testemunham a realidade de *Valdocco no séc. XIX*: as atas das *Conferências Capitulares* (1866-1877), redigidas pelo padre Rua, as relações sobre as *Reuniões do Capítulo da Casa* e sobre as *Conferências Mensais*, escritas pelo padre Lazzero, e o *Diário* (1875-1888) do mesmo padre Lazzero, com poucas páginas iniciais do padre Chiala.

Aí é possível colher elementos importantes sobre a progressiva construção de uma pedagogia não erudita mas eficaz, que em 1877 levaria Dom Bosco à rápida confecção das páginas colocadas no início do *Regulamento para as casas*. Nas diferentes reuniões ou conferências se estudavam e discutiam as aplicações mais fiéis desse sistema ainda não expresso e do Regulamento, constituindo-se como patrimônio normativo que os salesianos levariam em consideração e que transmitiriam às gerações sucessivas na forma de usos, práticas, tradições, espírito de Dom Bosco. Tal pedagogia era predominantemente escolar. O tema da disciplina ocupava, inevitavelmente, lugar relevante, naturalmente junto com o problema da subsistência: cozinha e refeitórios, despensa e distribuição de alimentos, salas escolares e bancos, quartos e leitos, oficinas, limpeza dos locais e do pátio. Tratava-se ali dos horários de estudos e de trabalho, das escolas diurnas e vespertinas, do canto e da música; e, ainda, das atividades recreativas cotidianas e periódicas, do teatro, das sessões lítero-musicais, dos passeios anuais; das diversas manifestações religiosas, como as práticas de piedade cotidianas, mensais e anuais, e as festividades litúrgicas e de família; da vida das companhias, do pequeno clero, da escola de música e de canto, firme e figurado.

Os protagonistas, os membros do Capítulo Superior e as do Capítulo Local, se

¹⁰⁰ Cf. P. BRAIDO, “Presentazione”, in: J. M. PRELLEZEO, *Valdocco nell’Ottocento*, p. 5-10.

¹⁰¹ G. BARBERIS, *Verbali del Capitolo Superiore*, quad. 2, p. 4, FdB 1877 A5.

reuniam regularmente, muitas vezes junto com os professores de diferentes idades e maturidades e com os assistentes. Emergiam traços característicos do sistema educativo dos salesianos de Dom Bosco, sobretudo o amor, que não excluía o temor reverencial. Os participantes, em substância, procuravam “encontrar por que” – como anotava padre Rua –, os jovens nos temem mais do que nos amam”, uma vez que – pensavam na escola do mestre – “isso vai contra nosso espírito ou, ao menos, o espírito de Dom Bosco”.¹⁰² Anos antes padre Rua acreditava ter encontrado facilmente a solução: “Fazer-se amar e, ao mesmo tempo, temer pelos jovens. Isso é coisa fácil”.¹⁰³ De qualquer modo, se exortava os assistentes, que eram os mais jovens entre os educadores, assim como os mais experientes, “a estar todos unidos entre si em querer uma só coisa, o amor e a estima dos jovens”. Para obter isso – informa a ata – “estabeleceu-se que o recreio seja feito sempre com eles e, quando se pode, com os mais necessitados de assistência”.¹⁰⁴

No plano organizativo previam-se e se preparavam as atividades mais diferentes, estabeleciam-se horários e professores para as aulas, distribuía-se tarefas e missões para o bom andamento das festas, discutiam-se os resultados e se assinalavam os inconvenientes aos quais encontrar remédio para o futuro.

Tratava-se de escola prática tanto para os educadores experimentados como para os aprendizes da arte educativa, dedicados ao duro tirocínio no campo de ação. Nela se formava reflexivamente o educador capaz de iniciativas, o bom organizador em todos os campos, o inventivo, muitas vezes o factótum, em grau de responder às exigências de comunidades juvenis constantemente disponíveis à novidade e ao imprevisível.

Raramente Dom Bosco aí se encontrava fisicamente, mas ele permanecia como critério preciso das avaliações e das deliberações na forma de se raciocinar e de se falar sobre os alunos. Além disso, era constantemente colocado a par das decisões tomadas e, em todo caso, era-lhe pedido o parecer e o definitivo nada obsta para as soluções operativas colegialmente deliberadas. Dessa forma ele fazia escola e criava tradições, mas, ao mesmo tempo, se enriquecia com as experiências dos colaboradores, imerso tanto quanto ele nas múltiplas contingências desse mundo educativo extremamente móvel e cheio de surpresas.

4. Formação do jovem salesiano

No momento da aprovação das Constituições Dom Bosco teve que aceitar a nítida distinção de três sucessivos períodos de prova na incorporação dos candidatos na Congregação: o pré-noviciado ou aspirantado, o noviciado e o pós-noviciado com

¹⁰² Conferência de 9 de março de 1883, in: J. M. PRELLEZEO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 258.

¹⁰³ Reunião de fevereiro de 1872, in: J. M. PRELLEZEO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 263.

¹⁰⁴ “Conferências mensais”, agosto de 1871, in: J. M. PRELLEZEO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 262.

os votos temporários.¹⁰⁵ Para os eclesiásticos esse itinerário entrelaçava-se com os momentos normais da formação cultural humanista, filosófica e teológica. Já se acenou à advertência colocada por Dom Bosco no art. 12 no texto das Constituições latinas: com ela se declarava autorizado por Pio IX a atribuir ao período do noviciado tipos de atividades próprias do pré-noviciado e do pós-noviciado.¹⁰⁶

Pela metade dos anos 70, de qualquer modo, foram tomadas algumas medidas concretas para a gradual atuação dos processos prescritos de formação religiosa, espiritual, cultural e pedagógica dos salesianos, um dos aspectos mais fortemente e, então, legitimamente contestados da ação de Dom Bosco fundador. Colocava-se em primeiro plano o problema do noviciado, embora com a presença de noviços em quase todas as obras, mas também o de estudos mais bem organizados para a formação específica dos futuros sacerdotes. O discurso formativo voltava muitas vezes no curso das Conferências Gerais de São Francisco de Sales. Surgia ainda mais da análise de outros canais: as conferências aos noviços e aos jovens professores salesianos de Valdocco; as instruções e os discursos vespertinos nos exercícios espirituais em Lanzo; as circulares sobre a vida religiosa; as cartas a cada salesiano (inspetores, diretores, simples irmãos); a introdução às Constituições nas duas edições de 1875 e de 1877; as inúmeras conferências sobre a formação salesiana com o mestre dos noviços da Congregação, padre Giulio Barberis, que as fixava em suas várias crônicas e *cronachette*; e as discussões feitas nas reuniões do Capítulo Superior sobre a promoção e o cuidado das vocações, a aceitação de novos sócios, a profissão dos votos temporários ou perpétuos, o término ou não dos estudos teológicos antes da ordenação sacerdotal.

Aí se delineava, com traços bastante precisos, um tipo novo de religioso educador, eclesiástico e leigo, o qual, como se viu, brotava já da primeira experiência oratoriana de Dom Bosco padre diocesano. Mas também já se acentuavam aspectos peculiares derivados do empenho assistencial e educativo entre os jovens sempre mais exigente e urgente. Sem dúvida, Dom Bosco acabava por transmitir a seus religiosos certa mentalidade, cultura e espiritualidade específica nova. E com semelhantes contornos, embora mais lentamente, igualmente ia idealizando e plasmando a figura religiosa e apostólica do leigo salesiano, o coadjutor.¹⁰⁷

A melhor formação não era confiada primeiramente a centros de formação e de estudo estruturados. Estes não estavam excluídos por princípio, antes, se percebia ser cada vez mais inevitável sua exigência jurídica e pedagógica. Mas dava-se primazia

¹⁰⁵ Cf. *Regulae seu Constitutiones*, 1874, cap. XI, *De acceptione*, art. 6 e 7, *Cost. SDB* (Motto), p. 173; cf. cap. XIV *De Novitiorum* [= Tyronum, Ascriti] *Magistro eorumque regimine*, art. 1-6 (prima probatio), 7-13 (segunda probatio, novitiatus), 14-17 (tertia probatio), *Cost. SDB* (Motto), p. 192-197.

¹⁰⁶ *Cost. SDB* (Motto), p. 196. Deve-se ter presente que, dos catorze artigos originais do capítulo sobre o noviciado, na edição italiana de 1875 tinham sido impressos somente sete.

¹⁰⁷ Cf. A. PAPES, “La formazione del salesiano coadiutore nel 1883”, *RSS* 13(1994), p. 143-224.

à formação na prática, cuja predominância era total nestes e nos próximos anos, até porque, como no passado, o funcionamento das obras só podia estar plenamente garantido por meio da onipresença de clérigos estudantes de teologia e de filosofia, de noviços e até mesmo de aspirantes, tanto leigos como eclesiásticos, entre os quais vários sacerdotes. É exemplar o que Dom Bosco recomendava ao padre Ronchail no começo do internato de Nice: individuar e cultivar com benevolência os jovens que parecem idôneos para a Congregação e manter relações de confiança com os salesianos, jovens e adultos, “usando com eles especial abertura de coração”.¹⁰⁸

4.1 Promoção das vocações salesianas

Voltado para a ação sempre mais vasta em proveito da juventude pobre e abandonada, Dom Bosco tinha “fome” de vocações. Com o advento da audaciosa empresa transoceânica e missionária, as razões para a busca e as motivações para a animação se multiplicariam. Com se viu, dava exemplo prático disso nos dois discursos vespertinos de 6 e de 18 de dezembro de 1875, após ter narrado a partida dos primeiros salesianos para a América e a abertura da casa de Nice na França. “Naturalmente – concluía o primeiro – muitos de vós sentis neste momento grande desejo de partir e de se fazer também missionário. Só sei dizer-vos que, se todos vós quiserdes ir, haveria lugar para todos e eu saberia muito bem onde vos ocupar, considerando a grande necessidade que existe e os muitos pedidos que recebo de toda parte de bispos, que chegam a suplicar e que afirmam ter que fechar várias missões já iniciadas por falta de missionários”. O cronista evidenciava o resultado: “Os jovens ficaram tão inflamados por essas palavras que realmente a maior parte mostrou-se desejosa de partir, até mesmo imediatamente, para fazer o bem a povos tão distantes”.¹⁰⁹ No segundo sermãozinho o apelo tornava-se ainda mais explícito: Dom Bosco revelava, sem reticências, os motivos de sua narrativa: “eu não quero que ignoreis as grandes necessidades que tem a Igreja, o grande campo que existe para fazer o bem quando se trabalha justamente para a maior glória de Deus”; “o campo a ser cultivado exige muito e muitos operários, a messe é realmente abundante”.¹¹⁰

4.2 Noviços

Após a aprovação das Constituições, que obrigavam à estruturação mais precisa da formação dos noviços, na Conferência Capitular de 25 de outubro de 1874, estabeleceram-se algumas “particularidades” reservadas a eles. Elas seriam atuadas por degraus:

¹⁰⁸ Carta de dezembro de 1875; E II 534.

¹⁰⁹ G. Barberis, *Cronichetta*, quad. 4, p. 36.

¹¹⁰ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 3, p. 42.

“1) Que façam estudo à parte todos os noviços clérigos do primeiro ano de filosofia. 2) Que tenham meditação à parte os mesmos com os noviços coadjuutores. 3) Que tenham leitura espiritual à parte todos os noviços às 2 horas da tarde na capela dos externos [a Igreja São Francisco de Sales]. 4) Que, o quanto possível, os noviços sejam colocados em quartos distintos, providenciando-se cortinas para separar uns dos outros. 5) Que os estudantes do primeiro ano de filosofia, noviços, tenham uma aula de pedagogia sagrada no lugar da de matemática, que será ministrada pelo seu vice-mestre, padre Barberis. 6) Que, finalmente, tenham uma conferência semanal, alternadamente sobre as regras e sobre argumentos morais adequados a eles. Falou-se também de colocá-los separados dos outros na igreja”.¹¹¹ Dessa forma, na tarde de 13 de dezembro de 1875, Dom Bosco podia “pela primeira vez” falar a todos os noviços do Oratório em separado, em local a eles reservado. Era uma conferência orgânica sobre a vocação: sua preciosidade, como regular-se nas dúvidas, os meios para conservá-la. Concluía: “lede as coisas que são ditas no princípio de nossas Regras [a introdução *Aos sócios salesianos*] onde, em compêndio, quase todas são acenadas. Vosso diretor vai explicá-las de novo, um pouco por vez e mais amplamente”.¹¹² O diretor era padre Giulio Barberis (1847-1927), vice-mestre e depois, por decênios, mestre oficial dos noviços da Congregação, considerado mestre de tantos sucessivos mestres dos noviços e formadores. Já em 1876 se preconizava uma casa separada para os noviços, em Lanzo. A idéia se traduzia, no ano seguinte, em outra hipótese, que permaneceria tal, de uma sede ao lado do santuário da Mellea, em Farigliano, na província de Cuneo.¹¹³ A casa, ao invés, encontraria local definitivo, em 1879, em San Benigno Canavese.¹¹⁴ Desde agosto de 1876 os noviços tinham também as próprias férias de verão em Lanzo, fugindo do calor da cidade de Turim. Em outubro, “determinou-se enviar os noviços a fazer a recreação no próprio pátio”.¹¹⁵ Em 10 de dezembro de 1876 Dom Bosco abençoava solenemente a estátua de Nossa Senhora colocada na nova sala de aula-estudo dos noviços, que havia sido retirada da sacristia ao lado da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora.¹¹⁶ Em 24 de dezembro, por fim, entravam em seu refeitório,¹¹⁷ no qual, no domingo,

¹¹¹ J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 230.

¹¹² G. BARBERIS, Cronaca, quad. 19, p. 23-44.

¹¹³ Sobre padre Barberis e o noviciado, vejam-se algumas anotações em P. BRAIDO, “Tratti di vita religiosa salesiana nello scritto *Ai Soci Salesiani* di Don Bosco del 1877/1885”, RSS 14(1995), p. 103-105; G. BARBERIS, *Lettere a Don Paolo Albera e a don Calogero Gusmano durante la loro visita alle case d’America (1900-1903)*. Introdução, texto crítico e notas aos cuidados de B. Casali. Roma, LAS, 1998, p. 14-25; P. ALBERA; C. GUSMANO, *Lettere a don Giulio Barberis*, p. 23-24.

¹¹⁴ Cf. Cap. 29, § 1.1.

¹¹⁵ “Conferenze capitolari”, 15 de outubro de 1876, in: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 216.

¹¹⁶ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 10, p. 22-26.

18 de fevereiro de 1877, Dom Bosco foi almoçar, fazendo um discurso apropriado aos sessenta e cinco noviços. Recomendava o cuidado da saúde, exortava com insistência a fugir das murmurações, falava da admiração que os salesianos suscitavam em todas as partes e, portanto, da necessidade de assimilar seu modelo: em muitos lugares apresentar-se com as palavras “venho do Oratório” era motivo de honra.¹¹⁸ Em novembro de 1877 decidia-se também separar os noviços clérigos que tinham feito o ano de prova dos outros noviços,¹¹⁹ o noviciado e pós-noviciado. Em 1878 estabeleceu-se “procurar um dormitório para os noviços seculares”, os coadjutores.¹²⁰

4.3 Estudantes de filosofia e de teologia

No livreto *Esboço histórico sobre a Congregação de São Francisco de Sales e respectivos esclarecimentos*, além de dar corpo à formação que era oferecida aos noviços,¹²¹ Dom Bosco apresentava seu ideal de plano de estudos para os candidatos ao sacerdócio: curso ginásial, dois anos de filosofia e três anos de liceu para os que deviam “se preparar para os exames públicos”, os cursos de “cinco anos” “regularmente estabelecidos no Oratório São Francisco de Sales” para a teologia, com as disciplinas “Hermenêutica Sagrada, História Eclesiástica, Teologia Moral, Dogmática Especulativa”; após a ordenação, que por razões de idade ou outro grave motivo podia ser antecipada de um ano, biênio de estudo da Moral em preparação ao exame de confissão.¹²² A realidade não era bem assim: também havia noviços e estudantes de filosofia em outras casas, e os clérigos mais próximos das ordenações eram regularmente distribuídos pelas várias obras. Para estes, o problema de um centro de estudos próprio, separado, só encontraria as primeiras soluções parciais nos primeiros anos do séc. XX. Além do indispensável trabalho de assistência e de ensino em casa, alguns freqüentavam a universidade, onde certos padres chegavam a conseguir o doutorado em teologia, o qual, depois de 1873, podia ser obtido na faculdade teológica do Seminário Arquiepiscopal. Vários se preparavam para adquirir diplomas privados para o ensino elementar e secundário.

Nas atas das conferências ou reuniões de Valdocco se encontram, em várias datas, indicações sobre o horário das aulas para os noviços clérigos ou pós-noviços estudantes de filosofia. Em 1872 Dom Bosco bloqueava uma proposta corajosa e avançada para o

¹¹⁷ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 10, p. 53.

¹¹⁸ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 11, p. 46-49.

¹¹⁹ “Adunanze del Capitolo della Casa”, 18 de novembro de 1877, in: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 237.

¹²⁰ “Adunanze del Capitolo della Casa”, 20 de outubro de 1878, in: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 241.

¹²¹ Cf. P. BRAIDO, “L'idea della Società Salesiana nel *Cenno storico*”, p. 294-293.

¹²² P. BRAIDO, “L'idea della Società Salesiana nel *Cenno storico*”, p. 294-301.

tempo e o ambiente, amadurecida em uma reunião capitular: “desejar-se-ia colocar uma aula de história moderna, mas Dom Bosco não permitiu; por isso multiplicaram-se as aulas de matemática”.¹²³ Em outubro de 1873 se discutia as datas de “exame dos filósofos e dos teólogos”, bem como os horários e professores para o novo ano escolar.¹²⁴ Encontra-se ainda registrado a lista dos “professores de teologia e de filosofia”, salesianos ou não, com os respectivos horários, que seria aprovada na reunião de novembro de 1877.¹²⁵

Dos estudos de teologia dos clérigos, espalhados nas várias casas, ocupou-se também uma circular de 1874, redigida pelo padre Cagliero, corrigida por Dom Bosco e enviada *Aos meus caríssimo filhos, diretores e clérigos da Congregação Salesiana*. As orientações concretas são documento interessante do nível de empenho deles: “Pede-se aos diretores que velem, de todo o coração, para que em sua casa, semanalmente, se empregue ao estudo da teologia o tempo compatível com outras ocupações. Para se aprofundar esse estudo da ciência das ciências: 1) façam-se, a cada ano, três exames dos tratados diversos: um em março, outro em julho e o terceiro no princípio de novembro; 2) os tratados para este ano são: *De Gratia, de Ordine, de Matrimonio*, e, havendo possibilidade, também *De Virtute Religionis* e *De Praeceptis Decalogi*; 3) os exames serão dados no tempo acima estabelecido pelos examinadores delegados pelo superior para tal”.¹²⁶ Esse ideal acabava sendo redimensionado, algumas vezes em termos em certo sentido ainda teóricos; a realização era ainda mais problemática. A observância das prescrições e o estudo das cerimônias, particularmente recomendadas, era objeto de advertências não deixadas de lado com o tempo. A insistência não era sem razão.¹²⁷

4.4 *Direção a jovens salesianos*

A não-diretividade não era estilo habitual de Dom Bosco, ainda menos em questões vocacionais. Seus conselhos, ou melhor, advertências, eram enérgicos, assim como se vê na carta a um clérigo adulto, professo com votos perpétuos, do colégio de Lanzo, Pietro Guidazio (1841-1902), hesitante e inquieto, em seguida pioneiro da obra salesiana na

¹²³ Reunião de 3 de novembro de 1872, in: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 172.

¹²⁴ “Conferenza capitolare” de 24 de outubro de 1873, in: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 182.

¹²⁵ “Adunanze del Capitolo della Casa”, 4 de novembro de 1877, in: J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 235-237.

¹²⁶ Circular de 23 de novembro de 1874; E II 422.

¹²⁷ Cf. P. BRAIDO, “Don Michele Rua primo autodidatta ‘Visitatore’ salesiano: relazione di ‘ispezione’ nelle prime istituzioni educative fondate da don Bosco”, *RSS* 9(1990), p. 97-168, em particular, p. 101, 107, 130, 149, 151, 152, 157, 158, 159, 160, 162 e 167-168.

Sicília: abandonar-se inteiramente à direção dos superiores, insuficiência de motivos para dispensá-lo dos votos perpétuos, perseverança. “O demônio – escrevia perentório – gostaria de enganar a mim e a ti; consegui em parte contra ti, mas contra mim, a teu respeito, fracassou redondamente. Tem plena confiança em mim como eu sempre tive em ti: não de palavras, mas de fatos, de vontade eficaz, de obediência humilde, pronta e ilimitada. Essas são as coisas que farão tua felicidade espiritual e temporal e que me hão de trazer verdadeira consolação”.¹²⁸ A três clérigos, suas orientações eram seguras e confortadoras: “Não te preocupes pelo que escreves. O demônio, tendo perdido a batalha, queria refazer-se de outra forma, mas não ligués e vá adiante tranqüilo nas ordenações, como já te falei pessoalmente”.¹²⁹ A ele, já sacerdote, escreveria: “Estou contente que após os votos perpétuos tu gozes a maior paz no coração. É sinal de que Deus te abençoa e que, naquilo que fazes, tu cumpres os desígnios dele. Portanto, *si Deus pro nobis, qui contra nos?*”.¹³⁰ A um sacerdote de 24 anos, não ainda professo perpétuo, dava um empurrão para o passo definitivo: “Como não tens dificuldade nem pensamentos contrários à tua vocação, tu podes com toda a tranqüilidade fazer os votos perpétuos”.¹³¹ O perplexo faria os votos em 23 de abril de 1872. “Tua carta – escrevia ao clérigo Tamietti – tira-me um espinho do coração, que me impediu de te fazer o bem que até então não podia fazer-te. Está certo. Tu estás nos braços de Dom Bosco, e ele saberá como se servir de ti para a maior glória de Deus e o bem de tua alma”.¹³²

Em questões de obediência se mostrava mais flexível nos casos particulares que nos enunciados de princípios. De Tamietti, exigia-a com largueza: “Não quero que estejas em Valsalice forçado. De outro modo, preciso provar tua obediência, principalmente antes das sagradas ordens. Portanto, eu te destino para Alassio e de lá chamarei alguém que venha para cá ocupar teu lugar. Entende-te com padre Dalmazzo; procura terminar com boa imagem”.¹³³ A uma inequívoca pergunta do clérigo Cesare Cagliero (1854-1899) respondia, confirmando a autorização já dada na carta precedente que não havia chegado ao destinatário. Ele lhe resumia o conteúdo: “disse que te permitia ir à universidade contanto que tivesses sido sempre meu amigo e te tornasses modelo de nossos clérigos, o mais zeloso de nossos professores”.¹³⁴ Graciosa era a cartinha em latim enviada ao clérigo Luigi Piscetta, cuja inteligência era inversamente proporcional à estatura: “agora és pequeno, por isso pescas peixinhos, que são muitos entre nós. Quando fores adulto, o Senhor fará de ti pescador de homens”.¹³⁵ Afetuosa era a forma de pedir

¹²⁸ Carta de 13 de setembro de 1870; Em III 250.

¹²⁹ A Giuseppe Ronchail, em 5 de março de 1872; Em III 405.

¹³⁰ Carta de 15 de janeiro de 1875; Em III 410.

¹³¹ Carta a Giovanni Garino, 21 de março de 1872; Em III 428.

¹³² Carta de 25 de abril de 1872; Em III 493.

¹³³ Carta de 18 de novembro de 1872; E II 238.

¹³⁴ Carta de Roma em 16 de fevereiro de 1874; E II 353. Escreve também uma tocante carta de condolências em 8 de setembro, após a morte, em Mornese, do irmão, jovem sacerdote salesiano (1847-1874) (E II 401).

obediência a um jovem clérigo, promovido de assistente a professor no Oratório: “não te preocupes pelo que deverás fazer. Vem somente com boa vontade, haveremos de nos entender sobre o que podes, e não mais. Lembra-te sempre de que estás com um amigo, o qual não deseja outra coisa senão teu bem espiritual e temporal. Isso conseguiremos com o auxílio do Senhor e tendo sempre o coração aberto”.¹³⁶ Luigi Nai (1855-1932), clérigo inteligente e vivaz, hesitante em professar os votos, era convidado a pensar alto: “Os grilos na terra e sobre a terra e os votos que pretendes fazer voam ao trono de Deus: por isso os primeiros não podem, de modo algum, perturbar os segundos. Portanto, nada temas e vai em frente. Tendo observações, falaremos em breve. Deus te abençoe, *age viriliter, ut coroneris feliciter*”.¹³⁷ Ao extemporâneo pedido de certo diretor reflexivo respondia com um arguto adiamento: “Assim que da República Argentina me pedirem um poeta valente, a tua veneranda pessoa será colocada em movimento”.¹³⁸ Minuciosa era a comunicação de mudança de destinação, de Borgo San Martino a Ariccia, de um noviço muito jovem: “mudou-se o destino. Irás com padre Gallo a Roma, farás uma visita ao santo padre, beijarás seus pés por mim, pedirás a santa bênção e depois partirás para ires santificar os que habitam em Albano e em Ariccia. Tu te santificarás a ti mesmo com a exata observância de nossas Regras, com o rendiconto mensal e com o exercício da boa morte pontual. Quando te sobrevierem dificuldades escreve-me com frequência, expondo-me a vida, virtudes e milagres”.¹³⁹ Ao mais maduro clérigo Giovanni Battista Rinaldi (1855-1924), que de Albano pedia auxiliares, Dom Bosco respondia com cinco quatrinas, das quais trazemos só a primeira e a última: “Fica em paz e está tranqüilo / Pois Dom Bosco pensa em vós, / as vossas dificuldades são suas; / Logo levará apoio – Mas se fordes todos bons, / Sempre alegres, verdadeiros amigos, / Recordando que felizes / Só o agir retamente faz. Turim, do reservatório de minha Musa, 27.11.76 [Datti pace e sta tranquillo / Ché D. Bosco pensa a voi, / vostri affanni sono suoi; / Pronto aita apporterà – Ma voi siete tutti buoni, / Sempre allegri, veri amici, / Ricordando che felici / Rende solo il buon oprar. Torino, dal Serbatoio della mia Musa]”.¹⁴⁰ o poeta era membro da Arcádia! Dois dias depois, em bom latim, encorajava um clérigo com palavras resolutas, que surtiam efeito positivo: “Ninguém que tenha posto a mão ao arado e se volta para trás, está pronto para o reino de Deus. E tu, queres olhar para trás? Absolutamente, não. Segue adiante como começaste: persevera na vocação à qual foste chamado”.¹⁴¹ As intuições não fracassaram; diziam respeito a homens de futuro certo,

¹³⁵ Carta de Roma, 22 de fevereiro de 1874; E II 356: “Nun parvulus es, ideo collige pisciculos: multi enim apud nos. Cum autem vir factus fueris, Dominus faciet te piscotorem hominum”.

¹³⁶ Ao clérigo Giov. Cinzano, 19 de outubro de 1874; E II 414.

¹³⁷ Carta de 24 de maio de 1875; E II 478.

¹³⁸ Ao padre G. B. Lemoyne, 3 de março de 1876; E III 22.

¹³⁹ Ao clérigo Francesco Piccollo (1861-1930), entre outubro e novembro de 1876; E III 106.

¹⁴⁰ E III 119. Dom Bosco, membro da Arcádia, sabe que Serbatoio é o Arquivo da Academia Literária Romana.

para alguns particularmente rico de iniciativas e de obras: padre Guidazio, fundador da obra salesiana na Sicília; padre Ronchail na França, em Nice e Paris; padre Garino, bom conhecedor da língua grega; padre Tamietti, iniciador do Colégio de Este; padre Cagliero em Roma, procurador geral e inspetor; padre Nai, inspetor na Palestina e no Chile; padre Piccollo, por trinta anos diretor de colégios na Sicília; padre G. B. Rinaldi, fundador da controvertida obra de Faenza.

Dom Bosco se mostrava extremamente severo em relação a dois irmãos sacerdotes, Francesco e Giacomo Cuffia, que abandonaram os Colégios de Varazze e Alassio e a Congregação: “Preveni padre Francesia e padre Cerruti – os respectivos diretores – que coloquem em liberdade os Cuffia, não dar outra roupa senão a do corpo, isto é, o necessário para se cobrir durante a viagem, ou então, que fosse de proveniência paterna. Não dar nenhum certificado, nem bom nem mau. Retirar sua conta antiga e pedir o respectivo pagamento”.¹⁴²

5. Aos sócios salesianos (1875-1885)

Com a publicação das Constituições, Dom Bosco sonhava compor um “Diretório” ou “manual” para a formação especificamente religiosa do educador salesiano. Era um dos *Pensamentos* que o tinham levado a suplicar aos membros da Congregação Particular a aprovação definitiva das Constituições.¹⁴³ Ficou propósito sem realização. Substituiu-o, porém, com um texto significativo, notavelmente enriquecido na passagem da primeira edição de 1875 às sucessivas de 1877 e de 1885. É o discurso *Aos sócios salesianos*, colocado como premissa de diversas edições italianas das Constituições e de edições em outras línguas, dependentes das primeiras.

5.1 Primeira edição (1875)

A inesperada introdução às Constituições pode ser considerada uma pequena *summa*, a mais completa, da que se poderia definir como a teologia espiritual da vida religiosa de Dom Bosco. Nela confluem idéias que o santo vinha amadurecendo, pouco a pouco, a começar da composição dos escritos de história eclesíastica e dos papas, na elaboração das Constituições e dos documentos redigidos para obter sua aprovação, posteriormente enriquecidas nas conferências locais e gerais, nas instruções durante os exercícios espirituais dos últimos anos da década de 60 e os primeiros da de 70, expressas

¹⁴¹ Ao clérigo Felice Toselli (1857-1918), 29 de novembro de 1876; E III 119-120.

¹⁴² Ao padre Rua, de Santo Inácio em Lanzo, 5 de agosto de 1874; E II 394.

¹⁴³ Memorial de 18 de março de 1874; E II 371.

em cartas individuais e circulares e em conselhos particulares.¹⁴⁴ Ali estavam ilustrados os temas clássicos: a entrada na vida religiosa; as vantagens temporais e espirituais que ela garantia; os votos de obediência, pobreza, castidade; as práticas de piedade. Dava-se, a seguir, cinco lembranças particulares: fugir do “prurido de reforma”, solidariedade com os irmãos e com os superiores no cumprimento dos deveres da própria função, em espírito de consagração a Deus. Concluía-se com rápidos acenos sobre as dúvidas de vocação e os modos para se superá-las. O texto da primeira edição foi inteiramente redigido por Dom Bosco, que a ele chegava, como se pode ver nos manuscritos, graças a um notável trabalho de repensamento, de correção e de aperfeiçoamento. O texto expressava a experiência religiosa amadurecida, e relativamente refletida, do fundador agora experiente, com toques pessoais de ascese, então muito exigente. Do ponto de vista das dependências literárias tinha absoluta prioridade santo Afonso, com derivações do padre Alfonso Rodríguez. Já se fez alusão a essa dependência quando se tratou das instruções nos exercícios espirituais em Trofarello, em 1867 e 1869.¹⁴⁵ Em relação a estas, os materiais afonsianos aumentaram no texto *Aos sócios salesianos*, recebendo acréscimos na edição ampliada de 1877.¹⁴⁶

O primeiro elemento é constituído pela vontade de dar à Sociedade Salesiana um caráter religioso bem definido. Ela queria “ser uma congregação estruturalmente compacta *ad intra* e *ad extra*, garantida em sua estabilidade e continuidade pela autoridade pontifícia e solidamente agregada ao redor do superior, tanto geral como local”: com certa atenuação das dependências eclesásticas externas e com a tensão para a obtenção da isenção e dos privilégios.¹⁴⁷ Os votos tinham função decisiva na Congregação, conferindo à corporação religiosa forte estabilidade e unidade operativa compacta. “Nossos votos – escreve – podem ser chamados como elos espirituais, com os quais nos consagramos ao Senhor e colocamos em poder dos superiores a própria vontade, os bens, nossas forças físicas e morais, para que entre todos nos tornemos um só coração e uma só alma, a fim de promover a maior glória de Deus, segundo nossas Constituições”. Dos votos se sublinha tanto a obrigação jurídico-funcional como o significado teológico-espiritual, enquanto a plena fidelidade à comunidade religiosa e a seus fins garante aos sócios tranqüilidade também econômica e social e a certeza da salvação eterna. A comunidade, pois, encontra sua compacidade e máxima potencialidade operativa na relação de todos e de cada um ao vértice, ao superior, na obediência, “complexo de todas as virtudes”, forma privilegiada de conformidade a Cristo,

¹⁴⁴ Cf. P. BRAIDO, “Tratti di vita religiosa salesiana nello scritto *Ai soci salesiani* di Don Bosco del 1875”, RSS 13(1994), p. 361-448; Id., “Tratti di vita religiosa salesiana del 1877/1885”, RSS 14(1995), p. 91-154.

¹⁴⁵ Cf. cap. 15, § 11.

¹⁴⁶ Cf. E. VALENTINI, “Sant’Alfonso negli insegnamenti di Don Bosco”, in: Id., *Don Bosco e Sant’Alfonso*, p. 43-46.

¹⁴⁷ P.BRAIDO, *Tratti di vita religiosa salesiana del 1875*, RSS 13 (1994) 393 e 394.

factus obediens usque ad mortem. Conseqüentemente, a obediência consistia na rigorosa observância das Constituições. Nesse ponto Dom Bosco insistiria na Conferência Pública de 3 de fevereiro de 1876: “Agora não é mais tempo de agir como agíamos, de ir para frente com um governo tradicional, quase patriarcal, não. É preciso nos manter firmes a nosso código, estudá-lo em todas as suas particularidades, entendê-lo, explicá-lo, praticá-lo; nossas operações, temos que fazê-las conforme estas regras”; “o único meio para propagar o espírito novo é a observância das regras”; “o bem que se deve esperar das ordens religiosas vem justamente daquilo que trabalham coletivamente; se tal não acontecesse, não se poderia mais fazer nenhum grande trabalho”.¹⁴⁸ No compêndio *Aos Sócios Salesianos*, a obediência, além de sua dimensão ascética, também possui um valor pragmático determinante em relação ao trabalho apostólico e educativo, o que exige unidade de direção compacta e total consenso. O “egoísmo individual” deve ceder à busca do “bem comum”, que é o bem dos jovens para os quais se trabalha. Em substância, a comunidade é uma “milícia” ordenada, não freada por vínculos internos e externos, constituída por membros livres e ágeis em sua ação. Tal condição é propiciada pela pobreza e pela castidade, que superam o supérfluo, em vista do fim último, a glória de Deus e o bem temporal e eterno do próximo, em particular dos jovens.

A isso segue a denúncia dos perigos que podem ameaçar a vitalidade da missão (*Cinco lembranças importantes*) e a estabilidade do pessoal a ela consagrado (*Na dúvida vocacional*). Essa denúncia surgia da apaixonada solicitude de Dom Bosco pela sociedade de religiosos educadores espiritualmente rica e tendida, interiormente vital e intensamente solidária, capaz de enfrentar tarefas sempre mais vastas e empenhativas. Essa Congregação, em vias de rápida expansão, desde 1875 presente na França e na América do Sul, tinha necessidade de contar com o maior número possível de efetivos e com sua segura fidelidade.

5.2 As edições de 1877/1885

A reimpressão das Constituições italianas em 1877 podia ter como causa simplesmente o esgotamento da primeira, de 1875. Mas o acréscimo da introdução *Aos sócios salesianos* não era casual. Revelava a maior solicitude de Dom Bosco para a estruturação religiosa mais determinada da sociedade de consagrados, “reforçando o espírito e a observância das regras”,¹⁴⁹ enquanto se buscava potencializar sua organização com o Primeiro Capítulo Geral. Era também questão de coerência com o que estava fazendo para os irmãos concepcionistas.¹⁵⁰

¹⁴⁸ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14A, p. 31-32.

¹⁴⁹ Cf. G. BARBERIS, Cronaca, quad. 14, 2º verso, p. 31-32 (conferência geral pública de 3 de fevereiro de 1876).

O texto era o produto da colaboração entre o mestre dos noviços, padre Giulio Barberis, e as substanciais intervenções do próprio Dom Bosco. O primeiro introduzia numerosos acréscimos aos pontos da edição precedente e fornecia material para o enriquecimento do texto de cinco pequenos capítulos: *Importância de seguir a vocação*, *Seguir prontamente a vocação*, *Meios para conservar a vocação*, *O rendiconto e sua importância* e *Caridade fraterna*. Dom Bosco solucionava, aprofundava e reelaborava os textos propostos, corrigindo e modificando.¹⁵¹ No apêndice às Constituições incluía-se a *Carta de são Vicente de Paula endereçada a seus religiosos sobre o levantar-se à mesma hora*, de 15 de janeiro de 1650. Na edição mais apurada de 1885 a *Carta* seria colocada em apêndice ao texto das Constituições, junto com seis cartas de santo Afonso a seus religiosos, sob o título *Algumas cartas circulares de são Vicente de Paulo e de santo Afonso Maria de Ligório a seus religiosos, muito úteis também aos salesianos*.¹⁵²

Os autores aos quais padre Barberis tinha abundantemente recorrido eram sobretudo santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), *Avisos que dizem respeito à vocação religiosa*, de 1750, para os capítulos sobre vocação, e *A verdadeira esposa de Jesus Cristo*, de 1760, para o tema da caridade fraterna, e o jesuíta Alfonso Rodríguez (1541-1616), *Exercício de perfeição e de virtude religiosa*, para o tema dos rendicontos. Dom Bosco se utilizava desse material para os aspectos e as reflexões práticas, mais que para as elaborações teológicas. Estava presente, no parágrafo relativo ao “seguimento da vocação”, também um trecho de são Francisco de Sales, lido nos *Avisos que dizem respeito à vocação religiosa*, de santo Afonso, e que já tinha sido tirado por são Francisco da obra do jesuíta Girolamo Piatti (1545-1591), *A respeito do bem relativo ao estado dos religiosos*.

Com o novo texto conseguia-se um notável alargamento da gama dos temas qualificadores da vida religiosa segundo a concepção de Dom Bosco. Esta saía consolidada e aprofundada em suas raízes evangélicas. Com efeito, os conteúdos e as motivações propostos a todos os fiéis cristãos tinham a nítida preferência sobre as considerações especificamente religiosas, especialmente quanto à obediência, à pobreza e à castidade, virtudes mais que votos. Além disso, estava presente, principalmente em alguns temas, a experiência do padre diocesano que se tinha plasmado religioso junto com os jovens discípulos, crescendo com eles e aperfeiçoando, também com a contribuição deles, as formas e os modos de vida comunitária. Enfim, os parágrafos acrescentados sobre a vocação diziam respeito em particular à pressão que, com a extensão das obras assistenciais e educativas juvenis, o levava a agregar o maior número possível de colaboradores

¹⁵⁰ Cf. cap. 25, § 2.

¹⁵¹ Cf. P. BRAIDO, “Tratti di vita religiosa salesiana del 1877/1885”, RSS 14(1995), p. 97-106.

¹⁵² Elas permaneceriam em apêndice ao texto das Constituições italianas até à edição de 1903; foram eliminadas a partir da edição de 1907.

eclesiásticos e leigos. Todavia, não obstante essa pressão, ao se observar o conjunto dos textos sobre a vocação, tem-se a nítida impressão que Dom Bosco tenda a mitigar a rigidez da fonte original sobre a obrigatoriedade da escolha vocacional religiosa, suas exigências de perfeição e os meios para torná-la definitiva. Por exemplo, o caminho que aquele que foi chamado “deve percorrer para que se possa salvar” torna-se, na correção de Dom Bosco, “caminho pelo qual, percorrendo, ele pode com muita facilidade conseguir sua eterna salvação”.

À obediência está unido o tema do rendiconto, orientado para reforçar os liames entre os súditos e o superior, embora sempre unidos a uma relação de tipo familiar, gerador de confiança e de confidência. Por isso, a ilimitada abertura ao superior tornava-se mitigada na edição de 1885 e o discurso sobre a caridade fraterna assimilava a relação entre superior e súditos com motivações mais familiares em relação à fonte afonsiana.

Sua introdução às Constituições era considerada por Dom Bosco tão importante que, na significativa carta enviada ao padre Costamagna em 10 de agosto de 1885, sobre o sistema preventivo entendido como dimensão essencial do espírito salesiano, recomendava: “Ler e inculcar a leitura e o conhecimento de nossas Regras, especialmente o capítulo que fala das práticas de piedade, a introdução que fiz às nossas mesmas Regras e as deliberações tomadas nos nossos Capítulos Gerais ou Particulares”.¹⁵³

¹⁵³ E IV 333.



Capítulo XXV

DOM BOSCO FUNDADOR NO INTENSO 1877

- 1876 29 de outubro: encargo sobre os irmãos concepcionistas com carta do cardeal Bilio
17 de novembro: aprovação de Pio IX do plano de Dom Bosco e de dom Fiorani
28 de novembro: carta do cardeal Ferrieri sobre testemunhais
12 de dezembro: Pio IX manifesta perplexidade sobre o plano executivo de Dom Bosco sobre os irmãos concepcionistas
16 de dezembro: resposta ao cardeal Ferrieri com esclarecimentos de Dom Bosco
- 1877 1º de janeiro a 4 de fevereiro: Dom Bosco em Roma
6 de fevereiro: Breve de Pio IX sobre Dom Bosco como visitador *in spiritualibus* dos irmãos concepcionistas
8 de fevereiro: *O arcebispo de Turim e a Congregação de São Francisco de Sales em Turim*
12 de março: inauguração da nova sede do Patronato São Pedro em Nice
17/19: cartas do arcebispo sobre publicação de graças
1º a 26 de junho: viagem de Dom Bosco a Roma
julho: *Capítulo Geral da Congregação Salesiana a ser convocado em Lanzo no próximo mês de setembro*
agosto: tornado público o texto do *Sistema Preventivo*
1º fascículo do *Bibliófilo católico* ou *Boletim Salesiano* mensal
26 de junho: incidente a respeito da suspensão do serviço das missas
outubro: edição impressa dos regulamentos dos oratórios e dos colégios

O governo centralizado de pessoas e de instituições juvenis e dos institutos religiosos a eles consagrados exigia de Dom Bosco cuidado pessoal permanente e a tempo pleno. Essa missão estava na base de todos os outros empenhos também importantes, e o fundador vivia constantemente em unidade com ela. A grande carga de trabalho que a missão comportava parece manifestar-se com especial visibilidade e consistência em 1877, seja no interior das obras seja nas relações eclesiais e civis. Tratava-se da tenaz exigência dos privilégios, do cuidado solícito com as boas relações com a Santa Sé, do permanente constrangimento diante das persistentes diatribes com o ordinário diocesano, das atenções novas para cuidadosas relações pessoais com o arcebispo de Buenos Aires, que tinha chegado à Europa. O compromisso imprevisto e transitório

com o instituto dos irmãos concepcionistas tinha caráter extraordinário, mas o era ainda muito mais sua dedicação em vista da consolidação interna da Sociedade Salesiana em nível organizativo e de animação pedagógica e espiritual, da confecção de documentos que passarão à história, da preparação do Primeiro Capítulo Geral e da publicação do *Boletim Salesiano*.

1. Calendário sobrecarregado

No início de 1877 o fundador dispunha, para 17 obras, de 361 salesianos, classificáveis assim: 163 professos perpétuos, dos quais 82 sacerdotes, 41 clérigos e 40 coadjutores; 78 professos trienais, dos quais 4 sacerdotes, 50 clérigos e 24 coadjutores; 120 noviços, dos quais 3 sacerdotes, 82 clérigos e 35 coadjutores. A esses se acrescentavam 79 aspirantes, dos quais 2 clérigos, 45 estudantes e 32 coadjutores.¹ Embora coadjuvado, como se disse, pelo vice-diretor, até 1875 padre Rua, e padre Lazzeri a partir de 1876, Dom Bosco era, antes de tudo, diretor do Oratório, instituto de instrução e educação para aprendizes e estudantes, além de seminário menor para estes, noviciado para o grupo mais consistente dos noviços, pós-noviciado e estudantado de filosofia. Ao mesmo tempo era superior geral ou reitor-mor da Congregação que tinha colégios ou internatos em Borgo San Martino, Lanzo Torinese, Alassio, Sampierdarena, Varazze, Valsalice (Turim), Nice, San Nicolás de los Arroyos (Argentina), Villa Colón (Montevideú); escolas ginásiais em Albano e Magliano Sabina; escolas elementares em Mornese, Vallecrosia e Trinità di Mondovì, ambas com oratório, e Ariccia; oratório e igreja pública em Buenos Aires.

O ano de 1877 era caracterizado por intensas viagens na Itália e na França, duas a Roma, de 2 de janeiro a 4 de fevereiro, de 1º a 26 de junho, e uma terceira iniciada em 18 de dezembro, que duraria até o final de março de 1878. O ano tinha começado justamente em Roma, onde Dom Bosco chegava no dia 2 com o secretário, padre Berto, e padre Giuseppe Scappini, destinado a assumir a tarefa de diretor espiritual dos irmãos concepcionistas, que prestavam assistência na seção masculina do Hospital Santo Espírito. Dom Bosco deveria receber pessoalmente do papa, em termo precisos, o encargo, já praticamente aceito em novembro, de visitador da Congregação dos Religiosos Leigos da Imaculada Conceição, ou concepcionistas. A investidura seria oficializada com breve de 6 de fevereiro.

De 5 a 8 de fevereiro estava presente em Valdocco para as últimas Conferências de São Francisco de Sales. No decurso de uma delas, em 6 de fevereiro, como já se falou, comunicava a decisão de “imprimir um jornal da Congregação”, que se tornaria realidade no verão com o *Bibliófilo Católico ou Boletim Salesiano mensal*.²

¹ Os “aspirantes” tinham aparecido pela primeira vez no elenco de 1875.

² G. BARBERIS, Cronaca, quad. 11, p. 38-39.

Em 21 de fevereiro partia para a longa viagem que, da Ligúria, o levaria a Nice e Marselha, depois de novo a Nice para a inauguração, em 12 de março, da nova sede da casa-mãe das obras francesas. Aí fizera um importante discurso no estilo dos *sermons de charité*. Partia no dia seguinte, fazendo paradas nas casas da Ligúria, e chegava em Turim entre 26 e 28 de março. Empregava os dias sucessivos para completar a redação do discurso de Nice e para compor as páginas do *Sistema preventivo* e os dez *Artigos gerais* de introdução ao *Regulamento para as casas*. Tornaram-se opúsculos impressos entre agosto e outubro.

No mês de abril, Dom Bosco, que falava tanto da necessidade de um noviciado para a reforma dos irmãos concepcionistas, expressava ao padre Barberis a necessidade e a possibilidade de “abrir justamente uma casa para os clérigos noviços, para que estejam separados de todos os demais”: para tanto, tinha como hipótese o santuário da Mellea em Farigliano (Cuneo).³

Os meses de abril e maio, passado em Valdocco, consentiam a Dom Bosco trabalhar o documento preparatório para o Primeiro Capítulo Geral, do qual tinha falado ao padre Barberis pela primeira vez no sábado, 21 de abril. “Várias noites depois”, dizia-lhe que estava redigindo ele mesmo “o esquema das coisas a serem tratadas”.⁴ Mas, já em carta de 31 de março, Dom Bosco tinha pedido ao padre Cagliero: “Será possível que possas participar do Capítulo Geral, que deverá começar no início do próximo setembro? Trataremos e resolveremos assuntos muito importantes; por isso veja, observa e diz-me, *si fieri potest*”.⁵ O “esquema das coisas a serem tratadas” logo dava lugar a um fascículo impresso. Preparava ainda a segunda edição aumentada desse fascículo, que não teve continuidade, talvez pela falta de tempo para a impressão.

Também entre a primavera e o verão Dom Bosco redigia a segunda edição aumentada da introdução *Aos sócios salesianos*, premissa da reimpressão das *Constituições*. Esta estava certamente completa na primeira metade de setembro, o que se deduz do fato de que o chefe da tipografia, Andrea Pelazza, no final do mês, obviamente com a composição do texto já efetuada, perguntava a Dom Bosco sobre o número de exemplares. Este respondia: “Creio que bastarão mil cópias de nossas Regras”.⁶

Não era indiferente também o dispêndio de energias para a preparação da terceira expedição para a América com a participação, pela primeira vez, das Filhas de Maria Auxiliadora, e para a definitiva estruturação da *Associação dos Cooperadores Salesianos*.

Não obstante esses empenhos, desde 1º de junho Dom Bosco estava intensamente envolvido com a delegação argentina, guiada pelo arcebispo Aneiros, que chegara a Roma para homenagear Pio IX em seu jubileu episcopal. Ele a recebia em

³ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 12, p. VII-VIII e 2-3.

⁴ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 12, fol. 5r-6r.

⁵ Carta de 31 de março de 1877; E III 162.

⁶ Carta de Lanzo, 28 de setembro de 1877; E III 219.

Sampierdarena, estava com eles em Roma, os acompanhava a Loreto em 23 de junho e chegava com a delegação em Valdocco no dia 26, onde foi recebida triunfalmente e hosanada durante a suntuosa tríplice festa do dia 29 de junho – são Pedro, o arcebispo e o onomástico de Dom Bosco – com os fantasiosos hinos do padre Lemoyne. Nos dias sucessivos acompanhava padre Cecarelli nos colégios, de Borgo San Martino a Alassio, onde reencontrava o arcebispo Aneiros, estando a seu lado na visita a Nice e no embarque em Marselha, em 17 de julho.

Dom Bosco devia estar verdadeiramente cansado. No final de julho padre Barberis registrava que o superior, há algum tempo, não estava bem.⁷ No mais, o próprio Dom Bosco, de Marselha confidenciava ao padre Rua: “Estou cansado a *non plus ultra*“.⁸ Vários dias depois escrevia de Alassio: “Estou em Alassio e um pouco quebrado” [em pedaços, sentindo mal], “provavelmente na manhã do dia 25 viajarei para Turim“. E no pós-escrito: “dom Alimonda é bispo de Albenga. Ótima escolha para nós“.⁹ Apesar disso, nesses mesmos dias se deixava envolver nos primeiros movimentos para a ida dos salesianos a La Spezia, depois de ter conquistado, em abril, uma fábrica de papel em Mathi Turinense.¹⁰ No segundo semestre sentia-se sobrecarregado não somente por fadigas físicas, mas também por angústias pelos novos desentendimentos com o arcebispo Gastaldi por causa de decisões errôneas de outros.

Nos meses de julho e agosto Dom Bosco cuidava da impressão do opúsculo sobre a *Inauguração* do Patronato São Pedro, de Nice. Depois, de 5 de setembro a 5 de outubro estabelecia residência no Colégio de Lanzo com os membros do Primeiro Capítulo Geral. Em uma parada ocupava parte do domingo, 30 de setembro, para escrever uma série de cartas a personagens envolvidas ou que deveriam ser envolvidas na empresa americana.¹¹

Terminado o Capítulo Geral e, no mesmo tempo, tendo interrompido o encargo de visitador dos irmãos concepcionistas, presidia as reuniões dos membros do Capítulo Superior, dedicadas à releitura das atas do Capítulo Geral para o término do texto dos *Atos*, a serem enviados, eventualmente, para Roma. As reuniões eram suspensas após o dia 18 de outubro, “devendo [Dom Bosco] ausentar-se de Turim por cerca de uma semana“:¹² ia pedir na região de Saluzzo-Cuneo. Eram retomadas no dia 29, depois em novembro, até a última, em 6 de dezembro. “Dom Bosco – registrava o cronista – tem necessidade de partir o quanto antes para Roma“.¹³

Entre setembro e outubro tinha sido composto e impresso na tipografia o *Regulamento dos externos* e o *para as casas*. Na terceira sessão do Primeiro Capítulo Geral, em

⁷ G.BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 12. p. 28.

⁸ Carta dos dias 10 a 15 de julho de 1877; E III 198.

⁹ Ao padre Rua; E III 201.

¹⁰ Cf. cap. 27, § 11 e 12.

¹¹ Cf. E III 220-226.

¹² *Conferenze del Capitolo Superiore a compimento delle cose trattate nel Capitolo Generale*, Verbali di don Barberis III 63-77.

¹³ *Conferenze del Capitolo Superiore*, Verbali di don Barberis III 70-101.

7 de setembro pela manhã, falava-se de “regras dos colégios” que ainda deviam ser impressas, e Dom Bosco afirmava: “agora existe um regulamento, quase precisado”.¹⁴ Mas na décima quinta sessão, de 14 de setembro, referindo-se ao regulamento do teatro, diz-se: “No regulamento da casa (o qual já está composto e cujos esboços já temos em mãos para ver as observações oportunas) já existe um capítulo que diz respeito ao teatro”.¹⁵ Em 4 e 15 de novembro era feita sua leitura pública solene no Oratório de Valdocco.¹⁶

Outubro foi ocupado por Dom Bosco também para retomar relações em alto nível: com o cardeal Ferrieri, em resposta às acusações de dom Gastaldi;¹⁷ com os ministérios italiano e francês do Exterior, em favor dos missionários salesianos;¹⁸ e com o cardeal Franchi, prefeito da Congregação de Propaganda Fide.¹⁹

Em novembro acompanhava a terceira expedição missionária, já em preparação há meses. Ao mesmo tempo, continuavam as preocupações pelas difíceis relações com o arcebispo, ao qual Dom Bosco escrevia uma importante carta sobre várias questões pendentes,²⁰ cujo resultado foi desastroso: duas respostas que o levaram a sofrer suspensão *latae sententiae*.²¹ Em 29 de novembro, em carta ao cardeal Bilio, punha fim, reafirmando o ponto de vista pessoal, à própria missão em favor dos irmãos concepcionistas. Em 18 de dezembro partia para Roma, onde permaneceria por mais de três meses. O ano terminava com o relatório sobre as missões, enviado ao cardeal Alessandro Franchi.²²

2. Plano unilateral para os irmãos concepcionistas (novembro 1876 – novembro 1878)

Entre dois outonos – 1876 e 1877 – Dom Bosco era solicitado por Pio IX a se interessar pela congregação religiosa laical dos “Irmãos Hospitalares da Imaculada Conceição” ou “Filhos da Imaculada Conceição” (concepcionistas ou *conzettini*).²³

¹⁴ Verbali I 32 e 34.

¹⁵ Verbali II 191.

¹⁶ J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell’Ottocento*, p. 60.

¹⁷ Carta de 12 de outubro de 1877; E III 227-229.

¹⁸ Carta de outubro; E III 229-230.

¹⁹ Carta de outubro; E III 230-233.

²⁰ Carta de 21 de novembro de 1877; E III 242.

²¹ Cf. cap. 26, § 3.

²² Carta de Roma do dia 31 de dezembro de 1877; E III 242.

²³ A reconstrução do acontecimento mais bem documentada e de maior autoridade é oferecida pelo amplo estudo de E. PERNIOLA, dos concepcionistas, *Luigi Monti fondatore dei Figli dell’Immacolata Concezione*. 2 vol. Saronno, Madre Monti, 1883. Cf. em particular vol. I, p. 513-572 (“I Concezionisti e Don Bosco”).

Fundada em 8 de setembro de 1857, a congregação tinha obtido o “*decretum laudis*” em 4 de outubro de 1862, o reconhecimento pontifício em 10 de maio de 1865 e, em 5 de junho de 1875, a aprovação das Constituições *ad quinquennium*. A congregação era acompanhada com particular benevolência por Pio IX, preocupado por tantas dificuldades que obstaculavam o acesso à existência religiosa e organizativa autônoma e decidido a fornecer meios materiais e espirituais para a superação dessas dificuldades. O papa desejava, justamente, que Dom Bosco, por seu expresso mandato, aí levasse a própria contribuição de especialista em fundações religiosas. Queria, contudo, que sua tarefa fosse desenvolvida em acordo e colaboração com dom Luigi Fiorani, protetor do instituto e comendador do Hospital Santo Espírito, onde os concepcionistas tinham a máxima concentração de membros, empenhados na assistência dos enfermos do sexo masculino. Até novembro de 1876 os concepcionistas dependiam dos capuchinhos, de cuja ordem eram considerados terciários. De 1875 a 1876 tinham tido como superior geral irmão Gregorio Coriddi, com certo distanciamento do fundador, irmão Luigi Monti, preferido pela maioria. Mas segundo a persuasão dos capuchinhos e de outros – entre os quais dom Fiorani – de que o instituto não era capaz de auto-governo, tanto com rescrito de Pio IX, de 30 de abril de 1875, como com “Declaratória” da Congregação dos Bispos e Regulares de 4 de agosto de 1875, tinha sido decidido que o ministro geral da Ordem dos Capuchinhos seria o “diretor do irmão superior do Instituto”. Irmão Coriddi foi sucedido pelo irmão Giuseppe Maria Petrolli, mas, com decreto da Congregação dos Bispos e Regulares de 31 de janeiro de 1876, tal norma era considerada válida somente por três anos, sem contudo aplacar as inquietudes dos membros do Instituto. Em 10 de novembro de 1876 os irmãos apresentaram apelo ao papa para que fosse ativado, o quanto antes, o estado disposto por ele mesmo, quando em 30 de abril de 1875 tinha aprovado as novas Constituições *ad quinquennium*, promulgadas em 5 de junho com decreto da Congregação dos Bispos e Regulares. Elas estabeleciam que o Instituto tivesse superior próprio, igual às outras congregações religiosas laicais.²⁴

A este ponto o pensamento do papa tinha ido a Dom Bosco. Este, porém, bem depressa compartilhava com os precedentes superiores “externos” e com o próprio dom Fiorani, a persuasão sobre a incapacidade dos irmãos concepcionistas ao auto-governo e do irmão Monti para ser superior geral. O desejo do papa era comunicado a Dom Bosco pelo cardeal barnabita Luigi Bilio, já em relação com ele pela fundação de Magliano Sabina, sua diocese suburbicária, na carta de 29 de outubro de 1876. Para fazê-la chegar ao destinatário servia-se do beato Francesco Faà di Bruno, retornado de Roma em 30 de outubro, após a ordenação sacerdotal em 22 de outubro.²⁵ A tarefa era formulada então em termos gerais: “Este Instituto (...) foi dirigido pelos capuchinhos. No momento, estes não parecem muito adaptados para tal direção, e o Instituto tem necessidade de

²⁴ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 479-509.

²⁵ Cf. M. CECCHETTO, “Vocazione e ordinazione sacerdotale di Francesco Faà di Bruno”, in: *Francesco Faà di Bruno (1825-1888): miscellanea*, p. 136-172.

melhor sistematização. Por isso o santo padre pensou que a pessoa adequada seja justamente Dom Bosco²⁶. Na tarde de 7 de novembro Dom Bosco partia para Roma com os salesianos destinados à América, a Ariccia e a Albano. No dia 9 foram recebidos em audiência de grupo. No dia seguinte, ao invés, Dom Bosco teve audiência privada, decisiva para o encargo junto aos concepcionistas. Não se sabe exatamente o que tenha sido concordado, mas provavelmente se tratou de questões mais gerais para a entrega, de uma parte, e de linhas de ação mais definidas, de outra. O que parece advir da continuidade dos fatos e da troca epistolar entre Roma e Turim na última fase do tortuoso acontecimento. Deve-se presumir que o papa não tenha entrado nos aspectos técnico-jurídicos do problema, ao passo que Dom Bosco saía da audiência com uma idéia muito simples: a agregação ou afiliação dos irmãos concepcionistas à Sociedade Salesiana.

O desígnio o conduziria em sua missão, mesmo quando, e muito depressa, seria colocado em discussão sua radicalidade. De outro lado, em ano tão sobrecarregado de empenhos, não parece que ele tenha encontrado tempo e modos para dar precisa configuração organizativa e jurídica ao próprio projeto, muito menos para acompanhar os sinuosos desenvolvimentos das situações, das interpretações e das sensibilidades no mundo romano e no interior do próprio Instituto dos Irmãos Concepcionistas. Em compensação, eram muito claras as linhas do projeto que bem depressa comunicava aos membros do Capítulo Superior, registradas fielmente pelo cronista e verbalista padre Giulio Barberis. Para a reorganização estatutária do Instituto é provável que ele pretendesse se inspirar em fórmula análoga a que regulava as relações entre a Sociedade de São Francisco de Sales e o Instituto das FMA, há pouco reconhecido pelo ordinário de Acqui. Com isso ele estava instaurando vínculos jurídicos e espirituais precisos, associados a uma relativa autonomia funcional que, após a *Exposição* sobre o estado da Sociedade Salesiana de 1879, a Congregação dos Bispos e Religiosos não teria considerado totalmente convincente.²⁷ Todavia, com um instituto feminino ele podia pensar numa separação mais acentuada, enquanto com os irmãos concepcionistas podia aparecer-lhe possível uma ligação mais estreita.²⁸

Os esforços, em todo caso, desejava-se vê-los direcionados para a consolidação de um instituto religioso ordenado e vigoroso. Para o momento, contudo, parecia mais visível o aspecto da proteção invasiva e da integração. Tal conceito é colocado às claras por algumas de suas cartas desses dias. Escrevia ao padre Rua: “Hoje devo visitar a casa [destinada aos irmãos concepcionistas em Piazza Mastai, no Trastevere] que o Santo Padre pretende colocar à nossa disposição”.²⁹ Também ao padre Cagliero, com anteci-

²⁶ Carta do cardeal Bilio de 29 de outubro de 1876, *Documenti* XVII 527, FdB 1042 E6, MB XII 692-693. Dom Bosco acenava a isso no Capítulo Superior, no domingo, 5 de novembro; cf. G. BARBERIS, *Capitoli superiori ossia verbali*, p. 16.

²⁷ Cf. cap. 29, § 3.

²⁸ Sobre o que está dito nas Constituições do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora em 1876 quanto ao *Sistema geral do Instituto* e do *Regime interno do Instituto*, cf. cap. 20, § 5.

²⁹ Carta de Roma, 11 de novembro de 1876; E III 111.

pação pelo menos de datas: “O santo padre quer que vamos a Roma para alguma de suas ações e nos faz agir, onde está quase terminada uma casa onde poderemos começar [era a casa de Piazza Mastai]. Os missionários te darão os detalhes”.³⁰ Ainda ao padre Cagliero, mais adiante: “O santo padre, com decreto particular, colocou toda a armada dos irmãos concepcionistas sob nossa autoridade, para fazer outros tantos salesianos. É empresa nova na Igreja. Veremos como a coisa sairá”.³¹ No *Elenco salesiano* de 1877 inseria-se a “*Casa dos irmãos concepcionistas em Roma*: diretor espiritual dos RR. irmãos concepcionistas sacerdote Gius. Scappini, noviço coadjutor Piedro Rossi”.³² De outro lado, escrevendo ao padre Lemoyne para lhe pedir a disponibilidade do padre Scappini, parecia ainda incerto sobre “o que fazer”: “O santo padre nos dirá o que fazer, e com o auxílio de Deus haveremos de fazê-lo. Trata-se sempre do problema dos irmãos concepcionistas”.³³

A continuação dos acontecimentos faria explodir incertezas e ambigüidades de vários lados. As informações sobre o Instituto fornecidas a Dom Bosco por dom Fiorani foram integradas com a leitura das Constituições. Em base a elas, após a audiência do santo padre, de 10 de novembro de 1876, ele tinha concordado pessoalmente com dom Fiorani a respeito de algumas faculdades que devia pedir ao santo padre como base de ação dirigida a dar ao Instituto dos Irmãos Hospitaleiros “um novo impulso no seu espírito e nas suas obras de caridade”. Ela tinha sido querida pelo santo padre, que se “dignara querer confiá-lo à direção dos sacerdotes da Congregação Salesiana de Turim, e a esta agregado”. São as palavras usadas por dom Fiorani no início da *Relação*, com a qual, em 14 de novembro, apresentava ao papa para aprovação, colocando junto as faculdades pedidas por Dom Bosco. Eram as seguintes: “1) De modificar e reduzir as atuais Constituições dos Irmãos Hospitaleiros segundo o espírito das Constituições da Congregação Salesiana, salvo sempre a finalidade a qual era dirigida o Instituto dos irmãos concepcionistas. 2) Estabelecer a vida comum, como está prescrito no art. 1º do cap. V. 3) Fixar um noviciado regular (...). 4) Poder estabelecer a vida dos irmãos, de modo que entre suas ocupações de caridade em favor dos enfermos possam inalteravelmente cumprir as práticas de piedade, segundo o cap. III das Constituições. 5) Servir-se das mesmas faculdades estando sempre em entendimento com uma pessoa da confiança de Vossa Santidade, e que pede seja a este efeito nomeada”. Dom Fiorani pleiteava a aceitação, que o papa dava imediatamente com *Rescrito*. Ele esclarecia que Dom Bosco devia fazer uso das faculdades “com entendimento” do “comendador do Santo Espírito, como protetor do Instituto”.³⁴ Em 16 de novembro, dom Fiorani transmitia a *Relação*

³⁰ Carta de Sanpierrez, 14 de novembro de 1876; E III 112.

³¹ Carta de 30 de novembro de 1876; E III 121.

³² *Società di S. Francesco di Sales. Anno 1877*. Turim, Tipografia Salesiana, 1877, p. 19.

³³ Carta de 18 de dezembro de 1876; E III 128.

³⁴ *Documenti XVII* 571-572, FdB 1043 D2-3; MB XII 496-497; E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 516-517.

e o *Rescrito* ao cardeal Ferrieri, pro-prefeito da Congregação dos Bispos e Religiosos, “informando-o que o papa, de *motu proprio*, tinha determinado *mudar substancialmente* o Instituto, agregando-o à Sociedade Salesiana de Turim”. No rodapé do documento recebido, alguém da Congregação anotava: “O Instituto dos Irmãos Hospitaleiros de Maria Santíssima Imaculada, conhecidos como concettini, por vontade do santo padre Pio IX, é agregado à Congregação Salesiana de Turim, da qual é superior geral o sacerdote Giovanni Bosco”.³⁵ Permanecia vinculante, de qualquer forma, a cláusula conexa com a primeira faculdade concedida: “salvo sempre o escopo e o fim ao qual se destina o Instituto dos irmãos concepcionistas”. Além disso não estava claro se a entrega à direção da Sociedade Salesiana e a agregação a ela podiam ser entendidas como pensamento do papa, ou de qualquer modo interpretados como medida provisória destinada a revitalizar o Instituto no espírito e nas obras, até torná-lo capaz de autonomia e de auto-governo. Os acontecimentos sucessivos girariam em torno dessas alternativas.

A interpretação de Dom Bosco poderia suscitar maiores perplexidades, quando posteriormente era esclarecida na carta ao papa de 18 de novembro e, ainda mais, no documento anexado. Ele declarava ter encontrado as Regras dos irmãos concepcionistas “muito afinadas com as” dos salesianos e manifestava o parecer de que, “com poucas modificações”, seria possível “unir umas com as outras”. Talvez não teria sido fácil “conduzir os irmãos concepcionistas à prática do voto de pobreza e à vida comum”, mas era lícito esperar que, com a paciência, se atingiria tal escopo. Era capital, de qualquer forma, a solução do problema do noviciado, uma vez que – considerava – “aqueles religiosos, embora de grande boa vontade, sem um noviciado que exercite os alunos sobre as Constituições e sobre o modo prático de observá-las, irão executar uma tarefa que ignoram ou que aprenderam somente de forma imperfeita”. Pedia, enfim, por própria norma, que dom Fiorani lhe desse “informação sobre o número dos irmãos concepcionistas, das casas onde prestavam serviço, e também que diga respeito a seu estado moral e material”.³⁶ No relatório anexo, ele englobava a *Relação* concordada em Roma com dom Fiorani e o integrava com oito artigos a ser colocados em “apêndice às Constituições dos Irmãos Hospedaleiros”, precedidos por cinco orientações operativas. Nesses artigos se expunham as linhas de seu plano de ação, baseado sobre uma configuração bem precisa das relações entre irmãos concepcionistas e salesianos: “1) O Instituto é *perpetuamente* afiliado à Sociedade de São Francisco de Sales”; “2) a direção espiritual dos irmãos concepcionistas, tanto professos como noviços, é *perpetuamente* confiada aos sacerdotes da dita Congregação”; “3) o cargo de superior geral dos irmãos concepcionistas será ocupado pelo reitor-mor da Congregação Salesiana, o qual poderá também nomear seu representante entre os salesianos residentes em Roma”; “4) o superior da Congregação Salesiana proverá tudo o que for necessário aos irmãos concepcionistas, quer no estado de saúde quer nos casos de doença”; “5) todos

³⁵ E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 518.

³⁶ Carta a Pio IX, 18 de novembro de 1876; E III 116-117.

os irmãos concepcionistas são considerados, como o são de fato, verdadeiros cooperadores salesianos”; “6) em toda casa “a parte material e disciplinar será sempre confiada a um irmão concepcionista”; “7) na casa de noviciado será também escolhido um irmão concepcionista que fará a assistência dos noviços”; “8) a distribuição dos encargos, a aceitação à primeira prova, a admissão ao noviciado e à profissão religiosa é tarefa do superior da Congregação Salesiana, mas sempre com o parecer do diretor e do prefeito ou então do ecônomo concepcionista da casa onde mora o postulante”. De tudo isso solicitava o sancionamento do santo padre, enquanto no meio tempo se empenharia para “uniformizar as Constituições dos irmãos concepcionistas com as dos salesianos”. Apresentaria o trabalho à Santa Sé, prometendo realizar essa “conformação dos dois institutos” “de pleno acordo e com o consentimento de S. E. dom Fiorani”.³⁷

Este, porém, não tinha sido previamente informado por Dom Bosco sobre os oito artigos acrescentados ao projeto concordado. De qualquer modo, secundando o desejo manifestado por Dom Bosco, e não podendo lhe enviar o superior dos irmãos concepcionistas, que não estava bem de saúde, em 23 de novembro lhe avisava da chegada, em Turim, do ex-superior geral, irmão Gregorio Coriddi.³⁸ Era então a única forma de envolvimento dos irmãos concepcionistas na operação em favor deles ou a seu encargo: um enviado do protetor para informar e ser informado. Irmão Gregorio chegava em Turim na tarde de 26 de novembro, permanecendo hóspede do Oratório até 10 de dezembro. Trazia consigo uma longa carta de apresentação de dom Fiorani contendo breve relação sobre o estado do Instituto dos Irmãos Hospitaleiros.³⁹ No *Diário* do padre Chiala e do padre Lazzero, reflexo, também nesse caso, do que se pensava em Valdocco a respeito da missão confiada a Dom Bosco, estava registrado: “27 [de novembro]. Veio de Roma o procurador dos concettini (hospitaleiros) para conversar com Dom Bosco sobre a tomada de direção de seu Instituto por parte dos salesianos. O Santo Padre Pio IX é quem desejaria tal”. “11 [dezembro] Partiu do Oratório irmão Gregorio, procurador dos concettini”.⁴⁰ Na tarde de 27 de novembro irmão Gregorio se encontrava em audiência com Dom Bosco quando os membros do Capítulo Superior estavam para iniciar a sua reunião. Na presença deles Dom Bosco dirigia ao concepcionista palavras decididamente tranqüilizadoras: “O ponto que mais deve ser observado por seus irmãos é que estejam todos persuadidos de que nós faremos tudo o que pudermos para seu bem e o faremos de muito boa vontade. Que não se quer aniquilar o seu Instituto, mas de deixá-lo, aperfeiçoá-lo e fazê-lo crescer. Tem mais: seja o que for que o santo padre decida a esse respeito, estejam também persuadidos de que nós não temos outra coisa em vista senão secundar suas intenções. Não se trata, pois, que queiramos acrescentar coisas novas, mas de estabelecer o Instituto da forma que seja assegurada sua conser-

³⁷ *Documenti* XVII 572-573, 573-576, FdB 1043 D3-4, D4-7; MB XII 499-500.

³⁸ *Documenti* XVII 586, FdB 1043 D7.

³⁹ *Documenti* XVII 578-579, FdB 1043 D9-10.

⁴⁰ J. M. PRELEZZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 50 e 52.

vação e aperfeiçoamento”. Irmão Gregorio se retirava, mas ficaria profundamente perturbado se tivesse podido escutar a exposição sumária do plano que Dom Bosco revelava aos membros do capítulo. “A memória que enviei a Sua Santidade – declarava – era como um desenvolvimento deste princípio. Os irmãos concepcionistas aceitem as nossas regras e as observem integralmente: o superior geral dos salesianos seja também seu superior. Para eles se fará um apêndice com nosso regulamento no qual se dêem as regras da boa direção dos hospitais”. Tudo isso deve ter sido por aquela tarde, uma vez que não seria possível chegar “a nenhuma conclusão”.⁴¹

O projeto de Dom Bosco tornava-se ainda mais radical, pois na carta de 30 de novembro ao padre Cagliero, já citada, sugeria-se o termo “fusão”, devendo-se entender, talvez, como incorporação das suas obras entre as salesianas, salva a identidade do Instituto Religioso enquanto tal: “8) neste momento tenho comigo o superior geral dos irmãos concepcionistas, que o papa enviou até mim para tratar da árdua empresa da fusão. Veremos”.⁴² A idéia devia ser difundida também em Valdocco: padre Barberis, referindo-se a uma pequena sessão litero-musical feita pelos noviços em 10 de dezembro, após a bênção da estátua de Nossa Senhora colocada na sala de aula e estudo, fixava na *Crônica*: “Será bom que se note a presença do irmão concepcionista que está entre nós há vários dias. Ele foi enviado pelos irmãos para tratar da unificação de sua ordem com a nossa. Ele irá embora depois de amanhã”.⁴³

O plano derivava de insuficiente conhecimento da história e do estado disciplinar, moral e religioso do Instituto, tanto no passado como atual, e sobretudo do doloroso desenvolvimento sofrido, em parte por causa de superiores estranhos à obra, sejam protetores ou garantes.⁴⁴ No entanto, as informações e os colóquios com o irmão Gregorio produziram algum fruto, pois Dom Bosco submetia à revisão, ainda que leve, os oito artigos acrescentados. Os dois primeiros ficavam sem alteração. Seguiam-se nove artigos precedidos por esta indicação: “Além destas disposições perpétuas, observar-se-á por agora, e até novas disposições da Santa Sé, o quanto segue”. A essa era, portanto, condicionado o artigo que dizia respeito ao superior geral e seu representante; não se falava mais de “cooperadores salesianos”; especificava-se a função exclusivamente espiritual da presença dos sacerdotes salesianos no Hospital Santo Espírito e no noviciado; estabeleciam-se encargos confiados aos irmãos concepcionistas na casa-mãe, em particular o de superior da casa em Roma, em Orte, em Cività Castellana e no noviciado. Contudo, se dizia: “todos estes irmãos concepcionistas oficiais têm voto consultivo, por meio do qual são chamados a dar o próprio parecer”. Não se fazia menção de um superior central concepcionista.⁴⁵ Dom Fiorani, em 4 de dezembro, acusava o

⁴¹ G. BARBERIS, *Capitoli superiori ossia verbali*, 27 nov. 1876, quad. 1, fol. 21r-22r, FdB mcr 1876 a 2-6; *Documenti XVII* 582-584, FdB 1043 E1-3.

⁴² E III 121.

⁴³ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 10, p. 35.

⁴⁴ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 522-524.

⁴⁵ O texto encontra-se em MB XII 505-506. Cf. também E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 527, 529.

recebimento da carta de Dom Bosco “junto com o relatório contendo novas bases do Instituto dos Irmãos Hospitaleiros e as razões” que as tinham motivadas. Referiria tudo ao papa na terça-feira, 12 de dezembro.⁴⁶

A interpretação que foi dada da *Relação* e do *Rescrito* de 14 de novembro, com os artigos acrescentados, não encontrava Pio IX totalmente convencido com as “novas posições” de Dom Bosco. Dom Fiorani escrevia para Turim, em 14 de dezembro, em termos controlados e respeitosos. O papa estava satisfeito com os “cuidados” de Dom Bosco, “também pelo fato de mandar suas novas posições à sua Suprema Vontade”. Apreciava as razões do acréscimo “dos novos artigos”; porém, gostaria “que em alguma parte fossem um pouco modificados, porque, como se encontram, não correspondiam perfeitamente às suas intenções”. Tinha “explicado” a dom Fiorani “sua intenção, e como existia algum assunto de discussão”, desejava fazer uma “troca de comunicações das idéias a propósito disso”. Convidava-o, pois, a Roma, onde, “em alguns dias – escrevia –, uniremos nossos modos de ver e nos entenderemos sobre tudo”.⁴⁷ Aos membros do Capítulo Superior Dom Bosco dava informação extremamente sucinta a respeito disso em 17 de dezembro, evidenciando alguma preocupação. Em substância, dom Fiorani lhe tinha escrito: “Estive com Sua Santidade e me disse que está muito contente dos projetos de V.S. a respeito dos irmãos concepcionistas. Todavia, em algum ponto, tinha as próprias idéias”, expostas ao bispo e das quais precisava tratar pessoalmente. Por isso o papa, “para concluir tudo”, convidava-o a Roma, com “um padre para começar logo a direção do Hospital Santo Espírito”. “Eu já pensei muito, refleti, rezei”, prosseguia Dom Bosco, “e agora trata-se de executar (...). Não se trata de ir lá e propor, mas executar o que vai ser sugerido (...). Não se trata mais de discutir ou de sugerir, mas de escutar e depois agir”.⁴⁸ No mesmo dia, 17 de dezembro, irmão Gregório, desconsolado, tinha escrito de Roma ao irmão Monti, diretor da Casa de Orte: “Creio que em breve virá a Roma Dom Bosco para tratar de nossos assuntos com dom Fiorani e depois com o santo padre. Os irmãos concepcionistas não entram por nada. Devem somente esperar a sorte que lhes tocará. Basta... Confiança em Maria. Não nos cansemos de rezar. Ao contrário, seja nossa prece a Maria perseverante, importuna. *Tota ratio spei meae*”.⁴⁹ Tinha razão. Na carta a Dom Bosco, de 4 de dezembro, quando irmão Gregório ainda estava em Turim, dom Fiorani tinha escrito: “Sobre irmão Gregório, este não deve esperar o cumprimento da obra em questão, como nem mesmo é chamado a ser interlocutor da mesma e a discuti-la”.⁵⁰

Em Roma, porém, não somente o papa, dom Fiorani e agora também Dom Bosco se interessavam pelos irmãos concepcionistas: existiam também os convictos susten-

⁴⁶ *Documenti* XVII 590, FdB 1043 E9.

⁴⁷ *Documenti* XVII 595-596, FdB 1044 A2-3.

⁴⁸ G. BARBERIS, *Capitoli superiori ossia Verballi*, 17 de dezembro de 1876, quad. 1, fol. 27r-v, FdB 1876 B 5-6, 7.

⁴⁹ Citado por E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 528.

⁵⁰ *Documenti* XVII 590, FdB 1043 E9.

tadores do Instituto. Um dos grandes sustentáculos, além do próprio Pio IX, perplexo acerca do último projeto executivo de Dom Bosco, era e continuaria a ser cardeal Innocenzo Ferrieri (1810-1877), desde julho de 1876 pró-prefeito, a partir de julho de 1877 prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, do final de novembro de 1878 presidente do Instituto dos Irmãos Hospitaleiros e desde 1884 até à morte cardeal protetor. Não eram frágeis os consensos entre eclesiásticos que, em contato com os irmãos em Roma, em Orte (ali, irmão Monti tinha o apoio convicto do bispo e do vigário geral) e em Civittà Castellana, apreciavam o precioso e generoso serviço. O próprio dom Fiorani, provavelmente preocupado do surgimento de inquietudes entre os concepcionistas devido ao irmão Gregorio, decidira-se a informá-los sobre o que estava acontecendo. O superior geral do Instituto, irmão Giuseppe Petrolli e seu Conselho, em 29 de dezembro, em nome dos irmãos concepcionistas, agradeciam ao papa pelo que estava dispondo para eles, prometiam acolher “com sumo respeito” as soluções que seriam adotadas, mas ao mesmo tempo lhe pediam “unanimemente” que sua Pia Instituição pudesse “conservar-se íntegra com o único caridoso objetivo de assistir os pobres enfermos nos hospitais”. Por fim, nutriam “firme confiança” de que “sua instituição” conservaria “sempre plenamente a autonomia”.⁵¹

No entanto, sem perder tempo, Dom Bosco tinha preparado a frágil defesa salesiana em Roma. Em 8 de dezembro tinha escrito ao padre Lemoyne, pedindo a disponibilidade do padre Giuseppe Scappini, transferindo-se de Lanzo para a capital: “o mais tardar – precisava – em 1º de janeiro *pegaremos* a ferrovia em direção a Roma”.⁵² O *Diario* de Chiala e Lazzerio registra em 1º de janeiro: “Dom Bosco parte para Roma acompanhado pelo padre Berto e pelo padre Scappini. Este último vai a Roma para tomar a direção dos irmãos concepcionistas”.⁵³ Aí chegavam no dia 2. Da capital Dom Bosco escrevia ao padre Rua: “padre Scappini e padre Berto dormem no Santo Espírito; estou com o senhor Sigismondí e trabalho para sistematizar a difícil posição dos irmãos concepcionistas com os salesianos”.⁵⁴

O escrupuloso secretário anotaria com a costumeira brevidade, mas desta vez de forma mais pontual e preciosa, os deslocamentos do superior e a freqüente presença entre os irmãos concepcionistas do Hospital Santo Espírito.⁵⁵ Muitos são os personagens com quem se encontra: cardeal vigário Monaco La Valletta e o gerente dom Lenti; os cardeais Sacconi, Oreglia, Berardi, Morichini, Bilio e Consolini; os bispos Simeoni, Vannutelli, este substituto da Secretaria de Estado, Jacobini e Kirby; e o novo deputado

⁵¹ Carta a Pio IX, 29 de dezembro de 1876, citada por E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 530-531.

⁵² Carta de 18 de dezembro de 1876; E III 127-128.

⁵³ J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell’Ottocento*, p. 50, 52, 53.

⁵⁴ Carta de janeiro de 1877; E III 139.

⁵⁵ Cf. G. BERTO, *Appunti pel viaggio di Don Bosco a Roma 1877*, 49 p. (pequena agenda de bolso).

do Hospital Espírito Santo, príncipe Paolo Borghese. Não se encontra entre eles aquele que podia estar particularmente interessado no negócio em curso, cardeal Ferrieri. A grande parte das escassas informações sobre os conteúdos das audiências, naturalmente, não podiam senão provir de Dom Bosco.⁵⁶ Em 3 de janeiro houve o primeiro encontro com dom Fiorani, o qual, no dia seguinte, enviava a Dom Bosco “as bases concordadas”, para que refletisse sobre elas, marcando depois um encontro com ele em sua casa, na tarde de domingo, 7 de janeiro.⁵⁷ Como resulta de um relatório de 14 de janeiro, após o encontro com Fiorani no dia precedente, Dom Bosco, refazendo-se ao “pensamento do santo padre” – Dom Bosco pensou que o encontraria favorável nas duas audiências de 9 e 11 de janeiro –, em substância não arredava pé do “primeiro projeto”, que considerava necessário para o Instituto.⁵⁸ Concluía com a oferta forçada de colaboração momentaneamente limitada, mas preciosa, que seria aceita de bom grado: “Ora existe tal disparidade e contrariedade de vontades que a mim não resta outra coisa a fazer senão a humilde oferta do serviço puramente religioso, uma vez que tal oferta encontre o soberano consenso”.⁵⁹ Em 20 de janeiro dom Fiorani relatava isso ao papa, o qual recebia Dom Bosco no dia seguinte, exprimindo o desejo que ele mantivesse o encargo que lhe fora confiado, mas em uma configuração mais precisa e limitada com relação ao que tinha pensado nas origens. Em reunião no Santo Espírito com dom Fiorani, com os irmãos concepcionistas e com um alto representante do Hospital – registrava o cronista –, o próprio Dom Bosco “expôs as disposições do santo padre, isso é, que dom Fiorani cuidaria da parte material e Dom Bosco da espiritual”.⁶⁰ Da casa dos Sigismundi, onde estava hospedado, durante o almoço do dia 24, dava a própria interpretação do que considerava uma mudança, que esperava fosse provisória, do projeto original do papa: “O clero romano enviou uma deputação ao santo padre para protestar contra o fato de ter chamado Dom Bosco, forasteiro, para tomar cuidado dos irmãos concepcionistas”.⁶¹ De qualquer forma, em 28 de janeiro de 1877 dom Fiorani e Dom Bosco, de comum acordo, nomearam o novo “Capítulo do Instituto Religioso: irmão Luigi Monti superior, irmão Giuseppe Maria Petrolli ecônomo, Pietro da Palestrina para os hospitais e Girolamo da Spino d’Adda para os noviços”.⁶²

Em 29 de janeiro Dom Bosco voltava a Turim, com paradas em Magliano Sabina e Florença, chegando no Oratório na manhã de 4 de fevereiro, festa externa de são

⁵⁶ Algumas válidas anotações críticas sobre certas informações de parte salesiana se encontram em E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 534-537 (Dalla fusione al governo bicipite).

⁵⁷ Carta a Dom Bosco, 5 de janeiro de 1877; MB XIII 905.

⁵⁸ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 532-533.

⁵⁹ Carta de 14 de janeiro, com o anexo *Promemoria sul pensiero di Sua Santità di immedisimare le Costituzioni dei Concettini colle Salesiane*; E III 143-145.

⁶⁰ G. BERTO, *Appunti*, p. 21-22.

⁶¹ G. BERTO, *Appunti*, p. 24, FdB 912 B11.

⁶² G. BERTO, *Appunti*, p. 28.

Francisco de Sales. Em Roma, na primeira semana de fevereiro, os acordos tiveram a sanção oficial. O decreto da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares de 6 de fevereiro de 1877 nomeava os dois titulares da Visita ao Instituto dos Irmãos Hospitaleiros, definindo com clareza as respectivas tarefas. Buscava “estabelecer a disciplina do Instituto e promover a observância segundo as Constituições”, “eliminando eventuais abusos”. “Visitador apostólico *in spiritualibus*” seria, durante a vida natural, padre Giovanni Bosco e seus sucessores a beneplácito da Santa Sé; “Visitador Apostólico *in temporalibus*”, dom Luigi Fiorani, comendador do Santo Espírito e protetor do Instituto e seus sucessores na Comenda a beneplácito da Santa Sé. No entanto, ficava suspensa a jurisdição do superior geral do Instituto. Ambos os visitantes podiam delegar para agir em seu lugar pessoa idônea e proba, o primeiro um sacerdote salesiano, o secundo um membro do clero diocesano ou religioso [inclusive, como acontecerá, um concepcionista]. O visitador *in spiritualibus* devia designar dois sacerdotes salesianos ao “governo espiritual”, um dos professos, outro dos noviços, “segundo as Constituições, sempre em vigor”. O visitador *in temporalibus*, “de acordo com o visitador *in spiritualibus*, podia “renovar e regular os officios do Instituto”, “admitir à vestição os postulantes e à profissão os noviços, e demiti-los”. Cada três anos os visitantes deviam transmitir à Congregação dos Bispos e Regulares uma relação da própria visita.⁶³

Acontecia assim um sensível redimensionamento da missão de Dom Bosco e de seu raio de ação. O que pensava então, e depois, seria explicitado meses depois a Pio IX e ao cardeal Lorenzo Randi. Para ele, tratava-se de uma viravolta ditada pelo desejo de “não urtar sobre o princípio” da absoluta vontade de “autonomia e independência” do Instituto, o que não podia eliminar as “muitas causas” que impediam “a organização estável dos irmãos concepcionistas”. Para obter tal objetivo era preciso voltar ao *Rescrito* pontifício da metade de novembro,⁶⁴ obviamente conforme foi por ele interpretado e integrado. Tratava-se de visita com duas forças: a *in spiritualibus*, a sua, tinha jurisdição efetiva frágil, ao passo que a *in temporalibus*, de dom Fiorani, era nitidamente predominante. “Parece-me difícil –escreveria ao cardeal Randi em 7 de agosto –, que os dois chefes da mesma família pudessem formar um comando uniforme que agradasse a todos. Mas, tendo-me dito que tal era a vontade do santo padre, fiquei calado e aceitei a prova, na qual contudo, desde o princípio, divisava muitas dificuldades”. Segundo ele, ao invés, a solução justa fora dada, e tal permanecia: está contida no relatório concordado em Roma com dom Fiorani e por este apresentado ao santo padre, em 14 de dezembro, que o aprovou.⁶⁵ Dom Bosco não abandonou jamais a idéia de agregação, afiliação ou fusão. Em uma das Conferências de São Francisco de Sales, na manhã de 6 de fevereiro, comunicava aos capitulares e aos diretores ter encontrado em Roma “as coisas muito atrapalhadas. Tinham sido feitas várias deputações ao papa; uma

⁶³ *Documenti* XVIII 69-70, FdB 1045 E 4-5; MB XIII 905-907.

⁶⁴ A Pio IX, 20 de junho de 1877; E III 188.

⁶⁵ E III 205.

até levada por um cardeal e diziam: Não existem padres ou ordens religiosas em Roma? Por que se vai chamar um padre forasteiro para ajustar as coisas dessa congregação?”. “Agora falta estabelecer várias coisas; mas se pensou em dar tempo ao tempo e ir um pouco por vez”. E falava da resposta que o papa teria dado àquele cardeal: “Ide e dizei vós mesmos a Dom Bosco que estou contente que sejam estes [os salesianos] colocados na direção desse Instituto, que venham pois os seus”.⁶⁶ Não obstante o decreto de 6 de fevereiro, na metade do mês escrevia ao padre Cagliero: “O santo padre está entusiasmado com nossa Congregação. *Além da casa em Roma, dos irmãos concepcionistas, quer que aceitemos outra, o Hospital da Consolação*”.⁶⁷ Este era seu temperamento, como fora na defesa de sua Sociedade contra interferências consideradas indevidas, como será em breve na defesa do ginásio do Oratório contra o decreto de fechamento, como é agora no caso dos irmãos concepcionistas: tenaz defesa do próprio projeto, aquiescência tática transitória a acordos não compartilhados e espera do sucesso final da única solução válida, a inicial.

Mas na missão romana de 1877 entrava outro protagonista, humilde e determinado, pela grande fé e por não menor tenacidade que Dom Bosco, o beato Luigi Monti. Não lhe podia faltar o sucesso, que chegava por via mais normal e, além disso, mais agradável a Pio IX e a Leão XIII, graças ao Instituto que encontrava em si mesmo as energias para se regenerar de forma viva e vital.⁶⁸ Em 4 de março, com efeito, dom Fiorani, valendo-se de seus poderes de visitador *in temporalibus*, estabelecia como seu delegado ao governo do Instituto justamente irmão Monti, o qual, no dia seguinte se mudava de Orte para Roma, a fim de iniciar sua vigorosa, paciente e prudente obra de reforma.⁶⁹ A partir de 17 de abril podia dispor para o noviciado do palácio da Piazza Mastai, mobiliado às expensas do papa. Em 11 de março e em 22 de maio endereçava a Dom Bosco duas belas cartas, que revelavam extraordinária humildade, dedicação total à obra da reforma e de saneamento, e profundo reconhecimento pela obra do visitador *in spiritualibus* e do salesiano Giuseppe Scappini.⁷⁰ Não obstante o mitente desejasse ardentemente e o padre Scappini sugerisse, Dom Bosco nunca respondeu, firme na idéia de que o reitor-mor dos salesianos devesse ser o superior dos irmãos concepcionistas. Via, portanto, em Monti mais um obstáculo que um colaborador para encaminhar o Instituto à autêntica autonomia, religiosamente fecunda.⁷¹ No decreto de 6 de fevereiro Dom Bosco não chegou a ver a vontade do papa, mas o resultado de obscuras tramas romanas. Em 19 de maio, conversando com padre Barberis, que devia ir a Roma com o padre Lazzero para pregar o retiro aos irmãos concepcionistas,

⁶⁶ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 13, p. 12-14.

⁶⁷ Carta de 13 de fevereiro de 1878; E III 149. O grifo é nosso.

⁶⁸ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 541-543.

⁶⁹ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 540-541.

⁷⁰ *Documenti XVIII* 111, 1046 C10; 149-150, 1047 A12-B1; MB XIII 907-909.

⁷¹ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 543-549.

repetia irremovível: “Quando se falou, pela primeira vez, dos irmãos concepcionistas, eu logo disse em Roma que a coisa, para progredir, tinha necessidade disto: que os irmãos concepcionistas fossem fundidos com os salesianos, retendo somente o escopo de trabalho com hospitais e, como o papa aprovasse meu pensamento geral, escrevi um relatório que o papa aprovou. Apareceram várias intrigas e embrulhadas e foi preciso moderar as coisas, mas essas moderações foram somente feitas para ajustar as coisas para o momento. Perdura, todavia, meu primeiro projeto aprovado pelo papa (...). Ora se trata um pouco por vez de reduzi-la [a Congregação dos Irmãos Hospitaleiros] a isto: os concepcionistas sejam verdadeiros salesianos, observem nossas regras; depois, em relação ao modo prático de seguir essas regras sirvam-se, como de manual, das suas. Mas eles estão todos firmes nisto: querer conservar a própria autonomia, suscitados e incitados nessa opinião por mil vozes (...). Agora, portanto, não há nada de novo em propósito, mas deve-se tender a essa meta e recomendar a obediência aos superiores, sem dizer [= discutir], como o padre Scappini escreve ao superior concepcionista”.⁷²

Chegava-se em junho sem significativas novidades. De resto, nos meses precedentes Dom Bosco estava por demais ocupado. Em Roma, onde permanecia durante todo o mês de junho para as festas em honra de Pio IX, que celebrava os cinqüenta anos de consagração episcopal, ele não conseguia obter audiência privada do papa. Nesses dias escrevia ao padre Rua: “O santo padre queixou-se várias vezes que Dom Bosco não lhe vai falar dos irmãos concepcionistas, mas como aproximar-se dele?”⁷³ No dia 16 ainda não conseguira nada: “Ainda não consegui audiência particular, e o santo padre não quer ainda que eu parta. Espero o quanto antes, depois voarei *ad Lares*”.⁷⁴ Por fim, não podendo aproximar-se pessoalmente do papa, enviava por meio do cardeal vigário, em 20 de junho, um relatório a Pio IX sobre a regularização da vida religiosa dos irmãos concepcionistas, falando da obra desenvolvida pelos sacerdotes salesianos – o capelão estável e os pregadores dos exercícios espirituais – sem jamais nomear o empenho do irmão Monti. Depois de ter listado as “muitas causas” que tinham impedido a “organização estável” do Instituto e seu estado presente, indicava, descaradamente, cinco “providências” de total sabor salesiano: 1) ativação de uma casa de noviciado separada; 2) profissão dos votos feita depois de um ano de noviciado, durante o qual o noviço devia fazer também a “experiência de sua vocação”, passando “algum tempo junto aos enfermos”; 3) recusa de hospitais nos quais os religiosos devessem depender ou “viver em companhia de trabalho com pessoas de outro sexo”, a menos que estas “estivessem inteira e rigorosamente separadas dos irmãos concepcionistas pela habitação e pelo trabalho; 4) aceitação do cuidado de determinado hospital somente se os irmãos concepcionistas fossem “em número suficiente” para cumprir o que fosse prescrito, “sem recorrer a colaboradores seculares”, e, se necessário nesse caso, provendo-se de

⁷² G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 12, p. 5-7.

⁷³ Carta de 8 de junho de 1877; E III 182.

⁷⁴ Ao padre Rua, 16 de junho de 1877; E III 187.

“servos assalariados, mas de moralidade conhecida”; 5) “unidade absoluta de mando”, com o sumo pontífice como “superior absoluto” e, diretamente, “o superior salesiano”, que se serviria de um diretor estabelecido por ele, do qual dependeria “cada diretor das casas dos irmãos concepcionistas”.⁷⁵ “Era necessário – persistia a idéia originária – reduzir as coisas ao primeiro projeto já aprovado pelo papa”, como observava ao padre Barberis, em 20 de junho, presente em Roma como pregador dos exercícios espirituais aos irmãos concepcionistas.⁷⁶ Não podia, portanto, conduzir a algum entendimento substancial o encontro que Monti tinha conseguido realizar nesses dias. Pode-se mesmo dizer que acabava por aprofundar as distâncias.⁷⁷

Mais adiante perfilava-se outra solução, a qual, não aceita por ele, determinaria o advento de um visitador único, que não tinha nos ombros nenhuma congregação religiosa.⁷⁸ Mas, nesse meio tempo, Dom Bosco seria absorvido por tarefas significativas e por grandes problemas, e de forma mais intensa nos meses seguintes.

3. Preparação do Primeiro Capítulo Geral da Sociedade Salesiana

Dom Bosco atribuiu singular importância ao Primeiro Capítulo Geral. Considerava-o a sede mais respeitável para definir os modos concretos de praticar as Constituições, um evento determinante para o futuro da história salesiana. Os Capítulos Gerais dos primeiros sessenta anos do séc. XX seguiriam a mesma linha eminentemente prática, enquanto as orientações doutrinárias permaneciam confiadas às mesmas Constituições e, em particular, à introdução *Aos sócios salesianos*, que Dom Bosco ali tinha posto como orientação em certo sentido teológica e ascética.

Em 7 de julho Dom Bosco escrevia, de Alassio, ao secretário: “Apenas saiam as cópias da *Obra de Maria Auxiliadora*, manda-as logo para Nice; mas não esquece de enviar algumas cópias a dom Ceccarelli com umas doze cópias do *Capítulo Geral* para Montevidéu, Buenos Aires e San Nicolás”.⁷⁹ O fascículo impresso de 24 páginas⁸⁰ era enviado nesses dias “em muitas cópias aos diretores de cada casa, a fim de que o distribuíssem a todos os membros do próprio Capítulo, recomendando e dando comodidade a cada um de estudar a matéria proposta”.⁸¹ A impressão fora feita sobre um manus-

⁷⁵ E III 188-191.

⁷⁶ G. BARBERIS, *Cronichetta*, quad. 12, p. 8.

⁷⁷ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 551-553.

⁷⁸ Cf. cap. 26, § 3.

⁷⁹ Ao padre Berto, 7 de julho de 1877, III 197.

⁸⁰ *Capitolo Generale della Congregazione Salesiana da convocarsi in Lanzo nel prossimo settembre 1877*. Turim, Tipografia Salesiana, 1877, 24 p.; OE XXVIII 313-336.

⁸¹ Breve crônica do pré-capítulo, redigida pelo padre Barberis como introdução das *Atas* do mesmo capítulo, fol. 1r-2v.

crito autógrafo de Dom Bosco, de dez folhas em formato protocolo, numeradas de 2 a 20 pelo mesmo Dom Bosco,⁸² com muitíssimas correções. A grafia da primeira redação, tosca, nervosa e irregular, os conteúdos pobres, o estilo negligente, as tantas intervenções sucessivas, revelam um homem super-ocupado, que tem pressa e está sujeito a distrações, que algumas vezes o levam a cancelar trechos úteis: de qualquer modo, jamais tentado por novas intuições ou inesperados movimentos bruscos. Naturalmente, entre esse atormentado manuscrito e o texto impresso houve outro manuscrito, por sua vez abundantemente corrigido e enriquecido. Oferecia um elenco de temáticas para serem discutidas e traduzidas em normas de comportamentos completamente funcionais e por ações individuais sincronizadas com o conjunto: “sem vida comum tudo naufraga”. Os vinte e um temas se seguiam sem ordem lógica: vida comum, santidade e cuidados, estudo [dos salesianos eclesiásticos], estudo para os alunos, livros de texto, moralidade entre os sócios salesianos, moralidade entre os alunos, vestes e roupas de cama, economia das provisões, economia das luzes, economia na cozinha e na lenha, economia nas viagens, economias nos trabalhos e nas construções, respeito aos superiores, inspetorias ou províncias, hospitalidade convites e refeições, usos religiosos, costumes, esmolos, dos noviços, férias.⁸³ Cada título, em geral, terminava com perguntas explícitas ou considerações sobre interrogações particulares, idôneas a favorecer a reflexão dos Capítulos das casas.

Num segundo momento, Dom Bosco estava provavelmente intencionado a preparar nova edição para uso dos membros do Capítulo Geral, valendo-se em certa medida da colaboração do secretário, padre Berto e, menos, do padre Barberis. Dessa edição restam alguns documentos: 1) uma cópia do fascículo já impresso, com acréscimos redigidos e corrigidos por Dom Bosco, com o título *Associações, eleição do inspetor* e outros; 2) dois diferentes manuscritos autógrafos de Dom Bosco sobre a *Imprensa e Do teatro*, com sucessivas correções dele; 3) um manuscrito autógrafo do padre Berto com intervenções posteriores dele, seguidas por outras tantas do padre Barberis; 4) intervenções sucessivas de Dom Bosco e do padre Berto sobre outro fascículo impresso; 5) nas duas páginas finais do fascículo as listas de cinco comissões encarregadas do estudo dos diversos grupos de argumentos. Em conclusão, nos vinte e um títulos precedentes ainda se acrescentavam outros oito: *Associações e difusão de livros, Associação de Maria e dos Cooperadores Salesianos, A imprensa, Eleição do inspetor, Visita do inspetor, Sobre o teatro, Matéria adaptada e Coisas que devem ser excluídas*. Mais da metade dos títulos precedentes sofriam acréscimos de consistência diversa. Ao novo título *Do teatro* seria feita explícita referência no curso do Capítulo Geral. A ata da décima conferência, da tarde de 11 de setembro, registra: “Dom Bosco

⁸² Não estão numeradas as páginas 1, 17 e 19.

⁸³ A ordem do impresso era idêntico ao do manuscrito, salvo a inserção do tema “Livros de texto” imediatamente após “Estudo dos alunos”, enquanto no original aparecia entre “Hospitalidade convites e refeições” e “Costumes religiosos”.

tinha exposto em seu manuscrito algumas regras; observou-se que outras advertências estavam impressas no regulamento dos colégios; e outro sobre um folheto à parte. Estabeleceu-se uma comissão que examinasse as três coisas, as fundisse e se fizesse um regulamento para o teatro, que depois fosse adotado em todos os colégios”.⁸⁴ De fato, o texto impresso das *Deliberações* recebia também o texto inédito de Dom Bosco com modificações e notáveis acréscimos.

4. A revelação do preventivo e o “nosso regulamento” (agosto-novembro de 1877)

Em 1877 apareciam as páginas sobre o *Sistema preventivo na educação da juventude*. Era a primeira vez que Dom Bosco usava as fórmulas que se tornariam clássicas: “sistema preventivo” e “sistema repressivo”. Não eram certamente as fórmulas mais felizes para resumir toda a história da educação e da pedagogia, infinitamente mais rica e variada. De qualquer modo, “sistema preventivo” não era locução por ele criada, nem os conteúdos eram novos.⁸⁵ Toda a sua ação assistencial e educativa fora, desde os inícios, essencialmente em favor de jovens e de adultos, e deveria ser preservada, antes de tudo, da máxima desventura, em perspectiva cristã: a perda da alma, a condenação eterna, e, no tempo presente, a ruína pessoal e social. Portanto, deviam ser recuperados de forma a não recair no mal; melhor ainda, de preservar radicalmente desse mal. Em nível de reflexão, pois, em forma mais ou menos intencional, a mentalidade preventiva estava expressa desde os primeiros escritos destinados aos jovens e aos agentes no setor de assistência, da educação e da pastoral, reflexo, por sua vez, de ação benéfica extremamente variada.⁸⁶ Já se disse, por exemplo, das *Lembranças confidenciais aos diretores* e do clássico princípio: “Fazer-se amar se se quer fazer-se temido” ou “mais que fazer-se temer”. “O educador entre os alunos procure fazer-se amar, se quiser fazer-se temido”, diz-se também nas páginas de 1877, a propósito dos castigos, que por princípio o autor exortava a excluir.⁸⁷

As páginas de 1877 não queriam ser – como então se escreve – um “tratado” nem um “pequeno tratado”, termos jamais utilizados por Dom Bosco. Como advertia nas linhas introdutórias, ele se propunha expor uma série de “pensamentos”, um “aceno”, que espera se constituíssem “como índice” do que tinha “vontade de publicar em uma pequena obra para isso preparada”, “a fim de ajudar na difícil arte da educação juvenil”.⁸⁸

⁸⁴ G. BARBERIS, *Verbali* II 148.

⁸⁵ Cf. P. Braidó, (ed.), *Prevenire non reprimere*, p. 23-124.

⁸⁶ Cf. P. Braidó, “Il sistema preventivo di Don Bosco alle origini (1841-1862)”, p. 255-320; id., “Breve storia del ‘sistema preventivo’”, p. 95-105.

⁸⁷ *Il Sistema preventivo na educazione della giuventù*, in G. Bosco, *Inaugurazione del Patronato di San Pietro in Nizza a Mare*, p. 44; OE XXVIII 422.

⁸⁸ *Il Sistema preventivo na educazione della giuventù*, p. 64; OE XXVIII 442.

Surgidas casualmente e com a atenção predominantemente voltada ao modelo do internato, as páginas enunciavam princípios sobre os fins e os métodos educativos, de modo a constituir as linhas de um sistema de educação católica exemplar.

O texto do *Sistema preventivo* apareceu no mês de agosto em apêndice ao opúsculo dedicado à inauguração da nova sede do *Patronato* de Nice, antes em edição bilingüe, italiana e francesa,⁸⁹ seguida imediatamente por uma edição separada para cada uma das línguas. A parte central do opúsculo era constituída por um *sermon de charité*, segundo um esquema que se tornaria habitual em Dom Bosco nos anos sucessivos: origens e primeiros desenvolvimentos do *Patronato*, escopo, a mercê reservada por Deus aos benfeitores. As três edições, todas publicadas em Turim,⁹⁰ traziam o nada obsta para a impressão dado em 3 de agosto pelo vigário geral da Arquidiocese de Turim, cônego Giuseppe Zappata.⁹¹ A publicação do opúsculo com a crônica da inauguração e o texto do discurso pronunciado na ocasião fora decidido por Dom Bosco de acordo com o diretor, padre Giuseppe Ronchail. Tendo voltado a Turim e dado forma definitiva à própria exposição, ele imprevisivelmente tinha pensado em acrescentar em apêndice as páginas sobre o sistema educativo adotado em seus institutos. O opúsculo com as páginas pedagógicas acrescentadas tinha, nas intenções do autor, o objetivo principal de propaganda, em particular entre os franceses. No dizer de Dom Bosco, com efeito, estes eram mais abertos “a coisas novas” e a transferir a prática em nível de discussões teóricas: além disso – concluía –, “nós agora temos necessidade de que nos conheçam mais de perto. Especialmente o sistema preventivo será recebido e repetido pelos jornais, fará barulho”.⁹²

O impresso não inovava com relação à substância das tendências originais das experiências educativas e assistenciais vividas nas instituições juvenis levadas a cabo há decênios. A educação preventiva *sine nomine* aparecia já nessas experiências completa em suas dimensões fundamentais: antecipadora do mal, regeneradora, protetora, propedêutica para o futuro, construtiva. Dos conteúdos plenamente pedagógicos das breves páginas muito já se escreveu. Delas se conhecem a articulação: em que consiste *O sistema preventivo e porque deve ser preferido – Aplicação do sistema preventivo – Utilidade do sistema preventivo – Uma palavra sobre os castigos*. Foram acolhidas como novidade pedagógica sobretudo algumas teses, a começar da contraposição, que não exclui interações e contaminações, dos dois sistemas, repressivo e preventivo. A definição de preventivo era rica. Contudo, limitava seu valor a ambiente de instituição total, de colégio/internato: “o sistema preventivo consiste em fazer conhecer as prescrições e regulamentos de um instituto e depois vigiar de modo que os alunos tenham

⁸⁹ Reimpressão anastática em OE XXVIII 380-446.

⁹⁰ Tipografia e Libreria Salesiana, 1877.

⁹¹ Cf. GIOVANNI (s.) BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*, aos cuidados de P. Braidó, RSS 4(1985), p. 171-321.

⁹² Conversa de 21 de abril de 1877 com padre Giulio Barberis, *Cronichetta*, quad. 12, p. X I.

sempre sobre eles o olhar vigilante do diretor ou dos assistentes, os quais, como pais amorosos, falem, sirvam de guia a qualquer situação, dêem conselhos e amorosamente corrijam, o que quer dizer: colocar os alunos na impossibilidade de cometer faltas”. Mas o documento era atravessado por diversos enunciados de dimensão universal. Estabelecia-se o fundamento: “Este sistema se apoia completamente sobre a religião, a razão, e sobre a amabilidade [*amorevolezza*]”. Especificavam-se os motivos para preferi-lo: o aluno é encorajado pelo aviso amigável e preventivo do educador, “que raciocina com ele”; “a razão mais essencial é a mobilidade juvenil”; “o sistema repressivo pode impedir a desordem, mas dificilmente fará melhor os delinqüentes”; “o sistema preventivo faz o aluno amigo, pois divisa no assistente um benfeitor que o avisa, que quer fazê-lo bom, liberá-lo dos desprazeres, dos castigos, da desonra”; por isso “o sistema preventivo torna afeiçoado o aluno, de forma que o educador poderá então falar-lhe com a linguagem do coração, seja em tempo de educação, seja depois dela”. No mundo católico era acolhido favoravelmente, também por sua forte caracterização cristã e confessional: “a prática desse sistema está apoiada totalmente nas palavras de são Paulo, que diz: *Charitas benigna est, patiens est, omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet*”; “razão e religião são os instrumentos dos quais o educador deve fazer uso constantemente, ensinando-os e praticando-os ele mesmo se quiser ser obedecido e conseguir seu objetivo”; a vida sacramental devia ser intensa, tornada amável por meio de ritos cativantes, jamais fastidiosos e formais; potencializava sua eficácia em ambiente favorável à livre expansão de todas as energias vitais do jovem, no estudo, no trabalho, nas atividades de “tempo livre”.⁹³ O sistema – admitia Dom Bosco – podia ser empenhativo e difícil para o educador, mas indubitavelmente “muito mais fácil, mais satisfatório e mais vantajoso” para os alunos. De outro lado, educar é uma missão: “o educador é um indivíduo consagrado ao bem dos alunos, pronto para enfrentar todo distúrbio e toda fadiga para conseguir seu fim, que é a educação civil e moral dos alunos”. No “sistema” as punições são uma *extrema ratio* rara e baseada em fatores decisivamente psicológicos e racionais. Vale o princípio que desde sempre acompanhava Dom Bosco: “O educador procure fazer-se amar entre os alunos, se quiser ser temido”.

Portanto, por seus conteúdos, o escrito ia bem além dos objetivos publicitários. Contemporaneamente à sua composição, após experimentação de quase trinta anos, tinha chegado à maturação a preparação para ser impressa do texto do *Regulamento para as Casas*, graças também, como já se viu, ao trabalho realizado pelos participantes das Conferências de São Francisco de Sales dos últimos anos.⁹⁴ A Dom Bosco, talvez encorajado mais de perto por algum colaborador, pareceu uma feliz oportunidade para aí introduzir as páginas sobre o sistema preventivo, átrio de ingresso para ele, espécie de *lex fundamentalis* do agir salesiano de educadores e de alunos, inspiradora também

⁹³ Cf. cap. 7, § 4 e cap. 16, § 7.

⁹⁴ Cf. cap. 24, § 2.

para o futuro.⁹⁵ Para estes tinha preparado outra porta de ingresso com os dez *Artigos gerais*, que ocupavam agora o segundo lugar. Esses artigos constituíam quase que um pequeno resumo do sistema.⁹⁶ No segundo artigo estava enunciado o princípio “cada um procure fazer-se amar se quiser fazer-se temer”, com o comentário: “ele conseguirá esse grande fim se, com palavras e mais ainda com fato, tornar conhecido que suas solicitudes são dirigidas unicamente para a vantagem espiritual e temporal de seus alunos”. A maior parte dos artigos era dedicada a algumas indicações de pedagogia diferencial adaptada aos “caráteres diversos: índole boa, ordinária, difícil, má”. O texto do *Sistema preventivo*, integrado pelos *Artigos gerais*, dava significado mais profundo ao *Regulamento*, entendido por Dom Bosco não simplesmente como código de ordem comunitário, mas como expressão da soma dos deveres, de jovens e adultos, para com Deus, com o próximo e consigo próprio: em substância, regra e programa de vida humana e cristã integral e completa. Já se falou a propósito das primeiras redações manuscritas dos regulamentos dos anos 50.⁹⁷ O *Regulamento* ocupava-se, na primeira parte, das normas relativas aos superiores e educadores, e na segunda, das relativas aos alunos. Era sumamente educativo que os jovens conhecessem, através da leitura pública anual, os deveres de seus superiores, tanto quanto era importante que os educadores estivessem ao corrente das próprias responsabilidades e do que deviam e podiam pedir aos alunos. Era freqüentemente sublinhada, nas *Conferência Capitulares*, nas *Reuniões* dos dirigentes e nas *Conferências mensais* dos professores e dos assistentes do Oratório de Valdocco, a exigência de conhecer e ler o regulamento do próprio encargo, mesmo quando era ainda manuscrito.⁹⁸

Há poucos dias da aparição do texto impresso do *Regulamento para as casas*, o *Diario* do padre Lazzero registrava em 5 de novembro: “Foi lido de forma bastante solene o regulamento da casa. Estavam presentes quase todos os superiores da casa. A leitura se fez no estudo, em duas salas, das 5h30 às 6h30”.⁹⁹ A relação autoridade-liberdade se fundava antes de tudo sobre a racionalidade e a forma de raciocinar da lei, a qual todos deviam obedecer. Sobre esse sólido fundamento podiam construtivamente apoiar os outros dois “instrumentos”, religião e amabilidade [*amorevolezza*].

⁹⁵ *Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Salesiana, 1877, 100 p.; OE XXIX 97-196: *Il Sistema Preventivo nella educazione della gioventù*, 3-13 (OE XXIX 99-109); *Articoli generali*, p. 15-17 (OE XXIX 11-113); Parte prima: Regolamento particolare [degli educatori], p. 19-57 (OE XXIX 115-153); Parte seconda: Regolamento per le case della Congregazione di San Francesco di Sales, p. 59-89 (OE XXIX 155-185); Appendice al Regolamento della Casa. Sul modo di scrivere lettere, p. 91-98 (OE XXIX 187-194).

⁹⁶ Cf. P. Braido, “Il ‘sistema preventivo’ in un ‘decalogo’ per educatori”, RSS 4(1985), p. 131-148.

⁹⁷ Cf. cap. 10, § 2-3.

⁹⁸ Cf. J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell’Ottocento*, p. 154, 166, 174, 242, 244, 248, 256, 258.

⁹⁹ J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell’Ottocento*, p. 60.

O regulamento concentrava a atenção sobre a forma colegial de educação: era, de resto, *para as casas*. Tornava-se significativo o que recitava o capítulo primeiro da segunda parte: “Escopo geral das Casas da Congregação era socorrer, beneficiar o próximo, especialmente com a educação da juventude, alimentando-a nos anos mais perigosos, instruindo-a nas ciências e nas artes e conduzindo-a à prática da religião e da virtude. A Congregação não recusa nenhuma categoria de pessoa, mas prefere ocupar-se do grupo médio e da classe pobre, como os que maiormente têm necessidade de socorro e de assistência. Entre os jovens da cidade e vilarejos, não poucos meninos se encontram em tal condição que se torna inútil todo meio moral sem o socorro material. Alguns já estão um tanto entrados [na idade], órfãos ou privados de assistência, porque os pais não podem e não querem cuidar deles, sem profissão, sem instrução, são expostos aos perigos de um triste futuro, se não encontram quem os acolha, os encaminhe ao trabalho, à ordem, à religião. Para tais jovens a Congregação de São Francisco de Sales abre internatos, oratórios, escolas, especialmente nos centros mais populosos, onde a necessidade costuma ser maior”.¹⁰⁰

Todavia, parece que Dom Bosco não estivesse totalmente satisfeito com o trabalho, encontrando-o limitado e unilateral. Na terceira conferência do Primeiro Capítulo Geral, na sexta-feira 7 de setembro, ele acenava ao suceder-se de vários tipos de obras, entre as quais não tinham ainda sido tomadas em consideração as colônias agrícolas, e continuava: “É verdade que meu desejo teria sido de ter regulamentos distintos, um para os colégios, outro para as casas onde estão também aprendizes, mas ao invés as coisas estão fundidas de modo que eu não consigo ver bem aí as coisas; mas agora existe um regulamento, quase preciso, e muitos inconvenientes são eliminados. Procuremos somente que sejam bem observados, cada um por sua parte”.¹⁰¹

As normas do Regulamento, algumas vezes áridas, já eram fruto de intenções pedagógicas preventivas, que visavam formar um jovem diligente no cumprimento de seus deveres, atuante na aquisição do conhecimento e da habilidade profissional que lhe proporcionaria meios de ganhar o pão com o próprio trabalho, disciplinado e capaz de vida social ordenada e ativa, religioso inserido ativamente na Igreja, inspirado nas verdades eternas, em posse de uma concepção de mundo que lhe colocava diante constantemente a “salvação da alma” como meta última de uma vida envolta na esperança refletida e alegre, e fundada sobre fé operante na caridade. A carga educativa era posteriormente reforçada pelos *Artigos gerais*, pequeno concentrado do sistema preventivo, e ainda mais pelas páginas a ele destinadas, síntese pedagógica cristã orientada mais à prevenção que à repressão. A esse complexo de elementos, não só ao Regulamento nem somente às páginas do sistema preventivo, Dom Bosco e seus colaboradores mais próximos tinham em mente nos anos seguintes, quando remetiam ao “nosso sistema

¹⁰⁰ *Regolamento per le case*, p. 59-60; OE XXIX 155-156.

¹⁰¹ *Verbali* I 33-34.

educativo”, ao “nosso regulamento”,¹⁰² constituído, mais que por textos, pela praxe viva e articulada, pela tradição garantida por pessoas e comunidades que aderiam não apenas aos preceitos, mas também à experiência biográfica do fundador e das comunidades por ele animadas.

O *Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales para os externos*,¹⁰³ ao contrário, não teve cuidados particulares antes da impressão, fiel aos modelos originários, embora com vários elementos inovadores tirados da experiência de Dom Bosco e de seus colaboradores, como já se ilustrou.¹⁰⁴

A contextualização na história efetiva das obras de Dom Bosco, as páginas colegiais de 1877, quase desapareciam em sua materialidade, para se tornar símbolo e manifesto de realidade mais vasta, não somente embrião de um manual para educadores de internato, mas sistema cristão de recuperação e de prevenção dos jovens, sobretudo pobres e abandonados, com iliminada carga pedagógica, pastoral e social. Nessa ótica o sistema preventivo acabava por ser recebido em ambientes sempre mais vastos, próximos do mundo dos admiradores, amigos e cooperadores da obra salesiana, como método de ação entre os jovens capaz de responder a exigências sociais e pedagógicas de absoluta atualidade. Por isso não era assumido unicamente como pedagogia, mas com dimensões mais complexas, assistenciais e sociais, até se converter em manifesto de um sistema operativo em grau de resolver a emergência de questões sociais, inclusive em perspectiva anti-socialista. Tais persuasões obtinham consensos fáceis no mundo do conservadorismo católico aberto às iniciativas sociais de tipo caritativo mais que a reformas inspiradas em exigências da necessária justiça.¹⁰⁵

Ambas as operações podiam se considerar legítimas em relação às mais profundas virtualidades do sistema. A recepção por parte da pedagogia católica era justificada pelo mesmo texto. A extensão dos significados à assistência e ao social encontrava justificação no discurso de Nice, que encontrava seu centro no Patronato local, uma das tantas encarnações do agir preventivo de Dom Bosco em favor da juventude pobre e abandonada. O discurso, sobre o qual já se falou, se desenrolava em três momentos: história do Patronato, escopo das atividades aí desenvolvidas e prêmio destinado aos benfeitores, seguros de que sua doação era bem aproveitada. A história do internato tinha tido início pelo sofrimento do grupo de irmãos das Conferências de São Vicente

¹⁰² Cf. P. Braidó, “L’esperienza pedagogica di don Bosco nel suo ‘divenire’”, *Orientamenti Pedagogici* 36(1989), n. 1, janeiro, p. 30-40.

¹⁰³ Turim, Tipografia Salesiana, 1877, 63 p.; OE XXIX 31-93. O opúsculo traz na última página o “Visto, nada obsta para a impressão. Turim, 2 de novembro de 1877. Zappata *vigário geral*”, ausente do texto do *Regulamento para as Casas*.

¹⁰⁴ Cf. cap. 10, § 2.

¹⁰⁵ Cf. P. Braidó, “‘Poveri e abbandonati, pericolanti e pericolosi’: pedagogia, assistenza, socialità nell’esperienza ‘preventiva’ di Don Bosco”, *Annali di storia dell’educazione* 3(1996), p. 183-236.

de Paula de Nice, ao ver na sua cidade meninos que “nos dias festivos corriam pelas estradas, vagueavam pelas praças, brigando, blasfemando, furtando”; meninos infelizes que, “após a vida de vagabundos, após terem ocasionado distúrbios às autoridades públicas, iam povoar ainda mais as prisões”. E, no entanto – refletiam –, “tantos jovens” “podem se chamar infelizes, não porque perversos, mas apenas porque abandonados”. Daqui vinha a inspiração de se dirigir a Dom Bosco. Chegou-se logo ao acordo “sobre a necessidade de uma casa onde fossem instaladas as oficinas, recolhidos os mais abandonados, instruídos e encaminhados a algum trabalho”.¹⁰⁶ A pesquisa da nova sede foi determinada pela exigência de um “ambiente” de maior capacidade e de “um jardim [oratório – parque de jogos] capaz de entreter os externos em agradável e honesta recreação nos dias festivos” e durante a semana.¹⁰⁷ Daí derivava o duplo caráter do Patronato: clássico oratório ou “jardim de recreação” para os externos, que aí vinham “para passar o dia do Senhor, e durante a semana freqüentavam as escolas vespertinas”; e internato, “cuja condição política, moral e educativa” era a do abandono e da necessidade de tudo.¹⁰⁸ Tudo isso comportava inúmeros meios. Mas não era preciso temer, pois vigiava e provinha a Providência, porquanto estava fundada na esperança de que os ouvintes não deixariam de colocar em ação sua “tantas vezes experimentada generosidade”: esta nascia da nobreza dos corações e se apoiava sobre “a grande mercê”, assegurada pelo mesmo Deus “às obras de caridade”, de resto exigidas dos fiéis pelo Evangelho com empenhativas palavras sobre o grave dever da esmola.¹⁰⁹

Dessa forma, o discurso integrava o preventivo em seu caráter educativo com a mais radical, preliminar e complementar prevenção assistencial e social. Ela *precedia* a mesma educação, exigia-a e, em certo sentido, a *incluía*. Com efeito, para os jovens abandonados e em perigo o primeiro passo era dar-lhes antes de tudo um lugar onde se recolher: teto, alimento, vestimenta, meios de subsistência, comunidade de vida com os companheiros e os adultos. Em segundo lugar proclamava-se como necessário não parar na oferta de tais meios de emergência, mas de habilitar os meninos a procurá-los para si próprios – “ganhar, a seu tempo, o pão da vida” – por meio da formação cultural e profissional, e educá-los à vida moral, religiosa e social que reforçasse as faculdades interiores de conduzir a vida com dignidade, socialmente produtiva e alegre. As páginas sobre o sistema preventivo respondiam ao problema posterior do método e do estilo de educar.

A conferência de Nice, feita em desenvolta língua franco-italiana, tornava-se o protótipo das dezenas de discursos de caridade que Dom Bosco ia multiplicando nos anos sucessivos, fornecendo-lhes o esquema e as motivações básicas. Nessa linha se coloca também a conferência que fez em francês aos cooperadores de Marselha, em 17 de fevereiro de 1881: elenco do trabalho realizado nas obras educativas estabelecidas

¹⁰⁶ G. BOSCO, *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare*, p. 7-8.

¹⁰⁷ G. BOSCO, *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare*, p. 7-8, 10-11.

¹⁰⁸ G. BOSCO, *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare*, p. 13-15.

¹⁰⁹ G. BOSCO, *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare*, p. 16-21.

na França do sul; necessidades particulares do Oratório São Leão de Marselha, palco de relevantes obras de ampliação; quantia impressionante de débitos acumulados. Porém, mais grave e de extraordinária importância moral eram os problemas que deviam ser resolvidos: “afastar tantos infelizes das estradas e das praças”, “pobres crianças que sem perceber caminham para a perdição”; “quantos poderiam ser afastados da ante-câmara das prisões e colocados no Oratório!”, “para fazer deles bons cidadãos na terra e bons cristãos para o céu, preparando além disso um fausto futuro para a sociedade civil”. O meio era a esmola, *Quod superest date eleemosynam*, um supérfluo para não ser desperdiçado ou domesticado.¹¹⁰

5. Episódios esparsos, prenúncios de conflito mais áspero

Com o intenso trabalho para a consolidação ideal da Sociedade Salesiana, culminado em 1877 no Primeiro Capítulo Geral, que ocupava Dom Bosco e seus mais importantes colaboradores europeus, entrelaçavam-se episódios de grave distúrbio: dissensos sobre o ser religioso da Sociedade Salesiana e sua configuração jurídica, pontos de vista diferentes sobre os privilégios e as faculdades obtidas pelo superior da Sociedade, repercussões desses episódios sobre acontecimentos insignificantes em si, mas que podiam gerar futuras desconfianças recíprocas e mal-entendidos crescentes.

A partir do final de 1876, além dos aspectos jurídicos, os diversos acontecimentos tocavam nada mais nada menos que a índole e a sensibilidade de personagens que se tornavam, com isso, protagonistas involuntários em situações pelas quais não tinham na origem responsabilidade direta. Para além das funções e dos símbolos, eram pessoas concretas, para as quais os incidentes eram fonte de estupor, desorientação, frustrações e paixões.

Não se pode esquecer a condição de saúde dos dois antagonistas. Dom Gastaldi estava sujeito a vários sofrimentos físicos e morais. “Após a doença de 17 [de junho a setembro] – recordava a sobrinha Lorentina Mazé de la Roche, afeiçoada tanto ao tio como a Dom Bosco –, não se restabeleceu inteiramente. Frequentemente era atormentado por dores no fígado e por gota nos pés”.¹¹¹ Em momentos cruciais não faltaram

¹¹⁰ Da conferência conserva-se o texto redigido pelo mesmo Dom Bosco; MB XV 691-695, FdB 1.888 D12-E9.

¹¹¹ *Di monsignor Lorenzo Gastaldi (memorie intime)*, no número comemorativo *In memoria e ad onore di S. E. Rev.ma Mons. Lorenzo Gastaldi Arcivescovo di Torino nel Centenario della sua nascita 1815-1915*, Turim, Tipografia Anfossi, 1915, p. 10. Da presidência de honra fazia parte, em segundo lugar, padre Paolo Albera e do Comitê executivo também o padre salesiano Felice Cane, e entre as testemunhas sobressaía a do arcebispo Giovanni Cagliero, delegado apostólico na América Central (p. 43): o número comemorativo continha contribuições interessantes sobre a “espiritualidade” de Gastaldi, que, se não se pode igualar sobre os tantos dedicados a Dom Bosco santo, contudo lançam alguma luz sobre a história de suas relações. Sobre as condições gerais da saúde do arcebispo, cf. G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, vol. II, p. 341-341.

sofrimentos morais agudos – a morte imprevista em Pianezza da irmã Marianna, em 21 de novembro de 1876, e do irmão Bortolomeo, professor na Universidade de Turim, em 5 de janeiro de 1879 –, que não podiam não incidir sobre um temperamento extremamente emotivo, mesmo se forte e acostumado ao sacrifício escondido. Era, ainda, particularmente acentuada a solidão, na arquidiocese, na Igreja e na sociedade, do pastor exigente e incômodo, inclinado a pedir obediência incondicionada, antes que fáceis consentimentos. Dom Bosco, ao invés, era largamente conhecido nos mais variados níveis da vida eclesial e civil, além de ser pai e mestre admirado e amado em sua casa de Valdocco, na comunidade salesiana em expansão e na grande família de cooperadores, benfeitores, admiradores e sustentadores. De outro lado, a diversa solidão de ambos no interior da penosa incompreensão podia se tornar para ambos, embora de formas diversas, contraproducente. Os motivos de atritos podiam se complicar e as dificuldades de entendimento podiam crescer por causa de alguns que circundavam os dois protagonistas: de um lado, a fidelidade suportada por forte cultura jurídica dos colaboradores do superior eclesiástico, o secretário teólogo Chiuso, o advogado fiscal Colomiatti e o escolado vigário geral Zappata; de outro, a impulsividade do padre Bonetti, espécie de Albertario salesiano, a meticulosidade do padre Berto, que recolhe mexericos romanos e turinenses, a visão curta do padre Lazzero, protagonista no casa das missas negadas de 26 de agosto de 1877, a incauta inexperiência de ex-alunos salesianos – amigos de salesianos solidários ou à busca de advogados defensores do “papai” –, e irredutíveis anti-gastaldinos como padre Anfossi e padre Turchi, que comprometiam as causas que desejavam defender e, entre estas, a de Dom Bosco. De resto, os irreverentes “libelos” anônimos anti-gastaldinos – de fevereiro de 1878 a março de 1879 –, à parte as intenções dos autores, não eram certamente sinal de especial cultura e sensibilidade eclesial, assim como era, no mais, a análoga produção periódica e livresca difundida em ambientes eclesiásticos do tempo, em Milão, Piacenza, Cremona e Roma. Padre Cagliari, por quase dois anos na América, parecia estar fora do páreo e somente padre Rua podia, alguma vez, tentar ingratas mediações.

Nos dois coetâneos, pelo caráter igualmente tenaz e forte, não aparece evidência de esforços para se encontrar, esclarecer e conciliar, talvez já prevenidos por causa das recíprocas esperas inatendidas, das esperanças frustradas, dos preconceitos e desconfianças. São justamente de 1877 dois perfis de contendentes, delineados por um deles e de quem lhes estava próximo, que jogam luz sobre a consolidada indisponibilidade às mediações. Dom Gastaldi, em dia de graça e de paz, delineava um retrato de Dom Bosco e um implícito auto-retrato ao bispo de Mondovì, dom Pozzi, que havia lhe pedido um parecer sobre a implantação de um instituto na própria diocese – o noviciado junto do santuário da Mellea em Farigliano, como já foi falado –, para o qual Dom Bosco pedia a autorização. Na carta de resposta de 24 de maio de 1877 dom Gastaldi escrevia a respeito de seu antigo amigo: “Ele é certamente um sol; mas como o sol, tem suas manchas. O espírito de autonomia e de independência vive nele, e muitas vezes se coloca em igualdade com o bispo da diocese; se o bispo não o deixa em liberdade plena de fazer, falar e imprimir o que lhe agrada, move-lhe guerra”. “E como farei para me opor a ele? Ele tem o apoio de muitos cardeais e está nas graças do santo padre:

em qualquer conflito entre o bispo e essa boa alma, acredita-se muito mais nesta que naquele”. “Trata-se de um sujeito que quer e faz o bem; mas quer fazê-lo absolutamente *a seu modo*. Eu estou às provas com ele, e estarei *usque ad ultimum*, não obstante todo o bem que lhe fiz e lhe faço [*sic*] ainda”.¹¹² Sem saber, fazia-lhe eco, lá pelo final de 1877, em carta a Dom Bosco, o padre jesuíta Luigi Testa, que tinha tentado promover a impossível mediação entre os dois contendentes a pedido do padre filipino Felice Carpignano (1810-1888), confessor de Gastaldi. O padre atestava ter ouvido dizer – e acrescentava uma glosa pessoal –: “Vejo que as suas e as minhas idéias nesse acontecimento vão de acordo. A grande questão é a dos meios práticos para conduzi-la a bom termo. Com efeito, o senhor sabe que temos que tratar com *dois santos* irremovíveis em suas idéias (eu interrompi: cabeças duras, quero dizer, como todos os piemonteses). Sorriu, e depois continuou: “– Contudo, façamos assim: rezemos muito ao Senhor, para que se digne impor-nos sua santa mão. Admirável para se dizer: ambos crêem de agir segundo as intenções e o querer de Deus e talvez ambos têm um pouco de razão e um pouco de erro. O que se pode fazer nesse caso?”. De seu lado, o bom jesuíta concluía a carta encorajando Dom Bosco em sua batalha, indicando padre Rostagno como homem ao qual se dirigir para introduzir processos canônicos em Roma”.¹¹³

A situação não dava paz a quantos consideravam inconcebíveis tal laceração na Igreja turinense e estimavam ambos os protagonistas. Alguns tentaram infrutuosas reconciliações. Se “um bom acordo” “chegasse a bom termo – escrevia ao arcebispo o coetâneo e discípulo teólogo Roberto Murialdo –, estou persuadido que estariam alegres todos os bons, e o mesmo sumo pontífice ficaria feliz ao saber que os dissabores entre o arcebispo e Dom Bosco terminaram, pela graça de Deus. E ao senhor arcebispo não seria tirado do coração um grande e doloroso espinho?”.¹¹⁴ E padre Testa declarava ter intervindo junto ao padre Carpignano porque “a missão” ou o “negócio” lhe “parecia *um escândalo*”, “causa de estupor e talvez de escândalo para os bons”.¹¹⁵ Idêntica opinião tinha expresso ao arcebispo um católico militante, o magistrado conde Cesare Trabucco de Castagnetto (1802-1888), desde 1848 senador e em 1877 ministro de Estado. “Eu disse – escrevia a Dom Bosco – “que S. E. refletisse na dificuldade dos tempos e no desejo dos tristes de ver uma dissensão no clero. Jamais foi tão necessária a unidade, e que um conflito entre o arcebispo e um eclesiástico tão benemérito da Igreja como é o Rev.mo Dom Bosco, não podia senão dar munção à imprensa irreligiosa e produzir conseqüências lacrimosas”.¹¹⁶

¹¹² M. F. MELLANO, “Don Bosco e i vescovi di Mondovì (1842-1897)”, in: *Don Bosco nella storia*, p. 487-488.

¹¹³ A Dom Bosco, 1877 [setembro]; MB XIII 345-348.

¹¹⁴ Carta de 18 de setembro de 77; MB XIII 345.

¹¹⁵ Carta citada a Dom Bosco de 1877; MB XIII 347.

¹¹⁶ Carta a Dom Bosco, 23 de dezembro de 1877; MB XIII 383-384. Tinha levado ao arcebispo o texto da condenação por parte de Dom Bosco da carta anti-gastaldina de dezembro de 1877, sobre a qual se falará, pedindo que a aprovasse para a publicação no jornal *L'unità cattolica*.

Neste contexto não era difícil que certos acontecimentos, em si de limitado valor, pudessem degenerar, conforme as diferentes interpretações dadas por contendentes então desencantados e desconfiados: insubordinações, por uma parte, facilitadas também pelos recentes favores romanos,¹¹⁷ e perseguições, por outra. Eles podiam, além disso, ter também diferentes ressonâncias em Roma, num ano particularmente delicado no qual Dom Bosco, além de ter que resolver problemas relativos à própria Sociedade, era chamado a se mover entre partidos opostos na questão dos irmãos concepcionistas. Podia contar, como se viu, com alianças seguras, como os cardeais Nina e Randi, e o próprio dom Fiorani, mas não faltavam desconfianças e perplexidades, em particular da parte da Congregação dos Bispos e Regulares e do cardeal Innocenzo Ferrieri, tanto pró-prefeito como prefeito.

Precisamente destes lhe chegara a carta, de 28 de novembro de 1876, na qual se perguntava a ele se tinha obtido “alguma dispensa especial” da observância do decreto *Romani Pontifices*, de 25 de janeiro de 1848, que o obrigava a pedir testemunhais dos respectivos bispos para aceitar alguém na Congregação. Tinham chegado, com efeito, reclamações relativas a algum jovem “que tinha sido expulso do seminário por conduta imoral”, e que, porém, fora aceito na Sociedade Salesiana e apresentado às ordens sem as testemunhais regulares.¹¹⁸ Dom Bosco respondia em 16 de dezembro, fazendo apelo às faculdades concedidas *vivae vocis oraculo* pelo papa, em 3 de maio e em 10 de novembro de 1876.¹¹⁹ Negava, pois, o que lhe devia sobre jovens saídos do Seminário de Turim e por ele aceitos. Enfim, aproveitava da ocasião para suplicar do cardeal o favor de pedir ao arcebispo que “manifestasse o motivo de certas medidas severas adotadas contra os salesianos”; não queria que fossem “queixas”, mas desejava que lhe fossem ditas “coisas claras e exatas”, a respeito das quais prometia “previamente a fiel execução”. Na realidade, referia-se, não sem dramatizá-los, a episódios bem circunstanciados, algum que deve ser redimensionado, como a presumível suspensão das confissões de 1875, a proibição dos exercícios espirituais aos leigos, a recusa a alguns sacerdotes salesianos da faculdade de pregar e a resposta negativa para celebrar funções e administrar a crisma em Valdocco.¹²⁰ Não era imaginável que o acúmulo de justificações e de contra-acusações tão heterogêneas pudesse obter o efeito pretendido, dando antes vantagem ao arcebispo.

A primeira parte do novo ano, 1877, transcorria num clima substancialmente pacífico, sombreado somente pela questão das coletas de graças atribuídas a Maria Auxiliadora.¹²¹ No início de 1877 Dom Bosco dava e pedia ao padre Rua notícias sobre a saúde do arcebispo: “Nosso arcebispo escreveu uma longa carta, na qual dá notí-

¹¹⁷ Cf. cap. 20, § 5.2.

¹¹⁸ Carta de 28 de novembro de 1876; MB XII 394.

¹¹⁹ Cf. cap. 20, § 4.

¹²⁰ Ao cardeal Ferrieri, 16 de dezembro de 1876; E III 125-127.

¹²¹ Cf. carta de Dom Bosco ao arcebispo, 18 de maio; E III 175-176, 178-179.

cias de sua saúde”; “dá-me notícias da saúde do arcebispo”.¹²² De fato, nas semanas precedentes o prelado tinha estado seriamente incomodado. Dom Bosco, que se encontrava desde o início de janeiro em Roma para a missão dos irmãos concepcionistas, na resposta a uma carta na qual o arcebispo o informara da recuperação da saúde, alegrava-se pela “notícia da desejada e implorada saúde de Deus” e aproveitava a ocasião para exprimir o pensamento de deferente obséquio ao superior eclesiástico: “a respeito de Chieri – acrescentava –, farei o que puder para implantar um Oratório para as meninas e outro para os meninos; é-me de máximo encorajamento a aprovação e o apoio da autoridade eclesiástica”.¹²³

Em 24 de janeiro o arcebispo dirigia-se a Roma com o reitor do Seminário, cônego Giuseppe Soldati (1839-‘886) e descrevia a permanência na capital em uma *Relação* ao clero e ao povo, redigida assim que voltara.¹²⁴ Nesta fazia referência às duas audiências com Pio IX, em 1º de fevereiro, outra na despedida, no dia 11, e aos lugares sagrados visitados. Chegando à conclusão dizia: “Enquanto nos consolávamos em rever estas santas e queridas memórias, vós facilmente vos imaginais, se alguma vez pudessem nos impressionar, os estranhos e falsos comentários que muitos jornais, também de cores opostas, publicavam sobre nossa visita à santa cidade, e para nossa desvantagem”. Sintetizava sua posição de irredutível combatente, avesso às duplas bandeiras e aos compromissos, em uma afirmação de princípio e com uma resignação: “No dias atuais, quem quiser ser pessoa de caráter e chegar ao paraíso tem que se resignar a caminhar por uma via, onde se escuta o rugir do leão e o ladrar do cachorro. Portanto, caríssimos F[ilhos] e F[ilhas], nós, sustentados pela palavra cheia de autoridade do santo padre, permaneceremos em meio a vós, com a intenção, como já no passado, de nenhuma outra coisa além da grande e principal obra de alcançar para nós e para cada um de vós a graça de Jesus Cristo nesta terra e o gozo da sua glória no céu. As gloriosas pegadas desse modelo perfeitíssimo de todos os bispos, que é são Carlos Borromeu, arcebispo de Milão, são as que procuramos buscar e buscamos em nosso caminho, pedindo a Deus que nos assista a fim de que os fatos correspondam às intenções”.¹²⁵

Assim, fortalecido pela viagem romana, fazia imprimir um breve memorial com o título *O arcebispo de Turim e a Congregação de São Francisco de Sales em Turim* – o secretário teólogo Chiuso a assinava em “28 de fevereiro de 1877” –, que enviada a todos os cardeais e a outras personagens. Com ela em pretendia desfazer a “suposição de que o arcebispo de Turim não seja benévolo para com a nova Congregação de São Francisco de Sales”, lembrando uma longa série de comportamentos e gestos de benevolência e de sustento realizados por ele, de 1848 a 1875, primeiro para com o Oratório,

¹²² Cf. Carta de Roma ao padre Rua, 14 de janeiro; E III 138-139.

¹²³ Carta de 14 de janeiro de 1877; MB III 142-143.

¹²⁴ *Lettere pastorali commemorazioni funebri e panegirici* di monsignor Lorenzo Gastaldi vescovo di Saluzzo indi arcivescovo di Torino. Turim, Tipografia Canonica, 1883, p. 353-362.

¹²⁵ L. GASTALDI, *Lettere pastorali*, p. 360-361.

depois para com a Congregação”.¹²⁶ Entre outras coisas, ele citava a frase de uma carta que Dom Bosco ter-lhe-ia escrito em 2 de julho de 1873 para agradecer-lhe a carta de recomendação feita para a aprovação da Congregação: “*Não podia dizer mais, nem dizer melhor*”. Na realidade, a carta de recomendação era de 10 de fevereiro e continha reservas que Dom Bosco, certamente, não aprovava. Podia ter sido um obrigado pela carta de recomendação lida ou resumida para ele somente na primeira parte.¹²⁷

Dom Bosco manifestava “sentimentos de estima e de veneração” em um endereçamento ao arcebispo que voltava de Roma. Associava-se aos atos de obséquio que o Capítulo metropolitano e o clero urbano tinham feito ao prêsule em protesto contra o que, na estada romana do arcebispo, certos jornais tinham difundido sobre ele, escrevendo de dimissórias apresentadas ao papa, com referências também às difíceis relações com Dom Bosco. *La libertà* de Roma, em 30 de janeiro de 1877, falava de “um bispo dimissionário”, e *Gazzetta del popolo* de Turim, no dia 31, falava mesmo de “sede vacante”.¹²⁸ Dom Bosco prometia preces ao superior eclesiástico, “suplicando a bondade do Senhor – escrevia – para que se dignasse conservá-lo em boa saúde, e assim pudesse continuar suas fadigas pelo bem da Igreja e de nossa Congregação, que respeitosamente lhe recomendo. Queira aceitar estes cordiais pensamentos, seja para confutar as especulações de alguns jornais, que supuseram coisas privadas sem quaisquer fundamentos, seja para assegurar que em tudo o que puderem servir o arcebispo, os salesianos estarão sempre disponíveis. Em nome de todos tenho a alta honra de me professar humilde servidor”.¹²⁹

Em 1º de maio dom Gastaldi convidava-o para o café da manhã na casa episcopal, onde estava hospedado dom Dupanloup, bispo de Orléans. Também o jornal *L'unità cattolica* dava notícia da passagem do bispo por Turim e de sua partida no dia seguinte para uma importante votação no senado francês, do qual era membro.¹³⁰ Para o arcebispo, tal gesto queria significar conciliação e amizade. “No último maio passado – escreveria depois em 19/28 de setembro ao cardeal Ferrieri –, para demonstrar a Dom Bosco que (...) não nutria nenhum mal-querer contra ele, convidei-o, com carta toda escrita à mão por mim, a almoçar comigo na ocasião em que hospedava dom Dupanloup e algum outro eclesiástico hóspede conspícuo. Ele aceitou o convite e veio sentar-se à mesa comigo e com o bispo de Orléans. Eu esperava que Dom Bosco e seus sacerdotes não me trouxessem mais nenhuma confusão, nem dessem mais motivo de grave aflição. Mas, infelizmente, me enganei”.¹³¹

¹²⁶ O texto encontra-se em *Documenti* XVIII 86-88, FdB 1046 A9-11.

¹²⁷ Cf. cap. 19, § 6.

¹²⁸ *Documenti* XVIII 50, FdB 1045 C9.

¹²⁹ Carta de 28 de março de 1877; E III 161.

¹³⁰ *L'Unità Cattolica*, n. 104, terça-feira, 3 de maio de 1877, p. 413.

¹³¹ *Documenti* XVIII 236-243, FdB 1048, D3-10.

A ilusão ia embora por causa do desentendimento surgido sobre um acontecimento devido à absoluta boa fé de Dom Bosco e à igual retidão do arcebispo em seguir a própria concepção austera de piedade católica. Já se acenou à publicação de graças atribuídas à intercessão de Maria Auxiliadora por ocasião do sétimo aniversário da consagração da igreja de Valdocco.¹³² Na primeira parte se fazia uma breve história da devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e de seu santuário em Turim. Os outros dois terços do livro eram dedicados à relação de cento e trinta graças atribuídas à sua intercessão e a *Esboços em torno da Arquiconfraria dos Devotos de Nossa Senhora Auxiliadora, erigida na igreja a ela dedicada em Turim*. Em 1877 saía a reimpressão.¹³³ Seguia, nas *Leituras Católicas* de maio, outro opúsculo, inteiramente dedicado à relação de trinta e sete graças, com o título *A nuvenzinha do Carmelo, ou seja, a devoção à Nossa Senhora Auxiliadora premiada por novas graças*.¹³⁴ Em base a uma rígida interpretação do decreto da sessão XXV do Concílio de Trento, *De invocatione sanctorum*, o arcebispo exigia “oficialmente” que Dom Bosco lhe dissesse “se esses fatos eram apoiados em tais testemunhos para que se fizesse maduro exame – precisava – pela minha Cúria”.¹³⁵ Dom Bosco respondia conduzindo às suas verdadeiras dimensões o fato e os conteúdos das duas publicações, não sem antes notar que a primeira fora impressa em Sampierdarena com o respectivo “nada obsta” e para a segunda tinha obtido da Cúria Arquiepiscopal de Turim.¹³⁶ Na realidade, mesmo que na reimpressão de 1877 o pequeno volume trouxesse os dizeres “*Com a permissão da autoridade eclesiástica*”, essa fora somente uma declaração do padre filipino Saraceno, revisor sinodal de Turim, que não encontrava nele nenhum impedimento para a impressão; ninguém da Cúria tinha dado o nada obsta. Em 19 de maio o arcebispo insistia: “Reputo ser minha gravíssima obrigação examinar as narrações dos fatos sobrenaturais que se dizem acontecidos em minha diocese”.¹³⁷ Dom Bosco, de partida para Gênova, respondia: “Assim que retornar, satisfarei ao que pedia em sua carta antecedente e assinalarei alguns fatos que me parecem oportunos para receber um exame regular”.¹³⁸ Para o momento, nada mais se fez. Mas a questão, aparentemente adormecida, reapareceria em 1878 e, mais profundamente, em 1879.¹³⁹

¹³² Cf. cap. 16, § 3.

¹³³ Cf. G. Bosco, *Maria Ausiliatrice col racconto di alcune grazie ottenute nel primo settennio dalla consacrazione della Chiesa a Lei dedicata in Torino*. Turim, Tipografia e Libr. dell’Oratorio di S. Francesco di Sales, 1877, 320 p.

¹³⁴ Per cura del sacerdote Giovanni Bosco. Sampierdarena, Tipografia e Libreria di Vincenzo de’ Paoli, 1877, 117 p.; *Letture Cattoliche* a. XXV, n° 5; OE XXVIII 449-565.

¹³⁵ Carta de 17 de maio de 1877; E III 175.

¹³⁶ Carta de 17 de maio 1877; E III 175-176.

¹³⁷ Citado em E III 178.

¹³⁸ Carta de 31 de maio de 1877; E III 178-179.

¹³⁹ Cf. cap. 28, § 4.

6. Grave recuo nos dissídios com o arcebispo

A supra-citada carta do arcebispo ao cardeal Ferrieri com duas diversas datações, no início 19, no final 28 de setembro de 1877 – abundantemente documentada com cartas recolhidas nos dez dias de intervalo entre as duas datas – referia-se sobretudo a dois episódios acontecidos em Valdocco em agosto de 1877.

Nos últimos dez dias do mês um sacerdote da diocese de Ivrea, padre Perenchio, se apresentava ao Oratório pedindo para ser aceito como aspirante na Sociedade Salesiana. Em base a um certificado do pároco, era admitido e se lhe permitia celebrar a missa. Provavelmente, sobre ele tinham chegado ao arcebispo informações pouco favoráveis de Ivrea. Em 22 de agosto a Cúria turinense, por meio do secretário padre Chieverotti, fazia precisas perguntas ao acreditado diretor do Oratório, padre Rua, ou ao vice-diretor, padre Lazzero, sobre a exata posição do sacerdote em relação à Congregação Salesiana. Este informava que padre Perenchio tinha feito o pedido de admissão na Congregação e que se estavam pedindo as testemunhais de Ivrea. Com carta de sexta-feira, 24 de agosto, padre Chiaverotti comunicava que o sacerdote não tinha a faculdade de celebrar seja porque estava suspenso por seu bispo seja porque não podia ainda se considerar membro da Congregação, nem mesmo como noviço. De outro lado – precisava – “nem mesmo algum *professo* pode celebrar nas igrejas não estritamente da Ordem religiosa sem permissão do ordinário”. Era o texto do *Monitum* do calendário diocesano de 1877, que evidentemente não dizia respeito aos religiosos, incluindo os salesianos, que por anos e também nos últimos meses, não obstante o *Monitum*, em Turim e em dioceses, notoriamente, andavam a celebrar missa em igrejas públicas ou de comunidades religiosas e educativas. Na mente do mitente, a carta, obviamente, dizia respeito ao caso particular do sacerdote diocesano suspenso pelo bispo e de outros eventuais sacerdotes religiosos, privados ainda de licença, contemplados pelo *Monitum* XII do *Calendarium liturgicum* de 1877: “Advertimos, ainda, a todos os regulares, que eles não podem, sem nossa licença, celebrar missa nem menos uma só vez em qualquer igreja ou oratório, mesmo privado, da nossa Diocese, excetuadas as igrejas e os oratórios de sua ordem”.¹⁴⁰ Bem diversa foi a interpretação dada pelo vice-diretor do Oratório, padre Lazzero, como ele mesmo anotava, com visão simplificadora, em seu *Diário*: “Agosto de 1877. 24, carta da Cúria de Turim, que suspende os padres do Oratório de celebrar a missa fora das igrejas da própria ordem. 25, padre Lazzero pede por carta explicação da precedente, no entanto manda um bilhete a todos os lugares onde se ia rezar missa avisando que no dia seguinte se pedisse um bilhete por escrito da autoridade eclesiástica. 26, cerca de trinta cantores foram a Strambino para uma função sagrada [padre Lazzero, com sua voz potente, tinha ido com eles] (...). Chegados a Turim, à noite, um pouco tarde, padre Lazzero encontrou uma carta escrita pelo arcebispo, que o suspende de ouvir confissões por vinte dias. Deo Gratias!”¹⁴¹

¹⁴⁰ *Calendarium Liturgicum sevandum Anno MDCCCLCCVII*. Turim. Marietti, 1877, p. XIII.

¹⁴¹ J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 59.

Na carta de sábado, dia 25, padre Lazzero tinha respondido ao secretário curial, comunicando a decisão sobre o sacerdote de Ivrea, agora declarado “noviço” da Congregação, e assegurando a plena aquiescência à proibição das missas “fora das igrejas, que não sejam estritamente da Congregação”, e que em tal sentido se avisariam antes algumas igrejas. Da mesma forma foram convidados a agir os salesianos de Valsalice e de Lanzo Torinese. Nem a licença, pedida na Cúria no mesmo dia, teve seguimento, porque os escritórios estavam se fechando e o arcebispo estava fora de Turim. Não obtendo resposta, padre Lazzero mandava aos reitores das igrejas um bilhete assim escrito: “Por severas disposições de S. E. Rev.ma o Sr. Arcebispo, estamos proibidos de celebrar missa fora das igrejas da nossa Congregação. Se, portanto, V.S. tem necessidade de algum sacerdote dos nossos, será enviado de boa vontade mediante licença escrita da autoridade eclesiástica”. Pode-se imaginar o mal-estar provocado no domingo, 26 de agosto, e sobretudo o desprezo ao arcebispo o qual, no fim das contas, acabava por aparecer como autor de uma medida extravagante e absurda, com gravíssima e imerecida perda de imagem. A reação foi imediata: a suspensão da faculdade de confissão até 14 de setembro, prorrogada até dia 19, foi dada por tempo indeterminado, prescrita ao padre Lazzero, considerado privado do equilíbrio exigido por um ministério tão delicado.¹⁴²

Dom Bosco não tinha sido atingido diretamente, mas inevitavelmente sentia-se envolvido em infortúnios que colocavam em dúvida a boa fé e o bom senso dos seus. Nenhuma iniciativa tinha sido tomada para superar os dois incidentes, evitando que fossem ligados a questões mais sérias de princípio. Com efeito, com o problema pessoal do padre Perenchio, o qual, mais adiante, nomeado professor elementar em Costiglione di Saluzzo, deixaria o Oratório, estava relacionado o problema das testemunhais, ligado à sua atual pertença à Sociedade Salesiana, juridicamente indefinível. Os dois episódios terminavam por reacender as tensões entre Turim e Roma não somente com relação às testemunhais, mas também com outras faculdades concedidas pelo papa a Dom Bosco.

De fato, sobre tais temas se sucediam à brevíssima distância, nos dias 26 e 31 de agosto, duas cartas de dom Gastaldi ao cardeal Innocenzo Ferrieri. A primeira tinha com objeto a questão das testemunhais não exigidas e do caso Perenchio, que era uma confirmação de sua parte. A segunda se concentrava sobre o episódio de 26 de agosto. “Infelizmente – assim dom Gastaldi interpretava o comportamento dos responsáveis do incidente – seu objetivo era colocar o bispo em dificuldade com seus diocesanos, criando-lhe distúrbios e desprazeres” em represália à proibição de celebrar infringida ao padre Perenchio.¹⁴³ Em 9 de setembro o pró-secretário teólogo Francesco Maffei comunicava ao padre Rua: antes de responder ao atestado firmado por Dom Bosco

¹⁴² Cf. Decretos latinos de 26 de agosto e de 19 de setembro de 1877, *Documenti XVIII* 350-351, FdB 1050 C9-10.

¹⁴³ *Documenti XVIII* 218, Fdb 1048 B9.

sobre a pertença do padre Perenchio à Congregação, o arcebispo “quer saber se padre Lazzero e os outros superiores que participaram do gravíssimo distúrbio acontecido em 26 de agosto, e originado evidentemente de um erro muito grande, *sintam-se arrependidos e peçam perdão*. Quando o bispo tiver conhecimento disso por meio da carta assinada pelo padre Lazzero ou por V.S. ou por Dom Bosco, dará por encerrada essa questão precípua. De outra forma, fará o que lhe parecer mais conveniente para a manutenção e decoro da autoridade da qual foi investido por Deus”.¹⁴⁴

Informado das cartas do arcebispo ao cardeal Ferrieri, pelo cardeal Oreglia, em 14 de setembro, no decurso do Capítulo Geral, enviava ao cardeal “protetor” uma carta para que fosse entregue ao prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, na qual dava a mesma interpretação do padre Lazzero ao episódio de 26 de agosto. Ilustrava alguns fatos e fazia algumas perguntas. O ordinário não admitia às ordens ou ao exame para obter a permissão de confessor, se não se apresentassem as testemunhais para a admissão ao noviciado; “intimava” o diretor da casa-mãe a proibir padre Perenchio a celebração da missa e aos salesianos de não celebrar, sem permissão do arcebispo, em igrejas que não fossem da Sociedade Salesiana. Padre Lazzero pedia as razões para isso, assegurando sua “plena submissão às ordens do arcebispo”, recebendo como “única resposta” a proibição de confessar pelo espaço de vinte dias”. Dom Gastaldi – perguntava – podia julgar sobre a admissão de Perenchio ao noviciado? A pena infligida ao padre Lazzero era legítima? Podia proibir a celebração da missa como tinha acontecido em 26 de agosto? Não bastam, para as admissões, as testemunhais do superior com a assinatura da Cúria? O arcebispo podia pedir as testemunhais de aceitação ao noviciado para admitir às ordens ou ao exame de confissão?¹⁴⁵

Neste clima de recursos de sinal oposto não podia ter esperança de sucesso “a oferta de mediação” feita ao arcebispo pelo teólogo Roberto Murialdo, seu coetâneo e discípulo (1815-1883).¹⁴⁶ Antes, às duas cartas precedentes, nos dias 19 e 28 de setembro, o arcebispo respondia com outra ainda mais articulada. Começava recordando que o *Monitum XII*, publicado no calendário diocesano de 1877, por sete meses não tinha produzido nenhum dissenso nas celebrações das missas. Fazia outras observações: “alguma resposta satisfatória” chegara-lhe no livreto de “obrigado” de maio; os jovens dos colégios de Dom Bosco eram dissuadidos de entrar no Seminário e levados a preferir o ingresso na Sociedade Salesiana; a inobservância das leis canônicas no caso Perenchio; e a insubordinação e a malévola interpretação da carta do Chiaverotti de 24 de agosto “Recebo ordem para que nenhum sacerdote da Congregação Salesiana vá celebrar (...) Essa medida severa nos entristece, mas nos conformamos”, tinha respondido o padre Lazzero. “Mas se aproveitava de qualquer ocasião para me pôr em dificuldades com meu clero e com a grei”, interpretava dom Gastaldi. Parece-me – observava

¹⁴⁴ *Documenti XVIII* 230-231, FdB 1048 C9-10. A acentuação é nossa.

¹⁴⁵ Carta do dia 14 de setembro de 1877; E III 215-216.

¹⁴⁶ Carta de 18 de setembro de 1877, in MB XIII 344-345; cf. § 5.

ainda dom Gastaldi – que os religiosos, votados a Deus e propensos à perfeição cristã, “deveriam ter um fundo de humildade suficiente para reconhecer que aqui cometeram um erro”. Pedia ao cardeal Ferrieri que informasse essas coisas ao santo padre, “a quem, infelizmente – afirmava – procurou-se insinuar que sou um adversário ou quase um inimigo obstinado de Dom Bosco”.¹⁴⁷ Por sua parte, com carta de 10 de outubro, o cardeal exortava Dom Bosco a entender o verdadeiro sentido das disposições do arcebispo a propósito das missas em igrejas externas da Congregação e lembrava-o de procurar se ater tanto às leis canônicas quanto às testemunhais.¹⁴⁸ Dom Bosco reagia com carta minuciosa, em que rebatia, com indicações mais precisas, o que já tinha escrito em 14 de setembro: em particular, renovava a defesa da ação do padre Lazzerio. “Malgrado o senhor arcebispo afirme que tal proibição é *imaginária* – sustentava –, contudo continua em vigor”.¹⁴⁹ E era de fato, sustentava apresentando um exemplo não *ad rem*, pois um salesiano, padre Giovanni Cinzano, tendo ido à sua cidade, Pecetto Torinese, não obteve do pároco a permissão de aí celebrar a missa,¹⁵⁰ porque – Dom Bosco teria sabido o motivo mais tarde, pelo próprio pároco – a orientação do superior eclesiástico, justamente em relação ao padre Cinzano, tinha sido clara: “*recorde-se do monitum do calendário e o observe e o faça observar*”.¹⁵¹

De sua parte, o arcebispo reconstruía o incidente e a controvérsia sucessiva, ainda sem solução, em 15 de outubro de 1877, no “Impresso reservado aos eminentíssimos cardeais e alguns arcebispos e bispos”, com o título *O Arcebispo de Turim e a Congregação de São Francisco de Sales (chamada por isso salesiana)*.¹⁵² Nesse impresso, dom Gastaldi retomava os motivos da carta ao cardeal Ferrieri, de 19/28 de setembro, com a evocação dos casos padre Perenchio e de 26 de agosto. Lembrava o pedido de reconhecimento do erro cometido com a carta de 9 de setembro e lamentava: “Até agora não se deu nenhuma resposta”; “e, na verdade, somente a humildade cristã, sem a qual não existe nenhum espírito religioso, e na qual essencialmente consiste a vida de qualquer congregação regular, e de qualquer membro de tal congregação, deveria bastar para reconhecer que no fato de 26 de agosto e nos fatos que o precederam aconteceram erros gravíssimos, senão de vontade, por certo de inteligência e de imaginação: com os quais, ficando comprometida a autoridade divina episcopal, a eclesiástica arquiépiscopal, tem-se o estrito dever de reparar a ofensa, ao menos com o reconhecimento do erro e o pedido de perdão”.¹⁵³

Finalmente, em 4 de novembro, para restabelecer melhores relações com a autoridade eclesiástica local, padre Rua acreditou ser seu dever responder ao pedido que lhe

¹⁴⁷ *Documenti* XVIII 236-243, FdB 1048 D3-10.

¹⁴⁸ Cf. texto em MB XIII 349.

¹⁴⁹ Carta de 12 de outubro de 1877; E III 227-229.

¹⁵⁰ Carta de 14 de outubro de 1877; E III 228.

¹⁵¹ Carta do padre Giuseppe Perlo a Dom Bosco, 22 de novembro de 1877; MB XIII 363.

¹⁵² Tipografia C. Marietti, 1877, 12 p.; *Documenti* XVIII 337-348, FdB 1050 B8-C7.

¹⁵³ *L'Arcivescovo di Torino e la Congregazione di S. Francesco di Sales*, p. 12.

foi transmitido pelo padre Maffei em 9 de setembro: “Primeiramente – escrevia padre Rua – peço-te de querer notificar a S. E. Rev.ma o Sr. Arcebispo que nós ficamos *muito tristes pelo desprazer que S. E. experimentou*, quando em agosto passado *aconteceu o inconveniente* das missas”.¹⁵⁴ A dom Gastaldi a fórmula adotada parecia evasiva, em relação a que tinha sido proposta, além de ser deploravelmente tardia. O teólogo Maffei fazia tal comunicação ao padre Rua em 25 de novembro, citando o texto preciso da declaração pedida pelo arcebispo: *declarassem estar pesarosos do distúrbio gravíssimo causado em 26 de agosto último, e disso pedissem perdão*. “A essa declaração – prosseguia – não responde por nada a que V. S. fez vinte e seis dias depois!”. “Quem tem coração está sempre arrependido do desprazer, embora merecido, que prova quem é justamente condenado a sofrer por suas faltas. Permanece pois evidente que a declaração de V. S. não diz nada.”¹⁵⁵

No entanto, bem mais preocupante e grávida de desenvolvimentos mais negativos era a lacônica exigência do cardeal Ferrieri a Dom Bosco, ocasionada por “algumas reclamações” apresentadas pelo arcebispo ao papa e submetidos ao exame da Congregação dos Bispos e Regulares: “faz-se necessário que V. R. faça conhecer distintamente e com toda exatidão as faculdades e privilégios que recebeu e dos quais goza por benigna concessão da Santa Sé, a fim de que tal conhecimento sirva de norma no acurado exame que os eminentíssimos padres farão desta situação”.¹⁵⁶ De Borgo San Martino, Dom Bosco pedia ao padre Berto de fazer transcrever por um ajudante, em letra legível, “por ordem cronológica”, em “um caderno limpo”, os decretos relativos a “todos os privilégios concedidos à Congregação”, “começando de 1864 até hoje, inclusive os rescritos e os breves”. Advertia: “No mais, haveremos de nos ver na sexta-feira, avisa o padre R[ostagno]”, seu consultor jurídico.¹⁵⁷ Em 6 de dezembro enviava ao cardeal Ferrieri “uma cópia autêntica de todos os favores espirituais e privilégios da Santa Sé” concedidos à Congregação Salesiana. Desculpava-se de dever, em breve, perturbar novamente o cardeal, uma vez que o arcebispo, que “já havia admitido nossos clérigos para as próximas ordenações”, “hoje – escrevia – fez comunicar que não admitirá mais nenhum salesiano, sem contudo dar alguma razão para isso”.¹⁵⁸ Com o legítimo temor de que a exigência pudesse ser prelúdio da suspensão dos favores e privilégios concedidos, após seis meses Dom Bosco pedia ao papa Leão XIII a confirmação, em particular sobre o que era relativo à isenção das testemunhais para os alunos aspirantes à Congregação, concedida por Pio IX *vivae vocis oraculo*.¹⁵⁹ Mas o pedido foi transmitido à Congregação competente, certamente não favorável a este e a outros privilégios.

¹⁵⁴ Carta ao teólogo Maffei, 4 de novembro de 1877; MB XIII 356. Os grifos são nossos.

¹⁵⁵ *Documenti* XVIII 385, FdB 1051 A8; MB XIII 370.

¹⁵⁶ Carta do cardeal Ferrieri a Dom Bosco, 14 de novembro de 1877; MB XIII 360.

¹⁵⁷ Carta de 21 de novembro de 1877; E III 239-240.

¹⁵⁸ Carta ao cardeal Ferrieri, 6 de dezembro de 1877; E III 248.

¹⁵⁹ Cf. carta de 7 de junho de 1878; E III 360-361.

Poderiam ter sido as reclamações precedentes ou outras, algumas reenviações de uma carta do pró-secretário do arcebispo, teólogo Maffei, de 15 de novembro, o objeto de uma carta clarificadora de Dom Bosco a dom Gastaldi de 22 de novembro: as queixas pela celebração da missa do padre salesiano Angelo Rocca na capela privada da família, em Rivara Canavese, as publicações das indulgências para os cooperadores, as testemunhais não chegadas da Cúria turinense ao pedido, feito a seu tempo, para o clérigo Angelo Rocca, no momento sacerdote. Mas além dessas querelas, Dom Bosco fazia uma pergunta inquietante, que o arcebispo, talvez, teria desejado dirigir uma vez a ele: não teria sido melhor evitar confrontos diretos sobre questões remetidas às congregações romanas? Nessa ótica manifestava com toda sinceridade o próprio desagrado “de que a questão da proibição das missas – dizia – não tenha sido tratada dessa mesma forma, e que um impresso [o de 15 de outubro], que traz o nome de reservado, viesse a prejudicar a decisão”. A esse escrito ele se sentia obrigado a responder, pedindo “preventivamente perdão”, e se aí fosse encontrado algum excesso, esperava que fosse atribuído “à necessidade da defesa e ao veemente desprazer” que experimentava. Acrescentava: “mas, por que não tratar essas dificuldades com medidas paternas e com a indulgência que merece uma congregação nascente que quer sinceramente o bem, e pode com certeza errar por ignorância, mas seguramente não por malícia? Deus julgará V. E. e seu pobre servo sobre a retidão de nossas intenções, da caridade cristã e da humildade com a qual agimos, do esforço que tivermos colocado para encontrar os meios proporcionados a defender e promover os interesses da santa religião: a Ele me entrego”.¹⁶⁰ O bispo replicava: “O melhor que V. S. poderia fazer seria de apresentar-se a seu arcebispo sem nenhum outro espírito que o da caridade e da humildade. Então, para o bem de V. S. e de sua Congregação e da Arquidiocese, poder-se-iam provavelmente aplinar os obstáculos da paz”.¹⁶¹ No dia seguinte, Dom Bosco confidenciava ao bispo de Vigevano, o amigo vercelense dom De Gaudenzi: “Mas por que não podemos ter em Turim um bispo que seja igual ao senhor? Nossas coisas vão sempre como a palha ao fogo, e por causa disso na primeira metade do próximo dezembro deverei fazer uma viagem a Roma”.¹⁶²

O dia seguinte assinalava o início de um período tempestuoso, medido não mais pelos dias ou meses, mas pelos anos.

¹⁶⁰ Carta de 22 de novembro de 1877; E III 240-241.

¹⁶¹ Carta de 23 de novembro de 1877; MB XIII 366.

¹⁶² Carta de 24 de novembro de 1877; E III 242.



Capítulo XXVI

PRIMEIRO CAPÍTULO GERAL SALESIANO, ENTRE ANTIGOS E NOVOS PROBLEMAS (1877-1879)

- 1877 20 de junho: cardeal Randi, referência para a questão dos Irmãos Hospitaleiros
20 de julho: por uma redefinição do visitador *in spiritualibus*
7 de agosto: Dom Bosco repropõe o visitador único
18: reproposta a agregação à Sociedade Salesiana
1º de outubro: carta do cardeal Randi de exoneração de Dom Bosco como visitador
5: encerramento do Primeiro Capítulo Geral
25 novembro a 1º dezembro: suspensão *latae sententiae* das confissões
29 de novembro: carta de Dom Bosco ao cardeal Bilio
18 de dezembro: viagem a Roma
- 1878 9 de janeiro: morte de Vitório Emanuel II
7 de fevereiro: morte de Pio IX
20: eleição de Leão XIII
21: memorial a F. Crispi sobre o sistema preventivo
- 1881 primeira biografia de Dom Bosco do doutor Charles d’Espiney

A primeira parte de 1877 tinha sido rica de promessas e de iniciativas, tanto no interior como no exterior da Sociedade Salesiana. O sucesso no honorífico encargo, embora imediatamente dificultoso e cheio de contrastes, em favor da Congregação dos irmãos concepcionistas poderia ter dado prestígio a Dom Bosco e à sua Sociedade justamente no centro da catolicidade, no qual ele tanto desejava implantar sua obra. Poderia ainda ter-lhe criado oportunidade de novas relações em ambientes importantes da Cúria e a possibilidade de atenuar as tensões turinenses. De qualquer modo, tinha sido totalmente positivo o trabalho para dar consistência interna à própria Sociedade. Isso chegava à síntese com a celebração do Primeiro Capítulo Geral, de 5 de setembro a 5 de outubro.

1. Primeiro Capítulo Geral da Sociedade Salesiana

Em consonância com o espírito prático da Congregação e de seus Capítulos – seguidos das respectivas deliberações sobre regulamentos gerais e especiais – tinham

um significado preciso, perfeitamente bosquiano, as palavras aparentemente enfáticas, dirigidas aos capitulares na sessão da tarde de 7 de setembro, a quarta: “Desejo que as coisas vão adiante bem com alacridade, mas com calma; que não precipitemos nada, porque estas sessões marcarão época em nossa Congregação e delas dependerá, em grande parte, seu bom encaminhamento para o futuro. Não digo que delas dependerá a existência ou a dissolução da Congregação, mas que elas serão como que uma base muito segura para o bom andamento. E a salvação de tantíssimas almas depende do que estamos por regularizar nestes dias”.¹ Disso brotava a proposta de um método bastante prático: “E sem ter que pegar outros livros para nossos estudos, estes sejam feitos sobre o esquema, sobre as regras, sobre os regulamentos dos colégios, sobre as circulares enviadas nos anos passados a todas as casas e sobre as deliberações já tomadas nas conferências que se faziam tempos atrás seja aqui em Lanzo como em Turim. Em uma palavra, sejam coisas adaptadas às nossas necessidades. A importância deste Capítulo está no fato de que as Regras, as quais até agora são somente orgânicas [gerais, sistemáticas], se tornem práticas. isso é, estudem-se todos os modos de indicar a forma de reduzir as Regras à prática”.²

Dáí seguia que as discussões e os resultados – fixados depois em grande parte nas *Deliberações* impressas no ano seguinte – não apresentavam algo muito original com relação à tradição, criada pelas circulares, pelas Conferências de São Francisco de Sales e pela introdução *Aos sócios salesianos*. Esse fato tornava-se evidente pela continuação das sessões e dos temas sucessivamente tratados. As coisas mais interessantes foram as considerações complementares ou extemporâneas às quais Dom Bosco se entregava, revelando interessantes aspectos de seu pensamento e mentalidade.

1.1 Sucessão das discussões capitulares

As sessões do Capítulo Geral foram vinte e seis no total, das quais duas – no sábado, 22 de setembro, e na sexta-feira de manhã, 2 de outubro – devem ser consideradas antes de mais como reuniões do Capítulo Superior: com efeito, foram dedicadas respectivamente à proposta de algumas fundações e à determinação das datas dos exercícios espirituais dos salesianos em 1878. As jornadas de trabalho foram realmente dezesseis, das quais dez com duas sessões, ante-meridiana e pós-meridiana. Houve duas semanas de interrupção, de 15 a 20 de setembro e de 23 de setembro a 1º de outubro. Os presentes que se podem relevar das atas – para algumas sessões não há indicação de lista dos presentes – foram de um mínimo de 14 a um máximo de 22. Entre os membros inclui-se também, de 7 a 12 de setembro, padre Pagani, diretor espiritual

¹ G. BARBERIS, *Verbali* I 37. Os cadernos das Atas redigidos pelo padre Giulio Barberis estão guardados na ASC D 578.

² *Verbali* I 5-6.

do Seminário de Magliano Sabina.³ Em algumas poucas sessões estiveram presentes dois “especialistas” de vida religiosa, os padres jesuítas Giovanni Battista Rostagno (1816-1883) e Secondo Franco (1817-1893): o primeiro, da sexta à décima sessão, da tarde de domingo, 9 de setembro, a terça-feira, dia 11, pela tarde; o segundo, da sexta à oitava sessão, até segunda-feira após o almoço. A consulta deles foi geralmente solicitada sobre problemas práticos específicos, inerentes à vida cotidiana da comunidade religiosa. Não foram jamais colocadas questões concernentes a aspectos essenciais do estado religioso.

Os trabalhos sucederam-se em ordem desigual, segundo o grau de amadurecimento atingido pelos diversos argumentos, graças ao trabalho das comissões. Isso fica evidente no esquema do calendário:

Quarta-feira, 5 de setembro, tarde: organização do trabalho capitular.

Quinta-feira, 6 de setembro, tarde – 5ª Comissão: *Estudos sagrados e pregação*, estudos sagrados e preparação à pregação, usos religiosos.

Sexta-feira, 7 de setembro, manhã – 4ª Comissão: *Estudos entre os alunos* nos colégios, livros de texto e livros em prêmio, titulares da disciplina (prefeito, conselheiro escolar, catequista).

Sexta-feira, 7 de setembro, tarde – ainda sobre o tema da 4ª Comissão: *Estudos entre os alunos*, nos colégios, livros de texto e de prêmio, assinaturas de coleções de livros; impressão e Cooperadores Salesianos.

Sábado, 8 de setembro, tarde – 5ª Comissão: *Estudos e pregação*, inteiramente consagrada a tratar de aspirantes, de noviços e da primeira admissão aos votos.

Domingo, 9 de setembro, tarde – 1ª Comissão: *Vida comum*: propriedade dos bens pessoais; propriedade, administração e uso dos bens materiais (livros, roupas, bebidas, comestíveis, roupa de cama); cuidado da saúde.

Segunda-feira, 10 de setembro, manhã – 1ª Comissão: *Vida comum*, o uso dos bens materiais (vestimentas, livros, roupa de cama etc.), viagens.

Segunda-feira, 10 de setembro, tarde – 1ª Comissão: *Vida comum*, hospitalidade, festas e convites; 2ª Comissão: *Moralidade* entre os salesianos, meditação, jurisdição para as confissões.

Terça-feira, 11 de setembro, manhã – 2ª Comissão: *Moralidade* entre os salesianos e entre os alunos.

Terça-feira, 11 de setembro, tarde – 2ª Comissão: *Moralidade* entre os salesianos e entre os alunos; o *Teatro* e a criação de Comissão particular para o *Teatro*; respeito aos superiores; *Inspetorias ou províncias* e criação da Comissão para o Inspetor.

Quarta-feira, 12 de setembro, manhã – 3ª Comissão: *Economia* nas provisões, incluindo o caso da divisão da Congregação em províncias.

Quarta-feira, 12 de setembro, tarde – 3ª Comissão: *Economia* nas provisões e no consumo de luz.

³ Foi aceito na Congregação, com o cônego Francesco Rebaudi, na quinta-feira, 16 de fevereiro de 1877 (cf. G. BARBERIS, *Capitoli generali. Verballi*, fol. 30v, FdB 1876 B10).

Quinta-feira, 13 de setembro, manhã – 3ª Comissão: *Economia* nas provisões, no consumo de luz, na cozinha, o pão aos pobres, caldo de ossos, café.

Quinta-feira, 13 de setembro, tarde – 3ª Comissão: *Economia* nas novas construções, reparos, trabalhos, bola elástica, tambores; a “Monografia” ou Crônica da casa e da Congregação; Formação de Comissão particular: as *Monjas ou Filhas de Maria Auxiliadora*; Missões ordinárias: o pessoal para as missões e para as outras casas.

Sexta-feira, 14 de setembro, manhã – Comissões particulares: *Férias dos sócios e Teatro*; 2ª Comissão: *Moralidade*, os bons hábitos.

Sexta-feira, 14 de setembro, tarde 2ª Comissão: *Moralidade*, hábitos maus; Formação de Comissão especial: *Deliberações tomadas nos anos passados*; Comissões particulares: *Inspetorias e ofícios do inspetor*, inspetorias ou províncias, relações do inspetor com o reitor-mor; Observações sobre as atas, os atos, o decreto de conclusão do Capítulo.

Sexta-feira, 21 de setembro, manhã – Comissão particular: *Inspetorias e ofícios do inspetor*, divisão da Congregação em inspetorias, regras para o inspetor.

Sexta-feira, 21 de setembro, tarde – Comissão particular: *Inspetorias e ofício do inspetor*, tarefas do inspetor e outras coisas a ele atinentes.

Sábado, 22 de setembro, manhã – Impedimentos para entrar na Congregação; Comissão particular: *Monjas ou Filhas de Maria Auxiliadora*, relações das irmãs com as casas dos salesianos.

Sábado, 22 de setembro, tarde (com apêndice no domingo, 23 de setembro, na parte da tarde) acréscimo sobre os estudos dos sócios, ofertas e aceitação de novas obras, como responder a uma carta de pedido.

Terça-feira, 2 de outubro, manhã – Comissão particular: *Deliberações tomadas nos anos passados*, que devem ser conservadas e acrescentadas às do Capítulo Geral.

Quarta-feira, 3 de outubro, manhã releitura das “Atas”, o proêmio histórico e *Estudos dos sócios*, práticas de piedade dos alunos.

Quarta-feira, 3 de outubro, tarde releitura das Atas, *Estudos dos sócios, Imprensa, Associações* (assinaturas), *Livros*.

Quinta-feira, 4 de outubro, manhã releitura das Atas, *Estudos dos alunos*; A denominação *Salesiano* e a função do *Boletim Salesiano* para difundir a verdadeira identidade; releitura das Atas, *Vida comum*.

Sexta-feira, 5 de outubro, manhã atividades ordinárias, exercícios espirituais dos salesianos para os anos futuros, data da divisão em inspetorias.

Sexta-feira, 5 de outubro, tarde formalidade para o encerramento; breve consideração de Dom Bosco sobre o “sistema preventivo”, encerramento do Capítulo.

Quantitativamente, empregou-se mais tempo para *Economia, Moralidade, Estudos dos Sócios e dos alunos e Inspetorias*.

De particular interesse, talvez também eco do empenho provisório com os concepcionistas, aparece o cuidado colocado na quinta sessão, de 8 de setembro, para precisar a categoria dos “aspirantes”, para dar maior visibilidade aos coadjutores e a seu período de noviciado e para estruturar mais solidamente a formação dos novos clérigos.⁴

⁴ 5ª Sessão, 8 de setembro; G. BARBERIS, *Verbalis* I 58-74.

Tendo recebido o mandato para tal, o Capítulo Superior ocupou várias sessões de outubro e algumas de novembro e dezembro para rever e aperfeiçoar as Atas, de forma a transformá-las em *Atos*, que se pensava enviar a Roma para aprovação oficial. Isso não foi considerado nem necessário nem oportuno. O trabalho continuaria intermitentemente em 1878, até a publicação do volume das *Deliberações*, reservado à Congregação Salesiana.

1.2 Intervenções mais significativas de Dom Bosco

No Capítulo os membros tiveram plena liberdade de palavra, garantida antes de tudo no trabalho de comissão, do qual se referia na Assembléia Geral com discussões que aderiam aos textos preparados, sem mudanças significativas em seus conteúdos. Tendia-se, antes de tudo, a integrá-los e a precisá-los. Dom Bosco, contudo, não somente na discussão de cada texto e dos artigos conclusivos, mas também e sobretudo em intervenções complementares, agia como o mestre aos discípulos, chamados a apropriar-se de suas idéias mais significativas sobre temas novos e antigos.

Uma das primeiras manifestações se dava a propósito da centralização no Oratório da direção dos cooperadores e da redação do *Boletim Salesiano*, editado há poucas semanas. “Justamente o maior esforço que eu fiz por estes cooperadores – explicava – foi justamente encontrar uma forma de torná-los unidos com a cabeça, e que esta possa fazer chegar seus pensamentos a todos. Ora, nem mesmo nós podemos fazer idéia da extensão que tomará essa obra. Mas quando sejam vários milhares, e eu estou persuadido que em dois ou três anos serão ao menos cinco mil, então se poderá fazer coisa imensa, e o próprio santo padre, quando viu o vínculo de todos com o chefe e do chefe com todos, acrescentou surpresa: ‘mas esta é uma verdadeira maçonaria católica!’”. Continuava listando as vantagens publicitárias, beneficentes e também econômicas da difusão do *Boletim*. Declarava, também, que aos cooperadores podiam se inscrever também os religiosos e seus mesmos institutos, e até mesmo os “terciários franciscanos e dominicanos”. E justificava essa possibilidade, acentuando, talvez mais que o devido, a diferente especificidade dos dois tipos de terciariado: os terciários das ordens mendicantes, “todo ele práticas de piedade, e nós, todo prática de caridade, se unem tão bem e não resta nada de sobrecarregado, nem em preces nem em obras boas”. Prosseguia sublinhando que, assim como a Congregação Salesiana, também a Associação dos Cooperadores era “bem vista a todos porque de nenhum modo entra em política, nem por um lado nem por outro”. Recordava que Roma não tinha aceitado para os salesianos a introdução em suas Constituições de um artigo a propósito disso. Todavia – concluía –, “nós temos sempre o princípio geral que, fora dos casos de necessidade, os quais podem muito bem acontecer, não [entramos] em coisas políticas, e isso nos é de imensa valia”.⁵

⁵ 4ª Sessão, 4 de setembro; G. BARBERIS, *Verbali* I 50-55.

Sobre o estado de consciência dos jovens que chegavam no colégio, as considerações expressas em 11 de setembro eram pessimistas. Dom Bosco partia de um princípio: “Por certo, o ponto culminante para obter a moralidade é a freqüente confissão e comunhão, mas desde que bem feitas”. Prosseguia: “Faz pena ver o estado de consciência de talvez nove ou dez dos jovens que chegam às nossas casas. Nem o fato de ter comodidade os coloca em ordem! É preciso persuadir-se de que, quando um jovem tem a desgraça de deixar confusões na consciência, deixa-as por anos e segue adiante; não há solenidade ou curso de exercícios ou morte de outros que o atinja”. Mais adiante, sempre a propósito de moralidade, convidava a estudar o que “há muito tempo refletia”: isto é, que os salesianos dormissem em uma parte reservada da casa, onde não deveriam receber ninguém: “quase diria – explicava – que haja uma espécie de clausura que ninguém possa ultrapassar”; “especial e absolutamente, que não durmam nessa parte da casa mulher de espécie alguma, fosse mesmo a mãe do diretor ou as boas senhoras que em nossos colégios cuidam da roupa ou fazem outros trabalhos semelhantes”. Considerava, além disso, que se revisse a mistura de pessoas que se verificava por ocasião da festa de Nossa Senhora Auxiliadora, coisa que no início podia ter tido alguma razão e aspectos positivos, mas que, com o andar do tempo, podia ter dado espaço a abusos perniciosos. Tinha acontecido o mesmo com o Oratório: embora sem portaria e com a ida a trabalhar fora, pela “novidade e o fervor primitivo” “aconteciam poucas desordens”. Depois, “com o andar do tempo, viu-se a necessidade de murar o pátio e de colocar um porteiro”.⁶

A propósito de *Economia*, sua intervenção era dura com os morosos no pagamento da taxa concordada com as famílias para os colegiais. Eles não deviam viver do dinheiro dado em beneficiência para os jovens dos internatos. “Com os que se mostram em atraso – afirmava – é preciso ser santamente cruéis. Eu não encontro outro remédio que este, isto é, enviar os jovens para junto de seus pais para que, se estão em possibilidade de pagar, sejam solicitados com este fato a pagar prontamente. Se não podem fazê-lo, fiquem os jovens em casa. Existe uma única exceção, quando esse jovem dá muita esperança para a Congregação”: “é bom que os colégios tenham uma quota fixa e não se transija por quanto puder”.⁷

Das “monjas” ou Filhas de Maria Auxiliadora se tratava sem qualquer participação delas, direta ou indireta. No entanto, estava presente padre Costamagna, diretor em Mornese, que, assim como padre Bonetti, tinha feito observações em quase todas as sessões. É interessante o quanto Dom Bosco considerava alta e vasta missão das irmãs salesianas: “Uma vez parecia que o *Sal terrae* fosse exclusivo para os padres, mas agora procura-se toda forma de afastá-los do ensino. Também para as meninas busca-se de colocar professoras, que conservam bem pouco o princípio religioso. Por isso é preciso que busquemos todas as formas para que as nossas Filhas de Maria Auxiliadora sejam

⁶ G. BARBERIS, *Verbali* II 140-141, 142, 144-145.

⁷ 11ª Sessão, 12 de setembro; G. BARBERIS, *Verbali* II 158.

habilitadas a cuidar da educação das meninas, especialmente se pobres, dos vários lugares, e fazer no meio destas [aquilo] que os salesianos fazem entre os jovens. Assim também elas poderão ser e dispensar o Sal da terra. Da mesma forma poderão, em especial, fazer o bem nos hospitais e assim estabelecer escolas neles. Agora já começam a associar-se conosco nas missões. O bem que elas poderão fazer é muito grande”.⁸

Tornava-se relevante a intervenção extemporânea sobre a denominação *salesiano*, que ia sempre mais se difundindo, e sobre o *Boletim*, que deveria ser arauto de sua identidade social. Pensava-se no passado que o uso do termo salesiano devesse ser mais parco. Mas nos últimos anos tinha se tornado inevitável, e era necessário que também “a Congregação tomasse um nome fixo”. São Francisco de Sales era “nome querido à Igreja e à sociedade civil”, era o “santo da mansidão”, era o patrono principal. Todavia, convinha fazer uso moderado dessa denominação, ainda que se tenha adotado “este nome como fixo para o Boletim dos Cooperadores Salesianos”. “Foi um passo difícil – prosseguia –, mas estudado. Era necessário nos fazer conhecer, e no verdadeiro sentido nosso”.⁹ Tomava esse fato como ponto de partida para traçar o perfil do salesiano religioso e cidadão. “Nosso objetivo – esclarecia – é fazer conhecer que se pode dar a César o que é de César, sem jamais comprometer ninguém. E isso não nos separa de forma nenhuma de dar sempre a Deus o que é de Deus. Em nossos tempos se diz que isso é um problema, e eu, se se quiser, acrescento que é talvez o maior dos problemas. Mas já foi solucionado pelo nosso Divino Salvador Jesus Cristo”. Na prática podiam surgir “grandes dificuldades”, em especial quando, e na realidade era, “o governo é mau”. Mas o princípio era claro: “O Senhor nos manda obedecer e respeitar os superiores ‘etiam discolis’”, “contanto que não ordenem coisas diretamente más”; “não se fará o que é mau; mas se continua a respeitar a autoridade de César”. Continuava com um pesado juízo histórico sobre a situação política e religiosa, provavelmente em referência à Itália. “Talvez, ninguém melhor que eu – confiava – vê as más condições nas quais se encontra a Igreja e a religião nestes tempos. Creio que desde são Pedro até nós não tenha tido um tempo tão difícil. A arte é refinada e os meios são imensos. Nem mesmo as perseguições de Juliano Apóstata eram tão hipócritas e danosas assim. E então? Com tudo isso procuraremos em todas as nossas coisas a legalidade, e se são necessárias prestações, serão pagas, e se não se admitem mais as propriedades coletivas, nós as teremos individuais, e se exigem exames, estes serão feitos, e se patentes ou diplomas, far-se-á o possível para obtê-los, e assim se irá adiante. Mas tudo isso exige fadigas, despesas, cria estorvos. Nenhum de vós pode ver isso tudo como eu o percebo. Antes, a maior parte dos estorvos e embrulhadas não se nomeiam, para que não se fique amedrontado. Eu suou e trabalho o dia inteiro para procurar colocar tudo em ordem, para obviar os inconvenientes. E, contudo, é preciso ter paciência, saber suportar ao invés de encher o ar de exclamações lamuriantas, trabalhar o mais que puder para fazer que

⁸ 19ª Sessão, 22 de setembro; G. BARBERIS, *Verbali* III 3-4.

⁹ 24ª Sessão, 4 de outubro; G. BARBERIS, *Verbali* III 41.

as coisas vão bem adiante. É isso que se pretende fazer conhecer um pouco por vez e praticamente com o *Boletim Salesiano*. Esse princípio haveremos de fazer prevalecer e será fonte de imensos bens tanto para a sociedade civil como eclesiástica”.¹⁰

Antes do encerramento da última sessão, Dom Bosco recordava que em uma das primeiras conferências tinha-se falado de se compor um “pequeno tratado de preceitos de eloquência sagrada para ser estudada nas escolas de teologia”. Acrescentava: “É preciso que esse pequeno tratado de preceitos não diga respeito exclusivamente à pregação que é necessário fazer aos jovens, mas também à educação que se deve dar aos jovens. Encarnar nestes nosso sistema de educação preventivo e insistir que a educação deve ser toda fundada sobre esse sistema. Deve ser, pois, amor que atrai os jovens para fazer o bem por meio de contínua vigilância e direção; não a punição sistemática das faltas, que, antes de mais, atrai sobre o educador o ódio do jovem até quando viver”.¹¹

1.3 As deliberações impressas (1878)

Em 1º de novembro de 1878 Dom Bosco apresentava aos salesianos o fascículo das *Deliberações* do Primeiro Capítulo Geral. Continha os seguintes elementos: carta de apresentação do superior, introdução com um brevíssimo *excursus* histórico sobre a Congregação, razão do Capítulo, preparação e abertura, elenco dos participantes e texto das deliberações.¹² A substância das discussões e das deliberações capitulares e dos artigos normativos aí amadurecidos permanecia sem alteração. Contudo, dava-se ao conjunto sistematicidade e completeza mais visíveis. As *Deliberações* se tornavam o modelo da regulamentação prática da vida religiosa e operativa salesiana, que perduraria, com estrutura semelhante, estilo idêntico e formalização sempre mais acentuada, nos *Regulamentos* anexos às Constituições Salesianas até o ano de 1972.

Ao lado dos “artigos orgânicos” ou gerais das Constituições e das “exotrações” – escrevia Dom Bosco – devia-se colocar como complemento operativo “um regulamento inalterável”, para sua “interpretação prática”. Para tal foram exigidos “estudo e diligência” do Capítulo Geral, na preparação e na celebração: “deduzir dos artigos orgânicos as aplicações a serem colocadas em prática nas várias funções do sagrado ministério e da administração material de nossas coisas públicas e privadas”.¹³ As deliberações eram distribuídas em cinco distinções específicas. As distinções recolhiam as matérias tratadas mais amplamente no curso dos trabalhos capitulares: *Estudo, Vida comum, Moralidade, Economia, Regulamento para o inspetor*.

¹⁰ 24ª Sessão, 4 de outubro; G. BARBERIS, *Verbali* III 40-44.

¹¹ 26ª Sessão, 5 de outubro à tarde; G. BARBERIS, *Verbali* III 55.

¹² *Deliberazioni del Capitolo Generale settembre 1877*, p. 3-5, 6-11, 12-14, 15-95; OE XXIX 379-387, 388-390, 391-471.

¹³ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 3-4; OE XXIX 379-387, 388-380.

Os estudos eclesiásticos, essencialmente de teologia em preparação ao sacerdócio e ao ministério das confissões, eram de responsabilidade do catequista geral. Ao escolar diziam respeito os estudos profanos, clássicos e filosóficos. O primeiro ano de filosofia geralmente coincidia com o ano de noviciado.¹⁴ “Com relação a encaminhar vários à láurea de teologia – tinha-se decidido no Capítulo – parece que assim convém, quer para superar a fama dos que afirmam que entre nós se estuda pouco, quer porque a láurea servirá sempre por causa do título, para que se possa ministrar outras disciplinas”.¹⁵ Quanto aos estudos de teologia partia-se pacificamente do pressuposto implícito de que não se tinha um centro de estudos destinado a tal fim e que as horas dedicadas às lições pudessem ser normalmente inferiores às de um curso seminarístico normal. O ideal máximo a se atingir era que, nas várias casas, os que se preparavam para as ordens sagradas – três ou quatro anos – “tivessem não menos de 5 horas de aulas por semana”, admitindo, além disso, que se pudesse admitir às ordens “antes de terminado o curso teológico”, com a obrigação de “completar os estudos depois”.¹⁶ Era lógico que tudo isso não entrasse nas *Deliberações* oficiais. Na prática, estas se reduziam às poucas linhas do “Capítulo I. *Estudo entre os salesianos*. Os sacerdotes e os clérigos da Pia Sociedade Salesiana regularão seus estudos conforme o cap. XII de nossas Constituições e conforme o Regulamento interno das casas”.¹⁷ Para a sua efetivação bastava o que o *Regulamento para as casas* prescrevia ao catequista: “Tomará cuidado dos clérigos adidos a qualquer ofício da casa, procurando que aprendam as sagradas cerimônias e façam o estudo de Teologia”.¹⁸ Na sessão de quinta-feira, pela tarde, dia 6 de setembro, dedicada à discussão do tema confiado à 5ª Comissão, *Estudos sagrados e pregação*, estabeleceu-se que os sacerdotes preparassem por escrito “um tríduo para as quarenta horas, uma série de meditações e de instruções para um tríduo e depois um turno de exercícios espirituais”. Deu-se, inclusive, uma lista de autores dos quais tirar trechos para as meditações, as instruções e as quarenta horas.¹⁹ As *Deliberações* ignoravam essa parte da discussão, que era retomada e integrada no Capítulo Geral de 1880 e introduzida nas relativas *Deliberações*, promulgadas em 1882.²⁰

Aos estudos dos clérigos salesianos anteriores à teologia, era feito um aceno parcial em artigo do cap. II sobre o *Estudo entre os alunos*: “Na escola de Pedagogia Sagrada, que é estabelecida entre nós para todos os clérigos do primeiro ano de filosofia, que se leiam várias vezes e se expliquem as normas a ser seguidas pelos professores e pelos assistentes”.²¹ A longa discussão dos capitulares sobre a introdução de autores cristãos

¹⁴ G. BARBERIS, *Verbali* I 16, 18.

¹⁵ G. BARBERIS, *Verbali* I 18.

¹⁶ 2ª Sessão, 6 setembro; G. BARBERIS, *Verbali* I 10.

¹⁷ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 15; OE XXIX 391.

¹⁸ *Regolamento per le case*, p. 27; OE XXIX 123.

¹⁹ G. BARBERIS, *Verbali* I 11-12.

²⁰ Cf. cap. 29, § 2.

²¹ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 16; OE XXIX 392. Cf. G. BARBERIS, *Verbali* I 30.

na formação clássica traduzia-se, nas *Deliberações*, em artigo un tanto quanto exangue: “Procure-se a forma de introduzir em nossas casas os clássicos cristãos. Em todas as classes ginásiais e liceais dê-se ao menos uma aula por semana sobre um texto desses autores, e isso se torne matéria de exame”.²²

A segunda distinção sobre a *Vida comum* era quase a única a ser introduzida por uma modesta referência teológica, o “cor unum et anima una” dos primeiros cristãos.²³ Aí se recolhiam prescrições heterogêneas, que Dom Bosco tendia a identificar com a igualdade das coisas materiais: administração dos bens, vestes e roupa de cama, alimento e quarto, livros, saúde e cuidados, hospitalidade, convites, almoços, hábitos, mudança de pessoal, respeito aos Superiores.²⁴

A distinção *Moralidade*, referindo-se sobretudo à realidade sexual, espelha os conteúdos de longas discussões capitulares, incluindo a regulação do *Teatro*. Sublinha-se em particular a severa proibição das “amizades particulares quer com os irmãos quer com os jovens alunos” e a absoluta reserva no tratar com os alunos (cap. I, *Moralidade entre os sócios salesianos*). Insiste-se sobre a temperança, sobre cautelas humanas e, mais longamente, sobre recursos religiosos: as práticas de piedade e os “rendicontos” (cap. II), a “assistência” para salvaguarda da moralidade entre os alunos (cap. III), os “usos religiosos” (cap. IV).²⁵ Sobre os *Costumes religiosos* os capitulares ocuparam-se na sessão de 6 de setembro, fazendo passar com poucas modificações e acréscimos o capítulo preparado por Dom Bosco. Para ele tais costumes eram “as práticas de piedade não ordenadas por nossas regras”: “os sermãozinhos da noite após as orações”, “a leitura à mesa, os tríduos, as novenas, os exercícios espirituais, as solenidades, as associações do pequeno clero, da Companhia de São Luís, do Santíssimo Sacramento e semelhantes”. Elas eram vistas sobretudo em seu valor ascético, ou seja, em vista da observância das Constituições e da moralidade.²⁶ Mais completo e melhor estruturado era o capítulo sobre as *Práticas de piedade*, que apareceria em versão reduzida nas *Deliberações do Segundo Capítulo Geral*.²⁷

²² *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 19; OE XXIX 395; G. BARBERIS, *Verbali* I 41-43.

²³ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 23-25; OE XXIX 399-401.

²⁴ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 28-43; OE XXIX 401-419.

²⁵ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 44-59; OE XXIX 420-437.

²⁶ G. BARBERIS, *Verbali* I 13-15. Cf. *Capitolo Generale della Congregazione salesiana da convocarsi*, p. 17-18 (OE XXVIII 329-330) e *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 53-56 (OE XXIX 429-432).

²⁷ Cf. *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 48-50 (OE XXIX 424-426); *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale della Pia Società Salesiana tenuto in Lanzo Torinese nel settembre 1880*. Turim, Tipografia Salesiana, 1882, p. 51-5 (OE XXXIII 59-61). Sobre o argumento vejam-se as relações, com as relativas discussões, de P. STELLA, “Le pratiche di pietà dei salesiani dalle origini della congregazione alla morte di Don Bosco”, e de F. DESRAMAUT, “Il capitolo delle ‘Pratiche di pietà’ nelle Costituzioni Salesiane”, ambos na série *Colloqui sulla Vita Salesiana*, vol. 1. Turim-Leumann, LDC, 1969, p. 13-32 e 57-93.

O princípio que animava à observância das minuciosas prescrições sobre a *Economia*, objeto da quarta distinção, tinha caráter teológico-prático: “Nosso viver é apoiado sobre a Divina Providência, que jamais nos faltou, e esperamos que não haverá jamais de nos faltar. Nós, porém, de nossa parte, devemos usar de máxima diligência para fazer economia naquilo que não é necessário, a fim de diminuir as despesas e conseguir alguma utilidade nas compras e vendas”.²⁸

No *Regulamento para o inspetor*, objeto da quinta distinção,²⁹ a longa série de artigos normativos, quantitativamente prevalentes, é avivada por observações qualitativas que revelam o toque de Dom Bosco e sua experiência pessoal como visitante assíduo das casas: “Promova com o exemplo a exata observância das Constituições e se faça antes amar que temer”; “ele é um pai, um amigo, que vai fazer a visita para ajudar e aconselhar os irmãos e para tratar com os diretores sobre as coisas que devem ser providenciadas ou renovadas para o bem das casas”; “após ter recebido o rendiconto pessoal do diretor e uma visão sobre todos os irmãos da casa, escutará com benevolência as necessidades morais e materiais dos sócios”; “o inspetor, durante a visita, use de máxima prudência e caridade, para não comprometer ou diminuir a autoridade do diretor ou dos demais superiores”.³⁰

Nos *Apêndices* estão o *Regulamento para os diretores* e o *Regulamento dos Capítulos Gerais* e as normas sobre as *Monografias* e o *Costumeiro*, as *Associações* várias e *Os cooperadores salesianos*, enfim *Das irmãs*.

Entre as tarefas do diretor se pode relevar, em particular, aquele indicado por último e que se liga com as disposições relativas às *Monografias* ou crônicas: “Vigiará para que se escreva pelo analista [cronista] a crônica do colégio e as cartas edificantes”.³¹ Quanto às *Monografias* estava estabelecido “para cada casa da Congregação” um analista.³² Mas sobre estes a discussão capitular tinha sido muito mais articulada, distinguindo a “*Monografia* de cada colégio e da Congregação”: a questão “surgida como per *accidens* – registra a Ata – ocupou a maior parte da Conferência”, demonstrando o grande interesse dos capitulares pela memória do passado, admoestação e norma para o futuro. Todos aceitaram que a sobrecarga de trabalho tinha tornado essa tarefa, até o presente momento, impossível. Convidou-se, porém, a colocar “verdadeiro empenho nessa missão”, bem como na redação das biografias dos irmãos falecidos.³³ É interessante esta anotação: “Na monografia escreva-se também: em tal caso usaram-se os tais meios e se errou. A história deve ser fiel. Isso servirá de aviso para as outras vezes”.³⁴

²⁸ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 62; OE XXIX 438.

²⁹ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 62-63; OE XXIX 438-439.

³⁰ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 77, 81-83; OE XXIX 453, 457-459.

³¹ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 86; OE XXIX 462.

³² *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 89; OE XXIX 465.

³³ 14ª Sessão, 13 de setembro; G. BARBERIS, *Verbali* II 177-184.

³⁴ G. BARBERIS, *Verbali* II 184.

O complexo das normas dedicadas à *Associações várias* e aos *Cooperadores salesianos* também se mostra aderente às discussões capitulares.³⁵ Antes de “propor, sustentar e ainda mais conhecer” as várias associações salesianas, enunciava-se uma regra extremamente respeitosa da realidade eclesial semelhante: “As pias associações, confrarias e companhias já existentes nos lugares onde abrimos casas sejam sempre encorajadas, respeitadas e promovidas por nós, dando destarte nossa contribuição para fazê-las florescer. De nossa parte, evite-se todo aborrecimento a esse respeito”.³⁶ O espaço maior é dado à Pia União dos Cooperadores Salesianos.³⁷

No quinto apêndice, *Das irmãs*, foram transcritos sobretudo os aspectos preceptivos surgidos na sessão capitular de 22 de setembro sobre a distinção e a separação das habitações dos salesianos e das irmãs, e a extrema cautela das relações recíprocas. Aí não há lugar para a importante intervenção de Dom Bosco sobre a principal missão das irmãs e sobre algumas observações a respeito da hospitalidade que elas poderiam oferecer aos pais e a outros familiares dos salesianos, das educandas ou das postulantes. As normas regulamentares respondiam a duas preocupações fundamentais: garantir o clima de segura moralidade nas relações entre os dois ramos da Família Salesiana e prevenir malignidade e as calúnias da sociedade desconfiada em relação a pessoas vinculadas pelo voto de castidade a uma vida considerada inatural e impraticável.³⁸

2. Conclusão inesperada do encargo em relação aos irmãos concepcionistas

Nas semanas do Capítulo Geral terminava, com certa dramaticidade, a investitura de Dom Bosco como visitador *in spiritualibus* dos concepcionistas. Tendo recebido ou não o memorial de Dom Bosco, destinado em junho ao papa, então inatingível, ou, mais provavelmente, independentemente disso, o secretário de Estado, cardeal Giovanni Simeoni (1816-1892), em 20 de junho comunicava a Dom Bosco que, para “instituir em cada caso um exame sobre os acordos a serem tomados” entre os dois visitantes, o santo padre tinha designado o cardeal Lorenzo Randi (1812-1887), prefeito da economia de Propaganda Fide.³⁹ As cenas do último ato da aventura romana eram um dueto epistolar entre o cardeal e Dom Bosco. O primeiro, em 20 de julho, informava-o de ter lido o memorial que lhe fora entregue pelo papa, de ter já falado com dom Fiorani e confirmava a validade do que fora estabelecido pelo Decreto de 6 de fevereiro pela Sagrada Congregação sobre o papel dos dois visitantes. Todavia, como este não tivesse determinado claramente as atribuições do visitador *in spiritualibus*, pedia

³⁵ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 91-93; OE XXIX 467-469.

³⁶ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 91; OE XXIX 462.

³⁷ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 90-91; OE XXIX 466-467.

³⁸ *Deliberazioni del Capitolo Generale*, p. 94-95; OE XXIX 470-471.

³⁹ *Documenti XVIII* 156, FdB 1047 B7.

a Dom Bosco para expor o que pensava e quais outras observações pensasse acrescentar.⁴⁰ Dom Bosco encontrava-se muito empenhado com os peregrinos argentinos, depois na França e na Ligúria, fatigado e indisposto na segunda quinzena de julho, portanto impossibilitado de responder. Com carta de 29 de julho o cardeal insistia para receber uma resposta, declarava não ter-se demonstrado “alheio a reconhecer o desejo” de Dom Bosco “de dar à Visita Apostólica maior amplitude de atribuições”, quiçá modificando “o Decreto de 6 de fevereiro, mesmo variando suas máximas – escrevia –, pois assim exigia a importância do objetivo”. Sublinhava, por fim, a necessidade de enviar a Roma um sacerdote que substituísse padre Scappini ausente, ou de apressar seu retorno.⁴¹ Na resposta de 7 de agosto, após ter relevado a anomalia do duplo visitador, duas cabeças para um só corpo, Dom Bosco sugeria novamente a retomada da unidade de direção do Instituto, obviamente salesiana. Como alternativa, podia-se adotar “outra providência”: “confiar a antiga direção dos concepcionistas à S. E., comendador do Santo Espírito, enquanto os salesianos, como capelães – propunha –, se prestariam unicamente à parte espiritual de catecismo, pregação, escutar as confissões e celebrar a santa missa em favor do Instituto. Mas, nesse caso – deixava claro –, os salesianos não têm nenhuma responsabilidade, nem material nem moral: viverão separados dos concepcionistas e irão até eles para o que diz respeito a seus deveres espirituais”.⁴²

Persistia – nele, em Fiorani e em Randi – a desconfiança na capacidade de auto-governo dos concepcionistas, ignorando totalmente a obra de Luigi Monti, que tinha aberto uma nova era para a vida do Instituto, e os progressos que o Instituto tinha feito, sancionada pela audiência histórica concedida aos irmãos por Pio IX, em 15 de julho.⁴³ Na carta de 14 de agosto, cardeal Randi, de acordo com o papa, aceitava a idéia do único visitador, obviamente Dom Bosco ou um representante seu, porém “firme a existência regular e distinta do Instituto e a continuação do serviço que prestam os irmãos no Hospital do Santo Espírito e outros estabelecimentos”. Convidava Dom Bosco a Roma “para tratar e concluir o objeto em discussão”, sublinhando a urgência da presença de um sacerdote no Santo Espírito.⁴⁴ Era um equívoco. Dom Bosco, sempre mais distante física e mentalmente do curso real dos acontecimentos, reforçava as idéias que o tinham inspirado em todo o acontecimento, forçando a interpretação do rescrito papal, de 14 de novembro de 1876, o qual, em base à carta de dom Fiorani de 5 de janeiro, acreditava que era compartilhada também pelo outro visitador. A idéia do único visitador salesiano era inseparável da idéia da agregação do Instituto dos Irmãos Hospitaleiros à sua Sociedade. “Eu queria simplesmente dizer – declarava abertamente – que, se se deseja uma providência estável, é preciso que os concepcionistas sejam agregados a

⁴⁰ *Documenti* XVIII 179, FdB D6-7.

⁴¹ *Documenti* XVIII 199, FdB 1048 A2.

⁴² Ao cardeal Randi, 7 de agosto de 1877; E III 205-206.

⁴³ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 559-561.

⁴⁴ *Documenti* XVIII 210-202, FdB 1048 A4-5.

um instituto reconhecido e aprovado pela Santa Sé. Conservam o hábito, o nome e todas as Regras necessárias para conseguir a finalidade própria dos concepcionistas. Esse foi sempre meu modo de ver para assegurar a existência segura que não desvie da observância das próprias Constituições. Isso parece-me que seja o sentido do Rescrito de 17 [mais precisamente 14] de novembro de 1876” ou, melhor dizendo, da interpretação dada por ele ao Rescrito com os artigos acrescentados. Caso, no entanto, se quisesse “manter firme a existência regular e distinta do Instituto e a continuação do serviço nos atuais estabelecimentos”, como tinha escrito cardeal Randi na carta de 14 de agosto, considerava imprescindível a exigência da unidade de administração espiritual e temporal, com os salesianos dedicados exclusivamente à assistência espiritual dos concepcionistas, como tinha proposto na carta de 7 de agosto.⁴⁵

O diálogo tinha chegado simplesmente a colocar em evidência a impossibilidade de conciliação das duas posições: a de Dom Bosco não era necessariamente a mais aceitável, a mais sólida, a mais convincente. Sobre a questão, de resto, não se tinha estendido o silêncio total. Irmão Monto não era alguém sem preparo. Em 30 de agosto, com os irmãos Girolamo Pezzini e Domenico Manetti, fazia chegar a Pio IX uma súplica solicitando “que se conservasse o Instituto em seu ser, colocando-o na condição das monjas, isto é, com um bom confessor, como já tinha assim provisto Maria Santíssima [padre Biolchini, jesuíta], enquanto Dom Bosco não cuidou deles” [durante o verão].⁴⁶ Em 9 de setembro padre Scappini comunicava a Monti que voltaria a Roma em 17 do mês. Monti consultava Fiorani, o qual alguns dias depois, certamente não de própria e exclusiva iniciativa, respondia-lhe: “Escreve logo ao padre Scappini, para que espere para vir, até que tenha novas instruções, pois se deseja que o santo padre já tenha dado novas instruções”. Padre Scappini enviava a carta a Dom Bosco, que, em 19 de setembro, a transmitia ao cardeal Randi pedindo explicações.⁴⁷ Era então inevitável a comunicação da solução final. Em 1º de outubro, de acordo com Pio IX, Randi tomava ciência da firme posição de Dom Bosco e lhe notificava a exoneração de seu empenho de visitador. “O santo padre – escrevia – na busca de conservar ao Instituto sua própria existência, após madura reflexão, resolveu confiar temporariamente a reforma do mesmo a eclesiásticos desta capital, sob a dependência do Ex.mo Vigário, a quem já deu a respectiva responsabilidade”. Reconhecia que Dom Bosco “agiu prudentemente suspendendo a partida” de Turim do padre Scappini, “no atual estado das coisas”, e lhe manifestava o “desagrado” pela “não realização da tarefa”, “da qual – dizia – lhe dei uma idéia em minha última carta”.⁴⁸

Era aceito o princípio do único visitador com a conseqüente exoneração de dom Fiorani de seu encargo. Em 9 de novembro de 1877 o cardeal Simeoni comunicava

⁴⁵ Ao cardeal Randi, 18 de agosto de 1877; E III 209-210.

⁴⁶ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 566.

⁴⁷ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. I, p. 569.

⁴⁸ Carta de 1º de outubro de 1877; MB XIII 916-917.

a Luigi Monti a nomeação *ad triennium*, em substituição de dom Fiorani e de Dom Bosco, e de dom Ambrogio Turriccia como visitador apostólico, com autoridade exclusiva sobre o Instituto em direta dependência da Congregação dos Bispos e Regulares, com a suspensão da jurisdição do superior geral. Esta, porém, sempre irmão Monti, a reassumia por delegação do visitador, o qual, no entanto, se mostrava sempre mais autoritário, até esvaziá-la de todo conteúdo. Dom Turriccia escolhia como sua residência a casa de Piazza Mastai. Após um ano, em seguida a numerosas intervenções em favor dos irmãos provenientes de várias partes, cardeal Ferrieri ficava encarregado de desfazer definitivamente os laços do Instituto com autoridades estranhas a ele. Em 21 de novembro de 1878 dom Turriccia apresentava a demissão ao papa. O prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares tornava-se presidente, na realidade um garante do Instituto, e irmão Luigi Monti era confirmado superior geral. Depois de repetidas pressões, em 18 de janeiro de 1879, dom Turriccia e o sobrinho deixavam o palácio de Piazza Mastai e, no dia seguinte, para aí se mudava Monti com os noviços.⁴⁹ Com dom Turriccia, segundo o biógrafo do beato Luigi Monti, o Instituto tinha conseguido três grandes benefícios: “fora definitivamente liberto da tutela do comendador do Santo Espírito, da persistente ingerência dos capelães e do assim chamado prefeito apostólico”, e, mais radicalmente, de ventilada dependência da Sociedade Salesiana.⁵⁰ Suas demissões tinham quebrado a última cadeia e a nave podia se fazer ao largo com seu capitão.

Exonerados os capuchinhos, as Constituições do Instituto tinham quer ser revistas, dissolvendo antes de tudo os tantos vínculos jurídicos e espirituais com uma ordem religiosa diferente e com o próprio comendador do Santo Espírito. Em 26 de abril de 1880, Luigi Monti, repassando o passado, escrevia em seu *Diário*: “Para ser livre, quantos contrastes o Instituto sustentou”: vinte anos com os capuchinhos; nove meses com Dom Bosco, que desejava realizar uma fusão com a religião salesiana, assim como os ditos capuchinhos queriam fazer-nos seus terciários; outros nove meses com dom Turriccia, o qual se fazia senhor absoluto para ser visitador, e portanto foi preciso lutar com ele, com o cardeal Randi e o cardeal Nina, secretário de Estado”.⁵¹ Contudo, o padre jesuíta Angelini, diretor espiritual dos concepcionistas, podia dar ao cardeal Ferrieri este testemunho dos concepcionistas sobre seu superior nas relações com Dom Bosco: “Com os concepcionistas padre Monti esteve sempre submisso, com Dom Bosco teve o máximo respeito e com seu representante, padre Scappini, realizou o mais completo acordo”.⁵² Poder-se-iam provavelmente notar na edição das Constituições de 1881 traços de influência de Dom Bosco, como, por exemplo, ter “um só coração e uma só alma com o superior”, e o acréscimo da “educação dos órfãos” como segunda finalidade do Instituto.

⁴⁹ Cf. E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. II, p. 12-13.

⁵⁰ E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. II, p. 13-14.

⁵¹ Citado por E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. II, p. 41.

⁵² Citado por E. PERNIOLA, *Luigi Monti fondatore*, vol. II, p. 34.

Em 4 de novembro de 1877 cardeal Bilio comunicava a Dom Bosco coisas pouco agradáveis. Quando Dom Bosco lhe pediu que falasse ao papa da iminente expedição missionária e da esperança de algum auxílio, lhe confiava: “Desagrada-me ter-lhe que comunicar que o santo padre não me parece assim tão bem disposto como no ano passado. Os motivos para tanto, se não há mal-entendido, são principalmente dois: 1) a missão dos concepcionistas; 2) o fato de o senhor abraçar tantas coisas ao mesmo tempo. Procurei tirar do ânimo do papa qualquer impressão não favorável a seu respeito. Não sei se consegui, mas é certo que uma viagem sua a Roma nesse momento seria muito útil a tal efeito, se não mesmo necessária”.⁵³ Dom Bosco iria a Roma, mas não lhe fora consentido encontrar seu papa.

Os dados estavam jogados. Não totalmente, pois Dom Bosco fazia questão de retomar o decurso de toda a tramitação ao cardeal amigo, aquele que, por primeiro, tinha lhe comunicado um ano antes o delicado encargo que o papa pretendia confiar-lhe. Por isso, pedia ao padre Berto de enviar-lhe uma série de documentos, tendo entre mãos somente a cópia do breve de 6 de fevereiro.⁵⁴ Na carta ao cardeal Bilio, de 29 de novembro, defendia a própria ação, lembrando simplesmente as várias fases de toda a ação, dentro das coordenadas das quais jamais se distanciara.⁵⁵ Na realidade, a Dom Bosco se tinha pedido menos do que o que tinha sido seu projeto inicial, e que jamais tinha abandonado, propondo-o até o final, como alternativa, na carta de 7 de agosto ao cardeal Randi: queria ser o único visitador *in spiritualibus*, colaborador na reforma religiosa do Instituto com um superior próprio, o qual, no pleno exercício de sua autoridade, pudesse agir para a consecução da autonomia efetiva e de nova vitalidade. No fundo, Dom Bosco podia ser um experto no assunto, visto que ele mesmo tinha projetado regularizar, estabilizar e potenciar a própria Congregação: o noviciado, a amálgama da obediência religiosa, a conciliação entre vida ativa e piedade. Não conseguiu encaixar-se nessa perspectiva com o esforço de adequar-se realisticamente à evolução das intenções papais e romanas e ao efetivo desenvolvimento da realidade dos concepcionistas, em fadigoso crescimento positivo, graças à enérgica ação reformadora de Monti e da parte mais sadia do Instituto. Teria sido a ocasião de inserção mais qualificada e menos dispendiosa, em termos de energias físicas e ônus financeiro, no mundo romano, da que se verificaria nos anos 80, com o que seria pedido com a construção em pedra da Igreja Sagrado Coração. Entre outras coisas, uma ação do gênero teria favorecido o encontro mais positivo com a Cúria e, em particular, com um personagem importante para os acontecimentos próprios e da Sociedade Salesiana, cardeal Innocenzo Ferrieri, grande admirador e sustentáculo dos concepcionistas. De outra parte, empenhadíssimo em mil coisas, Dom Bosco não parecia ter-se valido do conselho dos antigos e novos sustentadores, os cardeais Patrizi, Berardi, Bilio, Di Pietro e Morichini, padre Giuseppe

⁵³ *Documenti* XVIII 362, FdB 1050 D9; MB XIII 311.

⁵⁴ Ao padre Berto, de Sampierdarena, 15 de novembro de 1877; E III 238.

⁵⁵ E III 242-244.

Oreglia, os jesuítas e outros ainda, que podiam mantê-lo melhor informado sobre o emaranhado de problemas que tinham se concentrado ao redor do caso dos concepcionistas; a menos que não tenha encontrado neles confirmação das próprias idéias.

3. Tensões e esperanças no início de um novo pontificado (dezembro de 1877 março de 1878)

No convite de Dom Bosco para o diálogo de 22 de novembro de 1877 e na resposta de dom Gastaldi do dia 23 se desencontravam duas interpretações prudenciais diversas da “caridade e da humildade”.⁵⁶ O arcebispo não podia tolerar o que Dom Bosco planejava como possibilidade, isso é, responder publicamente ao que dom Gastaldi tinha divulgado com o impresso de 15 de outubro: *O arcebispo de Turim e a Congregação de São Francisco de Sales*. Repetia o convite a “apresentar-se a seu arcebispo com humildade e caridade”. O arcebispo, assim como havia “concorrido de muita boa vontade para erigir a Congregação Salesiana”, também estava “disposto a cooperar para mantê-la e expandi-la”, não pedindo outra coisa que fosse “salvar a autoridade arquiépiscopal e o bem de sua diocese”. Contudo, “no caso – prosseguia – que o senhor imprimisse ou produzisse com a litografia ou outros meios qualquer escrito *desfavorável* ao atual arcebispo de Turim, ou então que escrevesse de próprio punho ou por meio de outros qualquer carta *desfavorável* a este arcebispo e a apresentasse a qualquer pessoa, excetuando o sumo pontífice e os eminentíssimos cardeais membros das Sagradas Congregações Romanas”, desse momento em diante cessaria para Dom Bosco a “faculdade de ouvir as confissões sacramentais e de absolver, isto *ipso facto*”.⁵⁷ Na carta de 1º de dezembro, essas condições de suspensão tornar-se-ão, mais graves, fiscais e restritivas, “em acréscimo e correção do que” tinha sido escrito na carta precedente. “Digo-lhe – pontualizava – que se o Senhor apresenta ou faz apresentar qualquer escrito *desfavorável ao atual arcebispo* de Turim, seja escrito à mão pelo senhor ou por outros, seja impresso ou litografado ou fotografado, a qualquer pessoa, excetuados o sumo pontífice, o cardeal secretário de Estado, e os cardeais prefeitos das Sagradas Congregações dos Bispos e Regulares e do Concílio, eu, desse instante em diante, declaro que para o senhor, *em tal caso*, cessa a faculdade de absolver sacramentalmente e, conseqüentemente, de escutar as confissões nesta arquidiocese; e cessa *ipso facto*, sem necessidade de outra declaração: bem como a declaro já *cessada* se o senhor já tivesse feito algo, em vista do que entendo revogar do senhor a sobredita faculdade”.⁵⁸

Em tal clima de prevenção repressiva, poucos dias depois saía impresso, em três páginas, a *Carta sobre o arcebispo de Turim e sobre a Congregação de São Francisco*

⁵⁶ Cf. cap. 25, conclusão do § 6.

⁵⁷ Carta de 25 de novembro de 1877; MB XIII 371.

⁵⁸ Carta transcrita em MB XIII 371-372.

de Sales, dirigida a um vigário que tinha enviado ao anônimo autor o escrito impresso do arcebispo de fevereiro de 1877 de idêntico título. “Um pouco de luz” estava impresso sob o título à direita. Queria ser a análise crítica das benemerências conseguidas pelo arcebispo, com “coisas a serem retificadas e coisas a serem acrescentadas. Estava assinado por “Um antigo aluno do Oratório honrado por poder dizer-se cooperador salesiano”. O autor se demonstrava bem informado dos fatos e dos problemas. A qualificação era exata, mas só seria conhecida em 1894 pela famosa declaração sobre os “libelos”, feita pelo padre Giovanni Turchi à Congregação dos Ritos. Tratava-se do padre Giovanni Battista Anfossi, não somente aluno do Oratório, mas membro do grupo que tinha aderido à Sociedade de São Francisco de Sales em 19 de dezembro de 1859 e emitido os primeiros votos em 14 de maio de 1862, saindo espontaneamente em julho de 1864. No pós-escrito agradecia o vigário por lhe ter enviado também o opúsculo de 15 de outubro, citado há pouco, e assegurava: “muito brevemente haverei de lhe responder”.⁵⁹

Dom Bosco se dissociava disso imediatamente com carta *reservada* ao arcebispo, de 9 de dezembro de 1877. Dava precisas garantias: “1) Ignorei e ignoro até o momento quem a tenha composto e quem tenha difundido. 2) Não tomei parte nenhuma, nem com a impressão nem com a autografia, litografia ou escritura, por mim ou por meio de mim ou de outros de meus dependentes. 3) Tal fato muito me entristece e lastimo o modo indecoroso com que se fala de V.E. (...). O Senhor esteja seguro de que jamais terá inimigos entre os salesianos, mas pobres pessoas que farão o quanto podem para o bem desta diocese, se bem que muitas vezes encalhados pelas dificuldades que se lhe opõem”.⁶⁰ Como resposta, no dia seguinte, recebia uma carta do pró-secretário, teólogo Maffei, com a seguinte injunção do arcebispo: “V. S. está em estreitíssima obrigação de publicar no *L'unità cattolica* ou no *Emporio*, o mais depressa possível, um protesto enérgico assinado pelo senhor, no qual, em seu nome e de toda a Congregação Salesiana, *condene e dissipe* o que foi escrito pelo libelo infamatório, na diocese e fora dela”.⁶¹ Dom Bosco replicava imediatamente fazendo entender que não se deixaria levar por uma condenação indiscriminada dos conteúdos do escrito. “Portanto – pedia – o senhor tenha a bondade de dizer-me, além do modo indecoroso, quais sejam as coisas que eu esteja *na obrigação estreitíssima de afastar e condenar*. Renovo aqui que eu não tive nenhuma participação no conhecido folhetim impresso e que nem eu nem a Congregação Salesiana entendem assumir alguma responsabilidade. Entristece-me muito dar nova publicidade, o que parece ser provocação para novos impressos. Contudo, obedeço e imprimo o que se me dirá estar errado e que deva ser desdito e condenado. Asseguro ao senhor que não tenho nem tive jamais nenhuma animosidade a respeito do senhor”.⁶² Antes de partir para Roma, escrevia ao mediador de paz, conde

⁵⁹ Tipografia Camilla e Bertolero. Texto em *Documenti* XVIII 405-407, FdB 1051 C 3-5.

⁶⁰ A dom Gastaldi, 9 de dezembro de 1877; E III 249.

⁶¹ Carta de 10 de dezembro de 1877; MB XIII 379.

⁶² Carta de 12 de dezembro de 1877; E III 250.

Cesare Trabucco de Castagnetto, esclarecendo as razões de sua viagem: “Ser superior de uma congregação a qual se nega, a uns as sagradas ordenações, a outros a faculdade de pregar, a outros ainda de confessar e também de celebrar a santa missa. Tudo isso me coloca na necessidade de dirigir-me ao legítimo e absoluto superior para ter instruções e conselho”. Desejaria, porém, que o conde assegurasse ao arcebispo que estava indo a Roma não “para acusar, mas unicamente para responder às reclamações que o próprio arcebispo tinha julgado fazer à augusta pessoa de sua santidade”.⁶³

Em 18 de dezembro partia para Roma, onde chegava no dia 22, aí permanecendo mais de três meses. O ano terminava com um longo relatório sobre as missões enviado ao cardeal prefeito de Propaganda Fide, Alessandro Franchi.⁶⁴ Em Roma, Dom Bosco não podia ver o amado Pio IX, de saúde precária e em irrefreável declínio. Apesar disso, não se afastava da capital com a esperança de vê-lo e, depois da morte, com a intenção de iniciar as relações com o novo papa, Leão XIII.

De Roma, no dia de Natal, tinha agradecido a um ex-aluno do Oratório, padre Felice Reviglio, pároco de Santo Agostinho em Turim, o qual, em reunião de párocos da cidade, convocada para protestar contra a carta de “um antigo aluno do Oratório”, tinha defendido Dom Bosco: “Tu falaste em favor de teu papai, e te agradeço”.⁶⁵ Retornava sobre o tema com padre Rua: “É uma provação que faz o Senhor à nossa pobre Congregação. Ele nos ajudará a sairmos disso como em tantas outras dificuldades. Deixa a mim a dificuldade. Silêncio, oração e observância rigorosa de nossas Regras”. Dava-lhe, depois, disposições para que no fascículo de janeiro do *Boletim Salesiano* fosse acrescentado um suplemento com a declaração de deploração do impresso anônimo. Desejava também que padre Cagliero se dirigisse aos cônegos Nasi e Pelletta para chamar a atenção deles por assumir acusações descabidas: “poderiam encontrar-se em grandes dificuldades quando tivessem que provar o que se escreveu em Roma: *o folheto anônimo pode ser atribuído a Dom Bosco*”.⁶⁶ A respeito de gestos de solidariedade com o arcebispo, encrevia ainda em 3 de janeiro ao padre Rua: “Saiba me dizer o dia no qual se reuniram os cônegos da catedral, depois os párocos; depois de novo o cônegos, depois todo o clero. Nosso silêncio e as preces farão o que for da maior glória de Deus. Contudo, não estou parado”.⁶⁷

Mas existia também os livres deturpadores. Entre Turim e Roma e vice-versa corriam informações e notícias sobre os humores turinenses do arcebispo; ou melhor, os humores de todos os que tinham se colocado na oposição, recolhendo e semeando especulações e juízos malévolos, entre outros, sobre o “exagerado liberalismo” de seu superior eclesiástico, enviando números de jornais turinenses, convidando a escrever e denunciar abusos

⁶³ Carta de 17 de dezembro de 1877; E III 251-252.

⁶⁴ Carta de Roma, 31 de dezembro de 1877; E III 256-261.

⁶⁵ Ao teólogo Felice Reviglio, Natal de 1877; E III 254.

⁶⁶ Ao padre Rua, de Roma, 27 de dezembro de 1877; E III 254.

⁶⁷ Carta de 3 de janeiro de 1878; E III 263.

e calúnias.⁶⁸ Padre Berto, secretário de Dom Bosco, era disso o ponto de referência. Os protagonistas eram dois sacerdotes escorregadios e arredios, ex-alunos do Oratório por vários títulos, o já conhecido padre Giovanni Battista Anfossi e padre Giovanni Turchi, então residente temporariamente em Roma com tarefas suplementares de segundo secretário de Dom Bosco, conforme este comunicava ao padre Rua em 3 de janeiro: “Acrescentou-se novo secretário”.⁶⁹ Na longa carta de 10 de fevereiro ao padre Berto, padre Anfossi escrevia: “recebi a carta do padre Turchi (...). Não seria fora de lugar um artigo escrito pela pena elegante e amena do padre Turchi”. E para terminar: “Saúda-me padre Turchi. Antes, dá-lhe esta minha carta para que leia; diga-lhe que espero a publicação com ansiedade”.⁷⁰ “Novas cartas de Turim – escreve o coletor dos *Documenti* – levavam a Roma notícias do arcebispo Gastaldi”, e Anfossi anunciava a Turchi em outra carta de 13 de fevereiro: “teu artigo no *L’unità* alegrou os bons”.⁷¹

Em 7 de janeiro de 1878 Dom Bosco tinha respondido com carta longuíssima à outra bem breve do cardeal Ferrieri, de 21 de dezembro de 1877, com quem estivera em audiência. Nesta, o cardeal lhe comunicava ter recebido as cartas relativas às controvérsias com o arcebispo, e lhe recomendava: “a esta Sagrada Congregação interessa vivamente sua religião e prudência para impedir que todos os membros, assim como os cooperadores da Congregação Salesiana que dependem do senhor, também indiretamente, entreguem à imprensa ou publiquem outros escritos de qualquer espécie relativos às controvérsias suscitadas com o reverendíssimo arcebispo de Turim”.⁷² Dom Bosco agradecia a benévola recomendação e assegurava: “nem no presente nem no passado, nem por mim nem por algum de meus dependentes, foi, de alguma forma, publicado algo que pudesse, mesmo somente ser interpretado, como desfavorável a nosso veneradíssimo arcebispo ordinário (...). Quisesse Deus que tal modo de agir fosse considerado por nosso arcebispo!”. Acenava depois às contendas de 1877 até as “duas cartas ameaçadoras”, de 25 de novembro e 1º de dezembro. Falava das convocações, duas dos cônegos e duas dos párocos, atribuindo aos salesianos, “sem nenhum fundamento”, a paternidade das páginas incriminadas, com as mais “caprichosas interpretações” por parte dos jornais. Com firmeza asseria de não querer fazer o que o arcebispo pretendia, isso é, que declarasse ser “falsidade” as coisas contidas na incriminada *Carta sobre o arcebispo*. “Eu não posso e não quero mentir, porque lá se expõe a verdade”, asseverava resolutivo. Concluía com cinco séries de reclamações sobre intervenções do arcebispo em relação aos salesianos e à Congregação, com grandes danos espirituais, morais e materiais.⁷³

⁶⁸ Acusações de propensão ao liberalismo sobre Gastaldi já tinham chegado várias vezes a Roma, nos anos 1870, 1871, 1875, e o arcebispo fora obrigado repetidamente a se justificar com as autoridades vaticanas (cf. G. MARTINA, *Pio IX (1857-1878)*, p. 265, n. 62).

⁶⁹ E III 263.

⁷⁰ *Documenti* XIX 71-73, FdB 1053 E9-11. A primeira *Estréia para o clero* de “um capelão” é datada de “Turim, fevereiro de 1878”.

⁷¹ *Documenti* XIX 74-76, FdB 1053 E12-1054 A2.

⁷² XVIII 430, FdB 1051 E3.

⁷³ Ao cardeal Ferrieri, 7 de janeiro de 1878; E III 264-266.

Em 9 de janeiro falecia, após breve e violenta doença, Vitório Emanuel II. Dom Bosco escrevia a respeito ao conde Cays⁷⁴ e, em 20 de janeiro, ao secretário de Estado, cardeal Simeoni, em memorial enviado a ele.⁷⁵ Esforçava-se também para encontrar um caminho para obter os privilégios, confiando-se em 11 de janeiro à boa vontade do padre dominicano Tosa, consultor da Congregação dos Bispos e Regulares. Enviava-lhe cópia do *Rescrito* com o qual Leão XII tinha concedido aos Oblatos da Virgem Maria *per communicationem* os privilégios dos redentoristas. “Oh, se pudesse obter o mesmo para nós! O senhor seria, para sempre, nosso insigne benfeitor”: tal desejo mostrava-se absurdo em face da situação bastante dramática no vértice da Igreja. Terminava com uma dura canetada sobre a situação turinense: “No entanto, as confusões crescem a cada dia. Novas publicações de jornais, novas suspensões de padres, grande agitação em Turim. Faça o que puder para refrear os males”.⁷⁶ Referia-se às “disposições” turinenses “onerosas” para as corporações religiosas, “em medida excepcional para a Congregação Salesiana”. Escrevia-lhe ainda, enquanto o cardeal Ferrieri estava doente, ao secretário da Congregação, dom Bianchi. Ele acreditava ter encontrado na recente carta pastoral de 12 de janeiro, *Sobre os Seminários*, duas alusões negativas à Sociedade Salesiana: o aceno à violência moral exercitada sobre os jovens em favor da vocação religiosa e a omissão dos colégios salesianos na lista dos recomendados como propícios à promoção das vocações eclesiais.⁷⁷ Ao padre Rua escrevia no dia seguinte: “Cardeal Ferrieri retomou suas ocupações, e espero partir de Roma na metade deste mês com as coisas ajustadas, ao menos *hic et nunc*”.⁷⁸

A prevista *Declaração* de estranheza à *Carta* anti-gastaldina aparecia na última página da separata que integrava o fascículo normal de oito páginas do *Boletim Salesiano*: a primeira, porém, aparecia somente em certo número de cópias, talvez as destinadas a Turim e arredores. Mas, *in cauda venenum*, no corretíssimo texto de Dom Bosco,⁷⁹ o redator-diretor, padre Bonetti, acrescentava por sua conta: “De nossa parte agradecemos a boa vontade do desconhecido, que julgou levantar-se em nossa defesa contra os fatos, palavras e impressos que de algum tempo para cá são divulgados em dano de seu benfeitor. Mas, enquanto nos entristece que os sentimentos de sua gratidão tenham sido assim provocados, desaprovamos fortemente o modo”.⁸⁰ Talvez, e também por isso, de Roma, em fevereiro, Dom Bosco o chamasse à calma e à prudência: “Pára de combater e escreve palavras pacíficas, como te recomendei tantas vezes”.⁸¹ Padre

⁷⁴ Carta de 12 de janeiro de 1878; E III 269-270.

⁷⁵ E III 274-276.

⁷⁶ Carta de 11 de janeiro de 1878; E III 268.

⁷⁷ Carta de 4 de fevereiro de 1877; E III 289-291. Cf. L. GASTALDI, *Lettere pastorali*, p. 405-406.

⁷⁸ Carta de 5 de fevereiro de 1878; E III 291.

⁷⁹ Cf. MB XIII 384-385.

⁸⁰ Cf. BS 2(1878) n. 1, janeiro, p. 12.

⁸¹ Carta de 14 de fevereiro de 1878; E III 296.

Bonetti escrevia também um artigo para o *Boletim Salesiano* sobre *A Congregação Salesiana e as vocações eclesíásticas*, no qual insistia a respeito do tributo de vocações sacerdotais feito pelo Oratório às dioceses e, em particular, à arquidiocese turinense.⁸² De sua parte, o arcebispo permanecia firmemente convencido de que o libelo tinha sido iniciativa salesiana, como afirmava decididamente na *Relatio secunda status Archidioecesis Taurinensis*, apresentada em Roma por ocasião da visita *ad limina*, em 18 de março de 1878: “Essa Congregação, lá pelo final de novembro de 1877, esforçou-se para que saísse impresso um *infame libelo* contra o arcebispo e para que esse libelo fosse difundido por toda a Diocese de Turim, bem como em Roma e nas outras dioceses”.⁸³

O mundo eclesástico romano, porém, há várias semanas, não era mais idêntico ao precedente. Em 7 de fevereiro falecera Pio IX. Em 12 de fevereiro padre Berto anunciava em Turim: “Entramos na Basílica São Pedro para visitar o féretro do santo padre. Pôde-se beijar-lhe o pé e tocar vários objetos. Eu acompanhei Dom Bosco”. No mesmo dia Dom Bosco recebia uma carta de dom Pietro Lasagni, secretário do Sagrado Colégio, com o breve graças ao qual, em 29 de janeiro, o papa tinha nomeado comendadores de São Gregório Magno o *cavallieri* Giovanni Frisetti e o engenheiro Emanuele Campanella, apresentados pelo fundador da Sociedade Salesiana.⁸⁴ Em 20 de fevereiro, no Conclave, era eleito papa Leão XIII. Dom Bosco fazia contato com ele, antes com súplicas e um relatório,⁸⁵ depois pessoalmente. em 6 de março, graças a uma histórica audiência.⁸⁶ Encontrava-se também com o novo secretário de Estado, cardeal Alessandro Franchi.⁸⁷

A chegada ao sólio pontifício do cardeal Gioachino Pecci podia criar algum novo problema seja para Dom Bosco seja para o arcebispo Gastaldi. Se o primeiro tinha perdido seu sustentáculo mais precioso e válido, também o segundo, de orientação rosminiana, podia encontrar não poucas dificuldades na ascensão ao papado de um convicto tomista e do restaurador da nova neo-escolástica. Em concreto, o mais penalizado foi Dom Bosco, ainda mais pela imprevista anômala mudança dada aos acontecimentos relativos à difusão, de fevereiro de 1878 a março de 1879, de libelos anti-gastaldinos e, em maio de 1879, e ao começo dos desencontros do padre Bonetti com o pároco do Duomo de Chieri, e, em junho, à “suspensão das confissões” do responsável do *Boletim*, infringida pelo arcebispo.⁸⁸ Nesta questão, como superior da Congregação,

⁸² BS 2(1878), n. 2, fevereiro, p. 4-5.

⁸³ *Relatio secunda status Archidioecesis Taurinensis*, p. 19, in: G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi (1815-1883)*, vol. II, p. 277, n. 81.

⁸⁴ *Documenti* XIX 73-74. Cf. sobre “Ultime ore di Pio IX”, BS 2(1878) n. 3, março, p. 7-10.

⁸⁵ E III 314, 317-318, 318-319, 321, 323.

⁸⁶ Cf. carta e relação da audiência ao cardeal Protetor Luigi Oreglia, de 25 de março de 1878; E III 325-327, 327-332.

⁸⁷ Carta de 8 de março de 1878; E III 313-314.

⁸⁸ Cf. cap. 28, § 5.

Dom Bosco deixar-se-ia envolver voluntariamente. Árduo, ao invés, seria seu esforço para convencer de sua estranheza do caso dos libelos. Mas, por ora, nada disso tudo tinha aparecido no horizonte.

No imediato, a transição se revelava tranqüila. O jornal *L'unità cattolica*, simpatizante de Dom Bosco e não viceralmente próximo de Gastaldi, dava relevo igualmente positivo a acontecimentos que lhe interessavam. Transcrevia por inteiro a elevada e nobre *Carta Pastoral do arcebispo de Turim para o anúncio da passagem do Rei Vitória Emanuel II à eternidade*.⁸⁹ Informava amplamente sobre a presença de Dom Bosco à Primeira Conferência dos Cooperadores Salesianos de Roma, em Tor de' Specchi, em 29 de janeiro.⁹⁰ Transcrevia em grande parte a “terna e eloqüente” *Carta Pastoral do arcebispo de Turim sobre a morte do Santo Padre Pio IX* e as preces ordenadas às paróquias pelo pontífice falecido e para a eleição do sucessor.⁹¹ Dava grande realce ao tratamento especial reservado a Dom Bosco na audiência pontifícia de 23 de fevereiro, concedida a “um grupo de pias e ilustres pessoas”. Na mesma página anunciava durante o dia *O funeral para Pio IX na Metropolitana de Turim*, acrescentando: “O arcebispo de Turim dirá o elogio fúnebre”; “dele falaremos em um próximo número”, mas parece que isso não tenha sido feito.⁹² Em 9 de março, pois, sob o título *O santo padre e o arcebispo de Turim*, informava que ele “foi o único bispo de toda a alta Itália que, em 3 de março, tomou parte na solene cerimônia da coroação do novo papa Leão XIII, e que foi recebido em audiência privada pelo santo padre na tarde de 5 do corrente mês”. Nela o papa tinha recomendado “com singularíssimo ardor” “a instrução e a doutrina” do clero, a ser aprofundadas com iniciativas permanentes.⁹³ Uma “Correspondência particular” de 18 de março não colocava em menor evidência a “especial audiência de quase uma hora”, concedida pelo papa, no sábado 16 de março, às 6h30 da tarde, a um “ativíssimo turinense”, ou seja, Dom Bosco.⁹⁴

4. Sistema preventivo, resposta a perguntas sociais de educação

Nos dias que se seguiram à morte de Pio IX, Dom Bosco tinha tido ocasião de encontrar o ministro do Interior, Francesco Crispi (1818-1901), que não tinha dificuldade em garantir que o iminente conclave encontraria em Roma ordem, segurança e liberdade incondicionada. Na conversa se inseria explicitamente o discurso sobre a possibilidade de encontrar em Roma um edifício para a implantação de uma obra

⁸⁹ *L'Unità Cattolica*, n. 13, terça-feira, 15 de janeiro de 1878, p. 50.

⁹⁰ *L'Unità Cattolica*, n. 30, domingo, 3 de fevereiro de 1878, p. 118.

⁹¹ *L'Unità Cattolica*, n. 39, quinta-feira, 14 de fevereiro de 1878, p. 154.

⁹² *L'Unità Cattolica*, n. 50, quarta-feira, 27 de fevereiro, p. 199.

⁹³ *L'Unità Cattolica*, n. 59, sábado, 9 de março de 1878, p. 234.

⁹⁴ *L'Unità Cattolica*, n. 69, quinta-feira, 21 de março de 1878, p. 275.

juvenil. Era lógico que se tenha falado a respeito da situação da juventude, sobretudo a que emigrava para a capital em busca de fortuna, bem como dos inevitáveis problemas que daí derivavam e das mais apropriadas soluções assistenciais e educativas. Punha-se, em concreto, o problema dos jovens em perigo e socialmente perigosos, e a proposta do remédio do sistema preventivo, prefigurado com maior evidência em sua dimensão social e corretiva. De resto, Dom Bosco já o tinha sugerido no discurso feito em Roma, em 29 de janeiro de 1878, por ocasião da Primeira Conferência dos Cooperadores da capital.⁹⁵ Os salesianos não tinham ainda uma obra própria na urbe, mas ao numeroso auditório acorrido ao Monastério de Tor de' Specchi – presentes cardeal vigário Raffaele Monaco la Valletta e cardeal Enea Sbarretti, além de arcebispos e bispos – ele podia propor mais colaboração nos campos da educação e da recuperação. “A obra dos cooperadores – esclarecia – procura ajudar o bom costume, diminuir o número dos díscolos, os quais, abandonados a si próprios, se encontram em grande perigo de ir povoar as prisões. Instruí-los, encaminhá-los ao trabalho, prover os meios e, onde haja necessidade, também acolhê-los. Não economizar qualquer coisa que seja para impedir sua ruína, antes fazer deles bons cristãos e honestos cidadãos, que a seu tempo possam, com o trabalho, ganhar-se o pão da vida (...)”.⁹⁶

4.1 Relatório a Francesco Crispi

Dom Bosco, para consolidar a relação, enviava no dia seguinte à eleição de Leão XIII um relatório a Crispi sobre os temas tratados oralmente, com o título idêntico ao das páginas de 1877, *O sistema preventivo na educação da juventude*. O conteúdo, porém, era diverso. Nele o sistema preventivo não era considerado em sua dimensão pedagógica, mas nos dois momentos que a precedem: dar concretas referências e subsídios de vida aos jovens “em perigo” e procurar “providências” de assistência, ou seja, instituições formativas idôneas e educativas, privadas mais que públicas, que o Estado tinha o dever de financiar. Naturalmente, Dom Bosco não pretendia chegar ao ministro somente para lhe expor um projeto de bonificação moral e social pela juventude: “apresentar as bases – como escrevia – sobre os quais se pode regular o sistema preventivo aplicado entre os jovens periclitantes nas estradas públicas ou nas casas de internato de educação”. Provavelmente, pensava em uma operação completamente utópica, que podia propiciar-lhes o objetivo básico: obter do governo um local – e eventuais subsídios – para se sediar em Roma com uma obra juvenil, destinada “exclusivamente em favor dos jovens pobres e periclitantes, com pequeno distúrbio das finanças do governo”. Afirmava-o na carta de apresentação, listando ao mesmo tempo alguns edifícios reli-

⁹⁵ Cf. cap. 22, § 6.

⁹⁶ BS 2(1878) n. 3, março, p. 12-13.

giosos confiscados que o governo poderia colocar à sua disposição para a assistência educativa dos jovens pobres e periclitantes.⁹⁷ Algumas semanas depois, em relatório ao neo-eleito Leão XIII, como na carta e no relatório a Crispi, Dom Bosco ilustrava as condições da juventude perdida e vagante em Roma, e não se podia apelar senão para um sustento moral, mais que material.⁹⁸ Crispi tinha bem outro problema para resolver: a acusação de bigamia, que em 7 de março o constringia à demissão de um ministério que já era em si precário. No novo governo, formado por Benedetto Cairoli, empossado em 24 de março, estava no Interior Giuseppe Zanardelli, já encontrado no discutido 6 de agosto de 1876, em Lanzo. Com ele, para a realização de seus objetivos, expressos ou ocultos, Dom Bosco mais adiante se declarava disposto a retomar o discurso sobre o sistema preventivo e “sobre a possibilidade de prover aos jovens – escrevia – que ainda não estão pervertidos, mas somente abandonados e, por isso, periclitantes em várias cidades da Itália, especialmente em Roma”. A este objetivo ele tinha preparado para seu predecessor “uma proposta prática, de pouco gasto para o governo e de fácil execução”.⁹⁹ É interessante observar que os dois homens políticos encontraram-se sobre frentes opostos no outono de 1878, quando no Parlamento italiano discutiu-se a atitude que os governos deviam ter em relação aos internacionalistas, aos nihilistas e aos socialistas. Zanardelli concordava com o presidente do Conselho, Benedetto Cairoli, o qual pendia para o sistema repressivo, ou seja, pela repressão somente no caso em que a ordem pública fosse definitivamente perturbada: “a autoridade governamental seja inexorável em reprimir, e não arbitrária com o prevenir”. Enquanto isso o autoritário Crispi partilhava do sistema preventivo, ou seja, pela repressão preventiva: “a autoridade política tem o direito de prevenir, assim como a autoridade judiciária tem o direito de reprimir os reatos”.¹⁰⁰ Ambas as posições podiam evidenciar a ambigüidade das duas fórmulas, cobertas por dois adjetivos não tão adequados em campo pedagógico: “O sistema repressivo – escrevia Dom Bosco – consiste em fazer conhecer as leis e a pena que elas estabelecem. A seguir, a autoridade deve vigiar para conhecer e punir os culposos”. Era o sistema mais liberal, mais adaptado a adultos.¹⁰¹ Mas apenas feito rápido aceno ao aspecto pedagógico-político, Dom Bosco preferia sublinhar o aspecto social e institucional, além do educativo e pastoral, do problema juvenil. Reivindicaria vigorosamente também em duas conferências de 1883, que ressentiam certamente da atmosfera que ele respirou por ocasião da viagem na França entre fevereiro e maio de 1883 e das reações

⁹⁷ Carta de 21 de fevereiro de 1878; E III 298-299.

⁹⁸ Carta de março de 1878; E III 317-318.

⁹⁹ Carta de 23 de julho de 1878; E III 366-367. Cf. carta ao comendador G. B. Aluffi, secretário do Ministério do Interior, de 25 de abril; E III 355.

¹⁰⁰ Cf. respectivamente: Discursos de 15 de outubro e de 5 de dezembro de 1878, in: F. CHABOD, *Storia della politica estera italiana dal 1870 al 1896*. Bari, Laterza, 1962, p. 435, n. 1 e 436, n. 2.

¹⁰¹ GIOVANNI (s.) BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*, aos cuidados de P. Braidó, RSS 4(1985), p. 300.

¹⁰² Conferência aos Cooperadores de Turim, de 31 de maio, na tarde do dia de sua chegada da França: BS 7(1883) n. 7, julho, p. 104; e discurso aos ex-alunos, na manhã do dia onomástico, 24 de junho: BS 7(1883) n. 8, agosto, p. 127-128.

e ecos que foram espalhados pela imprensa transalpina e italiana.¹⁰²

No relatório a Crispi, do qual existe somente a minuta autógrafa com numerosas correções, após breve elucidação preliminar da distinção entre sistema preventivo e sistema repressivo na sociedade, ele passava a uma análise sociomoral dos “meninos que podiam ser considerados em perigo”. A crítica social de Dom Bosco não era, certamente, a mesma da nascente sociologia positivista ou marxista, que levava justamente em consideração as estruturas econômicas, sociais, culturais subjacentes ao abandono e à delinqüência juvenil. Dom Bosco assinalava quatro categorias de jovens periclitantes e perigosos: 1) jovens que emigram das aldeias “em outras cidades e países em busca de trabalho” com pouco dinheiro. Quando este acaba, se desocupados, “encontram-se em verdadeiro perigo de se entregar aos pequenos furtos e começar, desta forma, a via que conduz à ruína”; 2) órfãos privados de assistência – “uma mão amiga, uma voz caridosa” –, abandonados à vagabundagem e à companhia dos delinqüentes”; 3) “os que têm pais que não podem ou não querem tomar cuidado de seus filhos, e que, por isso, os mandam fora da família ou os abandonam absolutamente. Desses pais desnaturados, infelizmente, o número é grande”; 4) “os vagabundos”, ainda não delinqüentes, “que caem nas mãos da segurança pública”, mas “que seriam certamente retirados das prisões e restituídos à sociedade civil” “se fossem acolhidos em um abrigo onde sejam instruídos e dirigidos ao trabalho”.¹⁰³

Quanto às *Providências* o escritor propunha suas instituições típicas, mas vistas em ótica mais ampla e articulada, como evidenciam os termos usados: 1) “os jardins de recreação festiva” – parques, campos de jogo, oratórios, recreatórios, centros juvenis –, onde as mais variadas atividades de tempo livre se conjugam com iniciativas de alfabetização e de formação cultural e moral em escolas vespertinas e dominicais e catecismo; 2) a individualização dos que encontravam-se desocupados e sua colocação no trabalho e a assistência “no trabalho durante a semana”; 3) “abrigos e casas de preservação, com artes, profissões e também com colônias agrícolas” para “aqueles – escrevia – que são pobres e abandonados, não tendo nem como vestir-se nem como alientar-se ou dormir durante a noite”.¹⁰⁴

Dom Bosco adiantava propostas também sobre a *Ingerência governativa*, as quais, em evidente estilo liberal-cristão, visavam negar ao Estado a gestão direta das obras. Segundo ele, ao invés, sem “tocar no princípio da caridade legal”, o governo deveria sustentá-las, fornecendo ambientes, locais, edifícios, meios e subsídios financeiros para a manutenção dos abrigados.¹⁰⁵ Obviamente, no ponto conclusivo sobre os *Resultados*, Dom Bosco falava da quantidade e da qualidade: recuperação dos jovens ex-encarcerados, prevenção de jovens em risco, habilitação de todos a funções, artes e profissões

¹⁰³ Cf. texto em GIOVANNI (s.) BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*, a cura di padre Braido, RSS 4 (1985), p. 300-302.

¹⁰⁴ GIOVANNI (s.) BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*, p. 302.

¹⁰⁵ GIOVANNI (s.) BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*, p. 303.

¹⁰⁶ GIOVANNI (s.) BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*, p. 304.

de todo nível.¹⁰⁶

Parece que nem Crispi nem Zanardelli deram algum retorno. O documento não teve nenhum impacto real. Fica confirmado, de qualquer forma, que, para compreender plenamente as potencialidades do sistema preventivo, as páginas de 1877 devem ser estritamente associadas ao discurso social que as precedia.

4.2 O sistema preventivo para famílias e institutos de educação

Uma singular apresentação das páginas sobre o sistema preventivo foi cuidada pelo padre Bonetti no *Boletim Salesiano*. O texto, ligeiramente modificado, com os títulos substituídos por breves palavras de introdução a cada um dos quatro pontos, era inserido em um capítulo da *História do Oratório de São Francisco de Sales*. Dom Bosco, certamente, sabia e aprovava, de acordo a dar mais ampla difusão a um texto saído em opúsculos de tiragem limitada e de pequeno impacto na Itália. Entre outras coisas, o redator de *Boletim* sublinhava a possibilidade de sua aplicação em todas as instituições educativas e nas próprias famílias. Após ter narrado, em referência ao borrascoso 1848, nas soluções originais adotadas por Dom Bosco para tratar com os jovens, ele as explicava como fontes do sistema preventivo *ante litteram*.¹⁰⁷ Após ter assegurado que as casas salesianas “florescem e dão mais frutos, nas quais esse sistema é melhor conhecido e mais exatamente aplicado”, concluía: “Seria desejável que ele fosse introduzido em todas as famílias cristãs, em todos os institutos de educação públicos e privados, masculinos e femininos. Então não se tardaria para ter uma juventude mais morigerada e pia, uma juventude que seria a consolação das famílias e válido sustento para a sociedade civil”.¹⁰⁸

No tópico ou capítulo seguinte, padre Bonetti justificava a adoção do sistema preventivo como resposta às mais modernas exigências de liberdade difundidas na sociedade e na cultura nos últimos anos da década de 40. “Existia naqueles anos – advertia – um forte grito na Itália e fora dela contra os governos absolutos; levantavam-se, sobretudo, fortes lamentos contra as medidas de severidade, com as quais geralmente se regia o povo e se administrava a justiça”. Também os governantes mais rígidos “tinham acreditado ser bom dobrar-se ante as exigências populares e introduzir em seus Estados reformas radicais”. O próprio Pio IX tinha concedido a anistia e “algumas reformas governativas”. Carlos Alberto “dava a Constituição civil”, “mudando assim seu governo absoluto em governo constitucional”. “Agora tais aspirações populares a um governo mais manso, assecundado pelo respectivos princípios, faziam com que os jovens também exigissem de seus superiores uma direção mais afetuosa e paterna”.¹⁰⁹ Ele se aliava com todos os

¹⁰⁷ BS 4(1880) n. 9, setembro, p. 6-7.

¹⁰⁸ BS 4(1880) n. 9, setembro, p. 9.

¹⁰⁹ BS 4(1880) n. 10, outubro, p. 7.

que, contemporâneos ou sucessores, tinham visto no sistema preventivo de Dom Bosco um sistema educativo de amplitude universal, aderente às exigências dos tempos novos e a destinatários de todos os níveis sociais e culturais.

5. Repercussões: perfis e biografias

Indissolúvel da experiência de Dom Bosco e dos salesianos, o sistema preventivo – muitas vezes erroneamente considerado criação do santo turinense – rapidamente adquiria certa publicidade, direcionada a demonstrar a vitalidade permanente da educação católica. Isso acabava, ao mesmo tempo, por reforçar na consciência do próprio Dom Bosco o significado universal do sistema que foi por ele lançado, inicialmente com intenções propagandistas, mediante um fascículo escrito para benfeitores e cooperadores. Para esse fenômeno contribuía as primeiras biografias de Dom Bosco, assim como outros escritos sobre suas instituições.

Parece dar a partida – ainda antes das páginas de 1877 – conde Carlo Conestabile della Staffa (1854-1882), pertencente à antiga nobre família da Perugia, de sólida fé católica e incondicionada fidelidade ao papado. A Dom Bosco, com quem tinha se encontrado e entrevistado no Oratório de Turim – cidade em que tinha encontrado na casa Scoplis a marquesa Maria de Bernezzo, casada em 1876 –, dedicava a primeira parte do opúsculo, redigido em francês em 1876,¹¹⁰ sobre *Obras religiosas e sociais na Itália*, que apresentava *padre Bosco em Turim e padre Lodovico* [de Casoria] *em Nápoles*.¹¹¹ Eram “dois homens, um simples padre e outro religioso, cujos nomes viverão na história da Igreja e de seus países”. Com algumas inexactidões, o autor sublinha com grande entusiasmo a escolha dos jovens, feita por Dom Bosco desde o início da vida sacerdotal. Segundo conde Conestabile – e assumido por outros no futuro –, Dom Bosco tinha sido provocado quase que exclusivamente pela visão dos jovens nos cárceres de Turim, “arrastados desde cedo no caminho das más ações. Estes, com a triste reclusão e mais ainda com os remorsos, expiavam as culpas das quais eles nunca eram totalmente responsáveis”. Segundo Dom Bosco e padre Cafasso, tanta depravação da juventude “tinha duas razões principais: o afastamento dos filhos do povo das práticas religiosas nos dias festivos e a maléfica influência da maior parte dos patrões nos dias

¹¹⁰ O autor conhece a instituição da Obra para as Vocações Adultas, as fundações de Nice e de Vallecrosia, apenas iniciadas, a primeira expedição na América, mas não acena à União dos Cooperadores, e cita *L'unità cattolica* até agosto de 1876. *L'unità cattolica* escreve seu breve necrológio em 3 de janeiro de 1882, terça-feira, n.2, p. 6. Cf. perfil biográfico de M. Casella no DBI XXXVII 766-768.

¹¹¹ C. CONESTABILE, *Opere religiosa e sociali in Italia: memoria*. Tradução do francês. Pádua, Tipografia del Seminario, 1878, 59 p. De Dom Bosco ocupam-se as p. 4-39, e do padre Ludovico Casoria, as p. 40-59.

de trabalho”. Dom Bosco contrapunha a isso a forma primordial de assistência educativa, o “Oratório”, que era também “educandário”, gerido com método todo particular. Ele “amava esses filhos do povo como pai terno, tendo o mais vivo interesse pelas necessidades particulares de cada um”; “não somente em todos os domingos tinha a tarefa de distrair agradavelmente seus jovens amigos, nutrindo suas almas da palavra de Deus, mas buscava com afetuosa solicitude encontrar para eles o trabalho durante a semana e confiá-los a patrões honestos e cristãos”.¹¹² Nascia mais tarde o internato-pensionato, “o primeiro núcleo de colégio para os filhos do povo”, aprendizes nas lojas e nas oficinas da cidade, que depois foi transformado em internato com escolas e oficinas próprias, enquanto ao lado continuava a funcionar o oratório para os externos”.¹¹³ Com particular ênfase ele passava depois a delinear o sistema de assistência preventiva – “prevenir as culpas e evitar as repressões” – adotado nos internatos-colégio para estudantes e aprendizes de Valdocco, sistema que o conde tinha bem intuído na prática, sem ter podido ler as páginas aparecidas um ano depois. É “coisa maravilhosa e quase inacreditável! – escrevia – o governo ao qual é submetida essa pequena população, composta de elementos tão jovens e tão vivazes: é um governo de mansidão e de doçura. Não seria exato dizer que só se pune raramente. A verdade é que inexitem punições: a defesa da lei não tem aí nenhum código penal, a lei é imposta por si mesma às consciências, que a aceitam com alegria porque é conforme à natureza humana, porque exalta em vez de humilhar”. Nesse ponto o autor faz uma pausa na dimensão social e reeducativa do sistema de Dom Bosco, inigualável em relação às altas discussões de políticos, juristas e sociólogos. “Aqui se apresenta à nossa meditação um grave problema filosófico e social – observava –. Enquanto os mais violentos revolucionários escreveram volumes sobre tal argumento, enquanto nas faculdades de direito ele é estudado com ardor (...), em sua república ele realizou o ideal visualizado pelos legisladores: ao invés de reprimir, aí se previne a culpa: e esse sistema, de tão difícil aplicação em qualquer outro lugar, nesse estabelecimento produz estupendos resultados”.¹¹⁴ A excursão dos encarcerados da Generala de Turim tinha sido extraordinário símbolo desse sistema.¹¹⁵ Era a primeira vez que o episódio, para o qual não existem documentações específicas, vinha a público. Encontraria enorme eco em biógrafos, publicitários, filmes e também cultores de história. A ampliada persuasão do autor não nos causa maravilha: “Nesse momento, na Europa, se reconhece o valor dos métodos de Dom Bosco, e bem freqüentemente, nos casos difíceis, recorre-se a ele”.¹¹⁶

De forma mais sintética, semelhante imagem de Dom Bosco era difundida pelo

¹¹² C. CONESTABILE, *Opere religiose e sociali*, p. 5-7.

¹¹³ C. CONESTABILE, *Opere religiose e sociali*, p. 12-14.

¹¹⁴ C. CONESTABILE, *Opere religiose e sociali*, p. 19-20.

¹¹⁵ C. CONESTABILE, *Opere religiose e sociali*, p. 23-26.

¹¹⁶ C. CONESTABILE, *Opere religiose e sociali*, p. 29.

vice-pároco da paróquia São José, em Marselha, padre Louis Mendre, no opúsculo *Dom Bosco sacerdote*, de 1879.¹¹⁷ Dom Bosco o definia “um trabalho clássico nesse gênero”.¹¹⁸ Reconhecia-se, portanto, no perfil traçado pelo admirador francês: um padre completamente consagrado “aos jovens pobres, cuja miséria espiritual era pálida imagem da miséria moral bem mais profunda”, e aos “filhos dos operários e dos pobres”. Descreve dois momentos paradigmáticos: o encontro com Bartolomeo Garelli (“pobre órfão”) na sacristia da Igreja São Francisco de Assis e a excursão com os encarcerados da Generala.¹¹⁹ Suas solitudes eram dirigidas, em particular, aos jovens imigrantes, “os quais, longe de suas aldeias, privados completamente de família, reduzidos a dirigir-se a estranhos, se encontravam expostos às sórdidas especulações de seus presumíveis benfeitores e à total ruína da beleza da própria alma”.¹²⁰ Dessa forma, ele adquiria um conhecimento aprofundado das condições dos aprendizes, providenciando-lhes a recuperação com os “Ateliers Chrétiens”, as escolas de artes e ofícios e as colônias agrícolas masculinas e femininas, instituições indicadas também para a juventude operária de França, como complemento das “Oeuvres de Persévérance” de Jean-Joseph Allemand e das “Oeuvres de Jeunesse” de Joseph Timon-David.¹²¹

Em 16 de janeiro de 1882, Dom Bosco escrevia uma carta ao ministro de Graça e Justiça, Giuseppe Zanardelli, agradecendo e pedindo. Agradecia-o ter dado um aumento da côngrua “aos pobres, aos párocos pobres, os quais – assegurava – pedirão ao bom Deus para que o preserve de todo mal e o abençoe largamente”. E com tom singularmente amigável pedia uma honorificência para “um dos benfeitores de minhas casas – precisava – o advogado Giacomo Borgonovo, de Gênova, que, entre as outras coisas, escreveu um bom livro no qual recordou-se de mim”. Era “oficial da Coroa da Itália – prosseguia –: eu lhe digo francamente que gostaria que ele fosse promovido, e isso seja dito em toda confiança. Se sou muito ousado, me perdoe, uma vez que também os velhos podem errar: e em sua delicadeza, mantenha como se eu não tivesse falado nada”.¹²² Não era um pedido completamente desinteressado. Em 1879 Borgonovo tinha publicado uma obra de caráter social e jurídico, com o título *Admoestados, ociosos e transviados: males e remédios*. Referindo-se a Dom Bosco, formulava um juízo elogioso sobre a atividade por ele desenvolvida em favor dos jovens dos quais o livro tratava, chegando a “prover em média a cerca de duzentos mil jovens, os quais, sem seu

¹¹⁷ L. MENDRE, *Don Bosco prêtre, fondateur de la Congrégation des Salésiens (Saint-François-de-Sales). Notice sur son Oeuvre. L'Oratoire de Saint-Léon à Marseille et les Oratoires Salésiens fondés en France*. Marselha, Typ. et Lith. M. Olive, 1879; E III 461.

¹¹⁸ A. C. Guiol, 29 de março de 1879; E III 461.

¹¹⁹ L. MENDRE, *Don Bosco prêtre*, p. 3-7, 9-12.

¹²⁰ L. MENDRE, *Don Bosco prêtre*, p. 21.

¹²¹ L. MENDRE, *Don Bosco prêtre*, p. 34-37.

¹²² Carta de 16 de janeiro de 1882; E IV 118.

¹²³ G. BORGONOVO, *Ammoniti, oziosi, traviati: mali e rimedi*. Gênova, Stab. Tipografia del Movimento, 1879, p. 166.

auxílio, terminariam onde terminaram todos aqueles dos quais nos ocupamos acima”.¹²³ De fato, a interpretação correspondia corretamente ao significado primário que Dom Bosco dava a seu prevenir e que propunha incansavelmente nos discursos.

Os motivos educativos e reeducativos eram retomados, não muito tempo depois, pelo sacerdote romano Costantino Leonori, que, desde 1878, seguia as causas de Dom Bosco junto das Congregações Romanas, em substituição a Carlo Menghini, que nos mesmos anos cuidava também dos interesses de dom Gastaldi. O opúsculo *Notas sobre a Sociedade de São Francisco de Sales, instituída pelo sacerdote Giovanni Bosco*¹²⁴ era composto nos últimos meses de 1881, no fervor da defesa da causa do padre Bonetti junto à Congregação do Concílio, a partir de rico material fornecido pelo próprio padre Bonetti e pelo padre Berto. Este lhe enviava, junto com a rica documentação, o livrinho de Mendre, o Regulamento das casas salesianas e o fascículo sobre a inauguração do Patronato de Nice. Ao padre Bonetti o autor tinha enviado capítulo por capítulo, com o pedido de ler, corrigir e modificar com toda a liberdade.¹²⁵ Contudo, ele confirmava análises já aparecidas nos dois opúsculos de Conestabile e de Mendre. Com Dom Bosco, Leonori encontrava as raízes da delinqüência e da marginalização dos “jovens operários” em fatores de caráter religioso e moral: abandono dos pais, falta de instrução religiosa e afastamento das práticas de piedade, ignorância dos próprios deveres, influxo negativo dos patrões nos dias de trabalho. Em suma, “falta de uma educação religiosa e civil”. Partindo dessa análise, “Dom Bosco, conhecedor profundo dos tempos e das coisas, seguindo a transformação social”, “persuadido que o meio mais seguro de prevenir os delitos consiste em aperfeiçoar a educação”, fez dessa sua opção de vida, orientando-se “em especial aos filhos do povo” e conduzindo-os “à virtude com as práticas religiosas, com o ensino das letras e com o trabalho, afastando-os do mal pelo caminho do sentimento e pela visualização das misérias e do dano que cai sobre aquele que não se põe a tempo a percorrer o reto caminho da virtude”.¹²⁶ Ele informava a seguir os *Progressos da Sociedade Salesiana na França*, nação na qual, “talvez mais que em outros lugares, a questão operária tenha tomado suma importância”. Nessa ótica ele chamava à atenção, em particular, sobre Marselha, “onde a classe dos operários é mais que todas numerosa”, e sobre o Oratório São Leão, “que recolhe um número extraordinário de meninos que se instruem nas artes e profissões, tirando-os então da influência maldosa dos maus patrões”.¹²⁷ “Considerada benéfica e cristãmente humanitária” por “toda classe de pessoas”, a obra tinha conseguido agregar vasto grupo de *colaboradores* e de *cooperadores*, de forma a merecer “os contínuos pedidos – escrevia – que lhe fazem os municípios e os bispos, a benevolência e o apoio de Pio IX e de Leão XIII, a estima de que goza

¹²⁴ Roma, Tipografia Tiberina, 1881, 63p.

¹²⁵ Cf. cartas e informações em *Documenti* XLV 69-70, 95-101, FdB 1095 C 9-10; 1095 E 12-1096.

¹²⁶ C. LEONORI, *Cenni sulla Società di S. Francesco di Sales*, p. 3-4 e 12-13.

¹²⁷ C. LEONORI, *Cenni sulla Società di S. Francesco di Sales*, p. 27.

¹²⁸ C. LEONORI, *Cenni sulla Società di S. Francesco di Sales*, p. 39-49.

junto do episcopado e as apreciações de biógrafos, publicitários e jornais”.¹²⁸

De novo, na França, saía em 1881, por obra de um médico de Nice, Charles d’Espiney (1824-1891), a primeira biografia de Dom Bosco. O livro era brindado com várias edições na língua original, com consistentes ampliações a partir da décima edição, de 1888, e considerável número de traduções.¹²⁹ Ele pontualizava desde o início quais fossem os jovens objeto das solitudes de Dom Bosco: “a juventude pobre e abandonada” e “os jovens que o abandono, a ignorância e o contato com seres depravados ou pervertidos expunham indefesos aos assaltos do mal”. “Dom Bosco – escrevia – vai e os recolhe, dá-lhes abrigo, ensina uma profissão honrada, faz deles homens úteis a seus países; mas os enobrece ainda mais, por assim dizer, iniciando-os nos esplendores da virtude revelada.”¹³⁰ Segundo d’Espiney, o primeiro empurrão para a típica escolha juvenil foi dada a Dom Bosco pelo encontro com os jovens encarcerados: “Essa precoce depravação encheu-o de tristeza e de piedade. A causa era também muito visível: ao entrar na vida esses pobres jovens foram deixados no mais deplorável abandono, não tendo sob os olhos senão o exemplo do vício. Tinham caído e a sociedade precisou trancá-los como seres nocivos. Mas, ao invés de melhorá-los, a permanência na prisão tornava-os ainda mais corruptos e eles saíam da prisão para entrar ali novamente por causa de novos reatos”. Nascia então “a decisão de Dom Bosco” de privilegiar a ação preventiva, consagrando-se “aos jovens pobres e abandonados que pululavam nos quarteirões de Turim”.¹³¹ Desta forma, configurava-se nos fatos o *método preventivo*: “prevenir as faltas de forma a não ter que punir”; “amar as crianças e fazer-se amar, de forma a obter tudo o que contribui para seu bem”; e habilitá-los a um trabalho qualificado que garanta um êxito pessoal de vida e “concorra para a honra e para a prosperidade da nação”.¹³² O livro, biográfico e celebrativo, popular e propenso para a lenda e o numinoso, traduzido em italiano, holandês, inglês, alemão, espanhol, polaco, boêmio, ungárico e árabe, constituiu um extraordinário instrumento de conhecimento em amplas áreas da Europa, e não somente, de Dom Bosco operador social e educador da juventude pobre e abandonada, e quicá marginal. Na morte de d’Espiney, em 13 de abril de 1891, tessendo seu elogio, cônego Fabre, de Nice, chamava a atenção para a repercussão “que teve em toda a Europa e além a obra *Vida de Dom Bosco*”: “a obra de Dom Bosco, obra eminentemente humanitária, social e em primeiro lugar cristã, tornou-se conhecida e apreciada em grande parte graças ao livro do doutor d’Espiney”.¹³³

Em nível um pouco mais alto, mais ordenado e rico de conteúdos, segundo o juízo

¹²⁹ Ch. d’ESPINEY, *Don Bosco*. Nice, Typ. et Librairie Malvano-Mignon, 1881, 180. Em italiano a tradução foi feita da 11ª edição, quase duplicada em relação à 1ª: Sanpierrez, Tipografia S. Vincenzo de’ Paoli, 1890, 331 p.

¹³⁰ Ch. d’ESPINEY, *Don Bosco*, p. 6.

¹³¹ Ch. d’ESPINEY, *Don Bosco*, p. 8-9.

¹³² Ch. d’ESPINEY, *Don Bosco*, p. 61-63, 74.

¹³³ “Nécrologie. M. le docteur d’Espiney”, *Bulletin salésien* 13(1891) n. 5, junho, p. 92-94.

¹³⁴ Cf. cap. 33, § 4.

do próprio Dom Bosco,¹³⁴ colocava-se a biografia publicada em 1884 pelo magistrado francês Albert Du Boÿs (1804-1889), *Dom Bosco e a Pia Sociedade dos Salesianos*.¹³⁵ As inspirações originais de Dom Bosco eram reconduzidas, mais corretamente, a duas fontes ou causas diversas: o contato com os “jovens prisioneiros” nos cárceres turinenses e a visão das “necessidades morais da juventude pobre e errante pelas ruas”. O encontro casual com Bartolomeu Garelli era emblemático a respeito.¹³⁶ Seguiu a narração do desenvolvimento do Oratório, com particular referência às “escolas de artes e ofícios” e às “colônias agrícolas”. Atenção especial era dedicada ao “sistema preventivo” o qual, segundo o autor, um católico conservador, resolvia “o grande problema pedagógico” muito mais concretamente que as “quiméricas utopias” proclamadas pelos mais “apaixonados revolucionários”.¹³⁷ Para Du Boÿs, Dom Bosco parecia uma enciclopédia pedagógica personificada, que “se podia chamar o cuidado moral dos casos desesperadores”.¹³⁸ Era o “sistema correccional” que Dom Bosco tinha encontrado ocasião de expor em 1854 a Urbano Rattazzi, declarando sua aplicabilidade nos institutos penais e de reeducação, dando dele uma demonstração prática na legendaria excursão a Stupinigi com a centena de “detentos de uma casa de reeducação”, a Generala.¹³⁹ Era, em síntese, como recitava o título de um capítulo do livro, *O poema de Dom Bosco*.¹⁴⁰

Outro grande admirador de Dom Bosco na Espanha era Marcelo Spínola (1836-1906), desde 1881 bispo auxiliar, com o título de Milo, do arcebispo de Sevilha, cardeal Joaquin Lluç e Garriga (1816-1882), admirador e amigo dos salesianos.¹⁴¹ Em 1840 publicava um denso opúsculo com o título *Dom Bosco e sua obra*.¹⁴² O material tinha sido retirado do *Boletim Salesiano* e da obra de d’Espiney, mas era elaborado dentro de uma sintética visão sócio-teológica do mundo moderno e da Igreja: o primeiro, doente de “Naturalismo”, alienado de Deus e do ser humano; a segunda, portadora, com Deus

¹³⁵ *Don Bosco et la Pieuse Société des Salésiens*. Paris, Jules Gervais, 1884, VI-378 p. A tradução italiana saía poucos meses depois (San Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana, 1884, VIII-256 p). Também no livro de Du Boÿs, porém, se encontram imprecisões cronológicas e históricas e cifras hiperbólicas. De uma cópia da edição italiana com retificações de Dom Bosco escreve P. CAVAGLIÀ, “Don Bosco lettore della sua biografia: osservazioni al volume di A. du Boÿs, *Don Bosco e la Pia Società Salesiana* (1884)”, *Rivista di Scienze dell’Educazione* 22(1984), p. 193-206.

¹³⁶ A. DU BOÿS, *Don Bosco et la Pieuse Société*, p. 7-10.

¹³⁷ A. DU BOÿS, *Don Bosco et la Pieuse Société*, p. 90-93.

¹³⁸ A. DU BOÿS, *Don Bosco et la Pieuse Société*, p. 93-94.

¹³⁹ A. DU BOÿS, *Don Bosco et la Pieuse Société*, p. 100-106.

¹⁴⁰ A. DU BOÿS, *Don Bosco et la Pieuse Société*, p. 227-229.

¹⁴¹ Posteriormente, a partir de 1885, bispo de Coria (1885) e, desde 1886, de Málaga; por fim, de 1896, arcebispo de Sevilha e cardeal. Em março de 1987 foi proclamado beato.

¹⁴² *Don Bosco y su obra*. Barcelona, Tipografia Católica, 1884, 111p. O apêndice intitulava-se “Talleres cristianos”. Sobre o livro escreve R. ALBERDI, *Una ciudad para un santo: los orígenes de la obra salesiana en Barcelona*. Barcelona, Ediciones Tibidabo, 1966, p. 78-81.

e com Cristo, de salvação também terrena. Mostrava-se, desse modo, completamente infundada a tese de incompatibilidade do catolicismo com a modernidade, que contrapunha fé à ciência e à liberdade. Dom Bosco era justamente a confirmação da tese oposta, atestada em todos os tempos pelos Padres da Igreja, pelos doutores e pelos santos, pois demonstrava com sua obra religiosa e social que o amor de Deus é inseparável do amor do ser humano, sobretudo pobre e necessitado, sujeito à ignorância, ao erro e ao pecado. Spínola não economizava elogios ao padre de Turim, modesto e extraordinário, cativador dos jovens, um “caráter”, “o homem mais popular da Itália moderna”, cuja atividade de educador se movimentava entre os dois polos representados pelo encontro com Bartolomeu Garelli e pelo triunfo de Paris.¹⁴³ Contra o naturalismo imperante, Dom Bosco e a Obra Salesiana eram prova de que “o sobrenatural existe”: com um exército de jovens transformados; “com a criação do salesiano”; com as escolas, as oficinas e as colônias agrícolas, onde se promoviam ao mesmo tempo os interesses materiais e espirituais dos jovens.¹⁴⁴ De resto, já antes de Spínola, Dom Bosco era conhecido na Espanha através dos artigos publicados em 1880 sobre *Dom Bosco e as oficinas cristãs* na muito difundida *Revista Popular*, do conhecido padre Félix Sardá y Salvany. Eles tinham percorrido o advento dos salesianos na Espanha, em Utrera (1881), enquanto o livro de Spínola se unia à combativa revista “social” de Sardá y Salvany, para propiciar a extensão da obra a Sarriá, em Barcelona (1884), e a triunfal viagem de Dom Bosco na Catalunha (1886).

Ao contrário, as apresentações feitas pelo padre salesiano Francesco Cerruti (1844-1917), o primeiro autor que introduzia o sistema preventivo de Dom Bosco em um texto escolar da *História da Pedagogia*,¹⁴⁵ e pelo padre Domenico Giordani, da diocese de Fermo, eram quase exclusivamente atentas ao caráter pedagógico e fracamente ao social. Padre Cerruti aproximava Dom Bosco educador de Quintiliano e de Vittorino Feltre, relacionados à prática e ao enunciado do sistema preventivo, a quem Dom Bosco, nas páginas de 1877, tinha elevado à mais alta expressão. “Tu vês aqui com efeito colhido em breves palavras – escrevia com ênfase – a flor da civilização pagã antiga e a essência da nova cristã-católica, a sabedoria teórica de Quintiliano e a visão sadia prática de Vittorino da Feltre, o Evangelho em uma palavra e o que existe de legítimo na herança do espírito humano”. Não se esquecia, contudo, de ir às origens, além da pedagogia, com a evocação dos inícios do oratório e depois do internato, relevando aí também seu

¹⁴³ M. SPÍNOLA, *Don Bosco y su obra*, p. 7-34.

¹⁴⁴ M. SPÍNOLA, *Don Bosco y su obra*, p. 83-91, 99-100.

¹⁴⁵ F. CERRUTI, *Storia della pedagogia in Italia dalle origini a' tempi nostri*. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana, 1883, 320 p.

¹⁴⁶ F. CERRUTI, *Storia della pedagogia in Italia*, p. 269-270. Sobre os conteúdos humanistas e cristãos do sistema ele retornava mais difusamente no opúsculo *Le idee di Don Bosco sull'educazione e sull'insegnamento e la missione attuale della scuola: lettere due*. San Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana, 1886, 49 p. Retomava o tema vinte anos depois: *Una trilogia pedagogica ossia Quintiliano, Vittorino da Feltre e Don Bosco*. Roma, Scuola Tipografica Salesiana, 1908, 19 p.

significado “humanitário”, moral e social.¹⁴⁶

Três anos depois os salesianos imprimiam e difundiam dois livros, compilados pelo padre Domenico Giordani, nos quais estava inserido o texto do sistema preventivo com comentário, mais difundido no primeiro: *A caridade em educar e o sistema preventivo do maior educador vivente, o venerando padre Giovanni Bosco*¹⁴⁷ e *A juventude e Dom Bosco de Turim*.¹⁴⁸ “Caridade e amor” eram as duas palavras nas quais Giordani sintetizava a mensagem educativa e social de Dom Bosco, que ele proclamava ser “o maior educador que eu conheço em nossos tempos tão difíceis, o qual, com imensa caridade e com o famoso *sistema preventivo* de educação, ao longo de tantos anos vem fazendo o bem à nossa querida Itália e ao mundo inteiro”.¹⁴⁹ A caridade era “o único caminho que conduz ao *sistema preventivo*”, que “o tornou famoso”.¹⁵⁰

A atualidade da ação e dos enunciados de Dom Bosco, sob o duplo aspecto social e pedagógico era reconhecida com vivo interesse, nos anos 80, também na Alemanha católica.¹⁵¹ O primeiro alemão que sobre ele escrevia era um religioso da Sociedade do Verbo Divino, Johannes Janssen (1853-1898), irmão do fundador. Nos anos 1884-1886 publicava na revista missionária *Die heilige Stadt Gottes* (A santa Cidade de Deus), uma série de artigos informativos sobre *Dom Bosco e a Sociedade de São Francisco de Sales*,¹⁵² cujas informações retirava copiosamente da biografia de d’Espiney, saída em língua alemã no mesmo ano.¹⁵³ Eles eram republicados em 1885, em opúsculo à parte, *Dom Bosco e o Oratório de São Francisco de Sales: perfil biográfico de um educador do nosso tempo inspirado por Deus*.¹⁵⁴ Em 1887 publicava na folha dioce-

¹⁴⁷ *La carità nell’educare ed il sistema preventivo del più grande educatore vivente il venerando D. Giovanni Bosco*. San Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana, 1886, p. 36-159 (texto do sistema preventivo com ampla paráfrase).

¹⁴⁸ *La gioventù e Don Bosco di Torino*. San Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana 1886, p. 65-86 (texto com ampla paráfrase).

¹⁴⁹ D. GIORDANI, *La carità nell’educare*, p. 4. No volume *La gioventù e Don Bosco* (p. 3) repetia quase literalmente.

¹⁵⁰ D. GIORDANI, *La carità nell’educare*, p. 4, 23-24, 64, 86.

¹⁵¹ Cf. N. WOLFF, *Viele Wege führen nach Deutschland: Überlegungen zur salesianischen Geschichte der Jahre 1883-1922*. Munique, Don Bosco Verlag, 2000; Id., “Von der Idee zur Aktion: das Projekt Don Boscos in Deutschland (1883-1921)”, in: F. MOTTO (org.), *L’Opera Salesiana dal 1880 al 1922. Significatività e portata sociale*, vol. I. Roma, LAS, 2001, p. 255-264.

¹⁵² *Die heilige Stadt Gottes* 8(1885), p. 158-159, 171-174, 206-208, 222-224, 238-230, 244-247, 270-272, 283-287, 292-295, 312-316.

¹⁵³ C. d’ESPINEY, *Don Bosco*. Münster, Leinerdruck Leipzig, 1883, 190 S.; 2ª ed., Münster, Schöningh Verlag, 1886, 176 p.

¹⁵⁴ *Don Bosco und das Oratorium vom heiligen Franz von Sales: Lebensbild eines gottbegeisterten Erziehers der Gegenwart*. 2ª ed., Steyl, Missionsdruckerei St. Michael, 1885, 107 p.; 3ª ed., 1885, 104 p.

sana de Colônia um ensaio sobre o *Método educativo de Dom Bosco*, repisado sobre as páginas de 1877.¹⁵⁵ O ensaio ilustrava a ação educativa e religiosa de Dom Bosco, principalmente em relação às necessidades dos tempos e às necessidades morais, religiosas, culturais e materiais dos jovens trabalhadores. Para tal se destinavam as escolas vespertinas, as oficinas profissionais, em particular a tipografia e a encadernação, além de iniciativas para a instrução e a prática religiosa. Era também colocada em evidência a elaboração de um sistema educativo aplicável às famílias e aos institutos de educação de todo gênero.

Um Dom Bosco interessado na solução da questão social, especialmente mediante as escolas e as oficinas profissionais: assim o apresentava o sacerdote Johannes Baptist Mehler (1860-1930). Em 1885 ele tinha se hospedado com Dom Bosco em Valdocco, onde tinha tido modo de estudar com atenção o funcionamento das oficinas profissionais. Recordava tal fato em carta a seu anfitrião. Mehler tinha falado de Dom Bosco e de sua solicitude para com os jovens aprendizes, intervindo no Congresso Geral dos Católicos Alemães, que tinha tido as suas sessões em Münster, de 30 de agosto a 3 de setembro de 1885.¹⁵⁶ “Os Congressistas – escrevia a Dom Bosco –, cheios de admiração pelas obras tão estupendas, romperam em aplausos e agradeceram a Divina Providência. Tendo depois feito conhecer a obra social dos Oratórios e as grandes vantagens que dela se pode esperar, a assembléia decidiu fundar associações para salvar a juventude pobre e abandonada”.¹⁵⁷ As atas registram com mais precisão: “A Assembléia Geral recomenda a urgente organização de centros de acolhida para jovens e aprendizes, externatos e internatos católicos alternativos a abrigos juvenis irreligiosos, chama a atenção sobre as extraordinárias realizações de Dom Bosco nesse campo e apóia a participação na União dos Cooperadores Salesianos”.¹⁵⁸ Foi o princípio de outros escritos que tocaram juntamente os aspectos sociais e pedagógicos da ação e da formulação de Dom Bosco.¹⁵⁹ O primeiro, com o título *Dom Bosco e as suas criações sociais*, de 1886, era dedicado ao problema social dos aprendizes.¹⁶⁰ Como no discurso em Münster, Mehler considerava a obra de Dom Bosco à luz da situação sócio-política e do sistema de formação dos aprendizes na Alemanha em pleno processo de industrialização. Ele via Dom Bosco na

¹⁵⁵ J. JANSSEN, “Don Bosco’s Erziehungsmethode”, *Pastoralblatt* (Colônia) 21(1887), p. 137-140.

¹⁵⁶ Cf. *Verhandlungen der XXXII. General-Versammlung der Katholiken Deutschland zu Münster i. W. vom 30. August bis 3. September 1885. Nach stenographischer Aufzeichnung herausgegeben vom Local-Comité*. Münster, Commissions-Verlag Westfälischer Merkur, 1885, p. 218-219.

¹⁵⁷ “Don Bosco e l’Assemblea dei Cattolici Tedeschi”, BS 9(1885) n. 11, novembro, p. 106.

¹⁵⁸ *Verhandlungen der XXXII. General-Versammlung*, p. 398.

¹⁵⁹ Foram recolhidos pelo autor no volume *Don Bosco’s sociale Schöpfungen, seine Lehrlingsversammlungen und Erziehungshäuser: ein Beitrag zur Lösung der Lehrlingsfrage*. Regensburg, Verlag-Anstalt G. J. Manz, 1893, 120 p.

¹⁶⁰ “Don Bosco und seine sozialen Schöpfungen”, *Arbeitwohl* (Köln) 6(1886), p. 1-17.

origem de “um maravilhoso movimento social”: “aquilo que Adolf Kolping fez para a categoria dos aprendizes – escrevia –, o mesmo, e ainda mais, ele colocou em ação para os aprendizes e para os jovens trabalhadores” na Itália.¹⁶¹ Com suas instituições juvenis, as duas congregações religiosas e a União dos Cooperadores, Dom Bosco se encarregava das ameaçadoras “turmas de vagabundos, subversivos (*Socialdemokraten*) e facínoras”.¹⁶² Mas se destacava também a dimensão especificamente pedagógica: “Dom Bosco é também eminente educador, capaz não somente de formar hábeis trabalhadores, mas ao mesmo tempo de transformar jovens ociosos e incompetentes em membros ativos da sociedade e ardorosos cristãos, em suma, trabalhadores genuinamente cristãos”.¹⁶³ Seguia o delineamento dos grandes traços do sistema educativo, recalcada sobre as páginas de 1877 e sobre os Regulamentos do mesmo ano. Do sistema colhia seus temas centrais: religião, razão, bondade, doçura e assistência, congregados ao redor do amor e da mansidão, núcleo do espírito de São Francisco de Sales.¹⁶⁴

O autor fazia, em seguida, interessante observação, que não espelhava somente uma específica sensibilidade alemã, mas a conjuntura realista do sistema preventivo, quando este tivesse que se confrontar – como aparece também várias vezes pelos discursos de Dom Bosco,¹⁶⁵ com jovens realmente anti-sociais, difíceis e perigosos e tivesse que se integrar com medidas próximas do sistema repressivo: “Somente cada educador poderá julgar se em todo lugar e sempre é possível adotar exclusivamente o sistema preventivo ou, quiçá, uma sábia combinação de ambos. Mas sempre e em todo lugar a educação deverá se fundar sobre a religião e a razão, em base às quais o uso da bondade e da doçura será mais produtivo que o rigor”.¹⁶⁶

¹⁶¹ J. B. MEHLER, *Don Bosco's sociale Schöpfungen*, p. 1-2.

¹⁶² J. B. MEHLER, *Don Bosco's sociale Schöpfungen*, p. 2-9.

¹⁶³ J. B. MEHLER, *Don Bosco's sociale Schöpfungen*, p. 15 (cf. p. 9-15).

¹⁶⁴ J. B. MEHLER, *Don Bosco's sociale Schöpfungen*, p. 15-21.

¹⁶⁵ Cf. cap. 30, § 3.

¹⁶⁶ J. B. MEHLER, *Don Bosco's sociale Schöpfungen*, p. 20.



Capítulo XXVII

NASCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DE OBRAS NA EUROPA E NA AMÉRICA (1877-1881)

- 1877 março: primeiros contatos para uma obra em Marselha
26 de abril: aquisição da fábrica de papel de Mathi Torinese
13 de maio: aprovação do projeto da Igreja São João Evangelista e início dos trabalhos
verão: padre Bodrato inspetor da Argentina e Uruguai
outono: início das tratativas para Navarre e Saint-Cyr
- 1878 15 de maio: aceitação da obra de Marselha
14 de agosto: bênção da pedra angular da Igreja São João Evangelista em Turim
16 de setembro: ato de aquisição de Ca'Pesaro (Este, Pádua)
10 de dezembro: chegada dos primeiros salesianos a La Spezia
- 1880 15 de janeiro: partida para a missão na Patagônia
2 de agosto: morte do padre Bodrato
4: padre Giacomo Costamagna é nomeado inspetor interino
- 1881 janeiro: padre Costamagna é nomeado inspetor americano
outubro: surge a inspetoria francesa, padre Albera superior
8 de dezembro: padre Lasagna inspetor do Uruguai e Brasil
- 1883 outono: noviciado em Santa Margarida (Marselha)

A partir de 1875 não somente as instituições de Dom Bosco dilatavam-se geograficamente, mas também o crescimento numérico seria ininterrupto. Não passa ano sem que se registre o nascimento de uma ou mais obras, na Europa ou na América do Sul. Entre estas aqui se faz referência somente àquelas nas quais Dom Bosco tenha se empenhado em primeira pessoa, quer no momento do nascimento, quer no desenvolvimento sucessivo. Várias delas ele visitaria ainda nos últimos anos, já em acentuado declínio de saúde, parando somente há poucos meses da morte.

No presente capítulo acena-se às iniciativas dos anos 1877 e 1878, prolongando a atenção sobre algumas até os albores dos anos 80. Acompanha-se a evocação do envolvimento contínuo de Dom Bosco no funcionamento das obras americanas, retirando-a sobretudo da correspondência epistolar entre ele e os correspondentes do outro continente, particularmente com os que ali ocupavam responsabilidades específicas.

1. As obras na Itália entre 1877 e 1878

Obviamente o interesse imediato do fundador é mais visível nas iniciativas italianas e em algumas por ele pessoalmente organizadas e encaminhadas no sul da França, região cada vez mais freqüentada no futuro, em busca de beneficência.

1.1 Os salesianos em La Spezia e em Lucca

Entre as obras surgidas em 1877 sobressai-se a de La Spezia, na Ligúria, seguida seis meses depois do Oratório Santa Cruz, em Lucca, na Toscana. Da primeira Dom Bosco resumia a pré-história e a proto-história em um relatório a Leão XIII, apenas eleito. Não hesitava em dramatizar a situação e recordava que para as missões e as outras obras Pio IX “concedia subsídios nas mais graves necessidades”, e em particular “para La Spezia tinha fixado 500 francos mensais”,¹ [na realidade, anuais]. Nascida a partir de um modesto número de habitantes, a cidade tinha se desenvolvido velozmente, destinada desde os primeiros anos 60 a se tornar praça-forte marítima e o mais importante porto e arsenal militar do reino. A cidade – informava Dom Bosco –, “invadida pela maçonaria e pela heresia, em breve tempo aumentou a população” de 5 mil para 25 mil almas, com grave carência de clero e de igrejas.² Os censos relativos não somente ao antigo aglomerado urbano, mas também ao município todo, davam, efetivamente, os seguintes resultados: em 1861 contavam-se 11.556 habitantes, 24.127 em 1871, 30.732 em 1881.

Contudo, no início, Dom Bosco não fora encorajador com os suplicantes. Por volta de 20 de julho de 1877, de Alassio, informava ao padre Rua: “Escrevi negativamente para La Spezia”.³ O consentimento, ao invés, amadurecia rapidamente. A iniciativa de dirigir-se a Dom Bosco tinha partido do pregador apostólico Giuseppe Persi (1821-1887), que morreu como salesiano. Tinha falado disso a Pio IX, após ter pregado o mês de maio em La Spezia. O papa escrevia a dom Giuseppe Rosati, bispo de Sarzana e Brugnato, prometendo subsídio anual de 500 liras e encorajando-o a dirigir-se a Dom Bosco, que enviava padre Rua para a busca de uma sede. Em 10 de dezembro chegavam a La Spezia, para iniciar a sua atividade educativa e pastoral, os primeiros salesianos, acompanhados pelo padre Cagliero: o diretor, padre Angelo Rocca, com dois clérigos e um coadjutor. Dom Bosco em sua viagem para Roma do final de 1877, ali permanecia nos dias 20 e 21 de dezembro. Os inícios foram humildes: um local improvisado e depois uma casa reformada permitiam, de dia,

¹ Carta de 15 de março de 1878; E III 318-319.

² A Leão XIII, 15 de março de 1878; E III 319.

³ E III 201.

a escola e, à tarde, a preparação para a primeira comunhão de jovens, pequenos e grandes. A capela, feita na sede prevista, começou a funcionar a partir de 1º de março de 1878, imediatamente muito freqüentada.

Em Roma, Dom Bosco não tardava a recorrer ao ministro da Marinha, o turinense Benedetto Brin (1833-1898), insigne engenheiro naval e renovador da Marinha Militar italiana. Sublinhava que em La Spezia os 27 mil habitantes eram “quase todos operários do Arsenal” e que aí eram numerosos os meninos abandonados, ao passo que não existiam instituições educativas apropriadas. A essa carência ele pretendia suprir dando aos jovens “uma educação – dizia – que possa fazer deles bons cidadãos, aptos, com o tempo, a ganhar honestamente o pão da vida”. Não pedia dinheiro, mas materiais fora de uso que estavam nos armazéns da Marinha: bancos, escrivaninhas, sofás, cadeiras, mesinhas, quadros para as escolas, bacias de lavar mão, panelas para a cozinha, diversos objetos de pano para vestuário e calçados de qualquer forma e mesmo já tornados defeituosos”. A doação, logo efetuada, no dizer de Dom Bosco, era em favor “dos mais pobres filhos do povo”, os quais, “abandonados” pela rua, passariam a povoar “as prisões do Estado”.⁴ Mas sabia que em La Spezia seus salesianos não podiam viver de restos. Por isso sempre da capital enviava ao diretor a bela soma de mil liras.⁵ Da Spezia e de outras obras falava a Leão XIII na longa audiência de 16 de março de 1878, sobre a qual, depois, se referia com a costumeira mistura de idéias próprias com as do pontífice.⁶ No fascículo de março de 1879 o *Boletim Salesiano* publicava uma carta ao papa do diretor da obra de La Spezia com informações sobre as atividades e sucessos do primeiro ano. Fora redigida, certamente, com sugestões de Dom Bosco. Padre Angelo Rocca tinha-a enviado, com carta de 22 de dezembro de 1878, ao cardeal Lorenzo Nina, secretário de Estado, pedindo que a fizesse chegar ao santo padre. O *Boletim* relatava também a resposta do cardeal, de 2 de janeiro, que manifestava “a viva e sincera satisfação” do pontífice “pelos bons resultados obtidos” e transmitia ao “diretor a bênção apostólica”.⁷

Com o novo ano de 1878 Dom Bosco chegava em 19 de fevereiro a La Spezia e aí permanecia durante dois dias. No dia 22 ia a Sarzana para saudar o bispo diocesano e de tarde continuava para Lucca, onde ficava no Oratório Santa Cruz. Os salesianos aí trabalhavam desde 29 de junho de 1878, chamados pelo arcebispo Nicolò Ghilardi (1827-1904), após contatos do padre Barberis e do padre Lazzerio, dirigidos a Roma em junho de 1877, e sucessivas tratativas conduzidas pelo padre Cagliari. A visita de Dom Bosco assumia particular solenidade, antes de tudo pela acolhida oficial, por parte do Cabido da Catedral, como peregrino ao *Rosto Santo*, venerado em uma das capelas internas.⁸ Também a conferência que aí fazia em 26 de abril, na presença do arcebispo,

⁴ Carta de 16 de janeiro de 1878; E III 273-274.

⁵ Carta ao padre Rua, 5 de fevereiro de 1878; E III 291.

⁶ E III 327-328.

⁷ BS 3(1879) n. 3, março, p. 4-6.

⁸ BS 3(1879) n. 5, maio, p. 5-6 (*A primeira conferência em Lucca*).

teve grande realce. Dela o padre Bonetti publicava a crônica no *Boletim Salesiano*, depois publicada no periódico luccano *Il Fedele*.⁹

O mais ardoroso sustentador da obra de Spezia foi Giuseppe Bruschi, diretor dos Correios, pelo qual Dom Bosco obteria uma condecoração pontifícia:¹⁰ mais tarde tornar-se-ia sacerdote salesiano e morreria em La Spezia em 1901, com 79 anos.

Dom Bosco informava, em agosto de 1880, o cardeal protetor, Lorenzo Nina, que se tornara prefeito do Concílio, de uma significativa ampliação da obra de La Spezia. Aí tinha desvendado as “insídias – dizia –, que somente a imoralidade e a impiedade protestante sabe praticar”. Então fora estipulado o contrato de aquisição do terreno, sobre o qual seriam construídas a escola, a igreja e a casa para os salesianos. Ao texto da carta seguia um breve relatório sobre a “igreja, escolas e habitação para os professores na cidade de Spezia”, com respectivo pedido ao santo padre de auxílio financeiro extraordinário, quicá elevando a 100 liras mensais o subsídio de 500 liras anuais até agora assegurado.¹¹

Menos de dois meses depois enviava a circular *Aos amantes do bem da religião e da sociedade civil*, informando-os sobre as atividades até então desenvolvidas e sobre as construções em curso, pedindo-lhe que viesse “em socorro com dinheiro e com material de construção”.¹² Dirigia-se também a um sacerdote de Novara, pedindo que o ajudasse “a encontrar algum benfeitor extraordinário” para as muitas necessidades.¹³ Em La Spezia estaria ainda em 1882, para duas conferências aos cooperadores, uma à tarde de 4 de abril, outra na parte da manhã do dia seguinte.

Em 6 de abril estava em Lucca, onde, no sábado santo, 10 de abril, fazia uma importante conferência, toda fundamentada na concretidade: queria que os benfeitores soubessem de que forma eram empregadas as ofertas deles. Em Lucca, em particular, sustentavam uma obra que, embora impossibilitada de desenvolver-se pelo aperto do espaço, compreendia um oratório festivo “freqüentado por mais de cem jovens”, escolas cheias, um internato para estudantes e aprendizes, com cem acolhidos.¹⁴ Mas justamente a carência de espaço para um desenvolvimento racional conduziria, em 1891, ao fechamento da obra.

⁹ Carta de Lucca ao padre Rua, 25 de fevereiro de 1879; E III 447; BS 3(1879) n. 5, maio, p. 5.

¹⁰ Carta ao padre Dalmazzo, abril de 1880; E III 583.

¹¹ Carta de 20 de agosto 1880; E III 616-617. A grande igreja, dedicada a Nossa Senhora das Neves, seria concluída após a morte de Dom Bosco.

¹² Circular de 11 de outubro de 1880; E III 627-628.

¹³ Carta ao teólogo Rusconi, 6 de dezembro de 1880; E III 638-639. Cf. também circular aos diretores, 21 de dezembro de 1880 (E III 643), e aos cooperadores, 23 de abril de 1881 (E IV 45); também em BS 5(1881) n. 5, janeiro, p. 1-2.

¹⁴ O texto da conferência, transcrito em *Il Fedele*, foi publicado pelo BS 6(1882) n. 5, maio, p. 80-82.

Pensando em novas ampliações das escolas de Spezia, em 1883 Dom Bosco escrevia ao cardeal Nina esperando ainda obter o apoio do papa.¹⁵ Aí estaria, poucos meses depois, em 10 de abril de 1884, dia de Páscoa, no curso da viagem para Roma, fazendo, no período da tarde, longa conferência, da qual o padre Lemoyne, que fazia o papel de secretário, enviava uma relação ao padre Bonetti, para o *Boletim Salesiano*.¹⁶ Em maio de 1885 escrevia ainda a Benedetto Brin, que em 1884 tinha reassumido o ministério da Marinha, pedindo-lhe que viesse em favor das escolas criadas “para os operários adidos ao Arsenal de La Spezia”.¹⁷

A crônica da última parada de Dom Bosco em La Spezia, nos dias 23 a 25 de abril de 1887, na viagem de ida para Roma para a consagração da Igreja Sagrado Coração de Jesus, fala de um Dom Bosco “muito cansado”, circundado por numerosas e comovidas autoridades civis e militares: ele se limitava a dar a bênção após a conferência do padre Rua, feita na parte da manhã de domingo, dia 25, na igreja “cheia de gente”.¹⁸

1.2 A fábrica de papel de Mathi

Em 1887 Dom Bosco adquiria também uma fábrica de papel em Mathi, a 25 quilômetros de Turim, da qual era proprietária a viúva Clotilde Varetto. Fazia-o com o intuito de aliviar as despesas para o papel necessário para as duas tipografias de Turim-Valdocco e de Gênova-Sanpiederarena, às quais se acrescentaria logo a de San Benigno Canavese. Propunha-se também a fornecer papel para outras tipografias católicas. Com escritura privada ele se obrigava a assegurar à proprietária renda vitalícia de 12 mil liras. O ato público de 26 de abril de 1877, ao invés, mostrava a aquisição por 100 mil liras. Tornando-se único proprietário, para a gestão da empresa associava como administrador um comerciante genovês, Domenico Varetto, que tinha se interessado para o internato de Sanpiederarena,¹⁹ constituindo privadamente a *Sociedade Bosco-Varetto sobre uma fábrica de papel em Mathi*.²⁰ Mas Varetto começou e continuou a agir como co-proprietário, administrando em nome próprio, sem prestar contas da gestão, tendo, por fim, criado uma situação financeira insustentável. Foram inúteis as intervenções e os intermediários. Dom Bosco teve que recorrer a modos extremos. Já em janeiro de 1878, de Albano, escrevia resolutamente ao padre Rua: “Esteja atento para não assinar nenhum recibo pelo senhor Varetto [sic]; ele que pense em sua parte, e nós cuidaremos da nossa ou, ao menos, procuraremos prover”.²¹ Em 5 de julho retirava de Varetto a

¹⁵ Ao padre Dalmazzo, 26 de novembro de 1883, e ao cardeal Nina; E IV 186-187.

¹⁶ BS 8(1884) n. 5, maio, p. 70-71.

¹⁷ Carta de 25 de maio de 1885; E IV 589.

¹⁸ G. VIGLIETTI, *Cronaca. Dal 23 Genn. 1887 al 15 Maggio 1887*, p. 39-44.

¹⁹ Cf. cartas ao padre Rua de 24 e 25 de agosto de 1871; Em II 362 e 363.

²⁰ Cf. o texto do ato em MB XIII 661-662.

²¹ Ao padre Rua, 22/23 de janeiro de 1878; E III 277.

procuração que lhe dera em 5 de julho do ano precedente. Por fim, para ter em mãos a gestão autônoma da fábrica de papel, da qual era o único proprietário, teve que recorrer ao Tribunal de Comércio de Turim, o qual, com sentença de 30 de agosto de 1878, inibia “Varetto [sic] de não mais ingerir-se de qualquer forma no andamento da fábrica de papel”. Em seguimento de uma sentença arbitral, Varetto foi liquidado com 23 mil liras, e Dom Bosco podia nomear o pessoal dirigente de sua confiança, constituindo, em seguida, em Mathi uma pequena comunidade salesiana, tendo como chefe padre Antonio Varaja. Em 3 de fevereiro a fábrica de papel teve um incidente gravíssimo, com duas vítimas, por causa do estouro da caldeira a vapor que cozinhava o material.²² Encontra-se eco desse fato em cartas de Dom Bosco no final do verão [setembro].²³ Nos dias do acidente ele estava viajando pelo sul da França. No decurso do ano, buscava-se reparar os graves danos sofridos pelo velho edifício e aí se edificava um novo como sede da comunidade dos salesianos. Para ali Dom Bosco se retirava, algumas vezes, nos últimos anos, e mais longamente no verão de 1885. No ano escolar de 1883-1884 a casa de Mathi foi também sede de um grupo de Filhos de Maria, tendo como diretor padre Filippo Rinaldi. No ano seguinte, como se dirá mais tarde,²⁴ encontravam a sede definitiva no edifício ao lado da Igreja São João Evangelista.

1.3 Os salesianos em Este

Lineares e rápidos foram, também, os inícios do colégio de Este para estudantes ginasiais.²⁵ Essa obra nasceu por iniciativa do pároco de Santa Maria das Graças, padre Agostino Perin, assim como Dom Bosco “angustiado pelos danos que o laicismo escolar acarretava para a juventude”. Após sumários entendimentos epistolares, em junho de 1878 ele se dirigia a Turim, onde encontrava um Dom Bosco extremamente disponível. O sacerdote obtinha imediatamente o cordial consenso do bispo diocesano, Federico, da família dos marqueses Manfredini di Rovido (1892-1882, bispo de Pádua desde 1857), do qual deu o nome ao colégio, e o cordial caritativo apoio do arcepreste do Duomo de Este, dom Agostino Zanderigo. Em 25 de junho de 1878 estipulava-se, em nome de Dom Bosco, por 35 mil liras, o contrato de aquisição de Ca’ Pesaro, grande palácio nobre do século XVIII, sede ideal para o colégio e as escolas. Dom Bosco enviou o ecônomo geral, padre Sala, para dar início aos não difíceis trabalhos de adaptação. O contrato foi oficializado com ato notarial de 16 de setembro, subscrito pelo padre

²² Cf. BS 6(1882) n. 3, março, p. 54-55, “Uma desgraça”.

²³ Ao padre Peronino, 7 de setembro de 1883 (E III 171) e à senhora Magliano, 8 de setembro de 1882 (E III 172-173).

²⁴ Cf. § 1.4.

²⁵ O *Boletim Salesiano* do final de 1878 dava informações essenciais: BS 2(1878) n. 12, dezembro, p. 7-8, “Colégio-internato Manfredini em Este”.

Perin, “por conta, nome e interesse e com os dinheiros de Dom Bosco”, e pelos proprietários, os condes venezianos Gradenigo. Um rico senhor de Este, Benedetto Pelà (1800-1883), interveio com singular generosidade, desembolsando, em breve tempo, antes 10.800 liras e depois 6 mil liras, que tornaram possível o instrumento. Ele continuou a dar o auxílio incondicionado de somas relevantes nos trabalhos de adaptação e nas sucessivas ampliações. Em 10 de outubro de 1878 chegava a Este o primeiro diretor, Giovanni Tamietti (1848-1920), com um leigo que possuía o título de professor de nível fundamental, hospedados por famílias privadas. Com a chegada do prefeito, padre Tommaso Calliano, de um clérigo e de dois coadjutores, em 19 de novembro a comunidade salesiana podia organizar-se na sede definitiva de Ca’ Pesaro.

Era a primeira obra salesiana nas Três Venezas, o início de um florescente e longo colégio com classes elementares e um ginásio de excelente nível educativo e cultural.²⁶ Em 2 de abril de 1879 Dom Bosco, proveniente de Roma, fazia aí uma parada. Foi imediatamente acompanhado à casa de Benedetto Pelà, que celebrava o 79º aniversário. Durante o festivo encontro, Dom Bosco se levantava e, após ter agradecido quantos tinham acolhido os salesianos com singular benevolência, anunciava: “Estou feliz em poder saudar o senhor Benedetto Pelà Cavaleiro da Ordem de São Silvestre”. No pedido da honorificência, feita a Leão XIII em 10 de março, Pelà era apresentado com estas palavras: “Senhor Benedetto Pelà, nobre e rico católico da cidade de Este Veneto. Ele deu aos salesianos um colégio por ele comprado nessa cidade. Pede-se para ele a Cruz de Cavaleiro de qualquer ordem”.²⁷ Impedido de partir por causa de um forte vento e de uma chuva torrencial, Dom Bosco aproveitava para fazer, nos salões do palácio, uma conferência aos cooperadores de Este. Em 4 de abril, em Pádua, saudava o bispo. Na noite do dia 5 chegava a Milão, onde permanecia quatro dias, hóspede do advogado Comaschi.

Na carta ao diretor de agosto de 1880 ele anexava também “uma carta para o Sr. Cav. Pelà”.²⁸ Em outubro de 1880 vieram para trabalhar no colégio também as Filhas de Maria Auxiliadora.

Dom Bosco desejou visitar de novo o colégio, seja em 1881 como em 1882, mas esteve sempre impedido.²⁹ “Saudações ao Sr. Venturini e ao Sr. Pelà, aos quais dirás que, quiçá, nos veremos em breve”, escrevia em 25 de setembro de 1881 ao padre Tamietti.³⁰ Depois, em abril de 1882, “vistas as crescentes dificuldades para passar a Este”, convidava-o para ir a Roma.³¹ Enviava duas cartas de encorajamento ao diretor. Como esti-

²⁶ Cf. *Il Collegio “Manfredini” di Este no primeiro centenário 1878-1978*. Este, Unione Ex-Allievi, 1978, p. 29-51.

²⁷ E III 454.

²⁸ Carta de 25 de agosto de 1880; E III 621.

²⁹ Cf. Carta ao padre Cagliero, 6 de abril de 1881; E IV 40-41.

³⁰ E IV 82.

³¹ Carta de 17 de abril de 1882; E IV 128-129.

vesse preocupado pelas doenças que campeavam no colégio, Dom Bosco o exortava: “Coloquemos nossa confiança em Deus e vamos adiante. Abri vosso colégio”.³² A outra era por causa das enchentes que tinham golpeado gravemente o Vêneto, com danos relevantes também para o Pelà, proprietário agrícola: “Se o engrossamento das águas te persuadisse a fazer algum sacrifício, não recuses”, recomendava ao diretor.³³ Por meio dele, por várias vezes, pedia que transmitisse palavras de fé e de conforto ao benfeitor doente: “Dirás ao Sr. Benedetto que eu rezei e rezo muito por ele”;³⁴ “as cruzes são as que nos conduzem à glória”, “os atuais espinhos tornam-se rosas sob os seus olhos”.³⁵

O generoso benfeitor morria em 27 de janeiro de 1883, perto dos 83 anos, e era sepultado em uma capelinha situada no perímetro do colégio.

1.4 Igreja e internato de São João Evangelista em Turim

A mobilização para a construção da Igreja São João Evangelista e a ampliação do Oratório São Luís, no bairro de Porta Nuova, foram iniciadas por Dom Bosco com muita convicção já nos anos 1869 e 1870, na esperança, logo decepcionada, de rápido acabamento. Por isso ele tinha acionado imediatamente os benfeitores:³⁶ entre os mais confiáveis, o barão Feliciano Ricci des Ferres o qual, parcimonioso, em 9 de dezembro, empenhava-se com mil liras, a serem versadas em três vezes,³⁷ a Condessa Carlotta Callori³⁸ e o comendador G. B. Dupraz.³⁹ Com outra circular mais ampla, do outono de 1879, ele sublinhava as motivações religiosas do empreendimento e a forte conotação antiprotestante, informava sobre os trabalhos já realizados, colocava em evidência o apoio do papa e do arcebispo e esclarecia o plano do complexo a ser realizado: “uma igreja que possa servir também para os adultos, com construção suficiente para a escola, internato, jardim [oratório], lugar para entreter os jovens em recreação no dia festivo, preservá-los dos perigos da imoralidade e encaminhá-los para alguma arte ou profissão”.⁴⁰ Para mais vasta publicidade dirigia-se também a um dos colaboradores do *L'unità cattolica*, professor Tommaso Vallauri, para que o jornal informasse

³² Carta de 25 de setembro de 1881; E IV 82.

³³ Carta de 12 de outubro de 1882; E IV 177.

³⁴ Ao padre Tamietti, 17 de abril de 1882; E IV 129.

³⁵ Ao padre Tamietti, 12 de outubro de 1882; E IV 176.

³⁶ Circular de 5 de maio de 1869; Em III 81-82.

³⁷ Cf. *Documenti* XI 312-313 e carta de agradecimento de Dom Bosco pelo primeiro versamento de 300 liras, 23 de junho de 1870; Em III 221. É expressivo o bilhete reservado ao barão, que Dom Bosco queria que lhe fosse enviado após a própria morte; cf. cap. 32, §4.2.

³⁸ Carta de 13 de julho de 1870 (Em III 225-226) e de 23 de janeiro de 1871 (Em III 295).

³⁹ Carta de 7 de fevereiro de 1871; Em III 305.

⁴⁰ Circular de 12 de outubro de 1870; Em III 261-262.

seus leitores.⁴¹ Efetivamente, na sessão “Cronaca Italiana” de 14 de dezembro aparecia um *Apelo à piedade dos turinenses*, feito de trechos da circular de 12 de outubro, “do milagre de caridade e de beneficência, que [era] o piedoso sacerdote Giovanni Bosco”. Entre outras coisas, se afirmava: “Os trabalhos já começaram, já foram concluídos os alicerces”.⁴²

Na realidade, devido a muitas dificuldades para a aquisição dos terrenos de vários proprietários, entre os quais um que era tenazmente renitente, os trabalhos puderam começar somente em 1877. Os preliminares, contudo, ocuparam constantemente Dom Bosco desde 1871, seja pessoalmente, recorrendo às autoridades provinciais e municipais,⁴³ seja incentivando os colaboradores mais próximos, em particular o padre Rua e os ecônomos da Congregação que se sucederam entre os anos 70 e 80: padres Angelo Savio, Francisco Bodrato, Carlo Ghivarello e Antonio Sala.⁴⁴

Agia também junto à direção das Ferrovias da Alta Itália para a obtenção do transporte de materiais.⁴⁵ A negociação mais longa e difícil foi conduzida para obter a expropriação, por razões de utilidade pública, de uma propriedade do valdês L. Enrico Morglia.⁴⁶ O decreto liberatório chegava no início de março de 1876. O jornal *La Nuova Torino, Giornale industriale*, no número 65 de sábado, 6 de março, falava de “um decreto de expropriação por utilidade pública contra um protestante em favor de um padre intrigante”. Dom Bosco tinha suficientes defesas contra tais banalidades. Antes, ele podia finalmente dar ordem ao padre Rua para que desse “execução ao decreto de expropriação Morglia” e, “em relação aos trabalhos a serem realizados com relação à Igreja”, “estabelecer claro um capitulado” com o empresário de confiança, Carlo Buzzetti, reservando-se de examiná-lo.⁴⁷

Na espera da realização da obra, em março de 1876, Dom Bosco pedia e obtinha do arcebispo que abençoasse a nova capela para o Oratório São Luís.⁴⁸ Entrementes o conde Edoardo Arborio Mella tinha preparado o projeto da capela⁴⁹ e do internato

⁴¹ Carta de 10 de dezembro de 1870; Em III 278.

⁴² *L'unità cattolica*, n° 287, quarta-feira, 14 de dezembro de 1870, p. 1159.

⁴³ Cf. carta ao prefeito, 18 de janeiro de 1871 (Em III 292); ao governador da província, 11 de abril de 1873 (E II 268).

⁴⁴ Ao padre Rua, 1° de julho de 1871; Em III 344.

⁴⁵ Cf. carta de maio de 1872 (Em III 430-431, 431-432) e de 12 de julho de 1872 (Em III 446).

⁴⁶ Cf. a instância a Vittorio Emanuele (Em III 425-426); ao prefeito de Turim, 11 de abril de 1873 (E II 268); ao conde Francesco di Viacino, 20 de setembro de 1873 (E II 307); ao padre Rua, pedindo para que o padre Savio preparasse os documentos relativos à negociação junto do Conselho de Estado, 16 de março de 1874 (E II 367); de Roma ao padre Rua, em referência ao patrocínio da causa por parte do conde Carlo Reviglio della Venaria [= Veneria], fevereiro-março de 1875 (E II 457).

⁴⁷ Carta de Alassio, 4 de março de 1876; E III 23-24.

⁴⁸ Carta de 15 de março de 1876; E III 29-30.

⁴⁹ Publicado em BS 2(1878) n. 7, julho, p. 7-8.

anexo e, em maio de 1877, dom Gastaldi o aprovava. Finalmente podiam ser iniciados os trabalhos, que foram levados adiante com certa celeridade. “Desde o ano passado puderam-se colocar os fundamentos da nova Igreja, a qual já subiu 1 metro acima da terra”, anunciava o *Boletim Salesiano* de abril de 1878.⁵⁰

Alguns meses depois surgia um inesperado dissídio por causa da relação que se procurava estabelecer entre duas diversas igrejas e o nome de Pio IX. No número de domingo, 17 de fevereiro, *L'unità cattolica*, sob o título da “Crônica Italiana” *San Secondo e Pio IX*, tinha caldeado a proposta feita pelo “zelantíssimo pároco de San Secondo” que se procurasse contruir a igreja como homenagem à memória de Pio IX, ao qual o mesmo pároco tinha pensado em escrever, “invocando a bênção e o apoio”.⁵¹

O arcebispo tinha apoiado a proposta e em 3 de março o jornal dava-lhe publicidade em um artigo com o título *O Monumento dos turinenses à santa memória de Pio IX*.⁵² Dom Bosco estava ao corrente da iniciativa? Como se queira, cinco dias antes, com uma carta de Roma ao padre Rua, tinha encarregado padre Bonetti de preparar um artigo para o *Boletim Salesiano* sobre a Igreja São João centrada em três temas: “1) tratar-se de obra aconselhada, abençoada, subsidiada por Pio IX; 2) não se poder promover melhor monumento que conduzir a termo uma obra começada por Pio IX, consagrada a seu nome, e que é conforme à sua última recomendação: cuidai da juventude. [3] É dever dos cooperadores conduzir a termo a obra começada pelo fundador dos promotores salesianos”.⁵³ Talvez alarmado pela proposta turinense, em 6 de março, sempre de Roma, confirmava diretamente ao padre Bonetti o encargo, e prevendo oposições, queria sublinhar a idéia de Pio IX “fundador dos Cooperadores” e o concurso à construção dos Cooperadores, tanto os próximos como os distantes. Quanto ao artigo, concluía: “vamos ver”.⁵⁴ Este saía no número de abril do *Boletim Salesiano* com o título *Os Cooperadores Salesianos para a memória perpétua de Pio IX, o Grande*. Mediante copiosas lembranças históricas e mais motivações ilustrava o que Dom Bosco tinha sugerido ao redator.⁵⁵

Mas a insistente exclusiva referência aos Cooperadores não foi suficiente para evitar o desencontro entre a iniciativa salesiana e a diocesana. Isto deu lugar a uma breve tempestade em meses nos quais não se tinham verificado grandes dissídios entre Dom Bosco e o arcebispo. Gastaldi protestava ao prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares e ao cardeal secretário de Estado. A esses, em 8 de maio de 1878, Dom Bosco explicava que com seu periódico tinha se dirigido “unicamente aos Cooperadores Salesianos, com cujo nome – precisava – entendem-se os nossos ordinários benfeitores

⁵⁰ BS 2(1878) n. 4, abril, p. 4.

⁵¹ *L'unità cattolica*, n. 42, domingo, 17 de fevereiro de 1878, p. 167-168.

⁵² *L'Unità Cattolica*, n. 54, domingo, 3 de março de 1878, p. 214.

⁵³ Carta de 28 de fevereiro de 1878; E III 306.

⁵⁴ E III 310.

⁵⁵ BS 2(1878) n. 4, abril, p. 2-6.

das nossas casas da Itália, França e América”.⁵⁶ Do mesmo teor era quanto escrevia ao arcebispo, esclarecendo que o apelo fora endereçado “só aos Salesianos Cooperadores” em um “*Boletim* que se imprime em Gênova” e assegurando ter dado ordem para não mais se falar em “monumento”.⁵⁷ Estes e outros temas elencava em sua defesa em 28 de maio e 1º de junho, em cartas aos cardeais Franchi e Ferrieri, assegurando-lhes que “excetuada a folha em curso na imprensa”, no futuro não se faria jamais menção da igreja como “monumento a Pio IX”⁵⁸. Visava pôr fim aos dissídios o artigo *Uma justificação sobre a Igreja São João como monumento a Pio XI*, publicado no fascículo de junho do *Boletim Salesiano*, seguido pelos textos da circular de 12 de outubro de 1870 e da *Recomendação* do cônego Zappata, “de ordem e em nome” do arcebispo Riccardi. O autor dessa que devia ser uma restrição dos limites dos originários com referência, parecia sanar o dissídio assegurando: “de um certo modo” “retiramos de nosso artigo alguns parágrafos, e nos limitamos a recomendar a obra só a nossos cooperadores e cooperadoras”. “E, malgrado tudo isto – continuava cedendo à sedução da polêmica –, é-nos agora referido que nós desagradamos a alguém. Tristes por ter sido, contra nossa vontade, causa de desagrado a alguma pessoa (...)”, etc.⁵⁹

Em abril Dom Bosco convidava o conde Eugenio de Maistre para a bênção da “pedra fundamental” da igreja que estava construindo “em honra do saudoso Pio IX”, pedindo-lhe “o favor de vir a pôr tal pedra em seu lugar e colocar a primeira argamassa”.⁶⁰ A data prevista fora trocada para 14 de agosto. Dom Bosco suplicava ao arcebispo Gastaldi de querer abençoá-la e a colocação era feita pelo banqueiro Ceriana.⁶¹ No dizer de Dom Bosco, foi “uma festa estrepitosa”.⁶² tanto Dom Bosco como o arcebispo fizeram breves discursos. O arcebispo colocava em evidência, com particular fervor, três polos da fé católica, os quais, sem dizer nada, o acomodavam a Dom Bosco: “Portanto eu me alegro – assim concluía o breve discurso – que se levante um templo neste lugar, em honra de um Apóstolo tão querido a Jesus Cristo, tão devoto de Maria, tão respeitoso da cátedra de Pedro. Oh! Que a vista desta igreja reaqueça cada vez mais o coração da devoção a Jesus Sacramentado e à Maria Santíssima, e nos torne filhos cada vez mais afeiçoados e devotos do papa”.⁶³

⁵⁶ E III 338.

⁵⁷ Carta de 9 de maio de 1878; E III 339-340.

⁵⁸ E III 348-349 e 350.

⁵⁹ Cf. BS 2(1878) n. 6, junho, p. 4-6.

⁶⁰ Carta de 4 de abril de 1878; E III 336.

⁶¹ A dom Gastaldi, 6 de agosto de 1878; E III 374. À carta anexava uma corajosa carta do padre Bonetti em defesa de seus artigos publicados no *Boletim Salesiano*: “Os decretos de Urbano VIII e os milagres de Pio IX” (BS 2(1878) n. 7, julho, p. 4-5) e “Uma justificação sobre a igreja de São João como monumento a Pio IX” (BS 2(1878) n. 6, junho, p. 5-6). Cf. cap. 28, § 5.

⁶² Ao padre G. Ronchail, 15 de agosto de 1877; E III 380.

⁶³ “Colocação da pedra fundamental na Igreja São João Evangelista”, BS 2(1878) n. 9, setembro, p. 1-6.

Além da intensa correspondência pedindo auxílios para completar toda a obra ou a igreja em particular, Dom Bosco se empenhava também na organização de uma rifa com preciosos quadros e outros objetos deixados em herança pelo barão Bianco di Barbania.⁶⁴ Em uma exposição, de 20 de agosto de 1880, sobre as obras salesianas feita ao cardeal Nina, Dom Bosco escrevia: “Com igual ardor trabalha-se para a igreja e instituto de São João Evangelista, próximo do templo e escolas protestantes de Turim. Em novembro próximo será transferido o oratório dos meninos e, em junho de 1881, toda a igreja poderá estar em funcionamento”.⁶⁵ Em 1º de dezembro de 1881 eram abençoados os cinco sinos colocados no alto da torre, cume da fachada.⁶⁶ Em 25 de abril de 1882 colocava-se na Igreja a *estátua de Pio IX*.⁶⁷ O *Boletim Salesiano*, no fascículo de junho, publicava uma vista da igreja e do internato anexo, desenhado pelo projetista.⁶⁸ Nos dias 3 a 6 de julho insignes maestros louvavam o grande órgão.⁶⁹ Em 5 de julho Dom Bosco escrevia ao arcebispo – em 17 de junho fora assinada a “Concórdia”⁷⁰ de preferir a simples bênção à congregação da igreja, temendo a repetição dos tumultos acontecidos por ocasião da Igreja São Secondo.⁷¹ O arcebispo, ao invés, optava pela consagração, propondo-a para o dia 30 de agosto.⁷² Dom Bosco preferiria o final de outubro⁷³, mais precisamente sábado, dia 28, data que foi aceita:⁷⁴ para esse dia convidava-o também para o almoço em Valsalice.⁷⁵ Para a cerimônia da consagração espalhava uma circular e cartas pessoais de convite.⁷⁶ Em 19 de outubro morria o advogado conde Carlo Reviglia della Veneria, “uma das pessoas mais beneméritas da Igreja São João Evangelista”, que

⁶⁴ Cf. pedido de autorização ao prefeito de Turim, de 28 de novembro de 1878; E III 418-419. A autorização chegou em 2 de dezembro e a extração aconteceu em 30 de agosto de 1879.

⁶⁵ E III 616.

⁶⁶ “Solene bênção dos sinos para a Igreja São João Evangelista em Turim”, BS 6(1882) n. 1, janeiro, p. 9-10.

⁶⁷ BS 6(1882) n. 8, agosto, p. 139-140.

⁶⁸ “Desenho da igreja e internato de São João e da estátua de Pio XI”, BS 6 (1882) n. 6, junho, p. 97-99, 103-104.

⁶⁹ “Notícias sobre os órgãos em geral e a instalação do órgão da Igreja São João Evangelista em Turim”, BS 6(1882) n.8, agosto, p. 135-139

⁷⁰ Cf. cap. 28, § 6.

⁷¹ Carta de 5 de julho de 1882; E IV 149.

⁷² Era um claro desmentido de quantos tinham dificultado junto da Congregação dos Ritos: cf. BS 6(1882) n. 6, junho, p. 104.

⁷³ Ao arcebispo, 29 de julho de 1882; E IV 158. Cf. carta ao Protetor da Congregação, cardeal Nina, 4 de agosto de 1882 (E IV 159), e ao padre Dalmazzo, antes de 16 de agosto (E IV 162).

⁷⁴ Ao arcebispo, 16 de outubro de 1882; E IV 174.

⁷⁵ Carta de 24 de outubro de 1882; E IV 180-181.

⁷⁶ Circular de 15 de outubro de 1878 (E IV 177-178), e à condessa Giovanna di Camburzano, 16 de outubro de 1882 (E IV 179).

tinha obtido a expropriação da propriedade Morglia.⁷⁷ Sobre a igreja e sobre o rito da consagração Dom Bosco dava notícias depois a alguns benfeitores e benfeitoras.⁷⁸ “Não obstante sua saúde precária”, o arcebispo tinha oficiado. Os bispos de Fossano, Biella e Alba pontificavam nos primeiros três dias do selene oitavário.⁷⁹

O trabalhos para o internato ainda durariam dois anos. A construção estava no terceiro andar no final de 1883.⁸⁰ Em 22 de outubro de 1884 Dom Bosco podia anunciar ao generoso conde Colle que a casa estava terminada e que, em 10 de novembro, estava fixada “a entrada dos alunos, que no início serão cerca de cento e cinquenta”.⁸¹ O primeiro diretor era padre Filippo Rinaldi, terceiro sucessor de Dom Bosco na condução da Sociedade Salesiana, proclamado beato em 29 de abril de 1990. Em 20 de fevereiro de 1885 Dom Bosco escrevia: “Nós já completamos quase inteiramente a casa de São João Apóstolo, mas a inauguração não aconteceu ainda” e deseja celebrá-la com um *brinde* na presença dos condes.⁸²

2. Outras presenças na França de salesianos e de salesianas (1877-1878)

Na segunda metade de 1877 abriam-se perspectivas de ampliação da presença dos salesianos na França e a implantação de duas inéditas colônias agrícolas, uma das quais confiada às Filhas de Maria Auxiliadora. Ambas se encontravam na região do Var, na diocese de Fréjus, da qual era bispo dom Joseph Sebastien Terris (1824-1885). Este, que iniciara o serviço pastoral em 1876, tinha sido chamado para sanar a situação de dois orfanatos em precárias condições econômicas e de gestão, fundados em 1863 pelo padre Jacques Vincent em La Navarre e Saint-Cyr. Desejava-se também uma escola em Cannes. Sobre isso se discutia, em 22 de setembro, no Capítulo Geral, que funcionava naquela sessão como Capítulo Superior. A ata registra: “decide-se responder que se aceita em princípio enviar as irmãs a Saint-Cyr, onde já estão as meninas; com um padre por agora, ou um pouco mais, e um orfanato em Navarre”.⁸³

⁷⁷ Circular-convite a um serviço fúnebre em sufrágio de sua alma, 11 de novembro de 1882; E IV 182-183.

⁷⁸ Carta à senhora Luigia Radice, 2 de novembro de 1882 (E IV 181-182); à madame Clara Louvet, 2 de novembro de 1882 (E IV 452); ao marquês Cantono Ceva, 14 de novembro de 1882 (E IV 184); ao barão Giuseppe Ceriana, 7 de dezembro 1882 (E IV 189); à Mademoiselle Lallemand, 28 de março de 1884 (E IV 424).

⁷⁹ Cf. “Consagração da Igreja São João Evangelista” com outros artigos tirados de jornais da cidade em BS 6(1882) n. 11, novembro, p. 173-176; e 7(1883) n. 1, janeiro, p. 6-17 (notáveis as relações do discurso feito por Dom Bosco no final do canto das Vésperas no dia da consagração, 28 de outubro, p. 8-11).

⁸⁰ Ao conde Colle, 4 de dezembro de 1883; E IV 499.

⁸¹ E IV 509.

⁸² E IV 512-513. Ainda numa carta de 14 de dezembro de 1886, agradecia-lhe uma vistosa oferta; E IV 524.

⁸³ G. BARBERIS, *Verbali* III 14-15.

2.1 Salesianos em Navarre e Filhas de Maria Auxiliadora em Saint-Cyr

Duas cartas de Dom Bosco, de outubro e novembro de 1877, ao diretor de Nice, padre Ronchail, prognosticavam rápida presença. Na primeira prometia estudar com o padre Rua o envio do pessoal pedido, autorizando a ir “adiante e fazer a cláusula contratual dos dois contratos de Saint-Cyr e Navarre em aparente forma de doação”, a um preço que não superasse metade do valor real.⁸⁴ Em novembro dava rápidas disposições para uma tomada de posse: “Toma padre Perrot e padre G. B. Ronchail [irmão do diretor], com um coadjutor, e vai até o bispo de Fréjus. Depois de colocados esses dois em St. Cyr, dize-lhes que cresçam *in multam gentem*. A seguir, observa o lugar para as irmãs e dize-me o número que falta para que possamos logo mandar-lhe, de modo que estejam preparadas *ad hoc*. Depois dize-me, como se poderá prover Cannes e Navarre e logo escreve-me. Já escrevi desta forma ao bispo de Fréjus”.⁸⁵

A escola em Cannes, tratada com o pároco Barbe, foi aceita rapidamente. No elenco de 1878, ano escolar 1877-1878, aparecia como diretor padre Pierre Perrot, auxiliado por dois clérigos. Contudo, já na metade de janeiro de 1878 Dom Bosco escrevia ao diretor de Nice: “O Regulamento para a escola de Cannes não é possível. É preciso fazer contratos claros. Se não somos absolutamente livres e independentes, é melhor suspender qualquer coisa e nós iremos *além*, isto é, em Saint-Cyr ou Marselha”.⁸⁶ A retirada mostrava-se inevitável. Nos primeiros dias de julho padre Perrot e o clérigo Enrico Ronchail já estavam em Navarre. As duas colônias agrícolas eram mistas, mas gradativamente em Navarre eram acolhidos os meninos e em Saint-Cyr as meninas, encaminhadas aos trabalhos domésticos, à horticultura e à agricultura, conforme a predominante proveniência e destinação das alunas. Em 30 de março Dom Bosco partia para Nice com padre Rua e, em 5 de abril de 1878, em Fréjus, estipulava com padre Vincent o contrato para ambas as casas. Dom Bosco informava detalhadamente o presidente da Sociedade *Beaujour*, Jules Roland, a sociedade que assumia diante da lei a propriedade e o uso dos imóveis dos salesianos, proprietários efetivos.⁸⁷

Nos inícios de julho de 1878 os salesianos tomavam formalmente posse de ambas as casas. Para dirigir Navarre era destinado padre Pietro Perrot (1853-1928), italiano, mas de nome afrancesado, como tinha acontecido com o padre Ronchail em Nice. Ao diretor de 25 anos Dom Bosco dava uma jóia da arte do governo religioso: “Sei eu também que és jovem e por isso terias ainda necessidade de estudo e de prática sob um valente mestre. Mas o quê? São Timóteo, chamado a pregar Jesus Cristo, embora jovenzinho, colocou-se logo a pregar o reino de Deus aos hebreus e aos gentios. Tu, portanto, vai em nome do Senhor; vai não como superior, mas como amigo, irmão

⁸⁴ Carta de 26 de outubro de 1877; E III 233.

⁸⁵ Carta não datada; E III 239.

⁸⁶ E III 270.

⁸⁷ Carta de Alassio, dos primeiros dias de fevereiro de 1879; MB XIV 55, 697-698.

e pai. Teu comando seja a caridade que procura fazer o bem a todos e o mal a ninguém. Lê, medita e pratica nossas regras. Isso seja tanto para ti como para os teus. Deus te abençoe e contigo abençoe todos os que irão a Navarra contigo”.⁸⁸

Nos primeiros dias de outubro chegavam também as Filhas de Maria Auxiliadora para os trabalhos normais de assistência à casa salesiana: cozinha, lavanderia, cuidado da roupa. O *Boletim Salesiano* de outubro informava os cooperadores a respeito de Navarre.⁸⁹ Em janeiro de 1879, em carta ao padre Rua, Dom Bosco acrescentava este pós-escrito: “No último domingo os jovens de Navarre cantaram a missa da Santa Infância e o *Tantum Ergo* de Dogliani em Solliès-Pont, lugar próximo do internato, e saíram-se muito bem. Fez-se uma coleta que produziu 100 francos. Assim as glórias do Oratório vão se estendendo na França”.⁹⁰ Em Saint-Cyr a passagem da colônia para a direção das Filhas de Maria Auxiliadora foi trabalhosa. Ainda em maio de 1879 Dom Bosco comunicava ao cônego Guiol que, para estabelecer-se em Saint-Cyr, não se tinha ainda nenhum documento nas mãos”. “Contudo – continuava –, na próxima semana começarão a ir alguns de nossos padres para colocar-nos em condição de examinar e começar as coisas na maior premura”.⁹¹ Para aí se dirigia padre Carlo Ghivarello, ex-ecônomo geral da Sociedade Salesiana, bom organizador e experiente nas coisas técnicas e administrativas.⁹² A assunção direta da obra por parte das Filhas de Maria Auxiliadora acontecia em abril de 1880, com a chegada de três irmãs. A diretora era Caterina Daghero, que no ano seguinte seria eleita para suceder a Madre Mazzarello, que justamente em Saint-Cyr foi atingida pela doença que a levaria ao túmulo. O padre Ghivarello aí permaneceu ainda por todo o ano de 1880 e além para cuidar dos aspectos econômicos e financeiros da colônia. Em 27 de fevereiro de 1881 Dom Bosco, ditando justamente ao padre Ghivarello como amanuense uma carta ao padre Rua dizia: “Recomendo que os marseheses continuem a beneficência “para que possam pagar os *pouf* do padre Ghivarello, que é o escrevente, os do padre Perrot, do padre Ronchail etc.”; “padre Ghivarello foi atingido pela sede de dinheiro”.⁹³ Na conferência aos cooperadores em Marselha, de 17 de fevereiro de 1881, tinha falado de Saint-Cyr: “já podemos ver pobres meninas, as quais, ao longo do dia, como campone-sinhas, afainam-se no trabalho do capim e do feno, recolhem, enfeixam e queimam a grama e ocupam-se em todas as operações de horticultura. De manhã e à tarde recebem instrução escolar, aprendem o catecismo, exercitam-se em coser, em trabalhar o pano e em todos os trabalhos domésticos próprios de uma mãe de família, mas de uma família

⁸⁸ Carta de 2 de julho de 1878; E III 359-360.

⁸⁹ “Colônia agrícola, ou seja, Patronato São José em Navarre”, BS 2(1878) n. 10, outubro, p. 6-7.

⁹⁰ Carta de Marselha, 21 de janeiro de 1879; E III 440.

⁹¹ Carta de 20 de maio de 1879; E III 473-474.

⁹² Cf. carta ao padre Rua, 24 de janeiro de 1879; E III 441.

⁹³ Carta de Roquefort, fevereiro de 1881; E IV 25.

rural. A direção, a administração, a assistência, em uma palavra, a gestão da colônia é confiada às Filhas de Maria Auxiliadora”.⁹⁴

2.2 *Os salesianos em Marselha (1878)*

Dom Bosco, em busca de beneficência, tinha ido algumas vezes à grande cidade portuária mediterrânea.⁹⁵ Em 1877 tinha aí lançado as bases para a fundação que começaria em 1878.⁹⁶ Aí agia um cooperador salesiano, senhor Bergasse, presidente da Sociedade dos Transportes Marítimos, a quem Dom Bosco se dirigia já há algum tempo para obter passagens gratuitas para os missionários.⁹⁷ Mas o primeiro encorajamento para a desejada fundação vinha do fundador da *Oeuvre de la Jeunesse ouvrière du Sacré-Coeur*, cônego Joseph Timon-David. Dom Bosco lhe respondia em julho de 1876, com uma carta traduzida em francês pelo advogado Michel, declarando plena disponibilidade, com a condição de ter “a prévia aprovação” do bispo e de poder contar com “o apoio moral” da “Obra da Juventude Operária”.⁹⁸ Nos primeiros dias de março de 1877 – segunda-feira, dia 12, dar-se-ia a inauguração da nova sede do *Patronage* de Nice – estava em Marselha para tratar⁹⁹ e comunicava ao padre Rua que, na segunda-feira, dia 5, estava programado um encontro com dom Charles-Philippe Place, desde 1866 bispo de Marselha, considerado por ele como “assaz favorável”: “Vou descobrindo o terreno e cavarei onde o terreno for mais conveniente”. Hóspede dos Irmãos das Escolas Cristãs, informava ter assistido ao “entretenimento para a distribuição das menções honrosas aos alunos”, observando: “Parece que possa servir de norma também para nós. Declamações de coisas diversas, canto, som, algum concerto contentarão o imenso auditório”¹⁰⁰.

O cônego Clément Guiol, pároco de Saint-Joseph, hospedaria a obra salesiana no território da sua paróquia. Com ele, portanto, Dom Bosco devia concordar as modalidades de implantação e de funcionamento do *Oratoire Saint-Léon*. Em 13 de junho, de Roma, o informava de ter “escrito ao cônsul italiano, Annibale Strambio” (1819-1881), companheiro de estudos em Chieri, que esperava favorável a um projeto “todo humanitário e religioso”.¹⁰¹ Dom Bosco parecia não ter pressa, enquanto o cônego não perma-

⁹⁴ O *Bulletin Salésien* 3(1881) n. 3, março, reproduz a tradução do artigo publicado em *L'unità cattolica*, n. 47, sexta-feira, 25 de fevereiro de 1881, p. 186-187; reproduzida no francês de Dom Bosco em MB XV 692.

⁹⁵ Cf. cartas em E III 125, 152, 153.

⁹⁶ Sobre ela se encontram informações no BS 2(1878) n. 11, novembro, p. 6-7, “Oratório São Leão em Marselha”.

⁹⁷ Carta já citada ao padre Cagliari, 12 de maio de 1877; E III 170. Cf. cap. 21, § 6.

⁹⁸ Ao cônego Timon-David, julho de 1876; E III 77-78.

⁹⁹ Carta de Marselha ao general Alfonso Lamarmora (1804-1878), que de Biella tinha enviado uma oferta de mil liras para o Oratório, 3 de março de 1877; E III 154.

¹⁰⁰ Ao padre Rua, 5 de março de 1877; E III 154-155.

¹⁰¹ Ao cônego Guiol, 13 de junho de 1877; E III 185. Ao cônsul Strambio ele escreverá em 15 de abril de 1879, para obter apoio e auxílios do governo italiano; E III 467-468.

necia sem agir. Em agosto ele tratava com a Sociedade *Beaujour*, para que assumisse diante da autoridade civil a propriedade legal e o uso dos imóveis destinados a uma grande obra não limitada ao oratório festivo. Tratava-se agora de chegar à convenção, retardada por imprevistos, sobretudo por parte de Dom Bosco, que permanecia em Roma, por causa da morte de Pio IX, da eleição de Leão XIII e da audiência com o novo papa, até o dia 25 de março de 1878. Da Urbe ele prometia ao cônego que estaria em Marselha “na primeira quinzena” de abril.¹⁰² Ao padre Ronchail comunicava uma data precisa com uma clara sucessão de visitas: “Sábado [30 de março], se Deus quiser, às duas da tarde estarei contigo”; “ficarei até a coleta, depois iremos a Fréjus, S. Cyr, Navarre e Marselha”.¹⁰³ Acompanhava-o padre Rua. Em Marselha de 2 a 11 de abril, salvo um brevíssimo parêntese em Fréjus em 5, foram concordadas as linhas gerais da sede e, em particular com o cônego Guiol, as relações entre o novo oratório e a paróquia. O cônego enviaria posteriormente a Dom Bosco o texto da convenção para a sua aprovação e a do Capítulo Superior. O exame foi retardado também devido à gripe que atacou Dom Bosco na viagem de retorno e fez com que permanecesse em Sanpierrezarena de 16 a 23 de abril. Finalmente na reunião do Capítulo Superior de 15 de maio de 1878, ficou decidida a aceitação de Marselha e, na sessão de 17, foi examinado o capitulado, deixando a Dom Bosco a missão de aperfeiçoá-lo.¹⁰⁴ Padre Giuseppe Bologna [na França seria chamado Bologne] foi nomeado diretor do novo “Oratório”. Ele conhecia bem o francês e era considerado perfeitamente imbuído das tradições do Oratório de Turim.¹⁰⁵ Ao padre Bologna, que tinha feito parada em Nice, Dom Bosco, dando por primeiro exemplo de governo paterno, escrevia: “Vai, pois *in nomine Domini*. Onde pudeses, economiza; se tens necessidade, pede e o papai fará o possível para te ajudar. Vai como pai dos co-irmãos, como representante da Congregação, como querido amigo de Dom Bosco. Escreve bastante branco e negro”.¹⁰⁶ Dois dias depois, em carta ao cônego Guiol, não somente apresentava o padre Bologna, “experiente em internato, aprendizes e oratórios festivos”, mas também fazia uma precisão importante, que aparentemente limitava o sentido da convenção. Criaria problemas com o pároco o empenho de tornar disponível para a paróquia “o número de *padres auxiliares*, que o responsável da paróquia tivesse desejado, e enquanto seja compatível com os encargos dos padres do Oratório”. Muito vinculante para o Oratório São Leão era o artigo que estabelecia: “Os jovens da cantoria deverão dirigir-se para a Igreja São José a cada soli-

¹⁰² Carta de 14 de março de 1877; E III 315.

¹⁰³ Carta de 27 de março de 1878; E III 332. Escrevia de Sanpierrezarena, onde estava reunido o Capítulo Superior para finalizar, antes da impressão, as *Deliberações* do Primeiro Capítulo Geral.

¹⁰⁴ Cf. G. BARBERIS, *Capitoli superiori ossia verbali*, quad. II, p. 1-5, 12-14, FdB 1877 A2-6, C1-3.

¹⁰⁵ Cf. G. BARBERIS, *Capitoli superiori ossia verbali*, quad. II, p. 4-5, FdB 1877 A5-6.

¹⁰⁶ Carta de 25 de junho de 1878; E III 356.

citação do pároco”.¹⁰⁷ “É necessário – escrevia Dom Bosco a Guiol – que se pense em tornar estável nosso Instituto, e será estável se a Congregação Salesiana for independente. Isso está emperrado no momento, por isso os salesianos não podem nem correr nem saltar, mas devem ficar no que existe e nada mais. V.S. pense sobre isso: é meu desejo que a *Maison Beaujour* dure muitos anos depois de nós”.¹⁰⁸ Em carta de 31 de julho falava de fundar em Marselha um noviciado, embora ocupando-se antes de tudo em consolidar “o Internato São Leão”, com as oficinas de marcenaria e de alfaiataria. Dom Bosco sonhava tantas vocações: “Ocupar-nos-emos da obra do noviciado. Essa é uma empresa gigantesca, mas muito útil, porque mais da metade de nossos estudantes irão posteriormente como clérigos às respectivas dioceses; serão missionários e também bons seculares”.¹⁰⁹ Em setembro prometia aumento de pessoal: mas existia penúria de salesianos, bem como de dinheiro para a ampliação do edifício existente.¹¹⁰ Em janeiro de 1879, de Marselha, onde se encontrava para saudar a partida de um grupo de missionários, pedia o parecer de um advogado amigo sobre o problema da casa, diante da lei civil “alugada”, mas na realidade de propriedade salesiana: como dar-lhe “a perpetuidade e evitar os casos de sucessão”?¹¹¹ Escrevendo sobre a obra do mestre de noviços, fazia prognósticos de futuro florido,¹¹² e confienciava ao padre Lemoyne: “Eu me encontro aqui com muitas e graves questões em mãos. Quando souberes, ficarás *estonteado* e verás o sonho de Lanzo realizado”.¹¹³ Em 1876, como sabemos, tinha sonhado com Domingos Sávio, que predizia sobre o futuro da Congregação: “Com respeito à Congregação, avizinha-se uma aurora dos quatro ventos, potente, tanto na claridade como na escuridão”.¹¹⁴ No Oratório São Leão – escrevia a outro salesiano – já “estão cerca de sessenta jovens”.¹¹⁵ Ao padre Rua, no entanto, expunha a necessidade urgente de um chefe de alfaiataria e de uma pessoa de serviço para cultivar uma pequena horta e para outros trabalhos desse gênero”.¹¹⁶ Depois assegurava: “As nossas coisas por aqui vão bastante bem”; “o pároco de São José é sempre nosso amigo e protetor”.¹¹⁷

De fato, as relações com o pároco eram cordiais. É o que mostrava a carta que Dom Bosco lhe enviou de Roma em 4 de março. Este anunciava para a metade de março uma visita a Marselha do inspetor padre Cerrutti, louvava e aprovava “a negociação dos empresários para o engrandecimento do nosso orfanato”, agradecia a todos que

¹⁰⁷ MB XIV 687-688. O cursivo é nosso.

¹⁰⁸ Carta de 26 de junho de 1878; E III 357.

¹⁰⁹ Ao cônego Guiol, 31 de julho de 1878; E III 370-371.

¹¹⁰ A cônego C. Guiol, de Sanpierrez, 17 de setembro de 1878; E III 385-386.

¹¹¹ Ao advogado Fiore, 9 de janeiro de 1879; E III 433.

¹¹² Ao padre Barberis, 10 de janeiro de 1879; E III 434.

¹¹³ Carta não datada; E III 435.

¹¹⁴ G. BARBERIS, Cronaca, quad. 1, p. 28-29.

¹¹⁵ Ao padre Branda, carta sem data; E III 436.

¹¹⁶ Carta de 11 de janeiro de 1879; E III 436-437.

¹¹⁷ Carta de 21 de janeiro de 1879; E III 439-440.

tinham se ocupado na redação da *Notice sur les Salésiens*, pedia paciência à Sociedade *Beaujour*: as muitas fundações tinham-lhe feito gastar *ativo, passivo e neutro*”, mas, tendo à venda uma feitoria, que lhe teria tornado, “disponíveis algumas centenas de mil francos”, poderia saldar o débito. Declarava-se, por fim, arredio em assumir o instituto oferecido em Auteuil (Paris) pelo padre Louis Roussel.¹¹⁸ A *Notice* era o já citado opúsculo do padre Louis Mendre, vice-pároco em São José, *Don Bosco Prêtre, Fondateur de la Congrégation des Salésiens*.¹¹⁹ Em carta sucessiva a Guiol confessava: “Recebi o opúsculo do Sr. D. Mendre. É um trabalho clássico do gênero. Fez-me, contudo, cobrir várias vezes o rosto de vergonha pelos grandes elogios que fez de minha pobre pessoa. Mas seja tudo para a maior glória de Deus e em vantagem da Obra que se quer recomendar”.¹²⁰ Em Roma, em 10 de março de 1879, Dom Bosco tinha solicitado para Guiol, sem sucesso, uma honorificência pontifícia.¹²¹ Convidando-o, mais adiante, para a festa de Maria Auxiliadora em Turim, pedia-lhe que emitisse um juízo sobre o primeiro ano de vida do *Oratório*: “Gostaria de conhecer o que V.S. observe de bom ou medíocre ou mal. V.S. sabe que tenho plena confiança no senhor e quero seguir seus prudentes conselhos”. Em seguida exprimia o próprio parecer sobre a assunção da obra do padre Roussel: “A casa de Auteuil apresenta muitas dificuldades para nós: por isso, seguindo seu conselho, desvinculei-me definitivamente”.¹²²

Padre Roussel geria no quarteirão de Auteuil, em Paris, um grande orfanato para aprendizes, e gostaria de confiá-lo a Dom Bosco. Protagonista com padre Rua nas tratativas conduzidas em Paris, para iniciar em novembro de 1878, estivera o conde Cays, professo salesiano em 17 de setembro de 1877 e sacerdote em 20 de setembro de 1878. As discussões tinham se prolongado demasiadamente, devendo-se conseguir acordos sobre muitas matérias: a propriedade, a representação legal, a gestão, a autonomia educativa, a estabilidade: com efeito, o arcebispo de Paris, cardeal Guibert, exigia antes um ano de prova.¹²³ O Capítulo Superior tinha discutido o assunto com Dom Bosco em 6 de fevereiro de 1879, que apenas tinha retornado da França e tinha informado sobre o colóquio tido em Marselha com padre Roussel. Tinha colocado em evidência algumas dificuldades para o momento insuperáveis: a superioridade técnica dos trabalhadores parisiños, a precária situação política com o advento de Gambetta ao poder em Paris, “um vulcão” próximo da erupção com a possibilidade de uma nova Comuna, a pretensão de que os salesianos fossem para lá com um ano de prova, a proposta que aí constituíssem um noviciado. Tinha sido decidido “retirar-se do empenho e não ir”,

¹¹⁸ Ao cônego C. Guiol, 4 de março de 1879; E III 449-450.

¹¹⁹ Cf. cap. 26, § 5.

¹²⁰ Ao cônego Guiol, de Florença, 29 de março de 1879; E III 459.

¹²¹ A Leão XIII; E III 454.

¹²² Carta de 20 de maio de 1879; E III 473-474.

¹²³ Cf. MB XIII 737-746, 999-1002; XIV 24-25, 41, 129; carta ao cônego Guiol, 17 de setembro de 1878 (E III 386); 4 de março e 20 de maio de 1879 (E III 450 e 473).

embora sempre prontos a repensar o caso quando, através das outras obras, “na França se tivesse julgado” de “ter dado provas suficientes de habilidade”.¹²⁴

Os trabalhos em andamento em Marselha consumiam muito dinheiro. Dom Bosco esconjurava o padre Ronchail de colocar à disposição do padre Bologna ao menos 10 mil francos, quiçá com o auxílio do padre Cauvin e com um socorro.¹²⁵ Poucos dias depois procurava tranquilizar cônego Guiol: “Foi concluído o contrato de um dos sítios de Caselle e se fará dele o ato notarial no final da semana em curso. Assim espero poder colocar em paz padre Bologna. Se, porém, padre Ronchail pôde encontrar em tempo a pessoa à qual eu mesmo escrevi, creio poder administrar a soma necessária”; “a Congregação Salesiana é criança, e por isso menores ainda são seus filhos. Mas com o auxílio de Deus cresceremos e a seu tempo poderão dar semente e fruto de fatos difíceis: paciência, constância e oração”.¹²⁶

Em setembro, porém, começaram a aparecer disparidades de visões entre o pároco e o diretor do Oratório ao interpretar o que a convenção entre Dom Bosco e a Sociedade Beaujour estabelecia sobre os empenhos pastorais dos salesianos e dos meninos do coro. Dom Bosco reagia por meio de uma carta, na qual parecia ignorar o que estava previsto pelos artigos da convenção que diziam respeito aos “prêtres auxiliaires” e à “Maîtrise”. “É certo – escrevia – que em todas as tratativas com a benemérita Sociedade *Beauvoir* não se falou jamais nem de padres auxiliares nem de *Maîtrise*”. Na continuação da carta permanecia mais corretamente nas exigências educativas, da qual acreditava não dever se afastar, como tinha já insinuado na carta de 26 de junho de 1878. À carta do cônego – afirmava Dom Bosco –, “vieram sobrepor-se outras bases que colocam à revelia nosso sistema educativo. Entre nós são excluídos os meios repressivos e, para assegurar a disciplina e a moralidade, é indispensável uma absoluta autoridade sobre nossos alunos com autonomia na educação. Isto seria impossível se todos ou parte deles devessem sair do instituto para afazeres estranhos ao mesmo”.¹²⁷

Em dezembro preanunciava uma visita em meados de janeiro, propondo também uma conferência aos cooperadores.¹²⁸ A situação financeira era tal que se tornava necessário o programa anunciado ao padre Rua: “Ficarei todo o mês em Marselha para concluir afazeres e procurar dinheiro”.¹²⁹ Mas em Marselha Dom Bosco encontrava um clima extremamente tenso. Borrascoso foi o encontro com o cônego, que considerava

¹²⁴ G. BARBERIS, *Capitoli generali ossia verbali*, quad. II 68-70, FdB 1878 A8-10; *Documenti XX* 77-78, FdB 1059 E1-2; carta de Cays ao Abade Roussel de 13 de março de 1879; MB XIII 1001-1002.

¹²⁵ Carta de 14 de julho de 1879; E III 492. Padre Rua resolve o problema com um consistente socorro: cf. carta de Dom Bosco ao padre Ronchail de 21 de março de 1880; E III 553.

¹²⁶ Ao cônego Guiol, 20 de julho de 1879; E III 497-498.

¹²⁷ Ao cônego Guiol, setembro de 1879; E III 519-521.

¹²⁸ Ao cônego Guiol, 22 de dezembro de 1879; E III 535.

¹²⁹ Ao padre Rua, 22 de janeiro de 1880; E III 545.

descumprida a convenção. A calma de Dom Bosco, em poucos dias, reduziu a tensão.¹³⁰ Particularmente frutuosa foi a conferência aos cooperadores e intensa a missa celebrada na festa de São Francisco de Sales, no dia 8 pela manhã, a um “bom número de senhoras”, entre as quais as grandes benfeitoras, “mães” da obra de Marselha.¹³¹

Nos meses seguintes chegou-se a uma renovada harmonia com o cônego Guiol, como confirmam várias cartas: “Das suas queridas cartas relevo muito bem as solitudes e a caridade com a qual V.S. caríssima ocupa-se do Oratório São Leão (...) Padre Bologna escreve-me que está muito contente com o Oratório e com as boas relações externas, especialmente com a paróquia de São José. Tenho confiança que o Senhor continuará ter-nos firmes nessa união caridosa que é indispensável para sustentar as obras pias dirigidas ao bem público, como é a nossa. O próprio padre Bologna acena-me aos frutos já conseguidos pelos comitês que V. S., com seu zelo, conseguiu promover. Seja bendito o Senhor”.¹³²

Mas um problema bem mais grave, fortunadamente logo solucionado, surgiria em outro fronte.¹³³

3. Desenvolvimento das obras americanas

Segundo o catálogo da Sociedade Salesiana, a situação das obras da inspetoria americana no ano escolar 1877-1878 era a seguinte: em Buenos Aires funcionavam a Igreja da Misericórdia, o Internato São Vicente com as Escolas de Artes e Ofícios e a Paróquia São João Evangelista; em San Nicolás de los Arroyos, o Colégio dos Santos Anjos; em Colón, perto de Montevideú, o Colégio Pio IX. Aí Dom Bosco não operava no campo, mas estava bem presente. Como superior geral da Sociedade Salesiana não deixava faltar a sua ação de governo: estava ao lado dos superiores do Capítulo mais diretamente envolvidos, padre Rua e padre Cagliero, quase seu vigário para as coisas americanas, correspondia em medidas diferentes com os inspetores, os diretores, as autoridades eclesiásticas e civis. Continuava a desenvolver a ação de *animação* e de *formação*: aconselhava e sustentava os salesianos, sacerdotes, clérigos e coadjutores, inspirava e encorajava os cooperadores e os benfeitores e chegava às próprias comu-

¹³⁰ Cf. *Documenti*, XXIII 104-106.

¹³¹ *Bulletin Salésien* 2(1880) n. 2, fevereiro, p. 3-4. Cf. cartas às maiores benfeitoras, senhoras Rostand (esposa do Presidente da Sociedade Beaujour), Jacques, Noilly-Prat, Broquier, Du Gas, de 15 de dezembro de 1879 (E III 533-535); 9 e 13 de maio de 1880 (E III 586-588); 23 de dezembro de 1882 (E IV 153); 4 de dezembro de 1882 (E IV 188; esta última ao inspetor, padre Albera).

¹³² Ao cônego Guiol, 26 de março de 1880; E III 557-558. Articulada e particularmente familiar é a longa carta de 9 de maio de 1880; E III 586-587.

¹³³ Cf. cap. 28, § 3.

nidades dos jovens. Para a gestão do já existente e a preparação dos desenvolvimentos futuros em direção da Patagônia era intenso seu empenho na Europa em promover, preparar e selecionar pessoal, em suscitar a beneficência, em dar suporte às expedições missionárias e às missões, em animar os que partiam. Mas era muito forte, em particular, sua *presença eficaz* na recordação, no pensamento, no coração, no estilo de vida e de ação dos próprios missionários, especialmente significativa entre os que detinham as responsabilidades diretas mais altas, padre Bodrato e padre Lasagna, além de alguns diretores, como padre Fagnano e padre Domenico Tomatis. Eles tinham aprendido a missão de salesianos do próprio Dom Bosco e de homens próximos a ele mental e afetivamente, como os padres Lemoyne, Francesia e Cerrutti: ao conviver e trabalhar com ele e com eles, tinham se tornado experientes em fazer com Dom Bosco e como Dom Bosco.¹³⁴

Na terceira expedição, de 1877, capitaneada pelo padre Giacomo Costamagna, aos dezoito salesianos se uniam seis Filhas de Maria Auxiliadora.¹³⁵ A elas Dom Bosco acenava também no *Apelo aos cooperadores*. Nesse apelo, porém, Dom Bosco insistia sobre “a falta de meios necessários” e no recurso “à inexaurível fonte da piedade dos fiéis e especialmente dos cooperadores”; em particular antecipava com tintas mais negativas o motivo antiprotestante, que tocava no discurso de 7 de novembro,¹³⁶ em que colocava em confronto a “ímpia propaganda de erros” dos protestantes com a gratuita consagração dos salesianos e das irmãs para o bem material e espiritual dos jovens pobres e abandonados.¹³⁷

3.1 Dom Bosco no ativo inspetorado do padre Francesco Bodrato e na ação do padre Luigi Lasagna (1877-1880)

Nos três anos e meio de vida americana, dos quais três como inspetor, padre Bodrato recebeu de Dom Bosco, pelo que sabemos, não mais de quatro ou cinco cartas. As que ele escreveu ao fundador, da América, são cerca de 50.¹³⁸ No fundo continuava a ser supervisor, para Turim, padre Cagliero, que na hierarquia da Direção Geral ocupava o terceiro posto, após Dom Bosco e padre Rua. Ao invés, a referência ao padre Lasagna, para Turim, era privilegiada. Ele sabia manter relações mais diretas e focadas com o superior geral do que com o inspetor de Buenos Aires, com o qual não se sentia particularmente sintonizado.

¹³⁴ Cf. cap. 24, § 1.1.

¹³⁵ Cf. cap. 20, § 8.

¹³⁶ Cf. cap. 21, § 4.

¹³⁷ Cf. *Appello ai cooperatori in favore de una novella spedizione di Missionari Salesiani*, BS 1 (1877) n. 3, novembro, p. 2.

¹³⁸ Cf. F. BODRATO, *Epistolario*. Introduzione, texto critico e note a cura di B. Casali. Roma, LAS 1995.

Nas questões inerentes a seu ofício, padre Bodrato correspondia habitualmente com o padre Rua, sobretudo para a solução dos problemas financeiros com Turim, e, mais ainda, com o padre Cagliari, de quem esperava, vez por vez, as faculdades de admissão às profissões religiosas e às ordens e a mediação para obter o pessoal, na verdade desconsoladamente insuficiente. A ele se dirigia também para a destinação dos salesianos disponíveis, não concordando alguma vez com a avaliação dos sujeitos e com as decisões tomadas do alto. Certamente não lhe faziam falta sabedoria e prudência para julgar pessoas, situações e acontecimentos, com olhar, ao mesmo tempo, concreto e clarividente sobre o presente e o futuro salesiano na América. Ele partilhava, sem reservas, a substância do “sonho missionário” de Dom Bosco, com maior atenção ao que constituía a mais verdadeira substância histórica: antes de tudo, a ação sobre a pobreza e o abandono juvenil no vasto mundo civil e depois o trabalho específico, quantitativamente limitado, nas missões, embora extraordinariamente rico de ecos na Europa. “Se eu devesse adivinhar os sentimentos de Dom Bosco – escrevia – parece-me que não erraria se dissesse que não nos convém aceitar paróquias, mas antes de tudo colégios”, ainda melhor, “as missões dos índios” e “de preferência aqueles colégios os quais, por suas posições ou por outras eventualidades, nos facilitassem as missões dos índios”.¹³⁹

Naturalmente não se escreve aqui a respeito de seu governo, mas somente da parte que Dom Bosco teve nele. O fundador era, com efeito, seu mais alto referencial no centro, enquanto dele pretendia ser o mediador acolhido e o intérprete seguro junto dos salesianos, os benfeitores e as autoridades religiosas e civis na América. Realmente, os traços fundamentais da ação do antigo professor elementar de Mornese conseguiam ser o espelho fiel de tudo o que tinha assimilado e tenazmente conservado de Dom Bosco, admirado e seguido como governante exemplar e profundamente percebido como fascinante e onipresente inspirador e animador. Tudo o que o superior, ou melhor, pai, tinha incidido sobre ele – pai que sofria por dois filhos com problemas – e, por sua vez, tudo o que o trazia dentro era significativamente expresso no perfil que traçava em carta aos noviços do Oratório: “Quem é Dom Bosco?”. Respondia em base àquilo que tinha “aprendido” pessoalmente e “ouvido de outros”: Dom Bosco era “pai muito amado e querido” por seus salesianos; para os crentes era “o homem da Providência”, enviado para agir em “tempos calamitosos”, de grandes necessidades e infinitas esperanças; para os que ficavam numa visão puramente racional era “o homem da filantropia”, que no pensamento e na ação superava qualquer barreira, até para que pudesse socorrer com todos os “meios morais e materiais”.¹⁴⁰ Esse Dom Bosco se tornava para ele regra de vida e de ação: “Muitas vezes digo a mim mesmo – confiava ao superior –: como faria Dom Bosco neste caso? Que conselho me daria? Depois um olhar para o céu e além, e parece-me que faria ou diria assim; e assim faço”.¹⁴¹

¹³⁹ A Dom Bosco, 29 de janeiro de 1877; F. BODRATO, *Epistolario*, p. 105-106.

¹⁴⁰ Cf. carta de 5 de março de 1877, F. BODRATO, *Epistolario*, p. 131-132.

¹⁴¹ A Dom Bosco, 5 de janeiro de 1879, F. BODRATO, *Epistolario*, p. 341.

A ação pastoral em favor dos emigrantes italianos ele colocava em primeiro lugar, em ordem de tempo e de empenho. Como se viu, essa ação foi iniciada com extrema abnegação pelo padre Baccino e continuada com idêntica força pelo padre Bodrato. O caráter popular das instituições, sobretudo das escolas profissionais (“escuelas de Artes y Oficios”), e a instrução das classes inferiores e médias, da juventude pobre e periclitante, era o primeiro em ordem ao *proprium* salesiano, e como tal era tenazmente defendido. As urgências do trabalho em Buenos Aires, no primeiro momento, colocavam em segunda linha as perspectivas propriamente missionárias, mas também estas permaneciam no horizonte mental do padre Bodrato. Com efeito, seis meses antes de morrer, conseguia finalmente organizar a entrada dos salesianos em Carmen de Patagónes, na Patagônia Setentrional.

Padre Lasagna, ao invés, era mais inclinado e atento a adequar-se às expectativas das forças católicas do Uruguai, país levado ao próprio ressurgimento político, econômico e cultural com exigências educativas não somente em nível popular. Por isso ele visava antes de tudo à organização das escolas secundárias para a juventude das classes médio-altas, a fim de lhes dar uma qualificada cultura geral para a inserção social de qualidade.¹⁴² Ao mesmo tempo, era disponível ao desenvolvimento das oficinas de Artes e Ofícios para as classes humildes.¹⁴³ Tornava-se, também, sempre mais vivaz e concreto o empenho para a projeção missionária em direção a zonas que ele considerava mais vastas e ricas de futuro que as missões patagônicas: as regiões habitadas pelos aborígenes do Brasil.¹⁴⁴

Já se citou a primeira carta que possuímos de Dom Bosco ao padre Lasagna na América¹⁴⁵ e a carta aos alunos do colégio, ambas de 16 de julho de 1877. Um notável punhado de cartas, de setembro de 1877, fora destinado a benfeitores uruguaios e argentinos, cuja obra, segundo dom Lasagna, permaneceria “incancelável” nos nossos corações e fará parte da história da Congregação Salesiana.¹⁴⁶

Também em setembro de 1877 Dom Bosco respondia a uma carta do vigário apostólico, dom Giacinto Vera, que lhe fora enviada por mãos do padre Cagliari. Agradecia pelo apoio dado à implantação do colégio de Villa Colón, informava-o que a autoridade do padre Cagliari fora “conferida ao sacerdote Bodrato [sic], pároco de Bocca [sic] de Buenos Aires”, anunciava para novembro a partida de seis irmãs e oito salesianos para Montevideú.¹⁴⁷ Agradecimentos, reconhecimento perpétuo dos salesianos, bênção do

¹⁴² L. LASAGNA, *Epistolario*. Introduzione, note e testo critico a cura di Antonio da Silva Ferreira, vol. I (1873-1882). LAS, Roma 1995, p. 112-113, 149-150, 166-167, 228-229, 243, 259, 278-279.

¹⁴³ L. LASAGNA, *Epistolario*. Vol. I, p. 124-125, 175, 177, 204, 215, 226, 243, 365.

¹⁴⁴ L. LASAGNA, *Epistolario*. Vol. I, p. 337, 371-372.

¹⁴⁵ Cf. cap. 21, § 7.

¹⁴⁶ Cf. E III 214, 221, 223, 224.

¹⁴⁷ Carta de 30 de setembro de 1877; E III 220.

santo padre, convicção da validade social e salvífica do bem feito aos jovens: tudo isso exprimia também a Enrique Fynn, que tinha cedido ao padre Lasagna o Colégio Pio e a Igreja anexa Santa Rosa.¹⁴⁸

Em setembro e outubro de 1877 esteve por duas vezes no Oratório, em visita a Dom Bosco, dom Pedro Maria Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, para pedir sacerdotes para sua diocese.¹⁴⁹

No entanto, Dom Bosco se movia em várias direções para obter subsídios: à Obra da Propaganda Fide de Lyon, ao secretário geral do Ministério do Exterior, comendador Malvano, ao ministro do Exterior da França para obter “passagens marítimas” gratuitas, ao prefeito de Propaganda Fide, cardeal Franchi.¹⁵⁰ O resultado era negativo. Em particular, a obra de Lyon não podia ajudar porque as instituições salesianas na Argentina não eram reconhecidas oficialmente como missionárias.¹⁵¹ Por isso Dom Bosco voltava à carga junto do cardeal Franchi para que a Congregação de Propaganda Fide reconhecesse as obras existentes e as previstas como missões confiadas aos salesianos, tendo como responsável o teólogo Giovanni Cagliero. Para obter esse objetivo, não hesitava antecipar realidades futuras, além de aumentar e forçar as existentes: o Colégio de Villa Colón era apresentado como seminário menor; o Internato de Buenos Aires era “para os pobres meninos, especialmente selvagens”; tinha sido “aberta na mesma cidade uma casa de estudo ou noviciado, no qual se preparavam os alunos para as missões”; os salesianos tinham pregado “missões nas vizinhanças dos selvagens”; e tinham se colocado em acordo com o arcebispo Asneiros a respeito de duas presenças “mais limítrofes dos selvagens”, Santa Cruz e Carhué.¹⁵² Mas o caminho para demonstrar a realidade de coisas imaginadas era ainda longo. Continuava, contudo, embora com resultados negativos, sua obra diplomática junto do cardeal Franchi, de Leão XIII, do sucessor do cardeal di Franchi (secretário de Estado em 5 de março de 1878, morria em julho), e do cardeal Simeoni, prefeito de Propaganda Fide em 5 de março de 1878, para obter duas coisas desejadas há algum tempo. Esse era já o objetivo da *Súplica* que concluía um longo relatório sobre as “Missões Salesianas” dirigido ao cardeal Franchi: “Parece-me que seja coisa oportuna e eficaz para consolidar assim em modo estável a existência e a difusão do Evangelho: 1) erigir em Prefeitura Apostólica a missão de Carhué; 2) transformar Santa Cruz em Vicariato Apostólico”.¹⁵³ Pedia estruturas canônicas para missões virtuais, com pessoal certamente não abundante.

“Tu me dizes – escrevia ao inspetor, padre Bodrato – que tens tantos afazeres: eu sei, queria poder ajudar-te. Talvez poderá consolar-te que nós estamos tão oprimidos

¹⁴⁸ Carta de 30 de setembro de 1877; E III 223-224.

¹⁴⁹ O *Diario dell'Oratorio* do padre Chiala e padre Lazzero acena a esse fato. Cf. J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 59-60.

¹⁵⁰ Carta de setembro e outubro de 1877; E III 225-226, 229-231.

¹⁵¹ Ao presidente da Obra, 30 de setembro de 1877; E III 225-226.

¹⁵² Ao cardeal Franchi, outubro de 1877; E III 231-233.

¹⁵³ Carta de 31 de dezembro de 1877; E III 256-261.

pelas ocupações, que não sabemos mais por onde começar ou terminar”.¹⁵⁴ A exortação, admoestação ou “lembrança”, que dava em 31 de dezembro de 1878 (“estréia” para o novo ano?) tinha aspecto mais pessoal e empenhativo. Originava-se certamente por causa das queixas sobre o caráter forte do destinatário, com passado familiar de sacrifícios indizíveis, heróico na dedicação a uma tarefa sobre-humana. “Para tua lembrança particular – escrevia-lhe – conserva isto: 1) fazer todo sacrifício para conservar a caridade e a união com os irmãos; 2) quando tiveres que fazer correções ou dar conselhos particulares, jamais fazê-los em público, mas sempre *inter te et illum solum*; 3) quando fizeres alguma correção, esquecer a falta e demonstrar a primeira benevolência ao delinqüente. Este é o testamento de um amigo e padre Dom Bosco”.¹⁵⁵

Continuava depois com a tarefa de persuadir a respeito da estruturação das missões potenciais da Patagônia. Na carta de 18 de março de 1878, porém, redimensionava os pedidos precedentes e reformulava o pedido ao cardeal Simeoni, com o qual tinha tratado pessoalmente, após ter falado do argumento com Leão XIII, que “se dignava louvar e abençoar ambos os projetos” “acerca das missões da América do Sul e das Índias”:¹⁵⁶ “um vicariato ou prefeitura apostólica in Carmen, chamada também de Concepción ou Patagónes”; “o vicariato apostólico de Mangalor nas Índias ou então para outra missão”, pela qual ele, “dentro de um ano”, poderia “preparar dez sacerdotes e dez catequistas”.¹⁵⁷

Com a chegada à América dos membros da terceira expedição, no final de 1877, também padre Giacomo Costamagna (1846-1921) estaria presente na correspondência de Dom Bosco. Ele se tornava, rapidamente, junto com o companheiro de viagem padre Giuseppe Vespignani (1854-1932), figura de relevo da primeira história salesiana na América, já no final de 1880 sucessor do padre Brodato como diretor do Colégio São Carlos, em Buenos Aires, e como inspetor. Cheio de ânimo, logo envolveu-se numa arriscada viagem apostólica, prelúdio de tantas outras peripécias de vida. Em maio de 1878 partia para uma missão entre os *índios* com dom Espinosa e o jovem salesiano padre Evasio Rabaliati (1855-1920), mas o navio que devia transferi-los para Bahía Blanca esteve prestes a naufragar e precisou voltar à base com muita dificuldade.¹⁵⁸ À sua breve e romanceada narração o fundador dava uma jocosa resposta: “Tua carta sobre borrasca foi lida em todas as partes do mundo”, “teu nome e o do padre Rabagliati tornaram-se duas celebridades européias e americanas, com perigo também de se tornar uma celebridade atlântica” (na boca dos peixes).¹⁵⁹ Com singular deferência escrevia,

¹⁵⁴ Carta de maio de 1877; E III 172-173.

¹⁵⁵ Carta de 31 de dezembro de 1878; E 423-424.

¹⁵⁶ Relação da audiência de Dom Bosco; E III 327-332.

¹⁵⁷ Ao cardeal Simeoni, 18 de março de 1878; E III 320-321.

¹⁵⁸ Cf. “Primeira tentativa direta para evangelizar a Patagônia: horrível borrasca”, BS 2(1878) n. 7, julho, p. 8-12.

¹⁵⁹ Carta de 12 de agosto de 1878; E III 378.

ao invés, ao recente professo salesiano de Lugo, padre Giuseppe Vespignani, usando inusitadamente ainda o “Senhor” e não o “tu”: “Sei que trabalha. Mas vai devagar: se quiser fazer muito, trabalha pouco, isto é, não mais do que suas forças permitem. Desejo, porém, saber notícias precisas do internato, dos noviços, do noviciado, do estudo, etc.”¹⁶⁰

Na circular de 10 de março de 1879 Dom Bosco comunicava que o Capítulo Superior, reunido em 7 de fevereiro em Alassio junto com vários diretores, tinha constituído quatro inspetorias: a Piemontesa, a Lígure, a Romana e a Americana. Para esta continuava “em seu cargo padre Francesco Bodrato, responsável da paróquia da Boca em Buenos Aires”.¹⁶¹ Na reunião capitular tinha proposto nestes termos: “Para a Inspetoria Americana não há outros para estabelecer: é o padre Bodrato que já exercita essa função há dois ou mais anos”.¹⁶²

Entrementes, Dom Bosco, considerando que “o estado atual das nossas Missões – pensava – permite que, o quanto antes, [os salesianos na América] possam se dirigir entre os índios e os próprios patagões”, recorria ainda ao cardeal Simeoni, prefeito de Propaganda Fide, para obter subsídios em paramentos e livros de igreja, e “em dinheiro” para as obras salesianas na América e para os missionários.¹⁶³ Poucos dias depois pedia também ao papa para intervir junto à Obra da Propagação da Fé de Lyon em favor do Oratório no qual estava “aberto um internato ou seminário onde – afirmava – se cultivam e se preparam operários evangélicos para as missões estrangeiras”, tendo presente que várias casas “subsidiárias do Seminário de Turim”, ou seja o Oratório de Valdocco, existiam em Sanpierrez, Nice, Fréjus, Saint-Cyr e Marselha.¹⁶⁴ Um mês depois, por meio do novo secretário de Estado, cardeal Nina, dirigia ao papa uma súplica com quatro pedidos: considerar a Congregação de Propaganda Fide, a fim de que a Congregação dos Serviços Extraordinários Eclesiásticos, como referência dos missionários salesianos; aprovar as missões salesianas, de forma a torná-las válidas interlocutoras com a Obra da Propaganda da Fé de Lyon; “para toda tratativa de subsídio ou práticas relativas, dirigir-se ao padre Giovanni Bosco, reitor-mor”; conceder uma carta de recomendação em favor da Sociedade Salesiana junto da mesma Obra. Dilatando cifras e espaços, ele terminava a carta afirmando: os missionários salesianos “agora são em número superior a cem no Uruguai, na República Argentina e no Paraguai”.¹⁶⁵ A propósito do Paraguai, alguns meses depois deveria justificar-se junto do cardeal Nina que os salesianos não tivessem ainda entrado na República, não obstante as pres-

¹⁶⁰ Carta de 12 de agosto de 1878; E III 378-379.

¹⁶¹ E III 451-452.

¹⁶² *Capitoli Generali. Verballi*, quad. II, p. 72, FdB 1878 A12.

¹⁶³ Carta de 17 de março de 1879; E III 456-457.

¹⁶⁴ Carta de 20 de março de 1879; E III 460-461.

¹⁶⁵ Carta de 20 de abril de 1879; E III 468-470.

sões do delegado apostólico, dom Di Pietro,¹⁶⁶ que acabou chamando os Padres da Missão. Somente em 1896 os salesianos se estabeleceram em Assunção.¹⁶⁷

Em abril de 1879 realizava-se uma primeira missão salesiana provisória entre os índios. Dom Espinosa, padre Costamagna e clérigo Botta eram admitidos em uma missão militar, querida pelo ministro da Guerra e da Marinha, general Julio Roca, destinada à conquista do Pampa e da Patagônia.¹⁶⁸ Em Carhué entraram em contato com os primeiros índios de duas tribos pacíficas. Após outra cavalgada de quatro semanas chegaram à foz do Rio Negro e nos limites da Patagônia, a Choele-Choel. Nos dias 1º, 2 e 4 de junho administraram os primeiros batismos. No dia 21 atingiram Patagónes. A campanha do Rio Negro concluir-se-ia em abril de 1881, mas os missionários voltaram a Buenos Aires por via marítima em 9 de julho de 1879.¹⁶⁹ No final de agosto Dom Bosco escrevia ao padre Costamagna: “Agora trate seriamente com o padre Bodratto e com o arcebispo a respeito da abertura de uma casa central de irmãs e de salesianos em Patagónes. Não seria igualmente necessária uma em Carhué? Se precisar, eu me ocuparei do pessoal e todos juntos nos ocuparemos dos meios materiais”.¹⁷⁰ Recebia, naqueles dias, uma carta do arcebispo Asneiros, que abria o coração à esperança: “Chegou finalmente o momento no qual posso vos oferecer a Missão da Patagônia, que fez vosso coração suspirar tanto, como o cuidado das almas entre os Patagões, que pode servir de centro à missão”.¹⁷¹ Não era, porém, o consentimento para a ereção de circunscrições eclesiais autônomas com relação à Arquidiocese de Buenos Aires, constantemente contrariada pelo ordinário diocesano.

Finalmente os salesianos destinados à Patagônia, por razões logísticas, partiam em 15 de janeiro de 1880, e não em 15 de novembro, como tinha sido combinado anteriormente.¹⁷² O grupo era composto pelo padre Fagnano, diretor da Missão, pároco em Cármén de Patagónes, dois sacerdotes, dos quais um se ocupava da paróquia de

¹⁶⁶ Carta de 16 de setembro de 1879; E III 518-519.

¹⁶⁷ Do fracasso das primeiras tratativas conduzidas pelo padre Bodrato para a presença da obra salesiana no Paraguai escreveu B. CASALI, *Fondazione salesiana a Buenos Aires-La Boca e prime trattative per l'insediamento salesiano in Paraguay*, RSS 17 (1998) 397-406.

¹⁶⁸ Cf. BELZA, ENTRAIGAS, BRUNO, PAESA, *La expedición al desierto y los Salesianos*. Buenos Aires, Ediciones Don Bosco 1979.

¹⁶⁹ O *Boletim Salesiano*, no entanto iniciava a publicação de várias cartas enviadas pelo padre Costamagna, por Dom Espinosa e pelo arcebispo: BS 3 (1979) n. 7, julho, p. 9-12; n. 8, agosto, p. 5-6; n. 9, setembro, p. 3-4 (carta de Dom Espinosa); n. 10, outubro, p. 2-6 (no mesmo número uma vinheta com o título *Le porte della Patagônia aperte ai Missionari Salesiani*); n. 11, novembro, p. 1-4 (carta do arcebispo Asneiros e do padre Costamagna).

¹⁷⁰ Carta de 31 de agosto de 1879; E III 514-515.

¹⁷¹ Carta de Dom Asneiros a Dom Bosco, 5 de agosto de 1879, in A. DA SILVA FERREIRA, *Patagônia I. Realtà e mito nell'azione missionaria salesiana*, RSS 14 (1995) 23, n. 42: ainda carta de 5 de novembro de 1879 e 16 de março de 1882.

¹⁷² Carta à condessa Bosco-Riccardi, em 3 de janeiro de 1880; E III 537.

Viedma, na outra margem do Rio Negro, um coadjutor ou salesiano leigo e quatro irmãs. Em dezembro chegava também padre Milanesio e, poucos meses depois, padre Beauvoir, com um noviço coadjutor.

Em Roma, em 22 de março de 1880, Dom Bosco insistia junto ao cardeal Nina para que se chegasse a uma estruturação canônica das Missões da Patagônia.¹⁷³ Após a audiência pontifícia de 5 de abril foram encarregados de estudar a questão padre Domenico Jacobini, secretário da Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários, e cardeal Alimonda, membro da Congregação de Propaganda Fide. Após ter-se entretido com eles, Dom Bosco enviava ao papa um relatório, no qual expunha o que os salesianos estavam fazendo na Argentina e indicava as *Coisas que deviam ser feitas*, entre as quais um vicariato ou prefeitura da Patagônia e um seminário para as Missões da Patagônia, com sede em Marselha.¹⁷⁴

Dois dias depois, em uma carta bem medida ao arcebispo de Buenos Aires, apresentava como conclusão de uma “comissão de eminentes personagens” de Roma a proposta da “ereção de um vicariato apostólico da Patagônia, com sede em Carmen, que abraçaria as colônias constituídas ou que iriam se organizando nas margens do Rio Negro”, do 36° ao 50° grau de latitude Sul, que se tornaria “o centro das Missões Salesianas entre os índios”.¹⁷⁵ Ao padre Bodrato enviava uma carta, na qual eram formuladas as mesmas propostas, a serem submetidas às autoridades competentes do governo;¹⁷⁶ e em carta pessoal ele explicava como em Roma se tinha chegado àquelas propostas e relevava as vantagens, também econômicas, que derivariam de sua aprovação.¹⁷⁷

Contudo, as relações com o papa e com a Cúria iam se deteriorando por causa dos dissídios turinenses.¹⁷⁸ A audiência de 5 de abril de 1880 era considerada muito cordial.¹⁷⁹ Contudo, nas anotações deixadas ao padre Dalmazzo, antes de partir de Roma, no dia 20, pedindo-lhe para que se ocupasse de algumas honorificências para benfeitores, escrevia: “Não pude mais nem me foi jamais permitido apresentar-me ao mesmo santo padre para a audiência para a qual fui convidado. Deixe imperfeitas as coisas das missões e vicariato da Patagônia”.¹⁸⁰

Em 4 de agosto morria padre Bodrato de doença incurável, descoberta muito tarde, enquanto em Buenos Aires se combatia uma breve mas sangrenta guerra civil. Era combatida pelas tropas dos vencedores das eleições presidenciais, general Julio Roca, contra as tropas sediadas na cidade em defesa do adversário, Carlos Tejedor, governador

¹⁷³ E III 553-554.

¹⁷⁴ Cf. carta e memória de 13 de abril de 1880; E III 567-575.

¹⁷⁵ Carta de 15 de abril de 1880; E III 575-576.

¹⁷⁶ Carta de 15 de abril de 1880; E III 576-578.

¹⁷⁷ Carta de 17 de abril de 1880; E III 580-581.

¹⁷⁸ Cf. cap. 28, § 4-6.

¹⁷⁹ G. BERTO, *Appunti sul viaggio di Don Bosco a Roma nel 1880*, p. 198-211.

¹⁸⁰ E III 583.

de Buenos Aires. Em suas duas últimas cartas a Dom Bosco, de 6 de abril e de 15 de maio de 1880, padre Bodrato tinha sublinhado com singular vivacidade o quanto a figura do fundador significava para os salesianos americanos, ao mesmo tempo em que colocava em luz a relevância do sistema preventivo na dupla acepção assistencial e pedagógica. O fundador aparecia como mensagem viva do modo de ser operativo dos salesianos na América. “Nós vivemos de Dom Bosco”: “é preciso inverter a frase que diz: *Gloria Patris filius sapiens*”, a glória dos filhos é o pai sábio. E, após ter falado da implantação da tipografia no Colégio São Carlos, exclamava: “Oh, se Dom Bosco estivesse aqui, quanto bem faria com a tipografia! Nós somos ainda crianças, se bem que eu tenha 57 anos”. “De tudo isso – continuava – V. P. pode bem aquilatar que o nome de Dom Bosco é uma espécie de prestígio, um *quid* misterioso que contém certa força secreta atraente pelo qual parece que a pobre juventude seja como obrigada a povoar as tendas e barracas onde vive qualquer um dos seus filhos”.¹⁸¹ “Tenha-me presente em sua memória no faustoso dia de seu onomástico – suplicava em outra carta –, só Deus conhece meu desejo [de ser exonerado do cargo de inspetor], e o senhor, caro pai, sabe quem é o padre Bodrato. Obediente e afeiçoado a Dom Bosco até à morte, disponível sempre a seus acenos. O senhor me considere como um de seus veteranos e me use pelo que valho”. Teria, certamente, desejado estar presente no próximo Capítulo Geral de setembro, mas o trabalho imenso não lhe consentia. “Todavia – continuava – de outro lado vejo uma grande necessidade de falar com Dom Bosco com relação às coisas que tenho dificuldade de escrever, difíceis de se fazer compreender e que merecem discussão”.¹⁸²

3.2 Inspeção do padre Giacomo Costamagna e a divisão da inspeção americana (1880-1881)

Em 4 de agosto, com a mesma data do telegrama que tinha dado a notícia da morte do primeiro inspetor salesiano da América, Dom Bosco, com circular às casas salesianas da América, ordenava sufrágios pelo falecido e destinava provisoriamente a suceder-lhe como superior provincial padre Giacomo Costamagna.¹⁸³ Idêntica comunicação era feita ao cardeal Nina, descrevendo em grandes linhas a situação das obras americanas e européias.¹⁸⁴ Ao padre Costamagna recomendava que enviasse logo a Turim todas as cartas que se referissem ao padre Bodrato e dava normas de governo: “Toma as regras, faze o que podes para promover a observância”; “reúne logo teu Capítulo, faze falar o padre Vespignani; consulta também o arcebispo”.¹⁸⁵

¹⁸¹ Carta de 6 de abril de 1880; F. BODRATO, *Epistolario*, p. 438-4342.

¹⁸² Carta a Dom BOSCO, 15 de maio de 1880; F. BODRATO, *Epistolario*, p. 458-459.

¹⁸³ Circular de 4 de agosto de 1880; E III 611-612.

¹⁸⁴ Carta “Da Casa de Nizza Monferrato, 20 de agosto de 1880”; E III 615-617.

¹⁸⁵ Carta de 22 de agosto de 1880; E III 619-620.

Ao padre Fagnano, grande trabalhador e organizador bastante autônomo, Dom Bosco declarava que sua destinação para a Patagônia, considerada pelo interlocutor um sinal de menor estima, fora querida – assegurava – “por toda a minha inteligência”, “sendo necessário enviar alguém de absoluta confiança e capaz de resolver as questões, *mas seguro na moralidade*”. A citação final, porém, não era casual, ligada a inconvenientes administrativos registrados em San Nicolás: *Obliviscere domum et parentes tuos, iacta super eos cuas Domini*.¹⁸⁶

Mais adiante enviava ao padre Costamagna a cópia de uma carta ao novo presidente da Argentina, general Julio Roca, datada de 19 de novembro, relativa ao projeto Vicariado da Patagônia, que nem o arcebispo nem a autoridade política viam com bons olhos. Com efeito, jamais seria reconhecido oficialmente, nem mesmo após a ereção pontifícia de 16 de novembro de 1883. No final da carta, Dom Bosco não deixava de recordar os débitos americanos em relação a Turim, uma cruz que já estava pesada para o padre Bodrato.¹⁸⁷

Excetuado o primeiro mês de 1881, neste ano e na primeira parte de 1882 a correspondência americana de Dom Bosco tornava-se mais rara. Absorviam-no os graves problemas com a Santa Sé sobre temas delicados.¹⁸⁸ As obras, porém, continuavam seu desenvolvimento graças ao empreendedorismo e à tenacidade dos que aí trabalhavam. Dom Bosco não os esquecia. Com sensível alegria anunciava ao cardeal Nina, para o dia 20 de janeiro de 1881, a bênção de missionários em partida de Gênova para a América, no dia 22, e incluía no pacote o envelope de uma carta com o primeiro selo da Patagônia.¹⁸⁹ Incluía também um prospecto das Missões da América em duas cópias, uma reservada ao papa.¹⁹⁰ *L'unità cattolica*, de 15 de janeiro de 1881, publicava esse prospecto com o título *Dom Bosco nas suas Missões*, acentuando: “Socorrer Dom Bosco é hoje não somente um ato de fé católica, mas de caridade pátria e de verdadeira humanidade, como concorda o mesmo *Direito* de 7 de janeiro”.¹⁹¹ Sob o mesmo ponto de vista, com o fim de obter subsídios para a iminente expedição, Dom Bosco enviava a Benedetto Cairoli, presidente do Conselho e Ministro do Exterior, um relatório com breves acenos sobre o que os salesianos tinham realizado no Uruguai, na República Argentina e na Patagônia”.¹⁹²

Em 31 de janeiro de 1881 Dom Bosco assinava um punhado de cartas destinadas ao padre Costamagna e a outros salesianos: restam quatorze, mais uma, a um familiar. Contém elementos de direção espiritual e material. Ao inspetor recomendava, em parti-

¹⁸⁶ Carta de 21 de outubro de 1880; E III 631-632.

¹⁸⁷ Carta de 12 de novembro de 1880; E III 633-634.

¹⁸⁸ Cf. cap. 28, § 4-6.

¹⁸⁹ Carta de 12 de janeiro de 1881; E IV 2-3.

¹⁹⁰ Cf. texto em MB XV 15, n. 4.

¹⁹¹ *L'unità cattolica*, n. 12, sábado, 15 de janeiro de 1881, p. 46.

¹⁹² Carta de 16 de janeiro de 1881; E IV 4-6.

cular, as tratativas para uma “negociação” muito importante: “A ereção de uma prefeitura e de um vicariato apostólico na Patagônia. Terminava com a investidura oficial a inspetor: “O Capítulo Superior definitivamente elegeu-te inspetor americano e o decreto te será expedido o quanto antes. Isso para norma de santificar-te e de santificar”.¹⁹³ Ao padre Fagnano recordava: “A maior empresa de nossa Congregação é a da Patagônia. Saberás tudo a seu tempo. Não posso, porém, esconder-te que uma grande responsabilidade pesa sobre ti”. Concluía: “Por quanto te será possível, observa e fazes observar as nossas regras”.¹⁹⁴

No fronte norte se dirigia ao padre Lasagna, incluindo no pacote cartas a cada irmão, informando-o sobre a chegada de salesianos. Precisava: “Não foi possível conseguir tipógrafos. Os que são idôneos não têm coragem, e os que têm coragem não possuem capacidade”. Dava notícias sobre as muitas viagens do padre Cagliero e sobre as suas: “Estou girando por todo o mundo”.¹⁹⁵ A dom Vera anunciava a iminente chegada de um grupo de salesianos e de irmãs”, enquanto lhe agradecia sua proteção e caridade”.¹⁹⁶

Várias cartas diziam respeito, mais adiante, à chegada à Itália do padre Lasagna para uma intervenção cirúrgica, o êxito positivo, o retorno com previsões relativas à divisão da inspetoria americana, o problema da prefeitura ou do vicariato apostólico.¹⁹⁷ Concluía: “Deus nos abençoe a todos e faça os salesianos santos e de ti faça um santo”.¹⁹⁸

Com decreto do fundador e reitor-mor da Sociedade Salesiana de 8 de dezembro de 1881, o padre Luigi Lasagna era nomeado inspetor do Uruguai e do Brasil. O grande problema da circunscrição eclesiástica da Patagônia, embora sempre predominante nas atenções de Dom Bosco, sob o plano histórico e objetivo se confrontava com perspectivas muito mais amplas no Brasil, com a gradual relativização da ação propriamente missionária na imensa região argentina, fracamente povoada, que se tornaria cada vez mais terra de colonos e de civilizados.

3.3 Animação espiritual coletiva e individual

Confessor e diretor espiritual em Turim e nas casas que visitava na Itália e França, Dom Bosco não desistia do desenvolvimento da ação de animação espiritual também com os irmãos salesianos, os jovens e os benfeitores de ultramar. Quem insiste sobre Dom Bosco “empreendedor” esquece o mais verdadeiro Dom Bosco, sempre padre dos

¹⁹³ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 7-8.

¹⁹⁴ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 14.

¹⁹⁵ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 14-16.

¹⁹⁶ A dom Giacinto Vera, 31 de janeiro de 1881; E IV 16.

¹⁹⁷ À condessa C. Callori, 21 de julho de 1881 (E IV 70); ao padre Costamagna, 1º e 10 de outubro de 1881 (E IV 83 e 86); e ao padre Tomatis, 21 de dezembro de 1881 (E IV 100-101).

¹⁹⁸ Carta ao padre Costamagna, 1º de outubro de 1881; E IV 83.

jovens e de todos os que deles se ocupavam. A salvação da alma era para uns e para outros o supremo “serviço”.

Quando os missionários estavam ainda em viagem, Dom Bosco concluía a última carta dirigida em 1875 ao padre Cagliero com palavras que testemunhavam o quanto era viva sua solicitude pela sua vida física e espiritual: “Recomendo que cada um cuide de sua saúde”; “procura, se é possível, que se leiam juntos as recordações que vos dei antes da vossa partida”.¹⁹⁹ Particularmente enérgica e vibrante era a carta enviada de Alassio, em 7 de março de 1876, ao padre Tomatis, a quem já tinha enviado uma severa admoestação por meio do padre Cagliero.²⁰⁰ “Um missionário – escrevia de forma lapidar – deve estar pronto para dar a vida para a maior glória de Deus; e não deve então ser capaz de suportar um pouco de antipatia por um companheiro, mesmo tendo notáveis defeitos?”²⁰¹

O tema mais freqüente era a prática do exercício mensal da boa morte: “É essa a chave de tudo”.²⁰² Outro ponto capital era acentuado no pós-escrito a uma folha incluída na carta ao padre Cagliero de 14 de janeiro de 1877. Dizia respeito ao conselho que lhe dera Pio IX: “Recomendai, de minha parte, que velem diligentemente sobre a observância de vossas regras, *speciatim vero* sobre a moralidade que nesses lugares está exposta a contínuos perigos”.²⁰³

Aos diretores ou a outros fornecia, junto com as informações, o encargo de saudar benfeitores e amigos, bem como pensamentos espirituais.²⁰⁴ Ao padre Costamagna, após a tempestade marítima de 1878, passava a tarefa de saudar o prior e os irmãos da Misericórdia e de dizer a vários salesianos que ele rezava todo dia por eles e se confiava a eles, fazendo uma peremptória entrega: “Marco o encontro com todos no Paraíso. Ai de quem ali não se encontrar!”²⁰⁵

Ao jovem sacerdote Taddeo Remotti (1854-1932) prestava um verdadeiro acompanhamento espiritual à distância, sugerindo meios para continuar em seu crescimento interior: “Com uma mortificação, com uma jaculatória, com a fadiga por amor de Deus”; “eu estou satisfeito contigo. Continua. Obediência na tua conduta, promover a obediência nos demais”.²⁰⁶ Ao padre Fagnano sugeria: “Tu recorda sempre a todos os nossos salesianos o monograma adotado por nós: *Labor et temperantia*”.²⁰⁷ Ao simpático e bizarro padre Tomatis (1849-1912), em seguida diretor em San Nicolás de los

¹⁹⁹ Carta de 4 de dezembro de 1875; E III 531.

²⁰⁰ Ao padre Cagliero, 12 de fevereiro de 1876; E III 17-18, citada no cap. 21, § 6.

²⁰¹ E III 27. No verão de 1877 Molinari já tinha abandonado a Congregação.

²⁰² Ao padre Cagliero, 1º de agosto de 1876; E III 81.

²⁰³ E III 142.

²⁰⁴ Por exemplo, ao padre Lasagna, 1º novembro de 1877 (E III 235); ao padre Fagnano, 14 de novembro de 1877 (E III 236).

²⁰⁵ Carta ao padre Costamagna, 12 de agosto de 1878; E III 378.

²⁰⁶ Carta de 11 de novembro de 1877; E III 235-236.

²⁰⁷ Carta de 14 de novembro de 1877; E III 235-236.

Arroyos, pedia que lhe escrevesse alguma vez: “Tu deverás, e te ordeno, ser o modelo de trabalho, na mortificação, na humildade e na obediência aos que chegam”. “Gostaria que tu me escrevesse alguma longa carta que fosse como um rendiconto dos exercícios espirituais e me dissesse sobre a vida, virtude, milagres presentes, passados e futuros. Que me diz? Caro padre Tomatis, queira bem a Dom Bosco como este tem grande afeição por ti”.²⁰⁸ Padre Tomatis não pecava em rapidez e respondia com uma carta frisante, carregada de otimismo e de vontade de agir.²⁰⁹ Firme era, ao invés, a advertência a um coadjutor, “tentado de abandonar a Congregação”: “Não faça isto. Tu és consagrado a Deus com votos perpétuos, tu és salesiano missionário, tu, dos primeiros a ir para a América, tu, grande confidente de Dom Bosco, queres agora voltar àquele mundo onde há tantos perigos de perversão? Espero que não faças esse despropósito. Escreve as razões que te preocupam, e eu, qual pai, darei conselhos ao amado filho, que valerão a fazê-lo feliz no tempo e na eternidade”.²¹⁰ O nome do destinatário, com saudações paternalmente personalizadas, aparecia em outra carta espiritual ao padre Remotti, que tinha enviado a Dom Bosco notícias e augúrios.²¹¹ Já encorajante era a breve missiva ao jovem sacerdote Valentino Cassini (1851-1922), que era sabido ser de saúde “um tanto quanto débil”: “Se fosse necessário, procurarei fazer com que venhas passar algum tempo na Europa. *Age viriliter, si vis coronari feliciter*”.²¹²

Ao padre Costamagna, após a “*horível borrasca*” de 1878, a mensagem era quase telegráfica: “Adeus, meu querido filho, na terra trabalho, no céu gozo eterno”.²¹³ Breve, da mesma forma, era a mensagem ao padre Fassio (1853-1936): “Não duvides de minha benevolência, que é muito grande por ti e por todos os meus queridos filhos da América. E, quanto às coisas de consciência, continua como escreveste. Depois da tempestade virá o tempo bom”.²¹⁴

A direção espiritual a vários era objeto de algumas breves mensagens levadas à América pelos membros da quarta expedição. Sucediam-se assegurações e encorajamentos. “Continua a fazer o que podes”, “procura fazer-me muitos santos noviços”, recomendava ao padre Costamagna.²¹⁵ “Antes de tudo dá-me notícias de tua saúde e de tua santidade – escrevia ao padre Vespignani, tratando-o mesmo por ‘tu’ –. Depois dize-me o que fazes, como vai o noviciado e o estudantado etc. De minha parte te asseguro que estou contente pela tua conduta e pelas cartas que me escreveste. Faze o que podes, mas somente o que podes. Põe plena confiança no Senhor, dizendo como

²⁰⁸ Carta de 14 de novembro de 1877; E III 237.

²⁰⁹ Carta a Dom Bosco de 4 de janeiro de 1878; D. TOMATIS, *Epistolario*, p. 118-120.

²¹⁰ Carta de 1º de dezembro de 1877; E III 247. Bartolomeu Scavini morria salesiano em 1918, com 79 anos de idade.

²¹¹ Carta de 12 de janeiro de 1878; E III 271. Cf. também carta de 7 de agosto de 1878; E III 376.

²¹² Carta de 12 de junho de 1878; E III 352.

²¹³ Carta de 12 de agosto de 1878; E III 378.

²¹⁴ Carta com a data “Ano 1878”; E III 379.

²¹⁵ Carta de 31 de dezembro de 1878; E III 423.

São Paulo: *Omnia possum in eo, qui me confortat*. “Promove a caridade entre nossos irmãos”.²¹⁶ “Estou contente contigo, e te amo muito em Jesus Cristo e te recomendo todo dia ao Senhor – encorajava o padre Fassio –. Santifica os outros santificando-te a ti mesmo”.²¹⁷ Com o padre Remotti alegrava-se pela “desenvoltura com a qual várias vezes” lhe tinha escrito e lhe dava alguns “avisos”: “1) suportar os defeitos dos outros, mesmo quando nos incomodam; 2) cobrir as faltas dos outros, jamais fazer chacota a alguém, quando este se magoa; 3) trabalha, mas trabalha por amor de Jesus; sofre tudo, mas sem quebrar a caridade. *Alter alterius onera portate et sic adimplebitis legem Christi*”.²¹⁸ Ao padre Cassini repetia a fórmula da salesianidade: “Continua a ser *sal terrae et lux mundi* e tuas coisas irão sempre de bom a melhor. Caridade e paciência com todos, observância de nossas práticas de piedade”.²¹⁹ “Humildade e obediência assegurar-te-ão a perseverança no bem”, recordava ao padre Giovanni Allavena (1855-1887).²²⁰

Ao padre Tomatis, neodiretor em San Nicolás de los Arroyos, dava “alguns dos avisos – dizia – que dou sempre aos diretores”, enquanto o assegurava: “Nós colocamos em ti plena confiança e esperança”: “1) tem grande cuidado de tua saúde e da de teus súditos; mas age de forma que ninguém trabalhe demais e esteja no ócio; 2) procura preceder os outros na piedade e na observância das nossas regras, e faz de tudo para que os outros também a observem, especialmente a meditação, a visita ao santíssimo sacramento, a confissão semanal, a missa bem celebrada, e para os não sacerdotes a comunhão freqüente; 3) heroísmo em suportar as fraquezas dos outros; 4) muita benevolência para com os alunos, muita comodidade e liberdade para confessar-se”.²²¹ Análogas eram algumas diretivas para os salesianos, dadas ao padre Bodrato, inspetor, em carta de 17 de abril de 1880: “Trabalhar até quanto suporta a saúde”, “mas cada um evite o ócio”; “observância de nossas regras. Ai de nós se as estudamos sem praticá-las”.²²²

Solidariedade, unidade e coragem eram recomendadas em particular após a morte do padre Bodrato. Ao padre Vespignani escrevia: “Paciência, oração, coragem: eis nosso programa neste momento. Faze tudo o que podes para encorajar e tirar a tristeza. Dirás aos estudantes e aos nossos noviços que eu espero grandes realizações de sua parte. Moralidade, humildade, estudo, eis seu programa”.²²³ Ao padre Fassio repetia: “Neste momento *praebe te ipsum exemplum bonorum operum*. Ninguém se desanime neste momento, ninguém se queixe, ninguém dê um passo atrás. Coragem, Deus está conosco”.²²⁴

²¹⁶ Carta de 31 de dezembro de 1878; E III 424.

²¹⁷ Carta de 31 de dezembro de 1878; E III 424.

²¹⁸ Carta de 31 de dezembro de 1878; E IV 425.

²¹⁹ Carta de 31 de dezembro de 1878; E III 425.

²²⁰ Carta de 31 de dezembro de 1878; E III 425-426.

²²¹ Carta de 30 de setembro de 1879; E III 524-525.

²²² E III 580-581.

²²³ Carta de 22 de agosto de 1880; E III 620.

²²⁴ Carta de 22 de agosto de 1880; E III 620.

De grande conteúdo espiritual eram os conselhos, os avisos e as admoestações disseminadas na já acenada série de cartas individuais datadas de 31 de janeiro de 1881. Ao padre Costamagna relembra o significado salesiano: “Eu me limito a dizer-te: *Tu vero vigila, in omnibus labora, sicut bonus miles Christi*. Mas não te esqueças que somos salesianos. *Sal et lux*. Sal da doçura, da paciência, da caridade. Luz em todas as ações externas, *ut omnes videant opera nostra bona et glorificent Patrem nostrum qui in coelis est*”.²²⁵ Ao padre Vespignani, que lhe tinha enviado várias cartas, augurava: “Deus faça que tu possas fazer-me numeroso grupo de aspirantes, depois de noviços, depois professos, depois de salesianos cheios de fervor”. Encarregava-o, além disso, de transmitir da parte “de seu amigo da Europa” “um conselho para ser felizes: fugi do pecado e freqüentai a santa comunhão”.²²⁶ Ao padre Tomatis, sempre arredio para escrever, confirmava novamente a imutável benevolência. Acrescentava, para ele, uma recomendação: “A observância daquelas regras com as quais somos consagrados ao Senhor, especialmente o exercício mensal da boa morte”: para os jovens, uma recordação: “O tempo é um grande tesouro e façam o possível para não perder sequer um pedacinho”.²²⁷ “Escreve-me com mais freqüência, mas cartas longas”, insistia com o padre Remotti e acrescentava: “Enquanto te preocupas com as almas dos outros, não te esqueças da tua. O exercício da boa morte uma vez por mês não seja jamais esquecido”; “trabalha, o prêmio está preparado, o céu nos espera. *Ibi nostra fixa sint corda, ubi vera sunt gaudia*”.²²⁸ Ainda mais afetuosamente solícito se mostrava com o clérigo Giuseppe Quaranta, dando exemplo prático do sistema da *amorevolezza*: “Estudo e piedade farão um verdadeiro salesiano”; “o exercício da boa morte e a freqüente comunhão são a chave de tudo. De saúde, estás bem agora? És verdadeiramente bom? Tua vocação se conserva? Tens certeza que estás preparado para as ordenações? Eis o tema de uma carta que espero. Deus te abençoe, o meu caro 40! [!]”.²²⁹ Amavelmente personalizado era também o implícito colóquio com outro clérigo próximo das ordens sagradas: “Tu, ó meu querido Paseri (1859-1885), foste sempre a delícia de meu coração, e agora te amo ainda mais, porque estás totalmente dedicado às missões, que significa dizer: abandonaste tudo para consagrar-te completamente ao ganho das almas. Coragem, portanto”, “prepara-te para ser um bom padre, um santo salesiano”, “não te esqueças jamais deste amigo da alma”.²³⁰ Ao clérigo Carlo Peretto (1860-1923) reservava o habitual *Praebe te ipsum exemplum* etc. da Carta a Tito 2,7.²³¹ “Segue adiante no estudo e na piedade”, incentivava o clérigo Bartolomeo Panaro (1851-1918), aconselhando

²²⁵ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 7.

²²⁶ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 8.

²²⁷ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 8-9.

²²⁸ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 9-10.

²²⁹ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 10. Ele morria aos 88 anos em 1947 em Buenos Aires.

²³⁰ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 10.

²³¹ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 11.

simplesmente: “Obediência e o exercício da boa morte constantemente. Eis tudo!”.²³² Do padre Valentino Cassini dizia conhecer o muito trabalho, mas ao mesmo tempo lhe pedia que “não se esquecesse do estudo da teologia e o cuidado das almas. São Paulo temia que ocupando-se dos outros colocasse em risco a sua alma. *Ne cum aliis praedicaverim, ipse reprobus efficiar*”. “O prêmio eterno é grande. Ganhemo-lo a qualquer custo”.²³³ Do clérigo Calcagno (1857-1899) esperava firmeza na vocação: “Não voltes para trás o olhar. Olhemos o Céu que nos espera. Lá temos um grande prêmio preparado. Trabalha, ganha almas e salva-me a tua. Sobriedade e obediência para ti são tudo”.²³⁴ Ao padre Cipriano (1848-1894) escrevia: “Em particular te recomendo o cuidado da saúde e de fazer bem a cada mês o exercício da boa morte. Está atento, contudo, que enquanto te ocupas das almas dos outros, não tenhas esquecido a ti mesmo”.²³⁵ “O bom exemplo, especialmente na obediência”, inculcava ao coadjutor Giacomo Ceva (1851-1916).²³⁶ Uma cartinha de augúrio reservava enfim ao primeiro clérigo salesiano uruguaio, depois sacerdote: “Aquele Senhor que te chamou a ser salesiano, mas fervoroso e exemplar salesiano, te auxilie a ganhar muitas almas para o céu. Isso farás com o bom exemplo e com a exata observância das nossas Regras”.²³⁷

²³² Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 12.

²³³ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 12-13.

²³⁴ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 13.

²³⁵ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 16.

²³⁶ Carta de 31 de janeiro de 1881; E IV 17.

²³⁷ Carta ao clérigo Juan Pedro Rodríguez Silva (1856-1935), 31 de janeiro de 1881; E IV 17.



Capítulo XXVIII

PELA LIBERDADE DE AÇÃO NA SOCIEDADE CIVIL E ECLESIÁSTICA (1878-1882)

- 1876 primeiras advertências sobre os títulos legais dos professores nas classes ginasiais do Oratório
- 1877 8 de dezembro: profissão religiosa do conde Cays
- 1878 10 de outubro: advertência premente do Conselho Escolar Provincial sobre a situação legal dos professores do ginásio
4 de dezembro: sanatória da profissão do conde Cays
- 1879 março: *Exposição à Santa Sé sobre o estado moral e material da Pia Sociedade de São Francisco de Sales*
16 de março: Decreto ministerial de fechamento
23 de junho: entrega oficial do decreto a Dom Bosco
26: recurso ao ministro da Pública Instrução Michele Coppino
6 de julho: súplica e exposição ao rei Umberto I
13 de novembro: recurso ao rei para a anulação do Decreto
24 de dezembro: o recurso foi transmitido ao Conselho de Estado
- 1880 26 de fevereiro: Conselho de Estado examina o recurso e pede esclarecimentos
30 de junho: estão em vigor, na França, os decretos anticongregacionistas
15 de dezembro: “Exposição aos cardeais da Congregação do Concílio”
- 1881 janeiro: Dom Bosco disponível para uma composição das últimas controvérsias com dom Gastaldi
27 de maio: fugaz entendimento entre Dom Bosco e cônego Colomiatti
29 de novembro: confiar ao papa a solução do problema
29 de novembro: o Conselho de Estado rejeita o recurso
22 de dezembro: o rei assina o Decreto de rejeição
- 1882 31 de janeiro: chamado a Roma por causa do processo sobre os libelos anti-gastaldianos
20 de maio: delegação ao padre Dalmazzo como plenipotenciário para tratar da *Concórdia*
17 de junho: assinatura da *Concórdia*, querida pelo papa
23 de junho: comunicação da *Concórdia* a Dom Bosco

Viu-se que, quase como represália aos tantos coros que entoavam hinos à liberdade, com alguma ironia Dom Bosco gostava de propor aos jovens a coragem de se sentir e de se professar livres no testemunho da fé e na franqueza do agir cristão. Era esse o motivo condutor de seu agir, tanto na sociedade civil como na religiosa, não sem ter que pagar o devido preço por isso. O que pedia às diversas autoridades era de ser deixado livre para fazer o bem aos jovens, também em proveito da sociedade e da Igreja. Viu-se por exemplo que, a propósito do serviço militar, ele utilizou, com consciência tranqüila, as teorias morais correntes sobre “leis meramente penais” e não foi levado, em relação às próprias normas canônicas, a ater-se à interpretação mais rígida quando ela lhe parecia menos favorável a promover a maior glória de Deus e a salvação das almas. Em vários casos viu-se, e se verá ainda, isso transformar-se em casuística minuciosa e desenvolta, embora nem sempre premiado como desejaria. Neste capítulo serão dados outros exemplos, com resultados desiguais. À parte o diferente peso dos acontecimentos, eles colocam sempre em nova luz traços significativos de sua personalidade: amorosa e firme, confiada em Deus e empreendedora, linear e oportunista, dialógica e intransigente.

A carta ao cardeal Nina, novo protetor da Sociedade salesiana, de 13 de junho de 1879, era eco parcial das batalhas em ato no meio da luta pela liberdade da escola e dos conflitos diocesanos. Dom Bosco estabelecia entre essas batalhas uma inesperada parentela. “As oposições deste ordinário – escrevia – estiveram sempre unidas às das autoridades civis e escolares. Por isso E. V. pode logo imaginar-se quanto se tenha devido fatigar e sofrer para começar a Congregação Salesiana, sustentá-la e consolidá-la, privada com efeito de apoio temporal e de meios materiais”.¹ Tal interpretação simplificava a situação bem mais complexa, provocada por episódios heterogêneos, alguns de gravidade imprevisível, que acabaram por formar, junto com as mais modestas divergências jurisdicionais, um nó tão entranhado que, em particular contexto eclesial, o papa acreditou dever desatá-lo pessoalmente.

1. O caso Cays: um infortúnio com sérios resultados

Já se notou que na primeira metade do ano de 1878 as relações entre Dom Bosco e o arcebispo foram substancialmente pacíficas. Também as divergências sobre a questão das duas igrejas turinenses, apresentadas ao mesmo tempo como monumento a Pio IX foram rapidamente aplainadas.² Em maio, o arcebispo, com saúde precária, desde o Eremo, casa de férias do seminário na colina turinense, realizava alguns gestos de paz: informava Dom Bosco que no período das Quatro Têmporas haveria ordenações e, portanto, Dom Bosco enviasse os documentos de eventuais ordenandos. Prometia

¹ E III 475.

² Cf. cap. 27, § 1.4.

também sua provável presença na festa de Nossa Senhora Auxiliadora e pedia para marcar a data para a crisma dos jovens de Valdocco. Dom Bosco agradecia e comunicava coisas irênicas a propósito da lembrança de Pio IX para a Igreja de São João Evangelista, e o informava a respeito da conferência dos cooperadores, em 16 de maio³. Não podendo depois officiar em Maria Auxiliadora, o arcebispo dava a permissão para que se convidasse outro bispo⁴. No dia seguinte Dom Bosco pedia a autorização do Ordinário para a ida das Filhas de Maria Auxiliadora para Chieri, concedida de bom grado em 19 de junho⁵. Posteriormente, em 25 de maio pedia ao arcebispo as testemunhais para um clérigo, renunciando à dispensa obtida *vivae vocis oraculo* de Pio IX, declarada ilegítima pelo cardeal Ferrieri em 12 de abril de 1878:⁶ faria semelhante pedido em 4 de novembro para outro clérigo proveniente do Seminário de Turim.⁷ Mais adiante o arcebispo se dizia disposto a ir celebrar a missa na próxima festa de São Luís, transferida para o dia 23 de junho.⁸

Para turbar uma situação relativamente serenada, logo aparecia um fato extremamente turbulento para Dom Bosco, que via comprometida a confiabilidade de suas decisões de superior religioso por causa de uma interpretação discrepante a respeito de certa disposição canônica, tida como inderrogável por Roma. No caso Cays, com efeito, a decisão tomada pareceu-lhe totalmente legítima, de acordo, de resto, com a interpretação de acreditados juristas.

Em 27 de maio de 1877 entrava no Oratório para fazer-se salesiano, com 63 anos, o conde Cays (1813-1882). De fé católica robusta, ficou viúvo com um filho, Luigi, já em 1845. Foi deputado por três anos no Parlamento subalpino (1857-1860), sempre em primeira linha na militância católica, nas Conferências de São Vicente de Paula e em todas as obras de benemerência. Educado no Colégio do Carmo pelos padres da Companhia de Jesus, laureado em jurisprudência, dispunha de excelente cultura religiosa. Salesiano nos ideais e na mentalidade desde os inícios dos oratórios turineses de Dom Bosco, consultor e mediador nos acontecimentos relativos à propriedade das *Leituras Católicas* e à tipografia vendida ao bispo de Mondovì, cooperador, ele partilhava desde os primórdios os acontecimentos, os problemas, os sucessos e o espírito da Congregação Salesiana. Ao fundador parecia óbvio que a esse noviço excepcional por vários títulos fosse lícito antecipar de alguns meses a profissão dos votos religiosos. Em 17 de setembro Dom Bosco tinha-o admitido à vestição clerical e, após seis meses e meio da entrada no Oratório, em 8 de dezembro, na presença de toda a comunidade do Oratório – professores, noviços, jovens estudantes e aprendizes – tinha recebido sua

³ Cf. cartas de 9 e 12 de maio de 1878; E III 338-339 e 341.

⁴ Cf. carta de Dom Bosco ao arcebispo de 18 de maio; E III 342-343.

⁵ A dom Gastaldi, 19 de maio; E III 343.

⁶ A dom Gastaldi, 25 de maio de 1878; E III 347-348.

⁷ Carta de 4 de novembro de 1878; E III 407.

⁸ Carta de Dom Bosco, junho de 1878; E III 355.

profissão dos votos perpétuos. O rito fora celebrado justamente na Igreja São Francisco de Sales, que o neo-salesiano tinha contribuído para edificar e na qual fora prior da Companhia e da primeira festa de São Luís. Dom Bosco tinha se declarado “especialmente comovido” e tinha presenteado a alegre assembléia com uma longa conferência sobre a austera e exaltante beleza da consagração religiosa.⁹

Contudo, a validade de tal profissão imediatamente parecia duvidosa a dom Gastaldi. Vendo que o conde era apresentado para as ordens menores, quis que se munisse do patrimônio eclesiástico, concedendo-lhe ele mesmo as dimissórias. Da mesma forma, ordenava-o diácono em 15 de junho de 1878, antes, porém, avisando o prefeito da Congregação dos Bispos e Regulares, cardeal Ferrieri, da anomalia jurídica. Na carta de 18 de maio de 1878, o cardeal assinalava a Dom Bosco, generalizando, que a Congregação Romana tinha “conhecimento” de que ele admitia “à profissão alunos de seu instituto sem que [tivessem] completado o ano de noviciado”. Por isso lhe pedia formalmente dar a “conhecer se [tivesse] obtido da Santa Sé, e por qual via, tal faculdade de abreviar o tempo de noviciado para tais alunos”. Esperava resposta “pelo correio”.¹⁰ Em 18 de junho Dom Bosco limitava a resposta ao caso Cays e, ajudado pelo padre canonista jesuíta Giovanni Battista Rostagno, declarava ter considerado válida e lícita a dispensa concedida. Ele invocava, para sustentar sua afirmação, a opinião de Dominique Bouix – citava o tratado *De jure regularium*, pt. 4, cp. 5, n. 11 –, segundo o qual a taxativa norma do Concílio de Trento sobre a integridade do ano de noviciado, no caso dos institutos de votos simples podia em várias situações admitir exceções.¹¹ O conde Cays – justificava-se Dom Bosco – era “pessoa muito distinta pela piedade, pelos talentos, pela doutrina, pela vida longa e ativa no serviço de Deus”, “um douto laureado *in utroque jure*, instruído na Sagrada Teologia Dogmática e Moral”, “o qual, ainda antes de começar o noviciado, passou vários meses na provação da vida religiosa que meditava abraçar na casa-mãe dos salesianos, renunciando à comodidade da vida, na grave idade de mais de 65 anos. Daí não se podia duvidar nem das ótimas qualidades do noviço, nem da maturidade da deliberação, nem da firmeza do santo propósito nem do bem que teria podido fazer no serviço da Religião e da Igreja”.¹² Ferrieri replicava em 25 de junho, rebatendo a irregularidade cometida, quanto à integridade do ano de noviciado, contra as mesmas Constituições da Sociedade Salesiana. A Dom Bosco tinha sido pedido “com qual *faculdade* tinha concedido a dispensa, e não já por quais *motivos*”. A conclusão era peremptória: “V.S. veja bem (...) que, para regularizar o caso do conde Gays Giletta, merecedor de todo respeito, se deve fazer recurso à Santa

⁹ *Documenti* XVIII 412-417, FdB 1051 C9-D3.

¹⁰ *Documenti* XIX 166, FdB 1055 C8.

¹¹ Cf. DOMINIQUE BOUIX, *Tractatus de jure Religiosorum uti et de religiosis familiis quae vota coelestia vel etiam simplicia perpetua non habent*. Tomo I. 3ª ed. Paris, Perisse Fratres, 1882, p. 577-578.

¹² E III 352-354.

¹³ *Documenti* XIX 192, FdB 1055 E10.

Sé”.¹³ Querendo salvar a honra do próprio fundador e superior da Congregação, mas também para evitar ao ignaro nobre amigo a ingrata tarefa de fazer o pedido formal da *sanatio in radice*, no encontro com o cardeal de 17 de julho, Dom Bosco pedia, “pelo caminho da graça”, que fossem acolhidas as razões que pareciam letigimar o que tinha pensado de poder fazer, e com a costumeira tenacidade lhe respondia sinteticamente, apoiando-se em “acreditados canonistas, como Bouix e Ferraris” e a numa “autorizada declaração” do papa que lhe fora comunicada por um “benemérito purpurado”.¹⁴ Era a tática menos indicada para uma solução rápida e indolor. Em 29 de julho cardeal Ferrieri respondia secamente: “Não é necessário que o Senhor insista na justificação de sua ação regular (...). Portanto, pela norma do já citado documento de 25 de junho, deverá ser pedida simplesmente a *sanatio in radice* do dito noviciado e profissão, com a declaração escrita do conde Cays Giletta, que exprima a sua vontade, que seja dada a dita *sanatio in radice*”.¹⁵ Dom Bosco contemporizava e deixava sem resposta a carta. No entanto, em 20 de setembro, dom Gastaldi ordenava sacerdote o conde Cays, naturalmente não *titulo mensae communis*, e o novo padre celebrava a primeira missa solene na catedral de Turim, diante de um numeroso grupo de senhoras e senhores, conhecidos e amigos da aristocracia subalpina e de grande multidão. Após a ordenação, padre Cays se dirigia para o Internato de Sampierdarena, onde celebrava, assistido por Dom Bosco, que aí se encontrava para um curso de exercícios espirituais.¹⁶

Provavelmente, não sem relação com essa ordenação, em 25 de setembro, cardeal Ferrieri voltava à carga: “Não tendo V. S., até hoje, executado o que lhe fora injungido, pede-se que o execute com solicitude, a fim de que esta Sagrada Congregação não omita as providências que acreditar mais oportunas sobre o pretendido noviciado e profissão”.¹⁷ Não parece que Dom Bosco se tenha apressado em responder. Pensava pedir ao amigo bispo de Vigevano, dom Pietro De Gaudenzi, apresentando-lhe sob uma luz surpreendentemente positiva a figura do cardeal prefeito, preocupado como o superior da Sociedade Salesiana para chegar a uma solução que salvasse os princípios e fosse a menos onerosa possível. Ferrieri tinha pedido que o bispo insistisse com Dom Bosco. O bispo, por sua vez, exortava: “Não perde nada e parece-me que esse gesto possa se tornar proveitoso para o bem da sociedade”.¹⁸ Respondendo ao amigo Dom Bosco, não deixava de reafirmar as próprias razões, citando ainda “os autores de Direito Canônico: Bouix, Suarez, Ferraris”. Concluía sem entusiasmo, ainda mais defendendo-se sobre o tema mais geral das testemunhas: “V.S. portanto, se julga em sua prudência, poderia escrever: Realizada a comissão. A solicitada *Sanatio in radice* expedida em outubro.

¹⁴ E III 364.

¹⁵ *Documenti* XIX 198, FdB 1056 A4.

¹⁶ Cf. carta de Dom Bsoco ao advogado Alfonso Fortis, 22 de setembro de 1878; E III 386.

¹⁷ Carta a Dom Bosco, 25 de setembro de 1878; *Documenti* XIX 230, FdB 1056 C12.

¹⁸ Carta a Dom Bosco, 27 de novembro de 1878; *Documenti* XIX 265, FdB 1057 A11.

Peço que nomeie um só recibo sem testemunhais”.¹⁹ Evidentemente suas íntimas convicções não tinham sido suplantadas. De qualquer modo, cardeal Ferrieri se mostrava humilde na aplicação do direito vigente. Com decreto da Congregação dos Bispos e religiosos, comunicado em 4 de dezembro de 1878, era imposto ao padre Cays o dever de passar somente um mês na casa do noviciado, sob a guia do mestre de noviços e de concluí-lo com a legítima profissão dos votos. O decreto terminava com graves palavras: “De resto, a mesma Congregação adverte seriamente o superior geral a se abster absolutamente no futuro de semelhantes passos”.²⁰ O advogado curial, padre Costantino Leonori, enviando o documento em 12 de dezembro, sugeria ao patrocinado: “O Senhor haverá de ter um pouco de paciência; recorde-se que São José Calasanz foi conduzido ao Santo Ofício; não se entristeça com as palavras do Rescrito”.²¹

A *sanatio in radice* era exígua, e mas uma vez mais Dom Bosco nada tinha feito para tornar-se amigo do cardeal que teria podido ser-lhe precioso em futuro não muito remoto.

2. Luta pela liberdade escolar (outubro de 1878 - dezembro de 1881)

Vários motivos sustentaram Dom Bosco na dura batalha escolar dos anos 1878-1881: a garantia dos direitos adquiridos no âmbito de seu Oratório com a instrução secundária oferecida a jovens, impossibilitados de freqüentar os ginásios públicos; a aversão ao legalismo burocrático e a reivindicação de liberdade numa atividade social não atendida pelo Estado; o emprego racional e funcional do pessoal disponível; a máxima economia de fundos financeiros, para empregar em modos mais eficazes que não fosse a contratação de professores externos, no fundo menos idôneos para garantir a autonomia e homogeneidade educativa.

A defesa de seu ginásio, na realidade sobrevivido não obstante o momentâneo fechamento formal, revelava ainda uma vez o seu típico pragmatismo de condutor destemido, que o conduzia, conforme seu costume, a jogar em várias frentes, conforme o adversário e as circunstâncias do momento. Sua personalidade e sua tenacidade conseguiram fazer com que um problema local se tornasse quase um caso nacional, com longas polêmicas na imprensa e repercussões até mesmo na França. Por uma breve estação, foi também batalha de princípios sobre a liberdade de ensino. O ginásio do Oratório tinha que ser salvo a qualquer custo. Ele estava sediado na casa-mãe da obra salesiana, no centro diretor e animador, e seu fechamento poderia constituir a desqualificação da Sociedade religiosa. Esta, com efeito, já tinha conquistado a maior visibilidade e notoriedade nos colégios para estudantes, na Itália. Sua presença ia de Lanzo

¹⁹ A dom De Gaudenzi, 1º de dezembro de 1878; E III 420.

²⁰ Decreto de 4 de dezembro de 1878; *Documenti* XIX 278, FdB 1057 B12.

²¹ Carta a Dom Bosco, 12 de dezembro 1878; *Documenti* XIX 277, FdB 1057 B11.

a Borgo San Martino, de Alassio a Varazze, de Turim-Valsalice a Este, de Magliano Sabina a Randazzo. Dom Bosco empenhava-se nisso em primeira pessoa, embora com a colaboração do diretor dos estudos da Sociedade Salesiana, padre Celestino Durando (1840-1907), e do professor Giuseppe Allievo (1830-1913), de 1868 a 1912 titular de Pedagogia na Universidade de Turim. Descia em campo também o aguerrido professor de filosofia no Oratório, padre Giuseppe Bertello (1848-1910). Sustentados pelo jornal *L'unità cattolica* e por larga opinião pública católica, eles se empenharam com tanto maior vigor quanto mais estavam convencidos de que era preciso opor-se com todos os meios às forças laicas e maçônicas, propensas a instaurar mediante a escola uma ordem social, fora do influxo eclesiástico e religioso. Dom Bosco tinha falado disso em uma das últimas sessões do Primeiro Capítulo Geral, no qual, como se disse, formulava juízos pesados sobre a situação política italiana. “O objetivo atual do governo e especialmente desse Ministério é abater tudo o que aparenta religião; procura qualquer pretexto para destruir instituições religiosas; de propósito perturba o ensino, mexe e remexe nos programas, para que os religiosos, atendo-se aos métodos formulados por eles há tempo, não possam mais responder ao ensino moderno”.²²

2.1 Antecedentes do Decreto de fechamento e planos de defesa

Dos primeiros alarmes suscitados pela ascensão ao poder da Esquerda em 1876 ao Decreto de fechamento de maio de 1879, Dom Bosco tinha como preparar, com a habitual capacidade de adaptação, os planos de defesa. Estes se fundavam sobre a necessidade de fornecer, vez por vez, configurações alternativas da escola secundária do Oratório: *ginásio privado* ou *escola paterna*.²³ A hipótese do *ginásio privado* seria a solução que, teoricamente, correspondia melhor à idéia da Sociedade Salesiana como associação de cidadãos na posse plena dos direitos civis, os quais não pediam privilégios e se mostravam capazes de agir também no campo da escola, conforme a lei: devida autorização, programas oficiais, professores habilitados. Dom Bosco havia afirmado isso com ênfase em uma histórica sessão do Primeiro Capítulo Geral, delineando o perfil do salesiano na sociedade civil.²⁴ Mas isso exigiria um grupo de salesianos numeroso, que precisariam ser qualificados durante vários anos, com ônus financeiro relevante, e que deveriam aplicar-se ao ensino a tempo pleno, tirando-os de tarefas diretivas, tão exigidas em tempo de expansão das obras. Por isso, com relação ao ginásio de Valdocco, por ele considerado internato de beneficência e não colégio-internato como os de Lanzo, Alassio, Valsalice e semelhantes, a qualificação de *ginásio privado* era

²² 22ª Sessão, quarta-feira, 3 de outubro de 1877; G. BARBERIS, *Verballi* III 29. Cf. cap. 26, § 1.2.

²³ Cf. cap. 13, § 2.3.

²⁴ Cf. cap. 26, § 1.2.

considerada muitas vezes puramente qualificação coagida, adotada para se evitar vexações e em obséquio não à lei, mas à autoridades escolásticas locais, que assim a consideravam, equiparando-o, quanto às exigências, aos ginásios públicos. No decurso da batalha, era essa homologação que, a um certo ponto, se contestava. Impondo absoluta conformidade de organização, gestão, programas e horários, a burocracia não-liberal acabava por negar a liberdade do ensino não-estatal que a Lei Casati tinha sancionado. Como se verá mais adiante, a defesa estava calcada nesses termos, embora sem sucesso, por impulso do professor Allievo, no curso do fugaz advento ao Ministério da Instrução Pública do senador siciliano Francesco Paolo Perez (14 de julho a 29 de novembro de 1879). Percebendo como impraticável a hipótese do *ginásio privado*, Dom Bosco assumia de novo a posição alternativa já assumida nos anos 60, exposta enfim com extrema clareza ao ministro Domenico Berti em 1866: o ginásio de Valdocco era, desde sempre, gerido por uma obra de beneficência, cujo diretor fornecia aos jovens hóspedes tudo aquilo que um pai de família normalmente dá aos filhos: moradia, comida, vestimenta, instrução. O ginásio, portanto, devia ser reconhecido, em norma da lei, como *escola paterna*.²⁵ Era a solução mais simples e menos dispendiosa. Na realidade, Dom Bosco não dispunha dos instrumentos jurídicos para lhe dar essa configuração legal. Em tal caso o gesto podia dizer-se somente, de fato, pai nutrício – subsistência, assistência, educação –, e por um número limitado de jovens órfãos ou sem família, mas não “fazia legalmente as vezes” dos pais dos alunos nem, muito menos, era possível colocar-se a hipótese de dezenas e dezenas ou mesmo centenas de pais “associados” e “vigilantes” sobre a instrução dada a seus filhos, como a Lei Casati exigia (art. 251 e 252), prevendo obviamente pequenos números de pais associados. Dom Bosco sabia disso, mas para ele, mais que o direito, valia o *fato*, ou seja, o longo passado e o pressuposto e conclamado apoio dado às suas escolas pelos ministros do reino sardo e do estado italiano de 1841 [!] ou de 1846 ao 1876.

Desde o ano escolar de 1876-1877 o Conselho Escolar Provincial, por meio de circular, convidava todos os diretores de institutos privados a se uniformizar com as disposições legais, em particular provendo-se de professores com diplomas regulares.²⁶

Dom Bosco enviava uma lista que não satisfazia as exigências. A uma chamada para que se colocasse em regra para o ano escolar 1877-1878, ele recorria ao Ministério da Instrução Pública, pedindo um triênio de tolerância, para poder fazer com que os seus conseguissem os títulos necessários. O Ministério não concedia privilégios a ninguém. Resposta idêntica seguia a um pedido de 3 de setembro em vista do novo ano 1878-1879.²⁷ Enfim, em 10 de outubro de 1878 o Conselho Escolar Provincial de Turim

²⁵ Cf. cap. 13, § 2.3.

²⁶ Cf. para algumas informações às cartas abertas de 19 e 29 de julho ao jornal *L'unità cattolica* do provedor dos Estudos de Turim, Gioachino Rho, precisando artigos saídos precedentemente no jornal e de três intervenções do padre Bertello: *L'unità cattolica*, n. 170 e 178, terça-feira, 22, e quinta-feira, 31 de julho de 1879, p. 678 e 710-711.

²⁷ Assim se deduz da carta ao comendador Giacomo Malvano, 1º de novembro de 1878; E III 403.

advertia que, se Dom Bosco, no decorrer do ano escolar 1878-1879, não tiver regularizado a posição dos professores do seu ginásio, dar-se-ia início à prática de fechamento. Em 1º de novembro de 1878, após uma primeira carta sem resultado, Dom Bosco enviava uma segunda ao ministro da Instrução Pública, Francesco De Sanctis (24 de março a 19 de dezembro de 1878). Tinha solicitado o envio de ambas ao ministro em carta de 19 de outubro e de 1º de novembro de 1878 ao mesmo comendador Giacomo Malvano. Consultava o ministro a respeito das duas fórmulas, mantendo firme, porém, que para as escolas do Oratório a única configuração jurídica conforme à realidade, ao passado e à lei era a de *instituto paterno*; que a fórmula *ginásio privado* era considerada somente por vontade da autoridade escolar local. Num primeiro momento, pois, seu pedido era muito simples: “que “as escolas deste internato dos pobres jovens sejam consideradas como escolas de caridade mantidas por quem faz as vezes dos pais, portanto sem que os professores sejam obrigados a ter título público”; se, ao invés, a exigência do provedor aos estudos, de que haja “professores munidos dos respectivos títulos legais”, fosse taxativa, pedia que os “atuais professores” fossem “autorizados provisoriamente, ou então admitidos a fazer os exames prescritos por meio de um decreto ministerial, embora não tenham a idade prescrita”.²⁸ Dez dias depois, propunha ao mesmo ministro solução não totalmente idêntica, com referências ao passado não totalmente objetivas, mas funcionais para o que se desejava obter: “Esta instituição não tem nenhuma renda fixa e se mantém unicamente da Providência. Por isso a autoridade escolar foi-nos sempre benevolente e, considerando estas classes como ensinamento paterno e caridoso, como é de fato, jamais colocou dificuldades a respeito dos títulos legais dos professores”. O provedor, porém, queria que “todos os professores fossem munidos dos respectivos títulos legais”, isto é, que as escolas do Oratório fossem consideradas como *ginásio privado*. O mitente, por isso, estava obrigado a recorrer “suplicante” ao ministro, “para que – dizia –, pelo caminho da graça, concedesse que os atuais professores fossem reconhecidos como idôneos mercê de vários anos de ensino, e sejam autorizados ao menos por um triênio a continuar o seu mister gratuito na respectiva classe. Em tal espaço de tempo esses professores atingiriam a idade prescrita para exames públicos e poderiam munir-se do diploma prescrito de habilitação”.²⁹ O prefeito e presidente do Conselho Escolar Provincial, De Amicis, respondia que o Ministério não admitia exceção à lei.³⁰ A Dom Bosco não restava outra coisa a fazer que enviar ao provedor dos Estudos, Gioachino Rho – em 15 de novembro –, a lista dos cinco professores munidos dos títulos legais. Duas inspeções feitas pessoalmente pelo provedor, em dezembro de 1878 e nos primeiros dias de março de 1879, levavam-no a constatar que somente dois dos professores titulares de cátedra na primeira classe, e um só na segunda, encontravam-se no seu lugar. À advertência do provedor, comunicada após a primeira inspeção, em 2 de

²⁸ Ao comendador Giacomo Malvano, 19 de outubro de 1878; E III 395.

²⁹ Ao ministro da Instrução Pública, 1º de novembro de 1878; E III 402-403.

³⁰ *Documenti* XIX 253, FdB 1056 E12.

janeiro, Dom Bosco ou outro respondia no dia 15, enviando simplesmente uma segunda lista com cinco professores habilitados, com o acréscimo de outros tantos suplentes.

Alarmado pela segunda visita e pelo fechamento que viria, Dom Bosco se dirigia ao presidente do Conselho, Agostinho Depretis, que se encontrava em Lanzo – o ministro da Instrução Pública era novamente Michele Coppino –, repisando o objetivo de seu instituto e sublinhando que o governo “jamais fez dificuldade sobre os professores que realizavam gratuitamente seu trabalho”. Agora, ao invés, desejava-se que os professores estáveis não pudessem ser substituídos por suplentes. Pedia que ele “se dignasse dizer uma palavra ao ministro da Instrução Pública”, a fim de que “considerasse nossos jovens como sob a autoridade paterna e permitisse que os atuais professores” pudessem “continuar seu caridoso ensinamento dos alunos, ou então” fossem “admitidos aos exames prescritos”, embora desprovidos “da idade prescrita para ser legalmente habilitados”.³¹ Em *Relatório* anexo resumia os muitos reconhecimentos recebidos e as razões em defesa disseminadas em cartas e súplicas. Os primeiros não tinham nada a ver com as exigências da Lei Casati sobre o ginásio, que Dom Bosco começara em 1855 e completava somente em coincidência com aquela lei. Era verdade, certamente, o que escrevia a este ponto: “A despesa de professores legais traria grave dano ao Instituto”. Menos exato, se se pensa nos problemas tidos com a autoridade escolar dos anos 60, era afirmar que o Oratório tivesse “fruído sob os precedentes ministros” de apoio, “como internato de caridade ou instituto paterno”, com Dom Bosco que, “somente por espírito de caridade” fazia “as vezes de pai das crianças aí acolhidas”. Enfim, oferecia ao ministro a fórmula para consentir ao Conselho Escolar de Turim um tratamento especial ao ginásio do Oratório: “Este Ministério (...) autoriza sacerdote Giovanni Bosco a dar ou fazer dar a instrução secundária aos pobres jovens de seu piedoso instituto, sem a obrigação de pôr nas respectivas classes professores legalmente reconhecidos”.³²

Como resposta, a partir da relação do provedor de 25 de março, o Conselho Escolar Provincial propunha ao Ministério o fechamento do Instituto, e o Ministério, tendo ouvido o parecer do Conselho Superior, emanava o Decreto em 16 de maio. O secretário do Conselho Escolar fazia comunicação oficiosa a Dom Bosco. Este, após encontro com o prefeito, enviava-lhe um longo Relatório. Na *Exposição histórica* relembra, em síntese, as origens em 1841 e os desenvolvimentos de sua obra oratoriana, com os diversos tipos de iniciativa de instrução de “tantos jovens desafortunados”, até Umberto I. “Essas escolas – continuava sustentando a já conhecida híbrida tese – foram consideradas pela autoridade escolar, em todos os tempos, como obra caridosa, casa de acolhida, escolas paternas em conformidade com a Lei Casati sobre a instrução pública (art. 251 e 252)”. O provedores régios, os ministros da Instrução Pública, o próprio Umberto I foram sempre seus “mais insignes benfeitores com o conselho e com o auxílio pecuniário”. As dificuldades surgiram com o atual provedor, que “ordenou

³¹ Carta de 15 de março de 1879; E III 457-458.

³² *Promemoria*; E III 458-459.

que se admitissem professores titulados, sob pena de não permitir mais a abertura das (...) classes ginásiais”. Continuava com sua versão das últimas intervenções do titular do provedor turinense e dissertava sobre a liberdade de horários, de suplências, de dias e horas suplementares dedicadas ao ensino, que não precisavam ser homologadas às dos ginásios estatais. Todavia, em respeito da autoridade escolar, pedia, como favor, que lhe concedessem “um lapso de tempo”, a fim de “prover o que prescrevem as leis vigentes”. Pedia que intercedesse junto ao Conselho Escolar da Província e, se fosse preciso, junto do ministro da Pública Instrução, disposto, de qualquer modo, por causa de seus jovens, a reestruturar a direção do Instituto, de forma que os titulares de cátedra pudessem “encontrar-se estavelmente na classe” respectiva.³³ Ao pedido de auxílio dirigido ao amigo teólogo Pietro Baricco, autorizado conselheiro municipal e membro do Conselho Escolar, este lhe respondia em 18 de junho, aconselhando-o a regularizar, o mais rápido possível, a posição dos professores. Há vários anos, com efeito, o ministro insistia para que os Conselhos Provinciais exigissem de todos os institutos privados o cumprimento da lei.³⁴ Era, de fato, o momento de praticar o que Dom Bosco tinha teorizado no Primeiro Capítulo Geral: “Se nos pedirem exames, estes serão feitos; se títulos ou diplomas, far-se-á o possível para obtê-los e assim se irá adiante”.³⁵ Seguia o conselho, e em 20 de junho, enviava ao prefeito de Turim a lista dos professores que dariam as aulas nas semanas que faltavam e, com “alguma mudança”, no ano de 1879-1880: os salesianos Celestino Durando, Michele Rua, Giovanni Bonetti, Giuseppe Bertello e o padre diocesano Marco Pechenino.³⁶ “A amizade pessoal que me liga a ti há tantos anos – escrevia no mesmo dia, com mais realismo, o provedor G. Rho ao “Caro amigo” –, me obriga a aconselhar-te de acolher com resignação o Decreto e de executá-lo com verdade”, isto é, sem o subterfúgio de suplentes permanentes.³⁷ A carta ao prefeito, como se queira, não podia anular um decreto assinado há mais de um mês. Ele era entregue oficialmente a Dom Bosco por um funcionário da Segurança Pública em 23 de junho.³⁸ O provedor era encarregado de dar a execução até 30 de junho.

2.2 Uma “controvérsia deste Oratório com o régio senhor provedor”

A comunicação oficial do Decreto tornava mais prementes as defesas. A velha estratégia dupla não tinha desaparecido, ainda que prevalecesse a tese do *instituto paterno*. Obviamente, o aparato burocrático, movido, além do mais, por uma legali-

³³ Carta de 18 de maio de 1879; E III 471-473.

³⁴ *Documenti* XX 216, FdB 1061 E6, MB XIV 157-158.

³⁵ Sessão vinte e quatro, quinta-feira quatro de outubro de 1877, G. BARBERIS, *Verbali* III 44.

³⁶ A Minghelli Vaini, 20 de junho de 1879; E III 477-478.

³⁷ *Documenti* XX 218, FdB 1061 E8.

³⁸ Carta do prefeito de 20 e atestação de entrega de 23, *Documenti* XX 218-219, FdB 1061 #8-9.

dade mais radical, só podia dirigir-se unicamente ao ginásio, sujeito da Lei Casati e do Regulamento que disciplinava sua aplicação, já ilustrada em relação aos problemas surgidos nos anos 60.³⁹ Em contraste, talvez, com o que tinha recomendado aos seus no manuscrito *As perquirições*, que padre Bonetti publicaria no *Boletim Salesiano* de 1884 a 1886, neste caso Dom Bosco fazia prevalecer, sobre os encontros pessoais, a batalha dos documentos de cartazes, das contestações legais, unidas por intensa, ainda que breve, campanha jornalística. O alvo privilegiado de tais campanhas era o provedor aos estudos de Turim, Gioachino Rho, com o irmão padre Angelo, antigo companheiro de escola em Chieri e fiel “amigo”.

Dom Bosco recorria ao prefeito, presidente do Conselho Escolar, pedindo a dilação da suspensão em base a várias motivações: em quatro dias não se podiam efetuar os exames, o Decreto carecia de “fundamento legal”, tinha “deliberação de fazer recurso à autoridade superior”.⁴⁰ O prefeito, primeiro recusava a dilação,⁴¹ depois, em 2 de julho, a concedia.⁴² Em 26 de junho, Dom Bosco tinha recorrido ao ministro da Instrução Pública, Michele Coppino, promotor em 1877 da lei *Sobre a obrigação da instrução elementar*, em princípio contrária ao monopólio estatal da escola, maçom, mas “mais crente do que um livre pensador”, e “defensor da missão social da religião”.⁴³ O Decreto não era legal – sustentava Dom Bosco –, seja porque “os diversos ensinamentos em meu Instituto são confiados a professores munidos dos títulos legais”, seja porque não existia “nenhuma das graves razões citadas no art. 247 para o fechamento do Instituto”, isto é “a conservação da ordem moral e a tutela dos princípios que governam a ordem social pública do Estado ou a saúde dos alunos”. Ignorava ou esquecia as condições para sua existência postas pelo art. 246, § 1 e 2, e pelo Regulamento aplicativo.⁴⁴ Aguardava resposta, de forma que pudesse, eventualmente, tutelar os alunos, utilizando os meios consentidos pelas leis, como previa o art. 248 da Lei Casati, concretamente o recurso a instâncias superiores, inclusive ao Conselho de Estado.⁴⁵

Mas o terceiro Ministério Depretis, em 3 de julho, perdia a confiança na Câmara e era obrigado a se demitir. *L'unità cattolica* anunciava: Dom Bosco “dispõe-se a executar o Decreto, reservando-se o direito, que lhe compete, de fazer valer suas razões contra tal abuso de poder”.⁴⁶ Dom Bosco, com efeito, tinha endereçado ao rei uma defesa do seu ginásio, que necessariamente teria sido transmitida por competência ao Ministério

³⁹ Cf. cap. 13, § 2.2 e § 2.3.

⁴⁰ A Giovanni Minghelli Vaini, 26 de junho de 1879; E III 479.

⁴¹ Cf. Carta de Dom Bosco ao prefeito, 30 de junho de 1879; E III 481.

⁴² Cf. Carta ao ministro Coppino, julho de 1879; E III 490.

⁴³ M. SOLERI, *In memoria di Michele Coppino*. Alba, Tipografia Cooperativa, 1923, p. 35. Cf. verbete COPPINO, Michele, in: DBI XXVIII 625-631.

⁴⁴ Cf. cap. 1, § 8 e cap. 13, § 2.2.

⁴⁵ A Michele Coppino, 26 de junho de 1879; E III 478-479.

⁴⁶ “L’ultima gloriosa impresa del ministero ossia le scuole di Don Bosco ed il ministro Coppino”, *L’unità cattolica*, n. 158, terça-feira, 8 de julho de 1879, p. 629-630.

da Instrução Pública. Iniciava recomendando a Umberto I “um instituto muitas vezes beneficiado e – afirmava com audácia –, pode-se dizer, fundado pelos vossos maiores e pela caridade de V. M. generosamente subsidiado”, e, informando-o que “um decreto ministerial comunicado no dia 23 de junho, ordenava o fechamento das aulas que há trinta e cinco anos” eram “nele ministradas”. Portanto, suplicava ao rei de “fazer ler os esclarecimentos anexos com os quais” expunha “fielmente o estado das coisas”.⁴⁷ Mais da metade do documento anexado era dedicada à *Exposição histórica*, com a costumeira sucessão de datas e fatos, por meio dos quais procurava demonstrar a contínua aprovação e proteção pelas autoridades, até Umberto I, das escolas do Oratório, “sempre consideradas como obras de caridade, casa de acolhida, como numerosa família, da qual o mitente faz às vezes de pai em todas as coisas”, portanto, conforme os art. 251-252 da Lei Casati. A tese era clara: a sua era *escola paterna*. Mas a reconstrução da história dos últimos dois anos o obrigava a pôr-se no quadro das exigências feitas a um *instituto privado*: em obediência às ordens do provedor, a aplicação ao ginásio de professores titulados e suplentes, as inspeções de dúbia correição, o pedido ao presidente do Conselho Escolar de um espaço de tempo para poder “prover não somente o que prescrevem as leis, mas o que deseja o próprio senhor provedor”. Como resposta, ao invés, no dia 23 chegava o Decreto de Fechamento. A *Algumas observações sobre esse Decreto* faziam-se seguir duas firmes denúncias: a *ilegalidade do Decreto*, por inobservância dos artigos 248 (procedimento do fechamento) e 247 (as únicas causas previstas); e o *Erro do Conselho Escolar de Turim*, pela clara falta de fundamento das motivações “*Falta de idoneidade legal dos professores, e engano no qual o sacerdote Giovanni Bosco quis fazer cair a autoridade escolar, mandando uma lista de professores habilitados, enquanto, na realidade, se servia de outros não habilitados*”. Nenhuma lei, com efeito, excluía a utilização, em caso de necessidade, de suplentes, e os institutos privados gozavam de “plena liberdade de estabelecer o horário mais cômodo para os professores”.⁴⁸ O ministro da Casa Real, conde Visone, telegrafava que a instância de Dom Bosco se encontrava “em curso junto ao Ministério de Instrução Pública”.⁴⁹ A exposição ao rei era amplamente utilizada, na íntegra, por *L’unità cattolica*, que informava também sobre o recurso e sobre o telegrama do Visone.⁵⁰ Coppino respondia a uma carta do senador sardo Giovanni Siotto Pintor apoiando Dom Bosco: ele “pode apresentar ao Conselho Escolar instância regular desde que, como é de sua competência, queira revogar a ordem de fechamento”.⁵¹

⁴⁷ Carta de 6 de julho de 1879; E III 490-491.

⁴⁸ Exposição de julho de 1897; E III 486-490.

⁴⁹ *Documenti* XX 237, FdB 1062 B3, citado em III 491.

⁵⁰ *La chiusura delle scuole nell’Ospizio del sac. D. Bosco, L’unità cattolica*, n. 162, sábado, 12 de julho de 1879, p. 646.

⁵¹ *Documenti* XX 241, FdB 1062 B7.

Em 14 de julho tomava posse o segundo Ministério, presidido por Benedetto Cairoli. Francesco Paolo Perez (1812-1892) ia para a Instrução Pública. Ele era decidido defensor da liberdade de ensino, obviamente regulada pela Lei Casati.⁵² Parecia situação propícia para uma campanha de defesa mais frutuosa. Era provavelmente de Allievo – “um personagem transparente, que não é nem clérigo nem clerical” – o artigo publicado por *L'unità cattolica* sob o título *A lei e o fechamento das escolas secundárias do Oratório salesiano*, que o jornal se propunha a enviar ao ministro Perez, com a esperança de que, “como primeira coisa, reparasse uma enorme injustiça e não permitisse que fosse consumada tanta afronta à moral e à lei”. Segundo Allievo, com efeito, a Lei Casati pretendia dar amplo espaço ao princípio liberal, deixando “a mais ampla liberdade à autoridade paterna” e exigindo dos “instituidores privados garantias suficientes, não necessariamente absolutas”, isto é, não era “dado ao poder executivo prescrever com todos os detalhes o que se deve fazer nas escolas privadas”. “A lei não vincula a nenhum horário escolar o chefe de um colégio privado (senão, onde estaria a liberdade de ensino?); os artigos 258 e 259 da lei diziam respeito aos ginásios e liceus públicos”.⁵³ A defesa concordava perfeitamente com as idéias largamente liberais de um recente ensaio.⁵⁴

A tese sobre as escolas do Oratório como *ginásio privado*, perfeitamente em regra com a lei, retornava na resposta de Dom Bosco, de 20 de julho, a duas cartas do padre Angelo Rho, irmão do profedor. Na primeira a “seu querido e bom amigo Dom Bosco” tinha escrito de seu “afeiçoadíssimo e velho amigo”: “Terias feito bem em obedecer ao provedor, que há três anos te pede e esconjura para que te coloques em regra”.⁵⁵ A outra, comunicada pelo destinatário a Dom Bosco, fora endereçada ao teólogo Giacomo Margotti, diretor do *L'unità cattolica*, acusando-o de perceber e sustentar “somente uma parte”, faltando com a caridade para com o irmão provedor, “Pai de numerosa” família, e simplesmente cumpridor do próprio dever”.⁵⁶ Dom Bosco respondia: no Oratório os professores eram titulados; o provedor tinha “a lista do nome, sobrenome e títulos legais dos mesmos”; “os institutos privados” tinham “liberdade de horário” e, portanto, os professores não estavam obrigados a estar presentes nos horários previstos por quem fazia a inspeção; a Lei Casati determinava com precisão os motivos de fechamento, mas esses – “a ordem social, a ordem moral, ou a saúde dos alunos” – não foram

⁵² Carta ao secretário do Ministério do Interior, comendador G. B. Aluffi, e ao ministro: 20 de julho de 1879; E III 495, 495-496. Ao ministro da Instrução Pública indicava também os nomes dos professores titulares do ginásio de Valdocco, 20 de julho de 1879; E III 496-497.

⁵³ “Un domanda di giustizia ao nuovo ministro della pubblica istruzione”, *L'unità cattolica*, n. 165, quarta-feira, 16 de julho de 1879, p. 658.

⁵⁴ G. Allievo (professor da Universidade de Turim), *La legge Casati e l'insegnamento privato secondario*. Turim, Tipografia Salesiana, 1879, p. 12-13.

⁵⁵ Carta de 13 de julho de 1879; *Documenti* XX 248, FdB 1062 C2-4.

⁵⁶ Carta ao teólogo Margotti, 17 de julho de 1879; *Documenti* XX 261-262 e 265, FdB 1062 D 3-4 e D7.

comprometidos pelo Oratório; se o provedor queria horários iguais aos das escolas públicas, o diretor teria feito de tudo para se uniformizar; “todos os provedores e todos os ministros de Instrução Pública sempre têm louvado, aprovado, ajudado e subsidiado este instituto por mais de trinta anos. Precisava um amigo, um companheiro de escola, para propor o fechamento, e propor esse fechamento agora que, com muito trabalho, eu tinha me colocado em regra em face da lei”.⁵⁷

Dom Bosco enviava a Roma o padre Durando e o professor Allievo, com duas cartas de apresentação a Perez e ao ministro do Interior, Tommaso Villa, deputado de Castelnuovo d’Asti, a fim de que intervissem em favor do Oratório.⁵⁸ Na carta a Perez inseria também a lista dos professores com títulos legais, já apresentada ao provedor em 15 de novembro de 1878.⁵⁹ “Boas promessas”, comunicava padre Durando em telegrama de 22 de julho.⁶⁰ Mas a resposta do ministro, com relação a um bilhete de 15 de julho, era pouco encorajante: “A Administração do Colégio, propondo às escolas ginasiais professores titulados, além de se conformar à lei, que é o que deseja o Ministério, terá assegurado melhorar a qualidade dos estudos e o proveito de seus jovens”.⁶¹

A batalha fervia entre julho e agosto também nos jornais, *L’unità cattolica* em primeiro plano, *L’Emporio popolare* e *Il Baretto* de Turim, e *Lo Spettatore* de Milão, em favor do Oratório, e a imprensa liberal, *Gazzetta del popolo* e *Il Fischietto*, sustentando o provedor, Gioachino Rho. Nessa fase entravam em jogo, sobretudo, argumentos jurídicos e histórico-legais referidos à Lei Casati. O provedor, que se viu colocado no banco dos réus pelos articulistas do *L’unità cattolica* como maior imputado, enviava em 19 de julho ao jornal um artigo clarificador. Em substância – declarava –, o decreto não tinha chegado como um raio em céu sereno, mas como inevitável medida pela falta de cumprimento de reiterados e legítimos pedidos ao gestor do *ginásio privado* do Oratório, a começar já do ano escolar de 1876-1877.⁶² Em 24 de julho havia ainda uma acusação e resposta entre padre Angelo Rho e Dom Bosco: para este era inútil continuar um discurso entre surdos, permanecendo, de resto, “sempre bons amigos”.⁶³ No mesmo dia, *L’unità cattolica* iniciava a publicação de três cartas do padre Bertello, o qual como neófito desinformado procurava demonstrar a radical ilegitimidade do Decreto de fechamento, pelo simples fato de que o ginásio do Oratório enraizava-se em iniciativas escolares promovidas por Dom Bosco há “trinta e mais anos”, nem o

⁵⁷ E III 493-495.

⁵⁸ Cf. cartas a G. B. Aluffi (1846-1938), de Agliano Monferrato, empregado no ministério do Interior, 20 e 26 de julho de 1879; E III 495 e 500.

⁵⁹ Cf. cartas de 20 de julho; E III 495-497.

⁶⁰ *Documenti* XX 271, FdB 1062 E1.

⁶¹ *Documenti* XX 271, FdB 1062 E8.

⁶² “Chiusura del Ginnasio privato annesso all’Oratorio di S. Francesco di Sales in Torino”, *L’unità cattolica*, n. 170, terça-feira, 22 de julho de 1879, p. 679.

⁶³ Cf. *Documenti* XX 277 1062 E7; E III 499-500.

fundador tinha feito “um pedido formal de ginásio privado”. O Oratório nascera como escola de beneficência, e como tal desenvolvera-se e fora sempre reconhecido pelas autoridades escolares: *instituto paterno* segundo a caridade, mas também, de fato, legalmente gerido. Ainda que se quisesse considerá-lo *instituto privado*, as provas aduzidas pelo provedor não demonstravam “de forma alguma que aquele instituto não tivesse professores aprovados”.⁶⁴ “A justiça quer que cedamos espaço para a seguinte contra-resposta do R. provedor dos estudos”, declarava o diretor do jornal, publicando a articulada réplica do professor G. Rho, de 29 de julho: *Fechamento do ginásio privado anexo ao Oratório São Francisco de Sales*.⁶⁵ O jornal anunciava que, à “mesquinha defesa”, Bertello, por sua parte, rebateria. Mas antes que sássem seus dois artigos, Dom Bosco, em 2 de agosto, enviava ao diretor da *Gazzetta del popolo* uma pontualização da questão, pedindo, “a título de cortesia, e se preciso também no termo da lei”, publicá-la no jornal. A verdadeira “narração dos fatos” saía em 4 de agosto. Aparecia novamente a estratégia da dupla tese, com o primado do *instituto paterno* em relação ao forçado *instituto privado*. Retornavam os três eixos constantes de sua argumentação: 1) “esta casa foi sempre considerada internato de caridade, abrigo dos pobres jovens, e jamais ginásio privado”; 2) as leis Bon Compagni e Casati favoreceram estas escolas e os provedores reais e os ministros da Instrução Pública, durante trinta e cinco anos, “cooperaram para o bem desta casa, considerando-a como abrigo das pobres crianças, como instituto paterno, segundo a Lei Casati (art. 251, 252 e 253)”, e onde “os alunos recebem a instrução totalmente gratuita”; 3) contudo, em “respeito, não à lei, que não exige isso, mas à autoridade que assim exigia”, em conformidade com o art. 246 da lei, as aulas foram confiadas a “cinco professores titulados”.⁶⁶ Apresentando a carta de Dom Bosco à *Gazzetta del popolo*, que publicava também no próprio jornal, Margotti, de forma facciosa, afirmava: “Dom Bosco é o homem da caridade que vivifica; seus inimigos são os homens da lei que mata. Contra Dom Bosco repete-se o grito que já foi dado contra o mesmo Jesus Cristo: *Nos legem habemus, et secundum legem debet mori*”.⁶⁷

Sobre o tema de “escolas secundárias” ativadas por “trinca e cinco anos” “em benefício dos pobres jovens recolhidos” no internato Dom Bosco insistia com o ministro da Instrução Pública em uma exposição de 2 de agosto. “Nenhuma lei sobre a Instrução Pública – sustentava – atinge os abrigos de caridade”, como era o seu, no qual “os professores só ensinavam gratuitamente”. “Ademais – argumentava – os institutos de

⁶⁴ “Lettere sulle scuole di D. Bosco”, *L'unità cattolica*, n. 172-175, quinta-feira, sexta-feira e domingo, 24, 25 e 27 de julho de 1879, p. 686, 690, 698. Sabemos que Dom Bosco tinha pedido e obtido, em 21 de dezembro de 1862, o reconhecimento legado do seu ginásio: cf. cap. 13 § 2.3.

⁶⁵ *L'unità cattolica*, n. 178, quinta-feira, 31 de julho de 1879, p. 710-711.

⁶⁶ Carta de 2 de agosto de 1879; E III 501-503.

⁶⁷ “La questione delle scuole di Don Bosco”, *L'unità cattolica*, n. 182, terça-feira, 5 de agosto de 1879, p. 726.

beneficência deverão ser considerados como institutos nos quais o superior faz verdadeiramente as vezes de pai, uma vez que deve administrar aos mesmos o alojamento, a vestimenta, o alimento e a instrução. Esse tal não faz as vezes de pai? (Veja-se Opúsculo anexo do professor Gius. Allievo)”. “Este Instituto – assegurava, com suposta verdade histórica – jamais foi considerado como Ginásio Privado” por provedores e ministros “no espaço de mais de trinta e cinco anos”.⁶⁸ O opúsculo anexo, *A Lei Casati e o ensino privado secundário*, era dedicado por Allievo ao ministro: “Ao ministro da Instrução Pública Francesco Perez, propugnador poderoso do livre ensino, ousou dirigir estas páginas invocando sobre elas sua benévola atenção”. Allievo, que tinha assumido como modelo de liberdade a variedade de sistemas escolares vigentes nos Estados Unidos, reevindicava, no espírito da Lei Casati, um espaço de mais ampla autonomia aos “institutos escolares sustentados pela beneficência cristã”, aos “institutos de instrução secundária” que revestiam “o caráter de abrigo de caridade ou de beneficência privada”.⁶⁹ Nessas idéias inspiravam-se as duas novas intervenções do padre Bertello em resposta ao provedor. Na primeira ele sustentava, com radical intransigência, a figura do *instituto paterno*. Na segunda, recuperava em subordinação também a hipótese do *instituto privado*. Das premissas, às vezes frágeis, tirava conclusões drásticas: “1) bem considerada a natureza das coisas, o Instituto de Dom Bosco pode ser colocado na ordem dos institutos paternos; 2) por trinta anos os que cuidaram da instrução no Piemonte consideraram-no tal, aplicando-lhe as leis dos institutos paternos”; 3) “para formar um instituto privado exigem-se, segundo a Lei Casati, certas formalidades, que o senhor Dom Bosco jamais cumpriu com relação ao Oratório de São Francisco de Sales”; 4) por fim, “ainda que fosse instituto privado, as razões aduzidas pelo senhor provedor não provam legalmente, como seria justo, que não tivesse professores titulados”. Em conclusão: se o Instituto era paterno, Dom Bosco fora “vítima de injustas vexações”; se era instituto privado, o Decreto de fechamento devia “considerar-se ilegal e injusto”.⁷⁰

2.3 Da polêmica jornalística às vias legais

Segundo Dom Bosco tinha-se ido muito além. Em carta ao teólogo Margotti, de 9 de agosto, ele pedia que parasse com a batalha “sobre a situação – escrevia – deste Oratório com o senhor provedor”. “O ponto legal” tinha sido discutido mais do que o necessário e já se resvalava para os personalismos. Por isso, pedia ao diretor do jornal “que deixasse de tratar as questões sobre tal matéria, para dar lugar àquela caridade

⁶⁸ Ao ministro Perez, 2 de agosto de 1879; E III 503-504.

⁶⁹ G. ALLIEVO, *La legge Casati*, p. 20-23, 27-28.

⁷⁰ Cf. G. BERTELLO, “Sulla chiusura delle scuole di Don Bosco. Risposta al R. Provveditore degli studi”, *L'unità cattolica*, n. 181 e 184, domingo e quinta-feira, 3 e 7 agosto 1879, p. 722 e 734.

operosa que deve reinar em toda classe de cidadãos”. Não se eximia, contudo, de reafirmar sua tese. “Quis-se afirmar a existência de um ginásio privado anexo a este Abrigo. Ele jamais existiu.” Existiam, ao invés, desde sempre “escolas gratuitas”, que se ministravam “na caridade por uma escolha de crianças do Abrigo”, que ele considerava como seus “filhos adotivos”:⁷¹ portanto, o seu – traduzia no título o jornal de Margotti – era *instituto paterno*.⁷²

Agora Dom Bosco mesmo pedia ao ministro de transmitir ao Conselho de Estado seu recurso contra a “ilegalidade” do decreto de fechamento do ginásio do Oratório.⁷³ Na espera dos resultados, em setembro retornava à carga com o ministro para que o Oratório pudesse continuar sua obra de beneficência em favor dos jovens que desejavam “percorrer o caminho do saber e da virtude”. Como prova da dupla tese, anexava dois documentos, que apresentaria impressos no futuro recurso ao rei Umberto I para chegar ao Conselho de Estado. Reformulava a abusada tese: “Pelo espaço de trinta e seis anos os ministros da Instrução Pública e os provedores reais encorajaram e deram subsídios constantemente a estas escolas, sem jamais pedir professores legais”. Portanto, suplicava ao ministro de querer “considerar o Oratório como casa de beneficência e refúgio de crianças pobres e abandonadas, e permitir” que seu diretor, enquanto procedia “como pai em prover o pão e o que seja necessário para a educação material”, pudesse também “dar por si ou por outros a instrução secundária àqueles jovens, a fim de que encontrassem uma forma honesta de tocar a vida”. Suplicava, por fim, considerar a escola secundária do Oratório como *instituto paterno*, o qual, além disso, dispunha de professores de todo o respeito, como demonstra o “êxito feliz dos alunos nos exames públicos”.⁷⁴ Em outubro Dom Bosco comunicava ao ministro de ter providenciado para as classes “professores legais”, não porque considerasse seu instituto “ginásio privado”, mas para ceder “à insistência e ameaças da autoridade escolar”.⁷⁵ O ministro, que se valia da colaboração do Prof. Allievo, aprovava na ótica do ginásio privado: “O Senhor encontrou professores munidos do diploma regular para as classes de seu Colégio. Isto permitirá que o senhor possa, sem demora, reabrir tais classes. Para tanto, deverá dirigir-se ao Conselho Escolar”.⁷⁶

Mas a autorização dada com esse caráter não podia satisfazer a Dom Bosco. Ele tinha premência de obter, de direito, e uma vez por todas, o reconhecimento das classes secundárias do Oratório, educandário de beneficência, como *instituto paterno*. Tinha

⁷¹ E III 508-509.

⁷² “Una lettera di Don Bosco ed il suo Istituto paterno”, *L'unità cattolica*, n. 187, domingo, 10 de agosto de 1879, p. 746.

⁷³ Carta de agosto de 1879; E III 504.

⁷⁴ Carta de setembro de 1879; E III 516-517.

⁷⁵ Ao ministro Perez, 19 de outubro de 1879; E III 527-528. As mesmas reservas exprimiria ao provedor, em 29 de novembro, apresentando a lista dos professores do ano em curso, entre os quais Bartolomeo Fascie em lugar do professor Pechenino; E III 530.

⁷⁶ Carta a Dom Bosco, 28 de outubro de 1879; *Documenti XXI* 427, 1066 B4.

encorajado, nesse sentido, o professor Allievo, o qual, já antes da resposta de Perez, de Roma, tinha escrito ao padre Durando, em 25 de outubro, dizendo que achava “melhor solução” que Dom Bosco propusesse a questão ao Conselho de Estado, dividindo-a em duas solicitações: 1) a anulação do Decreto Coppino de fechamento, de 16 de maio; 2) o reconhecimento do Instituto como obra de caridade.⁷⁷ Dom Bosco evitava a via burocrática ordinária e, para torná-la mais segura, preferia dirigir-se diretamente ao rei, preparando acuradamente o texto do recurso anexando um relatório, datado de 13 de novembro, com o título *As escolas de beneficência do Oratório São Francisco de Sales em Turim diante do Conselho de Estado, pelo sacerdote Giovanni Bosco*,⁷⁸ que encontrava suporte em outro opúsculo similar, *O Oratório São Francisco de Sales, Internato de beneficência: exposição do sacerdote Giovanni Bosco*.⁷⁹

Retomavam-se as teses de direito e de fato disseminadas nas várias cartas e súplicas: 1) “o Oratório Salesiano é um abrigo de beneficência”; 2) “assim foi sempre considerado pelas autoridades do Reino”; 3) “suas escolas *fazem parte integrante dele*, como as que são destinadas à educação dos jovens aí acolhidos”; 4) “ao Oratório Salesiano nunca foi anexado um ginásio privado”; 5) em conclusão, “o Oratório Salesiano de Turim, seja por sua natureza seja pelas relações passadas com as diversas autoridades do Estado, deve ser considerado como abrigo de beneficência e deixado subsistir desta forma pelo espaço de trinta anos”.⁸⁰ Na segunda parte da exposição procurava contestar a legitimidade do Decreto de fechamento do instituto entendido como *ginásio privado*.⁸¹ Seguiam-se dois pedidos: anular o Decreto de fechamento e “declarar o Oratório São Francisco de Sales em Turim Abrigo de Beneficência, concedendo a seu diretor a faculdade de dar ou fazer dar, sob sua vigilância e responsabilidade, a instrução elementar, técnica e literária, que considerar adequada para as necessidades dos juvenzinhos nela abrangidos, sem a obrigação de professores titulados”.⁸²

Em 24 de novembro o ministro Perez cessava sua função e, com o segundo Ministério Cairoli, era sucedido por Francesco De Sanctis, de novembro de 1879 a 2 de janeiro de 1881. Em 27 de novembro o recurso era transmitido de ofício para o Ministério da Instrução Pública.⁸³ Em 16 de dezembro *L'unità cattolica* publicava um artigo fortemente crítico sobre a interpretação não-liberal imposta pela Lei Casati, a partir do ministro Natoli em 1865 aos ministros da Esquerda, exceto Perez: ele repro-

⁷⁷ *Documenti XXI* 424-425, FdB 1066 B1-2; MB XIV 737-738.

⁷⁸ Turim, Tipografia Salesiana 1879, 32 p.; OE XXX 449-480.

⁷⁹ Turim, Tipografia Salesiana 1879, 44 p.; OE XXX 257-300. Este precede o outro, *As escolas de beneficência*, que o cita (p. 9; OE XXX 457).

⁸⁰ G. Bosco, *Le scuole di beneficenza*, p. 14, 17-18, 19; OE XXX 462, 465-466, 467.

⁸¹ G. Bosco, *Le scuole di beneficenza*, p. 20-24; OE XXX 468-472.

⁸² G. Bosco, *Le scuole di beneficenza*, p. 25; OE XXX 473.

⁸³ Cf. carta da Secretaria Particular de Sua Majestade, 11 de dezembro, *Documenti XXI* 475, FdB 1067 A2.

duzia, em substância, o conteúdo do “Apêndice” introduzido pelo professor Allievo na segunda edição do opúsculo *A Lei Casati e o ensino privado secundário*.⁸⁴

Em 24 de dezembro o recurso era enviado do Ministério da Instrução Pública ao Conselho de Estado com um parecer negativo: “Foi fechado o ginásio porque estava em contravenção com a lei escolar que impõe a obrigação do título para o ensino das escolas privadas”; “não é exato afirmar que o ginásio é uma obra pia, mas se afirma antes que é mantido por uma associação de beneficência, o que não lhe retira o caráter de privado”. Acompanhavam-no vários documentos: “duas atas do Conselho Escolar e duas relações do provedor dos Estudos de Turim, além do parecer do Conselho Superior da Pública Instrução”.⁸⁵ O Conselho o examinava em 26 de fevereiro de 1880, ordenando que fossem pedidos novos esclarecimentos em Turim. Após obter informações reservadas sobre os conteúdos do pedido, para prevenir uma relação desfavorável por parte do provedor aos estudos, Dom Bosco endereçava a Cairoli, presidente do Conselho e ministro do Interior, o pedido para fazer chegar ao Conselho as respostas que lhe expunha em um *Memorial*. Neste queria retificar duas informações erradas que, pelo que lhe parecia, pesavam sobre as escolas do Oratório: 1) que o Oratório fosse “um verdadeiro ginásio” pago; 2) que “os jovens acolhidos no Instituto fossem destinados ao estado eclesiástico ou religioso”. Antes que se chegasse “a uma deliberação”, devia ficar manifesto que tais informações não respondiam à realidade e, a este respeito, se declarava “pronto a apresentar os documentos e as provas”.⁸⁶

Somente em 7 de abril de 1880 o provedor Rho transmitia ao Ministério uma relação, na qual insistia sobretudo na finalidade vocacional do Instituto de Dom Bosco.⁸⁷ Em 28 de abril reunia-se novamente a Comissão do Conselho de Estado encarregada do exame do recurso. Ela decidia por uma suspensão de juízo, pedindo a Dom Bosco, por meio do prefeito de Turim, informações sobre cinco pontos: a índole do Oratório; o número dos aprendizes e dos estudantes; a gratuidade ou o grau de semigratuidade dos estudos ginasiais; o número de jovens que se apresentavam anualmente aos exames de licença ginásial e quantos tinham sido aprovados em particular no ano precedente; e o número dos que, nos últimos cinco anos, tinham completado a quinta ginásial e depois passado ao curso de filosofia para dedicar-se ao ministério eclesiástico e inscrever-se no “Sodalício salesiano”.⁸⁸ Ao pedido, de 18 de junho de 1880, do prefeito Bartolomeo Casalis, Dom Bosco respondia prontamente e com muito cuidado em 7 de julho de 1880, não sem astutas afirmações e apropriadas reticências: o fim do Oratório era filan-

⁸⁴ “La tirannia dell’insegnamento in Italia ed opportuni ricordi del professore Allievo”, *L’unità cattolica*, n. 292, terça-feira, 16 de dezembro de 1879, p. 1165-1166. O Apêndice ocupava as últimas 13 páginas do escrito e era publicado pela tipografia salesiana, como fascículo à parte.

⁸⁵ *Documenti XXI* 487-488, FdB 1067 B2-3.

⁸⁶ Carta sem data, mas posterior a 26 de fevereiro de 1880; E III 548-550.

⁸⁷ *Documenti XXII* 105-107, FdB 1070 A1-3.

⁸⁸ *Documenti XXII* 161-162, FdB 1070 E8-9.

trópico, como estava estabelecido nas normas de aceitação; as escolas tinham o objetivo de “realizar um importante ramo de educação e satisfazer as necessidades e as múltiplas vocações dos jovens nele acolhidos”, aprendizes ou estudantes ginásiais; entre estes, uns poucos tornavam-se clérigos; quanto à pensão mensal, muitos eram isentos e outros pagavam modestas somas, conforme as possibilidades dos pais; os membros da “Associação de São Francisco de Sales” eram “livres cidadãos”, dependentes em tudo “das leis do Estado”; contudo, teria sido um erro crer que as escolas se mantivessem abertas “especialmente para benefício da Pia Associação Salesiana”.⁸⁹

Tudo ficava sem resposta por longos meses, tanto que Dom Bosco, nos primeiros dias de abril de 1881, escrevia ao prefeito de Turim: “Pela segunda vez pedem-me da Secretaria do Conselho de Estado razões dos não enviados esclarecimentos do fechamento de nossas escolas. No verão do último ano passado fiz de tudo para transmitir à S. V. Honorabilíssima, como me fora pedido”. Declarava-se pronto a repeti-las, se fosse necessário.⁹⁰ Dirigia-se também ao ministro do Interior, Agostino Depretis, manifestando o temor de que suas respostas tivessem sido perdidas na Prefeitura de Turim ou no Ministério da Instrução Pública. Anexava à carta, “por todo bom acaso”, “uma cópia dos sobreditos esclarecimentos” e pedia ao ministro “que se dignasse promover esta negociação”, de forma que se pudesse encontrar “uma posição normal em face das autoridades públicas, para o bem dos pobres juvenzinhos” que a Providência lhe confiara.⁹¹ No entanto, o novo provedor, Denicotti, a pedido do prefeito, lhe comunicava observações desfavoráveis a Dom Bosco. Casalis declarava concordar com elas. A Relação enviada ao Conselho de Estado as resumia em três pontos: 1) Dom Bosco continuou a enviar ao provedor listas de professores com títulos legais e de docentes efetivos sem títulos; 2) antes do Decreto jamais tinha invocado para suas escolas os art. 251 e 252 da lei; 3) para estas, nem instituto paterno nem seminário, mas ginásio privado, ele estava sujeito às respectivas exigências da lei, cuja inobservância tornava legítimo o decreto de fechamento.⁹² Finalmente, em 7 de junho, por meio do ministro do Interior, as cartas chegavam ao Conselho de Estado. Dom Bosco enviava ao presidente da Sessão, que no Conselho de Estado tratava os problemas relativos à Instrução Pública, uma carta de esclarecimento com a resposta aos cinco quesitos de 7 de julho do ano precedente em anexo. Reduzia-a a três pontos: 1) o Instituto educativo estabelecido no Oratório de Turim “deve ser considerado seja como verdadeiro Instituto paterno seja como Instituto de beneficência”; 2) dado e não concedido que como instituto privado fosse sujeito à lei vigente, porque os professores habilitados, somente em caso de necessidade, serviram-se de suplentes; 3) “todo o passado depõe em favor do recorrente, ao qual as autoridades escolares jamais pediram listas de professores *habilitados*”.⁹³

⁸⁹ E III 596-601.

⁹⁰ Carta de 5 de abril de 1881; E I 37-38.

⁹¹ Carta sem data, mas próxima da precedente; E IV 38-39.

⁹² *Documenti* XXIII 157-158, FdB 1075 D11-12.

⁹³ Carta de 2 de julho de 1881; E IV 66.

A Comissão se reunia em 29 de novembro. Um telegrama do mesmo dia de Benedetto Viale, o qual, como “arqui-amigo” de Dom Bosco, em caráter absolutamente confidencial, tinha-o constantemente informado sobre o curso da negociação, informava ao padre Rua: “Hoje, como enorme desprazer, comunico causa perdida”.⁹⁴ Dom Bosco podia ter em mãos a sentença da Comissão: o recurso fora recusado, mas o Decreto de fechamento de 16 de maio de 1879 não impedia que o gestor pudesse reabrir as suas escolas, desde que se conformasse “exata e sinceramente à lei”.⁹⁵ Em 22 de dezembro de 1881 o rei, “em conformidade com o parecer do Conselho de Estado e sob proposta do Ministro da Instrução Pública”, assinava o decreto que aprovava a ação do Conselho Escolar da Província de Turim no fechamento das escolas do Oratório: “O recurso não foi acolhido”.⁹⁶

No fundo, se a convalidação do Decreto de fechamento tinha tornado nula a batalha para fazer declarar *instituto paterno* o ginásio do Oratório e vã a discussão sobre os princípios da liberdade de ensino, entendida no sentido largamente liberal, não tinha, porém, produzido danos no plano prático. Entre cartas e súplicas, instâncias e defesas, réplicas e recursos, Dom Bosco tinha ganhado bem quatro anos escolares (1878-1882) e hipotecado os futuros. A batalha ao redor das alternativas por ele colocadas, ou seja, reconhecer o Oratório como *instituto paterno* ou então conceder um triênio no qual os professores pudessem obter o diploma de habilitação para um *ginásio privado*, conduzia de fato à vitória da segunda alternativa, mais crível, estável e fecunda. Corresponhia a exigências prementes dos processos de laicização e secularização da sociedade e da escola, permitia aos salesianos agir concretamente como cidadãos livres, favorecia a formação de um professorado mais culto e criticamente confrontado com idéias que fossem além do ambiente fechado de Valdocco e do mesmo *L'unità Cattolica*. Também as escolas do Oratório ganhavam em validade e respeitabilidade legal e cultural.

3. Na França, tempestade à vista com bonança final

Na França, em fins de junho de 1880, dava-se execução aos dois decretos de 29 de março: o primeiro dizia respeito à expulsão dos jesuítas e ao fechamento de seus institutos; o segundo, a obrigação da exigência de autorização por parte das congregações religiosas – a quase totalidade – que estivessem privadas dela.⁹⁷

Dom Bosco manifestava logo um sincero interesse pelo primeiro. Em carta ao padre Ronchail, de 9 de abril de 1880, comunicava-lhe ter escrito ao preposto geral

⁹⁴ *Documenti* XXIII 234, FdB 1076 E11.

⁹⁵ *Documenti* XXIII 237, FdB 1077 A2.

⁹⁶ *Documenti* XXIII 250-251, EdB 1077 B3-4.

⁹⁷ Cf. cap. 2, § 9.

da Companhia de Jesus, oferecendo-lhe, “no distúrbio comum”, as próprias casas para tudo aquilo que lhe pudessem servir.⁹⁸ Padre Pierre-Jean Beckx (1795-1887) tinha lhe respondido muito agradecido, em 5 de abril, de Fiesole, admirado da caridade verdadeiramente “salesiana” de Dom Bosco e dos seus, afirmando: “Não sei se aparecerá a ocasião para valer-nos de suas tão grandes ofertas: mas lhe prometo que não esqueceremos jamais sua generosidade”.⁹⁹

Ao mesmo tempo, sobre o segundo decreto, dava orientações muito precisas, inspiradas na mesma habilidade com que procurava conduzir as pendências do ginásio de Oratório. Condensava-as em seis pontos, a ser entregues às autoridades, em uma carta ao padre Ronchail, diretor em Nice, encarregando-o ao mesmo tempo de comunicá-las aos diretores de Navarre e de Marselha, respectivamente padre Perrot e padre Bologna: 1) os salesianos não eram uma “corporação religiosa, mas uma sociedade cujos indivíduos exercitavam todos os direitos civis”, e que, “chamados” na França pelos bispos, ocupavam-se gratuitamente dos “jovens mais pobres e abandonados” recomendando que, se pedissem o texto das Constituições, dessem o texto latino ; 2) podia-se dizer que em Nice se encontrava a casa principal; nas outras duas os salesianos eram somente “locatários e servidores da Sociedade *Beaujour*”; 3) não era o caso de refugiar-se no principado de Mônaco: em caso de impossibilidade de agir na França – escrevia – “a Espanha, o Uruguai, a República Argentina e a Patagônia nos esperam”; 4) quanto ao pedido de autorização, protelar; 5) mantê-lo informado sobre o desenvolvimento da situação; 6) quanto às outras casas da França, recomendava: “Mantenha-se firme que nós somos para a agricultura e para as artes e ofícios. Se a algum de nossos alunos se ensina artes e também latim, é para formar *vigilantes*, mestres de escola, chefes de arte e especialmente tipógrafos, calcógrafos e fundidores de tipos”.¹⁰⁰ A justificação dos estudos literários enquanto puramente funcionais às artes ele repetia também na citada relação ao prefeito de Turim, de 7 de julho de 1880, em resposta aos quesitos colocados pelo Conselho de Estado: “Destes [jovens] alguns, inclinados por natureza ao exercício de certas artes e ofícios mais nobres e elevados (tipografia, calcografia, fotografia, estereotipia etc.) não estariam em condição de aprender bem e exercitar com fruto se não tivessem um pouco de instrução de Latim, Grego, Francês, Geografia e Aritmética, etc.”.¹⁰¹ Ao cônego Guiol dava indicações particulares para a obra de Marselha. Caso o governo “pedir, ou melhor, na formação do catálogo dos Institutos religiosos da França,” forem dirigidas perguntas também à Sociedade *Beaujour*, seria conveniente que se fizesse aparecer como chefe da casa o padre francês Taulaigo e como administrador um padre diocesano, certo Brogly. Quanto às escolas, deviam aparecer somente as da *Maîtrise* paroquial, tendo como chefe o mesmo cônego, em posse de títulos

⁹⁸ E III 562.

⁹⁹ *Documenti* XXII 104, FdB 1069 E12; MB XIV 595.

¹⁰⁰ Ao padre Ronchail, 23 de março de 1880; E III 554-555.

¹⁰¹ E III 598.

legais. “Isto é, em prevenção – concluía –, porque *Iacula praevisa minus ferient*”.¹⁰² Ajuntava um trecho de declaração para se enviar, em caso de necessidade, ao Inspetor da Universidade. Como no caso do curso do ginásio do Oratório de Valdocco, insistia sobre o caráter puramente filantrópico do Instituto. Este tinha o escopo de “recolher jovens abandonados” e habilitá-los a uma profissão. Alguns internos e externos compunham a *Maîtrise*, prestando algum serviço à paróquia: a eles se dava “o ensino primário e a alguns também o curso clássico”.¹⁰³ Quanto à entrega do texto das Regras, escrevendo de Roma ao cônego Guiol no dia da audiência do santo padre, dava uma contra-ordem para o padre Ronchail, porque o papa não queria que fosse dado a eventuais pedintes.¹⁰⁴ A situação suspensa não impedia, contudo, de incluir em um *Memorial sobre as Missões Salesianas*, apresentado ao papa em 13 de abril, o projeto de um colégio ou seminário menor, a ser aberto preferivelmente em Marselha, que tivesse como finalidade “preparar operadores evangélicos para a Patagônia”.¹⁰⁵ Ilustrava mais amplamente o projeto ao cônego Guiol em uma carta de 9 de maio, pensando também na aquisição de uma superfície de cerca 2 mil metros quadrados de terreno contíguo ao Oratório São Leão.¹⁰⁶ Quanto ao pedido ao governo da autorização para a Sociedade Salesiana, tinha dado instruções ao padre Ronchail de seguir as outras congregações religiosas, na verdade um tanto quanto renitentes, consultando-se também com o bispo.¹⁰⁷ É admirável a lucidez das indicações, seja de Roma, de Florença ou de Turim, de um homem assediado, além do projeto francês, de outros igualmente pesados: a questão escolar, os problemas com o arcebispo, a Igreja do Sagrado Coração, as missões da América com o projeto do vicariato apostólico, sem contar a exigência cotidiana do sustento de tantas obras e do cuidado dos benfeitores.

Da situação na França ele interessava indiretamente também o presidente do Conselho e ministro do Exterior Benedetto Cairoli, com carta que lhe seria entregue mediante o padre Dalmazzo, que devia entregar outra ao onipotente secretário geral Giacomo Malvano.¹⁰⁸ Informava-o de ter denunciado, já há alguns anos antes, ao ministro do Exterior o estado de abandono no qual se encontravam “muitas crianças de famílias italianas que moravam no sul da França”, e ainda mais enviadas de volta à Itália se consideradas “culpáveis em face das autoridades civis”. Por isso, ele tinha aberto em Nice e Marselha dois abrigos para aprendizes e uma “colônia agrícola perto de Fréjus e outra em Toulon”. Em abril de 1879, “apoiado pelo cônsul italiano em Marselha”,

¹⁰² Ao cón. Guiol, 26 de março de 1880; E III 557-558.

¹⁰³ E III 556-557.

¹⁰⁴ Ao cônsul Guiol, 5 de abril de 1880; E III 560-561. A mesma coisa comunicava ao padre Ronchail em 9 de abril; E III 562.

¹⁰⁵ E III 574.

¹⁰⁶ E III 586-587.

¹⁰⁷ Ao padre Ronchail, 26 de abril de 1880; E III 584.

¹⁰⁸ Ao padre Dalmazzo, 18 de outubro de 1880; E III 630.

tinha renovado o pedido de um auxílio para tantas despesas afrontadas para a ampliação dos diversos institutos. Agora renovava o pedido.¹⁰⁹ Era concedido um subsídio de mil liras por ano, englobado em uma soma complexiva, que chegava ao cônsul em favor dos italianos.¹¹⁰ Podia ser também um meio para atrair a atenção sobre as obras na difícil conjuntura. O cônsul, nomeado na carta, era seu companheiro de estudos em Chieri, Annibale Strambio, que o aconselhava a redigir um relatório em resposta às acusações caluniosas contra os religiosos italianos e o *Oratoire Saint-Léon*. Dom Bosco se congratulava com o redator, o padre Louis Mendre, que tinha lhe enviado o texto. Propunha diversos acréscimos e sugeria: “Pode-se também pedir ao senhor cônsul para dar publicidade, se ele julgar conveniente”.¹¹¹ De fato, a vigorosa apologia era apresentada ao prefeito da cidade por meio do Strambio.¹¹²

A tempestade política, agravada pela firme recusa das congregações em pedir a autorização, letal para grande parte delas, foi superada sem danos pela obra salesiana, em parte, quiçá, pelo reconhecimento do *status* jurídico peculiar dos institutos de Dom Bosco, mas sobretudo porque as autoridades governativas não acreditaram em urgir com todos e em todos os lugares a execução da lei.¹¹³ “Ao contrário da obra de Marselha, a casa de Nice, embora sendo gerida por uma ‘congregação não autorizada’, não foi seriamente molestada”.¹¹⁴ Em 26 de dezembro de 1880 o cônsul anunciava a Dom Bosco: “Creio que todo o perigo tenha sido esconjurado para o teu Oratório São Leão”.¹¹⁵ O generoso amigo morria em 19 de janeiro de 1881, com 62 anos, vítima de hemorragia cerebral.¹¹⁶

4. Retorna o “nada obsta” para opúsculos marianos

Em 1880 acontecia a revivificação da controvérsia sobre opúsculos marianos com a narração de “*graças prodigiosas e milagres*”, como escreveria dom Gastaldi, realizadas pela intercessão de Maria Auxiliadora. Em 1877 parecia absorvida.¹¹⁷ Em maio de 1880 padre Lemoyne publicava nas *Leituras Católicas* um opúsculo com o título *A cidade de refúgio, isto é, Maria Auxiliadora*.¹¹⁸ O arcebispo de Turim denun-

¹⁰⁹ Carta de 18 de outubro de 1880; E III 631.

¹¹⁰ Cf. carta do padre Dalmazzo a Dom Bosco, 7 de novembro de 1880; E III 631, n. 1.

¹¹¹ Carta de 25 de novembro de 1880; E III 636. Cf. MB XIV 610.

¹¹² Carta de 25 de novembro de 1880; E III 636.

¹¹³ Cf. A. DANSETTE, *Histoire religieuse de la France contemporaine. Sous la Troisième République*, p. 81-83.

¹¹⁴ F. DESRAMAUT, *Don Bosco à Nice*, p. 62.

¹¹⁵ *Documenti* XXII 307, FdB 1073 B8.

¹¹⁶ Cf. *L'unità cattolica*, n. 20, terça-feira, 25 de janeiro de 1881, p. 78.

¹¹⁷ Cf. cap. 25, § 5.

¹¹⁸ Sanpierrez, Tipografia e Libreria Salesiana, 1880, 134 p.; L.C. a. XXVIII, n. 5, maio.

ciava ao papa a difusão deste e dos opúsculos que já tinham saído em 1877, pedindo que fosse feita “proibição severa aos salesianos de publicar” no futuro “a narração de qualquer milagre operado na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, em Turim, sem prévia licença da autoridade eclesiástica” e que se obrigasse a “retirada e a supressão dos que tivessem sido publicados”.¹¹⁹ Por convite do cardeal Domenico Bartolini (1813-1887), prefeito da Congregação dos Ritos, a quem a carta fora transmitida, dom Gastaldi enviava à Congregação cópia dos livros incriminados, com o acompanhamento de uma carta ainda mais severa que a precedente.¹²⁰ O cardeal enviava o pacote ao promotor da fé, dom Lorenzo Salvati, com a anotação: “1º de julho de 1880. O egrégio bispo, promotor da Fé, observe os livretos aqui incluídos e verá que o arcebispo de Turim não está errado. Dom Cardeal Bartolini Pref.”¹²¹. Ao invés, com carta de 16 de julho enviava a Dom Bosco como “Instrução” o brando parecer do promotor, recomendando que, no futuro, os livretos sobre “graças” obtidas fossem apresentados à revisão eclesiástica.¹²² Dom Bosco pedia ao padre Rostagno para escrever um longo relatório com “esclarecimentos”¹²³ sobre “a desagradável controvérsia”, que considerava “sem nenhum fundamento”; declarava-se, contudo, “obediente e submisso à ordem, conselho e aviso” que viesse de Roma.¹²⁴ O cardeal escrevia sobre o envelope a seguinte anotação: “23 de agosto de 1880. O bispo assessor observe bem se o senhor padre Bosco, com tantos atos de humildade, tenha querido, como me parece, dar a lição à Sagrada Congregação dos Ritos com o voto de seu consultor e se então convém responder-lhe pelas rimas do Ministério Fiscal. Dom Cardeal Bartolini Pref.”¹²⁵. A uma carta de Dom Bosco, não encontrada, Dom Salvati respondia com grande estima, em 26 de agosto, exortando com sabedoria e tato um entendimento com o arcebispo: “Ele pede que os conhecidos opúsculos não sejam impressos sem o seu *nihil obstat*; e isso é justo. A união amável com ele é, sob todo aspecto, necessária para a subsistência e fecundidade das preciosas instituições salesianas. Por isso se procure, a qualquer preço, e será certamente uma das mais belas graças com as quais a excelsa Virgem Auxiliadora não deixará de ser generosa com o senhor”.¹²⁶ A negociação foi arquivada. Foi, porém, exumada no curso do processo apostólico pela beatificação e canonização de Dom Bosco.

¹¹⁹ Carta citada em MB XIV 523-524.

¹²⁰ Carta de 20 de junho de 1880; MB XIV 795-797.

¹²¹ Citado por MB XI 453.

¹²² *Documenti* XXII 186-187, 187-190, FdB 1071 B9-10, B10-C1.

¹²³ *Documenti* XXII 205-208, FdB 1071 D4-7.

¹²⁴ Carta de 17 de agosto de 1880; E III 613-614.

¹²⁵ Citado em MB XI 454.

¹²⁶ *Documenti* XXII 208-209, FdB 1071 D-8.

5. Explode um estranho conflito (dezembro de 1878 a dezembro de 1880)

Contudo, já nos primeiros anos da década de 80 sentia-se um odor de processo de outra espécie. O verão de 1880, com efeito, encontrava Dom Bosco, já há alguns meses, enredado em uma trama intrincada de dificuldades muito mais graves. Um primeiro aviso dava-se em maio de 1878. No início do mês, com efeito, tinha saído em Turim um libelo anônimo antigastaldiano: a *Estréia para o clero ou seja revista sobre o calendário litúrgico da arquidiocese de Turim para o ano de 1878, escrita por um capelão*.¹²⁷ Era o primeiro de uma série de opúsculos, que, de modo imprevisível, tornaram dramáticas, no longo período, as relações entre Dom Bosco e dom Gastaldi. Dezesesseis anos depois se declarou autor padre Giovanni Turchi, o qual, como já se falou, revelava ao mesmo tempo o nome do “cooperador salesiano” autor da *Carta ao Arcebispo de Turim e sobre a Congregação de São Francisco de Sales*, padre Giovanni Battista Anfossi.¹²⁸ O anônimo distribuidor da desagradável “estréia” – um padre intransigente, ex-aluno do Oratório por um decênio – propunha-se, de imediato, ridicularizar o calendário litúrgico, mas, substancialmente, pretendia desacreditar toda a pastoral gastaldiana. No *Apêndice*, com vinte e dois “*Diz-se*” – dois se referem a relações punitivas direcionadas a Dom Bosco – delineavam-se traços devastadores da figura do arcebispo, cada um seguido por desmentido aparente. Tratava-se de libelo violentamente difamatório e de incitamento do clero diocesano à rebelião. Não só o arcebispo, mas também qualquer um entre os que se solidarizavam com ele, estavam persuadidos de que o libelo fosse de matriz salesiana.¹²⁹ De resto, já se suspeitava de Dom Bosco como responsável da *Carta* do “cooperador salesiano”.

As relações com o arcebispo se deterioraram de modo insanável entre o final de 1878 e os inícios de 1879, por causa de um incidente protagonizado pelo padre Bonetti. Certamente Dom Bosco teria se preocupado em neutralizá-lo desde o início com alguma providência rápida, caso tivesse podido prever as complicações e considerado os precedentes pouco simpáticos nas relações do padre Bonetti com o arcebispo. O combativo redator do *Boletim Salesiano* tinha endereçado uma carta a Dom Bosco, em 1º de outubro de 1878 – assinada, porém, *os Redatores*, e na minuta são visíveis os acréscimos e modificações introduzidos por Dom Bosco –, que continha irônicas “*observações sobre as queixas feitas por dom Gastaldi contra o Boletim*”.¹³⁰ Dom Bosco tinha-a transmitida ao superior eclesiástico, justificando-se: “Enviei o teor da carta ao redator do *Boletim* tal como me tinha escrito e, tendo recebido resposta confidencialmente, assim a transmito, não que eu a aprove, mas unicamente para recíproco

¹²⁷ Turim, Tipografia G. Bruno e C., 1878, 87 p.

¹²⁸ Carta ao prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, 25 de outubro de 1895. O texto está citado em MB XIX 403-412.

¹²⁹ G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, vol. II, p. 278.

¹³⁰ *Documenti* XIX 208-210.

conhecimento”.¹³¹ Na realidade a carta acabava por aumentar a impressão negativa produzida no arcebispo pela incauta recusa de retificação sobre a relação entre Igreja São João Evangelista e a memória de Pio IX.¹³² Contudo, o incontrollado incidente relativo ao impulsivo colaborador e as complicações criadas por ulteriores libelos, dos quais, um ao menos, explicitamente referido ao caso Bonetti em Chieri, terminariam envolvendo também o fundador.

O fato anterior e remoto era constituído por uma carta oficial, de 24 de setembro de 1878, com a qual Dom Bosco tinha confiado ao padre Bonetti “a Direção e administração espiritual” do Oratório público festivo feminino de Chieri.¹³³ A coincidência das funções religiosas festivas do freqüentadíssimo oratório com as paroquiais tinha logo criado dissensos com o pároco do duomo, cônego Andrea Oddenino (1829-1890), sacerdote austero, cômico das próprias responsabilidades pastorais em relação à grei que lhe fora confiada. Uma série de propostas e de resistências tinham sido feitas, não sem alguma saída exuberante, típica do padre Bonetti. Em 28 de dezembro de 1878 o pároco sentia-se constringido a protestar contra um artigo sobre *O Oratório de Santa Teresa em Chieri*, publicado no *Boletim*, considerado na ocasião pelo redator um ringue de batalhas jornalísticas pessoais: “Para terminar o quadro deveremos ainda falar de algumas oposições contra o dito Oratório suscitadas ultimamente por alguém; mas, se for preciso, voltaremos ao assunto mais uma vez”.¹³⁴ Mais ainda, tinha escrito uma carta ao pároco para exortá-lo a desistir de sua hostilidade, usando um tom bastante vivaz e frases particularmente ácidas. O pároco tinha-a transmitido ao arcebispo, avisando também, em 21 de janeiro de 1879, padre Bonetti.

Era o prólogo de um novo drama, que se resolveria somente três anos depois, por meio de intervenção pontifícia direta. Padre Bonetti era convocado ao arquiépiscopado e convidado a pedir desculpa ao pároco. O pedido de perdão demorava, e o padre Oddenino informava o arcebispo disso, o qual, em 12 de fevereiro, não hesitava em prescrever ao padre Bonetti a suspensão provisória da faculdade de administrar o sacramento da penitência. No dia seguinte, padre Bonetti escrevia ao pároco pedindo vênica e informava disto ao arcebispo. A este exprimia a esperança de que a suspensão fosse imediatamente revogada, insinuando justamente que, em caso contrário, em vista da própria defesa e da salvaguarda da honra da Congregação, não estaria alheia do presente o recurso a Roma. Por resposta o arcebispo confirmava a suspensão e a tornava absoluta e incondicionada ao beneplácito do ordinário.¹³⁵

Em 26 de fevereiro padre Bonetti encontrava Dom Bosco em Lucca. Este voltava da viagem pela França e seguia para Roma, onde, em 6 de março, apresentava o recurso

¹³¹ A dom Gastaldi, 6 de agosto de 1878; E III 374.

¹³² Cf. cap. 27, § 1.1.

¹³³ Texto em MB XIII 702-703.

¹³⁴ BS 3(1879) n. 1, janeiro, p. 9.

¹³⁵ Cf. *Documenti* XLV FdB 1194 C1-D1.

à Congregação do Concílio. Tal gesto reservaria a ambos tribulações e espinhos, totalmente anulados somente com a morte do arcebispo em 1883. Dom Bosco tinha se colocado oficialmente no caso em primeira pessoa, já em fevereiro por meio de carta ao cardeal Ferrieri. Padre Bonetti – iniciava – era o terceiro sacerdote salesiano que o arcebispo suspendia “de ouvir as confissões dos fiéis sem observar as formas canônicas”: o primeiro fora o próprio Dom Bosco, o segundo, padre Lazzerio por equívoco das missas, e o terceiro, padre Giovanni Bonnetti. Ele assegurava que as cartas ao pároco e ao arcebispo fossem consideradas “falta do devido respeito”, “o que – advertia – devia ser imediatamente examinado”, “seria imediatamente acomodado e se avisaria o superior da Congregação”. O que pedia ao cardeal não era coisa de pouca monta: convidar o arcebispo de Turim “a usar as regras prescritas pela Santa Sé para semelhantes procedimentos e, antes de infligir tão graves penas eclesiásticas, que se digne examinar se os fatos o merecem e, o quanto possível, que se evitem os escândalos públicos”, pelo qual “aquele que prega com todo zelo na cidade de Chieri teve que abandonar o confessional rodeado por uma multidão de penitentes e afastar-se desta arquidiocese para não ser sinal para a curiosidade pública”.¹³⁶

Em maio, estando o arcebispo com a saúde abalada, parecia que os dissensos, mais a proibição ao padre Bonetti de voltar a Chieri e o novo recurso a Roma, reconduziam a questão ao ponto de partida. Dom Bosco era levado a dirigir-se ao cardeal Nina, prefeito da Congregação do Concílio, sublinhando a necessidade da comunicação à Sociedade Salesiana dos privilégios que gozavam “os passionistas, os redentoristas e os mesmos Oblatos de Maria Virgem”. Mas a Congregação dos Bispos e Religiosos dava ao papa parecer negativo. Nem valeu um sucessivo pedido de mediação ao cardeal Gaetano Alimonda. A negociação devia, contudo, passar pela Congregação competente.¹³⁷

Em 1879 Dom Bosco apresentava à Santa Sé um impresso de dezoito páginas com o título *Exposição à Santa Sé do estado moral e material da Pia Sociedade de São Francisco de Sales em março de 1879*.¹³⁸ Era a primeira relação trienal oficial após a aprovação das Constituições. À parte *Breves notícias sobre a Congregação* de 1841 a 1879 seguia-se o elenco das obras, classificadas conforme as quatro inspetorias: piemontesa (24, mais o colégio-internato de Este), ligure (14, mais as 4 na França), romana (5), americana de Argentina e Uruguai (14, com cem salesianos). Enumerava também os institutos considerados de próxima fundação: em Milão, Cremona, Lugo, Brindisi, Catania, Randazzo, Challonges, Paris-Auteuil, Santo Domingo, bem como no Brasil e no Paraguai etc. Incluía, também, no elenco, 21 casas ou obras geridas pelo Instituto das FMA, das quais três na América, acrescentando algumas *Observações*. A esse elenco colocava no início uma afirmação ambígua: “As Casas nas quais habitam as irmãs são todas da Congregação, mas tendo à frente algum salesiano”. Concluía

¹³⁶ Carta s.d. (fim de fevereiro?) de 1879; E III 445-446.

¹³⁷ Cf. MB XIV 236-244.

¹³⁸ Sanpierrez, Tipografia Salesiana, 1879, 18 p.; OE XXXI 237-254.

a exposição com informações sobre o *Estado moral da Congregação Salesiana*. Um texto, indício da tenaz autodefesa institucional de Dom Bosco, nesse contexto cronológico bem preciso, se referia, sem nomeá-lo, ao arcebispo de Turim: “Com os párocos e com os ordinários diocesanos estamos em ótima relação; e podemos dizer que são para nós pais e benfeitores. Apenas com um ordinário encontram-se dificuldades, das quais não se pode saber jamais as verdadeiras razões. Com a paciência, com o auxílio do Senhor e trabalhando submissos em sua diocese se espera conquistar a benevolência que gozamos em todas as outras dioceses”.¹³⁹ Sobre a *Exposição*, com data de 5 de abril, a Congregação dos Bispos e Regulares transmitia observações críticas referentes a vários objetos: 1) nada se diz do estado econômico da Congregação e sobre o noviciado; 2) fala-se de inspetorados ou províncias, mas não se fala da sua ereção canônica; 3) diz-se que “ao sagrado ministério dos salesianos são confiados alguns abrigos de mulheres” – oficina de S. José, Família de S. Pedro, Instituto do Bom Pastor –, mas não se diz se tal encargo tenha sido dado pela autoridade episcopal e “em que consiste o dito sagrado ministério”; 4) não se diz se colégios e escolas são abertos com as devidas autorizações canônicas; 5) não se define com precisão a relação entre Congregação Salesiana e Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora; 6) não se tem presente que a Santa Sé não admite serviços de irmãs em seminários e internatos masculinos; 7) é contrária à praxe e à privacidade a impressão da Relação. Dom Bosco respondia ponto por ponto, defendendo-se mais que aceitando.¹⁴⁰ Era óbvio que a Congregação dos Bispos e Religiosos se declarasse insatisfeita e replicasse, convencida de que a Sociedade Salesiana, sobre os temas indicados, não estivesse em regra com as normas canônicas. Dom Bosco respondia com carta de 12 de janeiro de 1880. Mostrava-se mais disponível a receber o que fora observado e a dar esclarecimentos sobre quatro pontos: a propriedade dos bens da Congregação, o noviciado de Marselha, do qual estava em curso a negociação, a divisão em inspetorias, o Instituto das FMA.¹⁴¹

Mas já em março de 1879, quando padre Bonetti tinha se dirigido ao papa para reaver a faculdade de confessar, para tornar mais sombrio o horizonte, surgiam em Turim outros dois libelos antigastaldianos: *A questão rosminiana e o arcebispo de Turim: Estréia para o clero compilada por um capelão. Ano II*¹⁴² e, no auge da polêmica anti-rosminiana, *Pequeno ensaio sobre as doutrinas de dom Gastaldi, arcebispo de Turim, precedido por uma introdução e seguido por alguns apêndices*.¹⁴³ O libelo dedicado à *questão rosminiana* visava sobretudo o rosminianismo de Gastaldi. Com o advento de Leão XIII, tomista e restaurador da neo-escolástica – com as encíclicas *Inscrutabili*, de 21 de abril de 1878, e principalmente *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879 –,

¹³⁹ G. Bosco, *Esposizione alla S. Sede sullo stato morale e materiale*, p. 17-18; OE XXXI 253.

¹⁴⁰ Cf. carta de 3 de agosto de 1879; E III 505-508.

¹⁴¹ Cf. E III 540-544.

¹⁴² Tipografia G. Bruno e C., 1879, 144p.

¹⁴³ Turim, Tipografia Alessandro Fina, 1879, 155 p.

também dom Gastaldi encontrava-se, em parte, deslocado e indefeso em Roma, como Dom Bosco com a morte de Pio IX. No opúsculo do “capelão” não faltava, todavia, um referência à oposição do arcebispo a Dom Bosco.¹⁴⁴ Na *Introdução ao Pequeno Ensaio* “o capelão” expunha uma longa série de acusações contra dom Gastaldi: fechamento do Convitto Ecclesiastico após a expulsão do teólogo Bertagna, desarticulação do seminário, perseguição de um sacerdote e de uma congregação que faziam somente o bem (Dom Bosco!), o estar circundado de péssimos colaboradores. Ainda pior, Gastaldi era um liberal, rosminiano, rigorista, “indigno do lugar que ocupava”, contra quem era necessário insurgir. Dos quatro apêndices, um era dedicado a *Um pouco de história, ou seja, o Oratório de Santa Teresa em Chieri*.¹⁴⁵ Ele antecipava, de poucas semanas, o aparecimento, em fins de maio, de outro libelo anônimo, ainda mais comprometedor para Dom Bosco e para os salesianos, e, em particular pela causa do padre Bonetti, *O arcebispo de Turim e o padre Oddenino, ou seja, fatos bufos, sérios e dolorosos narrados por um chierense*.¹⁴⁶ O “Prelúdio”, assinado por *Um chefe de família*, queria ser defesa do padre Bonetti, de Dom Bosco e dos salesianos contra o padre Oddenino e o arcebispo. Na realidade, ofendia gravemente o arcebispo e causava danos às suas presumíveis vítimas, também porque os fatos eram trazidos com tal precisão que somente a familiaridade com algum salesiano do Oratório podia explicar reevocação assim pontual. “A avalanche de libelos anônimos – escreveu-se justamente – não somente trazia danos ao arcebispo e à sua atividade pastoral, mas não prestava nem mesmo um bom serviço a Dom Bosco e aos salesianos. Não era, com efeito, o instrumento mais idôneo para bem dispor o arcebispo para com ele e muito menos para facilitar a conciliação. Antes, chegou-se ao ponto mais crítico de suas relações”.¹⁴⁷

Dom Bosco, no entanto, tinha procurado evitar novas dificuldades jurídicas à Congregação, primeiro com o pedido formal a Leão XIII para renovar os “favores e privilégios” próximos a terminar, que tinham sido concedidos por Pio IX em 21 de abril de 1876¹⁴⁸, e depois com uma carta mais articulada ao cardeal protetor, Lorenzo Nina, declarando que era “sumamente necessária ao momento presente” “a comunicação dos privilégios” de que gozavam as congregações eclesiásticas aprovadas pela Santa Sé.¹⁴⁹ Além disso, para facilitar as relações com os ofícios eclesiásticos romanos, em janeiro de 1880 nomeava padre Francesco Dalmazzo procurador da Sociedade Salesiana.¹⁵⁰ Em março de 1880 desculpava-se com o protagonista do caso Bonetti, cônego Odenino,

¹⁴⁴ *La questione rosminiana e l'arcivescovo di Turim*, p. 106.

¹⁴⁵ Cf. *Piccolo saggio sulle dottrine di Mons. Gastaldi*, in: G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, vol. II, p. 280-281.

¹⁴⁶ Turim, Tipografia G. Bruno e C., 1879, 52 p.

¹⁴⁷ G. TUNINETTI, *Lorenzo Gastaldi 1815-1883*, vol. II, p. 282.

¹⁴⁸ Pedido de 7 de março de 1879; MB XIV 707.

¹⁴⁹ Cf. carta de 13 de junho ao cardeal Nina, protetor da Sociedade Salesiana desde 26 de março; E III 475.

¹⁵⁰ Cf. Carta ao cardeal Nina, 12 de janeiro de 1880; E III 539-540.

pelo fato de não ter conseguido para ele uma honorificência pontifícia. Assegurava, contudo, *quod differtur, non aufertur*. Acrescentava: “Alegro-me de sua ação quaresmal em La Spezia. É uma boa cidade, mas que precisa muito de operários”.¹⁵¹ Ao mesmo tempo, iniciavam-se as tratativas para a construção da Igreja Sagrado Coração em Roma e se repetiam os esforços para a ereção de alguma circunscrição eclesiástica na Patagônia.

Houve, ainda, uma dificuldade, talvez evitável, com dom Gastaldi. Este oferecia, em Turim, casa e terreno de sua propriedade para uma escola elementar para meninos pobres junto à Igreja Sagrado Coração de Jesus. As tratativas não foram conduzidas diretamente por Dom Bosco, mas pelo padre Cagliero e pelo padre Rua. O resultado negativo desagradou muito ao arcebispo. O cardeal Nina fazia saber de seu descontentamento.¹⁵² Dom Bosco se desculpava, enviando-lhe um relatório preparado pelo padre Cagliero. Na carta de acompanhamento queixava-se da distorção dos fatos, evocando outros comportamentos menos favoráveis para com os salesianos, em particular as notas de suspensão do padre Lazzero, do padre Bonetti e do próprio Dom Bosco, sobre os quais continuavam a pesar as cartas de suspensão *latae sententiae*, de 25 de novembro e 1º de dezembro de 1877.¹⁵³

Ao invés, outro fato apareceu mais preocupante, por um momento, no qual alguém viu talvez conexão com a publicação dos livretos. Em 18 de agosto houve uma perquisição da polícia na tipografia do Oratório com o seqüestro dos esboços do *Boletim Salesiano*. Dom Bosco, informado, escrevia de Nizza Monferrato ao padre Rua, precisando a natureza da tipografia e a sua segura existência legal, convidando-o a encontrar-se com ele em Nizza. No retorno escrevia ao procurador do Rei, esclarecendo o liame existente entre as duas tipografias, de Turim-Valdocco e de Sampierdarena, em particular a composição e a impressão do *Boletim Salesiano*.¹⁵⁴ Não se conhece nenhuma continuação.

6. Entre esperanças de composição concordada e uma “Concórdia” exigida (1881-1882)

As relações de Dom Bosco com Leão XIII, extremamente corretas, não podiam ter a mesma carga afetiva que tinha com Pio IX. As distâncias e as diferenças de temperamento, de conhecimento, de hábitos, de cultura, de estilo de governo e também de tempos e de política eclesiástica eram muitas. Não tinha, por certo, podido superá-las a homenagem do grande opúsculo *A mais bela flor do Colégio Apostólico, ou seja, a*

¹⁵¹ Carta de Roma, [28 de março] de 1880; E III 559.

¹⁵² Carta de 23 de junho de 1880; *Documenti* XXII 170-171, FdB 1071 A5-6; MB XIV 534.

¹⁵³ Carta de 10 de julho de 1880; E III 604-605. Os dois documentos não chegaram às mãos do cardeal, que se queixou, e Dom Bosco então enviou cópia em 3 de setembro.

¹⁵⁴ Carta de 31 de agosto de 1880; E III 622-624.

eleição de Leão XIII com breve biografia dos seus eleitores pelo sacerdote Giovanni Bosco.¹⁵⁵ Também estavam em mudança certos aspectos da condição eclesial italiana. Alguma coisa devia necessariamente mudar também em relação à situação dos bispos, que não se sentiam adequadamente sustentados por Roma em relação aos sacerdotes e leigos, os quais, também em sua muito ostentada fidelidade ao papa, sentiam-se legitimados a contestar, mesmo publicamente, seus superiores eclesiásticos. Sentiam-se vítimas, justo entre 1881 e 1882, o beato Giovanni Scalabrini (1839-1905), bispo de Piacenza (1876-1905) e o amigo bispo de Cremona, Geremia Bonomelli, alvo de um jornalismo católico agressivo e protegido, encabeçado pelo *L'Osservatore Cattolico* de Milão, dirigido pelo intransigente padre Davide Albertario.¹⁵⁶ Tais comportamentos e os protestos junto à Santa Sé, além de denotar atitudes profundamente diferentes em relação ao mundo moderno, espelhavam em todos os níveis duas diferentes eclesiologias, afloradas mas não resolvidas no Concílio Vaticano I: uma tendencialmente verticalista, seguida também por Dom Bosco, e outra mais inclinada a certa colegialidade episcopal.¹⁵⁷ Dom Gastaldi, estava, indubitavelmente, mais próxima desta, graças à evolução de suas concepções teológicas originais e à cultura rosminiana, profundamente assimilada, a começar pela *Cinco pragas da Santa Igreja*, chegando, como se viu na defesa da infalibilidade papal, a uma visão do poder papal e da jurisdição episcopal mais orgânica.¹⁵⁸

O ano de 1880 concluía-se com a ordem do cardeal Prospero Caterini ao secretário da Congregação do Concílio, dom Isidoro Verga, de predispor dentro de um mês a discussão da causa do padre Bonetti.¹⁵⁹ Mas um descuido banal conduzia a uma ulterior dilação. A comunicação ao arcebispo era feita com carta transmitida por meio de Dom Bosco e recusada pelo destinatário porque quem devia entregá-la pretendia ter a acusação de recebimento: uma formalidade querida por pessoa prevenida e desconfiada. O bispo o explicava ao cardeal Caterini em carta de 5 de dezembro. Nela aproveitava a ocasião para falar de novos incidentes, sobre vários benefícios feitos por ele a Dom Bosco e sobre muitos passos dados por ele, sem êxito, para demonstrar publicamente estima e benevolência em relação a ele. Insinuava, por fim, que teria podido e querido promover um processo contra Dom Bosco e contra o padre Bonetti junto à Congregação do Concílio, como responsáveis pela impressão dos libelos contra o arcebispo. Mas não o tinha feito, nem nos tribunais eclesiásticos nem nos civis, para não suscitar escândalos.¹⁶⁰ Com uma exposição ao prefeito da Congregação do Concílio, de

¹⁵⁵ Turim, Tipografia e Libreria Salesiana, 1878, 288 p.; OE XXX 1-288.

¹⁵⁶ Cf. M. FRANCESCONI, *Giovanni Battista Scalabrini vescovo di Piacenza e degli emigrati*, Roma, Città Nuova Editrice, 1985, p. 491-620.

¹⁵⁷ Cf. J.-P. TORRELL, *La théologie de l'épiscopat au premier Concile du Vatican*. Paris, Éditions du Cerf, 1961, onde é de particular interesse a segunda redação da Constituição *De Ecclesia* por obra de J. Kleutgen (p. 247-279).

¹⁵⁸ Cf. cap. 16, § 9.

¹⁵⁹ Cf. *Documenti* XLV 46-48, FdB 1195 A 10-12.

¹⁶⁰ *Documenti* XLV 49-50, FdB 1195 B1-3.

8 de janeiro, padre Bonetti colocava em movimento sua causa. Não era de Dom Bosco, embora envolvido firme e solidariamente. Era esse explícito apoio dado pelo superior da Sociedade Salesiana a seu religioso em litígio com o superior eclesiástico que o arcebispo tinha censurado em uma longa carta ao cardeal Caterini, de 30 de dezembro de 1880, colocando em anexo pesada documentação contra o padre Bonetti.¹⁶¹ Cônego Colomiatti, por sua vez, enviava em 9 de fevereiro uma refutação da exposição do padre Bonetti, a quem acusava de ser co-autor do opúsculo *O arcebispo de Turim, Dom Bosco e o padre Oddenino* (março de 1879).¹⁶² Em 10 de fevereiro, cardeal Nina convidava Dom Bosco a concordar com o representante do arcebispo uma acomodação *de bono et aequo* da causa do padre Bonetti.¹⁶³ Dom Bosco pensava não poder consentir com isso, visto que a conciliação devia acontecer sobre todas as questões pendentes ou incumbentes. A exigência da solução da questão particular do padre Bonetti parecia-lhe uma retaliação: “Se Dom Bosco não consente em uma acomodação – interpretava, escrevendo de Roquefort, na França, ao padre Rua – o arcebispo fará um processo a Dom Bosco pelos libelos infamatórios publicados contra ele”. De outro lado ele estava ainda gravado pela suspensão *ipso facto incurrenda*, imposta em 25 de novembro e 1º de dezembro de 1877. Além disso – acrescentava –, era necessário escutar o parecer do interessado, padre Bonetti. Quanto à própria posição, fazia esta reflexão: “Por que se quer julgar Dom Bosco de tão perdida consciência e de me ocupar de tais publicações após tão graves ameaças?” Encarregava o destinatário de comunicar esses seus pensamentos ao teólogo Colomiatti.¹⁶⁴ Ao cardeal Nina dizia-se disposto, de acordo com o padre Bonetti, para que “cada coisa [fosse] acomodada amigavelmente”. Mas crendo não ver a mesma disponibilidade no arcebispo, expunha a dificuldade expressa ao padre Rua e concluía: “Eu não vejo caminho mais fácil que retornar a quanto já se era estabelecido, quer dizer, tirar a suspensão do padre Bonetti, e tudo acabaria”, notando, porém, que sobre ele gravava sempre “a ameaça de suspensão *ipso facto incurrenda*”.¹⁶⁵ A ele, em Alassio, chegava uma carta, de 29 de março, do teólogo Colomiatti, o qual, por sua vez, solicitava que se chegasse a um acordo.¹⁶⁶ Dom Bosco sugeria a anulação da suspensão do padre Bonetti e o relembra das denúncias movidas em Roma contra o mesmo.¹⁶⁷ Também o arcebispo desejava uma pacificação geral: bastava reconhecer os erros feitos ao arcebispo e pedir-lhe perdão.¹⁶⁸ Foram feitas tratativas pessoais entre Colomiatti e Dom Bosco, com a assinatura, em 27 de maio, de um esboço de acomodo-

¹⁶¹ *Documenti* XLV 55-64, FdB 1195 B6-C3.

¹⁶² *Documenti* XLV 72-73, FdB 1195 C12-D1.

¹⁶³ *Documenti* XLV 73-74, FdB 1195 D1-2.

¹⁶⁴ Carta de 27 de fevereiro de 1881; E IV 27-28.

¹⁶⁵ Carta dos incios de 1881; E IV 29-30.

¹⁶⁶ *Documenti* XLV 78, FdB 1195 D6.

¹⁶⁷ Ao cônego Colomiatti, 5 de abril de 1881; E IV 39.

¹⁶⁸ Carta a Dom Bosco, 10 de maio de 1881; *Documenti* XLV 82, FdB 1195 D10.

dação, “amigável”, “confidencial”, que incluía também a retirada em Roma da documentação relativa à questão entre padre Bonetti e o arcebispo. Mas este, tendo em mãos o acordo, o expedia ao Prefeito do Concílio, pedindo que lhe fossem reenviados todos os documentos relativos à mesma questão. Dom Bosco, ao invés, pensava em acordo entendido sobre todos os problemas pendentes. Por isso, tendo tido conhecimento do fato, pedia imediatamente a dom Verga, secretário da Congregação do Concílio “que queria manter a questão no ponto normal na qual se encontrava”; com efeito, o arcebispo – precisava – “não corresponde a quanto foi combinado com seu advogado fiscal, quer dizer, de retirar a suspensão ao padre Bonetti, e retirar não somente as reclamações relativas ao mesmo, mas também todas as cartas dirigidas a caluniar o sacerdote Bosco e a sua pobre Congregação”.¹⁶⁹ Entrementes, convidava padre Colomiatti ao Oratório, a fim de retomar os colóquios para se entenderem melhor.¹⁷⁰ No encontro que se seguiu, Colomiatti negou que no entendimento de 27 de maio se tivessem posto as condições encampadas por Dom Bosco. Após alguns dias ele reconfirmava e motivava a própria posição: “Estou sempre mais convencido que o ato arquiépiscopal não corresponde às nossas inteligências, deixa o padre Bonetti no estado no qual se encontra e não revoga de maneira nenhuma as cartas enviadas a Roma a cargo do escrevente e da nossa pobre Congregação (...). No atual estado de coisas não vejo outro caminho que o de deixar à Santa Sé estabelecer meus erros e minhas razões, que de todo bom grado aceito preventivamente, quaisquer que sejam. Creio que o senhor bispo também ficará contente porque é uma autoridade superior que concede e limita os poderes e regula o exercício dos mesmos”.¹⁷¹

Um período interlocutório trouxe alguma vantagem parcial. Padre Bonetti podia apresentar ao papa um relatório pontual sobre sua situação e, com a morte do cardeal Caterini, aos 84 anos, em 10 de novembro de 1881, era nomeado o novo prefeito da Congregação do Concílio, cardeal Nina, protetor da Sociedade Salesiana. Mas a situação em sua complexidade se deteriorava enormemente quando, na Cúria turinense se faziam todos os esforços para buscar provas e testemunhos com o intuito de incriminar padre Bonetti como autor dos libelos antigastaldianos e Dom Bosco como seu cúmplice. Entre os pontos de acusação – que permaneceram tais no mesmo processo de beatificação e canonização de Dom Bosco – figurava também um testemunho do ex-jesuíta padre Antonio Pellicani, forçado e deformado pela deposição do padre escolápio Leoncini sobre uma conversa com Pellicani. Segundo tal testemunho Dom Bosco teria convidado o padre para preparar e enviar a Roma um relatório sobre o estilo de dom Gastaldi no governo da diocese. O convite era interpretado pelo advogado fiscal diocesano como exortação a escrever um livro ou livros contra o arcebispo: e tal inter-

¹⁶⁹ Carta de 2 de junho de 1881; E IV 57-58.

¹⁷⁰ Carta de 2 de junho de 1881; E IV 58.

¹⁷¹ Ao cônego Colomiatti, 11 de junho de 1881; E IV 59.

pretação permanece, não obstante a retificação feita pelo mesmo Pellicani, a partir de alguma pontualização de Dom Bosco.¹⁷²

Em meados de outubro, Colomiatti dirigia-se a Roma, onde era encorajado a instruir o processo informativo contra padre Bonetti, Dom Bosco e os conhecidos libelos. Dom Bosco tomava conhecimento e escrevia a respeito a Leão XIII, enquanto estava “ocupado em preparar uma nova expedição de missionários salesianos para a América, e sobretudo para a Patagônia”. Pedia ao pontífice que a questão dos opúsculos não fosse tratada na Congregação do Concílio de 17 de dezembro, destinada ao exame do recurso do padre Bonetti relativo à suspensão que lhe fora imposta. Justificava o pedido nestes termos: “Como não posso ter um justo conhecimento das imputações e sendo assegurado que tudo se apóia em algumas conjecturas e asserções, assim eu não posso dar os devidos esclarecimentos, e portanto encontro-me na impossibilidade de poder defender a mim e minha Congregação, segundo a obrigação de minha consciência”. Passava, a seguir, à firme declaração de absoluta estranheza sobre os opúsculos e de reprovação de seus conteúdos na medida em que fossem passíveis de condenação ou desaprovação por parte da Santa Sé.¹⁷³

Também dom Gastaldi se dirigia a Roma para assistir às canonizações feitas pelo papa em 18 de dezembro, enquanto o advogado Menghini estava preparando em seu nome a defesa na causa Bonetti, na qual visava envolver o autor, Dom Bosco e a Sociedade Salesiana na questão dos libelos. Dom Bosco tinha cópia pelo advogado Leonori e pedia ao cardeal Nina o que já tinha pedido a Leão XIII. Entrava, depois, a ilustrar o sentido e o valor do testemunho do Pellicani e de outros argumentos contra ele, entre os quais o incidente acontecido em 1869 com Dom Riccardi relativo à ordenação em Casale do padre Giuseppe Cagliero.¹⁷⁴ A Congregação de 17 de dezembro chegava à resolução, comunicada em 22 de dezembro a Dom Bosco: *Dilata et ad mentem*, e a *mens* era que a questão, antes de ser resolvida judicialmente, pudesse ser composta *de bono et aequo* com honra de ambas as partes. Seguiam indicações a Dom Bosco sobre o procedimento a ser adotado no pedido de reabilitação às confissões do padre Bonetti: fosse feito com palavras adequadas, prontas para implorar perdão por qualquer coisa que tivesse podido entristecer o ânimo do arcebispo, mesmo além das intenções do padre Bonetti. Com semelhante argumento informava-se o arcebispo do procedimento indicado a Dom Bosco e lhe sugeria qual deveria ser seu comportamento em relação a Dom Bosco, no presente e no futuro.¹⁷⁵

O anúncio do texto da decisão da Congregação do Concílio era feito a Dom Bosco por dom Boccali, camareiro secreto participante, com uma carta escrita, em nome do

¹⁷² Ao padre Pellicani, 14 de outubro de 1881; E IV 87-88.

¹⁷³ A Leão XIII, início de dezembro de 1881; E IV 95.

¹⁷⁴ Carta ao cardeal Nina, 10 de dezembro de 1881; MB XV 242-246. Cf. cap. 16, § 8.

¹⁷⁵ *Documenti* XLV 135-137, 141-142, 145, FdB 1196 D1-3, D7-8, 11; MB XV 721-722, 722-723.

papa, em 27 de dezembro.¹⁷⁶ Na resposta de 30 de dezembro, Dom Bosco, embora temendo “alguma dificuldade por parte do arcebispo”, pedia a Boccali garantir ao papa sua disponibilidade, como lhe fora pedido, “a obedecer-lhe não somente as ordens, mas também os desejos”.¹⁷⁷ O arcebispo Gastaldi, ao invés, em 31 de dezembro fazia chegar ao cardeal Nina um duríssimo protesto. Ele via a decisão da Congregação como uma imposição que favorecia padre Bonetti e Dom Bosco, enquanto o arcebispo estava “justamente deprimido e aniquilado”, sem algum “decoro”. “Os salesianos – observava – com tal tarefa farão, no futuro, o que quiserem e mais que se tivessem os privilégios singularíssimos de certas ordens religiosas”. Quase como conclusão acusava: “Eminência, o senhor, como cardeal protetor da Congregação Salesiana, trabalhou bem como advogado da mesma”. “Eu, pois, devo queixar-me – continuava – que o mesmo protetor seja juiz contra mim e que, em sua qualidade e autoridade de prefeito da Congregação do Concílio, me imponha uma ordem que não virá jamais da plena Congregação dos Eminentíssimos Padres. Decididamente a justiça de minha causa está a meu favor, conforme já decidiram os Prelados adjuntos”. E tirava a conclusão: “Portanto, peço que a Sagrada Congregação decida o *dubio juris ordine servato* com o *nihil transeat*”.¹⁷⁸

Dias antes, contudo, a situação tinha se complicado. Em 20 de dezembro o padre Bonetti era citado a comparecer, no prazo de um mês, diante do tribunal eclesiástico turinense para responder do delito de difamação por causa da impressão do libelo *O arcebispo de Turim, Dom Bosco e o padre Oddenino*.¹⁷⁹ Dom Bosco, sem conhecer ainda quanto fora deliberado em 17 de dezembro pela Congregação do Concílio, em 22 de dezembro informava o cardeal Nina da nova questão. Alegava à carta, destinada a ele e ao papa, um grave e comprometedor relatório antigastaldiano, preparado pelo próprio padre Bonetti e pelo padre Berto, ratificada com a própria assinatura: *Exposição do sacerdote Giovanni Bosco aos eminentíssimos cardeais da Congregação do Concílio*.¹⁸⁰ Mesmo que, no *Pedido* conclusivo declarasse “com esta Exposição não pretendo acusar alguém nem me defender”, a *Exposição* era, ao mesmo tempo, uma impiedosa requisitória do ministério público e a apaixonada arenga de um advogado a cargo do arcebispo. Minuciosa e circunstanciada, não causou boa impressão nos destinatários.¹⁸¹ O cardeal observava que, se o opúsculo tivesse tido publicidade, “não teria sido escolhido bem o momento”.¹⁸² Era, na verdade, o fruto condensado da meticulosa coleta de

¹⁷⁶ *Documenti* XLV 144-145, FdB 1196 D10-11.

¹⁷⁷ A dom Boccali, 30 de dezembro de 1881; E IV 106.

¹⁷⁸ Carta de 31 de dezembro de 1881; *Documenti* XLV 147-149, FdB 1196 E1-3, MB XV 723-727.

¹⁷⁹ *Documenti* XLV 136, FdB 1196 D2; MB XV 731.

¹⁸⁰ Sanpierrezarena, Tipografia di S. Vincenzo de' Paoli, 1881; MB XXXII 49-124.

¹⁸¹ *Documenti* XLV 138-140, FdB 1196 D4-6; E IV 103-104; MB XV 247-249.

¹⁸² A Dom Bosco, 25 de dezembro de 1881; *Documenti* XLV, FdB 1196 D7-8.

documentos do padre Berto, da exacerbada paixão do padre Bonetti e da pouca confiança de Dom Bosco em uma composição amigável dos dissensos com o arcebispo. Mas a *Exposição* dificilmente podia tornar crível o que, a poucos dias de distância, professava em carta ao cardeal Nina: “Desta forma eu fui e estou agora pronto a fazer qualquer sacrifício, contanto que se possa colocar um ponto final em uma questão que me faz perder tanto tempo”.¹⁸³ O documento na sua composição e estrutura não podia ser objetivo. Ele listava ano por ano, de 1872 a 1882, apresentando-os em modo unitário, sob o sinal de “vexações e distúrbios”, um elenco de intervenções do arcebispo de inspirações, finalidade e qualidades muito diferentes. Evocavam-se idéias e intervenções de caráter teológico e jurídico, totalmente plausíveis sobre as Constituições Salesianas, sobre a forma de conceber a vida religiosa e a formação dos consagrados, sobretudo se eclesiásticos: eram partilhadas pela Cúria romana e introduzidas em grande parte nas Constituições definitivamente aprovadas. Semelhante era o caso dos privilégios, que Gastaldi imaginava deverem ser limitados, não somente em relação à Sociedade Salesiana, mas a todos os institutos religiosos. Elencavam-se medidas disciplinares que um bispo empenhado em vigorosa reforma da própria diocese podia considerar totalmente legítimas. Atribuíam-se a ele acontecimentos e episódios que podiam considerar-se provenientes de imprudências, inadvertências e prevenções não imputáveis a uma só das partes. Quanto ao padre Bonetti, tomava-se partido unilateralmente sobre sua posição. Esquecia-se que o devastador fenômeno dos libelos se colocava em um contexto e clima de suspeitas, desconfianças e tensões nos quais todos, direta ou indiretamente, estavam envolvidos, implicados e vítimas. Mais que uma *Exposição*, quis-se um grande golpe de asa ou, talvez, melhor, ponderação meditada, senão direto contato entre as partes, mediações de alto nível, habilidade de tecelões, tempestivamente conscientes da oportunidade eclesial de uma composição, sem esperar veredictos do alto, dos tribunais das Congregações romanas ou da vontade da suprema instância na Igreja. Em conclusão, a *Exposição*, assim concebida, supunha e criava o “caso Gastaldi”, o “conflito Dom Bosco-Gastaldi” como um bloco único, contraproducente de imediato além do fato de ser historicamente infundado e historiograficamente desviante.

Em 5 de janeiro Dom Bosco era citado pela Cúria turinense com a acusação de ter sido o mandante da composição e da publicação dos cinco libelos injuriosos, bem como o investigador e fornecedor dos materiais para sua redação: “1) mandans fieri et publicari libellos adminus iniuriosos”, *A Estréia para o clero 1878, Pequeno ensaio sobre as doutrinas de dom Gastaldi, A questão rominiana, O arcebispo de Turim, Dom Bosco e o padre Oldenino*; “2) quaesitor et provisor documentorum pro dictis libellis”.¹⁸⁴ Dom Bosco perguntava ao cardeal Nina se estava “obrigado a comparecer visto que, pelas denúncias enviadas à Congregação do Concílio em 29 de dezembro de 1880 e 21 de junho de 1881, a questão estava *sub iudice* no tribunal superior”.¹⁸⁵

¹⁸³ Cf. carta de 28 de dezembro de 1881; E IV 104-105.

¹⁸⁴ *Documenti* XLV 155-156, FdB 1196 E9-10; MB XV 733.

¹⁸⁵ Carta de 7 de janeiro de 1882; E IV 113-114.

No final do mês o arcebispo devia sofrer duas derrotas: no mesmo dia, 31 de janeiro de 1882, chegava-se a uma severa admoestação (“severe moneatur”) pela carta do dia 31 de dezembro ao cardeal Nina, enquanto era-lhe comunicado que a causa do padre Bonetti – que tinha apelado para Roma, com sucesso, contra a citação do tribunal de Turim – tinha sido discutida pela Congregação, com a conclusão de que a “suspensio seu interdictum locale” era “infirmandum in casu”¹⁸⁶; além disso, a Congregação inibia a Cúria turinesa de proceder contra padre Bonetti e Dom Bosco na questão dos libelos, *dado o fato de as causas serem contíguas*,¹⁸⁷ e encarregava o arcebispo de Vercelli, dom Fissore, para instruir o processo sobre os libelos e enviar os atos para Roma.¹⁸⁸ Este, tendo vindo a Turim, enquanto Dom Bosco se encontrava em Roma, ao invés de se limitar a instruir a causa, quis fazer uma nova tentativa de acomodação e, em 15 de abril, obteve do padre Bonetti e do padre Rua uma declaração assinada contra os libelos, esperando que Dom Bosco fizesse o mesmo.¹⁸⁹ Este, ao invés, escreveu ao cardeal Nina, recordando o fracasso das precedentes tentativas e a inutilidade de proceder além fora do caminho. Sugeria a solução muitas vezes proposta, que, no fundo, equivalia à renúncia do arcebispo, à reabilitação do padre Bonetti e à retirada das cartas de 25 de novembro e de 1º de dezembro de 1877 contra ele próprio. Ao mesmo tempo, tomava as distâncias dos famosos libelos sem, porém, chegar, como era seu costume, a uma declaração de condenação pura e simples: “Pelo que até agora me consta, nem eu nem os salesianos jamais nos misturamos nestas coisas. Sempre deplorei e ainda agora deploro a forma não conveniente com a qual se fala da autoridade eclesiástica. Estou também pronto a condenar a matéria neles contida contanto que me sejam especificadas as coisas que, em face da Igreja, devam ser deploradas”. Mas reconduzindo-a com uma evidente exemplificação aos conteúdos antirosminianos, parece que não encontrasse nada a ser condenado, uma vez que aqueles que os leram, estavam de acordo em afirmar que a matéria concordava “plenamente com os princípios e com as idéias recomendadas pelo santo padre” nos “últimos tempos”.¹⁹⁰ O cardeal pediu uma relação mais ampla, que foi compilada e assinada pelo padre Bonetti em 17 de maio de 1882,¹⁹¹ e uma retratação do padre escolópio Leoncini e do padre Pellicani. Somente o padre Pellicani retratou-se em 30 de maio.¹⁹²

¹⁸⁶ *Documenti* XLV 207, cf. FdB 1197 D11; MB XV 727.

¹⁸⁷ *Documenti* XLV 207-208, cf. FdB 1197 D11-12.

¹⁸⁸ *Documenti* XLV 208; cf. FdB 1197 D12.

¹⁸⁹ *Documenti* XLV 242; cf. FdB 1198 D10.

¹⁹⁰ Ao cardeal Nina, 8 de maio de 1882; E IV 132-134. Cf. carta de 7 de janeiro de 1882; E IV 114.

¹⁹¹ *Documenti* XLV 262-263; cf. FdB 1198 D6-7; MB XV 734-736.

¹⁹² Cf. carta de Dom Bosco ao padre A. Pellicani e a nota do editor, 14 de outubro de 1881; E IV 87-88; *Smentita un'accusa contro Don Bosco*, Turim, 30 de maio de 1882, e *Osservazioni*, 1º de junho de 1882, Sanpierrez, Tipografia dell'Ospizio di S. Vincenzo de' Paoli, 1882, 4 p., *Documenti* XXIV 156-159, FdB 1078 B5-8; o texto está também em MB XV 256-257.

Em Roma, contudo, as coisas tinham se complicado, pois o teólogo Colomiatti, presente na capital desde 11 de maio,¹⁹³ hábil, discreto e com boas referências, trabalhava para introduzir uma nova causa para defender o arcebispo da infeliz *Exposição* de dezembro precedente. Dom Bosco encarrregava o padre Bonetti de enviar ao cardeal alguns esclarecimentos, tardios e pouco persuasivos: separar a própria causa da dos opúsculos e da *Exposição*: esta era uma legítima defesa das queixas do arcebispo e por ele tornadas públicas com a impressão, as coisas aí descritas eram verdadeiras e Colomiatti teria devido fazer conhecer, por escrito, as eventuais contradeduções.¹⁹⁴ Na realidade, a *Exposição* foi um grave erro tático, foi considerada inoportuna pelo próprio Leão XIII e influiu negativamente sobre a conclusão da controvérsia também pelo momento histórico, na qual era apresentada e lida. Precisamente em 22 de janeiro de 1881 o papa tinha emanado uma encíclica, *Cognita nobis*, dirigida aos arcebispos e bispos das províncias eclesiásticas de Milão, Turim e Vercelli, teatro de conflitos semelhantes, “a fim de que, removidas as causas dos dissensos, se mantivesse a concórdia das mentes e das vontades”.¹⁹⁵ Aos que balançavam o princípio de autoridade o arcebispo Gastaldi lembrava, em 13 de fevereiro de 1882, na pastoral para a quaresma de 1882, *Sobre a autoridade divina do romano pontífice*, que entre esses podiam ser encontradas “muitas vezes, no seio da Igreja católica, pessoas que nas mãos de Deus são manifestamente instrumentos de santificação; todavia caem em algumas das insídias do Satanás”: São Jerônimo procurou a paz na gruta de Belém “porque em outro lugar as línguas maléficas de certos clérigos não lhe concediam repouso”; “São Carlos Borromeu [foi] perseguido até à morte por um grupo de religiosos”¹⁹⁶.

A controvérsia turinense parecia não ter saídas. No mês de maio Leão XIII decidia chamar a si a questão com um acordo, agora desejado pelo arcebispo. Nas últimas fases da questão, por razões de saúde – talvez também diplomáticas – Dom Bosco esteve ausente de Roma.¹⁹⁷ Tal fato redundava em seu desfavor, embora chamasse padre Dalmazzo a Turim para instruções. O cardeal Nina, em 27 de maio, escrevia ao procurador que era necessário, “para seguir as orientações do santo padre”, que Dom Bosco lhe desse por escrito “todos os poderes” “em ordem da concórdia a ser feita com o arcebispo”, aceitando “de bom grado todas as disposições que Sua Santidade, na sua

¹⁹³ Cf. carta de 10 de maio de dom Gastaldi ao cardeal Nina (*Documenti* XLV 264-265, FdB 1198 D8-9).

¹⁹⁴ Ao cardeal Nina, 22 de maio de 1882; E IV 137.

¹⁹⁵ Cf. *Acta Sanctae Sedis*, vol. XIX (Roma, Typis Poliglotae Officinae, 1881), p. 289-291; G. ASTORI, *Mons. Bonomelli, mons. Scalabrini e Don Davide Albertario: note storiche con documenti inediti*. Brescia, Pavoniana, 1839; M. FRANCESCONI, *Giovanni Battista Scalabrini*, p. 491-570 (Le prime polemiche con *L'Osservatore Cattolico*).

¹⁹⁶ L. GASTALDI, *Lettere pastorali*, p. 545.

¹⁹⁷ Cartas ao padre Dalmazzo e ao cardeal Nina, 20 de maio de 1882; E IV 135-136, 136, após a troca de telegramas entre Roma e Turim de 10 a 22 de maio (*Documenti* XLV 270-272, 275, FdB 1198 E2-4, 275).

iluminada retidão, acredita estabelecer, gloriando-se de ser ele e o seu Instituto filhos obedientes da Santa Sé”.¹⁹⁸ Dom Bosco executava, usando com o papa e com o cardeal Nina, fórmulas não exatamente idênticas, mais genérica a primeira, precisa e formal a segunda: “Já encarreguei nosso irmão padre Dalmazzo com faculdades para fazer as minhas vezes em tudo o que parecer bem visto por Vossa Santidade”, escrevia ao papa;¹⁹⁹ ao cardeal Nina, ao invés, “confiro os plenos poderes ao nosso irmão professor sacerdote Francesco Dalmazzo, procurador geral da Pia Sociedade de São Francisco de Sales, pároco da Igreja Sagrado Coração de Jesus, com faculdade de tratar, concluir e aprovar qualquer coisa que seja agradável à mesma Sua Santidade”.²⁰⁰ As tratativas entre os dois plenipotenciários foram assumidas pelo cardeal secretário de Estado, Ludovico Jacobini, que agia como delegado do cardeal Nina e referia diretamente ao papa. Para a acomodação foram apresentados sete artigos pelo cônego Colomiatti e por Dom Bosco.²⁰¹ Após ter-se chegado à *Concórdia*, assinada por ordem do papa em 17 de junho por Colomiatti e por Dom Bosco, o qual, por sua vez, tinha pedido ao cardeal Nina ser escutado pela questão Bonetti,²⁰² que se lamentava com Dom Bosco e ter sido deixado à margem das negociações.²⁰³ Em 23 de junho cardeal Nina enviava o texto autêntico da *Concórdia* a Dom Bosco, com um comentário confidencial: “A grande confiança que tenho em sua virtude e senso – concluí – servem-me de certeza do bom resultado das negociações que devem ser realizadas”.²⁰⁴

O texto tinha surgido da preocupação de salvaguardar, antes de tudo, a preeminente autoridade episcopal, como compreendia perfeitamente o arcebispo, que em 24 de junho agradecia calorosamente o papa.²⁰⁵ Padre Bonetti tinha tido uma substancial reabilitação, enquanto a Dom Bosco e à Congregação se concedia tranquilidade e paz com relação às cansativas controvérsias quanto aos libelos e sobre a *Exposição*. A dignidade de Dom Bosco como sacerdote e sua autoridade como superior da Sociedade Salesiana permaneciam intactas e liberadas de toda sucessiva contestação. Antes, era aberta a estrada para a rápida solução do problema dos privilégios e de novas relações com Roma. No fundo, se lhe pedia um ato de humildade, que era também gesto de sábia política: 1) Dom Bosco escreveria uma carta ao arcebispo, na qual exprimia desprazer por “alguns incidentes” que podiam ter-lhe causado “amarguras” e lhe pedia “perdão”; 2) o arcebispo responderia a Dom Bosco, exprimindo seu conforto e readmitindo-o na

¹⁹⁸ Texto em MB XV 264.

¹⁹⁹ A Leão XIII, 30 de maio de 1882; E IV 140.

²⁰⁰ Ao cardeal Nina, 30 de maio de 1882; E IV 140 e 140-141.

²⁰¹ *Documenti* XLV 285-286, 287-289 (observações do padre Bonetti em nome de Dom Bosco); cf. MB 266-268, 739-741.

²⁰² *Documenti* XLV 300-301, FdB 1199 B7-8.

²⁰³ *Documenti* XLV 301-303, FdB 1199 B8-10.

²⁰⁴ *Documenti* XLV 305-306, FdB 1199 B12-C1; MB XV 270-271.

²⁰⁵ *Documenti* XLV 309-310, FdB 1199 C4-5.

sua graça; 3) padre Bonetti era reabilitado para as confissões e Dom Bosco se vinculava por um ano a não enviá-lo a Chieri; 4) Dom Bosco empenhava-se, também, em retirar dos cardeais destinatários a cópia da *Exposição* que lhes enviara; 5) o arcebispo retiraria e destruiria as cartas de 25 de novembro e 1º de dezembro de 1877; 6) quanto aos opúsculos incriminados pela Cúria, Dom Bosco declarava “de ter sempre lastimado, e de lastimar a forma e o modo com o qual fala da autoridade eclesiástica, e [estava] pronto, quantas vezes fossem necessárias, a fazer um ato formal”, disposto também a condenar os conteúdos que em face da Igreja fossem danosos.²⁰⁶

Houve um desagradável incidente. Tendo recebido o documento assinado, em 27 de junho Dom Bosco escrevia brevemente ao cardeal Nina, mostrando acreditar que se tratasse de “um projeto”, ao redor do qual se podiam fazer ainda “esclarecimentos”.²⁰⁷ Ao padre Dalmazzo, esquecendo-se de que lhe conferira os plenos poderes, escrevia com evidente desapontamento e não escondida inquietude: “As coisas estão muito confusas. Recebi a famosa comunicação. Preparo alguma observação. Mas tu a assinaste. Se tens alguma coisa para observar, dize-me logo. Cardeal Nina te esperava para fazer-te uma pulguinha. Sairemos desta como podemos”.²⁰⁸ A resposta do padre Dalmazzo, de 30 de junho, não admitia tergiversação: o papa em pessoa tinha lido o texto e tinha feito modificações sob seus olhos e fora sua firme vontade de que a *Concórdia* fosse assinada assim como estava.²⁰⁹ Assombrada e peremptória era a resposta do cardeal Protetor em 5 de julho: a carta do dia 27 lhe trouxera “não poucas surpresas”, e mesmo “amargura”: rediscutir os artigos legitimamente assinados equivaleria a “ultrapassar a vontade do papa”, que esperava ter acertado na execução do que fora estabelecido e que pretendia que fosse “um fato superado”.²¹⁰ Dom Bosco enviava imediatamente ao arcebispo a carta prevista pela “*Concórdia*” e, no mesmo dia, 8 de julho, mantinha informado cardeal Nina.²¹¹ Depois, com carta de 18 de julho, entregava ao arcebispo as cartas da ameaçada suspensão de 1877 e informava a respeito o cardeal protetor.²¹²

Em 1883, após a morte do arcebispo, acontecida em 25 de março, dia de Páscoa, a Congregação do Concílio declarava totalmente extinta “pos archiepiscopi funus” a disposição que limitava o retorno de Chieri do padre Bonetti somente “in aliqua circumstantia”²¹³. O *Boletim Salesiano* de abril de 1883 saía com uma grossa tarja de luto, dedicada à *Morte de dom Lorenzo Gastaldi arceb. de Turim*. Iniciava: “Já estava composto o presente número do *Boletim* quando chegou-nos a infausta notícia, que nos

²⁰⁶ *Documenti* XLV 306-308, FdB 1199 C1-3; MB XV 269-270.

²⁰⁷ Carta de 27 de junho de 1882; E IV 146.

²⁰⁸ Carta de 28 de junho de 1882; E IV 147.

²⁰⁹ *Documenti* XLV 326-328, FdB 1999 D9-11.

²¹⁰ *Documenti* XLV 329-330, FdB 1199 D12-E1; MB 272-273.

²¹¹ E IV 149 e 151.

²¹² Cartas de 18 e 25 de julho de 1882; E IV 154-155.

²¹³ Decreto de 11 de julho de 1883; MB XV 750.

obriga a vestir de luto esta página do periódico”. Dava pois a notícia da morte e, na segunda metade da folha, traçava um breve perfil biográfico, sublinhando em particular o bem feito ao Oratório desde os primórdios, demonstrando-se “benévolo e afeiçoado como nenhum outro” para com os salesianos, mesmo após o retorno da Inglaterra. “Em suma, ele era para Dom Bosco como um amigo e um irmão, como sua egrégia mãe era para nossos jovens uma segunda mãe”. Concluía com estas linhas: “O saudoso arcebispo cooperou de várias formas em nosso favor, como a história haverá de dizê-lo. Por isso o recomendamos às preces comuns, e nos seria muito querido que fosse aplicada em alívio de sua alma a primeira indulgência que se poderá adquirir”.²¹⁴

²¹⁴ BS 7(1883) n. 4, abril, p. 72.



Terceira seção

TENSÃO À MATURIDADE E À VITALIDADE DA MISSÃO (1878-1888)

Introdução

O último período da vida de Dom Bosco, enraizado no fecundo quadriênio de consolidação jurídica, regulamentar e doutrinal de 1874-1877, era por ele dedicado ao máximo esforço para difundir e reforçar as obras juvenis e missionárias na Europa e na América, mas, ao mesmo tempo, para fortalecer interiormente os institutos religiosos e as associações por ele fundadas. Isto se desenvolvia enquanto pesavam sobre ele e sobre a Congregação graves contrariedades e temíveis crises. A partir do final de 1882 o caminho se fazia mais linear. O último quadriênio, pois, embora caracterizado por um crescente declínio físico e por sofrimentos físicos e morais, decorria interiormente sereno e, alguma vez, exaltante.

A animação assistencial e pedagógica enriquecia-se de referências sociais e educativas que iam além das experiências concretas dos salesianos. Como se viu, para a continuidade da enunciação da fatídica fórmula “sistema preventivo”, contribuíram jornalistas, publicitários e biógrafos. Não era menor o empenho no interior da Sociedade Salesiana e em benefício do Instituto das FMA e da União dos Cooperadores.

Além da figura de Dom Bosco como responsável e dirigente de obras juvenis, e como superior de institutos religiosos e de uma grande associação de agregados, emergia sempre mais o Dom Bosco promotor de opinião pública e, de reflexo, taumaturgo, qualificação já afirmada com a construção da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Afinava-se ao mesmo tempo sua personalidade de homem de Deus, de intensa espiritualidade, orientada nitidamente pela caridade operante.

Disto aferiam viagens e discursos, *sermons de charité*, cartas individuais e coletivas de animação ao senso social e apostólico. De sua crescente mentalidade aberta ao mundo eram símbolo sobretudo as duas viagens a Paris e a Barcelona, respectivamente em 1883 e 1886, a construção em Roma da Basílica do Sagrado Coração e a solicitude pela expansão e a estabilização da ação missionária.



Capítulo XXIX

EXPANSÃO DA AÇÃO SALESIANA E ASSENTO FINAL DO INSTITUTO DAS FMA (1878-1888)

- 1878 transferência da casa-mãe do Instituto das FMA para Nizza Monferrato
- 1878/1879 primeiro texto impresso das Constituições do Instituto
 verão: abertura da casa salesiana de San Benigno Canavese
 outono: os salesianos em Brindisi, Challonges, Cremona, Randazzo, e as
 FMA em Catânia
- 1880 junho: abertura da casa de Penango Monferrato
 29 de agosto: reeleição de Maria Domenica Mazzarello
 setembro: Segundo Capítulo Geral da Sociedade Salesiana
- 1881 14 de maio: morte de Maria Domenica Mazzarello
 12 de agosto: eleição como superiora geral de irmã Caterina Daghero
 (1856-1924), com 25 anos
 outubro: nascimento da inspetoria Francesa com padre Paulo Albera
- 1882 *Deliberações do Segundo Capítulo Geral da Pia Sociedade Salesiana*
- 1883 outono: abertura do noviciado salesiano em Marselha
- 1884 11-12 de agosto: Primeiro Capítulo Geral do Instituto das FMA
- 1885 verão: último texto impresso, vivendo Dom Bosco, do Instituto das FMA
- 1886 agosto: Segundo Capítulo Geral das FMA

É claro que o anelo do coração de Dom Bosco, em cada uma das suas atividades, era atingir os jovens, no maior número e nos mais vastos espaços. Daí vinha o impulso para fazer crescer as obras destinadas a recolhê-los e formá-los religiosa, moral e civilmente. Os limites eram colocados somente pela penúria de pessoal. Daqui nascia a ação paralela para aumentar os salesianos em número e em qualidade e, ao mesmo tempo, garantir estruturas religiosas solidamente fundadas e eficazmente plasmadoras. A tal se finalizava o esforço para aperfeiçoar as Constituições e as normas para sua aplicação prática, sem se esquecer da animação operativa e espiritual dos membros dos dois institutos religiosos de quem era, em diferente medida, fundador.

1. Expansão de obras (1879-1880)

Em 1879 Dom Bosco e seu conselho decidiam responder ao menos a alguns dos tantos pedidos para assumir obras provenientes sobretudo da Itália. Eles se orientavam para aquelas que pareciam mais conformes às finalidades da Sociedade Salesiana e que garantiam um início mais confiável, embora modesto, e promissores desenvolvimentos. Contudo, não obstante as cautelas, algumas teriam vida muito breve.

1.1 Na Itália

No curso das reuniões do Capítulo Superior realizadas em Alassio, de 6 a 8 de fevereiro de 1879, mais precisamente na da tarde do último dia, os capitulares decidiram que padre Durando e padre Cagliari realizariam, o mais rápido possível, uma viagem exploratória na Itália para verificar, *in loco*, os pedidos de obras, ver as que tivessem mais possibilidades de atuação e fazer acordos com algumas mais próximas de conclusão, “isto é Randazzo, Brindisi e Cremona”.¹ Os dois viajantes voltaram a Turim em 5 de abril e informavam os capitulares, reunidos nos dias 15 e 16 de abril, sobre os resultados: “(1) Em Randazzo, na Sicília, concluiu-se e subscreveu-se o capitulado semelhante ao de Alassio”. “Concluiu-se que, neste primeiro ano (1º de novembro de 1879) abrir-se-ão as elementares com a 1ª ginásial”. “(2) Em Catânia, também na Sicília, não muito longe de Randazzo, também se concluiu e assinou que as nossas religiosas irão tomar a direção de um instituto feminino já existente”. “(3) Em Brindisi o bispo tem absoluta boa vontade. É salesiano na alma (...), cedendo parte da casa episcopal para fazer oratório. Concluiu-se que neste ano iria-se para lá somente para abrir o oratório festivo”. “(4) Também em Cremona concluiu-se e se subscreveu cada coisa. Esse douto e santo bispo que é Geremia Bonomelli deseja nossa presença e nos ama imensamente (...). Ainda neste ano devemos ir para abrir um oratório festivo com escolas privadas”.² Na circular aos cooperadores, do início do ano de 1880, Dom Bosco confirmava, acrescentando nele a obra de San Benigno Canavese.³ As duas fundações mais importantes e duradouras foram as de San Benigno Canavese e de Randazzo; duas tiveram a vida de meteoro, Brindisi e Challonges; menos breve, mas imprevisível e traumáticamente interrompida, a de Cremona.

Já em 1877 o bispo de *Brindisi*, o culto barnabita Luigi Maria Aguilar (1814-1896), tinha estabelecido contato com Dom Bosco para ter uma oficina para aprendizes em

¹ G. BARBERIS, *Capitoli superiori ossia verbali*, quad. II, p. 61-62, FdB 1878 A1-2. Padre Durando era um dos professores titulados e não encontrando em classe na inspeção feita pelo provedor Rho, em março de 1879. Cf. cap. 28, § 2.1.

² G. BARBERIS, *Capitoli superiori ossia verbali*, quad. II, p. 89-91, FdB 1878 C4-6.

³ BS 4(1880) n. 1, janeiro, p. 1-2.

sua diocese. As tratativas foram conduzidas pelo padre Rua, que propunha antes “um oratório festivo com escolas vespertinas e talvez também diurnas somente para externos”. Em 23 de abril de 1879 padre Durando comunicava a aceitação ao arcebispo, que em outubro de 1879 visitava o Oratório e se encontrava com Dom Bosco. A obra – o oratório e uma escola vespertina – era aberta em 8 de novembro.⁴ Os componentes da “Casa sucursal de Brindisi, Palácio Arquiepiscopal” – essa é a denominação do Catálogo de 1880 –, “Oratório Santo Afonso dei Liguori” com escolas vespertinas, eram um diretor de 24 anos, culturalmente versátil e irrequieto, Antonio Notario (1855-1942), um clérigo, ao qual se acrescentava outro na metade do ano escolar – contudo, os dois clérigos, já em 1881, não se encontram mais no Catálogo da Congregação –, um coadjutor e um aspirante, o único com o título de professor elementar. Provavelmente, não se tratava dos mais idôneos para uma sistematização um tanto precária e para compreender um ambiente que exigia pioneiros corajosos e empreendedores. No arco de menos de um ano, a pedido do mesmo bispo, fiel cooperador salesiano, que em alternativa oferecia a abertura de um internato para aprendizes em San Vito dei Normanni com pessoal mais adequado, os salesianos foram retirados.⁵ Perdeu-se a ocasião de uma presença prometedora em uma região rica de futuro.

A obra de Cremona teve incílios excelentes. Foi aceita por pedido de um bispo em perfeita sintonia com a ação educativa e social de Dom Bosco, o grande Geremia Bonomelli (1831-1914), bispo da cidade lombarda desde 1871, passado, por razões pastorais, da intransigência à transigência com o advento de Leão XIII.⁶ Um acontecimento anômalo a destruiria. Em 25 de setembro de 1879 aí chegaram sete salesianos, tendo como chefes duas pessoas de todo respeito, padre Stefano Chicco (1846-1881), diretor, e padre Faustino Confortola (1841-1913), para gerirem o *Oratório-Internato São Lourenço* com quatro classes elementares⁷ e uma igreja pública. O trabalho era desenvolvido em um ambiente cruzado por consistentes forças leigas e anticlericais; era, contudo, muito apreciado no mundo católico e pelas famílias. Infelizmente, em 16 de setembro de 1881 morria o diretor. Fora assistido pelo diretor de Sampierdarena, padre Belmonte, enviado expressamente por Dom Bosco. “Procura que nada lhe falte – recomendava-lhe –; assegura-lhe que além de rezar de manhã e de tarde, eu lhe mando uma bênção especial. Se não me encontrasse atrapalhado com mil coisas, gostaria de fazer-lhe uma visita; talvez possa realizar esse desejo no início da próxima semana”.⁸

⁴ Cf. F. CASELLA, *Il Mezzogiorno d'Italia e le istituzioni educative salesiane*. Roma, LAS, 2000, p. 52-57, 435-438.

⁵ Cf. Carta do arcebispo de 4 de julho de 1880 e do padre Rua do dia 18 (F. CASELLA, *Il Mezzodiorno d'Italia*, p. 438-440).

⁶ Cf. C. BELL, “Intransigenti e transigenti nel movimento cattolico cremonese (1870-1895), *Boletim dell'Archivio per la Storia del Movimento Sociale Cattolico in Italia*” 3(1968), p. 32-59.

⁷ O programa in *Documenti* XXII 211-213, FdB 1071 D9-11.

⁸ Carta de Nizza Monferrato, 8 de agosto de 1881; E IV 73.

Dom Bosco foi efetivamente para confortá-lo. A morte do padre Chicco e a partida do maduro padre Confortola, chamado para dirigir a nova casa de Florença, foram fatais para a obra, salvo a bondade do diretor, padre Domenino Bruna (1850-1911), um tanto quanto limitado. Em uma breve carta de fim de ano, Dom Bosco expressava gratidão ao bispo Geremia Bonomelli, pedia que continuasse protegendo os salesianos, formulava o propósito de apoiá-lo em tudo o que pudesse “redundar para a glória de Deus e o bem das almas”, com a esperança de que na ocorrência dignar-se-ia dar aos salesianos “todos aqueles avisos paternos e também corrigi-los no que fosse preciso”.⁹ Alguns, menos equilibrados, precisariam disso. Em fevereiro de 1882, o catequista da casa, padre Ermenegildo Musso, era acusado “de ter, por espírito de crua malvadez, passado ortigas nas carnes nuas de dois meninos e que tivesse, portanto, ofendido o pudor de um deles”.¹⁰ O padre podia, com isso, ter provocado uma remota ofensa ao pudor, mas, sem dúvida, adotado uma forma imprópria de terapia penitencial de néscio, tanto é verdade que o mesmo tribunal, com sentença de 17 de março, terminava por condená-lo em contumácia somente a três meses de cárcere, dez dias de prisão e multa de 200 libras:¹¹ porém, apenas denunciado, fugiu para a França. O recurso ao tribunal de apelo de Brescia, sob a responsabilidade do escritório legal do honorável Tommaso Villa, leigo maçom castelnovense, não teve lugar por decorrência dos termos de apresentação. Os jornais anticlericais, além do mais, validamente combatidos pelos jornais católicos, encontraram objeto para as mais torpes contrafações de uma realidade¹² que não justificava nenhum discurso *de re turpissima*, como fazia dom Gastaldi, ou uma visita apostólica à Congregação, como teria sido pensado pela Congregação dos Bispos e Regulares.¹³ Como se queira, apelando-se para a Lei Casati, o prefeito de Cremona, presidente do Conselho Escolar Provincial, já tinha decretado em 5 de março o “fechamento temporário em caráter de urgência” da escola.¹⁴ Para produzir calma em um ambiente prevenido e superaquecido, por razões de oportunidade, em pleno acordo entre o bispo e Dom Bosco, os salesianos se retiravam da cidade.

A obra de *San Benigno Canavese*, a 20 quilômetros ao norte de Turim, com escolas profissionais e oratório festivo, ficou clássica na experiência salesiana. Nas intenções de Dom Bosco essa era, sobretudo, sede do noviciado dos clérigos, desde 1886 reservada aos coadjuutores quando os noviços clérigos encontraram a sua sede em Foglizzo, 8 quilômetros mais além. As tratativas foram iniciadas em 1878 e no outono tinham terminado.¹⁵ Em janeiro de 1879 escrevia ao padre Rua: “Manda ver o prédio

⁹ A dom Bonomelli, 30 de dezembro de 1881; E IV 107.

¹⁰ *Documenti* XXIV 68-86, FdB 1077 E7-1078 B1; MB XV 813-815.

¹¹ *Documenti* XXIV 68, FdB 1077 E7.

¹² *Documenti* XXIV 69, 74-86, FdB 1077 E8; 1078 A1-B1.

¹³ Cf. cartas do padre Dalmazzo a Dom Bosco, 15 de maio e de 25 de outubro de 1882; *Documenti* XLV 265-267, FdB 1098 D10; XXIV 243, FdB 1080 D8.

¹⁴ *Documenti* XXIV 70-73, FdB 1077 E9-12.

¹⁵ Cf. carta ao barão C. Ricci des Ferres, Oratorio di San Benigno Canavese, 3 de outubro de 1878; E III 390.

de San Benigno e dispõe as coisas para que possa ser habitável no mês de maio”.¹⁶ Naturalmente, conforme Dom Bosco tinha garantido ao prefeito do lugar e teria colocado em evidência com a carta no *Boletim Salesiano* de janeiro de 1880, a casa tinha também escopos educativos e sociais em favor dos jovens. Era essa a condição que o prefeito de Turim tinha colocado na concessão para uso de um complexo histórico – a quase milenar abadia de Fruttuaria – de propriedade do Estado, confiado ao comum: que o prédio abacial fosse destinado a uma obra de “pública utilidade”. Com efeito, aí foram acolhidas escolas diurnas “para os alunos do lugar”, “escolas noturnas para os adultos”, atividades de tempo livre “nos dias festivos” para “os jovens operários do lugar”, “um internato de pobres aprendizes”, “um estudantado de preparação” e de tirocínio para os futuros educadores dos jovens.¹⁷ O programa seria fielmente realizado, com desenvolvimentos duradouros, em particular pelas oficinas para aprendizes, alfaiates, sapateiros, marceneiros, tipógrafos, encadernadores, transformados também em lugares de formação profissional e religiosa dos chefes de arte salesianos leigos para as várias escolas de artes e ofícios difundidas no mundo. Os primeiros habitantes chegaram em 5 de julho de 1879, para as férias de verão, jovens aspirantes ao clero de Valdocco. A partir de outono tinham começado as atividades previstas.

O ano de 1879 era também data histórica para a Sicília salesiana. Surgiam as duas obras mães, uma das Filhas de Maria Auxiliadora em *Catania*, outra a 70 quilômetros de distância, em *Randazzo*, dos salesianos. Ambas deram início, na ilha, a centena de obras e ao florescimento de milhares de vocações de operadores e de operadoras no seguimento de Dom Bosco. Uma se tornava a matriz de bem três inspetorias ou províncias religiosas femininas; a outra de uma inspetoria entre as mais qualificadas na Itália e da mais alta densidade salesiana.

O colégio municipal de *Randazzo*, na recente diocese de Acireale (1872), começou a operar no outono de 1879, por iniciativa de alguns que estimavam e cooperavam com Dom Bosco e com suas empresas, em primeiro plano o *cavaliere* Giuseppe Romeo Vagliasindi.¹⁸ As tratativas foram rápidas, conduzidas pelos padres Durando e Cagliero, chegados em *Randazzo* em 3 de março de 1879, onde permaneceram por seis dias. Ao capitulado de Varazze, mais rígido, foi preferido o de Alassio com alguma majoração da contribuição complexiva. Ela foi estipulada com o município em 7 de março e aprovado em 29 de abril pelo Conselho Escolar Provincial.¹⁹ Os primeiros dez sale-

¹⁶ Carta de Marselha, 11 de janeiro de 1879; E III 436.

¹⁷ Ao prefeito de San Benigno, 10 de março de 1879; E III 453.

¹⁸ BS 4(1880) n. 1, janeiro, p. 11-14, “A primeira casa salesiana na Sicília, ou seja, o Colégio de São Basílio em *Randazzo*” e duas cartas do diretor salesiano e do arcebispo de Messina, o servo de Deus Giuseppe Guarino; n. 2, fevereiro, p. 8-9, “Gratidão de um pai e o Colégio de *Randazzo*”; 5(1881) n. 8, agosto, p. 6-8, “A festa de São Basílio e o arcebispo de Messina em *Randazzo*” e uma carta do arcebispo a Dom Bosco.

¹⁹ Cf. texto em MB XIV 781-782.

sianos chegaram em 24 de outubro de 1879, tendo como chefe o culto e criativo padre Pietro Guidazio (1841-1902), no ano precedente, conforme se falou, responsável pelos estudos ginasiais no seminário de Montefiascone. O pessoal era de primeira qualidade, com educadores dotados e versáteis, embora muito jovens. Aí apareciam desde o primeiro ano padre Giovanni Battista Rinaldi (1855-1924), que logo seria o dinâmico iniciador e diretor, por vinte anos, da fundação salesiana de Faenza, padre Stefano Trione (1856-1935), excepcional organizador e animador, os clérigos Eusebio Calvi (1858-1923), educador de rara fineza, Francesco Piccollo (1861-1930), de grande espiritualidade e capacidade de governo (diretor e inspetor na Sicília e visitador de várias inspetorias), e Ernesto Vespignani (1861-1925), arquiteto genial e apreciado em toda a América do Sul. Em 12 de novembro entravam os primeiros internos. Ao lado do Colégio o dinâmico padre Trione organizou logo o oratório festivo, que pôde dispor de uma igreja até então deserta. As primeiras boas-vindas aos salesianos foram dadas pelo arcebispo de Messina, servo de Deus dom Giuseppe Guarino, depois cardeal, a quem o grupo visitava. Poucos dias depois dom Guarino escrevia uma comovida carta a Dom Bosco, desejando sua visita à Sicília. Dom Bosco, porém, não conseguirá ultrapassar Nápoles, onde passaria dois breves dias, segunda e terça-feira de Páscoa, 29-30 de março de 1880, encontrando também o arcebispo Sanfelice e padre Ludovico da Casoria. Durante o primeiro ano dom Guarino morou uma semana com os salesianos: Randazzo está nos confins da diocese de Acireale com a de Messina. Eles receberam ainda a visita do bispo diocesano dom Genuardi.

“*Vae soli*, diz o Espírito Santo – escrevia padre Cagliari ao padre Rua de Randazzo, em 24 de outubro de 1883 –, e eu digo o mesmo do colégio de Randazzo, o qual tem absoluta necessidade de um companheiro nesta terra vulcânica”.²⁰ A recomendação era tida em consideração em 1885, com a abertura em *Catania* de um oratório festivo com escolas noturnas, “com o título de São Filipe Neri”.²¹

Foi iniciada a implantação em um lugarejo de Monferrato, *Penango*, de uma obra que iniciava como internato, com escolas elementares, quase sucursal do colégio de Borgo San Martino. Durante um século seria um tranqüilo centro de formação de vocações eclesiais e religiosas. Um primeiro aceno ao colégio de Penango se encontra em carta de Dom Bosco ao padre Rua, escrita de Marselha: “Recebi a carta do padre Bonetti com relação à casa de Penango. Se julgas coisa oportuna, não me oponho. Pode-se começar fazendo a oferta de 20 mil liras”.²² A posse selene aconteceu no domingo, 6 de junho de 1880, com a presença de todo o colégio de Borgo San Martino e do bispo de Fossano, dom Manacorda, nativo de Penango. Dom Bosco o visitava pela primeira vez em outubro de 1881, no início do primeiro ano de plena atividade. Escrevendo de Pinerolo em 1886 aos condes Colle, notava com satisfação que o bispo

²⁰ Citado em MB XVI 400.

²¹ BS 10(1886) n. 1, janeiro, p. 2.

²² Carta ao padre Rua, 22 de janeiro de 1880; E III 545.

que hospedara, dom Filippo Chiesa, fora destinado à diocese de Casale, na qual se encontravam as duas casas de Borgo San Martino e de Penango.²³

1.2 Na França

O outono de 1879 trazia uma nova fundação, de vida breve, na região da Savóia, em *Challonges*, na diocese de Annecy, lugar de nascimento do comendador Dupraz, protagonista com a mulher, Angela Giusiana, da obra da Trinità, já no princípio da crise, depois da partida do padre Guanella. O comendador Dupraz tinha redigido, em 21 de julho de 1879, uma convenção de extrema simplicidade, que previa a oferta de uma casa e o sustento pecuniário para a abertura de “uma escola elementar privada e de um oratório festivo”. Sob essa base fora compilada, em 13 de novembro, pelo diretor salesiano, padre Carlo Cays, a declaração de ter recebido em confiança uma obra devidamente aparelhada.²⁴ Mas o doador e seu correspondente, padre Durando, não pareciam estar perfeitamente ao corrente das rígidas prescrições da lei a respeito da abertura de uma escola mantida por privados,²⁵ prelúdio das leis muito mais restritivas que viriam no decurso de 1880.²⁶

Ainda menos preparado, no caso, podia ser aquele que fora encarregado de dirigir a nova obra, conde Carlo Cays, com um ano de sacerdócio, tendo como auxiliar um coadjutor proveniente de Nizza, salesiano novo. A abertura foi efetuada em 10 de novembro. Em Turim tinha-se pensado em assegurar a legalidade do ensino elementar – título de estudo e nacionalidade francesa – colocando para dirigir a escola padre Vincent, vindo de Saint-Cyr, o sacerdote que tinha cedido aos salesianos as duas escolas agrícolas de Navarra e Saint-Cyr. Mas para a escola não tinha sido pedida a autorização prescrita e constava a presença como gestores de dois italianos. Já em 8 de dezembro ela era fechada em caráter administrativo e, no dia 27, era emanado o decreto formal. Dom Bosco sugeria prudentes soluções interlocutórias que garantissem um eventual futuro mais seguro e, imediatamente, não comprometessem as outras obras na França. Em 12 de dezembro escrevia ao conde Cays: “No entanto, se nós nos tivéssemos ao primeiro programa do senhor comendador Dupraz, talvez tivéssemos evitado este choque. Aquele programa estabelecia oratório festivo e escola noturna para este ano; entretantes, buscar-se-ia ver o que devíamos fazer. É um problema sério, quando se tocam as susceptibilidades dos municípios. Estamos quase em idêntica posição em Trinità di Mondovì. Lá os professores fazem de tudo para tirar-nos os alunos, e o

²³ Carta de 25 de julho de 1886; E IV 522. O bispo morria poucos meses depois de sua transferência (4 de junho – 5 de novembro de 1886).

²⁴ *Documenti* XXII 294, FdB 1073 A7.

²⁵ *Documenti* XXII 293-294, FdB 1073 A6-7.

²⁶ Cf. cap. 2, § 9 e cap. 28, § 3.

município dá apoio aos mesmos. De qualquer forma esperamos a resolução do pretor, a qual teremos que nos conformar. Julgo, porém, que seja bem ficarmos estritos ao oratório festivo com as escolas de caridade no sentido estrito do elementar. Padre Rua escreverá outras coisas a respeito. As outras nossas escolas não serão perturbadas, porque em Nice, Navarra e Marselha se ensina somente aos aprendizes internos. Em Marselha se ensina também aos jovens da *Maîtrise*, mas sob a responsabilidade do responsável da paróquia”.²⁷ Quase no final de janeiro, comendador Dupraz contatava um professor leigo francês, bom católico, Jean Baptiste Ronchail, que aceitava.²⁸ Dom Bosco consentia na solução, propondo ao diretor de ceder por ora “à força da autoridade” e “confiar o ensino” com o relativo pagamento ao professor proposto, com a esperança de uma sistematização melhor no ano seguinte, que permitisse realizar o que fosse necessário para “cumprir as obrigações da lei”. Isso era tanto mais necessário em um “momento de agitação em toda a França”, no qual “a oposição se dirigia especialmente contra as congregações religiosas”. Ele desejava somente que os acontecimentos de Challonges não chegassem a “prejudicar as outras casas da França”, que estavam se sustentando “com tantos sacrifícios pessoais e pecuniários com a finalidade de fazer um pouco de bem”²⁹. Mesmo para a abertura de capelas era necessária a autorização do governo.³⁰ A escola continuava sob a gestão de Ronchail até o final do ano escolar, mas a indisponibilidade do pessoal francês salesiano para sustentar a gestão induzia a decidir a retirada. Indo à Itália, no verão, para os exercícios espirituais, os salesianos de Challonges não voltaram à sede. O desapontamento do comendador Dupraz, que tinha gastado um patrimônio para a construção e preparação do edifício – segundo ele, 90 mil francos [mais de uma centena de milhares de euros], três quartos de sua fortuna – foi enorme, também pelos danos morais e espirituais que o abandono trouxe às crianças de Challonges. Ele exprimia isto em um longo relatório, de 16 de novembro de 1880, enviado a Turim, esperando a reconsideração.³¹ Sua morte, acontecida antes do final do ano, tornava ainda mais difícil a situação. Enfim, com o início do novo ano, Dom Bosco decidia o formal abandono da obra, entregando-a à viúva Dupraz, como escrevia ao padre Rua, de Roquefort, no sul da França: “Não tenho notícias das coisas tratadas com a senhora Dupraz. Acredito ser conveniente aceitar aquilo que quer dar e deixar tudo em suas mãos, o que significa renunciar à casa de Challonges”.³²

Mas, deixando de lado o espinhoso episódio, era tangível na França, sobretudo, o caminho em direção à consolidação e à autonomia jurídica das obras do sul, que tinham superado felizmente o temível tufão de 1880. O baricentro estava-se deslocando sempre

²⁷ Carta ao padre Cays, 12 de dezembro de 1879; E III 532-533.

²⁸ *Documenti* XXII 51-52, Fd 1069 A8-9.

²⁹ Ao padre Cays, de Marselha, 4 de fevereiro de 1880; E III 546.

³⁰ *Documenti* XXII 76-77, FdB 1069 C8-9: carta de Cays ao bispo e vice-versa.

³¹ *Documenti* XXII 291-293, FdB 1073 A3-5.

³² Carta de 27 de fevereiro de 1881; E IV 26.

mais da casa-mãe de Nice à de *Marselha*, a qual, com o *Oratório São Leão* desejava emular o Oratório de Valdocco. Em preparação a uma visita que faria a Marselha, na metade de fevereiro de 1881, Dom Bosco pedia ao padre Bologna, em dezembro, informações e dados sobre a obra: estado dos trabalhos, número de jovens internos e externos, resultados obtidos, trabalhos previstos, débitos e créditos, ação dos Comitês de apoio, “todos os fatos particulares – escrevia – que podem servir para uma exposição que eu desejo fazer na Conferência dos Cooperadores, que espero acontecerá poucos dias depois de minha chegada. Envia o que escreveres em francês, pois servirá melhor ao meu objetivo”.³³ Dom Bosco chegava em meados de fevereiro de 1881, com padre Durando, que ocupar-se-ia na regulação dos programas das escolas. No dia 16 festejou-se solenemente São Francisco de Sales com a missa da comunhão celebrada pelo bispo diocesano, Jean Robert, e no dia 17 Dom Bosco fez uma elaborada conferência em francês, presente o arcebispo de Aix, Théodor Forcade (1816-1885), das Missões Extranjeiras de Paris, antigo missionário no Japão, em Macau e em Guadalupe.³⁴ “St. Cyr, Toulon, Fréjus, Cannes, Nice esperam a mesma conferência”, escrevia ao cardeal Nina.³⁵ Ao cônego Guiol, de Nice, assinalava outras etapas de sua peregrinação de incansável procurador: “Em Aubagne, Roquefort, St. Cyr, Toulon, Hyères Deus continua a abençoar-nos, e temos grandes motivos de agradecer espiritual e materialmente”.³⁶ Ao mesmo tempo, de Nice, contestava a reputação de “taumaturgo”, difundida entre os devotos de Marselha, e retificava: “Muitos crêem que o pobre Dom Bosco, com suas preces, obtenha graças particulares de Deus. Não é assim. Deus abençoa nossas obras, as favorece e as protege; mas, como não temos os meios necessários para sustentá-las, Deus vem em nosso auxílio com graças e favores até mesmo extraordinários para todos os que nos prestam socorros materiais”.³⁷

Não voltava a Turim, mas se dirigia a Roma, acompanhado pelo padre Rua, que o acompanhava também na visita às casas de Sampierdarena, La Spezia e Firenze.³⁸ Por isso tinha escrito ao secretário para que colocasse padre Rua ao corrente das principais “ações em Roma com as cartas relativas ao noviciado de Marselha, aos três favores revogados – os direitos paroquiais, o *extra tempus* e a dispensa das cartas testemunhais – e à Igreja do Sagrado Coração”.³⁹ Interessava-se, ao mesmo tempo, de cooperadores e de beneficência, delegando para isso em particular padre Pietro Pozzan, encarregado da propaganda, sobretudo por meio do *Boletim Salesiano*.⁴⁰

³³ Carta ao padre Bologna, 23 de dezembro de 1880; E III 644-645.

³⁴ A crônica foi publicada por *L'unità cattolica*, e o *Bulletin* francês a resumia: BS 2(1881) n. 12, março, p. 15-16.

³⁵ Carta ao secretário de Estado, 27 de fevereiro de 1881; E IV 29.

³⁶ Carta de março de 1881; E IV 31.

³⁷ Carta encontrada na ata da reunião do Comitê Feminino das Benfeitoras, 10 de março de 1881; E IV 30-31.

³⁸ Ao padre rua, de Alassio, s.d.; E IV 40.

³⁹ Ao padre Berto, 6 de abril de 1881; E IV 42.

⁴⁰ Carta ao padre Berto, de Alassio, 8 de abril de 1881; E IV 43.

Pelo final de outubro de 1881 as obras da França eram reagrupadas em inspetoria autônoma. Padre Paolo Albera fora nomeado superior, com sede em Marselha. Dom Bosco escrevia ao padre Bologna: “Não pude acompanhar padre Albera com uma carta ao bispo de Marselha. Dize-me pois: como estão as irmãs, o pároco e o novo pessoal? Escrevi à senhora Jacques; hoje escreverei à senhora Prat-Noilly”.⁴¹ Alguns dias antes do Natal anunciava ao padre Ronchail as etapas de sua próxima viagem à França, com meta final em Nice: “Minha partida de Turim está prevista para 10 do próximo janeiro, *si Dominus dederit*. Chambéry, Lyon, Valence, Aix, Marselha, Aubagne, Toulon, Hyères, Fréjus, Cannes, Grasse, Nice : eis os lugares de parada. Espero estar contigo na metade de fevereiro”.⁴² No decurso da permanência em Marselha, Dom Bosco traçava para padre Bologna, até então diretor da casa e, de agora em diante, responsável da mesma com o título de vice-diretor, um regulamento que definia suas distintas responsabilidades e a do inspetor-diretor na gestão da obra. As normas eram menos limitantes da autoridade do vice-diretor do que as dadas um ano antes ao padre Luigi Rocca, nomeado vice-diretor quando o diretor, padre Cerruti, fora feito inspetor das casas da Ligúria e da França.⁴³

No outono de 1883, em Santa Margarida, próximo de Marselha, surgia o *Oratório da Providência*, casa de noviciado para a nova inspetoria. Aí aparecia como diretor o mesmo inspetor, padre Albera, e padre Cesare Fasani era vice-diretor e mestre dos noviços. A este sucedia no ano seguinte o saboiano Luigi Cartier (1860-1945), de 24 anos, figura de grande prestígio nos desenvolvimentos sucessivos da obra salesiana na França. A obra de Marselha, junto com as outras da França, caminhava para uma fecunda autonomia de governo sob a sábia e firme condução daquele que seria chamado “le petit Don Bosco”, padre Paolo Albera, seu segundo sucessor no governo da Sociedade Salesiana. Dom Bosco, porém, continuaria a se sentir em casa na França, incansável pedinte e aguardado taumaturgo. E, antes da sua morte, podia levar sua contribuição para o surgimento na França, em acréscimo às obras de Lille e de Paris,⁴⁴ em 1886 do *Orfanato Morgant* com oficina em Guînes (Pas-de-Calais), e em 1888 do *Orfanato Villemot* em Gevigney (Haute Saône), confiados respectivamente às Filhas de Maria Auxiliadora e aos salesianos.⁴⁵

⁴¹ Carta de 28 de outubro de 1881; E IV 92.

⁴² Carta de 22 de dezembro de 1881; E IV 101-102.

⁴³ Carta ao padre Bologna, 19 de março de 1882 (E IV 121-122); ao padre Luigi Rocca, abril de 1881 (E IV 44-45), “Normas para o vice-diretor do Colégio de Alassio”.

⁴⁴ Cf. cap. 31, § 5.

⁴⁵ Sobre o brevíssimo acontecimento do orfanato de Gevigney, continuado em lugar melhor, escreveu páginas interessantes Y. LE CARRÈRES, “Le colonies ou orphelinats agricoles tenus par les salésiens de don Bosco en France”, in: F. MORO (ed.), *Insedimenti e iniziative salesiane dopo don Bosco: saggi di storiografia*. Atti del 2 Congresso-Seminario di Storia dell’Opera Salesiana, Roma, 1º a 5 de novembro de 1995. Roma, LAS, 1996, p. 145-150.

2. Segundo Capítulo Geral da Sociedade Salesiana (1880)

O Segundo Capítulo Geral da Sociedade Salesiana desenvolveu-se em Lanzo, de 3 a 15 de setembro de 1880.⁴⁶ Ele parece um complemento substancial do primeiro, retomando, por meio do estudo dos membros e das comissões encarregadas de integrar e aprofundar temas deixados na sombra pelo anterior: antes de tudo, o problema dos estudos eclesiais, e outros de nova relevância, como a existência das paróquias, as quais podiam criar alguma dificuldade aos colégios e às escolas, como tinha acontecido em Marselha. Devia-se, além disso, eleger os membros do Capítulo Superior, exceto o reitor-mor, Dom Bosco, o qual *ad personam* era tal em vida. A carta de convocação, endereçada aos diretores, tinha explicitado como escopo do Capítulo justamente as eleições, enquanto, com relação ao resto, tinha simplesmente convidado os destinatários a recolher as “observações e propostas” dos sócios, consideradas oportunas “para o bem da Congregação, e colocadas em ordem, levá-las” consigo ao Capítulo.⁴⁷ De qualquer modo, o Capítulo chegou a deliberações significativas e estruturadas. A discussão dos vários temas, ao invés, não se desenvolveu linearmente. Seu responsável, em particular, era Dom Bosco, incontestável protagonista, preocupado em fazer convergir a atenção dos capitulares, além das discussões e decisões normativas, para o espírito que devia informar umas e outras.

Em seguida à costumeira sessão ritual e regimental das 19 horas de 3 de setembro,⁴⁸ foi imediatamente fundamental a sessão na parte da manhã do dia sucessivo, 4 de setembro, destinada à eleição dos membros do Capítulo Superior. Inédita foi, com efeito, a discussão sobre a questão preliminar, se podiam ser eleitos para o Capítulo também os leigos, os coadjutores. Foi aceita, sem debate, a negativa de Dom Bosco. Lido, com efeito, o primeiro artigo das Constituições sobre a composição da Sociedade – sacerdotes, clérigos e leigos – pareceu-lhe óbvio tirar daí a simples consequência: “Por certo, os clérigos não podem jamais estar como chefes dos sacerdotes, tanto menos os leigos”; por isso, “concluiu-se que os coadjutores não possam vir a ser eleitos como membros do Capítulo Superior”.⁴⁹ Mas a parte forte da sessão foram as consi-

⁴⁶ Sobre as sessões existem as atas do padre Marengo, ASC D 579, FdB 1.856 D2-1.857 A1, as quais, porém, têm início em 5 de setembro. Completas e mais amplas são as do padre Barberis, em dois cadernos de um conjunto de 132 páginas não numeradas, ASC D 579, FdB 1.857 B7-1.859 B3, que registram os trabalhos da tarde de 2 de setembro. Estão disponíveis também outros materiais: a circular de convocação, propostas dos irmãos, outras comunicações à Congregação, FdB 1.853 A6-1.859 B3.

⁴⁷ Carta de Don Bosco, 27 de junho de 1880; E III 593-594.

⁴⁸ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 5-9, FdB 1.857 B12-C4.

⁴⁹ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 10-11, FdB 1.857 C5-6. Foram eleitos: Michele Rua, *prefeito*; Giovanni Cagliari, *diretor espiritual*; Carlo Ghivarello, *ecônomo*; Celestino Durando, *conselheiro escolar*; Giuseppe Lazzero, *conselheiro*; Antonio Sala, *conselheiro*. No Catálogo, aos membros do Capítulo Superior, seguiam dois nomes: Giovanni Bonetti, *prefeito do clero*, e Giulio Barberis, *mestre dos noviços*.

derações de Dom Bosco, uma renovada síntese de suas idéias sobre a vida religiosa salesiana, “algumas coisas – dizia – que devem ser promovidas na nossa congregação”. A primeira era incontestavelmente a *obediência*, que na introdução das Constituições, com São Jerônimo e São Boaventura, mas principalmente pela profunda convicção pessoal, tinha definido essa virtude na qual “*summa virtutum clausa este, tota religionis perfectio consistit*”. Ele denunciava um certo esfriamento em sua observância e declarava “intolerável” que existisse aquele que, “sem dizer nada, não realiza o que foi encarregado para fazer”: o superior está tranqüilo, convencido de que uma coisa seja realizada, mas depois se apercebe que “nem mesmo foi começada”; crê que “uma propriedade vá bem”, e depois se apercebe que tudo termina em desordem e ruína, por incúria ou abandono do encarregado. “Isto produz dano imenso nas congregações”, comentava. A obediência devia ser “absoluta”, a partir do Capítulo Superior e deste “estender-se aos diretores, aos prefeitos, a todos os sócios da congregação”.⁵⁰ Outra coisa a ser promovida era *o espírito de caridade e de doçura de São Francisco de Sales*, que ele considerava em declínio sobretudo na escola: alunos mal vistos, “não bem tratados”, descuidados, expulsos das aulas; de aí desavenças entre o professor e o superior, quando este procura mitigar as intervenções repressivas do outro. Concluía: “Eu recomendo muito que esse espírito de doçura e de caridade seja exercitado por vós e se faça de tudo para propagá-lo nos sócios de vossas casas e especialmente entre os professores. Encorajar-nos assim uns aos outros com caridade e doçura será sempre o sustento de nossas casas”.⁵¹ Mais alargado era o discurso sobre *a promoção das vocações*, que Dom Bosco via “diminuir de forma espantosa”. À diferença de “antigamente” – observava –, agora os colégios salesianos “realizam a tarefa como os outros”, ou seja, não revelam nos alunos “o ardor que se via uma vez para as coisas boas e para a religião e as pessoas religiosas”. Para uma retomada propunha alguns remédios, a partir daquele indicado precedentemente: “Antes de tudo, eu vejo necessário que nos tratemos *mutuamente com muita caridade e doçura* e usemos o mesmo tratamento para com todos os sócios”. Em segundo lugar, “essa nossa doçura” “*seja utilizada também para com os alunos*, que ficarão como que eletrizados”, “ganharemos muito sobre seu afeto e, por isso, sobre sua vocação”. Certos defeitos dos superiores – grosseria de tratamento, impaciência – podem ser motivos de afastamento deles e de qualquer idéia de seguir a escolha vocacional. “Digo pois, – continuava – e repito: a doçura e a caridade entre nós e com eles são os meios mais poderosos para poder educá-los bem e para cultivar-lhes a vocação”. “Digo pois – continuava – e repito: a doçura e a caridade entre nós e com eles são os meios mais poderosos para poder educá-los bem e para cultivar neles as vocações”. Passava, a seguir, a tocar numa tecla extremamente sensível e fundamental

⁵⁰ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 13-14, FdB 1.857 C8-9.

⁵¹ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 14-15, FdB 1.857 C9-10. O mesmo motivo seria sublinhado com força nas cartas de 10 e 14 de agosto de 1885 ao padre Cagliari e ao padre Costamagna na Argentina. Cf. cap. 33 § 2.

para as vocações, a *moralidade*. A respeito desta Dom Bosco fazia uma análise pessimista sobre os “tempos”, típica dos ambiente fechados, desconfiados em relação às escolas da infância. Deplorava a difusão “em nossos tempos” da imoralidade, naturalmente *in re turpi*, e retornava sobre a tese dos danos à saúde trazidos pela masturbação: “O vício é dominante – precisava. Agora se vêem jovens que começam uma cadeia de imoralidade a partir dos 4 ou 5 anos e a adquirem até nos asilos de infância. E jamais acreditaria que esses asilos pudessem produzir tanto mal. Aos 8 ou 10 anos já se adquiriu uma malícia precoce que antigamente não se tinha aos 18 e aos 20 anos. Isso produz um enfraquecimento geral na energia e na saúde dos jovens. Tornam-se por isso raras aquelas educações másculas, robustas, entregues a grandes fadigas e poder sustentá-las sem dano para a saúde. Conseqüentemente, nos institutos de educação acredita-se constringido “a condescender com os tempos”, adoçando as exigências quanto ao repouso, à alimentação, à “fadiga”. Isso é fonte de imoralidade, e onde tal se encontra – insistia – “não existe mais vocação, antes existe desprezo para qualquer coisa sagrada”.⁵² Listava, então, alguns meios para promover as *vocações*, os de sempre: “1) falar sempre bem dos padres; 2) afastar constantemente os maus companheiros; 3) ter distantes livros maus” ou que “exaltem um pouco a fantasia ou estimulem as paixões”; 4) de todos os lugares, “também do púlpito, falar com freqüência de vocações e fazer entender que esse ponto é como a roda mestra da qual depende a vida”; “5) fazer ler nossos livrinhos, a vida, por exemplo, de Domenico Savio, Magone etc.”, pois era impossível que não atraísse vocações uma Congregação que tinha sabido exprimir jovens tão bons; 6) “trabalhar muito”, pois é conhecido de todos – confirmava – que os salesianos não somente pregam e confessam, mas “dão aula, catecismos e pregações, estão em todos os lugares, fazem tudo”. Fazia insistentes exortações: “trabalhe-se, pois, muito, de todas as formas, de todos os lados”, conservando “o que é de bom nos povos e nos jovens” e citava palavras de Pio IX, que eram antes de tudo suas: “Vivemos em um século materialista. A ação dos bons, de boas orações, práticas de piedade, sacramentos, não vale nada para eles. É preciso fazer também obras externas e, à sua filantropia, contrapor obras de caridade, como retirar as crianças, visitar encarcerados e coisas semelhantes. Tudo isso, ao mesmo tempo que nos torna agradáveis a Deus, faz também com que sejamos bem vistos pelos maus, os quais, dessa forma, nos deixam trabalhar, e mesmo nos ajudam a trabalhar nas obras de caridade”. Também os “liberais de primeiro grau” – acrescentava – admiram e apreciam os salesianos, porque são “beneméritos da sociedade, fazem o bem”. Concluía, como espírito livre: “ao mundo maligno não podemos opôr nem padres-nossos e nem mesmo milagres: são necessárias as obras; é preciso recolher muitas crianças”; por isso, “trabalhe-se muito e a Congregação estará abençoada”.⁵³

Entre os capitulares a discussão girou sobre temas ligados com as considerações de Dom Bosco, começando pela *moralidade*. “O discurso – registrava o cronista – caiu sobre

⁵² G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 15-18, FdB C10-D1.

⁵³ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 19-21, FdB 1.857 D2-4.

as más leituras e especialmente lamentou-se de alguns dos nossos clérigos”: “grande dano para os jovens como são para nossos clérigos”. Começava-se a ler certos livros, quiçá “sem ponderação, somente pelo gosto da novidade” – dizia-se –, “mas depois se reflete, se pensa e terminam sempre por fazer nascer idéias pouco retas em favor de religião e nada boas em caso de moralidade”. “De modo especial”, recomendou-se aos diretores afastar dos alunos e salesianos “Ariosto, Metastásio, d’Azeglio, Giusti”; “nem mesmo jamais sugerir aqueles romances que, se não são maus e alguns mesmo escritos com espírito verdadeiramente bom, enchem a cabeça com pensamentos vãos, de raciocínios etc. como são *I promessi sposi* [de Alessandro Manzoni] e os mesmos livros do Bresciani, Franco e semelhantes”. Dom Bosco denunciava a “mania” de “professores e jovens sacerdotes” de pedir-lhe “permissão para ler livros proibidos”, e pedia que evitassem livros nos quais se encontra mais mal que bem, “podridão” e “sujeira”, que diminuam a “devoção” e causam “maior indiferença pela religião”. Citava em particular Machiavelli, de quem alguns louvavam a língua e o estilo, sem advertir de colocar em evidência seus limites e perigos. Nessa atmosfera alguém propunha que na livraria do Oratório não se vendessem mais aos jovens, mas somente aos externos, os livros de Manzoni, Bresciani etc. Dom Bosco se mostrava mais drástico. O que podia fazer mal aos jovens, podia fazer a todos, por isso era necessário não tê-los à venda. Pensava ao mesmo tempo numa possível medida positiva, “uma biblioteca de leituras amenas”, que devia começar após a conclusão da Biblioteca dos Clássicos Italianos. Aí podiam entrar “as narrações do padre Lemoyne, as sobre o gosto, por exemplo, de Tomás Morus etc., mas – advertia – nos quais não entrem romances amorosos etc. etc. etc.” Concluía com reflexões sobre as correções que deviam ser propostas a autores que pretendessem publicar na Tipografia Salesiana.⁵⁴

Constituídas as primeiras quatro comissões, na sessão da tarde do dia 4 de setembro⁵⁵ Dom Bosco aproveitava a oportunidade para manter o liame com as precedentes deliberações capitulares impressas, usando a ocasião para retomar o discurso sobre a *obediência* dos sócios, especialmente dos superiores. Revelava “queixoso” que não se procedia “com um só princípio”, mas que “vários queiram várias coisas”. Comecem os diretores – recomendava – “a dar bom exemplo nesse ponto, buscando executar e fazer executar qualquer disposição e vontade superior, e depois esforçar-se com todo seu poder para obter o mesmo dos subalternos”.⁵⁶

Sobre o problema dos estudos filosóficos e teológicos dos clérigos trabalhavam duas comissões. Na sessão da tarde de domingo, 5 de setembro, a discussão sobre o duplo tema conduzia à constatação unânime da persistente falta de cumprimento das prescrições que diziam respeito aos *estudos eclesiásticos*, que, entre outras coisas, ameaçava levar os padres salesianos a fazer péssima figura. O mais grave abuso era a admissão

⁵⁴ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 22-25, FdB 1.857 D 5-8.

⁵⁵ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 28-29, FdB 1.857 D11-12.

⁵⁶ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 30-31, FdB 1.857 E1-2.

ao presbiterado daqueles que não tinham cumprido o quadriênio de estudos teológicos e, não obstante as repetidas prescrições, não os prosseguiram após a ordenação. Contendo padre Cagliero, contrário à prática do quadriênio incompleto, Dom Bosco dizia que a mesma era seguida por outras ordens religiosas e por bispos que precisavam de clero. A solução era garantir aos ordenados o tempo exigido para completar os estudos teológicos. Aduzia, pois, razões positivas em favor de eventuais ordenações antecipadas: 1) “Dão aos indivíduos maiores meios de perfeição”; 2) “se obtêm maiores graças do Senhor para toda a Igreja, para a Congregação, para nós”; 3) “pode-se fazer o bem em nossas casas, porque a ordenação sacerdotal faz adquirir maior autoridade sobre os jovens”; 4) “dá-se mais liberdade aos diretores para poder rezar a missa em horário livre”; 5) “nós somos pobres e há a esmola”; 6) “dá-se maior comodidade às populações” para a missa.⁵⁷ A conferência ocupou outro tempo para relembrar o que Dom Bosco tinha acentuado várias vezes, isto é, que cada diretor procurasse formar o próprio pessoal. Ele frisava também outra missão do diretor, ou seja, “sobre a forma de procurar distribuir os trabalhos de cada sócio de tal modo que – precisava – todos possam ter tempo para estudar, e não que o trabalho se acumule todo sobre alguns um pouco mais hábeis, enquanto outros que o são menos sejam deixados de lado”. Nesse ponto pensou-se em eleger “uma comissão encarregada de estudar a forma de liberar o diretor de cada casa para que [pudesse] se ocupar mais do pessoal, ajudando cada um a cumprir bem as incumbências que lhe são confiadas”.⁵⁸

Nas duas sessões, matutina e vespertina, de 6 de setembro, foi rediscutido o problema dos estudos sagrados. Na da manhã, a relação do padre Durando era aprovada com poucas modificações: além do mais retomavam algumas deliberações já decididas no Capítulo de 1877. Em 7 de fevereiro de 1879 o Capítulo Superior tinha estudado a forma de encontrar professores para as várias casas, mas deveu-se constatar que era difícil tirar algum das outras. “Em Turim – observava-se – seria bom vários indivíduos aptos, mas ... uma parte faz somente o segundo de filosofia [o ano que seguia ao noviciado] e se prefere conservar o princípio de não tocar neles, especialmente quando se vê que seria arruiná-los não deixar que terminem a filosofia”.⁵⁹

Paralelamente ao tema dos programas escolares do pré-noviciado, Dom Bosco defendia o redimensionamento dos programas reservados aos assim chamados “Filhos de Maria”. A propósito, pois, dos artigos sobre os estudos de filosofia, ele limitava

⁵⁷ Por ocasião da publicação do livro de C. M. CURCI, *La nuova Italia ed i vecchi zelanti* (Florença, Fratelli Bencini, 1881), no qual o autor criticava a conformista, fechada e aproximativa formação do clero, o jornal *Gazzetta d'Italia*, de Florença, em 7 de junho de 1881 fazia referência a Dom Bosco, que fazia ordenar centena de jovens com esse sistema para os enviar entre os “infiéis” (cf. *Documenti* XXIII 152-156, FdB 1075 D6-10).

⁵⁸ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 34-38, FdB 1857 E5-9. A crônica do padre Barberis foi integrada com a do padre Marengo, *Verbali*, p. 2-7, FdB 1856 D4-9.

⁵⁹ G. BARBERIS, *Capitoli Superiori ossia verbali* quad. II, p. 71, FdB 1878 A11.

transitoriamente seu valor. Era necessário estabelecer “regras” que pudessem se tornar – dizia – “como nosso código, como fundamento sobre o qual a Congregação deve caminhar também no futuro”; “mas agora – prosseguia – é claro que nem todas e cada uma podem ser colocadas em prática: é preciso que comecemos a executá-las melhor, e pouco por vez introduzir a observância em nossas casas”.⁶⁰

Aprovados os artigos sobre os *Estudos sagrados*, Dom Bosco propunha com o unânime consenso da assembleia, em obséquio à Encíclica *Aeterni Patris*, de 4 de agosto de 1879, o acréscimo de um artigo sobre a fidelidade a Santo Tomás nas disciplinas filosóficas e teológicas. Depois comentava a confirmação do biênio para a preparação ao exame de confissão com palavras de extrema cautela: “Quanto mais se retarda a confissão mais estou contente e creio que seria um grande bem, seja para os próprios sacerdotes, seja para as almas se se fosse muito lentamente em dar a faculdade de confessar”.⁶¹ Na sessão da tarde, ainda sobre o tema dos *Estudos sagrados*, fizeram-se observações marginais, que evidenciavam uma exclusiva atenção à cultura recebida na escola. Um artigo acrescentado prescrevia: “Os clérigos dêem-se a máxima solicitude para cuidar dos próprios deveres escolares, e por isso se lhes proíbe ter ou ler livros alheios aos próprios estudos, ou jornais, sem a expressa licença do diretor”.⁶²

Na relação do padre Bonetti sobre o tema dos meios para promover e cultivar *as vocações ao estado eclesiástico*, Dom Bosco acrescentava anotações familiares de pedagogia vocacional. Não era preciso – advertia – dirigir aos jovens convites diretos, “tornem-se padres” ou “entrem na Congregação”, mas simplesmente “fazer entender bem a obrigação que existe de seguir a própria vocação e depois deixá-los agir sem mais”. Acrescentava: “Insistir para que não peçam conselhos a muitos e, se sentem o desejo de abraçar a vida religiosa, não falem com padres seculares. Nem parece verdade como também muitos bons padres não compreendem esse ponto de máxima importância que é o estado de maior perfeição, o estado religioso”. Concluía-se falando de drásticas limitações nas leituras e na assinatura de jornais”.⁶³

O tema dos *coadjutores* não era ainda muito claro aos membros da Assembleia Capitular e aos mesmos membros da Comissão de Estudo da *Direção dos Coadjutores aspirantes, inscritos e professores*, sendo relator padre Ronchail. Revela tal fato a crônica da sessão da tarde de 7 de setembro. “O tema – dizia-se – é da máxima importância e sente-se a necessidade de tratá-lo especialmente pelo Oratório de Turim. Mas para estabelecer as coisas com precisão existe uma dificuldade extraordinária, de modo que vários artigos ficaram ainda em suspenso para haver tempo de melhor estudo, e todo o projeto terminou por ser considerado como um simples esboço para servir de norma a outro tempo, no qual alguém possa estudar mais maduramente o assunto”. Também

⁶⁰ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 38-42, FdB 1.857 E 9-1858 A1.

⁶¹ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 45-46, FdB 1.858 A4-5.

⁶² Será o art. 6º, cap. II, dist. IV das *Deliberações* impressas.

⁶³ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 50-54, FdB 1.858 A9-B1.

sobre sua formação não vinha à tona nenhum programa orgânico, substituído por indicações bastante redutivas. “Sobre o noviciado dos coadjutores – registra-se – observou-se que quase todas as congregações os experimentavam com muito trabalho: se se mostravam hábeis a trabalhar bem e de constante boa vontade, fazem o noviciado e são admitidos aos votos, desde que considerados aptos, ou então são admitidos após dois meses, se há algo a se recuperar. Entre nós, contudo, os coadjutores têm necessidade de maior instrução, pelo fato de que vários se ocupam em coisas de importância e delicadas, mas a prova melhor, geralmente falando, é sem um noviciado ascético, vê-los trabalhando de boa vontade e bem, e ao mesmo tempo que demonstrem vontade decidida de agir com toda retidão”. Para a formação após ao noviciado eles eram confiados ao diretor, que se supunha preparado e disponível a receber seus rendicontos, fazer-lhes conferências, conceder as permissões principais. Ele podia, ao invés, confiar ao catequista dos aprendizes, onde existia, os coadjutores aspirantes e noviços. Estes – estabelecia-se – “receberá seus rendicontos, far-lhes-á as conferências oportunas etc.”. “Insistiu-se, ainda, com os diretores das casas onde existem aprendizes que se procure ministrar uma instrução religiosa verdadeiramente sólida”, “com sólida explicação do catecismo”, de forma que, saindo do instituto, “tenham a fé bem enraizada em seus corações e assim não corram o risco de ser tão depressa seduzidos pelos maus companheiros e pelos escândalos do mundo”. Obviamente, era também necessário “dar-lhes a melhor instrução possível nas próprias artes e em saber escrever, de como conservar em ordem os registros e como preparar correspondência, para que possam encontrar depois lugar em bons trabalhos, e não sejam obrigados a freqüentar qualquer oficina”.⁶⁴ Não era grande coisa. Toda a matéria seria depois retomada e reelaborada no Terceiro Capítulo Geral e encontraria formulação completa no Quarto.

Na sessão matutina de 9 de setembro, o espaço era inteiramente ocupado por uma longa reflexão de Dom Bosco sobre a unidade de direção e de espírito, essenciais para a Congregação que se expandia rapidamente. Foram tocados os clássicos temas: a autoridade concentrada no diretor, a relação familiar dos sócios com o superior, a união de coração e de ação entre todos, o rendiconto mensal, a sintonia com o espírito de São Francisco de Sales, as conferências quinzenais, a obediência, a boa-noite. Era tal a profusão de pensamentos e de sentimentos *ex abundantia cordis*: cada diretor devia “manter-se bem unido em tudo com o inspetor e os inspetores com o reitor-mor”; diretores e inspetores se considerassem “como de uma só família e como tendo juntos uma só missão que os inspiram para fazer caminhar bem”; cada sócio considerasse “o diretor como pai afetoso ou irmão maior”, não lhe escondesse “nem o bem nem o mal, mas se manifestassem tais como eram”; todos estejam persuadidos que as coisas do instituto “caminhariam bem somente quando se trabalha como se os vários sócios fossem um só coração e uma só alma”. Na Congregação, que não era mais pequena como decênios antes, quando “o único chefe era ele”, Dom Bosco encontrava o perfeito “traço de união”

⁶⁴ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 65-68, FdB 1.858 B12-C3.

“no rendiconto mensal”, “feito ou feito fazer na forma conveniente”: seria “um fruto enorme”, se do Capítulo saíssem “regras” para conseguir que o rendiconto fosse feito sempre por todos e que indicassem “a forma para fazê-lo bem”. A insistência sobre os diretores foi particular, assim como sobre a importância que a formação da classe dirigente acontecesse no Oratório e fossem “colocados como diretores das casas os padres que tivessem sido educados” nele. “Eu acredito – explicava – que eles têm mais facilidade e, quase sem perceber, inspiram e infundem – estaria para dizer melhor – o verdadeiro espírito da Congregação” e infundem nos irmãos “o espírito de São Francisco de Sales”. Acrescentava mesmo: “Convém também que sejam educados no Oratório os vários membros dos Capítulos das casas primárias. Se, por acaso, entre os diretores não se possam tê-los entre os que foram educados no Oratório, procure-se, ao menos, que tenham sido educados por alguém que tenha tido sua educação no Oratório”. Chamava ainda a atenção sobre os rendicontos e sobre as conferências. “Far-se-á – precisava –, e logo, um regulamento especial para os rendicontos: mas em si mesmo a coisa não é difícil”, contanto que se evite “a única dificuldade”, isto é, “entrar em coisas de foro de consciência”. Indicava o “argumento preferencial” das conferências: “a observância das regras” e a obediência. Terminava falando da “boa-noite” e suas características: não é pregação e deve ser “muito breve”, salvo “casos excepcionais”.⁶⁵

Na sessão da tarde do mesmo dia, padre Barberis introduzia o tema do regulamento do noviciado, mas reconheceu-se a impossibilidade para a Sociedade Salesiana modelá-lo “sobre o que as outras congregações fazem”. Antes que empenhar-se para definir a nova configuração proposta pelas Constituições, “foram encontradas ainda muitas coisas para serem retocadas e outras para serem estudadas de novo, e algumas foram deixadas sem conclusão para que pudessem amadurecer melhor”. Dom Bosco dava indicações sobre dois problemas delicados. Quanto à passagem de coadjutor a estudante ele acentuava o ditado das Constituições que, “de regra ordinária” o excluía; mas, ao mesmo tempo, pensava que não se devia ser intransigente, “porque” – explicava – acontece de tempos em tempos encontrar quem tenha verdadeiras qualidades para se tornar um bom padre, e por que negar a estes essa consolação e, à Igreja, um ministro a mais?” Referia-se, ainda uma vez, pragmaticamente, à execução dos decretos de Pio IX *Romani Pontifices e Regulari disciplinae*, que diziam respeito à admissão ao noviciado, à vestição e à profissão. Ele recomendava sua prática gradual e tranquilizava com palavras que Pio IX tinha dito a ele: “Enquanto o senhor viver, deixo tudo à sua prudência. No entanto, enquanto o senhor puder, organize regularmente o andamento da Congregação”.⁶⁶

Observações esparsas pontilhavam a sessão da tarde de 10 de setembro: não aceitar coisas pequenas, cuidar da proteção dos jovens nos colégios com a nítida separação dos externos, regular as visitas no locutório. A preocupação era de “envidar todo esforço –

⁶⁵ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 70-77, FdB 1.858 C5-12.

⁶⁶ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 1, p. 78-83, FdB 1.858 D1-6.

dizia-se – que possa aumentar a boa ordem e a moralidade, e sirva para manter as vocações”. Para conseguir melhor o objetivo, Dom Bosco apegava-se a antigas receitas: evitar o mais possível as relações dos internos com os externos e a união recíproca dos educadores.⁶⁷

A sessão vespertina de 11 de setembro era dedicada a aperfeiçoar a funcionalidade do governo central, com a marcada concentração da autoridade no superior geral e seu fluxo ordinário nos graus inferiores da hierarquia. A crônica registrava: “Dom Bosco forma uma comissão que estude a forma de distribuir as funções apropriadas a cada membro do Capítulo Superior”, baseando-se no princípio: “Estender a autoridade do reitor-mor aos vários membros do Capítulo Superior em relação com os inspetores, e destes com os diretores”.⁶⁸

Terminado o Capítulo, prevendo que as deliberações seriam publicadas com certo atraso, Dom Bosco recolhia em uma circular latina impressa – para seu acabamento contribuíram também algumas respeitadas melhorias sugeridas pelo padre Rua⁶⁹ oito pontos dignos da mais urgente observância e a enviava *Directoribus aliisque superioribus cuiusque domus salesianae in D. S. P.*, datada de 29 de novembro. Não se tocava em temas de estrutura e de funcionalidade, mas de espiritualidade: 1) fossem relidas as deliberações do Primeiro Capítulo e se relembassem de modo especial as deliberações relativas à moralidade e à economia; 2) os diretores usassem a mássima diligência para que os sócios abrissem seu coração de forma livre e cômoda, e, além disso, cuidassem para que pudessem realizar, comunitária ou individualmente, o exercício mensal da boa morte; 3) muitas e graves razões sugeriam que ninguém, salvo prescrição médica, fosse aos banhos de mar; 4) se obedecesse efetivamente aos superiores nas matérias que diziam respeito às Constituições, ao respectivo cargo e, em particular, às saídas de casa e ao reter e usar dinheiro; 5) os superiores procurassem fechar a oficina de todos os males, que era o tempo passado em família ou junto dos amigos; 6) cada um se mostre exemplar nas boas obras e evite com cuidado escândalos de qualquer natureza; 7) em palavras e obras respandam pela paciência, caridade e mansidão, de modo que cumpram em tudo as palavras de Cristo “*Vos estis sal terrae, vos estis lux mundi*”; 8) entre fevereiro e março de cada ano, cada sócio escreva uma carta ao reitor-mor, na qual exponha seu estado de saúde e de vocação. Desses temas os diretores façam objeto das conferências aos sócios salesianos.⁷⁰

O volume das Deliberações saía em 1882.⁷¹ Na carta de apresentação Dom Bosco reduzia a dois pontos o trabalho do Capítulo: “Examinaram-se de novo as deliberações

⁶⁷ G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 2, p. 8-12, FdB 1.858 E2-6.

⁶⁸ G. MARENCO, *Verbali*, padre 17, FdB 1.856 E8; cf. G. BARBERIS, *Verbali*, quad. 2, padre 14, FdB 1.858 E8.

⁶⁹ Cf. A. AMADEI, *Un altro Don Bosco: il servo di Dio Don Rua (1837-1910)*. Turim, SEI, 1934, p. 154-156.

⁷⁰ *Documenti XXII* 311-312, FdB 1073 B11-12; E III 637-638.

⁷¹ *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, VIII-88 p.; OE XXXIII 1-96.

tomadas em 1877, introduzindo aí as modificações que a experiência sugeriu, e além disso juntaram-se algumas outras que pareceram aptas para promover a glória de Deus e o bem das almas”. No novo texto, portanto, encontrar-se-iam “reunidas e coordenadas as deliberações de ambos os Capítulos Gerais por nome comum”. Em particular, “buscou-se explicar, um tanto genericamente, as tarefas dos vários membros do Capítulo Superior, acenadas brevemente nas Constituições”.⁷² Os conteúdos estavam unidos em cinco distinções: *Regulamentos especiais* (do Capítulo Geral, do Capítulo Superior e de seus membros, do inspetor, do diretor, do diretor das irmãs), *Vida comum*, *Piedade e moralidade*, *Estudos*, *Economia*.

Entravam em vigor artigos que confiavam ao conselheiro escolar “o cuidado geral de quanto diz respeito ao ensino literário e científico das casas da Congregação, tanto com relação aos sócios como aos alunos”: era “seu cuidado estabelecer a cada ano o programa para as escolas de teologia e de filosofia, e de receber as notas conseguidas pelos clérigos nos exames” e comunicá-las “ao diretor espiritual”. A ele se prescrevia: “Fará anotação específica ou geral do resultado dos exames de teologia que se fazem em três épocas do ano, cuja nota receberá do conselheiro escolar”.⁷³ Potenciava-se a figura do diretor como formador e animador: devia fazer conferências periódicas, receber rendicontos, formar o pessoal, manter-se em contato com o inspetor, promover o oratório festivo e cuidar da redação da crônica do colégio.⁷⁴

Mas a novidade mais relevante era constituída por quatro capítulos totalmente novos: *Meios para cultivar as vocações ao estado eclesiástico*, *Estudos eclesiásticos*, *Estudos filosóficos e literários*, e *Artigos gerais* relativos à economia.⁷⁵ O capítulo sobre a vocação se inspirava inteiramente em Dom Bosco, em parte retirado da introdução às Constituições de 1877 (*Importância de seguir a vocação*) e em parte pelas observações por ele disseminadas nas diversas sessões capitulares. Sobre os *Estudos dos sócios* as deliberações eram muito generosas em prescrições de princípio. Aí se percebe o influxo das comissões e, em particular, dos presidentes, padre Durando e padre Cagliero. Contudo, o pragmatismo de Dom Bosco, já emerso das discussões capitulares, e principalmente a ausência de indicações operativas não consentiriam chegar a resultados práticos efetivos. A prescrição era tão ambiciosa quanto irrealizável: “Em cada inspetoria deverá haver um estudantado para os estudos teológicos”. Mas nada se falava sobre os professores e sobre as estruturas; nem como se pudesse subtrair das várias casas os clérigos que aí prestavam a indispensável obra de assistência e de ensino. A solução seria encontrada vinte anos depois, com a invenção do triênio de “tirocínio prático”.⁷⁶ Por ora permanecia em vigor como regra geral a que aparecia

⁷² *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, p. III-IV; OE XXXIII 3-4.

⁷³ *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, dist. I, capo III, § 5, art. 4 e 11, 5.

⁷⁴ *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, dist. I, capo V.

⁷⁵ *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, dist. III, capo IV; dist. IV, capo I e capo II; dist. V capo I, p. 56-69 e 69-71, 77-79; OE XXXIII 64-67, 73-77 e 77-79, 85-87.

⁷⁶ Cf. P. BRAIDO, “Un ‘nuovo prete’ e la sua formazione culturale secondo Don Bosco”, RSS 8(1989), p. 48-55.

uma exceção nas *Deliberações*: “Nas casas onde não se pode ainda ter um estudantado regular são estabelecidas não menos de cinco horas de aula por semana”.⁷⁷ Das atas do Primeiro Capítulo Geral eram retirados os artigos relativos à preparação por parte dos sacerdotes de sermões e prédicas para as Quarenta Horas, os exercícios espirituais e instruções para os catecismos.⁷⁸

Mais flexível e consoante com a realidade era o que estava estabelecido sobre o biênio de filosofia: “Os estudantes de filosofia permaneçam todos, por quanto possível, nas casas de estudantado”.⁷⁹ Para criar uniformidade e centralidade administrativa se estabeleceram os 12 artigos gerais.⁸⁰

3. O Instituto das FMA, das Constituições impressas até à morte de Maria Domenica Mazzarello (1878-1881)

As vinte e uma “obras de caridade em favor das meninas pobres” geridas pelo Instituto FMA que apareciam no elenco incluído na *Exposição à Santa Sé do estado moral e material da Pia Sociedade de São Francisco de Sales*, de 1879, eram mantidas por dezoito comunidades: Mornese, Nizza Monferrato, Turim, Chieri, Lanzo Torinese, Biella, Borgo San Martino, Sampierdarena, Alassio, Nice, Lu Monferrato, Quargnento (Alessandria), Vallecrosia, La Navarre, St. Cyr, Villa Colón, Las Piedras e Buenos Aires.⁸¹ Aí aparecia uma vasta gama de estruturas e de atividades: postulantes, noviçados, educandários, escolas públicas, oficinas, oratórios, cuidado da cozinha e da roupa em várias casas salesianas, asilos infantis e associações juvenis femininas. Unido aos salesianos, com efeito, o Instituto dividia com ele, em grande parte, os fins e os processos de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, procurava os próprios, em consonância com tipos de missão nitidamente diferenciados, antes de tudo, pela faixa de idade das destinatárias, muitas vezes crianças dos asilos infantis. Ao mesmo tempo prosseguiram as iniciativas para dar ao Instituto normativas e espiritualidade sempre mais definidas e sólidas. A partir de setembro de 1879, com a promulgação do novo texto das Constituições, o Instituto não era mais regulado por cópias manuscritas reservadas às superiores, mas de um texto virtualmente na mão de todas as professoras. A capa,

⁷⁷ *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, dist. IV, capo I, art. 2 e 3, padre 65; OE XXXIII 73.

⁷⁸ *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, dist. IV, capo I, art. 19 e 24; OE XXXIII 75-76.

⁷⁹ *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, dist. IV, capo II, art. 5, p. 70; OE XXXIII 85-87.

⁸⁰ *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale, 1880*, dist. V, capo I, p. 77-79; OE XXXIII 85-87.

⁸¹ G. Bosco, *Esposizione alla S. Sede dello stato morale e materiale*, p. 14-16; OE XXXI 250-252 (carta de acompanhamento em E III 462-464). Cf. cap. 28, § 5.

o frontispício do impresso, o prefácio de Dom Bosco *Às Filhas de Maria Santíssima Auxiliadora* e o *Visto* traziam a data de 1878.⁸² Na realidade, o texto fora considerado completamente terminado em 1879. Com efeito, algumas modificações de relevo brotam das “Observações” que dizem respeito ao Instituto, submetidas à atenção de Dom Bosco pela Congregação dos Bispos e Religiosos em abril de 1879. “Na mesma Exposição – observa-se – se acrescenta uma relação sobre um Instituto de mulheres sob a denominação de Maria Auxiliadora, e nada se diz se este Instituto tenha um superior geral de quem dependam as irmãs e se ele seja totalmente independente, como deve ser, do Instituto dos Salesianos”. Em 3 de agosto de 1879 Dom Bosco respondia: “O Instituto de Maria Auxiliadora depende do superior geral da Pia Sociedade Salesiana nas coisas temporais, mas no que concerne ao exercício do culto religioso e à administração dos sacramentos são totalmente sujeitas à jurisdição do ordinário”.⁸³ Meses depois, à pergunta se o Instituto tivesse uma superiora geral de quem dependiam as irmãs e fosse de todo independente dos salesianos, Dom Bosco replicava: “Nas coisas relativas às Irmãs de Maria Auxiliadora os salesianos não têm em suas casas outra ingerência a não ser a espiritual, nos limites e nas formas que permitem e prescrevem os ordinários em cujas dioceses existe alguma casa das mesmas”. Quanto às suas Constituições não fora ainda feito o pedido de aprovação. Era, enfim, pacífico que o Instituto tinha “a superiora geral e o próprio Capítulo Superior”.⁸⁴ Para uma realidade distinta competia uma superiora própria. Permanecia sempre a dependência do reitor-mor da Sociedade Salesiana, mas o texto impresso introduzia no título o conceito de “agregação”.

A inventiva de Dom Bosco era inexaurível em subtrair-se de soluções que, em sua opinião, podiam se tornar cadeias.⁸⁵ O advogado padre Costantino Leonori, para evitar uma das dificuldades com o arcebispo em relação à causa Bonetti, em 10 de novembro de 1881 aconselhava Dom Bosco a pedir a aprovação pontifícia das Constituições do Instituto. Dom Bosco não concordava, porque sabia que nesse caso a Congregação dos Bispos e Religiosos estaria bem decidida a impor “a divisão dos dois Institutos”. Esta – estava escrito na carta de 3 de outubro de 1879, com as reiteradas “Observações” sobre a *Exposição à Santa Sé do estado moral e material* da Sociedade Salesiana – jamais estava acostumada “a aprovar, especialmente nos tempos mais próximos de nós, que os institutos de mulheres dependam dos institutos de homens”.⁸⁶ Dom Bosco considerava não ter dado ainda forma completa ao Instituto por ele fundado e preferia, no momento,

⁸² *Regole o Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria SS. Ausiliatrice aggregate alla Società Salesiana*. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana, 1878, 64 p.; OE XXX 291-354.

⁸³ Ao cardeal Ferrieri; E III 507.

⁸⁴ Ao cardeal Ferrieri, 12 de janeiro de 1880; E III 543-544.

⁸⁵ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 145, 148-149, 154-156.

⁸⁶ Cf. o texto citado em E III 543.

⁸⁷ *Documenti* XXIII 254, FdB 1077 B7.

seguir em certa medida o exemplo dos Padres da Missão.⁸⁷ Era esta recôndita intenção que o levava a pedir ao lazarista Stella o opúsculo por ele escrito sobre a dependência das Filhas da Caridade do Superior dos Padres da Missão.⁸⁸ A separação fora sancionada em 1906 com a aprovação pontifícia das Constituições do Instituto.

Na apresentação da primeira edição impressa das Constituições, Dom Bosco a justificava com o fato de que, “até que o Instituto esteve concentrado na casa-mãe de Mornese, algumas cópias das Regras manuscritas podiam ser suficientes para cada irmã vir a conhecê-la. Mas agora – continuava – que, por obra da Divina Providência, as casas se multiplicaram e as irmãs aí repartidas, essas cópias não eram mais suficientes”.⁸⁹ Inicialmente, o texto da apresentação fora enviado ao padre Lemoyne, diretor em Mornese, para que fosse lido pela “madre superiora” e/ou ele próprio, fazendo as “observações” que julgasse oportunas. Deveria também fazer “o favor de enviar cópia”, sob forma de circular, “a todas as outras casas de irmãs”.⁹⁰

O texto impresso, pelas variantes que apresenta, assume particular importância para o conhecimento do papel determinante, embora não exclusivo, tido por Dom Bosco na modelação do Instituto. Com efeito, ele depende do *ms G* e das correções nele efetuadas por quatro diversas mãos, entre as quais a de Dom Bosco e do padre Rua. Supõe ainda algum documento intermédio com ulteriores modificações, devidas também às mesmas Filhas de Maria Auxiliadora, em base às deliberações das reuniões das diretoras de agosto de 1878.⁹¹

Novidades empenhativas tocam “elementos jurídicos” e “elementos ascético-espirituais”, os quais, por sua importância, se pode pensar, com boa certeza, serem devidos a Dom Bosco.⁹² No título 3º, *Regime interno do Instituto*, o art. 1º, por ele significativamente modificado, sob pressão da Congregação dos Bispos e Religiosos, determina: “O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora é governado e dirigido pelo Capítulo Superior, composto pela superiora geral, pela vigária, pela ecônoma e por duas assistentes, dependentemente do reitor-mor da Congregação Salesiana”.⁹³ Ainda, por sua intervenção sobre o manuscrito *G*, no título 5º introduzia-se um artigo sobre o *Capítulo Geral*, que deveria reunir-se a cada seis anos. Nele – estabelecia-se – “serão tratadas as coisas de interesse geral e se poderão também modificar os artigos das Constituições, mas segundo o espírito do Instituto”.⁹⁴ No art. 3º do título 6º, *Da mestra das noviças*, encontram-se uma variante e um acréscimo devido ainda ao fundador: “Em tudo sirvalhes de modelo, para que se cumpram todas as prescrições da regra. Recomenda-se que

⁸⁸ Carta de 13 de junho de 1885; E IV 325-326.

⁸⁹ *Regole o Costituzioni per le Figlie di Maria SS. Ausiliatrice aggregate alla Società salesiana*, p. 3.

⁹⁰ Carta de Marselha, janeiro de 1879; E III 435.

⁹¹ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 152-153.

⁹² Cf. G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 153-160.

⁹³ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 259.

⁹⁴ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 265.

inspire nas noviças o espírito de mortificação, mas usando de grande discricção, para que não enfraqueçam de tal forma as próprias forças, a ponto de se tornarem inaptas para as missões do Instituto”.⁹⁵ Foi reestruturado o título 9º, *Virtudes principais...*, fundamentais para a espiritualidade do Instituto: “1) Caridade paciente e zelosa não somente com a infância, mas também para com as jovens maiores. 2) Simplicidade e modéstia, espírito de mortificação interna e externa, rigorosa observância de pobreza. 3) Obediência de vontade e de juízo, para aceitar de boa vontade e sem observação os avisos e correções e as tarefas que forem confiadas. 4) Espírito de oração, com o qual as irmãs façam de bom grado as obras de piedade, permaneçam na presença de Dus, e abandonadas à sua doce Providência. 5) Essas virtudes devem ser muito provadas e enraizadas nas Filhas de Maria Auxiliadora, uma vez que deve estar nelas, *pari passu*, a vida ativa e contemplativa, retratando Marta e Madalena”.⁹⁶

O texto era entregue oficialmente às irmãs em 3 de setembro de 1879, não por Dom Bosco, mas pelo diretor geral, padre Giovanni Cagliero.

No entanto, variados acontecimentos sucediam-se com o rápido movimento de expansão. Em 12 de abril de 1880, com grande sofrimento das irmãs, a casa de Mornese fechava suas atividades. As negociações para a venda criavam entre os mornesinos descontentamento e alguma hostilidade. Dom Bosco tinha dado o *placet* com uma pequena ordem ao padre Rua: “3) Idem um *tiletto* [em piemontês, cartaz] para a casa de Mornese e mandá-lo a todos os notários, advogados e principais comerciantes de Gênova”.⁹⁷ Em 1880 terminava o sexênio de governo da superiora geral e de seu Conselho. Segundo as Constituições de 1878 foram convocadas para as eleições as irmãs do Conselho e as diretoras das casas. Em 20 de agosto começaram os exercícios espirituais. Dom Bosco estava presente em Nizza Monferrato ao menos de 20 a 22 de agosto, como se nota pelas cartas enviadas nesses dias. Na primeira, ao cardeal protetor, falava de Vallecrosia.⁹⁸ Em 21 convidava padre Rua a fazer uma parada em Nizza Monferrato, para conversar com ele, aproveitando da viagem em direção a Marselha, onde ia presidir os exercícios espirituais.⁹⁹ Escrevia também ao padre Tamietti, em Este, que tinha uma irmã freira em Nizza Monferrato.¹⁰⁰

Em 29 de agosto de 1880 aconteceram as eleições, com a presidência do diretor geral, padre Cagliero. Madre Mazzarello foi reeleita unanimemente. Para vigária foi eleita irmã Catarina Daghero e foram confirmadas no seu cargo a ecônoma Giovanna Ferretino e as duas assistentes, Emilia Mosca e Enrichetta Sorbone. A ata das eleições concluía-se com o seguinte texto, assinado por Dom Bosco: “Visto e aprovo o quanto

⁹⁵ G. Bosco, *Costituzioni per l’Istituto*, p. 266.

⁹⁶ G. Bosco, *Costituzioni per l’Istituto*, p. 270.

⁹⁷ Carta de 12 de abril de 1880; E III 566.

⁹⁸ Carta de 20 de agosto de 1880; E III 616.

⁹⁹ E III 619.

¹⁰⁰ De Turim, em 25 de agosto de 1878; E III 621.

está contido na ata supra descrita, e confirmo a eleição da madre superiora e das irmãs que compõem o Capítulo Superior do Instituto de Maria Santíssima Auxiliadora, e peço a Deus que infunda em todas o espírito de caridade e de fervor, para que esta nossa humilde Congregação cresça em número, dilate-se em outros e depois em outros mais remotos países da terra, onde as Filhas de Maria Auxiliadora ganhem muitas almas para Deus, salvem a si mesmas e possam um dia, com as almas por elas salvas, encontrar-se todas no reino dos Céus para louvar e bendizer a Deus por todos os séculos. Turim, 1º de setembro de 1880, Sac. Giov. Bosco *Reitor*".¹⁰¹

De 3 a 15 de setembro desenrolava-se em Lanzo Torinese o Segundo Capítulo Geral da Sociedade Salesiana. Nada se disse do Instituto FMA, e no texto das *Deliberações* foram republicadas as regras de comportamento já aparecidas nas *Deliberações* do Primeiro Capítulo Geral com algumas modificações que tornavam mais realistas algumas prescrições.¹⁰²

O ano de 1881 se abria com grandes preocupações pelo declínio da saúde da madre. Em 20 de janeiro ela acompanhava as irmãs missionárias a Turim para a função de despedida. Unia-se depois a elas em Sampierdarena, em 1º de fevereiro, e fazia com elas a viagem de navio até Marselha (2 a 4 de fevereiro). No dia 5 chegava pela ferrovia também Dom Bosco, que a encontrava e a convidava a ir a Saint-Syr para repousar. O doutor considerou seu estado grave. Em 19 de março fazia a viagem de volta e, no dia 28, estava em Nizza Monferrato. Em 25 de abril a pleurite agravava-se. Dom Bosco estava em Roma. Em 10 de maio padre Cagliari chegava à casa-mãe, de volta da Espanha. A madre morria na manhã de 14 de maio. O funeral reuniu ao redor do féretro um enorme grupo de habitantes de Nizza, e irmãs e alunas acompanharam, comovidas os cantos de exéquias, acompanhados ao órgão pelo padre Cagliari.¹⁰³ O jornal *L'unità cattolica* publicava o elogio em 21 de maio, e o *Boletim Salesiano*, depois do artigo necrológico de junho,¹⁰⁴ publicava em cinco capítulos, de setembro de 1881 a junho de 1882, uma breve biografia escrita pelo padre Lemoyne¹⁰⁵, republicada no *Elenco Geral* do Instituto de 1883.

Madre Mazzarello deixava o Instituto espalhado em quatro nações, com 26 casas, 139 irmãs professoras e 50 noviças.¹⁰⁶ Não era a única nem a principal herança. A última viagem com as missionárias, a visita à França, as trepidações diante da última doença

¹⁰¹ MB XIV 815; P. CAVAGLIÀ e A. COSTA (org.), *Orme di vita*, p. 310.

¹⁰² Cf. *Deliberazioni del Secondo Capitolo Generale*, 1880, dist. I. *Regolamenti speciali*, capo VI. *Direzioni generale delle suore* (12 articoli), p. 26-27; OE XXXIII 34-35.

¹⁰³ Cf. L. CASTANO, *Madre Mazzarello: santa e confondatrice delle Figlie di Maria Ausiliatrice*. Leumann (Turim), Elle Di Ci, 1981, p. 243-251.

¹⁰⁴ "La superiora generale delle Suore di Maria Ausiliatrice", BS 5(1881) n. 6, junho, p. 8.

¹⁰⁵ "Suor Maria Mazzarello", BS 5(1881) n. 9, setembro, p. 11-13; n. 10, outubro, p. 6-8; n. 12, dezembro, p. 15-17; 6(1882) n. 3, março, p. 50-51; n. 6, junho, p. 105-107.

¹⁰⁶ MB X 646.

eram o testemunho eloqüente da encarnação plena na história do Instituto. Era presença e identificação com a vida das próprias irmãs e “filhas”, em comunhão de espiritualidade operante, da qual as virtudes constitucionais da mestra das noviças e as “virtudes principais” do Instituto eram antes de tudo as suas, possuídas e comunicadas. Madre, mestra, guia de Família religiosa, era ela, na realidade dos fatos mais que nas palavras, fundadora *com* Dom Bosco, de quem se proclamava “humilde Filha”, “filha primogênita”, assim como se professava “afeiçoadíssima Mãe” das “Filhas” do Instituto.¹⁰⁷

4. As presenças no Instituto FMA nos anos 1881-1888

No último período da vida ia gradualmente atenuando-se o envolvimento de Dom Bosco nos acontecimentos do Instituto FMA, com empenho mais acentuado dos diretores gerais, padre Cagliari e padre Bonetti, e dos diretores locais, padre Lemoyne e padre Bussi. Existiram, todavia, momentos significativos de presença do fundador, ainda no biênio 1884 e 1885, os anos do Primeiro Capítulo Geral do Instituto e da última edição do texto das Constituições, estando vivo Dom Bosco.

4.1 Nos anos 1881-1884

Em 1881, Dom Bosco, tendo voltado de Roma após quatro meses de ausência, acertava com padre Cagliari, em 12 de agosto, para a eleição da nova superiora geral. Em 4 de agosto já chegava a Nizza com padre Bertello e conde Cesare Balbo a fim de participar de uma noite que lhe fora oferecida pela União Operária Católica, da qual era presidente Carlo Brovia, ex-aluno do Oratório.¹⁰⁸ Ele pretendia sobretudo assistir aos exercícios espirituais das senhoras e senhoritas. Entre as que estavam participando encontrava-se sua sobrinha-neta, Eulalia Bosco, filha de Francesco, filho do irmão Giuseppe. Um ano depois se encontrava em Nizza para fazer-se religiosa. Em 12 de agosto, Dom Bosco, assistido pelo padre Cagliari e pelo padre Lemoyne, presidia a sessão na qual era eleita superiora geral Caterina Daghero, com 24 anos. No dia 14 deram-se as eleições das superiores do Conselho. Como vigária era eleita Enrichetta Sorbone, em cujo lugar, como segunda assistente era eleita Elisa Roncallo. Dom Bosco tinha preparado dois pacotes, um de doces e outro de “amarettos”, com um bilhete

¹⁰⁷ Cf. M. E. POSADA, A. COSTA, P. CAVAGLIÀ, *La sapienza della vita. Lettere di Maria Domenica Mazzarello*, p. 48, 79, 84, 129, 132, 135, 143, 146, 176; M. E. POSADA, “Maria Mazzarello: il significato storico-spirituale della figura”, in: *La donna nel carisma salesiano*. Leumann (Turim), Elle Di Ci, 1981.

¹⁰⁸ Cf. BS 5(1881) n. 9, setembro, p. 10.

à “Rev.da Madre Superiora Geral” assim concebido: “Eis algumas balas para distribuir às vossas filhas. Mantende para vós a doçura que deve ser praticada sempre e com todos; mas estai sempre pronta a receber os amarettos, ou melhor, os pedaços amargos, quando Deus se dignar enviar-vos. Deus vos abençoe e vos dê virtude e coragem para santificar a vós e toda a comunidade a vós confiada. Rezai por mim, que vos sou afeiçoado em Jesus Cristo. Nizza Monferrato, 12 de agosto de 1881, Humilde Servidor Sac. Gio. Bosco”.¹⁰⁹

Em agosto de 1882, Dom Bosco retornava a Nizza Monferrato para os exercícios das “professoras da escola e outras senhoras”. O *Boletim Salesiano* de julho o anunciava, e em setembro fazia referência aos resultados, informando ainda sobre uma intervenção de Dom Bosco: “Também Dom Bosco fez, num dia, uma conferência, mostrando a forma prática de fazer o bem em meio ao mundo, começando pela própria família e pela escola”.¹¹⁰ No sermãozinho de boa-noite do dia 5 de agosto ele tinha recordado às irmãs o decênio de fundação do Instituto e explicado por que o havia iniciado: era Nossa Senhora que o queria para o desenvolvimento completo do programa *Da mihi animas, cetera tolle*, “e Dom Bosco não fez outra coisa senão obedecer”.¹¹¹ Ao invés, não podendo estar presente aos análogos exercícios espirituais de 1883, justificava-se com padre Cagliari: desejava passar alguns dias em Nizza Monferrato, “mas uma série de telegramas exigem que, amanhã de manhã, eu deva partir para Florença”.¹¹² Em 25 de dezembro, respondendo aos votos natalinos recebidos de Nizza das irmãs e das educandas, agradecia com uma cartinha à superiora geral, a quem assegurava com incisivas palavras a respeito de certas críticas que corriam – dizia “sobre nossas casas”, talvez até pressupostas avaliações expressas por ele mesmo. “São coisas vagas – assegurava –, não compreendidas, expressas com sentido diverso. Por isso, quem quiser alguma coisa, que a diga e fale claro. Fiquem tranqüilas; quando tiver alguma coisa, não mandarei dizer, mas terei de falar, ou de escrever eu mesmo”.¹¹³

No início de 1884 fazia enviar também para as Filhas de Maria Auxiliadora a circular de Epifania, com a qual respondia aos salesianos e, com as devidas variações, às irmãs pelos votos de Natal e Ano Novo: “Como pai respondo simplesmente que vos agradeço de todo coração e que *fareis a coisa mais querida do mundo se me ajudardes a salvar vossa alma*, sobretudo com a observância das regras”.¹¹⁴ Meses depois, no retiro em Pinerolo, entre julho e agosto, sentia-se na obrigação, ainda uma vez, com uma longa carta ao padre Cagliari, de fazer-se perdoar a ausência em Nizza Monferrato para os exercícios espirituais das senhoras e senhoritas. Alegrou-se que estivessem em número

¹⁰⁹ E IV 76.

¹¹⁰ BS 6(1882) n. 7, p. 116, e n. 9, setembro, p. 156.

¹¹¹ *Cronistoria* IV 163.

¹¹² Carta de 7 de agosto de 1883; E IV 231.

¹¹³ Para madre Caterina Daghero, 25 de dezembro de 1883; E IV 244-245.

¹¹⁴ E IV 248-250.

“considerável, não obstante as vozes desencorajadoras que correm sobre o cólera, que está ameaçando nossas regiões”. “Para afastar qualquer medo da doença”, sugeria “o costumeiro antídoto”, “a medalha de Maria Auxiliadora com a jaculatória *O Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis*. Comunhão freqüente. Eis tudo”. Aproveitada a ocasião para sugerir eventualmente, de acordo com a superiora, uma coleta entre as participantes para a Igreja do Sagrado Coração em Roma. Uma forte exortação “para romper definitivamente com o mundo” ele colocava na boca de Maria Santíssima, talvez dirigida sobretudo às postulantes, às noviças e às professoras: “Consagrai-vos inteiramente e com generosidade a meu filho Jesus– insistia –; vosso ser, vossa saúde, vosso coração, seja agora e sempre de Jesus, custe o que custar”. “Que nos vejamos um dia no Céu com Jesus e com Maria. Assim seja” – era a calorosa saudação –. “Deus nos abençoe a todos e Maria nos ajude a caminhar pelo caminho do Céu”.¹¹⁵

De 11 a 22 de agosto de 1884 celebrava-se o Primeiro Capítulo Geral do Instituto. Padre Cagliero o presidia, com a participação vez por outra dos pregadores dos exercícios espirituais, padre Bertello e padre Bonetti, que alguns meses depois devia suceder como diretor geral ao padre Cagliero, anunciado como bispo. O Capítulo desenvolvia-se em 15 sessões.¹¹⁶ Na primeira, padre Cagliero lia a carta em que Dom Bosco enviava sua bênção e prometia preces.¹¹⁷ As “reuniões” de 2 a 5 eram dedicadas à revisão das Constituições, feita diretamente sobre o texto de 1878, e não sobre o manuscrito intermediário (*ms K*) entre ele e o impresso de 1885. A análise das *Atas* coloca em clara evidência as contribuições trazidas também pelas Filhas de Maria Auxiliadora à segunda edição do seu texto constitucional: a introdução de títulos e artigos novos, a transposição de outros já existentes, modificações, correções e acréscimos.¹¹⁸ Também nas duas “sessões” sucessivas foram tratados argumentos disciplinares e organizativos, que deveriam encontrar eco em variantes das Constituições de 1885: alimento comum, crônica de cada casa, admissão aos votos nas casas, perigos para a saúde das irmãs na limpeza dos objetos em colégios numerosos. Da “sessão” da tarde do dia 14 até à da tarde do dia 21 foram lidas as *Deliberações* do Primeiro e Segundo Capítulo Geral dos salesianos, adaptando-as e integrando-as conforme as exigências do Instituto.¹¹⁹ No início da “reunião” da tarde de 20 de agosto – registra a Ata – “o senhor padre Cagliero anunciou outra carta do nosso bom pai Dom Bosco”. A discussão prosseguia sobre o tema das leituras, e o que se disse sobre os romances, Manzoni e

¹¹⁵ Ao padre Cagliero, 6 de agosto de 1884; E IV 282-283.

¹¹⁶ As atas do mesmo são transmitidas em três redações: Uma minuta em *ms orig.*; *Prima copia delle adunanze del capitolo generale del 1884*, *ms orig.*, com correções e acréscimos; *Verbali del primo capitolo generale delle Figlie di Maria Ausiliatrice aggregate alla Società salesiana*. Nizza Monferrato, 11 agosto 1884, *ms orig.*, transcrição completa e revista da *Prima copia*, editada em *Cronistoria IV* 362-377.

¹¹⁷ Atestada pelas *Atas* do Capítulo, in *Cronistoria IV* 364-365.

¹¹⁸ Cf. G. Bosco, *Costituzione per l'Istituto*, p. 173-179.

¹¹⁹ *Verbali del primo capitolo generale*, in *Cronistoria IV* 369-375.

I promessi sposi, não era outra coisa que o eco de que tinha sido dito por Dom Bosco no Segundo Capítulo Geral dos salesianos.¹²⁰ A carta anunciada pelo padre Cagliari era uma breve mensagem, enviada por Dom Bosco ao padre Bonetti, em 16 de agosto, quando estava em Pinerolo: “Dirás às nossas irmãs – exortava – que a obediência com a humildade faz todas santas. Se isso falta, todo esforço se torna inútil. No curso de tua vida pregarás sempre: ‘Não reformar as regras, mas praticá-las. Quem busca a reforma, deforma a sua forma de viver’. Recomenda constantemente a observância exata de nossas Constituições. Considera sempre que *qui timet Deum nihil negligit, et qui spernit modica paulatim decidit*”.¹²¹ As reuniões se encerravam pela manhã de 22 de agosto, sem que o Capítulo tivesse podido exaurir o exame das Deliberações capitulares salesianas. “O acima louvado nosso diretor geral – registravam as *Atas* – endereçou-nos algumas palavras plenas de caridade e zelo pelo bem de nossas almas e da Congregação em geral”. Tais palavras ecoavam fielmente idéias e sentimentos de Dom Bosco: “Deixou-nos como recordação a *humildade* e a *obediência*, virtude tão recomendada pelo Revmo. nosso pai Dom Bosco, base segura da vida religiosa. Disse também ter sempre o coração aberto com os superiores; e a este respeito fez-nos observar quão grande é nossa fortuna de ter o apoio dos salesianos, e especialmente de ter com diretor geral do Instituto um membro do Capítulo Superior dos mesmos salesianos, que será sempre para nós pai, fazendo ele junto de nós as vezes do pai comum, que é Dom Bosco. Com a revma. madre geral a vossa confiança seja ilimitada; ai daquela diretora ou irmã que começasse com os escondimentos!” A experiência fez conhecer que o bom andamento do Instituto e a perseverança na vocação religiosa dependem essencialmente da confiança e da atenção com os próprios superiores. Seja a diretora a insinuar nas irmãs essa disponibilidade de coração com os superiores; e então esteja certa do bom andamento da casa, à qual é preposta. Se a Congregação prosperou até agora, graças a Deus, é justamente pela confiança que foi mantida para com os superiores; se alguma infeliz irmã abandonou o Instituto, deve sua desventura ao fato de ter silenciado, ou falado muito tarde. Terminou recomendando às diretoras a doçura, o zelo e a paciência na formação do pessoal”.¹²² No mesmo dia do encerramento, madre Caterina Daghero fazia uma breve e deferente relação a Dom Bosco do Capítulo celebrado. Escrevia, entre outras coisas: “Nas últimas conferências temos procurado adotar para nós as belíssimas e importantíssimas deliberações dos Capítulos Gerais dos salesianos, nossos irmãos e seus dignos filhos, de cuja observância destas deliberações eu espero um ótimo resultado para o bom andamento da querida Congregação. (...) Os Atos (as *Atas*), pois, que foram assumidos e as deliberações tomadas serão o mais depressa possível expedidos juntamente com as Santas Regras à P. V. R. para que faça, *in Domino*, o que achar necessário e coloque o visto, se acreditar que tal seja útil para

¹²⁰ *Verbali del primo capitolo generale*, in *Cronistoria* IV 374.

¹²¹ E IV 288.

¹²² *Verbali del primo capitolo generale*, in *Cronistoria* IV 376.

¹²³ Cf. texto em *Cronistoria* IV 307-308; MB XVII 730-731.

suas filhas em Jesus”.¹²³

Agradável e afetuosa era a carta que Dom Bosco enviava nesses dias à sobrinha-neta Eulalia. Em Nizza, no final dos exercícios espirituais ela fora admitida à vestição religiosa. A carta delineava à sobrinha-neta o perfil essencial da mulher consagrada no estado religioso, como o proposto à irmã Maddalena Martina, em 27 de junho de 1883.¹²⁴ Traçado com mente lúcida e ardente afetividade, era um intenso retrato do próprio Dom Bosco e, ao mesmo tempo, um denso testamento espiritual. “Agradei ao Senhor quando tomaste a resolução de fazer-te religiosa – escrevia como tio afetuoso e inspirado –; agora agradeço-o de todo coração, pois conservou em tí a boa vontade de romper definitivamente com o mundo e consagrar-te inteiramente ao bom Jesus. Faze de boa vontade essa oferta e reflete sobre a recompensa, que é o cêntuplo na vida presente e o verdadeiro prêmio, o grande prêmio, na futura. Mas, minha boa Eulalia, isso não seja de brincadeira, mas feito seriamente. E recorda-te das palavras do pai da Chantal, quando se encontrava num caso semelhante: Aquilo que se dá ao Senhor não se retira jamais. Considera que a vida religiosa é vida de contínuo sacrifício, e que cada sacrifício é largamente recompensado por Deus. Só a obediência, só a observância das regras, só a esperança do prêmio celeste são nosso conforto no curso da vida mortal. Sempre recebi tuas cartas, e com prazer. Não respondi por que me faltou o tempo. Deus te abençoe, ó Eulália, Maria seja tua guia e teu conforto até o céu. Espero que nos vejamos ainda na vida presente: de outra forma, adeus. Voltaremos a nos falar da vida beata. Assim seja.”¹²⁵

Mais adiante registrava-se uma importante intervenção direta de Dom Bosco em favor da obra de Nizza Monferrato, da qual se desejava uma consistente ampliação. Enquanto padre Luigi Bussi, o diretor espiritual local, estava encarregado de conduzir a negociação, ele dirigia o pedido ao prefeito e ao conselho municipal de Nizza para autorizar as modificações de duas ruas, a fim de poder dispor de um pedaço de terreno que permitisse a prolongação de cerca de 30 metros do edifício preexistente. A ampliação era justificada por razões morais e higiênicas, além do desejo de alargar as atividades educativas: “Uma oficina e um pátio de recreação para uso exclusivo das meninas mais necessitadas da cidade: sendo intenção do suplicante – explicava – abrir uma escola profissional de costura, gratuita e cotidiana, para as que estivessem na idade dos 12 aos 15 anos, como também para tê-las reunidas, como um oratório, nos dias festivos em vista da instrução moral, civil e religiosa”.¹²⁶

Das relações do Instituto com o fundador é espelho fiel o que escrevia padre Cerruti à superiora geral em 5 de novembro de 1884: “Eu mesmo entreguei vossa carta ao muito amado Dom Bosco, o qual me perguntou logo notícias do conteúdo e de quanto soubesse

¹²⁴ Cf. cap. 20, § 6.

¹²⁵ Carta de Pinerolo, 20 de agosto de 1884; E IV 289-290. Eulalia Bosco (1866-1938), por décadas, foi conselheira geral do Capítulo Superior do Instituto.

¹²⁶ Carta de 16 de outubro de 1884; E IV 296-297.

a respeito de vossa santa Congregação. Naturalmente minhas respostas e minhas informações foram conforme o que já disse e escutei de vós mesma. Entristeceu-o sobretudo a pouca saúde das irmãs em Navarre e a condição do padre Varaja em St. Cyr, e me assegurou que se ocuparia conservando a carta no arquivo. Notei que lhe agradou o fato de ter endereçado a ele mesmo, uma vez que, como me disse com sentimento, também as irmãs dependem do superior geral da Congregação Salesiana, que é Dom Bosco. De resto, encontrei-o muito bem de saúde, relativamente, e sempre de bom humor”.¹²⁷

4.2 Das Constituições de 1885 à morte do fundador

A última fase do empenho de Dom Bosco para o Instituto FMA se abria com o novo texto impresso das Constituições, publicado em 1885, o último visto e aprovado por ele.¹²⁸ O fascículo compreendia o prefácio, a introdução e o texto das Constituições. A introdução era mais ou menos idêntica à das Constituições salesianas de 1885, com as devidas variações ao feminino e a omissão do proêmio e da conclusão.

Entre outros documentos disponíveis, tinham-na precedido o manuscrito intermediário redigido após o Capítulo Geral de 1884 (*ms K*), as atas desse mesmo Capítulo, que tinha trazido modificações ao texto de 1878, e a revisão feita ao texto de 1878 pelo Capítulo Superior dos salesianos, que se tinha valido de uma comissão composta por Giovanni Cagliero, Giovanni Bonetti e Giovanni Battista Lemoyne. Todos os três salesianos influenciaram sobre o texto, com particular relevo a contribuição do diretor local, padre Lemoyne. Ele teve um papel específico sobretudo sobre o que diz respeito ao vínculo entre as irmãs e os salesianos e as condições de admissão das postulantes e das noviças. Também Dom Bosco quis ler anteriormente o texto e colocou algumas modificações, mas não é possível estabelecer o que se deve atribuir a ele.¹²⁹ O que é certo é que “da análise do texto de 1885 emerge o fato de que algumas modificações reforçam ainda mais a dependência do Instituto FMA do reitor-mor da Sociedade Salesiana”. Do exame das variantes estão presentes também contribuições das irmãs.¹³⁰

Com relação ao impresso de 1878 o texto está acrescido de dois títulos que explicitam argumentos precedentemente menos desenvolvidos: os títulos X, sobre o *Capítulo*

¹²⁷ AGFMA 412 111, Orig. aut. 2ff.

¹²⁸ *Regole o costituzioni per le Figlie di Maria SS. Ausiliatrice aggregate alla Società Salesiana approvate da varii vescovi tra cui l'eminantissimo cardinale Gaetano Alimonda arcivescovo di Torino*. Turim [= San Benigno Canavese], Tipografia Salesiana, 1885, 120.

¹²⁹ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 184-193.

¹³⁰ Poderia ser profícua uma análise das variantes *Ks* (= irmãs) e *Kc* (= Cagliero) intervindas para dar cumprimento ao texto das Constituições de 1885; G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 169-172 (colocação do texto no desenvolvimento geral das Constituições), p. 289-353 (texto editado com relativo aparato das variantes).

Geral, e XVI, *Sobre o silêncio* (que já tinha entrado no *ms K* e discretamente corrigido seja por *Ks*, irmãs, seja por *Kc*, padre Cagliero), que segue o *Da clausura*. O título X, *Capítulo Geral*, explicita em três artigos, com alguma variante, a matéria precedentemente concentrada no art. 6 pelo título V. As variantes dizem respeito ao papel do “superior maior” no Capítulo Geral; ele toma parte neste pessoalmente ou por meio do “diretor geral, com dois sacerdotes assistentes” (art. 1); “Se o superior maior não participar pessoalmente do Capítulo Geral, todos os atos do mesmo deverão ser submetidos a seu exame, e não obrigarão antes da sua aprovação” (art. 3).¹³¹ O título II uniformizava-se ao das Constituições salesianas, *Forma do Instituto*. Seguem imediatamente os três títulos relativos aos votos, enquanto *Governo interno do Instituto* é objeto do título VI. O título XIII, *Virtudes essenciais*, é enriquecido pelos art. 1, 2 e 5: “1. Caridade paciente e zelante para qualquer pessoa, com a finalidade de fazer o maior bem possível às almas. 2. Simplicidade e modéstia com santa alegria (...). 5. (...) retratando Marta e Madalena, a vida dos apóstolos e a dos anjos”.¹³²

O texto regulou a vida do Instituto até 1906.

Em abril de 1885 Dom Bosco não esquecia o onomástico da superiora geral, enviando os augúrios de Nice, na França: “Irmã Cat. Sup. Geral, etc., Deus vos abençoe e a toda a Congregação que Maria A. vos confiou, e sua proteção vos conduza nos perigos, e mantenha todas firmes no caminho para a via do Paraíso. Assim seja. Nice, 30 de abril de 1885”.¹³³

Na citada carta de 13 de junho de 1885, ao lazarista Stella,¹³⁴ enviada em junho junto com a nova edição das Constituições, Dom Bosco manifestava claramente sua posição sobre a dependência do Instituto FMA do superior da Sociedade Salesiana. “Em nossa Congregação – declarava – temos a categoria das irmãs chamadas Filhas de Maria Auxiliadora, e gostaria que dependessem do superior dos salesianos do mesmo modo que as Filhas da Caridade dependem do superior dos lazaristas”.¹³⁵ E esse era o ditado constitucional. Como nas Constituições de 1878 o Instituto estava “sob a imediata dependência do superior geral da Sociedade de São Francisco de Sales” (tít. II, art. 1), no interior era “governado e dirigido por um Capítulo Superior, composto pela superiora geral, pela vigária, pela ecônoma e por duas assistentes, dependentemente do reitor-mor da Congregação Salesiana” (tit. VI, art. 1) e o Capítulo Superior era “presidido pelo superior maior ou pelo diretor geral e pelo diretor local para isso delegado” (art. 2). Portanto, fica evidente que a fórmula “irmãos e irmãs”, por ele usada, não tinha um significado puramente emocional, mas estritamente jurídico. Aparece em várias cartas aos seus: “Tu, pois, farás a distribuição das cartas que receberás pelas mãos de

¹³¹ G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 311.

¹³² G. Bosco, *Costituzioni per l'Istituto*, p. 316.

¹³³ E IV 324.

¹³⁴ Cf. § 3.

¹³⁵ Carta de 13 de junho de 1885; E IV 325.

¹³⁶ Ao padre Bodrato, 31 de dezembro de 1878; E III 423.

nossos irmãos ou de nossas irmãs”;¹³⁶ “conserva ciosamente o segredo do que te será confiado pelos irmãos e irmãs, e dê plena liberdade e respeito às suas cartas, como prescrevem nossas regras”.¹³⁷

Histórica torna-se a última visita a Nizza Monferrato, vivamente solicitada pelo padre Bonetti, diretor geral, que estava presente nos exercícios das senhoras, seguidos pelos exercícios espirituais das irmãs: “trezentas irmãs reunidas de todas as partes”, escrevia a Dom Bosco.¹³⁸ Nos dias 22, 23 e 24 de agosto a crônica do padre Viglietti é extremamente concisa, limitando-se a indicar os deslocamentos de Dom Bosco de Pinerolo a Nizza, a Valdocco e a San Benigno para os exercícios espirituais dos salesianos.¹³⁹ Fortemente debilitado, Dom Bosco tinha marcado o dia 22 de agosto com padre Bussi, diretor local de Nizza Monferrato, e acompanhado pelos clérigos Viglietti e Festa. No dia seguinte celebrava a missa da comunidade das irmãs e, no período da manhã, assistia ao rito da vestição e da profissão dos votos. No discurso, ele começava acenando à velhice e aos incômodos que a acompanham. E como as professoras tinham recebido o crucifixo de suas mãos, prosseguia falando da cruz e da alegria de levá-la. Deixava, enfim, uma lembrança e depois uma outra e outra ainda: “Praticai o bem, praticai boas obras; fadigai-vos, trabalhai muito pelo Senhor e todas com boa vontade. Oh! não perdi tempo, fazei o bem, fazei muito, e não vos arrependereis jamais de tê-lo feito”. E acrescentava logo: “Quereis um outro? A prática da Santa Regra! Praticai vossa Regra, e eu repito ainda que não vos arrependereis jamais. Vede, ó queridas filhas, nossas Regras são infalíveis e nos dão muitas vantagens, mas a mais importante entre todas é a salvação certa de nossa alma. Não vos surpreenda a palavra *infalível*, porque sendo nossas Regras aprovadas pelo romano pontífice, que é infalível, cada artigo das Regras por ele aprovado é infalível”. E, mais adiante, dava uma última “lembrança” implícita: “Estai alegres, minhas queridas filhas, sadias e santas, e caminhai sempre em acordo entre vós. E aqui teria necessidade de recomeçar a falar-vos, mas já estou cansado e é preciso que vos contenteis com esse pouco”.¹⁴⁰ Dirigindo-se depois no locutório às capitulares, falava da presença de Nossa Senhora em casa, de forma a torná-la fisicamente quase visível: “Nossa Senhora está verdadeiramente aqui, aqui no meio de vós! Maria passeia nesta casa e a cobre com seu manto”.¹⁴¹

Terminados os exercícios espirituais, as diretoras e as mestras dos asilos de infância e das escolas elementares se entretinham em casa, convidadas pela madre a participar de conferências sobre a respectiva atividade pedagógica e didática. Padre Bonetti fazia uma sobre o cuidado da saúde e sobre os meios para conservá-la. Particularmente

¹³⁷ Ao padre Fagnano, 10 de agosto de 1885; E IV 335.

¹³⁸ Cf. carta do padre Bonetti a Dom Bosco, 5 de agosto de 1885; MB XVII 821-822.

¹³⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di D. Bosco. Dal 24 marzo 1885 al 14 aprile 1886*, p. 41.

¹⁴⁰ MB XVII 555-556; cf. o texto manuscrito alógrafo, mas concentrado em ASC A 0250215, FdB 443 E10-444 A3.

¹⁴¹ MB XVII 557.

importantes foram as lições de pedagogia dadas às mestras pelo padre Cerruti. Às mestras de asilo de infância, além disso, ele apresentava o opúsculo por ele compilado com a provável colaboração de madre Emilia Mosca:¹⁴² *Regulamento-programa para os asilos de infância das Filhas de Maria Auxiliadora, precedido de um esboço histórico a respeito das origens e das instituições de asilo na Itália*.¹⁴³

Voltando da Espanha, Dom Bosco assinava em 24 de maio de 1886 a carta de convocação do Segundo Capítulo Geral do Instituto FMA, para a eleição das componentes do Capítulo Geral, cujo sexênio terminava em agosto de 1886.¹⁴⁴ A madre superiora geral, por sua parte, convidava as diretoras a Nizza para o dia 14 de agosto, quando se encontravam irmãs de todos os lugares para os exercícios espirituais. O edifício estava cheio, também na parte em construção. Dom Bosco, conduzido a Pinerolo para o necessário descanso, voltava a Valdocco em 13 de agosto; mas sempre com a saúde precária, embora podendo participar da festa das premiações e de seu aniversário. Foi representado no Capítulo Geral pelo novo diretor espiritual da Sociedade Salesiana, padre Giovanni Bonetti. As sessões começaram na manhã do dia 14. No dia 15, na parte da tarde, padre Rua, juridicamente vigário de Dom Bosco, presidia a sessão. Ele trazia uma breve mensagem autógrafa do fundador, escrita no verso de uma imagem de Maria Auxiliadora: “Maria traga todas as bênçãos do bom Jesus, vos ilumine e conduza na eleição atual, a fim de que, nas aflições e nas consolações possais, sempre façais a santa vontade do Senhor. Sac. Gio. Bosco”.¹⁴⁵ Na sessão da tarde de 16 de agosto, antes de passar às votações, padre Rua lia uma carta que Dom Bosco tinha assinado em Pinerolo, Vila Episcopal, em 8 de agosto de 1886. Com ela concedia ao padre Rua “todas as faculdades necessárias” “para a eleição da superiora geral e das outras superiores” “e para qualquer outra deliberação”, e acrescentava: “Eu estou meio cego e frágil de saúde; rezai portanto por mim, que estarei sempre presente para todos e para todas em Jesus Cristo. Af.mo Amigo e Pai Sac. Gio. Bosco”.¹⁴⁶ Desde a madre geral até a segunda assistente, todas foram reeleitas. No dia seguinte padre Rua voltava a Turim e o Capítulo continuava suas reuniões. Em carta circular de 8 de setembro, Natividade de Maria Virgem, padre Bonetti comunicava a todas as Filhas de Maria Auxiliadora o resultado das eleições, informava que, “antes e depois da eleição, foram feitas várias conferências, em geral e em particular, tratando de várias matérias que dizem respeito ao maior desenvolvimento do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e das obras

¹⁴² Cf. P. CAVAGLIÀ, “Il primo regolamento degli asili infantili istituiti dalle Figlie di Maria Ausiliatrice (1885)”, *Rivista di Scienze dell’Educazione* 35(1997), p. 17-46.

¹⁴³ *Regolamento-Programma per gli asili d’infanzia delle Figlie di Maria Ausiliatrice preceduto da un Cenno storico sull’origine e sulla istituzione degli asili in Italia*. San Benigno Canavese, Tipografia e Libreria Salesiana, 1885, 32 p.

¹⁴⁴ O texto da carta é transcrito por G. CAPETTI, *Il cammino dell’Istituto nel corso di un secolo*, vol. I: Dalle origini alla morte del Fondatore. Roma, 1972, p. 131-135.

¹⁴⁵ Transcrita em *Cronistoria*, V 105.

¹⁴⁶ Transcrita em *Cronistoria*, V 105-106; E IV 359.

que lhe são confiadas, bem como da reta observância da Santa Regra”, e que seriam comunicadas a seu tempo “as deliberações tomadas” depois de “revistas e aprovadas pelo superior maior”.¹⁴⁷

Mais afortunadas foram as irmãs que participaram dos exercícios espirituais ocorridos em Turim, de 24 de agosto a 1 de setembro. Deste dia o secretário registrava em sua *Crônica*: “Nesta manhã, às 10 horas, Dom Bosco tomou consigo padre Viglietti e passou na casa onde as irmãs estavam reunidas para os exercícios, abençoou-as e deu-lhes algumas lembranças, depois foi a Valsalice”, onde, na parte da tarde, dava início ao Quarto Capítulo Geral da Sociedade Salesiana.¹⁴⁸

Em 2 de dezembro, seis irmãs missionárias – era a sexta expedição das FMA – participavam da despedida na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, presidida pelo cardeal Alimonda, estando presente Dom Bosco, que as acolhia em audiência nos dias seguintes, dispensando-as de jejuns e vigílias e dando-lhes conselhos.

Nos anos 1885/86 o Instituto FMA mantinha-se presente em forma substancial também nas últimas partes das *Memórias de 1841 a 1884-5-6*. Dom Bosco acenava apenas para a observância fiel por parte dos salesianos das deliberações de seus Capítulos Gerais sobre as relações com as religiosas do Instituto. Eram, ao invés, explicitados temas de vida interna do mesmo Instituto: a prudência na aceitação das postulantes, a importância capital da formação das noviças, uma vez “que as virtudes não adquiridas no tempo do noviciado, normalmente não se adquirem mais”, o recato no comportamento com “pessoas de outro sexo”; por isso – recomendava –, “a superiora geral e as diretoras das casas não permitam nenhuma familiaridade com pessoas seculares de qualquer gênero”. Variadas também eram as indicações sobre a observância do voto de pobreza. Em coisas de pobreza, de construções, de reparações e similares era de obrigação a referência aos “conselhos”, às “ordens”, ao “entendimento” com o reitor-mor. Normas interessantes eram dadas sobre a celebração dos Capítulos Gerais – idênticas para os salesianos e para as Filhas de Maria Auxiliadora –: a concessão da “mais ampla liberdade de falar sobre argumentos *pro* e *contra*”, o “uso dos votos secretos” nas deliberações, a pontual “execução das coisas deliberadas”, “o evitar as novidades das propostas nas conferências ou nos Capítulos” privados de referência às “coisas anteriormente aprovadas ou da tradição, das Regras, ou Capítulos Gerais ou particulares”.¹⁴⁹

Na última fase da doença de Dom Bosco, em 5 de janeiro de 1888, padre Bonetti, diretor geral, enviava às Filhas de Maria Auxiliadora uma carta muito serenante: “É certamente fora de dúvida que o Senhor e Nossa Senhora escutaram as orações que fizestes junto com milhares de pessoas para a conservação da preciosa vida do nosso ótimo pai”. Tratava-se de uma sensível melhora iniciada em 30 de dezembro e conti-

¹⁴⁷ Transcrita em *Cronistoria*, V 235.

¹⁴⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di D. Bosco. Dal 18 maggio 1886 al 12 gennaio 1887*, p. 34.

¹⁴⁹ Cf. “Memorie dal 1841”, RSS 4(1885), p. 121-123.

nuada nas primeiras duas décadas de janeiro. O diretor prosseguia: “No entanto, aproveito desta ocasião para falar-vos da lembrança que o querido Dom Bosco deu às irmãs em particular, na dolorosa tarde de 29 de dezembro, quando nos fazia prever uma irreparável perda. Após ter recomendado o quanto já foi acenado nas cartas circulares aos salesianos, e que se saberá a seu tempo, ele, com voz quase moribunda, acrescentou: ‘*Para as irmãs: obediência; praticá-la e fazê-la praticar*’”.¹⁵⁰ Com o coração partido, madre Daghero partia para a Espanha. Mas chegava o fim. Ao anúncio da morte, a vigária, com irmã Mosca, partia logo para Turim. Madre Daghero aí chegava em 2 de fevereiro, pouco antes dos funerais, mas em tempo de ver, ainda uma vez, a face de Dom Bosco. Também a elas era dirigido o anúncio dado pelo padre Rua em 31 de janeiro, uma breve mensagem transbordante de comoção, enquanto dom Cagliero enviava às Filhas de Maria Auxiliadora uma carta pessoal, encorajando e exortando.¹⁵¹ Madre Daghero com irmã Mosca assistia, em 4 de fevereiro, ao sepultamento do corpo em Valsalice e, voltando a Nizza, enviava ao padre Rua, em nome do Instituto, uma carta na qual renovava suas condolências, exprimia a consolação de tê-lo como superior, prometia a máxima solidariedade e colaboração com ele que seria considerado, “depois de Deus – dizia –, como nosso pai, guia, apoio, tudo!”. “Com a presente, portanto – concluía –, ó querido pai, eu me coloco com toda a pobre querida Congregação em suas mãos, aplaudo sua eleição, protesto-lhe nossa completa obediência filial e servidão e lhe suplico querer, também o senhor, considerar-nos como suas filhas”.¹⁵²

Palavras de Dom Bosco, carta do padre Rua e do padre Cagliero, carta ao padre Rua de madre Daghero são documentos de enraizadas convicções entre o séc. XIX e XX de uma precisa relação histórica e jurídica do Instituto FMA com a Sociedade Salesiana. Nesse clima elas fariam juntas um caminho de crescimento interior e de expansão quantitativa. Também para o Instituto FMA, com efeito, o decênio que precedeu a morte de Dom Bosco foi caracterizado por extraordinário desenvolvimento, ao qual a partida do fundador não teria obstaculado de forma nenhuma.¹⁵³

¹⁵⁰ Carta transcrita por G. CAPETTI, *Il cammino dell’Istituto nel corso di un secolo*, p. 163-165.

¹⁵¹ Transcrita por G. CAPETTI, *Il cammino dell’Istituto nel corso di un secolo*, p. 169-171.

¹⁵² Transcrita por G. CAPETTI, *Il cammino dell’Istituto nel corso di un secolo*, p. 172-173.

¹⁵³ Cf. G. MAINETTI, *Madre Caterina Daghero prima successora della beata Maria Mazzarello nel governo dell’Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice*. Turim, SEI, 1940, p. 113-144, 257-318.

Capítulo XXX

CONSTRUIR, EXPANDIR E CONSOLIDAR AS OBRAS JUVENIS (1880-1887)

- 1880 5 de abril: Leão XIII entrega a Dom Bosco a construção da Igreja do Sagrado Coração em Roma
11 de dezembro: assinatura da convenção para a igreja e o internato
- 1881 4 de março: início da obra salesiana em Florença
novembro: início da obra salesiana em Faenza
- 1882 22 de fevereiro: início da primeira obra salesiana na Espanha, em Utrera
18 de novembro: início da obra salesiana em Mogliano Veneto
- 1883 27 de agosto: foram aprovados pela Propaganda Fide o Vicariato Apostólico e a Prefeitura Apostólica na Patagônia
16 de novembro: o Breve e o Decreto respectivos
20: Breve de nomeação do padre Cagliero pró-vigário
- 1884 30 de outubro: padre Cagliero é nomeado vigário apostólico e bispo
7 de dezembro: consagração episcopal de dom Cagliero

Em 1882 concluem-se fatos, os quais, embora desligados em si, tiveram forte impacto no ritmo de vida de Dom Bosco. Ele declarava ao cardeal protetor, Lorenzo Nina, no epicentro das últimas controvérsias turinenses: “De qualquer forma eu estive e estou agora pronto a fazer qualquer sacrifício, contanto que consiga terminar um trabalho que me faz perder tanto tempo”.¹ A poucos meses da “Concórdia”, fazia-se a consagração da Igreja São João Evangelista e concluía-se a questão escolar. Dom Bosco, contudo, não tinha diminuído seu empenho de educador e de fundador. Continuavam as tratativas para a abertura de novas obras juvenis, tinha chegado o prestigioso encargo por parte de Leão XIII da onerosa construção da Igreja do Sagrado Coração em Roma e intensificava-se a promoção caritativa e a busca de subsídios. Obviamente nada tinha conseguido interromper a atividade normal de governo, também espiritual, das comunidades juvenis e dos dois institutos religiosos no seu complexo. Tais tarefas eram impre-

¹ Carta de 28 de dezembro de 1881; E IV 105.

visivelmente facilitadas, a partir de 9 de agosto de 1883, pela promoção do cardeal Gaetano Alimonda (1818-1892) à cátedra arquiépiscopal de Turim.

1. Desenvolvimento inter-regional de obras juvenis na Itália e chegada à Espanha (1881-1882)

Na expansão das obras, embora permanecendo protagonista, Dom Bosco envolvia, em medida crescente, além do Capítulo Superior, colaboradores qualificados na periferia, os inspetores e os diretores locais. Entre as obras emergiam os colégios com escolas e os internatos com oficinas de artes e ofícios. Estava, no entanto, sempre presente a preocupação para que não declinasse a obra originária e clássica, o oratório festivo ou cotidiano, que se tornaria objeto de particular atenção e regulamentação nos dois Capítulos Gerais de 1883 e 1886.

Os primeiros dois anos da década de 80 foram interessantes porque na Itália se dava a consolidação da presença salesiana em duas regiões de grande relevo, a Toscana, onde já se encontrava a significativa obra de Lucca, embora sem possibilidade de desenvolvimento, e o Vêneto, além da extensão da Romagna, rica de problemas e de possibilidades para o específico empenho educativo salesiano. Registrava-se, ao mesmo tempo, a entrada na península ibérica, que se tornava logo o espaço salesiano gêmeo da Itália, pelo número e pela qualidade das obras, com paralelo florescimento de vocações salesianas, disponível à irradiação no território metropolitano e nas missões estrangeiras.

1.1 Na Itália: Florença, Faenza e Mogliano Veneto

Nos anos 60 e 70 tinham sido intensas as relações de Dom Bosco com *Florença* e extraordinária a acolhida por ele encontrada constantemente no mundo eclesiástico florentino com os arcebispos Gioachino Limberti e Eugenio Cecconi (em Florença, respectivamente nos anos 1857-1874 e 1874-1888) e entre um belo grupo de leigos católicos, benfeitores e benfeitoras. Todavia, a presença de uma obra na segunda capital da Itália aconteceu somente em março de 1881, ainda que os pedidos episódicos acontecessem desde 1867, sobretudo colocados em movimento pelo proselitismo protestante.² Alguma pequena iniciativa parecia acontecer em 1877, mas somente em maio de 1880 um comitê alugava e colocava à disposição dos salesianos um modesto edifício em Via Cimabue. Dom Bosco considerou a proposta sobre bases muito frágeis. Moveu-se somente quando se tornava interlocutor direto, com uma proposta séria, o próprio arce-

² Cf. o que dirá A. MISCIÒ, *Firenze e Don Bosco 1848-1888*. Firenze, Libreria Editrice Salesiana, 1991.

bispo. “À comovente carta de E. V. – respondia em 25 de janeiro de 1881 – eu me disponho a fazer até o impossível, como dizem os piemonteses”. Agora que devia tratar diretamente com ele, Dom Bosco faria tudo o que lhe era pedido. Entrementes, daria ordens ao diretor da obra de Lucca, padre Giovanni Marengo, de se dirigir à Florença “para dispor as coisas de modo que os futuros salesianos” pudessem encontrar o que fosse necessário “para cozinhar o macarrão”. Ele, de sua parte, “cataria” o pessoal necessário – “um padre, um clérigo e um coadjutor” – para dar início à obra “dentro de poucas semanas”, que seria limitada, “por algum tempo”, só ao “oratório festivo e ao lugar de recreação”.³

Em 4 de março de 1881 aí chegava padre Faustino Confortola, transferido de Cremona, com um clérigo e um coadjutor, dando imediatamente início ao oratório. Em uma carta de Alassio ao padre Cagliero, que estava em Utrera, Dom Bosco escrevia: “A casa de Florença está estabelecida desde 4 de março passado e padre Confortola faz *mirabilia*”.⁴ Em 19 de março era abençoada a capela, formada de dois espaços do rés-do-chão, ornamentada por um grande quadro pintado a óleo, doado por uma senhora que quis manter-se em segredo. O oratório passava, em poucas semanas, de trinta a duzentos freqüentadores. Em 15 de maio, na parte da tarde, Dom Bosco, voltando de Roma, fazia em Florença a primeira conferência salesiana, particularmente importante – escrevia na circular de convite –, “tanto mais que não se trata de obras estranhas a esta cidade, mas de fundar estavelmente um instituto para os pobres órfãos”.⁵ A conferência aconteceu na casa dos padres Filippini, conhecida como Santa Florença. Dom Bosco falou por mais de uma hora, agradecendo e pedindo, com a habitual insistência sobre o dito evangélico “*Quod superest date eleemosynam*”.⁶ Não lhe faltava em primeiro lugar o apoio de “mamãe” Uguccioni.⁷ Ao mesmo tempo ele procurava aumentar o círculo da beneficência com uma circular, na qual denunciava em particular a “grande destruição” feita pelos protestantes, e solicitando “o zelo e a caridade” dos florentinos em favor de “uma obra dirigida ao bem da religião e da moralidade pública e privada”.⁸ Terminado o ano de aluguel, podia-se encontrar um lugar mais vasto em via Fra Giovanni Angelico, numa área mais rica de possibilidades para a ação salesiana. Os trabalhos de readaptação prepararam rapidamente um internato, ao qual o arcebispo confiava certo número de jovens por ele escolhidos, garantindo a respectiva pensão. O oratório retomava as atividades na nova sede em 2 de novembro, e o internato, na festa da Imaculada Conceição, de quem a casa recebia o nome.

Dom Bosco voltava a Florença em 9 de abril, solenidade de Páscoa. No dia seguinte

³ A dom Eugenio Cecconi, 25 de janeiro de 1881; E IV 6.

⁴ Carta de 6 de abril de 1881; E IV 41.

⁵ Circular de maio de 1881; E IV 54. Cf. carta ao padre Confortola, 10 de maio; E IV 53.

⁶ Cf. o relatório do padre Faustino Confortola sobre os promistores inícios da obra, com uma acolhida “mais amorável e encorajadora” dos florentinos, e sobre a conferência de 15 de maio, em BS 5(1881) n. 7, julho, p. 7-9.

⁷ Cf. carta de 6 de outubro de 1881 (E IV 84); 27 de janeiro de 1883 (E IV 200); 28 novembro de 1884 (E IV 304-305).

⁸ Circular de outubro de 1881; E IV 84-85.

fazia uma conferência aos cooperadores, ilustrando o que já fora feito, oratório e internato, e o que estava por fazer, as escolas para os externos.⁹ Em agosto, após grave doença do padre Confortola, coadjuvado validamente pelo padre Bruna, que tinha saído da desventura de Cremona, recomendava: “Agirei de modo que tenha o pessoal necessário, mas cultive, ou melhor, faça cultivar o oratório festivo, tão desejado nessa cidade”.¹⁰ No ano escolar de 1884-1885 padre Confortola, fazendo publicidade do conjunto da obra, informava sobre as diversas formas de atividade expressas: o oratório e as escolas festivas para os jovens externos, um internato para os jovens ou órfãos e abandonados instruídos nas artes e ofícios, e ainda as quatro classes elementares para os internos, preparatórias para a instrução secundária.¹¹ No início do ano escolar sucessivo era nomeado diretor padre Stefano Febraro, de Castelnuovo, o qual, quinze anos depois, passaria por grave crise vocacional e humana. A ele, diretor há poucos dias, Dom Bosco escrevia: “Li com verdadeiro prazer tua carta e experimentei consolação ao compreender que estás feliz na tua posição em Florença. Eu estarei sempre feliz quando estás tranqüilo e que possas me ajudar a salvar almas, além da tua”.¹² No período de sua direção era notável a conferência aos cooperadores florentinos, realizada em 6 de março de 1886 pelo bispo auxiliar Donato Velluti Zati di San Clemente (1845-1927), renomado orador, que aproveitava a ocasião para tecer um elogio de Dom Bosco, que antecipava a comemoração que teria lugar após 31 de janeiro de 1888. “Este nome – dizia com estima ilimitada – conhecido agora em toda a Europa e América, soa querido em minha boca, e tomado de admiração por tudo o que ele pôde fazer sob o estandarte da caridade, não sei senão exclamar: “Ó Caridade, como és poderosa! Tu os humildes e os que não contam diante do mundo transformas em apóstolos e heróis, tu sabes tudo com teu fogo vivificador, tu podes tudo”.¹³

Não menos significativo e produtivo, mas muito mais combatido pelas forças leigas e anticlericais, foi a chegada dos salesianos em *Faenza*, na Romagna, com uma obra de humildes origens, mas de futuro intenso e sólido, embora fechada em 2000. Teve como primeira sede um ex-convento no Borgo chamado Urbecco e a primeira obra foi um oratório interparoquial com escolas vespertinas. A extraordinária figura do cooperador salesiano padre Paolo Taroni, diretor espiritual do seminário diocesano, auxiliado por outro sacerdote não menos zelante, correspondente de Dom Bosco, cônego Giuseppe Cavina tinha aquecido e preparado o empenho dos salesianos. Em junho de 1880 colocavam-se as bases de um capitulado. Vários meses se passaram por causa

⁹ As informações sobre a visita e a conferência de Dom Bosco foram transmitidas por uma carta do padre Confortola, de 3 de maio de 1882, publicada em BS 6(1882) n. 7, julho, p. 119-121: Notícias sobre o Oratório de Maria Imaculada e conferência aos cooperadores em Florença.

¹⁰ Ao padre Confortola, 28 de agosto de 1882; E IV 165.

¹¹ BS 8(1884) n. 9, setembro, p. 134-135, “Instituto Salesiano da Imaculada em Florença”.

¹² Ao padre Febraro, 30 de outubro de 1885; E IV 344.

¹³ BS 11(1887) n. 6, junho, p. 71: carta do padre Febraro e grande parte do texto do discurso de dom Velluti Zati, p. 69-82, “Conferência salesiana em Florença”.

das dificuldades para a restauração do edifício e a autorização de ocupação colocadas pelo poder público e pela província. Acompanhados pelo padre Cagliero, chegaram a Faenza nos primeiros dias de 1881 o diretor, padre Giovanni Battista Rinaldi, o clérigo faentino Enrico Foschini e o coadjutor Paolo Bassignana, o popular “Paulino”. Em 20 de novembro, padre Cagliero presidia a solene abertura do oratório.¹⁴ Para o incremento das atividades, nos inícios de 1882 constituiu-se a Comissão de Cooperadores, todos eclesiásticos, entre os quais também o bispo de Cesena, dom Giovanni Strocchi, presidida pelo pró-vigário geral, Achille Emiliani, que convidava a subscrever-se por três anos ações de 25 liras cada uma, em favor de uma obra mais ampla, dirigida à educação da juventude, em um século no qual os ânimos estavam divididos “em cem partidos mais ou menos adversos não somente à Religião, mas ainda à civilização e à ordem”.¹⁵ O bispo de Faenza, dom Angelo Pianori, dos frades menores observantes, com carta de 6 de março de 1882, relembra a encíclica de 15 de fevereiro, que incitava a “honrar e proteger a *Sociedade da Juventude*” e apoiava a iniciativa das ações.¹⁶ Dom Bosco visitava Faenza em 13 de maio de 1882, e no domingo, na parte da tarde, fazia uma conferência em uma igreja pública. Uma vez presentes, davam-se conta de que, para o desenvolvimento da obra, era necessário conduzi-la a um espaço mais amplo, no centro da cidade. Em 1 de janeiro de 1883 ele estipulava com a Comissão Eclesiástica uma convenção, em que se desejava que às típicas atividades oratorianas se unisse um internato com oficinas de artes e ofícios.¹⁷ As oposições das forças políticas e dos jornais “democráticos” foram virulentas.¹⁸ Dom Bosco escrevia ao cônego Giuseppe Cavina, manifestando uma vez mais a indômita tensão à superação das situações difíceis pela causa de Deus e das almas: “Com grande pesar entendi os fatos que dificultam a obra dirigida ao bem da juventude pobre e periclitante. Temos que abandonar o campo nas mãos do inimigo? Jamais. Nos grandes perigos é preciso reduplicar os esforços e os sacrifícios. Nós faremos de boa vontade o que está em nosso poder, mas é preciso que também V. S. e seus amigos se esforcem para abrir algum internato para os jovens pobres. Busque-se e se faça. Padre Rinaldi explicará melhor meus pensamentos”.¹⁹

O Oratório foi deslocado para o centro da cidade, com escolas vespertinas e atividades variadas, entre as quais as escolas elementares. No decurso de 1885 foram edificados a igreja e o teatro, conforme a aprovação do Capítulo Superior, de 29 de maio de 1885, enquanto, conforme o que sustentava Dom Bosco, se devia “começar alguma oficina, mas pouco a pouco”.²⁰ As oposições tinham se traduzido também em violên-

¹⁴ Padre Paolo Taroni informava a chegada dos salesianos em Faenza na carta de 23 de novembro de 1881, publicada no BS 6(1882) n.1, janeiro, p. 8-9, “Uma casa salesiana na cidade de Faenza”.

¹⁵ *Documenti* XXIV 98-101, FdB 1078 B10-12.

¹⁶ *Documenti* XXIV 101, FdB 1078 C1.

¹⁷ MB XV 758.

¹⁸ Cf. materiais em *Documenti* XXV 332-337, FdB 1086 E2-7.

¹⁹ Carta de 17 de setembro de 1883; E IV 234.

cias e ameaças, e era ambígua a posição da administração republicana, que em abril de 1884 tinha apoiado a instituição de um *Recreio leigo*, contraponto explícito ao oratório católico.²¹ Sobre o desenvolvimento da obra, Dom Bosco tinha ocasião de precisar com tenacidade as próprias antigas idéias na sessão do Capítulo Superior de 14 de dezembro de 1885: em Faenza dever-se-ia refazer o percurso do Oratório de Valdocco entre os anos 40 e 60: primeiro o oratório e as escolas vespertinas, depois o colégio internato para os estudantes do ginásio, finalmente para os aprendizes.²²

Por ocasião da primeira conferência salesiana, feita em 2 de junho de 1887, os católicos de Faenza expressaram, através da palavra dos eclesiásticos mais eminentes, seu pensamento sobre Dom Bosco e a obra salesiana em sua cidade. O diretor enviava o relatório dessa conferência ao *Boletim Salesiano*. O acontecimento foi vivido como celebração da vitória das forças católicas sobre as oposições e agressões sectárias. Dom Bosco, impossibilitado de intervir, por causa das precárias condições de saúde, mandou para representá-lo padre Francesia, seu aluno de primeira hora e que gozava de toda a confiança. Esteve presente o bispo salesiano, dom Gioachino Cantagalli. O discurso oficial foi proferido pelo fraterno amigo dos salesianos, padre Filippo Lanzoni. Falaram o vigário geral, dom Francesco Baldassari, seguido por um elevado sermão do bispo e do canto do *Te Deum*. As intervenções eram em sentido único, claramente anti-socialistas: no coração da educação salesiana estava o trabalho, em uma sociedade ordenada e estável, onde se praticava a honestidade cristã e se estava feliz com o próprio estado, alheia à destruidora veleidade revolucionária. A obra salesiana era, portanto, “obra vantajosa não somente para os jovens, mas para toda a sociedade”, proclamava padre Lanzoni. O vigário geral acrescentava: “Os jovens alimentados com máximas religiosas pelos filhos de Dom Bosco, dizem: – Bem-aventurada a hora passada no trabalho!”; com efeito, “quando o aprendiz conhece e pratica essas máximas, aprende a amar o trabalho, a viver contente em seu estado, a não invejar os que se dizem ricos e a se persuadir que a revolução não traz riqueza a ninguém, mas discórdia, ódio e ruínas”. No afetuoso sermãozinho conclusivo, o bispo de Faenza manifestava sua consolação em constatar que, como sempre na história, a Providência tinha enviado a uma sociedade, e nela, a crianças, reduzidas à condição infeliz, “o homem dos tempos”, Dom Bosco. “Esse homem – explicava –, com suas casas, com seus oratórios, enriquece a alma dos jovencinhos com o estudo, com a bondade, com o amor, e dessa forma os vai conduzindo para a verdadeira sabedoria. E o trabalho manual não é descurado, e nesta casa vereis o carpinteiro-ferreiro, o marceneiro, o alfaiate. Ele possui o coração de aprendiz que ama seu trabalho, como tem também o de estudante que ama seu estudo. E o operário educado por Dom Bosco, filho afeiçoado da Igreja, vê o rico e não tem inveja dele, vê o trabalho e se consola, vê as desgraças e permanece sereno”.²³ Era a interpretação, nem a

²⁰ *Capitolo Superiore* [Verbali], fol. 57r-v, ASC D 868, FdB 1882 A5-6.

²¹ *Documenti* XXVII 119-121, FdB 1095 C1-3.

²² *Capitolo Superiore*, fol. 90r, FdB 1883 A11.

primeira nem a última, do “bom cristão e honesto cidadão” por parte de uma larga faixa de católicos, moderadamente “sociais”, substancialmente conservadores.

Mais tranqüilas eram as origens e os acontecimentos da obra salesiana de *Mogliano Veneto*, pequena cidade da província e da diocese de Treviso, distante 13 quilômetros da cidade principal e 19 de Veneza. Em carta de Roma, de 16 de março de 1880, ao padre Durando, encarregado de examinar as propostas de fundação, Dom Bosco escrevia: “Respondi logo à senhora Astori que padre Sala iria. Envio junto a carta que servirá de norma para o mesmo”.²⁴ Desde o ano precedente pleiteavam a obra duas eminentes personalidades da Obra dos Congressos, o advogado Giambattista Paganuzzi (1841-1923) e o engenheiro Pietro Saccardo (1830-1903). Tornava-a possível uma antiga benfeitora veneziana, Elisabetta Bellavite, viúva desde 1876 do munificente Vincenzo Omobono Astori, que, para a criação de uma colônia agrícola, pretendia oferecer o terreno necessário e 150 mil liras [pouco menos de 500 mil euros] para construir os edifícios exigidos.²⁵

A fim de envolver também Dom Bosco, em 1879, ela tinha se dirigido a Turim para a festa de Maria Auxiliadora. Em 20 de setembro de 1880, o Capítulo Superior, reunido em Sampierdarena, aceitava a proposta. A senhora confirmava a doação na carta de 19 de outubro. Padre Sala partia para fazer assinar o texto do contrato e dar procedimento aos trabalhos, que começavam na primavera de 1881 e eram realizados rapidamente e com grande maestria por pessoas capazes e honestas, sob a supervisão do engenheiro Pietro Saccardo, em constante relação com padre Rua.²⁶ A permissão da diocese foi escrita de próprio punho em 24 de março de 1880 pelo vigário capitular, cônego Giuseppe Sarto, futuro papa Pio X, que tinha conhecido Dom Bosco no Oratório em 1875: “Concedo para a presente fundação a mais ampla faculdade e licença, junto com meu pleníssimo assentimento”, escrevia antecipando-se a desenvolvimentos mais amplos que os de uma humilde colônia agrícola.²⁷

Ao novo bispo de Treviso, ao *Meu carmo. D. Apollonio e Exa. Revma.*, dom Giuseppe Apollonio, Dom Bosco enviava uma terna mensagem de Alassio, em 26 de setembro de 1882. Tinha se hospedado com ele na primeira viagem no Vêneto, em 1865.²⁸ “Mas é preciso justamente que Deus nos queira em suas mãos”, iniciava, informando-o: “Há pouco fundamos uma casa em Mogliano, de cuja diocese o senhor foi feito bispo. De todo coração celebrarei a santa missa e rezarei a *ave-Maria* segundo sua

²³ *La Prima Conferenza dei Cooperatori e Cooperatrici a Faenza*, BS 11 (1887) n. 8, agosto, p. 90-92.

²⁴ E III 551.

²⁵ Cf. sobre todo o acontecimento G. POLO, “Don Mosè Veronesi e la fondazione dell’Astori a Mogliano Veneto (Treviso)”, in: F. MOTTO (org.), *L’Opera Salesiana dal 1880 al 1922: significatività e portata sociale*. Vol. II. Roma, LAS, 2001, p. 51-63.

²⁶ Cf. *Astori 1882-1982*. Mogliano Veneto, Collegio Astori, 1983, p. 15-17.

²⁷ Cf. G. POLO, *Don Mosè Veronesi e la fondazione dell’Astori*, p. 59; texto integral em MB XIV 819.

²⁸ Cf. cap. 14, § 7.

piedosa intenção. Tenho ainda uma particular intenção para que Deus conserve em boa saúde e *ad multos annos*”. E se excusava: “Escrevo muito mal. Tenho 67 anos e ainda não sei escrever. Poderei aprender melhor no futuro?”.²⁹ A casa foi aberta em 18 de novembro de 1882, sendo diretor padre Mosè Veronesi, acompanhado por outro sacerdote e por dois coadjutores.³⁰ A colônia, contudo, já desde o ano escolar 1883-1884, aceitava também jovens estudantes, e no ano sucessivo apareciam completamente estabelecidos tanto o curso elementar como o ginásial.

1.2 Irradiação na Espanha, em Utrera, em 1881

A entrada na Espanha foi propiciada pelo venerando e catolicíssimo marquês Diego Ulloa, que queria abrir em Utrera, a 30 quilômetros da sede arquiépiscopal de Sevilha, um internato para jovens carentes. Em 1879 o arcebispo Gioachino Luch y Garriga tinha se dirigido a Dom Bosco. Em resposta tinha recebido genéricas esperanças. Em janeiro de 1880 padre Cagliero, mais o coadjutor Giuseppe Rossi, foram enviados para uma exploração. Esse coadjutor se tornará o principal ator na realização da empresa, naturalmente sob a guia de Dom Bosco e do padre Rua. Foi logo oferecida uma igreja, a de Nossa Senhora do Carmo, com edifício anexo. Informado das tratativas realizadas, Dom Bosco escrevia de Nizza uma carta muito cordial ao marquês Ulloa, acrescentando no pós-escrito: “Confirmo o que meu encarregado *Doutor Cagliero* concluiu para a casa a ser aberta na cidade de Utrera e espero que, com o auxílio do Senhor, tudo esteja preparado para outubro próximo, e que meus filhos e seus salesianos possam partir nessa época para ir ao lugar da missão que a Divina Providência, através do Senhor, preparou”.³¹

Alguns meses depois os salesianos chegaram em Utrera após o tempo previsto. Escrevendo ao padre Lasagna, Dom Bosco anunciava: “Padre Cagliero, mensageiro perpétuo, irá à Espanha, depois à Lisboa, ao Porto e voltará a Turim quando puder”.³² De fato, padre Cagliero tinha acompanhado à Espanha o diretor, padre Giovanni Branda, com dois sacerdotes, um clérigo e dois coadjutores, abrindo a casa em 2 de fevereiro. Em carta ao padre Cagliero, ainda em Utrera, Dom Bosco escrevia: “Saúda padre Branda, padre Pane, padre Oberti – em 1884 substituirá padre Branda, destinado a dar início à obra Sarriá-Barcelona –, o professor de música e o mestre de cozinha (...).

²⁹ E IV 175.

³⁰ O *Boletim Salesiano* de dezembro informava os cooperadores: BS 5(1882) n. 12, dezembro, p. 201-202, “Colônia agrícola em Mogliano Veneto” (carta do ecônomo geral, padre Antonio Sala, de 19 de novembro de 1882).

³¹ Carta de 26 de fevereiro de 1880; E III 547.

³² Carta de janeiro de 1881; E IV 15. Padre Cagliero, após as viagens indicadas, voltou a Turim nos primeiros dias de maio.

Faz uma homenagem respeitosa ao senhor marquês Ulloa e família, como ao senhor arcebispo, que esperamos em Turim”.³³ No final de junho Dom Bosco escreveria uma bela carta em latim, agradecendo o arcebispo e pedindo-lhe: “tamquam pater nobis semper dicito”.³⁴ No ano escolar sucessivo seguia um reforço para a obra – igreja, oratório, escolas para jovens externos pobres –, como se pode entender também por esta carta ao inspetor na França, padre Paolo Albera: “Por meio do padre Cagliari terás normas para regular-te a respeito de quatro ou seis salesianos que viajam para a Espanha”.³⁵ O novo arcebispo, Cefirino Gonzáles, quis participar na festa de São Francisco de Sales de 1884. Foi recebido solenemente na vigília. À tarde deu a bênção eucarística, no dia da festa assistiu ao solene pontifical e à tarde presidiu a conferência dos cooperadores. O bispo auxiliar, Marcelo Spínola, participou e falou na concorridíssima função da tarde. Na manhã seguinte assistiu à missa em sufrágio dos cooperadores defuntos, deixando depois uma generosa oferta.³⁶ Na festa de São Francisco de Sales do ano seguinte o “zelantíssimo pastor e insigne cooperador”, dom Spínola, participava como protagonista, sendo bispo recentemente nomeado de Coria. “É impossível – escrevia o novo diretor padre Oberti – retribuir o amor que nos demonstra, a afabilidade com a qual nos trata e a familiaridade com a qual deseja ser tratado”, mostrando-se “o pai, o amigo, o conselheiro e o auxílio em qualquer necessidade” dos salesianos. Após ter participado da mesa preparada pelas cooperadoras, ele fazia a conferência prescrita pelo Regulamento.³⁷

2. Construção da Igreja do Sagrado Coração e do internato anexo em Roma

O longo empenho de Dom Bosco, mais de sete anos, na construção da Igreja e de parte do internato anexo – ou, para ele, era antes de tudo a igreja anexa ao internato? – é observatório ideal onde colher, uma vez mais, o verdadeiro significado de sua ação, a paixão educativa e pastoral voltada principalmente para os jovens. Ela aparece na mais clara luz no quadro das relevantes transformações sociais e econômicas da área da Estação Termini, ao lado da qual surgia a igreja e se estendia a paróquia.³⁸ A aventura começava em 24 de março de 1880, quando o cardeal vigário Raffaele Monaco La

³³ Carta de Alassio, 6 de abril de 1881; E IV 41.

³⁴ A dom Gioachino Lluch y Garriga, 30 de junho de 1881; E IV 65.

³⁵ Carta de 26 de novembro de 1882; E IV 185.

³⁶ BS 8(1884) n. 3, março, p. 40-41, “Festa e conferência em Utrera (Espanha)” (carta do diretor padre Giovanni Branda de 31 de janeiro de 1884).

³⁷ BS 9(1885) n. 5, maio, p. 73-74, “Conferência em Utrera” (carta do diretor padre Erneso Oberti de 1 abril de 1885).

³⁸ Cf. C. CONIGLIONE, “Presenza salesiana nel quartiere romano di Castro Pretorio (1880-1915)”, RSS 3(1984), p. 3-91 (bibliografia, p. 90-91); G. ROSSI, “L’istruzione professionale in Roma capitale. Le scuole professionali dei salesiani al Castro Pretorio (1883-1930)”, in: F. MOTTO (ed.), *Insedimenti e iniziative salesiane dopo Don Bosco*, p. 63-135.

Valletta (1827-1896) falava a Dom Bosco do *impasse* a que chegara a construção tão acalentada por Leão XIII. Quatro dias depois falava de novo em termos de compromisso. Na breve permanência em Nápoles nos dois dias sucessivos – em 29 e 30 de março – Dom Bosco encontrava Ludovico da Casoria,³⁹ o qual tinha construído nas proximidades da igreja a ser erigida, em Via Milazzo, uma capela provisória e uma escola, e, graças a uma nova investida sobre Roma, em junho de 1882, obtinha em alternativa via livre para as próprias instituições.⁴⁰ Por fim, em 5 de abril de 1880, Leão XIII investia-o pessoalmente do oneroso encargo. Dom Bosco dava o primeiro anúncio público de sua realização em janeiro de 1881, quando começava a mover a beneficência pública. Colocaria um ponto final, por sua parte, em 7 de novembro de 1887, quando escrevia a última carta ao secretário particular do papa com o objetivo de obter a concessão de um substancioso subsídio para extinguir o débito contraído na construção da fachada da igreja.

Nesta última e temerária aventura revelam-se, de forma privilegiada, sua fé e coragem: nesses anos realmente “as pedras gritam” (Lc 19,34-40), com ressonâncias virtualmente universais. A aceitação da gravosa tarefa, com toda probabilidade, nascia certamente do desejo de mais de quinze anos e das fracassadas tentativas de ter uma sede na capital do mundo católico – Vigna Pia (1867), São Caio, San Giovanni della Pigna, Santo Sudário, abrigo San Michele a Ripa (anos 70) –, para dar uma face mundial à Congregação e conferir-lhe ao mesmo tempo nova dignidade e prestígio.

Em 24 e 28 de março de 1880 o cardeal Vigário, Raffaele Monaco La Valletta, com discretas sondagens fazia presente a Dom Bosco o problema da Igreja do S. Coração. Os trabalhos, com efeito, já iniciados com Pio IX e continuados sob Leão XIII, tinham chegado ao rés-do-chão, com a ameaça de parar por falta de fundos.⁴¹ Contudo, já em 2 de fevereiro de 1879 fora erigida canonicamente a paróquia e, em 28 de março de 1880, concedido o reconhecimento civil. Em 5 de abril Leão XIII rompia as dificuldades, e Dom Bosco aceitava, colocando-se em contato com o referente imediato, o cardeal vigário. Na tarde de 10 de abril apresentava-lhe um relatório provisório, como ponto de partida para o contrato entre o Vicariato e a Sociedade Salesiana.⁴² Foi-lhe pedida a construção de uma igreja, e ele associava imediatamente a edificação de um internato e de um oratório juvenil, em analogia com quanto tinha tentado em Turim com a Igreja São Secondo. Não parece nem mesmo casual que, em 13 de abril, ele tenha enviado um pedido a Leão XIII para a ereção do Vicariado ou Prefeitura Apostólica na Patagônia.⁴³

Tendo em mãos o desenho da igreja, Dom Bosco escrevia ao padre Dalmazzo,

³⁹ Cf. cap. 29, § 1.1.

⁴⁰ Cf. LUDOVICO DA CASORIA, *Epistolario*, vol. I, p. 334 e 549; vol. II, p. 846.

⁴¹ *Documenti* XXII 87-88, 90-92, 99, FdB 1069 D7-8, 11-12; E 7.

⁴² E III 564-566.

⁴³ Cf. E III 567-575. Cf., mais adiante, § 4.1.

dando-lhe “todo poder de modificar e concluir no sentido e nos limites que S. Eminência julgar melhor”. Porém, acrescentava duas anotações importantes: uma dizia respeito à ampliação da igreja, que devia passar dos 400 aos 900 metros quadrados, a outra, à taxa de desconto para empréstimos junto do Banco Tiberino, do qual pretendia adquirir os terrenos adjacentes à igreja – 5.500 metros quadrados no lado sudeste –, para poder prolongar e construir aí o internato previsto.⁴⁴ Na área adquirida, na esquina entre Via di San Lorenzo (a atual Via Marsala) e Via Marghera, surgia um pequeno edifício que, acrescido de dois andares, foi a morada dos salesianos em Roma durante o período dos trabalhos. Dois dias depois Dom Bosco escrevia de novo ao procurador, padre Dalmazzo: “Apenas concluído o ato notarial da passagem em nosso favor da Igreja do Sagrado Coração, avise-me logo. Tudo o que foi lido no Capítulo foi aprovado”.⁴⁵ No que diz respeito à propriedade da igreja e da casa paroquial, concordou-se com a fórmula proposta por Dom Bosco: “A igreja e a casa paroquial na propriedade pertencem ao ordinário de Roma em perpétuo: mas o usufruto pertencerá em perpétuo à Sociedade de São Francisco de Sales”.⁴⁶

Em novembro de 1880 terminava o prazo para o pagamento de cerca de 40 mil liras, emprestadas do Banco Tiberino para o terreno, a casa e os materiais de construção. De outro lado, não tendo ainda sido assinado o contrato, Dom Bosco não pretendia fazer apelos públicos à beneficência. Mobilizava, portanto, padre Dalmazzo para buscar dinheiro: “Pela crise financeira todos gritam e fecham a bolsa. Podemos contar, em Roma, com alguém? Pensa de perto e de longe, e depois me diga alguma coisa. É urgentíssimo poder conseguir dinheiro para o Sagrado Coração, mas até que as coisas não sejam definitivamente realizadas, parece que não convém publicar. Contudo, estamos sem dinheiro. Tire daí as conclusões”.⁴⁷ Era o começo da “febre edilícia”, que durou até 1887, não se conseguia o dinheiro líquido e se procedia com montes de letras cambiais.⁴⁸ Em uma carta posterior, Dom Bosco sugeria dilatações ou parcelas no pagamento da dívida com o Banco Tiberino, enquanto acenava às dificuldades que freavam a assinatura da convenção, entre as quais a duração dos trabalhos, e sobre o vigário paroquial permanente.⁴⁹ Para o término da construção da igreja concordou-se, de modo geral, por período de seis anos, de fato prolongável, e a apresentação e nomeação do pároco conforme as normas canônicas. A convenção foi assinada por Dom Bosco em 11 de dezembro de 1880 e, depois da aprovação do papa, do cardeal vigário em 18 de

⁴⁴ Carta de 7 de julho de 1880; E III 601-602.

⁴⁵ Carta de 9 de julho de 1880.

⁴⁶ Cf. carta ao padre Dalmazzo, 14 e 15 de julho de 1880; E III 606-607, 607-608.

⁴⁷ Carta de 24 de novembro de 1880; E III 635.

⁴⁸ Cf. I. INSOLERA, *Roma moderna: un secolo di storia urbanistica 1870-1970*. Turim, Einaudi, 2001, p. 52-60.

⁴⁹ Ao padre Dalmazzo, 9 de dezembro de 1880 (E III 639); ao cardeal vigário, 11 de dezembro de 1880 (E III 640-641).

junho, por fim registrada pelo chanceler do Vicariado no dia 29.⁵⁰

Com o caminho livre, e autônomo para dar maior impulso aos trabalhos, Dom Bosco lançava entre janeiro e fevereiro uma circular, traduzida em várias línguas e difundida em todas as direções,⁵¹ integrada por outras circulares especiais a arcebispos e bispos na Itália e, em latim, fora da Itália; o mesmo fez, usando as duas línguas, latina e italiana ou outra moderna, para os jornalistas católicos italianos e estrangeiros,⁵² dando normas para seu trabalho.⁵³

A circular tocava em todos os motivos que caracterizariam sua infatigável propaganda e a busca de subsídios nos mais diversos ambientes. Isso era exigido pela qualidade de edifício sagrado. Provavelmente iniciado sob projeto do célebre arquiteto Virginio Vespignani (1808-1882), representante oficial da cultura arquitetônica romana nos últimos anos do poder temporal, o desenho foi sobrecarregado de elementos decorativos pelo filho Francesco (1848-1899), personagem emergente no movimento católico romano, que deu o acabamento e executou.⁵⁴

Na circular de janeiro de 1881, Dom Bosco dava informações idôneas para tocar mentes e corações dos “cristãos de todo o mundo”. A igreja e as obras anexas eram “propostas pela mente iluminada de Leão XIII”; a igreja devia servir não somente para a assistência pastoral do quarteirão em rápido crescimento populacional, mas também de “monumento ao imortal Pio IX”. Descrevia ainda o estado dos trabalhos, para os quais concorriam – é o número dilatado pelos momentos de ponta da mão-de-obra empregada – “cerca de cento e sessenta operários entre ajudantes, pedreiros e maquinistas”. Indicava, naturalmente, os dois modos fundamentais de ajudar: 1) meios pecuniários e materiais de construção; 2) a prece e o convencimento de “pessoas facultosas para se tornarem benfeitoras”. Dirigia-se antes de tudo aos cooperadores, falava dos coletores devidamente autorizados e rigorosamente individuais, com o convite de se fazer tais dirigido a arcebispos, bispos, párocos, curas e reitores de igrejas. Terminava listando as vantagens espirituais no presente e no futuro reservadas aos doadores e aos coletores.⁵⁵

De fato, a construção se demonstrou excepcionalmente dispendiosa, além dos 5 milhões de euros. Indubitavelmente incidiram também diversas anomalias de gestão, que levavam Dom Bosco a lamentar lentidões danosas injustificadas, interferências indevidas, dúvidas sobre a incerteza do empresário, a quem acabou substituindo, enquanto as responsabilidades executivas e os ônus financeiros caíam inteiramente

⁵⁰ Veja-se o texto em MB XIV 807-810; cf. C. CONIGLIONE, “Presenza salesiana nel quartiere romano di Castro Pretorio”, RSS 3(1984), p. 31-32.

⁵¹ Texto em E IV 18-20.

⁵² Textos em E IV 20-22.

⁵³ Texto em E IV 22-24.

⁵⁴ Cf. G. SPAGNESI, *L'architettura a Roma al tempo di Pio IX (1830-1870)*. Roma, Edizioni Studium, 2000, p. 122-123.

⁵⁵ Circular de Turim, janeiro de 1881; E IV 18-20.

sobre suas costas. Conseqüentemente, não faltaram momentos fortes na intervenção de Dom Bosco, incansável em mendigar para o Sagrado Coração, além da Itália, na França e na Espanha, enquanto que, para concluir os acordos, quis consigo em Roma o vigário, padre Rua, para co-divisão de vistas e de decisões.⁵⁶ Obviamente, não deixava padre Dalmazzo em paz, não acostumado a pedir. “Prepara terreno – solicitava – sobre a possibilidade de obter algum auxílio para a Igreja e o Instituto do Sagrado Coração junto ao Município de Roma, do Ministério das Finanças, nosso paroquiano [o palácio das Finanças, construído por Quintino Sala, encontrava-se no território da paróquia], Ministério do Interior, de Graça e Justiça e da Economia”.⁵⁷ Na carta acenava também ao cônego Colomiatti e à suspensão do padre Bonetti. Conversaria sobre isso em Roma, para onde iria diretamente da França, onde estivera em fevereiro-março para recolher dinheiro para o Sagrado Coração.

Foi por ocasião dessa viagem que, em Toulon, Dom Bosco entrou em contato com o advogado Fleury Antoine Colle e senhora, cujo filho de dezesseis anos tinha morrido em 3 de abril. Para a nomeação do advogado francês a conde romano, Dom Bosco, em 16 de junho de 1881, fazia uma súplica a Leão XIII, nomeando as várias benemerências, entre as quais uma primeira oferta de 40 mil francos para a Igreja e o Internato do Sagrado Coração.⁵⁸ Enviava também uma carta ao cardeal vigário para que apoiasse ou ajudasse a apoiar o pedido. Na mesma carta anotava: “Eu trabalho incessantemente para encontrar dinheiro e Deus nos favorece e se encontra, mas padre Dalmazzo gasta tudo e jamais diz ‘basta’”.⁵⁹ A tratativa para o título de conde ao advogado Colle tinha um percurso tortuoso e com vários desvios. O Breve do conferimento do título chegava, após um precedente, com dizeres inexatos, em 19 de julho de 1882. O conde acabou se tornando o mais generoso benfeitor da Igreja e do Internato do Sagrado Coração, além de outras obras salesianas; o mais generoso, em absoluto, entre os benfeitores de Dom Bosco: “Na França e na Itália há um só senhor conde Colle”, ter-lhe-ia escrito em 29 de dezembro de 1884.⁶⁰ Uma grande contribuição teria vindo ainda da triunfal viagem na França e, em particular, a Paris, de 1883 (18 de abril a 26 de maio).⁶¹

Da França chegava a Roma em 20 de abril de 1881, e na parte da tarde do dia 23 já estava em audiência com o santo padre. No mesmo dia relatava em carta enviada aos cooperadores: o papa tinha se interessado vivamente pela empresa e tinha oferecido 5 mil liras, um exemplo e um estímulo para os cooperadores-benfeitores.⁶² Ainda em Roma, em 1º de maio, pedia ao cardeal vigário permitir a conferência dos coopera-

⁵⁶ Carta ao padre Rua, primeiros dias de abril de 1881 (E IV 36, n. 7); ao padre Dalmazzo, abril de 1881 (E IV 41); ao padre Berto, 6 de abril de 1881 (E IV 42).

⁵⁷ Carta de Alassio de abril de 1881; E IV 41.

⁵⁸ E IV 60.

⁵⁹ Carta de 14 de setembro 1881; E IV 81.

⁶⁰ E IV 510.

⁶¹ Cf. cap. 31, §1.

⁶² Circular de 23 de abril de 1881; E IV 45-47.

dores em 9 de maio e o convidava a estar presente. Ao mesmo tempo, informava-o: “Já estou na nova casa do Esquilino. Os trabalhos prosseguem rapidamente. Como se vai de dinheiro? Até o presente momento pode-se ir adiante; para o futuro, esperamos na bondade do Senhor”.⁶³ A conferência aconteceu na casa das Oblatas de Tor de’ Specchi, em 9 de maio. Dom Bosco falou acenando às obras salesianas e colocando em evidência a construção da Igreja e do Internato do Sagrado Coração, a partir dos inícios, por obra do padre Maresca, até o momento em que assumiu o encargo. Cardeal Alimonda fez a conferência.⁶⁴ Na primeira fase, todo o ano de 1881, a empresa caminhou nos trilhos. Mesmo as ofertas afluíam em medidas adequadas aos compromissos financeiros. “Já entregamos perto de outras 10 mil liras ao Banco de Desconto. Não perder de vista o pedido ao Município de Roma”, anunciava e recordava ao padre Dalmazzo, enquanto falava de módulos já impressos a serem enviados aos Coletores.⁶⁵ Os trabalhos caminhavam celeremente, e Dom Bosco, enquanto observava e animava os que estavam neles empenhados, viajava, falava e escrevia para fornecer o dinheiro de apoio. Em 5 de julho, de Turim, estava em grau de anunciar ao padre Dalmazzo: “Tudo caminha bem: Deus seja louvado em todas as coisas. Eu não perco um instante; mas os trabalhos são abençoados por Deus e coragem”. Ao mesmo tempo falava de “uma série de empresas” em ato, isto é, de iniciativas para encontrar dinheiro: “Trabalhamos também para enviar-te padres e dinheiro”.⁶⁶ Endereçava até uma carta de pedido à princesa Clotilde de Savóia, “a santa de Moncalieri”, esposa do príncipe Girolamo Bonaparte.⁶⁷ Mobilizava salesianos e jovens dos colégios,⁶⁸ enviava para pedir padre Pozzan e padre Febraro, precedidos de uma circular de apresentação:⁶⁹ para pedir ofertas estiveram durante um mês na região do Trentino;⁷⁰ depois nos últimos meses de 1881 e nos primeiros de 1882 percorreram as dioceses de Belluno e Feltre, Ceneda (hoje Vittorio Veneto) e Udine.

Em 10 de julho de 1881 o cardeal vigário abençoava a capela paroquial provisória, construída ao lado da igreja nascente. No dia 12 era emanado o decreto de nomeação do padre Francesco Dalmazzo como pároco. Quanto à cônica Dom Bosco tinha se dirigido ao papa e ao cardeal vigário:⁷¹ o Vicariato cuidava dela com cartelas nominais

⁶³ E IV 50.

⁶⁴ BS 5(1881) n. 6, junho, p. 5-7: o texto foi tirado da crônica do acontecimento publicado em 13 de maio no jornal romano *L’Aurora*, n. 109, com o título “Em Tor de’ Specchi”.

⁶⁵ Carta de 31 de maio de 1881; E IV 56-57.

⁶⁶ E IV 69.

⁶⁷ Carta de 24 de julho de 1881; E IV 70-71.

⁶⁸ Vieram ofertas até dos colégios da América, por exemplo, de San Nicolás de los Arroyos; cf. BS 5(1881) n. 12, dezembro, p. 8-9.

⁶⁹ Circular de 10 de agosto de 1881; E IV 74-75.

⁷⁰ Ao bispo de Trento, 16 de agosto de 1881 (MB XV 407); “L’Ospizio e la chiesa del Sacro Cuore in Roma e la diocese di Trento”, BS 5(1881) n. 11 e 12, novembro e dezembro, p. 4-6 e 10-12; 6 (1882) n. 3, março, p. 48-50.

de Renda Italiana, com um rendimento anual de 2 mil e cem libras anuais.

Pela metade de setembro de 1881 Dom Bosco escrevia ao padre Dalmazzo para a reimpressão de módulos em várias línguas para os coletores, dando além disso notícias encorajantes de ofertas que chegavam, incluindo as subscrições para as grandes colunas, ao preço de 2 mil e quinhentas libras cada uma.⁷² No início de 1882 o *Boletim Salesiano* publicava uma relação sintética e encorajante sobre o estado da construção no final de 1881, redigida pelo padre Angelo Savio, ex-ecônomo geral da Sociedade Salesiana e agora delegado por Dom Bosco para seguir os trabalhos.⁷³

Mas em 1882, acentuaram-se dissensos com a comissão anterior, presidida pelo marquês Mereghi, agravados por interferências, irregularidades, disparidade de visões sobre a interpretação e realização dos contratos e dos desenhos executivos e as compensações relativas, sobretudo as reivindicadas pelo empresário Gaetano Andolfi. Os trabalhos ficaram praticamente suspensos por quase um ano.⁷⁴ A mediação do engenheiro-arquiteto G. Squarcina, deputado no Parlamento, foi útil nas tratativas.⁷⁵ Ele considerava boa base a carta, com a qual Dom Bosco tinha procurado esclarecer e reformular os recíprocos compromissos ao arquiteto, conde Francisco Vespignani: “1) Regular o passado para não ter que voltar sobre ele para entender-nos ou discutir. 2) Estabelecer princípios e bases claras, e para isso apresentar os desenhos e um contrato preciso com os preços relativos a cada um dos chefes de trabalho”; e “imediatamente retomar a construção da Igreja”.⁷⁶ Ao mesmo tempo, solicitava, por meio do padre Dalmazzo, a concessão das condecorações pontifícias para alguns benfeitores, enquanto perguntava: “E o senhor Vespignani?”⁷⁷. Não faltava nem mesmo uma pitada de ironia nas relações com os funcionários da Cúria: “Seria preciso uma pitada de *Sun da Espanha* [finíssimo tabaco do nariz] para acordar o compilador de Breves (muito longos) para nossas condecorações”.⁷⁸ Com particular vigor reivindicava a exclusiva responsabilidade da Congregação na gestão dos trabalhos e dos respectivos encargos financeiros, justamente alguns dias após a promulgação do texto da *Concórdia*. Escrevia resolutivo ao procurador e pároco: “Os trabalhos estão sempre suspensos? Creio que seja indispensável que o cardeal vigário não quebre mais a cabeça nas coisas materiais e deixe tudo ao pároco, que paga e resolve os negócios”.⁷⁹ Usava de não menor clareza diretamente com sua eminência, o beneditino Raffaele Monaco La Valletta: “Padre Sávio me manda cópia das pendências sobre a construção da Igreja do Sagrado

⁷¹ Ao padre Dalmazzo, 18 de outubro de 1880; E III 630.

⁷² E IV 80-81.

⁷³ BS 6(1882) n. 1, janeiro, p. 43-45.

⁷⁴ Cf. C. CONIGLIONE, “Presenza salesiana nel quartiere romano di Castro Pretorio”, p. 34-36.

⁷⁵ *Documenti* XXIV 169-170, FdB 1079 C5-6.

⁷⁶ Carta de 9 de maio de 1882; E IV 134-135.

⁷⁷ Carta ao padre Dalmazzo, 19 de junho de 1882; E IV 144.

⁷⁸ Ao padre Dalmazzo, 19 de junho de 1882; E IV 144.

⁷⁹ Carta de 28 de junho de 1882; E IV 147.

Coração; percebo que se queira complicar as coisas, e não se reconhece nenhuma autoridade, nem mesmo a do pároco Dalmazzo”. Reservava-se o direito de enviar-lhe um escrito seu, que não foi encontrado. No entanto, declarava com extrema franqueza: “Para dar andamento às coisas creio que seja indispensável que V. E. se coloque fora da confusão e envie toda a condução ao pároco, que deve buscar o dinheiro e pagar. Eu queria fazer um ajustamento. Escrevi duas cartas ao senhor conde Vespignani, mas não veio nem me deu alguma resposta que esperava em Roma. Quero que os trabalhos progridam, faço esforços incriveis para encontrar o dinheiro, porém, se as coisas continuam nesse pé, quando se verá a igreja acabada?”.⁸⁰ Sobre a carta ao vigário informava ao padre Savio, sublinhando o mal-estar de dever sentir-se “forasteiro” em um mundo, que, exigindo uma imensa fadiga, não parecia tratar com particular cordialidade quem a estava enfrentando com sacrifícios sobre-humanos: “Escrevi uma carta ao cardeal vigário na qual peço que deixe todo problema nas mãos do pároco e de ti; e que, até que não se convençam a reconhecer-nos como proprietários, acontecerão distúrbios a ele e nada faremos”; “perde-se tempo e dinheiro e vai-se ao encontro de dissabores. Não somos forasteiros e por isso...”, Acrescentava um pós-escrito: “Podes consultar algum advogado”.⁸¹ Em julho voltava à carga com padre Dalmazzo, fazendo uma lista de perguntas: “Estamos sem notícias. Dize-me, portanto, ou faz-me dizer: como estão as coisas na igreja do Sagrado Coração? Foram retomados e se podem retomar os trabalhos? Posso fazer alguma coisa estando aqui? Ainda há dinheiro? Continuam as cartas *chargées ou recommandées*? “Saúda padre Savio e dize-lhe que não brinque e conduza a igreja a seu término, a despeito de todas as unhadas que nos dá Satanás”.⁸² Não faltava uma pitada de sarcasmo: “Ao invés de reclamar do que fazemos em Roma, eu desejaria que certos senhores pensassem em nos dar dinheiro”.⁸³ Afrontava, imperturbável e não despreparado: “*Alii alia dicant* de nossas coisas em Roma. Eu não ligo para nada, porque estamos seguros de nosso dever. Contudo, se me dizes em confiança de nossas relações com o santo padre, com o cardeal vigário, com a Igreja do Sagrado Coração etc., me farás uma coisa muito útil”.⁸⁴ Em dezembro escrevia ainda ao procurador: “Não há mesmo forma de terminar nossos problemas com o empresário? Entre ti e padre Savio *in camera caritatis* talvez podereis fazer algo”.⁸⁵ No Natal, ao padre Dalmazzo e aos salesianos da comunidade desejava “toda felicidade espiritual e temporal”, recomendava a “observância exata da *pobreza, castidade, obediência*” e, misturando sacro e profano, prosseguia: “Para nós será um belo dia quando tenhamos a caridade que reina perfeitamente entre vós, quando estejam sistematizados os negócios com o empresário

⁸⁰ Carta de 5 de julho de 1882; E IV 149-150.

⁸¹ Carta de 6 de julho de 1882; E IV 150.

⁸² Carta de 29 de julho de 1882; E IV 156-157.

⁸³ Ao padre Dalmazzo, 27 de agosto de 1882; E IV 165.

⁸⁴ Ao padre Dalmazzo, 26 de novembro de 1882; E IV 186.

⁸⁵ Ao padre Dalmazzo, 6 de dezembro de 1882; E IV 189.

e possamos retomar os nossos trabalhos do Sagrado Coração de Jesus. A rifa dorme? Prepara aí, que te daremos uma mão estando aqui”.⁸⁶

Mais adiante, na vigília da grande viagem à França, com meta em Paris – estaria ausente de Valdocco de 31 de janeiro a 30 de maio de 1883 –, informava a respeito ao cardeal vigário, pedindo-lhe que se empenhasse “para retirar os empecilhos” que impediam os trabalhos: “Farei uma viagem até Lyon e Paris pedindo para o Sagrado Coração e recomendando o dinheiro de São Pedro”; “estou pronto também a sacrifícios pouco racionais, a fim de que se possam continuar os trabalhos infelizmente suspensos”.⁸⁷ Justamente na carta de 31 de janeiro – mas nessas horas Dom Bosco estava tomando o trem para a Ligúria e a França – padre Dalmazzo comunicava ao superior que a questão estava próxima da solução e que o ecônomo, padre Savio, estava empenhado nos problemas financeiros ligados à “liquidação de todo o trabalho do empresário”.⁸⁸ Em 20 de fevereiro o ecônomo responsável anunciava ao padre Rua que o distrato do precedente contrato fora assinado em 6 de fevereiro, entre outras coisas, com o pagamento ao empresário de 40 mil liras e a aquisição de todos os materiais, os implementos e os objetos de construção.⁸⁹ De Marselha Dom Bosco escrevia ainda ao padre Dalmazzo, enviando dinheiro e pedindo que o buscasse em Roma: “Eu faço o que posso, mas é preciso que tu e padre Savio façais todo o possível para conseguir dinheiro. Para teu controle, foram expedidos 3 mil francos de Cannes (...). Outros 2 mil foram enviados de Hyères. Esta semana não receberás outra soma. Farei mais quando estiver partido daqui, pois se trata de pagar grandes débitos de nossas casas.” Após várias indicações sobre as obras americanas, terminava com idênticas solicitações: “Coragem: dinheiro não falta em Roma. Escreverei apenas fora destas questiúnculas. Querite et invenietis”.⁹⁰ Mas provavelmente com 20 de setembro e com a dissolução do Estado Pontifício e de sua estrutura burocrática, as ocupações, as desapropriações, a já falada “febre edilícia” ao som de letras de câmbio, as disponibilidades de dinheiro em Roma deviam ter diminuído de muito com relação aos anos 60.

Os trabalhos retomavam no fim do gelo invernal, sempre em economia, com a empresa do bielense *cavaliere* Giacomo Cucco. Retornado da viagem na França, Dom Bosco fazia logo contato com padre Angelo Savio, insistindo para que imprimisse ritmo mais acelerado nos trabalhos: “A Providência não faltarão com seu auxílio, mas é preciso ver muitos homens a trabalhar, muitos trabalhos realizados. Tu me entendes. Eu desejo que no próximo inverno se possa usufruir ao menos de uma porção da parte da igreja, que possa ser usada. Tu me ajudas nessa empresa; se tens dificuldade dize-me, mas vamos

⁸⁶ Ao padre Dalmazzo, 18 de dezembro; E IV 192.

⁸⁷ Carta de 30 de janeiro de 1883; E IV 210-211.

⁸⁸ *Documenti* XXV 17, FdB A2.

⁸⁹ *Documenti* XXV 27-28, FdB 1082 B11-12. Cf. C. CONIGLIONE, “Presenza salesiana nel quartiere romano di Castro Pretorio”, p. 36-37.

⁹⁰ Carta de 19 de março de 1883; E IV 214-215.

adiante”.⁹¹ Mas, no verão, as repentinas demissões da direção dos trabalho do arquiteto, que se sentia ultrapassado em sua condução pelo impetuoso padre Savio, arriscavam provocar nova parada. Dom Bosco intervinha logo junto do padre Dalmazzo e o cardeal vigário para aplinar as divergências.⁹² Vespignani compreendeu a situação e continuou em sua tarefa, coadjuvado pelo engenheiro Valentino Grazioli. Dom Bosco facilitava a colaboração, chamando de volta padre Savio e enviando a Roma, com plenos poderes, o ecônomo geral, padre Antonio Sala, dotado de excelentes capacidades administrativas e de grande senso prático (antes de chegar a Valdocco dirigia uma tecelagem), para seguir com autoridade os trabalhos, como escrevia ao padre Dalmazzo, pensando também no internato: “Ele vai a Roma com dinheiro e plenos poderes para procurar regular as coisas de forma que não nos encontremos a cada momento em meio a dissabores. É preciso preparar o que é necessário para começar o internato em tempo na próxima primavera. Se vieres no próximo Capítulo Geral, prepara tuas reflexões: ou as envias ou as trazes contigo”.⁹³

Nos primeiros meses de 1884 os trabalhos estavam a um ponto tal que permitia a utilização de uma parte da igreja para o culto. Em 23 de março, quarto domingo de quaresma, o cardeal vigário, Lucido Maria Parocchi, abençoava e abria ao culto, como informava *L’unità cattolica* “o longo e vasto coro e o presbitério”.⁹⁴

O projeto da construção do internato era, ao invés, antes apresentado e depois discutivo e aprovado em duas sessões do Capítulo Superior, de 11 e 12 de setembro de 1884.⁹⁵ Também essa construção era confiada, sempre com economia, ao empresário Giacomo Cucco. Começava-se com a construção do primeiro braço que dava para Via Porta San Lorenzo, a atual Via Marsala, sobre o desenho do engenheiro turinense Vigna.⁹⁶ Dom Bosco desejava que na colocação da pedra angular estivesse presente conde Colle.⁹⁷

Agora, mais que nos trabalhos, sua atenção tinha se concentrado no lançamento da rifa, a começar da difícil autorização, enquanto continuava suscitando benfeitores e pedindo honorificências para os mais ilustres e merecedores. A propósito da rifa, já idealizada em 1882, na sessão do Capítulo Superior de 26 de fevereiro de 1884, Dom Bosco lamentava a “inércia dos encarregados”, que não tinham ainda dado a saída para a iniciativa. Partia para a França para “encontrar dinheiro”, como tinha dito na sessão de janeiro: voltava com a relevante soma de 250 mil francos. Em 19 de março, de Marselha, escrevia ao padre Dalmazzo: “Se tu não podes, faze com que me escrevam, mas de forma posi-

⁹¹ Carta de 9 de junho de 1883; E IV 219.

⁹² Ao cardeal vigário, 31 de julho de 1883; E IV 227-228.

⁹³ Ao padre Dalmazzo, 3 de agosto de 1883; E IV 229-230.

⁹⁴ *L’Unità Cattolica*, n. 74, quarta-feira, 26 março de 1884, p. 295. Cf. “Parte della chiesa del S. Cuore inaugurata al divin culto, BS 8 (1884) n. 5, maio, p. 67.

⁹⁵ *Capitolo Superiore*, fol. 30r-31r, FdB 1881 A11-B1.

⁹⁶ Só com dois andares (o terceiro foi edificado somente decênios depois), o edifício devia unir o pórtico do lado direito da igreja com um palacete no ângulo com Via Marghera.

⁹⁷ *Capitolo Superiore*, fol. 31v-32r, FdB 1881 A12-B1, MB XV 762-764.

tiva. No próximo abril ou na primeira quinzena de maio posso levar comigo conde Colle para colocar a pedra angular de nosso Internato? Ele teria consigo uma oferta de 50 mil francos. Para a rifa existem dificuldades, ou então procurar outra via de beneficência? São duas coisas da máxima importância neste momento. O padre Sala me escreveu uma carta que não me disse nem sim nem não. Isto não basta para conseguir dinheiro”.⁹⁸ Mas a cerimônia da colocação da primeira pedra far-se-ia em 8 de dezembro de 1885, estando ausentes tanto Dom Bosco como o conde. Era abençoada por dom Mariano Manacorda, bispo de Fossano, fazendo as vezes de padrinho e madrinha, representando os condes Colle e seus amigos os condes d’Ancieu de la Bâtie.⁹⁹

Com a sua chegada a Roma em 14 de abril de 1884, Dom Bosco movimentava as águas, quer para a rifa, quer para a obtenção dos privilégios, enquanto dispunha que padre Rua colocasse todo o dinheiro que tinha chegado da França para a Igreja e o Colégio do Sagrado Coração no Banco Tiberino. Entrementes, estavam chegando as doações para a rifa, e se fazia sua catalogação: eram mais de sete mil para duzentos mil bilhetes de 1 lira cada um. Dom Bosco trazia de Turim para Roma o coadjutor Giuseppe Buzzetti e solicitava as tramitações para obter a autorização da prefeitura, procurando uma entidade reconhecida que tomasse legalmente o encargo. Assistiu-se por algum tempo às idas e vindas entre Junta Municipal e Congregação de Caridade.¹⁰⁰ até que foi assumida pelo Município¹⁰¹ e aprovada. No mesmo dia da chegada de Dom Bosco e do padre Lemoyne a Turim, Buzzetti podia expedir um cartão postal, carimbado com data de 17.5.1884, que trazia o esperado anúncio: “Hoje, finalmente, recebemos da Prefeitura o quanto segue: o Decreto para a concessão de uma rifa em benefício das crianças pobres já foi enviado ao prefeito e traz o nº 155.558, de 17 de maio”:¹⁰² o prefeito era Leopoldo Torlônia, de íntegra fé católica. Era só passar à distribuição dos bilhetes, para o que Dom Bosco também colaborava pessoalmente,¹⁰³ enquanto colocava em ação os seus, a começar do próprio padre Dalmazzo: “Tudo está prepa-

⁹⁸ Ao padre Dalmazzo, 19 de março de 1884; E IV 254.

⁹⁹ Cf. “Bénédiction de la pierre angulaire de l’Hospice du Sacré-Coeur de Jésus à Rome”, *Bulletin Salésien* 8(1886) n. 1, janeiro, p. 9-10.

¹⁰⁰ Cf. carta do padre Lemoyne ao padre Rua, 19 de abril de 1884, in P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, “Don Giovanni Battista Lemoyne”, *RSS* 7(1988), p. 143. Cf. também cartas do mesmo de 23, 24 e 28 de abril de 1884, p. 146, 149 e 151.

¹⁰¹ Cartas do padre Lemoyne ao padre Rua, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, *Don Giovanni Battista Lemoyne*, p. 152 e 155: o síndico de Torlônia “com a aprovação da Junta fez finalmente o pedido em seu nome ao governador”; 9 é o dia da audiência concedida pelo papa a Dom Bosco: “Hoje chega também a comunicação oficial que o prefeito de Roma, em nome do Município, fez pedido formal ao governador para a licença da rifa”.

¹⁰² P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, *Don Giovanni Battista Lemoyne*, p.156.

¹⁰³ Dom Bosco preparava o terreno por meio de circular aos cooperadores e cooperadoras, e a aperfeiçoava com outra a eles e aos adquirentes, datadas de 31 de maio de 1884 e 10 de novembro de 1885; E IV 270-271 e MB XVII 541-542.

rado para a expedição dos bilhetes, mas envie-os”;¹⁰⁴ “ninguém sabe explicar como os bilhetes não são despachados, enquanto a rifa está para terminar. Tem paciência: neste momento deixa tudo mais e faz com que os bilhetes timbrados sejam enviados a qualquer custo”.¹⁰⁵ A extração acontecia em 31 de dezembro de 1885. Na circular de janeiro de 1886 aos cooperadores, ele atribuía às “esmolas” e ao “paciente e solícito zelo” deles o mérito de ter coroado a empresa da rifa e conduzido “agora para o término a Igreja do Divino Coração em Roma”.¹⁰⁶

Não menos assídua continuava a ação para obter condecorações e títulos honoríficos, eclesiásticos ou civis, recompensa temporal da caridade, que Dom Bosco não considerava incompatível com a esperança da mercê eterna, pois “Deus pai de bondade, conhecendo que o novo espírito está pronto e a carne assaz enferma, quer que nossa caridade tenha o cêntuplo já na vida presente”.¹⁰⁷

As cartas são muitas, exemplares são as relativas às honorificências, endereçadas com certa pressa ao padre Dalmazzo em junho de julho de 1884: “Tu me escreves uma bela carta, mas não me respondes à minha, dirigida a dom Masotti, sobre nossos privilégios e a escrita ao cardeal Nina sobre as condecorações. Tu deves notar que os condecorandos são pessoas que fizeram muito pelo Sagrado Coração e estão bem dispostas a fazer; mas chegar até eles sem as condecorações que eu anunciei em nome do mesmo santo padre não é um gesto garboso”.¹⁰⁸ “Para as conhecidas condecorações é bom considerar que são todas pessoas que deram e estão prontas a dar para o Sagrado Coração”, repetia; e admoestava: “Entendo que temos débitos e devemos industriar-nos com todos os meios para continuar os trabalhos, mas no momento a única fonte de dinheiro são as condecorações acima notadas”.¹⁰⁹

O vasto mundo da beneficência mereceria um longo discurso que colocaria em evidência a incrível ação capilar, por meio de cartas, conferências e *sermons de charité*, sobretudo na França, acompanhada por informações sobre o progresso dos trabalhos, os débitos, as dificuldades, mas, sobretudo, ação motivada religiosa e socialmente. Pode-se acenar a alguns privilegiados correspondentes estrangeiros, para os quais Dom

¹⁰⁴ Carta de 8 de junho de 1884; E IV 272.

¹⁰⁵ Carta de 14 de março de 1885; E IV 317.

¹⁰⁶ BS 10(1886) n. 1, janeiro, p. 3.

¹⁰⁷ Discurso de inauguração do *Patronage Saint-Pierre* em Nice, em 12 de março de 1877, in: G. Bosco, *Inaugurazione del Patronato di S. Pietro in Nizza a Mare*, p. 36 e 38; OE XVIII 414, 416.

¹⁰⁸ Carta de 15 de junho de 1884; E IV 174. Tratava-se dos cinco benfeitores franceses para os quais tinha feito um pedido a Leão XIII: o conde Colle e o barão Héraud (Comenda de São Gregório Magno), Alfred de Montigny (Conde Romano) e padre Mario Guigon, da diocese de Fréjus, camareiro secreto do santo padre (Carta a Leão XIII; E IV 260-261). Voltava à carga no mesmo dia 10 de julho, enquanto assegurava ter recebido a honra de cavaleiro da Ordem Mauriciana para o doutor Grindo, de Nice (E IV 277-278).

¹⁰⁹ Carta de 10 de julho de 1884; E IV 277-278. Cf. ainda carta de 18 de outubro de 1884; E IV 298.

Bosco utilizava a língua francesa. São as senhoras, em geral, que administram a beneficência das respectivas famílias, com o cordial consentimento dos maridos.¹¹⁰ Na Itália retornam nomes já conhecidos e outros novos, de pessoas atentas às obras locais, como Sampierdarena, Vallecrosia, Florença, Turim-Valdocco, Parma.¹¹¹ A eles Dom Bosco não escondia nem mesmo o descontentamento pela lentidão dos trabalhos. À condessa Callori escrevia de trabalhos atrasados¹¹² e agradecia as ofertas espontâneas,¹¹³ mas sempre priorizava a atenção às pessoas. A Clara Louvet, benfeitora francesa do Aire já conhecida, umas das coletoras de ofertas para a igreja e para o internato, preocupada pela crise agrícola de 1884, escrevia: “A crise agrícola não vos entristeça. Se os ingressos diminuíssem, diminuiréis as boas obras de caridade (...). Mas não, jamais. *Deus nos assegura o cêntuplo sobre a terra; portanto dai e vos será dado!* Sede generosa e paciente com os fracos e os pedintes. Deus é onipotente. Deus é vosso pai. Deus vos fornecerá tudo o que é necessário para vós e para eles”.¹¹⁴

Durante sua permanência em Roma, Dom Bosco tivera audiência com Leão XIII em 8 de maio de 1884. Referindo-se aos cooperadores, anunciava que o papa tinha assumido o encargo das despesas da fachada, “as paredes, os ornamentos, as janelas, as três portas”, com a confiança de que outros católicos o socorreriam nesta e em outras obras.¹¹⁵ Aos condes Colle, em 15 de janeiro de 1886, não faltava outra pontualização polêmica sobre Roma: “Padre Rua vos envia informações sobre o orfanato de Roma. Roma é uma cidade eterna: falar muito, fazer pouco, e ficar contente em fazer as coisas bem lentamente. Paciência!”¹¹⁶

Entre 1884 e 1885 também se promovia, por sugestão do conde Cesare Balbo,

¹¹⁰ Cf. cartas à senhora Cesconi, 4 de julho de 1881 (E IV 67); a uma senhora anônima, coletora para o Sagrado Coração (21 setembro de 1881; E IV 399); à senhorita Amalie Lacombe, 1º de julho de 1881 (E IV 416); à senhora Quisard, 14 de abril e 28 de novembro de 1882 (E IV 436-437); 13 de junho de 1883, (E IV 437); à senhorita Clara Louvet, 17 de junho e 18 de dezembro de 1882 (E IV 449 e 455); à condessa Colle, 30 de agosto de 1881 (E IV 483); 16 de abril de 1884 (E IV 503); 10 de maio, 18 de agosto e 27 de setembro de 1885 (E IV 515, 517 e 518); 15 de janeiro e 14 de dezembro de 1886 (E IV 521 e 524); 8 de abril de 1887 (E IV 526); ao duque de Norfolk, 13 de janeiro de 1888 (E IV 407-408).

¹¹¹ Cf. cartas à princesa Clotilde de Savóia, 24 de julho de 1881 (E IV 70-71); à condessa Carlotta Callori, julho de 1881 (E IV 71-72); à senhora S. Saettone, 7 de agosto de 1881 (E IV 72-73); à condessa Bonmartini Mainardi, outubro de 1881, 4 de fevereiro e setembro de 1884 (E IV 93-94, 253, 257, 286-287 e 293); ao padre Oreste Pariani, 22 de março de 1883 (E IV 215); ao padre Tullio de Agostini, 4 e 12 de janeiro de 1884 (E IV 248 e 250-251); à senhora Losana, 1 de agosto de 1884 (E IV 280-281); ao *cavaliere* Giuseppe Salomoni, 22 de dezembro de 1884 (E IV 307).

¹¹² Carta de 24 de abril de 1884 (E IV 257); e na mesma data à irmã Medolago (E IV 258).

¹¹³ Ao padre Tullio de Agostini, 13 de agosto de 1884; E IV 286-287.

¹¹⁴ Carta de 20 de dezembro de 1884; E IV 466.

¹¹⁵ Circular de 31 de maio de 1884; E IV 271.

¹¹⁶ E IV 521.

com participação ativa do cardeal Alimonda e com o consenso operante de Dom Bosco, e se publicava em 9 de agosto de 1885 no *L'Unità Cattolica*, a iniciativa da *Consagração Nacional dos Italianos ao Sacratíssimo Coração de Jesus*. Para esta, em 16 de julho, cardeal Alimonda tinha enviado aos arcebispos metropolitanos da Itália uma carta anexando o *Apelo ao povo católico da Itália*, na qual não economizava louvores ao zelo de Dom Bosco e promovia a coleta de ofertas para o término da fachada, cujo custo estava calculado em 250 mil liras.¹¹⁷ Foram recolhidas, em poucos meses, 172 mil liras.

Ao redor dos trabalhos do Sagrado Coração aconteceram ainda roubos por parte de operários e de transportadores de materiais. Na reunião do Capítulo Superior de 12 de junho de 1885, Dom Bosco lia quatro advertências dadas na primavera de 1884: “1) controlar aquilo que entra e aquilo que sai; 2) vigiar sobre os preços que foram fixados; 3) vigiar sobre os materiais que poderiam ser levados para outros sítios, sendo o chefe da construção responsável por outras obras começadas em outros lugares: como carrinhos, tijolos, cal etc.; 4) vigiar para que não se furem ou roubem materiais, especialmente madeira”.¹¹⁸ Na noite de 29 de setembro de 1885 acontecia um incêndio de provável causa dolosa, rapidamente dominado, sem graves danos.

Nesses anos, porém, o interesse de Dom Bosco não tinha se limitado às pedras. Desde 1882 ele tinha destinado alguns sacerdotes, entre os quais alguns aspirantes à Sociedade Salesiana, clérigos e coadjutores salesianos, a se ocupar das funções religiosas e dos oratorianos, primeiro em diversos locais. Era seu primeiro cuidado, naturalmente, sustentar e encorajar o cireneu padre Dalmazzo, que era ao mesmo tempo procurador da Sociedade Salesiana, diretor da comunidade, pároco, supervisor dos trabalhos e a referência imediata no mundo romano eclesiástico e leigo. Em carta, de dez pontos diversos, era dedicado a ele o nono: “Dize-me, antes de tudo, se em meio aos teus trabalhos tens como respirar, e o que eu possa fazer para dar-te coragem”.¹¹⁹ Obviamente, era freqüente o encargo de saudar “nossos irmãos”. O número de habitantes na área da paróquia, entre os anos 1881 e 1887, aumentava de seis mil para quinze mil. E, como se pode perceber no Catálogo Anual dos Sócios da Sociedade Salesiana, Dom Bosco não poupou pessoal para a comunidade religiosa, empenhada nas tradicionais atividades pastorais.¹²⁰ Referindo-se ao tempo pascal de 1885, padre Dalmazzo terminava

¹¹⁷ *Voto Nazionale degli Italiani al Sacratissimo Cuore di Gesù* era o título que abria a primeira página do *L'Unità Cattolica*, n. 185, domingo, 9 de agosto de 1885. Após um artigo sobre “Uma demonstração da Itália católica para a Igreja e para o papa Leão XIII”, vinha uma carta de 16 de julho, “O cardeal arcebispo de Turim aos arcebispos de toda a Itália”, o “Apelo ao povo católico da Itália”, e uma série de *Documentos e Esclarecimentos* (p. 737-738).

¹¹⁸ *Capitolo Superiore*, fol. 60v, FdB 1.882 A11, MB XVII 530. Antes de voltar para Turim, após a consagração da igreja, ele dará semelhantes orientações ao padre Dalmazzo.

¹¹⁹ Carta de setembro de 1881; E IV 81.

a relação de modo triunfal: todo dia parece festivo; os confessionários cheios de penitentes por horas e horas; cursos de exercícios espirituais para os da primeira comunhão; assistência a dezenas e dezenas de doentes e moribundos. Na mesma carta, solicitava a Dom Bosco de vir a Roma, onde pessoas “vindas da Polônia, da França, da Espanha e de Portugal” desejavam conhecê-lo.¹²¹ Na conferência aos cooperadores de 8 de maio de 1884, a última feita em Roma com a presença de Dom Bosco, antes do discurso do cardeal vigário, ele informava sobre copiosos êxitos da ação pastoral na paróquia e no oratório: “o concurso do povo às funções sagradas”, “a freqüência aos sacramentos por adultos e crianças”; a presença de duzentos jovens nas atividades religiosas e recreativas; a participação na instrução religiosa de trezentas crianças; e milhares de pessoas que acorriam nas funções matinais e vespertinas durante o mês de maio.¹²²

Entre grandes fadigas e ânsias para Dom Bosco, em sensível declínio físico, aproximava-se a data da consagração da igreja. Aos ex-alunos do Oratório confiava em 17 de julho de 1884: “Essa colossal empresa cansou-me muito por causa de graves e contínuos pensamentos, e me fez andar arcado sob o peso das enormes despesas”.¹²³

3. A questão caritativa e social entre os anos 70 e 80 nas conferências públicas (1877-1882)

Provavelmente Dom Bosco não tinha consciência exata dos novos problemas suscitados pela revolução industrial, nem pode ser considerado, em sentido estrito, um protagonista do “catolicismo social”, voltado à solução da “questão social” em sentido próprio, com as profundas reformas por este exigidas. Mas parece legítimo afirmar que a doutrina sobre a esmola por ele seguida e proposta apresenta características que integram a caridade com verdadeiras expressões de rigorosa justiça. Tal fato é demonstrado, além da ação efetiva em favor dos jovens trabalhadores, pelo considerável número de conferências e discursos de propaganda salesiana como suporte natural da expansão e da consolidação das obras, que ele fez sobretudo a partir de 1877. De algumas – como a de Nice em março de 1877 e a de Roma no final de janeiro de 1878 – está disponível o texto que ele controlou e completou, ou então autografou; de outras se conserva um

¹²⁰ Cf. C. CONIGLIONE, “Presenza salesiana nel quartiere romano di Castro Pretorio”, p. 51-52. Mas estatísticas e informações, incluindo as relativas ao internato, são rigorosamente controladas sobre fontes mais críveis do que as indicadas, que brotam de publicações celebrativas. Analogamente se pode observar sobre o que é afirmado por G. Rossi, “L’Istruzione professionale in Roma capitale”, in: F. MORRO (ed.), *Insedimenti e iniziative salesiane dopo Don Bosco*, p. 65.

¹²¹ Carta de 17 de abril de 1885; MB XVII 816.

¹²² BS 8(1884) n. 6, junho, p. 88.

¹²³ BS 8(1884) n. 8, agosto, p. 115.

esboço sumário; de muitas têm-se os textos publicados no *Boletim Salesiano*. Em várias conferências percebem-se intervenções, mais ou menos amplas, já que Dom Bosco é de tal forma linear e igual a si mesmo no falar, como no escrever, que é impossível atrair o seu pensamento. Pode-se somente ampliá-lo, perdendo a essencialidade original do estilo, mas não dos conteúdos.

As conferências destinavam-se, em primeiro lugar, aos cooperadores e às cooperadoras, para esclarecer sua figura, a missão, as possibilidades de ação, as perspectivas espirituais.¹²⁴ O tema central e onipresente era, naturalmente, a juventude pobre e abandonada em sentido sempre mais extenso, incluindo a juventude em risco, marginal ou marginalizada, e as solitudes necessárias para preservá-la de maiores perigos ou para recuperá-la. Indubitavelmente, Dom Bosco conduzia o discurso basicamente sobre as próprias obras: para dizer de que tipo de jovens se ocupavam, das enormes somas de dinheiro necessárias, das dívidas, da urgência dos auxílios, nem poucos nem pequenos, dos deveres e dos méritos da beneficência. Para obtê-la, não deixava de calcar a mão sobre as condições de necessidade dos jovens acolhidos em suas instituições, sobre os perigos que os ameaçavam e sobre os danos que poderiam recair sobre cada um e sobre a sociedade se nada fosse feito por quem podia para que os perigos não terminassem por torná-los realmente “perigosos”. Não era apenas expediente retórico, mas vontade precisa de sacudir a consciência e a responsabilidade de quem tinha e podia, de suscitar sentimentos de piedade e de compaixão, e também de temor e de medo no tempo e para a eternidade, em quem podia correr o risco de se achar com as mãos limpas, pois não matava nem roubava e observava fielmente os principais preceitos da Igreja. Enfim era vontade de comover e mover os corações crentes para abri-los à caridade operante e à beneficência factiva. Eram discursos desse gênero que, entre os anos 70 e 80, favoreciam certa literatura celebrativa que apresentava o sistema educativo de Dom Bosco como a solução para a gama completa dos problemas da juventude, fazendo-os superar os confins da prevenção básica, estendendo-o à assistência preventiva e à “pedagogia correcional”. Integrando-o com a promoção profissional de jovens operários cristãos e da conseqüente inserção destes no mundo do trabalho, particularmente da indústria, esse sistema era considerado capaz de resolver sem movimentos revolucionários a “questão social” emergente, ou, mais especificamente, a “questão operária”.¹²⁵

De qualquer forma, mais além de suas instituições, a realidade juvenil, experimentada diretamente ou pensada ou imaginada, certamente não estava ausente de seu ardor salvífico, benéfico, pastoral e educativo, nem da gama das possibilidades, reais ou virtuais, do sistema preventivo, considerado, sob certas condições, aplicável em qualquer situação: famílias, escolas, institutos educativos, obras assistenciais de proteção, de promoção, de recuperação, de correção, assim como empresas de regeneração moral, tanto religiosa como civil. Para essa finalidade estimulava ao mesmo tempo as mais

¹²⁴ Cf. cap. 22, § 6-8.

¹²⁵ Cf. cap. 26, § 5.

diversas convergências operativas do maior número de pessoas: eclesiásticos de todos os níveis, autoridades políticas e civis, administradores, ricos proprietários, banqueiros, crentes e não-crentes.

Para descer ao concreto, Dom Bosco começava das obras erigidas por ele ou que ainda estavam no projeto. Com palavras precisas, eficazes e exemplares, o jornalista do jornal marselhense *Le Citoyen*, em 21 de fevereiro de 1880, escrevia sobre a conferência feita pelo educador subalpino no dia anterior: “Vinde em auxílio da juventude pobre e exposta aos perigos, dai abrigo nos campos e nas cidades, tirai-a do vício, educaí-a cristãmente, ensinai-lhe uma profissão que a torne capaz de ganhar para si o pão da vida, tal é o objetivo que Dom Bosco propõe, sob a inspiração de Deus”; “Todo ano, mais de milhares de jovens saem desses institutos e vão servir à sociedade nas carreiras mais diferentes. Abandonados ao vício, eles se tornariam facilmente preguiçosos e perturbadores da tranqüilidade pública; ei-los, ao invés, transformados em operários úteis, laboriosos, probos, cristãos. E há ainda os que se tornaram industriais, e outros que ilustraram as belas artes, e detêm cargos honoríficos”.¹²⁶

Era também freqüente a referência à ação de luta e de reconquista desenvolvida em relação ao proselitismo protestante. No “escopo precípua de pôr um freio na invasiva heresia protestante”, surgiram várias obras na Itália, França e América.¹²⁷ A seqüência ritual dos temas reaparecia na conferência em Lucca, de 29 abril de 1880: os perigos que ameaçam “as pobres crianças”; os salesianos “como pais amorosos, que os encaminham pelo bom caminho da fé e da religião”, da “cultura da mente” e de um trabalho rentável; a urgência do socorro da esmola, dever “imposto absolutamente por Deus, tendo como pena a exclusão da vida eterna”.¹²⁸ Poucos dias depois, em 5 de maio, Dom Bosco usava de semelhante esquema na primeira conferência aos cooperadores de Gênova, cidade de grande potencialidade financeira: o início da associação dos cooperadores, os inícios dos oratórios e os felizes resultados por eles conseguidos, o nascimento da Congregação Salesiana e das instituições por ela cuidadas ou derivadas, colégios, internatos, escolas, oficinas, colônias agrícolas, o Instituto FMA e as obras para as meninas, a Obra de Maria Auxiliadora para as Vocações Adultas, as missões, os meios materiais exigidos, a esmola com a severa interpretação do evangélico supérfluo. Nesse ponto sensível não gostava de reticências. “Um bom cristão e uma boa cristã – afirmava – encontrarão sempre o supérfluo em casa ou nos móveis, ou nas roupas, ou nos alimentos, nas entradas ou nas saídas [recepções, festas] e nas viagens de prazer, e assim por diante”; e quem não tem nada para oferecer “pode rezar pelos que podem dar esmolas e não o fazem, pode rezar para que o Senhor os ilumine e faça com que vejam que nada do que possuem nesta terra os acompanhará no além”.¹²⁹ Em 4 de junho de

¹²⁶ BS 4(1880) n. 3, março, p. 6.

¹²⁷ Conferência aos cooperadores em Roma, 5 de abril de 1880; BS 4(1880) n. 6, junho, p. 8-9.

¹²⁸ “La conferenza a Lucca”, BS 4(1880) n. 6, junho, p. 9-10. O texto está reproduzido pelo periódico de Lucca *Il Fedele*, de 8 de maio.

1880 falava pela primeira vez aos cooperadores de San Benigno Canavese, após um ano do início da obra salesiana. Aí ilustrava a figura do cooperador, o moderno terciário das obras, chamado a se sintonizar com as grandes “palavras” buscadas pelo mundo moderno: “*trabalho, instrução, humanidade*”. Retirava daí o imperativo indeclinável: “trabalhar e indefectivelmente trabalhar” – dizia –, se não se quer “assistir à completa ruína da presente geração”. Graças ao concurso dos cooperadores, aí se alinhavam também os salesianos com suas obras: oficinas de toda espécie, colônias agrícolas, colégios masculinos e femininos, escolas diurnas, vespertinas e festivas, oratórios com recreações dominicais. Esses – prosseguia – “abrem a centenas e milhares de órfãos e filhos abandonados internatos, orfanatos e patronatos, trazendo a luz do Evangelho e da civilização também aos bárbaros da Patagônia, procurando fazer de modo que a *humanidade* não seja somente uma palavra, mas uma realidade”. O apelo à cooperação era plenamente conseqüente.¹³⁰

A intensa estação das conferências aos cooperadores de 1880 concluía-se pela mais clássica de todas, feita em 1º de julho em Borgo San Martino, na diocese de Casale Monferrato, governada pelo amigo dom Pietro Maria Ferrè, presente na grande manifestação, onde estavam reunidos “membros ilustres do clero casalense e alessandrino, muitos senhores e muitíssimas senhoras das cidades e vilas vizinhas”. No início Dom Bosco se valia de um discurso de Pio IX que sublinhava a vitoriosa solidariedade dos combatentes na *corrida*. Ainda mais a *vis unita fortior* era decisiva na “promoção do bem e no combate do mal”. Falava de novo da origem dos cooperadores e das obras salesianas, delineava o vasto raio de “obras de caridade” à qual cada cooperador, conforme as próprias possibilidades, era chamado a se dedicar, uma longa série que ia além das clássicas obras dos salesianos. A última difusa parte da conferência era consagrada à cooperação material, ao banco inexaurível de Deus, à obrigação da esmola. Sobre isso Dom Bosco era peremptório em afastar presumíveis dificuldades: a pobreza, os imprevistos do futuro. “Por pobre que seja um cooperador – rebatia –, se quiser, estará sempre em condição de concorrer também materialmente para uma obra de caridade”; “tantos e tantas – dizia –, cantam as próprias misérias quando são convidados a praticar uma boa obra”; o dinheiro, ao invés, aparece “quando se trata de um almoço, de um jogo [um party!], de uma viagem de prazer, de uma festa dançante, de uma apresentação e semelhantes”; outros, pois, “têm sempre medo que lhes falte a terra sob os pés” e “assim amealham sempre, guardam sempre, têm em reserva”, e morrem sem ter feito nenhum bem, deixando seus bens a parentes numerosos e litigiosos. Assegurava: Deus é um bom banqueiro, que garante o cêntuplo aos que oferecem, no tempo e na eternidade. “Engano fatal” era o de quem interpretava o preceito da esmola como simples

¹²⁹ “Prima Conferenza dei Cooperatori tenuta in Sampierdarena”, BS 4(1880) n. 6, junho, p. 10-11.

¹³⁰ “Conferenza dei Cooperatori Salesiani tenuta in S. Benigno Canavese”, BS 4(1880) n. 7, julho, p. 12-13.

conselho. Quem não o observa, se assim se quiser, “não pecará como conselho, mas pecará contra a caridade”, que tem como primeiro fruto as obras de justiça.¹³¹

Em 12 de maio de 1881, em Roma, retomava outra série de discursos com a conferência aos cooperadores ainda em Tor de’ Specchi, feita pelo cardeal Gaetano Alimonda. Dom Bosco – “um homem quebrado pelos anos, mas vigoroso pelo fogo do zelo” – fazia breve discurso dedicado ao habitual aceno às obras salesianas, sublinhando ainda uma vez a ação anti-protestante demais explícita. Recorria, pela primeira vez, a uma frase de Dupanloup sobre a relação entre educação da juventude e futuro da sociedade, que haverá de repetir várias vezes na França: “A juventude e o futuro, segundo a frase de Dupanloup, são uma só coisa, e se deve augurar à Itália um futuro sereno, uma vez que esta obra benéfica de educar e salvar a juventude, mediante o subsídio dos cooperadores salesianos, ganha novo incremento”. Seguia, mais genericamente, falando da Igreja do Sagrado Coração e da construção de “um internato para acolher e educar ao menos quinhentos jovens”. O discurso do cardeal Alimonda atingia o nível de alta retórica: “Conforme o coração dos servos de Deus é o coração dos salesianos”; idênticas idealidades e mesmos objetivos eram compartilhados pelos cooperadores: “retirar da impiedade, do erro, os filhos do povo”.¹³²

Em 5 de maio, como sabemos, Dom Bosco estava em Florença para fazer semelhante conferência na igreja dos padres filippini. O incipiente oratório salesiano não podia, por certo, responder à exigência proveniente da condição juvenil figurada por Dom Bosco. “Acenou – referia padre Confortola ao *Boletim Salesiano* – ao escopo da conferência, que era o de fazer conhecer quem fossem os salesianos, quais seus objetivos, o que fizeram em outros lugares, o que vinham fazer em Florença e como tinham necessidade do concurso eficaz dos cooperadores e das cooperadoras, assim como de todos os bons, para conseguir seu intento”. Em Florença, o drama dos jovens representado pelo conferencista aos cooperadores, para estimular sua beneficência, devia criar mais preocupações aos salesianos: “tantos pobres juvenzinhos abandonados, que vagueiam hoje sujos, descalços e andrajosos pelas ruas desta vossa cidade, e que vivendo de apanhar as coisas e indo à noite dormir muito mal em certos locais, sem que ninguém tome cuidado piedoso de seu corpo e de sua alma, crescem ignorantes das coisas de Deus, da religião e de seus deveres morais, blasfemadores, ladrões, impudicos, possuídos por todos os vícios e capazes de qualquer ação, ainda a mais celerada, e muitos dos quais vão cair miseravelmente nas mãos da justiça, que os coloca para definharem em alguma prisão, ou então, o que é ainda pior, entre as fileiras dos protestantes, que em Florença têm até agora abertos locais, onde a juventude atraída pelo luzir do ouro e de mil promessas falazes, após ter perdido todo e qualquer bem e espezzinhada toda e qualquer virtude, vai rejeitar deploravelmente também a própria fé”.¹³³

Pintava um quadro menos localizado na já citada conferência,¹³⁴ de 17 de novembro

¹³¹ “Una memoranda gionata nel collegio di Borgo San Martino”, BS 4(1880) n. 8, agosto, p. 7-11.

¹³² “La Conferenza dei Cooperatori a Roma”, BS 5(1881) n. 6, junho, p. 5-7.

¹³³ “Oratorio festivo di Maria Immacolata”, BS 5(1881) n. 7, julho, p. 7-9 (carta do diretor padre Faustino Confortola ao padre Bonetti, 24 de maio de 1881).

de 1881, na Igreja São Felipe, de Casale Monferrato, com a presença de dom Ferrè, quando passava a falar das obras empreendidas nas várias partes do mundo e nas missões: “da instituição de numerosos internatos e oficinas para ensinar artes e ofícios a jovens esquecidos, de modo a torná-los capazes de ganhar-se um pão honrado; da fundação de colônias agrícolas para ensinar a cultura do campo a jovens, eles e elas, de famílias camponesas, e com esse meio mantê-los longe de buscar trabalho nas cidades, onde naufragariam com facilidade tanto na fé como nos costumes; da abertura de colégios com módica pensão, para dar a um maior número de jovens de boa inteligência a comodidade de receber uma instrução não desligada de uma educação cristã, de forma que se tornem com o tempo ou bons sacerdotes, ou corajosos missionários, ou sábios pais de família; da instituição dos oratórios festivos e pátios de recreação, por meio dos quais atrair as crianças ao catecismo, mantê-los longe do ócio, e ajudá-los a cumprir seus deveres de piedade e de religião”. Prolongava-se, depois, sobre o tema da “esmola” e especificamente sobre suas “vantagens”, materiais e espirituais, temporais e eternas, enriquecendo os desenvolvimentos positivos usados em Nice, em 12 de março de 1877. Na conferência de Casale, porém, ele introduzia referências inéditas aos “ais”, também eles materiais e espirituais, pronunciados por Jesus Cristo e pelo apóstolo São Tiago contra os ricos sem coração”. O bispo, depois, proferia um elevado discurso sobre três atividades capitais dos salesianos naquele momento histórico: “1) a boa educação da juventude”; “2) a evangelização dos infieis”; “3) a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma”.¹³⁵

O tema da *Obrigaçã o e regra da esmola* era retomado em outra conferência aos cooperadores em Gênova, na Basílica de São Ciro, em 30 de março de 1882, na presença do arcebispo dom Salvatore Magnasco. Mas era só o último ponto de um discurso mais articulado que o precedente. Iniciava com a descrição do condição juvenil e prosseguia tratando de alguns meios para ajudar os jovens” e “do Internato São Vicente de Paula em Sampierdarena”. A primeira parte era dedicada a uma descrição ainda dramática dos “pobres meninos”, “órfãos até dos próprios pais, muitas vezes deixados aos cuidados de si próprios, privados de instrução religiosa e de educação moral, cercados de maus companheiros”. “Ora – continuava – nós os vemos a andar de praça em praça, de praia em praia, a crescer no ócio e no jogo, a aprender obscenidades e blasfêmias; mais tarde os vemos se tornarem ladrões, libertinos e malfeitores; enfim, e muitas vezes na flor da idade, os vemos cair em uma prisão, tornando-se a desonra da família, o opróbrio da pátria, inúteis a si próprios, peso para a sociedade”. Retirados do perigo, ao invés, poderiam vir a ser “bons cristãos, sábios cidadãos, para ser um dia afortunados habitantes do céu”. Passava, então, a enumerar os meios a serem usados para “impedir a ruína” dos “meninos mais necessitados e periclitantes”: “os oratórios festivos com pátios ou

¹³⁴ Cf. cap. 22, § 7.

¹³⁵ “La Diocesi di Casale Monferrato e la Prima Conferenza dei Cooperatori”, BS 5(1881) n. 12, dezembro, p. 3-8.

lugares de honesta recreação”, “as escolas vespertinas para os pobres aprendizes”, “as escolas diurnas e gratuitas para esses jovens”, “os catecismos dominicais, e também cotidianos”; além disso, “internatos de caridade para juvenzinhos mais necessitados”, com oficinas, escolas, institutos para as vocações eclesiais. Disso era exemplo o Internato Salesiano de Sampierdarena. A severidade do dever da esmola para os possuidores era precedida pela típica afirmação familiar a todos os homens de ordem daquele tempo, marcados pela formação recebida em clima de restauração: “Deus fez o pobre para que ganhe o céu com a resignação e a paciência; e fez o rico, para que se salve com a caridade e a esmola”. Ter tudo para si, em certo sentido, contra a ordem querida por Deus, além de grave infração do preceito de Cristo, ilustrado vividamente pela “parábola do rico epulão e do pobre Lázaro”. A quem tivesse objetado que “essas coisas são muito sérias e assustadoras”, Dom Bosco respondia: “Tende razão, e me entristece tê-las recordado a vós, que talvez não mereçais. Ao invés, as teria recordado de muito boa vontade a certos senhores e senhoras que não se encontram aqui, os quais desperdiçam seu dinheiro em adquirir e manter vários pares de soberbos cavalos, sobre os quais poderiam economizar sem nada retirar do próprio decoro; a certos senhores e senhoras que gastam e jogam fora o dinheiro em almoços, em ceias, em roupas, em noitadas, em bailes, em teatros, e assim por diante, ao passo que, com uma vida mais cristã, teriam podido socorrer a tantas misérias, enxugar tantas lágrimas, salvar tantas almas. A estes, sim, seria preciso fazer ressoar nos ouvidos as terríveis palavras de Jesus Cristo: morreu o rico e foi sepultado no inferno”. Concluía dizendo que, a quem dava bens de fortuna, Deus tinha colocado nas mãos uma chave com a qual podia abrir ou fechar “caixas, cofres e tesouros”, abrindo-se o céu ou o inferno.¹³⁶

No entanto, poderia chegar o dia, no qual alguém deveria abrir, em circunstâncias menos agradáveis, esses cofres hermeticamente fechados. Tratava-se de uma passagem do discurso feito em Lucca uma semana depois, em 8 de abril, sábado santo, para pedir apoio financeiro à hipotética ampliação da obra salesiana local, muito apertada: “Retirando, intruindo e educando os jovens periclitantes se faz um bem a toda a sociedade civil. Se a juventude é bem educada, teremos com o tempo uma geração melhor; caso contrário, daqui a pouco, será composta de homens desenfreados no vício, no roubo, na embriaguez, no mal. Esses juvenzinhos, na pessoa de seus superiores, apresentam-se agora a vós com o chapéu na mão; e vós, com um auxílio, podeis prover-lhes o pão e ensiná-los a viver laboriosos e honestos, e buscar um futuro venturoso. Ao invés, se fossem abandonados a si próprios, um dia, talvez, apresentar-se-iam a vós, pedindo o dinheiro com a faca na garganta”. Chegando à conclusão, respondia às objeções correntes: “Mas, como fazer? Há tantos impostos; e depois, todos pedem”. A resposta é a mesma e preempatória, dada por Cristo: “*Quod superest date elee-*

¹³⁶ “Prima conferenza ai Cooperatori in Genova”, BS 6(1882) n. 4, abril, p. 70-73. Cf. também a conferência aos cooperadores-benfeitores de La Spezia, em 9 de abril de 1882, solenidade da Páscoa; BS 6(1882) n. 5, maio, p. 70-71.

mosynam”. A quem tivesse feito questão de perguntar se “esse é um preceito ou um conselho”, “sem entrar em discussões teológicas” Dom Bosco observava: “Jesus Cristo diz que aquele que não dá o supérfluo em esmola não entrará no reino dos céus”; “é mais fácil que um camelo [sic] passe pelo buraco de uma agulha etc.”. E exemplificava: “Entro convosco em vossa casa. Vejo lá objetos muito preciosos, aqui uma mesa fornecida com ricos serviços e tapetes, ali objetos de ouro e de prata, ornamentos com brilhantes, napoleões de ouro em uma cômoda”. Entravam na categoria do supérfluo: “Vós sois obrigados a tomar esse dinheiro, que não serve a ninguém, e fazer aquilo que manda Jesus Cristo”.¹³⁷ Tendo lido no *Boletim Salesiano* a transcrição da conferência, um sacerdote emiliano escrevia, exprimindo perplexidade pela conformidade das idéias expressas por Dom Bosco com a moral tradicionalmente ensinada.¹³⁸ Em 30 de junho Dom Bosco agradecia pela “bondade, antes, pela caridade” usada pelo sacerdote e prometia que responderia com “um artigo, ou talvez alguns artigos a ser publicados no *Boletim Salesiano*”.¹³⁹ Com efeito, em julho saía, no periódico, um argumentado ensaio – não por certo seu – com o título *Resposta a uma cortês observação sobre a obrigação e a medida da esmola*, que se valia de numerosas citações de São Tomás de Aquino, Laymann, Sporer, Billuart, Santo Afonso Maria de Ligório e Gousset.¹⁴⁰

Em 10 de abril de 1882 Dom Bosco falava ainda aos cooperadores em Florença sobre o problema dos jovens pobres e abandonados, na habitual Igreja Santa Florença, dos filipinos. O jornal católico *Il Giorno*, na crônica do evento, colhia exatamente a substância do projeto juvenil por ele delineado. O início era dado pela “exposição nua e crua da mais desoladora realidade dos fatos, tão pobre juventude, isto é, abandonada a si mesma, iniciada no caminho da depravação e condenação. Mostrou, a seguir, o escopo da obra salesiana, que procura, o quanto possível, dar remédio a essa grande praga social com os oratórios festivos, com as escolas, com os internatos. Por fim, pediu auxílio moral e material a todos os que amam sinceramente a religião e a pátria”. Um fato novo se verificava nessa circunstância: os jovens do Círculo da Juventude Católica se ofereciam, após a conferência, para recolher as esmolas e se encontravam todos na estação ferroviária para despedirem-se de Dom Bosco que partia para Roma.¹⁴¹

A conferência anual aos cooperadores e às cooperadoras de Turim, de 29 de janeiro de 1883, aconteceu na Igreja São João Evangelista. Diante de mil e quinhentas pessoas, “entre as quais muitos membros do clero e da nobreza turinense” – narra o cronista –, “o santo homem, com uma fala simples, descreveu brevemente o estado miserável no

¹³⁷ “Conferenza ai Cooperatori di Lucca”, BS 6(1882) n. 5, maio, p. 80-82. O texto é transcrito pelo periódico de Lucca *Il Fedele*, de 15 de abril de 1882. Da “faca no pescoço” falará ainda, à distância de um ano, em Guillotière, na França: cf. cap. 31 § 1.

¹³⁸ Carta a Dom Bosco, 26 de maio de 1882; FdB 1587 D 3-5; MB XV 526.

¹³⁹ Ao padre Raffaele Veronesi, 30 de junho de 1882; E IV 148.

¹⁴⁰ BS 6(1882) n. 7, julho, p. 109-116.

¹⁴¹ “Notizie sull’Oratorio di Maria Immacolata e conferenza dei Cooperatori in Firenze”, BS 6(1882) n. 7, julho, p. 119-121.

qual vivem atualmente milhares de jovens; acenou aos contínuos pedidos que são feitos de toda parte às casas salesianas, especialmente à de Turim, para que acolham meninos periclitantes e dignos da mais alta compaixão; externou a viva dor que experimenta ao ver-se constrangido a responder que não há mais lugar, e em dever deixar no abandono e no caminho da perdição tantos jovens, os quais, se fossem tirados do perigo e dirigidos a tempo para alguma profissão, conseguiriam a mais consoladora vitória”. Perorava ainda a causa do Oratório de Valdocco, que deveria crescer com mais um edifício no lado oeste da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora: isso tornaria possível, conforme uma forma de falar agora conhecida, “receber um maior número de abandonados capazes de ganhar para si, um dia, de modo honrado, o pão da vida, instruí-los e educá-los na religião e na moral, e assim impedir que, ou obrigados pela miséria ou atraídos pelas más companhias, se entreguem ao vício e à malandragem, e caiam talvez na prisão, tornando-se a desonra da família e o opróbrio da pátria”. Dar o próprio apoio significava “servir hoje à Religião e ao bom costume”.¹⁴²

Dois dias depois começava, através da Ligúria, a longa viagem à França, até à etapa triunfal de Paris.

4. Reestruturação salesiana e eclesiástica das obras na América

O grande esforço para chegar ao Vicariato e à Prefeitura Apostólica decretados em Roma para a Patagônia não encontrou em Buenos Aires, tanto dos eclesiásticos como dos políticos, o reconhecimento oficial. Mas o trabalho missionário salesiano teve na imensa região e na América Latina um impacto significativo e duradouro, não somente e nem tanto no mundo relativamente limitados dos aborígenes, mas no mundo mais vasto dos emigrantes, dos colonos, dos habitantes das cidades argentinas, chilenas e além, com a relevante expansão paralela no Brasil e em outras promissoras perspectivas missionárias. Todavia, a empresa patagônica, embora redimensionada na sua efetiva consistência quantitativa e qualificativa, tornava-se um inigualável começo da projeção missionária dos dois institutos religiosos de Dom Bosco, conferindo a eles nota singular de novidade e de completeza nos fins, nos métodos e na fisionomia.

4.1 Finalidade conseguida na Argentina e entrada no Chile

No domingo, 9 de outubro de 1881, Leão XIII recebia em audiência particular vinte e três peregrinos argentinos, tendo à frente dom Antonio Espinosa, vigário geral de Buenos Aires. No discurso o papa elogiava “o zelo de seus pastores” que – dizia – não

¹⁴² “La festa di San Francesco di Sales e la Conferenza in Torino”, BS 7(1883) n. 3, março, p. 43-44.

“deixam de manifestar as mais vivas solitudes para conduzir à vida cristã e civil as tribos ainda selvagens da *Patagônia*, no meio das quais, mercê do concurso de religiosos zelosos, se estabelecem a tal fim novas missões”.¹⁴³ O papa não se referia somente aos salesianos, mas estes estavam certamente incluídos. O *Boletim* recolhia palavras encorajadoras sobre eles, ditas por ele a dom Espinosa: “Quando escutamos que os filhos de Dom Bosco assumiam a missão da Patagônia, nosso coração se abriu à mais alegre esperança sobre o futuro desses selvagens”.¹⁴⁴ Como atesta o *Diário do Oratório* do padre Chiala e padre Lazzerio, dom Espinosa chegava a Valdocco com outros dois sacerdotes argentinos na vigília do Natal de 1881. Em 3 de janeiro de 1882 eles visitavam a casa de San Benigno e, no dia 4, despediam-se do Oratório.

Em Marselha, Dom Bosco, com o auxílio do inspetor, padre Albera, preparava um documento sobre as missões salesianas na Patagônia. Ele foi traduzido para o francês em março de 1882 e enviado para a Obra da Propagação da Fé de Lyon. Saía depois no número de 24 de julho de *Les Missions Catholiques* e, em italiano, no fascículo de 3 de novembro das *Missioni Cattoliche* de Milão. Dom Bosco traçava aí, pela enésima vez, seu desígnio missionário sul-americano, terminando com a descrição da situação na Patagônia.¹⁴⁵

Nos últimos dias do acontecimento da “Concórdia”, por meio do procurador padre Dalmazzo, retomava um discurso iniciado em 1876 com a Propaganda Fide – e continuado, como se viu, com os padres Cagliari, Bodrato e Costamagna¹⁴⁶ – para chegar à fundação de “um ou três Vicariatos ou Prefeituras Apostólicas da Patagônia: o primeiro do Rio Colorado ao Chubut, o segundo do Rio Chubut ao Rio S. Cruz e o terceiro do Rio Santa Cruz à Terra do Fogo, incluindo as Ilhas Malvinas”. Nesse discurso interpretava, a seu modo, o pensamento do arcebispo de Buenos Aires e, talvez, do papa, sobre a efetiva realidade das missões: “Agora a Obra da Propagação da Fé, a Santa Infância e o arcebispo de Buenos Aires pedem e apóiam esses projetos. O santo padre expressou vivo desejo e disse precisamente que se poderia estabelecer os limites de três vicariados, mas começar a implementar um. Isto é, do Rio Colorado em direção a toda a Patagônia. São todos lugares selvagens onde já temos quinze colônias estáveis (...). Dom Giovanni Zonghi tem todos os documentos relativos e está habituado com a negociação”.¹⁴⁷ A questão era complexa e exigia ponderação e tempo. Em uma desiludida e breve carta posterior, Dom Bosco relevava laconicamente: “Entristecem muito as tratativas da Patagônia. Esse atraso pode arruinar tudo. Escreverei a dom [Domenico] Jacobini”.¹⁴⁸

Entrementes, Dom Bosco procurava frear propostas de expansão que o inspetor

¹⁴³ *La Civiltà Cattolica* 32(1881), vol. IV, outubro, p. 358.

¹⁴⁴ BS 5(1881) n. 11, novembro, p. 9.

¹⁴⁵ E IV 123-127.

¹⁴⁶ Cf. cap. 21, § 6 e cap. 27, § 3.1 e 3.2.

¹⁴⁷ Ao padre Dalmazzo, 19 de julho de 1882; E IV 157-158.

¹⁴⁸ Ao padre Dalmazzo, 27 de agosto de 1882; E IV 165.

considerava inevitáveis diante de tantos pedidos. Ele assegurava ao padre Costamagna que o Capítulo Superior examinaria os projetos, uma vez que “todos estavam de acordo em executá-los, na medida do possível”. Evidenciava, porém, os dois principais obstáculos: “a falta de pessoal e o imenso trabalho que nos oprime”. Durante o Capítulo Geral de setembro de 1883 haveria a possibilidade de dar informações e fazer acordos, enquanto já estava preparando para o final do mesmo ano o “necessário para uma expedição regular”.¹⁴⁹

No decurso de 1883 o tenaz martelamento dos anos precedentes tornava mais ágil a conclusão da negociação que o prefeito de Propaganda Fide colocava em ação. Segundo a carta a dom Domenico Jacobini de 7 de abril de 1883, Dom Bosco tinha “feito chegar a S. E. o senhor cardeal Simeoni todas as respostas [às perguntas] que me tinha feito sobre a Patagônia”. O cardeal lhe escrevia em 7 de julho que, devendo ele submeter à Congregação Geral o pedido sobre a ereção de três vicariatos na Patagônia, preenchesse o questionário anexo sobre os habitantes da região e propusesse as tríades de candidatos para os respectivos quadros. Respondendo em julho de 1883, Dom Bosco, quanto ao questionário, supunha conhecida da Congregação “a posição geográfica e histórica” da Patagônia em base à carta geográfica e à relação enviada já em 23 de agosto de 1876.¹⁵⁰ “Aqui – precisava – ficarei puramente naquelas coisas que foram pedidas por Vossa Eminência”. De forma realista, ele redimensionava o pedido anterior, reduzindo-o a “um só Vigário [Vicariato] Apostólico na Patagônia Setentrional e a uma Prefeitura Apostólica na Patagônia Meridional”. O Vicariato para a Patagônia Central não parecia realizável para o momento, estando a região em parte “não ainda suficientemente explorada” e a parte conhecida “quase toda nas mãos dos protestantes”, emigrantes procedentes de Gales: dela poderia ocupar-se o Vicariato da Patagônia Setentrional com sede em Carmen de Patagones. Para o Vicariato Apostólico de Carmen, com jurisdição provisória também no Vicariato Central, ele propunha preferencialmente padre Giovanni Cagliari: “Conhece – explicava – palmo a palmo esses países e está em ótima relação com todos os bispos da República Argentina, do Uruguai, do Paraguai e até do Chile”. Como alternativa propunha o nome do padre Giacomo Costamagna. Para o Vicariato ou Prefeitura da Patagônia Meridional propunha padre Giuseppe Fagnano: “de compleição hercúlea – motivava –, não há o que seja fadiga ou temor nas empresas difíceis”; prosseguia: “Essa prefeitura poderia depender do Vicariato de Carmen, a menos que o santo padre julgue melhor estabelecer mesmo um vicariato apostólico”.¹⁵¹

Sobre o projeto em andamento informava, dois dias depois, o cardeal protetor,

¹⁴⁹ Ao padre Costamagna, 9 de agosto de 1882; E IV 160-161.

¹⁵⁰ Ao cardeal Simeoni, 29 de julho de 1883. Para os precedentes se recordem as cartas ao cardeal Franchi, 23 de agosto de 1876 (E III 88-89); ao secretário de Propaganda Fide, 22 novembro de 1876 (E III 118-119); ao cardeal Franchi, 31 de dezembro de 1877 (E III 256-261); ao cardeal Simeoni, 18 de março de 1878 (E III 320-321); a Leão XIII, 13 de abril de 1880 (E III 567-575); ao arcebispo de Buenos Aires, 15 de abril de 1880 (E III 575-576).

¹⁵¹ Ao cardeal Simeoni, 29 de julho de 1883; E IV 225-227.

Lorenzo Nina, nos termos comunicados pelo cardeal Simeoni. “Neste momento, na Congregação de Propaganda Fide se trata das questões das missões da Patagônia, dividida em três vicariatos apostólicos. Mandarei preparar uma cópia de todo o encarte e farei chegar às mãos de V. E.”. Expressava, em acréscimo, a própria satisfação pela elevação à cátedra arquiépiscopal de Turim do cardeal Alimonda.¹⁵² A mudança para Turim do cardeal Alimonda, membro da Congregação de Propaganda, era uma garantia também para o feliz êxito da questão patagônica. A solução foi também facilitada pela relação sobre a obra de conversão já realizada, enviada em 1883 pelo padre Fagnano à Propaganda: os dois colégios de Patagónes hospedavam 69 meninos e 69 meninas; em quatro anos foram administrados 5.328 batismos e as viagens missionárias tinham chegado à Cordilheira, percorrendo as margens do Limay até ao lago Nauél-Huapí e o de Neuquén até a Norquin; além disso, tinham sido explorados o Rio Colorado, o deserto de Balcheta e ambas as margens do Rio Negro; em suma, toda a Patagônia setentrional em uma extensão de mais de 35 mil quilômetros quadrados.

A Congregação Geral aconteceu em 27 de agosto de 1883, estando presentes os cardeais Pitra, proponente, Simeoni prefeito, Franzelin, Parocchi, Nina, Hassun e Sbarretti. Foram aprovados o Vicariato da Patagônia Setentrional, com jurisdição também na Patagônia Central, e a Prefeitura Apostólica da Patagônia Meridional, as ilhas Malvinas e a Terra do Fogo. Para a execução pedia-se à Congregação Salesiana que se colocassem doze sacerdotes à disposição da missão. Era aceito Giovanni Cagliari como pró-vigário, com a faculdade de subdelegar para as crismas, e Giuseppe Fagnano como prefeito. O papa aprovava na audiência de 2 de setembro e dom Domenico Jacobini, secretário de Propaganda, redigia a ata. A comunicação oficial a Dom Bosco era feita pelo cardeal Simeoni em carta de 15 de setembro. Em 25 de setembro Dom Bosco respondia que os sacerdotes pedidos já estavam no Uruguai e Argentina disponíveis a trabalhar nos territórios assinalados; além disso, estava iminente outra expedição de vinte missionários sacerdotes e dez irmãs.¹⁵³ Em 16 e 20 de novembro de 1883, Leão XIII emanava dois Breves, um para a ereção do Vicariato e outro para a nomeação de Cagliari para pró-vigário; de 16 de novembro era datado o Decreto de Ereção da Prefeitura Apostólica.¹⁵⁴

No entanto, em 31 de outubro, Dom Bosco tinha escrito uma carta ao general Roca, presidente da República Argentina (1880-1886). Tentando uma estéril *captatio benevolentiae*, inoperante no plano das definições jurídicas da missão, ele a iniciava: “Os desertos dos Pampas e da Patagônia, que já custaram tantas fadigas à E.V., e que complacência recomendou algumas vezes à evangelização dos missionários salesianos,

¹⁵² Ao cardeal Nina, 31 de julho de 1883; E IV 228-229.

¹⁵³ ASCPF, Roma, *Acta S. Congregationis de Propaganda Fide*, vol. 252-II (1883), fol. 1007r-1007v; *Ib.*, *Lettere*, vol. 379 (1883), fol. 523v-524r; *Ib.*, Nuova Serie, vol. 75 (1895), rubr. 151, fol. 652.

¹⁵⁴ Cf. texto em MB XVI 582-584.

parece que estão ao ponto de tomar endereço regular, quer quanto à civilização, quer com respeito à religião”. Descrito o trabalho dos salesianos no quadriênio, prosseguia manifestando uma apreciação, notavelmente forçada, e uma esperança: “A parte ativa que tomou para a civilização desses selvagens e os grandes sacrifícios que o governo argentino fez para o bem social do Estado e nomeadamente em favor dos institutos, escolas e orfanatos dos salesianos me fazem esperar seu auxílio”. Acrescentava, temerária e apressadamente em relação à realidade da situação política argentina e às difíceis relações diplomáticas com a Santa Sé: “Esta minha confiança cresce tanto mais nestes dias nos quais o santo padre teria deliberado estabelecer a hierarquia eclesiástica nessas vastas regiões como, em seu nome, já tive a honra de significar à E. V. e como a mesma Santa Sé, em breve, fará a comunicação oficial de tudo”.¹⁵⁵

Não levava em consideração as inextirpáveis raízes do *Padronado*, que se tornou jurisdicionalismo laicista, nem a tinha presente quando, para dar maior incisividade à ação do futuro pró-vigário, pedia que fosse conferida a dignidade episcopal a Cagliero, qualificação que comportava a promoção de pró-vigário a vigário. Pedia isso a Leão XIII, na carta de 26 de setembro de 1884, o próprio cardeal Alimonda, que ao mesmo tempo solicitava o apoio do cardeal Nina. Este, por sua vez, intervinha junto do prefeito e do secretário de Propaganda Fide, cardeal Simeoni e dom Domenico Jacobini. Foi concedida “em vista dos méritos de Dom Bosco” e “para tornar mais eficaz a obra do padre Cagliero e para o bem de sua missão”. Em 30 de outubro era emanado o Breve respectivo.¹⁵⁶ Em 3 de dezembro de 1884 Dom Bosco enviava aos amigos e benfeitores do Oratório e das missões salesianas uma circular-convite para o rito da consagração do primeiro bispo salesiano. A celebração aconteceria em 7 de dezembro.

Na costumeira circular de início de 1884, Dom Bosco tinha dedicado um parágrafo ao Vicariato e *Prefeitura Apostólica na Patagônia*.¹⁵⁷ Ainda na circular de 1885 retornava ao tema do *Prefeitura Apostólica na Patagônia*, anunciando a elevação ao episcopado do padre Cagliero, sublinhando não tanto as despesas para o enxoval, quanto o fato de que o novel prelado não encontraria em seu campo de trabalho “nada do que precisava para o exercício do ministério pastoral e para a formação da cristianidade; não pediu nem capelas, nem colégios ou seminários”; “ele – continuava – encontrará somente numerosas tribos selvagens abandonadas à inércia e à miséria, porque privadas do benefício da religião, das ciências, das artes, da agricultura, do comércio e de tudo o

¹⁵⁵ Carta de 31 de outubro de 1883; E IV 238-239. Da carta precedente ao general Roca, de 10 de novembro, e da carta ao padre Costamagna, de 12 de novembro de 1880 (E III 634), já se falou.

¹⁵⁶ Cf. C. BRUNO, *Los Salesianos y las Hijas*, vol. I, p. 331-333. Às p. 333-334 são transcritos textos de cartas enviadas por Dom Bosco a Dom Jacobini em 7 de abril, 27 de agosto e 19 de dezembro de 1883; e ao cardeal Simeoni em 25 de setembro de 1883, 12 de maio de 1884 e 16 de abril de 1885.

¹⁵⁷ BS 8 (1884) n. 1, genn. p. 3.

que diz respeito à vida civil”.¹⁵⁸

Tal publicidade não foi bem acolhida na América. O arcebispo mantinha uma posição ambivalente. Via com favor que os salesianos agissem na Patagônia, mas era contrário à secessão do território do Vicariato da Arquidiocese de Buenos Aires. Nisso ele tinha de seu lado também dom Matera, delegado apostólico na Argentina de 1880 a 1884. A expulsão e o retorno a Roma do enviado pontifício poderiam facilitar o exercício por parte de dom Cagliari de sua missão de vigário na Patagônia e talvez também o arcebispo teria aderido à decisão romana, se lhe tivesse sido dada taxativa comunicação oficial, que obviamente não existiu. De qualquer maneira, permaneceria insuperável o obstáculo posto pela autoridade política.¹⁵⁹ Em 2 de janeiro de 1885 dom Asneiros escrevia a Dom Bosco, entre outras coisas: “Em todo tempo, mas agora mais do que nunca, nosso governo não aprovará jamais que, sem seu beneplácito, seja ereto um vicariato entre seus domínios (...). Eu desejo que V. R. faça com que o Ilmo. Cagliari se apresente sem esse título de vigário da Patagônia. De minha parte concedo toda faculdade para que possa exercitar todo poder episcopal tanto aqui como na Patagônia e farei de tudo para que seja honrado e respeitado como bispo”.¹⁶⁰ Dom Bosco enviava uma cópia da carta a dom Cagliari, que esperava a partida em Marselha, retardada por causa do cólera que tinha fechado os portos americanos. Advertia: “Conta muito com a prudência do padre Lasagna, dos nossos irmãos anciãos e dos bispos que te amam em Jesus. Mas tenha cautela em tomar deliberações relativas às autoridades civis”. Acrescentava uma pequena pérola de seu sistema de educação: “Recomenda a todos os nossos dirigir seus esforços sobre dois pontos cardeais: Fazer-se amar e jamais fazer-se temer; envidar todo sacrifício pessoal e pecuniário a fim de promover as vocações eclesíásticas e monacais”. Não faltava a conhecida advertência aos que, na Europa e na América –em particular padre Lemoyne e padre Riccardi – enviavam e esperavam relatos de sonhos: “Recomendo ainda que não se dê grande valor aos sonhos etc. Se estes auxiliam o entendimento de coisas morais, ou mesmo de nossas regras, está bem; conservem-se. Do outro modo, não se dê nenhum valor”.¹⁶¹

Na resposta ao arcebispo, de 9 de fevereiro de 1885, saltava completamente o problema por ele colocado na carta de 2 de janeiro e se limitava a renovar-lhe o convite para Turim.¹⁶² Ao invés, para contribuir a serenar os salesianos da Argentina e

¹⁵⁸ BS 9 (1885) n. 1, genn., p. 3. As cartas de início de ano de Dom Bosco de 1886 e de 1887 dedicam largo espaço à *conversão da Patagônia* e às *Residências e centros de Missão*, mas não se podem razoavelmente atribuir a ele: cfr. BS 10 (1886) n. 1, genn., p. 4-6 e 11 (1887) n. 1, genn., p. 3-5.

¹⁵⁹ Cf. reiteradas informações do padre Cagliari e de padre Costamagna e Dom Bosco in A. da SILVA FERREIRA, *Patagonia: I – Realtà e mito nell'azione missionaria salesiana*, RSS 14 (1995) 16-17, 24-29; carta de 4 de junho de 1878 a Dom Bosco de F. BODRATO, *Epistolario*, p. 292.

¹⁶⁰ *Documenti* XXIX 12, FdB 1106 B 11.

¹⁶¹ A dom Cagliari, 10 de fevereiro de 1885; E IV 313-314.

do Uruguai, em um tempo de intervenções legislativas pouco favoráveis às corporações religiosas, procurava atrair a atenção do Ministério do Exterior italiano sobre as escolas salesianas da América do Sul. O ministro respondia a Dom Bosco elogiando a “obra altamente civil”.¹⁶³ Dom Bosco enviava cópias da resposta aos superiores da América, causando efeito positivo sobre as autoridades que dela tomaram conhecimento.

Dom Cagliero, de sua parte, agiu com exemplar prudência durante todo o seu mandato (1885-1912). Pôde exercitar de fato a missão de vigário sem nenhuma restrição. Jamais pôde nem quis reivindicar o título oficialmente, nem diante do arcebispo, que continuou a exercitar de direito sua jurisdição sobre a Patagônia, nem muito menos diante das autoridades civis, das quais gozou incondicionada estima, não menor em relação ao mundo eclesiástico.¹⁶⁴

4.2 *Projeção do Uruguai ao Brasil*

Pelas cartas, por informações de quem atravessava o Oceano nos dois sentidos, pelos conhecimentos geográficos, por colóquios com padre Lasagna, Dom Bosco tinha se dado conta de que o Uruguai salesiano estava se tornando a base de lançamento de novas empresas, ainda maiores do que aquelas partidas de Buenos Aires em direção à Patagônia. Renovavam-se em dimensões planetárias os antigos sonhos a olhos abertos, estava sempre acordado o espírito de empreendedor, tinha se tornado incontida a paixão pela salvação das almas, sobretudo dos jovens: na crescente fragilidade física persistiam “viva a fé, firme a esperança e inflamada a caridade”.

Em 8 de setembro de 1882 Dom Bosco escrevia ao padre Dalmazzo, vendo e ante- vendo o desenvolvimento no Brasil: “Se vêis ainda o cardeal Nina”, “podes também dizer que as duas casas de missões no Brasil, na Diocese do Pará e do Rio de Janeiro, estão definitivamente estabelecidas segundo o desejo do santo padre que me foi expresso pelo senhor cardeal de Estado. No Pará já começaram os trabalhos de construção e readaptação”; “no Rio de Janeiro está tudo pronto e nossa casa está pouco distante dessa cidade, em uma amena posição chamada Nichteroy”; “ontem enviei a aprovação do contrato feito a tal escopo entre dom Lacerda, dom Lasagna e um proprietário”.¹⁶⁵

De fato, após contato formal com o arcebispo do Rio de Janeiro, em janeiro de 1882, padre Lasagna abria a primeira obra no Brasil partindo precisamente de Niterói. Acompanhavam-no em julho de 1883 o diretor, padre Michele Borghino, com dois

¹⁶² E IV 312.

¹⁶³ Carta ao comendador Malvano, secretário geral do Ministério, 9 de fevereiro de 1885; E IV 312-313.

¹⁶⁴ Cf. A. da SILVA FERREIRA, “Patagonia: I – Realtà e mito nell’azione missionaria salesiana”, RSS 14(1995), p. 34-43.

¹⁶⁵ Carta de 8 de setembro de 1882; E IV 172.

padres, um clérigo e um coadjutor, que aí abriam o Internato Santa Rosa com oratório. Encontrando grandes consensos no mundo católico, começando pelo imperador Pedro II, em particular por parte da princesa Isabel Cristina e do marido Gastone d'Orléans, conde d'Eu, que tinham conhecido Dom Bosco em Paris dois meses antes.¹⁶⁶

Outra obra foi aberta em junho de 1885 em São Paulo, com o título de Liceu Sagrado Coração. Era nomeado diretor padre Lorenzo Giordano, já vice-diretor em Villa Colón com padre Lasagna.

Naturalmente Dom Bosco intuía o futuro promissor que se perfilava, mas via também a ilimitada necessidade de pessoal. Escrevia ao novo diretor da obra de São Paulo: “Terás certamente não poucas dificuldades, especialmente no princípio de uma missão tão extensa como a de São Paulo, não é verdade?” Daí derivava também para o destinatário a tarefa de “procurar companheiros” com vocações locais e o convite para enviar, eventualmente, a Turim, para sua formação, “também alguma centena”: “nós faremos de tudo para instruí-los e enviá-los de volta – prosseguia –, mas na condição de poder coadjuvá-los nas missões até Mato Grosso”. No entanto, em Turim se faria tudo o que fosse necessário para prover operários evangélicos, “quantos fossem necessários”.¹⁶⁷

Em março de 1886 escrevia à princesa Isabel, agradecendo a bondade e caridade manifestada para com os salesianos no Brasil, e os recomendava a ela e ao pai, prometendo preces de seus alunos para toda a família imperial.¹⁶⁸

Nas referências americanas entre 1886 e 1887 não eram poucos, além da consolidação do que existia, os anúncios e os projetos por parte de Dom Bosco de ulteriores saltos avante na pacífica conquista americana.¹⁶⁹

¹⁶⁶ À princesa Isabel de Bragança, que tinha pedido orações mediante o capelão da família, Dom Bosco tinha respondido em 19 de agosto de 1883; E IV 402-403.

¹⁶⁷ Ao padre Lorenzo Giordano, de San Benigno, 30 de setembro de 1885; E IV 341-342.

¹⁶⁸ Carta à princesa Isabel, março de 1886; E IV 353. A carta, trazida pessoalmente pelo padre Borghino, teve como seguimento uma visita do imperador e da imperatriz à casa de São Paulo.

¹⁶⁹ Cf. cap. 31, § 2-3 e 6.

Capítulo XXXI

TAUMATURGO EM PARIS E EM FROHSDORF, FUNDADOR EM TURIM (1883-1884)

- 1883 31 de janeiro a 31 de maio: viagem na Ligúria, França (14 fevereiro a 30 de maio), Paris (18 de abril-26 de maio), com parada em Lille (5 a 15 de maio)
31 de maio: conferência aos cooperadores de Turim
24 de junho: discurso a ex-alunos sobre política educativa
13-18 de julho: viagem a Frohsdorf (15 a 17 de julho)
2-7 de setembro: Terceiro Capítulo Geral da Sociedade Salesiana
29 de outubro: conferência sobre o coadjutor salesiano
- 1884 24 de janeiro: os salesianos em Lille
15 de fevereiro: os salesianos em Sarriá (Barcelona)
dezembro: os salesianos em Paris

A vida de Dom Bosco chega a uma fase da dupla face. De um lado ele mostra ainda grande mobilidade, sustentada pela excepcional força de vontade, que vence a fragilidade física. A luta pela vida das obras juvenis e o empenho em chegar ao final da dispendiosa construção da Igreja do Sagrado Coração fazem-lhe aparecer totalmente absurda qualquer outra alternativa que não seja viajar para encontrar antigos e novos benfeitores, além do fadigoso pedir. De outro lado, acompanhavam-no, ao mesmo tempo, o enfraquecimento das energias físicas, o aparecimento e o agravamento de males antigos e o surgimento de novos, com momentos que chegam mesmo a colocar sua vida em perigo. Apesar disso, ele é visto, embora com intervalos de flexão, sempre à obra. É, de qualquer modo, período da máxima consolidação estrutural e jurídica dos dois institutos religiosos, de viagens significativas, de expansão de obras, de aprofundamento da espiritualidade e de vivacidade na animação, e de crescente visibilidade.

Na última fase, ao invés, o quadro biográfico se transformará radicalmente. O viver de Dom Bosco será assinalado em medida crescente por tempos de clausura. Sua vida será, em larga parte, objeto da “crônica familiar”, mesmo se constantemente circundada e enriquecida pela história: na irradiação espiritual, nas repercussões, nas mensagens ideais em perspectiva educativa, missionária, espiritual.

1. Dom Bosco educador, operador social e taumaturgo na viagem a Paris (1883)

O incansável esmoleiro já sabia, há vários anos, em que direção voltar-se com maior proveito. Era a França, onde se criava rapidamente uma vasta família de benfeitores e benfeitoras. Era, com efeito, país de fontes econômicas e financeiras muito mais consistentes que a Itália, que estava em busca da unidade política e de uma razoável estrutura econômica, atingida apenas parcialmente por uma incipiente industrialização, com uma agricultura, em vastas zonas, atrasada, e com grandes contingentes destinados a alimentar o colossal fluxo migratório para a Europa, para a própria França e além-oceano.

Dom Bosco fazia questão de avisar algumas das pessoas benfeitoras ainda antes que terminasse 1882 e nos inícios de 1883. “Se a França estiver tranqüila – anunciava a Clara Louvet – partirei no próximo 20 de janeiro, a Gênova e Nice, Alpes Marítimos, Cannes, Toulon, Marselha, Valence, Lyon para estar em Paris no final de março”.¹ Poucos dias antes da partida indicava a data precisa, 31 de janeiro, e um itinerário mais detalhado: Sampierdarena, Varazze, Alassio, Ventimiglia, Nice, Toulon, Marselha, ocupando entre chegada e partida os dias de 31 de janeiro a 1º de abril.² De Marselha marcaria as duas etapas sucessivas, Lyon e Paris, e o endereço da residência na capital francesa: “Em 1º de abril partirei para Lyon e espero chegar a Paris no dia 15”. “Endereço em Paris: em casa de Madame de Combaud, 34 Avenue de Messine”.³

Nessa viagem mais prolongada à França e na estadia triunfal em Paris não se percebe nenhum eco das dificuldades políticas com a Itália determinadas pela ocupação da Argélia, que se tornara protetorado francês em maio de 1881, e, por parte da Itália, a assinatura da Tríplice Aliança com os impérios germânico e austro-húngaro em 20 de maio de 1882, cuja notícia se espalhou somente no início de 1883. Não se notam nem mesmo apreciáveis repercussões da virada política, social e cultural provocada pela revolução republicana, leiga e anticlerical, consumada na França em 1879 e consolidada com as rápidas e decididas leis na escola dos anos 1880-1882.⁴ Sob certos aspectos, a viagem de Dom Bosco parece fora da história. Além dos habituais interlocutores do Sul, no Norte ele se encontraria blindado por pessoas que representavam o passado mais que o futuro: legitimistas, filomonárquicos, pretendentes ao trono ou seus sustentadores. Todavia, pôde de alguma forma “fazer história” no mundo católico, levando a voz da esperança em Deus, presente nos acontecimentos humanos, e da confiança na caridade operativa para o perene advento do Reino, de Deus antes que dos homens. Como se queira, sua viagem na França não era propriamente uma peregrinação apos-

¹ A C. Louvet, 5 de dezembro; E IV 453.

² A C. Louvet, 18 de janeiro de 1883; E IV 454.

³ A C. Louvet, de Marselha, 2 de março de 1883; E IV 455-456.

⁴ Cf. cap. 2 § 9.

tólica ou missionária. A longa permanência em Paris, como em Nice, em Marselha, em Lyon e alhures, tinha o escopo de encontrar benfeitores e suscitar beneficência para as obras salesianas e para a construção da Igreja do Sagrado Coração em Roma.

A tabela prevista de marcha seria observada substancialmente com o atraso de um ou dois dias. Tendo partido na manhã de 31 de janeiro com padre Durando e o padre salesiano francês De Barruel, de 31 de janeiro a 14 de fevereiro fazia breves visitas às casas da Ligúria, de Sampierdarena a Varazze, Alassio e Vallecrosia. Pela meia-noite do dia 14 chegava a Mentone, hóspede de um lorde inglês. No dia 16 estava em Nice, no *Patronage Saint-Pierre*. Começava então sua intensa atividade de pedinte: falar em público e em particular, visitar e acolher, abençoar, recolher ofertas para as várias obras. Em Nice permanecia até o final de fevereiro para dirigir-se sucessivamente a Cannes, Toulon, La Navarre. Em 16 de março estava em Marselha, onde permanecia até 2 de abril. Aqui foi certamente informado da morte imprevista de dom Gastaldi, acontecida em 25 de março, dia da Páscoa. Não se conhecem reações e impressões experimentadas ou expressas. Era certamente por decisão do padre Rua, em consonância com o superior ausente, que às 10 horas de 5 de abril, como anunciava *L'unità cattolica*, “a Congregação Salesiana” celebrava na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora “solene ofício fúnebre”, com a presença de alguns familiares do defunto.⁵

Em Marselha, por meio de circular datada de 22 de março, eram convidados amigos e benfeitores a participar, no dia 29, da missa de Dom Bosco, da bênção da estátua de Nossa Senhora Auxiliadora e da conferência dos cooperadores, seguida pela bênção eucarística.⁶ No Oratório São Leão foi dia de festa. De tarde estavam presentes o bispo diocesano dom Jean Robert, o cônego Clément Guiol e seu irmão dom Louis, reitor da Faculdade Católica de Lyon. Dom Bosco fez longo discurso. A primeira parte era dedicada a um resumo das obras realizadas e que deviam ser sustentadas, “para vantagem da religião e da sociedade civil”. Frisava, em particular, as obras da França que ele visitara poucos dias atrás: La Navarre, Saint-Cyr, o Oratório São Leão. Sobre este último ele chamava, em particular, a atenção dos ouvintes; fora construída a capela, comprara-se um terreno para o terceiro pavilhão em vias de construção, que iria permitir passar dos trezentos para mais de quatrocentos jovens. Porém, também as dívidas tinham crescido. Ao todo, mais de 200 mil francos. Além do mais, o apetite dos jovens era ótimo. Como agir? Simplesmente, fazer uma profissão de caridade muito concreta, recordando “as palavras do Evangelho: *Date et dabitur vobis*”. Quem faz a caridade ao próximo, faz um empréstimo a Deus e está seguro de conseguir cem por um: um banco altamente remunerador.⁷

⁵ Cf. *L'unità cattolica*, n. 79, quarta-feira, 4 de abril de 1883, p. 515.

⁶ Texto do convite com a ordem dos ritos em MB XVI 466-467.

⁷ “Festa e conferenza dei Cooperatori nell’Oratorio de San Leone em Marsiglia”, BS 7(1883) n. 5, maio, p. 78-80; *Bulletin Salésien* 5(1883) n. 6, junho, p. 70-73. Cf. cap. 22, § 7.

Em 2 de abril, com o secretário padre De Barruel, partia para Avignon e aí ficava no dia 3 hóspede de um negociante de vestimentas e objetos sagrados, Michel Bent. No dia 4 se dirigia para Valence. No trajeto de Valence a Lyon fazia parada em Tain, na casa de Albert du Boÿs, como se viu, seu importante biógrafo. Em Lyon, de 7 a 16 de abril era hóspede de dom Louis Guiol. No dia 8 visitava o santuário de Notre-Dame de Fourvière, recebido pelo beneditino dom Pothier e pelo superior geral dos sulpicianos. Em Fulvière voltava no dia 15 para visitar as religiosas da Sociéte de Notre Dame de La Retraite du Cenacle, levando sua bênção a uma irmã enferma e à co-fundadora Thérèse Couderc (1791-1885), esta também doente. Em 11 de abril era convidado a almoçar na casa de férias dos seminaristas, aos quais dirigia palavras de conselho e de encorajamento. No bairro da Guillotière em Lyon, certo padre Boisard, que em 1882 tinha passado um mês no Oratório de Valdocco, tinha fundado a *Oeuvre des Ateliers d'Apprentissage*. No Oratório tinha se inspirado para introduzir em sua obra o sistema preventivo e o espírito de piedade. Dom Bosco visitava-o fazendo breve discurso aos educadores e colaboradores, utilizando uma linguagem pitoresca. Tendo como premissa que as crianças são as delícias de Deus, desenvolvia a tese sobre a relação entre educação da juventude e bem da sociedade: “a salvação da sociedade está, ó senhores, em vossos bolsos – repetia com expressões bem conhecidas –. Estas crianças recolhidas pelo *Patronage* e as mantidas pela *Oeuvre des Ateliers* esperam vossos auxílios. Se agora derdes para trás, se deixais que estas crianças se tornem vítimas das teorias da comuna, os benefícios que hoje lhes recusais, eles virão exigir-vos amanhã, não mais com o chapéu na mão, mas apontando a faca para vossos pescoços e, talvez, juntamente com as vossas coisas, roubem também vossas vidas”. A um jornalista, que lhe perguntava a quem pretendia referir-se, respondia: “Estas são obras que não somente os católicos devem sustentar *viribus unitis*, mas também todos os homens que têm no coração a moralidade da infância. Os *humanitários* devem interessar-se por ela não menos que os cristãos. É o único meio para preparar um futuro melhor para a sociedade”.⁸ Em Lyon, Dom Bosco conseguia audiência do Conselho Central das duas Obras da Propagação da Fé e da Santa Infância. Teve oportunidade de solicitar com muita energia auxílio para as missões patagônicas. Em 14 de abril, na sede da Sociéte de Géographie, fazia uma conferência sobre “o progresso da civilização cristã” na Patagônia, graças à ação religiosa, moral e humanizadora dos salesianos entre os índios.⁹ Em 16 de abril, de Lyon, escrevia ao padre Albera, repartindo dinheiro, um dos frutos da parada em Avignon: “Partimos para Paris, mas com a parada de um dia em Moulins. Receberás do senhor Duros de Avignon 5 mil francos, do qual a metade é para vós, metade para S. Isidoro ou

⁸ *Echo de Fourvière*, 12 de abril de 1883, in F. Desramaut (org.): “Répertoire analytique des lettres françaises adressées à don Bosco en 1883”, *Cahiers Salésiens*, n. 8-9, abril-outubro, 1983, p. 112-115.

⁹ “Don Bosco à la Sociéte de Géographie de Lyohn (14 avril 1883)”, *Cahiers Salésiens*, n. 8-9, p. 115-117.

Saint-Cyr. Nosso endereço em Paris: Condessa de Combaud, Avenue de Messine 34. Continuai a rezar. Os trabalhos estão indo bem”.¹⁰

Chegado em Paris no final da tarde de 18 de abril, pedia imediatamente objetos sagrados e profanos em Turim: “Dizei-me com rapidez: 1) endereço para conseguir medalhas e imagens de Nossa Senhora Auxiliadora; 2) se não se podem encontrar aqui em Paris, mandai-as vir de Turim. Avenue Messine 34”.¹¹ “Envia-me o capotinho de verão”, escrevia ao padre Berto.¹²

Como o apartamento da Condessa de Combaud, que hospedava Dom Bosco, era no quarto andar e por isso incômodo para as audiências, a comunidade parisiense das Oblatas do Coração de Jesus de Rue de la Ville l’Évêque colocava à disposição alguns locais para a recepção das muitas pessoas que, à tarde, acorriam ao padre de Turim. Aí, de sexta-feira, 20, a segunda-feira, 30 de abril, Dom Bosco continuou a acolher os visitantes. Por meio de cartas, de documentos vários, entre os quais principalmente uma memória de um “antigo magistrado” de Paris,¹³ e sobretudo de uma interessante crônica, redigida dia a dia pela jovem oblata Charlotte Bethford, pode-se ter uma imagem quase viva da multidão que, por horas e horas, continuou a procurar Dom Bosco.¹⁴ Nesse local se acotovelavam pessoas de todas as classes sociais, que viam nele sobretudo o santo, o taumaturgo. Iam até ele para que rezasse e abençoasse, intermediário junto da Virgem Auxiliadora mediadora de graças materiais e espirituais, de curas e de soluções de problemas pessoais, familiares e profissionais. Alguma vez a cronista pensava individualizar junto com expressões de sincera devoção, também traços de superstição. Dom Bosco acolhia e escutava com “incrível” bondade e paciência, aconselhava, presenteava com uma medalha ou uma imagem de Nossa Senhora, recebia as esmolas, agradecia e despedia exortando a fé e esperança cristã. Os hóspedes tiveram que empenhar-se “com firmeza e doçura” em um duro trabalho de disciplinamento dos acessos, vendo-se desfilar sob os olhos uma interminável massa humana de visitantes e prolongando sempre mais os horários inicialmente estabelecidos.

Era, contudo, somente um aspecto dos fatigantes empenhos cotidianos de Dom Bosco. Antes e depois das longas audiências, se adensavam os encontros de massa em igrejas públicas e em capelas privadas, as celebrações religiosas em mosteiros, em comunidades masculinas e femininas, em institutos católicos de educação, as conferências, as visitas a doentes e famílias particularmente provadas.

Um dia após sua chegada, Dom Bosco dirigiu-se ao arquiépiscopado, recebido de manhã pelo bispo coadjutor com direito à sucessão dom François-Marie Richard (1819-

¹⁰ E IV 216.

¹¹ A Giuseppe Rossi, 19 de abril de 1883; E IV 216.

¹² Ao padre G. Berto, 19 de abril de 1883; E IV 217.

¹³ *Don Bosco à Paris*, par un Ancien Magistrat, 5ème édition. Paris, Ressayre 1883.

¹⁴ Cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco, rue de la Ville l’Évêque, a Parigi, in aprile 1883*, RSS 7 (1988) 9-34.

1908), e na parte da tarde, pelo cardeal arcebispo Joseph-Hyppolyte Guibert (1802-1886), que o convidava a pregar e a recolher ofertas na Igreja da Madalena. No dia 21 visitava a obra de Auteuil, que padre Roussel lhe havia oferecido sem êxito há três anos atrás. Aí voltava à tarde de 20 de maio, falando aos jovens e rezando com eles.¹⁵

Em 22 de abril jantava com os assuncionistas. Entre outras coisas, parece que lhes tenha encorajado a tornar cotidiano o periódico *La Croix*.¹⁶ Dom Bosco vinha de uma recente batalha em favor da escola católica. Podia, portanto, compreender e compartilhar a veemente defesa dos direitos da Igreja e da catolicidade levada adiante com férvido ativismo pelos religiosos assuncionistas, guiados por seu resoluto fundador, padre Emmanuel d'Alzon. Mas o reservado padre italiano, sem partido e em veste de esmoleiro, devia, provavelmente, permanecer alheio à linha de intransigência do combatente grupo que dava vida ao jornal, a ponta de diamante do integrismo católico. Diferentemente da França “visceralmente realista e contra-revolucionária”, Dom Bosco representava “a ação eficaz de conservação regeneradora da sociedade”.¹⁷ Mas ardorosa era a interpretação teológica, que *Le Pèlerin*, fundado há alguns anos pelos assuncionistas, dava em 12 de maio, da presença de Dom Bosco em Paris: “Quanto a nós, pensamos que a vinda de Dom Bosco a Paris, no coração da França, com tal elevação dos espíritos, é um dos resultados mais impressionantes das preces e das penitências de início do ano e da peregrinação a Jerusalém. O sentimento que envolve toda esta Paris indiferente à passagem de um padre, de um religioso, de um santo, após tão pouco tempo das expulsões e que lhe coloca nas mãos, quase como um resgate, verdadeiros tesouros, é certamente fato sobrenatural de primeira ordem e nós cremos que Dom Bosco, velho, que se movimenta docemente, sempre apoiado no braço de um amigo, com a vista fraca, que não lê nenhum jornal, fornece à França nem mais nem menos que a solução da questão operária”.¹⁸ A tarde de 23 de abril Dom Bosco visitava o Seminário de São Sulpício. Dirigia aos clérigos pequeno discurso sobre o tema *Erat lucerna ardens et lucens* e ficava para o jantar. No dia 28 celebrava na igreja paroquial de Nossa Senhora das Vitórias.¹⁹ Ao pároco da igreja-santuário, em janeiro, Dom Bosco tinha pedido hospitalidade para a estadia parisiense, sublinhando a coincidência dos títulos marianos: Nossa Senhora das Vitórias e Maria Auxiliadora dos Cristãos. Por absoluta falta de espaço na casa paroquial, padre L. Chevoyon fora constrangido, com grande tristeza, a comunicar-lhe que era impossível dar-lhe acolhida e não conseguira encontrar outra solução.²⁰ Era o dia da missa da Arquiconfraria. Dom Bosco “falou da caridade e de Maria Auxiliadora”,

¹⁵ “France illustrée”, 26 de maio de 1883 e in E. GUERS, *Une grande oeuvre à Paris. L’orphelinat d’Auteuil et l’abbé Roussel*. Pais-Auteuil, Librairie de la France illustrée, s.d., p. 238-239.

¹⁶ Cf. *Le Pèlerin* de 12 de maio de 1883 e *La Croix* de 1º de dezembro de 1934. *La Croix* se tornava cotidiano em 16 de junho de 1883.

¹⁷ F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, p. 1172 e 1175.

¹⁸ *Pèlerin*, 12 de maio de 1883, in: *Cahiers Salésiens*, n. 8-9, p. 119; *Bulletin Salésien* 5(1883) n. 5, maio, p. 64.

¹⁹ Cf. cap. 2 § 2.

²⁰ Cf. carta s.d. [de janeiro de 1883]; MB XVI 460-461.

“expôs a finalidade de suas obras” e “pediu a esmola para seus orfãosinhos”. As ofertas frutificaram a considerável soma de 2 mil francos.²¹

Domingo, dia 29, foi rico de compromissos. Dom Bosco o iniciava com a celebração da missa na Igreja São Tomás de Vilanova, que tinha ao lado uma comunidade de irmãs, à qual fez visita. Dirigia-se depois a uma igreja adjacente à paroquial de São Sulpício, onde se sediava a obra dos “catecismos de perseverança” para juvenzinhas, dirigida pelo padre Sire. O veneradíssimo padre italiano fazia, em francês “um pouco hesitante e com doce acento italiano” breve discurso que foi ouvido com a respiração presa. Foi inserido na ata da reunião. Dizia estar feliz em encontrar-se na capela onde tinha passado o próprio Pio VII e em comunhão de coração e de espírito com o auditório. Dava, por fim, um conselho: “sede em todos os lugares bons católicos, conservai o temor de Deus, que somente pode tornar-vos felizes nesta vida e depois da morte. Difundi-o ao vosso redor. Que Deus vos dê a graça de infundi-lo em vossos pais, nos amigos e também nos inimigos. Eu vos abençoo para sejais a honra e a glória de São Sulpício e o sustento da Igreja”. Uma das jovens, que se tornou irmã, no diário fazia um retrato, que evidenciava seu declínio físico: “Dom Bosco tem ainda cabelos negros. É de estatura ordinária. Tem a espinha um pouco curva e tem o rosto longo e magro. Caminha lentamente, porque as fadigas o enfraqueceram muito; além disso, nos vê muito pouco. Como faz bem o contato com um santo!”.²² Às 15 horas fazia uma conferência eclética na igreja mais aristocrática de Paris, a Madalena. Desta, que foi anunciada e feita propaganda, e teve extraordinária repercussão, resta o texto estenografado.²³ “Estamos para nos entreter sobre a juventude – dizia –. Segundo a palavra de um dos vossos mais ilustres prelados, dom Dupanloup, a sociedade será boa se dais uma boa educação à juventude; se a deixais nas mãos do mal a sociedade será pervertida. Quando se me fala de juventude, dizia um santo padre, não quero que me entretenham com projetos, quero ver os resultados conseguidos. Por isso eu vos exporei brevemente o que a Divina Providência nos permitiu fazer para a juventude, e os vossos corações serão tocados”. Passava portanto a falar das finalidades e da dimensão da sua obra, precisando que ele entendia referir-se aos “jovens abandonados, que vagueiam pelas ruas, pelas praças, nos becos, e esses seres rejeitados, que cedo ou tarde se tornarão o flagelo da sociedade e terminam por encher as prisões”. Continuava narrando os inícios e os desenvolvimentos de sua obra em Turim, antes oratório e depois também internato, sua difusão na Itália, França e América, e a fundação do Instituto das FMA. “Hoje – informava –, o número das casas que temos fundadas e que dirigimos atinge

²¹ *Documenti* XXV146, FdB 1084 A1.

²² MB XVI 187-189, 498-499.

²³ Publicado na *Gazette de France*, suplemento de 30 de abril de 1883, retomado pelo Antigo Magistrado de Paris e, com alguma variação, por A. AUBINEAU, *Dom Bosco: sa biographie, ses oeuvres et son séjour à Paris*. Paris, A. Josse, [1883], p. 21-31; breve crônica e resumo em BS 7(1883) n. 6, junho, p. 87-88.

a enorme cifra de 164. Aí são acolhidos mais de cento e cinquenta mil crianças e todo ano o movimento de entrada e de saída varia de trinta e cinco a quarenta mil. Cada ano temos a consolação de ter cooperado para a salvação dessas almas que temos colocado na condição de servir a Deus, a religião, a pátria, a família, a sociedade”. Fora-lhe muito difícil conseguir o dinheiro necessário. Contudo, “eis o grande mistério”, até agora tinha conseguido, embora sendo “pobre, sem meios de subsistência”. Era “o segredo da misericordiosa bondade de Deus. A Ele agrada favorecer minha obra – acentuava – porque o bem da sociedade e da Igreja está na boa educação da juventude. A Santa Virgem foi para nós realmente Nossa Senhora Auxiliadora: a Ela devemos o bom êxito de nossas fadigas” e “Ela abençoa aqueles que se ocupam da juventude”. Concluía agradecendo os ouvintes e a Nossa Senhora Auxiliadora, que não teria feito faltar a sua celeste assistência. “Como recompensa de vossa caridade para com os órfãos – precisava –, Ela protegerá vossos interesses, vossas famílias, será guia e sustento de vossos filhos. Peço que Ela seja sempre nossa mãe e que se mostre na hora de nossa morte nossa suprema protetora. Que ela seja nossa força e nossa esperança aqui na terra, na esperança de poder louvá-la e bendizê-la no Céu”.²⁴ Terminada a conferência, Dom Bosco era apanhado pelo padre Pietro Gasparri (1852-1934), futuro cardeal secretário de Estado de Bento XV e de Pio XI, que o acompanhava ao Instituto Católico, onde era professor de direito canônico há vários anos.

No dia seguinte Dom Bosco retornava à Madalena para celebrar uma missa para as coletoras da vigília – na noite anterior tinham recolhido a soma excepcional de 15 mil francos – e para os benfeitores de sua obra.

Na terça-feira, 1º de maio, celebrava a missa na Igreja São Sulpício, “a rainha das paróquias” parisienses, cheia de fiéis como nas maiores solenidades. Após a leitura do Evangelho, os dois sacerdotes assistentes acompanharam-no à balaustrada, de onde falava a um público em profundo silêncio. “A religião – dizia – adoça as misérias e as aflições de nosso exílio. Somente ela nos assegura a felicidade após esta vida no tempo”. “Perseverai em vossas tradições de caridade generosa para todas as boas obras. A mais importante é a educação cristã da juventude. Começai no lar, educai bem vossos filhos”. “Sinto não poder falar-vos da obra para a qual peço vossas esmolas. Ela consiste em recolher órfãos e errantes para instruí-los, para fazer deles bons cidadãos e bons cristãos. As vossas ofertas servirão ao desenvolvimento desta boa obra. Desta forma atraireis sobre vós as bênçãos de Deus”.²⁵ Na parte da tarde Dom Bosco era acompanhado em casa dos lazaristas e falava à assembléia do patronato dos órfãos, compreendendo as Damas Patronas e o Comitato dos Membros Fundadores.²⁶ Em 2 de maio chegava de

²⁴ *Documenti XXV* 167-172, FdB 1084 B10-C3. O texto é retirado da *Gazette de France*, assim como em MB XVI 526-530.

²⁵ “Don Bosco”, in: *Le Rosier de Marie*, 12 de maio de 1883. Cf. L. AUBINEAU, *Dom Bosco*, p. 35-36; *Documenti XXV* 184-185, FdB 1084 C9-11.

²⁶ L. AUBINEAU, *Dom Bosco*, p. 37-42; *Documenti XXV* 189-191, FdB 1084 D2-4; MB XVI 538-540.

Turim padre Rua, vindo em auxílio de Dom Bosco e do padre Barruel. No dia 3 Dom Bosco celebrava a missa e falava na Igreja Santa Clotilde.²⁷

Com relação à primeira fase da permanência parisiense, no livro *Dom Bosco*, Léon Aubineau se interrogava: Por que tanta emoção ao redor de Dom Bosco em Paris? Quinze dias atrás e o nome de Dom Bosco era apenas conhecido, de repente inumeráveis cristãos o cercavam aclamando, encheram as igrejas onde celebrava a missa para rezar com ele e receber a sua bênção. Ele fez-se próximo de suas penas e de suas esperanças, consolando, abençoando, encorajando; ao mesmo tempo, é padre das obras, também na França, porta-voz da Providência que as sustenta, mensageiro de uma piedade viva, espontânea, alegre. De um lado, a riqueza que dá e a caridade que abunda; de outro, a pobreza que recebe com reconhecimento.²⁸

Por uns dez dias Dom Bosco se afastava de Paris. Em 5 de maio dirigia-se a Lille, na região Norte, nos confins com a Bélgica, onde ficava até o dia 14, hóspede do senhor de Montigny. Visitava e aceitava o Orfanato São Gabriel.²⁹ Da visita a Lille e da aceitação da obra, agradecia-lhe dom Alfred Duquesnay, arcebispo de Cambrai, diocese à qual pertencia então a cidade de Lille, na carta de 18 de maio.³⁰ Particularmente tocante era a missa celebrada no Instituto das Damas do Sagrado Coração e o encontro com as religiosas e as alunas. Visitava outras comunidades religiosas, celebrava em algumas igrejas paroquiais e ia abençoar os doentes. Na viagem de retorno a Paris, parou dois dias em Amiens para pedir em algumas famílias benfeitoras; celebrou e falou na catedral. Não é, talvez, um acaso que Dom Bosco tivesse declinado o convite do presidente do 12º Congresso Católico, iniciado em Paris em 9 de maio, para presidir uma das sessões,³¹ e voltasse para a capital quando o Congresso tinha terminado. Provavelmente, tinha querido evitar o perigo de uma colisão da filantropia cristã com a política mais ou menos virtual.

Voltando a Paris em Viale Messine, aí permanecia ainda uma dezena de dias. Quinta-feira, 17 de maio, fez conferência a um grande grupo na Igreja Santo Agostinho, exprimindo entre outras coisas a esperança de que as piedosas senhoras e os senhores da cidade de Paris, tão aberta à caridade beneficente, ajudariam a fundar aí uma obra como as de Marselha, Nice e Turim, uma casa para receber crianças e meninos de rua, simples, que não fizesse barulho.³² No dia seguinte, sexta-feira, celebrava no Hotel Lambert, onde se hospedava o príncipe Czartoryski, presente também os membros da

²⁷ *Documenti* XXV 198-200, FdB 1084 D11-E1.

²⁸ L. AUBINEAU, *Dom Bosco*, p. 6-18, 38-42.

²⁹ Cf. § 5.

³⁰ Texto em MB XVI 555.

³¹ Cf. “Il Congresso Cattolico di Parigi”, *L'unità cattolica*, n. 113, terça-feira, 15 de maio de 1883, p. 450-451.

³² *Don Bosco*, par un Ancien Magistrat, p. 103-105; “Un discorso di Don Bosco nella Chiesa di S. Agostino di Parigi”, *L'unità cattolica*, n. 119, terça-feira, 22 de maio de 1883, p. 474.

família d'Orléans, à qual pertencia o conde de Paris, o pretendente ao trono em subordem ao conde de Chambord. Após a missa se entretinha com cerca de trinta pessoas, entre as quais Augusto Czartoryski, que ajudara a missa e, após um breve e combativo caminho, far-se-ia salesiano.³³ Em 21 de maio visitava o “Asile Mathilde” para os Incuráveis, celebrava a missa e abençoava os doentes.

Na primeira parte da tarde do mesmo dia recomeçava as audiências nos locais das Oblatas do Sagrado Coração, estando novamente disponíveis, visitava os senhores Josse, proprietários da homônima livraria, e fazia uma conferência na Igreja Saint-Pierre-du-Gros-Caillou. Falou antes o cardeal Lavigerie, bispo de Cartago, que tinha desejado vivamente encontrar-se com o “Vicente de Paula italiano”. Aproveitava a ocasião para convidá-lo a ir com sua família religiosa, “meio italiana e meio francesa”, para a Tunísia; ali tinham se estabelecido tantas famílias italianas e – dizia – “era necessário acolher os órfãos e também todas as crianças privadas do necessário sustento”. Concluía invocando: “Pai dos órfãos da Itália, vinde: eu apelo o vosso coração, que já respondeu à voz da Europa e da América; eis a África que vos apresenta seus filhos abandonados, abrindo-vos os braços. Vossa caridade é tão grande que poderá acolhê-los”.³⁴ Dom Bosco declinava a grande parte dos elogios ouvidos, agradecia e se declarava aberto a algum possível empenho na África, pedia ainda à “caridade francesa, caridade parisiense”, auxílio para obras que se apoiavam todas sobre a caridade.³⁵ Na parte da tarde do dia 22, a convite do Presidente das Conferências de São Vicente de Paula, se encontrava com o Conselho Central, dirigindo-lhe breve alocução. Segundo a ata de 22 de maio, assinada por J. Josse, Dom Bosco, “como antigo membro das Conferências de São Vicente de Paula”, colocava em evidência “todo o bem pelas obras de caridade que brotava da união da Sociedade de São Vicente de Paula com o clero das paróquias”. Falava depois das fundações feitas, dizendo ter vindo a Paris para “aí estabelecer uma nova casa para os pobres meninos abandonados”. “O princípio da educação – acrescentava com acento pedagógico – é ganhar o coração das crianças e obter delas boa conduta e trabalho mediante a afeição que demonstram para com seus professores”. Foram oferecidos 1 mil francos a Dom Bosco.³⁶

No dia 23, no Hotel Fauchier, do irmão de Madame de Combaud, houve uma recepção de despedida a Dom Bosco por parte de numerosos senhores e senhoras. Várias visitas a comunidades e a famílias preencheram os dois últimos dias parisienses. Foi notável a visita ao Collège Stanislas dos maristas, no qual falava a alunos e superiores. Dom Bosco passava, em seguida, a abençoar as alunas do pensionato das Irmãs

³³ J. DU BOURG, *Les entretiens des Princes à Frohsdor*. Paris, Librairie Académique Perrin et Cie, 1910, p. 134-135; MB XVI 226-227. Cf. cap. 34, § 5.

³⁴ Texto em MB XVI 253.

³⁵ Texto italiano e francês em MB XVI 254, 549.

³⁶ *Documenti* XXV 264-265, FdB D10-11; MB XVI 208-209, 499-500.

de Nossa Senhora de Sião. As Carmelitas do Sagrado Coração de Avenue Messine enviaram-lhe, em seguida, a afiliação a seu mosteiro.³⁷

Em 2 de maio, acompanhado pelo padre Rua e pelo padre Baruel, deixava Paris. Em amplo artigo no *L'univers* Léon Aubineau traçava uma densa síntese da permanência de Dom Bosco na “Ville Lumière”.³⁸ No trajeto a caminho de Dijon e Dôle, em uma parada para baldeação, encontrava em Reims Léon Harmel, o amigo de Val des Bois. Em Dijon permanecia de 26 a 29, hóspede do marquês de Saint-Seine. No dia 27, acompanhado pelo padre Rua, celebrava a missa no mosteiro das carmelitas e abençoava a priora Maria della Trinità, enferma, rezando por sua cura. Em 28 de maio ela agradecia a Dom Bosco, enviava-lhe uma oferta de 700 francos e lhe entregava, por meio do capelão, a coleta de 509 francos recolhidos na capela.³⁹ De sua parte, o pregador do mês de maio de Notre Dame de Dijon lhe enviava uma sua oferta, recomendando-se às suas orações por uma longa lista de intenções.⁴⁰ Em Dijon Dom Bosco visitou também o colégio dos jesuítas, onde era dia de primeira comunhão, e diversas famílias religiosas. Na parte da tarde do dia sucessivo fazia uma conferência em Nossa Senhora da Boa Esperança. Em 29 de maio esperava-o em Dôle a família De Maistre. Partiu no dia 30 e, via Modena, chegava a Turim pelas 9 horas do dia 31.

Em 2 de fevereiro de 1884, em discurso sobre a questão social na Câmara dos Deputados franceses, dom Charles-Emile Freppel, bispo de Angers, assim recordava a visita de Dom Bosco a Paris: “Sim, a religião! Na realidade, somente São Vicente de Paula fez para a solução da questão operária de seu tempo mais que todos os escritores do século de Luís XIV e, na hora presente, na Itália, um religioso, Dom Bosco, que vistes em Paris, consegue preparar a solução da questão operária melhor que todos os oradores do Parlamento italiano. Essa é a verdade; isso é incontestável”.⁴¹ O taumaturgo foi entendido também na ótica sociopolítica: principalmente, como fora por ele mesmo sugerido em algumas conferências, pela estrita conexão entre assistência educativa juvenil e regeneração e paz social; mas também, segundo certa imprensa, pelos recônditos motivos que a viagem parisiense de Dom Bosco haveria em apoio a católicos conservadores, candidados às iminentes eleições políticas. Efetivamente, em razão dos grupos de admiradores e benfeitores que se politizavam na França ao redor de Dom Bosco, aos ignaros de sua verdadeira personalidade ele podia parecer aliado com os inimigos da nova república.⁴² A impressão podia consolidar-se por ocasião da viagem

³⁷ *Documenti* XXV 260-261, FdB D6-7.

³⁸ *Documenti* XXV 280-283, FdB A1-4.

³⁹ O texto da carta é reproduzido em MB XVI 563. A priora morria em 4 de novembro de 1889.

⁴⁰ MB XVI 563-564.

⁴¹ *Journal officiel de la République française*. Chambre. Débats parlementaires, 3 de fevereiro de 1884, p. 280 (sessão de 2). Cf. “Mons. Freppel, Don Bosco e gli operai nella Camera dei Deputati francesi”, *L'unità cattolica*, n. 36, domingo, 10 de fevereiro de 1884, p. 142.

⁴² Cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, p. 1172-1176.

a Frohsdorf. Era, de resto, impensável que da outra margem se pudesse interpretar a fatigante corvée de julho somente como gesto de forçada condescendência a pessoas amigas ou de exclusivo valor pastoral.

2. De Paris a Frohsdorf: a política religiosa, social e educativa de Dom Bosco

Dom Bosco voltava para casa no decurso da novena de Maria Auxiliadora, cuja festa fora transferida para 5 de junho. A chegada a Valdocco em 31 de maio foi particularmente festiva. Fora colocada uma grande faixa com a escrita: *Caro Pai, a França te honra, Turim te ama!* Subindo em uma tribuna, ele dirigia breves palavras ao grande auditório de salesianos e jovens, tranqüilizando-os: era sempre ele, mesmo se o chapéu estivesse à francesa, “sempre aquele vosso afeiçoadíssimo amigo – dizia –, até quando Deus permitir um fio de vida”. Depois se dirigia para celebrar a missa na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora.⁴³ De tarde fazia a conferência aos cooperadores, repropoando o tema central do “tour de France”, envolvendo as obras salesianas e a colaboração dos cooperadores em uma ação de indiscutível atualidade e sucesso. Repropunha a mensagem habitual, reconfirmada várias vezes nas semanas precedentes. “Trabalhai para a boa educação da juventude – exortava –, especialmente da pobre e abandonada, que é o maior número, e conseguireis dar glória a Deus, procurar o bem da religião, salvar muitas almas e cooperar eficazmente para a reforma e o bem-estar da sociedade civil; uma vez que a razão, a religião, a história e a experiência demonstram que a sociedade religiosa e civil será boa ou má, conforme a juventude que agora nos rodeia for boa ou má”. Acrescentava, porém, que a ação dos cooperadores, de fato e de direito, não era dirigida somente para o sustento das obras salesianas, mas também para conseguir, “segundo sua finalidade” o “bem-estar moral e religioso dos próprios países”. Sabia, de resto, “como todos” se esforçavam “para o nobre escopo de bem cultivar a juventude”, que tinham “nas próprias famílias, nas escolas e nas paróquias”. Por fim, em harmonia com o espírito do Regulamento, indicava meios e modos práticos a se usar para “o bem da juventude”.⁴⁴ Na tarde de segunda-feira, 4 de junho, fazia a conferência paralela às cooperadoras, mas nela argumentava, sobretudo, em favor do cuidado de meninos e meninas, dos “jovenzinhos, eles e elas”, o lado materno de sua sensibilidade. Aplicava à Virgem Mãe a passagem escriturística: *Si quid est parvulus veniad ad me... Venite, filii, audite me: timorem Domini docebo vos*. “Ela é Mãe”, e as mães amam mais os filhos de tenra idade que adultos. “Maria – dizia – ama de predileção os pequenos porque inocentes e porque mais fáceis a serem seduzidos, e por isso mais dignos de

⁴³ BS 7(1883) n. 7, julho, p. 103.

⁴⁴ BS 7(1883) n. 7, julho, p. 104; cf. *L'unità cattolica*, n. 129, domingo 3 de junho de 1883, p. 514: “Arrivo di D. Bosco a Torino e la Conferenza dei Cooperatori salesiani”.

compaixão, de apoio e de defesa”. Além disso, porque vê neles “o seu Jesus, que passou a infância, a meninice e a juventude sob seus olhos”. Por isso – continuava –, “Maria ama e favorece ainda as pessoas que esperam pelo seu bem-estar espiritual e corporal”, obtendo de Deus “graças singulares e também extraordinárias”. Assegurava que não faltaria a “mercê” prometida pelo Salvador. Disso dava a demonstração reevocando fatos recentes: “Ultimamente na França, em todos os lugares por onde eu passava, em Nice, em Saint-Cyr, em Toulon, em Marselha, em Lyon, em Amiens, em Paris, em Lille, em Dijon e em várias outras cidades, escutava a narração dos favores assinalados, das curas inesperadas, do fim dos litígios e das discórdias que causavam agitação, das conversões suspiradas há vários anos e de tantas outras graças obtidas por intercessão de Maria Auxiliadora por pessoas que se tornavam benfeitoras da pobre juventude”. *Date et dabitur vobis*.⁴⁵

A festa de Maria Auxiliadora teve relevo excepcional. Os solenes ritos foram presididos pelo bispo coadjutor da diocese de Ceneda, dom Sigismondo Brandolini Rota (1823-1908), de antiga família nobre. Permaneceu no Oratório durante quatro dias, encantado pela figura de Dom Bosco, do Oratório, da vida que aí viviam salesianos e jovens. Expressava sua admiração também em dois sermõezinhos vespertinos para a sessão de estudantes, em 7 de junho, e para a sessão de aprendizes, no dia 8, véspera da partida. “Com o coração comovido parto de vós – dizia –, profundamente impressionado pelo que vi. Irei ao Vêneto, e em todos os lugares falarei de Dom Bosco, de seu admirável Instituto, das funções majestosas às quais assisti, de seus jovens”. “Ah! como estaria de boa vontade convosco, viveria a vossa vida!”.⁴⁶ Não era somente uma fantasia. Em agosto pedia a Dom Bosco se o acolheria entre os seus, disposto a depor qualquer insígnia episcopal e exercitar qualquer serviço pastoral que lhe fosse confiado.⁴⁷ Dom Bosco respondia positivamente.⁴⁸ Mas o papa não dava permissão: coadjutor com direito de sucessão, em 1885 bispo, sempre afeiçoado à Sociedade Salesiana, sucedia ao predecessor, dom Cavriani.

Dom Bosco tinha também ocasião de dizer aos ex-alunos, que acorreram a saudá-lo em 24 de junho, sobre os fatos da França. O tema já fora tocado no ano anterior, na mesma reunião dos ex-alunos do Oratório. Tendo-se encontrado em 23 de julho de 1882, o professor Alessandro Favre tinha lido um discurso, depois publicado, *A política de Dom Bosco*.⁴⁹ À época, em seu discurso, Dom Bosco não tinha retomado o tema.⁵⁰ Fazia-o, ao invés, na festa de 24 de junho com explícita referência à recente experiência francesa. “Ultimamente, como sabeis – dizia –, fui a Paris e falei em várias Igrejas em favor de nossas obras e, digamos francamente, para conseguir dinheiro, de

⁴⁵ BS 7(1883) n.7, julho, p. 104-105.

⁴⁶ *Documenti* XXV p. 385-406, FdB 1086 C3-4.

⁴⁷ Cf. texto em MB XVI 567-568.

⁴⁸ A dom S. Brandolini, 16 de agosto de 1883; E IV 232-233.

⁴⁹ A. FABRE, *La politica di Don Bosco*, Turim, Tip. G. Derossi, 1882, 16 p.

⁵⁰ BS 6(1882) n. 9, setembro, p. 149-150.

modo a prover pão e sopa a nossos jovens, os quais jamais perdem o apetite. Ora bem, entre os ouvintes estavam aqueles que aí se dirigiam somente para conhecer as idéias políticas de Dom Bosco”. Mas suas palavras conseguiam imediatamente dissolver as ilusões. Com os ex-alunos ele negava e, ao mesmo tempo, afirmava o valor social e político de sua ação assistencial e educativa. Era uma tal ação que não ameaçava de forma alguma a sociedade, antes a consolidava. “Na verdade – declarava –, com nossas obras nós não fazemos política”, isto é, uma ação partidária e, eventualmente, revolucionária; “nós respeitamos as autoridades constituídas, observamos as leis que devem ser observadas, pagamos os impostos”. Mas a política podia ser entendida também em forma construtiva, e a esta ele não se subtraía. “Mas se assim se quer – afirmava –, nós fazemos também política, mas em modo de todo inócuo, antes mesmo vantajoso para qualquer governo”. Com efeito, “a obra dos oratórios”, no sentido mais estendido, “exercitando-se especialmente como apoio da juventude mais carente, tende a diminuir os desordeiros e vagabundos”; “a diminuir o número dos pequenos malfeitores e dos ladrõezinhos”; “a esvaziar as prisões”; a “formar bons cidadãos”, que serão o apoio das autoridades para “manter na sociedade a ordem, a tranqüilidade e a paz”. “Essa é a nossa política”, concluía, sublinhando um evidente conservadorismo e certa neutralidade política, que acabava recomendando aos próprios ex-alunos.⁵¹

Um acontecimento imprevisto, diversamente vivido e interpretado, tirava Dom Bosco da relativa quietude de Valdocco: a rápida e extenuante viagem ao castelo de Frohsdorf na Áustria, à cabeceira do conde de Chambord. Para ele, à parte a importância do personagem que o convidava para visitá-lo e levar-lhe a bênção de Nossa Senhora, era um caso como tantos outros que nas angústias e na necessidade recorriam a ele. Sentia-se simplesmente um padre que, com alguma resistência por razões de saúde e provavelmente também de oportunidade política, acreditava na força salvadora, além da terapêutica, se esta fosse a vontade de Deus, da intercessão da Virgem Auxiliadora em ordem à salvação temporal e eterna de quem pedia sua proteção. Mas não era assim para os que, próximos ou distantes, então fora de todo realismo razoável, viam no conde de Chambord o legítimo pretendente ao trono da França e a garantia de uma nova restauração moral e religiosa. Eles esperavam do taumaturgo, de suas preces e de sua bênção um milagre, em favor da saúde do protagonista e, ainda mais, da causa católica na França e na Igreja. Semelhantes expectativas, por íntimo liame com seu pai taumaturgo, eram compartilhadas pelo pequeno mundo mais próximo de Dom Bosco, os salesianos do Oratório e das casas próximas, e os católicos turinenses mais que moderados, leitores de *L'unità cattolica* e com ele sintonizados.⁵² Por motivos opostos, e em diversa medida,

⁵¹ BS 7(1883) n. 8, agosto, p. 127-128.

⁵² Cf. entre as dezenas de artigos e noticiários dedicados pelo periódico à doença, à morte e à memória do conde de 4 de julho a 8 de setembro, “D. Bosco a Frohsdorf presso il Conte di Chambord”, “La festa di S. Enrico e D. Bosco al castello di Frohsdorf”, “D. Bosco a Frohsdorf, I trionfi di Maria Ausiliatrice a Torino e a Frohsdorf”, *L'unità cattolica*, n. 165, 167, 168 e 169, terça-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado, 17, 19, 20 e 21 julho 1883, p. 658, 666, 670, 673.

seguiram o acontecimento, desconfiados, polêmicos e mesmo ásperos, os jornais leigos ou laicistas, anticlericais e irreligiosos. Principal porta-voz dessa corrente, em Turim, era o *Gazzetta del popolo*, com artigos de 20 e de 22 de julho.

Em 1º de julho chegavam a Dom Bosco quatro telegramas sobre o estado de saúde do conde Henri de Chambord (1820-1883), vivendo retirado no castelo de Frohsdorf, na Stiria, a 40 quilômetros de Viena, na proximidade da estação de Wiener-Neustadt.⁵³ Após cartas e insistências, em 13 de julho chegava ao Oratório, a mandado do doente, o conde Joseph Du Bourg di Tolosa, o qual, ladeado pelo barão Carlo Ricci des Ferres, acabava convencendo Dom Bosco a partir. Deixava o Oratório na mesma noite com padre Rua, chegando, após interminável viagem à estação de Wiener-Neustadt, às 5 horas da manhã de domingo, 15 de julho, memória de Santo Henrique, onomástico do Conde. Dom Bosco foi logo cumprimentar o doente e depois, com padre Rua, era acompanhado a celebrar a missa. Seguia, depois, um longo colóquio com o doente, dispondo-o a receber em oração a bênção de Maria Auxiliadora. Ao anoitecer aconteceu o jantar, durante o qual o enfermo, em cadeira de rodas, fez uma rápida aparição na sala. O conde vivia um rápido momento de mitigação de seu mal. No dia 16, festa de Nossa Senhora do Carmo, quis que Dom Bosco lhe celebrasse a missa no quarto e recebeu a comunhão de suas mãos. Na manhã seguinte os dois peregrinos celebravam a missa, um às 5 e meia e o outro às 6 horas, e partiam para Turim, onde chegaram no dia 18, pelo meio-dia. O doente experimentou uma demorada aparente melhora. O entrevistador de Dom Bosco de *L'Unità Cattolica*, repercutido por *Boletim Salesiano* de agosto,⁵⁴ após ter feito referência a particulares dos fatos ouvidos de Dom Bosco, comentava: “Ele está bem distante de falar de milagres, mas qualquer que seja a causa, é certo que, antes da chegada de Dom Bosco a Frohsdorf, o conde estava desenganado pelos médicos e não se nutria nenhuma esperança de cura. Os jornais italianos intitulavam as notícias do conde como *o moribundo de Frohsdorf!* Agora ele vai de bom a melhor. Certo, não se pode falar de cura e poderá ainda piorar e morrer; mas os últimos telegramas de Frohsdorf dizem que a melhora continua”.⁵⁵

Voltando ao Oratório, Dom Bosco retomava o trabalho normal. Tinha devido faltar ao encontro dos ex-alunos leigos do Oratório de Valdocco de 15 de julho. Mas não faltava, no dia 19, ao dos ex-alunos sacerdotes. Provavelmente também com relação a polêmicas surgidas ao redor das duas viagens a França e a Frohsdorf, ele tomava firme

⁵³ Cf. cap. 2 § 9. Para a reconstrução de todo o acontecimento é interessante a relação do capelão do conde, padre Curé, enviada a dom Serafino Vannutelli, núncio pontifício na Corte de Viena (texto em MB XVI 571-575); *Viaggio di D. Bosco a Frohsdorf*, ms. autógrafo do padre Rua com uma relação que ficou incompleta (FdB 1.349 C4-9), editado por A. AMADEI, *Il servo di Dio Michele Rua*, vol. I. Turim, SEI, 1931, p. 326-329; J. DU BOURG, *Les Entretiens des Princes à Frohsdorf*, p. 112-169.

⁵⁴ BS 7(1883) n. 8, agosto, p. 130-131.

⁵⁵ “D. Bosco a Frohsdorf, e I trionfi de Maria Ausiliatrice a Torino e a Frohsdorf e viceversa”, *L'unità cattolica*, n. 165 e 169, terça-feira, 17, e sábado, 21 de julho de 1883, p. 658 e 673.

decisão com relação ao que se falava em alguns lugares dos milagres de Dom Bosco. “De algum tempo – observava – vai-se dizendo e também publicando nos jornais que Dom Bosco faz milagres. Isto é um erro. Dom Bosco jamais pretendeu, e jamais falou que fazia milagres, e nenhum de seus filhos deve concorrer para propagar esta falsa idéia. Digamos claramente como estão as coisas: Dom Bosco reza e faz seus jovens rezarem pelas pessoas que se recomendam, a fim de obter esta ou aquela graça, e Deus, em sua infinita bondade, o mais das vezes concede as graças pedidas, alguma vez também extraordinárias e milagrosas (...). A Virgem Auxiliadora, eis a taumaturga, eis a operadora das graças e dos milagres, pelo alto poder que recebeu do seu divino Filho Jesus”. E o usa em particular para ajudar Dom Bosco e suas obras, distribuindo graças aos que as ajudam: por exemplo, “Ela diz ‘Queres ser curado? Então faz a caridade a esses pobres jovens, estende a mão para essas obras, e eu te farei a caridade da cura’”.⁵⁶

No início de agosto Dom Bosco enviava a Frohsdorf uma mensagem-oração escrita em francês no verso de uma imagem de Maria Auxiliadora: “Ó Maria, em honra da vossa Assunção ao Céu, levai particular bênção para vosso filho Enrico e à sua caridosa esposa, e concedei-lhes boa saúde e a perseverança no caminho do Paraíso. Amém. Turim, 4 de agosto de 83”.⁵⁷ Mas o mal, um tumor maligno no estômago, prosseguia inexorável seu curso. Em 14 de agosto Dom Bosco escrevia à mulher do conde, a arquiduquesa Maria Teresa Este, assegurando orações e a lembrança na santa missa “para obter esta graça suspirada: a completa cura do senhor conde de Chambord. Estas nossas orações – prosseguia –, unidas a tantas outras que com o mesmo fim se fazem em toda a Europa, devem sem dúvida ser atendidas, excetuando se Deus, em sua infinita Sabedoria, visse melhor chamar o augusto enfermo para gozar do prêmio de sua caridade e de suas outras virtudes. Nesse caso, diremos humildemente: Assim aprovou a Deus, assim foi feito. Mas eu estou persuadido que ainda não chegamos a esse momento”.⁵⁸ O conde de Chambord, Enrico V de Borbone, morria em 24 de agosto.⁵⁹ Um novo epílogo dos fatos, que tinha envolvido Dom Bosco, se encontrava ainda em sua circunstanciada denúncia contra *Il Secolo*, jornal de Milão, o qual, com tantos outros, tinha avaliado um presumível fato de corrupção acontecido no Oratório, e tinha se excusado com uma forçada e mesquinha retratação.⁶⁰

⁵⁶ BS 7(1883) n. 8, agosto, p. 129.

⁵⁷ *Documenti* XXVI 462-463, FdB 1088 E 8-9.

⁵⁸ E IV 232.

⁵⁹ A partir de 14 de agosto *L'unità cattolica* informava os leitores do progressivo agravamento do doença do conde até à morte: *L'unità cattolica*, n. 189, terça-feira, 14 de agosto de 1883, p. 754: “La salute del Conte di Chambord”; n. 190, quarta-feira 15 de agosto, p. 758: “Notizie del Conte di Chambord”; n. 192, sábado 18 de agosto, p. 767: “Le preghiere di Francia per il Conte di Chambord”; n. 199, domingo 26 de agosto p. 793: “Morte del Conte di Chambord”.

⁶⁰ “*Il Secolo* di Milano e l'Istituto di Don Bosco a Torino”, BS 7(1883) n. 9, setembro, p. 141-145.

Mas agosto reservava a Dom Bosco também um dom inesperado, que tornariam os últimos anos de vida mais serenos. “Não tenho palavras para exprimir o entusiasmo com o qual foi acolhida a nomeação do cardeal Alimonda para arcebispo de Turim – escrevia ao cardeal Nina em 31 de julho –. Fará época na história desta arquidiocese”.⁶¹ Ao novo arcebispo exprimia as felicitações pessoais e da Congregação Salesiana em 2 de agosto, e o prestigiado respondia com grande afeto no dia 5, estando em Castelamare. Pedia orações para a árdua missão, assinando “Afeioadíssimo servo e amigo”.⁶² Nesses dias Dom Bosco, por meio do vigário geral capitular de Turim, declarava-se ao arcebispo de Nápoles, cardeal Sanfelice, disposto a acolher logo dois jovens que ficaram órfãos no desastroso terremoto de 28 de julho de 1883 em Casamicciola, na ilha de Ischia.⁶³ No dia onomástico do cardeal Alimonda, com breves palavras e alguns livros, oferecia-lhe “asomensagens respeitadas de toda a Congregação Salesiana”, unindo aí uma oração a São Caetano, de sua composição. “Obtende-lhe do Senhor boa saúde – invocava –, mas que venha logo entre nós, onde sua grei ardentemente suspira, e se oferece e se coloca em suas mãos para fazer e dizer tudo o que Ele julgar da maior glória de Deus – Oração de Dom Bosco e de todos os salesianos. Turim, 7 de agosto de 1883”.⁶⁴ Depois, no dia 8, fazia rápida viagem a Prato para abençoar um senhor atacado por uma grave doença mental.⁶⁵ Nos dias seguintes *L'unità cattolica* escreveria muito sobre a figura do novo pastor, do Consistório de 9 de agosto e da imposição do pálio no dia 10.⁶⁶ O ingresso na arquidiocese aconteceria em 18 de novembro, com solenidade totalmente religiosa, uma vez que o cardeal, embora agradecido pela disponibilidade do prefeito e da Junta para acolhê-lo oficialmente na estação, sabedor das polêmicas jornalísticas a respeito, como “ministro de paz, de concórdia e de amor”, quis prevenir o “perigo de alguma desordem ou desprazer”.⁶⁷ A celebração do aniversário de Dom Bosco, na data convencional de 15 de agosto, estava particularmente festiva. Nesse ano, padre Rua tinha enviado uma circular-convite para a academia das 18 horas. O aniversário do Pai seria solenizado “por seus filhos com canto, música e composições literárias” e com a distribuição de prêmios aos jovens aprendizes.⁶⁸

3. Terceiro Capítulo Geral salesiano (1883)

Da leitura da documentação sobre os trabalhos do Terceiro Capítulo Geral salesiano, realizado em Valsalice entre a tarde de 2 e a de 7 de setembro de 1883, tem-se a nítida

⁶¹ E IV 228.

⁶² *Documenti* XXVI 464, FdB 1088 E10.

⁶³ A dom Alessandro Vogliotti, 4 de agosto de 1883; E IV 230.

⁶⁴ Carta de 7 de agosto de 1883; E IV 231.

⁶⁵ Cf. carta ao padre Cagliari, 7 de agosto de 1883; E IV 231.

⁶⁶ Cf. *L'unità cattolica*, n. 185 e 186, quinta e sexta-feira, 9 e 10 de agosto de 1883, p. 737 e 741.

⁶⁷ *L'unità cattolica*, n. 269, domingo 18 novembro de 1883, p. 1074.

⁶⁸ *Documenti* XXXVI 467, FdB 1089 A1.

impressão que ele não tenha sido preparado com um estudo adequado às temáticas propostas.⁶⁹ Padre Giovanni Bonetti foi nomeado regulador do Capítulo. Ele anunciou que o Capítulo seria celebrado de 1º a 9 de setembro,⁷⁰ datas que seriam posteriormente reaproximadas. Na carta de convocação os diretores das casas foram convidados a reunir o Capítulo Local, não todos os sócios, e a formular juntos as propostas a serem enviadas ao regulador até o mês de agosto. Para facilitar o trabalho foram unidos à carta os “esquemas das matérias”, que formariam “o principal argumento de discussão”.⁷¹ Mais que esquemas eram simples títulos, oito no total: I. *Regulamento para os exercícios espirituais*; II. *Regulamento para os noviços e para seu estudo*; III. *Regulamento para as paróquias diretas e dirigidas pelos salesianos*; IV. *Cultura dos irmãos coadjutores*; V. *Orientação a ser dada para a parte operária nas casas salesianas e meios de desenvolver a vocação dos jovens aprendizes*; VI. *Normas para a despedida dos sócios*; VII. *Instalação e desenvolvimento dos oratórios festivos nas casas salesianas*; VIII. *Revisão e modificação do regulamento das casas*.⁷²

Entre o que tinha sido expresso pelos Capítulos das casas e as propostas pessoais dos irmãos, as comissões constituídas no Capítulo Geral, de cujos trabalhos restam a respectiva documentação, tinham à disposição abundante material preparatório, em particular dezenas de propostas, na maioria assinadas. Mas era improvável que no breve tempo à disposição entre uma sessão geral e outra, eles estivessem em grau de elaborar documentos susceptíveis de razoáveis votações. Os capitulares tomaram imediatamente consciência do estado imperfeito dos textos a serem discutidos e aprovados, e já na sessão da tarde de 4 de setembro “fez-se observar que não estando as coisas bem preparadas anteriormente, sobre nenhuma matéria se podem realizar coisas corretas, se tenha paciência e se ultimarão as coisas em outro momento. – Agora, porém, disse Dom Bosco, estamos aqui para isto, e não se parte senão após ter feito o que se pode. Aqui está interessada toda a Congregação”.⁷³ A massa dos problemas a serem tratados e resolvidos era efetivamente desproporcional, além do tempo disponível, à preparação dos protagonistas. Alguns títulos, em particular o IV e o V, sobre os coadjutores e sobre a formação dos jovens aprendizes, podiam encontrar algum desencontro no Capítulo precedente, mas sua tematização representava absoluta novidade. Não podiam, por certo, esgotar a discussão em seis dias de trabalho, entre os quais um domingo, levando em consideração também as considerações extemporâneas de Dom Bosco, que jamais

⁶⁹ Cf. *Verbali del Terzo Capitolo Generale tenuto al Collegio Valsalice nel settembre del 1883*, de Giovanni Marengo, e *Note pel Cap. Gen. tenuto a Valsalice nel Sett. 1883*, do padre G. Barberis, ASC D 579, FdB 1863 E7-1864 B3 e B10-C1 e FDB 1864 C10-D8. Além do material preparatório, estão conservados na ASC documentos relativos ao trabalho das comissões, cf. em total sobre o Capítulo Geral III, FdB 1859 B4-1864 D10.

⁷⁰ Minuta e cópia impressa em ASC D 593, FdB 1859 B5-7.

⁷¹ Carta de Dom Bosco, 20 de junho de 1883; E IV 221-222.

⁷² ASC D 579, FdB 1859 B9-12.

⁷³ G. BARBERIS, *Note*, fol. 2v, FdB 1864 D1.

faltavam, e as freqüentes mudanças de rota: com efeito, falou-se longamente do *Boletim Salesiano* e das “monografias” ou crônicas de cada casa. Uma sessão inteira foi ocupada por Dom Bosco para narrar um sonho. Por isso não se publicaram as *Deliberações*. A discussão dos argumentos dos capítulos IV e V foi retomada no Quarto Capítulo Geral, de 1886, que pode ser considerado a continuação do precedente.

O Terceiro Capítulo Geral, contudo, assume um notável significado para a biografia de Dom Bosco, graças à função ativa que ainda pôde desenvolver nele e às idéias que transmitiu aos salesianos, como fundador e superior, sobre temas considerados essenciais para o espírito da Congregação. Estes temas aparecem disseminados nas várias sessões. No quarto e último sua presença, embora significativa em nível simbólico, seria relativamente pobre quanto a contribuições específicas para a solução dos problemas debatidos.

A primeira sessão, na tarde de 2 de setembro, foi ocupada pelos ritos preliminares: eleição de dois secretários, padre Giovanni Marengo e padre Giulio Barberis, designação dos membros das oito comissões, definição do horário das reuniões: das 9 às 12 e das 16 às 20 horas. Na sessão da manhã de 3 de setembro, sob proposta de Dom Bosco, acrescentava-se outra comissão para estudar *os meios de promover a moralidade entre os sócios*. Além disso ele ocupava o tempo para dar “esclarecimentos sobre o espírito das Regras” em relação ao noviciado. Como se sabe, alguns artigos constitucionais estavam ausentes da tradução italiana em posse dos salesianos. Dom Bosco explicitava em termos singulares coisas já ditas: “O santo padre Pio IX disse várias vezes que na formação dos salesianos se tivesse em vista tornar os noviços bons, tal como deveria ser um sacerdote exemplar em meio ao mundo como devem ser também no século, por isso se exigem as obras de piedade que conduzem a esse estado e, ao mesmo tempo, é bom que desempenhem seus trabalhos de forma que se possa conhecer suas disposições”. É preciso, contudo, ter cuidado para que isso não impeça “os exercícios de piedade”. “Sobre o noviciado dos coadjutores, Dom Bosco – registram as *Atas* – ainda assinala como base o que até o momento é feito, isto é, torná-los bons cristãos. E diz: Um noviço pratique bem as regras da casa, as regras gerais da Congregação e cumpra seus deveres religiosos é suficiente. O importante é encontrar quem pense seriamente neles, ajude-os e os guie”.⁷⁴

A sessão da parte da tarde de 4 de setembro foi ocupada, em grande parte, por Dom Bosco para narrar o sonho sobre a América, da noite anterior, após a festa de Santa Rosa de Lima, em 30 de agosto.⁷⁵

No início da sessão da tarde ele tomava a palavra para considerações relativas à separação entre os religiosos salesianos e os externos, homens e mulheres, com a motivação:

⁷⁴ G. MARENCO, *Verbali*, p. 4-5, FdB 1863 E10-11.

⁷⁵ G. MARENCO, *Verbali*, p. 6-7, FdB 1863 E12-1864 A1. Cf. C. ROMERO, *Sogni di Don Bosco*, p. 79-93. Os três manuscritos, resíduos do padre Lemoyne, trazem todas as correções e acréscimos de Dom Bosco; sobre o conteúdo, cf. cap. 34, § 7.

“A Congregação tem necessidade de ser purificada”. “Nenhum estranho – recomendava – seja admitido à mesa comum, para tanto haja um refeitório à parte”. Peremptórias, por razões de moralidade pessoal e de honorabilidade social, eram as indicações, a serem tomadas “em séria consideração”, sobre “fechar a casa a qualquer mulher”: “1) nenhuma durma em casa – precisava –, nenhuma venha a dormir em casa. Mesmo a lavanderia seja separada da casa”; 2) executar “o quanto antes” “o que é estabelecido para separar as irmãs”, “porque é de suma importância”. Para reforçar a recomendação Dom Bosco se referia a uma “visita apostólica” à Congregação, não realizada por intervenção do papa, proposta por alguns, mais precisamente pelo cardeal Ferrieri, a partir de relações chegadas a Roma sobre presumível comportamento impróprio com relação a uma religiosa por parte de um salesiano que freqüentava uma oficina de irmãs. Daí passava a recordar aos diretores o dever de se ocupar da “monografia” ou crônica da própria casa. Entre as várias propostas surgidas no curso da sessão havia também a de “escrever uma carta por ocasião da morte de algum irmão”. Encerrando, Dom Bosco retomava um reflexão que vinha do Primeiro Capítulo Geral sobre a importância das discussões em curso: “Uma das coisas que devemos ter em vista é de que as coisas aqui tratadas devam servir de norma daqui a dez, vinte ou cem anos; devemos fazer como o pintor: aeternitati pingo”.⁷⁶

Na sessão da tarde de 5 de setembro, dedicada aos oratórios festivos, “Dom Bosco – fixava o cronista – insiste para que se siga o antigo regulamento já impresso à parte; que se exige muito pessoal, uma pessoa pode cobrir vários serviços; que se utilizem também os clérigos ou jovens; industriem-se também os diretores para se fazer ajudar pelos cooperadores externos, mas sempre que possível, que se respeite o regulamento”.⁷⁷

Na sessão matutina de 6 de setembro, dedicada ao tema IV, *Cultivo dos irmãos coadjutores* – registram as atas – “Dom Bosco e muitos opinam que se deva mudar” o nome “coadjutor”, “somente se mostra a conveniência que não se dê o nome de coadjutores aos familiares”. Mais adiante, “Dom Bosco observa que é conveniente conservar inteiramente os nomes consagrados pela Congregação dos Bispos e Regulares, Fratres Coadjutores”. Depois, aprovados com várias modificações os cânones que diziam respeito ao *Cultivo dos coadjutores*, passava-se com resultados não precisáveis, à leitura dos estudos sobre o esquema V, *Direcionamento a ser dado à parte operária*.⁷⁸ Se o Terceiro Capítulo Geral não chegou a nenhum documento susceptível de deliberação, contudo já antes da sessão capitular de 1880 um coadjutor tinha apresentado um *Projeto de uma bem regulada administração segundo as exigências atuais do Oratório de São Francisco de Sales na sessão aprendizes* e o conselheiro dos aprendizes tinha evidenciado *Diversas exigências dos aprendizes a ser propostas no Capítulo Superior Geral*. Durante o Terceiro Capítulo Geral, ou em seguida a ele, alguém elaborou as

⁷⁶ G. MARENCO, *Verbali*, p. 8-9, FdB 1863 A2-3.

⁷⁷ G. MARENCO, *Note*, fol. 3v, FdB 1864 D3.

⁷⁸ G. MARENCO, *Verbali*, p. 11-12, FdB 1864 A5-6.

Propostas sobre o direcionamento a ser dado aos aprendizes e meios para desenvolver e cultivar as vocações. Ele chegava, mediante sucessivas redações, ao documento que seria aprovado no Quarto Capítulo Geral, de 1886.⁷⁹

Na sessão vespertina de 6 de setembro, após alguma discussão sobre o desenvolvimento das oficinas de aprendizes, passava-se a tratar do regulamento dos noviços. Dom Bosco retomava o tema, a ele querido, do nome e da natureza do noviciado, cobrindo o próprio pensamento com a autoridade de Pio IX e do próprio Leão XIII. Assegurava: “O santo padre Pio IX recomendou que não se chamasse noviciado, mas com outro nome, porque o mundo não está disposto a receber este nome”; ele “de boa vontade concedeu que os noviços se ocupassem no ano de prova de estudos e de qualquer outra ocupação”; na primeira audiência tida com Leão XIII, o papa tinha confirmado “as concessões feitas por Pio IX”. Mais adiante, “a propósito dos aspirantes – continuam as atas –, Dom Bosco, em confiança, adverte a todos: Não se aceitasse jamais para aspirante ao estado eclesiástico ninguém que tenha certeza ou se tema que tenha tido a desgraça de ter ido em casas de prostituição”. Restava, ao invés, “suspensa” a deliberação de abertura de “um noviciado próprio para os noviços aprendizes”, embora procurando “estabelecer alguma coisa em San Benigno”.⁸⁰

Na sessão matutina de 7 de setembro, deixada “em suspenso a questão das paróquias porque já muito estudada”, abria-se a discussão sobre um regulamento da Associação dos Cooperadores Salesianos. A ela, como se viu, Dom Bosco colocava como premissas várias precisações gerais sobre a natureza dos cooperadores e sobre as formas de promover sua animação e o conhecimento, e sobre a função do *Boletim Salesiano*.⁸¹ Por fim, recomendava que todos, e especialmente os diretores, entendessem o objetivo dos cooperadores, fizessem-no conhecer e o promovessem.⁸²

Houve variadas reflexões prodigadas pelo superior no curso da última sessão, em 7 de setembro, na parte da tarde. Dom Bosco – registram as atas – “recomenda: 1) conhecer e adaptar-nos aos tempos, isso é, respeitar as pessoas; portanto, se deve falar bem das autoridades, e [se] não se pode, que se cale. Se existe alguma razão, que se faça ver privadamente. E aquilo que se diz das autoridades civis, diga-se muito mais da autoridade eclesiástica. Procure-se que se respeite e se faça respeitar, mesmo que se consiga com sacrifício. Esses sacrifícios serão recompensados com o tempo, com a paciência, e por Deus. 2) Até então podíamos ter erguido a cabeça pela moralidade. Agora, por algum imprudente, ficamos um tanto comprometidos, nosso bom nome se restabelece, mas os diretores se esforcem todos, porque somos responsáveis diante do público, para que seja conservada a moralidade. Os meios são as Regras e as Deliberações, as quais

⁷⁹ Cf. J. M. PRELLEZO, “La ‘parte operaiia’ nelle case salesiane: documenti e testimonianze sulla formazione professionale (1883-1886)”, RSS 16(1997), p. 355-368, 373-391.

⁸⁰ G. MARENCO, *Verbali*, p. 13-16, FdB 1864 A7-10.

⁸¹ Cf. cap. 22, § 7.

⁸² Cf. G. MARENCO, *Verbali*, p. 17, FdB 1864 A11.

devem ser observadas por eles e por seus dependentes. Mas para isso é necessário que se conheçam. Por conseguinte, nas duas conferências mensais se procure fazê-las conhecidas. Não se pedem conferências doutas, basta que se leiam e depois se faça uma breve exortação e explicação. As coisas fundamentais que devem ser maiormente inculcadas são a moralidade etc.” Para salvaguardá-la, recomendava o “silêncio absoluto da noite até a manhã” e a cautela nas relações com os externos. E ainda: “Recordar aos irmãos que, faltando a moralidade, comprometemos a casa e a Congregação não somente diante de Deus, mas também diante do mundo. Em face de Deus se perde a alma, em face do mundo, a honra. 3) *Nemo repente fit summus, nemo fit malus*. Portanto atenção aos princípios”: cuidar para “não deixar a meditação e as práticas de piedade”, distanciar-se de certos jornais e das amizades particulares com os jovens. “Eles são pequenos – observava –, não falam, mas depois encontrando-se com os pais dizem, e aumentam se for preciso, com detrimento da estima etc., e da glória de Deus. Certos atos inocentes de afeto para com os juvenzinhos podem ser utilizados pelo superior, mas não por outros e para o final de conduzi-los ao bem”. Passava depois a propor novamente “o sistema preventivo”, quer com relação ao uso dos castigos, quer para as vocações e o bom êxito de toda a educação: o professor “poderá retomar e corrigir, mas jamais castigar corporalmente. Isto diz respeito ao diretor, o qual colocará em prática o sistema preventivo. Acontece muitas vezes que os jovens são menos culpados do que se crê, como demonstra a experiência”. “O diretor – prosseguia – avise, mas jamais em público, jamais diante dos jovens. Face a face, é muito fácil conseguir que se dobrem à vontade do superior e ao sistema preventivo. Frutos: 1) ter-se-á a confiança dos jovens; 2) aumentará o número das vocações; 3) quando saírem serão amigos, caso contrário inimigos; 4) não se tornarão jamais piores, ou se dá bom exemplo, mas não poderá dá-lo mau; 5) pelos superiores das casas não se pretenda ter todos os irmãos perfeitos. Tornem-se seus pais, os ajudem, conduzam-nos à perfeição”; “o diretor exija as regras e jamais trate bruscamente. Ou assim, ou fora. Use a caridade e, se existe alguém que não faça para a casa, se escreva ao superior geral etc. etc. que consertará tudo”. Por fim, a despedida: “Indo para nossas casas saudai os irmãos e todos os jovens. Considerai que a glória da Congregação está em vossas mãos. Tudo está em vossas mãos. O auxílio de Deus não faltará. Tendes em Turim amigos e um pai. Rezai por ele e ele não se esquecerá de vós na santa missa”.⁸³

Era o Dom Bosco de sempre, concreto, ligado à moral prática, atento às condições humanas, pequenas e grandes, que podiam favorecer ou atrapalhar também as mais audazes empresas. Estas, com efeito, o ocupavam no íntimo de seu ser: mente, fé, coração. Não é por acaso que em um Capítulo que voou baixo ele tenha contado o sonho da recente noite de agosto, o segundo sobre as missões da América. Eram “milhares e milhões de habitantes” que esperavam dos salesianos o apoio e a fé.⁸⁴

⁸³ G. MARENCO, *Verbali*, p. 18-21, FdB 1864 A12-B3. O texto da ata do padre Barberis é semelhante (G. BARBEIS, *Note*, fol. 6v-7r, FdB 1864 D7-8).

⁸⁴ Cf. C. ROMERO, *I sogni di Don Bosco*, p. 88.

4. Adendo sobre os coadjutores

Para os coadjutores mais ativos e atentos, bem como para os padres mais sensíveis a seus problemas, puderam fundadamente parecer apressadas as discussões capitulares sobre o tema do coadjutor. Isto se pode mesmo argüir das análises das expectativas, evidenciadas pelas propostas chegadas ao regulador antes do Capítulo, tanto por parte de coadjutores como de sacerdotes mais próximos deles devido aos empenhos de trabalho em escolas profissionais ou em trabalhos administrativos.

O regulador teria podido ler não poucas reclamações em resposta à circular de Dom Bosco de 30 de junho e à própria proposta de 30 de julho.⁸⁵ “Corre voz entre os irmãos coadjutores – escrevia o vice-administrador do Oratório –, que eles são considerados na Congregação como pessoas de pouca importância; e alguém vai além, e diz que os coadjutores salesianos são quais simples servos. Parece-me, porém, útil provar-lhes que isso é errado e que eles são tidos, no manejo dos afazeres da Congregação, como pessoas de grande consideração e iguais em muitas coisas aos sacerdotes, e embora não possam cobrir certos cargos (...), podem ocupar outros, mais ou menos importantes, por exemplo de diretor de oficinas, de provedores e outros aos quais é bom que o chefe seja um secular, para poder tratar mais livremente com o mundo. Depois o Senhor recompensa igualmente no Céu aquele que ocupa um alto encargo como aquele que gasta a vida nos ofícios mais simples; antes, aquele deve temer mais que este”.⁸⁶ “Seria bom – aprofundava o catequista dos aprendizes – que se procurasse o modo de fazer aumentar em algum jovem irmão, seja padre ou clérigo, a tão pequena estima que se tem com relação a eles”⁸⁷. Um diretor cheio de autoridade tocava o tema de sua qualificação e elevação espiritual: “A ignorância gera suspeita e murmuração; vencer esses dois defeitos nos irmãos coadjutores com o trabalho de sugerir em seus corações grande piedade e obediência às regras, tendo todas as semanas uma conferência ilustrativa sobre o estado religioso”.⁸⁸ Outro propunha: “Dar-lhes distinção alguma vez, de forma a romper a barreira que imaginam existir entre os seculares e os sacerdotes”.⁸⁹ Para certo diretor e professor de letras a separação dos coadjutores dos leigos comuns assumia um significado menos benévolo: “Os coadjutores deveriam ser totalmente separados das pessoas de serviço externas, caso contrário, são mais de embaraço que de utilidade, como aqueles que, por ser membros da Congregação, usurpam-se uma

⁸⁵ Capítulo Generale III, ASC D 579, FdB 1.859 B6. Das observações e das propostas chegadas das casas particulares e, em particular, da sessão aprendizes do Oratório de Valdocco apresenta um exaustiva resenha A. PAPES, “La formazione del salesiano coadjutores nel 1883”, RSS 13(1994), p. 169-180.

⁸⁶ P. Serafino Fumagalli, ASC D 579, FdB 1.859 E2.

⁸⁷ P. Anacleto Ghione, ASC D 579, FdB 1.859 E 11.

⁸⁸ Carta do padre Belmonte, diretor em Sampierdarena, ao padre Bonetti, 11 de agosto de 1883; ASC D 579, FdB 1862 A2.

⁸⁹ Padre Giovanni Battista Branda, diretor em Utrera (Espanha); ASC D 579, FdB 1869 B10.

autoridade fastidiosa e se dispensam facilmente de seus deveres”.⁹⁰ Um dos mais qualificados entre estes, irmão dos empresários da construção preferidos por Dom Bosco, visava a uma boa cultura de base dos salesianos leigos e à conseqüente especificação do considerar-se e do ser coadjutor: “Seria muito bom – exemplificava – que se fizesse alguma hora de aula, principalmente porque tantos têm dificuldade em escrever o próprio nome”. “O nome coadjutor não soa bem entre nós; por exemplo, um pobre encarcerado é aceito em casa e se lhe dá o nome de coadjutor... Há muita disparidade de hábitos entre nós, que tem melhor apresentação, veste a moda que mais lhe agrada, o que não se pode obter de um superior, vai com o outro etc. No entanto, vemos tantos figurinos na última moda, com correntes, relógios, pulseiras, luvas, botões de ouro etc. etc.”⁹¹ Ele era apoiado pelo prefeito, ou administrador e vigário do diretor, do Oratório: “Soa-lhes mal esse nome de coadjutor, porque com o mesmo nome são chamadas as pessoas de serviço. Parece que tenham necessidade de muita coragem e que, em cada casa, principalmente no Oratório, exista alguém que cuide deles diligentemente. Nas oficinas tenham sempre o papel principal, mesmo sobre os chefes externos, e possivelmente não se faça tanto conhecer que um assistente de oficina é superior a eles. Seria uma coisa bela se cada diretor lhes fizesse alguma conferência para escutar deles, sozinhos, as necessidades e também as queixas”.⁹² Viu-se que, no Capítulo, Dom Bosco tinha insistido para que a denominação de coadjutor não fosse estendida aos familiares. Muito mais fortes eram as considerações de um coadjutor seguramente equilibrado, Andrea Pelazza, responsável pela tipografia, e de outro, Pietro Barale, muito ativo e inquieto, responsável pela livreria, original também na forma de pensar a estrutura de governo da Sociedade Salesiana como “Sociedade clerical-leiga”.⁹³ Padre Lemoyne, tradicionalista de sangue meio-azul, formulava juízos em grande parte negativos, talvez partilhados por outros: “1) A maior parte destes entram na Congregação somente para mudar estado, movidos pela soberba. 2) A causa precípua de sua ruína é ter dinheiro. 3) Falta de diretor estável ou que possa tomar cuidado deles, portanto deixar de lado completamente as regras. Isso para o oratório. 4) Nas casas particulares, considerados como servidores, sem conferências adaptadas e sem rendiconto, formando como que uma categoria distinta”.⁹⁴

Nesse contexto se situava, e assim se compreende, o breve discurso familiar de Dom Bosco no dia 19, ou melhor, em 29 de outubro, aos noviços coadjutores reunidos em San Benigno Canavese no início do ano escolar.⁹⁵

⁹⁰ Padre Pedro Guidazio, diretor em Randazzo; ASC D 579, FdB 1861 C5.

⁹¹ Coadjutor Giuseppe Buzzetti; ASC D 579, FdB 1859 C9 e C11.

⁹² Padre Secondo Marchisio; ASC D 579, FdB 1860 AS.

⁹³ Coadjutor Pietro Barale (FdB 1859 C1-2, C3-7); coadjutor Andrea Pelazza (FdB 1860 A8 e outro seu documento de 1º de setembro de 1883, FdB 1860 D1-8).

⁹⁴ Padre Giovanni Battista Lemoyne; FdB 1860 E8.

⁹⁵ Sobre a conferência e a sua autenticidade, cf. A. PAPES, *La formazione del salesiano coadiutore*, p. 143-224.

Como se viu, o “Oratório e Internato de San Benigno Canavese” nasceu como oratório festivo, com escolas elementares iniciais, e, desde 1881, com uma incipiente escola profissional, mas sobretudo como noviciado para os clérigos, já numerosos em 1879-1880, com progressivo incremento nos anos sucessivos. De 1881-1882 aí se estabelecia também o segundo ano de filosofia, assim que entre os aprendizes aumentados com o desenvolvimento das oficinas (em 1883 tinha início, embora limitado à impressão, também a dos tipógrafos), os numerosos Filhos de Maria, os noviços e os pós-noviços estudantes do segundo ano de filosofia, a casa tinha cerca de trezentas pessoas. De 1881-1882 padre Eugenio Bianchi exercitava, de fato, para os clérigos a missão de auxílio do mestre padre Barberis, que era diretor da casa; para os noviços coadjutores, desde 1883 era delegado para tanto padre Luigi Nai.⁹⁶ A relação numérica dos noviços clérigos/coadjutores, de 1880 a 1886, assim se configurava: 50/2 (1879-1880), 54/6 (1880-1881), 55/6 (1881-1882), 63/11 (1882-1883), 69/25 (1883-1884), 57/25 (1884-1885), 87/24 (1884-1885), 87/24 (1885-1886).⁹⁷ Em relação a tantos clérigos, noviços e pós-noviços, os coadjutores ainda formados em pobres oficinas, eram deveras um “*pusillus grex*”.

Do discurso de Dom Bosco não se tem um texto redigido imediatamente sobre apontamentos tomados durante seu desenvolvimento, mas um resumo feito em novembro pelo mestre dos noviços titular e diretor da casa, padre Giulio Barberis. Estava presente, contudo, padre Luigi Nai, prefeito da casa, delegado do diretor e mestre dos noviços no cuidado dos coadjutores. No Capítulo Geral de 1922 padre Nai assegurava a autenticidade do discurso e expunha os motivos “que levaram Dom Bosco a falar da forma conhecida. Em tal conferência Dom Bosco deu o conceito exato do coadjutor salesiano, e quis realçar o ânimo desses irmãos pelo fato de alguns deles serem tidos em pouca consideração”.⁹⁸

Dom Bosco parecia querer ressarcir salesianos válidos e ativos, por ele estimados e amados, dos quais não tinha jamais definido reflexamente a figura. Em sua alocação sublinhava que era a primeira vez que ia a San Benigno desde quando aí tinham chegado formalmente os noviços coadjutores aprendizes. Pretendia expor “dois pensamentos”. O primeiro buscava definir o perfil dos coadjutores no interior da Sociedade Salesiana. Seu duplo aprendizado, “a arte” e a “religião e piedade”, obedecia a uma missão precisa. “Eu tenho necessidade de auxiliares. Há coisas que os padres e os clérigos não podem fazer e vós o fareis. Tenho necessidade de poder pegar alguns dentre vós e mandar-vos em uma tipografia e dizer-lhes: tu procura fazê-la ir adiante e bem. De mandar outro a uma livraria e dizer-lhe: dirige e faz tudo para que caminhe bem. De mandar outro ainda em uma casa e dizer-lhe: cuidará dessa oficina ou daquelas oficinas para que

⁹⁶ Cf. A. PAPES, *La formazione del salesiano coadiutore*, p. 186-192.

⁹⁷ A. PAPES, *La formazione del salesiano coadiutore*, p. 195.

⁹⁸ Ata da reunião de 19 de abril de 1922, citado por A. PAPES, *La formazione del salesiano coadiutore*, p. 146.

caminhem em ordem, não falte nada, preveja o que falta para que os trabalhos saiam como devem sair. Em outras palavras, não sois vós que deveis trabalhar diretamente ou afadigar-vos, mas sim os que dirigem. Vós deveis ser patrões sobre outros operários, não como servos. Tudo, porém, com regra e nos limites necessários. Mas vós deveis fazer tudo na direção, como patrões vós mesmos das coisas das oficinas. Essa é a idéia do coadjutor salesiano”. Sua posição e seu comportamento devem responder à dignidade das funções. Eles deviam ter “vestes adaptadas e limpas”, “leitos e celas convenientes”; “porque – insistia – não devem ser servos mas patrões, não súditos mas superiores”. Depois expunha o segundo pensamento, relativo à mais essencial nobreza interior. “Devendo vir desta forma em auxílio em obras grandes e delicadas, deveis adquirir muitas virtudes; e devendo presidir a outros, deveis dar antes de tudo o bom exemplo. Tenho necessidade de que, onde se encontrar um de vós, se esteja certo de que aí estará a ordem, a moralidade, o bem etc., etc., etc. Porque se sal infatuatum fuerit... etc...” “Concluamos portanto como começamos: Nolite timere, pusillus grex: não tendes medo, que o número crescerá. Mas especialmente é preciso que se cresça em boa vontade e energia, e então sereis como leões invencíveis e podereis fazer muito bem. E depois: complacuit dare vobis regnum, reino e não servidão, e especialmente tereis o reino eterno etc., etc., etc.”⁹⁹

Tratava-se, sobretudo, de uma descrição de funções, feita por um operador mais que por um teórico. Nem progressos significativos assinalavam duas de suas intervenções no Capítulo Superior em anos sucessivos. Padre Rua – registra a ata da sessão de 6 de setembro de 1884 – queria que se instituíssem duas classes de coadjutores, considerando não ser conveniente colocar no mesmo plano profissionais qualificados e indivíduos comuns e ignorantes, ainda que bons. Dom Bosco declarava-se decididamente contrário e propunha que se negasse a estes últimos a qualidade de coadjutores, e de utilizá-los como domésticos sem votos.¹⁰⁰ Mais adiante, ao invés, se mostrava reticente sobre o nome: “Dom Bosco – anotou-se – propõe-se que, ao invés de chamar coadjutores os irmãos leigos se busque outro termo como empregados juntos do ecônomo, juntos do prefeito, nas livrarias, etc. etc. Coisa que se deve estudar”.¹⁰¹ A fundação conceitual, em níveis mais apropriados, seria seguida gradualmente nos anos seguintes, sobretudo após a morte do fundador, graças também a uma presença mais significativa de coadjutores de extraordinária riqueza em pessoas, obras e ideais.¹⁰²

⁹⁹ A. PAPES, *La formazione del salesiano coadiutore*, p. 221-222.

¹⁰⁰ G. B. LEMOYNE, *Capitolo Superiore*, fol. 27v, FdB 1881 A6.

¹⁰¹ G. B. LEMOYNE, *Capitolo Superiore*, fol. 66r, FdB 1882 B11, sessão da tarde de 24 de agosto de 1885.

¹⁰² A. PAPES, *La formazione del salesiano coadiutore*, p. 212-215.

5. Os salesianos em Lille e em Paris

Em agosto de 1883 Dom Bosco anunciava à grande benfeitora do Departamento de Aire, perto de Lille, a proprietária de terras Clara Louvet: “O Orfanato São Gabriel em Lille foi aceito pelos salesianos e espero que nos possamos ver mais freqüentemente”.¹⁰³ Esclarecia mais adiante: “A casa de Lille estará em nossas mãos no começo do próximo ano”.¹⁰⁴ Os primeiros contatos foram feitos diretamente com Dom Bosco em sua visita a Lille.¹⁰⁵ Entre 5 e 15 de maio tinha se hospedado em casa de Alfred de Montigny, com o qual tinha se relacionado com o advogado Michel, de Nice. Para o senhor de Montigny Dom Bosco teria depois pedido ao papa o título de conde romano, apresentando-o com estes termos: “Rico e generoso católico de Lille, na França, poderoso promotor das obras católicas, abriu para os salesianos um internato para os pobres meninos (...). O bispo de Cambrai enviou uma recomendação diretamente a V.S.”.¹⁰⁶ Em Lille Dom Bosco foi acolhido festivamente no Orfanato São Gabriel, no qual as Irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo acolhiam há vários anos cerca de sessenta meninos. Estes, chegados aos 16 ou 17 anos, tinham necessidade de educadores mais adaptados à idade e sexo. Em 21 de dezembro de 1883 Dom Bosco já podia comunicar à Louvet: “Neste momento padre Albera e padre De Barruel estão em Lille para fixar o dia da abertura do Orfanato São Gabriel. Nós iremos nos primeiros dias do ano. Por ora não gastem tempo para fundar bolsas nesse orfanato. Cada coisa a seu tempo. Agora temos muitos débitos para pagar, particularmente pela construção de nossa Igreja e de nosso Orfanato de Roma e pelas enormes despesas que devemos afrontar por causa de nossas missões e nossos missionários na Patagônia, entre os selvagens”.¹⁰⁷ O convênio com Lille era estabelecido em 19 de dezembro de 1883 com o inspetor na França padre Albera, e discutido e aprovado na reunião do Capítulo Superior de 16 de janeiro de 1884.¹⁰⁸ Em 24 de janeiro, segunda-feira, chegava a Lille o diretor, padre Giuseppe Bologna, com dois clérigos. Começavam a residir na casa em 29 de janeiro.¹⁰⁹ Dom Bosco informava a Louvet sobre a chegada: “Você perguntou-me quando nossos religiosos chegarão a Lille. Eles começaram segunda-feira [24 de janeiro] desta semana, e todas as vezes que passar na cidade pode sempre parar ou permanecer, como queira”.¹¹⁰ Na sessão

¹⁰³ Carta de 19 de agosto de 1883; E IV 457.

¹⁰⁴ A C. Louvet, 15 de novembro de 1883; E IV 459.

¹⁰⁵ Cf. “La nouvelle maison salésienne à Lille et quelques renseignements sur nos maisons de France”, *Bulletin Salésien* 6(1884) n. 4, abril, p. 31-33; “L’Orphelinat St.-Gabriel à Lille”, *ibid.* n. 12, dezembro, p. 119-120; v. § 1.

¹⁰⁶ Súplica de Roma, 7 de maio de 1884; E IV 260.

¹⁰⁷ *Poscritto* da carta de 21 de dezembro de 1883; E IV 460.

¹⁰⁸ *Capitolo Superiore*, fol. 5r, FdB 1880 B9. O texto da convenção está em MB XVII 771-772.

¹⁰⁹ Cf. Cartas do padre Bologna e de Montigny a Dom Bosco, MB XVII 772-774. Outra carta, quinze dias após a chegada, era publicada do *Bulletin Salésien* 6(1884) n. 3, março, p. 25.

¹¹⁰ A Clara Louvet, 26 de janeiro de 1884; E IV 461.

do Capítulo Superior de 27 de dezembro de 1884 padre Rua lia uma carta do padre Albera, que tinha visitado a obra e visto como padre Bologna aí fazia “milagres de progressos”.¹¹¹ Realmente ele tinha levado a Lille o espírito assimilado em Valdocco.¹¹² A Louvet aí fundava cinco lugares gratuitos para órfãos. E Dom Bosco começava logo a mover a opinião pública para chegar à implantação de oficinas de artes e ofícios, realizada dois anos depois.¹¹³

Também para a presença dos salesianos em *Paris* fora determinante a triunfal presença de Dom Bosco entre abril e maio de 1883.¹¹⁴ Para uma futura presença efetiva tornaram-se apaixonados e ativos promotores em várias formas junto de Dom Bosco dois personagens de grande sensibilidade social e de extraordinário prestígio: conde Amable-Charles Franquet de Franqueville (1840-1919) e dom Maurice Le Sage d’Autreroche d’Hulst (1841-1896), fundador em 1876 e diretor até à morte do Instituto [Universidade] Católico de Paris, desde 1875 vigário geral da Arquidiocese de Paris e arqui-diácono de Saint Denis. Conde de Franqueville iniciava já em junho de 1883, o qual, encorajado basicamente por Dom Bosco, apresentava várias propostas. Os desenhos de uma provável sede, prevista entre Saint-Omer e Saint-Denis, eram examinados pelo Capítulo Superior na sessão de 5 de maio de 1884. Feitas algumas observações, os capitulares encarregavam o ecônomo geral, padre Sala, de ir até lá para esclarecer alguns detalhes, mas não se chegou a nenhuma conclusão.¹¹⁵ Os desejos dos amigos parisienses e de Dom Bosco eram, ao invés, assumidos pelo sacerdote Paul Joseph Pisani (1852-1933), desejoso de dar segura continuidade ao *patronage* juvenil por ele fundado em 1877 no popular e difícil bairro de Ménilmontant. A soma de 200 mil francos era necessária para a aquisição de toda a propriedade com um terreno de 4.600 metros quadrados e sua denominação como sociedade anônima formada por Dom Bosco, Conde de Franqueville e outros amigos franceses. Dom Bosco ilustrava o projeto na reunião do Capítulo Superior de 12 de setembro de 1884. Padre Durando era convidado a ir a Paris com o padre De Barruel e, após um profícuo encontro com

¹¹¹ *Capitolo Superiore*, fol. 53r, FdB 1881 E9.

¹¹² Cf. a carta a Dom Bosco de 1º de agosto de 1885 e o artigo “Lille. Une promenade générale de 100 orphelins de St. Gabriel”, publicado no *Bulletin Salésien* 7(1885) n. 8, outubro, p. 101 e 104-105; “La distribution des prix à l’Orphelinat Saint Gabriel de Lille”, *ibid.*, n. 9, setembro, p. 120-121; “L’Orphelinat Saint Gabriel à Lille (Nord)”, *Bulletin Salésien* 8(1886) n. 2, fevereiro, p. 22.

¹¹³ Cf. *Bénédiction des nouveaux bâtiments et ateliers de l’Orphelinat S. Gabriel rue Notre-Dame 288 à Lille, le 5 Juillet 1886*, *Bulletin Salésien* 8(1886) n. 8, outubro, p. 91-93.

¹¹⁴ Cf. sobre os acontecimentos da aquisição do *Patronage Saint Pierre* do padre Paul Joseph Pisani e de seus imediatos desenvolvimentos no *Oratoire Saint Pierre et Saint Paul* em Paris, Y. LE CARRÉRÈS, “Don Bosco et les salésiens à Paris; de l’Oratoire Saint Pierre-Saint Paul au Patronage Saint Pierre (1884-1945)”, in: F. MOTTO (org.) *L’Opera Salesiana dal 1880 al 1922*, vol. II, p. 239-256.

¹¹⁵ Cf. *Capitolo Superiore*, 5 de maio de 1884, fol. 1 1r, FdB 1880 C9.

dom d'Hulst e padre Pisani em 23 de setembro, relatava tudo ao Capítulo Superior na sessão de 29 de setembro. A aceitação era coisa feita. Conde Franqueville não deixava faltar seu apoio, e também a condessa inglesa Stackpoole colocava a disposição 40 mil francos.¹¹⁶ Por pressão do padre Ronchail, que pedia que se chegasse à uma conclusão, e do próprio padre Pisani, nas sessões de 1º e 5 de dezembro de 1884 o Capítulo discutia e aprovava os contratos e dava a ordem ao padre Albera de dirigir-se a Paris para assinar o contrato e chamar imediatamente o diretor, o salesiano francês Charles Bellamy.¹¹⁷ O novo diretor aí chegava com o muito jovem noviço Léon Beissière (1869-1853). A acolhida era calorosa, em particular por parte de dom Maurice D'Hulst. Dom Bosco o agradecia com uma carta reconhecida, pedindo que “considerasse as casas salesianas como totalmente suas”, convidando-o a ir a Turim. Concluía: “Peço-lhe que continue sua eficaz proteção à casa recém-aberta em Paris, e de apoiá-la com os conselhos e com os meios que julgará oportunos em sua sabedoria para a maior glória de Deus e a salvação das almas”.¹¹⁸ Contento além da conta estava padre Pisani, que via colocado em mãos confiáveis o *Patronage*, iniciado com tanto zelo e mantido juntamente com um grupo de jovens leigos bem preparados.¹¹⁹ Uma semana depois, Dom Bosco enviava ao padre Bellamy o texto de uma circular aos cooperadores parisienses, para que fosse corrigida e enviada: Dom Bosco cuidaria da impressão. Entre outras coisas escrevia: “Por agora nos limitamos a um Patronato Dominical e à acolhida de alguns jovens entre os mais pobres e abandonados. Mas, com o auxílio do Bom Deus e com o apoio de vossa caridade, espero que poderemos aumentar o número dos alunos e auxiliar em mais vasta proporção a querida juventude desta grandiosa capital. Uma discreta habitação com devota capela, um local para as escolas e um pátio para a recreação já foram comprados, mas em grande parte estão ainda para ser pagos”.¹²⁰ Após seis meses, o valente diretor padre Charles Bellamy (1852-1911) traçava, desde seu início, um elogioso quadro de atividades. Falava dos jovens do patronato ou internato, da obra da quinta-feira para os estudantes, da obra do domingo para os aprendizes, da Congregação da Beata Virgem, das “Pequenas Conferências de São Vicente de Paula”, das escolas vespertinas cotidianas para jovens trabalhadores, por fim do “catecismo à tarde para os adultos”. Ele recordava, ao mesmo tempo, as variadas atividades recreativas, dedicando no final um fugaz aceno ao Orfanato, “do qual – escrevia – estamos encarregados, e

¹¹⁶ Cf. *Capitolo Superiore*, 12 de setembro de 1884, fol. 32v-33r, FdB 1881 B4-5. Dom Bosco escreverá, de Marselha, à condessa Stackpoole, em 5 de abril de 1885, com significativo reconhecimento: “Por obra da senhora existe a casa de Paris” (E VI 322).

¹¹⁷ Cf. *Capitolo Superiore*, fol. 47v-49v, FdB 1881 D10-E2. A respeito da figura singular de Charles Bellamy, homem de ação, apóstolo e místico, cf. Y. LE CARRÈRES, *Fidèles en amitié: les lettres de Charles Bellamy à Julien Dhuit (1883-1911)*. Paris, Maison Provinciale Salésienne, 2002.

¹¹⁸ Carta de 10 de janeiro de 1885; E IV 309.

¹¹⁹ Cf. “La première maison salésienne à Paris”, *Bulletin Salesien* 7(1885) n. 1, janeiro, p. 5-6;

¹²⁰ Circular de 20 de janeiro de 1885; E IV 311.

onde se trabalha com nossa grande consolação”.¹²¹ Com efeito, aos externos foram juntados os primeiros internos, com a abertura, entre 1886 e 1887, das oficinas dos marceneiros, sapateiros e alfaiates, chegando-se a trinta hóspedes. No entanto, como sinal de reconhecimento para a grande benfeitora condessa Cessac-Montesquiou, que tinha perdido um filho de nome Paulo, o Patronato, chamado Oratório em analogia ao de Turim, recebia o duplo patrocínio de São Pedro e São Paulo.

6. Segunda obra salesiana na Espanha: Sarriá-Barcelona

Como se viu, a fundação de um Instituto de *Artes y Oficios* em Sarriá, nas proximidades de Barcelona, fora preparada de longe pelo culto e combativo diretor da *Revista popular*, padre Félix Sardá Salvany, que já em 1880 nela tinha escrito quatro longos artigos sobre *Dom Bosco e as oficinas cristãs*.¹²² Declarava-se satisfeito pela acolhida favorável reservada à apresentação da obra de Dom Bosco e em particular do “admirável instituto *Talleres cristianos*”. Estava persuadido de que, em face de uma situação social apocalíptica, dominada por ricos egoístas e fechados, fosse urgente cooperar para a difusão destas instituições, que constituíam uma verdadeira anti-Internacional, realidade nova, diversa, atual. Obra do gênero teria encontrado a sede mais adaptada em uma região como a Catalunha, onde estava em pleno desenvolvimento a indústria têxtil. A *Revista popular* continuava depois a franquear os salesianos, servindo-se do Boletim Salesiano italiano e francês, fazendo-se eco em 1882 do *Don Bosco* de d’Espiney, de 1881.¹²³ Em junho de 1882 a Associação de Católicos da metrópole catalã deliberava a nomeação de Dom Bosco como seu sócio, o qual respondia aceitando de bom grado e agradecendo.¹²⁴ No mesmo ano entrava em cena para tornar efetivos os sonhos e desejos a nobre senhora Dorotea de Chopitea de Serra, que ficara viúva em 1882, no cinqüentenário de matrimônio, e desejando recordar o marido com uma obra consagrada a ensinar alguma profissão a jovens órfãos, pobres e abandonados. Tendo conhecido os salesianos em Utrera por meio do marquês Ulloa, escrevia ao diretor do colégio, padre Branda, para obter informações sobre obras salesianas. Após se informar, em 20 de setembro de 1882 escrevia a Dom Bosco, manifestando o propósito de contribuir para fundar nos arredores de Barcelona um instituto de “Artes y Oficios”, dirigido pela Sociedade Salesiana. Reescrevia em 12 de outubro para que Dom Bosco fosse pessoalmente ou mandasse um outro salesiano competente para tratar do projeto.¹²⁵ Foram

¹²¹ BS 9(1885) n. 7, julho, p. 98-100, “Lettera parigina” (de 12 de maio de 1885).

¹²² *Revista Popular* 10(1880) n. 517, 519, 521, 525, p. 297-301, 329-333, 361-364, 401-404.

¹²³ Cf. R. ALBERDI, *Una ciudad para un santo* p. 70-73; R. ALBERDI; R. CASANOVAS, *Martí-Codolar: una obra social de la burguesía*. Barcelona, Obra Salesiana Martí-Codolar, 2001. Sobre Ch. d’Espiney, cf. cap. 26, § 5.

¹²⁴ R. ALBERDI, *Una ciudad para un santo*, p. 115-116.

enviados padre Cagliari e padre Albera. Concluiu-se rapidamente. A senhora adquiriu um vasto terreno em Sarriá, perto de Barcelona, e fez transformar a vila dos proprietários em edifício para o internato com algumas *oficinas*, humildes no início, mas de desenvolvimentos promissores. Para o controle dos trabalhos padre Branda esteve um mês em Barcelona, onde voltava em 15 de fevereiro de 1884, como diretor, além de dois salesianos destacados da casa de Utrera. Dom Bosco tinha informado a respeito na conclusão da carta, já citada, de 31 de janeiro de 1884: “De Barcelona nos repetem as instâncias para que se vá abrir a casa, que já é nossa, porque, dizem, um número considerável de pobres jovens já estão à porta batendo para que se lhes abra; faltam somente os salesianos que dela cuidem. – Como vê V.S., não se pode mais retardar longamente. Assim, tomadas as deliberações, daqui a poucos dias dividirei o meu pessoal de Utrera e, com um grupo suficiente, partirei para abrir a casa de Barcelona. A seu tempo eu lhe escreverei”.¹²⁶ Em 28 de fevereiro o Capítulo Superior dava sua aprovação.¹²⁷ Na metade do primeiro ano de atividade o diretor, além de dar notícias, dirigia a Dom Bosco o explícito convite para visitar Sarriá. “Nossa casa do *Niño Jesús* – escrevia em 16 de fevereiro de 1885 – continua a desenvolver-se de modo normal e progressivo. Os jovens são espertos, inteligentes, muito ativos e dão sinal de inesperado adiantamento nas letras e nas artes. A piedade floresce e aumenta todos os dias em suas almas ardentes, e o desejo de ver a S. V. R. chegar finalmente a Barcelona os estimula fortemente a progredir na virtude. Eles, com efeito, esperam que uma vez ou outra Dom Bosco virá visitar esta sua casa. Dizem: de Marselha a Barcelona não existe pois uma grande distância e nós rezaremos ao Senhor para que Dom Bosco possa fazer esta viagem sem ressentir na saúde. Se Dom Bosco viesse, veria quantas festas alegres e como, sem conhecê-lo pessoalmente, estes bons jovencinhos o amam”.¹²⁸

Em agosto de 1885, preocupado com a difusão do cólera na Espanha, Dom Bosco encorajava padre Oberti em Utrera e padre Branda em Sarriá e os convidava a abrir a casa para eventuais emergências. “Enquanto nós nos submetemos à vontade divina – escrevia –, não perdemos a coragem. Deus está sempre conosco; e todos os salesianos estão prontos a qualquer sacrifício para socorrer. Se por acaso te encontres na necessidade para ajudar as crianças órfãs do cólera, dize-me e buscaremos a forma para socorrê-las. O mesmo pretendemos fazer para a França e para a Itália, onde até o momento, graças ao Céu, estamos ilesos do terrível flagelo; ao menos nós até o momento”.¹²⁹

¹²⁵ O texto desta encontra-se em MB XVII 770-771.

¹²⁶ BS 8 (1884) n. 3, marzo, p. 41.

¹²⁷ *Capitolo Superiore*, 28 de fevereiro de 1884, fol. 8r, FdB 1880 C3.

¹²⁸ BS 9 (1985) n. 4, aprile, p. 52-53.

¹²⁹ Ao padre Oberti, 10 de agosto de 1885; E IV 330-331; cfr. carta ao padre Branda do mesmo dia e ao padre Albera, inspetor na França, do dia precedente: 9 e 10 de agosto 1885; E IV 329-330, 331-332. Nos mesmos dias escrevia importantes cartas também a Dom Cagliari e ao padre Costamagna: cfr. cap. 33, § 2.



Capítulo XXXII

CONSOLIDAR AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS DOS AGENTES SALESIANOS (1883-1885)

- 1884 janeiro: início da redação das *Memórias desde 1841*
fevereiro: doença de Dom Bosco
1º de março a 3 de abril: na França meridional
abril: *Boletim Salesiano* sobre a saúde de Dom Bosco
14 de abril: chegada a Roma
14 de maio: partida de Roma
28 de junho: decreto de concessão dos privilégios
julho: intervenções nas reuniões do Capítulo Superior
intervenções sobre o sistema preventivo com os ex-alunos
19 de julho a 22 de agosto: em repouso na casa de montanha do bispo de Pinerolo
setembro: viragem nas *Memórias desde 1841* – testamento previsões de morte
24 e 28 de outubro: anúncio da vontade do papa sobre a designação do sucessor ou de um vigário
27 de novembro: rescrito papal com a nomeação do padre Rua como vigário e sucessor
- 1885 24 de março a 27 de abril: viagem à França meridional
6 de maio: retorno ao Oratório
8 de dezembro: comunicação oficial da nomeação papal do vigário sucessor

Não obstante os problemas de saúde, o ano de 1884 é para Dom Bosco produtivo, seja em relação aos dois Institutos religiosos fundados por ele e, em diferente medida, às obras juvenis, seja em relação à animação pedagógica e espiritual dos salesianos. Toda a segunda metade de setembro, na qual, por sua indisposição as sessões do Capítulo foram presididas pelo padre Rua, todas as outras – trinta e uma em 1884 – exceto obviamente a de 5 de maio, acontecida quando ele se encontrava em Roma, tiveram nele o presidente e regulador atento e participante. E está sempre ativo no governo da Congregação, embora com intensidade diminuída, sobretudo durante as férias de trinta dias em Pinerolo, mantendo-se informado, interrogado e secundado pelo colaboradores. Os acontecimentos capitais evidenciam tal fato: as duas viagens na França mediterrânea, nos primeiros meses de 1884 e de 1885, a obtenção dos privi-

légios, a gradual e tranqüila continuação após a nomeação do vigário, a relativa consolidação estrutural e jurídica do Instituto FMA,¹ a discussão sobre projetos de fundação de novas obras juvenis, a constante reafirmação da espiritualidade educativa dos salesianos, consagrados e cooperadores.

1. Prenúncios de declínio físico entre 1883-1884 e novas *Memórias*

Entre os inícios de 1883 e o surgimento de 1884 caminhava-se para o término do longo período de máxima vitalidade física de Dom Bosco. Intervinha um progressivo declínio físico, ainda que com altos e baixos, com diminuição do dinamismo, em proporção inversa com sua notoriedade, que se estendia em círculos sempre mais vastos, com manifestações de estima e de veneração do padre educador, do agente social, do santo. Para tanto, era de excepcional sustento a discreta, eficaz e concorde colaboração do homem de sua máxima confiança, padre Michele Rua, filho submisso e devoto, em breve vigário para todos os efeitos, com plenos poderes. Até o fim, sem jamais dobrar-se, ele fez com que o fundador fosse reconhecido, sempre e por todos, como o superior maior na plenitude de sua autoridade paterna. E efetivamente, Dom Bosco foi reconhecido tal também pelos cooperadores, pelos benfeitores e admiradores, pelas autoridades civis e religiosas. De outro lado, enquanto as forças físicas lhe consentiram, ele continuou a manter com todos as mais cordiais e perseverantes relações pessoais e epistolares.

No último quadriênio as referências ao cansaço e aos incômodos físicos pelo trabalho e doenças sofridas se sucedem com particular freqüência, reservadas em grande parte a benfeitores e benfeitoras que ele sentia mais próximos.² Os novos distúrbios físicos – anemia, disfunções hepáticas, infecções bronquiais, distúrbios circulatórios – acrescentavam-se ao enfraquecimento da vista e ao acentuar-se da cifoze, já iniciada no princípio de 1883, que o obrigaria, entre 1885 e 1886, a caminhar apoiando-se no bastão e, entre 1886 e 1887, a recorrer ao apoio de seus acompanhantes, entre outros do jovem e robusto secretário, Carlo Viglietti. Não são, contudo, raros os momentos nos quais Dom Bosco, esquecido dos próprios males, se preocupa mais pela saúde de seus correspondentes do que pela própria.

Ateve-se em particularmente a algumas presenças de família: os pequenos sermões aos jovens, ainda que raros, a participação nas conferências aos cooperadores, os encontros com os ex-alunos, as reuniões reservadas aos alunos da quarta e quinta ginasial, dos quais gostava de ser o confessor privilegiado e o conselheiro experimentado sobre a escolha vocacional. Dom Bosco estava ainda presente como protagonista em

¹ Cf. cap. 29, § 4.

² Muitas das confidências aos correspondentes foram elencadas no volume *Il sistema preventivo di Don Bosco*. Zurique, PAS-Verlag, 1964, p. 114-116.

alguns acontecimentos, antigos e novos, de particular relevo. São objeto de fragmento de crônica, que se torna mais pontual desde quando Carlo Viglietti, ainda estudante de teologia, em 20 de maio de 1884 foi chamado definitivamente para Turim como secretário para todas as coisas, enquanto, desde o outono de 1883, padre Lemoyne estava a seu lado como secretário de nome, além de ser do Capítulo Superior.

Também o *Boletim Salesiano* dava, de vez em quando, notícias sobre ele e algumas vezes, um tanto quanto parcimoniosas, do que dizia respeito a seu estado de saúde. Elas começaram a transparecer sobretudo depois das viagens realizadas, entre fevereiro a julho, à França e a Frohsdorf. Ele mesmo, de resto, após um período de notável cansaço e algum incômodo entre o final de 1883 e o começo de 1884, confessava: “Eu termino logo, porque meu estômago está muito cansado”, escrevia a um sacerdote no começo de janeiro;³ e a uma benfeitora: “Minha saúde não é má, mas não está muito boa. Sinto-me sempre muito cansado”.⁴ O problema da precária saúde de Dom Bosco emergia claramente na sessão do Capítulo Superior de 28 de fevereiro de 1884. O secretário, padre Lemoyne, registrava: “Dom Bosco dá o encargo a padre Bonetti de escrever a carta ao padre Dalmazzo e comunicar-lhe que ele, embora não podendo nem mesmo ficar em pé por causa da enfermidade, tenha que ir à França para obter socorros para suas obras”.⁵

Fortunadamente, porém, o mês de janeiro de 1884, para ele e para os seus, foi marcado e concluído por acontecimentos consoladores e asseguradores, desejados há muito tempo.⁶ O cardeal Alimonda já tinha estado na Igreja São João Evangelista em 27 de dezembro, festa do Apóstolo, aí celebrando a missa matutina e dirigindo ao povo “breves, mas ardorosas palavras” na preparação da santa comunhão.⁷ O arcebispo presenteava, depois, a Dom Bosco e ao Oratório, em 15 de janeiro pela manhã, uma visita tão inesperada quanto afetuosa.⁸ No dia 24 estava em Valsalice para a festa antecipada de São Francisco de Sales.⁹ As demonstrações de sincera amizade para com Dom Bosco e sua Congregação chegavam ao ponto mais alto no dia 29, quase inteiramente dedicado à cidadela de Valdocco. O cardeal, que tinha celebrado a missa da comunhão no mosteiro das religiosas da Visitação, fundadas por São Francisco de Sales, assistia pontificalmente na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora a missa solene, que a *schola cantorum* do Oratório secundava e sublimava com a música de Luigi Cherubini. No final do almoço foram-lhe dedicados cantos e homenagens de jovens e brindes,

³ Ao padre De Agostini, 4 de janeiro de 1884; E IV 248.

⁴ À condessa Bonmartini, 4 de fevereiro de 1884; E IV 253.

⁵ *Capitolo Superiore*, fol. 8r, RdB 1883 C3.

⁶ Deles fazia eco o *Bollettino Salesiano* de fevereiro: “La benevolenza dell’arcivescovo di Torino onore e conforto dei salesiani”, BS 8(1884) n. 2, fevereiro, p. 21-22.

⁷ BS 8(1884) n. 1, janeiro, p. 6-7.

⁸ *L’unità cattolica*, n. 16, sexta-feira, 18 de janeiro de 1884, p. 62.

⁹ *L’unità cattolica*, n. 23, sábado, 26 de janeiro de 1884, p. 90.

antes de tudo pelo prior da festa, o col. Rocca, e por um sacerdote cooperador. Também Dom Bosco falava, com o coração cheio de reconhecimento pelo arcebispo, convidando todos para o almoço das suas bodas de ouro em junho de 1891. Não faltaram as brincadeiras de Carlo Gastini. À tarde, o cardeal dava a solene bênção eucarística, querendo Dom Bosco a seu lado, que aceitava, embora com dificuldade de “caminhar e subir os degraus do altar”. O purpurado aceitava também o convite para a representação teatral, deixando o Oratório à noite entre as luminárias e os vivos dos jovens.¹⁰ Em seu caderno de apontamentos, *Recordações de escrivãinha*,¹¹ o confiável padre Lemoyne, em 19 de janeiro anotava: “Cada minuto deste dia é para mim um triunfo e uma consolação. Desde a morte de Franson, Dom Bosco não teve mais amigos do coração como Alimonda”.¹²

Nos mesmos dias, porém, manifestava-se uma sensível flexão nas condições de saúde e em fevereiro uma queda brusca. No momento mais cruel do inverno, na tarde de 31 de janeiro, muito cansado, ele tinha ido visitar os noviços de San Benigno. Não podia encontrar, pelo seu estado físico, pior inimigo que o frio úmido e cortante de Canavese. Retornava nada bem ao Oratório.

A partir desses dias a vida de Dom Bosco se desenvolvia com crescente intensidade entre reconhecida visão do passado e meditação da morte para si, e testamento projetado para o futuro para os discípulos. Ele mesmo ajudava a interpretá-lo nesse sentido através de um documento, iniciado provavelmente na alba do novo ano e continuado, com intermitência, nos meses e nos anos seguintes. O secretário o tinha visto várias vezes em suas mãos, como transparece do que lhe teria dito quatro anos depois, em 24 de dezembro de 1887. “Padre Viglietti – sussurrava-lhe às 22h30, pouco antes de receber o sacramento dos enfermos –, olha, em minha mesa há um livrinho de memórias, tu sabes do que falo, procura apanhá-lo e entrega-o ao padre Bonetti, para que não vá parar nas mãos de qualquer pessoa”.¹³ Era o manuscrito composto, confiado a um caderno-agenda de contabilidade de 308 páginas, com o título original *Memórias de 1841 a 1884*, depois prolongado em (...) *1884-5-6-*; não acrescentou o 7.¹⁴ As variações dos conteúdos, dos tinteiros e da grafia, as tantas páginas deixadas em branco (p. 94, 105, 106, 116, 129-266) para hipotéticas e não realizadas inserções posteriores, deixam pressupor também variações de intenções, sugeridas por imprevistos acontecimentos da vida. Nas primeiras, com efeito, quase complemento das *Memórias do Oratório*, Dom Bosco escrevia brevemente de sua ordenação sacerdotal e dos propósitos então formulados, fazendo seguir indicações sobre a confissão dos meninos e sobre o cuidado

¹⁰ “Tre preziose visite del cardinale Alimonda”, BS 8(1884) n. 2, fevereiro, p. 21-27; *L’unità cattolica*, n. 29, sábado, 2 de fevereiro de 1884, p. 114.

¹¹ Nell’ASC A 0060803.

¹² G. B. LEMOYNE, *Ricordi di gabinetto*, p. 37.

¹³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dicembre 1887 al 31 gennaio 1888*, p. 8-9.

¹⁴ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 73-130.

das vocações. Recordava então os benfeitores em geral e os “insignes”. Mas, continuando em estado precário de saúde, preocupava-se em elencar muitos em particular e de assegurar-lhes seu reconhecimento e prece, também depois da morte. Era uma primeira reviravolta, que se acentuava depois em setembro. Pelas anotações precedentes fixava-se uma data bem precisa. “Estes – escrevia – são os nomes de alguns de nossos mais notáveis benfeitores no dia de hoje, 8 de fevereiro de 1884”, data em seguida modificada em 1885, quando teria feito correções também no texto.¹⁵

A mudança se manifestava nos fatos e nos documentos. Dom Bosco retornava de Canavese com uma séria bronquite, acompanhada por inquietantes escarros de sangue. De 9 a 12 de fevereiro praticamente devia ficar no leito grande parte do dia, com fraqueza do batimento cardíaco e dificuldade de respiração.¹⁶ “Meu peito sente um pouco de fadiga, rezem por este pobre padre”, confiava a Claire Louvet.¹⁷ Em 18 de fevereiro encontramos anotado que Dom Bosco tinha preparado a circular que, depois de sua morte, o sucessor deveria enviar aos cooperadores. Mas não se tem notícia da mesma.¹⁸ Parece, contudo, que a viagem projetada à Costa Azul não encontrasse obstáculo em suas condições de saúde, antes pudesse ser um remédio para a mesma. É quanto sugeriria a dois insignes benfeitores. “Minha saúde está um pouco conturbada – escrevia ao conde Colle – e eu estou ainda prisioneiro em meu quarto, mas os médicos me dizem que no mês de março poderei fazer, e farei sem dúvida, uma viagem ao sul da França”;¹⁹ e ainda: “Os médicos me disseram de ir para nossas casas do sul e sábado, se Deus quiser, partirei para Nice com padre Barberis”.²⁰

Porém, antes de empreender sua viagem de pedinte à Ligúria e à França, e daqui de novo à Ligúria e a Roma, vistas as preocupações do médico que cuidava dele, doutor Giuseppe Albertotti, na tarde de 29 de fevereiro, ditava seu testamento.²¹ Partia no dia seguinte, com padre Barberis como secretário, e viajava com as seguintes datas: 1º a 3 de março em Alassio, fazendo pernoite em Mentone, 4 a 12 em Nice, 12 a 13 em Cannes, 13 a 15 em Lyon, 15 a 25 em Marselha. Retornava à Itália, passando por Toulon no dia 26, em Navarre de 27 a 30, em Castille e no Castello da Bastide em 30 e 31, em Antibes em 1º de abril e Nice no dia 2. Na tarde do dia 3 estava de novo na Ligúria, em Alassio.

No itinerário para a França, a conferência dos cooperadores de 2 de março em Alassio, por indisposição de Dom Bosco, foi feita pelo diretor do colégio, padre Cerruti.

¹⁵ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 97, n. 1.

¹⁶ G. B. LEMOYNE, *Ricordi di gabinetto*, p. 49-52.

¹⁷ Carta de 14 de fevereiro de 1884; E IV 462.

¹⁸ G. B. LEMOYNE, *Ricordi di gabinetto*, p. 57; *Documenti* XXVII 56, FdB 1095 C2.

¹⁹ Carta de 20 de fevereiro de 1884; E IV 502.

²⁰ Ao conde Colle, 27 de fevereiro de 1884; E IV 403.

²¹ Cf. *Documenti* XXVII 79-80, FdB 1095 D10-11; sobre os males físicos de janeiro e fevereiro, cf. *Documenti* XXVII 22, FdB 1094 E5; XXVII 33, 45, 53-55, 78, 82-83, FdB 1095 A3, B3, B11-C1, D9, E1-2.

O *Boletim Salesiano* de abril publicava a crônica com uma nota sobre as condições de saúde do superior: “E como aqui se apresenta ocasião propícia, recomendamos ainda as orações dos cooperadores e das cooperadoras pelo nosso muito amado Dom Bosco, o qual, de algum tempo para cá, sente que a vida se esvai. No momento não há nada de alarmante. Mas um valente doutor de Turim, visitando-o antes que ele começasse a viagem, disse que não devemos nos enganar a respeito de sua vida, de tal forma que, acrescentou, considerando as fadigas sustentadas, Dom Bosco pode hoje ser considerado um velho de 100 anos, embora não tenha ainda 70. Rezamos, portanto, de coração, para aquele que, por natureza e por fraqueza, deveria sucumbir, viva ainda muitos anos para nosso auxílio e conforto pela graça e em força da onipotência de Deus”.²²

Em Nice, em 5 de março, Dom Bosco foi logo visitado por seu biógrafo, doutor Charles d’Espiney, que na base do diagnóstico – “congestão do fígado” – diversa do feito em Turim, prescrevia algo considerado mais idôneo.²³ A saúde melhorou e, na tarde do dia 10, quis fazer a conferência aos cooperadores: “Estava presente – anotava um cronista – tudo o que Nice e a colônia estrangeira têm de melhor pela inteligência e pelo coração”.²⁴

Em Marselha, tiveram destaque a missa celebrada em 24 de março, precedida pelo batismo de um jovem negro, que fazia sua primeira comunhão, e à tarde a conferência aos cooperadores, na presença do bispo diocesano, dom Jean-Louis Robert, que não economizou elogios ao santo orador.²⁵ No dia seguinte Dom Bosco fez um acurado exame médico pelo célebre doutor Paul-Matthieu Combal, professor na Universidade de Montpellier, que realizava um diagnóstico detalhado, o mais exaustivo que se tem das doenças de Dom Bosco: fraqueza geral com anemia, congestão do aparelho respiratório, hipertensão nervosa, prováveis resíduos de uma infecção palustre, ligeiro engrossamento do fígado. A terapia previa: pela manhã e pela tarde, antes das refeições, uma colher de vinho de Vial [uma poção especial sem nenhuma relação com vinho]; nas refeições, meio copo de água mineral de Vals cortada com vinho; liberar o intestino com uma colher semanal de pó laxativo de Vichy, dissolvida em um quarto de copo de água; regime alimentar misto, constituído de carne, legumes cozidos, ovo quente e laticínios; subtrair-se por algum tempo dos empenhos habituais de trabalho e sobretudo de prolongados esforços mentais. Católico praticante, Combal não aceitou a paga, mas fez uma conspícua oferta.²⁶

Na tarde do dia 26, Dom Bosco, sempre com padre Barberis e acompanhado pelos cônjuges Colle, chegava a Navarre. Quinta, 27, fazia-se a solene bênção da nova

²² BS 8(1884) n. 4, abril, p. 58.

²³ *Documenti* XXVII 87, FdB 1095 E 6.

²⁴ “Dom Bosco à Nice”, *Bulletin Salésien* 6(1884) n. 4, abril, p. 29-30.

²⁵ “Fête et conférence à Marseille”, *Bulletin Salésien* 6(1884) n. 5, maio, p. 43-44.

²⁶ *Documenti* XXVII 107-108, FdB 1096 B2-3; MB XVII 56-59. O texto original da “Consultation” do doutor Combal se encontra em ASC A 0240501, FdB 437 B9-12.

capela do orfanato, com grande concurso de ilustres benfeitores: de Marselha senhor Jules Rostand, presidente da Société Beaujour, cônego Guiol, senhor Grouling e a viúva Jacques; de Nice barão Héraud de Chateauneuf e *cavaliere* Levrot. Dom Bosco realizava o rito assistido pelo vigário geral de Terris, de vários párcos, do inspetor padre Albera e dos diretores de Nice e de Saint-Cyr. Ele fazia então a conferência dos cooperadores. Na manhã seguinte celebrou-se a festa solene de São José, patrono do Orfanato. Dom Bosco celebrava na manhã bem cedo a missa da comunhão geral e nela os dois filhos do visconde de Villeneuve, Jeanne e Alexis, recebiam pela primeira vez Jesus Eucarístico. Na missa solene das 10 horas os jovens cantaram a Missa de Nossa Senhora Auxiliadora, do padre Cagliero.²⁷ Padre Barberis, em suas cartas, oferecia notícias precisas sobre a sucessão das etapas do retorno. No domingo, dia 30, Dom Bosco deixava Navarre e após breve parada na cascina da Castille, pernoite no castelo da Bastide e outra parada no dia 31, em Antibes, dirigia-se a Nice.

No dia 3 estava em Alassio e nas primeiras horas da tarde de 4 de abril entrava no Internato de Sampierdarena, aonde chegavam contemporaneamente de Turim os membros do Capítulo Superior, que fariam reunião com Dom Bosco na tarde do dia 5. Padre Lemoyne já o encontrara em Alassio.²⁸ De Sampierdarena, embora não bem de saúde, escrevia ao padre Berto, que por tantos anos foi seu companheiro nas viagens romanas, quase pedindo desculpas de ter preferido padre Lemoyne como secretário: “Dizem-me que tua saúde não é ainda a que se deseja. Fico triste. Neste tempo de minha ausência toma os cuidados necessários. Rezarei por ti. Padre Lemoyne me acompanha a Roma. Não sei ainda se serão precisos papéis. Caso necessite, eu te escreverei. De 12 a 15 de maio espero estar em Turim. Minha saúde está um pouco melhor, mas tenho muita necessidade de orações”.²⁹ Dom Bosco visitava algumas benfeitoras, entre as quais a viúva Cataldi e a baronesa Podestà, esposa do prefeito de Gênova. No dia 8 chegava de Roma padre Dalmazzo para informar Dom Bosco sobre os pontos de vista romanos a respeito dos privilégios, preparando-o para as dificuldades que encontraria com cardeal Ferrieri. No mesmo dia padre Lemoyne escrevia ao padre Bonetti, em Turim, com algumas interessantes anotações sobre Dom Bosco: “Nosso amado pai não sabe falar sem se lembrar dos tempos heróicos do Oratório”, “a saúde de Dom Bosco está sempre no mesmo ponto. Espera-se que possa estar mais tranqüilo em Roma”.³⁰

Na quarta-feira santa, 9 de abril, Dom Bosco, junto com padre Lemoyne, tomava o trem para Roma. Fazia uma parada em Rapallo, em casa de uma nobre família conhecida em Paris, os condes Riant, e, “muito cansado”, aí pernoitava. “De manhã – escrevia padre Lemoyne ao padre Rua – os filhos do conde se confessaram com ele e todos

²⁷ “Bénédiction de la nouvelle Église et fête à l’Orphelinat de la Navarre”, *Bulletin Salésien* 6(1884) n. 5, maio, p. 44-45.

²⁸ *Documenti* XXVII 110-116, 123-125, FdB 1096 B5-12, C4-6.

²⁹ Carta de 6 de abril de 1884; E IV 255-256.

³⁰ *Documenti* XXVII 126-127, FdB 1096 C7-8.

fizeram a páscoa na capela, tendo Dom Bosco celebrado a missa que foi servida pelos dois Riant”.³¹ Às 13h30 estava em La Spezia, onde ficava até às primeiras horas da segunda-feira de pascoela. Houve imediatamente grande concurso de visitantes. “Embora cansado”, no dia de Páscoa fazia longo discurso a um grande grupo de ouvintes. Fazia apelo à beneficência. A uma presumível pergunta, “até quando se pedirá?” respondia: “Enquanto existirem almas para salvar, até que os pobres juvenzinhos não sejam mais circundados por insídias e por enganar, até que tenham chegado às portas da eternidade, e entrados no paraíso, único lugar em que poderão encontrar-se seguros das insídias que lhes lança o inimigo”. Existiam, além disso, as missões e, de extrema atualidade, a Igreja Sagrado Coração em Roma. Depois continuava a responder com os costumeiros argumentos, às usuais objeções aos pedidos de “esmola”: os tempos difíceis, a falta de meios, os numerosos pedintes, o sacrossanto dever de pensar no futuro. Concluía com a advertência de Cristo sobre o auxílio “aos indigentes”: “O que tiverdes feito ao menor destes, foi a mim que o fizestes”. “Observai quantos pobres juvenzinhos existem no mundo. Traídos, enganados, sem educação religiosa, eles caem no vício e se perdem! Podeis resistir impassíveis a este espetáculo tão embaraçoso?”³²

De Spezia à estadia romana as anotações sobre a saúde de Dom Bosco aumentaram, dadas por ele e, sobretudo, pelo padre Lemoyne que fazia de secretário: “Parece que sua saúde esteja melhor de quando estava em Sampierdarena”,³³ “felizmente chegamos a Roma no dia 14, tendo partido às 2 da manhã. De Spezia a Roma estivemos sempre sozinhos no mesmo vagão, e assim gozamos da máxima tranqüilidade. Nosso caríssimo Dom Bosco, embora se sentisse um pouco cansado, não sofreu de forma tão sensível. Hoje, dia 15, sente-se muito melhor e me disse que te escrevesse”; “Dom Bosco trabalha velozmente na organização e aprovação da rifa, como também da eterna questão dos privilégios”.³⁴ “Dom Bosco – informava ainda – encarrega-me de dizer-te oficialmente que se sente muito melhor, superado o incômodo que lhe dava o fígado e o olho inflamado”. A melhora lhe permite fazer visitas e receber pessoas, em particular cardeal Consolini e cardeal Angelo Jacobini, assessor do Santo Ofício.³⁵ As informações se sucediam contraditórias: “Dom Bosco não está mal. Nesta manhã disse-me que sua cabeça está muito cansada”; “a cabeça não lhe rege”, tinha escrito algumas linhas acima, e Dom Bosco encarregava padre Rua ou padre Durando de ocupar-se do pedido de uma fundação em Penne (Pescara); “contudo – escrevia –, continua a se ocupar das coisas de nossa Congregação”. Por meio do padre Lemoyne, com efeito, dava disposições, apro-

³¹ Carta de La Spezia, 10 de abril de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, *Don Giovanni Battista Lemoyne*, p. 137.

³² “Conferenza a Spezia e D. Bosco a Roma”, BS 8(1884) n. 5, maio, p. 70-71 (carta do padre Lemoyne ao padre Bonetti).

³³ Carta de 10 de abril de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 138.

³⁴ Carta de 16 de abril de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 139-140.

³⁵ Cartas de 19 e 22 de abril de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 142-145.

vava medidas decisivas em Turim, seguia “as práticas para a rifa”, recebia a visita de um grupo de estudantes da Universidade Gregoriana e visitava o cardeal vigário.³⁶

Na seqüência, as informações dadas por Dom Bosco se entrecruzam com as fornecidas pelo secretário: “Ele não está mal de saúde, mas há duas manhãs que a febre volta. O travesseirinho da China veio a calhar”;³⁷ “minha saúde melhora devagar, mas melhora”;³⁸ “minha saúde está entre altos e baixos”.³⁹ A “saúde de Dom Bosco vai bastante bem – confirmava repetidamente padre Lemoyne –. Ele chegará a Turim na tarde de 18 do corrente, mas parece que queira entrar em casa sem que ninguém note, a fim de poder repousar”; “dia 1º, a saúde de Dom Bosco procede bastante bem”; “Dom Bosco está muito melhor, e desde que partiu de Sampierdarena até agora ganhou muito, especialmente nestes últimos dias”; “Dom Bosco está sempre bastante bem”.⁴⁰ Confirmava-o ele próprio em 8 de maio, quando em Tor de’ Specchi introduzia a conferência aos cooperadores feita pelo cardeal vigário Lucido Maria Parocchi. Informava sobre obras realizadas nos dois anos da última conferência romana e sobretudo sobre a Igreja Sagrado Coração e a rifa que estava organizando. O discurso do cardeal era a apaixonada demonstração de uma tese de extraordinário interesse: o escopo, a fisionomia e o caráter distintivo da Congregação Salesiana era “*a caridade exercitada segundo as exigências do século: Nos credidimus Charitati; Deus Charitas est*”, e se revelava “por meio da caridade”, exercitada em formas e com espírito novos em um mundo mudado.⁴¹

Nesse quadro romano se desenvolviam as últimas fases das negociações para a obtenção dos privilégios.

2. Consolidação jurídica da Sociedade Salesiana

Quanto aos privilégios, após as frustrações dos anos 1875-1876, passavam anos difíceis, de renovados pedidos, de negativas e esperas. Na audiência de 23 de abril de 1881, Leão XIII declararia a Dom Bosco ser, “por sistema, contrário aos privilégios dos religiosos”.⁴² No termo do mesmo ano se revelava sem resultado positivo a mediação do arcebispo de Messina, Dom Giuseppe Guarino, junto do cardeal Ferrieri, que fora solicitada por Dom Bosco em 30 de novembro de 1881 e prometida a ele e

³⁶ Cartas de 23 e 24 de abril de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 146-149.

³⁷ Carta de 28 de abril de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 151.

³⁸ Dom Bosco ao conde Colle, 24 de abril de 1884; E IV 504.

³⁹ Dom Bosco ao cardeal G. Alimonda, 3 de maio de 1884; E IV 504.

⁴⁰ Cartas ao padre Rua de 5, 6, 9, 12 de maio de 1884, in padre BRAIDO – R. ARENAL LLATA, *Don Giovanni Battista Lemoyne*, RSS 7 (1988) 152, 153, 155, 157.

⁴¹ *Conferenza ai Cooperatori a Roma*, BS 8 (1884) n. 6, giugno, p. 88-91.

⁴² *Documenti XXII* 101, FdB 1069 E9.

ao padre Dalmazzo.⁴³ A partir de 1883 o cenário mudava em favor de Dom Bosco. Ao rígido custo da lei canônica que era o prefeito da Congregação dos Bispos e Religiosos, cardeal Ferrieri tinha colocado ao seu lado, de março de 1882 a novembro de 1884, o secretário dom Ignazio Masotti (1817-1888, cardeal em novembro de 1884); mas, sobretudo, como sabemos, no consistório de 9 de agosto de 1883 foi proposto para a cátedra arquiépiscopal de Turim cardeal Gaetano Alimonda, enquanto permanecia como protetor da Sociedade Salesiana o benévolo cardeal Lorenzo Nina.

Dom Bosco colocava-se imediatamente em ação. Após ordenar as motivações que o induziam a renovar o pedido dos privilégios, ele enviava cópia das mesmas ao cardeal protetor e ao arcebispo. Encorajado por eles, em 20 de janeiro entregava a súplica ao santo padre, acrescentando o relatório enviado aos dois cardeais e colocando no início um breve esclarecimento em língua latina. Pedia a comunicação dos privilégios concedidos aos Oblatos de Maria Virgem, fundados por Pio Brunone Lanteri.⁴⁴ O arcebispo apoiava o pedido com carta de recomendação, de 29 de fevereiro. Como personagem experiente da Cúria romana ele era abundante em louvores da Congregação Salesiana pela “exemplaridade da disciplina”, “o grande bem” que operava e a rápida extensão das “residências”. Terminava com uma consideração geral e uma referência elogiosa: “Em nossa cidade e diocese se verifica a desoladora dispersão dos religiosos de outras ordens”, por isso “importa grandemente que a benevolência da Santa Sé acrescente prosperidade e firmeza a uma Congregação que repara de forma providente tantas perdas e tem a vantagem de fugir aos golpes da lei civil”.⁴⁵ Além do arcebispo também agia com energia cardeal Nina, o qual, cômico das “dificuldades extrínsecas” até então colocadas à concessão, assegurava a Alimonda que faria séria proposta ao papa. Acrescentava, com singular determinação: “Não vou querer ficar calado diante de Sua Santidade. Caso ele persista na recusa, eu me verei obrigado a aceitar a minha demissão de protetor da benemérita Congregação, para não parecer que sou de alguma forma conivente ou indiferente a um repúdio que não tem outro motivo senão o arbítrio”.⁴⁶ Para Dom Bosco a obtenção dos privilégios e da faculdade das dimissórias era o resultado mais ambicionado ao qual visava, embora lhe estivesse diante do coração também os últimos retoques da Igreja Sagrado Coração, o início dos trabalhos para o internato e a organização da última grande rifa.⁴⁷

Nos mesmos dias eram redigidos pelo secretário, padre Lemoyne, os textos relativos às duas conhecidas cartas de Roma, datadas de 10 de maio de 1884, sobre o “antigo” e o “novo Oratório”, sobre o amor demonstrado, sobre a piedade sacramental

⁴³ Cf. Cartas de 1 e de 14 de dezembro de 1881, *Documenti XXVII* 56-57, FdB 1095 C2-3.

⁴⁴ Cf. MB XVII 125-127 e 710-711 (a súplica ao papa, as motivações e respostas às repetidas objeções), 711-712 (o relatório).

⁴⁵ MB XVII 713.

⁴⁶ Carta do cardeal Nina ao cardeal Alimonda, 7 de março de 1884; MB XVII 129.

⁴⁷ Cf. cap. 30, § 2.

e a devoção mariana que garantiam a constância do estilo educativo originário. Dom Bosco, que certamente tinha inspirado os conteúdos, assinava e enviava a Valdocco a que era destinada aos jovens.⁴⁸

O caminho para os privilégios aparece dificultoso de início. No primeiro momento dava-se a resposta de que não era mais praticável a concessão *per communicationem* cumulativa dos privilégios já concedidos a outro instituto religioso. Restava a possibilidade de apresentar uma lista detalhada de privilégios concedidos a outras congregações. As dificuldades eram de ordem técnica. Por meio do procurador padre Dalmazzo, agora protagonista dos trabalhos, auxiliado pelo advogado junto da Cúria, padre Costantino Leonori, Dom Bosco introduzia, em 1º de abril, o pedido de “alguns privilégios e graças espirituais”, concedidos aos passionistas, aos redentoristas e aos Padres da Missão⁴⁹. O pedido, segundo a resposta da Congregação dos Bispos e Religiosos de 2 de maio, estava incompleto. Cada privilégio devia ser “acompanhado por documentos autênticos” com os quais fora concedido e a quem. De Roma, em 3 de maio, Dom Bosco comunicava o escolho ao cardeal Alimonda, por meio de carta acalorada e pessimista a respeito do resultado final: “Isso significa que devo, por agora, pôr meu coração em paz e não falar mais de tal pedido”.⁵⁰ O cardeal respondia imediatamente de modo encorajador: “Após os combates chegará o dia da vitória”.⁵¹ Entrementes, na audiência de 9 de maio, Leão XIII renovava a Dom Bosco a faculdade das dimissórias, concedida *ad decennium* por Pio IX em 4 de abril de 1874. Em 12 de maio, padre Lemoyne escrevia triunfante ao padre Rua: “Dom Bosco está sempre bastante bem. O papa concedeu-lhe tudo (...). No entanto, até que não tenha saído o decreto formal, o papa concedeu que Dom Bosco continuasse a dar as dimissórias”.⁵²

O suplicante partia de Roma em 14 de maio, enquanto a situação se encaminhava para melhor, também por causa do apoio amigo de dom Ignazio Masotti, muito apreciado pelo papa, que em 10 de novembro o fazia cardeal. Escrevendo ao cardeal Nina para que intercedesse em favor de condecorações prometidas a benfeitores e de subsídios pecuniários, Dom Bosco o informava de ter escrito na mesma data a dom Masotti “para ultimar a negociação de nossos privilégios”⁵³. Não sabemos se a questão já tinha sido resolvida quando, sobre os trabalhos, enviava a Roma ainda duas cartas. A primeira era endereçada em 15 de junho, ao padre Dalmazzo, com certa inquietude: “Tu me escreves uma bela carta, mas não respondes à minha, dirigida a dom Masotti sobre nossos privilégios”.⁵⁴ No dia seguinte, “tendo poderado pacatamente a coisa, sob

⁴⁸ Cf. P. BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore*, p. 344-390.

⁴⁹ Cf. texto da súplica com o elenco dos privilégios pedidos, entre os quais a faculdade das dimissões, em MB XVII 714-719.

⁵⁰ Ao cardeal Alimonda, 3 de maio de 1884; E IV 259.

⁵¹ Cf. MB XVII 135.

⁵² Carta de 12 de maio de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 157.

⁵³ Ao cardeal Nina, 8 de junho de 1884; E IV 272-273.

⁵⁴ E IV 274.

conselho de pessoa prudente e com autoridade”, enviava uma súplica ao papa, na qual pedia de novo a comunicação dos privilégios concedidos aos oblatos.⁵⁵ Era uma forma de comunicação impraticável, pois os mesmos oblatos tinham obtido os privilégios *per communicationem* dos que tinham recebido os redentoristas. Era, ao invés, praticável sua comunicação direta e isso foi concedido: à Sociedade Salesiana eram concedidos *per communicationem* os privilégios da Congregação do Santíssimo Redentor. Em 13 de junho, na audiência de rito, o papa dava ao secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, dom Masotti, via livre ao relativo decreto, que a Congregação escrevia em 28 de junho.

Em Valdocco, por alguns mais sensíveis – Lemoyne, Bonetti e Berto –, o acontecimento, conhecido ao entardecer de 9 de julho, foi interpretado de modo “sobrenatural”. Foram considerados “sinal” mais que natural os quatro raios que estouraram sobre o Oratório “na plena serenidade”, “acompanhados de tal fragor de tom que o Oratório inteiro foi abalado como se devesse cair”.⁵⁶

O texto do decreto, ao invés, parece aos beneficiários árido, privado de qualquer elogio, mesmo de praxe, da Congregação. Dom Bosco o advertia, quase sem forças pelo longo caminho, e se limitava, no momento, a um apressado agradecimento, transmitido, de modo confuso no meio de outras coisas, em carta ao procurador padre Dalmazzo: “Recebi também o decreto sobre nossos privilégios. Faltam as franjas, mas a substância está toda, e se vê dom Masotti, transmite-lhe humildes agradecimentos de minha parte e de toda a nossa Congregação”.⁵⁷ No decreto dizia-se muito simplesmente que Sua Santidade Leão XIII, querendo gratificar Dom Bosco, fundador e superior da Sociedade Salesiana, e os membros da mesma com especiais favores e graças, tinha se “dignado benignamente comunicar, estender e dar em perpétuo aos mesmos sócios e às suas igrejas, capelas e casas, todos e cada um dos indultos, privilégios, isenções e faculdades concedidas à Congregação do Santíssimo Redentor, com todas as cláusulas e decretos necessários e oportunos”.⁵⁸

⁵⁵ O texto encontra-se em MB XVII 719-720.

⁵⁶ Cf. C. VIGLIETTI, *Cronaca di D. Bosco. Dal 20 maggio 1884 al 31 dicembre 1884*, p. 9-14, 9 luglio; MB XVII 140-142 posteriormente dilatam e dramatizam esses fatos.

⁵⁷ Carta de 10 de julho 1884; E IV 275.

⁵⁸ Cf. *De Privilegiis Congregationis SS. Redemptoris directe concessis e Decretum pro Congregatione Salesiana circa Communicationem Privilegiorum cum Congregatione SS. Redemptoris*, in *Elenchus privilegiorum seu facultatum et gratiarum spiritualium quibus potitur Societas S. Francisci Salesii ex S. Sedis Apostolicae concessionibus directe et Congregationis SS. Redemptoris communicatione in usum prebyterorum eiusdem Societatis*. S. Benigi in Salassis, ex Officina salesiana MDCCCLXXXVIII, p. 11-16.

Sobre a permanente validade dos privilégios – compreendida a “isenção” –, conseguidos por “comunicação” em 1884, em relação a diferentes disposições no Código de Direito Canônico de 1917, cf. os *Praeliminaria do Excerptum ex compendio authentico praecipuorum privilegiorum nostrae societatis. Ad usum superiorum domorum*. Turim, 1949, p. 15-24.

Naturalmente mais caloroso e empenhado era o agradecimento expresso por Dom Bosco ao cardeal protetor Lorenzo Nina, em 10 de agosto, e a Leão XIII, no dia 17, aproveitando a ocasião dos respectivos onomásticos. Uma e outra carta foram escritas da casa de montanha do bispo de Pinerolo, onde Dom Bosco se encontrava para um período de repouso. A ambos ele alegava um *Álbum* no qual eram “descritas as casas da Congregação tanto na Europa quanto na América”. Agradecendo o cardeal pelos “tantos benefícios” concedidos durante o ano, sublinhava: “O maior favor foi certamente a comunicação dos privilégios dos redentoristas. Essa concessão colocou nossa humilde Congregação em um estado normal e deixou meu coração tranqüilo para poder cantar o *Nunc dimittis*”. Com efeito, a concessão “terminou com as longas incumbências de nossa Congregação definitivamente aprovada, dando-lhe possibilidade de se sustentar nas várias dioceses e ainda mais especialmente nas missões estrangeiras”.⁵⁹ Bastante mais genérica foi a carta ao pontífice. “No dia de tamanho fausto” de São Joaquim os salesianos sentiam “o grave dever de externar neste ano profunda gratidão” para com seu insigne benfeitor, prometiam desenvolver sua obra em total união de mente e de coração com a Igreja, enquanto reuniam em precioso elenco as casas e residências nas quais trabalhavam para os jovens e adultos. Resumia também, em parte, algumas das coisas ditas na audiência de 9 de maio, com uma reconstrução um tanto anômala: a Congregação não tinha “um relevante favor”, isto é, “um forte vínculo com a Santa Sé”. O ato, realizava-o o papa “em 9 de maio último passado, concedendo a comunicação dos privilégios com os redentoristas”. “Ora – continuava – não resta outra coisa que nós, vossos salesianos, nos unamos todos em um só coração, em uma só alma para trabalhar para o bem da Santa Igreja”. Embora sendo ainda “*pusillus grex*”, os salesianos se colocam à total disposição de Sua Santidade, para que deles se servisse em tudo o que julgasse “redundar para a maior glória de Deus na Europa, na América e sobretudo na Patagônia”.⁶⁰

3. Designação e nomeação do vigário sucessor

A presença do padre Rua ao lado de Dom Bosco – além da presença dos outros membros do Capítulo Superior – jamais fora de pura representação ou em nível de missões somente executivas. Mas também jamais fora de suplência canonicamente vicária. Mas, entre 1883 e 1884, esta última podia ser sentida sempre mais oportuna, até mesmo necessária. De qualquer modo, embora a nomeação como vigário por parte da Santa Sé tenha sido efetuada no final de 1884 e comunicada a Dom Bosco um ano depois, na prática várias tarefas ligadas a esse cargo já eram realizadas com certa frequência após as excepcionais fadigas de 1883.

⁵⁹ Carta de Pinerolo, São Lourenço, [10 de agosto de] 1884; E IV 285.

⁶⁰ Carta datada de Turim, 17 de agosto de 1884; E IV 288-289.

3.1 *Prelúdios*

Da gradual sucessão do padre Rua havia sinais bem precisos também por parte de Dom Bosco. No final de janeiro de 1884 ele realizava um gesto novo em relação às situações precedentes. A ata da reunião do Capítulo Superior de 28 de janeiro registra: “Dom Bosco anuncia que em 1º de março partirá para a França. Estabelece que, enquanto estiver ausente, o Capítulo se reúna ao menos uma vez por mês. Dá ao padre Rua os plenos poderes para presidi-lo. Recomenda aos membros que continuem a querer-se bem uns aos outros. Para fazer melhor as coisas que se fazem exige-se a caridade”.⁶¹

Em uma das primeiras cartas ao padre Rua do ano de 84, de Roma, padre Lemoyne, entre uma série de comissões por parte do superior, transmitia lapidarmente: “4. Dom Bosco diz: – padre Rua esteja na direção do carro, Dom Cagliero seja o encarregado geral dos serviços externos”.⁶² Dom Bosco parecia definir suas relações de chefe de Estado com o primeiro ministro e com o ministro do exterior.

As tarefas vicárias do prefeito geral eram correspondentes às condições de saúde do superior. Partindo de Roma na quarta-feira, 14 de maio, após uma viagem diurna e noturna assinalada por vários contratempos, chegava a Florença muito cansado. Não obstante tal, Lemoyne escrevia ao padre Rua: “Dom Bosco está proporcionalmente bastante bem, e por sorte, neste dia, teve mais apetite do que de costume. Comeu meia fatia de pão a mais que de costume!!!”.⁶³ Em 17 de maio estava de volta ao Oratório. Em 20 de maio o estudante de teologia Carlo Viglietti tornava-se o acompanhador estável do superior e sua crônica, filial e admirada, tornava-se, até 31 de janeiro de 1888, precioso jornal de informação da caminhada biográfica do pai. Em 1º de junho de 1884 Viglietti registrava preciosas anotações sobre os cuidados que o médico tinha sugerido para a salvaguarda da saúde do seu paciente: “Dom Bosco, quase toda tarde, deve, por ordem do médico, sair passeando a pé. Padre Lemoyne e eu o acompanhamos”. Oferecia também algumas anotações sobre as práticas de religião, além da celebração eucarística: “Leio com Dom Bosco a leitura espiritual e a meditação”.⁶⁴ Dom Bosco, contudo, não abandonava o campo. Participava ativamente, e com decisões preemptórias, dos trabalhos do Capítulo Superior, que, nas sessões de 5 e 30 de junho e depois de 4 e 7 de julho⁶⁵, tratava do “bom andamento” do Oratório e das providências, como insistia na primeira sessão, para “assegurar a moralidade entre os jovens e para cultivar as vocações”: “1) regulando a aceitação dos jovens; 2) purificando a casa; 3) dividindo, distribuindo e regularizando ofícios, jovens, pátios etc.”, e intensificando a vigilância; e

⁶¹ *Capitolo Superiore*, fol. 8v, FdB 1880 C4.

⁶² Carta de 19 de abril de 1884, in P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 143; cf. p. 116.

⁶³ Carta de Florença, 15 de maio de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 159.

⁶⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di D. Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 5.

⁶⁵ Cf. P. BRAIDO, “La lettera di Don Bosco da Roma del 10 maggio 1884”, RSS 3(1984), p. 353-374; J. M. PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento*, p. 273-307.

reduzir o contato dos jovens com ambientes diferentes de seu mundo protegido (paróquias, oratórios, casas religiosas femininas, hospitais) e redimensionar os programas de estudo com a exclusão do grego e da matemática nas últimas classes, de forma a tornar sem ação o exame de licença ginásial.⁶⁶

Na festa de 24 de junho, no almoço, com presença dos condes Colle, era entregue ao conde a Comenda de São Gregório Magno. Na parte da tarde, chegaram para a academia ao ar livre cardeal Alimonda, que comparava Dom Bosco a João Batista: este pregava nas margens do Jordão, Dom Bosco entre o Pó e o Dora.⁶⁷

Na sessão capitular de 4 de julho, para a “reforma da casa do Oratório”, Dom Bosco repisava com força a unidade de direção, o “princípio da autoridade”, conceito depois retomado na reunião do dia 7. Nesta fazia um destaque importante sobre as funções especiais do padre Rua ao seu lado: “Padre Rua – reconhecia – é massacrado pelo trabalho, pelo material, pelos pagamentos, pelas discussões”, e “Dom Bosco, pois, no ponto de cansaço físico e mental em que se encontra, não pode mais ir adiante”. E concluía: “Há necessidade de que padre Rua esteja ao seu lado para substituí-lo em tantas coisas, que o ajude naquilo que ele tenta desincumbir-se sozinho. Portanto, que padre Rua não tenha mais ocupações diretas na casa e, quanto à Sociedade Salesiana, dar a outros as tantas ocupações das quais ele cuida, que seriam próprias de um ecônomo”.⁶⁸

Após a última sessão do Capítulo, em 19 de julho, “pela primeira vez – registrava o jovem secretário – Dom Bosco aceitou passar o verão fora de Turim por causa do calor intenso. As férias se fazem aqui em Pinerolo, na Vila Durazzo, hóspede de dom Chiesa, bispo diocesano. São companheiros de Dom Bosco padre Lemoyne e o clérigo Viglietti”.⁶⁹ Aí permaneceriam até 22 de agosto, com alguns dias de ausência de Viglietti, “enviado a San Benigno para realizar um trabalho”.⁷⁰

Antes, porém, de partir para as inusitadas férias, Dom Bosco tinha convidado os ex-alunos do Oratório por ocasião do tradicional encontro anual – já se celebrava o décimo quinto aniversário –, e em seguida, em 13 de julho, os leigos e, no dia 17, os sacerdotes. Professor Germano participava, com comovidas reminiscências. Particularmente tocante era a referência à saúde do venerado educador, que escutava com atenção: “Recordo-me dos anos antigos, quando Dom Bosco estava na flor da juventude; quando nós, meninos, nos comprimíamos a seu redor, ele que participava de todas as nossas alegrias, de todas as nossas tristezas, ele que era nosso conforto, nosso amor, nosso pai (...). Recordo-me, eu digo, dos tempos antigos, penso no tempo presente: olho Dom Bosco, e o coração me aperta pela inefável ternura. Quanto mudou daquele que nós conhecemos como meninos! Sua pessoa se encurva, seus cabelos

⁶⁶ *Capitolo Superiore*, fol. 13r-14r, 18r-v, FdB 1880 D1-3, 11-12.

⁶⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di D. Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 6-7.

⁶⁸ *Capitolo Superiore*, fol. 17r e 28r-v, FdB 1880 D9.

⁶⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di D. Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 14.

⁷⁰ Padre Lemoyne ao padre Rua, julho de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 161.

tornam-se brancos e seu passo é lento e vacilante. O Senhor mantenha longe o dia em que ele deverá receber o prêmio de tantas fadigas suportadas por nós. Que ele possa permanecer em meio aos seus filhos, até que tenha celebrado as bodas de ouro sacerdotais. Mas os anos passam inexoravelmente”.⁷¹

De Pinerolo apareciam notícias fragmentárias, intercaladas com as notícias epistolares dadas pessoalmente por ele. “Cheguei neste momento à casa de montanha do bispo de Pinerolo – comunicava ao conde Colle –; minha saúde estava prejudicada pelo calor de Turim. Aqui o ambiente é fresco e me encontro muito confortável; está comigo padre Lemoyne e o bispo me cumula de atenções (...). Neste momento o frio me importuna e devo levantar-me da escrivaninha para colocar o capote. Vê que mudança em tão poucas horas. Mas estou em uma montanha”.⁷² “Dom Bosco – confirmava o secretário principal – aproveita muito deste ar, tem apetite e tranqüilidade. Ele envia bênção especial ao padre Bonetti, de quem fala freqüentemente, manifestando seu vivo desprazer pela doença que o aflige”.⁷³ “Cada manhã – registrava o secretário geral – assisto Dom Bosco na celebração da santa missa; de manhã e à tarde o acompanho no passeio por estas amenas colinas. Dom Bosco está bem, está com forças e canta de bom grado ensinando a mim e ao padre Lemoyne belas canções. Sem nenhum apoio ele se senta nos prados, e depois continua a caminhada por duas horas”.⁷⁴

Em 8 de agosto Dom Bosco intervinha, com uma carta, junto ao prefeito de Turim para esclarecer um incidente ocorrido na casa de San Benigno, onde tinha se destacado momentaneamente uma repartição da cavalaria. Fazia notar a inoportunidade de transformar pórticos em cavaleriça, em tempo de ameaça de cólera, com cheiros que adoeciam, além do perigo de que se deturpasse um edifício considerado monumental.⁷⁵

Em 22 de agosto ia para Valsalice para os exercícios espirituais dos salesianos. “Preside os exercícios – anotava o secretário – e passa grande parte do dia confessando os irmãos. Leio-lhe as cartas, a leitura espiritual e a meditação”.⁷⁶

Mas, após alguns dias, devia entregar-se. “No mês de setembro – informa padre Lemoyne – continuaram os santos exercícios espirituais aos salesianos, sucedendo-se a centenas para assistir aos vários cursos. Pele primeira vez, neste ano, Dom Bosco deixou de confessar os retirantes, passando esse trabalho ao padre Rua. As forças não lhe eram mais suficientes”.⁷⁷

Em 9 de setembro, de volta de uma visita a pé aos condes Boncompagni, que passavam férias sobre a colina turinense, Dom Bosco tinha a perna esquerda doendo,

⁷¹ BS 8(1884) n. 8, agosto, p. 112.

⁷² Ao conde Colle, 20 de julho de 1884; E IV 506.

⁷³ Padre Lemoyne ao padre Rua, julho de 1884, in: P. BRAIDO; R. ARENAL LLATA, p. 160.

⁷⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 15.

⁷⁵ E IV 284-285.

⁷⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 17.

⁷⁷ *Documenti* XXVII 395, FdB 1100 C10.

e durante a noite estava sempre mais inchada. O secretário aliviava as dores aplicando pomada no local. No dia 14 doutor Giuseppe Fissore o consultava. Encontrou-o agravado, e lhe prescrevia voltar ao Oratório e pôr-se no leito. Provavelmente eram distúrbios bronquiais e cardiocirculatórios. “A febre é contínua – anotava o secretário –, a respiração dificultosa, o coração anormal”. A situação foi agravada pelas fricções sem critério na perna, com uma pomada analgésica antiartrite, feitas com vivaz determinação pelo padre Berto, surdo aos pedidos para que parasse, sussurrados pelo paciente. O médico ordenava que padre Berto se afastasse do enfermo e, na mesma noite, era retirado do quarto contíguo ao de Dom Bosco. Este foi ocupado imediatamente pelo padre Rua, e padre Berto terminava definitivamente sua missão, agora formal, de secretário, conservando o material e a responsabilidade do arquivo.⁷⁸

As condições do enfermo pareciam tão sérias que, na sessão de antes do meio-dia de 19 de setembro, presidida pelo padre Rua, os membros do Capítulo Superior, por iniciativa do presidente, abriam-na discutindo o local da sepultura na hipótese de possível decesso do fundador. “Padre Rua – anotava quem fazia a ata – diz que, no estado da doença de Dom Bosco, não se pode deixar de lado a reflexão sobre a dolorosa eventualidade. Seria necessário pensar nos possíveis funerais e na forma”.⁷⁹ A conversa não foi muito adiante e seria retomada somente na manhã de 31 de janeiro de 1888. Padre Cerruti, inspetor, presente no dia 19 na reunião do Capítulo Superior para a distribuição do pessoal, do Oratório comunicava ao padre Luigi Rocca, seu vice-diretor no Colégio de Alassio: “Dom Bosco está sempre de cama, com febre o dia inteiro. Teme-se que o mal se torne crônico e sério. É preciso rezar e rezar muito. Nesta manhã celebrei a missa em seu quarto e dei-lhe a comunhão. Está sempre sereno e sorridente como um anjo (...). Nesta manhã se começou a falar sobre o que fazer em uma dolorosa eventualidade, e te asseguro que me cortava o coração ouvir padre Rua ter que tratar minuciosamente desse argumento. Esperamos e rezamos para que Nossa Senhora Auxiliadora obtenha, desta vez, o milagre de sua conservação”.⁸⁰

Passavam, porém, poucos dias, e na previsão de que o cólera pudesse penetrar em Turim, em 24 de setembro já estava no escritório preparando uma carta ao prefeito, senador Ernesto Balbo Bertone, conde de Sambuy. Relembrava o quanto tinha feito durante o cólera de 1854 e se dizia “disposto a acolher no Oratório de São Francisco de Sales todos os jovens dos 12 aos 16 anos que, por causa da epidemia, ficassem órfãos dos pais e abandonados, e estivessem nas condições físicas exigidas pelo regulamento do Instituto”.⁸¹ Por carta, no dia seguinte, o prefeito declarava que a autoridade municipal, em caso de necessidade, certamente se valeria da “generosa oferta”, e dirigia a Dom Bosco, “também em nome da Junta” “palavras de merecido louvor e de merecido reconhecimento” “por seu novo ato de filantropia”.⁸²

⁷⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 18-21.

⁷⁹ *Capitolo Superiore*, fol. 35r., FdB 1881 B9.

⁸⁰ Carta de 19 de setembro de 1884; ASC F 381, orig. aut. 2 ff.

⁸¹ E IV 294-295.

⁸² *Documenti XVIII* 417, FdB 1101 D12.

No dia 2 podia anunciar à senhora Luigia Dufour estar “fora do leito” e poder agradecer com “poucas linhas” sua caridade.⁸³ No dia 3 ia a San Benigno e aí presidia uma reunião do Capítulo Superior e no dia seguinte recebia a profissão dos votos dos que tinham terminado o noviciado. Na reunião capitular tinha comunicado a decisão de que, de janeiro de 1885, para a admissão aos votos seriam seguidas as normas emanadas em 1848, com o decreto *Regulari disciplinae*, querido por Pio IX.⁸⁴ No dia seguinte, domingo 12, voltava a Turim. No mesmo dia assegurava a Louvet: “Minha saúde procede lentamente, mas sempre um pouco melhor”.⁸⁵ Escrevia também a seu mais recente biógrafo francês, Albert Du Boys,⁸⁶ para agradecer-lhe pelo “nobre, douto e importante trabalho”. “Várias vezes ao lê-lo – confessava – cobriu-se-me a face de confusão”. Considerava-o uma honra prestada à “humilde Congregação” Salesiana. Sobre uma cópia da tradução italiana do livro ele introduzia suas correções, algumas destinadas a redimensionar a própria imagem: por exemplo, o “santo padre” tornava-se “pobre padre”.⁸⁷

A piora das condições de saúde na segunda metade de setembro talvez induzia Dom Bosco a uma viragem nos conteúdos do caderno das suas *Memórias desde 1841*. Provavelmente deixadas de lado após 8 de fevereiro, as *Memórias* eram retomadas com a composição ao menos das páginas de 23 a 42 do manuscrito. Aí se encontra uma série de indicações sobre as coisas que o Capítulo Superior devia fazer e, em particular, pelo “vigário em acordo com o prefeito”, após a morte de quem escrevia: informar por carta a todos os salesianos da morte do reitor, e nela recomendar orações pelo defunto e pela boa escolha do sucessor; após a sepultura distribuir uma carta, já redigida pelo fundador e inserida nas mesmas *Memórias*, aos seus *queridos e amados filhos em Jesus Cristo*; estabelecer o dia da eleição do novo superior. Seguiam instruções sobre vários pontos: *eleição do novo superior*, coisas a serem feitas pelo *novo Reitor Mor*, uma *lembrança importante para o Capítulo Superior*, outra *lembrança ao reitor-mor*, deveres do *diretor de cada casa*, enfim avisos especiais para todos.⁸⁸ Em seguida, relendo o que tinha escrito sobre as coisas a serem feitas “pelo vigário em acordo com o prefeito” e sobre as preces pela escolha do sucessor, Dom Bosco retificava com a seguinte nota: “Leve-se em consideração que estas páginas foram escritas em setembro de 1884, antes que o santo padre nomeasse um vigário com sucessão. Por isso modifique-se o que for necessário”.⁸⁹ A nomeação formal do padre Durando como prefeito geral aconteceu na reunião capitular de 24 de setembro de 1885. Mas Dom Bosco já tinha pensado antes de 28 de outubro de 1884, quanto falava aos membros do Capítulo Superior sobre a

⁸³ A Luigia Dufour, 2 de outubro de 1884; E IV 295.

⁸⁴ *Capitolo Superiore*, fol. 42r-v, FdB 1881 C11-12.

⁸⁵ Carta a Claire Louvet, 12 de outubro de 1884; E IV 464.

⁸⁶ Cf. cap. 26, § 5.

⁸⁷ Cf. P. CAVAGLIÀ, *Don Bosco leitor della sua biografia*, p. 193-206.

⁸⁸ “Memorie dal 1841”, p. 97-102.

⁸⁹ “Memorie dal 1841”, p. 97, n.1.

distinção das duas figuras, do vigário e do prefeito geral, e tornava a essa distinção na “Memória” que deveria enviar ao papa poucos dias depois. De resto, a hipótese de um novo ajuste ao vértice do governo da Congregação, entre os quais a nomeação de um vigário com plenos poderes, já lhe fora sugerida pelo papa na audiência de 9 de maio.⁹⁰

3.2 Nomeação do vigário e anúncio oficial ampliado

Não parece que alguma iniciativa para substituir ou suprir oficialmente Dom Bosco no governo da Sociedade tenha partido do Capítulo Superior ou de algum de seus membros, ou mesmo de outros salesianos. Em todo caso, foi em Roma que teve início essa série de acontecimentos. Pode ser que Dom Bosco e padre Rua tivessem preferido uma solução mais flexível e funcional, com um vicariado de fato, mais que de direito. Entre Dom Bosco e seus colaboradores, todos educados por ele, o intercâmbio de idéias e de ações era tal que não se fazia necessária a sucessão ao fundador ainda vivo, nem uma suplência canônica. Dom Bosco gozava de tal prestígio diante do vasto público e de capacidade única de atrair confiança e beneficência, que o próprio padre Rua podia se sentir intimidado com as soluções de vicariedade e de sucessão, diferentemente configuradas. De outro lado, era salesiano de tal forma maduro, experiente de governo e próximo de Dom Bosco que não teria tido dificuldades em agir como vigário de fato, sem uma formal investidura institucional. Permaneciam, todavia, problemas de caráter jurídico que podiam induzir a dar a essa situação também uma regulação oficial, condição de indiscutível validade e clareza dos atos de governo, tanto do reitor-mor como de seu vigário.

Esse entrelaçar-se de situações explica suficientemente por que Dom Bosco, convencido das propostas de Roma e tendo escolhido a que era menos indolor e traumática, após tê-la aceitado e posto em prática no final de 1884, se tenha reservado para torná-la oficial no interior do mesmo Capítulo, em 24 de setembro de 1885 e comunicá-la para sua Congregação em 8 de dezembro. Parece, de outro lado, que ninguém no interior da Congregação tenha exercitado qualquer pressão para apressar tal comunicação, uma formalidade que deixava intacta a situação real.

A passagem para a nova configuração do vértice da Congregação – o fundador e reitor-mor ladeado por um superior com plenos poderes vicários conferidos pelo papa e com direito de sucessão – era prefigurada por Dom Bosco em dois momentos, nas sessões do Capítulo Superior de 24 e 28 de outubro de 1884. Isso tinha sido colocado em ação pelo próprio papa, certamente de acordo com o cardeal protetor, Lorenzo Nina. Pela metade de outubro chegava em mãos do cardeal Alimonda uma carta, de 9 de

⁹⁰ *Capitolo Superiore*, fol. 45v e 82v, FdB 1881 D6 e 1882 E8.

outubro, de dom Domenico Jacobini, secretário da Congregação de Propaganda Fide, próximo de Dom Bosco por mentalidade, interesses pastorais e amizade, e o iniciador, mestre, guia e alma da ação do laicado católico em Roma, apóstolo dos universitários católicos romanos, assistente eclesiástico do Círculo São Pedro de 1868 a 1880, fundador, em 1871, da Primeira Associação Católica Artística e Operária de Caridade Recíproca”.⁹¹ Na carta comunicava que o papa desejaria que o cardeal falasse com Dom Bosco “e – precisava – o convencesse a aceitar a idéia de designar a pessoa que julgasse idônea para sucedê-lo, ou então a tomasse com o título de seu vigário com direito à sucessão. O santo padre reservar-se-ia a agir de uma ou outra forma, conforme julgasse ser mais prudente”.⁹² Das comunicações feitas por Dom Bosco aos membros do Capítulo Superior nota-se que sua preferência era pela segunda hipótese. “Dom Bosco – registrava o redator das *Atas* – desejaria que, após sua morte, os irmãos, segundo a regra, exercessem sua autoridade na escolha de um superior. Contudo, após a carta do papa, não saberia como decidir de outra forma”. Confessava, ao mesmo tempo, que o papa lhe tinha expresso semelhante parecer na audiência de 9 de maio e perguntava se o nome a ser comunicado ao pontífice devesse sair de uma consulta aos salesianos. O Capítulo dizia um não: “Dom Bosco escolha seu vigário administrador com direito de sucessão e, como o papa declarou, mande o nome do eleito ao papa, o qual o aprovará”.⁹³ Dom Bosco atinha-se a essa solução e, “nesse sentido – declarava depois em 28 de outubro –, mandei escrever ao sumo pontífice, entregando-me mais plenamente às suas decisões”. Além disso, informava ter escrito uma “*memória* sobre outra carta e tê-la enviado”. Ele sintetizava seu conteúdo nos seguintes termos: “Eu propus ao santo padre um vigário geral com direito de sucessão, deixando, porém, tudo nas mãos de sua santidade. A esse vigário darei todos os poderes, mas entendo que seja responsável, pois, repito, que essa responsabilidade até então não existia. Esse vigário escolha outro prefeito. Então eu me retirarei. Observarei, falarei com meu vigário e ele falará e mandará aos outros irmãos *ex officio*”. Já antes tinha explicado por que tivesse excluído a primeira hipótese, que previa a retirada total e a nomeação do sucessor. “Se eu – tinha dito – estou ainda no posto diante do mundo, se não me engano, poderei fazer ainda algum bem à Congregação. Se continuo reitor-mor, ainda que somente de nome, isso basta diante da França, da Espanha etc.”.⁹⁴

Conforme a rápida correspondência entre o Capítulo Superior e a Santa Sé após a morte de Dom Bosco, visando superar as hesitações do padre Rua sobre a legiti-

⁹¹ Cf. M. CASELLA, “Il cardinale Domenico Maria Jacobini (1837-1900)”, *Rassegna Storica del Risorgimento* 58(1971), p. 557-617. Foram presidentes da Primeira Associação Católica o marquês Girolamo Cavalletti e, depois de 1876, conde Francesco Vespignani.

⁹² *Lettere circolari di don Michele Rua ai salesiani*, Turim, Tip. S.A.I.D. Buona Stampa, 1910, p. 7.

⁹³ *Capitolo Superiore*, 24 de outubro de 1884, fol. 44r, FdB 1881 D3.

⁹⁴ *Capitolo Superiore*, 24 de outubro de 1884, fol. 44r-v, FdB 1881 D5-6. A “*Memória*” da qual fala Dom Bosco não foi até o momento encontrada.

midade de uma sucessão automática, o cardeal Lucido M. Parocchi, cardeal protetor desde 17 de abril de 1886, entendia como decisão sob a autoridade do pontífice o que tinha acontecido na audiência concedida ao cardeal Nina em 27 de novembro de 1884. Era o que este tinha comunicado ao cardeal Alimonda na carta de 30 de novembro. Em tal audiência – tinha escrito – “dirigi-me com a obrigação de apresentar ao santo padre a carta de Dom Bosco junto com a de Vossa Eminência. Sua Santifidade ficou muito satisfeito e tranqüilo ao conhecer como o futuro do Instituto Salesiano estaria muito bem seguro com a entrega da condução ao padre Rua, quando viesse a faltar o egrégio Dom Bosco (...). Digne-se, portanto, V. Emcia. manter informado sobre o acima estabelecido ao digno Dom Bosco quando se apresentar a ocasião”.⁹⁵ O sentido de resolução do problema, feito com autoridade, foi entendido em termos precisos por Alimonda, que respondia em 6 de dezembro ao cardeal Nina: “Antes de tudo devo agradecer por sua venerada última carta, na qual teve a bondade de contar-me como o santo padre aceitou a nomeação do ótimo padre Rua como vigário Geral do Revmo. Dom Bosco, com direito a suceder-lhe no governo da Congregação Salesiana. Da bela notícia, e muito mais da bênção apostólica comunicada por V. Em., Dom Bosco e seus religiosos se alegraram grandemente e professam reconhecimento a seu amado protetor”.⁹⁶ A carta do cardeal Nina ao cardeal Alimonda, com efeito, era o documento oficial da decisão formal, expressa pelo papa na audiência concedida ao cardeal Nina, em 27 de novembro, e por este ritualmente comunicada ao cardeal Alimonda e, por intermédio do arcebispo de Turim, a Dom Bosco. Era o que confirmava o cardeal Parocchi, respondendo à pergunta feita pelos membros do Capítulo Superior, após a morte de Dom Bosco.⁹⁷ “Na audiência de Sua Santidade, de 11 de fevereiro de 1888. ‘S. S. o Senhor Nosso Leão XIII, tendo ouvido a relação do subscrito cardeal protetor dos salesianos, confirmou o decreto emanado em 27 de novembro de 1884, sendo relator o Emo Nina, então protetor da dita Congregação, com cujo decreto Sua Santidade tinha provido a nomeação e a sucessão do reitor-mor da mesma Sociedade (no lugar do muito benemérito fundador, que Sua Santidade gostaria que se mantivesse longamente em boa saúde) na pessoa do reverendíssimo padre Michele Rua, sacerdote professo da Congregação Salesiana. Sua Santidade quis, de outro lado, que o predito sacerdote Michele Rua, pelas normas das Constituições da Congregação Salesiana, tenha o nome

⁹⁵ *Lettere circolari di don Michele Rua* p. 9.

⁹⁶ *Lettere circolari di don Michele Rua*, p. 9-11.

⁹⁷ Na pergunta vemos o perfil do padre Rua, que pode ser considerado o melhor de quantos tenham sido formulados: “Ainda que se chegasse ao ato de uma eleição segundo a Regra, contudo é sentimento comum que padre Rua seria eleito com todos os votos, e isso em respeito a Dom Bosco, que o teve sempre como seu primeiro confidente e braço direito, e também pela estima que todos têm por suas exímias virtudes, pela particular habilidade no governo do Instituto, por sua singular destreza em solucionar as questões, das quais já deu provas luminosas, sob a direção de nosso inesquecível e caríssimo fundador e pai” (*Lettere circolari di don Michele Rua*, p. 11-12).

e o ofício de reitor-mor por doze anos, contados a partir da data hodierna, e que esse nome e ofício seja considerado único, de forma a não ser mais tomado por exemplo. Enfim, Sua Santidade ordena que, da sucessiva confirmação e renovação do decreto, fossem informados seja a Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, seja o eleito com os seniores da Sociedade Salesiana. L. M. Parocchi, protetor da Congregação Salesiana”⁹⁸.

Além de Dom Bosco, portanto, também padre Rua e os capitulares deveriam estar informados da decisão do papa em forma de rescrito, termo usado pelo mesmo Dom Bosco na sessão capitular de 28 de outubro. Isto se deduz, seja do texto do rescrito de Leão XIII, de 11 de fevereiro de 1888, confiado ao cardeal Parocchi, seja pela carta, de 6 de dezembro de 1884, do cardeal Alimonda ao cardeal Nina.

De qualquer modo, antes da mudança, Dom Bosco não tinha deixado de manifestar dados de forte vitalidade. Ele tinha enviado vibrante carta, em 25 de outubro de 1884, ao Comitê Executivo da Exposição Geral Italiana de Turim para o Departamento de Jurados de Revisão. Considerava inadequada a presença original das seções profissionais do Oratório referentes às atividades gráficas e editoriais na Galeria do Trabalho – “a engenhosa obra com a qual, *da impressão do papel, ao tipo, à impressão e à encadernação se obtém o livro*” – a simples medalha de prata à Tipografia e o atestado de benemerência de primeiro grau a ele.⁹⁹ Pedia que se chegasse a “um veredito mais conforme ao mérito”. Caso contrário, declarava que renunciaria “*a qualquer prêmio ou atestado*” e pedia que não mais se fizesse “nenhum aceno nos jornais, *nem ao veredito, nem ao próprio prêmio e atestado*”.¹⁰⁰

Alguns dias depois ele recebia, com grande cordialidade, uma carta do presidente do Círculo Católico de Prato, o qual, elogiando a ação social do educador turinense, tinha pedido uma bênção especial para si e para os sócios. Dom Bosco aproveitava a ocasião para explicitar, uma vez mais, o programa de toda a sua vida. Expressava a própria satisfação “pela notícia – escrevia – que me dá sobre a implantação do Círculo Católico para os operários, cujo bem-estar moral e material foi sempre a razão de meus pensamentos e afetos. Agradeço, portanto, a S. V. e todos os componentes do Círculo por ter querido consagrar um dos primeiros pensamentos à minha pobre pessoa”. “Eu confio – prosseguia mais adiante – que este Círculo Católico se alargará sempre mais e recolherá em seu centro muitos outros operários para o bem, salvando-os assim das insídias do inimigo da religião e da sociedade civil, os quais, com o pretexto de melhorar sua sorte,

⁹⁸ *Lettere circolari di don Michele Rua*, p. 14-15.

⁹⁹ Cf. *Esposizione Generale Italiana in Torino 1884. Premi conferiti agli espositori secondo le deliberazioni della Giuria*. Turim, Paravia, 1884, p. 301 e 485. Murialdo saía melhor gratificado: o Colégio dos Aprendizes fora premiado com a medalha de ouro por apreciáveis trabalhos e a colônia agrícola de Bruere, perto de Rivoli, com a medalha de prata (*L'unità cattolica*, n. 270, domingo, 16 de novembro de 1884, p. 1079, “Gli artigianelli di Torino”).

¹⁰⁰ E IV 299-301.

tornam-na ao invés pior, tirando-lhes a paz da consciência e a esperança dos bens imprecíveis no além-tumba”. Ele notava, enfim, que, entre os títulos que lhe davam, existia também o de “pai” e declarava: “eu renuncio a todos, excetuado este último, e como seu pai ficarei muito feliz se puder ser-lhes útil em alguma coisa, como a meus filhos”.¹⁰¹

De outro lado, sem impedir-lhe algumas costumeiras atividades dentro do Oratório, a saúde continuava precária. “O querido Dom Bosco, não podendo mais continuar a carta – escrevia padre Rua terminando uma carta do fundador – deixa-me a ordem de terminá-la; infelizmente a vista não é boa, pois a saúde piorou (...). Contudo, as pernas e a respiração são sempre muito fatigantes”.¹⁰² “Padre Giovanni Bosco – narra o *Boletim Salesiano* de novembro – agradece cordialmente os senhores cooperadores e as senhoras cooperadoras pelas orações públicas e privadas que, em sua caridade, fazem por sua cura”.¹⁰³ Ao mesmo tempo, o cronista informava que Dom Bosco, “tendo melhorado bastante da saúde”, tinha se colocado à disposição para a confissão dos alunos das duas últimas classes do ginásio, além do sábado, também às quartas-feiras.¹⁰⁴ Em 13 de dezembro, fazia a tradicional conferência da Imaculada aos salesianos, insistindo no tema: “Amai-vos uns aos outros; ajudai-vos uns aos outros caridosamente”;¹⁰⁵ e, em 31 de dezembro, fechava o ano com a última estréia, mas não quis “como de costume, fazer-se de profeta”.¹⁰⁶ Não faltaram então relações sobre íncubos e sonhos, mas em círculos restritos de ouvintes.

4. Espiritualidade educativa dos salesianos, religiosos e cooperadores

As inquietações sobre o futuro de sua criação predileta em favor dos jovens, a Sociedade Salesiana, incluindo o Instituto FMA, nos últimos anos faziam crescer em Dom Bosco a ânsia de infundir e difundir em seus religiosos e religiosas, assim como em seus diversificados cooperadores, o próprio espírito, o “espírito salesiano”. Tratava-se de um termo de rico significado: indicava, certamente, o espírito de São Francisco de Sales, convertido, com substanciais novas notas, no espírito próprio dos salesianos, isto é, de São Francisco de Sales modificado e plasmado de novo pelo campo peculiar de aplicação da ação salesiana, no seguimento do modelo oferecido pela biografia, pela ação e pelo magistério do fundador, com referências bem precisas: os jovens pobres e abandonados, a escolha assistencial e educativa, o peculiar modo preventivo de agir. Dom Bosco tinha formulado as mediações de forma refletida nas citadas *Memórias do*

¹⁰¹ Carta de 31 de outubro de 1884; E IV 302-303.

¹⁰² A C. Louvet, 6/7 novembro de 1884; E IV 464-465.

¹⁰³ BS 8(1884) n. 11, novembro, p. 153.

¹⁰⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 27.

¹⁰⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 36-37.

¹⁰⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 20 maggio 1884*, p. 39.

Oratório de São Francisco de Sales, redigidas nos anos de sua plena maturidade etária e espiritual.¹⁰⁷

Mesmo que geralmente a referência primária seja ao método, às modalidades da ação, reconduzíveis a precisos parentescos como razão-religião-*amorevolezza*, antes amor ou mais que temor, alegria-estudo/trabalho-piedade, era absoluta a prioridade do fim, a glória de Deus-salvação das almas. “Dirás a nossos jovens queridos e aos irmãos – escrevia ao diretor da seção dos estudantes da comunidade do Oratório – que trabalho por eles, e até o último respiro será por eles, e que eles rezem por mim, sejam bons e fujam do pecado, a fim de que todos possamos salvar-nos eternamente. Todos. *Que Dieu nous bénisse et que la Sainte Vierge nous protège*”.¹⁰⁸

4.1 Os religiosos salesianos

O motivo preventivo, sobretudo na perspectiva educativa e, mais que isso, escolar-colegial, mas aberto a todas as possibilidades, retorna em vários contextos: nos Capítulos Gerais, nas reuniões do Capítulo Superior, ao surgir problemas particulares, nos encontros com os cooperadores e os ex-alunos.

Na longa reunião pela manhã dos membros do Capítulo Superior, em 12 de setembro de 1884, o debate se desenvolvia sobre o emblema salesiano, cujo esboço tinha sido apresentado pelo padre Sala. Discutia-se em particular sobre o mote. O proposto parecia muito genérico e comum a outras congregações: *Sinite parvulos venire ad me*. Dom Bosco propunha: *Da mihi animas, caetera tolle*, adotado desde os primeiros tempos do Oratório.¹⁰⁹ Na reunião na tarde do mesmo dia ele integrava a idéia da finalidade com a referência precisa ao fato da prevenção como sistema: “Recomendo outra coisa: estudo e esforço para introduzir e praticar o sistema preventivo em nossas casas. Os diretores façam conferências sobre esse importantíssimo ponto. As vantagens são incalculáveis para a salvação das almas e a glória de Deus”.¹¹⁰ Continuando a discussão, ele introduzia o tema da prevenção no setor das leituras, com sua já conhecida posição inflexivelmente protetora. Ele recomendava se “procurar afastar de nossos alunos qualquer livro proibido, mesmo quando fosse prescrito pelas escolas. Muito menos que sejam expostos à venda. Quando Dom Bosco escrevia a história da Itália, tinha feito um pouco de biografia de Alfieri e tinha citado algum trecho de autores proibidos. Mas o famoso professor Amedeo Peyron corrigiu-o dizendo: Jamais nomeie autores proibidos, porque, se os nomeia, suscita nos jovens a vontade de lê-los. Deixe-os no esquecimento. Assim nós devemos fazer: não nomear, não introduzir e não citar autores

¹⁰⁷ MO (1991) 132-133; cf. cap. 6, § 5.2.

¹⁰⁸ Ao padre Francesia, Marselha, no dia 12 de abril de 1885; E IV 323.

¹⁰⁹ *Capitolo Superiore*, fol. 31v, FdB 1881 B2.

¹¹⁰ *Capitolo Superiore*, fol. 33v, FdB 1881 B6.

proibidos ou que tenham sentenças anticatólicas. Far-se-á uma exceção, mas somente para aqueles que devem ser apresentados nos exames públicos. Mas também nestes casos se faça uso de autores purgados. Mas os autores proibidos, mesmo purgados, não sejam colocados nas mãos dos jovens que estão em outras classes inferiores. É propôr-lhes uma fatal curiosidade de verificar as correções. Assim também, não se tenha pressa de falar deles. Os diretores e professores, se tivessem por acaso que ter alguns desses livros, que os tenham sob os olhos. Eu não pensava que houvesse tanta vontade de ler livros proibidos como existe agora. Como também a mania de perder o tempo e arruinar a alma com romances. Leia-se e se dê a ler preferivelmente a vida de nossos alunos. Como também todos os outros livros das Leituras Católicas e os livros da Biblioteca da Juventude, o César, o Mattei [= Maffei] etc. Temos pouca consideração pelas nossas coisas. Temos até medo de colocar nossos livros no catálogo dos livros de prêmio a serem dados em nossos colégios. A alguns parece uma humilhação dar livros religiosos aos da 4ª e 5ª ginasial”.¹¹¹

Não era *excursus* passageiro, mas idéia enraizada em persuasões originais e em experiências de decênios. Dom Bosco a aprofundava na circular sobre “livros que se devem retirar das mãos de nossos jovens e dos que se devem usar para as leituras individuais ou para leituras feitas em comum”. Padre Lemoyne tinha-a redigido sobre um traçado que o superior lhe indicara, mas fez a revisão do texto. Datada de 1º de novembro de 1884, foi enviada para todos os colégios. Prescrevia-se no início do ano escolar uma inspeção aos baús e aos pacotes que os alunos traziam para a escola, obrigando-os a compilar “uma lista conscienciosa de cada livro seu e de apresentá-la ao superior”. Durante o ano não devia faltar a vigilância por parte de todos para impedir a introdução na casa de livros e jornais maus. Deviam ser eliminados os dicionários “não purgados”. Sobretudo, devia ser utilizada uma obra de persuasão amorosa nos jovens “do púlpito, à noite, nas aulas”. Era necessário, também, “vigiar certos outros livros, os quais, bons ou indiferentes em si, podem se constituir perigo, porque não convenientes para a idade, o lugar, os estudos, às inclinações, às paixões nascentes, à vocação. Estes também devem ser eliminados”. As mesmas regras valiam para as leituras em público, “nos refeitórios, nos dormitórios e na sala de estudo”, com exclusão, antes de tudo, de “romances de qualquer gênero” não saídos da tipografia do Oratório. O austero Lemoyne sabia interpretar perfeitamente o pensamento de Dom Bosco. No refeitório, se assumia uma literatura toda salesiana: as histórias escritas por Dom Bosco, o *Boletim Salesiano*, as *Lecture Cattolice*, nos dormitórios, as biografias dos “jovens” de Comollo a Besucco, os livrinhos religiosos das *Lecture Cattolice*, as vidas dos santos¹¹². A esta circular se liga uma outra que Lemoyne compôs e enviou às casas salesianas, com a assinatura autógrafa de Dom Bosco, em 19 de março de 1885. Para garantir leituras sadias, dentro e fora do recinto dos colégios, era preciso intensa obra de difusão dos bons livros, “para

¹¹¹ *Capitolo Superiore*, fol. 33rv, FdB 1881 B6-7.

¹¹² MB XVII 197-200; *Cronistoria* IV 379-383.

a glória de Deus e a salvação das almas”, entre jovens e o povo. “Foi esta – afirma – uma entre as principais empresas que a Divina Providência me confiou”; não somente, “é uma das finalidades principais de nossa Congregação”. Não bastava difundir-los entre os jovens, mas fazer deles “outros tantos apóstolos da difusão dos bons livros”.¹¹³

4.2 Os salesianos por eleição

Nos anos 80 os encontros com os cooperadores e ex-alunos tornavam-se sempre mais familiares, irmanando-os na comum denominação de salesianos. A eles, enquanto tais, Dom Bosco pretendia infundir o espírito comum. Nos cooperadores ele queria enraizar-se mediante o mesmo empenho em favor dos jovens e o envolvimento solidário nas preocupações financeiras que isto comportava. Se nem todos os cooperadores podiam ser benfeitores, eram certamente cooperadores explícitos ou implícitos todos os benfeitores, grandes e pequenos.¹¹⁴

A solidariedade com a família salesiana – os salesianos consagrados e consagradas, os cooperadores e cooperadoras, os jovens de ambos os sexos, os destinatários das missões¹¹⁵ tornava-se em alguns casos empenho totalizante, sentido pleno de vida, verdadeira comunhão de caridade e de graça. A Clara Louvet, Dom Bosco manifestava a intenção de escrever aos salesianos na América, que ao batizar os catecúmenos fosse imposto o nome Clara ao menos a uma menina para cada uma das quinze colônias.¹¹⁶ Era a garantia de preces que contribuiriam a dar a ela aquilo de que tinha particularmente necessidade: a serenidade do espírito, “a paz e a tranquilidade de coração”.¹¹⁷ Ela cooperaria com um programa essencial de vida espiritual traçado por ele com mente límpida e mão segura, no qual as expressões da plena caridade cristã eram coroadas – “pela felicidade no tempo e na eternidade” – pela discreta sugestão: “Fazer as boas obras que nos são possíveis”,¹¹⁸ a menos que – como sugeria em outra ocasião – quisesse confiar “os valores” “ao banco de Dom Bosco”, o qual, utilizando-os imediatamente, os teria subtraído de eventuais ladrões.¹¹⁹ Na perspectiva das boas obras ele contava logo também com a hipotética vocação religiosa de Clara: “Até este momento não tendes a

¹¹³ E IV 318-321.

¹¹⁴ Cf. cap. 22, § 6-8; sobre ex-alunos “salesianos”, cf. cap. 23, § 6.

¹¹⁵ Para a fórmula “famille salésienne”, cf. carta à Louvet, 22 de novembro de 1884 e 20 de outubro de 1886 (E IV 465, 473); ao conde Colle, 20 de junho e 23 de dezembro de 1883 (E IV 496, 500).

¹¹⁶ Carta de 15 de julho de 1882 e de 15 de novembro de 1883; E IV 450 e 458. Com base em uma carta de dom Cagliero, a informa que o bispo tinha imposto o nome de “Clara Louvet” a uma jovem selvagem do Rio Negro, na Patagônia (carta de 7 de outubro de 1885).

¹¹⁷ Cf. carta de 9 de setembro e 21 de dezembro de 1883; E IV 458 e 459.

¹¹⁸ A C. Louvet, 17 de setembro de 1883; E IV 458.

¹¹⁹ A C. Louvet, 26 de janeiro de 1884; E IV 461.

vocação de fazer-vos religiosa, mas tendes a vocação de vos fazer santa. Continuando a agir como fazeis estais no caminho do paraíso. Na espera, estai tranqüila e cultivai as boas obras”.¹²⁰ “Adeus, senhorita Clara – era a mensagem do início de 1887, não ainda a despedida –, que Deus vos conserve a paz do coração, a tranqüilidade da alma e a perseverança até o paraíso”.¹²¹ Um mês antes tinha lhe indicado as condições: “O que acontece no mundo é muito obscuro, mas Deus é Luz e a Santa Virgem é sempre a *Stella Matutina*. Confiança em Deus e em Maria; nada temei. *Posso tudo naquele que me dá força*, Jesus Cristo. Paciência. A paciência nos é necessária para vencer o mundo, assegurar-nos a vitória e entrar no paraíso”.¹²²

Não menos profunda era a relação com o Conde Colle, que tinha terminado, como se viu, por se constituir caixa voluntário de Dom Bosco. Comendador-comandante... comandado.¹²³ “Comendador inteiramente disposto a se fazer comandar por Dom Bosco”, tinha assinado uma das cartas. Estava, portanto, às ordens... do chefe.¹²⁴ Dom Bosco sabia que podia agir, com fineza de tratamento e máximo respeito, não menos preocupado pela saúde física – muito precária era a do conde – e espiritual dos generosos cônjuges. Quando escreve, informa-o, pede, saúda em nome da “família salesiana”, não fala jamais de “seus” problemas, mas de “nossos negócios”, próprios e do conde. Em todo caso, eles “dizem respeito à glória do Bom Deus e à felicidade eterna das ‘nossas almas’”.¹²⁵ De agosto e setembro de 1882 são duas cartas nas quais expunha ao conde a grande necessidade de dinheiro para os “que se preparavam ao sacerdócio e para se tornar missionários no estrangeiro”, e para ajudar os missionários que já estavam na Patagônia e na Terra do Fogo. Pedia que ele respondesse com a mesma confiança com a qual ele pedia: *Oui ou non*, com absoluta liberdade; mas indicava também a soma necessária, 12 mil francos! [cerva de 35 mil euros].¹²⁶ A breve mensagem enviada no dia da Natividade de Maria começava, sem nenhum preâmbulo, com uma oração à Virgem: “Ó Maria, nossa boa Mãe, no dia em que a Igreja católica celebra vossa natividade trouxei vós mesma uma bênção toda especial a vossos dois filhos, o senhor conde e a senhora condessa Colle, *para os quais, com todo o coração*, nesta manhã, celebrei a santa missa e nossos jovens fizeram a santa comunhão para seu bem espiritual e temporal”.¹²⁷ Agravando-se a doença do marido, recomendava à condessa: “Mas por vós mesma, senhora Condessa, não tendes cuidado de vossa saúde. Cuidai de nosso querido doente, mas não esqueçais vós mesma (...) Ó gloriosa Santana,

¹²⁰ A C. Louvet, 6 de novembro de 1884; E IV 464.

¹²¹ Carta de 16 de janeiro de 1887; E IV 475.

¹²² A C. Louvet, 9 de dezembro de 1886; E IV 474.

¹²³ Cf. cap. 22, § 9.

¹²⁴ Ao conde Colle, 5 de julho de 1884; E IV 505.

¹²⁵ Cf. carta de 10 de junho e 25 de agosto de 1883; E IV 496.

¹²⁶ Carta de 28 de agosto e 6 de setembro de 1882; E IV 491.

¹²⁷ Carta de 8 de setembro de 1886; E IV 522.

obtende do Bom Deus saúde, santidade e perseverança até o paraíso – paraíso – paraíso. Afeiçoado como filho. P. G. Bosco”.¹²⁸ Recebendo notícias de melhoras, alegrava-se e confiava: “Eu tinha afirmado várias vezes e escrito, que se é da vontade de Deus me chame à eternidade, mas dê ainda tempo a seu filho, o senhor conde Colle, para que possa continuar sua proteção a nossos missionários e à nossa nascente Congregação”.¹²⁹ Mas o conde o precederia de um mês ao encontro com a morte.

“As almas dos selvagens serão, sem dúvida, vossa herança diante de Deus”,¹³⁰ escrevia aos cônjuges Blanchon, de Lyon. De 1880 a 1884 eles estiveram constantemente presentes às suas necessidades: os jovens, os “órfãos”, as novas fundações, as instituições juvenis, e em particular a construção da Igreja Sagrado Coração, em modo muito especial as missões.

Também era grande amigo e benfeitor de Dom Bosco o engenheiro e arquiteto Vincent Levrot, de Nice, que, como sabemos, tinha-o hospedado na primeira estada na cidade da Costa Azul. A ele enviava ao menos nove cartas (duas em italiano, as outras em francês) e a quem se referia em várias outras ao padre Ronchail. Para ele, “homem eminentemente católico e consagrado incessantemente às obras de caridade”, Dom Bosco obtinha a nomeação pontifícia de cavaleiro de São Gregório Magno.¹³¹ Recordava-o por seu dia onomástico de Frohsdorf, em 16 de julho de 1883,¹³² e lhe anunciava a viagem à França na primavera de 1885, desejando tratar com ele *pessoalmente* das próprias obras.¹³³ Embora com “a vista e as forças vitais” “assaz diminuídas”, não deixava em seguida de agradecer o “Sr. Cavaleiro” pela “especial proteção” dada a seus “órfãos”.¹³⁴ A ele reservava uma das últimas cartas.¹³⁵

Em 1884 o cólera se aproximava também de Pinerolo, e ele tranquilizava uma benfeitora: “Nosso antídoto é seguro”, a prece e a garantia da proteção da Virgem.¹³⁶ Mais genérica era a resposta à condessa Bonmartini, que se subscrevera a uma coluna para a Igreja Sagrado Coração em Roma e tinha enviado a última parcela de 1.053 liras: “Vai tudo bem; procuremos ganhar as almas; Deus abençoará nossos esforços e nos dará força, querer e graça (...). O cólera nos rodeia, mas até agora Deus deixa-o longe de

¹²⁸ Carta de 26 de julho de 1887; E IV 532.

¹²⁹ À condessa Colle, 14 de agosto de 1887; E IV 532.

¹³⁰ Carta de 28 de outubro de 1880; 21 de maio de 1881; 23 de março e julho de 1883; E IV 426-429.

¹³¹ Cf. súplica a Leão XIII, 9 de maio de 1881 (E IV 53); carta ao padre Ronchail do final de 1881 (E IV 98) e de 25 de dezembro de 1882 (E IV 193, pedia notícias do cavaleiro Levrot).

¹³² E IV 224.

¹³³ Carta de 8 de março de 1885; E IV 317.

¹³⁴ Cf. cartas de 21 de novembro e 13 dezembro 1885 (E IV 234 e 350); de Pinerolo, 19 de julho de 1886 (E IV 356); em francês, de 1º de agosto de 1886 (E IV 409-410).

¹³⁵ Carta de 28 de outubro de 1887; E IV 410.

¹³⁶ À senhora Magliano, 16 de agosto de 1884; E IV 287.

nós. Queira a Santa Virgem continuar sua assistência e sua proteção”.¹³⁷ De modo semelhante agradecia “por sua caridade” a senhora Luigia Dufour, desejando que a Virgem Auxiliadora difundisse e protegesse a ela e a família contra o cólera que começava a ameaçar os países ao redor.¹³⁸

Não se esquecia de uma benfeitora da primeira hora, marquesa Fasati, viúva desde 1878, e da filha Azelia, esposa do barão Carlo Ricci, que se recordavam dele com uma “caridosa oblação”.¹³⁹ À baronesa, guiada espiritualmente desde a adolescência, enviava cachos de uva amadurecidos “sob a sombra e proteção de Maria Auxiliadora”, isto é, das videiras que subiam até a murada de seu quarto.¹⁴⁰

Nesse contexto de relações ricas em humanidade e de espiritualidade adquirem crescente significado as não poucas páginas das *Memórias desde 1841* dedicadas aos benfeitores, incluindo as breves cartas individuais que deveriam ser-lhes entregues após sua morte. Substancialmente, também a eles procurava infundir, com breves fórmulas, dois grandes amores: a fiel e sábia administração dos talentos recebidos – a vida, o tempo, os bens materiais, as riquezas – e a esperança dirigida para a mercê de todas a mais importante, a vida eterna, sem desvalorizar a temporal. Também nelas prometia orações, suas e dos seus, jovens e salesianos, para o duplo escopo: para que o Senhor os guiasse “nos caminhos do paraíso”, para que o alcançassem, a ele o mitente, que esperava encontrar-se e recebê-los na “casa” de Maria e de Deus, onde estava a felicidade sem tempo. Todas as mensagens aos benfeitores cantavam de novo o hino da caridade operante: “Sejamos sempre sustento da Congregação Salesiana e auxílio das missões salesianas”; “continuem a proteger sua obra apostólica e terão tantas almas salvas pelos missionários salesianos que conduzirão os benfeitores ao céu”. A algumas benfeitoras – a senhorita Rosa du Gas, a senhora Jacques, a marquesa Fasatti – confiava suas obras e seus órfãos. “A perseverança no bem” asseguraria “o verdadeiro prêmio” no céu. Ao ancião Feliciano Ricci des Ferres, benfeitor de longa data, auxiliado pelo filho Carlo e pela nora Azeia Fassati, dirigia uma súplica calorosa: “Ó Sr. Barão, vós deveis absolutamente salvar a alma, mas deveis dar aos pobres todo o vosso supérfluo, quanto vos deu o Senhor”, uma “graça extraordinária”. A felicidade eterna com a inteira família compreendida, bem conhecida por Dom Bosco, era invocada por três pessoas benfeitoras privilegiadas, conde Eugenio de Maistre, condessa Carlotta Callori e condessa Gabriella Corsi.¹⁴¹

Entre as coisas a serem feitas pelo novo reitor-mor apenas eleito – a página fora escrita antes da nomeação formal do padre Rua como vigário, mas não antes de ser-lhe

¹³⁷ Carta de setembro de 1884; E IV 293.

¹³⁸ Carta de 2 de outubro de 1884; E IV 295. À mesma, outra carta de 19 de fevereiro de 1885; E IV 314-315.

¹³⁹ Carta de 27 de novembro de 1884; E IV 304.

¹⁴⁰ Carta de 4 de novembro de 1885; E IV 345.

¹⁴¹ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 112-115, 121.

prefigurada pelo mesmo papa – após as cartas ao papa, aos salesianos, às Filhas de Maria Auxiliadora, era indicada “outra carta” aos benfeitores e aos cooperadores para agradecer, em seu nome, o quanto tinham feito, enquanto estava vivo, “pedindo-lhes que continuassem seu auxílio em sustento das obras salesianas”. Com “a firme esperança de ser acolhido na misericórdia do Senhor”, continuaria a rezar por eles. Recomendava: “Mas se note, se diga e se pregue sempre que Nossa Senhora Auxiliadora obteve e obterá sempre graças particulares, também extraordinárias e milagrosas, para os que concorrem para dar uma educação cristã à juventude periclitante com as obras, com o conselho, com o bom exemplo ou simplesmente com a oração”.¹⁴²

5. Agente social e o taumaturgo novamente na França

“Minha saúde melhorou muito, mas não estou certo de fazer uma viagem na primavera até Lille. Veremos”. Esse era o anúncio que dava em dezembro a Clara Louvet.¹⁴³ A incerteza continuava por alguns dias: “Estou muito melhor, mas não sei ainda se a saúde me permitirá ir com ele [dom Cagliero] até Marselha, como desejaria vivamente”, escrevia mais adiante ao seu mecenas francês, conde Colle.¹⁴⁴ Em 22 de janeiro de 1885, na conferência dos cooperadores de Turim, com a participação do cardeal Alimonda e do bispo auxiliar dom Bertagna, “em lugar de Dom Bosco – presente – tomava a palavra dom Giovanni Cagliero”.¹⁴⁵ Condições de saúde precárias transparecem em algumas cartas: “Minha saúde é sempre muito frágil, mas estou fora do leito e a dar conta de minhas ocupações”;¹⁴⁶ “estou muito velho, mas tenho plena confiança de poder vê-lo ainda nesta terra antes que a misericórdia divina me chame para a vida eterna”.¹⁴⁷

Com efeito, não se sentia com forças para ir até Marselha para saudar dom Cagliero, que partia com salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora para a América. Fazia-se representar pelo padre Bonetti, portador de uma carta oficial para o bispo. A um de seus primeiros meninos do Oratório Dom Bosco reservava palavras de ternura e de prudência, com um sintético programa de ação. “O padre Bonetti – escrevia – conduz a ti os corações e as saudações de todos os salesianos da Europa, que tu estenderás aos salesianos da América (...). Todos os cooperadores de Europa fazem e continuarão a

¹⁴² “Memorie dal 1841”, RSS 4 (1985) 101.

¹⁴³ À C. Louvet, 20 de dezembro de 1884; E IV 466.

¹⁴⁴ Carta de 18 de janeiro de 1885; E IV 511.

¹⁴⁵ Desta conferência dava uma relação geral o jornal *L'unità cattolica*, n. 21, domingo, 25 de janeiro de 1885, p. 82, “La Conferenza dei cooperatori salesiani a Torino e un discorso del primo Vescovo della Patagonia”. Cf. BS 9(1885) n. 2, fevereiro, p. 23.

¹⁴⁶ À C. Louvet, 1º de fevereiro de 1885; E IV 467.

¹⁴⁷ Ao arcebispo de Buenos Aires, 9 de fevereiro de 1885; E IV 312.

rezar pelo bom êxito da viagem e pela continuação de teus afazeres para a maior glória de Deus e salvação das almas. Deus está conosco. Não temas. Recomenda a todos os nossos envidarem esforços em dois pontos cardeais: fazer-se amar e não fazer-se temer; fazer qualquer sacrifício pessoal e pecuniário a fim de promover as vocações eclesíásticas e religiosas”.¹⁴⁸

Em outras cartas sublinhava melhoramentos graduais. “Estou melhor de novo e fora do leito, e vos posso escrever esta carta”, anunciava ao conde Colle¹⁴⁹ e a outros: “Minha saúde está sempre melhor, mas procede lentamente. Espero muito em vossas orações”;¹⁵⁰ “minha saúde, como talvez saibas, não esteve tão bem neste ano; agora está melhor e já pude sair e fazer dois breves pequenos passeios”.¹⁵¹ Em 13 de março de 1885 padre Viglietti anotava em sua crônica: “Há vários dias os jornais vão anunciando a morte de Dom Bosco. Ele, ao invés, de algum tempo para cá goza de bastante boa saúde”¹⁵². Efetivamente, falava disto o *Corriere della sera* de Milão e fazia eco em Turim, em 14 de março, a *Cronaca dei Tribunali*. Conforme uma extravagante informação de agência, Dom Bosco, solicitado pelos missionários, teria partido para a América e “morto nas missões”.¹⁵³

Dom Bosco tinha corrido antes do otimismo do cronista, anunciando ao conde Colle uma viagem menos fantasiosa: “Vossa carta me induziu a tomar a resolução de fazer uma viagem até vós, malgrado minha frágil saúde”.¹⁵⁴ De fato, ele partia em 24 de março de 1885 com padre Bonetti e o habitual clérigo Viglietti para a França, via Gênova-Sampierdarena-Alassio. De 27 de março a 1º de abril estava em Nice, de 1º a 5 em Toulon, junto dos Colle, e em Marselha de 5 a 20 de abril.¹⁵⁵ De Nice, padre Cerruti informava padre Rocca sobre a própria saúde e a do superior. “Estou não muito, mas suficientemente bem. Dom Bosco está também discretamente, malgrado os excessos, aos quais sua condição e as necessidades dos nossos o sobrepõem. Mas esses excessos o Senhor lhe compensa” com significativo afluxo de dinheiro.¹⁵⁶ Aos salesianos do Colégio de Alassio mostrava Dom Bosco sofredor como modelo de fortaleza: “Não nos cansem nem nos abatam jamais as fadigas, desprazeres, ingratidões, contrariedades, tudo por Jesus. Um olhar a Dom Bosco, quebrado, caído, muitas vezes em estado que comove as pedras, e que apesar de tudo passa a vida esmolando por Deus e por seus filhos, consolando, sofrendo em mil dores, antes que repousar. Que ele nos sirva de

¹⁴⁸ Carta de 10 de fevereiro de 1885; E IV 313-314.

¹⁴⁹ Carta de 11 de fevereiro de 1885; E IV 512.

¹⁵⁰ À C. Louvet, 21 de fevereiro de 1885; E IV 468.

¹⁵¹ Ao conde Eugenio De Maistre, 1º março de 1885; E IV 317.

¹⁵² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 1º gennaio 1885 al 23 marzo 1885*, p. 43-44.

¹⁵³ Cf. A. AMADEI, *Il servo di Dio Michele Rua*, vol. I. Turim, SEI, 1931, p. 341.

¹⁵⁴ Ao conde Colle, 6 de março de 1885; E IV 513.

¹⁵⁵ Da viagem à França – ida e volta – fornece muitas informações a crônica do padre Viglietti, no caderno de 24 de março a 6 de maio de 1885, p. 4-78.

¹⁵⁶ Carta de 27 de março, ASC 381, original aut. 2f.

exemplo e força”.¹⁵⁷ Notícias semelhantes, com uma entrega apropriada por parte de Dom Bosco, dava em carta anexada, reservada aos colegiais: “O senhor Dom Bosco, que deixei ontem em Navarre e vou rever novamente depois de amanhã à tarde, para partir com ele no sábado em direção de Marselha, vos deixa como inesquecível recordação a *comunhão freqüente*. O entusiasmo e a veneração que ele faz surgir em todos os lugares é indescritível. Todos queriam vê-lo, falar-lhe, escutar dele mesmo uma única palavra. Os seus sofrimentos, sua constante amabilidade, as curas milagrosas, que também neste ano acontecem algumas vezes, as bênçãos e preces fazem crescer sempre mais o conceito que se tem de um grande santo, como é proclamado por todos”.¹⁵⁸ Uma semana depois, de Marselha, ao confiável padre Rocca comunicava: “Minha saúde não está bem, sofro muito e sofro muitas vezes, porque tenho muita necessidade de trabalhar e, de outro lado, Dom Bosco sofre mais que eu (...). Dom Bosco não me deixa partir de muito boa vontade, e deseja que me ocupe em *foro interno et externo, plene et absolute* das coisas e do pessoal, salesianos, irmãos etc.”.¹⁵⁹ Dom Bosco se encontrava a Toulon durante o tríduo pascal (2 a 4 abril). Na quinta-feira santa recebia a eucaristia na catedral, e no dia de Páscoa, 5 de abril, celebrava a missa na casa dos Colle, onde se hospedava. Graciosa era a carta que escrevia de “Marselha em 12 de abril de 1885” ao padre Francesia, diretor da seção de estudantes do Oratório de Valdocco, angustiado pelas dificuldades do trabalho: “Não posso escrever a outros, mas padre Francesia, pupila de meus olhos, ao menos alguma palavra. Antes de tudo, procura não criar para ti sofrimentos ou mal-estar onde não existem: e, quando os encontrar, saiba recebê-los da santa mão do Senhor. Dirás a nossos queridos jovens e irmãos que trabalho por eles, e até o último respiro será por eles, e eles rezem por mim, sejam bons e fujam do pecado, para que todos possamos salvar-nos eternamente. Todos”.¹⁶⁰ Eram interessantes as palavras pronunciadas em 13 de abril, em Marselha, no final de um banquete de honra, em casa do senhor Bergasse, presidente de uma refinaria, de uma companhia de navegação e de outras sociedades, presentes os Colle, Rostand e outros do mesmo nível social. “Esse senhor Bergasse – anotava o secretário cronista – preside a quase todas as sociedades católicas”. Como bom empresário cristão, Bergasse dava uma interpretação “social” da ação assistencial de Dom Bosco, da qual podia partilhar a maior parte dos benfeitores. “Disse – registrava Viglietti – dos esforços que ele [Bergasse] fazia para cooperar para o bem da Congregação, do bem que fazem todas juntas as sociedades que ele preside para ajudá-lo”. Apresentando “uma generosa oferta” por parte de uma dessas, “falou da dor que experimenta em ver a Sociedade que se desfaz e da consolação em ver esta Sociedade ajudada tão potentemente por Dom Bosco em sua reordenação”. Aplaudiu-se e “louvou-se muito pela educação da juventude que ele tirou das praças”.

¹⁵⁷ Carta de La Navarre, 1º de abril de 1885, ASC F 381, orig. aut. 2 f.

¹⁵⁸ Carta de 1º de abril de 1885, ASC F 381, orig. aut. 2 ff.

¹⁵⁹ Carta de 9 de abril de 1885, ASC F 381, orig. aut. 2 ff.

¹⁶⁰ E IV 33.

Bergasse concluía: “Oh, não é pois verdade que tudo vai mal, temos um Dom Bosco! exclamava; que Deus o conserve ainda por longo tempo, o abençoe, o faça prosperar; a França, o mundo inteiro tem necessidade dele”.¹⁶¹ Em 17 de abril o festejado fazia uma breve conferência aos cooperadores de Marselha. Em 12 de fevereiro dom Cagliero tinha feito a mais solene na festa de São Francisco de Sales.¹⁶² Dom Bosco “disse que não mais subia ao púlpito para fazer um discurso, isso porque sua pouca saúde não permitia, e que outra língua bem mais eloqüente teria feito. Mas somente para agradecer antes a Deus e depois os cooperadores” por sua caridade generosa. Prometia o “eterno reconhecimento”. Acrescentou “que não sabia se aquela fosse a última vez que poderia encontrar-se entre eles”, mas que, de qualquer modo, no céu “seu primeiro pensamento” “seria o de pedir a Jesus, a Maria e todos os santos para que abençoassem e protegessem todos os que cooperaram para o bem de tantas almas”.¹⁶³

Em todos os lugares era assediado por pessoas que pediam preces e bênçãos, esperando graças de cura, com resultados que o cronista registrava cuidadosamente, delineando cenários evangélicos: “Agora é-me impossível registrar todas as graças que acontecem instantâneas. Todos que vêm têm alguma para narrar, pelas bênçãos recebidas nos dias anteriores. A ele são conduzidos os encurvados agora erguidos, cegos que agora enxergam, enfermos, moribundos que agora gozam de perfeita saúde”. “Em dois ou três dias foram levadas todas as penas que sucessivamente eram colocadas sobre a mesa de Dom Bosco, chegando a sete dúzias. O barrete já lhe foi tirado três ou quatro vezes”. Abundantes eram também as ofertas, que serviam para pagar dívidas e para sustentar obras pobres, como Navarre e Saint-Cyr, enquanto conde Colle dava substanciais contribuições em favor da Igreja Sagrado Coração em Roma, e não somente. Na casa de Marselha o cronista informa, “foram deixadas até 13 mil liras” “em esmolas recebidas dos visitantes”. Prantos e pedidos de bênçãos misturavam-se com as despedidas.¹⁶⁴ Por seu lado, padre Cerruti fornecia ao padre Rocca ulteriores informações e impressões: “Conde Colle prepara, além do que já foi dado, uma soma deveras fabulosa para padre Rua, pela qual também o Internato Sagrado Coração poderá bem depressa chegar a bom ponto. A isso se acrescentem as graças espirituais contínuas, curas, reconciliações de famílias, conversões de pessoas que tinham abandonado Deus e todo o resto... Mas quanto custam todas estas coisas ao pobre Dom Bosco? São incríveis seus sacrifícios, sua abnegação, seus sofrimentos! Acontecem momentos nos quais a conservação de sua existência é verdadeiramente um milagre”.¹⁶⁵

Na viagem de volta para a Itália ele parava, entre 20 e 21 de abril em Toulon, e de 21 a 28 em Nice. Nesta cidade, no dia 27, participava de um banquete familiar no Círculo

¹⁶¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885 al 14 aprile 1886*, p. 39-43.

¹⁶² *Monseigneur Cagliero à Nice e La fête de Saint-François-de Sales à l'Oratoire Saint Léon et Conférence des Coopérateurs salésiens*, “Bulletin Salésien” 7 (1885) 25-30.

¹⁶³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885 al 14 aprile 1886*, p. 50-51.

¹⁶⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885 al 14 aprile 1886*, p. 57-19.

¹⁶⁵ Carta de 15 de abril de 1885, ASC F 381, orig. aut. 3 ff.

Católico. “Eram mais de cinqüenta convidados... e toda a nobreza de Nice” – anotava com complacência o cronista –; “estavam presentes para o momento muitos presidentes de outros Círculos, entre os quais o de Lyon, de Marselha, de Montone, de Cannes etc.”. Aí compareceram “condes, marqueses, duques e outros ilustres senhores, professores de universidade, célebres advogados, doutores”. Na tarde, Dom Bosco presenciava um espetáculo filodramático com discursos e refresco. “Nos discursos lidos – recorda ainda o cronista – chegavam mesmo a divinizar Dom Bosco, chamavam-no anjo enviado pelo céu, São Vicente de Paula redivivo”.¹⁶⁶ No dia 28 estava em Alassio, onde permanecia até 2 de maio, partindo daí para Varaze e Sampierdarena, onde permanecia até 6 de maio.¹⁶⁷ Também em Sampierdarena não faltaram visitas ilustres e de tantos outros, individuais ou em grupo, que assediaram Dom Bosco, pedindo bênçãos e graças.¹⁶⁸

A viagem parece ter sido benéfica, quer para a bolsa, quer para a saúde do peregrino da Providência. Antes mesmo da chegada em Turim o *Boletim Salesiano* dava boas notícias: “Nossos benévolos cooperadores e cooperadoras mostraram viva solicitude para ter notícia de Dom Bosco. Com alegria podemos anunciar que Dom Bosco, tendo visitado as casas salesianas da França e da Ligúria, estará de volta a Turim no dia 6 do corrente maio, bem melhor de saúde”.¹⁶⁹

¹⁶⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885 al 14 aprile 1886*, p. 66-69; “Dom Bosco à Nice”, *Bulletin Salésien* 8(1885), p. 78-79.

¹⁶⁷ “Dom Bosco esteve aqui quase a semana inteira, partiu agora para Varazze-Sampierdarena em boa saúde e te sauda carinhosamente”, anunciava padre Cerruti ao padre Barberis em 2 de maio (ASC 272.31 *Cerruti*, orig. aut. 3 f.).

¹⁶⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885 al 14 aprile 1886*, p. 73-75.

¹⁶⁹ BS 9(1885) n. 5, maio, p. 61.

Capítulo XXXIII

DECADÊNCIA FÍSICA E INDÔMITA VITALIDADE (1885-1886)

- 1885 15 de julho a 22 de agosto: em repouso na casa de Mathi Torinese
 8 de dezembro: comunicação oficial à Sociedade Salesiana do padre Rua
 como vigário
- 1885/1886 24 de março a 15 de maio: viagem à Ligúria, França e Espanha
 8 de abril-6 de maio: em Sarriá-Barcelona
 15 julho-13 de agosto: em repouso na vila do bispo de Pinerolo
 1-7 de setembro: Quarto Capítulo Geral da Sociedade Salesiana

Dotado de uma constituição física basicamente robusta, contudo Dom Bosco teve várias doenças e diversos distúrbios físicos, alguns graves, enraizados no colapso físico que o acometera no verão de 1846, por causa de excesso de trabalho. Nos últimos anos faziam-se sentir, com mais intensidade, os velhos achaques, e ainda surgiam novos:¹ uns e outros golpeavam com crescente continuidade o padre ancião, indômito do ponto de vista da vontade e da resistência, mas consumido pelo enorme trabalho. O paciente, porém, também dava sinais e gestos de inesperada vitalidade, como se fossem rápidas ressurreições, com certa continuidade no governo, expressa então na presença animadora, no interior e no exterior dos dois institutos religiosos. O governo, no sentido próprio, era secundado e mais freqüentemente suprido com extrema discrição e filial adesão, cooperação e disponibilidade, pelos cooperadores mais próximos, em modo tal que nada ou pouco parecia ofuscada a imagem pública e privada do fundador e superior. É o que emerge, em várias circunstâncias, no biênio 1885-1886.

1. Do Oratório a Mathi Torinese

Em 7 de maio o secretário cronista anotava: “Dom Bosco está muito cansado”.² Contudo, estava preparado, no mesmo dia e no seguinte, para receber a admirada visita

¹ Cf. cap. 32, § 1.

² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 79.

de Henry Fitzalan-Howard, 15º Duque de Norfolk, primeiro par da Inglaterra (1847-1919), aluno do Oratório de Newman, incontestado chefe do laicado católico inglês. Acompanhavam-no a esposa Flora com o filho de 15 anos, cego de nascença e epilético. Em relação epistolar com Dom Bosco desde 1882, os nobres Norfolk vinham pedir a cura do filho, confiando na prece de Dom Bosco e na intercessão da Virgem Mãe, colocando-se, em qualquer caso, sob a vontade de Deus. A cura não aconteceria. A duquesa morria em 1887, o duque se casaria de novo em 1904, e em 1908 obtinha o desejado herdeiro, Bernardo, 16º duque de Norfolk. Nas visitas e assíduas presenças no Oratório e na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, quer antes da partida para Roma, em 10 de maio, quer no retorno, dia 25, impressionaram a simplicidade, a cordialidade, a fé e a piedade dos dois cônjuges, admiradores de Dom Bosco e de sua obra³. O próprio Dom Bosco informava conde Colle de alguns momentos da visita. Escrevia-lhe em 10 de maio: “A festa de Nossa Senhora Auxiliadora ficou definitivamente estabelecida para 2 de junho”, “mas o duque de Norfolk não pode permanecer conosco até esse dia. Agora partiu com a família (18 pessoas) para Roma. Mas, após a bênção do santo padre, voltará a Turim para continuar suas práticas de piedade, de manhã e de tarde, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora”. “Agora a cabeça está cansada”.⁴ No dia 26 informava-o: “O Senhor duque de Norfolk e sua família partiram nesta manhã para a Alemanha; todos ficaram muito contentes de sua permanência entre nós e da melhora do menino doente”.⁵

Na reunião dos cooperadores de Turim, em 1º de junho, vigília da Festa de Nossa Senhora Auxiliadora, “Dom Bosco aparecia no púlpito; seu aspecto era o de um homem muito cansado e sua voz um tanto quanto rouca”. Não obstante, tinha modo de expor seu conceito de cooperador e de ilustrar as obras que naquele momento precisavam mais de apoio: as missões da Patagônia, a Igreja Sagrado Coração, a casa de Paris. Concluía lembrando a mercê prometida pelo Senhor e recomendando a prece recíproca.⁶ À celebração onomástica de 23 de junho à tarde e de 24, a prostração física do superior e pai pareceu a todos quase irrefreável. A festa foi soleníssima. Entre os presentes foi oferecido ao festejado o retrato de Mamã Margherita. De manhã, em nome do grupo dos ex-alunos, teólogo Antonio Berrone lia um alado discurso ao *Padre Giovanni Bosco raptor de corações*. Tomava como ponto de partida a admiração de Napoleão, segregado em Santa Helena, por Jesus, o único a atrair a humanidade unicamente com o amor, mediante seu maior milagre, “fazer-se amar”. “Tu também, ó Dom Bosco – continuava dirigindo-se ao venerado educador –, podes com razão vangloriar-se de tornar-se dono dos corações”. “Tu és um ladrão, e um ladrão incorrigível”; “a mão do Senhor se mani-

³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 79-81; *L'unità cattolica*, n. 124, quarta-feira 27 de maio de 1885, p. 493, *Il duca di Norfolk a Torino*.

⁴ E IV 515.

⁵ E IV 515.

⁶ BS 9(1885) n. 7, julho, p. 94-95.

feita em ti comunicando o dom celestial de subjugar os corações e de fazer-te amar”. E terminava com uma profissão de amor, “eu te amo”, em unísono com os milhões de corações palpitantes “no Piemonte, na Itália, na Europa, na América, em todo o mundo”.⁷ Entre os presentes estava o sacerdote alemão Johann Mehler, que em setembo falaria de Dom Bosco na 32ª Assembléia Anual dos Católicos Alemães em Münster.⁸ Ele escrevia a Dom Bosco, assinando “sacerdote e cooperador salesiano em Ratisbona”, e assegurava: “Os alemães amam e amarão Dom Bosco como se ama um pai”.⁹

A prostração física continuava. Esperava-o na localidade de Mathi, há 27 quilômetros de Turim, na casa edificada próxima da fábrica. “Amanhã – comunicava ao conde Colle –, se Deus quiser, partirei para Mathi a fim de me recompor um pouco de minha fraqueza, ou melhor, se possível, retardar um pouco minha velhice”.¹⁰ Ia para lá em 15 de julho. Aí – registrava o cronista – os superiores pretendem que passe algum tempo em repouso, e também porque o enfraquecimento de suas forças não resiste ao calor da cidade”.¹¹ No dia seguinte Viglietti anotava: “Dom Bosco faz recreação narrando belos trechos de sua vida passada, passeia no jardim e parece que vai adquirindo saúde e forças, e come com melhor apetite”.¹² As antigas recordações e o anseio pela salvação dos jovens o seguiam. Na noite entre 16 e 17 de julho sonhava com alguém que o convidava a fundar, em Turim, na zona de Piazza Vittorio, outros dois oratórios, um masculino e outro feminino.¹³

Interrompia seu retiro no dia 26 e no dia 30 de julho para estar em Turim, no encontro anual com os ex-alunos leigos e sacerdotes, com o costumieiro ágape fraterno. Em 26 de julho somos informados que “Dom Bosco no final tomou a palavra, mas foi breve pela grande falta de forças”. “Minha vida – disse entre outras coisas – chega a seu termo”: “se vos precedo na eternidade”, “asseguro-vos que não me esquecerei de vós em minhas” orações; se, ao invés, tivesse que continuar aqui, “estai seguros que eu continuarei a vos amar e a vos ajudar no pouco que posso”. Já o discurso aos sacerdotes em 30 de julho, inteiramente dedicado à Obra das vocações adultas, era longo.¹⁴ Viglietti fixava em poucos adjetivos o primeiro dia, dos “burgueses”: “a festa foi bela, foi esplêndida”; “lá pelas 6h30 [18h30] retornou para Mathi. Dom Bosco está muito cansado do dia”. Sobre o segundo registrava laconicamente: “A festa dos [antigos] alunos foi bela e coroou-se com a confecção de um grupo fotográfico de todos os [antigos] alunos, com Dom Bosco ao centro. Às 6 horas retornou a Mathi”.¹⁵ Em 3 de agosto não se encon-

⁷ A D. Giovanni Bosco rapitore dei cuori nella faustissima ricorrenza del Suo Onomastico gli antichi suoi alunni – 24 Giugno 1885. Turim, Tip. Salesiana, 1885, 12 p.

⁸ Cf. cap. 26, § 5.

⁹ “Don Bosco e l’Assemblea Generale dei Cattolici Tedeschi”, BS 9(1885) n. 11, novembro, p. 166.

¹⁰ Carta de 14 de julho de 1885; E IV 516.

¹¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 83.

¹² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 83.

¹³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 83-87.

¹⁴ “Festa di famiglia”, BS 9(1885) n. 9, setembro, p. 131.

trava em condições de estar em Turim para a solene celebração fúnebre na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, presidida pelo cardeal Alimonda, em memória do cardeal Nina, falecido em 26 julho.¹⁶

Em 7 de agosto o secretário geral anotava: “Saúde de Dom Bosco nestes dias é inquietante; contínuas dores de cabeça, desinteria, mal nos olhos, e contudo ele está sempre alegre e não se queixa de nada”.¹⁷ Ao conde Colle, três dias depois, Dom Bosco confirmava isso em parte: “Nestes últimos dias minha saúde piorou um pouco. Agora, porém, graças a Deus, está melhor. Deus seja louvado”. Acrescentava: “Domingo (15 de agosto) estarei em Turim, e segunda-feira irei a San Benigno para os exercícios espirituais. Vós, porém, receberéis regularmente notícias nossas”,¹⁸ “quanto a mim, desejo muito ver-vos, mas não estou seguro, porque durante toda minha estadia em Mathi minhas viagens foram do quarto ao jardim bem próximo da fábrica”.¹⁹

O cronista dava grande relevo à iniciativa do conde Balbo e do cardeal Alimonda, anunciada em 9 de agosto por *L'unità cattolica*, visando envolver o episcopado e os católicos italianos no sustento financeiro da construção da Igreja Sagrado Coração.²⁰

No entanto, a saúde não melhorava. “Também neste ano – anotava o cronista – por causa de sua saúde periclitante, Dom Bosco teve que se ausentar da festa pelo seu aniversário – tradicionalmente assinalada em 15 de agosto e não 16 –, da distribuição dos prêmios e, no momento, da assistência dos exercícios espirituais”.²¹

No longo mês de repouso, porém, Dom Bosco não ficou sozinho. Além das freqüentes visitas do padre Rua, vários outros foram encontrá-lo: para pedir graças e preces pelos doentes, e para obsequiá-lo, como os hóspedes e como um pequeno grupo de irmãs de Lanzo, distante 7 quilômetros; outros da França, para levar confirmação de consolidada amizade e ofertas, como a família Olive de Marselha, rica de filhos e de fé, e o inspetor de Nice, o qual, maravilhado da fábrica de papel, dizia a Viglietti que “verdadeiramente Dom Bosco era o homem do século, que ele tinha resolvido a questão social e operária”. Dom Bosco pousava também para um pintor de Brescia, desejando corrigir enquanto estava vivo um quadro esboçado em base a uma pequena fotografia.²²

Permanecia em Mathi até 21 de agosto. De 22 de agosto a 12 de outubro dirigia-se sucessivamente a Nizza Monferrato,²³ San Benigno Canavese e Turim-Valsalice. Em um lugar ou no outro, mas sobretudo no retiro de Mathi amadureciam e se revelavam as melhores expressões de seu governo espiritual.

¹⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 89-90.

¹⁶ Cf. “Il cardinal Nina”, BS 9(1885) n. 9, setembro, p. 130-131.

¹⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 95.

¹⁸ Carta de 10 de agosto de 1885; E IV 516-517.

¹⁹ Carta de 18 de agosto de 1885; E IV 517.

²⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 96-99. Cf. cap. 30, § 2.

²¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 102.

²² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 86-106.

²³ Cf. cap. 29, § 4.2.

2. Extraordinária vivacidade espiritual nas cartas de animação

Com efeito, esse homem de saúde frágil e sofredor de vários males mostrava em tal situação extraordinária vivacidade de espírito e de coração. Esse momento forte pode ser percebido em dois grupos de cartas escritas de próprio punho, entre o verão e o outono de 1885, ricas de límpidas orientações de direção pedagógica e espiritual. Foram endereçadas a salesianos que trabalhavam, em grande parte, na América, e a alguns mais próximos, na França e na Espanha.

Motivos bem precisos provocaram, em agosto de 1885, as cartas a salesianos na América.²⁴ Segundo denúncias chegadas ao padre Rua e a outros membros do Capítulo Superior, em certo colégio os métodos repressivos teriam prevalecido sobre os preventivos: rigor de disciplina e de castigos em lugar de regras e avisos inspirados na racionalidade e na amizade; repressões em vez de persuasão. Padre Rua gostaria de tê-lo deixado de fora de notícias que podiam fazê-lo sofrer. Mas, tendo recebido um relatório confiável de dom Cagliero sobre a situação, acreditou ser seu dever informar o superior. A reação foi rápida, confiada a três lúcidas cartas autógrafas ao próprio dom Cagliero, ao inspetor, padre Costamagna, e ao diretor de San Nicolás, padre Tomatis. De resto, ele sabia que maneiras fortes na educação podiam penetrar também na Europa, uma vez que em várias ocasiões era-lhe habitual chamar à prática da conhecida tríade “razão, religião, *amorevolezza*”.

Com dom Cagliero, além de tocar o tema da preventividade, da qual escreveu mais genericamente, poucos dias depois, ao padre Costamagna, tratava de problemas de governo. A carta é datada de 6 de agosto. Nela dava, antes de tudo, precisas indicações sobre a forma de agir para obter subsídios da Obra da Propagação da Fé e da Obra da Santa Infância: usar os módulos apropriados, dar informações sobre viagens missionárias, fornecer dados sobre os neófitos conseguidos, tornar conhecidas “viagens, comércio e descobertas”. Falava também de hipotéticos bispos coadjutores que deviam ser nomeados para a imensa Arquidiocese de Buenos Aires. Chegava, por fim, ao tema mais premente, o “espírito salesiano”, em predominante ótica educativa. Informava: “Preparo uma carta para padre Costamagna, e para tua norma, abordarei em especial o espírito salesiano que desejamos introduzir nas casas da América. Caridade, paciência e doçura, jamais admoestações humilhantes, jamais castigos; fazer o bem a quem se pode, o mal a ninguém. Isso vale para os salesianos entre si, entre os alunos, e com outros, externos ou internos. Para as relações com nossas Irmãs usa de muita paciência, mas de rigor na observância das Regras”.²⁵

A carta ao padre Costamagna era intencionalmente pragmática, para servir “de norma para tornar verdadeiros salesianos” o destinatário e os outros irmãos. Para tal

²⁴ Cf. F. MOTTO, “Tre lettere a salesiani in America”, in: P. BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore*, p. 439-452.

²⁵ A dom Cagliero, 6 de agosto de 1885; E IV 327-329.

finalidade oferecia um “esboço” do que se deveria pregar no curso dos próximos exercícios espirituais. “Eu mesmo gostaria de fazer a todos – escrevia – uma pregação, ou melhor, uma conferência sobre o espírito salesiano que deve animar e guiar nossas ações e todo o nosso discurso. O sistema preventivo seja nosso. Jamais castigos penais, jamais palavras humilhantes, jamais reprovações severas diante de outros. Jamais palavras mordazes, jamais um tapa forte ou leve. Faça-se uso de castigos negativos, e sempre de forma que os que forem avisados, tornem-se nossos amigos ainda mais que antes, e não saiam envilecidos por nós”. Fixava, por fim, seu pensamento em dois enunciados lapidares: “Todo salesiano se faça amigo de todos, jamais procure vingar-se; perdoe com facilidade, e não traga novamente à baila o que já foi perdoado anteriormente”; “a doçura no falar, no agir e no avisar ganha tudo e todos”. Mas os mesmos salesianos deveriam fazer a experiência pessoal disso, e o superior deveria favorecê-la dando “a todos muita liberdade e muita confiança”. E padre Vespignani, o mestre dos noviços, era convidado a ser claro “nestas coisas” e explicá-las aos aspirantes e noviços. O inspetor deveria relembrar a todos os diretores mediante conferências, nas quais – precisava – “ler e inculcar a leitura e a conhecimento de nossas Regras, especialmente a parte que fala das práticas de piedade, a introdução que fiz às nossas mesmas Regras e as deliberações tomadas em nossos Capítulos Gerais ou Locais”.²⁶

No dia 10 escrevia uma longa e articulada carta ao prefeito apostólico da Patagônia Meridional e da Terra do Fogo, padre Giuseppe Fagnano, com indicações pastorais para o exercício de sua missão e empenhativos conselhos espirituais como superior religioso. Eram palavras que brotavam da mente e do coração de um homem fisicamente cansado, mas de excepcional clareza de idéias. “Pode acontecer – colocava como premissa – que sejam as últimas do amigo de tua alma”. Longe da comunidade, por razões de ministério – recomendava a um homem de atividade frenética –, “deves meditar incessantemente e ter na mente e no coração o grande pensamento: *Deus me vê*”. Quando ao ministério, admoestava: “Em tuas viagens, breves ou longas, jamais procure alguma vantagem temporal, mas unicamente a glória de Deus. Recorda-te bem que teus esforços sejam sempre endereçados a prover às necessidades crescentes de tua Mãe. *Sed Mater tua est Ecclesia Dei*, diz são Jerônimo. Onde fores, procura fundar escolas, fundar também pequenos seminários para cultivar, ou menos, procurar alguma vocação para as irmãs e para os salesianos”. Como religioso e superior – insistia – “tuas leituras cotidianas sejam: nossas regras, especialmente o capítulo da piedade; o prefácio feito por mim mesmo; as deliberações tomadas nos diversos Capítulos. Ama muito e procura sustentar os que trabalham para a fé”.²⁷

Ao padre Tomatis, em primeiro lugar, não economizava renovadas admoestações sobre seu dever de diretor de dar informações ao superior geral sobre o andamento do colégio. “Como minha vida – prosseguia – corre a largos passos para seu termo, assim

²⁶ Ao padre Costamagna, 10 de agosto 1885; E IV 332-333.

²⁷ E IV 334-335.

as coisas que desejo escrever-te nesta carta são as que te recomendaria no último dia de meu exílio. Meu testamento para ti”. Eram pensamentos de espiritualidade religiosa salesiana madura: “Conserva fixo na mente que te fizeste salesiano para salvar-te; prega e recomenda a todos os nossos irmãos a mesma verdade”. “Recorda-te que não basta saber as coisas, mas é preciso praticá-las”. “Procura ver tuas obrigações com teus olhos. Quando alguém faz faltas, ou deixa de fazer suas obrigações, avisa-o prontamente, sem esperar que os males se multipliquem”. “Com teu modo exemplar de viver, com a caridade no falar, em mandar, em suportar os defeitos dos outros, muitos virão para a Congregação. Recomenda constantemente a freqüência aos sacramentos da confissão e da comunhão. As virtudes que te tornarão feliz no tempo e na eternidade são a humildade e a caridade. Sê sempre amigo, o pai dos nossos irmãos. Ajuda-os em tudo o que podes nas coisas espirituais e temporais, mas sabe servir-te deles em tudo o que pode ser útil para a maior glória de Deus”. Exortava, enfim, que desenvolvesse as várias coisas em benefício próprio e dos outros.²⁸

Nos dias 9 e 10 de agosto tinha enviado cartas também a responsáveis de obras salesianas que se encontravam na França e na Espanha, onde se espalhava o cólera: padre Paolo Albera, inspetor na França, padre Ernesto Giovanni Oberti, diretor em Utrera, e padre Giovanni Branda, diretor em Barcelona-Sarriá. Aí se entrelaçavam referências à epidemia em curso e aos já conhecidos remédios espirituais preventivos, mas também o convite para se oferecer as casas para receber os órfãos por causa do cólera, quantos pudessem ser acolhidos, enquanto manifestava a disponibilidade dos superiores centrais, em primeiro lugar do padre Rua, para prover o que fosse necessário. Ao padre Albera, em particular, dizia amavelmente: “Minha saúde, de tempos para cá, piora dia a dia, mas agora, enquanto te escrevo, me sinto perfeitamente bem. Creio que seja pelo grande prazer que sinto ao te escrever”. Interessava-se igualmente pelas precárias condições psíquicas do padre Barruel, que compreendia em base às categorias do homem comum do tempo: “Dize-me um pouco se nosso querido mas pobre padre Barruel continua em suas fixações, ou então manifesta alguma idéia de melhoramento”. E acrescentava, deslocando a atenção sobre outro fronte: “Oferece-te para receber os órfãos do cólera como no ano passado: Deus nos ajudará”.²⁹ Com idêntico coração encorajava o jovem neodiretor do colégio de Utrera: “Se, por acaso, te encontrares em dificuldade para ajudar as crianças órfãs do cólera, dize-me e estudaremos a forma de vir em seu socorro”. Sugeriu ainda, como “potente antídoto contra o cólera”, trazer a medalha de Nossa Senhora Auxiliadora, a freqüente comunhão e cotidianamente a jaculatória *Oh Maria Auxilium Christianorum ora pro nobis*.³⁰ Sugeriu esse mesmo “antídoto” ao diretor da obra de Sarriá, informando-o também da própria saúde: “Minha saúde está melhorando e já posso assumir algumas atividades mais especiais”.³¹

²⁸ Ao padre Tomatis, 14 de agosto de 1885; E IV 336-337.

²⁹ Carta de 9 de agosto de 1885; E IV 330.

³⁰ Carta de 10 de agosto de 1885; E IV 330-331.

³¹ Ao padre Branda, 10 de agosto de 1885; E IV 332.

Outro grupo de cartas, de corte pastoral e espiritual, era endereçado a salesianos na América, entre 24 de setembro e 5 de outubro, estando em Turim-Valsalice, San Benigno Canavese e Turim-Oratório. Os destinatários eram padre Giovanni Allavena, diretor-pároco da obra de Paysandú (Uruguai), padre Luigi Lasagna diretor do Colégio de Vila Colón (Montevideu, Uruguai) e inspetor para o Uruguai e o Brasil, padre Lorenzo Giordano, diretor do Liceu Coração de Jeus (São Paulo, Brasil), e clérigo Giovanni Beraldi, do colégio de Almagro (Buenos Aires). Nessas cartas transpareciam, seguros e persuasivos, os traços distintivos de sua espiritualidade religiosa e salesiana, permeada de intensa paternidade.

“Julgo oportuno escrever-te ao menos uma carta – assegurava ao padre Allavena – que te recorde o afeto que este teu pai sempre teve e continua tendo. Antes de tua partida para a América recomendei-te calorosamente a observância de nossas Regras”. “Além do texto de nossas Regras, tirarás grande vantagem com a freqüente leitura das deliberações tomadas em nossos Capítulos Gerais”. “Como pároco usa toda a caridade com teus padres, para que te ajudem com zelo no sagrado ministério, e tem cuidado especial das crianças, dos doentes e dos velhos”; “toda solicitude, toda fadiga, toda despesa para conseguir uma vocação nunca é demais”. “*Praebe teipsum exemplum bonorum operum*, mas procura que esse bom exemplo resplenda na rainha das virtudes, na castidade”.³²

Ao confiável e dinâmico padre Lasagna oferecia, recolhido em síntese, como “testamento”, o que havia dito nas cartas precedentes aos salesianos na Argentina. “Há vários meses desejava escrever-te, mas minha mão velha e preguiçosa levou-me a diferir esse prazer. Mas agora que o sol vai ao ocaso, julgo útil deixar-te alguns pensamentos escritos como testamento daquele que sempre te amou e te ama. Tu escutaste a voz do Senhor e te consagraste às missões católicas. Acertaste”. “Nós queremos almas e nada mais. Procura fazer essa verdade ecoar nos ouvidos de nossos irmãos”. Passava, a seguir, ao tema já dado ao inspetor na Argentina, como objeto de reflexão nos exercícios espirituais: “Insiste na caridade e doçura de São Francisco de Sales, a quem devemos imitar: sobre a observância exata de nossas Regras, sobre a leitura constante das deliberações capitulares, meditando atentamente os regulamentos particulares das casas. Acredita-me, caro padre Lasagna, tive que tratar com alguns de nossos irmãos que ignoravam estas nossas deliberações, e outros que jamais leram essas partes das Regras ou da disciplina que dizem respeito aos deveres que lhes são confiados. Outra praga que está nos ameaçando é o esquecimento, ou melhor, a desatenção das rubricas do breviário e do missal. Estou persuadido que um curso de exercícios espirituais traria ótimos resultados se conduzisse o salesiano à exata celebração da missa e do breviário. O que mais recomendei a quem pude escrever nestes dias é a cultura das vocações, tanto dos salesianos quanto das Filhas de Maria Auxiliadora. Pesquisa, faz projetos, não olhes para as despesas, contanto que se obtenha algum padre para a Igreja, espe-

³² Carta de 24 de setembro de 1885; E IV 340-341.

cialmente para as missões”. “Tenhamos todos coragem. Maria abençoa e protege nossa Congregação. O auxílio do Céu não faltará; os operários aumentam, o fervor parece que cresce, os meios materiais não são abundantes, mas são suficientes”.³³

Terás certamente não poucas dificuldades, especialmente no princípio de uma missão tão grande como é a de São Paulo, não é verdade? – escrevia ao padre Lorenzo Giordano, diretor do novo colégio de Niterói – Tu deves, portanto, cuidar e procurar companheiros e buscar vocações”. “Aqui nós não temos muitas, contudo se pudesses enviar-nos também algumas centenas, isto seria muito bom; nós procuraremos instruí-los e mandá-los de volta, mas em condições de poder te ajudar nas Missões até Mato Grosso”.³⁴

Não se esquecia de um jovem clérigo do colégio Pio IX de Almagro (Buenos Aires), que lhe tinha escrito em agosto, confidenciando-lhe as próprias angústias de consciência e os próprios propósitos. Quase se desculpava da demora em responder, falando do mau estado de sua saúde: “Não te inquietes se não te escrevo: estou quase na impossibilidade de fazê-los pelos meus incômodos corporais. Estou quase cego e quase impossibilidade de caminhar, escrever e falar. Que queres? Sou velho, seja feita a santa vontade de Deus”. Não obstante – assegurava –, cada dia rezo por ti, e por todos os meus filhos, e quero que todos sirvam de boa vontade o Senhor com santa alegria, também em meio às dificuldades e às perturbações do diabo: estas serão fugazes com o sinal da santa cruz, com *Jesus, Maria misericórdia*, com *viva Jesus* e, sobretudo, desprezando-as com o *vigilate et orate* e com a fuga do ócio e de toda a ocasião propícia. Depois, quanto aos escrúpulos, somente a obediência a teu diretor, aos superiores, pode fazê-la desaparecer. Não te esqueças, porém, que *vir oboediens loqueatur victoriam*. Aprovo que promovas a devoção ao santíssimo sacramento. Faz também que teus alunos sejam verdadeiros devotos de Maria Santíssima e amantes de Jesus sacramentado, e com o tempo e com a paciência, *Deo iuvante*, farás prodígios”. A saudação espelhava o estado de ânimo do momento: “Reza tu também pelo teu velho amigo e pai”.³⁵

3. Caminhando para o inevitável anúncio do padre Rua vigário sucessor

Em 23 de agosto, Dom Bosco celebrava em Nizza Monferrato a missa da comunidade e assistia à vestição e profissão religiosa de muitas irmãs. Na manhã seguinte retornava. Após o almoço no Oratório, dirigia-se a San Benigno, colocando-se imediatamente à disposição dos que faziam os exercícios espirituais.³⁶

O cronista mostra como Dom Bosco, muitas vezes, chorasse, sobretudo na cele-

³³ Carta de 30 de setembro de 1885; E IV 340-341.

³⁴ Carta de 30 de setembro de 1885; E IV 341-342.

³⁵ Ao clérigo Giovanni Beraldi (1864-1940), 5 de outubro de 1885; E IV 343.

³⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 108.

bração da santa missa e ao dar a bênção final. “Também quando fala – anotava –, para não chorar, precisa se desviar dos argumentos que comovem”.³⁷ Dom Bosco ficava em San Benigno depois dos exercícios. Em 30 de agosto o secretário anotava: “Seja a prostração de forças, seja o mau tempo, fazem Dom Bosco sofrer, há algum tempo, graves inconvenientes... Poucas vezes eu o vi sofrer tanto”.³⁸ O mesmo Dom Bosco confirmava isso parcialmente em algumas cartas: “a saúde impediu-me por alguns dias de escrever-vos. Hoje está um pouco melhor”,³⁹ “estou aqui em San Benigno Canavese, muito cansado”.⁴⁰ Também padre Cerruti dava confirmação ao diretor de Alassio, padre Luigi Rocca: “Notícias não muito boas de Dom Bosco que ficou em San Benigno. Duvida-se que venha a Lanzo etc. Rezemos”.⁴¹ Vinte dias depois podia anunciar-lhe que Dom Bosco estava “bastante melhor”.⁴²

De 4 a 28 de setembro Dom Bosco ficava em Valsalice, onde os salesianos participavam dos vários cursos de exercícios espirituais. Foram bem duas, em 14 e em 24 de setembro, as visitas pessoais do cardeal Alimonda, acompanhado no primeiro dia do teólogo Margotti, diretor de *L'unità cattolica*, e do canônico Forcheri, secretário da Comissão para o *Voto degli Italiani* em apoio da construção da Igreja Sagrado Coração, e no dia 24 do teólogo Margotti e de outras “conspícuas personagens”. Ali permaneceram também para o almoço e à tarde.⁴³ Também nessas semanas não faltam notícias sobre sua saúde. Em 14 de setembro o secretário anotava: “Estamos sempre aqui por causa da saúde de Dom Bosco, que melhorou bem”,⁴⁴ “estou meio cego e escrevo com dificuldade”, informava Dom Bosco;⁴⁵ “tornei-me muito velho e semicego”,⁴⁶ “como notareis, estou meio cego e encontrarás dificuldade para ler minha carta; perdoai-me, tende paciência”.⁴⁷

Evidentemente, Dom Bosco, nessas semanas, devia ter refletido, embora interiormente combatido, sobre a idéia de dissolver clara e definitivamente o nó do vigário sucessor, uma situação que, oficialmente, tinha ficado num estranho limbo. A solução final era antecipada por suas declarações unívocas. Na sessão capitular de 22 de junho de 1885, ele tinha falado da função do padre Rua junto a ele. Embora sem acenar ao fato que seu mais próximo colaborador já fora nomeado pela Santa Sé vigário sucessor,

³⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 109.

³⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 110.

³⁹ Ao Conde Colle, 2 de setembro 1885; E IV 518.

⁴⁰ Ao padre De Agostini, 2 de setembro de 1884; E IV 338.

⁴¹ Carta de 1º de setembro de 1885, ASC F 381, orig. aut. 3 ff.

⁴² Carta de 18 de setembro de 1885, ASC f 381, orig. aut. 2 ff.

⁴³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 114 e 116. Haverá uma outra, longa, na parte da tarde de 3 de novembro no Oratório (*Ibid.* p. 122).

⁴⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 114.

⁴⁵ À senhora Maggi, 15 de setembro de 1885; E IV 339.

⁴⁶ Ao padre Allavena, 24 de setembro de 1885; E IV 340.

⁴⁷ Ao conde Colle, 27 de setembro de 1885; E IV 519.

afirmava: “É preciso, pois, que padre Rua se emancipe de tudo e sirva unicamente para Dom Bosco e esteja unido a ele, porque Dom Bosco não pode mais continuar assim. Se Dom Bosco puder apoiar tudo sobre padre Rua, se ele estiver livre de toda outra atividade, poderá ajudar com sua experiência, e até ir mais adiante. É preciso que procure a beneficência com cartas, visitas não somente em Turim, mas em Gênova, Milão, Roma. Até agora isso foi feito por Dom Bosco, mas agora não pode mais. É necessário um outro que faça em seu nome”.⁴⁸ Estranhamente, poucas semanas depois, na citada carta ao padre Costamagna de 10 de agosto, sem referências alguma ao padre Rua, tinha projetado uma singular hipótese: “Por quanto for possível, quero deixar a Congregação sem embrulhadas. Por isso tenho na mente estabelecer um meu vigário geral que seja um *alter ego* para a Europa, e um outro para a América. Mas a este respeito receberás a seu tempo instruções oportunas”.⁴⁹ Parece que até então não tenha considerado urgente a comunicação oficial à Sociedade Salesiana da nomeação do vigário, também porque durante o ano de 1885 os incômodos de saúde não lhe tinham impedido a maior parte dos atos de governo oficiais. Das 47 sessões capitulares daquele ano, bem 37 foram presididas por ele; de 1886 são registradas 8, todas com sua presença; mesmo das 42 acontecidas em 1887, ele presidiu 12. De outro lado, diante do público, em particular dos benfeitores e dos cooperadores, continuava a parecer relevante, e até mesmo insubstituível, sua figura de superior geral.

Enfim, na sessão capitular de 24 de setembro de 1885, anunciava o propósito de dar execução à decisão pontifícia sobre o vigário sucessor em vigor já há dez meses. “Dom Bosco – dizem as atas do Capítulo – tomou a palavra: O que devo dizer-vos reduz-se a duas coisas. A primeira diz respeito a Dom Bosco, que atualmente está pela metade e tem necessidade de alguém que lhe faça as vezes. A outra diz respeito ao vigário geral, que assuma as coisas que fazia Dom Bosco e se encarregue de tudo o que é necessário para o bom andamento da Congregação: embora ao tratar das tarefas esteja seguro que ele levará, de boa vontade, as advertências de Dom Bosco e dos irmãos, e ao assumir esse encargo não pretenda outra coisa senão vir em auxílio da Sociedade Salesiana. Dessa forma, quando estiver morrendo minha morte, não se altere em nada a ordem da Congregação. Portanto, o vigário deve prover de forma que as tradições que agora temos se mantenham intactas (...). Meu vigário geral na Congregação será padre Michele Rua. Esse é o pensamento do santo padre que me escreveu por meio de dom Jacobini. Desejando dar a Dom Bosco todo apoio possível, perguntou quem poderia fazer minhas vezes. Respondi que preferia padre Rua, porque é um dos primeiros também na ordem de tempo na Congregação, porque já há alguns anos exercita esse ofício, porque essa nomeação encontraria o aval de todos os irmãos. Sua Santidade respondeu há pouco tempo por meio do Exmo. cardeal Alimonda: Está bem!, aprovando destarte minha escolha. De agora em diante padre Rua fará as minhas vezes em

⁴⁸ *Capitolo Superiore*, fol. 62r, FdB 1.882 B 3.

⁴⁹ E IV 333.

tudo. O que eu posso fazer, ele poderá também. Tem plenos poderes do reitor-mor. Aceitações, vestições, escolhas de secretaria, delegações etc. Mas, nomeando padre Rua como vigário, é necessário que ele esteja totalmente à minha disposição, renunciando pois ao encargo de prefeito da Congregação. Portanto, valendo-me da faculdade que as Regras me concedem, no meio como prefeito da Congregação padre Celestino Durando, até então conselheiro escolar (...). No lugar do padre Durando como conselheiro escolar fica nomeado padre Cerruti”. Concluía encarregando “o secretário do Capítulo de redigir uma circular anunciando a todas as casas da Congregação a nomeação do novo vigário geral”.⁵⁰

Em 4 de outubro Dom Bosco se dirigia a San Benigno Canavese, onde assistia à profissão religiosa de 45 noviços e, no dia 11, realizava a vestição clerical de 60 jovens.⁵¹ No dia seguinte retornava a Turim. Dom Bosco se fazia presente a benfeitores de Nice e de Toulon por meio de uma visita do padre Rua, enquanto por carta dava notícias sobre sua saúde: “Creio que padre Rua, neste momento, já terá feito, de minha parte, os devidos agradecimentos a V.S., caro senhor Levrot, e ao caridoso senhor Montbrun. A vista e as outras minhas forças vitais diminuíram bastante, e com dificuldade posso me servir”;⁵² “padre Rua voltará daqui a poucos dias e nos trará vossas notícias”.⁵³ “Tu compreendes facilmente quantas coisas gostaria de escrever sobre este ponto, mas com muita dificuldade consigo manter a pena na mão”, confiava ao salesiano conterrâneo diretor em Florença.⁵⁴

Nas semanas sucessivas foram registradas visitas ilustres ao fundador da Sociedade Salesiana: cardeal Alimonda, em 3 de novembro; no dia 15, dom Francesco Sogaro (1839-1912), sucessor de dom Comboni e vigário apostólico da África Central, fugido do Egito, de El Mahdi, hóspede do padre Dalmazzo no Sagrado Coração, e Dom Pierre-Hector Couillié (1824-1912), bispo de Orléans, futuro cardeal; e novamente, em 10 de dezembro, cardeal Alimonda.⁵⁵ Eram dias de renovada vitalidade. “Deixei tua mensagem ao muito amado Dom Bosco, que está muito bem”, comunicava padre Cerruti ao padre Rocca, em 8 de novembro. Mais adiante confirmava: “Dom Bosco está muito bem, vem almoçar e jantar com o Capítulo, confessa os jovens de quarta e quinta ginásial em seu quarto, recebe etc. Deo gratias”.⁵⁶

Em 8 de dezembro, o secretário registrava a alegria dos irmãos em ter Dom Bosco ao almoço e dar a bênção eucarística na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, coisa que

⁵⁰ *Capitolo Superiore*, fol. 82v-83r, FdB 1882 E8-9. Também padre Cerruti dava notícias ao padre Rocca, que se tornava assim “diretor completo de nome e de fato”; carta de 25 de setembro de 1885, ASC F 381, orig. aut. 4 ff.

⁵¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 121-122.

⁵² Ao senhor Levrot, 21 de novembro de 1885; E IV 345.

⁵³ Ao conde Colle, 27 de novembro de 1885; E IV 519.

⁵⁴ Ao padre Stefano Febraro, 30 de outubro de 1885; E IV 344.

⁵⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 122, 124, 130,

⁵⁶ Carta de 8 de novembro de 1885, ASC 38 *Alassio*.

fazia muito raramente. “Vi – anotava o cronista – toda a população acotovelando-se para vê-lo, em mais de um vi brotar lágrimas de comoção em ver esse venerando velho que gastou-se todo pelo bem da juventude”. “À tarde – informa – fez a conferência aos irmãos. Leu-se nela a carta circular para a criação do vigário geral da Congregação. Depois Dom Bosco falou”, recordando entre outra coisa a Ave-Maria recitada “junto com aquele juvenzinho na Igreja São Francisco (Bartolomeu Garelli)”.⁵⁷ Na circular aos salesianos, em 8 de dezembro de 1885, redigida pelo padre Lemoyne e corrigida por Dom Bosco, era habilmente condensado o que estava contido na Ata da sessão de 24 de setembro. Dom Bosco, porém, tinha intervindo em relação aos esboços com correções que procuravam reduzir o notável intervalo entre a efetiva intervenção pontifícia e seu anúncio. Somente “algum tempo faz” tinha lhe escrito dom Jacobini; “mais ou menos poucas semanas atrás” o papa tinha manifestado “sua satisfação” à proposta do padre Rua como vigário. Ao invés, ele atenuava em favor do vigário “com plenos poderes” a diarquia enunciada nos esboços, como se quer ainda presente: “tudo aquilo que eu posso fazer, poderá fazer ele também, tendo *comigo* plenos poderes”. À conclusão, acrescentava de seu punho um parágrafo inteiro com aceno à saúde “bastante melhorada” e ao propósito de dedicar as “forças e os dias” restantes “totalmente para a vantagem de nossa humilde Congregação e em proveito de nossas almas”.⁵⁸

Seguiam breves notas de fim de ano: no período da tarde de 10 de dezembro, cardeal Alimonda visitava Dom Bosco e se entretinha “longamente” com ele. No dia 13 Dom Bosco reunia, na biblioteca, os jovens da quarta e quinta ginásial, falando de vocação e distribuindo muitas castanhas. No dia 29 padre Cerruti informava padre Rocca que Dom Bosco tinha gostado muito dos augúrios dos jovens sócios das Companhias do Santíssimo Sacramento e da Imaculada do Colégio de Alassio: “entristeceu-se – prosseguia – por não poder, naquele momento, por causa da vista e do cansaço, escrever ele próprio duas palavras de agradecimento”. Acrescentava, contudo: “Continua bastante bem de saúde, e parece que o afeto a seus filhos cresça nele com os anos, de tal forma que, quando devo deixá-lo por alguns dias, malgrado todo entendimento com ele, no momento se vê que sofre”.⁵⁹

Enfim, para 1886 Dom Bosco dava a estréia costumeira, pregando para o novo ano “desgraças e calamidades e, em casa, seis mortos”.⁶⁰ A reunião habitual dos ginásiais se repetia em 3 de janeiro, com outra distribuição de nozes, segundo o cronista, prodigiosamente multiplicadas, com réplica de idêntico portento do dia 31 agora em benefício dos ausentes, em 3 de janeiro. O fato, conforme o encantado cronista, tinha conduzido Dom Bosco a contar “a prodigiosa multiplicação acontecida uma vez das hóstias e das castanhas”.⁶¹ Cronista e jovens estavam ávidos de coisas extraordinárias.

⁵⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 128-130.

⁵⁸ E IV 348-349. O cursivo é nosso.

⁵⁹ Carta de 29 de dezembro de 1885; ASC F 381, orig. aut. 2 ff.

⁶⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 130-132.

A festa de São Francisco de Sales em 29 de janeiro de 1886 foi soleníssima. O pontifical celebrado pelo bispo de Cuneo, dom Valfrè di Bonzo, teve assistência do cardeal Alimonda, com execução da esplêndida missa de Haydn. O ofício de vésperas foi também sugestivo. O panegírico foi tecido pelo bispo de Ivrea, Davide Riccardi, que seria nomeado sucessor de Alimonda em Turim. Não faltou um dramalhão do padre Lemoyne, *Vibio Sereno*, com atos “alegres e bufões”, *L’Aio in imbarazzo* e *Crispino e la Comare*. Dom Bosco esteve presente no almoço, “bastante forte de saúde”, “jovial e sereno, como jamais se vira há algum tempo”, e não faltou, junto com o cardeal e a Riccardi, ao entretenimento da noite, que terminou às 21h30.⁶² De manhã, Dom Bosco tinha celebrado pela primeira vez no altar colocado numa sala ao lado de seu quarto: à tardezinha o cardeal, acompanhado pelo bispo de Ivrea, tinha abençoado a capelinha privada. “A função foi belíssima”.⁶³

Em 1º de março o cronista registrava: “A fome, diz destes dias Dom Bosco, tira o lobo de sua toca... e por isso sente-se obrigado e constrangido, ainda que alquebrado e de pouca saúde, a fazer uma viagem e ir talvez até a Espanha. Já se está de acordo para o dia da partida”.⁶⁴ Padre Cerruti era menos negativo. “Dom Bosco continua bem”, “Dom Bosco continua bastante bem”, escrevia a seu interlocutor privilegiado.⁶⁵

Com a viagem se entrelaçavam as últimas fases de uma tratativa em vista de uma fundação em Madri, iniciada já no outono de 1885. Aqui se acena para narrar depois, em grandes linhas, a última viagem de Dom Bosco fora da Itália.

4. Fracasso da fundação em Madri

Como se viu, sobretudo nas conferências do último decênio, Dom Bosco tendia a delinear quadros sombrios da condição dos jovens pobres e abandonados, periclitantes e perigosos, potencialmente dedicados ao delito e ao cárcere e, por isso, necessitados de assistência e de educação preventivas.⁶⁶ Não é, portanto, singular que muitos tenham pensado nele como gestor de obras de recuperação e de reforma, em outras palavras, de casas correcionais. Entre estes estavam também os membros de uma comissão que, em Madri, tinha tomado a iniciativa da fundação de uma *Escola de reforma para jovens e casa de correção paternal*, sob o título de Santa Rita. No final das tratativas, Dom Bosco e os seus terminaram por desmentir, de fato, a intenção de empenho em um

⁶¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 138-140 e 143.

⁶² “La festa di S. Francesco di Sales a Torino”, *L’unità cattolica*, n. 26, domingo 31 de janeiro de 1886, p. 102.

⁶³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 133-135.

⁶⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 149-150.

⁶⁵ Ao padre Rocca, 19 de fevereiro e 3 de março de 1886; ASC 38 *Allassio*.

⁶⁶ Cf. cap. 30, § 3.

rígido instituto correcional daquele tempo.⁶⁷

No curso da construção os madrilenos tiveram notícia do internato e das *Oficinas*, recentemente iniciados pelos salesianos em Barcelona. Aí se dirigia o deputado Francisco Lastres y Juiz (1848-1918) para se informar do sistema educativo seguido. Padre Branda, como referia ele mesmo aos membros do Capítulo Superior na sessão matutina de 22 de setembro de 1885, ocorrida em Valsalice, tinha dado a ler o livro de d’Espney, provocando a reação de Dom Bosco, que afirmava preferir, no caso, o de Du Boÿs. Este – explicava – “dá a conhecer nosso sistema, e descobriu o espírito da nossa Sociedade”. Os que vieram de Madri – prosseguia padre Branda – continuavam a falar de reformatório, enquanto ele tinha insistido em dizer-lhes “não ser esse nosso objetivo”, “se se trata de correção não é nosso escopo”. Depois – informava ainda padre Branda – “retornam; estão um dia inteiro no Internato para examinar o andamento, as regras e os costumes da casa, e concluem que era preciso escrever a Dom Bosco”. Após um mês ele foi convidado a Madri e, por insistência do nuncio apostólico, dom Mariano Rampolla, para aí se dirigia, esperado na estação – dizia – pelo deputado Lastres e pelo senador Samuel Silvela (1830-1892), que assinavam as cartas de pedido.⁶⁸ No dia seguinte padre Branda estava presente em uma reunião dos membros da Comissão, reunida para discutir a entrega da obra a Dom Bosco. À objeção de que suas regras não colimavam com o que ele definia “o nosso sistema”, eles replicaram – referia ainda ao Capítulo padre Branda – que, “para que se atinja o escopo, eles deixam livre ação”: “sua intenção é que a juventude seja salva”. Nesse sentido tinham escrito a Dom Bosco.⁶⁹ No curso da discussão entre os membros do Capítulo se perfilavam diferentes posições. Padre Durando pedia que se freassem as fundações. Padre Cerruti convidava a refletir sobre a compatibilidade do projeto com o que também ele definia “o nosso sistema”, que devia ser apresentado aos suplicantes de Madri. Padre Rua observava que os madrilinhos estavam disponíveis a concessões e padre Branda recordava que o “nuncio e o ministro Silvela esperavam resposta”. Dom Bosco divagava recordando quanto bem imprevisto tinham produzido direta ou indiretamente obras nascidas quase que por acaso, convidando a estudar “as possibilidades da execução” e “depois mandar alguém a Madri para estar lá, conhecer, ver e concluir”. Ele decidia, portanto, pela formação de uma comissão, composta pelos padres Durando, Cerruti e Branda, “para examinar o projeto de Madri e a forma de mudá-lo conforme nosso sistema”. Por fim – continua a ata –, “Dom Bosco diz que nós também fôssemos condescendentes em tudo o que não diz respeito à substância e que os meios não serão de obstáculo. Padre Rua

⁶⁷ Cf. M. F. NÚÑEZ MUÑOZ, “San Juan Bosco y la educación de los jóvenes descarriados, en España: un episodio (1885-1887)”, *Educadores* 24(1982), p. 501-516; F. RODRÍGUEZ DE CORO, “Los salesianos en Madrid. en la entraña del parlamentarismo español (1875-1902)”, in: F. MORTO (org.), *L’Opera Salesiana dal 1880 al 1922*, vol. II, p. 163-175.

⁶⁸ De 1863 ao 1883 foi deputado às Cortes e de 1883 senador durante a vida.

⁶⁹ Cf. *Capitolo Superiore*, fol. 79r-80r, FdB 1882 E2-3.

conclui que se conservasse nosso costume de ter sempre as duas classes, de estudantes e de aprendizes”.⁷⁰

Na sessão de 24 de setembro padre Cerruti lia “a carta de resposta à Comissão de Madri”. O Capítulo a aprovava, estabelecendo que fosse “conservada no arquivo”, para que servisse “de norma em casos semelhantes”. Dom Bosco assinaria esta e outra carta ao núncio de Madri, anexando cópia da carta para a Comissão.⁷¹ A carta encorajava a continuar as tratativas. Em 11 de outubro o núncio escrevia a Dom Bosco: “Uma vez que, pela comunicação feita ao senhor Silvela, relevo com prazer o harmônico acordo dos desejos desta Comissão de Patronato com sábias normas diretivas às quais se informa a benemérita Congregação Salesiana, nutro confiança que esta possa, em breve tempo, estender a Madri o campo de suas fadigas”.⁷²

Terminada a construção do futuro instituto correcional, em 5 de março de 1886, de Madri renovava-se a Dom Bosco, sem variações substanciais, o pedido original.⁷³ Silvela recordava o encontro com Dom Bosco em novembro, quando com Lastres se dirigia a Roma para o Congresso Penitenciário Internacional e anexava à carta um memorial em francês com a história da obra e o texto da lei espanhola, de 4 de janeiro de 1883, sobre institutos correcionais e a lista dos patronos fundadores. Tratava-se sempre de um instituto correcional, sem alguma referência às reservas levantadas em Turim. Dom Bosco assinava uma carta de resposta, concordada com padre Cerruti, resolutamente negativa: “À parte a dificuldade de pessoal para os empenhos já existentes, a qualidade desse Instituto e sua forma disciplinar não me permite assegurar este desejo recíproco. Malgrado toda a vontade de fazer o bem, não poderemos nos afastar do que estabelece nosso Regulamento, do qual mandei cópia em setembro p.p. Assim, seria possível para nós um instituto no modelo das *Oficinas Salesianas* de Barcelona-Sarriá, mas não poderia ser igualmente uma escola de reforma sobre as bases da de Santa Rita”. Não era, porém, a última palavra, uma vez que, prevendo a viagem a Barcelona em abril, Dom Bosco exprimia a esperança de rever, naquela ocasião, tanto Silvela como Lastres.⁷⁴

Em 18 de abril, em Sarriá, acontecia um encontro entre o Lastres e padre Rua. O madrileno trazia consigo uma carta de recomendação do núncio.⁷⁵ O vigário apresentava as condições que depois apresentaria ao Capítulo Superior na sessão de 25 de junho. Na *Crônica* de Viglietti se encontra uma versão singular, que espelha as impressões do pequeno mundo que circundava, nesses dias, Dom Bosco. A informação foi referida em 20 de abril, quando visitava Dom Bosco, com grande cortejo, “o bispo

⁷⁰ *Capitolo Superiore*, fol. 80v-81r, FdB 1882 E4-5.

⁷¹ *Capitolo Superiore*, fol. 82v, FdB 1882 E8.

⁷² Cf. texto da carta em MB XVII 828.

⁷³ Texto em MB XVII 828-829.

⁷⁴ Ao senador Manuel Silvela, de Alassio, em 17 de março de 1886; E IV 354.

⁷⁵ Carta de 17 de abril de 1886; MB XVII 829-830.

de Barcelona, um príncipe muito honrado”: “Leu-se ao bispo e a todos os reunidos a carta que o arcebispo núncio apostólico em Madri escreveu a Dom Bosco em favor do ministro Silvela, o qual insta sempre para que Dom Bosco instale uma casa em Madri, uma vez que o edifício está pronto. Silvela enviou seu secretário, que é um deputado, para que se encontrasse e se decidisse. Dom Bosco parece decidido realmente a aceitar, tanto mais que em Madri se aceitam todas as condições de Dom Bosco”.⁷⁶ De fato, na carta de resposta ao núncio, de 22 de abril, ditada ao padre Rua, Dom Bosco se demonstrava moderadamente disponível: “Falando com o claríssimo senhor Lastres, encontramos uma forma de superar algumas dificuldades que, em seguida, pudessem surgir. De modo que agora não resta outra coisa que fazer uma convenção entre nossa Pia Sociedade e a Comissão que promove essa obra. Retornando a Turim, era esta uma das primeiras ocupações: formular um projeto de convenção e expedi-lo ao egrégio senhor Manuel Silvela, para que o submeta ao exame da sobredita Comissão. Por ora, a dificuldade verdadeiramente grave que tivemos é a da falta de pessoal, mas esperamos, com o auxílio da Providência, que se poderá superar também isso”.⁷⁷

O Capítulo Superior se ocupava da questão pela última vez em 25 de junho de 1886. A sessão foi presidida por Dom Bosco, mas a ata não registra nenhuma intervenção sua. Na realidade, era padre Rua o moderador da discussão, que a impostava sobre bases postas com Lastres em Sarriá. O vigário recordava as três categorias de jovens previstos na Comissão madrilenha: os periclitantes recolhidos diretamente pela Casa, os que tinham descontado no cárcere a condenação inflingida pelo tribunal, os de família de posses cujos genitores os fizeram recolher por considerarem incorrigíveis. Depois se lia a recordada carta de recomendação do núncio, de 17 de abril. Concluiu-se em aceitar, contanto que fosse salvo o princípio da autonomia dos salesianos na direção e na administração da obra. A seguir, eram colocadas as condições que deviam ser apresentadas a Lastres pelo padre Rua em Barcelona: 1) retirar do Instituto o nome e a aparência de casa correccional; 2) limitar, por ora, os cuidados dos jovens periclitantes da primeira categoria; 3) por ora não aceitar nenhum pela polícia; 4) aceitar jovens somente jovens dos 9 aos 14 anos; 5) poder livremente encaminhar aos estudos aqueles que forem considerados idôneos. Padre Durando propunha anexar, com algumas modificações por ele mesmo introduzidas, o texto da convenção formulada para o Orfanato de Trento. Padre Rua propunha que fossem fixadas as quotas a serem pagas para cada jovem, para o diretor, os professores e as pessoas de serviço. Padre Durando, ao invés, sugeria deixar em branco a cifra precisa para que a indicasse a outra parte. Tudo era aprovado. Padre Rua assumia o ônus de recolher as diversas indicações e de responder.⁷⁸

A carta à Comissão de Madri, assinada por Dom Bosco em 8 de julho, era destinada a ilustrar os termos da convenção.⁷⁹ O signatário fazia aparecer em primeiro plano

⁷⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886 al maggio 1886*, p.11.

⁷⁷ Carta de Barcelona-Sarriá, 22 de abril de 1886; E IV 354-355.

⁷⁸ *Capitolo Superiore*, fol. 92v, FdB 1883 B4.

considerações de caráter educativo, de tal forma que não se encorajasse o prosseguimento da tratativa. Ele mesmo reconhecia que o projeto encontraria alguma dificuldade junto à Comissão, a começar pela condição inclusa na segunda parte do art. 2º da convenção. De fato, terminava com prefigurar a assunção de uma instituição que não respondia à pergunta: “Abrir-se-á o Instituto acolhendo jovens órfãos ou abandonados pelos seus genitores, *mas que não estejam atingidos por alguma condenação por faltas cometidas*”. “Com esse propósito – comentava – lhe darei algumas explicações: nosso desejo seria que os jovens que saírem desse novo Instituto, que é destinado à educação civil e cristã deles, não tenham que carregar consigo nenhuma marca de infâmia. Se se dissesse que saem de uma casa de correção, de um reformatório, talvez fosse uma mancha por toda a vida. Nós desejamos que seja tirado qualquer traço que pudesse publicamente deixar crer que seja uma casa de correção. A tal fim somos do parecer que traga o nome de Internato ou Instituto, e não de Reformatório ou Patronato etc. Desejamos também que, ao menos por cinco anos, não seja admitido nenhum jovem réu de condenação, justamente para acostumar o povo a não considerá-lo como casa de correção. Isso se deseja também para se ter maior comodidade para procurar um bom fundo de jovens bem encaminhados, que servirão para conduzir mais facilmente ao trabalho e à virtude os outros que entrarão em seguida. Após o primeiro quinquênio, esperamos poder admitir também, um pouco por vez, jovens já réus de condenação, mas será conveniente que também então se faça o possível para que a coisa não transpareça ao público”. Para o aspecto financeiro esperavam-se as propostas da Comissão. Ao invés, quanto ao nome do Instituto, propunha-se substituir Santa Rita com o nome de um santo, por exemplo Santo Isidoro. Agravará posteriormente as presumíveis impressões negativas da Comissão a última coisa dita, seja embora “com grande desgosto”: “e é que, sendo grande a falta de pessoal, por alguns anos não me será possível aderir ao vosso e meu desejo. Será preciso esperar até 1888 ou a 1889, antes que eu possa ter pessoal disponível para tal empresa”.⁸⁰

Não parece que a carta tenha tido resposta, como advém do que Dom Bosco deve ter acenado ao núncio de Madri, ao que este respondia: “Eu não saberia dizer por qual motivo não se tenha dado resposta à comunicação com a qual V.S. remeteu ao senador Silveira o projeto que lhe fora pedido. Creio que nestes dias terei ocasião de encontrar-me com algum membro da família do senhor indicado, e V.S. pode estar bem seguro que não deixarei fugir a ocasião de confirmar minha particular benevolência para com a Congregação Salesiana”.⁸¹ Ao final, o reformatório foi aceito e mantido pelos membros da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis.

Na conferência de 12 de março de 1888, Lastres terminaria por reconhecer implicitamente as razões salesianas. A escolha da prevenção primária era inata em Dom

⁷⁹ O texto da convenção está reproduzido em MB XVII 830-831.

⁸⁰ Carta de 8 de julho de 1886; MB XVII 604-605.

⁸¹ Dom Rampolla a Dom Bosco, 5 de janeiro de 1877; MB XVII 832.

Bosco pela experiência de jovem padre entre os encarcerados. Entre estes o santo tinha compreendido que era muito mais vantajoso impedir as quedas que remediá-las com meios repressivos. Do sistema da prevenção podiam-se ver a feliz aplicação e os abundantes frutos na “primeira oficina salesiana de Espanha”, em Utrera, e nas oficinas organizadas em Sarriá, próximo da indústria de Barcelona. Era natural que, tendo-lhe sido feito o pedido para encarregar-se da *Escola de Reforma de Santa Rita*, de caráter correccional, onde era indispensável a coação, Dom Bosco, embora entristecido, não tenha querido afastar-se do sistema adotado em suas instituições. Nesse sistema, os jovens eram sujeitados espontaneamente a uma disciplina que, embora séria, não era incompatível com a bondade.⁸²

5. Caloroso abraço da Catalunha

Em 2 de março, o sóbrio padre Cerruti dava a seu sucessor na direção do Colégio de Alassio uma notícia sensacional: “Dom Bosco continua sempre bastante bem; pela metade do mês partirá, parece, para Barcelona, daí para Paris, Bruxelas, Lille, depois Marselha e para esta casa. O Senhor o assista! Mas é resoluto, porque quer completar também a obra do Sagrado Coração, e por isso ele sabe que são necessárias também suas viagens, suas dores, seus excessos. Que sublime exemplo de santa e enérgica atividade! Mas rezemos!!!”⁸³ Alguns dias depois precisava: “Dom Bosco partirá na próxima quinta-feira, 10 do corrente [11] para Sampierdarena e estará aí na segunda-feira seguinte, permanecendo até quinta-feira, partindo depois para Mentone e Nice. Será acompanhado pelo padre Cerruti até esta última cidade ou, quem sabe, até o final de sua chegada, lá pelo dia 23, quando, creio, deverá chegar padre Rua”.⁸⁴ Na realidade, a viagem de Dom Bosco, acompanhado pelo clérigo Viglietti e, na primeira fase, pelo padre Cerruti e pelo padre Sala, começava às 14h30 de sexta-feira, 12 de março, com etapas nas casas da Ligúria e da França meridional, tendo como meta Sarriá-Barcelona. No decurso desta, o jovem secretário, ainda estudante de teologia, em sua devoção incondicionada, terminava por dar um acento particular aos traços numinosos e taumaturgicos da figura de seu Pai. De outro lado, os militantes católicos mais representativos de Barcelona – leigos e eclesiásticos –, tendo sob os olhos as incipientes *Oficinas salesianas*, exaltavam-no como educador e operador social, quiçá mesmo como solucionador da *questão social operária*.⁸⁵

⁸² Cf. *Don Bosco y la caridad en las prisiones*. Conferência pronunciada no Ateneo de Madri, em 12 de março de 1888, por Francisco Lastres, Doutor em Direito Individual da Comissão de Códigos Estrangeiros do Conselho Penitenciário e Deputado da Corte por Mayagüez. Madri, Tipografia de M. G. Hernández, 1999, p. 9, 13-14, 17.

⁸³ Carta ao padre Rocca, 2 de março de 1886; ASC F 381, orig. aut. 4 ff.

⁸⁴ Carta ao padre Rocca, 5 de março de 1886; ASC F 381, orig. aut. 3 ff.

Na capital catalã o esmoler de sempre caminhava e se apresentava, desejando envolver no mesmo movimento de fé e de caridade novos grupos de pessoas, que compartilhassem a concepção de vida: trabalhar a própria salvação temporal e eterna, cooperando com a beneficência para a salvação comum dos jovens, de todos os jovens, não somente artesãos ou operários, mas também estudantes e os que estão dispersos no mundo da emigração e nas missões, sem esquecer os chamados para a vida eclesial nas mais variadas formas. E era esse o modo, não de resolver a questão social em sentido próprio, que Dom Bosco não conhecia em sua especificidade, mas de forjar indivíduos com qualidades humanas, morais e religiosas – “bons cristãos e honestos cidadãos” –, a ponto de garantir o advento de uma sociedade especular a estes. Era esse o motivo condutor de seus apelos à beneficência para instituições destinadas a transformar os jovens pobres e abandonados, periclitantes e perigosos, em membros dignos da tríplice cidadania: civil, eclesial e celeste. Por eles ia à busca incessante de ajuda financeira, nesse momento ainda mais urgente em vista da finalização da Igreja Sagrado Coração e da construção do internato anexo. E se o dinheiro era indispensável para a consecução destas causas salvíficas, não era menos necessário para a salvação dos mesmos doadores, sobre os quais incumbia o peremptório preceito evangélico – não simples conselho! – da esmola e da caridade social. Era a mercê mais alta, garantida pela promessa de Deus, o qual, pela intercessão da Virgem Auxiliadora, podia integrá-la também com a concessão das mais prodigiosas graças materiais e espirituais. Os pedintes sabiam que coisa deviam fazer: recorrer ao sacerdote abençoador, aproximar-se dos sacramentos da penitência e da eucaristia, recitar determinadas orações e fazer uma oferta para as obras em favor dos jovens.

Sobre o fator taumatúrgico, Dom Bosco tinha traçado linhas essenciais alguns meses atrás, em suas secretas *Memórias desde 1841*, acentuando os verdadeiros autores a poucas páginas de distância. Não negava, por certo, a inseparável presença do milagroso na beneficência salesiana: “Note-se, afirme-se, pregue-se sempre que Nossa Senhora Auxiliadora obteve e obterá sempre graças especiais, até mesmo extraordinárias e milagrosas, para os que concorrem em promover educação cristã à juventude periclitante com obras, com o conselho, com bom exemplo ou simplesmente com a oração”. Mas admoestava a não se equivocar sobre a identidade do taumaturgo. “Eu recomendo fortemente a todos os meus filhos que tomem cuidado, quer ao falar quer ao escrever, para jamais narrar nem afirmar que Dom Bosco tenha obtido graças de Deus ou tenha, de qualquer forma, operado milagres. Cometeria um erro danoso. Embora a bondade de Deus tenha sido na medida generosa para comigo, jamais tive a pretensão de conhecer ou de realizar coisas sobrenaturais. Eu não fiz outra coisa que rezar e pedir graças ao Senhor por almas boas. Além disso, tenho experimentado como são eficazes as preces e as comunhões dos nossos jovens: Deus piedoso e a sua Santa Mãe Santíssima vieram

⁸⁵ Cf. a citada monografia de R. ALBERDI, *Una ciudad para un santo: los orígenes de la obra salesiana en Barcelona*.

em nosso socorro nas necessidades. Isso se verificou especialmente cada vez que estávamos na necessidade de prover a nossos jovens pobres e abandonados, e mais ainda quando estes se encontravam em perigo das suas almas”.⁸⁶

Na viagem de aproximação, relativamente rápida, da capital catalã ao longo da praia de poente, as condições de saúde do protagonista tendiam ao variável. “A noite foi para Dom Bosco muito ruim”, registrava o cronista desde o primeiro dia; e após poucas horas, “nota-se em Dom Bosco uma clareza singular de mente, uma argúcia espirituosa etc.” Análogas eram as anotações do dia seguinte: “Dom Bosco está muito cansado”, “parece que Dom Bosco não poderia mais respirar, e contudo está feliz, tranqüilo, e parece que esteja bem”. Mas em Gênova, após várias visitas a pessoas benfeitoras, estava “cansado de morte”, o que não o impediu, já noite entrada, de narrar aos presentes improváveis aventuras e astúcias de sua primeira ou segunda viagem a Roma. No dia 13 houve também uma bem participada e frutuosa conferência. A acolhida em Varazze foi extraordinária, com a multidão que o acompanhava até seu quarto e à conferência salesiana, com choros e comoção de um lado e de outro.⁸⁷ “Minha saúde é suficientemente boa – anunciava de Alassio o protagonista a Clara Louvet –; se Deus quiser, sábado partirei para Nice etc. até Barcelona e, nos primeiros dias de maio, espero estar de volta em Turim”.⁸⁸ As cenas de Varazze e de Alassio se repetiam em Nice, aonde chegava em 20 de março. Na conferência dos cooperadores (24 de março), “falou comovido, esteve lucidíssimo de mente”. “Multiplicam-se” as visitas. Dom Bosco “não tem mais um instante de repouso”, mas “com as visitas se multiplica a caridade”, registrava o secretário. Encontrava pessoas benfeitoras, predominantemente no grupo aristocrático, também da Alemanha e da Rússia, esticando até Cannes e Toulon, em casa do conde Colle.⁸⁹ A ele, de Nice, tinha anunciado a visita em 26 de março: “Graças a Deus estou ainda vivo. Segunda, à tarde, se Deus quiser, estarei consigo e poderemos discorrer, como quisermos, de nossos negócios”.⁹⁰ No final da visita à rainha de Württemberg, em 27 de março – anotava o cronista –, “ao longo das salas as damas faziam fila e davam sinais de tristeza ao ver Dom Bosco caminhar tão sofredor”.⁹¹ Em 31 de março estava em Marselha, recomeçando o árduo e frutuoso ônus das visitas, recebidas e feitas, acompanhadas de bênçãos e curas. O secretário anotava: “Dom Bosco está muito cansado. A chegada de Dom Bosco a Marselha foi anunciada pelos jornais: a multidão que deseja ver Dom Bosco é imensa, enchendo a portaria, os corredores e todos os lugares”.⁹² Em 2 de abril chegava de Turim o vigário da Congregação, padre Rua. Já no dia seguinte Viglietti anotava: “Há dois dias padre Rua começou a estudar, melhor, a ler o livro do

⁸⁶ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 105 e 103.

⁸⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 57-63.

⁸⁸ Carta de Alassio do dia 19 de março de 1886; E IV 472.

⁸⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 65-72.

⁹⁰ Carta de 26 de março de 1886; E IV 521. No dia 27 padre Cerruti voltava a Itália.

⁹¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 68.

⁹² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 73. Cf. p. 72-74.

bispo de Milo [dom Marcelo Spínola], *Dom Bosco e sua obra*, e já sabe falar o espanhol com alguma dificuldade, mas antes que cheguemos a Barcelona certamente ele o saberá muito bem”.⁹³ No dia 5, na presença de nobres e homens do dinheiro local, entre os quais Rostand e Bergasse, realizava-se uma conferência caritativa, inconfundivelmente conservadora, na qual o orador – lê-se na crônica – “falou muito bem de Dom Bosco e de sua obra, que é a obra do dia. A sociedade operária recusa Deus, revolta-se contra os soberanos e a nobreza. Dom Bosco educa seus jovens para a religião cristã, a fé católica”. Por isso – está subentendido –, ao respeito da ordem social. Falou também Dom Bosco, entre soluços de pranto, seus e de seus ouvintes, que depois se amontoavam “junto do quarto de Dom Bosco para receber sua bênção”.⁹⁴

Às 5 horas da tarde de 7 de abril partiu de Marselha. Os viajantes chegaram a Port Bou, primeira estação espanhola da fronteira, às 4 da manhã do dia seguinte. Lá os esperavam padre Branda e o senhor Súñer, que tinha reservado um vagão-salão no novo trem, no qual Dom Bosco pode recuperar as forças (padre Rua não quis quebrar o jejum para poder celebrar depois a Missa). Em Mataró subiam a maior parte dos irmãos Pascual, Narciso María, genro de dona Chopitea e cunhado de Luis Martí-Codolar, ligação entre as famílias mais próximas de Dom Bosco, os Serra-Chopitea, os Martí-Codolar, os Moragas e os Jover, unidas por vínculos de parentesco além da idêntica fé e militância católica e do elevado status social e econômico. Na estação de França de Barcelona acolhiam Dom Bosco representações das mais importantes associações católicas, tendo à frente o vigário geral da diocese, em nome do bispo, dom Catalá Albosa (1833-1899), então em visita pastoral: entre ele e Dom Bosco já tinha acontecido um breve intercâmbio de cartas como prelúdio da fundação das *Oficinas Salesianas* em Sarriá.⁹⁵ Entre as cinquenta carruagens disponíveis – assim o cronista! –, venceu a de dona Dorotea Chopitea, que antes conduziu os hóspedes ao Palácio Serra para o café da manhã, e depois, lá pelas 4 da tarde, ao Internato de Sarriá, um vilarejo de 7 mil habitantes, a 5 quilômetros do centro da metrópole catalã, à qual se incorporaria em 1921. Nos dias sucessivos, 9 e 10 de abril, têm-se duas anotações do secretário Carlo Viglietti, que dizem muito do contexto no qual a visita se desenvolvia, da incansável busca de subsídios financeiros e da mesma mentalidade do cronista, pertencente a uma família da burguesia industrial turinense, claramente seletiva em registrar o público que afluía até Dom Bosco. A “pequena Navarra”, como era considerada Sarriá, estava circundada por pequenos vilarejos com populações homogêneas a elas, tradicionalmente religiosas, dedicadas à agricultura, à horticultura e ao artesanato. Além das propriedades de ricos barcelonenses, hospedavam não poucas comunidades religiosas. De qualquer modo, “nesta tarde veio muita gente – anotava admirado o cronista no dia 9 –. Aqui, o que é notável, não vem falar a Dom Bosco alguma pessoa que tem pouco, mas toda a grande

⁹³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 74.

⁹⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 76.

⁹⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 78.

nobreza. O quarto está cheio dos maiores senhores e nobres de Barcelona”.⁹⁶ “Não há povo, tudo é nobreza – remarcava no dia seguinte –. Aqui só se espera a conferência para conhecer Dom Bosco sob todos os seus aspectos, já que é conhecido somente sob o ângulo de grande humanitário que instituiu muitas casas de caridade para acolher os jovens, mas não se conhece Dom Bosco como um santo que realiza milagres, como um grande douto literato etc.”⁹⁷

O conhecimento de Dom Bosco em Barcelona, nas altas esferas eclesiásticas e leigas, era, talvez, mais aprofundado que em Paris. Tal se viu em relação à fundação em Utrera, ao arcebispo de Sevilha Lluç y Garriga, ao auxiliar Spínola Y Maestre, ambos cooperadores salesianos, ao *Dom Bosco e sua obra* deste último, às tratativas para Madri, à contínua propaganda em favor de Dom Bosco da *Revista Popular* do padre Sardá y Salvany. Além do mais, Barcelona não era uma megalópole como Paris, mas capital regional mais recolhida e de inter-relações mais intensas. Cidade com 270 mil habitantes (Paris contava com mais de 2 milhões), era rapidamente preenchida pela presença do educador, do agente social, do homem de Deus, do santo. Havia repercussão de sua presença não somente na imprensa católica, mas também na independente, leiga e anticlerical.⁹⁸

Tinham-no convidado para estar entre eles, secundados pelos salesianos na França, famílias e pessoas de sólida fé católica e disponibilidade caritativa, muitos aderentes a Associações de Católicos e às Conferências de São Vicente de Paula, pertencentes ao mundo da cultura e da finança.⁹⁹ A regista de sua permanência em Barcelona foi a veneranda Dorotea de Chopitea (1816-1891), que, coadjuvada por outras esposas e mães, respeitadas e com autoridade nas próprias famílias, e pelas filhas, circundava Dom Bosco com as mais atentas e delicadas solitudes. A residência ordinária de Dom Bosco foi, contudo, o modesto internato de Sarriá, onde dava também as audiências. Por causa do assédio, estas eram intercaladas por visitas e atos públicos, que o deslo-cavam entre “familiares”, admiradores, devotos, afetuosos. Passava dias de inteiro repouso na propriedade da família Pascual no sábado santo, 24 de abril, e em 3 de maio, na esplêndida propriedade de Luis Martí-Codolar, com um grande jardim zoológico.

Em 10 de abril Dom Bosco fazia conferência para as Damas do Comitê, representando as Cooperadoras Salesianas. “São todas condessas, marquesas, baronesas

⁹⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 80-81.

⁹⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 81-82.

⁹⁸ Das repercussões na imprensa, com polêmicas da parte laicista, que vê e avalia partindo de baixo com própria sensibilidade social, cf. R. ALBERDI, *Una ciudad para un santo*, p. 99-112 (para a imprensa burguesa e conservadora), 146-178 (para a polêmica entre direita e esquerda) e 198-201 (sobre “milagres” de Dom Bosco, vistos pela esquerda operária).

⁹⁹ Sobre a função das associações católicas barcelonenses e, em particular da “Associação de Católicos”, em “interpretar Dom Bosco e elaborar e defender sua imagem pública”, escreveu Ramón Alberdi, “Don Bosco e le associazioni cattoliche in Spagna”, in: *Don Bosco nella storia*, p. 177-204.

etc.”, anotava com inoxidável complacência o atônito e rápido secretário: “Todas muito gentis, boas e caridosas, todas condessas, marquesas e nobres”.¹⁰⁰ O cronista dava também amplo espaço ao sonho sobre a extensão da ação evangelizadora salesiana do extremo Oeste, Valparaíso e Santiago do Chile, ao extremo Leste, Pequim, que Dom Bosco teve na noite de 9 para 10 de abril, e foi por ele narrado em 11 de abril, entre lágrimas, emoções e exclamações não reprimidas, suas e dos ouvintes, padre Rua, padre Branda e o secretário Viglietti.¹⁰¹ No mesmo dia aconteceu a homenagem do prefeito com toda a Junta Municipal de Sarriá, com grande multidão em visita, enquanto nos dias seguintes sucediam-se as delegações da seção catalã da Associação dos Católicos e das Conferências de São Vicente de Paula. Numerosas pessoas acorriam a Dom Bosco para pedir bênçãos para curas, e ele visitava famílias de benfeitores e de doentes.¹⁰²

Dia 15 era o dia da grande recepção na nova sede das escolas populares promovidas pela Associação de Católicos com a fina-flor da burguesia empresarial de Barcelona. O presidente discursou, seguido pelo ato de entrega a Dom Bosco da medalha de ouro da Associação, da qual já recebera em 1884 o diploma de sócio. Dom Bosco falou entre fragorosos aplausos, repetindo a costumeira advertência sobre a beneficência, também como defesa objetiva dos próprios bens em relação à ameaça revolucionária: “Nós temos esvaziado as ruas de ladrõezinhos e de baderneiros – declarava –, que agora são a consolação das famílias e a honra da cidade; de jovens, que ajudados em tempo pela vossa caridade, salvarão diante de Deus vossas fortunas, enquanto vo-la teriam roubado um dia com o revólver na mão”.¹⁰³

Aumentava o assédio de pessoas, admitidas em grupos, que desejavam avizinhar-se de Dom Bosco. Ele, de outro lado, não estava “muito bem de saúde”, “sem voz e sem forças: somente a força para dar a bênção e dizer Deus abençoe”.¹⁰⁴ No dia 20 recebia os bispos de Vich, José Morgádes y Gili, e de Barcelona, Jaime Catalá y Albosa. Retribuíam-lhes a visita no dia seguinte.¹⁰⁵ Padre Cerruti escrevia ao padre Rocca em 23 de abril: “Recebemos ontem notícias bastante boas de Dom Bosco, mas não se fala ainda de volta. Está sempre em Barcelona, de onde escreve padre Rua que está meio *massacrado* [*ammazzato*] por tantas e contínuas audiências, pregações e confissões. Rezemos. Aqui se sente a ausência de Dom Bosco e do padre Rua, mas com a ajuda de Deus e com um

¹⁰⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 82-84.

¹⁰¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 84-87. Padre Cerruti escrevia, de Turim, ao padre Rocca, em 16 de abril: “Terás recebido o caderno de bilhetes ferroviários, papel com carimbo e assinatura do padre Rua. Incluo também a cópia de um assim chamado *sonho*, que poderás ler aos irmãos, mas talvez não convenha lê-lo aos jovens” (ASC F 381, orig. aut. 4 ff).

¹⁰² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 87-88.

¹⁰³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1885 al 16 maggio 1886*, p. 1-6; as palavras citadas, p. 5. Cf. cap. 22, § 8.

¹⁰⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886*, p. 7-12.

¹⁰⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886*, p. 10-11 e 15.

pouco de sacrifício vai-se adiante bastante bem e, o que mais importa, sem quebrar a caridade e conseguindo cada dia alguma pouca coisa a mais”.¹⁰⁶

O ponto alto das celebrações catalãs foi atingido no histórico período da tarde de 20 de abril, dedicado à conferência salesiana. Um público escolhido ocupava a Igreja Nossa Senhora de Belém, enquanto fora se acotovelava a multidão na esperança de ver o santo e receber dele a bênção. Estavam presentes o bispo diocesano e o abade da Grande Trapa de Tolosa, circundados por outros ilustres eclesiásticos e pelas máximas autoridades civis e militares de Barcelona. Diante do santíssimo sacramento exposto sucederam-se músicas e coros, o discurso de José Juliá, professor do Seminário, as palavras de agradecimento pronunciadas por Dom Bosco da balaustrada, a solene bênção eucarística ministrada pelo bispo diocesano.¹⁰⁷

Era pitoresca, em 3 de maio, a visita ao castelo de Luis Martí-Codolar, a Granja Velha, em San Juan de Horta, presentes, além de dona Chopitea, os membros das várias famílias aparentadas, pais e filhos, outros convidados, inclusive os jovens do Internato de Sarriá. O aparato cênico, natural e artificial, era de grande gala. Apresentou-se a banda dos jovens aprendizes e a pequena orquestra formada por três senhoritas das famílias Pascual e Martí-Codolar. Houve o almoço das grandes solenidades, durante o qual o advogado Manuel María Pascual, irmão da senhora Martí-Codolar, anunciava a intenção dos proprietários de doar a Dom Bosco o alto da grande colina diante de Barcelona, chamada *Tibi dabo*.

A doação seria posteriormente proclamada oficialmente pelos doadores, em 5 de maio, aos pés do altar da Igreja dedicada à Nossa Senhora das Mercês, protetora de Barcelona. O passeio na Granja Velha passou para a história por causa do grande grupo fotográfico, feito no parque da propriedade de Luis Martí-Codolar, que permanece um dos mais significativos testemunhos da passagem de Dom Bosco pela Espanha.¹⁰⁸ “Dom Bosco – comenta o mais atento estudioso de suas fotografias – tem uma face serena, sorridente. Percebem-se seus 72 anos, mas é a velhice vigorosa do homem ativo que participa intensamente da vida (...). Os olhos são vivazes, penetrantes, a boca com atitude espontânea de sorriso. Seu rosto passa um senso de doçura, de amabilidade, de bondade”.¹⁰⁹

Em 5 de maio padre Cerruti anunciava ao padre Rocca: “Dom Bosco viaja amanhã para Gerona, Montpellier, Valence e Grenoble, de onde, pelo caminho de Modena estará de volta aqui no sábado à tarde, salvo qualquer ligeira mudança imprevista. As notícias que envia padre Rua (que não é poeta) são algo de extraordinário. Ele mesmo assegura que jamais, nem mesmo em Paris, foi visto tanto entusiasmo e tão grandes sucessos.

¹⁰⁶ Carta de 23 de abril, ASC F 381, orig. aut. 4 ff.

¹⁰⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886*, p. 33-37.

¹⁰⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886*, p. 43-45 e 50-51. Cf. R. ALBERDI e R. CASANOVAS, *Martí-Codolar: una obra social de la burguesía*, p. 158-165.

¹⁰⁹ G. SOLDÀ, *Don Bosco nella fotografia dell'800 1861-1888*. Turim, SEI, 1987, p. 196-197.

Deo gratias e rezemos!”.¹¹⁰

Nos dias 5 e 6 de maio foram de adeus, que o sensível cronista sobrecarregava de sentimentos e de lágrimas. Lá pelo meio-dia de sexta-feira, dia 6, os três itinerantes – Dom Bosco, o silencioso e discreto colaborador padre Rua e o clérigo Viglietti – partiam de Sarriá, acompanhados por tantos amigos, acrescentados na penúltima estação do bonde. Muitas representações de autoridades eclesiásticas e civis e de associações de famílias davam a última saudação oficial na estação de França de Barcelona.¹¹¹

6. Retorno em família em breves etapas

Dadas as condições de saúde do protagonista, a viagem foi realizada em etapas. À tarde os viajantes estavam em Gerona, hóspedes no suntuoso palácio da família Carles de Ferrer, de recente e fortuito contato. Na manhã seguinte o bispo de Gerona, Tomás Sevilla y Gener (1817-1906), visitava o padre de Turim. Às 8h30 partia-se para Port-Bou. A mudança de trem dava tempo para o almoço em casa de uma benfeitora. Parada de uma hora era efetuada mais adiante, em Cette, em casa de outra rica família. Às 18h30 os três itinerantes chegavam a Montpellier, esperados pelo reitor do Seminário, dom Bupuy, que o dirigia com sua comunidade de padres da missão, e que estava feliz em acolher Dom Bosco por cerca de três dias. Doutor Combal atendia-o na mesma tarde, seguida de outras duas, profissionais e familiares ao mesmo tempo, nos dias 8 e 9. Após a última, mais acurada, confidenciava aos acompanhantes: “Penso que a própria existência de Dom Bosco é seu maior milagre! Um homem morto pela fadiga, e todos os dias continua no trabalho, come muito pouco e vive! Esse é um portentoso milagre!”.¹¹² No final da manhã de sábado, dia 8, Dom Bosco visitava o educandário das Damas do Sagrado Coração. As alunas em fila passavam diante de dele, sentado em uma poltrona, para receber sua bênção. Tocantes foram as palavras ditas com doçura a uma pequenina que lhe pedia que fizesse retornar mamãe (estava no paraíso!): “Deixa que esteja junto com o Senhor. Está muito bem lá em cima”.¹¹³

Não obstante Dom Bosco fosse pressionado por tantas pessoas, que acorriam a ele para ter uma palavra e a bênção, o reitor pôde interrogá-lo sobre seu “segredo para manter em ordem e governar com tão pouco pessoal um número tão grande de jovens”. No momento deveu se contentar com a costumeira lacônica resposta: “Nós lhes inspiamos o temor de Deus”. “Mas o temor – pensava Dupuy, experiente mestre de espírito – não é senão o princípio da sabedoria. Ter-lhe-ia agradado saber também de que

¹¹⁰ Carta ao padre Rocca, ASC F 381, orig. aut. 3 f.

¹¹¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886*, p. 52-58.

¹¹² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886*, p. 52-63.

¹¹³ MB XVIII 121 (testemunho de uma superstite em 1934).

modo Dom Bosco ajudava as almas a subir até o vértice da sabedoria, que é o amor de Deus”. Por carta, perguntava ao venerando hóspede, que, tendo voltado a Turim, tinha enviado ao generoso anfitrião *O cristão guiado à virtude e à civilização segundo o espírito de São Vicente de Paula*.¹¹⁴ Ele e os seus irmãos viam uma diferença entre os métodos de direção espiritual de São Vicente de Paula e de São Francisco de Sales: o primeiro “conduzia a alma, aniquilada diante da majestade de Deus, a confiar-se nele e a entregar-se inteiramente a Ele, para poder difundir o mais possível a caridade de Deus”; o segundo, ao invés, “se contentava em propor a todos, com toda simplicidade, a procurar em tudo o beneplácito de Deus”. A Dom Bosco, que acreditavam ter estudado a fundo “os dois grandes santos”, perguntavam se tinham visto com justeza e, especialmente, se tinham colhido o pensamento de São Francisco de Sales, que supunham ter sido adotado por ele.¹¹⁵ Se fosse questão de método educativo, Dom Bosco teria pronta a resposta: o sistema preventivo. Mas era problema de espiritualidade entendida como caminho para a perfeição cristã até os mais altos degraus da caridade. Dom Bosco jamais tinha tratado disso especulativamente, nem jamais tinha estudado historicamente e interpretado teologicamente as doutrinas dos dois grandes santos do século de ouro francês. Quem estava presente à leitura da carta escutou-o dizer sorridente: “Bem!... nem eu o sei”.¹¹⁶

Na tarde de 10 de maio os viajantes chegavam a Valence, acolhidos pelo pároco da catedral, que lhes dava hospitalidade. À ceia estava presente também o ecônomo da Grande-Chartreuse, benfeitora de Dom Bosco: em 1º de junho um dos monges tinha levado a Turim 50 mil francos. No dia seguinte Dom Bosco celebrava a missa na catedral, falava aos fiéis sobretudo da Igreja Sagrado Coração de Jesus em Roma, cheia de dívidas. Não faltavam as costumeiras generosas ofertas neste e no dia seguinte, até a partida, em 12 de maio, para Grenoble. Ali era acolhido pelo clero e pelo povo na Igreja São Luís, hospedado com extraordinária cordialidade no Seminário Maior.¹¹⁷ No dia 13, acolhido solenemente pelos cônegos, celebrava e falava na catedral. No dia seguinte celebrava na Igreja São Luís e falava ainda da Igreja Sagrado Coração. Sucederam-se, portanto, as audiências na canônica, depois na Igreja São Lourenço e no Seminário. Breves palavras, dirigidas à tarde, prostrado de forças, à função do mês de maio na Igreja Santo André. No dia 15, após a celebração da missa, partia para Turim, chegando à estação às 18h30. Às 19 horas estava no Oratório.¹¹⁸

¹¹⁴ *Il cristiano guidato alla virtù e alla civiltà secondo lo spirito di S. Vincenzo de' Paoli*. Era a segunda edição de 1876, OE XXVIII 1-252.

¹¹⁵ Carta de Dupuy a Dom Bosco, em 2 de julho de 1886; MB XVIII 655-656.

¹¹⁶ *Documenti* XXXII 472, FdB 1125 C10. Vinte anos depois Lemoyne interpretava e alargava: “Meu método se se quer que eu o exponha. Bem! Nem eu o sei. Sempre fui adiante como o Senhor me inspirava e as circunstâncias exigiam” (G. B. LEMOYNE, *Vita del Venerabile Servo di Dio Giovanni Bosco*, vol. II. Turim, Libreria Editrice Internazionale, 1914, p. 311).

¹¹⁷ Cf. *Séjour de Saint Jean Bosco au Grand Séminaire de Grenoble (Mai 1886)*, memória do monge Pierre Mouton, então seminarista (MB XVIII 657-661).

Em 16 de maio – registrava o cronista, quase como conclusão da aventura catalã – “Dom Bosco celebrou a missa na Igreja, no altar de São Pedro. Hoje é festa do patrocínio de São José e do retorno de Dom Bosco ao Oratório. Dom Bosco desceu até o refeitório, onde foram lidas magníficas composições a propósito. À noite houve uma belíssima sessão lítero-musical entre os aprendizes com o objetivo de honrar o patrocínio de São José e festejar a chegada de Dom Bosco. Foi uma noite belíssima, falou-se das viagens de Dom Bosco, do bem realizado e da condecoração que ele trazia no peito: condecoração que recebeu em Barcelona das Sociedades Católicas.¹¹⁹

Seguem interessantes informações. Na segunda metade de maio, Dom Bosco tinha feito enviar “a todos os bispos e cardeais da Itália o diploma de cooperadores salesianos”, e nos dias seguintes muitos respondiam agradecendo-o “da honra a eles concedida”.¹²⁰ Entre as numerosas cartas prevaleceram as da Itália Meridional.¹²¹ Em 23 de junho chegava o presidente do Peru com o filho. “Entusiastas” da obra salesiana, “pediram com afeto a Dom Bosco que quisesse implantar uma casa no Peru, e prometeram retornar”. À tardinha chegavam “senhor Joaquin de Font y de Boter, secretário da Associação dos Católicos, como representante da Sociedade e dos Cooperadores Salesianos de Espanha”, e “o presidente das Sociedades Operárias da França, conde de Villeneuve”, para participar dos festejos do onomástico de Dom Bosco.¹²² Na academia da noite padre Lemoyne oferecia ao comovido festejado a biografia de mamãe Margherita.¹²³ No dia seguinte, 24, a um grupo de ex-alunos moradores de Turim que foram dar-lhes os augúrios, Dom Bosco dirigia a palavra com particular ternura “e, embora um tanto quanto cansado na pessoa e comovido no espírito, sua linguagem foi tal que impressionou docemente a reunião” e “acrescentou que, justamente porque aumentam os anos, sente que se aproxima a grandes passos da eternidade”.¹²⁴ A sessão lítero-musical da noite se “tornara mais esplêndida pelo maior número de visitantes, pela grande iluminação, belas inscrições etc., leram-se belas poesias e composições em prosa”¹²⁵. Quanto à saúde, padre Cerruti anotava: “O pobre Dom Bosco não se agüenta mais nestes dias, não fica no leito, mas está muito mal e prostrado física e

¹¹⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886*, p. 64-69.

¹¹⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 15 aprile 1886*, p. 63-71. “Dom Bosco voltou ontem à noite são e salvo – anunciava no mesmo dia padre Cerruti ao padre Rocca –, e pela manhã celebrou a missa na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. *Deo gratias et Mariae*” (Carta de 16 de maio de 1886, ASC F 381, orig. aut. 4 ff).

¹²⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886 ao 12 genn. 1887*, p. 5.

¹²¹ *Documenti XXXIII* 382-402. FdB 1124 B2-C10.

¹²² De de Font e do presidente da Associação Feliú chegaria depois uma carta de 14 de julho a Dom Bosco. Nessa carta o agradeciam da afeição particular de Dom Bosco para com eles e pelos sócios das respectivas associações; MB XVIII 675.

¹²³ G. B. LEMOYNE, *Scene morali di famiglia esposte nella vita di Margherita Bosco: racconto edificante e ameno*, 188 p.

¹²⁴ BS 10(1886) n. 8, agosto, p. 87.

moralmente”.¹²⁶

Em 7 de julho, “para fugir do forte sol de Turim”, Dom Bosco se dirigia a Valsalice.¹²⁷ Retornava ao Oratório somente para dois encontros com os ex-alunos, em 11 de julho com os leigos e no dia 15 com os sacerdotes. Aos primeiros dirigia palavras comoventes sobre a incerteza de poder se “encontrar ainda um outro ano” com eles. “Os incômodos da velhice – confiava – advertem-me a não fantasiar”.¹²⁸ No dia anterior, em carta “Ao senhor padre Rua Michele, vigário geral da Congregação Salesiana. Caríssimo padre Rua”, comunicava-lhe não estar mais em condições – “minha pobre cabeça fez fiasco” – de receber o rendiconto mensal dos salesianos do Oratório e, em particular, dos membros do Capítulo Superior, e o encarregava de fazer-lhe as vezes ou então encarregar um outro – sugeriria os nomes dos padres Bonetti e Cerruti – a dedicar-se a esta importante missão, mas esquecida por nós, especialmente por mim”.¹²⁹ Ao encontro com os ex-alunos do dia 15, o pároco da Igreja Grande Mãe de Deus, teólogo G. B. Piano, e o engenheiro Buffa proclamavam em nome da respectiva associação que ninguém podia superar o amor a Dom Bosco nutrido pelos ex-alunos e pelos cooperadores, que eles representavam. O festejado, mostrando u’a mão, graciosamente respondia: “Qual destes dedos é mais amado por mim? De qual deles me privarei? Certamente de nenhum, porque todos os cinco me são queridos e igualmente necessários. Pois bem, eu vos direi que vos amo a todos e todos sem grau e sem medida”.¹³⁰

Na noite do dia 15 partia para Pinerolo, ainda hóspede na propriedade do bispo, onde ficava até 13 de agosto.¹³¹ Dom Bosco alinhavava relações epistolares significativas. No dia 22 respondia ao presidente do Círculo Operário Católico de Bérgamo, que lhe pedia uma bênção ao completar dez anos de fundação. Ele rezaria de coração por ele e pelos sócios, mas ao mesmo tempo recomendava à caridade de sua oração os seus duzentos mil e mais “órfãos”.¹³² Não faltavam notícias sobre a saúde: “Minha saúde é passável”;¹³³ “minha saúde obrigou-me a suspender qualquer espécie de ocupação. Somente agora posso começar a fazer algo e me encontro na obrigação de escrever as primeiras palavras a vós, ó caridosa senhorita”.¹³⁴ Do mesmo dia uma carta a uma senhora paduana que já em 1885 tinha pedido orações para uma graça particular e tinha lhe enviado substancial oferta.¹³⁵ No verão de 1886 reapareceu o cólera e Dom Bosco, agradecendo outra oferta, sugeriria o louvado antídoto, materializando-o nas costumeiras

¹²⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 15-18.

¹²⁶ Carta ao padre Rocca, 26 de junho de 1886, ASC F 381, orig. aut. 2 f.

¹²⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 22.

¹²⁸ BS 10(1886) n. 8, agosto, p. 87.

¹²⁹ Carta de 10 de julho de 1886; E IV 355-356.

¹³⁰ BS 10(1886) n. 8, agosto, p. 88.

¹³¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 22-27.

¹³² E IV 356-357.

¹³³ Ao conde Colle, 25 de julho de 1886; E IV 522.

¹³⁴ A C. Louvet, 27 de julho de 1886; E IV 473.

práticas em honra de Nossa Senhora Auxiliadora.¹³⁶

Voltando a Turim, do dia 15 de agosto são lembrados, durante a manhã, a longa visita do cardeal Alimonda e, à tarde, a esplêndida festa para a distribuição dos prêmios e o aniversário de Dom Bosco. Ele fazia presente do “calhamaço onde está o catálogo dos privilégios que há muito se esperava”; era ainda manuscrito, uma vez que a edição sairia somente na segunda metade de 1888. “A cena mais comovente, porém, foi a chegada do padre Lasagna, na parte mais bela da sessão lítero-musical. Chegou improvisamente e abraçou o pai que há tanto tempo não via. Que festa, que júbilo cordial!!!”¹³⁷

De 21 a 31 de agosto Dom Bosco assistia em San Benigno Canavese a dois turnos de exercícios espirituais, primeiro para os aspirantes noviços, depois para os diretores. No dia 31, “muito debilitado de forças e sofrendo pelo excessivo calor”, retornava a Turim e, no dia seguinte, ia a Valsalice para o início, às 17h30, do Quarto Capítulo Geral.¹³⁸

7. Vigilante presença no Quarto Capítulo Geral salesiano (1886)

Em 31 de maio de 1886 Dom Bosco tinha enviado a carta de convocação. Padre Francesco Cerruti fora designado relator: homem metódico, hábil organizador e tendencialmente decisionista. A primeira tarefa seria a eleição dos membros do Capítulo Superior, excluídos o reitor-mor, Dom Bosco, e o vigário, padre Rua.¹³⁹ Era anexado o documento de quatro páginas com a indicação do material que seria tratado.¹⁴⁰ Eram oito pontos, com os primeiros dois que retomavam argumentos já tratados no Capítulo de 1883: 1) *Regulamento para as paróquias regidas e dirigidas pelos salesianos*; 2) *Orientação a ser dada para a parte de aprendizes nas casas salesianas e meios para desenvolver a vocação dos jovens aprendizes*; 3) *Modo de executar o decreto Regulari disciplinae de 1848, sobre a admissão dos noviços à profissão dos votos*; 4) *Sistema a ser seguido na promoção das sagradas ordenações*; 5) *Modo e meios de implantar casas de estudantado para clérigos*; 6) *Modo de prover à isenção do serviço militar*; 7) *Modificações a ser introduzidas no Elenco da Nossa Sociedade*; 8) Propostas dos irmãos. Também para este ponto como para o precedente capítulo havia um programa desproporcionado aos poucos dias disponíveis, da tarde de 1º de setembro à manhã do dia 7. Em compensação, o regulador era ordenado e pôde conduzir a Assembléia para chegar a decisões definitivas, ao menos sobre alguns pontos em parte amadurecidos por

¹³⁵ À senhora Maggi Fannio, 15 de setembro e 2 de outubro de 1885; E IV 338-339, 342-343.

¹³⁶ À senhora Maggi Fannio, 27 de julho de 1886; E IV 358.

¹³⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 29-30.

¹³⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 33-36.

¹³⁹ Cf. *Lettere circolari di D. Bosco e di D. Rua ed altri loro scritti ai salesiani*. Turim, Tipografia Salesiana 1896, p. 33-35: cartas de dom Bosco de 31 de maio e de 24 de julho de 1886.

¹⁴⁰ Capitolo Generale IV, ASC D 579.

ocasião dos capítulos precedentes.

Entre as propostas eram drásticas as de dom Cagliero, padre Piccono e padre Riccardi, que exigiam mais severa formação, quer dos artesãos, quer dos coadjuvantes, e melhor preparação dos candidatos às ordens sagradas.¹⁴¹ No entanto, elas não puderam ser conhecidas pelos capitulares, pois chegaram a Turim dois dias após o encerramento do Capítulo.¹⁴² Nesse Capítulo, o único representante dos salesianos na América tinha sido padre Lasagna. As propostas de salesianos que operavam na Itália com maior proximidade à parte “operária” eram inspiradas pela concreticidade. Padre Belmonte, que dirigia o Internato de Sampierdarena e a quem o Capítulo elegia como prefeito geral da Congregação, não ficava somente no aspecto moral da formação dos aprendizes. “Procurar da melhor forma possível o desenvolvimento no ofício – insistia – de forma que nossos jovens, saídos de nossas casas, não sejam obrigados a procurar outra profissão para ganhar o próprio sustento, mas tendo aprendido também após a permanência de vários anos em nossas casas o ofício próprio, de forma a exercê-la fora. Procurar dentre os melhores artesãos os chefes, mesmo com o sacrifício de pagarlhes um salário muito alto”.¹⁴³ Quanto à preparação dos clérigos às ordens sagradas, propunha um programa preciso: “1) Exigir que se façam os estudos teológicos de quatro anos. Dar a tonsura no fim do segundo ano. Subdiaconato no final do terceiro. Diaconato na metade do quarto e, por fim, o presbiterato. O candidato, antes de qualquer ordenação, estude os tratados indicados, tirando nos exames uma nota não inferior a 7”.¹⁴⁴ Padre Domenico Canepa, futuro mestre de noviços, sublinhava aspectos mais visivelmente pedagógicos, incitando a dar mais alta dignidade ao grupo dos aprendizes. “Não deveria existir nenhuma diferença entre aprendizes e estudantes”, colocava quase como princípio, tirando daí comportamento coerente por parte dos educadores: “1) Introduzir entre eles a emulação, distribuindo várias vezes durante o ano recompensas aos mais dignos. 2) Afeiçoá-los à casa e ao diretor por parte dos irmãos, praticando o sistema preventivo tão inculcado por nosso pai. 3) O diretor de cada casa deveria falar, entreter-se freqüentemente e afeiçoar-se a eles, especialmente aos maiores”. “Portanto, ao invés de divisões, dever-se-ia uni-los juntos, formar uma só família. Antes, ousaria dizer que sua posição de jovens verdadeiramente abandonados exige por parte dos superiores caridade e vigilância mais acurada que para os estudantes”. Com efeito, “para o bem dos sócios e da Congregação seria desejável que ninguém fosse ordenado sacerdote senão após ter terminado regularmente o curso de teologia”.¹⁴⁵ Articulada e construtiva era a proposta de “um sócio” anônimo, que se mostrava dentro no mundo das oficinas de aprendizes.¹⁴⁶

Padre Giovanni Marengo, eleito secretário do Capítulo, resumia os trabalhos da Assembléia em um manuscrito de dezenove páginas não enumeradas: *Relatório do*

¹⁴¹ Respostas ao módulo de 28 de julho de 1886, ASC D 579, FdB 1865 A10-11, B 6-7 e 9-11.

¹⁴² Cf. carta do regulador padre Cerruti a dom Cagliero, 12 de outubro de 1886; MB XVIII 177 n. 4.

¹⁴³ ASC D 579, FdB 1886 C7.

¹⁴⁴ ASC D 579, FdB 1886 E7.

¹⁴⁵ ASC D 579, FdB 1886 C9.

¹⁴⁶ ASC D 579, FdB 1886 C11-D1 e E8.

*4º Capítulo Geral da Pia Sociedade Salesiana, realizado no Colégio de Valsalice de 1º de setembro ao sete do mesmo mês do ano de 1886.*¹⁴⁷ Dele se tira a impressão de que, para uma discussão mais profunda dos problemas, o tempo disponível era claramente insuficiente. Contudo, a presença no Capítulo dos autores das propostas e o trabalho iniciado no Capítulo Geral de 1883 permitiram a elaboração de documentos apreciáveis, sobretudo sobre os primeiros dois temas.¹⁴⁸

Interessantes para a biografia de Dom Bosco são as não poucas intervenções que fez em algumas sessões plenárias. As primeiras aconteceram na sessão matutina de 2 de setembro, sobre o delicado tema *Do modo e dos meios de implantação das casas de estudantado nas inspetorias*. Ele se mostrava alheio a decisões taxativas e utópicas. A quem propunha “que alguns entre os mais destacados” fossem “enviados a Roma para completar os estudos nas escolas superiores abertas pelo santo padre” [as universidades eclesiásticas], reagia com moderada partilha: “Aprova e vê com bons olhos – recorda-se –, mas parece que no presente seja um pouco cedo, vendo a necessidade do pessoal para as obras em curso”. Mais adiante, em relação aos vários nomes atribuídos aos salesianos em formação, “Dom Bosco – registra a Relação – recomenda que se mantenham os nomes ou vocábulos em uso, como *ascritti* [inscritos] ou *ano de prova*, ao invés de noviços ou noviciado, porque isso não é necessário nem útil”. Ainda, após a aprovação “em máxima” do documento, efetivamente apressada e inoperante, Dom Bosco enviava “o mesmo esquema para um posterior e mais prático exame sobre a forma de executá-lo”.¹⁴⁹

Na sessão pós-meridiana de 3 de setembro, padre Lasagna lia o esboço de regulamento para as paróquias, “formulado por estudos feitos três anos atrás e por estudos atuais mais completos”. Era “precedido por várias observações”, que persuadiam “a não aceitar facilmente o cuidado de paróquias”. Dom Bosco chegava a presidir a sessão quando se estava discutindo sobre a forma de tornar movível o pároco e convidava a que se deixasse por ora ao Capítulo Superior o estudo da forma como pôr em prática essa norma.¹⁵⁰

Nos dias sucessivos discutiam-se temas importantes, como o endereço a se dar à parte *Aprendizes e para desenvolver neles a vocação* e a aplicação do decreto de 1848 *Regulari disciplinae*. Dom Bosco não intervinha. Ao invés, chegada a metade da sessão matutina do dia 6, tomou a palavra extemporaneamente sobre o querido argumento das vocações adultas. “Dom Bosco – refere-se – recomenda que se conheça a Obra de Maria Auxiliadora, isto é, do fato de favorecer as vocações adultas”. “Dom Bosco dá as razões, pois acontece que os jovens, algumas vezes, naufragam na adolescência e depois retornam ao bem por volta dos 16 ou 18 anos, ou mesmo aos 20”.¹⁵¹

Na sessão vespertina de 6 de setembro, dedicada ao exame das propostas, presidia Dom Bosco. Ele intervinha em relação às diretivas dadas por Leão XIII quanto à

¹⁴⁷ ASC D 579, FdB 1887 D9-1.868 A3.

¹⁴⁸ Cf. J. M. PRELLEZO, “La ‘parte operaia’ nelle case salesiane”, RSS 16(1997), p. 353-391.

¹⁴⁹ G. MARENCO, *Relazione del 4º Capitolo Generale*, p. 5, FdB 1867 E1.

¹⁵⁰ G. MARENCO, *Relazione del 4º Capitolo Generale*, p. 7-8, FdB 1867 E3-4.

¹⁵¹ G. MARENCO, *Relazione del 4º Capitolo Generale*, p. 10-12, FdB 1867 E6-8.

maçonaria na encíclica *Humanum genus*, de 20 de abril de 1884. Mostrava a habitual contrariedade aos ataques abertos contra os “adversários”. O padre romano Giuseppe Vespignani recordava tantos decênios depois o que Dom Bosco tinha falado quando jovem padre sobre a fundação de uma presença em Bolonha, onde tinha surgido a Juventude Italiana, formada por elementos prontos a lutar em defesa das instituições católicas e dos sacerdotes: “Não temos esse espírito de ardor e de combate; não nos ocupamos de política; buscamos somente trabalhar no meio da juventude e pedimos que nos deixem tranqüilos em nossa tarefa”.¹⁵² Análoga atitude tinha no Capítulo a propósito de quanto declarado por Leão XIII sobre a inscrição em sociedades secretas como a maçonaria: “Bastará recomendar aos jovens mais adultos de não se escrever em sociedade alguma sem o consentimento dos pais e do Pároco, mas não se fale de propósito em público. Isto faria acordar as iras dos inimigos, sem proveito”¹⁵³. Passava depois, deliberadamente, a outros argumentos. Fazia observar quanto fosse importante que o diretor reunisse com freqüência o capítulo da casa. Ainda – prossegue a *Relação* – “recorda como para eliminar muitos defeitos aproveitem muito as cartas circulares, por meio das quais pode-se entrar em particular nos deveres religiosos, sobre os votos de pobreza, castidade e obediência. Coisa que o diretor espiritual recordará e proporá ao reitor-mor”. Sobre as visitas dos inspetores e dos membros do Capítulo Superior às casas está escrito: “Dom Bosco recomenda que se vá sempre em nome do superior e se faça observar as Regras não em força do *Eu quero*, mas em força do dever imposto pelas Regras. O *Eu* estraga tudo”. À constatação de que faltavam nas Deliberações as oportunas recomendações do sistema preventivo, “Dom Bosco recorda que tinha começado um opúsculo sobre esse argumento [as páginas de 1877?]. Espera poder terminar ou por si ou por outros”.¹⁵⁴

As *Deliberações* foram publicadas no ano seguinte, fundidas com as do capítulo precedente em um fino fascículo de vinte e oito páginas.¹⁵⁵ Na sessão do Capítulo Superior de 24 de outubro de 1884, Dom Bosco tinha expresso o desejo de que o Capítulo coordenasse as decisões do Capítulo Geral de 1883, de forma que estas fossem impressas antes do Capítulo Geral de 1886.¹⁵⁶ Mas não se tinha feito nada. As *Deliberações* acumuladas de 1886 continham documentos totalmente novos com relação aos do Primeiro e Segundo Capítulos e eram fruto dos estudos preparatórios das comissões e das discussões desenvolvidas nas sessões plenárias dos Terceiro e Quarto

¹⁵² G. VESPIGNANI, *Un anno alla scuola del Beato Don Bosco (1876-1877)*. San Benigno Canavese, Scuola Tipografica Don Bosco, 1930, p. 26-27.

¹⁵³ G. MARENCO, *Relazione del 4° Capitolo Generale*, p. 13-13, FdB 1867 E9-10.

¹⁵⁴ G. MARENCO, *Relazione del 4° Capitolo Generale*, p. 14-16, FdB 1867 E10-12.

¹⁵⁵ *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale della Pia Società Salesiana Tenuti in Valsalice nel settembre 1883-86*. San Benigno Canavese, Tipografia Salesiana, 1887, 28 p.; OE XXXVI 253-280.

¹⁵⁶ *Capitolo Superiore*, fol. 43v, FdB 1881 D2.

Capítulos Gerais. As *Deliberações* estavam articuladas em seis títulos: I. *Regulamento para as paróquias*; II. *Das sagradas ordenações*; III. *Do espírito religioso e das vocações entre os coadjutores e os artesãos*; IV. *Regulamento para os oratórios festivos*; V. *Boletim Salesiano*. VI. *Modo de prover a isenção do serviço militar*.

As *Deliberações* espelhavam idéias várias vezes formuladas e compartilhadas por Dom Bosco e todas foram por ele formalmente aprovadas e promulgadas, sendo prova disso a carta de apresentação¹⁵⁷ e a circular de 21 de novembro de 1886, que oferecia dele uma breve relação. Nesta ele convidava a prestar “plena adesão ao novo Capítulo”, tocando ainda cordas sensíveis da espiritualidade religiosa salesiana: obediência, caridade e fuga da murmuração, e pobreza. A *obediência* – escrevia – “seja pronta, humilde e alegre”, que faça olhar os “superiores como irmãos, antes, como pais amorosos”, vendo “neles os representantes do próprio Deus”: “tanto mais nossa obediência será meritória junto de Deus, quanto maior o sacrifício que fazemos para segui-la”. Em relação à caridade, exortava a não “cair no grande defeito da murmuração, odiosa a Deus e danosa à comunidade”. Dom Bosco também aproveitava a ocasião para recomendar “a observância perseverante do voto de pobreza”. A pobreza era a fonte de bem espiritual para o salesiano e de bem-estar para a Congregação, grata à Providência tão generosa e aos próprios benfeitores. Daí seguia o convite para “diminuir os gastos”, a “fazer economia nas provisões, nas viagens, nas construções e, em geral, em tudo o que não fosse necessário”.¹⁵⁸

No *Regulamento para as Paróquias* sobressaía o primeiro artigo que, em linha de princípio – não a mesma coisa nos fatos – permaneceria em vigor na Sociedade Salesiana até 1972: “Examinado o escopo ao qual tende a Congregação Salesiana nas obras segundo nossas Constituições no Capítulo I, parece que se deva, nem com facilidade nem em via ordinária, assumir a direção de paróquias que fossem oferecidas pelos bispos”.¹⁵⁹ Um forte chamado ao espírito salesiano permeava as normas de comportamento nas relações do pároco “com o povo”. “O espírito de nosso santo protetor era de se fazer tudo para todos, *omnibus omnia factus*. Esse mesmo espírito deve ser a alma de todos os salesianos, deve sê-lo em modo especial daquele que é chamado para reger uma paróquia”. Ele não deverá se esquecer “do recolhimento e da reserva”; além disso, “os enfermos, os pobres e as crianças formem o objeto de suas solitudes especiais”.¹⁶⁰

As prescrições sobre as sagradas ordenações supunham candidatos ao sacerdócio espalhados nas casas, que o diretor espiritual geral ou catequista tinha a tarefa de seguir com um registro do curso de seus estudos, em base às relações do inspetor e do diretor local, que conduzia a responsabilidade direta.¹⁶¹

É, certamente, considerável que os coadjutores tenham sido objeto de reflexão em bem dois Capítulos Gerais. Mas o tema fora somente desfolhado e, como se viu, Dom

¹⁵⁷ *Deliberazioni del terzo e quarto Capitolo generale*, p. 3-4; OE XXXVI 255-256.

¹⁵⁸ Cf. *Lettere circolari di D. Bosco e di D. Rua*, p. 5, OE XXXVI 257.

¹⁵⁹ *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 5; OE XXXVI 257.

¹⁶⁰ *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 10, 11, 13; OE XXXVI 262, 263, 265.

Bosco, um mês depois do Terceiro Capítulo Geral, sentiu-se na obrigação de falar disso para precisar sua idéia a respeito. O Quarto Capítulo Geral não oferecia elementos novos sobre isso.¹⁶²

Relativamente mais elaborado era o título *Dos jovens artesãos*. Ele constituía significativa passagem de um sistema de formação vétero-artesanal a um sistema que se aproximava, em alguma medida, de uma boa escola profissional de cunho eminentemente prático.¹⁶³ A escola deveria fazer com que os aprendizes – dizia-se – “saindo de nossas casas após ter realizado seu tirocínio, tenham aprendido uma profissão com a qual ganhar honestamente o pão da vida”, “bem instruídos na religião” e em posse dos “conhecimentos científicos oportunos a seu estado”. Oportunamente buscava-se articular o programa sobre uma tríplice diretriz: formação humana, moral e religiosa (*perspectiva religioso-moral*); dimensão cultural geral, específica e tecnológica (*perspectiva intelectual*: conhecimentos literários, artísticos e científicos); e a aquisição de uma completa habilidade no exercício de determinada arte ou profissão (*perspectiva profissional*).¹⁶⁴ Este último aspecto, essencialmente prático, mas atentamente programado, constituiria por mais de um século uma das características das escolas profissionais salesianas. O programa didático era discretamente estruturado: “O conselheiro profissional e o mestre de ofício – precisava-se – divida, ou considere como dividida a série progressiva dos trabalhos que constituem o complexo do ofício em cursos ou graus; por eles faça o aluno passar gradativamente, de tal forma que, após um tirocínio, conheça e possua completamente o exercício de sua profissão” (art. 3); “Não se pode determinar a duração do tirocínio, uma vez que nem todas os ofícios exigem igual tempo para serem aprendidos, mas por regra geral pode fixar-se em cinco anos” (art. 4); “A casa dos noviços aprendizes seja bem fornecida do material necessário para se aperfeiçoar nas diversas profissões, e tenha os melhores chefes artistas salesianos” (art. 5b).¹⁶⁵

O *Regulamento para os Oratórios Festivos* não contemplava seu funcionamento, que era provido pelo regulamento de 1877 e pela praxe corrente, mas sua fundação e gestão sob o cuidado da casa salesiana. O impulso de base era dado pela referência ao art. 3 do primeiro capítulo das Constituições, que recitava: “O primeiro exercício de caridade da Pia Sociedade de São Francisco de Sales é recolher jovens pobres e abandonados, para instruí-los na santa religião católica, *particularmente nos dias festivos*”. Para sua realização se estabelecia: “Auxíliam muito nas cidades e nos lugares onde existe

¹⁶¹ *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 13-16; OE XXXVI 265-268.

¹⁶² Cf. *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 16-17; OE XXXVI 268-269.

¹⁶³ Sobre os limites dessa evolução e sobre a parte tida por Dom Bosco e por seus colaboradores, cf. J. M. PRELLEZO, “Don Bosco e le scuole professionali (1870-1887)”, in: *Don Bosco nella storia*, p. 331-353 (em particular, p. 348-352). Sobre o problema já tinha se ocupado L. PAZZAGLIA, “Apprendistato e istruzione degli artigiani a Valdocco (1846-1886)”, in: F. TRANIELLO (org.), *Don Bosco nella storia della cultura popolare*, p. 13-80.

¹⁶⁴ *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 18-21; OE XXXVI 270-273.

¹⁶⁵ *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 21-22; OE XXXVI 273-274.

uma casa salesiana implantar um lugar de recreação, ou seja, oratório festivo para jovens externos, que são mais necessitados de instrução religiosa e expostos aos perigos de perversão”. Com este objetivo já o Terceiro Capítulo Geral tinha deliberado concretamente que todo diretor implantasse “um oratório festivo junto de sua casa ou instituto, se ainda não existisse, e dar-lhe desenvolvimento, se já foi fundado”, e mobilizasse os benfeitores do lugar e os salesianos, recordando “que um oratório festivo já foi o berço” da Sociedade Salesiana (art. 1). Todos os salesianos, eclesiásticos e leigos, deveriam se dedicar a essa obra, considerando-a “apostolado de suma importância, porque no tempo presente o oratório festivo é para muitos jovens, especialmente nas cidades e nos bairros, a única tábua de salvação” (art. 4)”. Era, depois, sublinhado um fator preventivo capital: “O bom andamento do oratório festivo depende pois, sobretudo, em usar sempre de verdadeiro espírito de sacrifício, grande paciência, caridade e benevolência para com todos, de tal forma que o aluno receba e mantenha sempre a cara memória, e o freqüente até mesmo quando seja adulto” (art. 9).¹⁶⁶

Quanto ao *Boletim Salesiano*, se precisava que ele devia ter a finalidade de “manter vivo o espírito de caridade entre os cooperadores, de levar-lhes o conhecimento das obras realizadas ou que devem ser realizadas em nossa Sociedade, e de animá-los a vir em socorro das mesmas no momento oportuno”.¹⁶⁷ Em torno dos cooperadores e do *Boletim Salesiano* em particular já tinha sido feito vivo debate um ano antes, na reunião do Capítulo Superior de 17 de setembro de 1885. Padre Rua tinha lido uma carta do conhecido sacerdote alemão, J. B. Mehler. Este comunicava já ter inscrito muitos alemães no número dos cooperadores e mandava a lista deles. Propunha que os diplomas fossem impressos em língua alemã e que lhe fosse conferida a faculdade de assiná-los. Dom Bosco e os capitulares não julgaram oportuno: no caso, se podia fazer acompanhar os diplomas impressos e assinados em Turim com uma carta em alemão. Mehler pedia, também, que se preparasse uma edição em alemão do *Boletim* como preparação da ida dos salesianos à Alemanha. O *Boletim* em várias línguas não criava problemas: eles já existiam, além do italiano, na edição francesa e, para a América Latina, castelhana. Dissensos surgiam, ao invés, quanto a seu conteúdo. Dom Bosco defendia com firmeza o princípio do *único Boletim*. “O Boletim – sustentava – não deve ser coisa particular de cada região, como Espanha, França, Itália etc., mas deve ser coisa geral a todas essas regiões como a obra salesiana não era particular, mas geral. As notícias sejam recolhidas de forma que todas as diversas regiões tenham interesse nelas e que todas as edições nas várias línguas sejam idênticas. Por essa razão sejam impressos em todas as línguas na casa-mãe, a fim de que se dê o endereço igual a todos. É uma arma poderosíssima que não deve fugir das mãos do reitor-mor e que, em outras mãos, poderia tomar um endereçamento não conforme às suas intenções”. Sendo da

¹⁶⁶ *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 22-24; OE XXXVI 274-276.

¹⁶⁷ *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 24-25; OE XXXVI 276-277.

obra salesiana em seu conjunto, ele devia ser “coisa geral” e não “uma coisa particular para cada região”. Padre Rua, ao invés, que desejava de há muito tempo “estabelecer relações com a Alemanha”, achava providencial a proposta de Mehler e considerava que a identidade de conteúdos e a centralização da redação e da impressão em Turim desse lugar a inúmeras dificuldades. Certas relações, que podiam ser boas para a Itália, podiam se tornar inoportunas na França, na Espanha ou na América. Além do mais, as grandes distâncias ofereciam aos leitores informações, avisos e convites antiquados e superados. Por fim, sendo o *Boletim* destinado também a suscitar a beneficência, não podia deixar de tratar dos “interesses locais”. Padre Durando propunha que se reduzisse o *Boletim* de algumas páginas e que nas diversas edições se acrescentasse, ao menos alguma vez, um suplemento conforme as necessidades dos locais. Padre Rua acolhia e aperfeiçoava a proposta: que o *Boletim* tivesse duas partes, uma de interesse geral, outra de interesse local, conforme os diversos países, em analogia com os jornais que têm a rubrica *Notícias variadas*. Dom Bosco cortava a discussão, recusava as duas propostas e acentuava a unicidade de conteúdo do *Boletim*. Temia que, com a diversificação localizada, pudesse “desviar-se do objetivo que lhe tinha sido prefixado”. Aos cooperadores agradavam “a história do Oratório e as cartas dos missionários”: o periódico devia ser feito com esta matéria. “Das outras notícias de conferências ou festas nos outros países e também na Itália – prosseguia – se faça um pequeno noticiário compendiado. Se houver algo de extraordinário, com sua publicação agrada-se a todos, mesmo aos estrangeiros. Se depois houver algum convite rápido, os salesianos mantenham-se em relação com os jornalistas católicos e em seus jornais se publiquem os convites ou nossas coisas de urgência. Se tal não lhes agradar, sirvam-se de cartas circulares”.¹⁶⁸

¹⁶⁸ *Capitolo Superiore*, fol. 77r-v, FdB 1882 D9-10. Cf. também folhas integrativas alógrafas das Atas, p. 1-8, FdB 1880 A5-11.



Capítulo XXXIV

TESTAMENTO PARA A MISSÃO E CAMINHADA SERENA PARA A ÚLTIMA META (1886-1888)

- 1886 11 a 13 de setembro: viagem a Milão
19 de setembro a 3 de outubro: votos de 53 salesianos; sobre a murmuração
14 de outubro: os noviços clérigos entram na nova sede em Foglizzo Canavese
4 de novembro: inauguração oficial da nova sede
8 de dezembro: última edição das *Recordações confidenciais*
- 1887 5 de janeiro e 12 de fevereiro: o arcebispo de Quito no Oratório para pedir
uma fundação no Equador
20 de abril a 20 de maio: viagem a Roma passando por Gênova, La Spezia,
Firenze, Arezzo, Chiusi e Orte
30 de abril a 18 de maio: em Roma; volta a Turim via Pisa e Gênova
4 de julho a 19 de agosto: em repouso a Lanzo Turinese
13 de setembro: o Colégio de Valsalice se torna centro de estudos para
clérigos pós-noviços
20 de outubro: em Foglizzo vestição clerical dos noviços
14 de novembro: três salesianos partem para Londres-Battersea
24: vestição clerical do príncipe Czartoryski e de outros três salesianos
6 de dezembro: adeus aos missionários de partida para o Equador
7: visita de dom Boutreloux; chega dom Cagliari
20: última saída em carruagem
24: Dom Bosco recebe o viático e o sacramento dos enfermos
31: ligeira retomada e melhoramentos progressivos
- 1888 8 de janeiro: visita do duque de Norfolk
30: início da agonia
31, às 04h45: Dom Bosco morre

A última etapa do itinerário terreno de Dom Bosco, antes que atenuar, acentuava, com as palavras e o testemunho de vida, a fé na dupla realidade que constantemente polarizou sua existência: a incondicionada dedicação à própria missão terrena e a firme perseverança ao orientar mente, coração e esperanças para a meta final, o paraíso. Ser cristão e cidadão, habitante da terra e candidato a se tornar do céu, que infinitas vezes

havia proposto a jovens e adultos, a beneficiados e benfeitores, a salesianos e salesianas, tornava-se agora, com o enfraquecimento da palavra, tanto falada como escrita, o mais intenso testemunho de vida e eloqüente testamento para a posteridade.

1. Chave interpretativa

Pode-se ter uma mais justa compreensão dos acontecimentos da última fase da vida de Dom Bosco se lidos à luz do que ele mesmo ia fixando nas últimas páginas das *Memórias desde 1841*, provavelmente entre o final da primavera e o verão de 1886. Aí oferecia três perspectivas iluminadoras: a fidelidade dos operadores salesianos à consagração, a trépida esperança que o acompanhava na última parte do caminho terreno para o Céu, a visão para si e para os seus do *futuro* da missão.

Já se falou de quanto tinha reservado às Filhas de Maria Auxiliadora.¹ Aos salesianos dedicava dois parágrafos: *Nas dificuldades* e *Recomendação fundamental a todos os salesianos*. Ele indicava, de forma definitiva, a solução de eventuais dissídios com as autoridades civis e religiosas em uma atitude o mais possível conciliadora. Caridade paciente e tangível desejo do bem das almas deviam inspirar também os comportamentos do diretor para com os irmãos e dos educadores salesianos para com os jovens. A recomendação fundamental era dupla: o culto da pobreza e a prática atenta e condescendente da caridade, amando “todos com amor fraterno” e tendo presente que seria sempre “um belo dia” quando se conseguisse “vencer um inimigo com os benefícios” ou “fazer-se um amigo”.²

Seguia-se *Recomendação para mim mesmo*. Os primeiros pensamentos eram de um pai aos filhos. Assegurava aos jovens que eles “sempre foram a delícia” de seu coração, recomendando a eles “a freqüente comunhão”, não somente em sufrágio de sua alma, mas também para ser “queridos a Deus” e assegurar-se “a graça de receber os santos sacramentos no final da vida”. Depois, com singular ardor, dirigia-se a seus padres e clérigos salesianos, aos parentes e amigos de sua alma para que rezassem e se aproximassem da comunhão, a fim de que Jesus lhe abreviasse o tempo do purgatório. Dirigia-se, portanto, a si mesmo para “invocar a misericórdia do Senhor” sobre si “nas últimas horas” de vida. Brotava, então, seu testamento espiritual. Este se desenrolava em três momentos: a profissão de fé em todas as verdades reveladas e ensinadas pela Igreja; o pedido de perdão a Deus dos próprios pecados, especialmente de escândalo, quiçá – diz – “dos excessivos cuidados usados para comigo mesmo”; e a súplica de que, além do choro, “pelo repouso eterno de sua alma”, se fizessem “orações, obras de caridade, mortificações, santas comunhões”. Implorava: “Vossas orações tenham como

¹ Cf. cap. 29, § 4.2.

² “Memorie del 1841”, RSS 4(1985), p. 123-125.

fim especial dirigidas ao céu para que eu encontre misericórdia e perdão no primeiro momento que me apresentar à tremenda majestade de meu criador”.³ O temor de Deus, jamais separado do amor, permanecia um traço essencial de sua espiritualidade vivida e proclamada.

Via, enfim, e projetava diante de seus um *futuro* glorioso para a Congregação. Tratava-se de linhas que preparavam e ecoavam o sonho barcelonense de 10 de abril de 1886 e que prefiguravam outros.⁴ “Nossa Congregação – escrevia – tem diante de si um feliz futuro preparado pela divina providência, e sua glória será duradoura enquanto se observem nossas Regras”. Mais exatamente: “A seu tempo nossas missões chegarão à China, mais precisamente a Pequim. Mas não se esqueçam que nós vamos para as crianças pobres e abandonadas. Lá entre os povos desconhecidos e ignorantes do verdadeiro Deus se verão as maravilhas até então não acreditadas, mas que Deus poderoso tornará claras ao mundo”. Era uma meta que se atingiria ao preço da incondicionada resposta às austeras exigências da missão: a fuga do bem-estar, pois “a verdadeira riqueza” eram as solicitudes “dirigidas aos selvagens, às crianças mais pobres e aos mais periclitantes da sociedade”. Caso contrário – declarava –, “quando começarem entre nós a comodidade ou as benesses, nossa pia Sociedade já cumpriu seu curso”. Ao invés – e era a conclusão das *Memórias* –: “Quando acontecer que um salesiano sucumba e morra trabalhando pelas almas, então direis que nossa Congregação conseguiu um grande triunfo e sobre ela descerão copiosas as bênçãos do céu”.⁵

2. Declínio progressivo entre 1886 e 1887

Portanto, Dom Bosco estava voltado até o final para a missão por si e pelos seus: ainda com alguma corajosa saída, pedinte nos encontros pessoais e mediante as cartas, presente no seio do governo da Congregação, e com empenhos na ação direta de educador espiritual dos jovens. Era um incomparável ritmo de vida, que retomava imediatamente após as não leves fadigas do Capítulo Geral. “Após mil incertezas”, anotava Viglietti, sábado, 11 de setembro, Dom Bosco efetuava uma rápida viagem a Milão, desejada por ele mesmo e solicitada por benfeitores e amigos que tinham um extraordinário animador no padre Pasquale Morganti (1853-1921), diretor espiritual do seminário maior e futuro arcebispo de Ravena. Acompanhava-o na estação ferroviária o administrador da marquesa Consuelo Vidal y Moragas (1861-1898), Leandro Suárez, ambos conhecidos em Barcelona, e que tinham-no visitado no Oratório no dia precedente, no retorno de uma viagem à Alemanha. Dom Bosco chegava a Milão às 12h40,

³ “Memorie del 1841”, RSS 4(1985), p. 125-126.

⁴ Cf. § 6.

⁵ “*Memórias desde 1841*”, RSS 4(1985), p. 126-127.

hóspede do arcebispo amigo, Luigi Nazari di Calabiana. Logo depois do meio-dia recebeu numerosas visitas de eclesiásticos e de leigos. Às 11 horas do dia seguinte aconteceu a conferência salesiana – a *schola cantorum* do Oratório de Valdocco executava uma maravilhosa missa de Haydn –, com vibrante discurso do padre Lasagna, enquanto Dom Bosco se aninhava em uma poltrona ao lado da sede episcopal. Seguiu a coleta. Após a bênção eucarística, Dom Bosco, cansado e encurvado, saía lentamente da igreja sustentado pelo arcebispo – sete anos mais velho – e por Viglietti, entre duas alas de gente comovida. Na segunda-feira celebrava missa na capela do arcebispado. No final dirigia a palavra aos numerosos presentes, recebendo-os depois um a um, dando-lhes uma medalha e uma palavrinha de lembrança. Retornava, quebrado, às 16h25. Às 20h30 estava em Valsalice.⁶ Boa parte da imprensa milanese tinha se interessado pela visita, embora com óticas diversas. Dela escreviam entre os dias 13 e 14, com grande destaque, o liberal moderado *Corriere della sera*, com simpatia *La perseveranza*, com admiração *Il caffè*, *L'Italia*, *Il pungolo*, e com amplas informações o jornal católico conciliador *Lega lombarda*, além de outros jornais de Milão, de Turim (*Il corriere di Torino*) e de Gênova (*L'eco d'Italia*). E não sem sublinhar que Dom Bosco “era um dos chefes influentes do partido clerical italiano”, e outras coisas ainda, os anticlericais *Il secolo*, *La Lombardia* e o extremista crispiniano *La riforma*, de Roma. O jornal católico integrista *Osservatore cattolico*, nos números de 12 e de 13 de setembro, obviamente não economizava informações e elogio.⁷ Não fazia por menos, é claro, *L'unità cattolica*, com o teólogo Giacomo Margotti, totalmente a favor de Dom Bosco.⁸ Era uma antecipação das celebrações, dos reconhecimentos e das avaliações de mais variados acentos, ideológicos e políticos, que aconteceriam após 31 de janeiro de 1888.

Em 22 de setembro o secretário anotava: “Todos os jornais falam de Dom Bosco doente e muito grave. Graças a Deus, de algum tempo para cá, Dom Bosco está bem melhor de saúde. Alarmado pelas notícias dos jornais, teólogo Margotti veio visitá-lo nesta tarde”. Chegava também um telegrama de *La Croix*, de Paris, pedindo ao “superior da Congregação” notícias sobre Dom Bosco. Respondia pessoalmente o que acreditavam já morto: “Estou bem. Não sei explicar-me sua ansiedade. Contudo, agradeço a atenção”.⁹

Retornava ao Oratório em 27 de setembro, partindo no dia 29 para San Benigno, onde assistia aos exercícios espirituais dos noviços e no dia 3 recebia os votos de 53 deles: falava longamente da caridade, invectivando com vivacidade os que, fazendo o voto de obediência, abandonavam-se ao sacrilégio da crítica.¹⁰

⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 37-45.

⁷ Uma fiel crônica sobre *Don Bosco a Milano* tirava da *Corriere di Torino* o BS 10 (1886) n. 10, ott., p. 122-123.

⁸ Cf. *L'unità cattolica*, n. 215 e 216, Terça e Quarta-feira, 14 e 15 de setembro de 1886, p. 859 e 562-563.

⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 46 e 48.

¹⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 49.

Em circular aos cooperadores, traduzida em diversas línguas, dirigia o olhar para novas missões. Em socorro da “miséria lamentável” dos “pobres neófitos” não restava senão a obra dos salesianos e de seus cooperadores. Sobrepuña desígnios futuros e realidade presente: “É bom que saibais que, para assegurar o êxito da total conversão da Patagônia, já determinamos abrir um caminho pela parte ocidental do Chile, e um grupo de salesianos já se dirige para lá a fim de fundar uma casa além das Cordilheiras, na cidade de Concepción, pertencente à república chilena. É de lá que deverão partir colônias de missionários para evangelizar a Araucania e a Patagônia Ocidental, espalhando-se pouco a pouco no Arquipélago de Chiloe e de Magalhães, nas assim chamadas Terras do Fogo, povoadas inteiramente por inumeráveis tribos indígenas completamente privadas da religião e da civilização”.¹¹ A expedição da circular exigiu uma larga mobilização de clérigos e jovens aplicados a escrever endereços para os mais heterogêneos destinatários, incluindo o imperador da China, o xá da Pérsia e numerosos jornais. O resultado foi alentador.¹²

“No momento devo partir para Foglizzo para a vestição de uma centena de futuros missionários. Dois dias depois, de volta aqui, escreverei de novo”, anunciava Dom Bosco, em 4 de novembro, à senhora Teodolinda Pilati de Bologna, que havia lhe enviado a significativa soma de 500 liras.¹³ Em Foglizzo se dirigia para a abertura oficial do novo noviciado para os clérigos, dedicado ao arcanjo São Miguel. Aí recebia festiva acolhida do povo, jovens e adultos, tendo à frente o prefeito. Houve um solene banquete com a participação do Conselho Municipal e dos párocos dos lugares próximos. No Instituto São Miguel, às 17h30, acontecia a bênção da nova capela, e Dom Bosco presidia a vestição clerical de setenta e cinco noviços. No dia seguinte partia para a estação de Montanaro e, às 17 horas, estava de novo no Oratório.¹⁴ Fiel e interessado, escrevia imediatamente à senhora Pilati, com os habituais exageros nas cifras. No mais, clérigos noviços existiam também no Oratório, em San Benigno e em outras casas. “Estou de volta da função de Foglizzo – informava –. Abençoei o hábito de cento e dez levitas, que se acrescentarão ao grupo de cerca de outros quinhentos. Todos se preparam para trabalhar entre os selvagens. Recomendo-os todos à sua caridade e à de sua irmã, para que eles cresçam na ciência e santidade e possam assim ganhar muitas almas para o céu”.¹⁵

O cronista abre uma fresta na vida privada de Dom Bosco nesta e nas semanas seguintes: “De um mês para cá todo dia (se está bom) mando preparar o carro e conduzo Dom Bosco para passear. O cocheiro leva-o aos campos, lá descemos e Dom Bosco passeia, conversa e se refaz bastante”.¹⁶ Nesse clima inseria-se o simpático convite para

¹¹ E IV 360-363. Cf. *L'unità cattolica*, n. 248, sexta-feira 23 de outubro de 1886, p. 990, “Le missioni de' Salesiani in Patagonia ed una lettera di D. Bosco a' suoi cooperatori”.

¹² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 54.

¹³ E IV 364.

¹⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 51-53.

¹⁵ E IV 364.

¹⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 59. Cf. também p. 60 e 61.

que viesse encontrá-lo, dirigido a um pároco que fora seu companheiro no Convitto e agora era benfeitor: “Se tu não tens o mérito dos disturbadores, como tem Dom Bosco, tens o dos doadores como fazes tu. Por que não vens mais a ver este pobre amigo?”.¹⁷

Em 30 de novembro estava em Valsalice para as premiações dos alunos. A sessão foi precedida por um banquete festivo, estando presentes cardeal Alimonda, teólogo Margoti e outras personagens. A distribuição dos prêmios – anotava o cronista – “foi esplêndida, o cardeal falou longamente”. Às 18 horas voltava ao Oratório.¹⁸

Em 2 de dezembro foi carregado de emoções. Pela manhã Dom Bosco recebia em sua capelinha os votos de cerca de vinte clérigos chegados de San Benigno. À tardinha assistia, sentado em uma poltrona no presbitério da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, ao rito de despedida de vinte e seis salesianos e seis irmãs que partiam para a América.¹⁹ Estavam presentes dom Manacorda e dom Leto. Padre Lasagna discursava. Cardeal Alimonda concluía com a bênção eucarística e com apaixonadas palavras. Dom Bosco assistiu silencioso, acompanhando com visível comoção e lágrimas a saudação de cada um dos participantes.²⁰

No dia de Natal Viglietti, ordenado sacerdote em 18 de dezembro, celebrava a primeira missa solene. No almoço era inaugurado o novo refeitório para os membros do Capítulo Superior, ao lado da biblioteca e muito próximo da capelinha e do quarto de Dom Bosco, que assim via facilitada sua participação nas refeições comuns.²¹

Há duas cartas significativas do final de dezembro. Com a primeira agradecia ao generoso conde Eugênio de Maistre, um dos filhos do conde Rodolfo, que o tinha hospedado em Roma em 1858. Prometia orações especiais por ele e pela família, com as costumeiras e alentadoras intenções: “Peço ao céu para que sejam muito abundantes os frutos de seus campos, boa a saúde em toda sua família e grande a consolação de ver todos caminhando de virtude em virtude, até que todos possam encontrar-se ladeando o Senhor no paraíso”.²² Outra carta era endereçada a dom Cagliero, a última dirigida a ele, levada para a América pelo padre Lasagna, que partia com os missionários e as missionárias. Anunciava que os débitos contraídos pelos americanos para com a Direção Geral estavam quitados, “saldados por Dom Bosco – declarava, magnânimo –. Viva a abundância!”. A seguir dava indicações operativas: em particular enviar ao

¹⁷ Ao cônego Biagio Ruminiano, 30 de novembro de 1886; E IV 365.

¹⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, po. 55-56.

¹⁹ *L'unità cattolica* tinha-a anunciado ao publicar uma circular de convite assinada por Dom Bosco; n. 280, terça-feira, 30 de novembro de 1886, p. 1119, “La partenza da Torino di nuovi missionari per l’America”.

²⁰ Cf. C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 56-58; *L'unità cattolica*, n. 284, sábado, 4 de dezembro 1886, p. 1134, “Partenza dei missionari salesiani”; BS 11(1887) n. 1, janeiro, p. 7-9, “La missione salesiana per l’America” (foi reproduzida uma crônica do *Osservatore cattolico* de Milão, de 2 de dezembro).

²¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 62-63.

²² E IV 365-366.

Capítulo Superior, à Propaganda Fide e à Direção das Obras Missionárias de Lião informações precisas sobre o desenvolvimento das missões na América do Sul. Alternava, depois, notas alegres com outras cheias de vibrante nostalgia: “Tu, pois, prepara o coro dos pagãos para que venha cantar em minha missa cinquentenária!? Esteja atento, nesta noite, do lugar da antiga montanhinha farei um discursinho, *Deo Dante*, a nossos salesianos”. “Grande cuidado da saúde, trabalho, temperança, e tudo sairá bem. *Amém*. Maria nos conduza ao céu”.²³ Na realidade, Dom Bosco não estava em condições de dar a boa-noite, com a estréia para o novo ano, do habitual pulpitozinho, onde, nos primeiros anos do Oratório havia um monte de terra de escavação, a “montanhinha”, sobre a qual os oratorianos se divertiam a subir e descer. “De uns dias para cá Dom Bosco encontra-se muito prostrado de forças”, anotava o cronista. Prestara-se, contudo, a escutar as confissões dos jovens das duas últimas classes do ginásio. Comentando as palavras do médico que o aconselhava a desistir, confidenciava ao padre Viglietti: “Se não confesso ao menos os jovens, o que farei ainda por eles? Prometi a Deus que até meu último respiro seria em favor de meus jovens”.²⁴

3. Ano novo e vislumbres de vitalidade renovada (1887)

O ano de 1887 inaugurava-se com uma mensagem prestada à Virgem Mãe, o sonho da *Serva do Senhor*. Vivido em duas fases, nas noites de 4 e 5 de janeiro, Dom Bosco escrevia-o com extrema lucidez em dois folhetos, em italiano a primeira fase, e em latim a segunda. Padre Viglietti transcrevia-o fielmente em sua crônica. Os textos confirmavam nas palavras e nos conteúdos a essência da fé de Dom Bosco no poder de intercessão da *Serva do Senhor*, mediadora de graças e pressurosa auxiliadora materna. Aquela, “cui fecit magna qui potens est”, não somente propiciava a cura do jovem francês Ludovico Olive, desenganado pelos médicos, mas era sobretudo mãe solícita da saúde espiritual dos filhos: ela se queixava das más conversas e das confissões ineficazes dos jovens, e admoestava os sacerdotes para ser administradores fiéis dos meios de graça.²⁵

Precisamente em 5 de janeiro Dom Bosco se deixava envolver em outra nação americana. Registrava o secretário: “Hoje chegou o bispo de Quito (República do Equador), entreteve-se por mais de uma hora com Dom Bosco e disse não querer partir até que Dom Bosco não lhe tenha dado missionários”. Dom Bosco pareceu bem disposto a isso.²⁶ O bispo, dom José Ignacio Ordóñez, partia para Roma e no retorno passava

²³ Carta de 31 de dezembro de 1886; E IV 366-367.

²⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 63-64.

²⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 69-73; os dois autógrafos foram publicados em edição crítica por C. ROMERO, *I sogni di Don Bosco*, p. 98-99.

de novo em Valdocco, em 12 de fevereiro, concluindo-se rapidamente a negociação.²⁷ Em 14 de fevereiro estipulava-se a convenção, a última assinada por Dom Bosco, para a abertura com várias facilitações de um colégio de artes e ofícios,²⁸ ratificada pelo ministro plenipotenciário em Paris, Antonio Flores, que seria depois presidente do Equador de 1888 a 1892. Dom Bosco comunicava em 7 de março ao presidente do Equador, José María Plácido Caamaño (1883-1888), conforme se deduz pela deferente resposta deste.²⁹ *L'unità cattolica* de 6 de agosto dava simpático anúncio geral do evento.³⁰ O adeus aos que partiam seria celebrado em 6 de dezembro, às vésperas da última doença de Dom Bosco.

No momento a saúde aparecia discreta e podia alimentar a esperança de nova viagem na França Meridional. “Dom Bosco está bastante bem”, comunicava padre Cerruti ao padre salesiano francês Charles Bellamy em meados de janeiro; “estou persuadido que também neste ano o Senhor lhe concederá poder viajar ao menos até Marselha, mas não sabemos ainda nem se sim, nem quando”.³¹ Em 23 de janeiro o cronista anotava: “Ontem de tarde Dom Bosco confessou das 5h30 até às 8 horas. Com maravilha notou-se que todos os jovens da quarta e quinta ginásial participaram”.³² No dia 25 Dom Bosco assegurava à senhora Olive de Marselha sobre a saúde do filho – “Ludovico está sempre melhorando” – e lhe aconselhava como boa obra um auxílio aos órfãos de Saint-Cyr.³³ Estava presente, em 29 de janeiro, à solene festa de São Francisco di Sales, com a missa cantada assistida pontificalmente pelo cardeal Alimonda.³⁴ “Saúde, santidade e perseverança no caminho do céu”, augurava no dia seguinte ao jovem amigo do passado, agora esposo e pai, Ottavio Bosco de Ruffino.³⁵ No final do mês, padre Cerruti não se mostrava otimista sobre a saúde do superior, acenando, como das outras vezes, a algum sofrimento moral. “Rezai também por Dom Bosco – escrevia ao padre Rocca –, muito abatido também fisicamente por algum grave desprazer interno não ainda superado. Bendita obediência!”³⁶ E, contudo, em 3 de fevereiro o sofredor estava presente na Igreja São João Evangelista para a conferência dos cooperadores e escutava, do presbitério, o discurso do padre Giovanni Marengo, diretor do Internato”.³⁷

²⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 66-67.

²⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 9.

²⁸ O texto encontra-se em MB XVIII 783-784.

²⁹ Transcrita em MB XVIII 784-785.

³⁰ *L'unità cattolica*, n. 187, Sexta-feira 12 de agosto de 1887, p. 746-747.

³¹ Carta do dia 14 de janeiro de 1887; ACS B 521, orig. aut. 2 f.

³² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877 al 15 maggio 1887*, p. 3.

³³ E IV 406.

³⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 3-5.

³⁵ Carta de 30 de janeiro de 1887; E IV 371.

³⁶ Carta do dia 31 de janeiro de 1887; ASC F 381, orig. aut. 2 f.

³⁷ “La festa di S. Francesco di Sales e la Conferenza dei Cooperatori Salesiani in Torino”, BS 11(1887) n. 3, março, p. 26-27.

Nesses dias combinava com padre Dalmazzo, proveniente de Roma, o que podia dizer respeito à consagração da Igreja Sagrado Coração.³⁸

Também o *Boletim Salesiano* de março anunciava a consagração, o qual dava voz sobretudo à caridade benéfica, suprema ânsia de Dom Bosco, aumentada pelo recente terremoto que tinha atingido a Ligúria, com graves danos para algumas obras salesianas. Assim estava escrito no cabeçalho do fascículo: “Dom Bosco, nos anos passados, estava acostumado nesta época a viajar para França meridional, visitando os amigos de Mentone, Mônaco, Nice, Cannes, Toulon e Marselha. Neste ano, porém, é obrigado a renunciar a esta viagem, que realizaria mesmo de boa vontade e que seria necessária para buscar esmola para seus queridos órfãos. Graças a Deus não está doente, mas a debilidade de forças, os incômodos e o conselho do médico o constroem a permanecer em Turim. Aqui ele poderá receber qualquer carta, à qual não deixará de responder, e poderá acolher as pessoas benfeitoras que se dignarem visitá-lo. Na segunda metade de abril estabeleceu dirigir-se a Roma, onde, em 7 de maio, se não aparecer nenhuma dificuldade nos trabalhos, assistirá à consagração da belíssima nova Igreja Sagrado Coração de Jesus, objeto de suas mais vivas solitudes”.³⁹

O terremoto da manhã de 23 de fevereiro de 1887 na Riviera Lígure de Ponente, com repercussões no Piemonte e na Toscana, era nova ocasião para solicitar a beneficência. Tinha tido maior necessidade a casa de Vallecrosia.⁴⁰ Dom Bosco se empenhava em primeira pessoa, recomendando antes de tudo aos salesianos medidas de austeridade e de economia.⁴¹ Envolvia, naturalmente, também os salesianos externos, os cooperadores, como anotava o secretário em 4 de abril: “Sempre novos meios aparecem na mente de Dom Bosco de modo a conseguir o auxílio dos cooperadores. Fez mesmo uma bela e comovente carta e a mandou inserir no *Boletim* de abril, apelando-se à caridade pública, pelos danos sofridos nos desastres do terremoto nas casas da Ligúria”.⁴² Tratava-se de nova ocasião para fazer, sobretudo entre os mais solidários, uma compacta comunidade ativa de mentes e de corações.⁴³ A peroração pelas presentes calamidades e urgência era apaixonada. Em outras cartas, em parte não datadas, era constante a humildade em pedir, permanente a promessa da oração, confiante a segurança da mercê, expressão de dias angustiados. “Não te maravilhes se este pobre padre faz ainda recurso à sua caridade que me é assaz conhecida. Eu me encontro em grande necessidade”: era o início

³⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 6; BS 11(1887) n. 3, março, p. 26-27.

³⁹ BS 11(1887) n. 3, março, p. 25.

⁴⁰ Cf. cap. 23, § 1.1.

⁴¹ Cf. circular aos salesianos, 1º de março de 1887; *Lettere circolari di Don Bosco e di D. Rua*, p. 44-46.

⁴² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 28-29. Cf. BS 11(1887), n. 4, abril, p. 37-38.

⁴³ Cf. cartas de março de 1887 a Enrichetta Nerli, Anna Parodi-Cataldi, Clara Louvet e G. Musso Bensa; E IV 371-373, 476. Cf. cap. 22, § 2.

da carta a uma cooperadora genovesa para pedir auxílios destinados a sanar os danos do terremoto. Pedia-lhe “pelo amor de Deus”, como um frade procurador, um pobre verdadeiramente “privado de meios pecuniários”. No pós-escrito, pedia desculpas da “letra má”: estava “velho e meio cego”.⁴⁴ Idênticas expressões apareciam em outra carta, ao barão genovês Raffaele Cataldi,⁴⁵ e semelhantes à marquesa turinense G. Tagliacarne, a quem agradecia depois pela oferta de cem liras.⁴⁶ Louvava, também, a vistosa oferta de um sacerdote veneziano: “Bendigo o senhor e sua caridade; mas louvo altamente sua coragem, porque V. S. em pessoa faz as obras, sem esperar que outros as façam pelo senhor, como agem alguns, os quais, algumas vezes, são enganados”.⁴⁷

O cronista, no entanto, não deixava de informar sobre os sonhos, que eram antes de tudo íncubos noturnos, sofridos e algumas vezes redimensionados pelo próprio Dom Bosco, enquanto a saúde continuava a ter sensíveis decaídas.⁴⁸ Tais fatos são espelhados também nesses dias pelo padre Cerruti: “Nosso muito amado Dom Bosco está suficientemente bem, mas precisa que nós o consolemos com o cumprimento exato de nossos deveres e com a santa perseverança. Isso ajudará muito no prolongamento de sua vida, tão cara e preciosa para nós”.⁴⁹ “Dom Bosco está bastante bem e nos dá contínuo e esplêndido exemplo de abnegação, pobreza e pureza. Imitemo-lo e o consolemos”.⁵⁰ “Dom Bosco está um tanto quanto incomodado. Ontem não celebrou a missa e teve que ir para a cama mais cedo. Nesta manhã celebrou a missa, mas muito fatigado e com ligeira constipação. Rezemos”.⁵¹ “Dom Bosco está um pouco melhor.”⁵²

Com relação aos dias 5 e 6 de abril, o secretário cronista registrava condições alarmantes: “Nesta noite Dom Bosco, lá pelas 7 horas, sentiu-se muito mal, respirava com afã, não podia movimentar-se, precisou que se lhe tirassem as roupas e o colocassem no leito, nem tinha noção do que se lhe fazia”. “Nesta manhã Dom Bosco não pôde celebrar a missa, levantou-se tarde, tomou um pouco de café e o vomitou quase imediatamente, mas depois retomou as forças e já está melhor. Hoje foi almoçar com os outros. Nesta noite deitou-se antes.”⁵³ Uma observação se encontra na carta do padre Cerruti ao padre Rocca de meados de abril, com previsão sobre a viagem a Roma: “Dom Bosco melhora, mas está sempre menos bem, ou seja, pior que no ano passado. Antes de ontem fez um desabafo confidencial sobre suas dores morais... Pobrezinho! Sofre muito. Rezemos... e sejamos bons. Daqui a dias partirá para Roma, mas fazendo alguma parada”;⁵⁴ “Dom

⁴⁴ Carta a Oneto Dufour, s. d.; E IV 374.

⁴⁵ E IV 374-375.

⁴⁶ Cartas de 30 de março e de 4 de abril de 1887; E IV 376.

⁴⁷ Carta ao padre Varettoni, s.d.; E IV 375

⁴⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 15-17.

⁴⁹ Circular aos inspetores salesianos, 28 de março de 1887; ASC 381, impressa.

⁵⁰ Carta ao padre A. Riccardi, 31 de março de 1887; ASC B 521, orig. aut. 2 f.

⁵¹ Carta ao padre Rocca, 7 de abril de 1887; ASC F 381, orig. aut. 3 f.

⁵² Carta ao padre Rocca, 11 de abril de 1887; ASC F 381, orig. aut. 2 f.

⁵³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 29-30.

⁵⁴ Carta ao padre Rocca, 14 de abril de 1887; ASC F 381, orig. aut. 2 f.

Bosco partirá com o padre Rua na próxima quarta-feira” [20 de abril];⁵⁵ “o amadíssimo Dom Bosco está suficientemente bem e partirá depois de amanhã em direção a Roma, para a consagração da Igreja Sagrado Coração de Jesus”.⁵⁶

4. Última viagem a Roma

Em carta ao grande beifeitor e amigo fraterno conde Colle, Dom Bosco descrevia a situação na qual se encontrava nos primeiros dias de abril e os projetos imediatos para si e para os cônjuges Colle. “Não sei – escrevia – se de algum tempo chegam nossas notícias. Eu, com efeito, sou quase obrigado a abandonar a correspondência, excetuadas as coisas estritamente confidenciais. No momento se estabeleceu definitivamente a consagração da Igreja Sagrado Coração para 13 de maio. Sou obrigado a viajar para Roma com pequenas escalas, mas espero chegar lá para esse dia e encontrar-vos ambos em boa saúde e falar com tranquilidade sobre nós. De Roma voltaremos juntos para Turim para a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, em 24 de maio”.⁵⁷ Mas lhe chegava a notícia do agravamento da cardiopatia do conde e, no dia 12 de abril, o encontrava entristecido, prometendo-lhe orações, suas, dos seus e dos jovens.⁵⁸ Nos dias precedentes Dom Bosco tinha tido febre e um pouco de bronquite.

O *Boletim Salesiano* de maio dava aos leitores informações mais precisas sobre a Igreja Sagrado Coração: em 12 e 13 de maio, inauguração do órgão da igreja; no dia 14, consagração do edifício sagrado; e continuação das festividades até o dia 19. Anunciava também que Dom Bosco e os cantores do Oratório estariam presentes. O corpo do artigo, contudo, era dedicado a evocar rapidamente o quanto Dom Bosco tinha feito para realizar “o audaz, antes, o temerário projeto” que lhe fora confiado pelo chefe da Igreja. “No momento sem palavras”, tinha respondido: “Esta obra – continuava – é dedicada ao grande protetor dos órfãos, Pio IX: mas os órfãos são a delícia da Santa Virgem Maria e do Sagrado Coração de Jesus. Portanto, Maria nos providenciará”. Agora, a igreja “está elevada diante de toda a Roma”, mas nem tudo estava pronto: o campanário não estava acabado e faltavam as estátuas da fachada. No interior, alguns altares não tinham ainda sido construídos, e todas as capelas, exceto a de Nossa Senhora Auxiliadora, carecem das respectivas palas. As pinturas dos murais estavam em parte incompletas e do altar-mor não se tinha a mesa com os degraus. Poder-se-ia prorrogar a consagração, mas era urgente prover pastoralmente a uma população que ultrapassava quinze mil almas.⁵⁹

⁵⁵ Carta ao padre Barberis, 15 de abril de 1887; ASC B 521, orig. aut. 1 f.

⁵⁶ Circular aos inspetores salesianos, 18 de abril de 1887; ASC F 381, impressa. Cf. ainda carta ao padre Rocca, 19 de abril; ASC F 381, orig. aut. 2 f.

⁵⁷ Carta de 8 de abril de 1887; E IV 526.

⁵⁸ E IV 526-527.

⁵⁹ “La consacrazione della chiesa del S. Cuor di Gesù al Macao”, BS 11(1887) n. 5, maggio, p. 49-51.

Dom Bosco iniciava a viagem com bilhete de primeira classe, com os padres Rua e Viglietti, em 20 de abril. Chegaria a Roma em 30 de abril, às 15 horas, depois de ter feito parada em Gênova-Sampierdarena, do dia 20 ao 23, em La Spezia, de 23 a 25, em Florença, de 25 ao 28, e em Arezzo, de 28 a 30. Em Sampierdarena começavam as audiências na primeira parte da tarde, durando até às 20h30. Continuavam na manhã seguinte. Eram pessoas que pediam bênçãos e graças de Nossa Senhora Auxiliadora. Na parte da tarde, dom Francesco Omodei Zorini fez a conferência na Igreja São Ciro, “superlotada”.⁶⁰ Nos dias 22 e 23 pela manhã continuavam as massacrantes audiências: “Houve momentos em que ficou sem respiração”. No dia 22, à tarde, foi a Sestri Levante para obsequiar a senhora Luigia Cataldi e, na volta, no colégio, das 19 às 21 horas se sobrecarregava com outras audiências. “Às 11 horas – anotava o secretário no último dia, 23 de abril – fomos almoçar. Dom Bosco não provou o alimento, pois estava muito cansado. Às 3 da tarde retomou-se a viagem”.⁶¹ A parada em La Spezia foi menos cansativa, com alegre e cordial acolhida dos jovens e da cidade, expressa pela larga participação de autoridades eclesiásticas, civis e militares. A conferência aos cooperadores foi feita pelo padre Rua, na segunda-feira pela manhã, 25 de abril.⁶² Chegava a Florença no dia 25 pela tarde. Dom Bosco se hospedava em casa da condessa Uguccioni, entrevada na cadeira de rodas: as refeições e as audiências eram efetuadas normalmente na casa salesiana. Dom Bosco celebrava na capela privada dos Uguccioni ou na do colégio. As audiências foram oportunamente dosadas, limitadas a senhoras e senhores da aristocracia e a eclesiásticos mais em vista, incluindo o arcebispo Cecconi e seu auxiliar, Donato Velluti Zati di San Clemente, que também colocava à disposição seu carro para uma repousante excursão.⁶³ No dia 28, já noite adentro, os romeiros estavam em Arezzo, hóspedes do bispo, Giuseppe Giusti (1814-1897). Seguiu-se um dia de total repouso, com um passeio de quatro horas, de carro e a pé, com o bispo, padre Rua e o secretário.⁶⁴ Na parte da tarde de 30 de abril, às 15 horas, Dom Bosco entrava no Sagrado Coração de Jesus, na rua Magenta. Aí permaneceria até 18 de maio, quase recluso – celebrava a missa num quartinho ao lado do seu –, saindo somente para a audiência pontifícia de 13 de maio. Recebeu, contudo, muitos visitantes ilustres: os cardeais Ricci, Bartolini, Laurenzi e Verga; o amigo dom Kirby, reitor do seminário irlandês, o qual, com a condessa de Stacpoole, pedia uma fundação salesiana em Londres; o príncipe Doria e os marqueses Vitelleschi. De Roma escrevia novamente ao conde Colle e à Louet, respectivamente nos dias 1º e 3 de maio, convidando-os para a festa de Nossa Senhora Auxiliadora.⁶⁵

⁶⁰ “Don Bosco a Genova”, BS 11(1887) n. 6, junho, p. 66-67.

⁶¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 31-39.

⁶² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 43.

⁶³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 44-47.

⁶⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 47-49.

⁶⁵ Cf. E IV 476-477, 527.

Admirável foi o almoço solene de 8 de maio, festa da aparição de São Miguel Arcanjo. Não foi somente um encontro de Dom Bosco com ilustres personagens, eclesiásticos e leigos, entre os quais o arcebispo de Catania, dom Dusmet, e o príncipe Czartoryski, mas foi ocasião da apresentação de fato do sucessor, padre Miguel Rua. Os jovens vieram cantar um hino em honra do vigário e o festejado tomou a palavra, agradecendo e dando aos cantores um doce. Durante o almoço Dom Bosco recordava, com sincera comoção, o grande amigo seu e do Oratório, teólogo Giacomo Margotti, diretor de *L'unità cattolica*, falecido dois dias antes, com 62 anos.⁶⁶

Em 9 de maio de 1887 o cardeal vigário espalhava o *Aviso sagrado* da solene consagração. Ao conde Colle, que tinha dado novas notícias não acalentadoras, escrevia ainda no dia 12, confirmando as datas de alguns acontecimentos mais importantes: no dia 13, na audiência pontifícia, pediria uma bênção particular para o conde, no dia 14 aconteceria a consagração da Igreja, e a partir do dia 15 seria celebrado nela um solene oitavário.⁶⁷

Especialmente tocante foi a audiência privada de Leão XIII, às 18h30 de 13 de maio. Durou uma hora. O papa o tratou com suma delicadeza: “Sou velho – dizia Dom Bosco prostrado a um vivaz e enérgico velho que tinha cinco anos a mais que ele –, tenho 72 anos e esta é a última viagem e a conclusão de todas as minhas coisas”. Depois “Dom Bosco falou-lhe de tudo, especialmente da Igreja Sagrado Coração”. “Partimos comovidos e confusos em face de tanta bondade”. Dom Bosco não deixava de apresentar-lhe o padre Rua, o vigário sucessor, uma figura de asceta que devia impressionar imediatamente o papa.⁶⁸

A tantas festas sagradas se alternaram cardeais e bispos a partir da consagração efetuada em 14 de maio pelo cardeal vigário Lucido Maria Parocchi, novo protetor da Sociedade Salesiana.⁶⁹ Intensa e apreciada foi a participação da cantoria do Oratório de Turim. Dom Bosco, “cansadíssimo e prostrado de forças”, não tomou parte publicamente em nenhum rito. Esteve, ao invés, presente no grande banquete de honra do dia 14: pronunciou um breve brinde, seguido de elevadas palavras de Parocchi. Dom Bosco desceu à nova igreja na segunda-feira, dia 16, e celebrou a missa no altar de Nossa Senhora Auxiliadora, apenas capaz de dominar a emoção e o eflúvio de lágrimas. O povo fez-lhe um círculo ao redor até a sacristia, pedindo sua bênção.⁷⁰

Não faltava somente o colégio, em grande parte, para ser construído, mas também a igreja tinha ainda necessidade de muito dinheiro para estar igualmente completa. Antes de partir, Dom Bosco pegava a caneta tanto para agradecer o santo padre “pela caridosa

⁶⁶ BS 11(1887) n. 6, giugno, p. 67-68.

⁶⁷ E IV 528.

⁶⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1877*, p. 62-76.

⁶⁹ Cf. “Festa in Roma per la consacrazione della chiesa del S. Cuore di Gesù”, BS 11(1887) n. 6, junho, p. 61-66.

⁷⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877 al 23 dicembre 1877*, p. 3-5.

e verdadeiramente paterna acolhida”, como, sobretudo, para pedir auxílio. “Se Vossa Santidade – pedia – pudesse no todo ou em parte vir-nos em auxílio para o resíduo de 51 mil liras, nossas finanças seriam regularizadas. Todos os nossos órfãos, em número de 250 mil, rezam todos os dias pela conservação da saúde de Vossa Santidade, para quem todos trabalhamos de coração. Releve esta má escritura”.⁷¹ Escreveria de novo em novembro.

Quarta-feira, dia 18, às 9h20 deixava Roma pela vigésima e última vez. Fazia uma etapa salutar em Pisa, hóspede do arcebispo, dom Capponi, que lhe permitia duas noites e um dia de absoluto repouso.⁷² Ele aproveitava para escrever uma carta aos diletos condes Colle, cujo pós-escrito quase duplicava o texto. Informa-lhes ter falado deles, e em especial da doença do conde, ao papa, e Leão XIII tinha encarregado Dom Bosco de dar-lhes, em seu nome, especial bênção com a indulgência plenária.⁷³

Após o retorno de Roma,⁷⁴ Dom Bosco recebia em 23 de maio a visita do duque de Norfolk, que se dirigia a Roma. No mesmo dia acontecia a conferência aos cooperadores e cooperadoras, feita na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, pelo “sacerdote padre Rua, vigário de Dom Bosco”, observava o *Boletim Salesiano*.⁷⁵ Tratava-se de outra entrega pública de cargo à vigília da mais solene celebração salesiana. Da extraordinária festa de Nossa Senhora Auxiliadora, a última vivida na terra por Dom Bosco, o estupefato cronista escrevia: “As missas começaram às 2h30 e continuaram até às 2 da tarde, com contínuas comunhões. Desde a manhã se viam graças extraordinárias, viam-se jovens com as muletas na mão, parálíticos, a se movimentar”.⁷⁶

Enviava duas cartas, de 27 de maio e 6 de junho, à superiora do Carmelo de Tunis, que em 1884, tendo consultado Dom Bosco, fora encorajada a aceitar o convite do cardeal Lavigerie para sediar um convento em sua sede episcopal: “Tende fé: com a fé nada vos faltará. O Bom Deus vos recomenda essa fundação”.⁷⁷ Com as duas cartas ele enviava, repetindo-se, a bênção especial, obtida de Leão XIII, para elas e para as carmelitas de Alger e de Cartago.⁷⁸

“Dom Bosco continua bastante bem. *Deo gratias*”, confiava o padre Cerruti ao padre Rocca.⁷⁹ Na realidade, fatigado, muito encurvado, Dom Bosco, para caminhar, era constrangido a se apoiar num bastão e sempre mais freqüentemente nos acompanhantes. Além disso, várias vezes a crônica narra o ato de ungi-lhe as pernas com “óleo de jusquiame” para curar o inchaço.⁸⁰ Ele mesmo escrevia: “Agora o calor amea-

⁷¹ E IV 377.

⁷² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 9-11.

⁷³ Carta de Pisa de 18 de maio de 1877; E IV 529.

⁷⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 9-10.

⁷⁵ BS 11(1887) n. 7, julho, p. 74.

⁷⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 13-17.

⁷⁷ Cf. carta a M. Marie des Anges, 17 de julho de 1884; E IV 412-413.

⁷⁸ E IV 413-414.

⁷⁹ Carta de 4 de junho de 1887; ASC F 381, orig. aut. 2 f.

çava incendiar Turim e por isso vim para Valsalice, onde me sinto melhor, graças ao clima fresco”.⁸¹ O cronista confirmava isso em 10 de junho: “Está bastante bem, e ao menos não tem de se lamentar do excessivo calor. Está muito alegre e de bom humor. Fica feliz quando recorda coisas antigas do Oratório”.⁸² Sempre maior dificuldade na caligrafia, escrevia aos dois correspondentes franceses então próximos. À Louvet, que fora a Turim para a Festa de Nossa Senhora Auxiliadora e tinha partido com lágrimas nos olhos, ele tornava explícitas as palavras de despedida de então: “Sempre lhe assegurei que nossas relações na terra não eram duradouras, mas que na vida eterna passaremos nossos dias na verdadeira alegria sem fim e não faltarão nunca coisas desejáveis: *in perpetuas aeternitates*”. Que não temesse guerras iminentes: “Quando visse o menor perigo – acrescentava – eu lhe direi imediatamente, supondo que eu esteja ainda vivo”. Terminava com o augúrio de que a Santa Virgem a conservasse em boa saúde, “mas sempre seguramente no caminho do paraíso”.⁸³ O “caminho do paraíso” retornava nas últimas quatro cartas a ela, de 4 e 25 de julho, e de 4 e 5 de setembro. Era um padre que via a si próprio percorrendo a última etapa de sua caminhada terrena, enquanto ela deveria ainda “esperar por algum tempo”.⁸⁴ Em 14 de junho escrevia outra carta ao conde Colle, insolitamente longa, dado o estado de saúde do mitente, mais preocupado pela saúde do destinatário que da própria. Para os cônjuges – assegurava – estavam preparadas em Valsalice quarto e mesa para as festas de São Luís e de São João, com um clima agradável. Poder-se-ia – dizia – falar “de nossos serviços em Roma, de San Benigno e de nossos missionários”, em particular de dom Cagliari”.⁸⁵ Poucos dias depois seguia uma outra, na qual assegurava multiplicadas orações para a saúde do conde, inserindo no texto também uma breve invocação a São João e pedindo-lhe, se caso quisesse responder, que não se cansasse, limitando-se a duas simples palavras: “*Estou ou não estou melhor*”.⁸⁶

Voltava ao Oratório em 23 de junho para o início da festa onomástica. Na manhã do dia 24 houve o costumeiro encontro com os ex-alunos para a tradicional homenagem. Falava em seu nome teólogo G. B. Piano, pároco da Grande Mãe de Deus, que iniciava: “Já faz bem trinta e três anos desde que comecei a fazer parte da família de Dom Bosco”. Chamando-o com o “doce nome de Pai”, via encarnadas nele as prerrogativas: “a família e o amor, e todas as duas – declarava – residem em vós”. “Quantas vezes –

⁸⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 17-18 (3 de junho) e 20-21 (5 de junho).

⁸¹ A C. Louvet, de Turim-Valsalice, 12 de junho de 1887; E IV 477.

⁸² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 23-24.

⁸³ Carta de Valsalice de 12 de junho de 1887; E IV 477-478.

⁸⁴ E IV 478-479.

⁸⁵ E IV 529-530.

⁸⁶ Ao conde Colle, 18 de junho de 1887; E IV 530-531. “Ó São João – era a oração em francês como as cartas – não permitas que façamos festa sem obter do Bom Deus a perfeita cura ou ao menos uma sensível melhora. Assim seja”.

prosseguia – ao ver-vos circundado de numeroso grupo de crianças, se nos apresenta à mente vossa face amada, o olhar penetrante, os conselhos paternos, e fazemos o que podemos para reproduzir-vos”. “O amor, essa mágica palavra, vos guiou por todo o curso de vossa vida. Vós amáveis Deus e em Deus amáveis vossos filhos”; “vós nos amais”. Terminava com uma oração calorosa: “Ó Deus, escutai nossas orações, ouvi nossos votos. Fazei descer vossas bênçãos sobre a veneranda canície deste amado pai: conservai-o ainda por longos anos para o bem da Igreja e da sociedade, e para nosso amor”.⁸⁷ Mas o secretário foi obrigado a fixar na crônica: “À noite houve uma esplêndida sessão lítero-musical, o mal foi que, pelo fim da mesma, Dom Bosco sentiu-se incomodado e teve que abandonar seu lugar”; no dia seguinte já tinha se recomposto.⁸⁸

5. *Intermezzo* entre recolhimento e governo

Em 4 de julho de 1887 começava, neste ano no colégio de Lanzo, um novo exílio, que se estenderia até 19 de agosto.⁸⁹ Naquele pequeno mundo os movimentos eram feitos, normalmente, em cadeira de roda. Não era o único impedimento. “Dom Bosco – anotava o cronista – está bastante bem se não fossem os sonhos que o inquietam durante a noite”, sobrevoando o fato que estes também eram incômodos e indisposições da idade e da saúde.⁹⁰

Dom Bosco abandonava quase que por completo o governo direto de suas instituições. Estava, contudo, presente como inspirador explícito e implícito, como memória e profecia: relíquia vivente, fonte de confiança, certeza de futuro, e mesmo os sonhos, também os mais banais, recolhidos com religiosa solicitude, representavam, para ele e para os que lhe estavam próximos, aquele tanto de criatividade que estimulava a caminhar na continuidade vigilante.

Restavam presenças que se alternavam no Oratório, em Valsalice e em Floglizzo. Dois modos de presença eram ininterruptos: a animação com a palavra e o exemplo e as intervenções epistolares sugeridas pelo anseio de não cortar as relações mais necessárias em vista dos destinatários e das obras a serem sustentadas. A insistente cruzada da caridade, a inquietante descrição das urgências, o costumeiro aumento das cifras podem maravilhar. Era sempre a exigência publicitária, retórica da moção dos afetos. Contudo, nem todos os jovens recolhidos em suas casas eram “orfãos e órfãs”; talvez, nem mesmo a maioria; tanto menos atingiam cifras tão elevadas. Era exemplar nesse sentido uma

⁸⁷ *Nella fausta ricorrenza dell’onomastico dell’ottimo fra i padri Bosco D. Giovanni gli antichi suoi figli in attestato di riconoscenza, 24 giugno 1887.* Turim, Tipografia Salesiana, 1887, p. 3-4, 6, 8-9, 11, 14.

⁸⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 25-26.

⁸⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 27.

⁹⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 29-30.

carta, escrita precisamente de Lanzo, a um sacerdote amigo, pároco em Boves (Cuneo): “Sua fraterna carta traz-me à lembrança coisas que formavam minhas delícias e que não existem mais. Somente sua benevolência e sua caridade se conservam inalteráveis. Minha família, quando estive em sua casa, era limitada a uns quinze mil órfãos. Agora são perto de trezentos mil, todos saudáveis, robustos, com apetite indescritível. Esses são meus herdeiros e sucessores nas substâncias da Divina Providência (...). Agora me faça um grande favor. Queira, de minha parte e de todos os benfeitores salesianos, dizer à marquesa Montezemolo que todos lhe apresentamos nossos agradecimentos e lhe prestamos humilde obséquio. Todos se lembram dela, rezam todos os dias por ela e a esperamos com grande alegria”.⁹¹ Justificavam tal forma de agir a querida retórica das hipérboles e a premência das despesas e débitos. De outro lado, também os ricos tinham que merecer o paraíso. Se este custava inevitáveis sacrifícios aos pobres, tanto mais deviam afrontá-los livremente com oblações consistentes os que viviam na segurança econômica e social.

De Lanzo escrevia logo aos destinatários mais queridos, diversamente tribulados. À Louvet, reanimando-a, dava-lhe também notícias sobre a saúde... de outros: “Padre Rua está melhor, conde Colle não”.⁹² Ao conde anunciava que lhe enviava padre Rua, que “conhecia muito bem as intenções” do destinatário, da condessa e do escrevente: evidentemente, diziam respeito à utilização das fontes financeiras.⁹³ O idoso louvava mais adiante a cooperadora bolonhesa Teodolinda Pilati, que lhe tinha enviado a relevante soma de 15 mil liras, mais de 40 mil euros: “Seja louvado Deus que lhe inspira a fazer boas obras durante sua vida: está certa de encontrá-las asseguradas”. Os trezentos mil “órfãos” ofereceriam “ao menos uma santa comunhão”.⁹⁴

Em poucos dias, em um punhado de cartas ele mesmo dava notícias das próprias condições de saúde. “Estou aqui em Lanzo meio cego e quase inteiramente coxo e mudo”, “a mão não consegue mais escrever”, informava em 24 de julho à filha espiritual baronesa Azelia Fassati Ricci.⁹⁵ À Louvet, escrevia no dia 25: “Estou em Lanzo; a saúde está um pouco melhor, e a sua?”.⁹⁶ “Encontro-me quase na mesma situação. Um pouco melhor, mas não posso caminhar sem o apoio de duas pessoas”, comunicava ao conde Colle no dia 26.⁹⁷ Por fim, no mesmo dia, comentava com a senhora Teodolinda Pilati: “Tenho dificuldades para escrever; e meus dias caminham velozes para seu fim”.⁹⁸ Padre Cerruti anotava em uma de suas cartas: “Dom Bosco está bem em Lanzo”.⁹⁹

Em Lanzo pedia que lhe lessem, em pranto, cartas de missionários, recebia visitas

⁹¹ Ao padre Giordano Calandri, de Lanzo, 22 de julho de 1887; E IV 381.

⁹² Carta de 4 de julho de 1887; E IV 478.

⁹³ Carta de 7 de julho de 1887; E IV 531.

⁹⁴ Carta de 26 de julho de 1887; E IV 382-383, seguida de outra do dia 15 de agosto após ulteriores ofertas de 20.000 liras (E IV 383).

⁹⁵ E IV 382.

⁹⁶ E IV 478.

⁹⁷ E IV 531.

⁹⁸ E IV 382.

⁹⁹ Carta de 26 de julho ao padre Rocca; ASC F 381, orig. aut. 2 f.

de autoridades locais e de outros, e assistia à festa das premiações dos alunos.¹⁰⁰ Em meados de agosto, as notícias de sua saúde não eram boas. “Nestes dias Dom Bosco sofre alguns incômodos, que o deixam muito prostrado. Dá dó, não fala... respira com dificuldade, não pôde participar dos almoços dos ex-alunos porque não teria suportado a viagem”.¹⁰¹ O *Boletim Salesiano* confirmava e completava. Na parte da tarde de 11 de agosto, os ex-alunos sacerdotes estavam presentes em Lanzo com uma representação. O pároco de Cunico d’Asti, padre Griva, que a guiava, narrava: “Dom Bosco ficou tão comovido que, no início, não conseguiu articular palavra”; “o olho é sempre seu, mas o aspecto, ai!, mostra o quanto sofre. Não quis receber no salão, mas, sustentado em nossos braços, saiu, e na área aberta, no Prado ao lado do colégio, deu-nos audiência, recordando que nos prados de Valdocco tinha feito as primeiras acolhidas de jovens. Subiu na cadeira de rodas”. “Nós levamos a cadeira de roda até o carramanchão que fica no fundo do Prado. Ali se sentou e mil coisas foram ditas em poucos minutos”. “Falou-se de sua missa de ouro de 1891”. Ele queria para ele um coro só de Patagões e se beberia vinho de Cunico d’Asti. À pergunta sobre o que deveriam dizer no Oratório respondia: “Direis que eu estou *muito bem* e que todas as preocupações com minha saúde não perturbam a paz de meu coração”.¹⁰²

Em 14 de agosto escrevia carta cheia de esperança à condessa Colle, que tinha dado notícias maravilhosas sobre a saúde do marido. Era uma graça. “Que a Santa Virgem seja agradecida *para sempre, para sempre*”, declarava.¹⁰³

Descia a Turim-Valsalice em 19 de agosto, permanecendo ali até 2 de outubro, retornando então ao Oratório. Em referência à iminente festa da Natividade de Nossa Senhora, prometia orações aos destinatários privilegiados. “Vossa saúde está bem?” – perguntava à Louvet, e comunicava: “A minha está um pouquinho melhor”;¹⁰⁴ “P.S. – Minha saúde está melhor”, lhe repetia um dia depois.¹⁰⁵ Ao conde Colle dava notícias de família, supondo estivesse sempre em boa saúde.¹⁰⁶

Em 13 de outubro, no parque do Valentino, encontrava novecentos peregrinos franceses de passagem por Turim, que estavam jantando no restaurante Sogno. O *Boletim Salesiano* narrava: “Advertido que a sala não podia conter toda aquela gente, Dom Bosco sentou-se fora, junto da porta do estabelecimento. Após alguns minutos de repouso, e quando todos os operários estiveram reunidos a seu redor, deu-lhes, com toda a alma, a bênção, que quis estender às suas famílias, a seus parentes e amigos, às suas obras, às suas mais queridas intenções. Mas o estado de saúde e o número dos ouvintes não

¹⁰⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 30-34.

¹⁰¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 34-35.

¹⁰² BS 11(1887), n. 9, setembro, p. 106-107.

¹⁰³ Carta de 14 de agosto de 1887; E IV 532.

¹⁰⁴ Carta de 4 de setembro de 1887; E IV 479.

¹⁰⁵ Carta de 5 de setembro de 1887; E IV 479.

¹⁰⁶ Carta de 6 de setembro de 1887; E IV 532-533.

lhe permitiam continuar em voz alta. Pediu então ao padre Rua que dissesse algumas palavras em seu nome”.¹⁰⁷

Em 17 de outubro agradecia ao conde Colle, que tinha enviado 5 mil francos para as despesas com a vestição dos noviços clérigos, que seriam – dizia – na “próxima quinta-feira”.¹⁰⁸ Era a última carta ao conde, ao qual reservava um bilhete, “a ser enviado após a minha morte”, inserido nas *Memórias desde 1841*.¹⁰⁹ Mas o conde morria um mês antes de Dom Bosco, em 1º de janeiro de 1888.

Do Oratório, em 20 de outubro, Dom Bosco ia a Foglizzo Canavese para a vestição clerical de noventa e quatro noviços.¹¹⁰ Voltava a Turim na tarde do dia seguinte, “muito cansado e prostrado de forças”.¹¹¹ Em 28 de outubro escrevia ao fiel benfeitor de Nice, arquiteto Vincenzo Levrot: não pedia esmola, mas prometia orações especiais, suas e dos seus, nos dias da festa de Todos os Santos e da comemoração dos Fieis Defuntos.¹¹² Em 1º de novembro o secretário anotava: “Pela primeira vez Dom Bosco, neste ano, não pôde descer à igreja, com os jovens, para rezar o rosário pelos defuntos”.¹¹³

Não faltavam, porém, as energias para pedir. De resto, era a última coisa à qual renunciaria. “A atividade de Dom Bosco – anotava Viglietti em 28 de novembro – não esmorece. Notei que ele passa de uma indústria à outra para receber ajudas, e agora, nas estreitezas presentes, às necessidades extraordinárias que parecem insuperáveis, Dom Bosco provê nova circular pedindo socorros pelos missionários em geral, mas principalmente para o Equador”.¹¹⁴ Dizia respeito a uma longa circular, elaborada naturalmente por outros, sobre as missões e os missionários, com particular referência à iminente expedição para Quito.¹¹⁵ A esta seguia outra mais breve, com o mesmo propósito, em 20 de novembro.¹¹⁶ Não menos tenaz era o pedido personalizado. O primeiro destinatário era o próprio papa. Ele pedia, em 6 de novembro, por meio da carta que fazia chegar mediante o mestre de quarto do sumo pontífice, dom Francesco Salesia Della Volpe, resumindo o que tinha pedido na súplica ao papa feita em Roma, em 17 de maio, em favor da Igreja Sagrado Coração: “Há ainda a soma de 51 mil francos, que a caridade do santo padre fez esperar de pagar ele mesmo. Eu me encontro em grandes dificuldades. Por isso, se a inexaurível caridade do mesmo pode vir em meu socorro, o tempo não pode deixar de ser mais oportuno”.¹¹⁷ Urgentes necessidades eram postas também pelas missões e pelos missionários de partida. Em 7 de novembro escrevia a uma benfeitora: “Venha em meu auxílio na medida que pode, e Deus lhe assegura que

¹⁰⁷ BS 11(1887) n. 11, novembro, p. 137.

¹⁰⁸ E IV 533.

¹⁰⁹ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 112-113.

¹¹⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 42.

¹¹¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 42-43.

¹¹² E IV 410.

¹¹³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 44.

¹¹⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 55-56.

¹¹⁵ Circular de 4 de novembro de 1887; MB XVIII 785-789.

¹¹⁶ Circular de 20 de novembro de 1887; MB XVIII 789.

¹¹⁷ Transcrita em MB XVIII 351. Cf. cap. 30, § 2.

a seu tempo te dirá: Salvaste uma alma, asseguraste a salvação da tua”. Concluía: “Não posso mais escrever, estou nos últimos esforços de minha pobre mão”.¹¹⁸

Na tarde do dia 24 de novembro realizava solenemente a vestição clerical do príncipe polonês Augusto Czartoryski (1858-1893). Estavam presentes os pais e toda a família. “Este é um dia memorável para a Congregação”, comentava o secretário. Foi a última função sagrada realizada por Dom Bosco.¹¹⁹ O acompanhamento no caminho vocacional e a aceitação na Congregação do príncipe polonês Augusto Czartoryski, herdeiro de nobre família, pretendente ao trono da Polônia, tinham colocado por três anos delicados problemas a Dom Bosco. Ele tinha conhecido a família inteira em Paris, que visitara, a convite do príncipe Ladislao, em 18 de maio. Seu comportamento tinha sido muito cauteloso na avaliação da propensão ao estado eclesiástico do jovem príncipe, sobre o qual o pai colocava grande esperança para a sucessão. De qualquer modo, tinha sempre encorajado a caminhar pela estrada da santidade.¹²⁰ Finalmente, em 14 de junho de 1887, tinha-o aceitado e, no outono, admitido ao noviciado de San Benigno Canavese.¹²¹ O príncipe fez os votos em Turim-Valsalice, em 2 de outubro de 1888. Tendo contraído tuberculose, foi consagrado sacerdote em 2 de abril de 1892, não sem graves interferências por parte do pai.¹²² Morreu em 8 de abril de 1893.

Os missionários vão de boa vontade a dar vida em meio aos selvagens da América – escrevia Dom Bosco agradecido à senhora Broquier, de Marselha, que tinha enviado quinhentos francos –, mas vós dais a bolsa; tanto uns quanto outros servem ao Senhor e trabalham para ganhar almas para o céu. Mas quem trabalha para salvar almas salva a própria. Mais ainda: quem dá esmola para salvar almas será recompensado com muita saúde e longa vida. Demos muito, se quisermos obter muito”. Concluía – não sabia que era a última carta a ela –: “não posso mais escrever, são os últimos esforços de minha pobre mão”.¹²³ Era o evangelho da caridade e do uso das riquezas, anunciado aos ricos, segundo Dom Bosco. Um testamento.

6. Projeções no futuro

Menos presente fisicamente no campo do trabalho efetivo, Dom Bosco o era com as mensagens à voz ou por escrito e, idealmente, com a imagem que seus filhos traziam no pensamento, no coração, no estilo de ação. Mas havia mais. Os vínculos da atividade reduzida e dos incômodos de saúde, antes que bloquear, pareciam colocar em

¹¹⁸ À senhora Teresa Zavaglia-Manica di Argenta (Ferrara), 7 de novembro de 1887; E IV 384-385.

¹¹⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 48-54.

¹²⁰ Cf. cartas de 27 de maio, 3 de julho, 26 de agosto e 15 de dezembro de 1885, e ainda de 5 de janeiro de 1887; E IV 432-435.

¹²¹ Cf. *Documenti* XXXVI 46-48, FdB 1142 D7-9.

¹²² Cf. nota do padre Lemoyne em MB XVIII 802-803.

¹²³ Carta do dia 27 de novembro de 1887; E IV 386.

evidência as asas aos projetos diurnos e aos sonhos noturnos, estes espelho ou prolongação daqueles. É um fenômeno, de resto, que parece ter tomado particular desenvolvimento justamente a partir dos anos do declínio físico. Predominantemente, os sonhos dizem respeito a dois aspectos fundamentais, de algum modo gloriosos para o presente e preocupantes para o futuro: a difusão das obras salesianas no mundo e a fidelidade dos salesianos às inspirações originárias. Daí afloram, paralelamente, outros que dizem respeito às condições espirituais de jovens em harmonia ou não com Deus. Ele fala disso voluntariamente com as pessoas próximas, os membros dos Capítulos Superior e Geral, ao padre Lemoyne e, no último período de vida, ao padre Viglietti, que registra tudo, fascinado, recolhendo até mesmo incubos e alucinações.

Pode-se ver a pré-história no sonho dos diamantes, vivido em três momentos na noite entre 10 e 11 de setembro de 1881 em San Benigno Canavese. No primeiro, a ele e aos diretores que o circundam aparece um homem majestoso, envolvido por um manto adornado com dez diamantes, símbolo das virtudes que os salesianos deviam cultivar (*Pia Salesianorum Societas qualis esse debet*): fé, esperança e caridade – trabalho e temperança – obediência, pobreza, espera do prêmio eterno e castidade – e jejum. Em um segundo momento uma obscuridade fechada cobre tudo, permitindo somente ler um cartão com a escrita *Pia Salesianorum Societas qualis esse periclitatur anno salutis 1900*, e reaparece o personagem do primeiro momento com o manto rasgado e sujo: os diamantes, as virtudes, eram substituídas pelo sono, a acídia, o riso, a escurridade, o egoísmo, a gula, o ócio, os rasgões da desobediência, a concupiscência, o luxo, o apego às coisas terrenas e o vazio da esperança. Enfim, as trevas são dissipadas pelo aparecimento de um jovem bem vestido, que dirige uma série de admoestações, concluindo com um canto de esperança e de glória a Deus.¹²⁴

Acenou-se somente ao sonho de 29/30 de agosto de 1883, narrado em 4 de setembro de 1883 aos membros do terceiro Capítulo Geral. Parece ser a tradução onírica da irrealizável aspiração de Dom Bosco para ir com seus missionários além do Atlântico.¹²⁵ Após uma corrida cansativa ele se encontrava “em uma sala de entretenimento”, onde muitas pessoas falavam, entre outras coisas, da “multidão de selvagens que na Austrália, nas Índias, na China, na África, e mais particularmente na América, em número incalculável, jazem ainda na sombra da morte. A Europa, disse com seriedade um pensador, a Europa cristã, a grande mestra de civilização e de catolicismo, parece que tenha se tornado apática para com as missões estrangeiras. Poucos são os que permanecem bastante ardorosos para enfrentar longas navegações ou desconhecidos com o intuito de salvar as almas de milhões de pessoas, também elas redimidas pelo Filho de Deus, por Cristo Jesus. Disse um outro: que quantidade de idólatras vivem infelizes fora e longe do conhecimento do Evangelho somente na América”. Denunciava-se depois a

¹²⁴ *Documenti* XXIII 197-199, FdB 1076 B12-C2. Cf. C. ROMERO, *I sogni di Don Bosco*, p. 59-71.

¹²⁵ Cf. cap. 31, § 3.

ignorância dos geógrafos sobre as enormes riquezas existentes nas regiões ao lado das Cordilheiras. A Dom Bosco, que desejava explicações e não encontrava quem o escutasse, aproxima-se um adolescente de 16 anos, o jovem Luigi Colle, que lhe indica uma corda numerada, a qual, desenrolada, permite passar sob os olhos toda a América do Sul, onde trabalham os salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora. Às perguntas de Dom Bosco sobre o futuro, o jovem fá-lo subir em um trem que percorre em ziguezague a América meridional de norte a sul. Era uma realidade em projeto e os selvagens dóceis acorreriam no futuro para receber instrução, religião, civilização e comércio com uma nova geração de salesianos desconhecidos de Dom Bosco. Concluía com uma reflexão: “Com a doçura de São Francisco de Sales os salesianos atrairão a Jesus Cristo as populações da América”, “a civilização tomará o lugar da barbárie, e muitos selvagens virão a fazer parte do aprisco de Jesus Cristo”.¹²⁶

Ainda sobre o futuro da Congregação, mas com especial acento na fidelidade a seu estatuto, referia-se o sonho de 28 de novembro de 1884, sobre demônios em congresso para tratar do modo mais eficaz para destruir a Congregação Salesiana. Eram propostas várias estratégias: a gula, o amor das riquezas, a liberdade ou libertinismo, a aquisição da cultura para si próprio e não em vantagem dos outros. A última proposta parecia obter a unanimidade dos consensos.¹²⁷

No sonho sobre o futuro da Sociedade Salesiana, da noite entre 31 de janeiro e 1º de fevereiro de 1885, tinha absoluta primazia a criatividade ao mesmo tempo diurna e noturna: uma projeção efetiva, no presente ou para o futuro, para si e para os sucessores. Precedia, de poucas horas, a partida dos missionários capitaneados por dom Cagliero. “Durante todo o dia – narra o padre Lemoyne, primeiro depositário da narração do sonhador – [Dom Bosco] fora tomado por grande agitação e comoção, pensando na partida de dom Cagliero e dos missionários. Na tarde de amanhã dez de seus filhos deviam pôr-se em viagem para Marselha, passando por Sampierdarena. A ternura paterna mantinha-o como que oprimido e abatido”; “eis que na noite de 31 de janeiro para 1º de fevereiro tinha um sonho semelhante àquele de 1883, sobre as missões”. O palco era, desta vez, uma “planície vastíssima, situada entre o Chile e a República Argentina”, percorrida por missionários salesianos. Dela se repartiam vias misteriosas com veículos fantasiosos transespaciais que paravam em casas salesianas existentes na Argentina, Uruguai e Brasil, mas depois se dirigiam para lugares desconhecidos, além de rios, mares e lagos, até uma “Mesopotâmia” real ou ideal e à África Meridional. A certo ponto, aparecia uma imensa mesa, à qual acorriam em multidão, cantando, crianças e grande variedade de homens e mulheres das mais diferentes cores, formas

¹²⁶ Cf. C. ROMERO, *I sogni di Don Bosco*, p. 83-93. O sonho deu lugar a várias interpretações, moduladas sobre o corte das ciências humanas e teológicas, com acenos também políticos: cf. C. Semeraro (org.), *Don Bosco e Brasilia: profetia, realtà sociale e diritto*. Padora, CEDAM, 1990.

¹²⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1877*, p. 28-31. Cf. MB XVII 385-387.

e atitudes. “Cada grupo que entrava – explicava a Dom Bosco “o amigo intérprete” – eram outras tantas nações ou partes de nações que serão convertidas pelos missionários”. Outros de aspecto “bruto e estranho” eram os “filhos de Cam”, “pertenciam à Patagônia e à África Meridional”. Era a visão de uma presença salesiana potencialmente ilimitada.¹²⁸

Uma elevadíssima montanha era a primeira cena do sonho que, na noite de 2 de julho de 1885, Dom Bosco narrava ao Capítulo Superior sobre a difusão das obras dos salesianos no mundo. De uma parte o “Anjo Arphaxad (China)” os convidava a “combater as batalhas do Senhor e a reunir os povos em seus celeiros”. Aos pés da montanha se juntavam povos de línguas variadas e desconhecidas. A segunda cena era a África e estava ao centro o “Anjo de Cam”, que anunciava a salvação para o continente negro. Por fim, a fantasia conduzia Dom Bosco à Austrália e à Oceania, “vários agregados de ilhas inumeráveis”, ainda com crianças que invocavam. Era a oferta de vários espaços de trabalho para uma Congregação de futuro seguro. Dom Bosco ditava as condições para tanto: “Que os salesianos não se deixem possuir pelo amor das comodidades”; “não se dando à gula terão força de longa duração”; além disso, difundissem o *Boletim* e estendessem a obra das vocações adultas.¹²⁹

Em 17 de julho premia-o no sono o convite para abrir um improvável oratório feminino na praça Vittorio Emanuele, aonde chegara junto com mamãe Margherita e o irmão Giuseppe.¹³⁰ Em outro, de 29/30 de setembro, emergia forte seu ideal de padre. Caminhavam em direção a Castelnuovo ele e um sacerdote ancião, e caindo a conversa sobre padres, concordavam sobre uma idéia, que Dom Bosco não tinha jamais deixado de propugnar com as palavras e com os fatos: “Trabalho, trabalho, trabalho! Eis qual deveria ser o objetivo e a glória dos padres. Não se cansar jamais de trabalhar. Dessa forma, quantas almas se salvariam. Quantas coisas se fariam para a glória de Deus”. “Oh! se o missionário fosse deveras missionário, se o pároco fosse de fato o pároco, quantos prodígios de santidade resplandeceriam de todo lado!” Escasseavam os padres? “Se todos os padres fossem só padres, haveria em quantidade suficiente”.¹³¹

Acenou-se ao sonho missionário, ocorrido em Sarriá na noite entre 9 e 10 de abril, contado com devoção e comoção pelo jovem secretário Carlo Viglietti.¹³² O ponto de observação era, como outra vez, nas proximidades de Castelnuovo, sendo espectadores coadjutor Giuseppe Rossi e padre Rua. Uma maré de crianças circundavam Dom Bosco e lhe diziam: “Nós te esperamos muito, mas finalmente estás aqui, estás entre nós e

¹²⁸ *Documenti* XXIX 43-48, FdB 1106 D12-E5; MB XVI 299-305.

¹²⁹ G. B. LEMOYNE, *Sogni*; ASC A 0170604, FdB 1320 E9-12, com variadas elucidações, uma carta a dom Cagliari, FdB 1321 A1-12, e repetidas interpretações, então e decênios depois: MB XVII 643-647.

¹³⁰ *Documenti* XXX 416-417, FdB 1112 E7-8.

¹³¹ MB XXVII 383-384.

¹³² Cf. cap. 33, § 5.

não fugirás de nós”. Depois, como no sonho dos 10 anos, uma pastora convidava a ele e os jovens que o rodeavam a olhar adiante e a ler. Passavam diante deles Valparaíso e Santiago. A partir desse ponto poder-se-ia ver quanto os salesianos deveriam fazer no futuro, além das montanhas, colinas e mares. Os jovens liam: era Pequim; e entre Santiago e Pequim apareciam a África, com dezenas de residências salesianas, e depois Hong-Kong, Calcutá, Madagascar. Para que tudo isso se realizasse colocava-se uma condição a ser cumprida e recomendada: que os salesianos cultivassem “constantemente as virtudes de Maria” e, além disso, que mantivessem bem distintas as ciências do céu e as ciências terrenas.¹³³

Em 3 de julho de 1886 o secretário anotava: “Maria Auxiliadora prepara aos salesianos as estradas que eles devem caminhar. De algum mês para cá Dom Bosco não faz outra coisa senão falar da China. Festa foi por ele encarregado de sérios estudos sobre esses lugares... e hoje chega inesperadamente uma carta da China (Xangai). Narra que foi erigido um grande santuário nas proximidades de Xangai dedicado à Nossa Senhora Auxiliadora e que lá acontecem peregrinações dos chineses... fazem a via-sacra e as práticas de piedade e obtêm graças maravilhosas... Dom Bosco, comovido até às lágrimas, diz que não ele, mas seus filhos, verão o que Maria lhes preparou na China”.¹³⁴

Outras vezes, aos sonhos se alternavam verdadeiros incubos: assaltos de monstros, encontrar-se improvisamente no meio de uma batalha, observar operários desolados diante de seus celeiros vazios, a visão das bolsas dos ricos, cujo conteúdo passava nas mãos dos pobres sob seus olhos.¹³⁵ Em 24 de março de 1887, Dom Bosco em pessoa comentava, “que é um sonho”, após ter falado de uma previsão de carestia em punição do abuso que se faz do vinho.¹³⁶ O secretário, ao invés, definia “visão” o tremendo incubo tido por Dom Bosco na noite entre 1º e 2 de abril. Na narração irrompiam fenômenos horripilantes: um rombo tremendo, um rumor crescente como de um terremoto, gritos de horror, vozes humanas inarticuladas, gemidos misturados aos miados de gatos, latidos de cães, palavras de advertência, o inferno: “Multi gloriabuntur in terris et cremantur in igne”, “Gemitibus inenarrabilibus, fames patientur ut canes”. Uma voz, por fim, oferecia o remédio preventivo: “Apressai-vos em pagar vossos débitos com ouro e prata”, isto é, “com a oração incessante e a frequente comunhão”. “Dom Bosco – informa padre Viglietti – ao narrar este sonho, estava cansado, amedrontado, chorava”.¹³⁷ Em um brevíssimo sonho do princípio de junho de 1887, Nossa Senhora advertia Dom Bosco e em geral os sacerdotes, porque faltavam ao dever de admoestar os ricos sobre o mau uso das riquezas e a doação do supérfluo aos pobres.¹³⁸ Alguns apanhados de idéias fami-

¹³³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 24 marzo 1885*, p. 84-87. Esse sonho é transcrito e comentado por E. Ceria em MB XVIII 72-75.

¹³⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 18 maggio 1886*, p. 20-21.

¹³⁵ *Documenti XXXII* 427 e 483, FdB 1124 E8 e 1125 D9; MB XVIII 149, 161-162, 169-170.

¹³⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1887*, p. 21-22.

¹³⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 gennaio 1887*, p. 22-28.

liares eram dados por dois outros breves sonhos, o primeiro narrado em 24 de outubro, o outro lá pelo final de novembro de 1887. No primeiro “viu o padre Cafasso, com o qual visitou todas as casas da Congregação, incluindo as da América: viu as condições de cada uma e o estado de cada indivíduo”.¹³⁹ Do segundo narrava coisas que faziam “crescer em forma tremenda sua responsabilidade diante de Deus”: “Vi meu modo de avisar os jovens estudantes e o modo de advertir os aprendizes: os meios para conservar a virtude da castidade; os danos que caem sobre os que violam esta virtude. Estão bem e de uma hora para outra morrem. Ah, morrer no vício! Foi um sonho de uma só idéia, mas quão esplêndida e quão grande! Eu, porém, não posso fazer uma longa colocação, não tenho as forças para exprimir esta idéia”, concluía.¹⁴⁰

Sabemos que Dom Bosco chamava a atenção de dom Cagliari para o fundamental realismo dos sonhos e para sua funcionalidade moral na carta de 10 de fevereiro de 1885.¹⁴¹

7. Obras realizadas, projetadas e previstas

A inação não impedia Dom Bosco de ter alguma parte decisiva no início de novas obras. No outono de 1887 dava encaminhamento à entrada dos salesianos na cidade de Trento, no império austro-húngaro, no território de população, língua e cultura italiana¹⁴² As primeiras tratativas começaram já em 1877 por iniciativa de certo Garbari, mas não foram adiante. A cidade, por outro lado, via crescer o número dos simpatizantes e dos cooperadores salesianos. A prática era retomada, em 1885, precisamente por iniciativa de um cooperador, prefeito da cidade, Paolo Oss-Mazzurana. Ele agia em pleno acordo com o bispo, dom Giovanni Della Bona, e com a Congregação de Caridade. Era oferecida a gestão de um orfanato, que hospedava no palácio Crosina e Sartori vinte e cinco órfãos e vinte e cinco órfãs, parte deles ocupados em algumas oficinas internas e parte inscritos na escola da cidade. Na sessão de 13 de julho de 1885, presidida por Dom Bosco, o Capítulo Superior tinha decidido pedir esclarecimentos sobre os termos concretos da proposta.¹⁴³ Naturalmente, a condição primária era que as órfãs fossem recolhidas em outro lugar. Após vista à obra, o ecônomo padre Sala relatava-a ao Capítulo, na sessão de 2 de novembro de 1885. Da discussão emergiam os pontos salientes de uma possível convenção. Dom Bosco concluía: padre Sala estuda o projeto.

¹³⁸ Cf. C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 18-20; MB XVIII 361.

¹³⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 43-44; MB XVIII 463.

¹⁴⁰ *Documenti XXXVI* 57, FdB 1142 E2. Cf. MB XVIII 465.

¹⁴¹ E IV 314. Cf. cap. 30, § 4.1.

¹⁴² Sobre o início da expansão salesiana no império austro-húngaro com a primeira presença em Trento escreve St. ZIMNIAK, *Salesiani nella Mitteleuropa*, p. 94-107.

¹⁴³ *Capitolo Superiore*, fol. 63v, FdB 1882 B6.

Este, padre Durando e padre Lazzero o examinarão e farão relatório.¹⁴⁴ Na sessão de 1º de dezembro de 1885 o texto, em dezesseis pontos, era apresentado pelo padre Durando, depois discutido e aprovado.¹⁴⁵ Em 7 de novembro de 1885 morria o bispo dom Della Bona, e o sucedia em 7 de junho dom Eugenio Carlo Valussi. Estipulado o contrato regular, o Capítulo Superior, na sessão de 15 de setembro, presidida pelo padre Rua, nomeava diretor padre Pietro Furno (1858-1905), que chegava a Trento em 15 de outubro acompanhado pelo maduro clérigo Simone Visintainer (1852-1928). Em 1893 os salesianos chegariam à fundação de uma obra própria, que se tornou uma rica fonte de vocações para a inspetoria lombardo-vêneta (1895, com Mosè Veronesi inspetor) e vêneta (a partir de 1925).

A fundação de *Londres* surgia nos limites extremos da vida de Dom Bosco, o qual, contudo, nela se empenhou quanto lhe permitiram as energias já próximas do esgotamento. A obra devia ser erigida em Battersea, uma zona de Londres situada sobre a margem direita do Tâmis, portanto dependente da diocese de Southwark.¹⁴⁶ O bispo, dom John Butt, no encontro com Dom Bosco no Sagrado Coração em Roma, em maio de 1887, desaconselhava-o de ir para um lugar tão pobre, mas o encontrou irredutível e firme, tanto que exprimiu suas dificuldades ao vigário, padre Rua, que delas falaria no Capítulo. Acolheu, porém, com cordialidade os salesianos quando chegaram. Apoiavam a obra, além disso, a condessa de Stacpoole, que morava em Roma, e o arcebispo Kirby, com 85 anos. Este era reitor do Colégio Irlandês em Roma, muito amigo de Dom Bosco desde longa data. Em 1874 a condessa tinha feito erigir, às suas expensas, a paróquia de Battersea, com a igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, mas o pároco designado para ela tinha-a abandonado e o bispo não tinha disponibilidade de sacerdotes para administrá-la, e não podia fazer outra coisa senão considerar a Igreja Sagrado Coração simples capela dependente da paróquia mais próxima. A condessa tinha recorrido a Leão XIII assegurando que Dom Bosco aceitaria o cuidado da paróquia e das escolas anexas, masculina e feminina, contanto que o terreno e as construções fossem passados com sua propriedade.¹⁴⁷ O papa dava parecer favorável e a Congregação de Propaganda Fide comunicava ao bispo o nada obsta para que a igreja, com o terreno anexo, passasse à Sociedade Salesiana, de modo que assumisse o cuidado pastoral do território da precedente paróquia e o ônus de manter a escola.¹⁴⁸ Dom Bosco, adoentado, não estava presente na sessão do Capítulo Superior de 10 de junho, na qual foi discutida a aceitação da obra. Contudo, em resposta às objeções do

¹⁴⁴ *Capitolo Superiore*, fol. 86r-v, FdB 1883 A3-4.

¹⁴⁵ *Capitolo Superiore*, fol. 85v-89v, FdB 1883 A8-10.

¹⁴⁶ Sobre os acontecimentos traçava uma breve história a condessa de Stacpoole em um memorial a Leão XIII, de setembro de 1887; MB XVIII 800-802.

¹⁴⁷ Texto do pedido em MB XVIII 800-802.

¹⁴⁸ Cf. W. J. DICKSON, *The dynamics of growth: the foundation and development of the Salesians in England*. Roma, LAS, 1991, p. 87-88.

eônomo padre Sala, padre Rua defendia a decisão do superior.¹⁴⁹ Antes de enviar os salesianos, porém, padre Dalmazzo era encarregado de fazer uma prévia visita exploratória. Chegando a Londres em 9 de outubro, escrevia a Dom Bosco dando parecer favorável.¹⁵⁰ Em 14 de novembro partiram de Turim o padre irlandês Mac Kiernan, diretor e pároco, o padre inglês Macey, vice-pároco e catequista, o coadjutor com votos trienais Rossaro. Acolhidos na estação em 16 de novembro por um amável jovem sacerdote, o futuro cardeal-arcebispo de Westminster Francis Bourne, eram portadores de algumas cartas de apresentação, das quais restam as do duque de Norfolk e ao cônsul da Itália em Londres. Ao duque, Dom Bosco escrevia: “Certamente uma obra deste gênero exige coragem, especialmente na grande cidade de Londres. Mas Deus, que nos ajudou em outras fundações, virá em nosso socorro nesta, que espera o apoio de Vossa Alteza. Esta igreja já foi provida de alguns objetos por alguns cidadãos caridosos, mas, para os sacerdotes professores, em sua habitação, não existe ainda nada. E é para estas primeiras necessidades que peço à Vossa Alteza auxílio e conselho”.¹⁵¹ Ao cônsul sublinhava que os salesianos enviados à paróquia de Battersea ocupar-se-iam também “em buscar o bem-estar moral da juventude inglesa e especialmente da juventude italiana domiciliada naquela paróquia”.¹⁵²

Os salesianos se estabeleciam em *Liège*, na Bélgica, com o grande instituto profissional “Orphelinat Saint Jean-Berchmans”, inaugurado em 8 de dezembro de 1891. O acontecimento se radicava quatro anos antes, em 8 de dezembro. No dia precedente, Dom Bosco tinha recebido dom Victor-Joseph Doutreloux (1837-1901), bispo de Liège desde 1879. Não era a primeira vez que “o bispo do povo e das crianças, dos pobres e dos operários e do encontro fraterno”, tocado, como tantos outros na Bélgica, pela leitura da biografia de d’Espiney, punha-se em contato com Dom Bosco. Desde agosto de 1883 ele tinha insistido, pessoalmente e por carta, em pedir que a Sociedade Salesiana assumisse a direção do maior *patronato* católico existente em Liège, o “Patronage des Apprentis”.¹⁵³ À resposta negativa, devida à carência de pessoal, o bispo tinha feito seguir outra carta, na qual anunciava uma viagem a Roma na primavera de 1884 e uma visita a Dom Bosco. Isto aconteceu efetivamente em maio. Sucederam-se outras cartas, a última de 17 de maio de 1886, levada pelo advogado Doreye, insistente e concreta, que juntamente com a última visita de 7 de dezembro de 1887, devia arrancar de Dom Bosco o sim. Em 8 de dezembro Dom Bosco ditava ao padre Viglietti estas palavras: “Agrada a Deus e à Beata Virgem Maria que os filhos de São Francisco de Sales vão

¹⁴⁹ *Capitolo Superiore*, fol. 99r, FdB 1883 C3; Cf. W. J. DICKSON, *The dynamics of growth*, p. 91.

¹⁵⁰ Cf. W. J. DICKSON, *The dynamics of growth*, p. 92-94.

¹⁵¹ Carta de 13 de novembro de 1887; E IV 385.

¹⁵² Carta de 14 de novembro de 1887; MB XVIII 454-455.

¹⁵³ Para a primeira carta, de 19 de agosto de 1883, e para as outras, cf. A. DRUART, “Les lettres de monseigneur Doutreloux à don Bosco”, RSS 2(1983), p. 274-295.

abrir uma casa em Liège em honra ao santíssimo sacramento.¹⁵⁴ Competiria, porém, ao sucessor de Dom Bosco e ao padre Scaloni, primeiro diretor, implantar com o bispo, após a morte de Dom Bosco, a construção e a abertura da casa-mãe das obras salesianas na Bélgica.

8. Última doença

O mês de dezembro, segundo o que anotava o secretário no dia 2, começava com um alarme sobre a saúde de Dom Bosco: “Dom Bosco teme de ter que deixar de celebrar a missa em breve. O pobrezinho a diz com dificuldade, em voz baixíssima. Há três anos o assisto todos os dias na celebração do santo sacrifício, e noto que as forças vão faltando. No mês passado começou a não voltar-se para dizer o Dominus vobiscum. Agora, de um mês para cá, no momento da comunhão, ele se senta e eu distribuo a comunhão às pessoas que escutam sua missa. Também não tem forças de dizer a ave-Maria e o oremus após a missa, e sou eu quem rezo e ele acompanha com a mente”.¹⁵⁵

O decurso da última doença pode ser dividido em quatro fases: de 2 a 19 de dezembro o agravamento; de 20 a 29 o perigo mortal; de 30 de dezembro de 1887 a 19 de janeiro de 1888, esperanças de retomada; de 21 a 31 a inexorável queda final. O *Boletim Salesiano*, periódico mensal, não podia dar notícias tempestivas e pontuais dela. Não obstante, os números de janeiro e de fevereiro dão informações essenciais e precisas sobretudo da segunda fase, com a quase certeza do fim nos últimos dias de dezembro, e sobre as esperanças nas duas primeiras décadas de janeiro.¹⁵⁶ O secretário padre Viglietti e o salesiano leigo Pietro Enria, enfermeiro, tiveram crônicas particularizadas de todo o decurso, a começar dos primeiros dias de dezembro até a morte. Um *Diário da doença de Dom Bosco*, retirado da crônica do padre Viglietti e de “outros irmãos”, era publicado pelo *Boletim Salesiano* no fascículo de abril de 1888.¹⁵⁷ A narração, simples mas de forte tensão dramática, mostra a doença experimentada e a morte esperada com genuína humanidade e profunda fé. Dom Bosco, com efeito, vive a última doença com altos e baixos, não envolvido em ardores místicos e lances de “cupio dissolvi et esse cum Christo”, mas com pacata responsabilidade, a mesma com que tinha falado da morte e da eternidade para jovens e adultos. Vive a doença e espera a morte em oração e na oferta do sofrimento, com a firme sabedoria de que uma e outra deviam ser aceitas para a maior glória de Deus e para a salvação das almas, sua e dos outros; que a salvação eterna é coisa séria, dom da misericórdia

¹⁵⁴ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 65.

¹⁵⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 56-57.

¹⁵⁶ Cf. BS 12 (1888) n. 1, genn., p. 6-7 e n. 2, febr., p. 14-15.

¹⁵⁷ BS 12 (1888) n. 4, aprile, p. 38-49.

de Deus e fruto do esforço humano; que ao longo do caminho do calvário ideal está presente, e é invocada, a Mãe de Jesus; que se deseja a prece de todos, a começar dos mais próximos. Não falta, ao mesmo tempo, a aceitação espontânea e agradecida de toda sorte de cuidados, de todo expediente médico que pudesse aliviar a dor e também obter a cura, se assim fosse agradável a Deus e ainda útil ao próximo. Os sofrimentos, em todos os casos, foram acolhidos como meio de purificação e de salvação, mesmo foram o resultado não previsto de intervenções terapêuticas, que de bom tinham somente a intenção. A *Recomendação a mim mesmo* das *Memórias desde 1841 a 1884-5* era eloqüente prelúdio para todas as últimas experiências de vida possíveis.

Desde 1º de dezembro Dom Bosco não estava “nada bem”.¹⁵⁸ De 6 de dezembro em diante deixou de celebrar a santa missa, fazendo exceção, com grande fadiga, em 11 de dezembro, terceiro domingo do Advento. No dia 6, contudo, conseguia assistir à função da partida dos missionários. “Entrou no presbitério sustentado por mim e por Festa, enquanto padre Bonetti fazia a prédica”, registrava o secretário: no final “os missionários passaram um a um saudando e beijando a mão de Dom Bosco... choravam estes, chorava Dom Bosco, todos na igreja choravam”.¹⁵⁹ Os que partiam eram quatro sacerdotes e quatro coadjutores guiados pelo padre Calcagno. Na capital equatoriana abririam um oratório e oficinas profissionais. Levavam consigo uma carta para o arcebispo de Quito, que insistentemente os havia pedido. “Eu – escrevia Dom Bosco – entrego estes meus filhos queridos em Jesus Cristo nas mãos de V. E. como mãos de um pai amoroso que os apoiará em qualquer necessidade com oportunos conselhos e auxílios espirituais e temporais. Eles vão com toda a boa vontade de corresponder às expectativas de V. E., trabalhando com todas as forças para a educação cristã e a instrução, especialmente da juventude pobre e abandonada. E quando forem em maior número, de boa vontade se consagrarão ao bem espiritual e moral das tribos que certamente precisarão do trabalho deles para conhecer e partilhar o caminho do céu”.¹⁶⁰

No dia 7 dom Cagliero chegava da América: Dom Bosco abraçou-o, apertando-o ao coração, chorando copiosamente: “Chorava como uma criança”. À tarde, o encontro com o bispo de Liège, dom Doutreloux, durou uma hora. Ele esteve presente ao almoço comum no dia seguinte. Como se disse, a negativa da tarde do dia 7 era mudada no dia sucessivo. Na festa da Imaculada não esteve em condições de celebrar. “Passou a noite insone, está prostrado de forças”, essa era sua condição.¹⁶¹ Em 15 de dezembro o secretário resumia: “Há cerca de duas semanas, não se sentindo com forças para celebrar a

¹⁵⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 58.

¹⁵⁹ Cf. C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 59-61. Cf. BS 12(1888) n. 1, janeiro, p. 7-9, “La partenza dei missionari salesiani per l’Equatore e l’arrivo in Torino di Monsignor Cagliero”.

¹⁶⁰ Carta de 6 de dezembro de 1887; E IV 387. De fato, em 1893 seria criado o Vicariato Apostólico de Mendez e Guayaquil e o primeiro vigário seria padre Giacomo Costamagna, há catorze anos inspetor na Argentina.

santa missa, assiste à minha cada dia e faz a santa comunhão”.¹⁶² “De alguns dias para cá Dom Bosco está pouco bem, respira com muita dificuldade e come muito pouco”, informava padre Cerruti.¹⁶³

Uma saída do quarto em 16 de dezembro, com padre Rua e o secretário, não pareceu dar bom resultado. Em 20 de dezembro as anotações do secretário assinalam uma sensível piora. O doente “não pode mais caminhar”, “deve ser conduzido na cadeira de rodas, respira”. Mas, afanosamente. Não obstante, pediu para sair com a habitual cadeira. À tarde o médico “considerava seu estado muito agravado”. No mesmo dia também padre Cerruti, em sua correspondência, não se mostrava otimista. “Nesta noite – escrevia ao padre Rocca – apresentarei teus augúrios e tuas orações e as desta casa ao amadíssimo Dom Bosco. Infelizmente, o estado dele piora; fica fora do leito parte do dia, ou melhor, sentado. Deve ser transportado em sua cadeira de rodas, mas tem acessos de asma e perda de forças que nos inquieta. Rezemos”, e no pós-escrito acentuava: “Recomendo preces e comunhões particulares em casa ao Sagrado Coração de Jesus e à Nossa Senhora Auxiliadora por Dom Bosco, que está no leito e que inspira inquietude. Parto com pena, vendo-o em tal estado. Seja feita a vontade de Deus”.¹⁶⁴ Na noite de 21 o médico prognosticava mesmo não mais de quatro ou cinco dias de vida. Não obstante, comia “gelatina e sorvetes” – registrava o cronista – quis que se lesse o jornal e “ver as cartas recomendadas e asseguradas”, as que traziam ofertas.¹⁶⁵ Em 22 de dezembro, as tranquilizadoras palavras do doutor Vignolo, tio do padre Viglietti – “não era caso de se assustar tanto” –, não pareciam fundadas.¹⁶⁶ Eram desmentidas pelo difícil dia 23, sexta-feira, uma paixão, quase uma despedida, que o cronista faz viver hora por hora. Dom Bosco se preocupava para que lhe estivesse próximo quem pudesse assisti-lo espiritualmente, que não fosse somente o jovem secretário. “Eu me vou para a eternidade”, dizia-lhe e falava aberta e repetidamente de “óleo santo” e de “viático”. Insistia em pedir que se rezasse e se fizesse rezar por ele, para uma morte “na graça de Deus”: “não quero outra coisa”, acrescentava. Veio vê-lo cardeal Alimonda: “Seja feita em mim a santa vontade de Deus”, dizia-lhe. “Sempre fiz tudo aquilo que pude”. “Quis a bênção do cardeal. Comovidos se beijaram e se abraçaram”. Às 5 [17 horas] veio seu confessor, padre Giacomelli. Permaneceram somente três minutos, está tudo pronto”.¹⁶⁷ A vigília do Natal foi dia de alta espiritualidade e de *pathos*. Às 7h30 recebia o viático das mãos de dom Cagliero: “Dom Bosco brilhava como um anjo com a estola... foi um momento

¹⁶¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 62-69.

¹⁶² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 70.

¹⁶³ Carta ao padre Rocca, 15 de dezembro de 1887; ASC F 381, orig. aut. 2 f.; “Dom Bosco, de alguns dias a esta altura está pouco bem; rezemos”, comunicava ao padre Cesare Cagliero no dia seguinte (ASC G 992, orig. aut. 1 f.).

¹⁶⁴ Carta de 20 de dezembro de 1887 com o pós-escrito, 22 de dezembro; ASC F 381, orig. aut. 2 f.

¹⁶⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 71-75.

¹⁶⁶ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 75.

¹⁶⁷ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 16 maggio 1887*, p. 75-78 e *Dal 23 dicembre 1887 al 31 gennaio 1888*, p. 3-7.

solene, não se ouviam senão soluços”. Às 22 horas dirigia-se ao padre Viglietti pedindo que, durante a noite, estivesse a seu lado também outro sacerdote: “Temo não chegar até amanhã”, dizia-lhe. Às 22h30 fazia a entrega ao abnegado secretário do caderno das últimas *Memórias*. Às 23 horas “veio dom Cagliero e lhe administrou a extrema-unção, não falou senão de eternidade e deu avisos, depois repousou”.¹⁶⁸ Padre Cerruti anunciou ao padre Rocca: “Nesta manhã dom Cagliero administrou solenemente o santo viático a Dom Bosco, cujo mal caminha inexorável. Se volta é questão de dias; se cessa, pode durar todo ou parte de 1888. Assim pensa Fissore, que consultou-o ontem com outros dois, e voltarão antes do meio-dia. Dom Bosco, contudo, não faz tanta fé em sua cura. Pede com insistência os sacramentos da Igreja e quer que tudo seja regularizado temporalmente. A tal efeito o notário esteve ontem aqui quase todo o dia”; e como pós-escrito, “a consulta terminou agora (11 horas da manhã). Notou-se uma melhora sensível em seguida, sobretudo com a parada do vômito”.¹⁶⁹

Pela primeira vez, no dia de Natal, *L'unità cattolica* dava *Notícias sobre a grave doença do sacerdote Giovanni Bosco*, e observava: “Nosso eminentíssimo cardeal-arcebispo, que o ama e venera como um santo, foi visitá-lo e o abençoou comovido até as lágrimas”.¹⁷⁰ No mesmo dia se fala de avalanche de telegramas. Chegava também de Roma, com a bênção do santo padre. Padre Cerruti anunciava: “O estado de Dom Bosco é sempre inquietante, embora, nesta manhã, doutor Fissore tenha encontrado um princípio de melhora. Deus queira que continue. Ele está tranqüilo, conserva toda a consciência, mas insiste em ter logo todos os confortos da Igreja. Ontem à tarde dom Cagliero administrou-lhe o óleo santo e se telegrafou, antes, ele mesmo quis que se telegrafasse ao papa pedindo a bênção apostólica”.¹⁷¹ No dia 26 cardeal Alimonda, de partida para Roma, foi a Valdocco para despedir-se. Repetiam-se as visitas médicas. Todos os dias Dom Bosco assistia à missa e fazia a comunhão. Os jornais davam notícias de sua saúde. De todo lugar pediam-se informações, principalmente de Roma, de cardeais e do papa, enquanto se anunciavam preces extraordinárias, públicas e privadas, pela sua cura”.¹⁷²

A partir de 26 de dezembro padre Rua dava aos diretores informações esporádicas sobre a doença, diárias até 31 de dezembro, e depois nos dias 2, 5 e 18 de janeiro de 1888.¹⁷³ Na primeira confirmava as notícias difundidas pelos jornais: Dom Bosco estava “gravemente doente” e informava sobre o andamento da doença a partir de 6 de dezembro, quando o enfermo tinha deixado de celebrar a missa, fazendo uma exceção em 11 de dezembro, terceiro domingo do Advento.¹⁷⁴ No pós-escrito da carta sucessiva

¹⁶⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dicembre 1887*, p. 6-9.

¹⁶⁹ Carta de 24 de dezembro de 1887; ASC F 381, orig. aut. 4 f.

¹⁷⁰ *L'unità cattolica*, n. 299, domingo, 25 de dezembro de 1887, p. 1194.

¹⁷¹ Carta ao padre Rocca, 25 de dezembro de 1887; ASC F 381, orig. aut. 2 f.

¹⁷² Cf. C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dicembre 1887*, p. 9-15 e 19-20.

¹⁷³ Cf. ASC A 4570310ss, FdB 3980 A 10-B11; ASC A 0240602ss., FdB 437 D8-E5.

precisava a natureza do mal: “Além da doença cérebro-espinhal lenta que o afligia há vários anos”, também outra, “chamada pelos médicos de cárdio-pulmonar”,¹⁷⁵ falando posteriormente de “melhora sensível”¹⁷⁶ ou, mais precisamente, citando de *L’unità cattolica*, “somente relativa”, com “informações últimas” “novamente alarmantes”.¹⁷⁷

Sobressaem pelos mesmos dias algumas significativas anotações, que fixam o estilo de vida essencial do enfermo: “Dom Bosco pede com freqüência aos médicos, que lhe digam seu estado, *porque nada temo, estou tranqüilo e disposto*”. No dia 29, temendo que fosse a última hora, mandava chamar o padre Rua e dom Cagliero e lhes dava um mandato fundamental: “Prometei que vos amareis e suportareis como irmãos. O auxílio de Maria Santíssima não vos faltará. Recomendai a freqüente comunhão e a devoção à Maria Santíssima. Recomendai a todos minha salvação eterna e rezai”. Mas à tarde murmurava: “É preciso aprender a viver e a morrer, uma coisa e outra”.¹⁷⁸

As *Notícias da doença de Dom Bosco* dadas pelo *Boletim Salesiano*, informando sobre a fase crítica de 22 a 29 de dezembro, resumiam: “Nenhuma esperança humana de cura, e somente a bondade divina poderia reconstituir um físico destruído por cinquenta anos de incansáveis trabalhos, sofrimentos e sacrifícios pelos pobres e queridos jovens. Essa é a causa de sua doença”. Cidadãos, patriciado, autoridades municipais turinenses e outros notáveis, acorriam para saber das condições do enfermo. Vários bispos piemonteses faziam-lhe visita. Chegavam telegramas de toda parte da Itália e do exterior. De todos os lugares se rezava pela sua cura e se continuava a esperar.¹⁷⁹ No dia 29 um jornalista de *L’unità cattolica* narrava sobre sua visita a Dom Bosco doente, com anotações admiradas. Tinha se dirigido – narrava – “ao leito de sua grave doença”, mas acrescentava: “Digamos grave, embora não se perceba tal à primeira vista. Sua face, que nada perdeu da calma e serenidade habitual; seu olhar, habitualmente doce, vivaz e cheio de suave expressão; a cor perfeitamente a mesma de antes; a inteligência plena, perfeita e, digamos, brilhante fazem singular contraste com a fraqueza na qual se vê prostrado e com o fio de voz tão frágil, que com dificuldade sai de seus lábios”.¹⁸⁰

“A doença é sempre grave e de longa duração e cura lenta”, anunciava no dia seguinte padre Rua,¹⁸¹ notícia contradita no último dia do ano; “Alegremo-nos no Senhor”,

¹⁷⁴ Carta de 26 de dezembro; ASC A 0240601, FdB 437 D8.

¹⁷⁵ Carta de 27 de dezembro; ASC A 0240602, FdB 437 D9.

¹⁷⁶ Carta de 28 de dezembro; ASC A 0240603, FdB 437 D10.

¹⁷⁷ Carta de 29 de dezembro; ASC A 0240604, FdB 437 D11.

¹⁷⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dicembre 1887*, p. 16, 17, 19. Era a arte que Silvio Pellico declarava ter aprendido no momento da “morte verdadeiramente exemplar e santa”, antes da mãe e, um ano depois, do pai: “eles me ensinaram antes a viver, depois a morrer” (Carta e 27 de maio de 1838 à condessa Ottavia Masino di Mombello, in: Guglielmo Stefani (org.), *Epistolario di Silvio Pellico*. Florença, Successori Le Monnier, 1880, p. 175).

¹⁷⁹ “Notizie della malattia di Don Bosco”, BS 12(1888) n. 1, janeiro, p. 6-7.

¹⁸⁰ “La nostra visita a Don Bosco”, *L’unità cattolica*, n. 302, quinta-feira, 29 de dezembro de 1887, p. 1206.

iniciava, informando ter podido telegrafar ao papa por meio do cardeal Alimonda, que se encontra em Roma: “Agora médicos declaram positivo melhoramento: esperança de restabelecimento”. “Com viva alegria, portanto – continuava –, posso notificar-vos que nosso amadíssimo pai está bastante melhor, e que os médicos começam a dar esperança de cura”. Às 11h15, após a consulta dos doutores Fissori, Vignolo, Bestenti e Albertotti, médico curante, era, com efeito, espalhado um boletim médico otimista: “Perigo desaparecido. Visível melhora. A febre cessou. Não há mais vômitos. Os humores, cuja presença se encontrava dentro do pulmão direito, desapareceram quase que inteiramente. Esperança de um continuado progresso. A mente perfeitamente lúcida”.¹⁸² O otimismo era atenuado dois dias depois: “A grave enfermidade de nosso amadíssimo pai não está piorando, mas a melhora é ainda muito lenta. O perigo de morte próxima parece esconjurado”. Por isso padre Rua advertia que escreveria somente quando existissem “novidades relevantes” a serem assinaladas.¹⁸³

“Afortunadamente – anunciava *L’unità cattolica* no alvorecer do novo ano, de dois dias para cá as condições do doente mudaram. Ontem os médicos encontraram novamente nele uma notável melhora e declararam que a doença não apresenta mais nenhum sintoma que justifique um temor de próximo perigo, antes deixa conceber fundada esperança de restabelecimento”.¹⁸⁴ Desde o dia 30 deste mês [dezembro] – evocavam as *Notícias do Boletim Salesiano* – o senhor Dom Bosco começou a sentir-se melhor”; “nos dias sucessivos a melhora se fez mais sensível ainda”; “no momento Dom Bosco ainda está no leito. Poderia mesmo acontecer que, de agora em diante, ele tenha que passar a vida no ambiente de seu quarto”.¹⁸⁵

Em 1º de janeiro morria conde Colle, que ajuntava às incalculáveis beneficências um legado de bem 400 mil francos, cerca de 1.330.000 de euros. Padre Cerruti escrevia ao padre Rocca: “Antes de tudo te dou notícias de Dom Bosco, que continuam boas. Deus queira que continue, uma vez que somente de Deus e de Nossa Senhora Auxiliadora esperamos”.¹⁸⁶ As esperanças de uma retomada pareciam reavivar-se nas duas primeiras décadas de janeiro. Com efeito, em 5 de janeiro padre Rua dava informações maravilhosas: “Nosso amadíssimo pai vai melhorando progressivamente. Tem a respiração mais livre, mais fácil, e claras as palavras e pode com facilidade alimentar-se. Os médicos começam a dar esperança de próxima convalescença e de que, em pouco tempo, possa levantar-se do leito. Em outra carta vos direi o dia a ser destinado para agradecer concordemente e de grande ânimo a Deus e à Virgem Auxiliadora com

¹⁸¹ Carta do dia 30 de dezembro; ASC A 0240605 FdB 437 D12.

¹⁸² Carta de 31 de dezembro; ASC A 024060, FdB 437 E1-2.

¹⁸³ Carta de 2 de janeiro de 1888; ASC A 0240610, FdB 437 E3.

¹⁸⁴ *L’unità cattolica*, n. 1, domingo, 1º de janeiro de 1888, f. 1.

¹⁸⁵ *Notizie di D. Bosco*, BS 12 (1999) n. 2, febr., p. 14-15. Cf. C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 20-29.

¹⁸⁶ Carta de 2 de janeiro de 1888; ASC F 381, orig. aut. 3 f.

solene função e com o canto do Te Deum”.¹⁸⁷ Em 7 de janeiro o secretário anotava: “Esta tarde, após o conselho dos médicos, se começou a dar a Dom Bosco, após o pão triturado, um ovo, depois o café. Antes de tomar a refeição tirou o barrete, fez o sinal da cruz e rezou chorando. Eu temia fortemente que esse alimento lhe fizesse mal; ao invés, suportou bem cada coisa (...). Eram 6 da tarde. Dom Bosco me disse: Viglietti, dize ao padre Lemoyne como se pode explicar que uma pessoa, após 21 dias de leito, quase sem comer, fora da razão etc., de um momento para outro tenha retornado a si, perceba cada coisa, sintase com força e capaz quase de se levantar, escrever e trabalhar, sadio como se jamais estivesse doente”.¹⁸⁸ Registra-se com algum relevo a visita do duque de Norfolk, em 8 de janeiro, quando o duque se entreteve com o doente cerca de meia hora. Quase como por associação de idéias, a florava novamente nele o pedinte. Dizia ao padre Viglietti: “Dom Bosco gastou até a última moeda antes de sua doença, ficou sem dinheiro durante sua doença, notando que seus órfãos continuaram sempre a pedir pão antes e depois. Por isso quem quiser fazer a caridade que a faça, pois Dom Bosco não pode nem ir nem vir”.¹⁸⁹

Não obstante as previsões do doutor Fissore, que prognosticava para Dom Bosco não mais de dois meses de vida, eram registradas por vários dias notícias discretas. “Dom Bosco continua melhorando e esperamos que logo possa entrar em convalescença”, anunciava padre Cerruti em 10 de janeiro.¹⁹⁰ “Nesta manhã ouviu a minha missa e fez a comunhão”, anotava o secretário geral nos dias 11 e 15 de janeiro.¹⁹¹ Nesse contexto poderia considerar-se autêntica a carta em francês ao duque de Norfolk, escrita ou ditada por Dom Bosco em 13 de janeiro, da qual se possui a cópia do padre Berto. Nela Dom Bosco se declarava ainda em condições precárias de saúde e sempre deitado; mas sobretudo preocupado com débitos: 250 mil francos [cerca de 833 mil euros] que se tinham acumulado em tantos anos de trabalhos em Roma pela Igreja e Colégio Sagrado Coração. Sentir-se-ia grandemente aliviado se o duque pudesse dar-lhe o auxílio que a caridade e as disponibilidades permitissem. Como recompensa o oferente poderia contar com as orações de 250 mil órfãos.¹⁹² “Dom Cagliariero – informava *L’unità cattolica* no meio do mês –, aproveitando da notável melhora do venerando Dom Bosco, dirigia-se a Nice no dia 4 do corrente mês”.¹⁹³ Por alguns dias continuavam as boas notícias, retrospectivas do *Boletim Salesiano* e do padre Viglietti: “Hoje Dom Bosco recebeu a visita do bispo de Malines, na Bélgica” (18 de janeiro). Fazia-lhe eco padre Rua: “As notícias do nosso amadíssimo pai continuam a ser boas. O médicos permitem esperar

¹⁸⁷ Carta de 5 de janeiro de 1888; ASC A 0240609, FdB 437 E4-5.

¹⁸⁸ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 23-24.

¹⁸⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 25-27.

¹⁹⁰ Carta ao padre Rocca; ASC F 381, orig. aut. 3 f.

¹⁹¹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 27-28.

¹⁹² E IV 407-408.

¹⁹³ *L’unità cattolica*, n. 12, domingo, 15 de janeiro de 1888, p. 46.

que, se nada acontecer de novo para tornar mais lento o progresso que está fazendo na convalescência, poderá facilmente levantar-se do leito na próxima semana”.¹⁹⁴ Padre Viglietti continuava com suas anotações: “Dom Bosco, embora devagar, vai sempre melhorando. Já se pode dizer que não lhe resta senão adquirir forças para deixar a cama; males verdadeiros não tem nenhum; a partir do dia 15 começou a ouvir cada manhã a santa missa e a receber, por minha mão, a santa comunhão. Hoje Dom Bosco recebeu a visita do bispo de Lari, nas Índias, Francesco Filippo (21 de janeiro)”.¹⁹⁵ Em 20 de janeiro padre Cerruti não estava menos otimista: “Dom Bosco está cada vez melhor. Segunda-feira começará a se levantar”.¹⁹⁶

Mas era, ao invés, o princípio do fim. Em 22 de janeiro o cronista registrava: “De dois dias para cá Dom Bosco retrocedeu um pouco no mal”, embora recebendo ainda a visita dos arcebispos de Colônia e de Treveri (22 de janeiro) e de Paris (no dia 24).¹⁹⁷ Ao padre Barberis, em 24 de janeiro, padre Rua era obrigado a redimensionar radicalmente as expectativas suscitadas pela circular enviada aos diretores em 18 de janeiro e o convidava a recomendar aos diretores da inspetoria, constituída pelas casas de noviciado, para se “fazer especiais orações e exercícios de piedade” por Dom Bosco. Com efeito – escrevia –, infelizmente, de alguns dias para cá, se constata nele algum novo deterioramento”.¹⁹⁸ De fato, nos dias seguintes, o agravamento se tornava irreversível: “Hoje Dom Bosco está muito grave”; “a dom Cagliero, que lhe falava de ir a Roma, disse: Espera para *depois*” (25 de janeiro): “continua grave” (26 de janeiro). Ao pensamento, sugerido pelo padre Bonetti, “Jesus na Cruz sofria sem poder se mover”, respondia: “sim, é isso que faço sempre”.¹⁹⁹

Entre 27 e 28 a doença caminhava para a reta final. No dia 28 o cronista anotava: “Dom Bosco piora sempre. Ontem, nesta noite e nesta manhã continua a delirar muito”. “Nesta manhã gritou por bem vinte vezes: Mare! Mare! [em piemontês, mãe], e há algumas horas junta as mãos e repete: Oh Maria! Oh Maria!. A todos diz de ver-nos no paraíso. Disse ao padre Bonetti: Dize aos jovens que eu os espero no paraíso. Nesta manhã recebeu o escapulário de Nossa Senhora do Carmo. A todos dá últimas lembranças”. “Pega muitas vezes o crucifixo e o beija. Ao padre Bonetti: Quando falares ou pregares insiste sobre a comunhão freqüente e a devoção a Maria Santíssima. Apresentando-lhe a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, disse: Sempre tive toda a confiança em Nossa Senhora Auxiliadora”. Tinha-se também a resposta sem espe-

¹⁹⁴ Carta de 18 de janeiro; ASC A 4570310, FdR 3980 B11.

¹⁹⁵ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 27-29. “Francesco Filippo” era dom Jules François Philippe (1835-1904), bispo titular de Lares, coadjutor do vigário apostólico di Visakhazigaparnam, na Índia, dos Missionários de São Francisco de Sales de Annecy, fundados em 1838 pelo padre Pierre Marie Mermier.

¹⁹⁶ Carta ao padre Rocca; ASC FdB 381, orig. aut. 2 f.

¹⁹⁷ *Cronaca di D. Bosco. Dal 23 dic. 1887* p. 29-32.

¹⁹⁸ Circular da última doença de Dom Bosco; FdR, 3980 B12-C2.

¹⁹⁹ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 29-33.

rança dos médicos: “Acharam-no grave, e a única esperança que deixam são as de um prolongamento do mal; segundo eles, não há nenhuma esperança de salvá-lo”.²⁰⁰ No domingo, 29, *L’unità cattolica* unia a *Festa de São Francisco de Sales e a saúde de Dom Bosco*. “O venerando Dom Bosco – anunciava –, que sofre de uma degeneração lenta da medula espinhal, que mostra no seu curso alternâncias de melhora e de deterioração, melhorou de verdade por algumas semanas. Mas nestes últimos dias o agravamento se manifesta e continua, principalmente com sintomas respiratórios. Tal quadro, embora não impeça a esperança de um estado melhor, deixa todavia, por causa de sua persistência, alguma inquietude”.²⁰¹ O diagnóstico era rapidamente confirmado pelos fatos. A crônica os escande: “Dom Bosco continua muito mal” “sempre em coma” (29 de janeiro). No dia 30 se anota: “Nesta noite cessou de falar, somente alguns gemidos”; “as ladainhas da agonia e a bênção do Carmo foram rezadas por dom Cagliero às 10 horas. Está de fato fora de si”.²⁰²

Ao alvorecer de 31 de janeiro chegava o fim: “à 1h45 entrou em agonia: padre Rua e dom Cagliero lhe recitaram as preces [dos agonizantes], continuou com o ronco constante até às 4h45. Tocava a Ave-Maria de nossa igreja. Dom Bosco ralentou a respiração. Meio minuto depois era branco cadáver, estava no paraíso”.²⁰³ São Vicente de Paula nasceu para o céu à mesma hora, às 4h45 do dia 27 de setembro de 1660.

9. Primeira celebração do “dies natalis” na liberdade completa

Não era traumático o extremo adeus, termo de uma longa despedida, iniciada há anos com graduais separações e ausências, as mais variadas fases de declínio físico e de agravamentos. Também a última doença, com a dissolução de um corpo sempre mais debilitado e sem vigor, embora na lucidez do espírito, na vivacidade da fé e na inexauribilidade da chama da caridade, tinha preparado o “nos veremos no paraíso” da manhã de terça-feira, 31 de janeiro. Dom Bosco sempre estivera próximo com as mais fortes e delicadas solícitudes do amor. Todos estavam certos que estaria ainda próximo e solícito desde o paraíso, onde ele mesmo tinha várias vezes fixado o persuasivo encontro no presente e no futuro. Por isso os sofrimentos da longa doença eram, de certa forma, esquecidos na transfiguração de uma pessoa tão querida, santa e protetora, bem presente no coração, na mente e no imaginário de salesianos, jovens, cooperadores, amigos, admiradores. Interpretava perfeitamente seu estado de alma, aquele que, no *Boletim Salesiano*, iniciava a crônica dos acontecimentos depois da morte com estas palavras, sob o título expressivo, DOM BOSCO!!: “Nós o amávamos como se ama o

²⁰⁰ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 29-35.

²⁰¹ *L’unità cattolica* n. 24, domingo, 29 de janeiro, p. 95.

²⁰² C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 35-40

²⁰³ C. VIGLIETTI, *Cronaca di Don Bosco. Dal 23 dic. 1887*, p. 40-41.

sorriso da infância, as esperanças da juventude, os sustentos e os bens da idade madura. Era para nós o que de maior, de mais nobre, de mais afetuoso, de mais generoso pudesse ser encontrado sobre a terra. Não existia um instante de nossa vida que não carregasse alguma recordação de seu afeto por nós”.²⁰⁴

Essa realidade foi demonstrada pela quantidade e pela qualidade da concorrência do povo ao redor do esquife exposto na Igreja São Francisco de Sales e das exéquias realizadas na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. No dia 31, vestido de paramentos sacerdotais, o cadáver era exposto, sentado em uma poltrona, no corredor atrás da capelinha privada. Podiam-no visitar os salesianos, seguidos de “grupos de sacerdotes, patrícios em grande número, matronas devotas”. Às 18 horas era admitida também um grupo grande de Filhas de Maria Auxiliadora. No mesmo dia padre Rua anunciava *Aos salesianos, às Filhas de Maria Auxiliadora, aos cooperadores e às cooperadoras salesianos* a morte do pai.²⁰⁵ O *Anúncio fúnebre* era feito a todos os ex-alunos do *Comité dos antigos alunos do Oratório para as demonstrações ao reverendíssimo Dom Bosco*, firmado por Carlo Gastino e pelo secretário Matteo Alasia.²⁰⁶ De Gênova, cardeal Alimonda enviava no mesmo dia um telegrama e uma carta.

Às 6 da manhã de 1º de fevereiro o corpo era exposto na Igreja São Francisco de Sales. Ao redor se reunia, durante todo o dia, uma multidão comovida e reverente, reconhecedora e afetuosa, de jovens e adultos, de eclesiásticos e leigos de todas as classes sociais. “Parecia que Turim inteira se dirigisse ao Oratório”: “vamos a Dom Bosco! – diziam-se uns aos outros”. A Igreja Nossa Senhora Auxiliadora foi ocupada por gente que acorreu para rezar pela paz de sua alma. Às 21 horas todos os jovens do Oratório recitaram diante do corpo as orações da noite e seu diretor, padre Francesia, deu a tradicional boa-noite.

Tendo sido recolocado no caixão, deixado ainda aberto para que os salesianos vindos de longe pudessem ver o rosto de Dom Bosco, o corpo era colocado, na manhã de 2 de fevereiro, no cadafalso erigido sob a cúpula de Maria Auxiliadora. Às 9h30 era celebrada a solene liturgia exequial, pontificada por dom Cagliari, com o canto da missa fúnebre composta por ele em 1862. Às 14 horas o esquife era fechado, depois que se lhe introduziu uma ampola de vidro com um pergaminho, que trazia uma síntese biográfica do defunto.²⁰⁷ Na parte da tarde desenvolvia-se o solene transporte fúnebre com a assistência de ao menos 100 mil pessoas, grande número de párocos, inumeráveis representantes eclesiásticos e civis, italianos e estrangeiros, institutos de educação e associações católicas, e três bispos, Cagliari, Leto e Bertagna. Foram percorridas a

²⁰⁴ BS 12(1888) n. 3, março, p. 25: toda a crônica, p. 25-36; no fasc. 4, abril, p. 38-51, “Diario della malattia di Don Bosco”, são relembrados os dias terrenos de Dom Bosco, de 2 de dezembro a 31 de janeiro, e “La tumulazione” do cadáver em Valsalice.

²⁰⁵ BS 12(1888) n. 3, março, p. 28, “Lettere circolari di don Michele Rua ai salesiani”, p. 1-3.

²⁰⁶ BS 12(1888) n. 3, março, p. 28-29.

²⁰⁷ BS 12(1888) n. 3, março, p. 32-33.

Via Cottolengo, Corso Principe Oddone e Corso Regina Margherita, e a Via Ariosto. O acompanhamento fúnebre era um cortejo triunfal para “um grande mais vivo que nunca na veneração da multidão, no obséquio à sua memória, na grandeza de suas instituições”.²⁰⁸ Ao retorno na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, dom Bertagna realizava a absolvição do defunto. Daí foi transportado na Igreja São Francisco de Sales, na espera do sepultamento.

“Que bela festa! mais de uma pessoa exclamando – comentava o cronista –; e para quem se tivesse maravilhado de semelhante exclamação, concluía ele também: – Foi uma bela festa! – Era contínuo o repetir-se uns aos outros as palavras argutas e amorosas ouvidas dos lábios de Dom Bosco, o narrar os mais belos trechos de sua vida, com um sorriso e um senso de alegria tamanho como dificilmente se pode reproduzir em palavras. O luto tinha cessado. Todos sentiam que Dom Bosco vivia e que não estava distante”.²⁰⁹

Desde o dia 31 de janeiro, os superiores salesianos tinham se industriado para obter que o corpo de Dom Bosco pudesse ser sepultado na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Pôde-se evitar somente a inumação no cemitério geral e se obteve que fosse sepultado fora dos muros da cidade, no Centro de Estudos Salesianos de Valsalice. Foram feitos rápidos trabalhos para preparar o túmulo. Na tarde de 4 de fevereiro, às 17h30, como extrema simplicidade, o corpo foi sepultado. O carro fúnebre era seguido pela mesma carruagem que conduzia Dom Bosco para passear nos últimos tempos, agora ocupada por dom Cagliari, padre Bonetti e padre Sala. Era acolhido por um grupo de mais de cem clérigos. Em Valsalice dom Cagliari repetiu o rito exequial. Ao padre Rua se tinham unido padre Cerruti e padre Lazzero, e não faltava a superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora, madre Caterina Daghero. No final falaram Dom Cagliari e padre Rua.

Felizmente, os clérigos de Valsalice com seu diretor quiseram na mesma noite enviar ao padre Rua uma mensagem, professando para com ele obediência incondicionada como um pai e superior, indicado pelo próprio Dom Bosco como sucessor.²¹⁰

Guardando os restos mortais de Dom Bosco, Valsalice estava ainda mais próxima de Valdocco, onde era mais real e tangível a presença do defunto, vivente em sua obra originária: o Oratório, que falava com suas pedras; também com as pedras das igrejas São Francisco de Sales e Nossa Senhora Auxiliadora; e ainda com as memórias, o espírito e a graça que as envolviam e animavam; mas principalmente com as pessoas que o representavam ao vivo, a partir da figura grave e simples, segura e modesta, devota e confiável do sucessor, reitor-mor intimamente sempre “vigário”, o beato Miguel Rua.

²⁰⁸ BS 12(1888) n. 3, março, p. 34.

²⁰⁹ BS 12(1888) n. 3, março, p. 35.

²¹⁰ BS 12(1888) n. 3, março, p. 50-51.

Capítulo XXXV

INSTANTÂNEOS E VISÃO DE CONJUNTO

Sábado, 26 de maio de 1883, Dom Bosco deixava Paris após pouco menos de um mês de permanência. No trem que o conduzia para Dijon, junto com padre Rua e padre De Barruel, esteve calado um bom tempo. Por fim – relata o interlocutor principal –, “rompe o silêncio e diz ao padre Rua: – Que coisa singular! Tu te recordas da estrada que conduz de Buttigliera aos Becchi? Lá, à direita, há uma colina e sobre ela uma casinha; dos pés da colina até à estrada se estende um prado. Essa mísera casinha era minha habitação e a de minha mãe. Naquele prado eu, menino de 10 anos, levava a pastar duas vacas. Se todos estes senhores soubessem que fazem tanta pompa ao redor de um pobre camponês dos Becchi, hem? Brincadeiras da Providência”.¹

Já nos deparamos com visões e avaliações de conjunto a respeito da personalidade de Dom Bosco em relação a seus dois tempos biográficos: entre os últimos anos da década de 1840 e os primeiros do decênio sucessivo, em especial; e no sexênio entre o final da década de 1870 e os primeiros anos de 1880. Igualmente interessantes foram as muitas evocações avaliativas que se tornaram mais densas a partir de 31 de janeiro de 1888. Ainda que imediatas, essas evocações parecem resultar em muitos casos mais objetivas que as várias reconstruções que se multiplicaram em seguida, sob o influxo de uma hagiografia difusa, que privilegiou mais as interpretações – a maior parte das vezes girando ao redor de acontecimentos particulares não essenciais historicamente – que a enorme documentação disponível sobre sua existência cotidiana extraordinariamente densa de fatos e de idéias. Alguma significatividade também podem apresentar os testemunhos e contra-testemunhos que se sucederam no curso dos processos de beatificação e canonização, obviamente já sensíveis à tradição narrativa salesiana que se estava criando pouco a pouco. Sem dúvida, hoje são possíveis reflexões mais serenas, favorecidas pela separação mais controlada – que não é, por certo, alheamento – do presente longínquo, que, por outro lado, encontra-se agora mais próximo, dado o maior número de informações, de documentações disponíveis, de perspectivas e de contribuições historiográficas que podem nos libertar de mediações fúteis e desviantes.

¹ *Documenti* XXV 284, FdB 1086 A5.

Contudo, isso não significa se afastar das origens que marcaram de modo incancelável a existência de Dom Bosco. Ali se encontram as raízes, que de modo variado determinam o crescimento, a expansão e os resultados, frutos de um feixe de forças interiores exuberantes, que o assistiram na longa navegação sem instrumentos, comumente entre escolhos e tempestades.

1. Traços duradouros dos ecos imediatos na imprensa

As percepções jornalísticas são necessariamente limitadas no tempo e no espaço. Todavia, se encontram muitas vezes mais próximas do real que algumas mitologias posteriores sem tempo e sem história. Aquelas não estão, em vários casos, fechadas no átimo fugaz. Vários jornais, com efeito, positiva ou negativamente tinham seguido os acontecimentos de Dom Bosco e de suas instituições há muitos anos, ou melhor, há várias décadas, entrelaçando notícias de crônica familiar cotidiana com informações sobre acontecimentos mais relevantes, como a projeção missionária, a luta ao redor do ginásio de Valdocco e os ecos de acontecimentos de caráter internacional, como as viagens a Paris e a Frohsdorf.

As próprias acentuações celebrativas e o impacto emotivo a que faziam eco derivavam da sensação de se encontrar diante de um “personagem”, um homem, um padre, exteriormente simples, sem pretensões, mas de grande estatura espiritual, com traços de personalidade de grande relevo. Disso era testemunho evidente suas obras concretas, já difundidas fora da Itália, mesmo além da Europa: os oratórios e patronatos, as escolas profissionais para aprendizes e iniciativas em favor dos jovens trabalhadores, os abrigos, as escolas infantis, elementares, médias e superiores, tanto clássicas como técnicas, a assistência aos imigrantes, as missões, as tipografias e editoras.

Em muitos casos, falta às evocações o sentido histórico, dando-se preferência a evidentes formas de certo provincialismo que ignorava o muito realizado em outros lugares. Por isso, o agente dinâmico e corajoso se tornava, de modo menos realista, pioneiro, precursor, primeiro ator ou único ator. Esquecia-se o que várias vezes se recordou a partir dos primeiros capítulos e na reconstrução biográfica: em nenhum setor Dom Bosco é só e único. Não existe âmbito de atividade ao qual pôs a mão no qual não se tenham intensamente empenhados outros – homens e mulheres, institutos religiosos masculinos e femininos –, com criatividade e paixão não menores, estendendo-se a campos próprios e muitas vezes inéditos.

Precedia todas as evocações jornalísticas, com um primeiro perfil sereno e equilibrado, *L'unità cattolica* de Turim. Esse jornal sempre foi amigo de Dom Bosco e, mais que todos os outros, informado sobre os desenvolvimentos da obra salesiana e seu fundador e promotor. Assim comentava em 1º de fevereiro: Dom Bosco tinha morrido “no beijo do Senhor, a quem tinha servido fielmente no decurso de 72 anos, plenos, pleníssimos de boas obras, uma maior que a outra, e mais santa que a outra”, realizadas “com rara paciência e invencível constância”. “Sua existência foi, com efeito, entre

as mais providenciais, e teve muitos pontos de contato com vidas ilustres, principalmente com a de São Francisco de Sales, santo que ele, com singular devoção, imitou na mansidão, na doçura, na inalterável calma e no zelo contra a heresia”. Vivera, todavia, com o “caráter próprio” da atualidade: foi o apóstolo de nossos tempos”, cujo “pensamento dominante era a “educação da juventude”, trabalhando em seu favor “incansavelmente e de todas as formas: com a palavra, com os escritos, com muitas e variadas instituições”. “Corre a voz – prosseguia – que Dom Bosco tivesse o dom dos milagres, e muitos se contam solidamente provados”: “mas é certo que o maior e insigne milagre foi que ele realizasse tão grande bem com meios aparentemente frágeis”. Listava algumas das realizações prodigiosas: ter movimentado “a caridade pública” “em tempo de tanto egoísmo”; ter conseguido, entre tantas guerras contra as instituições religiosas, “fundar” e propagar com incrível rapidez na Itália, na França, na Espanha, nas Américas, e até entre os selvagens da Patagônia, uma nova ordem religiosa”; ter enriquecido inúmeras dioceses de sacerdotes; ter promovido largamente a boa imprensa; ter multiplicado as igrejas e, em particular, ter edificado a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, “meta de numerosas peregrinações”; pobre, ter deixado “instituições que custaram dezenas de milhões”. Contudo – sublinhava –, ele “passou no mundo como alheio à glória que se lhe manifestava”, nem calúnias, invejas ou perseguições perturbaram “a paz de seu coração”, assistido pela “contínua união em Deus e profundíssima humildade”.²

Pobre de informações, mas, em compensação, rico de excessos retóricos, era o retrato dedicado ao educador de Turim pelo *Osservatore cattolico* de Milão, expoente dos jornais intransigentes, que mais ou menos abertamente pretendiam celebrar em Dom Bosco o insuperável paladino do “ideal católico”. Iniciava: “*Dom Bosco*. Neste simples sobrenome se compendia um apostolado completo, talvez o maior e mais maravilhoso do século XIX”, um “gigante da caridade”; sua morte era “uma desventura mundial”, “um dos mais fatais acontecimentos de 1888”; era nome que resumia “a verdadeira epopéia cristã”.³ *La voce della verità* de Roma, que, com o rígido dom Francesco Nardi, não tinha acompanhado com simpatia a ação mediadora de Dom Bosco na questão dos *Exequatur*, agora apresentava sua vida como uma sequência de “portentos”.⁴ “Verdadeiro herói cristão – definia-o *Il diritto cattolico* de Modena –, atleta da fé, insigne italiano que gastou sua longa carreira em obras de virtude e de caridade, fazendo prodígios e verdadeiros milagres com o auxílio de Deus”. O conservador *Berico* de Vicenza proclamava-o “uma das esplêndidas figuras que a religião católica

² *L'unità cattolica*, n. 26, quarta-feira 1º de fevereiro de 1888, p. 105. O jornal dedicava a Dom Bosco as duas primeiras páginas do dia seguinte, pródigo de informações também nas semanas sucessivas, com a citação, entre outras, de notícias de outros jornais.

³ *L'osservatore cattolico*, 31 de janeiro-1º fevereiro de 1888, n. 25, citado por G. TUNINETTI, “L'immagine di Don Bosco nella stampa torinese (e italiana) del suo tempo”, in: F. TRANIELLO (org.), *Don Bosco nella storia della cultura popolare*, p. 240-241.

⁴ *La voce della verità*, 3 de fevereiro de 1888, n. 28, p. 2.

tornou gigante”. *Il pensiero cattolico* de Gênova prognosticava: “Chegará o tempo (...) em que ele será elevado sobre os altares à semelhança de tantos outros heróis da caridade, e principalmente de são Vicente de Paula”. “Sobre as tumbas dos santos não se chora, invoca-se e se reza”, sentenciava o *Eco di Bergamo*.⁵

Outro importante periódico católico turinense, *Il corriere nazionale*, privilegiava o gênio religioso e pedagógico, inteiramente voltado para a salvação plena da juventude, que se tornava ao mesmo tempo elevação do povo e regeneração social. “Homem dotado em larga mão de verdadeira fé e firme confiança na Providência – escrevia –, esse sacerdote italiano é o exemplo moderno para todo o clero e o laicado católico no modo de dizer e de fazer, em favor da sociedade inteira, por meio da educação da juventude”.⁶

O leigo *Corriere della sera* falava da existência “inteiramente gasta em obras de religião e de caridade”, desejando que também “no campo liberal se pudesse contar com muitos homens que tivessem a mente organizada deveras superior de Dom Bosco, sustentada pela força de vontade e pela perseverança que leva a realizar as empresas mais maravilhosas”.⁷

Também dos jornais moderados e de orientação católica de Barcelona, que há alguns anos se interessavam por Dom Bosco, antes e depois da inesquecível visita de 1886, o *Correo catalano*, a *Revista popular*, *La hormiga de oro* e o *Diario de barcelona*, emergia a figura de um padre de extraordinária riqueza de intuições e de atuações, com traços marcantes: homem de Deus, “pobre e obscuro”, “virtuoso” e venerando, firme na fé e tenaz contra obstáculos e perseguições, e em cumprir a própria missão, “egregio sacerdote vencedor em um cento de batalhas”; “novo apóstolo da caridade”, “novo são Vicente de Paula”, “pai dos pobres”; apóstolo da juventude, “filho do povo e consagrado ao povo”, inteiramente dedicado à educação religiosa e social dos jovens abandonados, “os pobres filhos do povo, aqueles da rua e da praça, os abandonados e desprezados por todos, muitas vezes até mesmo por seus pais”; “para eles edificou, em diversos pontos da Europa, verdadeiros palácios de caridade, nos quais se reunia o zelo mais fino pela educação religiosa dos hóspedes e o aperfeiçoamento das respectivas indústrias, às quais o destinava sua vocação”.⁸ Entre estes eram objeto de particular solicitude os destinados ao trabalho manual nas oficinas de artes e ofícios, os componentes da emergente “classe operária”.⁹ “Amado por Deus e pelos homens”, seu túmulo

⁵ Citados por G. TUNINETTI, “L’immagine di Don Bosco nella stampa torinese”, p. 240-242.

⁶ “Prodigi della carità”, *Il corriere nazionale*, n. 31, 1º de fevereiro de 1888, citado por G. TUNINETTI, *L’immagine di Don Bosco nella stampa torinese*, p. 239.

⁷ *Don Giovanni Bosco e le istituzioni salesiane*, “Il Corriere della sera”, 1-2 fevereiro de 1888, n. 32, citado e comentado por G. TUNINETTI, *L’immagine di Don Bosco nella stampa torinese*, in F. TRANIELLO (org.), *Don Bosco nella storia della cultura popolare*, p. 235-236.

⁸ Cf. R. ALBERDI, *Resonancia de la muerte de Don Bosco en Barcelona*, in “Salesianum” 50 (1888) 211-214.

⁹ R. ALBERDI, *Resonancia de la muerte de Don Bosco en Barcelona*, in “Salesianum” 50 (1888) 190.

era “circundado de glória”, “para todos uma esperança”. Dom Bosco passaria “certamente à posteridade como uma das figuras mais eminentes do século”.¹⁰

A ação de Dom Bosco em favor do mundo do trabalho ganhava particular evidência, não sem algum excesso, na cidade de Dom Bosco, Turim, pela *Voce dell’operario*, semanal das Associações Operárias Católicas. “Em Turim – afirmava –, nenhum homem foi mais popular que Dom Bosco, e especialmente o meio operário tinha verdadeira veneração pelo admirável sacerdote. E com razão, pois Dom Bosco, por um período de mais de cinquenta anos, consagrou ao bem da classe operária sua grande alma, seu terníssimo coração de pai e de apóstolo”.¹¹ Em 23 de setembro de 1888 se reunia em Valsalice a sessão da Gran Madre di Dio da Associação Operária. Celebrava a missa de sufrágio o pároco, assistente eclesialístico da sessão, teólogo Giovanni Battista Piano (1842-1928), aluno do Oratório nos anos 1854-1858, o qual, como se falou, tinha falado em nome dos ex-alunos do Oratório, que tinham corrido na manhã de 24 de junho de 1887 para a tradicional homenagem. Diante do túmulo ele explicava “com palavras vigorosas como Dom Bosco [fosse] um entre os poucos que verdadeiramente compreenderam e souberam desvendar o árduo quesito da questão social, como Ele [tivesse] sempre estado o verdadeiro amigo, o verdadeiro benfeitor do operário”. Recomendava também de se recordar o dito de Dom Bosco: “Um sincero católico não pode deixar de ser honesto operário, leal cidadão, invejável pai de família”.¹²

2. Linhas de um perfil de evocações em honras fúnebres

Encontram-se traços indelévels de seu perfil nas comemorações por ocasião dos ritos funerais. Alguns, em particular, devem-se a personagens que tiveram uma não casual nem superficial partilha de vida com Dom Bosco, que conheciam suas obras e compartilhava suas idéias, e que ao mesmo tempo possuíam uma visão pessoal e avaliação do tempo no qual ele e eles atuavam. Referimo-nos ao cardeal Gaetano Alimonda, aos bispos Tomaso Reggio, Emiliano Manacorda e Donato Velluti Zati, dos duques de São Clemente, e ao cônego Giacinto Ballesio.

O genovês cardeal *Gaetano Alimonda* (1818-1891), já como jovem padre colocou-se na primeira fila para dar vida ao jornalismo católico de sua cidade: *L’armonia* (1848), que se fundia imediatamente com o de Turim, *Il cattolico di Genova* (1849), depois *Il cattolico* (1851), e o *Stendardo cattolico* (1862). Colaborador dos *Annali cattolici* entre

¹⁰ São palavras do diretor da “Revista Popular”, 34 (1988) 100, citado por R. ALBERDI, *Resonancia de la muerte di Don Bosco en Barcelona*, in “Salesianum” 50 (1888) 214.

¹¹ “La morte di Don Bosco”, *La voce dell’operaio*, n. 3, 5 de fevereiro de 1888, p. 2.

¹² “Gli Operai Cattolici della Sezione Gran Madre di Dio in Torino e l’Unione del Coraggio Cattolico alla tomba di Don Bosco”, BS 12(1888) n. 12, dezembro, p. 146-147; reproduz o artigo publicado pela *Voce dell’operaio*, n. 19, 1888.

1863 e 1866, em oposição à linha de Margotti, exortava os católicos a participarem das eleições políticas. Pregador renomado não somente em Gênova, chamado então o “Lacordaire da Itália”, o “novo Bossuet”, ele tratava temáticas que, em clara perspectiva conservadora, eram constante confronto entre a fé católica e as correntes ideológicas e de moral do tempo.¹³ No discurso pronunciado na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, em 1º de março de 1888, no funeral de trigésimo dia, sintetizava em quatro dimensões principais a obra do venerado amigo.¹⁴ O *Boletim Salesiano* considerava que “entre todos os elogios fúnebres” o de Alimonda tivesse “o primeiro lugar” – “tornou-se uma obra de arte” –, pois o orador, “qual insigne pintor ou escultor, soube representar em toda sua beleza o santo homem, que com suas oportuniíssimas obras se agiganta soberano em meio ao século XIX”.¹⁵ De fato, teve traduções em outras línguas, com edições em Nice, Barcelona e Buenos Aires. Dom Bosco – era a tese do cardeal –, movido pela caridade, fez extraordinária obra de evangelização, antes, de divinização de seu século. Quatro grandes paixões marcaram sua ação: a educação e a pedagogia; “a cultura dos operários” e, por meio desta, a criação de uma ordem social melhor com a solução da “questão operária”; a promoção do associacionismo livre e solidário; e a extensão da civilização aos povos que estavam ainda privados na África, Ásia e Oceania. Ele tinha acolhido tudo aquilo que as novas “descobertas pedagógicas” exibiam e as tinha embeuído de fé religiosa, oferecendo à juventude as mais variadas instituições e modalidades de crescimento e de formação.¹⁶ No século do progresso das artes, das profissões e das indústrias, Dom Bosco tinha ensinado a conjugar oração e trabalho, providenciando nos setores mais variados “as máquinas e os aparelhos” mais modernos. A questão operária era superada, antes divinizada, porque o trabalho era entrelaçado com a verdadeira liberdade, garantida pelo sentido religioso da vida, da honestidade e do uso alegre do tempo livre, no qual se harmonizavam “todas as coisas belas, mística, ciência, poesia, som, canto”.¹⁷ A sociedade moderna tinha acreditado encontrar a própria segurança na organização coativa, culminando no exército e na polícia. Dom Bosco, ao contrário, tinha instituído grandes famílias de educadores e de educadoras voluntários, aos quais se ligavam à livre associação dos cooperadores, voltados a criar junto às instituições juvenis uma grande família, graças ao “método preventivo” que aí se praticava: “assim, o movimento que se produz no associacionismo anda tranqüilo e ordenado; não há o violento nem o deletério; e as letras, as artes e as indústrias no seio do associacionismo

¹³ Cf. G. ALIMONDA, *L'uomo sotto la legge del sovrannaturale*, 4 vol. Gênova, Tipografia della Giuventù, 1866-1868; 2ª ed. aumentada, 4 vol., 1881; Id., “I problemi del secolo XIX”. 3 vol., Gênova, Tipografia della Giuventù, 1874-1876; 2ª ed. 1881-1883, 4 vol.. Ver V. “Alimonda Gaetano”, de G. Tuninetti, in: *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia*, vol. III, t. 1. Casale Monferrato, Marietti, 1984, p. 12-13.

¹⁴ “Funerali di trigesima nella Chiesa di Maria Ausiliatrice”, BS 12(1888) n. 5, maio, p. 56-58.

¹⁵ BS 12(1888) n. 4, abril, p. 52.

¹⁶ G. ALIMONDA, *Giovanni Bosco e il suo secolo* Turim, Tipografia Salesiana, 1888, p. 9-20.

¹⁷ G. ALIMONDA, *Giovanni Bosco e il suo secolo*, p. 21-29.

se desenvolvem com harmonioso incremento”.¹⁸ Enfim, Dom Bosco tinha idealizado e realizado o grande salto dos salesianos na Argentina, tornando povos vagantes nas “imensas planícies” da Patagônia participantes dos benefícios da civilização. Destarte, diferentemente dos leigos que iam entre os indígenas “para a troca das mercadorias e para conseguir novas”, Dom Bosco tinha divinizado “a obra da cultura entre as inóspitas estirpes”, para levar paz, salvação, liberdade: não tinha mandado “para escravizar, mas para estender o reino de Deus, com ardoroso amor pela Igreja e inalterável fidelidade ao papa”.¹⁹ Na raiz de tudo resplandecia em clara luz “a virtude íntima e divina que dominava soberanamente em vida o prodígio deste Servo de Deus”, sua “virtude animadora”, “a celeste caridade”, que tudo sofre, crê, espera, sustenta.²⁰

Também tinha participado ativamente das iniciativas jornalísticas genovesas entre os anos 40 e 50 o coetâneo de dom Alimonda, o nobre *Tomaso dos marqueses Reggio*, sucessivamente bispo de Ventimiglia e arcebispo de Gênova, proclamado beato em 2000. Ele tinha levado ao associacionismo juvenil e operário um acentuado ativismo, com mais visível abertura social e política. Com padre Magnasco, futuro arcebispo de Gênova, e os padres Frassinetti e Sturla tinha colaborado, em 1854, na fundação da primeira Sociedade Operária Católica genovesa.²¹ A respeito da característica fundamental de Dom Bosco como padre dos jovens e dos trabalhadores, dom Tomaso Reggio, bispo de Ventimiglia, diocese que hospedava a obra salesiana de Vallecrosia, ousava estabelecer a comparação entre a missão de Dom Bosco e a obra redentora de Cristo, como irá fazer diversas vezes Pio XI nos dias da canonização, em abril de 1934.²² “Nosso Dom Bosco – afirmava no elogio fúnebre realizado na catedral – foi predestinado, desde os séculos eternos, a ser imagem viva de Jesus Redentor. Tal foi na humildade, na mansidão, no ardente amor pelas almas, em tudo”, em particular imitando o Redentor ao dizer: *Sinite parvulus venire ad me*; “foi a palavra saída dos lábios de Jesus. Essa palavra designa igualmente Dom Bosco todo”, “esse é o caráter de Dom Bosco”.²³ Era traço emergente, que o orador evidenciava ainda ao percorrer os momentos importantes de sua biografia, começando do primeiro apostolado nos cárceres: “É esse Dom Bosco o amigo da juventude. Nesta, salvar a sociedade é sua

¹⁸ G. ALIMONDA, *Giovanni Bosco e il suo secolo*, p. 29-43.

¹⁹ G. ALIMONDA, *Giovanni Bosco e il suo secolo*, p. 43-50.

²⁰ G. ALIMONDA, *Giovanni Bosco e il suo secolo*, p. 50-53.

²¹ Cf. o verbete *Reggio Tomaso*, de M. Panico Giuffrida, in: *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia*, vol. III, t. 2. Casale Monferrato, Marietti, 1984, p. 705-706.

²² Cf. p.e. a homilia para a canonização e o discurso à Família Salesiana, respectivamente em 1º e 3 de abril de 1934; D. Bertetto (org.), *Discorsi di Pio XI*. Vol. III. Turim, SEI, 1961, p. 84-87.

²³ *Nelle solenni esequie di trigesima in suffragio del sacerdote D. Giovanni Bosco, fondatore dei salesiani fatte per iniziativa del Rev.mo Capitolo della cattedrale di Ventimiglia il 1º marzo 1888. Orazione letta dal Vescovo Mons. Tommaso de' Marchesi Reggio*. Sampierdarena, Tipografia e Libreria Salesiana, 1888, p. 4.

missão”.²⁴ Sublinhava ainda, mais que os outros oradores, a escolha preventiva. Em sua opinião, o educador piemontês não tinha aderido à pedagogia dominante que, baseada sobre o princípio de que “o mal se deve reprimir, não prevenir”, deixava plena liberdade de expressão às inclinações e aos instintos dos jovens, salvo as censuras que podiam surgir da própria experiência do mal: “que conheça ele o mal e o sufoque, ou corrija-o em seu remorso”. Grande conhecedor da alma juvenil, Dom Bosco pensava diversamente. “Antes que dar a conhecer o mal em sua brutalidade, crie-se no jovem o amor ao bem. Mais que a férrea violência da lei, guie os jovens na persuasão e no doce atrativo da *amorevolezza* [amabilidade]. Para longe qualquer complacência. As forças do corpo, como o vigor da mente, tenham igual desenvolvimento na recreação honesta, na música e na ginástica, coordenadas ao trabalho quer braçal quer intelectual. Antes de tudo se eduque o coração e se infunda sabiamente o sentido de fé e o santo temor de Deus”.²⁵

Natural de Penango, diocese de Casale Monferrato, *Emiliano Manacorda* (1833-1909), tornou-se bispo de Fossano em 1871, não sem alguma influência de Dom Bosco. Esteve em relação com Dom Bosco desde jovem sacerdote, tendo entrado cedo para trabalhar na Cúria Romana. Com o fundador dos salesianos compartilhava a paixão catequética e a persuasão de que a questão social e mais especificamente a questão operária fosse essencialmente problema moral a ser resolvido pela caridade. Não se pretendia esconder as injustiças produzidas pelo progresso, construído sobre o abuso “desumano, cruel, anti-social e anti-cristão” do operário, mas se recusava qualquer proposta revolucionária, considerando-se o socialismo inimigo da religião e da sociedade.²⁶ Segundo dom Manacorda, não se podia contemplar “a vida admirável de Dom Bosco” sem uma dupla série de reflexões: “sobre os desígnios da divina providência que preparava o servo fiel para grandes obras” e “sobre o poder e a eficácia da caridade que fez de Dom Bosco um objeto de maravilha e de veneração profunda em todas as classes e em todas as nações”. Para o présule refratário à “revolução”, Dom Bosco era o dom oferecido por Deus à humanidade como remédio das “aberrações intelectuais” e das “das mais torpes paixões”, da qual se torna receptáculo o século XIX, fruto da “filosofia racionalista” do século precedente: “o mundo moderno foge do olhar para o céu, e os corações não sabem amar a não ser aquilo que se refere aos sentidos”.²⁷ Todo o período de formação do protagonista mostrava-se, nas palavras do orador, “uma verdadeira oficina”, na qual todas as suas faculdades de mente e de coração foram colocadas em ação e harmonicamente coordenadas ao fim supremo, “a glória de Deus na salvação

²⁴ T. REGGIO, *Nelle solenni esequie*, p. 7 e 22.

²⁵ T. REGGIO, *Nelle solenni esequie*, p. 13-15.

²⁶ Cf. verbete *Manacorda Emiliano*, de G. Griseri, in: *Dizionario storico del movimento cattolico in Italia*, vol. III, t. 2, p. 497-498.

²⁷ *Elogio funebre nei solenni funerali di trigesim celebrati il 1º Marzo 1888 in suffragio del compianto sacerdote D. Giovanni Bosco fondatore dei Salesiani letto nella parrocchia del SS. Cuore di Gesù di Roma*, por S. E. Rev.ma Dom Emiliano Manacorda bispo de Fossano, Roma, Tipografia A. Befani, 1888, p. 7-9.

das almas”, primeiramente dos jovens.²⁸ Daí tinham brotado as mais variadas iniciativas. Ele não se perdia, mas tudo dominava. “Dom Bosco era pensamento e amor”, nenhuma maravilha “se tanto poder exercesse sobre o coração e o espírito de qualquer um que dele se aproximasse, mesmo os mais indisciplinados e relutantes”.²⁹ Após ter relembrado em grandes linhas as empresas, os sucessos, as “múltiplas obras, imponentes e dispendiosas”, geradas pela caridade “entre inúmeros obstáculos”, o prêsule dava graças a Deus, que tinha respondido “à apostasia e à perversão de uma parte de seu povo doando à humanidade padre Giovanni Bosco, honra, apóstolo, atleta do século XIX, o qual, fazendo uso de todas as forças de natureza e de graça recebidas, sustentou a luta contra o mal com a coragem digna dos maiores heróis”: era “o prodígio de toda a sua vida”.³⁰

Em tom mais intimista, mas de modo nenhum ideológico, mostrava-se o elevado e rico perfil biográfico delineado por *dom Donato Velluti Zati dos duques de São Clemente* (1845-1927), bispo auxiliar de Florença, no funeral de trigésimo dia, celebrado na Igreja dos Filipinos, em 3 de março de 1888, com a missa pontifical de dom Giuseppe Giusti, bispo de Arezzo. Dom Bosco era “o ilustre apóstolo da juventude e da infância, em nosso século o émulo de Vicente de Paula, de Jerônimo Emiliani, de José de Calasanz, de La Salle, o padre santo plasmado segundo o coração de Deus, o fundador do instituto colocado sob o patrocínio de São Francisco de Sales”.³¹ O orador se sentia “perdido” diante do “trabalho incansável e tão grande desse homem” e das “obras apenas críveis” “de um padre grande benfeitor do gênero humano”.³² A seguir, passava a narrar biograficamente as etapas, parando especialmente nos inícios, o apóstolado nos cárceres e o primeiro oratório.³³ Concluía buscando um perfil espiritual, no qual apenas acenava aos “muitos fatos extraordinários e prodigiosos”, que os remetia ao juízo da Igreja, preferindo individuar os “verdadeiros milagres” que Dom Bosco tinha feito e que continuavam: “todas as casas, todos os oratórios, todos os milhares de meninos salvos, muito dinheiro recolhido por caridade”, enfim, “toda a vida de Dom Bosco” com suas qualidades e sólidas virtudes.³⁴ O juízo sobre Dom Bosco educador era inspirado em sábia liberdade de juízo: “Foi inalcançável na arte de educá-los, inimigo do muito e do pouco como seu celeste patrono, guiando-os pelo caminho do meio, pois só este conduz às virtudes. Foi de idéias largas e de coração magnânimo, inimigo dos pedantismos dos que amam as coisas reguladas sempre pelas coisas regradas”.³⁵

²⁸ E. MANACORDA, *Elogio funebre*, p. 10-14.

²⁹ E. MANACORDA, *Elogio funebre*, p. 20-21.

³⁰ E. MANACORDA, *Elogio funebre*, p. 27.

³¹ D. VELLUTTI di San Clemente, *D. Giovanni Bosco: parole dette nella Chiesa dei Padri dell'Oratorio di Firenze*. Florença, Libreria Salesiana, 1888, p. 9.

³² D. VELLUTTI di San Clemente, *D. Giovanni Bosco*, p. 11-12.

³³ D. VELLUTTI di San Clemente, *D. Giovanni Bosco*, p. 12-32.

³⁴ D. VELLUTTI di San Clemente, *D. Giovanni Bosco*, p. 38-42.

³⁵ D. VELLUTTI di San Clemente, *D. Giovanni Bosco*, p. 40.

Na comemoração realizada por um antigo aluno do oratório, cômego *Giacinto Ballesio* (1842-1917), no rito fúnebre celebrado na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, em 8 de março de 1888, Dom Bosco era representado com forte emotividade como o pai da pequena família da “casa anexa” de Valdocco.³⁶ Dom Bosco foi o homem “que pensa, ama, teme e espera, que fala e age, que se fadiga e se sacrifica pelos filhos que o céu lhe deu”.³⁷ “O que a história não poderá dizer plenamente – precisava –, o que ela não conseguirá fazer bem ou compreender é sua vida íntima, seu sacrifício contínuo, calmo, doce, invencível e heróico, seu conhecimento e o grande amor por nós, seus filhos, e a confiança, a estima, a reverência e o afeto que ele nos inspirava. Além disso, a grande autoridade, a opinião de santo, de douto, que todos nós considerávamos quase como tipo ideal de perfeição moral”.³⁸ Continuava: “Assim Dom Bosco governava o seu, antes, o nosso Oratório: com santo temor de Deus, com amor, com edificação do bom exemplo”.³⁹ Completava: “à piedade religiosa, ao estudo e ao trabalho entre-meava entre nós a alegria”; “Dom Bosco era sua alma. Sua divisa foi *Servite Domino in laetitia*”.⁴⁰ E concluía: “Quem foi afinal Dom Bosco? Ele foi um homem de Deus em nosso meio, homem do bem para todos, mas especialmente para os filhos do povo, e podia bem repetir que *pauperes evangelizantur*”. “Foi mestre e guia em amar a juventude e conduzi-la para o bem”; “foi exemplo de amorevolezza verdadeiramente cristã e em seu governo conosco fugiu do formalismo artificial e do rigorismo, que põe um abismo entre quem manda e quem obedece”. “Amável e expansivo, exercitava a autoridade inspirando respeito, confiança e amor”.⁴¹

3. Nos documentos oficiais das etapas para a canonização

Desde o dia da morte de Dom Bosco soou a palavra “santo”. *Il corriere nazionale* de Turim recolhia a voz do povo que passava junto da esquife e afirmava: “todos os fiéis irão a seu túmulo porque essa tumba se tornará um altar”.⁴² O próprio dom Tomaso Reggio, um mês depois, se perguntaria: Era “lúgubre palavra” ou antes “o panegírico de um santo”, o discurso que estava para pronunciar em sua catedral? “Dom Bosco vive no céu – respondia –, vive na glória eterna, vive em seus filhos, vive em nós

³⁶ BS 12(1888) n. 5, maio, p. 59-60.

³⁷ G. BALLELIO, *Vita intima di Don Bosco nel suo primo oratorio di Torino*. Turim, Tipografia Salesiana, 1888, p. 6-7.

³⁸ G. BALLELIO, *Vita intima di Don Bosco*, p. 9.

³⁹ G. BALLELIO, *Vita intima di Don Bosco*, p. 12.

⁴⁰ G. BALLELIO, *Vita intima di Don Bosco*, p. 14.

⁴¹ G. BALLELIO, *Vita intima di Don Bosco*, p. 19, 21.

⁴² “Prodigi della carità”, *Il corriere nazionale*, n. 31, 1º de fevereiro de 1888, citado por G. TUNINETTI, “L’Imagine di Don Bosco nella stampa turinese”, p. 239.

no exemplo que não se esgota”.⁴³ Ao perguntar de onde seu herói tinha tirado “tanta virtude e poder” para realizar as inúmeras obras de bem, encontrava as raízes na vida interior profunda, revestida de simplicidade. O bispo havia intuído isso quando o tinha visto e ouvido do mesmo lugar do qual agora o comemorava. “Pequeno apenas de estatura – precisava –, seu aspecto relembra o filho de camponês, o agir simples e discreto, o olhar perspicaz, a calma e a palavra ponderada, agradável e jamais privada de tempero, revelava o homem reto, a alma piedosa, o sacerdote de Jesus Cristo. Sacerdote de Jesus Cristo, ele o conheceu acima de tudo e o amou: conheceu e amou nele as criaturas”. Acrescentava uma observação peculiar – semelhante à que fora expressa por dom Velluti Zati a propósito dos fenômenos prodigiosos atribuídos a Dom Bosco, mas que dom Reggio desconhece – e concluía com uma profética canonização: “Se nada de extraordinário se narra em sua vida, então é porque não são os extraordinários dons de Deus revelados que fazem os santos. Veja-se, pois, se não é coisa singular e se não há nada de extraordinário na vida do sacerdote exemplar, ativo e ardoroso: todos os 72 anos consumados no amor de Deus e das almas! Resolve-se o problema: Dom Bosco foi um santo. E que coisa não podem os santos! Nós, nós mesmos aqui o admiramos como santo. Que tal nos parece, uma vez que deste lugar nos tenha dirigido palavras que não nos saem da memória. Parece-me ouvir ainda aquela palavra viva, incisiva, inspirada!”⁴⁴ “Meus filhos, hoje honramos a memória de um grande homem. Amanhã levantaremos uma igreja para um grande santo”, eram também as palavras que concluía a comemoração necrológica feita pelo bispo de Barcelona na Igreja Nossa Senhora de Belém, na tarde de 5 de março de 1888.⁴⁵

Também leigos menos preconceituosos reconheciam, se não a santidade, certamente uma singular superioridade moral de matriz religiosa. Embora não compartilhando o “sistema que tinha por base o ascetismo” praticado em “sua escola filantrópica”, o jornal milanês *L'Italia*, dirigido pelo filo-republicano Dario Papa, reconhecia que Dom Bosco fora “um homem superior, uma vontade de ferro, uma energia de primeira ordem e uma mente vasta e profunda”.⁴⁶ Idênticas reservas e semelhante juízo conclusivo formulava *La Nazione* de Florença: “Poderemos discordar dele nos métodos educativos, mas não poderemos negar-lhe nossa admiração”; Dom Bosco “demonstrou o que pode, mesmo em nosso século, a firme vontade de um padre católico unida à virtude e à verdadeira caridade católica”.⁴⁷

⁴³ T. REGGIO, *Nelle solenni exequie*, p. 3-4.

⁴⁴ T. REGGIO, *Nelle solenni exequie*, p. 23-24. Cf. também E. MANACORDA, *Elogio funebre*, p. 3-4.

⁴⁵ BS 12(1888) n. 5, maio, p. 64; R. ALBERDI, “Resonancia de la muerte”, *Salesianum* 50(1988), p. 208-210.

⁴⁶ “Particolari della vita di Don Bosco”, *L'Italia*, n. 2, 1º-2 de fevereiro, citado por G. TUNINETTI, “L’immagine di Don Bosco nella stampa torinese”, p. 235.

⁴⁷ *La Nazione*, 2 de fevereiro de 1888, citado por G. TUNINETTI, “L’immagine di Don Bosco nella stampa torinese”, p. 237.

É óbvio que no mundo católico e salesiano próximo de Dom Bosco houvesse movimento para que fosse iniciado imediatamente o Processo Informativo Diocesano (1890-1897), primeira etapa da causa de beatificação e canonização.⁴⁸

Com a introdução da causa em Roma pelo procurador apostólico, começava a série de documentos oficiais, que ritmavam as etapas fundamentais, delineando vez por vez o perfil sintético do venerável servo de Deus: heroicidade das virtudes, beatificação, canonização.

Abria a rica seqüência o decreto, assinado por Pio X em 24 de julho de 1907, que instituiu a Comissão para a introdução da causa.⁴⁹

Após vinte anos, como conclusão de um caminho pleno de asperezas, seguindo a Congregação Pré-preparatória, de 20 de junho de 1925, e das duas preparatórias, de 20 de julho e 14 de dezembro de 1926, a Congregação Geral dos Ritos de 8 de fevereiro de 1927, na presença de Pio XI, expressava por unanimidade parecer favorável sobre a heroicidade das virtudes, sancionada pelo papa em 20 de fevereiro.⁵⁰ Em 20 de julho fazia-se a leitura pública do respectivo decreto.⁵¹

Seguia, em 19 de março de 1929 o decreto de aprovação dos dois milagres prévios para a beatificação.⁵² Depois que a Congregação cardinalícia, na presença de Pio XI, em 9 de abril, tinha dado voto favorável para que se pudesse proceder com segurança (*tuto*) à solene beatificação, no domingo, dia 21, o pontífice dava a solene sanção *ex cathedra*, ordenando que fosse tornada pública por força do decreto⁵³ e fosse divulgada a carta apostólica em forma de breve – datada de 2 de junho – sobre a beatificação a ser celebrada o quanto antes na Basílica Vaticana.⁵⁴

Na última fase do processo apostólico era emanado em 19 de novembro de 1933 o decreto de aprovação dos dois milagres exigidos para a canonização.⁵⁵ Duas semanas depois, em 3 de dezembro, tinha-se o decreto *de tuto*, declarando que se podia proceder com segurança à sua pública proclamação.⁵⁶ Em 1º de abril de 1934, dia de Páscoa, antes da santa missa, o papa, *ex cathedra*, declarava Dom Bosco santo, propondo-o à veneração e à imitação da Igreja, e na homília, *infra missam*, delineava aos fiéis os traços principais de sua vida.⁵⁷

Concluía o longo e rigoroso processo – com momentos de particular severidade, reconhecida até pelos próprios documentos – as “Litterae Decretales” *Geminata*

⁴⁸ Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, III 61-110.

⁴⁹ ASS 41 (1908) 641-648.

⁵⁰ P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, III 188-205.

⁵¹ ASS 19(1927), p. 150-153.

⁵² ASS 21(1929), p. 165-167.

⁵³ ASS 21(1929), p. 195-197.

⁵⁴ ASS 21(1929), p. 313-316.

⁵⁵ ASS 26(1934), p. 31-34.

⁵⁶ ASS 26(1934), p. 68-71.

⁵⁷ “In sollemni canonizatione beati Ioanni Bosco”, AAS 26(1934), p. 217-221.

laetitia, de 1º de abril de 1934. Estas reconstruíam todo o caminho que tinha conduzido a acrescentar são João Bosco ao grupo dos santos da catolicidade e a proclamá-lo com autoridade diante da Igreja Universal.⁵⁸

Os documentos são repetitivos nos elementos biográficos essenciais, mas diferentes nos desenvolvimentos e nas acentuações. Eles espelham a historiografia do tempo, retirada sobretudo da documentação recolhida pelo padre Giovanni Battista Lemoyne e em parte refluída nos nove primeiros volumes das *Memórias biográficas*⁵⁹ e resumida nos dois volumes da *Vida do venerável servo de Deus Giovanni Bosco*, de 1911 e de 1913.⁶⁰ A parte certos tons enfáticos esparsos – mas acentuados nas “Litterae Decretales” conclusivas de todo o percurso –, os documentos se caracterizam por notável sobriedade na escolha dos conteúdos e objetividade nas avaliações, embora tendendo a fazer emergir a singularidade da figura de Dom Bosco na Igreja e na sociedade do século XIX. De qualquer modo, o discurso cede ao encomiástico e ao extraordinário muito menos que certa literatura predominantemente de origem salesiana. Estão ausentes, sem dúvida, as formas obsessivas e unilaterais de determinada produção e seus respectivos comentários, baseados em frágeis bases históricas, vindas a lume na proximidade e no curso do primeiro centenário da morte de Dom Bosco.⁶¹

O documento mais desenvolvido e rico de informações obviamente são as conclusivas “Litterae Decretales”, de 1º de abril de 1934. Não obstante, mostra-se mais significativo e decisivo em relação à conclusão do tormentoso itinerário o sintético decreto sobre a heroicidade das virtudes, de 8 de fevereiro de 1927, aprofundado pelo discurso de Pio XI em 20 de julho, coroando a leitura do decreto. A afirmação da superioridade de vida do candidato à canonização, com efeito, tinha sido o resultado do acerto da maturidade humana e cristã plenamente realizada, constituída pela constante prática da fé, esperança e caridade, e garantida pelas sólidas virtudes da temperança, fortaleza, justiça e prudência, bem como de outras a elas relacionadas ou que brotam delas, do modo como Deus quer a realização dos dons de natureza e de graça dispensados para sua maior glória e para o bem do próximo. Portanto, o documento pretendia superar as inúmeras “imputações” movidas contra Dom Bosco no curso do processo apostólico, por vezes com determinação não somente ritual. “Este homem – sancionava o decreto –, empenhado em árduas empresas, sujeito a não poucas dificuldades, atuante entre jovens e adultos das mais diversas índoles, jamais se desviou do exercício das virtudes cristãs,

⁵⁸ ASS 27(1935), p. 281-295.

⁵⁹ G. B. LEMOYNE. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, vol. 1-5, 1898-1905; *Memorie Biografiche del venerabile servo di Dio Don Giovanni Bosco*, vol. 6-9, 1907-1917.

⁶⁰ Cf. padre STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica* III 111-116.

⁶¹ Cf. por exemplo, G. CERONETTI, “Elementi per una Antiagiografia (don Bosco)”, in: Id., *Albergo Italia*, Turim, Einaudi Editori, 1985, 122-133; S. QUINZIO, *Domande sulla santità: Don Bosco, Cafasso, Cottolengo*. Turim, Edizioni Gruppo Abele, 1976; M. L. STRANIERO, *Don Bosco rivelato*. Milão, Camunia, 1987.

antes, as conseguiu em grau elevado, como foi reconhecido e definido após severas discussões canônicas”.⁶² A isso aludia também Pio XI quando não somente se associava ao reconhecimento unânime por parte da Congregação dos Ritos de que Dom Bosco tinha praticado em alto grau todas as virtudes cristãs, teológicas e cardeais a elas relacionadas, mas se referia discretamente à seriedade dos exames, nem sempre irênicos, conduzidos nos anos precedentes por testemunhas, consultores e comissários. O papa se referia a duas categorias de homens que aparecem na história como meteoros: os que “passam aterrorizando em vez de beneficiar”, “como vara de flagelo que castiga povos e soberanos”; e os que, ao contrário, “sendo maiores porque grandes no bem e grandes no amor pela humanidade”, “passam suscitando verdadeira admiração, uma admiração carregada de simpatia, de reconhecimento e de bênção, justamente como o Redentor dos homens, do Homem-Deus, que passava abençoando e fazendoabençoar”. “O Venerável Dom Bosco – prosseguia, sem pôr limites à própria admiração, efeito também de recordações pessoais inesquecíveis – pertence a esta categoria, a esses homens escolhidos em toda a humanidade, a esses colossos de grandeza benéfica. Sua figura facilmente é recomposta se, à análise detalhada e rigorosa de suas virtudes, como foi feita nas precedentes discussões longas e reiteradas, substitui-se pela síntese que as reúne e, de todas as que estão esparsas, reconstitui-lhe a bela e grande figura”.⁶³

Parece oportuno, portanto, colher os traços emergentes dessa síntese nascida dos debates durante os vinte e cinco anos, que se tornam tanto mais persuasivos à medida que se delineavam no confronto com contestações já conhecidas dos que estão familiarizados com sua biografia. As contestações tinham acentuado principalmente o excessivo ativismo, a aparente limitação da vida de oração, a afanosa busca de dinheiro, a dureza e a astúcia em administrá-lo a dano da justiça, a instrumentalização de fatos extraordinários ambíguos, as difíceis relações com os arcebispos Riccardi di Netro e Gastaldí, a dureza de caráter, a incúria na formação de seu pessoal, algumas vezes inadequada, por causa da idade, para a missão educativa.

Os documentos supõem os diversos debates, mas só raramente são eco claro deles. Desenham, em todo caso, uma figura e uma mensagem exemplar para a Igreja e para o mundo – como está nas finalidades das indagações da Congregação dos Ritos –, que são ao mesmo tempo fiéis à concretude histórica. Disso brotam, com efeito, firmes lineamentos, relativos seja ao protagonista, seja ao núcleo central de sua ação – fins, conteúdos, meios e métodos –, isto é, a juventude e as estruturas voltadas a ela, e o estilo de ação que nelas se pratica, seja, enfim, à visão de vida humana e divina que constituem seu horizonte.

1) Relevam, antes de tudo, a humildade das origens de Dom Bosco, a persistente penúria de meios, as muitas dificuldades e contradições, cruz e palco de virtude

⁶² AAS 21(1929), p. 196. Cf. um quadro sintético delas em AAS 21(1929), p. 316.

⁶³ *Discorsi di Pio XI* I 677.

para o grande agente.⁶⁴ Aparece várias vezes a imagem evangélica do “grãozinho de mostarda” que se torna árvore (Mt 13,31-32; Mc 4,31-32).⁶⁵ “Em um período de tempo tão difícil, sacudido pelas agitações de tantos povos e fervilhante de desejos de coisas novas, e com tantas perseguições movidas contra a Igreja, o beato Giovanni Bosco, entre outros homens de vida santa suscitados por Deus, surgiu verdadeiramente *ut gigas ad currendam viam*” (Sl 18,6),⁶⁶ criando obras de excepcional fecundidade em relação a Deus e aos homens, à salvação sobrenatural e ao crescimento social da juventude.⁶⁷ Notou-se porém, intencionalmente, que Dom Bosco “revelava com clareza aos ricos as necessidades e as urgências de modo a suscitar a generosidade, no entanto sem jamais tornar menos livre a vontade deles com pedidos indiscretos”.⁶⁸

2) Em contrário se assinalam a desmesurada grandeza e amplitude do agir e das obras, a partir do oratório inicial, iniciado germinalmente em 1841, até a corajosa aventura das missões estrangeiras:⁶⁹ “uma ação desenvolvida com ingentes fadigas, contrariedades e viagens, que evidenciam uma vida operosa e árdua”,⁷⁰ “uma magnífica obra de educação cristã difundida em breve espaço de tempo no mundo, e ainda vigorosa”.⁷¹

3) É óbvio que se revelem, algumas vezes em igual medida, suas singulares qualidades humanas e as energias interiores de graça provenientes do alto.⁷² Dom Bosco aparece, desde a infância, extraordinariamente fornecido de excelentes dotes humanos,⁷³ cultivados antes de tudo pela mãe excepcional.⁷⁴ O precoce e sempre mais profundo enraizamento em Deus faz dele um padre constantemente inspirado não ao lucro e à fama, mas somente na fé atuante pela caridade, segundo a repetida fórmula: “a glória de Deus e a salvação das almas”, mais propriamente das pessoas, alma e corpo.⁷⁵ A fonte religiosa é quase tangível para quem colheu de perto a interioridade reservada: “Dom Bosco com Deus”, “Dom Bosco está em união com Deus”. “Foi tão insígne no espírito de oração que sua mente estava continuamente unida a Deus, embora pudesse parecer distraída pela multiplicidade dos afazeres”.⁷⁶ Já nos inícios de Valdocco “ele ardia

⁶⁴ AAS 41(1908), p. 646; AAS 19(1927), p. 150, 151; AAS 21(1929), p. 166, 196; AAS 26(1934), p. 32 e 68-69; AAS 27(1935), p. 282 e 283.

⁶⁵ AAS 19(1927), p. 150; AAS 26(1934), p. 31.

⁶⁶ AAS 26(1934), p. 32.

⁶⁷ AAS 21(1929), p. 196.

⁶⁸ AAS 19(1927), p. 151.

⁶⁹ AAS 41(1908), p. 646; AAS 21(1929), p. 166 e 316; AAS 26(1934), p. 70.

⁷⁰ AAS 19(1927), p. 151.

⁷¹ AAS 26(1934), p. 31.

⁷² AAS 21(1929), p. 165-166.

⁷³ AAS 19(1927), p. 151; AAS 21(1929), p. 313; 27(1935), p. 282.

⁷⁴ AAS 41(1908), p. 642; AAS 21(1929), p. 313 e 315; AAS 26(1934), p. 68; 27(1935), p. 282 e 283.

⁷⁵ AAS 21(1929), p. 195 e 316.

⁷⁶ AAS 26(1934), p. 70.

daquela chama divina da caridade” que, por inspiração do Espírito Santo, o conduzia a traduzir em ato as obras prefiguradas no oratório incipiente”:⁷⁷ “o Espírito do Senhor repousava nele”.⁷⁸

4) Deve-se notar que, diferentemente dos discursos então correntes e de certas acen-tuações do próprio Pio XI, entre os documentos oficiais somente dois mencionam as *gratiae gratis datae* – o extraordinário: predições, perscrutações das consciências, curas, visões, e milagres –⁷⁹ e somente um aceno sem compromisso (“*ut fertur*”) é dedicado ao tão divulgado sonho dos 9/10 anos.⁸⁰ Ao invés, no contexto das coisas admiráveis realizadas e pelas indubitáveis virtudes heróicas praticadas, o sobrenatural era colocado em soberana evidência, em seu preciso significado teológico. Pio XI, obviamente, se colocava claramente nessa perspectiva. “Na vida do Servo de Deus – anotava – o sobre-natural tinha quase se tornado natural, o extraordinário, quase ordinário”; “cada ano, cada momento de sua vida foi um milagre, uma série de milagres”. “Quando – prosse-guia – se observa uma quantidade tão grande de bens, pergunta-se: como tudo isso pôde acontecer? E a resposta não pode ser senão esta: é a graça de Deus, é a mão de Deus Onipotente que dispôs tudo isso”.⁸¹

A familiaridade de Dom Bosco com a realidade religiosa encontrava, por fim, parti-cular expressão nas três grandes devoções, sinal de autêntica e clara catolicidade, enten-dida conforme os parâmetros totalizantes dos tempos tanto de Pio IX como de Pio XI: Cristo Salvador e Redentor eucarístico, a Virgem Maria Auxiliadora, a Igreja e o papa.⁸²

5) No centro da atenção dos documentos, seguindo as pegadas de célebres prede-cessores como os santos “José Calasanz, Vicente de Paula, João Batista de la Salle e outros semelhantes”,⁸³ está a firme vontade de Dom Bosco de, apesar das inúmeras dificuldades, se dedicar totalmente aos jovens, sobretudo os periclitantes e os que não tinham qualquer guia, e a tudo o que lhes dizia respeito. Isso emergiu também de nossa evocação biográfica em cada um de seus momentos e expressão. Sob o regime do amor de Deus, Dom Bosco encontra-se inteiro em sua radical e heróica dedicação ao bem também material e terreno dos jovens.⁸⁴

6) Por isso sua obra, tomada com absoluta prioridade na ótica intra-ecclesial como instrumento produtor de “salvação eterna”, é considerada admirável também pela forte atuação social. “Com efeito – advertia com ênfase o decreto *de tuto* para a canoni-zação –, o presciente homem, inspirado por Deus, tinha previsto a importância decisiva

⁷⁷ AAS 26(1934), p. 32.

⁷⁸ AAS 21(1929), p. 314.

⁷⁹ Cf. AAS 21(1929), p. 166; AAS 27(1935), p. 288.

⁸⁰ AAS 27(1935), p. 283.

⁸¹ *Discorsi di Pio XI* II, p. 36-40.

⁸² AAS 21(1929), p. 316; AAS 26(1934), p. 70. Cf. cap. 2, § 2.

⁸³ AAS 41(1908), p. 642.

⁸⁴ AAS 41(1908), p. 644-645; AAS 19(1927), p. 151; AAS 21(1929), p. 165-166, 195-196, 314-315; 26(1934), p. 31-32, 69, 219-220; 27(1935), p. 282-283.

para a preservação de toda a sociedade de se tirar os jovens, sobretudo os afastados do caminho da salvação, de seu esfacelamento. Para a realização dessa obra, dirigiu sua alma generosa com tanta energia ao ponto de ocupar sem dúvida o primeiro lugar entre os educadores da juventude cristã de nosso tempo”.⁸⁵ O decreto, evidentemente, partia de uma visão totalmente negativa do século XIX, no qual – afirmava – “tinham chegado à maturação, particularmente na Itália em prejuízo da Igreja, os frutos do que tinha sido semeado largamente na idade precedente”. Pela misericórdia de Deus, porém, a ele se tinham oposto homens de tão intensa santidade. “Entre estes – continuava – vemos brilhar, pela altura de alma e grandeza de empreendimentos, o beato Giovanni Bosco, o qual, ao longo dos ásperos caminhos dos tempos que corriam no século passado, se elevou como coluna miliar, indicando aos povos o caminho da salvação”.⁸⁶ Semelhantes conceitos, com referência aos erros dos herejes e inovadores e aos sofismas de homens afastados da fé, estavam expressos nas “*Litterae Decretales*”.⁸⁷ Elas procuram igualmente iluminar – com evidente dependência dos discursos de Pio XI – a modernidade das iniciativas de Dom Bosco. “Agudo observador da índole e da mentalidade de seu tempo e prudente estimador das novidades” – sublinhava-se – “não hesitou em transformar em utilidade e crescimento da religião os novos instrumentos e os progressos da cultura humana e civil”. Além disso, “unindo a estrênuo tutela da fé e da moral à caridade e à prudência, seguiu constantemente a regra de atrair a benevolência dos adversários. Dessa forma, nesses tempos turbulentos retirou dos inimigos da fé cristã qualquer especioso pretexto de vingança, evitando misturar a si mesmo e suas instituições com as disputas políticas”. Em síntese, “Dom Bosco foi verdadeiramente mandado por Deus para promover a restauração cristã da sociedade humana, que se tinha afastado da verdade, e conquistou grande benemerência diante da sociedade cristã e civil, enchendo toda a terra com seu nome”.⁸⁸

7) Nesse contexto se encontra também a repetida evocação das dinâmicas associações de homens e de mulheres, organizadas na vida consagrada ou ativas no estado laical, empenhadas no trabalho a favor da juventude: a Sociedade de São Francisco de Sales, o Instituto FMA, a União dos Cooperadores e Cooperadoras Salesianos e a Obra de Maria Auxiliadora para as vocações eclesiais dos adultos.⁸⁹

8) Grande destaque é dado ao método de “educação previdente” como criação de Dom Bosco lançada com originalidade de formas na província pedagógica. “Tendo presente a divina sentença *Initium sapientiae timor Domini* – precisa-se –, Dom Bosco seguiu o método da solicitude previdente, da assistência e da caridade”,⁹⁰ método

⁸⁵ AAS 26(1934), p. 69.

⁸⁶ AAS 26(1934), p. 68.

⁸⁷ AAS 27(1935), p. 286-287.

⁸⁸ *Litterae Decretales*, AAS 27(1935), p. 287-288.

⁸⁹ ASS 41(1908), p. 645-646; AAS 21(1929), p. 166 e 315-316; AAS 26(1934), p. 70; AAS 27(1935), p. 284-285.

⁹⁰ ASS 41(1908), p. 645.

definido ao mesmo tempo novo e derivado de são Felipe Neri.⁹¹ Este teria sido considerado por ele sobretudo como sistema do amor paterno e materno, e foi assim proposto aos educadores e às educadoras, consagrados e leigos.⁹² “Os adolescentes – adverte-se – que encontrava abandonados nas esquinas, atraía-os amorosamente, cheio do espírito de são Francisco de Sales e de são Filipe Neri, e se afeiçoava a eles, distraindo-os com divertimentos e jogos, a ponto de que eles, de todas as partes, acorriam a ele como pai amadíssimo. Para ele, contudo, essa divina caridade estava unida à prudência sobrenatural, de forma a chegar a um método educativo muito aperfeiçoado, traçando na disciplina pedagógica um caminho muito excelente e seguro”.⁹³ Não se deixa de lado, porém, o inseparável núcleo propriamente preventivo: “Quanto à formação moral verdadeira e própria, o método de educação do servo de Deus tendia a impedir o mal com a assídua vigilância, a palavra afável, a mansidão e a caridade: método que ele denominou *método preventivo*. Como se disse, é um método novo com o qual se mudam os corações dos adolescentes por meio da prevenção, antes que pela força da punição”.⁹⁴

9) Toda a vida de Dom Bosco desenvolveu-se sob o sinal da novidade, em perfeita síntese entre divino e humano, que o decreto *de tuto* para a canonização vê adequadamente representada pela sabedoria e pela prudência de IRs 4,29. “Deus lhe deu sabedoria para que, destacado de todos os bens terrenos, fosse unicamente levado a promover a glória de Deus e a salvação das almas. ‘Dai-me almas’, dizia, ‘e fica com todo o resto’. E deu-lhe prudência para escolher para missão tão grande os meios mais idôneos”.⁹⁵ O papa fazia eco dessas palavras na homilia de 1º de abril de 1934: “Inteiramente consagrado a buscar a glória de Deus e a salvação das almas, ele não se concedeu trégua em realizar com temerário ardor aquilo que pensava ser desejado por Deus, jamais distraído pela desconfiança dos outros, percorrendo com ânimo caminhos e métodos que os tempos novos tinham introduzido”.⁹⁶ As exaltações retornam nas “*Litterae Decretales*”. Dom Bosco aí aparece “claríssimo ornamento da Itália e de todo o orbe católico”, “herói de santidade”, “que ficará na lembrança e na bênção nos séculos por tantos e tão grandes benefícios, que ainda hoje presta à sociedade civil e à cristandade mediante sua inumerável progênie espiritual”.⁹⁷

10) A síntese humano-divina, Dom Bosco a assimila dos grandes santos modernos, totalmente centrados em Deus e em igual medida dedicados ao próximo na caridade, em linha com as palavras da Primeira Carta aos Coríntios: são Francisco de Sales com

⁹¹ AAS 21(1929), p. 315.

⁹² AAS 19(1927), p. 152.

⁹³ AAS 26(1934), p. 68.

⁹⁴ *Litterae Decretales*, AAS 27(1935), p. 284, 285-286. Que a tese central da Bula fosse “Dom Bosco, o santo da educação cristã” pretendia demonstrá-lo em um longo artigo D. BERTETTO, “San Giovanni Bosco visto da Pio XI como ‘grande maestro ed eroe dell’educazione cristiana’”, in: R. GIANNATELLI, *Don Bosco: attualità di un magistero pedagogico*. Roma, LAS, 1987, p. 23-113.

⁹⁵ AAS 26(1934), p. 70.

⁹⁶ AAS 26(1934), p. 219.

⁹⁷ AAS 27(1935), p. 281.

seu “humanismo devoto”, são Vicente de Paula como seu êmulo e são Filipe de Neri como imagem viva do *Servite Domino in laetitia*. É normal que Dom Bosco seja várias vezes indicado nos documentos, na mesma linha dos biógrafos enquanto ele estava vivo, como “o novo são Filipe Neri”, o “são Vicente de Paula italiano” ou “do século XIX”.⁹⁸ São esses santos, junto com santo Inácio de Loyola, os mestres de caridade operativa para miríades de homens e mulheres consagrados no século XIX em iniciativas de assistência beneficente e educativa idênticas ou análogas às de Dom Bosco, solidários com ele na espiritualidade e muitas vezes nos métodos.⁹⁹

4. “Modelo admirável de santidade e de trabalho”

No desenvolvimento biográfico vivido, lembrado e aprofundado de Dom Bosco encontrou-se, em primeiro plano, a específica mentalidade religiosa, a espiritualidade. Muitas vezes esta foi expressa com várias fórmulas substancialmente sinônimas: fé e obras, oração e trabalho, contemplação e ação, vida interior e atividade exterior, pensamento na eternidade e empenho terreno. Também Pio XI considerava-se testemunha segura e confiável dessa espiritualidade, não deixando de se comprazer do conhecimento pessoal não superficial do padre turinense e de atestá-lo em diversas ocasiões.¹⁰⁰ Era a credencial com a qual, apenas eleito papa, se apresentava aos salesianos do Instituto Sagrado Coração de Roma: “Estamos, com profunda complacência, entre os mais antigos amigos pessoais do venerável Dom Bosco. Vimos vosso glorioso pai e benfeitor, nós o vimos com nossos olhos. Estivemos coração a coração próximos dele. Existiu entre nós uma intensa e comum troca de idéias, de pensamentos, de considerações”. Dele tinha admirado a dúplici dimensão, “grande gigante e propugnador da educação cristã”, o qual “colocava acima de qualquer glória ser servidor de Jesus Cristo, de sua Igreja e de seu vigário”.¹⁰¹ Por isso o papa não encontrava nele oposição entre trabalho e oração, mas os via intimamente entrelaçadas e mutuamente fecundadas. “Esta foi uma

⁹⁸ Insistia nessa linha, em particular, a imprensa periódica francesa de fevereiro de 1888. Cf. *Courte notice sur Don Bosco et les Oeuvres Salésiennes*. Marselha, Typ. et Lit. Salésiennes, 1896.

⁹⁹ Cf. especialmente cap. 2, § 4-7.

¹⁰⁰ “O santo padre tinha podido ver muito de perto o Beato” (17 de junho de 1932, *Discorsi di Pio XI* II, p. 722; “Ele o tinha podido contemplar agindo e ter a felicidade de aproximar-se dele” (8 de maio de 1934, *Discorsi di Pio XI* III, p. 122); “tivera a graça de conhecê-lo de perto”, “pudera conhecê-lo com uma certa profundidade, tendo assim a fortuna de adquirir um mais íntimo conhecimento, e julgando-o homem de primeira ordem, sob qualquer ponto de vista (15 de maio de 1934. *Discorsi di Pio XI* III, p. 129).

Sobre a imagem de Dom Bosco nas palavras de Pio XI, cf. L. CRIPPA, “Don BOSCO nella stima di Pio XI”, *Salesianum* 37(1975), p. 853-860; Id., “L’imitazione di Don Bosco alla luce del magistero di Pio XI”, *Salesianum* 39(1977), p. 483-496.

¹⁰¹ Aos salesianos do Instituto Sagrado Coração de Roma, 25 de junho de 1922; *Discorsi di Pio XI* I, p. 33-35.

das mais belas características de Dom Bosco, isto é, a de estar presente a tudo, atarefado em uma mole contínua de afazeres, entre um monte de exigências e de consultas, e de ter o espírito sempre além, sempre no alto, onde a serenidade permanecia imperturbável sempre, de tal forma que nele se realizava realmente o grande princípio da vida cristã: *Qui laborat orat*. Essa era e deve permanecer a admiração de seus filhos, assim como foi característica suprema de sua vida”.¹⁰² No discurso de 19 de dezembro de 1933, lançava um olhar unitário sobre o que proximamente seria santo. Antes de tudo, em uma “síntese pessoal” definia-o “magnífica criatura de Deus na ordem natural” e “criatura eleita também na ordem sobrenatural”, que tinha gasto a maior parte de seu tempo “para a atividade e para a ação”, prodigando “uma vontade gigante, indômita e indomável, como não foi domada por tanta quantidade de obras e de extraordinário trabalho!”. Não obstante, a chave verdadeira de todo esse magnífico mistério” era “sua aspiração pessoal, antes, a contínua oração a Deus – pois incessante foi sua oração e sua contínua conversação com Deus, e nele tornou-se verdadeira a máxima *Qui laborat orat*, uma vez que identificava justamente o trabalho com a oração – e a sintetizou na constante invocação: *Da mihi animas, caetara tolle*: as almas, sempre, a busca das almas, o amor das almas”.¹⁰³ O pontífice tinha-se sentido fortemente atraído pela operosidade concreta, moderna e “ciclópica” do padre subalpino e pelas profundas forças interiores, de natureza e de graça, que dele brotavam. O papa viu nele “um modelo de santidade e de trabalho, um grande, um excepcional trabalhador”,¹⁰⁴ um “grande amigo de Deus e operário da fé”,¹⁰⁵ merecedor “não somente diante de Deus, mas diante dos homens”.¹⁰⁶ Assim foi porque, como indicava o papa, sua indefessa ação tinha como única finalidade a salvação, em comunhão de vontade e de sentimento com Cristo Redentor. “O amor a Jesus Cristo – explicava, na terça-feira, 3 de abril de 1934, à Família Salesiana –, a Jesus Cristo Redentor” fora o primeiro dos três “segredos dominantes de toda a sua vida”: os outros eram a Mãe de Deus e a Igreja. Ele tinha revelado isso “com a palavra de ordem: *Da mihi animas*”. “Eis – prosseguia – um amor que se encontra na meditação contínua e ininterrupta do que são as almas, não considerando-as em si mesmas, mas do que são no pensamento, na obra, no sangue e na morte do Divino Redentor”. O *Da mihi animas* era “expressão de seu amor pelo Redentor, em que, por felicíssima necessidade de coisas, o amor ao próximo se torna amor ao Divino Redentor, e o amor ao Redentor se torna amor às almas redimidas”.¹⁰⁷

Na verdade, esse era o coração de uma espiritualidade toda centrada na *busca da*

¹⁰² Após a leitura do decreto sobre a heroicidade das virtudes, 20 de fevereiro de 1927; *Discorsi di Pio XI I*, p. 677 e 679.

¹⁰³ *Discorsi di Pio XI II* 1005-1009. Cf. ainda *Discorsi di Pio XI III*, p. 35 e 46

¹⁰⁴ Aos dirigentes da “Magneti Marelli”, 28 de janeiro de 1933; *Discorsi di Pio XI II*, p. 814.

¹⁰⁵ A grupos de fiéis, entre os quais jovens do Instituto Pio XI de Roma, 25 de maio de 1838; *Discorsi di Pio XI III*, p. 747.

¹⁰⁶ Aos bancários, 3 de novembro de 1929; *Discorsi di Pio XI II*, p. 195.

¹⁰⁷ *Discorsi di Pio XI III*, p. 87-88.

glória de Deus e da salvação das almas [= “pessoas”, Gn 14,21], fórmula recorrente inúmeras vezes nos escritos de Dom Bosco, desse “homem de Deus” que vivenciou a ação em “contínuo estado de oração”, a fé filial atuante na caridade de quem via no rosto do próximo, sobretudo do jovem pobre e abandonado, o rosto de Jesus de Nazaré, Filho de Deus. Não era outra coisa que a perene experiência do duplo e único mandamento evangélico do amor a Deus e ao próximo, que Dom Bosco tinha assimilado no seminário pastoral desejado por Chiaveroti, acentuado no Convitto de Guala e de Cafasso, então permeado de espírito liguoriano e inaciano, e refinado com toques novos no encontro com Francisco de Sales apóstolo no Chiabese.

Como sabemos, era essa a espiritualidade que atravessava todo o século XIX,¹⁰⁸ síntese imediatamente percebida e subinhada por historiadores e teóricos, em particular com relação a Dom Bosco, excepcional agente. Segundo eles, em Dom Bosco “verifica-se a *perfeição da caridade*, necessária para todo apostolado”, a ponto de “*induzi-lo também à divina contemplação (...) para servir a Deus na salvação do próximo*”; portanto, homem “de prodigiosa atividade em toda obra do bem”, homem “de altíssima contemplação”: “homem de Deus” no pleno sentido da palavra”.¹⁰⁹ Dom Bosco é o “emblema do santo de talho moderno”, cuja “forma de santidade adere às mais claras e insuprimíveis urgências de nossa existência cotidiana”; “a missão de Dom Bosco foi totalmente social”; “seu temperamento era todo concretude e praticidade, aderente às exigências da vida social”. “Portanto, a sua foi espiritualidade feita de impulsos ordenados à ação e de incitamentos dirigidos à realização concreta do Reino de Cristo”, “*para a glória de Deus*”: “Dom Bosco era um contemplativo operante”.¹¹⁰ Ora, os tempos mudaram – pregava o próprio Dom Bosco –. Portanto, além de rezar com todo fervor, convém trabalhar, e trabalhar incansavelmente, se não queremos assistir à completa ruína da presente geração”.¹¹¹ Sendo crente ou não, quem se encontra com esse “poderoso e extraordinário gênio do bem”, “não poderá separar estas duas idéias que se encarnam nele, nem ocultar um dos dois aspectos: o homem do cristianismo, ou seja o santo, e o homem da ação poderosa e vastamente inovadora na educação e na caridade”.¹¹² Nele “a vida interior está toda centralizada sobre a vida exterior e, se poderia mesmo dizer, reforçada pela vida exterior. Assim, os gestos de sua vida, os mais variados e simples, mas realizados com a perfeição da caridade, são outros tantos gestos de *adoração*, que constituem o essencial do que se poderia definir como a liturgia dos homens de ação”.¹¹³ O Espírito de Deus – nota um teólogo de nossos dias – “pode elevar à mais alta contemplação aqueles que, em força da caridade, estão imersos no serviço

¹⁰⁸ Cf. cap. 2, § 7.

¹⁰⁹ C. PERA, *I doni dello Spirito Santo nell'anima del beato Giovanni Bosco*, p. 57.

¹¹⁰ A. PORTALUPPI, “La Spiritualità di Don Bosco”, *La Scuola Cattolica* 58(1930), p. 24-26.

¹¹¹ Conferência aos cooperadores em San Benigno Canavese, em 4 de junho de 1880; BS 4(1880) n. 7, julho, p. 12.

¹¹² A. CAVIGLIA, “*Don Bosco*”: *profilo storico*. Turim, SEI, 1934, p. 10.

¹¹³ P. CRAS, “La spiritualité d’un homme d’action: saint Jean Bosco”, *La Vie Spirituelle*, 20(1938), t. 44, p. 287-288.

do próximo nos mais extenuantes empenhos da vida ativa (...). Quem poderia duvidar do alto grau de contemplação a que chegaram santa Catarina de Sena, são Vicente de Paula, o Cura d' Ars, são João Bosco, para citar somente alguns deles".¹¹⁴

5. Nem promotor da indústria nem operador de milagres

Se a objetiva análise histórica do cotidiano, na maior parte – Dom Bosco concedia poucas horas ao sono –, obriga a negar qualquer dualismo entre os dois termos da síntese, muito menos permite que sejam levados ao extremo. Grande trabalhador, Dom Bosco não tem nenhum projeto industrial, nem sua religiosidade, ensinada e proposta para a prática dos jovens, jamais saiu dos limites assinalados pelo Catecismo Católico e pelos manuais de práticas de piedade correntes, para alimentar-se dos escritos dos grandes mestres da espiritualidade. As obras juvenis e as instituições religiosas de suporte – Sociedade de São Francisco de Sales, Instituto FMA, União dos Cooperadores – nasceram artesanalmente e permaneceram tais na organização e no funcionamento. As oficinas profissionais não estavam predispostas para alavancar a fábrica da grande indústria, mas levadas ao nível mais idôneo para dar formação digna aos jovens, os quais, sem ela, permaneceriam sem cultura e sem profissão, ignorados quer pelos ideólogos da questão operária, não muitos nem adiantados entre os católicos italianos do tempo de Dom Bosco, quer pelos detentores do poder e do sistema escolar oficial. Essas oficinas tinham valor histórico e intrínseco próprio, ao lado da “história paleo-capitalista”,¹¹⁵ e o “santo da caridade” que as promove é de direito e de fato “santo social”, sem envolvimento direto nos fenômenos de industrialização e de capitalismo. Não obstante, as iniciativas de formação profissional não permaneciam estranhas a esses fenômenos, e tanto menos a eles se contrapunham. Com efeito, visavam criar nos jovens habilidades e mentalidade específicas de caráter técnico, que eram intencionalmente profissionais e, ao mesmo tempo, estruturalmente disponíveis a qualificações válidas no mundo da indústria.¹¹⁶ De fato, muitos ex-alunos podiam inserir-se nesse mundo com facilidade.

Menos ainda, para realizar os espaços e os instrumentos de educador, Dom Bosco entregou-se aos sonhos e ao extraordinário, nem nunca aparece atravessado por insólitos tumultos exteriores ou ânsias de pânico.¹¹⁷ Ele se apoiava, por certo, em todas as fontes da fé no sobrenatural e igualmente no extraordinário, que compartilhava com

¹¹⁴ J.-H. NICOLAS, *Contemplazione e vita contemplativa nel Cristianesimo*. Città del Vaticano, Libr. Editrice Vaticana, 1990, p. 279 (cf. também p. 38-39, 313-314). Cf. M.-D. CHENU, *St. Thomas d'Aquin et la théologie*. Paris, Éditions du Seuil, 1970, p. 54-65.

¹¹⁵ Cf. S. QUINZIO, *Domande sulla santità*, p. 86-87.

¹¹⁶ Cf. *Deliberazioni del Terzo e Quarto Capitolo Generale*, p. 20-21 (“Dei giovani artigiani, Indirizzo intellettuale e Indirizzo professionali”).

¹¹⁷ Cf. G. CERONETTI, “Elementi per una Agiografia”, in: Id., *Albergo Italia*, p. 124-125.

tantos outros fiéis, como prerrogativa da Igreja católica: acreditava na intercessão da Virgem Maria e dos santos, sugeria orações apropriadas para obter graças especiais, dava bênçãos, distribuía medalhas bentas, aconselhava o exercício da caridade propiciadora de graças. De modo semelhante podia, em certa medida, dar certo crédito aos sonhos premonitores, ser indulgente com a perscrutação das consciências, ousar previsões do futuro, propiciar curas com a oração e as bênçãos. Ele acreditava firmemente, como católico, que o prodigioso encontrava-se em casa na Igreja católica e, portanto, considerava lícito seu largo uso pedagógico, embora expandindo-o, alguma vez, talvez mais do que necessário. Contudo, conforme afirmação sua, teria cometido “erro danoso” quem tivesse falado ou escrito dele como operador de milagres.¹¹⁸ Tudo vinha do alto e subordinado à misteriosa vontade de Deus. Homem de fé límpida e adaman-tina, quis ser simplesmente o padre que, no interior da Igreja, sacramento universal da salvação, fazia-se mediador, simples causa instrumental, entre a humanidade que sofre e o mistério que se expressa também nas “graças”, mas que não se encontravam sob seu poder, e sim todas somente de Deus. Esse tipo de mediação era, no entanto, completamente secundária em relação à que exercitava com paixão e continuidade como padre católico através da dispensação da Palavra de Deus, da administração dos sacramentos – sobretudo da penitência – e da celebração da missa, segundo o princípio teológico e pastoral que marcava então com absoluta prioridade as formidáveis responsabilidades do padre: “o padre não vai sozinho para o céu nem vai sozinho para o inferno: se faz o bem, irá para o céu com as almas por ele salvas com seu bom exemplo; se faz o mal, se dá escândalo, irá para a perdição com as almas condenadas por causa de seu escândalo”. Respondendo, em 24 de junho de 1883, às palavras elogiosas que lhe foram dirigidas em um encontro de ex-alunos, por ele consideradas “uma licença perdoável” a filhos que costumam usar mais o coração que a mente ao exteriorizar os próprios sentimentos, declarava: “Recordai sempre que Dom Bosco não foi e não é outra coisa que um mísero instrumento nas mãos de um artista habilíssimo, antes, do artista sapien-tíssimo e onipotente que é Deus”.¹¹⁹

Por isso Dom Bosco está longe de qualquer forma de quietismo e de fatalismo. Da parte da causalidade humana, além do invocar e do rezar, urgia “agir intensamente”. É por isso que muitas vezes se percebe nele grande entrega até à doença, o que não impede, antes, torna ainda mais evidente a calma reflexiva, a serena oração de confiança, a solar invocação a Deus e à Virgem Mãe, a alegria de trabalhar para o advento de seu reino. O *Servite Domino in laetitia* era sincero e sem reservas – salvas algumas exorbitações de atenção à morte, mais familiar naquele tempo que hoje –, compartilhado pela grande maioria dos jovens e dos adultos que imitavam sua fé e seu estilo de vida espiritual.

De tudo, jamais estava separada a cruz, não como sobre-estrutura, mas como

¹¹⁸ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 103.

¹¹⁹ BS 7(1883) n. 8, agosto de 1883, p. 127.

exigência vital de uma existência extremamente séria. Não era objeto de busca masoquista, mas simples resultado do indissolúvel conúbio entre flamejante caridade e trabalho ininterrupto.¹²⁰ Pio XI chegou a individuar nisso as razões para colocar Dom Bosco entre os *mártires*.¹²¹ “Eis – declarava – uma vida que foi verdadeiro, próprio e grande mártir; uma vida de trabalho colossal que dava sensação de opressão só em vê-lo, o servo de Deus”.¹²² Dom Bosco – insistia em 4 de abril de 1934 – “foi verdadeiro mártir de sua benéfica caridade, que é a caridade da Igreja. Homem a quem não foram economizadas dificuldades e obstáculos de toda sorte, mas que se mostrava sempre confiante e tranqüilo, porque sabia, e sempre declarava isso, estar trabalhando para Deus, e sabia que Deus estava sempre com ele”.¹²³ Entre as cruces, certamente mais pesadas foram as íntimas, profundas e inexprimidas, menos lembradas pelos panegíricos jubilares: as preciosas colaborações e amizades insanavelmente queimadas (dom Moreno e dom Gastaldi) com o sofrimento íntimo de não poder nem saber restabelecer os liames, “conquistar ou reconquistar os corações” com o método capital de sua pedagogia preventiva: razão, religião, *amorevolezza*; as separações dolorosas e não compreendidas (Oreglia di Santo Stefano, beato Luigi Guanella); as defecções de vocações promissoras e os fracassos educativos; o último encontro com Pio IX, que não aconteceu; “as dores morais”, a que faz menção nos últimos anos padre Cerruti, como a inação, a solidão e também a sensação da inelutável inutilidade.

6. A arauto na sociedade civil e religiosa da centralidade da idade que cresce

Padre de formação indubitavelmente tradicional, cafassiana, Dom Bosco vai além nas intuições e nas obras, revelando-se susceptível das mais variadas qualificações, em diversos modos legítimas: apóstolo da juventude, inovador do oratório e do sistema preventivo, organizador dinâmico de obras juvenis e de institutos religiosos a ele consagrados, catalizador habilidoso de energias humanas e materiais para potencializar e estender suas obras, escritor popular e editor, promotor de acordos entre o mundo religioso e civil, sonhador realista. Outras qualificações, como “o divinizador do século XIX”, o solucionador da “questão social”, o maior educador ou pedagogo de seu século, mostram-se decisivamente excessivas. Viu-se que todas – em particular as relativas à assistência e ao cuidado da juventude – são por ele compartilhadas com inúmeras personagens, homens e mulheres, eclesiais e leigos, e com as mais variadas insti-

¹²⁰ Não parece justificado criar antíteses entre realidade historicamente indivisível, como se encontra em S. QUINZIO, *Domande sulla santità*, p. 85-87.

¹²¹ Falava assim em 3 de dezembro de 1933, por ocasião da leitura do decreto *de tuto* para a canonização, além de Dom Bosco, de três mártires jesuítas.

¹²² *Discorsi di Pio XI II*, p. 1040.

¹²³ À juventude católica alemã, *Discorsi di Pio XI III*, p. 93.

tuições que povoaram, mais que outros, o século XIX. Por isso, ao se falar dele não se exclui ninguém, e ao se acentuar como mérito seu alguma angulatura particular não se desvalorizam as de outros, até superiores nos respectivos espaços e modos de ação.

Indubitavelmente, ele é um apóstolo apaixonado da educação juvenil. Com sincera admiração, Pio XI o propôs a várias categorias de ouvintes: “Nós o vimos esse gigante e propugnador da educação cristã”;¹²⁴ “um guia de montanhas espirituais que conduziu às grandes alturas da vida cristã, da santificação do trabalho e da santidade da vida, milhões de jovens”;¹²⁵ “grande amigo da primeira idade e juventude”, “o grande mestre que bem se pode dizer herói da educação cristã, viva, verdadeira, lidimamente cristã”.¹²⁶ De qualquer forma, à parte as explicáveis exuberâncias, entre as dimensões essenciais da personalidade e da obra que estão na raiz das concretas realizações, uma parece dominante sobre todas as outras. Com seu ponderado ativismo, auxiliado por notáveis capacidades comunicativas – a presença pessoal, as obras, as iniciativas de suporte, a ampla rede de relações em todos os níveis, a imprensa, as viagens –, mostrou-se mestre em impor à opinião pública, para mais de um país ou continente, *o problema dos jovens*, especialmente os pobres e abandonados. E como ao conceito de pobreza e de abandono foi por ele atribuído um significado sempre mais vasto dentro do tecido social em rápida evolução, Dom Bosco projetou eficazmente a inteira gama dos aspectos do problema juvenil: dos *pessoais* (a subsistência, a cultura, a profissão, a moralidade e a fé religiosa, que deviam ser garantidos em relação a uma sociedade ausente ou inadequada) aos *sociais* (a desocupação, a vagabundagem, a desqualificação profissional e, portanto, a periculosidade para a ordem constituída). A juventude, “perigosa” na sociedade arcáica e em crise, ou “periclitante” na sociedade subvertida, tornava-se, nessa ótica, uma realidade ao mesmo tempo problemática e rica de futuro, da qual todos os adultos deviam ter responsabilidade: a hierarquia eclesiástica em todos os seus graus, qualquer fiel consciente das exigências e das forças da fé, políticos e autoridades civis, homens de finança e empreendedores, chefes de família, professores, empregadores, jornalistas, leigos e leigas de todas as condições sociais. Os meninos e meninas, os rapazes e as garotas – de quem se ocupavam diretamente os dois institutos religiosos fundados por Dom Bosco –, podiam ser percebidos, em amplos espaços, como representantes do universo juvenil, sem distinção de idade ou de condições psicológicas e sociais. De fato, em qualquer lugar, inclusive nas tribunas privilegiadas de Paris e de Barcelona, Dom Bosco proclamava que o futuro da sociedade, civil e religiosa dependia da juventude. No mundo adulto, sem teorizações formais, via a juventude desconhecida, desvalorizada, abandonada em suas explosivas virtualidades ambivalentes. Ele a quis no centro da atenção e como protagonista.

A mensagem de salvação plena da juventude se desenvolveu com especial paixão

¹²⁴ Aos salesianos do Instituto Sagrado Coração de Roma, 25 de junho de 1922; *Discorsi di Pio XI I*, p. 33.

¹²⁵ Aos guias alpinos, 16 de novembro de 1929; *Discorsi di Pio XI II*, p. 201.

¹²⁶ Aos jovens católicos romanos, 26 de março de 1930; *Discorsi di Pio XI II*, p. 272-273.

até o final da vida dirigida ao inteiro mundo da pobreza e do sofrimento. Esse mundo era muito mais vasto que as obras, notáveis mas fortemente limitadas em número e extensão, que Dom Bosco tinha conseguido realizar. Ele o transmitia aos salesianos que iam para a América e a toda a Sociedade antes de ir para a eternidade. Uma das “Lembranças” que confiava aos primeiros, assim soava: “Tomai cuidado especial dos doentes, das crianças, dos velhos e dos pobres, e ganhareis a bênção de Deus e a benevolência dos homens”.¹²⁷ A todos os salesianos deixava como testamento nas *Memórias desde 1841*: “O mundo nos receberá sempre com prazer enquanto nossas solitudes forem dirigidas aos selvagens, às crianças mais pobres, mais periclitantes da sociedade. Essa é para nós a verdadeira ação que ninguém invejará e ninguém nos tirará”.¹²⁸

7. O sistema preventivo como forma de vida e de relações interpessoais

A missão juvenil, segundo Dom Bosco, não somente solicitava nova função dos adultos na sociedade e nos processos formativos das novas gerações, mas exigia igualmente sensível mudança de relações com o recíproco enriquecimento de ambas as forças em campo. Trata-se da dimensão histórica de seu outro grande legado: o sistema preventivo. É sabido que Dom Bosco não o inventou em nenhuma das versões mais conhecidas de seu tempo – pastoral, educativa, correcional, social, demográfica, política –, mas que o retomou em parte da longa tradição cristã. É, porém, indiscutível que, em sua ação assistencial entre os jovens e o povo, ele o tenha plasmado novamente, inovado e enriquecido, relançando-o, enfim, também literariamente. O enriquecimento aconteceu, antes de tudo, em base à vasta gama dos fins a serem conseguidos e dos conteúdos a serem comunicados, graças às mais articuladas forças por ele intuídas na idade em crescimento e, portanto, da variação das atitudes, dos meios e dos modos de relação com ela. Ele modificava também o modo de ser e de agir dos agentes, individualmente e em comunidade, e de sua convivência entre os jovens e na sociedade. Nasceu daí um particular *estilo de encontro com a idade juvenil*, que a certo ponto Dom Bosco pensou poder traduzir em fórmulas e em estruturas conceituais que chamou “sistema”, mais prático-operativo que teórico. A finalidade era formar “honestos cidadãos e bons cristãos”, mas isso devia ser conseguido com novidade e genialidade de modalidades e de percursos, mesmo no uso dos meios tradicionais, religiosos e profanos. Mais que nas palavras ditas ou escritas, ele se tinha forjado e continuava a sê-lo na experiência vivida das instituições por ele desejadas, tanto masculinas como femininas.¹²⁹ Transformando as relações com os jovens, o “sistema” plasmava de novo também todas as relações

¹²⁷ J. BORREGO, *Recuerdos de San Juan Bosco a los primeros misioneros*, p. 207.

¹²⁸ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 127.

¹²⁹ Cf. P. BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore*, p. 6-9, 12-13.

com os benfeitores das instituições juvenis, os cooperadores, as autoridades civis e religiosas e, em geral, todo o mundo das relações interpessoais no interior e no exterior dos espaços assistenciais e pedagógicos. Assim Dom Bosco acabava por definir um novo estilo de convivência e de interação social em todas as suas formas.

Naturalmente, a pouca sistematicidade deu origem às mais variadas traduções e avaliações segundo as diferentes idades e categorias dos jovens, e às respectivas instituições, espaços geográficos e culturas.¹³⁰ Por isso o sistema preventivo foi e continua sendo objeto de múltiplas leituras práticas e teóricas, que bebem do frescor e da riqueza das origens e o encontram plenamente disponível à mudança dos tempos e dos contextos. Albert Kriekemans projetava, no quadro amplo da pedagogia geral, as sugestões que o sistema educativo vivido na obra de Dom Bosco oferece, dentro do alvéolo da mais pura fé cristã, à *formação humana* da juventude e aos três níveis fundamentais: a instrução em ordem à competência profissional, a formação humana e a aquisição do gosto entendido como disposição moral compreensiva em relação à realidade total. Torna-se determinante a função do educador que sabe verdadeiramente amar. O jovem entra no ciclo: recebe amor forte e desinteressado, e se sente amado; abre-se por sua vez e a ele responde.¹³¹ Raymond Buyse, da Universidade de Louvain como Albert Kriekemans, falava da *Obra de Dom Bosco como resposta às necessidades da criança e da sociedade contemporânea*, individuando no sistema preventivo de Dom Bosco, síntese de bom senso e de sabedoria, as melhores aquisições da pedagogia hodierna: as relações afetivas entre o educador, pai irmão e amigo, e o aluno; o ambiente educativo ativo e alegre; o valor da liberdade, da ação, do trabalho e da alegria; as atividades de tempo livre; a personalização do tratamento educativo; a educação integral representada pelo trinômio “razão, religião, cordialidade”, ou estudo, oração e atividades comuns.¹³²

Assistemática e cheia de potencialidades ilimitadas, a experiência pedagógica do sistema preventivo proposta por Dom Bosco oferece critérios seguros de método para a permanente inovação, da qual se escreveu com autoridade em anos recentes a propósito de “nova evangelização”, “nova educação”, “novo sistema preventivo”. Este é realmente “sistema aberto”.¹³³

8. Pleno envolvimento de forças disponíveis

Era tarefa desmesurada, que nos sonhos de Dom Bosco – mais diurnos que noturnos, como se viu –, não se restringia a pequenos grupos de elite; estava presente antes de tudo toda a constelação de jovens, a “multidão”, os muitos. Exigia, portanto, a *mobilização*

¹³⁰ Cf. P. STELLA, *Juan Bosco en la historia de la educación*, Madrid, Editorial CCS, 1996.

¹³¹ *Congrès National et International de l'Union des Coopérateurs Salésiens et des Compagnies de la Jeunesse Salésienne*, Junho de 1958. Woluwe – St. Pierre, Centrale Don Bosco, 1959, p. 72-85.

¹³² *Congrès National et International*, p. 45-57.

¹³³ Cf. P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere*, p. 391-404 (“Restaurar”, reinventar, reconstruir).

geral das forças disponíveis. Tratava-se, antes de tudo, das forças internas à Igreja, desde o papa até o último fiel; mas também do mundo dos homens e das mulheres de boa vontade, incluindo os não-crentes, preocupados com o presente da geração em crescimento e com seu futuro e o da sociedade. A ação, o “trabalhar intensamente”, é distintivo da vida pessoal de Dom Bosco, que sabe transmitir com idêntica paixão a seus institutos religiosos, aos cooperadores e cooperadoras, e a todos os militantes, sob a insígnia do *vis unita fortior*. Por isso ele não considerava humilhante o ininterrupto pedir nem a indiscreta e insistente publicidade. Em fevereiro de 1911, no Processo Apostólico, padre Paulo Albera convidava a interpretar esses gestos no contexto da busca geral do bem possível: “Certamente não faltaram os que criticaram o agir do venerável e a publicidade que se dava às suas obras, mas não sei se alguém tenha jamais duvidado da pureza de suas intenções ou da santidade de sua vida”,¹³⁴ e acrescentaremos, da vastidade das necessidades e da pressão das urgências.

Certamente ele não seguia dia a dia as críticas ou sarcasmos – por exemplo, do turinense *Il fischietto* – sobre sua mobilização em busca de meios financeiros para iniciar novas obras, para sustentar e desenvolver as existentes, para pagar os débitos. Mas alguma repercussão poderia chegar até ele. A própria *Gazzetta piemontese*, por ocasião da morte do grande pedinte, escrevia de “um vivo contraste de apreciações e opostos juízos”: “o de benfeitor insigne e genial e o de padre de visão e provador”, inspirado no princípio maquiavélico de que “o fim justifica os meios”. Concluía, no entanto, com uma absolvição geral: “Ser-lhe-á muito perdoado, porque fez muito bem”, “um homem que trabalhou, que lutou e que fez o bem durante toda a sua vida”.¹³⁵

Nessas e noutras contingências Dom Bosco seguia um princípio caseiro bem simples, “Laetari et benefacere e lasciar cantar le passere” [Alegrar-se e bem realizar, e deixar os pássaros cantar], antídoto eficaz contra estereis críticas, fáceis para quem estava de fora da situação: fazer a maior propaganda para as próprias obras, obscurecendo a de outros, ou bater excessivamente sobre os benfeitores, ou de assumir com desenvoltura variedades de métodos. A sua era contínua navegação entre os escolhos para evitar naufrágios: letras de câmbio vencidas, débitos, recusa de subsídios. Nas últimas *Memórias* fazia este apelo: “Quanto a mim, pois, recomendo que se não se decantem os débitos deixados pelo reitor-mor defunto. Isso daria a conhecer [= poderia fazer pensar em] uma má administração dos administradores e do próprio superior; e acabaria ocasionando alguma desconfiança na opinião pública”.¹³⁶ Premido do primeiro

¹³⁴ *Copia Publica Transumpti Processus Apostolica Auctoritate constructi in Curia Ecclesiastica Taurinensi super fama sanctitatis vitae, virtutum et miraculorum in genere Ven. Servi Dei Joannis Bosco Sacerdotis Fundatoris Piae Societatis Volumen Unicum, Anno 1913, fol. 270r.*

¹³⁵ “Don Bosco”, *Gazzetta piemontese*, n. 31, 31 de janeiro e 1º fevereiro de 1888. Cf. G. TUNINETTI, “L’Immagine di Don Bosco nella stampa torinese”, p. 234-235, que traz semelhante juízo do jornal milanês *La perseveranza* de 2 de fevereiro (Ibid., p. 236).

ao último dia de sua vida pela exigência da estabilidade financeira das obras, agiu como empregado esperto, que buscava a honorabilidade própria e da família. E não menos a salvação dos ricos: de tal modo que, o contato permanente com as necessidades dos pobres e com as posses dos que tinham, conduzia-o a uma interpretação solidarista, antes que somente caritativa, do preceito evangélico da esmola.

Há quem tenha sabido assinalar autênticas virtudes nessa afanosa busca, não indolor e nem privada de humilhações. Cônego Fabre, de Nice, escolhia o tema da comemoração, ocorrida em 14 de janeiro de 1889, a partir da interrogação: “Como pôde obter o dinheiro de modo a dar à sua obra bases tão sólidas?” Pôde – explicava – com a humildade possuída em sumo grau, fundada sobre a rocha da confiança em Deus: humildade unida à coragem, à firmeza e à tenácia. “Aqui – sintetizava – está o caráter peculiar de Dom Bosco: coragem indômita unida à mais profunda humildade”.¹³⁷

9. “Segundo às necessidades dos tempos”

Dom Bosco jamais teria aceitado ser considerado um reacionário, um nostálgico *laudator temporis acti*. Antes, várias vezes exortou os seus para agir “segundo as necessidades dos tempos”. A realidade não é assim simples. Muitas vezes acentuaram-se em sua biografia os traços tradicionais e conservadores da mentalidade, da cultura, da sociabilidade. Existe alguma verdade parcial nessas fortes críticas a respeito de determinadas orientações de sua hagiografia pedagógica e de algumas aplicações do preventivo movidas por polêmicas com a parte leiga ou valdense.¹³⁸ Dom Bosco não foi, certamente, um clérigo retrógrado como o apresentam, nem obviamente os críticos teriam podido reprová-lo por ser integralmente católico, ainda que com alguma rigidez, não menor, por certo, entre próprios leigos e reformadores. Bom exemplo disso no âmbito pedagógico pode ser a contraposição estabelecida por ele no *Valentino* entre o colégio leigo e o colégio católico.¹³⁹ Na realidade, “em face da secularização e da laicização da sociedade liberal do tempo – escreve Francis Desramaut –, seguro da força reli-

¹³⁶ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 101.

¹³⁷ *Bulletin Salésien* 11(1889) n. 5, maio, p. 79-90.

¹³⁸ Cf. F. ΜΟΓΓΟ, “La Vita del giovanetto Savio Domenico: un beffardo commento de *Il cittadino di Asti nel 1860*”, RSS 15(1996), p. 369-377; Eugenio REGGIO contadino, *Le Boccie di Don Bosco ossia il giovane provveduto di confusione*. Torre Pellice, Tipografia Alpina, 1884; G. RICAGNI, *Don Bosco e l’istruzione ne’ suoi collegi*. Alessandria, Tip. Jacquemod G., 1882, 20 p. Risível é o medalhão que dele traça, em 18 de novembro, O. VERIDICUS, *Il clericalismo a Torino*. Turim, Tip. G. Candeletti, 1883, p. 15: “esse homem prodigioso, digno de inspirar uma entre as mais esplêndidas páginas de Smiles, que homem que do nada soube encher a Itália, a Europa de sua fama”. Seria, porém, “uma “encarnação vivente do poder formidável do clericalismo”, que “forma seus padres à obediência cega, passiva, cretina, embebendo-os de preconceitos, de fundamentalismo e de intolerância”.

¹³⁹ Cf. G. Bosco, *Valentino*, p. 8-13, 19-25; OE XVII 186-191, 197-203.

giosa de seu sistema educativo – em nosso parecer, em muitas aplicações seguramente datadas –, ele consolidava suas instituições e seus métodos mediante práticas piedosas e proibições firmes”.¹⁴⁰ A atitude aflora, embora controlada, nos mais variados âmbitos. Na França, entre as relações de Dom Bosco, prevalecem nitidamente as com os legitimistas anti-republicanos.¹⁴¹ Para todo esse universo Dom Bosco “simbolizava na própria pessoa a ação eficaz de conservação regeneradora da sociedade. Com abnegação, ele abria para a salvação do povo, por meio da educação dos jovens ao trabalho para Deus e para a pátria. Reconstruía o mundo através da iniciação concreta dos jovens à vida”.¹⁴²

Mas ele não pode ser reduzido a isso. Suas opções operativas e educativas não eram certamente idênticas às de benfeitores ou de simpatizantes desse tipo. Por nada liberal ou democrático, ou mesmo no campo católico um transigente ou conciliarista declarado, ele não é nem mesmo classificável entre os intransigentes manifestos, estranho como era à idéia de ser associado a qualquer partido ou movimento organizado, mesmo católico. Se alguma vez, talvez uma ou pouco mais, lhe caíram sob a pena, ironizando, os termos “liberalóide” ou “democráticoide”, não é porque tivesse elaborado alguma reflexão de caráter social ou político que orientasse suas escolhas por este ou aquele enfileiramento. Jamais perderia a ágil liberdade de ação, sua e dos seus, sancionada claramente em todos os contratos estipulados na assunção dos diversos colégios e da própria construção da Igreja Sagrado Coração.

Sem dúvida, a indeterminação de suas profissões de fé política poderia constituir para si e para suas instituições o perigo de certa neutralidade ou mais ou menos destacada, que podia resvalar em certo “vale qualquer coisa”, no descompromisso ou em certo conformismo, mais ou menos declarado, a qualquer tipo de ordem constituída. Homem de ação, preferiu dedicar-se totalmente à solução dos problemas da salvação moral e religiosa da juventude, e jamais definiu com precisão em que medida essa solução se unisse com a legítima liberdade econômica, social e política. Se era claro o conceito de “bom cristão”, não o era igualmente o de “honesto cidadão”, considerado por ele mais ou menos sob o perfil das virtudes morais e da justiça. Era a fonte de seu livre e desenvolto agir. Ele se teria encontrado à vontade com qualquer regime, desde que o tivesse deixado trabalhar. Por isso, nas mais variadas contingências – privadas, oficiosas e oficiais –, ele pôde encontrar audiência também junto a homens associados a correntes ideológicas bem diversas das suas. De resto, ele se encontrava situado no

¹⁴⁰ F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, p. 696.

¹⁴¹ Cf. F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, p. 1171-1175 (“Une sensibilité contre-révolutionnaire”): são recordados os legitimistas enfileirados com o conde de Chambord (entre os quais A. du Boÿs) e com o conde de Paris (entre os quais Czartoryski), Léon Harmel, feroso anti-republicano empenhado nos Cercles Catholiques de Albert de Mun, de idêntica orientação política. Em Paris as visitas a Dom Bosco são todas de pessoas com as mesmas idéias: de Cessac, Riant, de Mun, Montigny, Oyague, a princesa Martherite d’Orléans etc.

¹⁴² F. DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps*, p. 1175-1176.

mesmo frente dos grandes educadores e pedagogos clássicos em reafirmar a dimensão social e política da formação moral e religiosa das novas gerações, segundo a conhecida tese “educacionista”, segundo a qual sobre problemas econômicos, sociais, políticos se deveriam ocupar os detentores dos respectivos poderes.

Dentro desse horizonte indeterminado se evidenciavam os pontos firmes e as aberturas de seu agir integralmente cristão, sobretudo no setor da assistência e da educação juvenil: a clareza dos fins religiosos, a indivisível presença das práticas de piedade, a seriedade dos programas de formação humana e profissional, a proclamada disponibilidade ao novo e ao progresso. Tinha-o intuído o então padre Achille Ratti nos dias de 1883, quando tinha sido hóspede de Dom Bosco. Tendo se tornado Pio XI, não perdia a ocasião para recordar com que estupor, após ter se congratulado com ele “pelas escolas e oficinas tão bem aparelhadas com todos os maquinários mais completos e modernos da mecânica”, tinha ouvido a orgulhosa afirmação, que era também programa de ação próprio e dos seus: “Quando se trata de qualquer coisa que diz respeito à grande causa do bem, Dom Bosco quer estar sempre na vanguarda do progresso”.¹⁴³ Não se tratava, certamente, de veleidade em seguir a moda, de busca de primados, de vanglória. Era acima de tudo o imperativo colocado pela grandeza e pela nobreza dos fins a serem conseguidos e pelas dificuldades antigas e novas que podiam impedir ou frear sua realização. Sentia ser seu dever evitar a admoestação evangélica de que “os filhos deste mundo são mais espertos que os filhos da luz” (Lc 16,8), mas quiçá igualá-los ou superá-los. Para o bem se tornava obrigatória a busca de toda possível indústria e dos instrumentos mais avançados. Antigos ou novos, os objetivos deviam ser perseguidos com os meios mais idôneos, mais funcionais, mais produtivos, como eram procurados, para além de velhas e pré-concebidas divisões, os auxílios e os apoios, as relações de todos, fosse qual fosse o grupo a que pertencesse. “Nas coisas que são para a vantagem da juventude periclitante ou servem para ganhar almas para Deus, eu corro avante até a temeridade”, escrevia a Carlo Vespignani, de Lugo de Romagna.¹⁴⁴ Por isso, no agir de Dom Bosco “quadros ideológicos e modelos espirituais de antiga tradição encontram-se na base de iniciativas e de núcleos doutrinários que desembocam na modernidade”.¹⁴⁵

Não parece que se possam encontrar reviravoltas espetaculares no modo de pensar e de ser de Dom Bosco, mas certamente são evidentes as evoluções propiciadas e determinadas pela vontade de responder de forma mais adequada, no mundo juvenil, “às

¹⁴³ Aos participantes na beatificação de Dom Bosco, em 3 de junho de 1929, e à Família Salesiana de Roma, em 11 de maio de 1930 (*Discorsi di Pio XI II*, p. 92 e 326). Cf. ainda discurso aos doadores americanos da nova central telefônica do Vaticano, 19 de novembro de 1930; aos dirigentes da Magneti Marelli, 28 de janeiro de 1933 (*Discorsi di Pio XI II*, p. 446 e 814); à Associação Eletrotécnica Italiana, 15 de maio de 1934; às Associações Romanas de Ação Católica, 24 de junho de 1933; aos salesianos adidos à Tipografia Poliglota Vaticana, 31 de julho de 1937 (*Discorsi di Pio XI III*, p. 130, 169, 628).

¹⁴⁴ E III 166.

¹⁴⁵ Cf. P. STELLA, *Don Bosco*, p. 76.

necessidades dos tempos”, e portanto não somente atuais, mas também presentes no futuro deles. De forma mais geral, não se podia, segundo Dom Bosco, não ser anti-revolucionário, mas ao mesmo tempo era necessário usar da liberdade propugnada pelos inovadores para se defender dela, a fim de se salvaguardar e transmitir valores perenes. Justamente por isso não se subtraía às novidades conciliáveis com a fé, antes as acolhia e desenvolvia de boa vontade. Era o que afirmava com vigor na conhecida sessão da parte da tarde de 1877, do Primeiro Capítulo Geral. Dom Bosco pretendia praticar e que os seus praticassem o princípio evangélico “dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Aqui César não era somente o mundo político, mas o humano em sua totalidade: a sociedade, a cultura, a ciência, a técnica e as descobertas, de modo a tornar a vivência e a convivência mais civil e prática. A interpretação extensiva comportava as mais variadas combinações: divino e humano, graça e natureza, fé e razão, fidelidade à Igreja e ao papa e obséquio às autoridades civis, antigo e moderno, tradição e inovação.¹⁴⁶ Nesse sentido, Dom Bosco pode ser definido como santo moderno, mesmo se a modernidade racional é por ele ignorada ou superada enquanto sistema e ideologia. Sem ter elaborado uma teoria explícita, ele sonha com a máxima humanização de todos, a começar pelos pobres e abandonados, não separada da divinização pela graça. Tudo o que é humanamente válido acolhe e propõe, visando o futuro dos jovens na sociedade mais fascinada pelo ideal do progresso que ligada ao passado ou ao presente de seus educadores. Olha o céu, onde está Deus e a felicidade que não termina, e, ao mesmo tempo, permanece bem enraizado na terra, criação de Deus, e na história, obra do homem redimido, rico da tríplice cidadania: civil, eclesial e celeste. Como tal, Dom Bosco age em liberdade e plenitude de possibilidade.¹⁴⁷

Por isso, embora não tendo chegado a uma percepção reflexa do advento da industrialização e dos problemas sociais por esta criados ou acutizados, em particular a questão operária, ele sabe muito bem que está vivendo e agindo em um sistema social e econômico em pleno movimento. Deste, crê e quer ser promotor para seus jovens, encontrando-se agora bem longe de sua juventude vivida em um ambiente e tempérie histórica estáticos e restauradores. Com esse ânimo quis e favoreceu a participação da Tipografia de Valdocco na Exposição Nacional de Turim de 1884. Protestando energicamente contra o voto do Júri, que tinha lhe designado somente a medalha de prata e recusando-a caso o juízo não fosse refeito, declarava com orgulho: “A mim basta (...) ter demonstrado com esse fato o cuidado com que, no decurso de quarenta anos, sempre me dediquei a promover, junto com o bem estar moral e material da juventude pobre e abandonada, o progresso da ciência e das artes”.¹⁴⁸

¹⁴⁶ *Verbali* III 42-44.

¹⁴⁷ Cf. P. STELLA, “Bilancio delle forme di conoscenza e degli studi su Don Bosco”, in: *Don Bosco nella storia*, p. 34-36; P. SCOPPOLA, “Don Bosco e la modernità”, in: *ibid.*, p. 536-540

¹⁴⁸ Ao Comitê Executivo (Ufficio Giuria in revisione), 25 de outubro de 1884; E IV 301.

10. O ótimo desejado e a busca do bem possível

O fascínio da “vanguarda” não fazia Dom Bosco esquecer das insaciáveis exigências feitas pelo planeta jovem vasto como o mundo, assim como da penúria de forças, de pessoas e de meios. Isso lhe travava as asas, mas sem dúvida o levava a realizar o concreto possível, antes que esperar para fazer o ótimo problemático e virtual, ou com o tempo vencido. Procurava formar colaboradores corajosos, inventivos e criativos para um apostolado supranacional, ao mesmo tempo bem plantados no real. Para a América Latina podem ser citados quatro nomes: Giovanni Cagliero, Francesco Bodrato, Luigi Lasagna e Giacomo Costamagna, nos quais fantasia e concretude estavam presentes de igual forma, com explícita referência ao modelo, o pai longínquo, próximo como nunca. De sua parte, nas *Memórias desde 1841* ele hipotizava que, em qualquer caso, algumas iniciativas podiam ser encontradas durante o curso da obra. Não era um motivo para abandoná-las. “Ao se começar uma missão no exterior – escrevia –, continue-se com energia e sacrifício”; “quando, em alguma empresa religiosa, faltam os meios pecuniários, suspenda-se, mas dêem continuidade às obras começadas assim que nossas economias o permitam”.¹⁴⁹

A orientação, porém, tinha criado problemas delicados e contradições no caso da construção espiritual de seu instituto religioso. O dissenso, que já se viu, entre o perfeccionista Cafasso e o possibilista Dom Bosco, ambos de acordo no agir para a maior glória de Deus e a salvação das almas, se propunha no âmbito da autoridade eclesiástica, romana e turinense. As divergências diziam respeito em particular à formação eclesiástica do jovem pessoal destinado ao sacerdócio, mas se estendiam também ao modo de ser e de agir de toda a Sociedade Salesiana. Cônego Colomiatti o retomava a cargo de Dom Bosco no pequeno processo conduzido em Roma, nos anos 1915-1916. Recordava o que lhe havia confidenciado teólogo Giuseppe Allamano: “Disse-me – atestava – que ele soube pelo próprio Dom Bosco que padre Cafasso, reitor do Colégio Eclesiástico e homem de Deus, lhe manifestou que desaprovava seu modo de fazer o bem, acrescentando que o bem devia ser feito otimamente, enquanto ele, Dom Bosco, queria fazer o bem sempre, sem tanta perfeição”. A versão direta de Allamano em fase precedente dos processos era mais correta: “Ele dizia que o bem devia ser bem feito, e eu sustentava que bastava fazê-lo de qualquer forma em meio a tantas misérias”.¹⁵⁰ Dom Cagliero explicava: “O ótimo, dizia sempre o venerável Dom Bosco, é inimigo do bem. Se ele tivesse esperado para iniciar suas obras quando tivesse prontas todas as coisas e todos o pessoal necessário, não teria jamais começado”.¹⁵¹ E recordava que

¹⁴⁹ “Memorie dal 1841”, RSS 4(1985), p. 59.

¹⁵⁰ *Positio super dubio An adducta contra Ven. Servum Dei obstent, quominus in Causa procedi possit ad ulteriora?* Romae, Typis Poliglottis Vaticanis, 1921, p. 34 (cf. palavras quase idênticas na p. 45) e p. 115.

¹⁵¹ *Positio super dubio An adducta*, p. 82 e 84.

crítica análoga a do padre Cafasso fora feita pelo abade Gaetano Tortone, a propósito da formação eclesiástica dos clérigos, animadores das recreações dos jovens no Oratório de Valdocco: “Dom Bosco educava os seus à vontade [*alla carlona*]: e houve até quem nos disse: ‘ii cavalass d’Don Bosc!!’ [cavalos sem freio e sem bridão]”. Doutro lado, o próprio Allamano reconhecia que, justamente nos anos 1862-1866, em que passou no Oratório fazendo todo o curso ginásial, tinha amadurecido a própria vocação à vida sacerdotal.¹⁵² No plano dos fatos Dom Bosco mesmo admitia que a busca do possível não tinha ainda conduzido a bons frutos. Na sessão do Capítulo Superior de 5 de novembro de 1885 – registra-se na Ata –, Dom Bosco “lamenta que muitos salesianos não têm nada de espírito salesiano. Todos os anos há defecções após tanto tempo de trabalho para educá-los. Apenas se tornam padres, é preciso mandá-los trabalhar, e não há tempo para se formar. Certos padres foram ordenados porque a necessidade exigia”.¹⁵³ Sobre o tema são conhecidas as reservas do arcebispo Riccardi di Netro e de dom Renaldi, bispo de Pinerolo.¹⁵⁴ Mas, face da urgência das necessidades presentes, não podia aquietar a elegante elaboração de mirabolantes projetos para um distante futuro. Era preciso arriscar. As maiores dificuldades vieram-lhe da parte de dom Gastaldi, de quem esperava compreensão e proteção, e mesmo amizade. Nesse caso mostrou-se completamente desorientado e angustiado. Foi sustentado pela firme convicção de que a obra da qual era responsável, sua congregação religiosa, era querida por Deus em vista do cumprimento da missão indiscutivelmente providencial, e de dimensão universal, em favor dos jovens. Viveu as intermináveis situações em absoluta boa fé e espírito de penitência, com firmeza e fortaleza igual a da contra-parte, embora às vezes com a dúvida de alguma falta de discricção.

Não se deve esquecer, todavia, que o juízo do padre Cafasso se refere ao Dom Bosco das décadas de 40 e 50, isso é, ao padre dos primórdios, só, sem colaboradores estáveis e com projetos ainda não bem definidos. Com o aumento das responsabilidades, sociais e eclesiais, Dom Bosco sentiu cada vez mais forte a dupla exigência: fazer o bem – o bem possível, verdadeiro, não aproximativo – em espaços mais vastos, e fazê-lo bem, com dignidade e adequadamente, diante de Deus e dos homens. Obviamente, não excluía nem mesmo, quanto realizável, o melhor e o ótimo. De todo modo, em todo tempo, ao princípio *o bem deve ser feito bem* jamais opôs a norma *o bem deve ser feito de qualquer forma*, mesmo quando *misturado com algum mal*: jamais foi guiado pela regra do *mal menor*. Não o atraía, por certo, a idéia de *não fazer nada* na espera de uma fantasiosa oportunidade de um bem totalmente utópico. Em contato com eclesiásticos e leigos sensíveis às muitas e diversas condições juvenis, sabia muito bem como eram exíguas as obras que, também por limitação das forças à disposição, entravam na esfera

¹⁵² *Positio super dubio An adducta* p. 82 e 84. Cf. I. TUBALDO, *Giuseppe Allamano: il suo tempo, la sua vita, la sua opera*, vol. I: 1851-1891, p. 23-29. Sobre o juízo de Tortone, cf. cap. 15, § 8.

¹⁵³ *Capitolo Superiore*, fol. 87r, FdB 1883 A5.

¹⁵⁴ Cf. cap. 15, § 7.

do bem possível que ele perseguia de modo concreto: a faixa emergente das crianças e dos jovens empregados na indústria; o mundo da verdadeira e própria delinquência juvenil; a categoria mais próxima dos menores “a serem corrigidos”; o imenso continente da pobreza nas cidades e nos campos, reservatório das grandes migrações; o vasto planeta do analfabetismo; a área das pessoas com deficiência mental e física. Outros deveriam pensar isto. Sobre tudo isso os autores de panegíricos proclamados e escritos não parecem ter tido idéias precisas, muitas vezes entendendo mal a extensão e a qualidade da ação de Dom Bosco.

Embora cultor confesso da hipérbole como figura retórica, Dom Bosco está bem longe dela no concreto agir e falar cotidiano. Dom Bosco não é um especulativo, um pesquisador, um cultor de idéias soltas do real. Ele é o profissional das idéias práticas comunicáveis e compreensíveis em vista do agir e do empenho efetivo. Seus discursos não se nutrem de abstrações, que voam sobre a cabeça de todos e não atingem ninguém. Talvez seja excessivo o elogio que dele fazia Pio XI na homilia da canonização, quando afirmava que, “com perspicácia de conceitos e com modernidade de meios, buscou a realização dos mais novos propósitos, que (...) sabia estarem conformes à vontade de Deus”.¹⁵⁵ Na realidade, ele narra fatos, acrescenta exemplos de vida, adianta propostas práticas. Homem do concreto realizável, mesmo quando fala e escreve a muitos – conferências, circulares, regras e regulamentos, etc. –, representa situações visíveis e tangíveis, e evidencia problemas bem definidos a serem resolvidos e conclusões empenhativas a serem tratadas e realizadas com meios à mão, cuja adoção é devida não tanto à reflexão, mas à boa vontade de quem escuta ou lê. Por essa razão prefere o encontro com as pessoas, as palavras personalizadas, os colóquios, as cartas pessoais: com os jovens, com os salesianos, com os benfeitores, com autoridades civis e religiosas. Em público, sua linguagem é também intrinsecamente individualizada. Ele descreve situações evidentes, assinala problemas reais, propõe soluções praticáveis por todos e por cada um. É verdade, alguma vez a árvore pode esconder-lhe a floresta, a atenção ao setorial fazê-lo perder a visão de conjunto, a tensão à solução de um problema particular impedir-lhe a visão de fins e interesses de fôlego mais amplo. Esse é o preço que precisa pagar à *Realpolitik*, mas é esta, no conjunto e não obstante os limites, sua carta vencedora: na pastoral, na atividade assistencial, na educação e na pedagogia, na missão em todas as suas expressões, na idealização, na atuação e governo das variadas instituições de suporte. Nessa luz deve ainda ser reinterpretada a norma de sabedoria que lhe foi contestada pelos maximalistas do *bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu*, transferido indevidamente do legítimo campo dos princípios, da metafísica do real ou do mundo moral ao nível da ação prudencial prática, que é o único no qual se joga a existência, que é o permanente decidir “aqui” e “agora”.

¹⁵⁵ *Discorsi di Pio XI III*, p. 82.



BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia

Bibliografia Generale di Don Bosco:

Vol. 1. *Bibliografia italiana 1844-1992*, a cura di Saverio Gianotti. Roma, LAS, 1995.

Vol. 2. *Deutschsprachige Don-Bosco-Literatur 1883-1994*, a cura di Herbert Diekmann. Roma, LAS, 1997.

RICALDONE, Pietro. *Don Bosco Educatore*, vol. II. Colle Don Bosco, LDC, 1952, p. 631-650 (*Gli scritti editi di Don Bosco*), 651-705 (*Scritti su Don Bosco*).

STELLA, Pietro. *Gli scritti a stampa di S. Giovanni Bosco*. Roma, LAS, 1997.

2. Escritos de Dom Bosco utilizados

Ai contadini. Regole di buona condotta per la gente di campagna utili a qualsiasi condizione di persone. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1854, OE VI, p. 39-46.

Ai Soci Salesiani, introduzione alle *Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il decreto di approvazione del 3 aprile 1874*. Turim, 1875 (v. p. V-XLII); Turim, 1877 (v. p. 3-43); S. Benigno Canavese, Scuola Tipografica Salesiana 1885. In: BRAIDO, P. *Tratti di vita religiosa salesiana nello scritto "Ai Soci Salesiani" di Don Bosco del 1875*, RSS 13 (1994) 361-448; ... *del 1877/1885*, RSS 14 (1995) 91-154.

Angelina o la buona fanciulla istruita nella vera divozione a Maria Santissima. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1860, p. XIII 1-44.

Angelina o l'orfanelle degli Apennini. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1869, OE XXII, p. 171-240.

Apparizione della Beata Vergine sulla montagna di La Salette con altri fatti prodigiosi raccolti da pubblici documenti, Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1871, OE XXII, p. 401-492.

L'aritmetica ed il sistema metrico portati a semplicità per le classi elementari col confronto dei prezzi e delle misure antiche d'Italia in metrico-decimale, edizione settima. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1881, OE XXXII, p. 261-354.

Associazione de' devoti di Maria Ausiliatrice canonicamente eretta nella chiesa a Lei dedicata in Torino. Con ragguaglio storico su questo titolo. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1869, OE XXI, p. 339-434.

Associazione di opere buone. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1875, OE XXV, p. 481-494.

Avvisi ai cattolici. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1853, OE IV, p. 165-193.

Biografia del sacerdote Giuseppe Caffasso esposta in due ragionamenti funebri. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1860, OE XII, p. 351-494.

Biografia del giovane Mazzarello Giuseppe [1872], OE XXII, p. 359-377.

Biografie. Confratelli chiamati da Dio alla vita eterna nell'anno 1880. Turim, Tip. Salesiana, 1881, OE XXXII, p. 5-35; ... 1881, OE XXXII, p. 387-417; ... 1883, OE XXXIII, p. 115-178.

Biografie dei salesiani defunti. Negli anni 1883 e 1884. Turim, Tip. Salesiana, 1885, OE XXXVI, p. 5-136.

Breve ragguaglio della festa fattasi nel distribuire il regalo di Pio IX ai giovani degli oratorii di Torino. Turim, Tip. Eredi Botta, 1850, IV 93-119.

Brevi biografie dei confratelli salesiani chiamati da Dio alla vita eterna. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1876, OE XXVII, p. 167-205.

Capitolo generale della congregazione salesiana da convocarsi in Lanzo nel prossimo settembre 1877. Turim, Tip. Salesiana, 1877, OE XXVIII, p. 313-336.

La casa della fortuna. Rappresentazione drammatica. Turim, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales, 1865, OE XVI, p. 1-72.

Catalogo degli oggetti offerti per la lotteria a beneficio dell'oratorio maschile di S. Francesco di Sales in Valdocco. Turim, Tip. dir. da Paolo De-Agostini, 1852, IV 145-162.

Catalogo degli oggetti posti in lotteria a favore dei giovani dei tre oratorii di S. Francesco di Sales in Valdocco di S. Luigi a Porta Nuova del Santo Angelo Custode in Vanchiglia. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp., 1857, OE IX, p. 1-17.

Catechismo cattolico sulle rivoluzioni, quinta edizione. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1854, OE V, p. 243-246.

Il cattolico istruito nella sua religione. Trattenimenti di un padre di famiglia co'suoi figli secondo i bisogni del tempo epilogati dal sac. Bosco Giovanni. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1853, IV 195-646.

Il cattolico nel secolo. Trattenimenti famigliari di un padre co'suoi figliuoli intorno alla Religione, edizione terza. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1883, OE XXXIV, p. 1-454.

Il cattolico provveduto per le pratiche di pietà con analoghe istruzioni secondo il bisogno dei tempi. Turim, dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1868, OE XIX, p. 1-773.

Cenni istruttivi di perfezione proposti a' giovani desiderosi della medesima nella vita edificante di Gioseppe Burzio dal sac. Felice Giordano O. di M. V. Operetta specialmente utile agli alunni d'ambi i Cleri. Turim, dalla Stamperia degli Artisti tipografi, 1846, OE II, p. 1-69.

Cenni storici intorno alla vita della b. Caterina De-Mattei da Racconigi dell'Ord delle pen. di s. Dom. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1862, OE XIV, p. 1-192.

Cenni storici intorno all'Oratorio di S. Francesco di Sales. In: BRAIDO, P. *Don Bosco per la gioventù povera e abbandonata in due inediti del 1854 e del 1862.* In: BRAIDO, P. (Ed.) *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità.* Roma, LAS, 1987, p. 60-81.

Cenni storici sulla vita del chierico Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue singolari virtù. Scritti da un suo Collega. Turim, dalla Tip. Speirani e Ferrero, 1844, OE I, p. 1-84.

Cenni sulla vita del giovane Luigi Comollo morto nel Seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue rare virtù. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1884, OE XXXV, p. 1-120 (I ediz. 1854).

Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1861, OE XIII, p. 155-250.

Cenno storico sulla Congregazione di S. Francesco di Sales e relativi schiarimenti. Roma, Tip. Poliglotta 1874, OE XXV, p. 231-250. In: BRAIDO, P. *L'idea della Società Salesiana nel "Cenno storico" di Don Bosco del 1873/74*, RSS 6 (1987), p. 245-331.

Cenno storico dell'Oratorio di S. Francesco di Sales. In: BRAIDO, P. *Don Bosco per la gioventù povera e abbandonata in due inediti del 1854 e del 1862.* In: BRAIDO, P. (Ed.) *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità.* Roma, LAS, 1987, p. 38-59.

Il Centenario di S. Pietro Apostolo colla vita del medesimo Principe degli Apostoli ed un Triduo in preparazione della Festa dei santi apostoli Pietro e Paolo. Turim, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales, 1867, OE XVIII, p. 1-240.

La chiave del paradiso in mano al cattolico che pratica i doveri di buon cristiano. Turim, Tip. Paravia e Comp., 1856, VIII 1-192.

La Chiesa cattolica-apostolica-romana è la sola vera Chiesa di Gesù Cristo. Avvisi ai Cattolici. Turim, Tip. Speirani e Ferrero, 1850, OE IV, p. 121-143.

La Chiesa cattolica e la sua Gerarchia. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1869, OE XXI, p. 185-336.

Chi è D. Ambrogio?! Dialogo tra un barbiere ed un teologo. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1866, OE XVII, p. 245-260.

I Concili Generali e la Chiesa Cattolica. Conferenze tra un parroco e un giovane parrocchiano. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1869, OE XXII, p. 1-168.

Congregazione particolare dei Vescovi e Regolari... Torinese sopra l'approvazione delle Costituzioni della Società salesiana. Relatore... Nobili Vitelleschi... Roma, Tip. Poliglotta della S. C. di Propaganda, 1874, OE XXV, p. 335-385.

S. Congregazione de' Vescovi e Regolari. Consultazione per una Congregazione particolare. Taurinen. Super approbatione Constitutionum Societatis S. Francisci Salesii. Mese di Marzo Anno 1874, OE XXV, p. 387-400.

Conversazioni tra un avvocato ed un curato di campagna sul sacramento della Confessione. Turim, Tip. Paravia e Compagnia, 1855, OE VI, p. 145-272.

Conversione di una valdese. Fatto contemporaneo. LC, Anno II – Fasc. 1 e 2. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1854, OE V, p. 249-366.

Cooperatori salesiani ossia un modo pratico per giovare al buon costume ed alla civile società. Turim, Tip. Salesiana, 1876, OE XXVIII, p. 255-271; San Pier d'Arena, Tip. e libr. di S. Vincenzo de' Paoli, 1877, XXVIII, p. 339-378.

Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1872-1885). Testi critici a cura di Sr. Cecilia Romero. Roma, LAS, 1983.

Il cristiano guidato alla virtù ed alla civiltà secondo lo spirito di San Vincenzo de' Paoli. Opera che può servire a consacrare il mese di luglio in onore del medesimo Santo. Turim, Tip. Paravia e Compagnia, 1848, OE III, p. 215-503; 1876, OE XXVIII, p. 1-252.

Dei castighi da infliggersi nelle case salesiane (29 gennaio 1883). In: PRELLEZO, J. M. *Dei castighi da infliggersi nelle case salesiane. Una lettera circolare attribuita a Don Bosco*, RSS 5 (1986), p. 263-308.

Deliberazioni del Capitolo generale della Pia Società Salesiana. Tenuto in Lanzo-Torinese nel settembre 1877. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1878, OE XXIX, p. 377-472.

Deliberazioni del secondo Capitolo generale della Pia Società Salesiana. Tenuto in Lanzo-Torinese nel settembre 1880. Turim, Tip. Salesiana, 1882, OE XXXIII, p. 1-96.

Deliberazioni del secondo Capitolo generale delle Figlie di Maria SS. Ausiliatrice. Tenuto in Nizza Monferrato nell'agosto del 1886. Turim, Tip. Salesiana, 1886, OE XXXVI, p. 149-250.

Deliberazioni del terzo e quarto Capitolo generale della Pia Società Salesiana. Tenuti in Valsalice nel settembre 1883-86. S. Benigno Canavese, Tip. Salesiana, 1886, OE XXXVI, p. 253-280.

Dialoghi intorno all'istituzione del Giubileo colle pratiche devote per la visita delle chiese. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1865, OE XVI, p. 75-170.

Il divoto dell'Angelo custode. Turim, Tip. Paravia e Comp., 1845, OE I, p. 87-158.

Dramma. Una disputa tra un avvocato ed un ministro protestante. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1853, OE V, p. 101-168.

Due conferenze tra due ministri protestanti ed un prete cattolico intorno al Purgatorio e intorno ai suffragi dei defunti con appendice sulle liturgie. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp. 1857, OE IX, p. 19-164.

Eccellentissimo Consigliere di Stato. Turim, Tip. Salesiana, 1881, OE XXXII, p. 37-47.

Elenchus privilegiorum seu facultatum et gratiarum spiritualium quibus potitur Societas S. Francisci Salesii ex S. Sedis Apostolicae concessionibus directe et Congregationis SS. Redemptoris communicatione in usum presbyterorum eiusdem societatis. S. Benigni in Salassis, ex Officina salesiana 1888, 340p., OE XXXVII, p. 561-580.

Elenco degli oggetti graziosamente donati a beneficio degli oratorii di S. Francesco di Sales in Valdocco, di S. Luigi a Porta Nuova e dell'Angelo Custode in Vanchiglia. Turim, Tip. di Giulio Speirani e figli, 1862, OE XIV, p. 195-222.

Elenco degli oggetti graziosamente donati a beneficio degli oratorii di S. Francesco di Sales in Valdocco, di S. Luigi a Porta Nuova e dell'Angelo Custode in Vanchiglia e per la costruzione della Chiesa dedicata a Maria Ausiliatrice. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1866, OE XVII, p. 1-23.

Episodi ameni e contemporanei ricavati da pubblici documenti. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1864, OE XV, p. 117-227.

Esercizio di divozione alla misericordia di Dio. Turim, Tip. Eredi Botta, 1847, OE II, p. 71-181.

Esposizione del sacerdote Giovanni Bosco agli Eminentissimi cardinali della Sacra Congregazione del Concilio. S. Pier d' Arena, Tip. di San Vincenzo de' Paoli, 1881, OE XXXII, p. 49-124.

Esposizione alla S. Sede dello stato morale e materiale della Pia Società di S. Francesco di Sales nel Marzo del 1879. S. Pier d' Arena, Tip. Salesiana, 1879, OE XXXI, p. 237-254.

Una famiglia di martiri ossia vita de' santi Mario, Marta, Audiface ed Abaco e loro martirio con appendice sul santuario ad essi dedicato presso Caselette. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1861, OE XIII, p. 57-152.

Fatti ameni della vita di Pio IX raccolti da pubblici documenti. Al lettore. Per la redazione sac. G. Bosco. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1871, OE XXIII, p. 51-402.

Fatti contemporanei esposti in forma di dialogo. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1853, OE V, p. 51-98.

Favore e grazie spirituali concessi dalla Santa Sede alla Pia Società di S. Francesco di Sales. Turim, Tip. Salesiana, 1881, OE XXXII, p. 127-258.

La figlia cristiana provveduta per la pratica dei suoi doveri negli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'Uffizio della B. V. de' Vesperi di tutto l'anno e dell'Uffizio dei Morti coll'aggiunta di una scelta di laudi sacre, quarta edizione. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1883, OE XXXIII, p. 180-673.

Fondamenti della cattolica religione. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1872, OE XXIV, p. 503-545.

La forza della buona educazione. Curioso episodio contemporaneo. Turim, Tip. Paravia e Comp., 1855, OE VI, p. 275-386.

Il Galantuomo. Almanacco Nazionale per 1855 coll'aggiunta di varie utili curiosità. Anno II. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1854, OE VI, p. 1-36 (forse di Don Bosco per il contenuto, ma non per la veste letteraria, il *Dialogo intorno alla sacramental confessione*).

Il Galantuomo. Almanacco Nazionale per 1856 coll'aggiunta di varie utili curiosità. Anno III. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1855, OE VI, p. 487-509 (è attribuito a Don Bosco, non senza legittime perplessità, il discorso de *Il Galantuomo a' suoi amici*).

Il Galantuomo. Almanacco Nazionale per l'Anno Comune ed Embolismale 1859 aggiuntevi varie utili letture. Anno VI. Turim, Tip. Paravia, 1858, OE XI, p. 139-148.

Il Galantuomo. Almanacco Piemontese-Lombardo per l'anno bisestile 1860 aggiuntevi varie letture. Anno VII. Turim, Tip. Paravia e Comp. 1859, OE XII, p. 113-120 (sulla guerra del 1859 e temuta per il 1860).

Il Galantuomo e le sue profezie. Almanacco Piemontese-Lombardo per 1861. Anno VIII. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1860, OE XII, p. 497-504 (*Il Galantuomo ai suoi amici: Le profezie dell'anno scorso 1860 e Presentimenti sull'anno 1861*).

Il Galantuomo e le sue profezie. Almanacco Piemontese-Lombardo per 1862. Anno IX. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1861, OE p. 319-335 (*Il Galantuomo a' suoi amici: Le profezie dello scorso 1861 e Gli avvenimenti del 1862*).

Il Galantuomo. Strenna offerta ai cattolici italiani. Almanacco pell'annobisestile 1864. Anno XI. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1863 (forse di Don Bosco, *Due parole agli amici*, p. 3-4).

Il Galantuomo e le sue avventure. Almanacco Nazionale per l'anno 1865. Strenna offerta ai cattolici italiani. Anno XII. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1864, OE XV, p. 437-468 (forse di Don Bosco la *Prefazione in cui parlandosi di carote, di patate, di cavoli cabusi, si contano in confidenza ai lettori alcune traversie del Galantuomo sulla "politica"*, p. 3-13).

Il Galantuomo. Almanacco. Per l'anno 1866. Anno XIII. Strenna offerta agli Associati alle Lett. Cattoliche. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1865, OE XVI, p. 469-494 (*Il Galantuomo ai suoi amici*).

Il Galantuomo. Almanacco per l'anno bisestile 1868. Anno XVI. Strenna offerta agli Associati alle Letture Cattoliche. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1867, OE XVIII, p. 311-324 (*Il Galantuomo di ritorno da un viaggio ai benevoli suoi amici*. a Roma per il Centenario di S. Pietro, p. 3-10).

Il Galantuomo. Almanacco per l'anno 1869. Anno XVII. Strenna offerta agli Associati alle Lett. Cattoliche. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868, OE XXI, p. 177-182 (*Cari Lettori: le "astuzie dei protestanti per rapire la fede ai cattolici"*, p. 3-49).

Il Galantuomo. Almanacco per l'anno 1870. Anno XVIII. Strenna offerta agli Associati alle Letture Cattoliche. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1869, OE XXII, p. 243-250 (*Il Galantuomo a' suoi lettori ed amici: la malattia del tempo, lo spirito di sovversione e a rimedio l'indizione del Concilio ecumenico*).

Il Galantuomo. Almanacco per l'anno 1871. Anno XIX. Strenna offerta agli Associati alle Letture Cattoliche. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1870, OE XXII, p. 379-398.

Il Galantuomo. Almanacco per l'anno bisestile 1872. Anno XX. Strenna offerta agli Associati alle Letture Cattoliche. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1871, OE XXIV, p. 467-486.

Il Galantuomo. Almanacco per l'anno 1873. Anno XXI. Strenna offerta agli Associati alle Letture Cattoliche. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1872, OE XXV, p. 1-16 (*Il Galantuomo ai suoi amici con l'invito ad "associarsi"*).

Il Galantuomo. Almanacco per l'anno 1874. Anno XXII. Strenna offerta agli Associati alle Letture Cattoliche. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1873, OE XXV, p. 85-100.

Il Galantuomo. Almanacco per l'anno 1879. Anno XXVII. Strenna offerta agli Associati alle Letture Cattoliche. Turim, Tip. Salesiana, 1878, OE XXX, p. 431-438 (*Il Galantuomo a' suoi amici: ispirate a Don Bosco le pagine sulla morte e la memoria di Pio IX*).

Germano l'ebanista o gli effetti di un buon consiglio. Appendice: *Ricordi*, p. 76-79. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1862, OE XIV, p. 305-310.

Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri degli esercizi di cristiana pietà per la recita dell'uffizio della Beata Vergine e de' principali Vespri dell'anno coll'ag-

giunta di una scelta di laudi sacre ecc. Turim, Tip. Paravia e Comp., 1847, OE II, p. 183-532; Nuova edizione accresciuta. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1863, OE XIV, p. 345-361; Edizione quarantesima seconda. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1875, OE XXVI 2-184; 101. Edizione. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1885, OE XXXV, p. 130-648.

Il giubileo e pratiche devote per la visita delle chiese. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1854, OE V, p. 479-542.

Il giubileo del 1875. Sua istituzione e pratiche devote per la visita delle chiese. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1875, OE XXVI, p. 187-301.

Inaugurazione del patronato di S. Pietro in Nizza a Mare. Scopo del medesimo esposto dal Sacerdote Giovanni Bosco con appendice sul sistema preventivo nella educazione della gioventù. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1877, 37p.; [Edizione bilingue] *Inaugurazione... – Inauguration*, 68p., OE XXVIII, p. 380-446.

Industrie spirituale secondo il bisogno dei tempi per Giuseppe Frassinetti aggiunta l'operetta Il Papa. Questioni del giorno per M. Ségur. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1860, OE XII, p. 123-144 (*Anno VIII delle Letture Cattoliche*).

Il più bel fiore del Collegio Apostolico ossia la elezione di Leone XIII con breve biografia dei suoi elettori. Turim, Tip. e libr. salesiana, 1878, OE XXX, p. 1-288.

Introduzione al Piano di Regolamento per l'Oratorio maschile di S. Francesco di Sales a Turim nella regione Valdocco. In: BRAIDO, P. *Don Bosco per la gioventù povera e abbandonata in due inediti del 1854 e del 1862.* In: BRAIDO, P. (Ed.) *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità.* Roma, LAS, 1987, p. 34-36.

Lotteria di doni diversi a favore dei poveri giovanetti dell'ospizio di S. Vincenzo de' Paoli in S. Pier d' Arena approvata dalla R. prefettura di Genova con decreto 24 Luglio 1877. Elenco degli oggetti graziosamente donati. Gennaio 1878. S. Pier d' Arena, Tip. di S. Vincenzo de Paoli, 1879, OE XXX, p. 441-446.

Lotteria d'oggetti posta sotto la speciale protezione delle Loro Altezze Reali il principe Amedeo di Savoia duca d'Aosta colonnello nel 65 reggimento fanteria. Il principe Eugenio di Carignano. La principessa Maria Elisabetta di Sassonia duchessa di Genova. Il principe Tommaso di Savoia duca di Genova. La principessa Margherita Maria Teresa... A favore degli Oratori maschili di Valdocco, di Porta Nuova e di Vanchiglia in Torino e per l'ultimazione di una chiesa in Valdocco. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1865, OE XVI, p. 247-253.

Maniera facile per imparare la storia sacra ad uso del popolo cristiano. Turim, Tip. Paravia e Compagnia, 1855, OE VI, p. 49-143.

Maraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice. Raccolte dal Sacerdote Giovanni Bosco. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1868, OE XX, p. 192-376.

Maria Ausiliatrice col racconto di alcune grazie ottenute nel primo settennio della Consacrazione della Chiesa a Lei dedicata in Torino. Turim, Tip. e libr. dell'Oratorio di S. Francesco di Sales, 1875, OE XXVI, p. 304-624.

Massimino ossia incontro di un giovanetto con un Ministro Protestante sul Campidoglio. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1874, OE XXV, p. 123-229.

Memorie dal 1841 al 1884-5-6. In: MOTTO, F. *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio. Bosco a'suoi figliuoli Salesiani [Testamento spirituale]*, RSS 4 (1985), p. 73-130.

Il mese di maggio consacrato a Maria SS. Immacolata ad uso del popolo. Turim, Tip. G. B. Paravia e Compagnia, 1858, OE X, p. 295-486.

Notitia brevis Societatis Sancti Francisci Salesiani et nonnulla decreta ad eamdem spectantia. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1868, OE XVIII, p. 571-586.

Notizie storiche intorno al miracolo del SS. Sacramento avvenuto in Torino il 6 giugno 1453 con un cenno sul quarto centenario del 1853. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1853, OE V, p. 1-48.

Notizie storiche intorno al santuario di Nostra Signora della Pieve in vicinanza di Ponzone diocesi di Acqui [1868], OE XVIII, p. 425-568 (s. l., s. e., s. d.).

Notizie storiche sul Convento e sul Santuario di Santa Maria delle Grazie presso Nizza Monferrato. Nell'occasione faustissima che il Santuario veniva riaperto al divin culto ed il convento tramutato in casa di educazione pel Sac. Francesco Arrigotti. Turim, Tip. e Libr. salesiana, 1878 [di Don Bosco e su Don Bosco, p. 3-7, 60-76], OE XXX, p. 405-428.

Nove giorni consacrati all'augusta Madre del Salvatore sotto al titolo di Maria Ausiliatrice. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1870, OE XXII, p. 253-356.

Novella amena di un vecchio soldato di Napoleone I esposta dal sacerdote Bosco Giovanni. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1862, OE XIV, p. 225-287.

Novelle e racconti tratti da vari Autori ad uso della Gioventù, Al benigno lettore. La Direzione [p. 3-4]. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1867, OE XVII, p. 393-456.

La nuvoletta del Carmelo ossia la divozione a Maria Ausiliatrice premiata di nuove grazie. S. Pier d'Arena, Tip. e libr. di S. Vincenzo de' Paoli, 1877, OE XXVIII, p. 449-565.

Opera di Maria Ausiliatrice per le vocazioni allo stato ecclesiastico benedetta e raccomandata dal Santo Padre Pio papa IX. Fossano, Tip. Saccone, 1875, OE XXVII, p. 1-8.

Opera di Maria Auxiliatrice per le vocazioni allo stato ecclesiastico. Eretta nell'Ospizio di S. Vincenzo de' Paoli in San Pier d'Arena. San Pier d'Arena, Tip. e libr. di San Vincenzo de' Paoli, 1877, OE XXIX, p. 1-28.

L'Oratorio di S. Francesco di Sales ospizio di beneficenza. Esposizione del Sacerdote Giovanni Bosco. Turim, Tip. Salesiana, 1879, OE XXXI, p. 257-300.

La pace della Chiesa ossia il pontificato di S. Eusebio e S. Melchiade ultimi martiri delle dieci persecuzioni. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1865, OE XVI, p. 173-245.

I Papi da S. Pietro a Pio IX. Fatti storici. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1868, OE XVIII, p. 327-422.

Una parola da amico all'esercito per Vittorio Marchale, con testimonianza di G. Morelli Viva Maria Ausiliatrice! e nota di Don Bosco. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1866, OE XVII, p. 145-152.

Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d'Argentera. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1864, OE XV, p. 242-435.

La perda nascosta di S. E. il Cardinale Wiseman Arcivescovo di Westminster. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1866, OE XVII, p. 25-142 (ms allografo con correzioni e aggiunte di Don Bosco).

Le perquisizioni. In: BRAIDO, P. e MOTTO, F. *Don Bosco tra storia e leggenda nella memoria su "Le perquisizioni"*. Testo critico e introduzione, RSS 8 (1989), p. 111-200.

La persecuzione di Decio e il pontificato di San Cornelio I. papa. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1859, OE XII, p. 1-111.

Il pontificato di S. Caio papa e martire. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1863, OE XIV, p. 363-482.

Il pontificato di S. Dionigi con appendice sopra S. Gregorio Taumaturgo. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1861, OE XIII, p. 253-316.

Il pontificato di S. Felice primo e di S. Eutichiano papi e martiri. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1862, OE XIII, p. 339-434.

Il pontificato di S. Marcellino e di S. Marcello papi e martiri. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1864, OE XV, p. 1-115

Il pontificato di san Sisto II e le glorie di san Lorenzo martire. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1860, OE XII, p. 269-348.

Porta Teco Cristiano ovvero avvisi importanti intorno ai doveri del cristiano acciocché ciascuno possa conseguire la propria salvezza nello stato in cui si trova. Turim, Tip. G. B. Paravia, 1858, OE XI, p. 1-71.

Pratiche devote per l'adorazione del SS. Sacramento. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1866, OE XVII, p. 263-278 (*Invito alla frequente comunione: ma non è stile di Don Bosco, anche se ne può condividere il contenuto*).

Una preziosa parola ai figli ed alle figlie. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1862, OE XII, p. 437-459 (non è stile di Don Bosco, anche se ne condivide, certo, i contenuti).

Raccolta di curiosi avvenimenti contemporanei esposti dal sac. Bosco Giovanni. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1854, OE V, p. 369-476.

Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni. Turim, Tip. Salesiana, 1877, OE XXIX, p. 31-94.

Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales. Turim, Tip. Salesiana, 1877, OE XXIX, p. 97-196.

Regole o Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales secondo il decreto di approvazione del 3 aprile 1874. Turim, 1875, OE XXVII, p. 10-99; Turim, 1877, OE XXIX, p. 199-288.

Regole o Costituzioni per l'Istituto delle Figlie di Maria SS. Ausiliatrice aggregate alla Società Salesiana. tt, Tip. e Libr. Salesiana, 1878, OE XXX, p. 291-354; ... *Salesiana approvate da varii vescovi tra cui l'eminentissimo cardinale Gaetano Alimonda arcivescovo di Torino.* Turim (= S. Benigno Canavese, Tip. Salesiana), 1885, 120p.

Regulae Societatis S. Francisci Salesii. Augustae Taurinorum, Ex Typys Asceterii Salesiani, 1867, OE XVIII, p. 267-301.

Regulae Societatis S. Francisci Salesii. Augustae Taurinorum, Ex Officina Asceterii Salesiani, 1873, OE XXV, p. 35-72.

Regulae Societatis S. Francisci Salesii. Romae, typis S. C. de Propaganda Fide, 1874, OE XXV, p. 253-292.

Regulae Societatis S. Francisci Salesii. Romae, typis S. C. de Propaganda Fide, 1874, OE XXV, p. 295-333.

Regulae seu Constitutiones Societatis S. Francisci Salesii. Juxta Approbationis decretum die 3 Aprilis, 1874. Augustae Taurinorum, Ex Officina Asceterii Salesiani, 1874, OE XXV, p. 412-460.

Ricordi dati ai religiosi Salesiani il giorno 11 novembre [1875] nell'atto che partivano dalla chiesa di Maria A. per intraprendere il viaggio alla Repubblica Argentina – editi a cura di BORREGO, J. I. “Ricordi ai missionari” (1875). In: BOSCO, G. *Scritti pedagogici e spirituali* a cura di J. Borrego e al. Roma, LAS, 1987, p. 103-123 (cfr. BRAIDO, P. Ed., *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze.* Roma, LAS, 1997, p. 199-204).

Ricordi confidenziali ai direttori. In: MOTTO, F. I. “Ricordi confidenziali ai direttori” di Don Bosco, RSS 3 (1984), p. 125-166.

Rimembranza di una solennità in onore di Maria Ausiliatrice. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1868, OE XXI, p. 1-174.

Saggio dei figliuoli dell'Oratorio di San Francesco di Sales sopra la storia sacra dell'Antico Testamento / 15 agosto 1848 ore 4 pomeridiane. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1848.

Saggio che danno i figliuoli dell'Oratorio di S. Francesco di Sales sul sistema metrico decimale in forma di dialogo il 16 dicembre 1849 alle 2 pomeridiane. Assiste l'ill.mo professore D. G. Ant. Rayneri. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1849.

Sagra Congregazione de' Vescovi e Regolari. Consultazione per la Congregazione speciale... Taurinen. seu Societatis S. Francisci Salesii super literis dimissorialibus, et communicatione privilegiorum. Roma, Tip. Poliglotta della S. C. di Propaganda, 1875, OE XXVII, p. 101-143.

Sancti Hieronymi de viris illustribus liber singularis. Vitae S. Pauli primi eremitaе, Hilarionis eremitaе, Malchi monaci, et Epistolae selectae. Augustae Taurinorum, Officina Asceterii Salesiani, 1875, OE XXVII, p. 157-164.

Scelta di laudi sacre ad uso delle Missioni e di altre opportunità della Chiesa [1880], OE XXXI, p. 303-382.

Le scuole di beneficenza dell'Oratorio di S. Francesco di Sales in Torino davanti al Consiglio di Stato. Turim, Tip. Salesiana, 1879, OE XXX, p. 449-480.

Severino ossia avventure di un giovane alpigiano raccontate da lui medesimo ed esposte dal sacerdote Giovanni Bosco. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1868, OE XX, p. 1-189.

Il sistema metrico decimale ridotto a semplicità preceduto dalle quattro prime operazioni dell'aritmetica ad uso degli artigiani e della gente di campagna. Turim, per Gio. Battista Paravia e Comp. tipografi-librai, 1849, OE IV, 1-80.

Il sistema preventivo nella educazione della gioventù. Introduzione e testi critici a cura di Pietro Braido, RSS 4 (1985), p. 171-321.

Società di mutuo soccorso di alcuni individui della compagnia di San Luigi eretta nell'Oratorio di San Francesco di Sales. Turim, Tip. Speirani e Ferrero, 1850, OE IV, p. 83-90.

Società di S. Francesco di Sales Anno 1872. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1872, OE XXIV, p. 489-500; *Anno 1874*, OE XXV, p. 463-469; *Anno 1877*, OE XXIX, p. 335-374; *Anno 1879*, OE XXXI, p. 1-59; *Anno 1880*, OE XXXI, p. 391-439.

Societas S. Francisci Salesii. De Societate S. Francisci Salesii brevis notitia et nonnulla decreta ad eamdem spectantia. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1873, OE XXV, p. 103-121.

La storia d'Italia raccontata alla gioventù da' suoi primi abitatori sino ai nostri giorni corredata da una Carta Geografica d'Italia. Turim, Tip. Paravia e Compagnia, 1855, VII, p. 1-561.

La storia d'Italia raccontata alla gioventù da' suoi primi abitatori sino ai nostri giorni con analoga Carta Geografica d'Italia, 18a. Edizione. Turim, Tip. e Libr. Salesiana, 1887, OE XXXVII, p. 1-558.

Storia ecclesiastica ad uso delle scuole utile per ogni ceto di persone. Dedicata all'Onorat.mo Signore F. Euvé de la Croix provinciale dei fratelli D. I. D. S. C. Compilata dal sacerdote B. G. Turim, Tip. Speirani e Ferrero, 1845, OE i, p. 160-556.

Storia ecclesiastica ad uso della gioventù utile ad ogni grado di persone, quarta edizione migliorata. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1871, OE XXIV, p. 1-464.

Storia sacra per uso delle scuole utile ad ogni stato di persone arricchita di analoghe incisioni. Compilata dal sacerdote Giovanni Bosco. Turim, dai tipografi-editori Speirani e Ferrero, 1847, OE III, 2-212; Edizione 2.a migliorata. Turim, dai tipografi-editori Speirani e Tortone, 1853, 200p.; ... *analoghe incisioni e di una carta geografica della Terra Santa*, edizione decima. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1876, OE XXVII, p. 207-472.

Unione cristiana. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1874, OE XXV, p. 403-410.

Valentino o la vocazione impedita. Episodio contemporaneo. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1866, OE XVII, p. 179-242.

Vita de' sommi pontefici S. Anacleto, S. Evaristo, S. Alessandro I. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp., 1857, OE IX, p. 445-524.

Vita de' sommi pontefici S. Aniceto, S. Sotero, S. Eleuterio, S. Vittore e S. Zeffirino. Turim, Tip. G. B. Paravia e Compagnia, 1858, OE X, p. 205-292.

Vita de' sommi pontefici S. Lino, S. Cleto. S. Clemente. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp., 1857, OE IX, p. 337-443.

Vita della beata Maria degli Angeli Carmelitana scalza torinese. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1865, OE XVI, p. 274-466.

Vita e martirio de' sommi pontefici san Lucio I e santo Stefano I. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1860, OE XII, p. 147-266.

Vita de' sommi pontefici S. Sisto, S. Telesforo, S. Igino, S. Pio I, con appendice sopra S. Giustino apologista della religione. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp., 1857, OE X, p. 1-95.

Vita dei sommi pontefici S. Ponziano, S. Antero e S. Fabiano. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1859, OE XI, p. 409-508.

Vita del giovanetto Sávio Domenico allievo dell'Oratorio di San Francesco di Sales. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1859, OE XI, p. 150-292.

Vita del sommo pontefice S. Callisto I. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1858, XI, p. 73-136.

Vita del sommo pontefice S. Urbano I. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp., 1859, OE XI, p. 295-405.

Vita di S. Giovanni Battista. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1868, OE XX, p. 379-442.

Vita di san Martino vescovo di Tours. Turim, Tip. Ribotta, 1855, OE VI, p. 389-484.

Vita di S. Pancrazio martire con appendice sul Santuario a lui dedicato vicino a Pianezza. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp., 1856, OE VIII, p. 195-290.

Vita di S. Paolo apostolo dottore delle genti. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp., 1857, OE IX, p. 167-334.

Vita di San Pietro principe degli apostoli Primo Papa dopo Gesù Cristo. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp., 1856, OE VIII, p. 293-473.

Vita di San Pietro principe degli Apostoli ed un Triduo in preparazione alla Festa dei santi apostoli Pietro e Paolo. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1867, OE XVIII, p. 243-265.

Vita di S. Policarpo vercovo di Smirne e martire e del suo discepolo S. Ireneo vescovo di Lione e martire. Turim, Tip. di G. B. Paravia e Comp., 1857, OE X, p. 97-192.

Vita di Santa Zita serva e di Sant'Isidoro contadino. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1853, OE V, p. 171-179.

Vita infelice di un novello apostata. Turim, Tip. dir. da P. De-Agostini, 1853, OE V, p. 181-228.

CAVIGLIA, Alberto (a cura di). *Opere e scritti editi e inediti di "Don Bosco"*, vol. I, t. 1 *Storia sacra*; t. 2 *Storia ecclesiastica*. Turim, SEI, 1929; vol. II, t. 1 e 2 *Le Vite dei Papi*. Turim, SEI, 1932; vol. III. *La storia d'Italia*. Turim, SEI, 1935; vol. IV. t. 1 e 2 *La vita di Domenico Savio e "Savio Domenico e Don Bosco". Studio introduttivo*. Turim, SEI, 1943; vol. V *Il primo libro di Don Bosco [Cenni sulla vita di Luigi Comollo] – Il "Magone Michele"*. Turim, SEI, 1965; vol. VI *La vita di Besucco Francesco*. Turim, SEI, 1965.

BRAIDO, Pietro (Ed.). *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*. Roma, LAS, 1997.

3. Fontes

3.1 Crônicas manuscritas (ASC – Roma)

- BARBERIS, Giulio. *Cronichetta* – 15 cadernos (1875-1879).
 _____ . Cronaca – con la collaborazione di redattori “ascritti” o postnovizi – 20 quaderni, ASC A 001.
- BERTO, Gioachino. *Notizie*. 1867.
 _____ . *Avvisi – Ricordi – Notizie miracolose* 1867, ASC A 0040205
 _____ . *Raccolta di fatti – fatti e sogni di D. Bosco*, asc a 0040301. – *Fatti particolari*, vol. I – dal 9 sett. al 31 dic. 1867, ASC A 0040606.
 _____ . [Cronaca] 1868 – 2, ASC A 004.
 _____ . [Cronaca] 1868-1869, ASC A 0040607.
 _____ . *Appunti sul viaggio di D. Bosco a Roma nel 1873*, ASC A 0040402
 _____ . *Appunti pel viaggio di D. Bosco a Roma 1877*, ASC A 0040502.
 _____ . *Appunti sui viaggi di D. Bosco a Roma 1879-1880*, ASC A 0040504.
- BONETTI, Giovanni. *Memoria di alcuni fatti tratti dalle prediche o dalla storia* (Alli 17 ottobre 1858 ss.), ASC A 0040601.
 _____ . *Annali I. 1860-1861*, ASC A 0040602.
 _____ . *Annali II. 1861-1862*, ASC A 0040603.
 _____ . *Annali III. 1862-1863*, ASC A 0040604.
 _____ . *Cronaca dell'anno 1864*, ASC A 0040605.
- LEMOYNE, Giovanni Battista. [Cronaca] 1864-1865, ASC A 0090102
 _____ . *Ricordi di gabinetto*, ASC A 0060803.
- RUFFINO, Domenico. *Cronache dell'Oratorio di S. Francesco di Sales n. 1, 1860*.
 _____ . *Cronache dell'Oratorio di S. Francesco di Sales n. 2, 1861*.
 _____ . [Cronaca] 1861 1862 1863 1864 – Inc. “Le doti grandi e luminose”.
 _____ . *Cronaca. 1861 1862 1863*.
 _____ . *Libro di esperienza, 1864*.
 _____ . *Libro dell'esperienza, 1865*.
 _____ . ASC A 0120201.
 _____ . *Rua Michele*, [Cronaca] ASC A 0080401.
- VIGLIETTI, Carlo. *Cronaca di D. Bosco*. 8 quad. dal 20 maggio 1884 al 31 gennaio 1888, ASC A 0090201.

3.2. Outras fontes manuscritas

- Adunanze Capitolo Superiore – Verballi di Capitoli*, dal 1859, ASC D 868.
Capitoli superiori ossia verballi delle radunanze che tenne il Capitolo Superiore della Congregazione di S. Francesco di Sales, cominciando dal 10 Dicembre 1875, a cura di Giulio Barberis, ASC D 869.

Capitolo Superiore – Verbali delle riunioni del Capitolo Superiore dal 1883ss., a cura di Giovanni Battista Lemoyne, ASC D 868 – D 869.

Conferenze generali di S. Francesco di Sales, ASC D 577.

Documenti per scrivere la storia di D. Giovanni Bosco, ASC D 050-093.

3.3 Impressedos

BARBERIS, Giulio. *La repubblica Argentina e la Patagonia. Lettere dei Missionari Salesiani*. Turim, Tip. e Libr. Salesiana, 1877, OE XXIX, p. 291-317.

BRAIDO, Pietro. *Don Bosco per la gioventù povera e abbandonata in due inediti del 1854 e del 1862*. In: BRAIDO, Pietro (Ed.). *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità*. Roma, LAS, 1987, p. 13-81, mss orig. aut. di DB: *Introduzione al Piano di Regolamento dell'Oratorio maschile di S. Francesco di Sales in Torino*, ASC A 2220101; *Cenno storico dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, ASC D 4820104; *Cenni storici intorno all'Oratorio di S. Francesco di Sales*, ASC A 2220102.

BRAIDO, Pietro. *L'idea della Società Salesiana nel "Cenno storico" di Don Bosco del 1873/74*, RSS 6 (1987), p. 245-331, ms orig. aut. di DB: *Cenno storico della Società di S. Francesco di Sales e relativi schiarimenti*, ASC A 2300102, ASC A 2300103 e A 2300104.

BRAIDO, Pietro - ARENAL, Rogélio L. *Don Giovanni Battista Lemoyne attraverso 20 lettere a don Michele Rua*, RSS 7 (1988), p. 89-170, mss orig. aut. di d. Lemoyne: 23 novembre 1865, ASC A 4410435; 20 giugno 1873, ASC A 4410421; giugno 1874, ASC B 5400109; ottobre 1883, ASC A 4410422; 10 aprile 1884, ASC A 4410420; 10 aprile 1884, (con copia allegata) ASC A 4410423; 16 aprile 1884, ASC A 4410424; 19 aprile 1884, ASC A 4410425; 22 aprile 1884, ASC A 4410426; 23 aprile 1884, ASC A 4410429; 24 aprile 1884, ASC A 4410427; 28 aprile 1884, ASC A 4410428; 5 maggio 1884, ASC A 4410430; 6 maggio 1884, ASC A 4410431, 9 maggio 1884, ASC A 4410432; 12 maggio 1884, ASC A 4410434; 15 maggio 1884, ASC A 4410433; luglio 1884; ASC A 4410430; 25 settembre 1894, ASC A 4410437; 30 settembre 1894, ASC A 4410438.

BRAIDO, Pietro. *Michele Rua precario "cronacista" di Don Bosco. Introduzione e testi critici*, RSS 8 (1989), p. 329-367, ms orig. aut. di don Rua: [Cronaca], ASC A 0080401.

BRAIDO, Pietro - MOTTO, Francesco. *Don Bosco tra storia e leggenda nella memoria su "Le perquisizioni"*, RSS 8 (1989), p. 111-200, ms orig. aut. di DB: *Le perquisizioni*, ASC A 2240101 e A 2240102.

BRAIDO, Pietro. *Don Michele Rua primo autodidatta "Visitatore" salesiano. Relazione di "ispezioni" nelle prime istituzioni educative fondate da Don Bosco*, RSS 9 (1990), p. 97-179, ms orig. aut. di don Rua: *Cose da esaminare*, ASC Rua – Taccuini – Relazioni di visite a varie case, FdR 2955 D2-2957 A9.

_____. *Tratti di vita religiosa salesiana nello scritto "Ai Soci Salesiani" di Don Bosco del 1875*. Introduzione e testi critici, RSS 13 (1994), p. 361-448; *Tratti di vita religiosa salesiana... del 1877/1885*. Introduzione e testi critici, RSS 14 (1995), p. 91-154, mss orig. aut. di DB: *Ai Soci Salesiani*, ASC D 4730210, D 4730301, D 4730302, D 4730303, D 4730209.

DECANCQ, Bart. "Severino". *Studio dell'opuscolo con particolare attenzione al "primo oratorio"*, RSS 11 (1992), p. 221-318, mss orig. aut. di DB: *Severino, ossia, avventure di un alpigiano*, ASC A 2340401 e A 2340403.

GIRAUDO, Aldo. "Sacra Real Maestà". *Considerazioni intorno ad alcuni inediti di Don Bosco*, RSS 13 (1994), p. 267-313.

LEMOYNE, Giovanni B. *Scene morali di famiglia esposte nella vita di Margherita Bosco. Racconto edificante ed ameno*. Turim, Tip. e Libr. Salesiana, 1886.

_____. *Lettere circolari di D. Bosco e di D. Rua ed altri loro scritti ai salesiani*. Turim, Tip. Salesiana, 1896.

MALFAIT, Daniel - SCHEPENS, Jacques. "Il cristiano guidato alla virtù ed alla civiltà secondo lo spirito di San Vincenzo de' Paoli". *Analisi del lavoro redazionale compiuto da Don Bosco*, RSS 15 (1996), p. 317-382: analisi delle correzioni aut. di DB sul volume di A. J. Ansart, *Lo spirito di S. Vincenzo de' Paoli* (1840), ASC A 2300206.

MOTTO, Francesco. *I "Ricordi confidenziali ai direttori" di Don Bosco*, RSS 3 (1984), p. 125-166, mss orig. aut. di DB, ASC A 0951003, A 0951004, A 0951005, A 0951007, A 0951008, A 0951009, A 0951010, A 0951011, A 0951012, A 0951013, A 0951014, A 0951015.

_____. *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio Bosco a' suoi figliuoli salesiani* [Testamento spirituale], RSS 4 (1985), p. 73-130, ms orig. aut. di DB, ASC A 2270308.

PAPES, Antonio. *La formazione del salesiano coadiutore nel 1883*, RSS 13 (1994), p. 143-224, ms orig. aut. di don Barberis, ASC F 647.

PRELLEZO, José Manuel. *Valdocco dell'Ottocento tra reale e ideale (1866-1889). Documenti e testimonianze*. Roma, LAS, 1992, mss orig. aut.: CHIALA, C. e LAZZERO, G. *Diário dell'Oratorio di S. Francesco di Sales* (p. 40-103), ASC A 0050503; RUA, M. *Conferenze e deliberazioni capitolari* (p. 145-218), ASC A 4650101; LAZZERO, G. *Adunanze del capitolo della casa* (p. 233-260), ASC F 583; *Conferenze mensili* (p. 261-270), ASC F 588.

_____. *La "parte operaia" nelle case salesiane. Documenti e testimonianze sulla formazione professionale (1883-1886)*, RSS 16 (1997), p. 353-391, mss orig. aut. di vari, ASC D 579.

ROMERO, Cecilia. *Sogni di Don Bosco*. Edizione critica. Leumann (Turim), Elle Di Ci, 1978, mss orig. aut. di DB: 1870, Parigi-Chiesa-Italia, ASC A 2230301; 1876, *Sogno di Lanzo e Domenico Savio*, ASC A 2230306; 1881, *Il manto con i diamanti e la società salesiana*, ASC A 2230308; 1883, *Le Missioni d'America*, ASC A 2230310; 1887, *L'Ancella del Signore*, ASC A 2230311.

4. **Literatura específica**

ALBERDI, Ramón. *Una Ciudad para un Santo: los orígenes de la obra salesiana en Barcelona*. Barcelona, Tibidabo, 1966.

ALBERDI, Ramón - CASANOVAS, Rafael. *Martí-Codolar. Una obra social de la burguesía*. Barcelona, Obra Salesiana Martí-Codolar, 2001.

BELASIO, A. M. *Della vera scuola per ravviare la società pel prof. teol. missionario apostolico Antonio Maria Belasio direttore spirituale del seminario di Vigevano*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales, 1874, OE 79-82 (lett. di Don Bosco all'A.).

BODRATO, Francesco. *Epistolario*. Introduzione, testo critico e note a cura di B. Casali. Roma, LAS, 1995.

BORREGO, Jesús. *Giovanni Battista Baccino, Estudio y edición crítica de su Biografía y Epistolario*. Roma, LAS, 1977.

BRACCO, Giuseppe (a cura di), *Torino e Don Bosco*, vol. I. *Saggi*; vol. II. *Immagini realizzate da Mario Serra*; vol. III. *Documenti scelti da Rosanna Roccia*. Turim, Archivio Storico della Città, 1989.

BRAIDO, Pietro. *Il progetto operativo di Don Bosco e l'utopia della società cristiana*. Roma, LAS, 1982.

_____ (Ed.). *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità*. Roma, LAS, 1987.

_____. *Un "nuovo prete" e la sua formazione culturale secondo Don Bosco*, RSS 8 (1989), p. 7-55.

_____. *"Memorie" del futuro*, RSS 11 (1992), p. 97-127.

_____. *Buon cristiano e onesto cittadino. Una formula dell' "umanesimo educativo" di Don Bosco*, RSS 13 (1994), p. 7-75.

_____. *Il sistema preventivo di Don Bosco alle origini (1841-1862). Il cammino del "preventivo" nella realtà e nei documenti*, RSS 14 (1995), p. 255-320.

_____. *"Poveri e abbandonati, pericolanti e pericolosi": pedagogia, assistenza, socialità nell' "esperienza preventiva" di Don Bosco*. In: "Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni educative" 3 (1996), p. 183-236.

_____ (Ed.). *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*. Roma, LAS, 1997.

_____. *Prevenire non reprimere. Il sistema educativo di Don Bosco*. Roma, LAS, 1999.

CARROZZINO, Michela. *Don Guanella e Don Bosco. Storia di un incontro e di un confronto*. Roma, Nuove Frontiere Editrice, 1989.

CASELLA, Francesco. *Il Mezzogiorno d'Italia e le istituzioni educative salesiane*. Roma, LAS, 2000.

CASELLE, Secondo. *Cascinali e contadini en Monferrato. I Bosco di Chieri nel secolo XVIII*. Roma, LAS, 1975.

_____. *Giovanni Bosco a Chieri 1831-1841. Dieci anni che valgono una vita*. Turim, Edizioni Acclaim, 1988.

CAVAGLIA, Piera - COSTA, Anna (a cura di). *Orme di vita tracce di futuro. Fonti e testimonianze sulla prima comunità delle Figlie di Maria Ausiliatrice (1870-1881)*. Roma, LAS, 1996.

CAVIGLIA, Alberto. *“Don Bosco”. Profilo storico*. Turim, SEI, 1934.

CERRATO, Natale. *La catechesi di Don Bosco nella sua “Storia sacra”*. Roma, LAS, 1979.

_____. *Il linguaggio della prima storia salesiana. Parole e luoghi delle “Memorie Biografiche di Don Bosco”*. Roma, LAS, 1991.

CHIOCCHETTA, Pietro. *San Giovanni Bosco, mons. Daniele Comboni e le iniziative missionarie per l’Africa Centrale (1857-1881)*. In: “Salesianum” 50 (1988), p. 171-190.

DEAMBROGIO, Luigi. *Le passeggiate autunnali di D. Bosco per i colli monferrini*. Castelnuovo Don Bosco, Istituto Salesiano “Bernardi Semeria”, 1975.

DESRAMAUT, Francis. *Les Memorie I de Giovanni Battista Lemoyne. Étude d’un ouvrage fondamental sur la jeunesse de saint Jean Bosco*. Lyon, 1962.

_____. *Don Bosco et la vie spirituelle*. Paris, Beauchesne, 1967.

_____. *Don Bosco à Nice. La vie d’une école professionnelle catholique entre 1875 et 1919*. Paris, Apostolat des Éditions, 1980.

_____. *Don Bosco en son temps (1815-1888)*. Turim, SEI, 1996.

DICKSON, William J. *The dynamics of growth. The foundation and development of the Salesians in England*. Roma, LAS, 1991.

Don Bosco e le sfide della modernità. Turim, Centro Studi “Carlo Trabucco”, 1988.

FARINA, Raffaele. *Leggere Don Bosco oggi. Note e suggestioni metodologiche*. In: *La formazione permanente interpella gli Istituti religiosi*. Leumann (Turim), LDC, 1976, p. 349-404.

FRANCESIA, Giovanni B. *Memorie biografiche di salesiani defunti raccolte e pubblicate dal sac...* San Benigno Canavese, Scuola Tipografica Salesiana, 1903.

FRANSONI, Luigi. *Epistolario*. Introduzione, testo critico e note, a cura di M. F. Mellano. Roma, LAS, 1994.

GIRAUDI, Fedele. *L’Oratorio di Don Bosco. Inizio e progressivo sviluppo edilizio della Casa madre dei salesiani in Torino*. Turim, SEI, 1935.

LASAGNA, Luigi. *Epistolario*. Introduzione, note e testo critico a cura di Antonio da Silva Ferreira, vol. I (1873-1882) e vol. II (1882-1892). Roma, LAS, 1995 e 1997.

LEONARDO (s.), Murialdo. *Epistolario*, 5 vol., a cura di A. Marengo. Roma, Libreria Editrice Murialdana, 1970-1973.

MIDALI, Mario (Ed.). *Don Bosco nella storia*. Atti del 1 Congresso Internazionale di Studi su Don Bosco (Università Pontificia Salesiana – Roma, 16-20 gennaio 1989). Roma, LAS, 1990.

MIDALI, Mario (a cura di). *Don Bosco Fondatore della Famiglia Salesiana*. Atti del Simposio, Roma-Salesianum 22-26 gennaio 1989. Roma, Editrice SDB, 1989.

MOTTO, Francesco. *Don Bosco mediatore tra Cavour e Antonelli nel 1858*, RSS 5 (1986), p. 3-20.

_____. *L' "oratorio" di Don Bosco presso il cimitero di S. Pietro in Vincoli in Torino. Una documentata ricostruzione del noto episodio.* RSS 5 (1986), p. 199-200.

_____. *Le conferenze "annesse" di S. Vincenzo de' Paoli negli oratori di Don Bosco.* In: PRELEZZO, J. M. (a cura di). *L'impegno dell'educatore.* Roma, LAS, 1991, p. 472-476.

_____. *"Il centenario di S. Pietro" denunciato alla S. Congregazione dell'Indice. La memoria difensiva di Don Bosco.* RSS 15 (1996), p. 55-99.

_____. (Ed.). *L'Opera Salesiana dal 1880 al 1922. Significatività e portata sociale,* 3 vol. Roma, LAS, 2001.

PERNIOLA, Erasmo. *Luigi Monti fondatore dei Figli dell'Immacolata Concezione,* 2 vol. Saronno, Editrice Padre Monti, 1983.

PICCA, Juan e STRUS, Józef (a cura di). *San Francesco di Sales e i salesiani di Don Bosco.* Roma, LAS, 1986.

POSADA, Maria E. (a cura di). *Attuale perché vera. Contributi su S. Maria Domenica Mazzarello.* Roma, LAS, 1987.

SCHEPENS, Jacques. *"La forza della buona educazione". Étude d'un écrit de Don Bosco.* In: PRELEZZO, J. M. (a cura di). *L'impegno dell'educatore.* Roma, LAS, 1991, p. 417-433.

STELLA, Pietro. *Valori spirituali nel "Giovane provveduto" di San Giovanni Bosco.* Roma, PAS, 1960.

_____. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Vol. I. *Vita e opere,* II. *Mentalità religiosa e spiritualità,* III. *La canonizzazione (1988-1934).* Roma, LAS, 1979, 1981, 1988.

_____. *Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870).* Roma, LAS, 1980.

TOMATIS, Domenico. *Epistolario (1874-1903).* Edición crítica, introducción y notas por Jesús Borrego. Roma, 1992.

TUNINETTI, Giuseppe. *Lorenzo Gastaldi 1815-1883,* vol. I. *Teologo, pubblicista, rosminiano, vescovo di Saluzzo: 1815-1871;* vol. II. *Arcivescovo di Torino: 1871-1883.* Casale Monferrato, Piemme 1983, 1988.

VALENTINI, Eugenio. *Don Bosco e Sant'Afonso.* Pagani (Salerno), Casa Editrice Sant'Alfonso, 1972.

ZIMNIAK, Stanislaw. *Salesiani nella Mitteleuropa. Preistoria e storia della provincia Austro-Ungarica della Società di S. Francesco di Sales (1868 ca.-1919).* Roma, LAS, 1997.

5. **Leitura complementar**

APORTI, Ferrante. *Scritti pedagogici editi e inediti,* a cura di Angiolo Gambaro, 2 vol. Turim, Edizioni Chiantore, 1945.

APPENDINO, Filippo N. *Chiesa e società nella II metà del XIX secolo in Piemonte.* Casale Monferrato, Edizioni P. Marietti, 1982.

AUBERT, Roger. *Il pontificato di Pio IX (1846-1878)*, II ediz. italiana sulla II francese a cura di G. Martina. Turim, S.A.I.E., 1976.

AUDISIO, Roberto. *La "Generala" di Torino. Esposte, discoli, minori corrigendi (1785-1850)*. Santena, Fondazione C. Cavour, 1987.

BERTONI, Dina J. (a cura di). *I periodici popolari del Risorgimento*, 2 vol. Milão, Feltrinelli, 1959.

BETTAZZI, Luigi. *Obbediente in Ivrea. Monsignor Luigi Moreno vescovo dal 1848 al 1878*. Turim, SEI, 1989.

BORSARELLI, Rosa M. *La marchesa Giulia di Barolo e le opere assistenziali in Piemonte nel Risorgimento*. Turim, G. Chiantore, 1933.

BULFERETTI, Luigi - LURAGHI, Raimondo. *Agricoltura, industria e commercio in Piemonte dal 1814 al 1848*, Vol. III. *Dal 1814 al 1848*; vol. IV. *Dal 1848 al 1861*. Turim, Ist. per la Storia del Risorgimento. Comitato di Torino, 1966-1967.

CAFAGNA, Luigi. *Cavour*. Bolonha, Il Mulino, 1999.

CANDELORO, Giorgio. *Storia dell'Italia moderna*, vol. III. *La rivoluzione nazionale 1846-1849*; vol. IV. *Dalla rivoluzione nazionale all'Unità 1849-1860*; vol. V. *La costituzione dello stato unitario 1860-1871; Lo sviluppo del capitalismo e del movimento operaio 1871-1896*. Milão, Feltrinelli, 1960, 1964, 1968, 1970.

CARACCILO, Alberto. *Roma, capitale dal Risorgimento alla crisi dello stato liberale*. Roma, Edizioni Rinascita, 1956.

CASTELLANI, Armando. *Il beato Leonardo Murialdo*, vol. I. *Tappe della formazione. Prime attività apostoliche (1828-1866)*; vol. II. *Il pioniere e l'apostolo dell'azione sociale cristiana e dell'azione cattolica (1867-1900)*. Roma, Tip. S. Pio X, 1966, 1968.

CASTRONOVO, Valério. *La rivoluzione industriale*. Bari, Laterza, 1978.

_____. *Storia economica d'Italia. Dall'Ottocento ai giorni nostri*. Turim, Einaudi, 1995.

CHEVALIER, Louis. *Classi lavoratrici e classi pericolose. Parigi nella rivoluzione industriale*. Bari, Laterza, 1976.

CHIUSO, Tomaso. *La chiesa in Piemonte dal 1797 ai giorni nostri*. Vol. III-V [1815-1883]. Turim, Giulio Speirani e figli, 1889, 1892; G. Arneodo, 1904.

CHOLVY, Gérard - HILAIRE, Yves-Marie. *Histoire religieuse de la France contemporaine*. 2 vol. 1800/1880, 1880/1930. Toulouse, Privar, 1985-1986.

CIPOLLA, Carlo Maria (Ed.). *Storia economica d'Europa*. Vol. III. *La rivoluzione industriale*. Turim, UTET, 1980.

COLAPIETRA, Raffaele. *La Chiesa tra Lamennais e Metternich. Il pontificato di Leone XII*. Brescia, Morcelliana, 1963.

COLOMBERO, Giuseppe. *Vita del servo di Dio D. Giuseppe Cafasso, con cenni storici sul Convitto ecclesiastico di Torino*. Turim, Fratelli Canonica, 1895.

COSTA, Rovilio - DE BONI, Luis A. (a cura di). *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Turim, Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 1991.

DEL CORSO, Mauro. *Un vescovo nella storia. Cosimo Corsi, cardinale di Pisa. La storia di un vescovo*. Pisa, Pacini, 1988.

DE ROSA, Gabriele. *Il movimento cattolico in Italia dalla Restaurazione all'età giolittiana*. Bari, Laterza, 1988.

DE ROSA, Gabriele - GREGORY, Tullio - VAUCHEZ, André. *Storia dell'Italia religiosa*. Vol. III. *L'età contemporanea*, a cura di G. De Rosa. Roma-Bari, Laterza, 1995.

DOTTA, Giovenale. *La nascita del movimento cattolico a Torino e l'Opera dei Congressi (1870-1891)*. Casale Monferrato, Piemme, 1999.

FATTORINI, Emma (a cura di). *Santi, culti, simboli nell'età della secolarizzazione (1815-1915)*. Turim, Rosenberg e Sellier, 1997.

FIorentino, Carlo M. *Chiesa e Stato a Roma negli anni della Destra storica 1870-1876. Il trasferimento della capitale e la soppressione delle Corporazioni religiose*. Roma, Istituto per la Storia del Risorgimento italiano, 1996.

FONTANA, Sandro. *La controrivoluzione cattolica a Roma da Pio VI a Leone XII*. Brescia, Morcelliana, 1968.

FOSSATI, Antonio. *Origini e sviluppi della carestia del 1816-1817 negli Stati Sardi di Terraferma*. Turim, Giappichelli, 1929.

Francesco Faà di Bruno (1825-1888). Miscellanea. Torino, Bottega d'Erasmus 1977.

GAMBARO, Angiolo, *Sulle orme del Lamennais in Italia*. Vol. I. *Il Lamennismo a Torino*. Turim, Deputazione Subalpina di Storia Patria, 1958. Non uscirono i due volumi annunciati come "di prossima pubblicazione": *Il Lamennismo liberale in Italia e Il Lamennismo democratico laico in Italia*.

GEMELLI, Agostino - VISMARA, Silvio. *La riforma degli studi universitari negli Stati pontifici (1816-1824)*. Milão, Vita e Pensiero, 1933.

Giornalismo e cultura cattolica a Torino. Aspetti storici e testimonianze fra 800 e 900. Turim, Centro Studi "Carlo Trabucco", 1982.

GIRAUDO, Aldo. *Clero, seminario e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*. Roma, LAS, 1993.

GOFFI, Tullio. *La spiritualità dell'Ottocento*. Bolonha, Edizioni Dehoniane, 1989.

GUASCO, Maurilio. *Storia del clero in Italia dall'ottocento ad oggi*. Roma-Bari, Laterza, 1997.

JEMOLO, Artiro C. *Chiesa e Stato in Italia negli ultimi cento anni*. Turim, Einaudi, 1963.

LANZA, Giovanni. *La marchesa Giulia Falletti di Barolo nata Colbert*. Turim, Giulio Speirani e figli, 1892.

Legge Siccardi sull'abolizione del foro e delle immunità ecclesiastiche. Tornate del Parlamento subalpino. Turim, Tip. Cugini, Pomba e C. Editori, 1850.

LEÓN, Pierre (Ed.). *Storia economica e sociale del mondo*. Vol. III. *Le rivoluzioni 1730-1840*, t. 2 *L'era delle rivoluzioni (1730-1840)*; vol. IV *Il capitalismo 1840-1914*, t. 1 *Il secolo della crescita*. Bari, Laterza, 1980.

LEUZZI, Maria C. *Alfabetizzazione nazionale e identità civile. Un piccolo popolo per una grande nazione (1880-1911)*. Roma, Anicia, 1998.

LEVRA, Umberto. *L'altro volto di Torino risorgimentale 1814-1848*. Turim, Comitato di Torino dell'Istituto per la storia del Risorgimento italiano, 1988.

MANTELLINO, Giacomo. *La scuola primaria e secondaria in Piemonte e particolarmente in Carmagnola dal secolo XIV alla fine del secolo XIX*. Carmagnola, Presso l'Autore, 1909.

MARTINA, Giacomo. *Pio IX (1846-1850)*. Roma, Università Gregoriana Editrice, 1974; *Pio IX (1851-1866)*, ibid., 1986; *Pio IX (1867-1878)*, ibid., 1990.

MELLANO, Maria F. *Il caso Fransoni e la politica ecclesiastica piemontese (1848-1850)*. Roma, Pont. Univ. Gregoriana, 1964.

_____. *Ricerche sulla legge Siccardi. Rapporti tra S. Sede, l'episcopato piemontese e il governo sardo*. Turim, Deputazione Subalpina di Storia, 1973.

MENOZZI, Daniele. *La Chiesa cattolica e la secolarizzazione*. Turim, Einaudi, 1993.

MICCOLI, Giovanni. *Fra mito della cristianità e secolarizzazione. Studi sul rapporto chiesa-società nell'età contemporanea*. Casale Monferrato, Marietti, 1985.

NALBONI, Giuseppe. *Carcere e società in Piemonte (1770-1857)*. Santena (Turim), Fondazione Camillo Cavour, 1988.

NÉDONCELLE, Maurice G. et al. (a cura di). *L'ecclésiologie au XIXe siècle*. Paris, Les Éditions du Cerf, 1960.

NICOLIS, di Robilant. *Vita Del venerabile Giuseppe Cafasso fondatore Del Convitto ecclesiastico di Torino*. 2 vol. Turim, Scuola Tipografica Salesiana, 1912.

OLEA, Álvarez P. A. *El carlismo y la iglesia durante el ultimo decenio del pontificado de Pio IX (1868-1878)*. Romae, Pont. Univ. Gregoriana, 1989.

Ombre e luci della Restaurazione. Trasformazioni e continuità istituzionali nei territori del Regno di Sardegna. Atti del Convegno. Turim, 21-24 ottobre 1991. Roma, Ministero dei Beni Culturali e Ambientali. Ufficio Centrale per i Beni Archivistici, 1997

OSBAT, Luciano - PIVA, Francesco (Ed.). *La "Gioventù Cattolica" dopo l'Unità 1868-1968*. Roma, Studium, 1972.

PAPA, Emilio R. *Origini delle società operaie. Libertà di associazione e organizzazioni operaie di mutuo soccorso in Piemonte 1848-1861*. Milão, Lerici, 1967.

PAZZAGLIA, Luciano (a cura di). *Chiesa e prospettive educative in Italia tra Restaurazione e unificazione*. Brescia, La Scuola, 1994.

_____. *Cattolici, educazione e trasformazioni socio/culturali in Italia tra Otto e Novecento*. Brescia, La Scuola, 1999.

PAZZAGLIA, Luciano - SANI, Roberto (a cura di). *Scuola e società nell'Italia unita. Dalla Legge Casati al Centro-sinistra*. Brescia, La Scuola, 2001.

PENCO, Gregorio. *Storia della Chiesa in Italia*. Vol. II. *Dal Concilio di Trento ai nostri giorni*. Milão, Jaca Book, 1978.

PETITI, di Roreto C. I. *Della condizione attuale delle carceri e dei mezzi di migliorarla*. Turim, G. Pomba e comp., 1846. In: *Opere scelte*, a cura di G. M. Bravo, vol. I. Turim, Fondazione L. Einaudi, 1969.

PETROCCHI, Massimo. *La Restaurazione, il cardinal Consalvi e la riforma del 1816*. Florença, Le Monnier, 1941.

_____. *Storia della spiritualità italiana*. Vol. III. *Il Settecento, l'Ottocento e il Novecento*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1979.

PIGNATELLI, Giuseppe. *Aspetti della propaganda cattolica a Roma da Pio VI a Leone XII*. Roma, Istituto per la storia del Risorgimento italiano, 1954.

RENOUVIN, Pierre. *Il secolo XIX. Dal 1815 al 1871*. Roma, UNEDI, 1975.

REY-MERMET, Théodule. *Il santo del secolo dei Lumi. Alfonso de Liguori (1696-1787)*. Roma, Città Nuova, 1983.

RIGAULT, Georges. *Histoire générale de l'Institut des Frères des Écoles Chrétiennes*, t. VII *L'ère du Frère Philippe. L'Institut parmi les Nations*. Paris. Librairie Plon, 1947.

ROMANI, Mario. *Storia economica d'Italia nel secolo XIX 1815-1914*, vol. II. Milão, A. Giuffrè, 1970.

ROMEO, Rosario. *Cavour e il suo tempo*. 2 vol. [1818-1842, 1842-1854, 1854-1861]. Bari, Laterza, 1984.

ROSA, mario (Ed.). *Cleo e società nell'Italia contemporanea*. Bari-Roma, Laterza, 1992.

ROUSSEAU, Olivier. *Histoire du mouvement liturgique. Esquisse historique depuis le début du XIXe siècle jusqu'au pontificat de Pie X*. Paris, Lês Éditions du Cerf, 1945.

SCARAFFIA, Lucetta – ZARRI, Gabriella (a cura di). *Donne e fede. Santità e vita religiosa in Italia*. Roma-Bari, Laterza, 1994.

SCOPPOLA, Pietro. *Chiesa e Stato nella storia d'Italia. Storia documentaria dall'Unità alla Repubblica*. Bari, Laterza, 1967.

SIDERI, Cristina. *Ferrante Aporti. Sacerdote, italiano, educatore. Biografia del fondatore delle scuole infantili in Italia sulla base di nuova documentazione inedita*. Milão, F. Angeli, 1999.

SOLDANI, Simonetta – TURI, Gabriele. *Fare gli italiani. Scuola e cultura nell'Italia contemporanea*. 2 vol. Bolonha, Il Mulino, 1993.

SPINI, Giorgio. *Risorgimento e Protestanti*. Turim, Claudiana, 1998.

Spiritualità e azione del laicato cattolico italiano, 2 vol. Pádua, Editrice Antenore, 1969.

SPRIANO, Paolo. *Storia di Torino operaia e socialista da De Amicis a Gramsci*. Turim, Einaudi, 1972.

TALAMO, Giuseppe. *La scuola dalla legge Casati alla inchiesta del 1864*. Milano, Giuffrè, 1960.

TIVARONI, Carlo. *L'Italia durante il dominio austriaco (1815-1849)*, t. I *L'Italia Settentrionale*. Turim-Roma, Roux e C., 1892.

_____. *L'Italia degli italiani*, t. I *1849-1859*. Turim, Roux Frassati, 1895.

TRAINELLO, Francesco. *Cultura cattolica e vita religiosa tra Ottocento e Novecento*. Brescia, Morcelliana, 1991.

VANGELISTA, Chiara. *Dal vecchio al nuovo Continente. L'immigrazione in America Latina*. Turim, Paravia, 1997.

VERRI, Carlo. *I Fratelli delle Scuole Cristiane e la storia della scuola in Piemonte (1829-1859)*. Erba (Como), Casa Editrice "Sussidi", 1966.

VERUCCI, Guido. *L'Italia laica prima e dopo l'Unità 1848-1876. Anticlericalismo, libero pensiero e ateismo nella società italiana*. Bari, Laterza, 1981.

_____. *Cattolicesimo e laicismo nell'Italia contemporanea*. Milão. F. Angeli, 2001.

VINAY, Valdo. *Storia dei Valdes.*, Vol. III. *Dal movimento evangelico italiano al movimento ecumenico (1848-1978)*. Turim, Editrice Claudiana, 1980.

ZAMBALDI, Ida. *Storia della scuola elementare in Italia. Ordinamenti, pedagogia, didattica*. Roma, LAS, 1975.



ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abraão: 39.
Acquarona: 202 (27).
Agostinho s. Aurélio (354-430): 222, 252.
Aguilar Luigi Maria, bispo (1814-1896): 438.
Ajra Adele (1851-1918): 122.
Alasia Matteo: 230, 651.
Albera Paolo, reitor-mor (1845-1921): 19, 21 (e 47), 63, 209, 239, 253, 264 (113), 301 (111), 353, 373 (131), 437, 446, 481, 504, 514, 537, 538, 539, 541 (e 129), 549, 583, 680.
Alberdi Ramón: 347 (142), 540 (123, 124), 596 (85), 599 (98, 99), 601 (108), 656 (8, 9), 657 (10), 663 (45).
Albert Federico, b. (1820-1876): 24 (e 59), 94 (e 6), 97 (e 22, 23), 212.
Albertario Davide, sac., jornalista (1846-1902): 423.
Albertotti Giuseppe, médico: 547, 647.
Alfieri Vittorio (1749-1803): 566.
Afonso Maria s. de' Liguori, fondatore, bispo (1696-1787): 60, 68, 270, 272, 439, 502.
Alimonda Gaetano, arciv., card. (1818-1891): 5, 7, 278, 381, 419, 467 (128), 471, 474, 486, 494, 499, 506, 507, 527, 545, 546 (e 10), 552 (e 46), 553 (e 50), 557, 561, 563, 564, 572, 580, 586, 587, 588, 589, 590, 606, 620, 622, 644, 645, 647, 651, 657, 658 (e 13, 16, 17), 659 (e 18, 19, 20).
Allamano Giuseppe, sac., fondatore, b. (1851-1926): 62, 685, 686.
Allavena Giovanni (Pietro) (1855-1887): 144, 158, 387, 584, 586 (46).
Allegro Filippo, bispo (1829-1910): 201.
Allemand Jean Joseph, sac. (1792-1836): 344.
Allievo Giuseppe, pedagoga (1830-1913): 23, 397, 398, 404 (e 54), 405, 407 (e 69), 408, 409, 410 (e 84).
Alloa Giovanna Angela: 70.
Aluffi Giovanni Battista (1846-1938): 339 (99), 404 (52), 405 (58).
Alzon Emmanuel d', sac., fundador (1810-1880): 516.
Amadei Angelo (1868-1945): 64, 167 (23), 455 (69), 525 (53), 553 (153).
Amari Michele, historiador, político (1806-1889): 22.
Amat Villarios Fanny (1814-1882): 44.
Ambrogio, s. (339ca-397): 329.
Amedeo di Savoia, duca d' Aosta (1845-1890): 695.
Ampugnani Francesco, sac. (1818-1882): 15.
Ancieu de la Bâtie, comtes d': 491.
Andolfi Gaetano: 487.
Andorno Giovanni Battista: 23.
Aneiros León Federico, arciv. (1826-1894): 138, 151, 153 (96), 154, 160 (e 126), 228, 277, 278, 377, 380 (e 169, 171), 508.
Anfossi Giovanni Battista (1840-1913): 86, 302, 332, 334, 417.
Angela s. Merici, fundadora (1470/75-1540): 58.
Angelini Antonio, s.j., epigrafista (1809-1892): 329.
Anglesio Luigi, cónego.(1803-1881): 95.
Ansart André-Joseph (1723-1790ca.): 703.
Antonelli Giacomo, cardeal, segr. di Stato (1806-1876): 47, 48, 49, 50 (212), 51, 101, 102, 142, 145.
Apollonio Giuseppe, bispo (1829-1903): 479.
Aporti Ferrante, pedagoga (1791-1858): 706.
Appendino Filippo Natale: 706.
Arborio Mella Edoardo, arquiteto: 361.

- Arecco Felicina: 74.
- Arenal Llata Rogélio: 89 (137), 491 (99, 101, 102), 550 (31, 33, 34, 35), 551 (36, 37, 40) 553 (52), 556 (62, 63), 557 (70), 558 (73).
- Ariosto Ludovico, poeta (1474-1533): 450.
- Arnold s. Janssen, fundador (1837-1909): 349.
- Arrigotti Francesco: 125 (157), 696.
- Astori Elisabetta: v. Bellavite
- Astori Guido: 430 (195).
- Astori Vincenzo Omobono: 479.
- Aubert Roger, historiador: 707.
- Aubineau Léon: 517 (23), 518 (25, 26), 519 (e 28), 521.
- Audisio Roberto: 707.
- Avigdor, fiação: 132.
- Azeglio Massimo Taparelli d'Azeglio, escritor, político (1798-1866): 450.
- Bacchialoni Carlo: 23.
- Baccino Giovanni Battista (1843-1877): 148, 153, 149, 376.
- Balbo Bertone de Sambuy Ernesto (1837-1909): 559.
- Balbo Cesare (1850-1913): 39, 46, 126 (e 165, 170), 127, 462, 494.
- Balbo, fam: 41, 42.
- Balbo Prospero: 46.
- Baldassari Francesco, bispo (1836-1912): 478.
- Ballesio Giacinto, cônego (1842-1917): 657, 662 (e 37, 38, 39, 40, 41).
- Balma Giovanni Antonio, bispo (1817-1881): 48.
- Barale Pietro (1846-1934): 534 (e 93).
- Barbe, sac.: 366.
- Barberis Giulio (1847-1927): 5, 6, 7, 46, 34, 75, 104 (60), 105 (61, 62, 63, 64), 106 (66), 107 (67), 109 (79), 126 (163), 130 (e 1), 140, 141 (41), 143 (52), 146 (66), 147 (70, 71), 153 (e 98), 164 (5), 167 (e 22), 173 (46), 181 (82, 86), 182 (e 88, 89), 191 (122), 199 (6), 200 (16), 208 (e 56), 209 (e 60, 63), 215 (90), 216 (92, 93, 94), 217 (95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104), 218 (105, 106, 108, 109), 219 (110), 235, 236 (e 8, 9, 10, 11, 12), 238 (26), 243 (41), 250, 262, 264, 272, 236, 250 (e 65), 251 (66, 68, 69), 252 (70, 72), 254 (78), 255 (83, 84, 85, 86, 87, 88), 256 (89, 90), 257 (91, 92), 258 (93, 94), 259 (98, 99), 260 (101), 262, 263 (109, 110), 264 (e 112, 113, 116), 265 (117, 118), 271 (148, 149), 276 (2), 277 (e 3, 4), 278 (7, 12, 13), 281 (26), 285 (e 41, 43), 286 (48), 290 (66), 291 (72), 292 (e 76, 81), 293, 294 (84), 295 (92), 316 (1), 317 (3), 318 (4), 319 (5), 320 (6, 7), 321 (8, 9), 322 (10, 11), 323 (14, 15, 16, 19, 21), 324 (22, 26), 325 (33, 34), 355, 365 (83), 369 (104, 105), 370 (114), 372 (124), 397 (22), 401 (35), 454 (e 65, 66), 438 (1, 2), 447 (48, 49), 448 (50, 51), 449 (52, 53), 450 (54, 55, 56), 451 (58, 59), 452 (60, 61, 62, 63), 453 (64), 454 (e 65, 66), 455 (67, 68), 529, 528 (69, 73), 535, 532, 547, 548, 549, 576 (167), 625 (55), 649.
- Baricco Pietro (1819-1877): 22 (52), 401.
- Barolo Giulia Falletti di, fundadora (1785-1864): 54, 63.
- Barolo Tancredi Falletti di (1782-1838): 63.
- Bartolini Domenico, card. (1813-1887): 416, 626.
- Bassignana Paolo (1856-1924): 477.
- Beauvoir Giuseppe (1850-1930): 381.
- Beckx Pierre-Jean, (1795-1887): 413.
- Beissière Léon (1869-1953): 539.
- Belasio Antonio (1813-1889): 704.
- Bellamy Charles (1852-1911): 539 (e 117).
- Bellavite Elisabetta Astori (1812-1888): 479.
- Belletrutti Filippo: 30 (89), 31.
- Bellia Giacomo (1834-1908): 229.

- Bellò Carlo: 439(6).
 Belmonte Domenico (1843-1901): 153, 439, 533 (88), 607.
 Belza Juan Esteban (1918-1989): 389 (169).
 Benítez José Francisco (1796-1882): 138, 140 (39), 149, 150, 152, 159, 192.
 Bent Michel: 514.
 Bento XV, papa (1854-1922): 518.
 Beraldi Giovanni (1864-1940): 584, 585 (35).
 Berardi Giuseppe, cardeal. (1810-1878): 51, 75 (e 71), 85, 86, 95 (e 13), 96 (e 19), 101 (e 40), 105, 106, 108 (73), 172, 287, 330.
 Bergasse, empedendedor: 159, 368, 574, 575, 598.
 Berisi Pier José (1824-1873): 22.
 Bernezzo Maria de: 342.
 Berrone Antonio: 578.
 Bertagna Giovanni Battista, teol., bispo (1828-1905): 30, 114, 205 (41), 421, 572, 652.
 Bertello Giuseppe (1848-1910): 114, 398 (26), 397, 401, 405, 406, 407 (e 70), 462, 464.
 Bertetto Domenico (1914-1988): 659 (22), 670 (94).
 Berti Domenico, político (1820-1897): 398.
 Bertinetti Carlo (1793-1868): 125.
 Bertinetti Ottavia (1796-1869): 125.
 Berto Gioachino (1847-1914): 45, 51, 75, 84 (110), 85, 105, 106, 160, 172 (41), 175, 185 (97), 200 (18), 206, 238, 276, 287 (e 55), 288 (60, 61, 62), 292 (79), 293, 302, 312, 330 (e 54), 332 (59), 334, 336, 345, 381 (e 179), 427, 428, 445 (39, 40), 485 (56), 515 (e 12), 549, 554, 559, 648, 701.
 Bertoni Jovine Dina, pedagoga (1898-1970): 707.
 Bestenti, médico: 647.
 Besucco Francesco (1850-1864): 216, 567.
 Bethford Charlotte (1850-1929): 515.
 Béthune, conde de: 136.
 Bettazzi Luigi, bispo: 707.
 Besucco Francesco (1850-1864):
 Biale Lorenzo Giovanni, bispo (1785-1877): 198 (e 4), 201.
 Bianchi Angelo, card. (1817-1897): 335.
 Bianchi Eugenio (1853-1931): 535.
 Bianchi Raimondo, o. p.: 76, 83, 87, 166.
 Bianco di Barbania Carlo Giacinto (1803-1878): 42, 364.
 Bianco Enzo: 180 (80).
 Biffi Serafino (1822-1899): 25 (e 63).
 Bilio Luigi, card. (1826-1884): 204, 206 (e 46), 275, 279, 280, 281 (26), 287, 315, 330.
 Billuart Charles René, teol. (1685-1757): 502.
 Biolchini, s. j.: 328.
 Bismarck-Schönhausen Otto von, estadista (1815-1898): 86.
 Bizzarri Andrea Giuseppe, cardeal. (1802-1877): 80, 85, 86, 87, 93 (3), 94, 95 (13), 102, 106 (e 65), 107, 111.
 Blanchon, fam.: 570.
 Blengini Maria: 70, 71.
 Blengini Matteo: 70.
 Boassi Andrea: 41 (156), 157.
 Boaventura s. da Bagnoregio, teol., bispo, card. (1221-1274): 448.
 Boccali Gabriele, prelado: 426, 427 (e 177).
 Bodrato Francesco (1823-1880): 15, 73, 75, 124, 129, 137, 148, 153 (92), 155, 159, 160, 161, 257, 353, 361, 374 (e 138), 375 (e 139, 140, 141), 376, 377, 379, 380 (167), 381, 382 (e 181, 182), 383, 387, 468 (136), 504, 508 (159), 685, 704.
 Boisard Louis: 514.
 Bologna Giuseppe (1847-1907): 157, 158, 202 (29), 260, 369, 372, 373, 413, 445 (e 33), 446 (e 43), 537 (e 109), 538, 619.
 Bona Bartolomeu (1793-1876): 29 (81).

- Bonaparte Giuseppe Carlo Girolamo (1822-1891): 486.
- Boncompagni conde: 406, 558.
- Bonetti Giovanni (1838-1891): 17 (e 26, 29), 18 (30, 32, 33), 24, 32 (e 103), 33 (105), 34, 41, 44 (e 182), 45, 54 (1), 74, 125, 126, 181, 182 (e 89), 190, 205, 219 (e 112), 220, 221, 222, 223, 225 (135, 137, 140, 141), 227 (145), 235 (7), 237, 238, 243 (e 43), 246, 249 (e 56), 257, 302, 320, 335, 336, 341, 345, 356, 357, 362, 363 (61), 401, 402, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 129, 430, 431 (e 201), 432, 442, 447 (49), 452, 458, 462, 464, 465, 467, 469 (e 138), 470, 471, 485, 499 (133), 528, 533 (87), 545, 546, 549, 550 (32), 554, 558, 572, 573, 605, 649, 652, 701.
- Bonmartini Mainardi, condessa: 545 (4), 570.
- Bonomelli Geremia, bispo (1831-1914): 430 (195), 438, 440 (e 9), 423, 430 (195).
- Bonora Paolo: 19.
- Boraggini Giuseppe, bispo (1820-1897): 201.
- Borghese Paolo, príncipe: 288.
- Borghino Michele (1855-1929): 510 (e 168).
- Borgna Giovanna (1862-1939): 123.
- Borgonovo Giacomo: 344 (e 123).
- Borrego Jesús: 145 (64), 148 (73), 149 (74, 77), 153 (98), 678 (127), 698, 704, 706.
- Borrelli, ch.: 81.
- Borsarelli Rosa Maria: 707.
- Bosco di Ruffino Ottavio (1840-1909): 622.
- Bosco Eulalia (1866-1938): 462, 466 (e 125).
- Bosco Francesco (1841-1911): 462.
- Bosco Guiseppe Luigi (1813-1862): 462, 637.
- Bosco Riccardi Enrichetta: 433.
- Bosio Antonio, teol. († 1880): 44 (181).
- Bosio Elisabetta: 21 (50).
- Bossuet Jacques Bénigne, bispo (1627-1704): 658.
- Botta Luigi (1854-1927): 380.
- Bottagisio Laura: 195 (138).
- Bouix Marie-Dominique, canonista (1808-1870): 394 (e 11), 395.
- Bracco Giuseppe: 22 (51), 26 (72), 704.
- Braido Pietro: 84 (114), 85 (115), 89 (137), 136 (30), 164 (1), 189 (113), 237 (17), 238 (28), 247 (52), 260 (100), 264 (113), 265 (121, 122), 266 (127), 270 (144, 147), 272 (151), 294 (85, 86), 295 (91), 297 (96), 299 (102, 105), 339 (101), 340 (103), 456 (76), 491 (100, 101, 102), 550 (31, 33, 34, 35), 557 (70) 558 (73), 581 (24), 678 (129), 679 (133), 689, 690, 691, 695, 697, 698, 699, 700, 702, 704.
- Brancadoro Emma: 35.
- Brancadoro, fam: 34.
- Branda Giovanni Battista (1842-1927): 370 (115), 480, 481 (36), 540, 541 (e 129), 533 (89), 583 (e 31), 591, 598, 600.
- Brandolini Rota Sigismondo, bispo (1823-1908): 523 (e 48).
- Bravo Gian Mario: 709.
- Bresciani Antonio, s. j., romancista (1799-1862): 450.
- Brin Benedetto, eng., político (1833-1898): 355, 357.
- Brogly, sac.: 413.
- Broquier, M.me: 373 (131), 634.
- Brovia Carlo: 462.
- Bruna Domenico (1850-1911): 440, 476.
- Bruno Caytano, historiador: 148 (72), 308 (168), 507 (156).
- Bruschi Giuseppe (1822-1901): 356.
- Buffa, eng.: 605.
- Bulferetti Luigi: 707.
- Bussi Luigi (1848-1928): 462, 466, 469.
- Butt John, bispo (1826-1899): 640.
- Buyse Raymond, pedagoga (1889-

- 1874): 679.
- Buzzetti Carlo, empresário (1829-1891): 25, 27, 28, 203.
- Buzzetti Giosué, empresário (1841-1902): 27, 28.
- Buzzetti Giuseppe (1832-1891): 491, 534 (91).
- Caamaño José Maria, político (1838-1901): 622.
- Cafagna Luigi: 707.
- Caetano s. da Thiene, fundador (1480-1547): 527.
- Cagliero Cesare (1854-1899): 267, 269, 644 (163).
- Cagliero Giovanni, bispo (1838-1926): 36, 41 (156), 53, 56, 66, 71, 73, 74, 113, 115, 120, 121, 122 (e 140), 123 (e 144), 1224, 126 (e 168), 127 (174), 129, 133, 137, 141, 142, 143, 144 (e 53), 145 (e 60, 61), 147, 148, 149 (e 75, 76), 150 (e 78, 79, 80), 151 (e 83), 152 (e 89), 153 (e 94, 95), 154 (e 100, 101, 102), 155 (e 103, 107), 156 (e 108, 111, 112, 113, 114), 157 (e 117), 158 (e 119, 120), 159 (e 122), 160 (126), 174 (e 54), 175 (55), 181 (e 85), 182 (89), 192 (e 129), 199 (e 9), 205, 209, 210 (64), 226, 254, 258, 266, 277, 281, 282, 285, 290, 301 (111), 302, 333, 354, 355, 359 (29), 373, 374, 375, 376, 377, 384, 385 (e 200, 202), 422, 426, 438, 441, 442, 447 (49), 448 (51), 451, 456, 460, 461, 462, 463, 464 (e 115), 465, 467 (e 130), 468, 472, 473, 475, 477, 480 (e 32), 481, 504, 505, 506, 507, 508 (e 159, 161), 509, 527 (65), 541 (e 129), 549, 556, 568 (116), 572, 575, 581 (e 25), 607 (e 142), 615, 620, 629, 636, 637 (129), 639, 643 (e 159), 645, 646, 648, 649, 650, 651, 652, 685.
- Cagliero Giuseppe (1847-1874): 19, 73.
- Cairolí Benedetto, político (1825-1889): 339, 383, 404, 409, 410, 414.
- Calabiana Luigi Nazari di, arceb. (1808-1893): 618.
- Calandri Giovanni: 631 (91).
- Calcagno Luigi (1857-1899): 389, 643.
- Calderari Isabella (1844-1879): 44.
- Calliano Tommaso (1853-1899): 359.
- Callori Carlotta Balbo di Sambuy (1827-1914): 16, 17, 25 (e 65), 34, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45 (e 187, 188), 61, 144 (58), 360, 384 (197), 493 (e 111), 571.
- Callori, fam: 40, 41.
- Callori Giulio Cesare (1847-1870): 42, 122.
- Calosso Maria: 31.
- Calvi Eusebio (1858-1923): 442.
- Camburzano Giovanna, condessa: 364 (76).
- Camburzano: v. Tettù di C.
- Campana, fam: 40.
- Campanella Emanuele, eng.: 336.
- Campi Giuseppe (1843-1922): 120.
- Candeloro Giorgio, historiador: 707.
- Cane Felice (1869-1951): 301 (111).
- Canepa Domenico (1858-1930): 607.
- Cantagalli Giachino, bispo (1825-1912): 478.
- Canton Carlo: 188.
- Cantono Ceva: 365 (78).
- Capello Paolo (1832-1884): 256.
- Capetti Giselda (1896-1989): 470 (144), 472 (150, 151, 152).
- Cappellano Filippo: 133 (e 16), 134.
- Capponi Ferdinando, arceb. (1835-1903): 628.
- Caracciolo Alberto, historiador: 707.
- Carles de Ferrer, fam.: 602.
- Carlos Alberto di Savoria Carignano, rei de Sardenha (1898-1849): 341.
- Carlo s. Borromeu, arceb., card. (1538-1584): 216, 305, 430.
- Carpignano Felice (1810-1888): 303.
- Carranza Viamont Eduardo: 192 (124), 193 (131).
- Carrozzino Michela: 207, (51, 53, 54), 208 (59), 210 (65, 67), 211 (71, 72, 73),

- 212 (77, 79), 704.
 Cartier Luigi (1860-1945): 132 (9), 446.
 Casali Brenno: 264 (133), 374 (138), 380 (167), 704.
 Casalis Bartolomeo, prefeito (1825-1903): 410.
 Casanovas Rafael: 540 (123), 601 (108), 704.
 Casati Gabrio, político (1798-1873): 398, 400, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 409, 410, 440.
 Casella Francesco: 439 (4, 5), 704.
 Casella Mario: 342 (110), 562 (91).
 Caselle Secondo (1914-1992): 704.
 Casetta Pio (1848-1918): 36 (126).
 Casoria Ludovico da, b., fundador (1814-1885): 342 (e 111), 442, 482 (e 40).
 Cassini Valentino (1851-1922): 386, 387, 389.
 Cassulo Angela (1852-1917): 123.
 Castagnetto Cesare Trabucco di, político (1802-1888): 303.
 Castano Luigi: 461 (103).
 Castellani Armando (1914-1968): 99 (27), 707.
 Castronovo Valerio: 707.
 Catalá Albosa, bispo (1833-1899): 598, 600.
 Cataldi Giuliano: 19.
 Cataldi Guisepe Luigi, banqueiro (1809-1876): 19, 20, 30 (89), 225 (138).
 Cataldi Parodi Luigia: 21, 549, 626.
 Cataldi Raffaele: 203 (34), 624.
 Catarina s. de Sena (1347-1380): 179, 674.
 Catellino, casa: 25, 118, 121.
 Caterini Prospero, card. (1795-1881): 80, 423.
 Cauvin, sac.: 372.
 Cavagliá Piera: 54 (2), 61 (26), 63 (34), 64 (37, 38), 65 (40), 66 (41, 43), 68 (48), 69 (50, 51), 70 (52, 53, 54), 71 (59), 72 (60), 73 (64, 65), 74 (67, 68), 121 (130), 122 (135), 126 (166, 168, 169), 127 (171), 199 (8), 347 (135), 461 (101), 462 (107), 470 (142), 560 (87) 705.
 Cavalletti Girolamo: 562 (91).
 Caviglia Alberto (1868-1943): 673 (112), 700, 705.
 Cavina Giuseppe: 476, 477.
 Cavour Camillo Benso di, estadista (1810-1861): 130.
 Cavriani Corradino Maria, bispo (1810-1890): 523.
 Cays Carlo (1813-1882): 132, 335, 371, 372 (124), 391, 393, 394, 396, 443, 444 (27, 29, 30).
 Cays Luigi: 393.
 Ceccarelli Pietro Bartolomeo (1842-1893): 138, 140 (39), 141, 149, 150, 152, 155, 157, 192, 292.
 Cecchetto Mario: 114 (94, 95), 280 (25).
 Cecconi Eugenio, arceb. (1834-1888): 474, 475 (3), 626.
 Centurione Giulia: 20.
 Ceria Eugenio, memorialista, biógrafo (1870-1957): 7, 109, 189, 237, 243 (43), 254.
 Ceriana Giuseppe, banqueiro: 363, 365 (78).
 Ceronetti Guido: 665 (61), 674 (117).
 Cerrato Natale: 705.
 Cerruti Cesare: 199.
 Cerruti Francesco (1844-1917): 7 (4), 15 (e 19), 16, 55, 57, 198, 246, 269, 348 (e 145, 146), 446, 469, 547, 559, 573, 575, 576 (167), 586, 588 (e 50), 589, 590, 591, 592, 595, 597 (90), 600, 601, 604 (119), 605, 606, 607 (142), 622, 624, 628, 631, 644 (e 101), 645, 647, 648, 649, 652, 676.
 Cerruti Giovanni Battista, bispo (1813-1879): 19 (38).
 César Antonio (1760-1828): 567.
 Cesconi Zelia De Coincy: 493 (110).
 Cessac, fam.: 682 (141).
 Cessac-Montesquiou Paul.: 540.

- Cessac-Montesquiou condessa: 540.
 Ceva Giacomo (1851-1916): 389.
 Chabod Federico, historiador (1901-1960): 339 (100).
 Chambord Henri de Borbone, conde de: 136, 520, 524 (e 52), 525, 526 (e 59), 682 (141).
 Chenu Marie-Dominique, o. p., teol. (1895-1990): 674 (114).
 Cherubini Luigi, musicista (1760-1842): 545.
 Chevalier Louis: 707.
 Chevoyon Louis: 516.
 Chiala César (1837-1876): 146, 155, 210 (e 68), 260, 284, 377 (149), 504.
 Chiapale Luigi: 81.
 Chiatellino Michelangelo (1811-1891): 225 (139).
 Chiaveroti Colombano, arciv. (1754-1831): 673.
 Chiaverotti sac.: 308, 310.
 Chicco Stefano (1846-1881): 206, 439.
 Chiesa Filippo, bispo (1839-1886): 443, 557.
 Chigi Mario: 203 (e 35).
 Chiocchetta Pietro: 705.
 Chiuso Tomaso, can (1840-1904): 81, 89 (135, 136), 94 (8, 9), 102 (e 42, 45, 46), 103, 109, 142 (45), 173, 174 (52), 302, 305, 707.
 Cholvy Gérard: 707.
 Chopitea Serra Dorotea de (1816-1891): 540, 598, 599, 601.
 Cianetti Raffaele: 36 (126, 127).
 Ciattino Giovanni (1823-1880): 57, 166.
 Cibrario Luigi, político (1802-1870): 54.
 Cícero Marco Tullio, orador (106-43 a. C.): 252.
 Cinzano Giovanni: 221, 268 (135), 311.
 Cipolla Carlo Maria: 707.
 Cipriano Carlo (1848-1894): 389.
 Clara, senhora: 26 (70).
 Clarac Luigia, fundadora (1817-1887): 62.
 Clotilde de Savóia, rainha (1843-1911): 486, 493 (111).
 Colapietra Raffaele: 707.
 Colle, fam.: 193, 442, 491, 493, 548, 557, 573, 574, 625, 628.
 Colle, Fleury Louis Antoine (1822-1888): 193, 194, 203 (34), 365 (e 80), 485, 490, 491, 492 (108), 547 (e 20), 551 (38), 558 (e 72), 568 (115), 569 (e 124), 570, 572, 573 (e 154), 575, 578, 579, 580, 586 (39, 47), 597, 605, 625, 626, 627, 629 (e 86), 631, 632, 633, 647.
 Colle Louis (1864-1881): 485, 569.
 Colle, Sophie Duchet (1830-1909): 194, 485, 493 (110), 569, 570 (129), 632.
 Colombara Epifanio: 199 (8).
 Colombero Giacomo (1835-1908): 707.
 Colomiatti Emanuele, cõn. (1846-1928): 302, 391, 424 (e 167), 425 (e 171), 426, 430, 431, 485, 685.
 Comaschi Carlo, adv.: 359.
 Combal Paul-Matthieu, médico: 548 (e 26), 602.
 Combaud Ángèle de: 512, 515, 520.
 Comollo Luigi (1817-1839): 567, 691.
 Conestabile della Staffa Carlos (1854-1882): 342 (e 111), 343 (112, 113, 114, 115, 116), 345.
 Confortola Faustino (1841-1913): 439, 440, 475 (e 5, 6), 476 (e 9, 10), 499 (e 133).
 Coniglione Carmelina: 481 (38), 484 (50), 487 (74), 489 (89), 495 (120).
 Consolini Domenico, card. (1806-1884): 287, 550.
 Contratto Modesto, bispo (1798-1867): 58.
 Coppino Michele, político (1822-1901): 391, 400, 402 (e 42, 43, 45, 46), 403, 409.
 Coriasco Giovanni Batista: 25.
 Coriddi Gregorio: 280, 284.
 Correnti Cesare (1815-1888): 29.
 Corsanego Merli Luigi (1842-1924): 37.
 Corsi di Bosnasco Gabriella Pelletta di

- Cosombrato († 8 de abril de 1887): 35, 39, 40, 42, 43, 65, 125 (e 158), 126, 127, 571,
- Corsi, Fam.: 21, 40, 41, 46, 47, 65 (39), 126.
- Corsi Giacinto: 43.
- Corsi Maria: 39, 42, 46.
- Corsi Teresa: 35 (124).
- Corte Pier Antonio, filósofo (1804-1876): 114.
- Costa Anna: 55 (2), 61 (26), 63 (34), 64 (37, 38), 65 (40), 66 (41, 43), 68 (48), 69 (50), 70 (52,, 53, 54), 71 (59), 72 (60), 73 (64, 65), 74 (67, 68), 121 (130), 122 (135), 126 (166, 168, 169), 137 (171, 173), 461 (101), 462 (107), 705.
- Costa Bona E.: 130 (3).
- Costa Rovílio: 707.
- Costamagna Giacomo, bispo (1846-1921): 53, 74, 120, 123, 137, 148, 193, 251, 273, 320, 353, 374, 378, 380 (e 169), 382, 383, 384 (197, 198), 385 (e 205), 386, 388, 448 (51), 504, 505 (e 149), 507 (155), 508 (159), 541 (129), 581, 582 (26), 587, 643 (160), 685.
- Couderc Thérèse: v. Thérèse s.
- Couillié Pierre Hector, arceeb., card. (1824-1912): 588.
- Cras Pierre: 673 (113).
- Cretoni Serafino, card. (1833-1909): 200 (18).
- Crippa Luigi: 671 (100).
- Crispi Francesco, político (1818-1901): 315, 337, 338, 339, 340, 341.
- Cucco Giacomo, empresário: 489, 490.
- Cuffia Francesco: 19, 269.
- Cuffia Giacomo 269.
- Cugini Francesco: 492.
- Curci Carlo Maria (1810-1891): 451 (57).
- Curé, sac.: 525 (53).
- Czartoryski Augusto, príncipe (1858-1893): 520, 615, 627, 634.
- Czartoryski Ladislao, príncipe: 519, 615, 682 (141).
- Dacquino Giacomo: 99 (27).
- Daghero Caterina, superiora FMA (1856-1924): 91, 122, 367, 437, 460, 462, 463 (113), 465, 472 (e 153), 652.
- Daghero Giuseppe (1847-1912): 153, 206.
- Daghero Rosa (1856-1930): 127.
- Dalmazzo Francesco (1845-1895): 23, 202 (26), 220, 221, 222, 223, 239, 267, 356 (10), 357 (15), 364 (73), 381, 391, 414 (e 108), 415 (110), 421, 430 (e 197), 432, 440 (13), 483 (e 46, 49), 485 (e 56), 486, 487 (e 71, 77, 78), 488, 489 (e 86), 490 (e 93), 491 (e 98), 492, 494 (e 118), 495, 504 (e 147, 148), 509, 545, 549, 552, 553, 554, 588, 623, 641.
- Daneo Giovanni: 13 (9), 14 (13).
- Daniele s. Comboni, fundador, bispo (1831-1881): 588.
- Dansette Adrien: 415 (113).
- David Adele (1855-1897): 122.
- De Agostini Tullio: 195 (140), 493 (111, 113), 545 (3), 586 (40).
- Deambrogio Luigi (1912-1976): 705.
- Deambrogio Angela (1840-1891): 74.
- De Amicis Tito, prefeito (1836-1890): 399.
- De Angelis Filippo, arceeb., card. (1792-1877): 63.
- De Barruel Augustin: 513, 514, 537, 538, 653.
- De Boni Luis Alberto: 707.
- Decancq Bart: 703.
- De Gaudenzi Pietro Giuseppe, bispo (1812-1891): 48, 79 (90), 82 (e 105), 106 (65), 114, 182 (89), 31, 395, 396 (19).
- Del Corso Mauro: 707.
- Deleidi Anita: 54 (2).
- Della Bona Giovanni, bispo (1814-1885): 639, 640.
- Della Valle Francesco (1830-1898): 14 (e 10, 11, 13), 15 (16).
- Della Volpe Francesco Salesio, card. (1844-1916): 633.
- De Luca Antonio Saverio, card. (1805-1883): 86, 106 (65).
- Demaria Vincenzo: 31.
- Denegri Angela (1860-1881): 123.

- Denicotti: 411.
 Deppert Luigi: 175 (57).
 Depretis Agostinho, político (1813-1887): 213, 400, 402, 411.
 De Rosa Gabriele, historiador: 708.
 De Sanctis Francesco, político (1817-1883): 339, 409.
 Desramaut Francis, historiador: 8 (e 10), 46 (195), 132 (9), 167 (23), 168 (24, 25, 26), 169 (31), 170 (32), 236 (13), 324 (27), 415 (114), 514 (8), 515 (14), 516 (17), 521 (42), 682 (e 140, 141, 142).
 De Vecchi Cesare Maria di Val Cismon, político (1884-1959): 408 (202).
 De Vecchi Giovanni, maestro: 227.
 Di Pietro Camillo, card. (1806-1884): 203, 204, 330, 380.
 Dickson John: 640 (148), 641 (149, 150), 705.
 Diekmann Herbert: 689.
 Dionísio Areopagita (sec V VI): 191.
 Dogliani Giuseppe, musicista (1849-1934): 227, 228, 367.
 Domingos s. Sávio (1842-1857): 216, 219, 220, 223, 370, 449, 700.
 Dominici Enrichetta, b. (1829-1894): 53, 63, 69, 70.
 Doreye, adv.: 641.
 Doria, príncipe: 626.
 Dotta Giovenale: 99 (28), 708.
 Doutreloux Victor-Joseph, bispo (1837-1901): 641, 643.
 Drurart Albert: 641 (153).
 Du Bourg Joseph: 520 (33), 525 (e 53).
 Du Boys Albert (1804-1889): 347 (e 135, 136, 137, 138, 139, 140), 514, 560, 591, 682 (141).
 Dufour Luigia: 560 (e 83), 571.
 Dufour Oneto: 203 (34), 624 (44).
 Du Gas Rosa: 373 (131), 571.
 Dupanloup Antoine Félix, bispo (1802-1878): 306, 499, 517.
 Dupraz Angela: v. Giusiana Angela.
 Dupraz, fam.: 209, 210.
 Dupraz Giovanni Battista: 209, 210, 360, 443, 444.
 Dupuy: 603 (e 115).
 Duquesnay Alfred, bispo (1814-1884): 519.
 Durando Celestino (1840-1907): 6, 69 (49), 205, 206 (48), 236, 397, 401, 405, 409, 438 (e 1), 439, 441, 443, 445, 447 (49), 451, 456, 479, 513, 538, 550, 560, 588, 591, 593, 613, 615, 640.
 Durazzo Giacomo Filippo (1848-1874): 39 (139).
 Durazzo Pallavicini Nina Teresa (1829-1904): 19, 21.
 Duros, banqueiro: 514.
 Dusmet Giuseppe Benedetto, osb, arceb., card. (1818-1894): 627.
 El Mahdi, Mohammed Ahmed (1844-1885): 588.
 Emiliani Achille: 477.
 Emiliano p.: 119.
 Enria Pedro (1841-1898): 642.
 Enrico V di Borbone: v. Chambord Henri.
 Entraigas Linarez Raúl Augustin (1901-1977): 138 (32), 380 (168).
 Espiney Charles d', médico: 315, 346 (e 129, 130, 131, 132, 133), 347, 349 (e 153), 540 (e 123), 548, 641.
 Espinosa Mariano Antonio, vic. gen., bispo (1844-1923): 129, 138, 139, 149, 192, 378, 380 (e 169), 503, 504.
 Eu d': v. Orléans Gastone.
 Eula Lorenzo, bispo (1829-1893): 166.
 Faà di Bruno Francesco, fundador, b. (1825-1888): 114 (e 94), 280.
 Fabre Alessandro (1845-1923): 230, 523 (e 49).
 Fabre, cón.: 202, 346, 681.
 Fagnano Giuseppe, pref. ap. (1844-1916): 149, 150, 158, 159, 374, 380,

- 383, 384, 385 (e 204), 469 (137), 505, 506, 582.
- Farina Raffaele: 705.
- Fasani Cesare († 1908 a 56 a.): 446.
- Fascie Bartolomeo (1861-1937): 408 (75).
- Fassati Azelia (1846-1921): 571, 631.
- Fassati Domenico (1804-1878): 174, 209.
- Fassati, fam.: 34, 41, 42.
- Fassati Maria de Maistre (1824-1905): 34, 41 (152), 68.
- Fassio Michele (1852-1936): 120, 386, 387.
- Fattorini Emma: 708.
- Febraro Stefano: 476 (e 12, 13), 486, 588 (54).
- Feliú y Pérez Bartolomé: 604 (122).
- Ferraris Lucio, canonista: 395.
- Ferrè Pietro Maria, bispo (1815-1886): 35, 44, 498, 500.
- Ferreira da Silva Antonio: 159 (121), 376 (142), 380 (171), 508 (159), 509 (164), 705.
- Ferretino Giovanna (1832-1881): 65, 460.
- Ferrieri Innocenzo, card. (1876-1887): 275, 279, 283, 287, 288, 304 (e 120), 306, 308, 309, 310, 311, 312 (e 156, 158), 329, 330, 334 (e 73), 335, 363, 393, 394, 395, 396, 419, 458 (83, 84), 530, 549, 551, 552.
- Ferté-Meun, conde de la: 134, 136.
- Fessler Joseph, bispo (1813-1872): 532.
- Festa Angelo (1867-1905): 469, 638, 643.
- Filipe s. Neri, fundador (1515-1595): 670, 671.
- Fiora Luigi: 55 (3).
- Fiorani Luigi, sac.: 275, 280, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 304, 326, 327, 328, 329.
- Fiore, adv.: 370 (111).
- Florentino Carlo Maria: 81 (97), 708.
- Fissore Celestino Matteo, arceb. (1814-1889): 48, 94, 95, 96 (e 19, 20, 21), 256, 429.
- Fissore Giuseppe, médico. (1821-1897): 559, 645, 648.
- Flores Antonio, pres. do Equador (1888-1892 [n. 1833]): 622.
- Foeri Biaggio (1797-1874): 24 (59).
- Font y Boter Joaquin de (1857-1916): 579, 604 (122).
- Fontana Sandro: 708.
- Forcade Théodor, arceb. (1816-1885): 442.
- Forcheri, can.: 586.
- Formento Luigi, arquiteto: 26, 27.
- Fortis Alfonso, adv.: 395 (16).
- Foschini Enrico (1861-1886): 477.
- Fossati Antonio: 708.
- Francisco s. de Sales, fundador (1567-1622): 69, 179, 186, 187, 216, 239, 241, 256, 257, 272, 321, 351, 448, 453, 603, 636, 655, 661, 669, 670, 671, 673.
- Francesconi Mario (1919-1989): 423 (156), 430 (195).
- Francesia Giovanni Battista (1838-1930): 13 (2), 19, 23, 149, 160, 219 (e 113), 223 (e 128), 239, 269, 374, 478, 566 (108), 574, 651, 705.
- Franchetti Domenico (1871-1960): 205 (41).
- Franchi Alessandro, card. (1819-1878): 124, 142, 145, 151, 153, 154 (99), 157, 253, 279, 333, 336, 363, 377 (e 151), 505 (150).
- Franco Secondo (1817-1893): 352, 450.
- Franqueville Amable-Charles Franquet de (1838-1901): 538, 539.
- Fransoni Luigi, arceb. (1789-1862): 546, 709.
- Franzelin Johann Baptist, s.j., teol., card. (1816-1886): 506.
- Frassinetti Giuseppe, b. (1804-1868): 57, 58 (e 10, 11, 13), 59 (e 14, 15, 16), 60, 64, 659.
- Fratejacci Giovanni Battista († 1877): 105, 106.
- Freppel Charles Émile, bispo (1827-1891): 521 (e 41).
- Frezia Silvio, con. (1830-1898): 22.
- Frisetti Giovanni, cav.: 336.

- Fumagalli Serafino (1855-1907): 515 (86).
 Fumero Luigi: 230.
 Furno Pietro (1858-1905): 640.
 Fynn Enrique: 123 (146), 377.
- Galletti Eugenio, bispo (1816-1879): 13 (3), 92, 93 (1).
 Gallizia Pietro Giacinto (1662-1737): 256.
 Gallo Pietro († 1920 a 70 a.): 268.
 Galvagno Filippo: 35.
 Gambaro Angiolo, pedagoga (1883-1967): 706, 708.
 Gambaro Cataldi Carolina: 20, 38, 225 (138).
 Gambetta León, político (1838-1882): 371.
 Garbari, fam. di Trento: 639.
 Garelli Bartolomeu: 344, 347, 348, 579.
 Garelli Caterina Francesca (1838-1896): 67, 70, 74.
 Garelli Vincenzo, provedor (1818-1878): 32.
 Garino Giovanni (1845-1908): 38, 239, 267 (131), 269.
 Garrone: 209
 Gasparri Pietro, card., secretário de Estado (1852-1934): 518.
 Gastaldi Bartolomeo, geólogo (1818-1879): 302.
 Gastaldi Lorentina: v. Mazé de la Roche.
 Gastaldi Lorenzo, arceb. (1815-1883): 5, 22 (e 53), 28, 48, 53, 74, 77 (e 84), 78, 79, 80, 81 (e 99), 82 (e 103, 104), 83, 85, 87, 88, 89, 92, 93 (e 1, 3), 94 (7), 95 (15), 96, 97, 98, 99, 102, 103, 106, 109 (e 77, 79), 112, 113, 114 (e 95), 173, 174, 175 (e 61), 204, 251, 252, 278, 279, 301 (e 111), 302, 303, 305 (124, 125), 306, 309, 310, 311, 312, 313, 331, 332 (60), 334 (68), 335 (77), 336 (e 83), 337, 345, 362, 363 (e 61), 391, 393 (5, 6), 394, 395, 415, 416, 417 (e 129), 418 (131), 420, 421 (e 145, 147), 422, 423, 425, 426, 427, 428, 430 (e 193, 196), 432, 440, 513, 666, 676, 686.
 Gastaldi Marianna: 302.
 Gastini Carlo (1833-1902): 74, 229, 546.
- Gauthier, vila: 135.
 Gazelli Stanislau di Rossana, con. (1817-1899): 47.
 Gazzolo Giovanni Battista (1827-1895): 129, 138 (e 34), 141, 152, 155, 156.
 Gedda Teresa (1852-1917): 123.
 Gemelli Agostino, psicólogo (1878-1959): 708.
 Genuardi Geraldo, bispo (1839-1904): 442.
 Germano Carlo: 230, 557.
 Ghigliani Poleri Fanny Tini (1811-1887): 21.
 Ghilardi Giovanni Tommaso, bispo (1800-1873): 30 (85).
 Ghilardi Nicolò, vesc (1827-1904): 355.
 Ghione Anacleto (1855-1925): 533 (87).
 Ghivarello Carlo (1835-1913): 239, 249, 361, 367, 447 (49).
 Giacomelli Giovanni (1820-1901): 644.
 Giacomuzzi Biagio: 206.
 Giannatelli Roberto: 670 (94).
 Gianotti Saverio: 689.
 Gignoux: 136.
 Gioia Vincenzo (1854-1890): 144.
 Giordani Domenico, sac.: 348, 349 (e 149, 150).
 Giordano Felice (1814-1904): 690.
 Giordano Lorenzo (1856-1919): 510 (167), 584, 585.
 Giovanna Francesca s. Frémyot de Chantal (1572-1641): 187, 466.
 Giovannini Enrico: 257 (e 91).
 Giraudi Fedele (1875-1964): 705.
 Giraud Aldo: 703, 708.
 Girino O.: 22 (51).
 Giriodi Carlo (1805-1878): 40.
 Girolamo da Spino d'Adda: 288.
 Giuseppe Benedetto s. Cottolengo, fundador (1786-1842): 95, 207.
 Giuseppe s. Cafasso (1811-1860): 59, 62, 70, 82, 342, 639, 673, 685, 686.
 Giusiana Angela (1774-1844): 210, 443, 444.
 Giusti Giuseppe, bispo (1814-1897): 626, 661

- Goffi Tullo (1916-1996): 708.
 Golzio Eurosia: 31 (98).
 Golzio Felice (1807-1873): 424.
 Gondi Carmes Maria (1846-1885): 34, 37, 38, 175.
 Gonzáles y Días Tuñon Cefirino, arceb., card. (1831-1894): 481.
 Gousset Tommaso, arceb., card. (1792-1866): 502.
 Gradenigo, fam.: 359.
 Grazioli Valentino: 490.
 Gregory Tullio: 709.
 Gribaudi Giovanni, médico: 32.
 Griseri Giuseppe: 660 (26).
 Griva, sac.: 632.
 Grosso Maria (1855-1876): 73.
 Grouling de: 549.
 Guala Luigi, teol. (1775-1848): 673.
 Guanella Luigi, fundador, b. (1842-1915): 96, 103 (e 52), 131, 197, 209 (e 51, 53, 54), 208 (e 59), 209, 210 (e 65, 67, 69), 211 (e 70, 71, 72, 73), 212 (e 77, 79), 256, 258, 443, 676.
 Guarino Giuseppe, arceb., card. (1827-1897): 441 (18), 442, 551.
 Guasco Maurilio: 709.
 Guelfi Enrico: 133 (e 16).
 Guers E.: 516 (15).
 Guibert Joseph Hippolyte, arceb., card. (1802-1886): 371, 516.
 Guidazio Pietro (1841-1902): 75, 206, 267, 269, 442, 534 (90).
 Guigon Mario: 492 (108).
 Guiol Clemente, con.: 175, 344 (118), 367, 368 (e 101), 369, 370 (e 109, 110), 371 (e 118, 120, 123), 372 (e 126, 127, 128), 373 (e 132), 413, 414 (e 102, 104), 445, 513, 549.
 Guiol Louis: 513, 514.
 Gusmano Calogero (1872-1835): 264 (113).
 Harmel Léon (1829-1915): 521, 682 (141).
 Hassun Antonio Pietro IX, patriarca, card. († 1884): 506.
 Haydn Franz Joseph, musicista (1732-1809): 590, 618.
 Henrique s., imperador (973-1024): 525.
 Héraud Aimé de Chateaunef (1821-1902): 131, 132, 134, 135, 492 (108), 549.
 Hilaire Yves-Marie: 707.
 Hohenlohe Gustav Adolf von, card. (1841-1896): 204.
 Hulst de Hauteroche Maurice d' (1841-1896): 538, 539.
 Inácio de Loyola, fundador (1491-1556): 240, 671.
 Insolera Italo: 483 (48).
 Isabel Cristina: v. Oléans Isabel Cristina.
 Itzaina John: 194 (134).
 Jacicni Stefano (1886-1852): 50.
 Jackson Elena (1851-1881): 123 (e 146), 193 (e 130).
 Jacobini Angelo, card. (1825-1886): 550.
 Jacobini Domenico, card. (1837-1900): 205, 287, 381, 504, 505, 506, 507 (e 156), 562, 587, 589.
 Jacobini Ludovico, card. (1832-1887): 431.
 Jacques, M.me: 373 (131), 446, 549, 571.
 Jandet Angela: 69.
 Janssen Johannes, sac. (1853-1898): 349, 350 (155).
 Jean Baptiste s. de la Salle, fundador (1651-1719): 661, 668.
 Jemolo Arturo Carlo (1891-1981): 708.
 Jerônimo s. (347ca-420): 252, 430, 448, 582.
 Jerônimo s. Emiliani, fundador (1486-1537): 661.
 João Batista s.: 629 (e 86).
 João Evangelista s.: 216.
 Joaquim s.: 555.
 Josse j.: 520.

- José s. Calasanz, fundador (1557-1648): 396, 661, 668.
 Jover, fam.: 598.
 Juliá José: 601
- Kirby Tobias, bispo (1803-1895): 287, 626, 640.
 Kleutgen Joseph Wilhelm Karl, s.j., teol. (1811-1883): 423 (157).
 Kolping Adolf, educador social (1813-1865): 350.
 Kriekemans Albert, pedagoga (1906-1985): 679.
- Lacerda Pedro Maria, bispo (1830-1890): 160, 377, 509.
 Lacombe Amalie: 493 (110).
 Lacordaire Henri, o. p., orador (1802-1861): 658.
 Lallemand, M.elle: 365 (78).
 Lamarmora Alfonso, gen., político (1804-1878): 368 (99).
 Lanfranchi Vincenzo: 23, 46, 89.
 Lansetti, senhora: 125 (157)
 Lanteri Pio Brunone, fundador (1759-1830): 552.
 Lanza Giovanni, político (1810-1882): 29 (81), 46 (e 195), 47, 48 (202, 205), 49, 50.
 Lanza Giovanni, sac. († 1904): 708.
 Lanzoni Filippo: 478.
 Lasagna Luigi, ves. (1850-1895): 123, 129, 137, 148, 153, 155, 160 (e 126), 161, 175, 181 (e 84), 353, 374, 376 (e 142, 143, 144), 377, 384, 385 (204), 480, 508, 509, 510, 584, 606, 607, 608, 618, 620, 685, 705.
 Lasagni Pietro, card. (1814-1885): 336.
 Lastres Juiz Francisco (1848-1918): 591, 592, 593, 594, 595 (e 82).
 Latoni Francesco, bispo (1821-1880): 203 (e 37).
 Laurenzi Carlo, card. (1821-1893): 626.
 Lavigerie Charles Martial. arceb., card. (1825-1892): 133, 520, 628.
- Laymann Paul (1574-1635): 502.
 Lázaro di Betania: 190 (129), 292.
 Lazzeri Giuseppe (1837-1910): 6, 73, 146, 155, 210 (e 68), 214, 220, 221, 260, 276, 284, 287, 290, 297, 302, 308, 309, 310, 311, 355, 377 (149), 419, 422, 447 (49), 504, 640, 652, 703.
 Leão Magno s., papa (411ca-474): 252, 492 (108).
 Leão XII, papa (1760-1829): 335.
 Leão XIII, papa (1810-1903): 7, 120, 167, 193, 200, 201 (e 22), 290, 312, 315, 333, 336, 337, 338, 339, 345, 354 (e 2), 355, 359, 369, 371 (121), 377, 378, 420, 421, 422, 423, 426 (e 173), 430, 431 (199), 439, 473, 482, 484, 485, 492 (108), 493, 494 (117), 503, 505 (150), 506, 507, 531, 551, 553, 554, 563, 564, 570 (131), 609, 627, 628, 640 (e 146).
 Le Carrères Yves: 446 (45), 538 (114).
 Lemoyne Giovanni Battista (1839-1916): 89 (e 137), 123, 126 (165), 212 (e 81), 213, 219 (113), 220, 223, 224, 225 (134, 136), 228, 236 (13), 245 (45), 246, 249, 268 (138), 278, 282, 287, 357, 370, 374, 415, 450, 459, 461, 462, 467, 491 (e 100, 101, 102), 508, 529 (75), 534 (e 94), 536 (100, 101), 545, 546 (e 12), 547 (16, 18), 547 (16, 18), 549, 550 (e 31, 32), 551 (e 40), 552, 553, 554, 556, 557, 558 (e 73), 567, 589, 590, 603 (116), 604 (e 123), 634 (122), 635, 636, 637 (129), 648, 665 (e 59), 701, 703.
 Lenti Giulio, bispo (1824-1895): 287.
 Léon Pierre (1914-1976): 708.
 Leonardo s. Murialdo, fundador (1828-1900): 564 (99), 705.
 Leoncini Luigi: 425, 429.
 Leonori Costantino: 345 (e 126, 127, 128), 396, 426, 458, 553.
 Leto Basilio, bispo (1819-1896): 122, 620, 652.
 Leuzzi Maria Cristina: 708.
 Levra Umberto, historiador: 708.

- Levrot Vincent: 549, 570 (e 131), 588 (e 52), 633.
- Limberty Gioacchino, arceb. (1821-1874): 474.
- Lissone Giuseppe, prefeito: 12.
- Lissone Sebastiano, sac.: 12.
- Lluch y Garriga Augusto, arceb., card. (1816-1882): 347, 480, 481 (34), 599.
- Ló: 39.
- Losana Giovanna Pietro, bispo (1793-1873): 493 (111).
- Losana, senhora: 493 (111).
- Lourenço s.: 555 (59).
- Louvet Clara (1832-1912): 194 (134, 135), 365, 493 (e 110), 512 (e 1, 2, 3), 537 (e 104, 110), 538, 547, 560, 568, 572, 560 (85), 565 (102), 568 (115, 116, 118, 119), 569 (120, 122), 572 (143, 146), 573 (150), 597, 605 (134), 623 (43), 629 (e 81), 631, 632.
- Lucini, senhora: 35 (117).
- Luís s. Gonzaga (1568-1591): 217 (95).
- Luís XIV (1638-1715): 521.
- Luraghi Raimondo: 707.
- Mac Kiernan Edward (1861-1888): 641.
- Maccagno Angela (1832-1991): 57, 58, 59, 60, 65, 72.
- Macey Charles (1854-1928): 641.
- Machiavelli Niccolò (1469-1527): 450.
- Madalena s.: 460, 468.
- Maffei Francesco, sac.: 309, 312 (e 154), 332.
- Maffei G.: 567.
- Maggi Fannio, senhora: 586 (45), 606 (135, 136).
- Magliano, senhora: 358 (23), 570 (136).
- Magnasco Salvatore, arceb. (1806-1892): 20, 21, 79, 175, 500, 659.
- Magone Miguel (1845-1859): 216, 449.
- Mainetti Giuseppina: 472 (153).
- Maistre Azelia du Plan de Seyès de (1799-1881): 68.
- Maistre Eugenio de: 133, 144, 194, 198 (e 2), 203 (34), 363, 571, 573 (151), 620.
- Maistre, fam.: 42, 521.
- Maistre Rodolfo de (1789-1866): 68, 246.
- Malvezzi Bianca: 35.
- Manacorda Emiliano, bispo (1833-1909): 48, 80, 102, 442, 491, 620, 657, 660 (e 26, 27), 661 (28, 29, 30), 663 (44).
- Mancini Pasquale Stanislao, jurisdicionalista, político (1817-1888): 51.
- Manetti Domenico (1839-1908): 328.
- Manfredini Federico Maria, bispo (1792-1882): 358.
- Mantellino Giacomo: 709.
- Manzoni Alessandro, escritor, poeta (1785-1873): 450, 464.
- Marchale Vittorio: 696.
- Marchisio Secondo (1857-1914): 534 (92).
- Marengo Giovanni, bispo (1853-1921): 184 (96), 447 (46), 451 (58), 455 (68), 475, 528 (69), 529 (e 74, 75), 530 (76, 77, 78), 531 (80, 82), 532 (83), 608 (e 149, 150, 151), 609 (153, 154), 622.
- Maresca Antonio Maria (1831-1891): 7, 486.
- Margherita Maria Teresa di Savoia (1851-1926): 695.
- Margherita Occhiena (1788-1856): 25, 55.
- Margotti Giacomo (1823-1887): 103, 404 (e 56), 406, 407, 408, 586, 618, 627, 658.
- Maria Domenica s. Mazzarello, (1837-1881): 16, 53, 54 (e 2), 55 (3), 56, 57, 73, 91, 437, 457.
- Maria Elisabetta di Sassonia († 1912), viúva de Ferdinando di Savoia, duque de Genova († 1855): 695.
- Maria Teresa d' Este: 526.
- Marie des Anges: 628 (77).
- Marietti Pietro, tip., sac. (1820-1890): 75 (72).
- Marta s.: 460, 468.
- Martí-Codolar Consuelo Pascual de Bofarull (1846-1924): 601.

- Martí-Codolar, fam.: 598, 601.
 Martí-Codolar Luis (1843-1915): 598, 599, 601.
 Martín Angel Manuel: 145 (64).
 Martina Giacomo, historiador: 48 (204), 49 (210), 51 (e 221), 114 (95), 334 (68), 707, 709.
 Martinelli Sebastiano Tommaso, card. (1827-1888): 86, 106 (65), 206, 207.
 Martini Edoardo, con. († 1884): 16, 124, 173.
 Martini Maddalena (1849-1883): 118, 119.
 Matini, escrivão: 20.
 Martino [= Martini] Giovanni: 199.
 Martorelli d'Efivaller Centurione: 20.
 Masino di Mombello Ottavia: 646 (178).
 Masnini Santo Giuseppe: 35, 44, 114 (91).
 Masotti Ignazio, card. (1817-1888): 492, 552, 553, 554.
 Matera Luigi, bispo (1820-1891): 508.
 Mazé de la Roche Lorentina Gastaldi: 301.
 Mazzarello Felicita (1839-1886): 65, 73, 74.
 Mazzarello Petronilla (1838-1925): 60, 65, 126.
 Mazzarello Teresa (1860-1937): 123.
 Medolago Maria Teresa: 493 (112).
 Mehler Johann Baptista (1860-1930): 350, 351 (161, 162, 163, 164, 166), 579, 612, 613.
 Melegari Luigi Amadeo, político (1795-1881): 150.
 Mellano Maria Franca: 303 (112), 705, 709.
 Mendre Louis: 343, 344 (117, 119, 120, 121), 345, 371, 415.
 Menghini Carlo: 86, 113, 345, 426.
 Menozzi Daniele: 709.
 Mereghi, marquês: 487.
 Mermier Pierre-Marie, fundador (1790-1862): 649 (195).
 Mermillod Gaspard, bispo (1824-1898): 134.
 Miccoli Giovanni: 709.
 Michaud, conde de Beauretour: 136.
 Michel Ernest (1833-1896): 132 (e 9), 134, 135, 136.
 Midali Mario: 55 (2), 167 (23), 168 (24, 25, 26), 169 (31), 170 (32), 705.
 Migone, fam.: 201.
 Migone Francesco: 201 (20).
 Milanesio Domenico (1843-1922): 256, 381.
 Mina: 120.
 Minghelli Vaini Giovanni, prefeito (1817-1891): 401 (36), 402 (40).
 Minghetti Marco, político (1818-1886): 50, 212.
 Miscio Antonio: 14 (10), 15 (18, 20), 21 (50), 474 (2).
 Molinari Giacomo (n. 1852): 149, 385 (201).
 Monaco La Valletta Raffaele, card., vigário de S. S. (1827-1896): 205, 287, 338, 482, 487.
 Monateri Giuseppe (1847-1914): 205.
 Montezemolo, marquesa de: 631.
 Monti Luigi, fundador, b. (1825-1900): 31 (98), 280, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 327, 328, 329, 330.
 Montigny Alfred de: 492 (108), 519, 537 (e 109), 682 (141).
 Moragas, fam.: 598.
 Morelli Giuseppe: 696.
 Moreno Luigi, bispo (1800-1878): 98, 102, 103, 114, 676.
 Moretta, casa: 25, 118.
 Morgádes y Gili José, bispo (1826-1901): 600.
 Morganti Pasquale, arceb. (1853-1921): 617.
 Morglia Enrico: 361, 365.
 Morichini Carlos Luigi, arceb., card. (1805-1879): 204, 287, 330.
 Morino, casa: 26.
 Mosca Emilia (1851-1900): 69, 73, 119, 460, 470, 472.
 Motto Francesco: 51 (220), 26 (72, 73), 28 (80), 46 (195), 47 (200, 201), 48

- (204, 206), 49 (208, 210, 211), 50 (212, 214, 215, 216, 217, 218, 219), 76 (79), 174 (50), 238 (28), 349 (151) 446 (45), 479 (25), 581 (24), 681 (138), 696, 697, 698, 702, 703, 705.
- Mouton Pierre: 603 (117).
- Mun Albert de (1841-1914): 682 (141).
- Mun, fam.: 682 (141).
- Murialdo Roberto, teol. (1815-1883): 303, 310.
- Musso Alessandro: 32.
- Musso Bensa G.: 623 (43).
- Musso Ermenegildo: 440.
- Nai Luigi (1855-1932): 268, 269, 535.
- Nalboni Giuseppe: 709.
- Napoleão III, imperador (1808-1873): 130.
- Nardi Francesco sac., jornalista: 655.
- Nasi Luigi, con. (1821-1896): 333.
- Natoli Giuseppe, político (1815-1867): 409.
- Natucci Salvatore, arceb.: 55 (3).
- Nédoncelle Maurice Gustave: 709.
- Nerli Enrichetta Michelagnoli: 175, 203 (34), 623 (43).
- Newman John Henry, card. (1801-1890): 578.
- Nicolas Jean-Hervé, o. p., teol.: 674 (114).
- Nicolis di Robilant: ver Robilant.
- Nicotera Giovanni, político (1828-1894): 213.
- Nigra: 414.
- Nina Lorenzo, card. (1812-1885): 121, 200, 202 (28), 304, 329, 355, 356, 357 (e 15), 364 (e 73), 379, 381, 382, 383, 392, 419, 421 (e 149, 150), 422, 424, 425, 426 (e 174), 427, 428, 429 (e 190), 430 (e 193, 194, 197), 445, 473, 492, 506 (e 152), 507, 509, 527, 552 (e 46), 553 (e 53), 555, 561, 563, 564, 584 (e 16).
- Nobel ALfred Bernhard (1833-1896): 44.
- Nobili Vitelleschi, fam. (1823-1894): 626.
- Nobili Vitelleschi Salvatore, arceb., card. (1818-1875): 79, 83, 84, 85, 88 (e 129, 132), 87 (127), 94, 101, 102, 105, 106 (65), 107, 108, 252, 691.
- Norfolk Henry XV, duque de (1847-1919): 493 (110), 578 (e 3), 615, 641, 648.
- Norfolk Bernardo: 578.
- Norfolk Flora: 578.
- Notario Antonio (1855-1942): 439.
- Noto Barbara: 199 (8).
- Nuñez Muñoz María Fé: 591 (67).
- Oberti Ernesto Giovanni (1854-1904): 480, 481 (e 37), 541 (e 129), 583.
- Occelletti, fam.: 256.
- Occhiena Margarida (1788-1856): 55, 604, 637.
- Oddenino Andrea (1829-1890): 418, 421, 424, 427.
- Olea Álvarez Pedro A.: 709.
- Olive Clara: 622.
- Olive, fam.: 580.
- Olive Ludovico (1867-1919): 621.
- Omodei Zorini Francesco: 626.
- Ordóñez José Ignacio, bispo. (1829-1893): 621.
- Oreglia di Santo Stefano Federico (1830-1912): 30, 676.
- Oreglia di S. Stefano Giuseppe, s.j. (1823-1895): 331.
- Oreglia di Santo Stefano Luigi, card. (1828-1895): 287, 310, 336 (86).
- Orlando Vito: 180 (80).
- Orléans, fam.: 520.
- Orléans Gastone, conde d'Eu (1842-1922): 510.
- Orléans Isabel Cristina di Braganza, condessa d'Eu (1846-1921): 510 (e 166, 168).
- Orléans Marguerite d': 682 (141).
- Orselli Teresa: 122.
- Osbat Luciano: 709.

- Oss-Mazzurana Paolo: 639.
Oyague, fam.: 682 (141).
- Pace Giuseppe (1912-2000): 144 (54).
Pacotto Giuseppina (1850-1934): 121.
Paesa Pascual Rafael (1904-1978): 380 (168).
Pagani Antonio: 204, 206, 316.
Palazzini Pietro, card.: 114 (95).
Panaro Bartolomeo (1851-1918): 388.
Pane Carlo: 480.
Panico Giuffrida M.: 659 (21).
Papa Dario:
Papa Emilio Raffaele: 709.
Papes Antonio (1922-2002): 262 (107), 533 (85), 534 (95), 535 (96, 97, 98), 536 (99, 102), 703.
Pariani Oreste: 493 (111).
Parocchi Lucido Maria, card., vigário di S. S. (1833-1903): 490, 506, 551, 563, 564, 627.
Parodi Cataldi Anna: 203, 623 (43).
Parodi Luigia: 20.
Pascual de Bofarull, fam.: 599, 601.
Pascual de Bofarull, Manuel María (1847-1911): 598, 601.
Pascual de Bofarull, Narciso María (1843-1902): 598.
Paseri Antonio (1859-1885): 388.
Pastor Cristina: 21 (50).
Pastore Francesca: 74, 125 (156).
Patrizi Costantino, card., vigário de S. S. (1788-1876): 86, 106 (65), 330.
Pauliani, vila: 136.
Paulo s., apóstolo: 38, 119, 221, 222, 231, 296.
Paulo da Cruz s., fundador (1694-1775): 120.
Pavesio Vittorio: 23.
Pazzaglia Luciano, historiador: 611 (163), 709.
Pecci Gioachino, card. (1810-1903): 336; v. Leão XIII.
- Pechenino Marco (1820-1899): 401, 408 (75).
Pedemonte Rosina (1839-1860): 58.
Pederzani Enrico: 22 (51).
Pedro II di Braganza, imperador (1825-1891): 157, 510.
Pelà Benedetto (1800-1883): 359, 360.
Pelazza Andrea (1843-1905): 277, 534 (e 93).
Pelletta di Cortazzone Camillo, con. (1811-1903): 333.
Pelletta di Cossombrato: v. Corsi di Bosnasco.
Pellicani Antonio (1816-1893): 425, 426 (e 172), 429 (e 192).
Pellico Silvio (1789-1854): 646 (178).
Penco Gregorio: 709.
Pera Ceslao, o. p., teol. (1889-1967): 673 (109).
Perenchio, sac: 308, 309, 310, 311.
Peretto Carlo (1860-1923): 388.
Perez Francesco Paolo, político (1812-1892): 398, 404, 405, 407 (e 68), 408 (75), 409.
Perin Agostino, sac.: 358.
Perlo Giuseppe (1838-1895): 311 (151).
Perniola Erasmo: 279 (23), 280 (24), 282 (34), 283 (35), 285 (44, 45), 286 (49), 287 (51), 288 (56, 58), 290 (68, 69, 71), 292 (77), 327 (43), 328 (46, 47), 329 (49, 50, 51, 52).
Peronino, sac.: 358 (23).
Perret Giovanni Battista: 132, 133 (e 16).
Perrot Pietro (1853-1928): 366, 367, 413.
Persi Giuseppe (1821-1887): 354.
Pestarino Domenico (1817-1874): 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61 (e 20, 24), 63, 64, 65, 66, 67, 68 (47), 69, 73, 74, 166, 246, 248, 249.
Pestarino Carlotta (1857-1925): 74, 122.
Pestarino Giuseppe, sac.: 61, 73.
Petiti Ilorione di Roreto (1790-1850): 709.
Petrocchi Massimo (1918-1991): 709.
Petrolli Alfonso, fr. Giuseppe Maria

- (1845-1877): 280, 287, 288.
 Peyron Amadeu (1785-1870): 85 (e 87), 428.
 Peyron Amedeo, professor (1785-1870): 566.
 Pezzini Girolamo (1850-1920): 328.
 Philippe Jules françois, bispo (1835-1904): 649 (195).
 Piano Giovanni Battista: 605, 629, 657.
 Pianori Angelo, bispo (1811-1884): 477.
 Piatti Girolamo (1545-1991): 272.
 Picca Juan: 706.
 Piccollo Francesco (1861-1930): 268 (139), 269, 442.
 Piccono Angelo (1848-1913): 607.
 Pich Luciano: 23.
 Pignatelli Giuseppe: 710.
 Pilati Teodolinda: 619, 631.
 Pio VII, papa (1742-1823): 517.
 Pio IX, papa (1792-1878): 15 (14), 18, 28, 41 (156), 46, 47 (e 197, 198, 199), 48 (e 204), 49 (e 207, 210), 50, 51, 55, 74, 75 (e 73, 74), 78, 81 (e 97), 85 (115), 86, 87, 88, 95, 99 (29), 103, 107, 113, 114 (e 95), 125, 145, 151, 152, 163, 166, 172, 173, 174, 198 (e 4), 200, 220, 227, 240, 246, 253, 258, 262, 275, 277, 279, 280, 283 (e 36), 284, 286, 287 (e 51), 289 (e 64), 290, 291, 305, 312, 315, 327, 328, 333, 334, 336, 337, 341, 345, 354, 362, 363, 364, 369, 373, 385, 392, 393, 418, 421, 422, 449, 454, 482, 484, 498, 529, 531, 553, 560, 585, 625, 668, 676, 690, 693, 694, 696, 707, 709, 730.
 Pio X, papa (1835-1914): 479, 664.
 Pio XI, papa (1857-1939): 518, 659 (e 22), 664, 665, 666 (e 63), 668 (e 81), 669, 670 (94), 671 (e 100, 101), 672 (102, 103, 104, 105, 106, 107), 676 (e 122, 123), 677 (e 124, 126, 126), 683 (e 143), 687 (e 155), 677, 730.
 Pirri Pietro (1881-1959): 47 (197, 198, 199).
 Pisani Paul-Joseph (1852-1933): 538 (e 114), 539.
 Piscetta Luigi (1858-1925): 267.
 Pitra Jean-Baptista, card.: 506.
 Piva Francesco: 709.
 Place Charles-Philippe, bispo (1814-1893): 368.
 Podestà Giuseppina Cataldi: 549.
 Polo Giuseppe: 479 (25, 27).
 Porta Luigi († 1914 a 70 a.): 210.
 Portaluppi Angelo: 673 (110).
 Portaluri Luigi (1841-1925): 71.
 Posada María Esther: 54 (2), 55 (3), 59 (16), 62 (28, 30, 31), 122 (135), 462 (107), 706.
 Pothier Joseph, musicólogo (1835-1923): 514.
 Pozzan Pietro, sac.: 445, 486.
 Pozzi Placido, bispo (1819-1897): 302.
 Prat-Noilly, senhora: 373 (131), 446.
 Prellezo José Manuel, historiador: 15 (19), 146 (65), 155 (106), 182 (90), 208 (57), 210 (68), 228 (147, 148, 149, 150, 151), 229 (152, 153), 260 (100), 264 (111, 115), 265 (119, 120), 266 (123, 124, 125), 279 (16), 284 (40), 287 (53), 297 (98, 99), 308 (140), 377 (149), 531 (79), 556 (65), 608 (152), 611 (163), 730.
 Provera Francesco (1836-1874): 8, 215, 239, 246.
 Provérbio Germano: 89 (138).
 Quaranta Giuseppe (1858-1947): 388.
 Quintiliano Marco Fabio, reitor (35/40-95): 348.
 Quinzio Sergio (1927-1996): 665 (61), 674 (115), 676 (120).
 Quisard, fam.: 193.
 Quisard, senhora: 493 (110).
 Rabagliati Evasio (1855-1920): 133 (e 16), 378.
 Radicati Talice di Passerano Costantino, prefeito (1812-1895): 34 (113).
 Radice Luigia: 365 (78).
 Raffaello Sanzio, pintor (1483-1520): 30.

- Rampolla Mariano, núncio, card. (1843-1913): 591, 594 (81).
- Randi Lorenzo, card. (1812-1887): 289, 304, 315, 326, 327 (e 42), 328 (e 45), 329, 330.
- Rattazzi Urbano, político (1808-1873): 347.
- Ratti Achille (1857-1939): 683: v. Pio XI.
- Ravina Filippo (1782-1858): 94.
- Rayneri Gian Antonio, pedagogista (1809-1867): 698.
- Ré Giuseppe Francesco, bispo (1848-1933): 6.
- Rebaudi Francesco, con.: 206, 207, 317 (3).
- Reffo Eugenio (1843-1925): 46, 144.
- Reggio Tomaso, arceb., fundador, b. (1818-1901): 201 (e 21), 657, 659 (e 21), 660 (24, 25), 663 (43, 44).
- Reggio Eugenio: 681 (138).
- Remotti Taddeo (1849-1912): 385, 386, 387, 388.
- Renaldi Lorenzo, bispo (1808-1873): 686.
- Renouvin Pierre: 710.
- Reviglio della Veneria Carlo († 1882): 361 (46), 364.
- Rey-Mermet Théodule: 710
- Rho Angelo, sac.: 404, 405.
- Rho Gioachino, provedor: 18, 33, 253, 398 (26), 399, 401, 402, 405, 406, 410, 438 (1).
- Riant, fam., condes: 549, 550, 682 (141).
- Ricagni Giovanni: 681 (138).
- Ricaldone Pietro, reitor-mor (1870-1951): 689.
- Riccardi Antonio (1853-1924): 65.
- Riccardi di Netro Alessandro, arciv (1080-1870): 52, 336, 402, 442, 445 (15), 449, 476, 482 (77), 484, 486, 490 (105), 492, 495, 498, 522, 530, 531, 532, 534, 572 (216).
- Ricci Agnese: 74.
- Ricci de Ferres Carlo (1847-1925): 35, 40, 440 (15), 525, 571.
- Ricci des Ferres Feliciano (1816-1893): 132, 360 (37), 571.
- Ricci des Ferres, fam.: 41, 42.
- Ricci Paracciani Francesco, card. (1830-1894): 626.
- Richard François-Marie, arceb., card. (1819-1908): 515.
- Rigault Georges: 710.
- Righini Angelo: 21.
- Rignon Felice, prefeito: 27 (75, 76), 28 (79), 30 (86, 87), 32 (100).
- Rinaldi Filippo, reitor-mor, b. (1856-1931): 358, 365.
- Rinaldi Giovanni Battista (1855-1924): 268, 269, 442, 477.
- Rinaldini Alberto: 21 (50).
- Rita s. de Cássia (1381-1467): 591.
- Rivara Giovanni: 21.
- Rizzo Emilio: 158.
- Robert Jean-Louis, bispo (1819-1900): 445, 513, 548.
- Robilant Luigi Nicolis di (1870-1904): 709.
- Roca Julio, gen., político (1843-1914): 380, 381, 383, 506, 507 (155).
- Rocca Angelo (1853-1943): 81, 313, 354, 355.
- Rocca, col.: 546.
- Rocca Luigi (1853-1909): 446 (e 43), 559, 573, 574, 575, 586, 588 (e 50), 589, 590 (65), 595 (82, 84), 600 (e 101), 601, 602 (110), 604 (119), 605 (126), 622, 624 (e 51, 52, 54), 625 (56), 628, 631 (99), 644, 645 (e 171), 647, 648 (190), 649 (196).
- Roccia Rosanna: 22 (51), 704.
- Roda Giovanni Domenico: 23.
- Rodríguez Alfonso (1541-1616): 60, 68, 250, 270, 272.
- Rodríguez de Coro: 591 (67).
- Rodríguez Silva Juan Pedro (1856-1935): 389 (237).
- Romani Mario (1917-1975): 710.
- Romeo Rosario, historiador (1924-1987): 710.
- Romero Cecilia: 8 (9), 60 (19), 115 (e 97), 529 (75), 532 (84), 621 (25), 635

- (124), 636 (126), 691, 703.
 Roncallo Elisa (1856-1919): 122, 127, 462.
 Roncetti Cesare, bispo (1834-1881): 157.
 Ronchail Giuseppe (1850-1898): 41 (156), 131, 133 (e 16), 134, 135, 136 (e 28), 263, 267 (129), 269, 295, 363 (62), 366, 367, 369, 372 (125), 412, 413 (e 100), 414 (e 104, 107), 452, 539, 570 (131).
 Ronchail Enrico (1858-1933): 366.
 Ronchail Giovanni Battista (1852-1878): 41 (156), 366.
 Ronchail Jean Baptiste, professor: 444.
 Rosa Mario: 710.
 Rosa s. da Lima [Isabella Flores] (1586-1617): 529.
 Rosati Giuseppe, bispo (1799-1884): 354.
 Rossaro Ignazio: 641.
 Rossi Giuseppe (1849-1908): 480, 515 (11), 638.
 Rossi Guido: 481 (38), 495 (120).
 Rossi Pietro (1857-1907): 282.
 Rostagno Giovanni Battista, canonista (1816-1883): 303, 317, 394, 416.
 Rostand Jules: 549, 574, 598.
 Rostand, senhora: 373 (131).
 Rota, inspetor: 32.
 Rota, fam.: 122.
 Rota Pietro (1861-1931): 122.
 Rousseau Olivier: 710.
 Roussel Louis: 371, 372 (124), 516.
 Rua Michele, reitor-mor, b. (1837-1910): 5, 6, 14, 21, 23, 24, 25, 26 (71), 33, 40, 41 (e 151), 42 (162), 44 (180), 46, 55, 56, 66, 70, 71, 104 (60), 109, 110 (e 80), 116, 118, 120, 122, 124 (e 154), 125 (160), 131, 132 (10), 133 (e 15), 134, 135 (e 25), 144 (e 58), 148, 157, 160, 175 (e 58), 181 (e 83, 84), 185 (e 98), 198 (e 1), 199, 206 (e 46), 209, 214, 215, 219 (e 111), 220, 223 (e 125), 234 (1), 235 (e 2, 4), 243, 244 (44), 245, 246, 247 (52), 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 269 (142), 276, 278 (e 9), 281, 287, 291 (e 74), 302, 304 (e 121), 305, 308, 309, 311, 312, 333 (e 66), 334, 355 (5), 356 (9), 357 (e 19, 21), 361 (e 44, 46), 362, 366, 367 (e 92), 368 (e 100), 369, 370, 371, 372 (e 125, 129), 373, 374, 375, 412, 422, 424, 429, 439 (e 5), 440, 442 (e 22), 444, 445 (e 38), 447 (49), 455, 459, 460, 470, 472, 479, 480, 485 (e 56), 489, 491 (e 100, 101), 493, 513, 519, 521, 525 (e 53), 527, 536, 538, 543, 549, 550, 551 (40), 553, 555, 556, 557 (e 70), 558 (e 73), 559, 561, 562, 563 (e 97), 564, 565, 571, 575, 563, 577, 580, 581, 583, 585, 586, 587, 588, 589, 591, 592, 593, 595, 598, 600, 601, 602, 605, 606, 612, 613, 625, 626, 627, 628, 631, 633, 638, 640, 641, 644, 645, 646, 647, 649, 650, 651, 652, 653, 701, 732.
 Rubassa Luigia (1837-1905): 122.
 Ruffino Domenico (1840-1865): 54 (1), 246, 622, 701.
 Rumiano Biagio: 620 (17).
 Rusconi Giulio, teol.: 356 (13).
 Saccardo Pietro (1830-1903): 479.
 Sacconi Carlo, card. (1808-1889): 287.
 Saettone Susanna (1800-1802): 493 (111).
 Saint-Seine, marquês de: 521.
 Sala Antonio (1836-1995): 6, 358, 361, 447 (49), 479, 480 (30), 538, 566, 595, 639, 640, 641, 652.
 Salomoni Giuseppe: 493 (111).
 Salvati Lorenzo, prelado: 416.
 Sammory Giovanni battista: 149.
 Sanfelice Guglielmo d'Acquavella, arceb., card. (1834-1897): 442, 527.
 Sanguwski, príncipe: 134, 135.
 Sani Roberto: 709.
 Santana s.: 569.
 Saraceno, dell'Oratorio de s. Filippo Neri: 307.
 Sardá y Salvany Félix, sac. jornalista

- (1841-1916): 348, 540, 599.
 Sarto Giuseppe: v. Pio X.
 Sartorana Stefano Francesco: 44.
 Savini Angelo: 165.
 Savio Angelo (1835-1893): 23, 41 (151), 238, 361 (e 46), 487, 488, 489, 490.
 Savio Benedetta (1825-1896): 62.
 Sbarretti Enea, card. (1808-1884): 108, 338, 506.
 Scaduto Francesco, jurista (1857-1942): 33 (109).
 Scalabrini Giovanni Battista, bispo, fundador, b. (1839-1905): 423.
 Scaloni Francesco (1861-1926): 642.
 Scappini Giuseppe (1848-1918): 276, 282, 287, 290, 291, 327, 328, 329.
 Scaraffia Lucetta: 710.
 Scarampi Fernando di Villanova: 16, 18.
 Scavini Bartolomeo (1839-1918): 386 (210).
 Schepens Jacques: 703.
 Sciandra Giuseppe, bispo (1808-1888): 32 (104), 55, 56, 65, 66, 69, 71, 121.
 Sclopis, fam.: 342.
 Scoppola Pietro, historiador: 684 (147), 710.
 Scotton Andrea, sac., orador (1838-1915): 71.
 Sebastiano Sanguineti: 49.
 Ségur Daston de (1820-1881): 695.
 Sella Quintino, político (1827-1884): 29, 485.
 Semeraro Cosimo: 8 (10), 636 (126).
 Serra Mario: 704.
 Serra-Chopitea, fam.: 598.
 Sevilla y Gener Tomás, bispo (1817-1906): 602.
 Siboni Pietro Anacleto, bispo (1812-1877): 48, 174.
 Siccardi Giuseppe, político (1802-1857): 708.
 Sideri Maria Cristina: 710.
 Sigismondi, fam.: 287.
 Silvela Manuel, político (18030-1892): 591, 592 (e 74), 593, 594.
 Simeoni Giovanni, card. (1816-1892): 253, 287, 326, 328, 335, 377, 378 (e 157), 379, 505 (e 150, 151).
 Siotto Pintor Giovanni, político (1805-1882): 403.
 Sire, bispo: 517.
 Smiles Samuel (1812-1904): 681 (138).
 Sogaro Francesco, bispo (1839-1912): 588.
 Sola Giovanni Pietro, bispo (1791-1881): 131, 134, 135.
 Soldà Giuseppe: 601 (109).
 Soldani Simonetta: 710.
 Soldati Giuseppe, con. (1839-1886): 305.
 Soleri Marcello: 402 (43).
 Sorbone Enrichetta (1854-1942): 73, 119, 122, 123, 460, 462.
 Spagnesi Gianfranco: 484 (54).
 Spini Giorgio: 710.
 Spinola Giuseppe, diplomata: 152, 160.
 Spínola y Maestre Marcelo, arceb., card., b. (1836-1906): 152, 347, 348 (e 143, 144), 481, 598, 599.
 Sporer Patricius (1600ca-1683): 502.
 Spriano Paolo: 710.
 Squarcina G.: 487.
 Stackpoole Georgina, condessa de: 5539 (e 116), 626, 640 (e 146).
 Stefani Guglielmo: 646 (178).
 Stella Pietro, historiador: 5 (2), 12 (1), 54 (2), 57 (7), 62 (27), 70 (55), 166 (19), 324 (27), 664 (48, 50), 665 (60), 679 (130), 683 (145), 584 (147), 689, 706.
 Stella, lazarista: 459, 468.
 Strambio Annibale (1819-1881): 368 (e 101), 415
 Straniero Michele: 665 (61).
 Strocchi Giovanni, bispo (1824-1887): 477.
 Strus' Giuseppe: 706.
 Sturla Luigi (1806-1865): 659.
 Suarez Francisco, s.j., teol. (1548-1617): 395.
 Sulpício Severo (360ca-420): 252.

- Súñer Leandro: 598, 617.
- Tagliacarne G.: 203 (34), 624.
- Talamo Giuseppe, historiador: 710.
- Tamietti Giovanni (1848-1920): 153, 267, 269, 359, 360 (34, 35), 460.
- Taroni Paolo: 476, 477 (14).
- Tejedor Carlos, político: 381.
- Teresa s. de Ávila (1515-1582): 60, 125.
- Terris Joseph Sébastien, bispo (1824-1885): 365.
- Terris, vigário geral: 549.
- Testa Luigi, s.j.: 303.
- Tettù di Camburzano Alessandra Crotti di Costigliole († 1893): 36, 38, 40.
- Thérèse s. Couderc, fundadora (1791-1885): 514.
- Tiago s., apóstolo: 500.
- Timon-David Joseph, fundador (1823-1891): 344, 368 (e 98).
- Tito s.: 388.
- Tito Lívio (59 a. C.-17 d. C.): 252.
- Tivaroni Carlo (1843-1906): 710.
- Tofoni Pellegrino, bispo (1820-1883): 63, 69, 70.
- Tomás de Aquino, o.p., teol. (1224/25-1273): 802.
- Tomás s. Morus (1478-1535): 450.
- Tomatis Domenico (1849-1912): 210, 374, 384 (e 197), 387, 388, 581, 582, 583 (28), 706.
- Tommaso di Savoia Carignano, duque de Genova (1854-1931): 695.
- Tonello Michelangelo (1800-1879): 46.
- Torlonia Leopoldo: 491 (101).
- Torrell Jean-Pierre: 423 (157).
- Tortone Gaetano (1814-1891): 47, 686.
- Tosa o.p.: 335.
- Toselli Felice (1857-1918): 269 (141).
- Trabucco di Castagnetto: v. Castagnetto.
- Traniello Francesco, historiador: 583 (163), 655 (3), 656 (7), 662 (42).
- Treacy Marie: 62 (28).
- Triboni Francesco: 35.
- Trione Stefano (1856-1935): 442.
- Tubaldo Igino: 62 (29), 686 (152).
- Tuninetti Giuseppe, historiador: 82 (103), 94 (7), 109 (79), 114 (95), 301 (111), 336 (83), 417 (129), 421 (145, 147), 655 (3), 656 (5, 6, 7), 658 (13), 662 (42), 663 (46, 47), 680 (134).
- Turchi Giovanni (1838-1909): 302, 332, 334, 417.
- Turi Gabriele: 710.
- Turriccia Ambrogio sac.: 329.
- Uguccione, fam.: 34, 42, 43.
- Uguccione Girolama (1813-1889): 34, 35, 38, 39, 42 (e 161), 43 (e 169, 170), 119, 175, 475, 626.
- Uguccione Gherardi Tommaso (1811-1875): 18.
- Ulloa Diego, marquês: 480, 481, 541.
- Umberto I di Savoia, rei da Itália (1844-1900): 391, 400, 403, 408.
- Vagliasindi Giuseppe Romeo: 441.
- Valentini Eugenio (1905-1992): 270 (146), 706.
- Valentino, aluno: 650.
- Valfrè di Bonzo Teodoro, vesc. (1853-1922): 583.
- Vallauri fam.: 40.
- Vallauri Pietro (1829-1900): 40, 41.
- Vallauri Tommaso (1805-1897): 360.
- Valle Carlo (1831-1895): 72.
- Vallese Angela (1854-1914): 123.
- Valussi Eugenio Carlo, bispo (1837-1903): 650.
- Vangelista Chiara: 710.
- Vannutelli Serafino, card. (1834-1915): 525 (53).
- Varaja Antonio (1849-1913): 358, 467.
- Varetti Domenico Giuseppe: 21, 357, 358.
- Varetto Clotilde: 357.
- Varettoni, sac.: 624 (47).

- Vaucher André: 708.
- Velluti Zati Donato, duque de S.
Clemente, bispo: 476 (e 13), 626, 657, 661, 663.
- Venturini, benfeitor: 359.
- Vera Giacinto, bispo (1813-1881): 91 (146), 156, 376, 384 (e 196).
- Verga Isidoro, card. (1832-1899): 423, 425, 650.
- Veridicus O.: 686 (138).
- Vernier Olivier: 131 (4).
- Veronesi Mosè (1851-1930): 480, 650
- Veronesi Raffaele, sac.: 502 (139).
- Verri Carlo: 710.
- Verucci Guido: 710.
- Vespignani Carlo: 686.
- Vespignani Ernesto, sac, arquiteto (1861-1930): 442.
- Vespignani Francesco, arquiteto (1848-1899): 487, 488, 490, 562 (91), 583.
- Vespignani Gisueppe (1854-1932): 137, 378, 379, 382, 386, 387, 388, 609 (e 152).
- Vespignani Virginio, arquiteto (1808-1882): 484.
- Viale Benedetto: 412.
- Viancino di Viancino Francesco (1821-1904): 18 (31), 25 (66), 42 (158), 45, 361 (46).
- Viancino di Viancino, fam.: 40, 42.
- Viancino di Viancino Luigia: 42.
- Vidal y Moragas Consuelo (1861-1898): 617.
- Vigliani Paolo Onorato (1814-1900): 50, 51.
- Viglietti Carlo (1864-1915): 8 (8), 357 (18), 469 (e 139), 471 (e 148), 544, 545, 546 (e 13), 556, 557, 573, 574, 576, 546, 554 (56), 556 (e 64), 557 (e 67, 69), 558 (74, 76), 559 (78), 565 (104, 105, 106), 573 (e 152, 155), 575 (161, 163, 164), 577 (2), 578 (3), 579 (11, 12, 13), 580 (15, 17, 20, 21, 22), 585 (36), 586 (37, 38, 43, 44), 588 (51, 55), 589 (57, 60), 590 (61, 63, 64), 592, 593 (76), 595, 597 (87, 89, 91, 92), 598 (e 93, 94, 95), 599 (96, 97), 600 (e 100, 101, 102, 103, 104, 105), 601 (107, 108), 602 (e 111, 112), 604 (118, 119, 120), 605 (125, 127, 131), 606 (137, 138), 617, 618 (e 6, 9, 10), 619 (12, 14, 16), 620 (e 18, 20, 21), 621 (e 24, 25), 622 (26, 27, 32, 34), 623 (38, 42), 624 (48, 53), 626 (e 61, 62, 63, 64), 627 (68, 70), 628 (72, 74, 76), 629 (80, 82), 630 (88, 89, 90), 632(100, 101), 633 (e 110, 111, 113, 114), 634 (119), 635, 636 (127), 637, 638 (e 133, 134, 135, 136, 137), 639(138, 139), 642 (e 154, 155), 643 (158, 159), 644 (e 161, 162, 165, 166, 167), 645 (e 168, 172), 646 (178), 647(185), 648 (e 188, 189, 191), 649 (e 195, 199), 650 (200, 202, 203), 735.
- Vigna, engenheiro: 490.
- Vignolo Lutati Celestino, médico: 644, 647.
- Villa Tommaso, político (1832-1915): 31, 391, 440.
- Villa Vittorio: 31 (97).
- Villarios: v. Amat Villarios.
- Villeneuve Alexis: 573.
- Villeneuve, conde de: 606.
- Villeneuve, fam.: 573.
- Villeneuve Jeanne: 573.
- Vimercati Giovanni: 473.
- Vinay Valdo (1906-1990): 711.
- Vincent Jacques: 365.
- Vicente s. de Paula, fundador (1795-1850): 101, 272, 520, 521, 576, 603, 650, 656, 661, 668, 671, 674.
- Visintainer Simone (1852-1928): 622.
- Vismara Silvio: 709.
- Visone Giovanni (1814-1893): 405.
- Vitelleschi, fam.: 626.
- Vitelleschi: v. Nobili Vitelleschi.
- Vittorino de Rambaldone da Feltre, educador (1378-1446): 348.

Vitório Emanuel II di Savoia, re (1828-1878): 39, 47, 48, 160, 167, 194 (152), 201, 218, 242, 284, 322, 433, 563, 575.

Vogliotti Alessandro, con.: 527 (63).

Wiseman Nicholas Patrick, arceb., card. (1802-1865): 697.

Wolff Norbert: 349 (151).

Württemberg, rainha: 597.

Zambaldi Ida: 711.

Zanardelli Giuseppe, político (1826-1903): 213, 214 (e 86), 339, 341, 344.

Zanderigo Agostino, sac.: 358.

Zappata Giuseppe, vigário geral (1796-1889): 26, 98 (e 26), 295, 302, 299 (103), 363.

Zarri Gabriella: 711.

Zavaglia Manica Teresa: 622 (118).

Zimniak Stanislaw: 639 (142), 706.

Zonghi Lotti Giovanni Maria (1847-1941): 504.

Zoppi Vittorio, prefeito (1819-1907): 24 (60).

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	5
------------------------	----------

SEGUNDA SEÇÃO

O PERÍODO DA MÁXIMA INTENSIDADE DE AÇÃO (1870-1882).....	9
---	----------

Cap. 18 A expansão interregional dos colégios e a gestão das obras (1869-1874).....	11
---	----

1. <i>A expansão dos colégios (1869-1873)</i>	12
1.1 <i>Cherasco (1869-1871)</i>	12
1.2 <i>Alassio (1870)</i>	14
1.3 <i>Borgo San Martino (1870)</i>	16
1.4 <i>Varazze (1871)</i>	18
1.5 <i>Em Gênova: de Marassi (1871) a Sampierdarena (1872)</i>	19
1.6 <i>Turim-Valsalice (1872/1873)</i>	22
1.7 <i>Refundação do colégio de Lanzo</i>	23
2. <i>Construtor</i>	24
2.1 <i>Ampliações no Oratório de Valdocco</i>	25
2.2 <i>Igreja São Segundo em Porta Nuova</i>	26
3. <i>Gestor e provedor das obras (1870-2874)</i>	28
4. <i>Governante sagaz e decidido</i>	32
5. <i>Busca de beneficência e espiritualidade</i>	35
5.1 <i>Diretor espiritual dos benfeitores</i>	36
5.2 <i>Pedinte itinerante</i>	39
5.3 <i>Cooperadores ante litteram e “mães” e “pais” de um “filho indisciplinado” e “dissipado”</i>	41
6. <i>Atividade literária e editorial</i>	44
7. <i>Outro intermezzo de política eclesiástica (1871-1874)</i>	46

Cap. 19. Fundação do Instituto das FMA e consolidação constitucional dos SDB (1870-1874)	53
1. <i>Convergência de duas experiências autônomas para o Instituto das FMA</i>	54
2. <i>Comunidade devotada a Deus e ao próximo no mundo</i>	57
3. <i>Dom Bosco fundador do Instituto FMA</i>	62
4. <i>Primeira modelação do Instituto</i>	66
5. <i>O “espírito bosquiano” na ação do fundador (agosto de 1872 – primavera de 1874)</i>	68
6. <i>Para a aprovação das Constituições da Sociedade Salesiana (1872-1874)</i>	75
7. <i>Atingindo o ponto de chegada (3 a 13 de abril de 1874)</i>	83
Cap. 20. Tenaz defesa da liberdade institucional entre inseguranças e contestações (1874-1878).....	91
1. <i>Dos dissensos jurisdicionais às advertências disciplinares (1874-1876)</i>	92
1.1 <i>Dissensos sobre a negociação</i>	93
1.2 <i>Difícil entendimento entre duas personalidades igualmente responsáveis</i>	96
2. <i>Proteção de Nossa Senhora Auxiliadora para as vocações eclesiais</i>	99
3. <i>A não obtenção dos privilégios e da faculdade das dimissórias</i>	104
4. <i>Recuperação parcial, entre novas e ainda mais graves dissensões (1875-1876)</i> ..	108
5. <i>Constituições aperfeiçoadas e aprovação diocesana do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1874-1877)</i>	114
6. <i>Governo formativo em perspectiva missionária (1875-1877)</i>	118
7. <i>Primeira emigração para a América e migração da casa-mãe para Nizza Monferrato (1877-1878)</i>	123
Cap. 21. A caminho do universalismo geográfico (1875-1877)	129
1. <i>Em direção ao eixo privilegiado Turim-Nice (1874-1877)</i>	130
2. <i>Sempre presente na casa-mãe da França</i>	134
3. <i>Implantação efetiva entre imigrantes e nativos, e tensões nas missões (1874-1876)</i>	137
3.1 <i>Na contramão como protagonista</i>	137
3.2 <i>Lançamento e preparação febril</i>	140
4. <i>Entrega da missão</i>	143
5. <i>Lembranças para a missão</i>	145
6. <i>Implantação da obra americana com o padre Giovanni Cagliero</i>	147
7. <i>Extensão da ação na América</i>	154
Cap. 22. Projeto de solidariedade católica na missão entre os jovens (1873-1877)	163
1. <i>Projetos previstos ou apenas esboçados</i>	164
2. <i>Caminhando para uma quase ordem terceira das obras</i>	167

3. Ocorrências da instituição canônica	172
4. A forma oficial e definitiva dos anos 1876/1877.....	176
5. O Boletim Salesiano.....	180
6. A figura do Cooperador nos fatos e nas palavras.....	185
7. Sustento financeiro e o severo preceito da esmola.....	188
8. O prêmio prometido, temporal e eterno.....	191
9. Comunidade unida por fé operante, reconhecimento e amizade.....	192
Cap. 23. Artífice de comunidades juvenis vivas e vitais (1870-1877).....	197
1. Difusão de obras em 1876	197
1.1 Vallecrosia: defesa da fé católica.....	198
1.2 Em duas dioceses suburbicárias.....	203
2. Padre Luigi Guanella, diretor em Trinità di Mondovì.....	207
3. Episódio de liberdade para além dos alinhamentos (agosto de 1876).....	212
4. Direção e animação das comunidades educativas	214
4.1 O Oratório, modelo educativo básico.....	214
4.2 Cartas coletivas e individuais aos colégios.....	219
4.3 Visitas.....	224
5. Festas juvenis em Valdocco.....	226
6. Ex-alunos: salesianos pela educação recebida.....	229
Cap. 24. Forjador de comunidades religiosas dedicadas à educação juvenil (1865-1877).....	233
1. Formação dos responsáveis de comunidades educativas	234
1.1 Fazer como Dom Bosco	234
1.2 Formação narrativa.....	235
1.3 Conferências e circulares.....	239
1.4 Conselhos e “lembranças” para os diretores.....	243
2. Formação coletiva nas Conferências Gerais.....	245
3. Valdocco, escola de educadores: Capítulos e Conferências.....	259
4. Formação do jovem salesiano.....	261
4.1 Promoção das vocações salesianas.....	263
4.2 Noviços.....	263
4.3 Estudantes de filosofia e de teologia.....	265
4.4 Direção a jovens salesianos.....	266
5. Aos sócios salesianos (1875-1885).....	269
5.1 Primeira edição (1875).....	269
5.2 As edições de 1877/1885.....	271
Cap.25. Dom Bosco fundador no intenso 1877	275
1. Calendário sobrecarregado	276
2. Plano unilateral para os irmãos concepcionistas (novembro 1876 – novembro 1878).....	279

3. <i>Preparação do Primeiro Capítulo Geral da Sociedade Salesiana</i>	292
4. <i>A revelação do preventivo e o “nosso regulamento”</i> <i>(agosto-novembro de 1877)</i>	294
5. <i>Episódios esparsos, prenúncios de conflito mais áspero</i>	301
6. <i>Grave recuo nos dissídios com o arcebispo</i>	308
Cap. 26. <i>Primeiro Capítulo Geral salesiano, entre antigos</i> <i>e novos problemas (1877-1879)</i>	315
1. <i>Primeiro Capítulo Geral da Sociedade Salesiana</i>	315
1.1 <i>Sucessão das discussões capitulares</i>	316
1.2 <i>Intervenções mais significativas de Dom Bosco</i>	319
1.3 <i>As deliberações impressas (1878)</i>	322
2. <i>Conclusão inesperada do encargo em relação aos irmãos concepcionistas</i>	326
3. <i>Tensões e esperanças no início de um novo pontificado</i> <i>(dezembro de 1877 – março de 1878)</i>	331
4. <i>Sistema preventivo, resposta a perguntas sociais de educação</i>	337
4.1 <i>Relatório a Francesco Crispi</i>	338
4.2 <i>O sistema preventivo para famílias e institutos de educação</i>	341
5. <i>Repercussões: perfis e biografias</i>	342
Cap. 27. <i>Nascimento e desenvolvimento de obras na Europa</i> <i>e na América (1877-1881)</i>	353
1. <i>As obras na Itália entre 1877 e 1878</i>	354
1.1 <i>Os salesianos em La Spezia e em Lucca</i>	354
1.2 <i>A fábrica de papel de Mathi</i>	357
1.3 <i>Os salesianos em Este</i>	358
1.4 <i>Igreja e internato de São João Evangelista em Turim</i>	360
2. <i>Outras presenças na França de salesianos e de salesianas (1877-1878)</i>	365
2.1 <i>Salesianos em Navarre e Filhas de Maria Auxiliadora em Saint-Cyr</i>	366
2.2 <i>Os salesianos em Marselha (1878)</i>	368
3. <i>Desenvolvimento das obras americanas</i>	373
3.1 <i>Dom Bosco no ativo inspetorado do padre Francesco Bodrato e na ação do</i> <i>padre Luigi Lasagna (1877-1880)</i>	374
3.2 <i>Inspetorado do padre Giacomo Costamagna e a divisão da inspetoria americana</i> <i>(1880-1881)</i>	382
3.3 <i>Atuação espiritual coletiva e individual</i>	384
Cap. 28. <i>Pela liberdade de ação na sociedade civil e eclesiástica (1878-1882)</i>	391
1. <i>O caso Cays: um infortúnio com sérios resultados</i>	392
2. <i>Luta pela liberdade escolar (outubro de 1878 - dezembro de 1881)</i>	396
2.1 <i>Antecedentes do Decreto de fechamento e planos de defesa</i>	397
2.2 <i>Uma “controvérsia deste Oratório com o régio senhor provedor”</i>	401
2.3 <i>Da polémica jornalística às vias legais</i>	407

3. <i>Na França, tempestade à vista com bonança final</i>	412
4. <i>Retorna o “nada obsta” para opúsculos marianos</i>	415
5. <i>Explode um estranho conflito (dezembro de 1878 a dezembro de 1880)</i>	417
6. <i>Entre esperanças de composição concordada e uma “Concórdia” exigida (1881-1882)</i>	422

TERCEIRA SEÇÃO

TENSÃO À MATURIDADE E À VITALIDADE DA MISSÃO (1878-1888).....435

Introdução.....435

Cap.29. Expansão da ação salesiana e assento final do Instituto das FMA (1878-1888).....	437
--	-----

1. <i>Expansão de obras (1879-1880)</i>	438
1.1 <i>Na Itália</i>	438
1.2 <i>Na França</i>	443
2. <i>Segundo Capítulo Geral da Sociedade Salesiana (1880)</i>	447
3. <i>O Instituto das FMA, das Constituições impressas até à morte de Maria Domenica Mazzarello (1878-1881)</i>	457
4. <i>As presenças no Instituto FMA nos anos 1881-1888</i>	462
4.1 <i>Nos anos 1881-1884</i>	462
4.2 <i>Das Constituições de 1885 à morte do fundador</i>	467

Cap. 30. Construir, expandir e consolidar as obras juvenis (1880-1887).....	473
---	-----

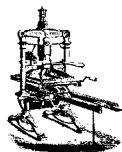
1. <i>Desenvolvimento inter-regional de obras juvenis na Itália e chegada à Espanha (1881-1882)</i>	474
1.1 <i>Na Itália: Florença, Faenza e Mogliano Veneto</i>	474
1.2 <i>Irradiação na Espanha, em Utrera, em 1881</i>	480
2. <i>Construção da Igreja do Sagrado Coração e do internato anexo em Roma</i>	481
3. <i>A questão caritativa e social entre os anos 70 e 80 nas conferências públicas (1877-1882)</i>	495
4. <i>Reestruturação salesiana e eclesial das obras na América</i>	503
4.1 <i>Finalidade conseguida na Argentina e entrada no Chile</i>	503
4.2 <i>Projeção do Uruguai ao Brasil</i>	509

Cap. 31. Taumaturgo em Paris e em Frohsdorf, fundador em Turim (1883-1884).....	511
---	-----

1. <i>Dom Bosco educador, operador social e taumaturgo na viagem a Paris (1883)</i>	512
2. <i>De Paris a Frohsdorf: a política religiosa, social e educativa de Dom Bosco</i>	522
3. <i>Terceiro Capítulo Geral salesiano (1883)</i>	527
4. <i>Adendo sobre os coadjutores</i>	533

5. <i>Os salesianos em Lille e em Paris</i>	537
6. <i>Segunda obra salesiana na Espanha: Sarriá-Barcelona</i>	540
Cap. 32. Consolidar as instituições religiosas dos agentes salesianos (1883-1885) ..	543
1. <i>Prenúncios de declínio físico entre 1883-1884 e novas Memórias</i>	544
2. <i>Consolidação jurídica da Sociedade Salesiana</i>	551
3. <i>Designação e nomeação do vigário sucessor</i>	555
3.1 <i>Prelúdios</i>	556
3.2 <i>Nomeação do vigário e anúncio oficial ampliado</i>	561
4. <i>Espiritualidade educativa dos salesianos, religiosos e cooperadores</i>	565
4.1 <i>Os religiosos salesianos</i>	566
4.2 <i>Os salesianos por eleição</i>	568
5. <i>Agente social e o taumaturgo novamente na França</i>	572
Cap. 33. Decadência física e indômita vitalidade (1885-1886)	577
1. <i>Do Oratório a Mathi Torinese</i>	577
2. <i>Extraordinária vivacidade espiritual nas cartas de animação</i>	581
3. <i>Caminhando para o inevitável anúncio do padre Rúa vigário sucessor</i>	585
4. <i>Fracasso da fundação em Madri</i>	590
5. <i>Caloroso abraço da Catalunha</i>	595
6. <i>Retorno em família em breves etapas</i>	602
7. <i>Vigilante presença no Quarto Capítulo Geral salesiano (1886)</i>	606
Cap. 34. Testamento para a missão e caminhada serena para a última meta (1886-1888).....	615
1. <i>Chave interpretativa</i>	616
2. <i>Declínio progressivo entre 1886 e 1887</i>	617
3. <i>Ano novo e vislumbres de vitalidade renovada (1887)</i>	621
4. <i>Última viagem a Roma</i>	625
5. Intermezzo entre recolhimento e governo	630
6. <i>Projeções no futuro</i>	634
7. <i>Obras realizadas, projetadas e previstas</i>	639
8. <i>Última doença</i>	642
9. <i>Primeira celebração do “dies natalis” na liberdade completa</i>	650
Cap. 35. Instantâneos e visão de conjunto	653
1. <i>Traços duradouros dos ecos imediatos na imprensa</i>	654
2. <i>Linhas de um perfil de evocações em honras fúnebres</i>	657
3. <i>Nos documentos oficiais das etapas para a canonização</i>	662
4. <i>“Modelo admirável de santidade e de trabalho”</i>	671
5. <i>Nem promotor da indústria nem operador de milagres</i>	674

6. Arauto na sociedade civil e religiosa da centralidade da idade que cresce.....	676
7. O sistema preventivo como forma de vida e de relações interpessoais.....	678
8. Pleno envolvimento de forças disponíveis.....	679
9. “Segundo às necessidades dos tempos”.....	681
10. O ótimo desejado e a busca do bem possível.....	685
Bibliografia.....	689
1. Bibliografias.....	689
2. Escritos de Dom Bosco utilizados.....	689
3. Fontes.....	701
3.1 Crônicas manuscritas (ASC – Roma).....	701
3.2. Outras fontes manuscritas.....	701
3.3 Impressos.....	702
4. Literatura específica.....	704
5. Literatura complementar.....	706
Índice onomástico.....	713
Índice geral.....	737



Esta obra foi composta pela divisão de
produção da Editora Salesiana e impressa na
gráfica das Escolas Profissionais Salesianas.